



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

INSTITUTO DE LETRAS – IL

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS – LIP

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGL

**ESTUDO ARQUEO-ECOLINGUÍSTICO
DAS TERRAS TROPICAIS SUL-AMERICANAS**

Marcelo Pinho De Valhery Jolkesky

Brasília, DF

2016



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

INSTITUTO DE LETRAS – IL

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS – LIP

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGL

ESTUDO ARQUEO-ECOLINGUÍSTICO DAS TERRAS TROPICAIS SUL-AMERICANAS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Linguística, sob as orientações dos Profs. Dr. Hildo H. do Couto (UnB) e Dr. Willem F. H. Adelaar (Universiteit Leiden).

Brasília, DF

2016

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

J75e Jolkesky, Marcelo Pinho De Valhery
Estudo arqueo-ecolinguístico das terras tropicais
sul-americanas / Marcelo Pinho De Valhery Jolkesky;
orientador Hildo H. do Couto; co-orientador Willem
F. H. Adelaar. -- Brasília, 2016.
834 p.

Tese (Doutorado - Doutorado em Linguística) --
Universidade de Brasília, 2016.

1. arqueo-ecolinguística. 2. linguística histórico
comparativa. 3. etnogênese e glotogênese. 4. línguas
indígenas da América do Sul. 5. sociedades pré
históricas da América do Sul. I. do Couto, Hildo H.,
orient. II. Adelaar, Willem F. H., co-orient. III.
Título.

MARCELO PINHO DE VALHERY JOLKESKY

**ESTUDO ARQUEO-ECOLINGUÍSTICO
DAS TERRAS TROPICAIS SUL-AMERICANAS**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Hildo Honório do Couto
(orientador)
Universidade de Brasília

Prof. Dr. Willem F. H. Adelaar
(coorientador)
Universiteit Leiden

Prof. Dr. Wilmar da Rocha D'Angelis
UNICAMP

Prof. Dr. Sinval Martins de Sousa Filho
Universidade Federal de Goiás

Profa. Dra. Flávia de Castro Alves
Universidade de Brasília

Prof. Dr. Thiago Costa Chacon
Universidade de Brasília

Profa. Dra. Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto
Universidade Federal de Goiás

Brasília, DF

2016

A Auyán e a Sotar,
com imensa gratidão

AGRADECIMENTOS

A meus pais – Lucia e Paulo – e às minhas tias Eunice, e Helena (*in memoriam*): obrigado pelo apoio incondicional, sem o qual esta tese não teria sido realizada.

À CAPES, pela bolsa de estudos concedida, que foi essencial para esta pesquisa atingir tal proporção. Ao Conselho Europeu de Pesquisas (ERC) e, especialmente, ao Prof. Willem Adelaar, pela bolsa de estudos no âmbito do projeto “The linguistic past of Mesoamerica and the Andes: a search for early migratory relations between North and South America”, sem a qual não haveriam os recursos necessários para o desenvolvimento de parte do doutoramento no exterior. À Universidade de Leiden, por disponibilizar um excelente local para o desenvolvimento dos meus estudos e da minha pesquisa, assim como pelo acesso integral aos recursos da biblioteca durante a minha estada em Leiden.

À Secretaria do PPGL e, especialmente, ao Prof. Dionei Moreira Gomes, que durante e após seu mandato como coordenador do PPGL me atendeu com toda atenção e presteza, buscando solucionar os problemas que por ventura acabaram surgindo durante o meu doutoramento.

Ao Prof. Hildo Honório do Couto, por ter aceitado me orientar já no meio do doutoramento, por me apresentar a Ecolinguística – uma verdadeira revolução na minha formação acadêmica – e por me incentivar a desenvolver os meus estudos dentro desta plataforma multidisciplinar de investigação científica. Ao Prof. Willem Adelaar, por ter aceitado me orientar na tarefa de desvendar as relações genéticas entre as línguas indígenas das terras tropicais sul-americanas e as relações de contato que os ancestrais de seus falantes teriam mantido durante pré-história assim como na tarefa de mapear os âmbitos de interação destas sociedades e de caracterizar as dinâmicas evolutivas neles observadas. Sou imensamente grato a ambos pelo apoio e oportunidade dados dentro do meio acadêmico, que recebi com enorme honra e admiração.

Aos Profs. Flávia de Castro Alves e Wilmar da Rocha D’Angelis, pelas considerações valiosas feitas durante a qualificação desta tese. Aos Profs. Wilmar da Rocha D’Angelis, Sinval Martins de Sousa Filho, Flávia de Castro Alves, Thiago Costa Chacon e Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto, por terem aceitado participar da banca desta tese. Sou profundamente grato a todos vocês por todas as críticas, comentários e sugestões – que grandemente aprimoraram a organização e a qualidade desta obra.

A toda a equipe do projeto “The linguistic past of Mesoamerica and the Andes: a search for early migratory relations between North and South America”, pela recepção amigável, pelas discussões acadêmicas de grande valor e por todo apoio e incentivo que recebi durante e após a minha estada em Leiden: Willem Adelaar, Marianne Boere, Rita Eloranta, Matthias Urban, Matthias Pache, Arjan Mossel, Nick Emlen, Søren Wichmann, Kate Bellamy, Alex Geurds e Nicolas Brucato.

Agradeço infinitamente a John Kalespi, a Harald Hammarström, a Alejandra Regúnaga, a Willem Adelaar, a Rodolfo Cerrón-Palomino, a Aryon Rodrigues (*in memoriam*), a Ana Gerzenstein (*in memoriam*), a Matthias Urban, a Matthias Pache, a Omar González Nández, a Jorge Emilio Rosés Labrada, a Pilar Valenzuela, a Swintha Danielsen, a Januacele da Costa e a Cecilia Ayala Lafée-Wilbert, por terem me provido de materiais bibliográficos essenciais ao desenvolvimento desta obra. Sou também imensamente grato a Willem Adelaar, a Alejandra Regúnaga, a John Kalespi, a Swintha Danielsen, a Fernando Orphão de Carvalho, a Jorge Emilio Rosés Labrada e a Eithne Carlin, por me providenciarem manuscritos de difícil acesso, armazenados em museus e bibliotecas do Brasil e da Europa. Igualmente sou grato, de coração, a Makaulaka Mehináku, a Fábio Pereira Couto, a Sérgio Meira e a Simon van de Kerke, por terem gentilmente me fornecido dados inéditos, respectivamente das línguas mehinaku, manxineri, taruma e leko. Agradeço, enfim, às bibliotecas digitais gratuitas, pelo acesso livre a uma enorme quantidade de material bibliográfico essencial, porém indisponível nas bibliotecas brasileiras.

Agradeço a Alf Hornborg por chamar minha atenção para aspectos de estratigrafia linguística essenciais para compreensão do caráter multidimensional das relações pré-históricas de interação intersocial abordadas nesta obra.

Sou infinitamente grato a Lucia Jolkesky, pelo respaldo integral e participação intensiva durante o processo de revisão da presente obra.

Aos amigos Titã (*in memoriam*), Alejandra, Max, Suze, Fabio, Mariel e Roger, pelas conversas, pela companhia, pelo incentivo, pelos desabafos. Agradeço especialmente à Suze, por todo o apoio logístico que você me deu nas questões administrativas durante minha estada na UnB: obrigado pelo carinho, pelos sorrisos e pela total disposição em querer ajudar. Aos primos Márcia e Marcos e aos amigos Max e Fabio, pelo acolhimento dado em inúmeras ocasiões durante a minha estada em Brasília, e aos amigos Rita, Amanda e Maurice, pelo acolhimento durante minha estada em Leiden.

A Lasha Iveridze, pela perseverança de estar incondicionalmente presente em todos os momentos deste ciclo, compartilhando todas as suas vivências e aprendizados. À Regina, ao Bruno e à Cler, por me ajudarem a adquirir e readquirir o equilíbrio e harmonia necessários para superar os desafios da vida. À Fernanda, ao Maurício e à Potira, pelas aulas de autossuperação e de exacerbação do foco e do fôlego necessários à conquista do conhecimento. À Ravyllah Lanucci, pelos momentos hilariantes de pura descontração, sempre necessários para curar qualquer resquício de estresse. A todos aqueles que de uma forma ou de outra me deram suporte e incentivo durante a execução desta pesquisa.

Ao Sol e Sua Energia fulgurante, aos Pássaros, à Brisa, à Lua, à Chuva, à Mata, à Vida.
Aos Grandes Mestres, que com Amor e poucas palavras nos conduzem à Luz.



RESUMO

Esta pesquisa objetiva apresentar um modelo diacrônico da diversificação linguística na região tropical da América do Sul, como também mapear as esferas de interação ali existentes durante a pré-história. Para este fim foi adotada uma plataforma arqueo-ecolinguística de investigação, que se caracteriza pela compilação e integração de dados linguísticos, arqueológicos, antropológicos, (etno-)históricos e genéticos representativos da área de estudo numa perspectiva ecossistêmica – de modo que as evidências utilizadas para respaldar as explicações deste modelo sejam multidimensionais e, conseqüentemente, menos suscetíveis a ambigüidades interpretativas. Além disto, este estudo busca contribuir para o aprofundamento da área de estudos conhecida como Ecolinguística e, ao focar em sua dimensão diacrônica, propõe a incorporação de uma interface arqueológica nesta plataforma investigativa. Esta nova disciplina foi denominada arqueo-ecolinguística. A tese apresenta-se dividida em três partes e contém cinco capítulos. A parte I, com 2 capítulos, é um detalhamento da fundamentação teórico-epistemológica. Em §1 são apresentados os conceitos não linguísticos que fundamentam os estudos ecolinguísticos e em §2 são apresentados e aprofundados os fundamentos propriamente linguísticos desta área de estudos ainda emergente. A parte II, com 3 capítulos, encerra a investigação propriamente dita, que objetiva a apresentação do modelo acima referido. §3 é uma caracterização arqueo-ecolinguística do espaço-tempo em análise, onde estão contextualizadas as geografias física e humana. Para retratar a geografia humana na dimensão diacrônica, uma reconstrução da diversidade etnolinguística no momento da invasão europeia é associada a um panorama arqueológico detalhado. Em §4 são apresentados os dados e análises linguísticos e evidenciados os conjuntos etnolinguísticos que estiveram em contato durante algum momento da pré-história e §5 encerra a formalização do modelo arqueo-ecolinguístico acima referido, com um mapeamento das esferas de interação que teriam emergido no período em análise. Enfim, a parte III apresenta as considerações finais a partir dos resultados alcançados. Tais resultados mostram uma ampla gama de situações de contato e explicitam que se desenvolveram duas tendências diametralmente opostas, associadas respectivamente aos Andes e às terras baixas tropicais a leste dos Andes: enquanto na primeira região houve uma tendência à homogeneização linguística, a tendência observada na última foi no sentido de uma aceleração da diversificação. Com o entrecruzamento dos dados multidisciplinares, pôde-se concluir (i) que os comportamentos evolutivos opositivos detectados nestas duas regiões foram diretamente motivados por características distintivas observadas nos três âmbitos (físico, social e mental) dos ecossistemas linguísticos reconstruídos para cada uma das mesmas e (ii) que tal tendência opositiva foi reforçada justamente em decorrência da influência sinérgica provocada pelo contínuo *feedback* de tais peculiaridades. Estas observações, em suma, comprovam a veracidade do caráter multidimensional do EFL e que a evolução linguística é intrinsecamente dependente e efetivamente motivada pela conjuntura de todas as dimensões de uma realidade ecolinguística qualquer.

PALAVRAS-CHAVES: arqueo-ecolinguística; linguística histórico-comparativa; etnogênese; glotogênese; línguas indígenas da América do Sul; sociedades pré-históricas da América do Sul.

ABSTRACT

This research aims to present a diachronic model of linguistic diversity in the tropical region of South America, as well as to map the interaction spheres that arose therein during prehistory. For this purpose the Archaeo-Ecolinguistics approach was chosen, which is characterized by compiling and integrating linguistic, archaeological, anthropological, (ethno)-historical and genetic data representative of the study area, so that the evidences used to support this explanatory model are multidimensional and hence less susceptible to interpretative ambiguity. In addition, this study attempts to deepen the theoretical foundations of the field of research known as Ecolinguistics and by focusing on its diachronic dimension, proposes the incorporation of an archaeological interface this investigative platform. This new discipline was, then, called Archaeo-Ecolinguistics. The dissertation contains three parts and five chapters. Part I, consisting of two chapters, is a breakdown of the theoretical and epistemological foundations. In §1 non-linguistic concepts underlying Ecolinguistics studies are presented and in §2 a comprehensive description of the linguistic concepts underlying this emergent field of research is presented. Part II, consisting of three chapters, focuses on the presentation of the aforementioned diachronic model. §3 is an archaeo-ecolinguistic characterization of the study area by its physical and human geographies. To portray the human geography in its diachronic dimension, a reconstruction of the ethno-linguistic diversity at the time of European invasion is offered in association with a detailed archaeological panorama. In §4 the data and the linguistic analyses are presented, highlighting the ethnolinguistic groups that have been in contact for some time in prehistory and §5 encloses the formalization of the aforementioned archaeo-ecolinguistic model along with the mapping of the interaction spheres that have emerged during that period. Finally, Part III presents some additional conclusions based on the aforementioned results. These results show a wide range of contact situations and point that two opposite tendencies developed respectively in the Andes and in the tropical Lowlands east of the Andes: while in the Andes there was a trend towards linguistic homogenization, in the Lowlands east of the Andes the observed trend was towards an acceleration of linguistic diversification. By combining the multidisciplinary data it was concluded (i) that the opposite evolutionary behaviors detected in these two areas were directly motivated by distinctive features observed in the three ranges (physical, social and mental) of the reconstructed linguistic ecosystems circumscribed in each of these regions and (ii) that this opposite tendency was strengthened by the synergetic effect caused by the continuous feedback of such peculiarities. These observations, in short, prove the veracity of the multidimensional nature of the EFL and that linguistic evolution is intrinsically dependent and effectively motivated by the conjuncture of all the dimensions of reality.

KEYWORDS: archaeo-ecolinguistics; historical and comparative linguistics; ethnogenesis; glottogenesis; indigenous languages of South America; prehistoric societies in South America.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 39 |
| TEORIA E MÉTODO | 41 |
| ORGANIZAÇÃO DA TESE | 44 |
| | |
| PARTE I : FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICA | 47 |
| | |
| 1. CONCEITOS NÃO LINGUÍSTICOS BÁSICOS PARA A ECOLINGUÍSTICA | 48 |
| 1.1. Princípios ecossistêmicos e esferas de interação | 49 |
| 1.1.1. Pressupostos teóricos | 49 |
| 1.1.1.1. Holismo | 49 |
| 1.1.1.2. A teoria sistêmica | 52 |
| 1.1.2. Ecossistemas | 57 |
| 1.1.3. Axiomatologia da evolução ecossistêmica: diversidade e seleção natural | 59 |
| 1.1.4. Uma parábola socioecológica – sociedades humanas como organismos conspecíficos | 62 |
| 1.2. Relativismo, possibilismo e particularismo histórico | 63 |
| 1.2.1. Relativismo | 63 |
| 1.2.2. O ético e o êmico como aspectos reguladores do relativismo e a evolução do <i>ethos</i> social | 65 |
| 1.2.3. O possibilismo e o particularismo histórico como janelas para um relativismo multidisciplinar | 69 |
| 1.3. As bases sociológicas para os estudos de ecossistemas linguísticos | 71 |
| 1.3.1. Tipologias sociais | 71 |
| 1.3.2. Ecologia Cultural | 74 |
| 1.3.2.1. A infraestrutura cultural e suas implicações ecolinguísticas | 77 |
| 1.3.2.1.1. Efeitos dos padrões de subsistência nas ecologias culturais de povos nômades e sedentários | 79 |
| 1.3.2.1.2. Efeitos da necessidade de reprodução nas ecologias culturais de povos nômades e sedentários | 83 |
| 1.3.3. Socialidade e as consequências da interação intersocial | 94 |
| 1.3.3.1. Adaptabilidade, aculturação e etnogênese | 95 |

| | | |
|-----------|--|------------|
| 1.3.3.2. | Modos socioecológicos de difusão | 98 |
| 1.3.3.3. | Nichos socioecológicos e esferas de interação | 103 |
| 2. | CONCEITOS LINGUÍSTICOS BÁSICOS PARA A ECOLINGUÍSTICA | 109 |
| 2.1. | Ecosistemas linguísticos | 109 |
| 2.1.1. | O ecossistema fundamental da língua (EFL) | 110 |
| 2.1.2. | O ecossistema natural da língua (ENL) | 113 |
| 2.1.3. | O ecossistema mental da língua (EML) | 113 |
| 2.1.4. | O ecossistema social da língua (ESL) | 119 |
| 2.1.4.1. | ‘Comunidades de fala’ e ‘comunidades linguísticas’ | 119 |
| 2.1.4.2. | ‘Comunidades linguísticas’ e ‘comunidades de línguas’ | 124 |
| 2.1.4.3. | Princípio fundador | 126 |
| 2.2. | Linguísticas filogenética e etnogenética: aspectos evolutivos de mudança e contato | 128 |
| 2.2.1. | Linguística histórica | 128 |
| 2.2.1.1. | O método comparativo | 129 |
| 2.2.1.2. | Limitações do modelo arbóreo convencional | 131 |
| 2.2.2. | Do genético, do adquirido e do transformado | 133 |
| 2.2.3. | Contato de línguas | 139 |
| 2.2.3.1. | Tipos de interferência linguística | 140 |
| 2.2.3.2. | Tipologia das situações de contato intersocial e seus efeitos linguísticos | 142 |
| 2.2.4. | Modelos dinâmicos de mudança linguística e demografia | 149 |
| 2.3. | Comentários finais: consequências linguísticas da ecologia cultural de povos tribais | 155 |
| | PARTE II : INVESTIGAÇÃO | 161 |
| 3. | CONTEXTUALIZAÇÃO ARQUEO-ECOLINGUÍSTICA DA ÁREA DE ESTUDO | 165 |
| 3.1. | Panorama da geografia física | 165 |
| 3.1.1. | Norte da América do Sul | 167 |
| 3.1.2. | Centro-Oeste da América do Sul | 168 |

| | | |
|-----------|---|-----|
| 3.1.3. | Leste da América do Sul | 173 |
| 3.2. | Panorama etnolinguístico da geografia humana | 177 |
| 3.2.1. | Norte da América do Sul | 177 |
| 3.2.1.1. | Grupos etnolinguísticos | 177 |
| 3.2.1.2. | Contato de línguas e hipóteses de classificação filogenética: estudos prévios | 181 |
| 3.2.2. | Centro-Oeste da América do Sul | 184 |
| 3.2.2.1. | Grupos etnolinguísticos | 184 |
| 3.2.2.2. | Contato de línguas e hipóteses de classificação filogenética: estudos prévios | 187 |
| 3.2.3. | Leste da América do Sul | 190 |
| 3.2.3.1. | Grupos etnolinguísticos | 190 |
| 3.2.3.2. | Contato de línguas e hipóteses de classificação filogenética: estudos prévios | 193 |
| 3.3. | Panorama arqueológico e etno-histórico | 195 |
| 3.3.1. | Cronologias das culturas cerâmicas | 195 |
| 3.3.1.1. | Orinoquia | 195 |
| 3.3.1.2. | Amazônia Central, Baixo Amazonas e Planalto Central brasileiro | 196 |
| 3.3.1.3. | Oeste amazônico | 199 |
| 3.3.1.4. | Andes Setentrionais e seu entorno | 203 |
| 3.3.1.5. | Andes Centrais e seu entorno | 205 |
| 3.3.1.6. | Andes Centro-Meridionais e seu entorno | 208 |
| 3.3.2. | Esferas de interação pré-históricas | 211 |
| 3.3.2.1. | Leste amazônico | 211 |
| 3.3.2.2. | Brasil Central | 213 |
| 3.3.2.3. | Amazônia Central | 217 |
| 3.3.2.4. | Sudoeste amazônico | 222 |
| 3.3.2.5. | Noroeste amazônico | 227 |
| 3.3.2.6. | Andes Setentrionais e seu entorno | 228 |
| 3.3.2.7. | A esfera de interação circum-Marañón | 235 |
| 3.3.2.8. | Andes Centrais e seu entorno | 243 |
| 3.3.2.9. | A esfera de interação transandina dos Andes Centrais | 247 |
| 3.3.2.10. | A rota marítima de interação através do Pacífico | 250 |

| | | |
|--------------|---|-----|
| 4. | DADOS E ANÁLISE LINGUÍSTICOS | 255 |
| 4.1. | Conjuntos etnolinguísticos que partilham um histórico filogenético e/ou etnogenético | 257 |
| 4.1.1. | As hipóteses ‘macro-jê’ e ‘macro-jê-nuclear’ | 257 |
| 4.1.1.1. | Macro-jê nuclear | 259 |
| 4.1.1.2. | Macro-jê | 264 |
| 4.1.1.2.1. | Bororo, rikbaktsa, kariri e ofaye | 264 |
| 4.1.1.2.2. | Borum, maxakali e kamakã | 274 |
| 4.1.2. | As hipóteses ‘macro-daha’ e ‘duho’ | 284 |
| 4.1.3. | As hipóteses ‘puinave-nadahup’ e ‘puinave-kak’ | 297 |
| 4.1.4. | As hipóteses ‘harakmbet-katukina’ e ‘arawa-katukina-harakmbet’ | 301 |
| 4.1.5. | A hipótese ‘pano-takana’ | 307 |
| 4.1.6. | A hipótese ‘macro-arawak’ | 310 |
| 4.1.7. | A hipótese ‘tupi-karib’ | 317 |
| 4.1.8. | A hipótese ‘macro-mataguayo-guaykuru’ ou ‘guaykuru-mataguayo’ | 318 |
| 4.2. | Conjuntos etnolinguísticos com possibilidades de partilhar um histórico unicamente etnogenético | 321 |
| 4.2.1. | Troncos | 322 |
| 4.2.1.1. | Chibcha | 322 |
| 4.2.1.1.1. | Chibcha e andaki | 323 |
| 4.2.1.1.2. | Chibcha e barbakoa | 323 |
| 4.2.1.1.3. | Chibcha e choko | 324 |
| 4.2.1.1.4. | Chibcha e duho | 325 |
| 4.2.1.1.5. | Chibcha e paez | 325 |
| 4.2.1.1.6. | Chibcha e sape | 326 |
| 4.2.1.1.7. | Chibcha e taruma | 327 |
| 4.2.1.2. | Duho | 328 |
| 4.2.1.2.1. | Saliba-hodi | 329 |
| 4.2.1.2.1.1. | Saliba-hodi e andoke-urekena | 329 |
| 4.2.1.2.1.2. | Saliba-hodi e arawak | 330 |
| 4.2.1.2.1.3. | Saliba-hodi e maku | 331 |
| 4.2.1.2.1.4. | Saliba-hodi e tukano | 332 |
| 4.2.1.2.1.5. | Saliba-hodi e yaruro | 335 |

| | | |
|----------------|-------------------------------------|-----|
| 4.2.1.2.2. | Tikuna-yuri | 336 |
| 4.2.1.2.2.1. | Tikuna-yuri e andoke-urekena | 336 |
| 4.2.1.2.2.2. | Tikuna-yuri e arawak | 338 |
| 4.2.1.2.2.3. | Tikuna-yuri e arutani | 339 |
| 4.2.1.2.2.4. | Tikuna-yuri e maku | 339 |
| 4.2.1.2.2.5. | Tikuna-yuri e tukano | 340 |
| 4.2.1.3. | Harakmbet-katukina | 341 |
| 4.2.1.3.1. | Harakmbet | 341 |
| 4.2.1.3.1.1. | Harakmbet e pano | 342 |
| 4.2.1.3.1.2. | Harakmbet e puinave-nadahup | 342 |
| 4.2.1.3.1.3. | Harakmbet e tupi | 344 |
| 4.2.1.3.2. | Katukina-katawixi | 345 |
| 4.2.1.3.2.1. | Katukina-katawixi e jivaro | 345 |
| 4.2.1.3.2.2. | Katukina-katawixi e maku | 346 |
| 4.2.1.3.2.3. | Katukina-katawixi e mura-matanawi | 346 |
| 4.2.1.3.2.4. | Katukina-katawixi e puinave-nadahup | 347 |
| 4.2.1.3.2.5. | Katukina-katawixi e taruma | 348 |
| 4.2.1.3.2.6. | Katukina-katawixi e tupi | 349 |
| 4.2.1.3.2.7. | Katukina-katawixi e yanomami | 350 |
| 4.2.1.4. | Macro-arawak | 350 |
| 4.2.1.4.1. | Arawak | 352 |
| 4.2.1.4.1.1. | Arawak e arawa | 353 |
| 4.2.1.4.1.2. | Arawak e bora-muinane | 355 |
| 4.2.1.4.1.3. | Arawak e guahibo | 357 |
| 4.2.1.4.1.4. | Arawak e harakmbet-katukina | 359 |
| 4.2.1.4.1.4.1. | Arawak e harakmbet | 359 |
| 4.2.1.4.1.4.2. | Arawak e katukina-katawixi | 360 |
| 4.2.1.4.1.5. | Arawak e iranचे | 361 |
| 4.2.1.4.1.6. | Arawak e jaqi | 363 |
| 4.2.1.4.1.7. | Arawak e karib | 363 |
| 4.2.1.4.1.8. | Arawak e kawapana | 365 |
| 4.2.1.4.1.9. | Arawak e kayuvava | 366 |

| | | |
|-----------------|-----------------------------------|-----|
| 4.2.1.4.1.10. | Arawak e kechua | 367 |
| 4.2.1.4.1.11. | Arawak e kwaza | 371 |
| 4.2.1.4.1.12. | Arawak e leko | 372 |
| 4.2.1.4.1.13. | Arawak e macro-jê | 373 |
| 4.2.1.4.1.14. | Arawak e macro-mataguayo-guaykuru | 374 |
| 4.2.1.4.1.15. | Arawak e mapudungun | 376 |
| 4.2.1.4.1.16. | Arawak e mochika | 377 |
| 4.2.1.4.1.17. | Arawak e mura-matanawi | 378 |
| 4.2.1.4.1.18. | Arawak e nambikwara | 379 |
| 4.2.1.4.1.19. | Arawak e omurano | 382 |
| 4.2.1.4.1.20. | Arawak e pano-takana | 382 |
| 4.2.1.4.1.20.1. | Arawak e pano | 382 |
| 4.2.1.4.1.20.2. | Arawak e takana | 383 |
| 4.2.1.4.1.21. | Arawak e puinave-nadahup | 386 |
| 4.2.1.4.1.22. | Arawak e taruma | 388 |
| 4.2.1.4.1.23. | Arawak e tupi | 390 |
| 4.2.1.4.1.24. | Arawak e urarina | 391 |
| 4.2.1.4.1.25. | Arawak e witoto-okaina | 393 |
| 4.2.1.4.1.26. | Arawak e yaruro | 394 |
| 4.2.1.4.1.27. | Arawak e zaparo | 396 |
| 4.2.1.4.2. | Kandoxi | 396 |
| 4.2.1.4.2.1. | Kandoxi e cholon-hibito | 397 |
| 4.2.1.4.2.2. | Kandoxi e jivaro | 398 |
| 4.2.1.4.2.3. | Kandoxi e kawapana | 399 |
| 4.2.1.4.2.4. | Kandoxi e kechua | 400 |
| 4.2.1.4.2.5. | Kandoxi e kunza | 401 |
| 4.2.1.4.2.6. | Kandoxi e mochika | 402 |
| 4.2.1.4.2.7. | Kandoxi e pano | 403 |
| 4.2.1.4.3. | Muniche | 404 |
| 4.2.1.4.3.1. | Muniche e cholon-hibito | 404 |
| 4.2.1.4.3.2. | Muniche e kechua | 405 |
| 4.2.1.4.3.3. | Muniche e mochika | 405 |

| | | |
|--------------|-----------------------------------|-----|
| 4.2.1.4.4. | Pukina | 406 |
| 4.2.1.4.4.1. | Pukina e jaqi | 406 |
| 4.2.1.4.4.2. | Pukina e kawapana | 409 |
| 4.2.1.4.4.3. | Pukina e kechua | 410 |
| 4.2.1.4.4.4. | Pukina e pano | 411 |
| 4.2.1.4.4.5. | Pukina e uru-chipaya | 412 |
| 4.2.1.5. | Macro-jê | 413 |
| 4.2.1.5.1. | Bororo | 413 |
| 4.2.1.5.1.1. | Bororo e guato | 414 |
| 4.2.1.5.1.2. | Bororo e karib | 414 |
| 4.2.1.5.1.3. | Bororo e kayuvava | 416 |
| 4.2.1.5.1.4. | Bororo e nambikwara | 416 |
| 4.2.1.5.1.5. | Bororo e tupi | 416 |
| 4.2.1.5.2. | Jeoromitxi | 417 |
| 4.2.1.5.2.1. | Jeoromitxi e karib | 417 |
| 4.2.1.5.2.2. | Jeoromitxi e kwaza | 418 |
| 4.2.1.5.2.3. | Jeoromitxi e mura-matanawi | 418 |
| 4.2.1.5.2.4. | Jeoromitxi e taruma | 419 |
| 4.2.1.5.3. | Karaja | 419 |
| 4.2.1.5.3.1. | Karaja e karib | 420 |
| 4.2.1.5.3.2. | Karaja e puinave-nadahup | 421 |
| 4.2.1.5.3.3. | Karaja e tupi | 421 |
| 4.2.1.5.4. | Ofaye | 422 |
| 4.2.1.5.4.1. | Ofaye e macro-mataguayo-guaykuru | 423 |
| 4.2.1.5.5. | Rikbaktsa | 424 |
| 4.2.1.5.5.1. | Rikbaktsa e karib | 425 |
| 4.2.1.6. | Macro-mataguayo-guaykuru | 426 |
| 4.2.1.6.1. | Macro-mataguayo-guaykuru e trumai | 426 |
| 4.2.1.6.2. | Macro-mataguayo-guaykuru e tupi | 427 |
| 4.2.1.7. | Pano-takana | 427 |
| 4.2.1.7.1. | Pano | 428 |
| 4.2.1.7.1.1. | Pano e kechua | 429 |

| | | |
|--------------|-------------------------------|-----|
| 4.2.1.7.1.2. | Pano e mapudungun | 429 |
| 4.2.1.7.1.3. | Pano e moseten-tsimane | 430 |
| 4.2.1.7.1.4. | Pano e tukano | 431 |
| 4.2.1.7.1.5. | Pano e uru-chipaya | 432 |
| 4.2.1.7.2. | Takana | 433 |
| 4.2.1.7.2.1. | Takana e kayuvava | 433 |
| 4.2.1.7.2.2. | Takana e tupi | 433 |
| 4.2.1.8. | Puinave-nadahup | 434 |
| 4.2.1.8.1. | Nadahup | 434 |
| 4.2.1.8.1.1. | Nadahup e arawa | 435 |
| 4.2.1.8.1.2. | Nadahup e guahibo | 435 |
| 4.2.1.8.1.3. | Nadahup e tupi | 436 |
| 4.2.1.8.2. | Puinave-kak | 437 |
| 4.2.1.8.2.1. | Puinave-kak e arawa | 438 |
| 4.2.1.8.2.2. | Puinave-kak e chapakura-wañam | 439 |
| 4.2.1.8.2.3. | Puinave-kak e guahibo | 439 |
| 4.2.1.8.2.4. | Puinave-kak e jirajara | 440 |
| 4.2.1.8.2.5. | Puinave-kak e sape | 441 |
| 4.2.1.8.2.6. | Puinave-kak e tupi | 441 |
| 4.2.1.8.2.7. | Puinave-kak e yanomami | 442 |
| 4.2.1.9. | Tupi | 443 |
| 4.2.1.9.1. | Tupi e arawa | 444 |
| 4.2.1.9.2. | Tupi e bora-muinane | 444 |
| 4.2.1.9.3. | Tupi e guato | 445 |
| 4.2.1.9.4. | Tupi e irancho | 445 |
| 4.2.1.9.5. | Tupi e jivaro | 446 |
| 4.2.1.9.6. | Tupi e karib | 447 |
| 4.2.1.9.7. | Tupi e kayuvava | 448 |
| 4.2.1.9.8. | Tupi e mura-matanawi | 449 |
| 4.2.1.9.9. | Tupi e taruma | 450 |
| 4.2.1.9.10. | Tupi e trumai | 451 |
| 4.2.1.9.11. | Tupi e yanomami | 452 |

| | | |
|------------|------------------------------|-----|
| 4.2.2. | Famílias | 453 |
| 4.2.2.1. | Andoke-urekena | 453 |
| 4.2.2.2. | Arawa | 453 |
| 4.2.2.2.1. | Arawa e chapakura-wañam | 454 |
| 4.2.2.2.2. | Arawa e jivaro | 454 |
| 4.2.2.2.3. | Arawa e kwaza | 455 |
| 4.2.2.2.4. | Arawa e maku | 455 |
| 4.2.2.2.5. | Arawa e mura-matanawi | 455 |
| 4.2.2.2.6. | Arawa e taruma | 456 |
| 4.2.2.2.7. | Arawa e yanomami | 456 |
| 4.2.2.3. | Barbakoa | 457 |
| 4.2.2.3.1. | Barbakoa e atakame | 457 |
| 4.2.2.3.2. | Barbakoa e cholon-hibito | 458 |
| 4.2.2.3.3. | Barbakoa e kechua | 460 |
| 4.2.2.3.4. | Barbakoa e mochika | 461 |
| 4.2.2.3.5. | Barbakoa e paez | 462 |
| 4.2.2.3.6. | Barbakoa e tukano | 463 |
| 4.2.2.3.7. | Barbakoa e umbra | 463 |
| 4.2.2.4. | Bora-muinane | 464 |
| 4.2.2.4.1. | Bora-muinane e choko | 465 |
| 4.2.2.4.2. | Bora-muinane e guahibo | 465 |
| 4.2.2.4.3. | Bora-muinane e tukano | 466 |
| 4.2.2.4.4. | Bora-muinane e witoto-okaina | 467 |
| 4.2.2.4.5. | Bora-muinane e yaruro | 469 |
| 4.2.2.5. | Chapakura-wañam | 469 |
| 4.2.2.5.1. | Chapakura-wañam e irancho | 469 |
| 4.2.2.6. | Choko | 470 |
| 4.2.2.6.1. | Choko e guahibo | 470 |
| 4.2.2.6.2. | Choko e kamsa | 471 |
| 4.2.2.6.3. | Choko e paez | 472 |
| 4.2.2.6.4. | Choko e tukano | 473 |
| 4.2.2.6.5. | Choko e umbra | 473 |

| | | |
|-------------|----------------------------|-----|
| 4.2.2.6.6. | Choko e witoto-okaina | 475 |
| 4.2.2.6.7. | Choko e yaruro | 475 |
| 4.2.2.7. | Cholon-hibito | 477 |
| 4.2.2.7.1. | Cholon-hibito e kechua | 477 |
| 4.2.2.7.2. | Cholon-hibito e leko | 478 |
| 4.2.2.7.3. | Cholon-hibito e mapudungun | 479 |
| 4.2.2.7.4. | Cholon-hibito e mochika | 480 |
| 4.2.2.8. | Guahibo | 481 |
| 4.2.2.8.1. | Guahibo e yanomami | 481 |
| 4.2.2.9. | Jaqi | 482 |
| 4.2.2.9.1. | Jaqi e kechua | 482 |
| 4.2.2.9.2. | Jaqi e kunza | 486 |
| 4.2.2.9.3. | Jaqi e leko | 486 |
| 4.2.2.9.4. | Jaqi e uru-chipaya | 487 |
| 4.2.2.10. | Jirajara | 488 |
| 4.2.2.10.1. | Jirajara e sape | 489 |
| 4.2.2.10.2. | Jirajara e timote-kuika | 489 |
| 4.2.2.11. | Jivaro | 490 |
| 4.2.2.11.1. | Jivaro e kechua | 491 |
| 4.2.2.11.2. | Jivaro e kwaza | 492 |
| 4.2.2.11.3. | Jivaro e taruma | 493 |
| 4.2.2.11.4. | Jivaro e yanomami | 493 |
| 4.2.2.12. | Karib | 494 |
| 4.2.2.12.1. | Karib e guato | 495 |
| 4.2.2.12.2. | Karib e kawapana | 495 |
| 4.2.2.12.3. | Karib e nambikwara | 496 |
| 4.2.2.12.4. | Karib e taruma | 497 |
| 4.2.2.12.5. | Karib e warao | 498 |
| 4.2.2.13. | Kawapana | 499 |
| 4.2.2.13.1. | Kawapana e kechua | 500 |
| 4.2.2.14. | Kechua | 500 |
| 4.2.2.14.1. | Kechua e kunza | 501 |

| | | |
|-------------|-------------------------------|-----|
| 4.2.2.14.2. | Kechua e leko | 502 |
| 4.2.2.14.3. | Kechua e mapudungun | 503 |
| 4.2.2.14.4. | Kechua e mochika | 505 |
| 4.2.2.14.5. | Kechua e uru-chipaya | 506 |
| 4.2.2.14.6. | Kechua e zaparo | 507 |
| 4.2.2.15. | Mapudungun | 508 |
| 4.2.2.15.1. | Mapudungun e kunza | 508 |
| 4.2.2.15.2. | Mapudungun e mochika | 509 |
| 4.2.2.15.3. | Mapudungun e uru-chipaya | 512 |
| 4.2.2.16. | Moseten-tsimane | 513 |
| 4.2.2.16.1. | Moseten-tsimane e uru-chipaya | 513 |
| 4.2.2.16.2. | Moseten-tsimane e yurakare | 514 |
| 4.2.2.17. | Mura-matanawi | 514 |
| 4.2.2.17.1. | Mura-matanawi e kwaza | 515 |
| 4.2.2.17.2. | Mura-matanawi e taruma | 515 |
| 4.2.2.18. | Nambikwara | 516 |
| 4.2.2.18.1. | Nambikwara e aikana | 517 |
| 4.2.2.18.2. | Nambikwara e iranxe | 517 |
| 4.2.2.18.3. | Nambikwara e itonama | 518 |
| 4.2.2.18.4. | Nambikwara e kanoe | 519 |
| 4.2.2.18.5. | Nambikwara e kwaza | 519 |
| 4.2.2.18.6. | Nambikwara e peba-yagua | 521 |
| 4.2.2.19. | Peba-yagua | 522 |
| 4.2.2.19.1. | Peba-yagua e kwaza | 522 |
| 4.2.2.19.2. | Peba-yagua e zaparo | 523 |
| 4.2.2.20. | Tallan | 525 |
| 4.2.2.21. | Timote-kuika | 525 |
| 4.2.2.22. | Tinigua-pamigua | 525 |
| 4.2.2.22.1. | Tinigua-pamigua e andaki | 525 |
| 4.2.2.23. | Tukano | 526 |
| 4.2.2.23.1. | Tukano e arutani | 526 |
| 4.2.2.23.2. | Tukano e paez | 528 |

| | | |
|-------------|------------------------|-----|
| 4.2.2.23.3. | Tukano e sape | 528 |
| 4.2.2.23.4. | Tukano e taruma | 529 |
| 4.2.2.23.5. | Tukano e witoto-okaina | 530 |
| 4.2.2.24. | Uru-chipaya | 531 |
| 4.2.2.24.1. | Uru-chipaya e kunza | 531 |
| 4.2.2.25. | Witoto-okaina | 532 |
| 4.2.2.25.1. | Witoto-okaina e pijao | 532 |
| 4.2.2.25.2. | Witoto-okaina e yaruro | 533 |
| 4.2.2.26. | Yanomami | 533 |
| 4.2.2.26.1. | Yanomami e iranxe | 534 |
| 4.2.2.26.2. | Yanomami e taruma | 534 |
| 4.2.2.27. | Zaparo | 535 |
| 4.2.2.27.1. | Zaparo e omurano | 535 |
| 4.2.3. | Línguas isoladas | 535 |
| 4.2.3.1. | Aikanã | 535 |
| 4.2.3.1.1. | Aikanã e kanoe | 536 |
| 4.2.3.1.2. | Aikanã e kwaza | 537 |
| 4.2.3.2. | Andaki | 538 |
| 4.2.3.2.1. | Andaki e paez | 539 |
| 4.2.3.3. | Arutani | 540 |
| 4.2.3.3.1. | Arutani e maku | 540 |
| 4.2.3.3.2. | Arutani e sape | 541 |
| 4.2.3.3.3. | Arutani e warao | 542 |
| 4.2.3.4. | Atakame | 542 |
| 4.2.3.5. | Guato | 542 |
| 4.2.3.6. | Iranche | 543 |
| 4.2.3.7. | Itonama | 543 |
| 4.2.3.8. | Kamsa | 543 |
| 4.2.3.9. | Kanichana | 544 |
| 4.2.3.9.1. | Kanichana e mochika | 544 |
| 4.2.3.10. | Kanoe | 545 |
| 4.2.3.10.1. | Kanoe e kwaza | 545 |

| | | |
|-------------|--------------------|-----|
| 4.2.3.11. | Kayuvava | 548 |
| 4.2.3.12. | Kofan | 548 |
| 4.2.3.12.1. | Kofan e paez | 548 |
| 4.2.3.13. | Kunza | 549 |
| 4.2.3.13.1. | Kunza e mochika | 549 |
| 4.2.3.14. | Kwaza | 550 |
| 4.2.3.14.1. | Kwaza e taruma | 551 |
| 4.2.3.15. | Leko | 551 |
| 4.2.3.15.1. | Leko e kulle | 552 |
| 4.2.3.15.2. | Leko e omurano | 552 |
| 4.2.3.15.3. | Leko e tauxiro | 553 |
| 4.2.3.15.4. | Leko e urarina | 553 |
| 4.2.3.16. | Maku | 554 |
| 4.2.3.16.1. | Maku e sape | 554 |
| 4.2.3.16.2. | Maku e warao | 555 |
| 4.2.3.17. | Mochika | 555 |
| 4.2.3.17.1. | Mochika e trumai | 556 |
| 4.2.3.18. | Omurano | 557 |
| 4.2.3.18.1. | Omurano e urarina | 557 |
| 4.2.3.19. | Paez | 557 |
| 4.2.3.20. | Pijao | 558 |
| 4.2.3.21. | Sape | 558 |
| 4.2.3.21.1. | Sape e warao | 559 |
| 4.2.3.22. | Taruma | 559 |
| 4.2.3.23. | Tauxiro | 560 |
| 4.2.3.23.1. | Tauxiro e tekiraka | 560 |
| 4.2.3.24. | Tekiraka | 561 |
| 4.2.3.25. | Trumai | 561 |
| 4.2.3.26. | Umbra | 561 |
| 4.2.3.27. | Urarina | 561 |
| 4.2.3.28. | Waorani | 562 |
| 4.2.3.28.1. | Waorani e yaruro | 562 |

| | | |
|-----------|--|------------|
| 4.2.3.29. | Warao | 562 |
| 4.2.3.30. | Yaruro | 563 |
| 4.2.3.31. | Yurakare | 563 |
| 5. | UM MODELO ARQUEO-ECOLINGUÍSTICO PARA AS TERRAS TROPICAIS DA AMÉRICA DO SUL | 565 |
| 5.1. | Cronologias das tradições cerâmicas e correlações ecolinguísticas | 566 |
| 5.2. | Andes Setentrionais e seu entorno | 571 |
| 5.2.1. | Os proto-barbakoa, os proto-cholon-hibito e os proto-mochika | 572 |
| 5.2.2. | Os proto-choko | 575 |
| 5.2.3. | Os proto-chibcha, os proto-paez, os proto-andaki e os proto-tinigua-pamigua | 580 |
| 5.3. | Noroeste amazônico e seu entorno | 583 |
| 5.3.1. | Os proto-witoto-okaina, os proto-bora-muinane e os proto-andoke-urekena | 583 |
| 5.3.2. | Os proto-tukano | 585 |
| 5.3.3. | Os proto-duho, os proto-tikuna-yuri e os proto-saliba-hodi | 589 |
| 5.3.4. | Os proto-puinave-nadahup, os proto-puinave-kak e os proto-nadahup | 592 |
| 5.3.5. | Os proto-guahibo e os proto-yanomami | 594 |
| 5.3.6. | Os proto-arawa e os proto-harakmbet-katukina | 596 |
| 5.4. | Oeste/Sudoeste amazônico e seu entorno | 597 |
| 5.4.1. | Os proto-jivaro | 598 |
| 5.4.2. | Os proto-pano-takana | 600 |
| 5.4.3. | Os proto-macro-arawak, os proto-arawak, os proto-pukina, os proto-kandoxi-xapra e os proto-muniche | 605 |
| 5.5. | Leste amazônico e seu entorno | 622 |
| 5.5.1. | Os proto-macro-jê e os proto-macro-jê-nuclear | 622 |
| 5.5.2. | Os proto-nambikwara, os proto-kwaza e os proto-peba-yagua | 629 |
| 5.5.3. | Os proto-karib | 631 |
| 5.5.4. | Os proto-tupi | 636 |
| 5.6. | Andes Centrais e seu entorno | 644 |
| 5.6.1. | Os proto-kechua, os proto-jaqi e os proto-kunza | 644 |
| 5.6.2. | Os proto-leko, os proto-omurano e os proto-kulle | 663 |

| | | |
|--|---|------------|
| 5.6.3. | Os proto-uru-chipaya e os proto-moseten-tsimane | 666 |
| 5.6.4. | Os proto-mapuche | 667 |
| PARTE III : CONSIDERAÇÕES FINAIS | | 673 |
| BIBLIOGRAFIA | | 679 |
| BIBLIOGRAFIA: REFERÊNCIAS CITADAS | | 679 |
| BIBLIOGRAFIA: CLASSIFICAÇÕES LINGUÍSTICAS E DADOS LEXICAIS | | 764 |
| ANEXOS | | |
| ANEXO I: FAMÍLIAS LINGUÍSTICAS DA AMÉRICA DO SUL | | 783 |
| ANEXO II: ITENS LEXICAIS DO <i>CORPUS</i> BÁSICO | | 807 |
| ANEXO III: (PROTO)LÍNGUAS NO <i>CORPUS</i> BÁSICO | | 813 |
| ANEXO IV: MAPEAMENTO DAS ESTIMATIVAS DA DISTRIBUIÇÃO ETNOLINGUÍSTICA E DAS ESFERAS DE INTERAÇÃO NA REGIÃO TROPICAL DA AMÉRICA DO SUL (2200 a.C. – 1400 d.C.) | | 817 |

MAPAS

| | | |
|------------|--|-----|
| MAPA 1. | Áreas de terra-preta na Amazônia (McMichael <i>et alii</i> 2014) | 81 |
| MAPA 2. | Indícios de terra-preta na Amazônia (McMichael <i>et alii</i> 2014) | 82 |
| MAPA 3. | Mapa físico do norte da América do Sul | 168 |
| MAPA 4. | Mapa físico do centro-oeste da América do Sul | 172 |
| MAPA 5. | Mapa físico da região central da América do Sul | 175 |
| MAPA 6. | Mapa etnolinguístico do norte da América do Sul – estimativa da distribuição durante o século XV d.C. | 180 |
| MAPA 7. | Mapa etnolinguístico do centro-oeste da América do Sul – estimativa da distribuição durante o século XV d.C. | 186 |
| MAPA 8. | Mapa etnolinguístico da região central da América do Sul – estimativa da distribuição durante o século XV d.C. | 192 |
| MAPA 9. | “Esfera de interação regional arawak” em 1000 d.C., segundo Carling <i>et alii</i> (2013:50) | 606 |
| MAPA A4-1. | Estimativa da distribuição etnolinguística e das esferas de interação na região tropical da América do Sul entre 2200 a.C. e 1800 a.C. | 821 |
| MAPA A4-2. | Estimativa da distribuição etnolinguística e das esferas de interação na região tropical da América do Sul entre 1800 a.C. e 1400 a.C. | 822 |
| MAPA A4-3. | Estimativa da distribuição etnolinguística e das esferas de interação na região tropical da América do Sul entre 1400 a.C. e 1000 a.C. | 823 |
| MAPA A4-4. | Estimativa da distribuição etnolinguística e das esferas de interação na região tropical da América do Sul entre 1000 a.C. e 600 a.C. | 824 |
| MAPA A4-5. | Estimativa da distribuição etnolinguística e das esferas de interação na região tropical da América do Sul entre 600 a.C. e 200 a.C. | 825 |
| MAPA A4-6. | Estimativa da distribuição etnolinguística e das esferas de interação na região tropical da América do Sul entre 200 a.C. e 1 a.C. | 826 |
| MAPA A4-7. | Estimativa da distribuição etnolinguística e das esferas de interação na região tropical da América do Sul entre 1 d.C. e 200 d.C. | 827 |
| MAPA A4-8. | Estimativa da distribuição etnolinguística e das esferas de interação na região tropical da América do Sul entre 200 d.C. e 400 d.C. | 828 |

| | | |
|-------------|--|-----|
| MAPA A4-9. | Estimativa da distribuição etnolinguística e das esferas de interação na região tropical da América do Sul entre 400 d.C. e 600 d.C. | 829 |
| MAPA A4-10. | Estimativa da distribuição etnolinguística e das esferas de interação na região tropical da América do Sul entre 600 d.C. e 800 d.C. | 830 |
| MAPA A4-11. | Estimativa da distribuição etnolinguística e das esferas de interação na região tropical da América do Sul entre 800 d.C. e 1000 d.C. | 831 |
| MAPA A4-12. | Estimativa da distribuição etnolinguística e das esferas de interação na região tropical da América do Sul entre 1000 d.C. e 1200 d.C. | 832 |
| MAPA A4-13. | Estimativa da distribuição etnolinguística e das esferas de interação na região tropical da América do Sul entre 1200 d.C. e 1400 d.C. | 833 |

QUADROS

| | | |
|------------|---|-----|
| QUADRO 1. | Porcentagens de casamentos exogâmicos em algumas sociedades de Banda | 72 |
| QUADRO 2. | Arquétipos de sociedade em virtude do poder relativo e do potencial apropriativo | 73 |
| QUADRO 3. | Arquétipos de sociedade em virtude da organização sociopolítica | 73 |
| QUADRO 4. | Distribuição de haplogrupos do DNA mitocondrial em povos tribais | 86 |
| QUADRO 5. | Distribuição de haplogrupos do DNA mitocondrial em povos agricultores | 88 |
| QUADRO 6. | Distribuição de haplogrupos do DNA mitocondrial nos Andes Centrais | 91 |
| QUADRO 7. | Etiologia das difusões envolvendo populações atualmente falantes de línguas <u>filogeneticamente relacionadas</u> | 100 |
| QUADRO 8. | Etiologia das difusões envolvendo populações atualmente falantes de línguas <u>filogeneticamente não-relacionadas</u> | 101 |
| QUADRO 9. | Competência bilíngue em virtude dos graus de aptidão em L ₂ | 124 |
| QUADRO 10. | Análise toponímica de Chachapoyas com base nas línguas cholon- hibito | 241 |
| QUADRO 11. | Distribuição de haplogrupos do DNA mitocondrial nos Andes Setentrionais e arredores | 579 |

TABELAS

| | | |
|------------|---|-----|
| TABELA 1. | Cognatos lexicais entre os ramos do proto-macro-jê-nuclear | 259 |
| TABELA 2. | Paralelos lexicais binários envolvendo as famílias karaja, jeoromitxi, besiro ou ramos da família jê | 262 |
| TABELA 3. | Cognatos lexicais entre o kariri e os ramos do proto-macro-jê-nuclear | 264 |
| TABELA 4. | Cognatos lexicais entre o proto-bororo e os ramos do proto-macro-jê-nuclear | 265 |
| TABELA 5. | Cognatos lexicais entre o rikbaktsa e os ramos do proto-macro-jê-nuclear | 267 |
| TABELA 6. | Cognatos lexicais entre o proto-ofaye e os ramos do proto-macro-jê-nuclear | 268 |
| TABELA 7. | Paralelos lexicais binários entre o kariri e línguas das famílias jê (ramo setentrional), karaja ou bororo | 269 |
| TABELA 8. | Paralelos lexicais binários entre o proto-bororo e línguas das famílias karaja, jeoromitxi, besiro ou rikbaktsa | 270 |
| TABELA 9. | Paralelos lexicais binários entre o rikbaktsa e línguas das famílias jê, jeoromitxi, besiro ou karaja | 271 |
| TABELA 10. | Paralelos lexicais binários entre o ofaye e línguas das famílias jê (ramo central), jeoromitxi ou karaja | 271 |
| TABELA 11. | Possíveis cognatos lexicais entre o krenak e membros do macro-jê-nuclear | 275 |
| TABELA 12. | Possíveis cognatos lexicais entre a família maxakali e membros do macro-jê-nuclear | 277 |
| TABELA 13. | Possíveis cognatos lexicais entre a família kamakã e membros do macro-jê-nuclear | 278 |
| TABELA 14. | Possíveis cognatos lexicais entre as famílias kamakã e maxakali | 279 |
| TABELA 15. | Paralelos lexicais binários entre o krenak e línguas da família maxakali | 280 |
| TABELA 16. | Paralelos lexicais binários entre o krenak e línguas da família kamakã | 281 |
| TABELA 17. | Cognatos lexicais urekena – andoke | 285 |
| TABELA 18. | Cognatos lexicais entre as línguas do conjunto saliba-hodi | 286 |
| TABELA 19. | Cognatos lexicais entre as línguas do conjunto saliba-betoi | 291 |
| TABELA 20. | Possíveis cognatos lexicais entre as línguas do conjunto duho | 292 |
| TABELA 21. | Cognatos lexicais entre os ramos do conjunto puinave-nadahup | 297 |
| TABELA 22. | Cognatos lexicais entre os ramos do puinave-kak | 298 |

| | | |
|------------|---|-----|
| TABELA 23. | Cognatos lexicais binários entre os conjuntos nadahup e puinave | 299 |
| TABELA 24. | Cognatos lexicais binários entre os conjuntos nadahup e kak | 300 |
| TABELA 25. | Paralelos lexicais entre os conjuntos arawa e harakmbet | 301 |
| TABELA 26. | Paralelos lexicais entre os conjuntos arawa e katukina-katawixi | 303 |
| TABELA 27. | Paralelos lexicais entre os conjuntos katukina-katawixi e harakmbet | 304 |
| TABELA 28. | Cognatos lexicais entre os conjuntos pano e takana | 308 |
| TABELA 29. | Possíveis cognatos lexicais entre os conjuntos arawak e pukina | 310 |
| TABELA 30. | Possíveis cognatos lexicais entre os conjuntos arawak e muniche | 312 |
| TABELA 31. | Possíveis cognatos lexicais entre os conjuntos arawak e kandoxi | 314 |
| TABELA 32. | Possíveis cognatos arawak em aguachile | 316 |
| TABELA 33. | Paralelos lexicais entre os conjuntos tupi e karib | 317 |
| TABELA 34. | Paralelos lexicais entre os conjuntos guaykuru e mataguayo | 319 |
| TABELA 35. | Paralelos lexicais entre os conjuntos chibcha e andaki | 323 |
| TABELA 36. | Paralelos lexicais entre os conjuntos chibcha e barbakoa meridional | 324 |
| TABELA 37. | Paralelos lexicais entre os conjuntos chibcha e choko | 324 |
| TABELA 38. | Paralelos lexicais entre os conjuntos chibcha e hodi | 325 |
| TABELA 39. | Paralelos lexicais entre os conjuntos chibcha e paez | 326 |
| TABELA 40. | Paralelos lexicais entre os conjuntos chibcha e sape | 327 |
| TABELA 41. | Paralelos lexicais entre os conjuntos chibcha e taruma | 327 |
| TABELA 42. | Paralelos lexicais entre os conjuntos saliba-hodi e andoke-urekena | 329 |
| TABELA 43. | Paralelos lexicais entre os conjuntos saliba-hodi e arawak | 330 |
| TABELA 44. | Paralelos lexicais entre os conjuntos saliba-piaroa e maku | 332 |
| TABELA 45. | Paralelos lexicais entre os conjuntos saliba-hodi e tukano | 333 |
| TABELA 46. | Paralelos lexicais entre os conjuntos saliba-hodi e yaruro | 335 |
| TABELA 47. | Paralelos lexicais entre os conjuntos tikuna-yuri e andoke-urekena | 336 |
| TABELA 48. | Paralelos lexicais entre os conjuntos tikuna-yuri e arawak | 338 |
| TABELA 49. | Paralelos lexicais entre os conjuntos tikuna-yuri e arutani | 339 |
| TABELA 50. | Paralelos lexicais entre os conjuntos tikuna-yuri e maku | 339 |
| TABELA 51. | Paralelos lexicais entre os conjuntos tikuna-yuri e tukano | 340 |
| TABELA 52. | Paralelos lexicais entre os conjuntos harakmbet e pano | 342 |
| TABELA 53. | Paralelos lexicais entre os conjuntos harakmbet e nadahup | 343 |
| TABELA 54. | Paralelos lexicais entre os conjuntos harakmbet e puinave-kak | 343 |

| | | |
|------------|--|-----|
| TABELA 55. | Paralelos lexicais entre os conjuntos harakmbet e tupi | 344 |
| TABELA 56. | Paralelos lexicais entre os conjuntos katukina-katawixi e jivaro | 345 |
| TABELA 57. | Paralelos lexicais entre os conjuntos katukina-katawixi e maku | 346 |
| TABELA 58. | Paralelos lexicais entre os conjuntos katukina-katawixi e mura-matanawi | 347 |
| TABELA 59. | Paralelos lexicais entre os conjuntos katukina-katawixi e nadahup | 347 |
| TABELA 60. | Paralelos lexicais entre os conjuntos katukina-katawixi e puinavekak | 347 |
| TABELA 61. | Paralelos lexicais entre os conjuntos katukina-katawixi e taruma | 348 |
| TABELA 62. | Paralelos lexicais entre os conjuntos katukina-katawixi e tupi | 349 |
| TABELA 63. | Paralelos lexicais entre os conjuntos katukina-katawixi e yanomami | 350 |
| TABELA 64. | Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e arawa | 354 |
| TABELA 65. | Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e bora-muinane | 356 |
| TABELA 66. | Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e guahibo | 357 |
| TABELA 67. | Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e harakmbet | 359 |
| TABELA 68. | Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e katukina-katawixi | 360 |
| TABELA 69. | Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e irancho | 361 |
| TABELA 70. | Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e jaqi | 363 |
| TABELA 71. | Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e karib | 363 |
| TABELA 72. | Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e kawapana | 365 |
| TABELA 73. | Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e kayuvava | 367 |
| TABELA 74. | Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e kechua | 368 |
| TABELA 75. | Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e kwaza | 372 |
| TABELA 76. | Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e leko | 373 |
| TABELA 77. | Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e besiro | 374 |
| TABELA 78. | Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e guaykuru | 375 |
| TABELA 79. | Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e mapudungun | 376 |
| TABELA 80. | Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e mochika | 377 |
| TABELA 81. | Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e mura-matanawi | 378 |
| TABELA 82. | Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e nambikwara | 380 |
| TABELA 83. | Paralelos lexicais entre os conjuntos guaporé-tapajós/mamoré-guaporé (arawak) e nambikwara | 381 |
| TABELA 84. | Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e omurano | 382 |

| | | |
|-------------|---|-----|
| TABELA 85. | Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e pano | 383 |
| TABELA 86. | Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e takana | 384 |
| TABELA 87. | Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e puinave-nadahup | 386 |
| TABELA 88. | Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e taruma | 388 |
| TABELA 89. | Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e tupi | 390 |
| TABELA 90. | Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e urarina | 392 |
| TABELA 91. | Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e witoto-okaina | 393 |
| TABELA 92. | Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e yaruro | 394 |
| TABELA 93. | Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e zaparo | 396 |
| TABELA 94. | Paralelos lexicais entre os conjuntos kandoxi e cholon-hibito | 397 |
| TABELA 95. | Paralelos lexicais entre os conjuntos kandoxi e jivaro | 398 |
| TABELA 96. | Paralelos lexicais entre os conjuntos kandoxi e kawapana | 400 |
| TABELA 97. | Paralelos lexicais entre os conjuntos kandoxi e kechua | 400 |
| TABELA 98. | Paralelos lexicais entre os conjuntos kandoxi e kunza | 401 |
| TABELA 99. | Paralelos lexicais entre os conjuntos kandoxi e mochika | 403 |
| TABELA 100. | Paralelos lexicais entre os conjuntos kandoxi e pano | 404 |
| TABELA 101. | Paralelos lexicais entre os conjuntos muniche e cholon | 405 |
| TABELA 102. | Paralelos lexicais entre os conjuntos muniche e kechua | 405 |
| TABELA 103. | Paralelos lexicais entre os conjuntos muniche e mochika | 406 |
| TABELA 104. | Paralelos lexicais entre os conjuntos pukina e jaqi | 407 |
| TABELA 105. | Paralelos lexicais entre os conjuntos pukina e kawapana | 409 |
| TABELA 106. | Paralelos lexicais entre os conjuntos pukina e kechua | 410 |
| TABELA 107. | Paralelos lexicais entre os conjuntos pukina e pano | 412 |
| TABELA 108. | Paralelos lexicais entre os conjuntos pukina e uru-chipaya | 412 |
| TABELA 109. | Paralelos lexicais entre os conjuntos bororo e guato | 414 |
| TABELA 110. | Paralelos lexicais entre os conjuntos bororo e karib | 415 |
| TABELA 111. | Paralelos lexicais entre os conjuntos bororo e kayuvava | 416 |
| TABELA 112. | Paralelos lexicais entre os conjuntos bororo e nambikwara | 416 |
| TABELA 113. | Paralelos lexicais entre os conjuntos bororo e tupi | 417 |
| TABELA 114. | Paralelos lexicais entre os conjuntos jeoromtxi e karib | 417 |
| TABELA 115. | Paralelos lexicais entre os conjuntos jeoromtxi e kwaza | 418 |
| TABELA 116. | Paralelos lexicais entre os conjuntos jeoromtxi e mura-matanawi | 419 |

| | |
|--|-----|
| TABELA 117. Paralelos lexicais entre os conjuntos jeoromtxi e taruma | 419 |
| TABELA 118. Paralelos lexicais entre os conjuntos karaja e karib | 420 |
| TABELA 119. Paralelos lexicais entre os conjuntos karaja e puinave-nadahup | 421 |
| TABELA 120. Paralelos lexicais entre os conjuntos karaja e tupi-guarani | 422 |
| TABELA 121. Paralelos lexicais entre os conjuntos ofaye e macro-mataguayo-guaykuru | 423 |
| TABELA 122. Paralelos lexicais entre os conjuntos rikbaktsa e karib | 425 |
| TABELA 123. Paralelos lexicais entre os conjuntos guaykuru e trumai | 426 |
| TABELA 124. Paralelos lexicais entre os conjuntos guaykuru e tupi-guarani | 427 |
| TABELA 125. Paralelos lexicais entre os conjuntos pano e kechua | 429 |
| TABELA 126. Paralelos lexicais entre os conjuntos pano e mapudungun | 430 |
| TABELA 127. Paralelos lexicais entre os conjuntos pano e moseten | 431 |
| TABELA 128. Paralelos lexicais entre os conjuntos pano e tukano | 431 |
| TABELA 129. Paralelos lexicais entre os conjuntos pano e uru-chipaya | 432 |
| TABELA 130. Paralelos lexicais entre os conjuntos takana e kayuvava | 433 |
| TABELA 131. Paralelos lexicais entre os conjuntos takana e tupi | 434 |
| TABELA 132. Paralelos lexicais entre os conjuntos nadahup e arawa | 435 |
| TABELA 133. Paralelos lexicais entre os conjuntos nadahup e guahibo | 436 |
| TABELA 134. Paralelos lexicais entre os conjuntos tupi e nadahup | 436 |
| TABELA 135. Paralelos lexicais entre os conjuntos puinave-kak e arawa | 438 |
| TABELA 136. Paralelos lexicais entre os conjuntos puinave-kak e chapakura-wañam | 439 |
| TABELA 137. Paralelos lexicais entre os conjuntos puinave e guahibo | 440 |
| TABELA 138. Paralelos lexicais entre os conjuntos puinave-kak e jirajara | 440 |
| TABELA 139. Paralelos lexicais entre os conjuntos puinave-kak e sape | 441 |
| TABELA 140. Paralelos lexicais entre os conjuntos puinave-kak e tupi | 442 |
| TABELA 141. Paralelos lexicais entre os conjuntos puinave-kak e yanomami | 442 |
| TABELA 142. Paralelos lexicais entre os conjuntos tupi e arawa | 444 |
| TABELA 143. Paralelos lexicais entre os conjuntos tupi e bora-muinane | 444 |
| TABELA 144. Paralelos lexicais entre os conjuntos tupi e guato | 445 |
| TABELA 145. Paralelos lexicais entre os conjuntos tupi e iranhe | 445 |
| TABELA 146. Paralelos lexicais entre os conjuntos tupi e jivaro | 446 |
| TABELA 147. Paralelos lexicais entre os conjuntos tupi-guarani e karib | 447 |

| | |
|--|-----|
| TABELA 148. Paralelos lexicais entre os conjuntos tupi e kayuvava | 448 |
| TABELA 149. Paralelos lexicais entre os conjuntos tupi e mura-matanawi | 449 |
| TABELA 150. Paralelos lexicais entre os conjuntos tupi e taruma | 450 |
| TABELA 151. Paralelos lexicais entre os conjuntos tupi e trumai | 451 |
| TABELA 152. Paralelos lexicais entre os conjuntos tupi e yanomami | 452 |
| TABELA 153. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawa e chapakura-wañam | 454 |
| TABELA 154. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawa e jivaro | 454 |
| TABELA 155. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawa e kwaza | 455 |
| TABELA 156. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawa e maku | 455 |
| TABELA 157. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawa e mura-matanawi | 456 |
| TABELA 158. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawa e taruma | 456 |
| TABELA 159. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawa e yanomami | 457 |
| TABELA 160. Paralelos lexicais entre os conjuntos barbakoa e atakame | 458 |
| TABELA 161. Paralelos lexicais entre os conjuntos barbakoa e cholon-hibito | 459 |
| TABELA 162. Paralelos lexicais entre os conjuntos barbakoa e kechua | 460 |
| TABELA 163. Paralelos lexicais entre os conjuntos barbakoa e mochika | 461 |
| TABELA 164. Paralelos lexicais entre os conjuntos barbakoa e paez | 462 |
| TABELA 165. Paralelos lexicais entre os conjuntos barbakoa e tukano | 463 |
| TABELA 166. Paralelos lexicais entre os conjuntos barbakoa e umbra | 464 |
| TABELA 167. Paralelos lexicais entre os conjuntos bora-muinane e choko | 465 |
| TABELA 168. Paralelos lexicais entre os conjuntos bora-muinane e guahibo | 466 |
| TABELA 169. Paralelos lexicais entre os conjuntos bora-muinane e tukano | 466 |
| TABELA 170. Paralelos lexicais entre os conjuntos bora-muinane e witoto-okaina | 468 |
| TABELA 171. Paralelos lexicais entre os conjuntos bora-muinane e yaruro | 469 |
| TABELA 172. Paralelos lexicais entre os conjuntos chapakura-wañam e iranxe | 470 |
| TABELA 173. Paralelos lexicais entre os conjuntos choko e guahibo | 471 |
| TABELA 174. Paralelos lexicais entre os conjuntos choko e kamsa | 472 |
| TABELA 175. Paralelos lexicais entre os conjuntos choko e paez | 472 |
| TABELA 176. Paralelos lexicais entre os conjuntos choko e tukano | 473 |
| TABELA 177. Paralelos lexicais entre os conjuntos choko e umbra | 474 |
| TABELA 178. Paralelos lexicais entre os conjuntos choko e witoto-okaina | 475 |
| TABELA 179. Paralelos lexicais entre os conjuntos choko e yaruro | 476 |

| | |
|---|-----|
| TABELA 180. Paralelos lexicais entre os conjuntos cholon-hibito e kechua | 477 |
| TABELA 181. Paralelos lexicais entre os conjuntos cholon-hibito e leko | 478 |
| TABELA 182. Paralelos lexicais entre os conjuntos cholon-hibito e mapudungun | 479 |
| TABELA 183. Paralelos lexicais entre os conjuntos cholon-hibito e mochika | 480 |
| TABELA 184. Paralelos lexicais entre os conjuntos guahibo e yanomami | 482 |
| TABELA 185. Paralelos lexicais entre os conjuntos jaqi e kechua | 483 |
| TABELA 186. Paralelos lexicais entre os conjuntos jaqi e kunza | 486 |
| TABELA 187. Paralelos lexicais entre os conjuntos jaqi e leko | 487 |
| TABELA 188. Paralelos lexicais entre os conjuntos jaqi e uru-chipaya | 487 |
| TABELA 189. Paralelos lexicais entre os conjuntos jirajara e sape | 489 |
| TABELA 190. Paralelos lexicais entre os conjuntos jirajara e timote-kuika | 490 |
| TABELA 191. Paralelos lexicais entre os conjuntos jivaro e kechua | 491 |
| TABELA 192. Paralelos lexicais entre os conjuntos jivaro e kwaza | 492 |
| TABELA 193. Paralelos lexicais entre os conjuntos jivaro e taruma | 493 |
| TABELA 194. Paralelos lexicais entre os conjuntos jivaro e yanomami | 493 |
| TABELA 195. Paralelos lexicais entre os conjuntos karib e guato | 495 |
| TABELA 196. Paralelos lexicais entre os conjuntos karib e kawapana | 495 |
| TABELA 197. Paralelos lexicais entre os conjuntos karib e nambikwara | 496 |
| TABELA 198. Paralelos lexicais entre os conjuntos karib e taruma | 497 |
| TABELA 199. Paralelos lexicais entre os conjuntos karib e warao | 498 |
| TABELA 200. Paralelos lexicais entre os conjuntos kawapana e kechua | 500 |
| TABELA 201. Paralelos lexicais entre os conjuntos kechua e kunza | 501 |
| TABELA 202. Paralelos lexicais entre os conjuntos kechua e leko | 502 |
| TABELA 203. Paralelos lexicais entre os conjuntos kechua e mapudungun | 503 |
| TABELA 204. Paralelos lexicais entre os conjuntos kechua e mochika | 505 |
| TABELA 205. Paralelos lexicais entre os conjuntos kechua e uru-chipaya | 506 |
| TABELA 206. Paralelos lexicais entre os conjuntos kechua e zaparo | 507 |
| TABELA 207. Paralelos lexicais entre os conjuntos mapudungun e kunza | 509 |
| TABELA 208. Paralelos lexicais entre os conjuntos mapudungun e mochika | 509 |
| TABELA 209. Paralelos lexicais entre os conjuntos mapudungun e uru-chipaya | 512 |
| TABELA 210. Paralelos lexicais entre os conjuntos moseten-tsimane e uru-chipaya | 513 |

| | | |
|-------------|--|-----|
| TABELA 211. | Paralelos lexicais entre os conjuntos moseten-tsimane e yurakare | 514 |
| TABELA 212. | Paralelos lexicais entre os conjuntos mura-matanawi e kwaza | 515 |
| TABELA 213. | Paralelos lexicais entre os conjuntos mura-matanawi e taruma | 516 |
| TABELA 214. | Paralelos lexicais entre os conjuntos nambikwara e aikana | 517 |
| TABELA 215. | Paralelos lexicais entre os conjuntos nambikwara e iranxe | 518 |
| TABELA 216. | Paralelos lexicais entre os conjuntos nambikwara e itonama | 518 |
| TABELA 217. | Paralelos lexicais entre os conjuntos nambikwara e kanoe | 519 |
| TABELA 218. | Paralelos lexicais entre os conjuntos nambikwara e kwaza | 520 |
| TABELA 219. | Paralelos lexicais entre os conjuntos nambikwara e peba-yagua | 521 |
| TABELA 220. | Paralelos lexicais entre os conjuntos peba-yagua e kwaza | 522 |
| TABELA 221. | Paralelos lexicais entre os conjuntos peba-yagua e zaparo | 523 |
| TABELA 222. | Paralelos lexicais entre os conjuntos tinigua e andaki | 525 |
| TABELA 223. | Paralelos lexicais entre os conjuntos tukano e arutani | 527 |
| TABELA 224. | Paralelos lexicais entre os conjuntos tukano e paez | 528 |
| TABELA 225. | Paralelos lexicais entre os conjuntos tukano e sape | 529 |
| TABELA 226. | Paralelos lexicais entre os conjuntos tukano e taruma | 529 |
| TABELA 227. | Paralelos lexicais entre os conjuntos tukano e witoto-okaina | 530 |
| TABELA 228. | Paralelos lexicais entre os conjuntos uru-chipaya e kunza | 531 |
| TABELA 229. | Paralelos lexicais entre os conjuntos pijao e witoto-okaina | 532 |
| TABELA 230. | Paralelos lexicais entre os conjuntos witoto-okaina e yaruro | 533 |
| TABELA 231. | Paralelos lexicais entre os conjuntos yanomami e iranxe | 534 |
| TABELA 232. | Paralelos lexicais entre os conjuntos yanomami e taruma | 534 |
| TABELA 233. | Paralelos lexicais entre os conjuntos zaparo e omurano | 535 |
| TABELA 234. | Paralelos lexicais entre os conjuntos aikanã e kanoe | 536 |
| TABELA 235. | Paralelos lexicais entre os conjuntos aikanã e kwaza | 537 |
| TABELA 236. | Paralelos lexicais entre os conjuntos andaki e paez | 539 |
| TABELA 237. | Paralelos lexicais entre os conjuntos arutani e maku | 541 |
| TABELA 238. | Paralelos lexicais entre os conjuntos arutani e sape | 541 |
| TABELA 239. | Paralelos lexicais entre os conjuntos arutani e warao | 542 |
| TABELA 240. | Paralelos lexicais entre os conjuntos kanichana e mochika | 544 |
| TABELA 241. | Paralelos lexicais entre os conjuntos kanoe e kwaza | 546 |
| TABELA 242. | Paralelos lexicais entre os conjuntos kofan e paez | 548 |

| | |
|---|-----|
| TABELA 243. Paralelos lexicais entre os conjuntos kunza e mochika | 549 |
| TABELA 244. Paralelos lexicais entre os conjuntos kwaza e taruma | 551 |
| TABELA 245. Paralelos lexicais entre os conjuntos leko e kulle | 552 |
| TABELA 246. Paralelos lexicais entre os conjuntos leko e omurano | 552 |
| TABELA 247. Paralelos lexicais entre os conjuntos leko e tauxiro | 553 |
| TABELA 248. Paralelos lexicais entre os conjuntos leko e urarina | 553 |
| TABELA 249. Paralelos lexicais entre os conjuntos maku e sape | 554 |
| TABELA 250. Paralelos lexicais entre os conjuntos maku e warao | 555 |
| TABELA 251. Paralelos lexicais entre os conjuntos mochika e trumai | 556 |
| TABELA 252. Paralelos lexicais entre os conjuntos omurano e urarina | 557 |
| TABELA 253. Paralelos lexicais entre os conjuntos sape e warao | 559 |
| TABELA 254. Paralelos lexicais entre os conjuntos tauxiro e tekiraka | 560 |
| TABELA 255. Paralelos lexicais entre os conjuntos waorani e yaruro | 562 |
| TABELA 256. Paralelos lexicais entre os conjuntos kueva e choko | 579 |
| TABELA 257. Paralelos lexicais entre línguas do conjunto monde (tupi) | 640 |

ABREVIATURAS

LÍNGUAS:

| | | | |
|-----|----------------------|-----|-----------|
| ABP | abipon | AXG | achagua |
| ACE | ache | AXN | axaninka |
| ACR | achuar-xiwiar | AXW | axuar |
| ADA | andoa | AYM | aymara |
| ADO | andoke | AYO | ayoman |
| AGC | aguachile | BAR | bare |
| AGR | aguaruna | BGL | buglere |
| AIK | aikana | BGW | bagua |
| AKW | akawayo | BKR | bakairi |
| AMW | amawaka | BKT | bokota |
| AÑU | añun | BNA | banawa |
| APJ | apinaje | BNR | bonari |
| APL | apalai | BNW | baniwa |
| APR | apurina | BOR | bora |
| ARB | arabela | BRA | bara |
| ARI | arikem | BRE | baure |
| ARK | arara (karib) | BRI | bribri |
| ARO | araona | BRK | boruka |
| ARS | arasaeri | BRR | bororo |
| ART | arutani | BRS | barasano |
| ARU | arua | BSR | besiro |
| ASR | asurini do xingu | BTK | bintukua |
| AST | asurini do tocantins | BWN | bahuana |
| ATK | atankes | CHO | chorote |
| ATR | atorada | CKB | chakobo |
| AWP | awapit | CLN | cholon |
| AWT | aweti | CMK | chamikuro |

| | | | |
|-----|----------------------|-----|--------------------|
| CML | chimila | GYB | guayabero |
| CPL | chapalaachi (cayapa) | GYN | gayon |
| CPY | chipaya | HBT | hibito |
| CRG | chiriguano | HDI | hodi |
| DAW | daw | HIX | hixkariana |
| DMN | damana | HKB | harakmbet |
| DNI | deni | HTN | hitnu |
| DRK | doraske | HUP | hup |
| DSN | desano | IGN | ignaciano |
| ENN | enawene-nawe | IKA | ika |
| EÑP | eñepa (panare) | IKP | ikpeng |
| EPB | emberá baudó | IKT | ikito |
| EPC | embera chami | ING | ingain |
| EPK | embera katio | IÑP | iñapari |
| EPR | epera | ITN | itonama |
| EPS | embera saiija | JEO | jeoromitxi |
| EPT | emberá tado | JMM | jamamadi |
| ESE | ese ejja | JQR | jaqaru |
| GAV | gavião-monde | JRJ | jirajara |
| GBY | guambiano | JRW | jarawara |
| GCI | guachi | JUR | juruna |
| GHB | guahibo | KAK | kakwa |
| GMI | guaymi | KAP | kapon |
| GMK | guamaka | KBK | kabekar |
| GNU | guinau | KBY | kabiyari |
| GRF | garifuna | KCA | kechua ancash |
| GRN | guarani | KCC | kechua cochabamba |
| GRP | guarani paraguaio | KCE | kichua equatoriano |
| GRY | guarayo | KCH | kechua |
| GTS | guatuso | KCJ | kechua junin |

| | | | |
|-----|-------------------|-----|----------------------|
| KCK | kechua korongo | KRT | karitiana |
| KCM | kechua san martin | KTK | katukina-kanamari |
| KCO | kechua cusco | KTP | katukina (pano) |
| KCW | kechua wallaga | KTW | katawixi |
| KCY | kechua yauyos | KUB | kubeo |
| KDW | kadiweu | KUE | kueretu |
| KDX | kandoxi | KUI | kuiba |
| KGI | kogui | KUR | kuruaya |
| KKM | kokama | KVN | kavineña |
| KKR | kuikuro | KWR | kawarano |
| KLN | kulina | KWX | kawixana |
| KLP | kalapalo | KWZ | kwaza |
| KLW | kallawaya | KXB | kaxibo |
| KMN | kumanagoto | KXN | kaixana |
| KMY | kamayura | KYV | kayuvava |
| KNA | kuna | KZA | kunza |
| KNE | kanoe | LKN | lokono |
| KNK | kinikinao | LTD | latunde |
| KÑR | kañari | MAB | mabenaro |
| KPR | kaapor | MCG | machiguenga |
| KPX | kapoxo | MCK | mochika |
| KRB | korubo | MDW | mandawaka |
| KRG | koreguaje | MEK | mekens |
| KRH | karihona | MGY | mongoyo |
| KRI | kariai | MHN | mehinaku |
| KRN | krenak | MKA | maka |
| KRÑ | kariña | MKC | mukuchi |
| KRO | karo | MKH | mako (saliba-piaroa) |
| KRP | karapana | MKN | makoni |
| KRR | kariri | MKN | makuna |

| | | | |
|-----|----------------|------|---------------------------|
| MKP | piro | MXN | manxineri |
| MKR | makiritari | NDB | nadeb |
| MKU | maku (isolada) | NGB | ngobe |
| MKX | makuxi | NMA | nomatsigenka |
| MLL | malali | NNM | ninam |
| MMD | mamainde | NUK | nukak |
| MNC | muniche | OFY | ofaye |
| MNE | menien | OKN | okaina |
| MNN | muinane | ORJ | orejon |
| MNO | manao | OTK | otuke |
| MNX | monoxo | PAK | paikoneka |
| MOK | mokovi | PARA | proto-arawa |
| MON | monde | PAE | paez |
| MOT | bari | PAY | paya |
| MPD | mapudungun | PBA | peba |
| MPR | maipure | PBBK | proto-barbakoa |
| MPY | mapoyo | PBBM | proto-barbakoa-meridional |
| MRA | mura | PBRM | proto-bora-muinane |
| MRÑ | miraña | PBRR | proto-bororo |
| MRT | mariate | PBSR | proto-besiro |
| MRW | marawa | PCHB | proto-chibcha |
| MSK | masakara | PCHK | proto-choko |
| MST | moseten | PCPW | proto-chapakura-wañam |
| MTN | matanawi | PEPR | proto-emberá |
| MTS | matses | PGHB | proto-guahibo |
| MUI | muiska | PGKM | proto-guaikuru meridional |
| MUN | munduruku | PGKR | proto-guaykuru |
| MVR | movere | PIA | piaroa |
| MWY | mawayana | PIL | pilaga |
| MXJ | muxojeone | PIP | piapoko |

| | | | |
|-------|----------------------------------|-------|---------------------------|
| PIR | piratapuyu | PMO | pemon |
| PJC | proto-jê central | PMON | proto-monde |
| PJE | proto-jê | PMPD | proto-mapudungun |
| PJEO | proto-jeoromitxi | PMR | paumari |
| PJM | proto-jê meridional | PMTE | proto-mataguayo-oriental |
| PJQI | proto-jaqi | PMTG | proto-mataguayo |
| PJS | proto-jê setentrional | PMTO | proto-mataguayo-ocidental |
| PJVR | proto-jivaro | PMTS | proto-moseten-tsimane |
| PKAK | proto-kak | PNBK | proto-nambikwara |
| PKAR | proto-karib | PNDH | proto-nadahup |
| PKC | proto-kechua | PNR | panara |
| PKC1 | proto-kechua I | PNWK | proto-nawiki |
| PKC2 | proto-kechua II | POFY | proto-ofaye |
| PKC2C | proto-kechua IIC | PPAN | proto-pano |
| PKDX | proto-kandoxi | PPBSR | proto-PROTO-besiro |
| PKKN | proto-kakua-nukak | PPBY | proto-peba-yagua |
| PKKT | proto-katukina-katawixi | PPJE | proto-PROTO-jê |
| PKMK | proto-kamaka | PPKRJ | proto-PROTO-karaja |
| PKN | pukina | PPPAN | proto-PROTO-pano |
| PKOK | proto-kokonuko | PPTK | proto-pano-takana |
| PKRJ | proto-karaja | PPUR | proto-purus (arawak) |
| PKRV | proto-venezuela (karib) | PQOM | proto-qom |
| PKTL | proto-kithaulu | PRB | purubora |
| PKW | pakawara | PRH | pirahã |
| PKWP | proto-kawapana | PRK | parukoto |
| PKWZ | proto-kwaza | PRS | paresi |
| PLK | palikur | PRT | parintintin |
| PLY | playero | PRV | paravilhana |
| PMGU | proto-mamoré-guaporé (arawak) | PSAH | proto-saliba-hodi |
| PMJE | proto-macro-jê | PSE | pase |

| | | | |
|------|------------------------|-----|--------------------|
| PTAK | proto-takana | SNM | sanuma |
| PTAR | proto-taraona | SPE | sape |
| PTG | patagon (karib) | SPR | sapara |
| PTKE | proto-tukano-oriental | SPT | sapiteri |
| PTKO | proto-tukano-ocidental | SRA | siriano |
| PTPG | proto-tupi-guarani | SRI | surui-paiter |
| PTPI | proto-tupi | SRO | siriono |
| PTUK | proto-tukano | SRT | surui do tocantins |
| PTUP | proto-tupari | SRV | saraveka |
| PTX | pataxo | SRW | suruwaha |
| PUBR | proto-umbra | STM | satere-mawe |
| PUCP | proto-uru-chipaya | SYA | suya |
| PUI | puinave | TAK | takana |
| PWOK | proto-witoto-okaina | TAN | tanimuka |
| PWTT | proto-witoto | TAR | tariana |
| PXN | pauxiana | TAT | tatuyu |
| PYG | payagua | TFK | tsafiki |
| PYMI | proto-yanomami | TIR | tiriyo |
| PYN | poyanawa | TKN | tikuna |
| PZPR | proto-zaparo | TMT | timote |
| RAM | ramarama | TNB | tunebo |
| RET | retuarã | TOB | toba |
| RKP | arikapu | TOY | toyeri |
| RMA | rama | TPN | tupinamba |
| RSG | resigaro | TRB | teribe |
| RYS | reyesano | TRM | taruma |
| SBN | sabane | TRN | terena |
| SEK | sekoya | TRP | taurepan |
| SIO | siona | TRT | trinitario |
| SLB | saliba | TSM | tsimane |

| | | | |
|-----|-----------------|-----|------------|
| TTR | totoro | XET | xeta |
| TUK | tukano | XNW | xanenawa |
| TUP | tupari | XPB | xipibo |
| TUY | tuyuka | XPY | xipayaya |
| UBR | umbra | XRN | xaranawa |
| UCM | uchumataqu | XWI | xawi |
| UMU | umutina | XWR | xuar |
| URK | urekena | YAM | yaminawa |
| URR | urarina | YBA | yabaana |
| WAI | waiwai | YBR | yabarana |
| WAU | waunana | YGU | yagua |
| WCH | wichi | YHP | yuhup |
| WCP | wachipaeri | YKN | yukuna |
| WIN | witoto nipode | YKP | yukpa |
| WIP | witoto murui | YME | yameo |
| WIR | witoto minika | YMI | yanomami |
| WLL | williche | YMN | yumana |
| WMH | waimaha | YMO | yanomamo |
| WMR | waimiri-atroari | YNE | yine |
| WNM | wainuma | YNX | yanexa |
| WNN | wanano | YRI | yuri |
| WPX | wapixana | YRR | yaruro |
| WRA | waura | YRT | yuruti |
| WRI | wari | YTE | yate |
| WRK | warekena | YUP | yupua |
| WRN | wirina | YVT | yavitero |
| WRO | warao | YWL | yawalapiti |
| WYN | wayana | ZPR | zaparo |
| WYP | wayampi | | |
| WYU | wayuu | | |

NOTAÇÃO GRAMATICAL:

| | | | |
|--------|-----------------|--------|--------------------------------|
| 1 | primeira pessoa | DIST | distal |
| 2 | segunda pessoa | DUAL | dual |
| 3 | terceira pessoa | E | exclusivo |
| ABS | absolutivo | ELAT | elativo |
| ABSL | absoluto | ERG | ergativo |
| ACT | ativo | EXCL | exclamativo |
| ACU | acusativo | F | feminino |
| ADT | aditivo | FUT | futuro |
| AG | agente | GEN | genitivo |
| ALAT | alativo | GRD | gerundivo |
| ANM | animado | HPT | hipotético |
| ASSERT | assertivo | HUM | humano |
| BEN | benefactivo | I | inclusivo |
| CAUS | causativo | IMP | imperativo |
| CDC | caducidade | INAN | inanimado |
| CENTR | centrípeto | INDEF | indefinido |
| CIRC | circunscrito | INDET | indeterminado |
| CLS | classificador | INDIR | objeto indireto |
| COM | comitativo | INES | inessivo |
| CTRP | centrípeto | INSTR | instrumental |
| D | dual | INTENS | intensificador |
| DAT | dativo | INTER | interrogativo |
| DEL | delativo | INTRJ | interjeição |
| DEM | demonstrativo | LOC | locativo |
| DES | desiderativo | M | masculino |
| DIM | diminutivo | NCONT | relacional de não-continuidade |
| DIR | direcional | | |

| | | | |
|-----------|-----------------------------------|-------|-------------------|
| NEG | negativo | PROX | proximal |
| NMZ | nominalizador | QTF | quantificador |
| NMZ.ABSTR | nominalizador de termos abstratos | REL | pronome relativo |
| NMZ.INSTR | nominalizador de instrumento | REP | reportativo |
| NSUJ | não-sujeito | RPT | repetitivo |
| OBL | oblíquo | S | singular |
| P | plural | SBR | subordinador |
| PART | particípio | SUJ | sujeito |
| PAS | passado | TOP | tópico |
| POL | polidez | TRANS | transitivizador |
| POSS | possessivo | TSEQ | tópico sequencial |
| PREF.REL | prefixo relacional | VOC | vocativo |
| PRIV | privativo | VPS | voz passiva |
| PROIB | proibitivo | VRBZ | verbalizador |

OUTRAS NOTAÇÕES:

| | |
|-------|-------------------------------|
| - | segmentação morfológica |
| * | forma reconstruída |
| [...] | notação fonética |
| <...> | notação gráfica |
| C | consoante indeterminada |
| N | consoante nasal indeterminada |
| V | vogal indeterminada |

INTRODUÇÃO

As origens dos povos americanos, os processos migratórios que eles protagonizaram e as conseqüentes relações interétnicas ocorridas neste continente têm sido foco de interesse científico de pesquisadores das mais diversas áreas, como arqueólogos, linguistas, antropólogos e geneticistas. Ainda assim, muitos aspectos destes fatos pré-colombianos permanecem pouco esclarecidos pela comunidade acadêmica e constituem um dos grandes focos de debate que alimentam a curiosidade científica dos americanistas na atualidade. Especificamente sobre os povos indígenas do continente sul-americano, boa parte dos dados disponíveis até meados do século XX eram provenientes de exploradores que não tiveram treinamento para realizar levantamentos científicos criteriosos. Em vista disto e da escassez de informações sobre a diversidade cultural e linguística para inúmeras porções deste continente (dada a inacessibilidade destes territórios na época) ainda pairava uma grande incógnita sobre a real natureza desta diversidade assim como da complexidade social e cultural destas populações. Somente nas últimas décadas, em virtude do crescente número de levantamentos minuciosos efetuados por cientistas de diversas especialidades no referido continente, o conhecimento sobre a diversidade etnolinguística sul-americana avançou significativamente. Ainda assim, os grandes projetos investigativos de caráter interdisciplinar que emergiram nos últimos anos objetivando compreender as dinâmicas das relações de contato pré-históricas entre os povoadores deste continente têm apresentado resultados parcialmente conflitantes. Os seus resultados acabaram sendo cerceados em virtude da teoria e do tipo de dados utilizados e algumas delas apresentaram conclusões conflitantes. A causa principal destas divergências foi que, embora interdisciplinares, a maior parte destes estudos não levou em conta o caráter ecossistêmico das naturezas humana, social e linguística. Uma consequência natural da falta de uma perspectiva ecossistêmica é a não integração multicomponencial das informações interdisciplinares e dos seus contextos espaço-temporais – o que favorece uma tendência de viés confirmatório, i.e., de interpretar tais informações unicamente de modo a confirmar uma premissa preexistente, ignorando a possibilidade de explicações alternativas. A tentativa de reconstituir uma realidade eximindo-a de seu caráter inerentemente ecossistêmico é, assim, o grande lapso destas pesquisas.

Assim, mesmo que as pesquisas já tenham feito uso até então de uma perspectiva interdisciplinar, havia ainda a necessidade de se trazer à luz um panorama ecossistêmico da diversidade etnolinguística sul-americana através de uma plataforma investigativa que formulasse explicações de modo inerentemente contextual e componencial – a partir das quais um modelo-base diacrônico e integrado de diversificação etnolinguística pudesse ser proposto e com o qual estudos futuros pudessem dialogar. Como a proposição de um tal modelo de diversificação etnolinguística se fazia imprescindível, esta é uma das principais contribuições da presente tese.

Em vista disto, dois são os objetivos principais desta tese: o primeiro é mapear as esferas de interação que emergiram na porção tropical do continente sul-americano desde o segundo milênio a.C até o início do período colonial. Tal mapeamento foi executado dentro da perspectiva ecossistêmica fundamentalmente com base na concatenação de dados linguísticos, arqueológicos, antropológicos, (etno-)históricos e genéticos, de modo a abrir caminhos para se alcançar o segundo objetivo: a elaboração de um modelo arqueo-ecolinguístico que explique a natureza da diversidade das línguas do continente sul-americano e sua relação com as dinâmicas de tais esferas de interação pré-históricas. Para tal fim, também foram feitas as seguintes estimativas desde uma perspectiva arqueo-ecolinguística: (i) a provável região de origem dos principais grupos etnolinguísticos da área abordada, (ii) os prováveis caminhos de dispersão de seus precursores e (iii) os desdobramentos filogenéticos e etnogenéticos de suas protolínguas através da análise estratigráfica das línguas nos seus estágios evolutivos acessíveis.

Além de propor um modelo arqueo-ecolinguístico inédito para as terras tropicais sul-americanas, este estudo é justificável, também, pois busca ampliar os conhecimentos sobre (i) como e quais fatores ecossistêmicos interferem na evolução das línguas e nos seus desenvolvimentos a partir de um proto-sistema comum, (ii) como as diferentes dimensões ecossistêmicas se integram e se influenciam e interferem na evolução linguística, (iii) quais são as circunstâncias socioecológicas e ecolinguísticas que motivaram a diversificação dos grupos ameríndios da área em estudo, (iv) como estes resultados podem ser utilizados na elaboração de modelos ecossistêmicos de evolução linguística e (v) como teria sido a pré-história dos povos da América do Sul e as práticas intersociais por eles estabelecidas.

TEORIA E MÉTODO

O objeto de análise linguística foi o léxico (raízes, morfemas derivacionais e flexionais) das línguas dos povos inseridos no espaço-tempo delimitado para os fins desta tese.¹ O método comparativo foi adotado para se investigar no léxico como poderiam ter se dado as diferentes relações de contato pré-históricas entre os diferentes povos da área de estudo, desde seus ancestrais mais remotos. A avaliação arqueo-ecolinguística dos léxicos de suas línguas, numa perspectiva comparativa e diacrônica, foi, neste sentido, essencial para compreender a relevância destas relações de contato pré-históricas para o acarretamento da enorme diversificação etnolinguística observada durante o período histórico. As abordagens ecolinguísticas se fundamentaram nos trabalhos de Trudgill (1980), Weinreich (1953, 1958), Thomason & Kaufman (1988), Couto (1996, 2007, 2009a, 2009b) e Thomason (2001), dentre outros. O trabalho histórico-comparativo segue os postulados em Hock (1991), Crowley (1992), Campbell (1998, 2004), Joseph & Janda (2003), Hale (2007), Luraghi & Bubenik (2010), dentre outros.

A análise procedeu tomando como ponto de partida os trabalhos já realizados sobre o léxico, a fonologia e a gramática das (proto)línguas comparadas. Os dados utilizados durante a etapa inicial da análise linguística foram encerrados num *corpus* lexical básico, contendo 465 itens vocabulares comparáveis entre as línguas abordadas (a relação destes itens está no ANEXO II; as (proto)línguas incorporadas neste *corpus* estão elencadas no ANEXO III).

Para cada item amostral encerrado no referido *corpus* foram preenchidos os termos correspondentes em todas as (proto)línguas comparadas, exceto quando suas (proto)formas não foram documentadas ou não puderam ser reconstruídas com base nas postulações presentes na literatura. As fontes utilizadas para a compilação do *corpus* estão listadas na bibliografia, sob o título “BIBLIOGRAFIA: CLASSIFICAÇÕES LINGUÍSTICAS E DADOS LEXICAIS”. Os dados foram pré-selecionados segundo os fins da pesquisa e então uniformizados: (i) transcritos fonologicamente com base no alfabeto fonético internacional e

¹ O isolamento de raízes e morfemas no léxico das línguas analisadas seguiu os critérios de integridade e minimalidade, aqui resumidos: (i) formas que têm a mesma expressão e o mesmo conteúdo semântico em todas as suas ocorrências constituem manifestação de um mesmo morfema; (ii) formas de mesmo teor semântico mas manifestações fonológicas distintas constituem um único morfema somente se a alomorfia for condicionada pelo contexto; (iii) formas que têm a mesma expressão fonológica mas conteúdos semânticos diferentes são consideradas manifestações morfêmicas distintas.

(ii) glosados segundo as notações adotadas neste estudo. Dados não coletados por linguistas foram recorridos apenas quando eram as únicas fontes disponíveis. Especificamente com relação às protolínguas presentes, as protoformas utilizadas no *corpus* lexical comparativo foram reconstruídas e publicadas em estudos de reconstrução linguística ou foram inferidas por mim com base nas postulações constantes nestes mesmos estudos.² Os trabalhos onde se encontram tais postulações e as fontes lexicais igualmente consultadas para este fim foram incluídos em “BIBLIOGRAFIA: CLASSIFICAÇÕES LINGUÍSTICAS E DADOS LEXICAIS”.

Tendo o referido *corpus* lexical básico em mãos, foi iniciado o processo de identificação de ‘possíveis estratos léxicos’ compartilhados entre cada par de (proto)línguas nele constantes. Buscou-se, igualmente, qualificar e quantificar todos estes ‘possíveis estratos léxicos’ e aqueles qualitativamente e quantitativamente desprezíveis foram desconsiderados.³ Todos os casos relevados estão apresentados e especificados em §4. Para todo par de (proto)línguas cujo ‘estrato léxico compartilhado’ está significativamente associado a campos semânticos de âmbito claramente cultural (termos de parentesco, utensílios, plantas comestíveis, animais de caça, etc.), procedeu-se uma averiguação comparativa mais ampla do léxico associado ao âmbito cultural – para se determinar com maiores detalhes o grau de intrusão linguística decorrente do contato pré-histórico entre os ancestrais dos grupos etnolinguísticos falantes das línguas em questão.

Após a averiguação de todos os possíveis pares formados pela combinação binária das (proto)línguas presentes no *corpus*, pôde-se identificar em cada uma destas (proto)línguas todos os possíveis estratos léxicos oriundos de relações de contatos. Além disto, do confronto destas estratigrafias linguísticas pôde-se estimar espaço-temporalmente, dentro de uma perspectiva relativista e multicomponencial, os âmbitos de interação relativos a cada linhagem etnolinguística abordada. Disto emergiram diversos indícios arqueo-linguísticos multidimensionais a respeito da potencial participação dos ancestrais de certas linhagens etnolinguísticas numa mesma rede de interação.

² Dentre estas postulações, estão incluídos (i) os protofonemas e (ii) os padrões de correspondências sonoras. As protoformas inferidas por mim com base nestas postulações foram reconstruídas apenas quando existiam evidências contundentes para sua postulação, obtidas a partir da comparação do léxico das línguas pertencentes aos referidos conjuntos.

³ Todos os estratos linguísticos qualitativamente desprezíveis eram unicamente ou praticamente compostos por paralelos lexicais pouco críveis; já, os estratos linguísticos quantitativamente desprezíveis foram aqueles formados por um número de paralelos igual ou inferior a três.

Para cada ‘potencial esfera-de-interação’ foi realizada, então, uma detalhada investigação comparativa do léxico das línguas dos seus ‘potenciais participantes’ visando encontrar mais evidências linguísticas que deem suporte à sua ‘potencial existência’. Além disto, cada ‘potencial esfera-de-interação’ foi cotejada com possíveis provas interdisciplinares.

A ‘prova interdisciplinar’ foi realizada do seguinte modo: dados arqueológicos foram crucialmente utilizados para a efetivação ou descarte das hipóteses levantadas a partir das descobertas linguísticas. Para cada caso, sempre que as informações linguísticas e arqueológicas se sintonizavam, informações de outras naturezas (da genética humana, da antropologia, da etno-história) foram consultadas em busca de um respaldo multidisciplinar às evidências já levantadas pela associação de informações linguísticas e arqueológicas. Toda ‘potencial esfera-de-interação’ fundamentada por uma efetiva harmonização interdisciplinar de indícios passou a ser considerada na elaboração do modelo arqueo-ecolinguístico de diversificação linguística das terras tropicais sul-americanas.

Enfim, a partir da concatenação numa plataforma analítica de todas as ‘esferas-de-interação’ detectadas pelo procedimento acima descrito, cada qual converteu-se numa ‘esfera-de-interação relativa’ dentro de uma realidade ecossistêmica multicomponencial – a partir do que pôde-se proceder a um profundo refinamento do modelo arqueo-ecolinguístico acima mencionado. Esta tal averiguação dentro de uma realidade ecossistêmica das ‘esferas-de-interação’ foi crucial durante os processos finais de aceite ou descarte das hipóteses levantadas pelos estágios investigativos precedentes.

Para diversos grupos etnolinguísticos vários estágios de contato em diferentes esferas de interação foram detectados, e este mapeamento, fundamentado com informações arqueológicas, permitiu o rastreamento dos caminhos realizados pelo referido grupo e seus ancestrais ao longo de séculos e até milênios. Isto também ajudou a elucidar quais teriam sido os contextos etnogênicos em cada situação e, neste sentido, como as famílias linguísticas da região teriam se diversificado e quais teriam sido suas dinâmicas expansionistas e interacionais nos seus diferentes estágios evolutivos.

ORGANIZAÇÃO DA TESE

Esta tese compreende a presente introdução e três partes.

A primeira parte (FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICA) corresponde à apresentação e discussão detalhada das correntes filosóficas e teóricas adotadas e desenvolvidas nesta tese, assim como da estrutura multidisciplinar fundamental a qualquer estudo ecolinguístico, focando-se particularmente ao estudo arqueo-ecolinguístico das terras tropicais da América do Sul. Está composta de dois capítulos.

- O capítulo 1 (CONCEITOS NÃO LINGUÍSTICOS BÁSICOS PARA A ECOLINGUÍSTICA) contextualiza as teorias não-linguísticas consideradas durante todo o processo investigativo, que explicam os princípios ecossistêmicos e esferas de interação e fundamentam a teoria ecolinguística.
- O capítulo 2 (CONCEITOS LINGUÍSTICOS BÁSICOS PARA A ECOLINGUÍSTICA) apresenta métodos e teorias constitutivas da ecolinguística e da linguística histórica, nas quais se baseiam a sistematização e a análise dos dados e as conclusões alcançadas nesta obra. Conta (i) com reflexões sobre a teoria dos ecossistemas linguísticos, onde se faz distinção das suas interfaces (natural, mental e social), (ii) com uma exposição da teoria de contato pela perspectiva ecolinguística e (iii) com uma apresentação do método histórico-comparativo e da problemática ecolinguística da evolução das línguas.

A segunda parte (INVESTIGAÇÃO) corresponde propriamente ao estudo arqueo-ecolinguístico das terras baixas sul-americanas durante através da aplicação dos pressupostos teóricos e metodológicos apresentados na parte I desta obra. Está composta de três capítulos.

- O capítulo 3 (CONTEXTUALIZAÇÃO ARQUEO-ECOLINGUÍSTICA DA ÁREA DE ESTUDO) (i) busca contextualizar os ecossistemas (naturais, sociais e linguísticos) das terras tropicais sul-americanas, (ii) apresenta um excuro sobre visões arqueológicas e antropológicas do povoamento das terras tropicais da América do Sul e (iii) define e mapeia espaço-temporalmente os ecossistemas arqueológicos pré-históricos da área de estudo.
- O capítulo 4 (DADOS E ANÁLISE LINGUÍSTICOS) traz breves apresentações de algumas propostas de classificação relevantes para o estudo e detalha todos os

conjuntos de paralelos lexicais detectados entre as (proto)línguas abordadas a partir da análise do *corpus* lexical.

- O capítulo 5 (UM MODELO ARQUEO-ECOLINGUÍSTICO PARA AS TERRAS TROPICAIS DA AMÉRICA DO SUL) traz um excursão sobre a questão da correlação entre cronologias obtidas pela arqueologia, suas respectivas fases e tradições cerâmicas, os prováveis grupos etnolinguísticos que a teriam produzido e as protolínguas que estes grupos por ventura tenham falado. Apresenta, fundamentalmente a partir da concatenação das informações presentes em §3 e §4, um modelo arqueo-ecolinguístico da diversificação e das relações de contato ocorridas na área de estudo durante a pré-história. Neste modelo as seguintes informações foram incluídas: (i) um mapeamento e descrição das esferas de interação pré-históricas, (ii) as rotas de migração e dispersão de certas populações pré-históricas e (iii) considerações ecolinguísticas a respeito da evolução e do desdobramento de uma seleção de protolínguas originadas na área de estudo.

Na terceira e última parte (CONSIDERAÇÕES FINAIS) são comparados sumularmente os objetivos propostos e os resultados alcançados nesta investigação científica. Também são relatadas as vantagens de se ter utilizado uma metodologia de pesquisa arqueo-ecolinguística para a investigação do tema abordado e como isto amplificou de forma substancial a qualidade das informações objetivados – principalmente se comparado com resultados conseguidos a partir do uso de metodologias de pesquisa tradicionais. Enfim, são apontados alguns caminhos para pesquisas futuras.

PARTE I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO- EPISTEMOLÓGICA

Um requisito a toda pesquisa científica é a eleição de um *corpus* teórico capaz de prover o(s) fenômeno(s) em avaliação de definições e contextualizações físicas e metafísicas que possibilitem a verificação de suas condições de existência e realidade assim como a compreensão de seu *status*, de sua estrutura, propriedades intrínsecas e funcionalidade. Os referenciais teóricos, portanto, dão sentido à pesquisa e ao significado de seus resultados. É, portanto, fundamental que a teoria adotada esteja bem esclarecida, para que a coerência e adequação das metodologias aplicadas e das abordagens desenvolvidas possam ser avaliadas com precisão. Na PARTE I desta tese serão apresentados os fundamentos teóricos que alicerçam a investigação dos problemas apresentados na introdução desta obra e a construção de todas as arguições nela constantes. Tais fundamentos são aqueles constitutivos da ecolinguística, uma disciplina multidisciplinar *per se*, conformada como uma verdadeira “plataforma para se estudar a linguagem” (Couto 2009b:147), que vem tomando corpo e espaço na academia nas últimas décadas. Em função da ecolinguística ser uma disciplina recente, faz-se necessário explicitar em detalhes suas bases científicas e os princípios e parâmetros em que tais bases se estabelecem. A PARTE I é composta de dois capítulos.

O capítulo 1 traz uma série de conceitos não-linguísticos básicos e essenciais para a compreensão do enquadramento teórico no qual se fundamenta a ecolinguística e sua plataforma multidisciplinar. Em §1.1 serão abordados os dois principais princípios ecossistêmicos: os conceitos de ‘holismo’ e ‘sistema’, essenciais ao entendimento do que vem a ser um ‘ecossistema’. Um aspecto importante destes princípios e também fundamental para compreendermos a natureza da linguagem humana é o evolutivo, do qual se depreendem as noções de diversidade e seleção natural. Em §1.2 três correntes filosóficas intimamente relacionadas com a emergência da perspectiva multidisciplinar na ecolinguística e essenciais para a elucidação da dinâmica do *ethos* social serão tratadas: relativismo, possibilismo e particularismo históricos. Em §1.3 serão apresentados e discutidos os aspectos sociológicos e socioecológicos relevantes para a presente investigação.

O capítulo 2 aborda os conceitos propriamente ecolinguísticos, que se relacionam com a investigação das relações entre povos, línguas e seus ambientes (físicos, sociais e linguísticos)

– os quais servirão como uma base para os estudos da evolução dos ecossistemas linguísticos nas terras baixas sul-americanas, a serem discutidos na segunda parte desta tese. Em §2.1 os princípios ecossistêmicos serão abordados propriamente dentro do contexto da linguagem, onde se definirão as bases constitutivas de um ecossistema linguístico prototípico e também serão explicitadas como as suas dimensões natural, mental e social se interceptam. Em §2.2 serão apresentadas as dimensões diacrônica e sincrônica dos dois fatores mais pertinentes à evolução destes ecossistemas: o filogenético e o etnogenético. As bases da linguística histórica serão apresentadas em §2.2.1, os aspectos filogenéticos e etnogenéticos da evolução linguística serão abordados em §2.2.2, uma tipologia das relações de contato será tratada em §2.2.3 e os modelos dinâmicos de mudança linguística serão reavaliados em §2.2.4.

1. CONCEITOS NÃO LINGUÍSTICOS BÁSICOS PARA A ECOLINGUÍSTICA

Como dito anteriormente, o estudo de qualquer fenômeno requer em primeiro lugar o estabelecimento de um arcabouço teórico composto de um sistema inter-relacionado de pressupostos capazes de especificar as variáveis significativas essenciais ao estudo e suas relações dentro desta esfera, assim como de definir os problemas de investigação, o modo como serão perseguidos e como os resultados obtidos serão avaliados. Sem um tal sistema conceptual um investigador não será capaz de realizar as observações necessárias nem de selecionar aquelas significativas para seu problema específico de investigação. A seguir serão apresentados os conceitos básicos da ecologia física, da ecologia cultural e da sociologia, constituídos como pressupostos fundamentais a toda a argumentação ecolinguística. A seção §1.1 contempla os princípios puramente ecossistêmicos: em §1.1.1 os conceitos de holismo e sistema, essenciais à compreensão do que vem a ser um ecossistema, serão sumariamente esboçados; em §1.1.2 as propriedades estruturais e funcionais dos ecossistemas serão delineadas, dando destaque para sua dinâmica interacional; em §1.1.3 será tratado um fenômeno central desta dinâmica, fundamental para compreendermos tudo que estiver relacionado à natureza humana: a evolução; finalmente, em §1.1.4 será apresentada uma parábola ecológica que caracteriza a sociedade como um organismo. A seção §1.2 trata de três correntes filosóficas difundidas dentro da antropologia que se coadunam com os princípios

ecossistêmicos expostos em §1.1 e se aplicam amplamente em estudos ecolinguísticos: relativismo, possibilismo e particularismo histórico. A seção §1.3 revisita as bases sociológicas e socioecológicas essenciais para desenvolvimento de estudos sobre ecossistemas linguísticos, dentre os quais (i) as peculiaridades estruturais e dinâmicas na organização sociopolítica dos grupos humanos, (ii) os fundamentos sociológicos da ecologia cultural – dando destaque para questões relacionadas com subsistência e reprodução dos grupos locais – assim como suas implicações socioecológicas e ecolinguísticas, (iii) os efeitos das difusões dêmicas e culturais num contexto ecossistêmico e (iv) as consequências evolutivas da socialidade, com destaque para a formação de esferas de interação intersocial e para processos de aculturação, desculturação, transculturação e etnogênese.

O presente capítulo, portanto, não pretende apenas rever alguns modelos de interação intersociais nem resumir certos conceitos como difusão, evolução e sincretismo. Ele objetiva, também, (i) examinar como diferentes disciplinas têm contribuído para a compreensão dos processos de interação intersocial durante a pré-história e (ii) justificar que o uso de uma abordagem multidisciplinar sob uma perspectiva ecossistêmica é uma premissa essencial para que tais fenômenos sejam efetivamente avaliados de modo realista.

1.1. PRINCÍPIOS ECOSSISTÊMICOS E ESFERAS DE INTERAÇÃO

1.1.1 Pressupostos teóricos

1.1.1.1. Holismo

Definir um modo de representação do ‘ser’, ou da ‘informação’, é fundamental a qualquer sistema cognitivo e, conseqüentemente, ao processamento, evolução e transmissão do conhecimento. Igualmente, a escolha de como representar a identidade física e metafísica do ‘objeto de estudo’ torna-se uma premissa fundamental a qualquer pesquisa científica. Várias perspectivas filosóficas de como conceber o universo física e metafisicamente vêm permeando a história da ciência, dentre as quais se destacam o reducionismo e o holismo. Tais doutrinas,

embora estritamente desenvolvidas dentro do conhecimento da realidade ‘percebida’⁴, têm buscado retratar a realidade ‘em si’ através de representações criadas pelo conhecimento acumulado até aquele instante. O que vêm a ser tais correntes filosóficas e quais são suas implicações para a ciência?

Segundo a premissa reducionista⁵, as entidades do universo seriam fundamentalmente formadas de partículas elementares em interação: entidades de grandeza maior seriam explicadas unicamente através de entidades componenciais de grandeza menor. Através desta premissa seria possível em princípio reduzir, por exemplo, processos biológicos a processos químicos, e explicar a química, unicamente através dos princípios e constituintes fundamentais da física. Neste sentido, qualquer sistema complexo seria encarado como nada além do que a soma de suas partes e a física seria considerada a ciência básica em cujos termos todas as outras acabariam por ser entendidas (Kauffman 2008:2, 13; Procacci 2003:379-380).

Por outro lado, Smuts (1926:111) define holismo⁶ como o princípio criativo que trabalha a matéria-prima ou unidades de energia entrópicas no universo, estruturando-as e conferindo-lhes ordem, coesão, direcionamento e individualidade. Por assim dizer, cada partícula seria um

⁴ A noção de realidade está, pois, intimamente ligada às capacidades de percepção e cognição, sendo o ato cognitivo sintetizado em generalizações ou representações mentais. De acordo com Kant (*id.*), o foco estaria na cognição, i.e., na capacidade de produzir uma representação simbólica, genérica, das coisas-em-si (Borchert 2006.5:12; Janiak 2012). Kant (1781) assume a premissa de que tudo aquilo que não é perceptível não pode ser objeto de experiência e, assim, a realidade absoluta, por ser inexoravelmente mediada pela percepção, seria a priori intangível ao ser-humano (Borchert 2006.5:21). A realidade tangível, por outro lado, seria um complexo de representações imagéticas do universo (numenológico), mentalmente construídas a partir da experiência fenomenológica, ou seja, de uma realidade subjetiva, baseada na percepção (Borchert 2006.5:12). Tal raciocínio eximiria do ser-humano a possibilidade de retratar genuinamente a natureza física do universo. Isto diz respeito não mais somente às coisas-em-si, mas fundamentalmente à nossa capacidade de síntese e abstração cognitiva. Heisenberg (1927) retoma tal argumentação, afirmando que o ato da observação inevitavelmente mina a compreensão da realidade por causa das limitações de percepção inerentes às técnicas de observação e ao próprio observador. Segundo esta perspectiva, a realidade ‘em si’ (i.e., absoluta) jamais seria identificável como tal por ser intrinsecamente intermediada pela percepção. Como apenas alguns de seus aspectos seriam apreendidos a cada momento, nunca poderíamos chegar a um retrato exato e completo da realidade. E seria desta realidade ‘percebida’ que se constrói uma realidade ‘mental’, nada absoluta, que refletiria um conhecimento temporalizado do universo. Neste sentido, a realidade para um indivíduo seria o grau de conhecimento sobre universo que a sua consciência alcança.

⁵ O reducionismo emergiu nos séculos XVI e XVII através das obras de Nicolaus Copernicus (1473–1543), Galileo Galilei (1564–1642), Pierre Gassendi (1592–1655), René Descartes (1596–1650), Robert Boyle (1627–1691), Newton (1642–1727) e Dalton (1766–1844), com base no atomismo de Leucippus and Democritus (século V a.C.), segundo o qual o universo consistiria de vácuo e partículas indivisíveis de vários tipos, chamadas átomos.

⁶ As bases do pensamento holístico também emergiram na antiguidade clássica, tendo sido concisamente esboçadas por Aristóteles em sua *Metafísica* (Aristóteles 1933; 1935). Entretanto, o termo ‘holismo’ propriamente dito foi introduzido por Smuts (1926).

‘Todo’ – até mesmo os átomos, se considerarmos sua complexidade interna e auto-direção. Ao assumir que as ‘Entidades’ complexas presentes no universo seriam ‘Todos’ resultantes de um real processo evolutivo, Smuts (*id.*) defende que não poderiam, como tais, corresponder a meras construções artificiais do pensamento humano. O princípio holístico subjazeria intrinsecamente nestas totalidades, agenciando tal escalada evolutiva pela criação de ordem e complexidade.⁷ Como veremos adiante, estas propriedades são ‘emergentes’ e interacionais, criadas contextualmente, e respondem necessariamente a um processo evolutivo, não podendo ser recriadas instantaneamente.

“The parts so co-operate and co-function towards a definite inherent inner end or purpose that together they constitute and form a whole more or less of a distinctive character, with an identity and an ever-increasing measure of individuality of its own. The functioning of the parts is influenced by their place in the milieu of the other parts, and whole and parts thus reciprocally constitute and determine each other. (...) We thus arrive at the conception of a universe which is not a collection of accidents externally put together like an artificial patchwork, but which is synthetic, structural, active, vital and creative in increasing measure all through, the progressive development of which is shaped by one unique holistic activity operative from the humblest inorganic beginnings (...).” (Smuts 1926:110)

Assim, o holismo define o universo como formado de hierarquias de ‘Todos’, cujas interações afetariam suas respectivas funcionalidades. Uma dada ‘Entidade’ seria explicada não somente pelos diferentes graus de interação entre seus ‘Todos’ componenciais (sua conjuntura interna), mas também pela sua relação com o ambiente e outras entidades nele constantes (a conjuntura externa)⁸. Segundo Smuts (1926:101), “it does so not by mere mechanical addition, but by a complete transformation, assimilation and appropriation into its own peculiar system of the material so taken in.” (Smuts 1926:101)

A partir do final do século XIX e principalmente durante a primeira metade do século XX, várias descobertas vinham mudando radicalmente o modo como a ciência explica a natureza do universo, que vieram a promover o holismo como escolha epistemológica, pois,

⁷ Smuts (1926) se ancora em pensadores como Hobbes, por exemplo, que já afirmava que Totalidades, embora constituídas de partes, conformariam ‘entidades’ mais complexas do que a mera soma destas partes, pois, segundo ele, é fato que se tais partes forem desmembradas a ‘entidade’ não somente deixaria de existir como também seria inevitavelmente irrecuperável, posto que suas propriedades condicionadoras da essência holística desaparecem.

⁸ Este princípio implica, por exemplo, que as teorias biológicas não podem ser reduzidas às físico-químicas, mas devem ser elaboradas sob a perspectiva das Totalidades, i.e., baseadas tanto nas interações simétricas e hierárquicas entre Totalidades como na relação de cada Totalidade com o seu respectivo ambiente (Looijen 2000:22-23; Procacci 2003:382).

mesmo que desenvolvidos a partir de uma perspectiva reducionista, tais estudos proporcionaram as bases matemáticas que passaram a ser utilizadas como provas das limitações implicadas na própria premissa reducionista. O reducionismo seria, assim, questionável até mesmo em reinos puramente lógicos. A partir destas perspectivas teóricas surgiram, pois, novas vertentes filosóficas que mostram que o reducionismo por si só não é suficiente, seja como uma forma de fazer ciência, seja como forma de entender a realidade. O principal argumento destas teorias vem do fato que fenômenos naturais sempre evoluem de circunstâncias complexas e tendem a apresentar comportamentos caóticos, atualizados a todo instante e, neste sentido, a abordagem holística torna-se a mais apropriada para se realizar uma análise, seja ela metodológica, ontológica ou epistemológica. Mesmo dentro da perspectiva holística, porém, a noção de redução teórica⁹ claramente não é contraditória, devendo ser estritamente incorporada nesta perspectiva. Como vimos, a noção de sistemas e suas representações simbólicas são fundamentais dentro da perspectiva holística. Na seção a seguir, serão tratadas as bases da teoria sistêmica, fundamentais a qualquer pesquisa cujo objeto de estudo seja um fenômeno natural.

1.1.1.2. A teoria sistêmica

A teoria sistêmica é a disciplina científica que trata dos sistemas. Esta teoria, pois, se aplica ao estudo da estrutura e funcionalidade das entidades universais através de uma perspectiva fundamentalmente holística, independentemente da sua natureza (seja física, biológica, social, linguística ou mesmo puramente conceitual), em busca de compreender a essência e evolução das relações de interdependência que seus constituintes mantêm entre si (Mesarovic & Takahara 1975:1). A vertente ecossistêmica preocupa-se, além disto, com as relações que tais entidades e componentes mantêm com o ambiente onde existem, em compreender as condições destas interações, os fatores nelas envolvidos, os fenômenos naturais ali manifestos e seu decurso evolutivo neste universo. Para que esta perspectiva seja entendida, faz-se necessário antes o esclarecimento do seu conceito mais elementar. Afinal, o que são sistemas? Sistema é um termo de origem grega (*σύστημα* < *σύν-* 'junto' + *ἵστημι* 'sustentar-se' +

⁹ A redução teórica se daria, de acordo com Nagel (1961), da seguinte forma: “a theory TR reduces to a theory TB if and only if TR is derivable from TB with the possible help of the relevant bridge laws (here labeled ‘coordinating definitions’), often with an emphasis of the derivation of the laws of the reduced theory” (Riel 2014:155).

-μα ‘nominalizador’), que etimologicamente significa “o que mutuamente, conjuntamente, se sustenta, subsiste”. Uma das primeiras definições de sistema provém do pré-socrático Callicratídas: “sistema é tudo o que é constituído de opostos e diferentes, que se harmonizam num arranjo ótimo em busca de um propósito comum”.¹⁰

Como se percebe, desde os primórdios o conceito de ‘sistema’ já diferia de conceitos como ‘conjunto’ ou ‘agregado’. Agregado é um agrupamento desordenado de elementos com comportamentos semelhantes, porém não mantido por ligações que lhe confirmam integridade ou unidade, enquanto conjunto corresponde a uma amostra qualquer de unidades iguais ou diferentes entre si (Bunge 1979:3-4). Sistemas divergem destas acepções, pois (i) apresentam fundamentalmente uma configuração componencial, que lhe confere coesão, coordenação e integridade estrutural e (ii) suas unidades constitutivas correspondem a componentes organizados e conectados entre si. Entretanto, nem toda estrutura corresponde a um sistema. Como mesmo expôs Callicratídas, seu conceito não se resume apenas a uma teoria formal de relações mereológicas, i.e., daquelas existentes entre as partes e o todo e entre as partes dentro de um todo.

Para Bertalanffy (1955; 1968), fundador da teoria sistêmica, sistema seria toda estrutura minimamente bicomponencial que exhibe fundamentalmente (i) síntese, (ii) ordem e (iii) direcionalidade. Síntese refere-se à condição de componibilidade dos constituintes sistêmicos a partir de suas propriedades restritivas. Sistemas necessariamente resultam de processos sintéticos, pois elementos completamente desconectados e independentes nunca constituem um sistema. Ordem refere-se a condições de regularidade organizacional dos constituintes sistêmicos circunstanciadas por certos padrões restritivos resultantes dos processos sintéticos. Para existir ordem, pois, é necessário haver coordenação. Ordem perdura somente enquanto processos desintegradores não eliminarem os sintetizadores. Enfim, direcionalidade refere-se fundamentalmente à condição funcional de qualquer sistema, à dinâmica de sua engrenagem; são diretrizes oriundas dos padrões organizacionais e restritivos do sistema, determinantes do seu poder de agência (Bunge 1979:6; Skyttner 2006b:59). Segundo Ackoff (1981), um ‘elemento’ é um ‘componente’ e um ‘conjunto’ é um ‘sistema’ sempre que as seguintes condições são satisfeitas: (i) o comportamento de cada ‘elemento’ afeta o comportamento do

¹⁰ “Σύστημα δὲ πᾶν ἔκ τινων ἐναντίων καὶ ἀνομοίων σύγκειται, καὶ ποτὶ ἓν τι τὸ ἄριστον συντέτακται, καὶ ἐπὶ τὸ κοινὸν συμφέρον ἐπαμφέρεται.” (Callicratídas 1965)

‘conjunto’; (ii) o comportamento dos ‘elementos’ é circunstanciado pelo ‘conjunto’; (iii) o efeito de um ‘subconjunto’ qualquer (α) num dado ‘conjunto’ (A) é de magnitude maior do que o realizado pelos ‘elementos’ de α em A. Neste sentido, um sistema é capaz de realizar ações de grandeza maior do que a soma da capacidade de todos seus componentes e de natureza distinta da manifesta por eles. Um fator fundamental nas definições de Bertalanffy e Ackoff é claramente o de que sistemas são estruturas componenciais interacionais: todos seus componentes são funcionalmente interdependentes e estão interconectados formando redes processuais e vias de fluxo energético. Um sistema, portanto, não pode ser dividido em partes independentes, já que suas propriedades essenciais são justamente aquelas provenientes da interação de suas partes. Quando um sistema é desmontado, ele perde suas propriedades essenciais (Ackoff 1981:64-5).

Uma consequência de todo sistema natural é apresentar propriedades ecossistêmicas. Todo sistema natural contém limites e está confinado num ambiente. Em muitos sistemas naturais este ‘limite’ é semipermeável, como uma espécie de superfície seletiva que codifica tudo que entra e sai do sistema (Skyttner 2006b:64-65). Esta porosidade os caracteriza como abertos, i.e., capazes de apresentar diferentes mecanismos de *input* e *output* ou troca de ‘informação’ com o seu entorno.¹¹ Além disto, o ambiente externo de um componente é sempre o ambiente interno de um sistema, e assim por diante. Isto implica que um sistema não é apenas feito de componentes e limites externos, mas de componentes inexoravelmente ‘imersos’ num ambiente sistêmico interno. O ambiente interno serve como um ambiente ‘tamponado’, atenuador das intempéries provenientes do ambiente externo. Entretanto, tal condição de permeabilidade faz com que sistemas naturais fiquem vulneráveis e reativos tanto a flutuações geradas pelo influxo/efluxo de energia como a qualquer intempérie ambiental, os propulsores a desenvolver estratégias adaptativas que garantam sua homeostase. Embora certas propriedades sistêmicas, como resistência e resiliência, permitam que um sistema continue operando sob perturbações e se recupere de deformações sem que sua funcionalidade e estrutura internas sejam avariadas (Putman & Wratten 1984), o *feedback* e as estruturas dissipativas são as duas estratégias fundamentais de autorregulação dos sistemas estacionários¹² e se constituem como

¹¹ Tal propriedade sistêmica, já mencionada acima, permite a dissipação do crescente gradiente entrópico criado entre o sistema e seu ambiente, evitando que níveis insustentáveis de entropia interna o vulnerabilize.

¹² Sistemas estacionários são sistemas dinâmicos que mantêm estabilidade estrutural e funcional mesmo longe do equilíbrio termodinâmico.

duas ‘tendências orgânicas’ dos sistemas naturais. *Feedback* é um mecanismo que se utiliza de operações de retroalimentação para controlar de modo eficaz desvios e perturbações ambientais e garantir a condição estacionária do sistema (Skyttner 1996:20), enquanto que estruturas dissipativas escoam o excesso de estresse entrópico internamente gerado nestes sistemas para que eles permaneçam com a maior estabilidade interna possível (Prigogine & Allen 1982).

Tal resposta sinérgica é também claramente motivada pelas direcionalidades do sistema e de seus componentes (Laszlo & Krippner 1998:47), promovendo não só a manutenção, como a otimização de sua operacionalidade. De fato, todas estas condições conjuntamente favorecem nos sistemas naturais o desenvolvimento da propriedade de emergência, i.e., de um mecanismo que garanta um melhor aproveitamento dos *inputs* existentes (como energia de sustentação) e uma resposta mais eficiente contra situações de estresse, seja ele ‘orgânico’ (interno) ou ‘climático’ (externo). Esta propriedade, obviamente, é hierarquicamente determinada: diferentes instâncias de emergência vão respaldando a emergência de outros níveis de complexidade (Bowler 1981:192; 219-222). Estruturas emergentes são essencialmente dependentes do sistema (um exemplo concreto vem da biologia: coração, rins e pulmões são vitais ao organismo, mas não podem funcionar fora dele). Todos os níveis sistêmicos apresentam características emergentes próprias, i.e., que seguem uma ordem crescente de complexidade. Tal êxito naturalmente representa uma evolução adaptativa, fundamentalmente derivada de situações ‘vivenciadas’ numa sucessão cronológica. A evolução é, assim, determinística, constituindo-se como uma trajetória ‘histórica’ de comportamento caótico não-linear (Cushing 2003:6). Sistemas como estes, que apresentam diferentes padrões ao longo do tempo, denominam-se sistemas dinâmicos (Bolotin *et alii* 2009:2).¹³

Uma consequência inerente da evolução é a complexificação de sistemas naturais. Sistemas complexos consistem de subsistemas, i.e., sistemas de menor magnitude que se tornaram interdependentes quando determinadas condições ambientais inespecíficas são reunidas.¹⁴ Por exemplo, no campo da biologia as organelas são componentes celulares dependentes, embora cada qual se constitua como um subsistema a parte. Assim, como já mencionado, o ambiente externo de um subsistema qualquer corresponde ao ambiente interno

¹³ Qualquer sistema dinâmico obviamente deve ser capaz de preservar as suas propriedades sistêmicas essenciais em meio às mudanças para continuar existindo.

¹⁴ Todo subsistema é, assim, um conjunto de componentes, que se configura não só como um sistema propriamente, mas também como um componente de um suprassistema.

do sistema que o comporta (Bunge 1979:9). Isso significa que sistemas complexos inerentemente apresentam uma conformação hierárquica.

“In a hierarchic structure, subsets of a whole are ranked regressively as smaller or less complex units until the lowest level is reached. (...) The ranking of these is relative rather than absolute. (...) At a given level of the hierarchy, a given system may be seen as having both *endogenous* and *exogenous* properties, existing within the system and determined outside of the system respectively. Again, as above, the *status* of a component in a system is not absolute: it may be regarded as a subsystem, a system or an element of the environment. In order to carry out their functions in a suprasystem, subsystems must retain their identities and maintain a certain degree of autonomy. However, like a chain, a hierarchy is never stronger than its weakest point, the top. If the top disappears, nothing will work.” (Skyttner 2006b:66-67)

Outras três propriedades importantes dos sistemas complexos são: (i) diferenciação – o sistema apresenta unidades especializadas em determinadas funções –, (ii) equifinalidade ou convergência – possibilidade de atingir os mesmos objetivos a partir de diferentes condições iniciais – e (iii) multifinalidade ou divergência – possibilidade de atingir diferentes objetivos a partir de um determinado estado inicial (Skyttner 2006b:54).

Vimos que a sinergia componencial favorece o desenvolvimento de sistemas naturais. Mas em que se sustenta tal propriedade, capaz de fazer elementos interagirem e de se tornarem sistemas? Com relação a isto, há uma questão pragmática importante: sistemas naturais estão necessariamente ancorados em dimensões espaço-temporais e são dependentes dos princípios constitutivos, dinâmicos e transformacionais da energia/matéria, que inerentemente apresenta um caráter ‘informacional’. Sem energia/matéria não há informação. Sistemas naturais são, portanto, informacionais e os interfluxos de energia/matéria que seus constituintes intercambiam representam essencialmente ‘estímulos informacionais’. Assim, é importante salientar que o aspecto sinérgico fundamental de um sistema natural não é a energia/matéria *per se*, mas os inerentes interfluxos de energia/matéria ou ‘estímulos informacionais’ que seus constituintes intercambiam. Assim, o que um sistema natural requer não é qualquer quantidade absoluta de energia, mas a existência de um gradiente energético, informacional. Por exemplo, todo sistema biótico é dependente de um gradiente energético gerado por um excedente presente no ambiente; assim o próprio excedente de recursos suscita a replicação e proliferação daquele sistema biótico neste mesmo ambiente. Quando sistemas naturais se replicam, cria-se no ambiente uma comunidade sistêmica, que passa a exercer pressão nos sistemas individuais de forma que apenas aqueles mais eficientes e resistentes se perpetuam. Isto se dá pois existe uma

tendência à otimização da gestão dos recursos presentes no ambiente, que o predispõe a ser povoado com sistemas nele otimizados, ou ‘adaptados’. Isto implica que o ambiente externo (i.e., o ambiente interno de um suprassistema) desempenha uma força seletiva nos sistemas que comporta e exclui de si aqueles cujas condições de existência não sejam por ele supridas. A explicação da evolução dos sistemas naturais precisa, pois, levar em conta os fatores que causam estabilidade ou instabilidade no ambiente e, para tanto, a compreensão dos princípios ecossistêmicos, ali subjacentes, se faz essencial. Como veremos a seguir, tudo que está relacionado com seres vivos e conseqüentemente ao homem responde a tais princípios.

1.1.2 Ecossistemas

Dentre os aspectos mais fundamentais dos sistemas está o fato de sistemas naturais estarem inevitavelmente imersos num ambiente, de cujas condições sua existência e evolução dependem. Esta é a premissa *sine qua non* da perspectiva ecológica: organismos não existem a parte de um ambiente. Ecologia, nas palavras de seu fundador, Ernst Haeckel, é “a ciência das relações do organismo com o mundo externo envolvente, em que podemos englobar, em um sentido geral, todas as condições de existência” (Haeckel 1866:286 *apud* do Couto 2007:25). Haeckel assume que no ambiente ocorrem relações de natureza orgânica, isto é, entre os organismos que ali existem, e relações de natureza inorgânica, ou seja, aquelas unicamente determinadas pelo ambiente, de forma que todo organismo biótico dependa necessariamente de um ambiente abiótico. Dois outros aspectos importantes da ecologia justamente dizem respeito respectivamente às naturezas orgânica e inorgânica das condições de existência.

O primeiro deles se concentra propriamente na definição disciplinar dos termos ‘indivíduo’, ‘população’, ‘comunidade’ e ‘biota’. Um indivíduo ontologicamente representa qualquer ‘totalidade’ cuja existência está vinculada a uma condição de indivisibilidade. Conseqüentemente, os componentes de um indivíduo são totalidades emersas em circunstâncias de intrínseca dependência a um meio particular, estando de tal forma a ele subordinados que ficam impossibilitados de existirem à parte. Para a ecologia, todo indivíduo é um **organismo**. população corresponde ao conjunto de organismos intraespecíficos que existem num dado ‘espaço-tempo’ (i.e., num dado período ocupam uma área geográfica particular). Por sua vez, **comunidade** corresponde ao conjunto de populações de ao menos duas espécies distintas que

coexistem num ecossistema.¹⁵ **Biota**, enfim, corresponde ao conjunto de todos os indivíduos que existem num dado espaço-tempo.

O segundo aspecto importante da ecologia se refere à heterogeneidade interna dos meio-ambientes em consequência de uma evolução caótica que determina neles o surgimento de uma diversidade de **espaços topográficos**, cada qual dotado de características inorgânicas próprias. Cada um destes espaços topográficos habitáveis corresponde a um **ecótopo** do meio-ambiente e cada ecótopo habitado por ao menos uma população corresponde a um **ecossistema**¹⁶. A complementaridade entre fatores ‘bióticos’ e ‘abióticos’ representa a essência deste último conceito, que acabou sendo adotado como a unidade fundamental na ecologia (Odum 1953).

Como ecossistemas naturais não existem isoladamente, estando necessariamente interligados a outros e embutidos num domínio ecológico de maior grandeza, o princípio ecossistêmico é intrinsecamente holístico (Jørgensen 2009:35). Tais ‘porções especializadas’ são claramente subsistemas abertos e geralmente apresentam fronteiras difusas, sendo comum que fatores ‘bióticos’ e ‘abióticos’ parcialmente coincidam entre ecossistemas circunvizinhos, produzindo por vezes grandes ecótonos entre ecossistemas mais claramente definidos. Assim, neste contínuo heterogêneo de inúmeros ecossistemas entrelaçados que é a **biosfera**, ocorrem fluxos importantes de materiais e organismos (Pomeroy *et alii* 1988:2), o que implica que organismos não necessariamente pertencem a um ecossistema particular, estando neles apenas ‘hospedados’. Neste sentido, a ecologia se fundamenta no estudo da natureza das relações tanto entre populações e seu ambiente ‘hospedeiro’ como entre populações num ambiente ‘hospedeiro’.

‘Habitat’ e ‘nicho’ também se constituem como conceitos fundamentais para a ecologia. Habitat corresponde à extensão territorial habitável por uma determinada população, enquanto

¹⁵ A definição de Comunidade na ecologia foi tema de debate. Enquanto alguns estudiosos, dentre os quais Clements (1905; 1916) e Phillips (1934-1935 apud Tansley 1935:299), tenham assumido que Comunidades corresponderiam a ‘organismos complexos’, Tansley (1935:297) presumira que Comunidades seriam melhor discriminadas como uma classe de agregado, i.e., um conjunto relativamente coeso de indivíduos. Entretanto, Comunidades não se conformam propriamente nem como Organismos, por prescindirem de uma relação obrigatória de dependência dos seus ‘constituintes’ a um determinada Totalidade (‘membros’ de uma comunidade podem migrar para outras Comunidades), Comunidades também não representam meros agregados, pois são inerentemente sinérgicas e apresentam organização e direcionalidade próprias. Como se observa, nenhuma destas acepções é a atualmente utilizada dentro da ecologia.

¹⁶ O termo ‘ecossistema’ fora originalmente cunhado por Clapham a pedido de Tansley para designar uma ‘unidade ecológica’, i.e., um ambiente dotado de um ‘complexo de fatores’ inorgânicos efetivos que contém um ‘complexo de organismos’ (Tansley 1935:299).

que nicho é a posição trófica disponível para uma dada população num dado ecossistema, i.e., o espaço onde ela pode se manifestar, se desenvolver, se realizar.¹⁷ Todo ecossistema obrigatoriamente contém nichos, pois são uma consequência lógica da dinâmica ecossistêmica (Putman & Wratten 1984:105). Por apresentar especificidade, cada nicho contém requisitos próprios para sua ocupação, de forma que apenas certas populações estão habilitadas para tal. Por outro lado, como uma dada população pode ocupar diferentes ecossistemas, os nichos de certa população podem variar de um ecossistema para outro. Como veremos adiante, a acessibilidade aos nichos é a motivação principal da competição intrapopulacional. Os nichos são para os seres humanos “a specific set of capabilities for extracting resources, for surviving hazards, and for competing, coupled with a corresponding set of needs” (Colinvaux 1982:394 *apud* Schutkowski 2006:22). Como veremos adiante, a interação intersocial se manifesta muitas vezes em função da competição por determinados nichos, de modo que diferentes sociedades interagem como se fossem ‘organismos’ competindo por nichos num ecossistema social.

1.1.3 Axiomatologia da evolução ecossistêmica: diversidade e seleção natural

Como vimos anteriormente, nos mais distintos âmbitos sistêmicos ocorrem flutuações e ruídos geralmente estocásticos, de natureza diversa, capazes de gerar inúmeros tipos de estresse. Tais perturbações são consideradas um fator de promoção da diferenciação, abrindo caminhos, por exemplo, para o fenômeno de seleção natural em sistemas estacionários evolutivos como a biosfera (Pomeroy *et alii* 1988:3). Esta diferenciação é tal que organismos numa biosfera tendem a apresentar não só necessidades particulares de recursos como também tecnologias singulares para obtê-los e processá-los (Remmert 1991:14), acarretando neles certa autonomia e peculiaridade na forma como respondem ao ambiente. Por outro lado, também ocorre especificamente nos âmbitos internos dos sistemas estacionários tipos singulares de estresse, de natureza caótica porém determinística. Tais perturbações, por exemplo, foram fundamentalmente consolidadoras da diferenciação interna da biosfera em diferentes espaços topográficos, catalisando a seleção natural dos organismos já diferenciados (Bunge 1979:32).

¹⁷ O que vai determinar a amplitude do *habitat* de certa população é a existência dos recursos a ela essenciais.

Por exemplo, a temperatura fria e a falta de água respectivamente na tundra e em desertos restringem quais estratégias biológicas podem ser ali empregadas e conseqüentemente quais organismos estão aptos para sobreviver naqueles ambientes (Golley 1993:202).

Com um *input* energético praticamente invariável, a biosfera é impelida a maximizar sua exergia (potencial de realizar trabalho útil) unicamente através da melhoria de sua eficiência, como previsto pelo princípio da máxima potência (cf. Odum 1995). Estes mecanismos ocorrem como estratégias inerentes de *feedback*, necessárias à gestão dos recursos presentes e ao controle de flutuações e processos internos, proporcionando melhores direcionamentos e condições de sustentabilidade sistêmica.

Organismos também são dependentes de energia proveniente de uma fonte externa para sobreviver. Para os organismos, entretanto, as circunstâncias são outras, pois sua exergia é ínfima se comparada com a energia disponível na biosfera. É fato que em condições ótimas a dinâmica dos organismos se intensifica e, enquanto houver *superavit* de energia disponível no ambiente que habitam, não existirão restrições ao avanço do seu crescimento vegetativo, fazendo com que organismos se multipliquem sem sofrer pressões seletivas. Em vista disto, há neles uma predisposição em ampliar sua exergia e em desenvolver mecanismos de acumulação de reservas energéticas. Entretanto, por mais extensos que possam parecer, os recursos existentes na biosfera são limitados e restringem o número de organismos capazes de ocupar um certo ecótopo (Whitehead 1948:114). Isto propicia disputas energéticas entre indivíduos ou grupos de indivíduos e faz com que a aceleração no ritmo de crescimento populacional não seja continuamente suportada nos domínios ecológicos em que se encontram, donde se origina o conceito de **superpopulação**, que corresponde ao de populações insustentáveis ecologicamente. Em função do esgotamento ambiental e não havendo mais como expandir seu *habitat*, superpopulações naturalmente colapsam. Tal silogismo, conhecido como axioma de Malthus (1798)¹⁸, é um princípio constante na biosfera, que provoca nos ecossistemas saudáveis

¹⁸ Todo 'ciclo malthusiano' se inicia teoricamente com um ecossistema contendo uma 'comunidade clímax' composta pelas Populações melhor adaptadas às condições médias ali existentes. Daí se inicia uma fase de crescimento, quando a diversidade emergente em cada uma destas populações produz parcelas com características e tecnologias diferenciais, possibilitando-as de ocupar com maior eficiência certos 'nichos' deste 'ecossistema' ou mesmo de se expandir para certos 'ecótopos' não antes ocupados por seus ancestrais. Esta fase ótima tende a se deteriorar num período de decadência em vista da formação de superpopulações e de um conseqüente esgotamento ambiental (Remmert 1991:2), que naturalmente acarreta um desequilíbrio das relações tróficas. Segue-se o período de colapso, com uma conseqüente reconfiguração ecossistêmica. Esta fase finalmente culmina com um reequilíbrio trófico e o conseqüente estabelecimento de uma 'comunidade clímax' reestruturada, composta pelas populações melhor adaptadas às novas condições ecossistêmicas, dando-se início a um novo ciclo malthusiano. A cada

um regime de alternância entre fases de crescimento e colapso, fazendo deste mecanismo um engatilhador da **seleção natural** e, conseqüentemente, um requisito à **especiação**. Nos períodos de crescimento ocorre diversificação (em função de *superávit* exergético), enquanto que nos períodos de colapso ocorre seleção (em função das diferenças de eficiência dos organismos ali presentes¹⁹).

A seleção natural emerge assim como uma estratégia de autorregulação da biosfera e seus domínios ecológicos, processada fundamentalmente em função da interação dos organismos ou grupos de organismos e de suas **aptidões**²⁰ relativas e só raramente através de forças externas (Green *et alii* 2008:3195). Neste sentido, a dinâmica autorreguladora num certo domínio ecológico depende tanto das diferenças de aptidão entre os organismos ou grupos de organismos que ali se encontram como dos tipos de interações que eles mantêm. Tais interações são particularmente relevantes quando causam em ao menos um dos organismos envolvidos uma alteração de sua aptidão natural, sendo cooperativas aquelas que realçam a aptidão do conjunto, mas competitivas caso a aptidão de uma das contrapartes seja prejudicada²¹. Obviamente, quanto maior for a densidade populacional (i.e., a relação número de organismos/domínio ecológico) maior será a intensidade das interações ali correntes. A evolução – com seus mecanismos de diversificação, seleção natural e especiação – segue, portanto, os princípios determinísticos de autorregulação comuns a todo sistema estacionário. Não é, assim, em nenhum aspecto, um fenômeno arbitrário, sendo uma constante axiomática nos ecossistemas. Assim, todo organismo ou ecossistema natural só pode ser entendido como resultante de um desenvolvimento gradual baseado em soluções anteriormente alcançadas (Jørgensen 2008:1699), pertencendo necessariamente a alguma linhagem evolutiva para que esteja estabelecido num universo continuamente dinâmico.

um destes ciclos, caso não haja interferências de fenômenos catastróficos, os ecossistemas tendem a se tornar mais complexos, em padrões que se assemelham a mosaicos (Remmert 1991:10). A partir desta perspectiva, fica claro que não existem populações, ‘*habitats*’ e ‘ecossistemas’ constantes e uniformes.

¹⁹ Esta eficiência lhes permite inclusive remodelar seu próprio ambiente e promover seu padrão de subsistência, representando assim um fator de estabilidade (Whitehead 1948[1925]:114).

²⁰ Aptidão se refere ao potencial natural de sobrevivência e reprodução de um Organismo num dado Domínio Ecológico. Se concebe nos ecossistemas como um diferencial originalmente individual, que favorece minimamente o seu portador, subsistindo como um complexo de propriedades inerentemente orgânicas ou tecnológicas, respectivamente transmitidos via herança e aprendizado.

²¹ Melotti (1985, 1986a, 1986b) aponta que competição intergrupar seria ecologicamente complementar à cooperação intragrupal.

1.1.4 Uma parábola socioecológica – sociedades humanas como organismos conspecíficos

Como mencionado anteriormente, muitas implicações sociológicas podem ser levantadas dentro da perspectiva ecológica, ao se fazer a analogia de sociedades humanas como organismos conspecíficos (da mesma espécie). As infundáveis perturbações ecossistêmicas seriam consideradas como um fator de promoção da gênese de diferentes sociedades e tal diferenciação favoreceria a emergência de *ethe* singulares – associados a modos peculiares de garantir a homeostase e perpetuação social. Além disto, as sociedades são dependentes de subsistência para sobreviver e se tornam limitadas caso elas não desenvolvam técnicas para aumentar seu potencial de subsistência. Assim, se por um lado o *ethos* de toda sociedade estaria invariavelmente associado a certos nichos, por outro lado os próprios nichos restringiriam quais estratégias de subsistência podem ser neles empregadas e conseqüentemente quais *ethe* estão contextualmente aptos para se perpetuarem naquele ecossistema social. É fato, entretanto, que em condições ótimas a dinâmica das sociedades se intensifica e, enquanto houver *superavit* de energia disponível no ambiente em que habitam, não existirão restrições ao avanço do seu crescimento vegetativo, fazendo com que sociedades consigam crescer e se multiplicar sem sofrer pressões seletivas.

Como muitas sociedades fazem parte de um mesmo ecossistema social, a **evolução dos ecossistemas sociais** é processada fundamentalmente em função da interação das sociedades e de suas **aptidões**, através de relações de cooperação e/ou de competitividade; seria desta interação que se efetivaria a reprodução e seleção dos *ethe* contextualmente mais eficientes e melhor adaptados aos nichos possíveis ou existentes. Neste sentido, a dinâmica autorreguladora num ecossistema social depende tanto das diferenças de aptidão dos *ethe* que ali se encontram como dos tipos de interações que suas sociedades mantêm entre si.

Se as ‘sociedades humanas’ são ‘organismos’ da mesma espécie, elas naturalmente se ‘reproduzem’ por ‘partenogênese’ ou ‘reprodução sexual’, deixando descendentes férteis; a ‘partenogênese’ implica na colonização com *chunks* sociais idênticos aos de suas matrizes; a ‘reprodução sexual’ implica na amalgamação de ‘gametas’, de modo que da confluência dos *ethe* de seus n ‘pais’ são geradas sociedades ‘mestiças’, i.e., frutos de um sincretismo etnogênico. O canibalismo conspecífico de certas sociedades pode fazer que umas sejam

totalmente assimiladas por outras, constituindo o processo sociofágico como fortalecimento das sociedades canibais.

Assim, a evolução das sociedades – com seus mecanismos de diversificação, seleção social e etnogênese – segue certos princípios determinísticos comuns a todo ecossistema, não sendo em nenhum aspecto um fenômeno puramente arbitrário. Isto é uma constante axiomática nos ecossistemas sociais, de modo que toda sociedade só pode ser entendida como resultante de um desenvolvimento gradual baseado em soluções anteriormente alcançadas, pertencendo necessariamente a alguma linhagem etnogênica para que esteja estabelecida num universo socialmente dinâmico. Uma apreciação detalhada destas questões será apresentada adiante, na seção §1.3.

1.2. Relativismo, possibilismo e particularismo histórico

1.2.1. Relativismo

O relativismo é uma filosofia que assume como premissa que entidades ou fenômenos só podem ser explicados dentro de certos enquadramentos referenciais. Assim, no que tange ao relativismo antropológico, seu uso pragmático implica numa epistemologia fundamentada na observação de aspectos antropológicos em seus contextos locais, i.e., onde o objeto de estudo se manifesta, sem se prender a concepções universalistas nem reducionistas. Por exemplo, o relativismo cultural é usado quando se afirma que certas entidades ou fenômenos são explicáveis unicamente se considerados dentro de um enquadramento cultural de referência, i.e., se tomada a cultura como parâmetro exegético. Já no relativismo linguístico, o objeto de estudo estaria implicitamente determinado por um ambiente linguístico.

Humboldt (1836) foi um dos primeiros filósofos a trabalhar com a perspectiva relativista ao alegar a existência de relações de determinação inerentes entre língua, mente e cultura. Central no pensamento humboldtiano está a premissa de que haveria um poder mental responsável simultaneamente pela linguagem e pela cultura, sendo que na própria natureza deste poder se encontraria a explicação da origem das diversidades linguística e cultural. Humboldt estaria com isto assumindo que língua e cultura seriam propriedades dinâmicas e criativas concebidas no âmbito mental (como manifestações produzidas por estados mentais).

Paradoxalmente, a língua seria concebida por Humboldt como uma ferramenta indispensável para o desenvolvimento das faculdades mentais em seres humanos, de modo que língua e mente seriam indissociáveis e evoluiriam conjuntamente (Humboldt 1836:50). Por outro lado, de acordo com Humboldt, a percepção individual seria a responsável pela plasticidade da atividade intelectual ou cognitiva.

“Uma vez que toda percepção objetiva é inevitavelmente marcada pela subjetividade, podemos considerar cada indivíduo, independentemente da língua, como [portador de] uma perspectiva única de visão de mundo. Na realidade, [a individualidade] se torna ainda mais [particular] através da língua, pois, (...) com uma presunta adição de significado a palavra assume novamente o papel de objeto para a psique com uma nova peculiaridade. Para estas [palavras], como para um som da fala, uma analogia pervasiva prevalece necessariamente na mesma língua; e uma vez que semelhante subjetividade afeta a língua de uma nação, reside em cada língua uma visão de mundo peculiar.” (Humboldt 1836:58)²²

Assim, seguindo a lógica humboldtiana, a língua seria contextualmente o componente veicular do desenvolvimento e calibração da cognição num indivíduo, de modo que seria fundamentalmente através da língua que humanos veiculam e adquirem uma ‘visão de mundo’, com o que se cria a ideia seminal do relativismo linguístico, posteriormente desenvolvido por Sapir e Whorf. Tal pressuposição estava de tal forma implícita a ponto de Humboldt (1836:58) afirmar que “como não há conceito possível sem ela [a língua], também não pode haver nenhum objeto para a mente, uma vez que, obviamente, é somente através do conceito que ela retém a essência de tudo o que é externo”^{23, 24}

Ao ser relativa a expressão da realidade (na qual se incluem os ambientes físicos e socioculturais do indivíduo) através da língua, o relativismo linguístico humboldtiano se enquadra plenamente nos pressupostos do relativismo cognitivo kantiano, pelos quais o

²² „Da aller objectiven Wahrnehmung unvermeidlich Subjectivität beigemischt ist, so kann man, schon unabhängig von der Sprache, jede menschliche Individualität als einen eignen Standpunkt der Weltansicht betrachten. Sie wird aber noch viel mehr dazu durch die Sprache, da das Wort sich der Seele gegenüber auch wieder, [...] mit einem Zusatz von Selbstbedeutung zum Object macht, und eine neue Eigenthümlichkeit hinzubringt. In dieser, als der eines Sprachlauts, herrscht nothwendig in derselben Sprache eine durchgehende Analogie; und da auch auf die Sprache in derselben Nation eine gleichartige Subjectivität einwirkt, so liegt in jeder Sprache eine eigenthümliche Weltansicht.“ (Humboldt 1836:58)

²³ „Wie, ohne diese, kein Begriff möglich ist, so kann es für die Seele auch kein Gegenstand sein, da ja selbst jeder äussere nur vermittelt des Begriffes für sie vollendete Wesenheit erhält.“ (Humboldt 1836:58)

²⁴ Obviamente, Humboldt confunde neste trecho linguagem com cognição. Entretanto, é evidente que língua, cognição e percepção se redefinem mutuamente, muito embora a primeira se consolide evolutivamente como um sistema emerso das últimas (cf. §1.2.2, §2.1.3).

conhecimento da realidade pelo homem (ou qualquer ser vivo) seria dependente do estabelecimento prévio de uma percepção categórica, da abrangência desta percepção e do grau de detalhamento desta categorização (cf. §1.1). Isto implica que língua e cultura não seriam produtos inerentes da mente (i.e., atreladas a um determinismo cognitivo), mas contextualmente gerados pela percepção do ambiente, principalmente pelo fato de língua e cultura se constituírem como sistemas padronizados de cognição contextualmente aprendidos. Humboldt argumenta, por exemplo, que a semântica lexical, peculiar a cada língua, pode promover ou impedir o reconhecimento das relações entre certos conceitos. Assim, os sentidos atribuídos aos fatos não seriam simplesmente dados pela realidade, mas culturalmente condicionados/interpretados através da língua, donde emerge a noção de relativismo cultural: cultura afetaria as maneiras pelas quais os indivíduos conceituam o seu mundo ao modelarem os processos cognitivos dos indivíduos.

Levando em conta os pressupostos acima expostos, e como veremos em maiores detalhes a seguir, a língua seria o modo mais eficiente de se transmitir uma cultura entre gerações num dado meio ambiente social e decerto, em função do caráter categórico de ambas, uma acabaria por modelar a outra, entretanto, sem existir entre elas uma relação absoluta de determinação.

1.2.2. O ético e o êmico como aspectos reguladores do relativismo e a evolução do *ethos* social

É fato que quanto mais eficiente for o sistema de comunicação, menos arbitrária será sua codificação semiótica. Entretanto, uma questão pertinente aos sistemas de representação categórica, como são as línguas e culturas, já mencionada em §1.1, os afeta significativamente: a sua inerente capacidade generalizante. Assim, tendo em vista que as línguas e culturas naturalmente tenham evoluído a partir de um sistema destes, é inevitável que o ser humano exista numa sociedade fundamentada a partir de convenções. Neste sentido, a sociedade influencia o pensamento dos seus membros pois propriamente ‘calibra’ a sua percepção de mundo no decorrer da ‘culturalização’.

“The commonness of the functions of cultural stimulus objects, moreover, is not an accidental result of two or more persons reacting in the same idiosyncratic way to them.

Rather cultural stimulus objects have common functions because people had endowed them with special properties. Unlike universal actions, which occur as an unavoidable outcome of interactions involving certain natural properties of stimuli and the biological constituencies of organisms, cultural responses are acquired through a culturalization process operating under specific group circumstances (Kantor, 1982).” (Hayes & Fredericks 1999:84)

Em outras palavras, a percepção dos indivíduos torna-se comprometida, inclinada para o âmbito da ‘realidade coletiva’.²⁵

“Collective reality is composed of core cultural ideas together with ecological, economic, and sociopolitical factors, which are associated with a set of cultural meanings, practices, norms, and social institutions. Together, these constitute the matrix in which are embedded the intentions, rules, practices, and activities through which people live their lives. These in turn frame and inform human psyches, which thereby generate action and interaction. (...) At the same time, cultural psychology seeks to understand how the actions of each person interpret, reproduce, and transform cultural realities (...)” (Fiske *et alii* 1998:917)

Um problema central da psicologia cultural, que diz respeito diretamente à ecolinguística, trata justamente de como tais ‘realidades coletivas’ são apreendidas através do sistema cognitivo, estando aí associada a questão da língua como meio fundamental à transmissão do conhecimento nelas implícito, enfim, de como o aprendizado molda a *psique* humana. Assim, mesmo que seres humanos nasçam com a capacidade de funcionar em qualquer cultura, à medida que amadurecem, tal processo de ‘persuasão psicossocial’ lhes inculca *psiques* programadas para funcionar **eficientemente** sob uma cultura específica (Fiske *et alii id.*:916). É claro, porém, que isto não necessariamente os obriga a funcionarem assim, de forma mecânica, mas certamente os direciona para tal fim. Tal processo de ‘culturalização’ se dá pragmaticamente através da língua, que transmite esta ‘matriz cultural’. Tais modos peculiares, adquiridos, de cognição estariam inclusive linguisticamente codificados, como Whorf alega.

“We cut nature up, organize it into concepts, and ascribe significances as we do, largely because we are parties to an agreement to organize it in this way – an agreement that holds throughout our speech community and is codified in the patterns of our language. The agreement is, of course, an implicit and unstated one, but its terms are absolutely obligatory; we cannot talk at all except by subscribing to the organization and classification of data which the agreement decrees.” (Whorf 1940[2012]:272)

²⁵ De acordo com Fiske *et alii* (1998), as contribuições individuais para a cultura costumam prevalecer no âmbito das realidades locais e imediatas, sendo relativamente mais raras no que tange às realidades propriamente coletivas, embora seja claramente possível que das primeiras surjam efeitos que se façam soar nas últimas.

A hipótese de Whorf definiria língua e cultura como sistemas de convenções codificadas em determinados padrões acordados de forma implícita, os quais se mantêm através do uso nas comunidades. A categorização se dá de tal forma que não é possível praticar uma cultura nem se comunicar por meio de uma língua sem subscrever a tais convenções sintéticas. Tendo isto em mente, o papel das línguas em facilitar a transmissão de informações culturais numa sociedade através das gerações formaria um *loop* coevolucionário entre língua e cultura, estimulando ambas a se tornarem mais elaboradas (*apud* Sterelny 2008:216). É fato, pois, que convenções abundam nas sociedades, estando manifestadas na linguagem e subordinadas a determinadas culturas. Neste sentido, como aponta Clark (1996:344), é preciso distinguir entre convenções que regem o uso linguístico (convenções linguísticas) daquelas que regem as concepções categoriais numa sociedade (convenções conceituais). “The distinction is important because conceptual conventions can determine language use without being conventions of language per se.” (Clark *op.cit.*).

Pesquisas recentes vem confirmando que, embora as idiosincrasias da expressividade linguística sejam consequência do caráter ético de categorização universal inerentemente presente na linguagem, o condicionamento humano ao uso da linguagem não implica no condicionamento êmico dos seus usuários (Lenneberg 1956; Levinson 1994; Lucy 1997; Haviland 1998; Everett 2005; Kou & Sera 2007); pelo contrário, mesmo que estes se valham das categorizações éticas convencionadas em seu grupo para se comunicar, são eles mesmos os agentes transformadores da cultura e da linguagem justamente através da plasticidade inerente do seu potencial êmico de categorização do universo. Portanto, o caráter êmico é, na realidade, aquele que detém o poder convencionador, i.e., o responsável pela transformação intencional da cultura e da linguagem em cada comunidade.

Com relação à plasticidade destas convenções, pressuposta pelo relativismo linguístico, Brighton *et alii* (2005) sugerem, neste sentido, que a língua se adaptaria constantemente à psicologia humana. Devido às limitações já expostas sobre transmissão cultural e informacional, os autores alegam que as línguas contextualmente tendem a se reestruturar fundamentalmente durante o processo de aquisição, refletindo os vieses presentes em aprendizes e locutores. Uma vez que o uso cotidiano da língua presume um compartilhamento de práticas interpretativas e não apenas de determinações apriorísticas diageracionalmente transmitidas, núcleos de reciclagem do arcabouço linguístico acabam por se configurar no interior das próprias comunidades de fala. Estas, por outro lado, como veremos adiante, estão

concebidas empiricamente como núcleos aonde certas redes de interação confluem, de modo que, influenciadas pelo contato implícito com tais redes, as novas gerações vão adquirindo línguas atualizadas pelas realidades por elas mediadas.

“In order for linguistic forms to persist from one generation to the next, they must repeatedly survive the processes of expression and induction. That is, the output of one generation must be successfully learned by the next if these linguistic forms are to survive. We say that those forms that repeatedly survive cultural transmission are adaptive in the context of cultural transmission: they will be selected for due to the combined pressures of cultural transmission and learning.” (Brighton *et alii* 2005:303)

Como consequência, as línguas estariam sob seleção cultural para aprendizibilidade, já que cada nova geração (N + 1) deve ‘reconstruir’ a língua a partir de um *input* pragmático. Esta ideia incorpora os pressupostos do ‘princípio fundador’ de Mufwene (2001; 2008), e seria tal aspecto da transmissão outra das grandes fontes de mudança linguística, através dos processos já bem estudados dentro da linguística genética, como reanálise e analogia. Tal causalidade natural, que predica uma condição de mutabilidade das convenções e categorias linguísticas, vem sendo observada inclusive na aquisição de habilidades comunicativas em diversos animais, como é o caso do canto em muitas espécies de aves.

“[T]he changes that occur as song is passed on are due to errors in copying (the bird does not produce an exact copy of the song that he heard) rather than being innovations on the part of the singer or some new form of adaptive behavior. Inevitably, small errors will creep into the copied song over time, but nevertheless copying is surprisingly accurate. In addition to this source of change in the song over time, variations also result because each bird may copy elements of songs from more than one individual. The amount of change in the song from generation to generation varies with each species of bird. In some cases, what appear to be simple copying errors may occur because the songs heard are distorted by other noises in the bird's environment.” (Rogers & Kaplan 2000:139)

Esta reflexão igualmente se dá com relação à cultura, de modo que os relativismos cultural e linguístico devem ser incorporados no arcabouço epistemológico de qualquer pesquisa cujo objeto de estudo esteja antropologicamente relacionado. Como veremos adiante, o possibilismo boasiano é o modelo teórico que melhor se enquadra nestes pressupostos.

1.2.3. O possibilismo e o particularismo histórico como janelas para um relativismo multidisciplinar

O possibilismo é uma perspectiva não-essencialista da geografia que emergiu em reação ao uso estrito do determinismo ecológico²⁶. Segundo esta perspectiva, a natureza não influencia diretamente uma sociedade, apenas fornece uma estrutura e oferece diferentes possibilidades de desenvolvimento humano (Schutkowski 2006:6). Por outro lado, o particularismo histórico é uma vertente filosófica parte do pressuposto que cada sociedade representa o receptáculo de um passado histórico peculiar. Neste sentido, Buettner-Janusch aponta como fundamento central do particularismo que “generalizations are never valid in the field of man and culture because there is always some particular fact that doesn’t fit the theory” (1957:323).

Tendo o possibilismo e o particularismo como parâmetros, Boas (1911a, 1911b) observou que, embora o ambiente no qual uma população se encontre forneça a matéria-prima para a manutenção do seu *ethos*, a estrutura e funcionalidade atuais deste *ethos* não seriam imediatas, mas resultantes do histórico das relações daquela população com distintos ecossistemas físicos e socioculturais. Assim, Boas parece priorizar um relativismo sócio-histórico, diacrônico, a perspectivas relativistas puramente sincrônicas ao argumentar que língua e cultura seriam manifestações de uma psique social aprioristicamente remodelável, tendo em vista os contextos da sua própria história evolutiva.

Assim, mesmo que ainda influenciado pelo relativismo cultural (Boas 1911a:67), ele fundamentalmente assume um viés particularista ao argumentar que sociedades não seriam herméticas, reagindo ao ecossistema social como se suas características fossem indissociáveis. Contrariamente, as idiosincrasias de um *ethos* seriam decorrentes de um histórico de processos socioecológicos imprevisíveis e evolutivamente alinhados, onde as diferentes propriedades herdadas pelos indivíduos numa sociedade (dentre as quais: genética, língua, cultura material e cultura imaterial) poderiam evoluir independentemente umas das outras (com ou sem *loops*

²⁶ O determinismo ecológico foi desenvolvido por Karl Ritter com base no Darwinismo como uma das teorias fundacionais da Geografia. Segundo esta perspectiva, condições ambientais semelhantes levariam a formas semelhantes a evolução social, de forma que aquelas seriam definidoras destas (Schutkowski 2006:6). É importante ressaltar que evolucionismo, difusionismo e determinismo ecológico, se utilizados como conceitos e não como modelos/doutrinas, não são, em tese, mutuamente excludentes num ecossistema real, mas complementares. Esta noção de complementaridade é justamente aquela que se observa no possibilismo.

coevolutivos). Além disto, a difusão de componentes genéticos, linguísticos e culturais decorrentes do contato intersocial estaria fortemente implicada nestes processos,²⁷ e assimilação e etnogênese seriam consequências comuns (cf.: §1.3.3.1).

A premissa fundamental do possibilismo boasiano é, pois, contundente ao inferir que cultura e língua, embora possam estar contextualmente associadas numa mesma sociedade, não estão inerentemente atreladas uma à outra ou a um meio ambiente específico (seja ele natural, mental ou social), mas se constituem como frutos de sucessões históricas independentes (Boas *id.*). Sapir (1912), um adepto do possibilismo boasiano, resume bem tal posição:

“To some extent culture and language may (...) be conceived of as in a constant state of interaction and definite association for a considerable lapse of time. This state of correlation, however, can not continue indefinitely. With gradual change of group psychology and physical environment more or less profound changes must be effected in the form and content of both language and culture.” (Sapir *id.*:241)

É importante salientar que a diversidade *sui generis* de realidades socioculturais e sociolinguísticas interagindo entre si, formando uma infinidade de meios ambientes sociais e linguísticos, resultantes de históricos de peculiaridades, não podem ser diagramados de forma simplista em meros esquemas arbóreos. Levando em conta os pressupostos acima expostos, as premissas particularista e possibilista negam que modelos essencialistas sejam suficientes para investigar dinâmicas interacionais em ecossistemas sociais e linguísticos, pois o essencialismo destes modelos é evidentemente a propriedade que os tornam falíveis. Em vista disto, críticas a perspectivas essencialistas têm se tornado comuns e o eixo das pesquisas em ecologia cultural e linguística justamente passaram a se alinhar cada vez mais com perspectivas não-essencialistas, coadunando em muitos aspectos com o possibilismo boasiano.

²⁷ A perspectiva difusionista foi esboçada inicialmente por Friedrich Ratzel, criador da Escola Germânica de Geografia Cultural, e fundamentada pelo seu discípulo, o etnólogo Leo Frobenius (1898), que cunhou o conceito de **círculo cultural** (*Kulturkreis*). Este conceito, desenvolvido posteriormente pelo antropólogo Fritz Graebner (1903, 1911), assume que a emergente complexidade das sociedades estaria intrinsecamente vinculada à difusão (ou interfluxo) de inovações, as quais seriam caracterizadas como eventos unilineares (i.e., de origem única) ou pouco recidivos (dado um pressuposto caráter não-inventivo do ser-humano). Segundo esta perspectiva, a difusão dos traços culturais ocorreria por processos de expansão e contato social. O difusionismo contrasta com a perspectiva evolucionista, que assume, em sua acepção original, que sistemas (sob uma dimensão temporal) são intrinsecamente constringidos a uma complexidade emergente. Nas palavras do seu fundador, Herbert Spencer (1862:216), “evolution is a change from an indefinite, incoherent homogeneity, to a definite, coherent heterogeneity, through continuous differentiations and integrations”. Em suas versões biológica e social, o princípio constringedor seria a competitividade, e as oscilações geradas nas relações ecológicas de controle e estabilidade promoveriam a especiação do sistema (i.e., respectivamente: seleção adaptativa de organismos e reestruturação interna de sociedades).

1.3. AS BASES SOCIOLOGICAS PARA OS ESTUDOS DE ECOSSISTEMAS LINGUÍSTICOS

Seguindo a lógica não-essencialista, para que se possa avaliar de modo criterioso os desdobramentos que se dão em qualquer ecologia de cunho antropológico, é fundamental que também sejam apresentadas as bases sociológicas essenciais ao desenvolvimento de estudos ecolinguísticos, pois a observação das idiosincrasias concernentes a cada tipo de sociedade é um pré-requisito para a compreensão de como evoluem suas dinâmicas ecolinguísticas. Nesta seção serão apresentados os aspectos sociológicos e socioecológicos relevantes para a presente investigação. Em §1.3.1 será delineada uma tipologia que explicita certas peculiaridades estruturais e dinâmicas na organização sociopolítica dos grupos humanos assim como suas tendências evolutivas; em §1.3.2 serão apresentados os fundamentos sociológicos da ecologia cultural, dando destaque a diferenças importantes dos dois aspectos centrais da infraestrutura cultural de sociedades nômades e sedentárias: subsistência e reprodução; as implicações socioecológicas e ecolinguísticas das peculiaridades destes dois aspectos serão avaliadas, com foco especial nas sociedades ameríndias da América do Sul; em §1.3.3 as consequências evolutivas da socialidade serão abordadas, com destaque para a formação de esferas de interação intersocial e para processos de aculturação, desculturação, transculturação e etnogênese.

1.3.1. Tipologias sociais

O *ethos*, onde se incluem língua e cultura, é o principal fenômeno inerentemente dinâmico e mutável, emerso de qualquer sistema social. A causalidade desta dinâmica, embora vinculada às intrínsecas propriedades variacionista e adaptogênica das sociedades, seria evolutivamente mediada por eventos históricos e conseqüentemente determinada pelas possibilidades contextualmente disponíveis, oriundas de circunstâncias tanto internas como externas a estes sistemas, onde se inserem inúmeras situações socioecológicas de contato. Por exemplo, especificidades de certas instituições constitutivas da sociedade, como matrimônio,

comércio e *warfare*²⁸, podem determinar a forma como são estabelecidos padrões de relações intersociais. O QUADRO abaixo indica a porcentagem de casamentos exogâmicos em sociedades de Banda.²⁹

QUADRO 1. Porcentagens de casamentos exogâmicos em algumas sociedades de Banda

| Sociedades de Banda | Exogamia Extralinguística | Fonte |
|-----------------------------|--|--------------------|
| kugu nganhcara | “às vezes”, mas geralmente entre próprios “patriletos” | Johnson 1990:423 |
| seri | “Algum número de casamentos” | Owen 1965:683 |
| aborígenes da Terra do Fogo | “frequente”, mas “preferida... endogamia dialetal” | Owen 1965:681 |
| aborígenes australianos | 15% em média, entre 7% – 21%, com base em 760 casamentos na Austrália | Tindale 1953:186 |
| paiute (Fish Lake Valley) | 16% (5/32 dos casamentos em 1870), mas “proximidade foi um fator importante” | Steward 1938:67 |
| xoxoni (Eastern California) | 19% (4/21 dos casamentos em uma aldeia) | Steward 1938:91-93 |
| xoxoni (Belted Mountain) | 50% (4/8 dos casamentos) | Steward 1938:99 |
| Sudeste de Arnhem Land | “até 50%” para 4 “clãs” [bandas], 200 pessoas | Heath 1981:359 |

(Croft 2003:18)

Neste sentido, a incorporação de novos contingentes populacionais em decorrência destas políticas pode induzir mudanças econômicas, políticas, socioculturais e linguísticas nestas sociedades. Em virtude de tais circunstâncias, as sociedades podem ser classificadas segundo a perspectiva do contato nos âmbitos das relações de poder e do potencial apropriativo. De acordo com Weber (1922) o poder é decorrente da conquista ou concessão de autoridade para exercer controle sobre certos recursos e instituições sociais. É, neste sentido, uma concepção de caráter relativo fundamentada no princípio da desigualdade, seja pela perspectiva psicossocial de prestígio (desprezo/apreço) ou política e econômica de *status*. O potencial apropriativo, por outro lado, é um conceito de caráter endógeno que define as sociedades dotadas de poder como conservadoras³⁰ ou liberais; as primeiras se caracterizam pela promoção à retenção das suas instituições tradicionais e as últimas pela sua versatilidade adaptativa. Assim, da perspectiva do contato, interfaces de poder e potencial apropriativo definem os seguintes arquétipos de sociedade.

²⁸ Segundo Sherif (1966), hostilidades acontecem em função da competição por recursos escassos ou por objetivos almejados por ambos grupos, mas alcançados por apenas um deles.

²⁹ Sociedades de Banda costumam consistir de um pequeno grupo de parentesco, não maior que uma família estendida ou clã.

³⁰ Segundo os pressupostos ecossistêmicos, não existiriam sociedades herméticas.

QUADRO 2. Arquétipos de sociedade em virtude do poder relativo e do potencial apropriativo

| Traços distintivos | Arquétipos de sociedade |
|---------------------|------------------------------|
| [-poder] | <i>out-group</i> |
| [+poder] [-liberal] | <i>in-group</i> conservadora |
| [+poder] [+liberal] | <i>in-group</i> liberal |

Comparativamente, as sociedades *out-group* são mais vulneráveis enquanto que as *in-group* são mais resilientes, o que faz com que as últimas tendam a ser hegemônicas. Além disto, as sociedades *in-group* liberais são menos resistentes que as conservadoras, apresentando neste sentido um maior potencial evolutivo. Parte-se do pressuposto que falantes de sociedades vulneráveis tendem a ser minimamente bilíngues, enquanto que aqueles de sociedades hegemônicas tendem ao monolinguismo. Isto não exclui a possibilidade de existirem sociedades vulneráveis monolíngues e sociedades hegemônicas multilíngues.

Há também outros aspectos tipológicos peculiares das sociedades em interação que podem influenciar substancialmente o modo como se encaminham as relações entre estes grupos humanos, que se dão fundamentalmente de acordo com sua grandeza (pequena ou larga escala), estrutura (igualitária ou estratificada³¹) e dinâmica. A grandeza é uma função de natureza puramente demográfica, relacionada ao tamanho populacional e à densidade. Com relação à dinâmica, sociedades podem ser classificadas de acordo com padrões de mobilidade (nômade, seminômade ou sedentária) e subsistência (extratora³² e/ou pastoral e/ou agrícola). Considerando apenas a perspectiva sociopolítica, as sociedades podem ser classificadas em quatro níveis de organização que representariam teoricamente, na sequência, os quatro estágios evolutivos de uma sociedade (Service 1962) : (i) Banda; (ii) Tribo; (iii) Chefatura e (iv) Estado.

QUADRO 3. Arquétipos de sociedade em virtude da organização sociopolítica

| Arquétipos de sociedade | exemplos |
|-------------------------|--|
| i. Banda | ayoreo, !kung, hadza, inuit, harakmbet |
| ii. Tribo | guarani, yanomamo, shipibo, ashaninka (forrageira/horticultora) evenki, tuareg (pastoral) |
| iii. Chefatura | kuna, maori, natchez, paez, taino, mapuche |
| iv. Estado | maya, kechua, russa, tai |

³¹ Sociedades tornam-se estratificadas em função da emergência de parametrizações impositivas ou prescritivas de cunho econômico, político ou sociocultural, que se configuram como ‘bens’ herdados ou adquiridos pelos seus indivíduos (Grusky 2001).

³² O mesmo que sociedades caçadoras-coletoras.

Banda é uma sociedade (semi)nômade exogâmica igualitária fundamentada no grupo familiar, que vive quase que exclusivamente de forrageamento, de forma que o tamanho da Banda é limitado pelo ecossistema. Tribo é geralmente uma sociedade exogâmica igualitária de algumas dezenas a milhares de pessoas organizadas por um sistema clânico ou de parentesco em vilas ou grupos locais, que vivem do forrageamento, pastoreio e/ou horticultura não intensiva. Um modo de subsistência exclusivamente pastoral induz à formação de uma sociedade nômade, enquanto um modo de subsistência fundamentado na horticultura induz à formação de uma sociedade sedentária. Chefatura é geralmente uma sociedade de classes endogâmicas, que pode englobar vários milhares de pessoas organizadas por ranqueamento social e divisão de trabalho, distribuídas em múltiplas vilas ou grupos locais, que subsistem com base no forrageamento, pastoreio e/ou agricultura não intensiva. Nestas sociedades a elite é geralmente hereditária. Estado é uma sociedade de natureza sedentária, altamente institucionalizada e burocratizada, complexamente estratificada, formada minimamente por dezenas de milhares de pessoas distribuídas em múltiplas vilas e zonas urbanas que subsistem com base no pastoreio e agricultura intensivas. Um aspecto importante relativo a esta classificação sociopolítica diz respeito ao fato que o grau de seis de seus fatores classificatórios (tamanho populacional; densidade populacional; estratificação social; divisão de trabalho; poder; e centralização política) aumentam relativamente no sentido $i > iv$ (cf.: QUADRO 3). Como se verá nas subseções a seguir, qualquer adaptação social está fortemente atrelada às estruturas sociopolíticas e econômicas das populações em interação, havendo nestes processos implicações ecolinguísticas importantes.

1.3.2. Ecologia cultural

Como vimos em §1.1.2, qualquer ecossistema naturalmente evolui, sendo sua evolução determinada por certos aspectos limitantes; além disto, por apresentar porosidade, todo ecossistema pode concomitantemente adquirir uma série de propriedades por difusão. Todo grupo humano está inerentemente imerso nesta situação.

“Wherever human populations are part of ecosystems, they are subjected to the same cycles, regularities and processes of ecological sequences as are other organisms. They show characteristic spatial distribution patterns in their *habitats*, which are linked to resource density. They participate in material and energy flows and are part of food

webs. In other words: just like any biotic component of an ecosystem humans are tied into structural and functional relations with living organisms and the inanimate environment. (p. 8 in Moran 2000).” (Schutkowski 2006:21-22)

Tal perspectiva ecossistêmica foi utilizada por White (1943) e Steward (1949; 1955) e tornou-se a teoria fundacional da ecologia cultural norte-americana.

“Julian Steward (1902–1972) developed the idea that causal connections would exist between natural environmental conditions, subsistence and the social structures of a population or society (Steward 1955). It was further postulated that those social and political structures which developed in societies under comparable environmental conditions and comparable subsistence patterns ought to show similar causal connections among themselves. This notion of a Cultural Ecology thus searched for regularities and common grounds in human behaviour, social structure and belief systems which would develop as responses to certain environmental situations. (...) Conditions and modes of food acquisition constituted the most immediate link between environment and behaviour.” (Schutkowski *id.*:7)

A ecologia cultural aparece, pois, como uma disciplina fortemente ancorada nos modelos evolucionistas e difusionistas do século XIX e fundamentada na ideia de que a evolução humana estaria condicionada a um determinismo ecológico (Roosevelt 1980) e ao desenvolvimento de tecnologias de subsistência e comportamentos a elas relacionados (Moran 2000:48). Buscava, com isto, explicar como emergem diferentes sociedades em diferentes ambientes (sejam físicos ou sociais) através de processos adaptativos peculiares e capacitadores de sua manutenção e reprodução. Neste sentido, adaptação cultural seria equivalente à evolução cultural, i.e., corresponderia à habilidade de otimizar as possibilidades de uso do(s) *habitat(s)* ou território de uma dada população em meio a relações de cooperação e/ou competição com outras populações com as quais mantém contato. Além disto, segundo esta perspectiva, os potenciais de subsistência subjacentes a cada ecossistema seriam propriedades limitantes e reguladoras do desenvolvimento humano (Roosevelt *op.cit.*).

O materialismo cultural de Harris (1974, 1979), desenvolvido a partir das premissas da ecologia cultural, postula três níveis de organização ético-comportamentais (observáveis) – infraestrutura, estrutura e superestrutura – a partir dos quais a cultura se manifestaria/efetivaria numa dada população.³³ Nitidamente, a infraestrutura, estrutura e superestrutura culturais de um grupo estão tanto relacionadas respectivamente aos componentes tecnológico, social e

³³ Segundo Harris (1979:54), a superestrutura também comportaria um componente êmico-mental (narrável), relacionado à autoavaliação do grupo sobre seus valores, crenças, filosofias e objetivos (i.e., sobre seus consciente e inconsciente coletivos).

ideológico de White (1943) como aos fatores econômicos, políticos e psicossociais de van der Dennen (1984a/b).

"Modes of production and reproductive conditions belong to the level of the infrastructure, the structure level contains aspects of the domestic and political economy, while religious, aesthetic or philosophical aspects are part of the superstructure. The infrastructural level is of particular significance, since it is here where production and reproduction are causally linked and believed to jointly affect the demographic, technological, economic and ecological links between culture and nature." (Schutkowski, *ibid.*:12)

Nesta perspectiva, a identidade de um grupo humano, i.e., o que o caracteriza como único, corresponderia a tudo aquilo que seus indivíduos herdaram pelos meios ético (imitação de padrões e costumes) e êmico (aprendizado de leis, crenças, filosofias, técnicas, etc.), i.e., sua moral, sua política e sua cultura. A infraestrutura seria o componente nuclear de qualquer população, sendo, portanto, determinante para a evolução cultural (Harris 1974) – uma explicação que atrela a evolução cultural a fatores de natureza puramente ecológica, visto que “(h)umans require culture to fulfil their niche role” (Schutkowski *id.* 22). A antropologia ecológica, desenvolvida a partir desta perspectiva, observa que o poder adaptativo das sociedades estaria, pois, também atrelado à porosidade de suas culturas e ao ecossistema cultural em que cada uma delas se insere, sendo seu êxito reprodutivo associado a seus mecanismos intrínsecos que lhes confere seu *status* de aptidão e homeostase no ecossistema cultural em que se manifesta.

“Ecological anthropology focuses upon the complex relations between people and their environments. Human populations, socially organized and oriented by means of particular cultures, have ongoing contact with and impact upon the land, climate, plant and animal species, and other humans in their environments, and these in turn have reciprocal impacts.” (Salzman & Attwood 2010:207)

Assim, nestes processos adaptativos, a cultura selecionada será sempre aquela que tem a melhor aptidão e homeostase em um determinado ecossistema físico-cultural, como também se observa em estudos evolucionistas sobre comportamento animal.

“[B]ehavior is “adaptive” when it tracks environmental variability in ways that enhance an individual’s inclusive fitness, defined most generally as its propensity to survive and reproduce (Williams, 1966).” (Bird & O’Connell 2006:143-144)

Adiante veremos quais são as implicações ecolinguísticas da infraestrutura cultural nas sociedades naturais. Antes porém, faz-se necessária a apresentação de tipologias que explicitem

as diferenças fundamentais na organização sociopolítica dos grupos humanos, pois certas diferenças nesta estrutura dizem respeito diretamente à sua infraestrutura cultural. Assim, a observação das idiosincrasias concernentes a cada tipo de sociedade é um pré-requisito para a compreensão de como evoluem suas dinâmicas culturais e ecolinguísticas.

1.3.2.1. A infraestrutura cultural e suas implicações ecolinguísticas

Como vimos anteriormente, os fatores limitantes intrinsecamente subjacentes a qualquer grupo humano estão diretamente relacionados às condições/meios de subsistência e reprodução deste, i.e., dizem necessariamente respeito à sua infraestrutura cultural. Além disto, esta tal condição essencial de sobrevivência de qualquer elemento biótico num ecossistema, que faz com que todo grupo humano esteja suscetível a distúrbios homeostáticos, representa um fator desencadeador da seleção de certas tradições sociais em demérito de outras. Em outras palavras, fatores limitantes ao desenvolvimento humano podem gerar contextualmente padrões comportamentais como parte de um processo evolutivo.

Competitividade e cooperação, padrões complementares de relações ecológicas, estão fundamentalmente associadas ao acesso de recursos limitados (cf.: §1.1.3), configurando-se, portanto, como mecanismos intrínsecos da infraestrutura cultural de Harris (1974, 1977). A implementação destas práticas está nitidamente relacionada à aptidão do grupo no seu ambiente físico-cultural, i.e., ao seu potencial de controle reprodutivo e perpetuador num dado território. O contexto funcional de comportamentos cooperativos ou competitivos surge, entretanto, unicamente com base nos processos adaptativos neles implicados (van der Dennen & Falger 1990). Se, por um lado, necessariamente existe cooperação intragrupal para que o grupo se perpetue como tal, por outro lado, especificamente às relações intergrupais, a implementação de um ou outro padrão está fortemente associada ao tipo de estrutura social dos grupos envolvidos, podendo, no caso de competição, adquirir um caráter belígero (Melotti 1990:242).

A belicosidade, uma característica que permeia as relações intergrupais, se constitui como um componente cultural intrínseco de muitos povos sul-americanos (cf. p.ex.: Descola 2001; Walker & Bailey 2013), sendo motivada principalmente pela competição por território e/ou parceiros sexuais e pela eliminação de ameaças (Corning 1975; Harris 1977; van Hooff

1990; Melotti 1990:243). Pode inclusive gerar ecologicamente uma forte pressão seletiva, pois há povos que recorrem a táticas de extermínio para garantir a homeostase de sua infraestrutura cultural. Por um lado, a predileção natural pela ocupação de regiões mais propícias ao desenvolvimento humano e conseqüentemente ao sedentarismo faz com que tais áreas se tornem objetos de disputa intertribal e, neste contexto, a belicosidade é essencialmente motivada pela conquista de territórios estratégicos (Melotti 1990:243). Por outro lado, em regiões desfavoráveis ao desenvolvimento humano e habitadas por povos forrageiros e caçadores, a recorrente belicosidade se dá como um mecanismo social tanto de controle demográfico como assegurador do acesso a esposas (Kelekna 1994:226).

Assim, embora a instauração de uma condição de conflito possa estar emicamente associada a fatores econômicos, políticos e/ou psicossociais (cf. van der Dennen 1984), estes relacionados respectivamente à infraestrutura, estrutura e superestrutura de um grupo (Harris 1974, 1979:13), sua motivação ética primordial permanece direta ou indiretamente relacionada à manutenção da infraestrutura cultural, tendo em vista justamente o controle territorial, de recursos e a eliminação de ameaças. Neste sentido, mesmo que a violência intertribal tenha sido culturalmente institucionalizada como relações de meta-afinidade (Viveiros de Castro 1993; Descola 2001:112) – seja na esfera psicossocial, como por exemplo nas formas de canibalismo ritual observadas entre os wari, os yanomami e os tupinambá (Staden 1928; Albert 1985; Vilaça 1993) – seja na esfera política, como no caso da prática de *headhunting* visando a aquisição de status pelos munduruku (Murphy 1957, 1960; Durham 1976; van Hooff 1990:52), ela não perde suas motivações originais (econômicas ou infraestruturais) (van Hooff *id.*; van der Dennen 1995). Nesta seção se mostrará que **subsistência e reprodução**, os dois aspectos essenciais da **infraestrutura cultural**, estão implicitamente relacionados à dinâmica linguística de boa parte dos povos em geral e que tanto a competitividade como a cooperação intertribal, essencialmente motivadas por fatores limitantes ao desenvolvimento humano, pode produzir transformações imprevisíveis nas línguas destes grupos.

1.3.2.1.1. Efeitos dos padrões de subsistência nas ecologias culturais de povos nômades e sedentários

É fato que diferentes ecossistemas oferecem diferentes potenciais de subsistência e que o potencial de subsistência subjacente a cada ecossistema torna-se naturalmente uma propriedade limitante, reguladora do desenvolvimento animal, e conseqüentemente humano. Em vista disto, padrões ecológicos de tamanho, distribuição e organização dos grupos humanos estão fortemente vinculados ao seu ambiente territorial e à forma de subsistência por eles praticada (Schutkowski *id.*:37). Dentre os fatores limitantes ao crescimento de populações humanas se destacam, por exemplo, água e proteínas.

De fato, várias regiões habitadas exclusivamente por povos tribais coletores-caçadores apresentam baixos níveis demográficos justamente porque nelas estes recursos rapidamente se esgotam, havendo a necessidade de rotatividade territorial. Por outro lado, outras regiões são mais propícias ao desenvolvimento humano justamente porque oferecem maiores proporções ou variedades desses recursos – das quais destacam-se, por exemplo, regiões ribeirinhas e estuarinas, ideais ao desenvolvimento da pesca e coleta de moluscos. Neste sentido, é previsível que regiões ribeirinhas, lacustres e estuarinas apresentem níveis demográficos mais altos obviamente porque ali há, normalmente, maior disponibilidade de recursos.

Entretanto, limitações ao crescimento demográfico perduram mesmo nos ambientes mais propícios, de modo que ambientes naturais apenas suportam populações sedentárias de larga escala que tenham desenvolvido técnicas de manejo de alguns dos alimentos fornecedores de proteína em sua dieta, dado que este recurso é inequivocamente um fator limitante ao crescimento populacional.³⁴ Neste sentido, tendo em vista que a infraestrutura cultural é uma característica primordial da humanidade, a ecologia cultural defende que o desenvolvimento de sociedades necessariamente implica numa adaptação biocultural tal que propicie sua subsistência e reprodução (Lathrap 1968; Schutkowski 2006).³⁵

³⁴ A isto também está atrelado o desenvolvimento de tecnologias necessárias à remodelação do ambiente, tornando-o propício como *habitat* permanente.

³⁵ Há situações onde netamente as condições climáticas reduzem, porém não impossibilitam a ocupação de certos territórios (p.ex.: em regiões polares e de tundra, cf.: inuit, evenki, nenets). Há também casos de limitação de crescimento populacional por causa de espaço territorial (p.ex.: em regiões insulares, cf.: polinésio, andamanês). Estas limitações são relativas e podem ser contornadas nas áreas polares pelo deslocamento sazonal e nas áreas insulares pela prática emigratória ou pelo

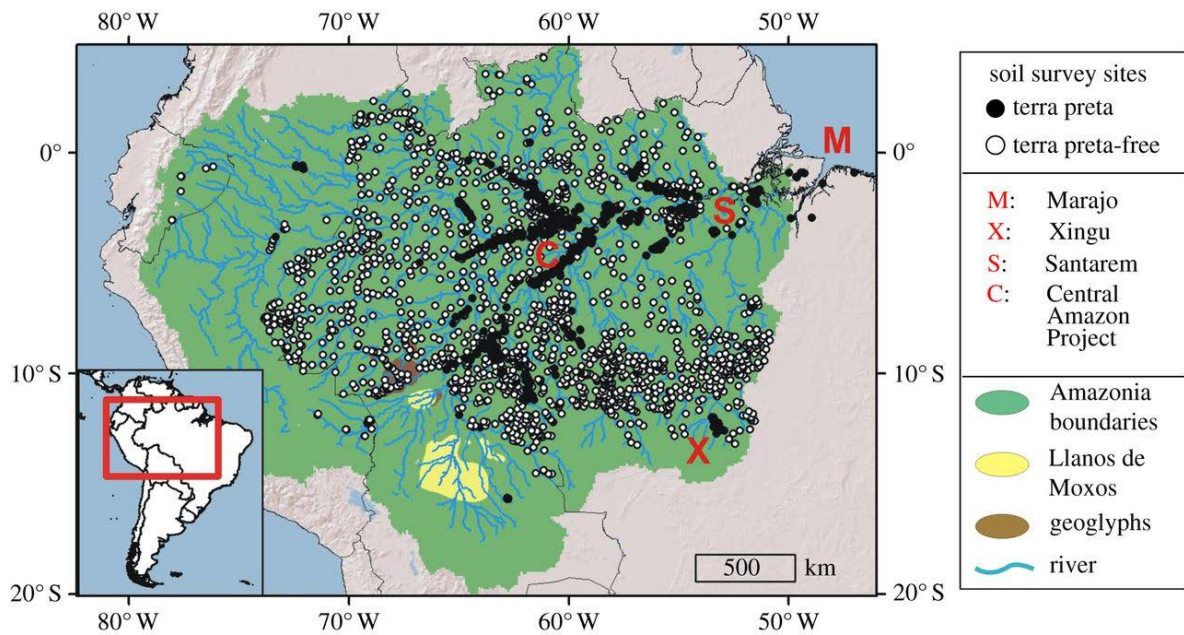
A Amazônia, por exemplo, apresenta características geológicas e climáticas peculiares que fazem com que coexistam grandes extensões muito pobres em recursos com alguns dos *habitats* mais ricos e propícios para a subsistência humana (Roosevelt 1994:2; McMichael *et alii* 2014).

“Our estimates of potential terra preta sites were significantly less than the previous estimates of 10% [6,7] and did not support the assertion that most of Amazonia was a transformed landscape or cultural parkland before European arrival. Instead, these data suggested that pre-Columbian Amazonia was a heterogeneous landscape, with varying degrees of human impacts across the mosaic.” (McMichael *et alii* 2014:7)

Tendo em vista as considerações feitas até o momento, não surpreende observar, assim, que as sociedades sedentárias amazônicas, produtoras de cerâmica e terra preta, tenham se concentrado justamente ao longo das regiões ribeirinhas e estuarinas dos rios mais ricos em recursos proteicos (Baixo Amazonas, Baixo Solimões, Baixo Purus, Baixo Negro, Madeira-Mamoré, Aripuanã, Trombetas, Baixo Tapajós e Alto Xingu), como mostram os mapas 1 e 2, resultados de uma circunspeção executada por McMichael *et alii* (2014). Os mesmos mapas acusam a ausência de indícios de terra preta justamente nas regiões mais inóspitas, como nas cabeceiras ou áreas a mais de 10 quilômetros das ribanceiras.³⁶ Os poucos sítios arqueológicos destas áreas são de pequenas dimensões, característicos de grupos nômades ou seminômades (Lathrap 1962:551-52 *apud* Denevan 1992:208); tais regiões permanecem até os dias atuais com baixíssima demografia e quase que exclusivamente habitadas por tribos de hábitos fortemente dependentes da coleta e da caça.

desenvolvimento de métodos para restringir o crescimento populacional; além disto, tais limitações podem ser superadas com a aquisição de determinadas tecnologias desenvolvidas tanto *in locu* como em ecossistemas limítrofes mais favoráveis, ou mesmo através da difusão de tecnologias adquiridas em virtude de migração ou contato.

³⁶ Também não há vestígios importantes de presença de terra preta nas porções superiores das bacias hídricas do sudeste amazônico (à exceção do Alto Xingu) e em grande parte do oeste/sudoeste amazônico (à exceção do Baixo/Médio Ucayali e do Médio Caquetá) (McMichael *et alii* 2014:3).



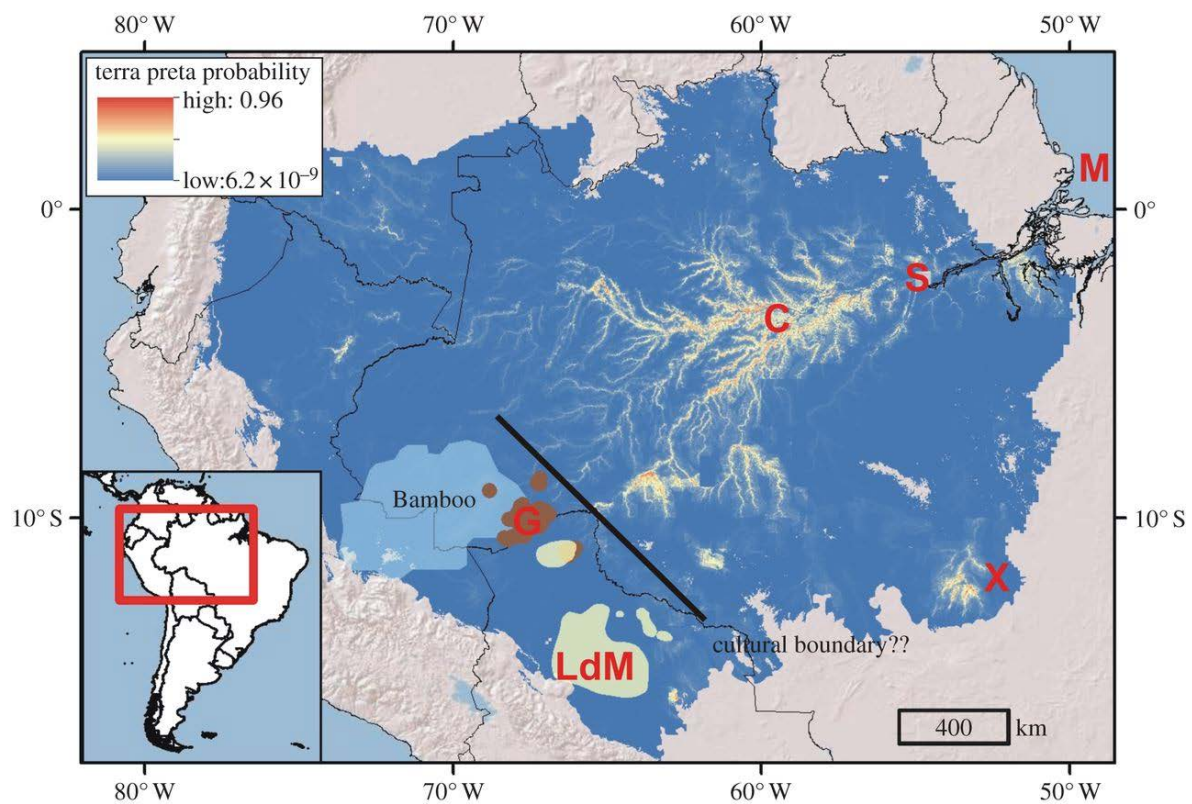
MAPA 1. ÁREAS DE TERRA-PRETA NA AMAZÔNIA (McMichael *et alii* 2014)

Tais dados confirmam as arguições de historiadores e arqueólogos de que estas tenham sido as áreas mais densamente povoadas da Amazônia desde tempos pré-colombianos (Lathrap 1962, 1968, 1970; Denevan 1992, 2004). Sweet (1974) e Porro (1992, 1993, 1994, 1996), por exemplo, trazem muitas evidências históricas da complexidade social existente na porção leste da bacia Amazônica, principalmente ao longo do Baixo Amazonas, observadas durante as primeiras incursões dos colonizadores europeus ao longo desta região.

“The first European account of travel down the Amazon River in 1541–1542, written by Gaspar de Carvajal, described flourishing and fruitful societies in the easternmost sections of river (...) Also, Carvajal's account describes the western river sections as desolate.” (McMichael *et alii* 2014)

O estudo de diversos sítios arqueológicos nas margens dos grandes rios da Amazônia Central e do leste amazônico tem, igualmente, dado suporte à ocorrência de diversos graus de sedentarismo associados à horticultura de várzeas e ribanceiras (Denevan 1996; Arroyo-Kalin 2010:369-370); é justamente na bacia do Baixo Amazonas onde afloraram as sociedades pré-históricas mais complexas das terras baixas da América do Sul, como os cacicados amazônicos (Roosevelt 1989), “where some of the oldest records of human occupation in Amazonia have been identified” (McMichael *et alii* 2014:5). Aspectos ecológicos como grande oferta de recursos proteicos, várzeas/terrenos agricultáveis e maior estabilidade da vazão certamente

favoreceram o estabelecimento de assentamentos sedentários nas vertentes fluviais desta porção da bacia Amazônica (Lathrap 1962; Denevan 1992).



MAPA 2. INDÍCIOS DE TERRA-PRETA NA AMAZÔNIA (McMichael *et alii* 2014)

Tal potencial de subsistência foi justamente um dos principais argumentos utilizados por Lathrap (1968) para dar sustentação ao seu modelo cardíaco de dispersão dos povos amazônicos (para mais detalhes, cf. §3).³⁷ Bown *et alii* (2014:220) argumentam que muitos dos povos caçadores-coletores sul-americanos também dependem, secundariamente, da agricultura, e que esta dependência seria aparentemente antiga, “at least predating the breakup of subgroups into individual languages”. Considerando esta hipótese, os postulados de Lathrap (1962, 1968, 1970) e a premissa de que o povoamento do continente sul-americano se deu inicialmente através da costa e das rotas fluviais, pode-se inferir que os primeiros colonizadores do continente sul-americano tenham inicialmente vivido em regiões ribeirinhas propícias desenvolvimento da agricultura, suscitando a longo prazo nestes grupos a sua emergência.

³⁷ O ‘modelo ribeirinho’ de Snow (1980) estaria ainda para ser testado na Amazônia, segundo o qual vales fluviais formariam zonas discretas de interação.

1.3.2.1.2. Efeitos da necessidade de reprodução nas ecologias culturais de povos nômades e sedentários

A reprodução é uma característica fundamental da vida, geradora da descendência. É através deste fenômeno que populações e, conseqüentemente, culturas são perpetuadas. Em sociedades patriarcais, frequentes na América do Sul, a mulher é normalmente concebida como um dos ‘bens econômicos’ essenciais ao desenvolvimento humano, i.e., como um ‘recurso’ limitado e altamente valioso, propiciador da ‘transformação’ de outros ‘bens’ em descendência, capaz de dar continuidade ao legado dos homens (cf.: Lévi-Strauss 1949, van der Dennen 2002:57); tal valor também diz respeito ao fato das mulheres serem o carro-chefe em muitas sociedades tribais, pois frequentemente são elas, de fato, as encarregadas do transporte de bens, do provimento de boa parte da subsistência, do preparo da alimentação e da criação da prole.

Nestas sociedades, este ‘recurso’ pode ser conseguido através do estabelecimento de práticas de cooperação ou competição intergrupar, muitas delas institucionalizadas, no primeiro caso através da exogamia³⁸, no segundo através da prática do sequestro³⁹. Tais práticas são frequentemente institucionalizadas em territórios com baixa densidade populacional e habitados por tribos ou grupos locais (cf.: §1.3.1), pois a baixa oferta de mulheres e a consanguinidade facilmente se convertem em riscos ao desenvolvimento humano. Entretanto,

³⁸ Exogamia se refere a uma regra que proíbe casamentos dentro do mesmo grupo (sib, clã, grupo étnico, etc.) ou entre grupos agnáticos. Vários povos falantes de línguas da família Tukano, Arawák do noroeste da Amazônia são exemplos de sociedades patriarcais exogâmicas (Wright 2005; Chacon & Cayón 2013). Alguma forma de exogamia com tendências patrilineares também tem sido relatada em diversos outros povos sul-americanos, dentre os quais povos falantes de línguas karib (karihona, ikpeng, makuxi), jê (kaingang, sua), tupi (chiriguano, parakanã, kawahib, paiter, makurap, satere-mawe, munduruku), tukano (sekoya, siona, maïhuna), pano (kaxinawa, matis), yanomami (yanomamo, xiriana, sanuma), zamuco (ayoreo, chamakoko), arawak (palikur, enawene-nawe), peba-yagua (yagua) witoto (witoto murui), bora-muinane (bora), tikuna e rikbaksa (Steward 1946-1959; Murphy & Murphy 1974; Wilbert 1994; Gregor & Tuzin 2001; Chacon & Dye 2007; ISA s.d.; Walker s.d.).

³⁹ Há relatos que caracterizavam povos falantes de línguas tupi (munduruku, cinta larga, arawete, kokama, kawahib, chiriguano, yuki, emerillon), jê (sua, kayapo, kaingang), karib (waimiri-atroari, akawaio, pemon, trio, ikpeng), pano (shipibo, matses), arawak (terena, paresi), mataguayo (nivakle), guaikuru (abipon, toba, mocovi), zamuco (ayoreo, chamacoco), wari, kanichana, kandoxi, ese eja, angaité, chiquitano, waorani, gūnūna kūne como sociedades que promoviam correrias e sequestros (Steward 1946-1959; Murphy & Murphy 1974; Wilbert 1994; Santos-Granero 2010; ISA s.d.). Em algumas sociedades da América do Sul a escravidão estava institucionalizada: kadiweu, mocovi, terena, kechua (incas), amahuaca, shipibo-konibo, chiriguano, yuki, kokama, embera, kalinago, karihona, tanimuka e tukano (Steward 1946-1959; Oberg 1949; Wilbert 1994; Santos-Granero 2010).

a seleção de um ou outro padrão, como mencionado acima, é muitas vezes dependente do ambiente cultural em que uma dada população se encontra.

Várias destas sociedades patriarcais tradicionalmente prescrevem unicamente aos homens o papel na geração dos fetos, como os jê (suya), tupi (arawete, munduruku) arawak (baniwa), karib (yekuana), pano (kaxinawa, matis), yanomami (yanomamo, xiriana, sanuma), arawa (kulina, paumari), wari, kanamari e ese eja (*id.*), ou fundamentalmente ao sêmen – fato fortemente associado à crença da possibilidade de paternidade compartilhada (Beckerman & Valentine 2002), como ocorre entre povos karib (kuikuro, yekuana, arara, waimiri-atroari, wayana, yukpa), jê (apinaje, kraho, kayapo, sua, xavante, xokleng), tupi (ache, arawete, aweti, cinta-larga, kawahib, munduruku, tapirape, tupari, yuki), pano (kaxinawa, konibo, marubo, matis, yaminawa), arawa (kulina, paumari, zuruaha, jamamadi), yanomami (yanomam, xiriana, sanuma), arawak (kuripako, mehinaku), bororo, rikbaktsa, waorani, wari, kanamari, ese eja, iranxe (Beckerman & Valentine 2002; Walker *et alii* 2010).

“Woman’s role in conception and the development of the fetus is widely denied among the cultures considered here; the mother is generally considered as the receptacle in which the fetus grows.” (Beckerman & Valentine 2002:10)

Segundo Walker *et alii* (*id.*) esta seria uma crença arcaica e comum entre os povos das famílias linguísticas karib, pano, tupi e macro-jê. Segundo relatos, a criança gerada por mais de um pai tinha mais chances de sobrevivência, de forma que esta crença poderia estar diretamente envolvida na contenção de disputas entre homens e na consequente promoção de cooperação intratribal (Beckerman & Valentine 2002:10-11) em sociedades patriarcais.⁴⁰ Igualmente, a incorporação de mulheres de outros grupos étnicos também não é vista como ameaça, já que o discurso êmico nestas sociedades predica unicamente aos homens a transmissão da descendência e, conseqüentemente, da identidade étnica. Este discurso, porém, não necessariamente impede que mulheres forâneas exerçam influência cultural e linguística em

⁴⁰ Por outro lado, Hewlett & MacFarlan (2010) associam a ética da paternidade compartilhada a sociedades matriarcais, onde ideologias machistas de controle, quando existentes, seriam débeis. Entretanto, mesmo que matriarcais, tais sociedades se enquadrariam dentro de um arquétipo machista:

“The South American cultures with the highest frequencies of multiple fatherhood are matrilocal, with weak male-control ideologies. In other words, where patriarchy is weak multiple fatherhood is more common. Where patriarchy is strong it is more difficult for women to have or acknowledge sexual relations with someone other than the husband.” (Hewlett & MacFarlan 2010:426-427)

comunidades deste tipo, principalmente quando parte significativa delas é falante de uma mesma língua forânea ou proveniente de uma mesma cultura. O discurso patriarcal, neste sentido, apenas camufla a mutabilidade imanente destas sociedades.

É importante compreender, pois, que um tal fluxo interétnico de mulheres acarreta uma geração acentuada de famílias bi- ou pluriétnicas. Conseqüentemente, neste âmbito o contato linguístico não se dá somente no nível intersocial, mas principalmente nas esferas intra- e interfamiliar, de modo que o nível de bi- ou multilinguismo é frequentemente alto em comunidades como estas. Como o contato de línguas é doméstico nestes contextos, aspectos linguísticos da intimidade familiar e da comunicação intratribal são certamente fatores essenciais para a compreensão dos mecanismos de empréstimos linguísticos nestas sociedades. Uma explicação similar foi apresentada por Heath (1981:363 *apud* Southworth 1990:288) para dar conta do grande interfluxo de empréstimos entre as línguas de Arnhem Land, na Austrália Setentrional, povoada por inúmeras sociedades tribais (semi)nômades, onde foi detectado alto índice de casamentos interétnicos e de bilinguismo intrafamiliar.⁴¹

A genética de populações sul-americanas dá amplo suporte às ideias acima expressas. Existem métodos capazes de avaliar diacronicamente a evolução demográfica das populações e analisar se houve ou não fluxo de genes entre populações e em que direções. Um destes métodos avalia a diversidade genética entre os membros de uma população pelo levantamento de haplogrupos de regiões não recombinantes do DNA. O DNA mitocondrial e do cromossomo Y são utilizados respectivamente para se obter informações específicas sobre o passado das populações femininas e masculinas.⁴² Existe uma alta probabilidade de históricos de interfluxo de genes e/ou deriva por efeito fundador ou de gargalo em povos tribais majoritariamente coletores-caçadores ou horticultores, que tradicionalmente se organizam em grupos locais dispersos e com relativa mobilidade territorial, em contraste com uma alta probabilidade de que

⁴¹ Diversos outros estudos vêm dando respaldo às ideias apresentadas por Heath no contexto australiano, dentre os quais destacam-se Dench (2001), Dixon (2001) e Clendon (2006).

⁴² O DNA mitocondrial é transmitido exclusivamente da mãe para todos os seus descendentes, enquanto que o cromossomo Y é transmitido unicamente do pai para os descendentes masculinos. O estudo comparativo de DNA mitocondrial revelou a existência de uma infinidade de polimorfismos distribuídos em pelo menos 34 haplogrupos característicos (van Oven *et alii* 2009). No caso do DNA mitocondrial, pode-se inclusive inferir a provável origem geográfica de cada um deles: sete haplogrupos (L0, L1, L2, L3, L4, L5, L6) tiveram sua origem na África, onze (H, HV, I, J, JT, K, T, U, V, W e X) no Oriente-Médio/Eurásia ocidental, dois (C, Z) na Ásia central, seis (A, B, D, F, G e Y) na Ásia oriental, três (M, N, R) no Oriente Médio/Ásia meridional e quatro (E, P, Q, S) no Sudeste Asiático/Australásia. Destes, apenas os haplogrupos A, B, C e D reconhecidamente entraram no continente sul-americano em tempos pré-colombianos.

a diversidade genética de povos sedentários majoritariamente agricultores, caracterizados por um contínuo crescimento demográfico, seja unimodal.

Estudos do DNA mitocondrial em populações ameríndias ilustram bem como a evolução das linhagens femininas é marcadamente diferenciada em sociedades tribais e em sociedades sedentárias agricultoras. Os QUADROS 4 e 5 ilustram a distribuição de Haplogrupos do DNA mitocondrial respectivamente em povos tribais falantes de línguas tupi, karib, tukano e em povos agricultores falantes de línguas chibcha, maya, kechua.

QUADRO 4. Distribuição de haplogrupos do DNA mitocondrial em povos tribais

| Povos tupi | | Porcentagem de haplogrupos do DNA mitocondrial | | | |
|---------------------------|-------------------|--|-----|----|----|
| Ramo linguístico | Nome | A | B | C | D |
| arikem | karitiana (19) | – | 11 | – | 89 |
| monde | surui (44) | 7 | 4 | – | 89 |
| | gavião (27) | 15 | 15 | – | 70 |
| | zoro (30) | 20 | 7 | 13 | 60 |
| | cinta-larga (45) | 25 | – | 20 | 53 |
| munduruku | munduruku (92) | 12 | 17 | 9 | 58 |
| tupi-guarani | wayampi (99) | 62 | 11 | 8 | 19 |
| | emerillon (30) | 30 | 70 | – | – |
| | parakanã (31) | 6 | 39 | 32 | 23 |
| | urubu-kaapor (42) | 21 | 31 | 14 | 29 |
| | arawete (18) | 39 | – | 50 | 11 |
| | awa-guaja (53) | 13 | 87 | – | – |
| | ache (63) | 10 | 90 | – | – |
| | kayowa (120) | 92 | – | 8 | – |
| ñandeva (56) | 82 | – | 18 | – | |
| Povos karib | | Porcentagem de haplogrupos do DNA mitocondrial | | | |
| Ramo linguístico | Nome | A | B | C | D |
| karib meridional | arara (70) | 54 | 20 | 26 | – |
| karib central | wayana (18) | 22 | 6 | 39 | 33 |
| | apalai (120) | 37 | 1 | 30 | 32 |
| | tiriyo (32) | 9 | 19 | 22 | 47 |
| | kaliña (29) | 7 | 45 | 41 | 7 |
| karib setentrional | makuxi (94) | 2 | 50 | 19 | 29 |
| | waiwai (26) | 15 | 15 | 43 | 27 |
| | yukpa (88) | – | 100 | – | – |

QUADRO 4. Distribuição de haplogrupos do DNA mitocondrial em povos tribais

| Povos tukano | | Porcentagem de haplogrupos do DNA mitocondrial | | | |
|-------------------------|----------------|--|----|----|----|
| Ramo linguístico | Nome | A | B | C | D |
| tukano oriental | kubeo 1 (22) | 27 | 18 | 50 | 5 |
| | kubeo 2 (24) | 33 | 8 | 29 | 25 |
| | tukano 1 (17) | – | 18 | 47 | 35 |
| | tukano 2 (14) | 7 | 21 | 7 | 57 |
| | guanano (10) | 20 | – | 20 | 50 |
| | juriti (18) | – | 72 | 11 | – |
| | desano (20) | 15 | 15 | 45 | 25 |
| | tatuyo (10) | 40 | – | 50 | 10 |
| tukano ocidental | siona (12) | 75 | 17 | 8 | – |
| | secoya (12) | 8 | 25 | 67 | – |
| | koreguaje (69) | 4 | 20 | 66 | 6 |

Fontes: Bisso-Machado *et alii* (2012); Mandarinó (2010); Miriam (2012); Ramallo *et alii* (2013); Usmeromero *et alii* (2013).

Dentro do Tronco tupi se observa que embora haja uma predominância significativa do haplogrupo D nas famílias arikem, monde e munduruku, este haplogrupo está ausente ou em proporções mínimas em muitos povos falantes de línguas tupi-guarani; em três representantes deste grupo (emerillon, awa-guaja e ache) as proporções de haplogrupo B são altíssimas, enquanto que em outros representantes (zoe, wayampí, guarani nhandeva, guarani kaiowa) a predominância é do haplogrupo A. No caso dos povos karib se observa uma baixa proporção do haplogrupo B em populações falantes de línguas do subgrupo central; por outro lado, os yukpa apresentam unicamente o haplogrupo B, o que é indicador de que o grupo tenha sofrido deriva genética⁴³ por efeito de gargalo. Além disto, enquanto a proporção do haplogrupo A é nula ou desprezível em yukpa, kaliña e makuxi, ela ocorre em quantidades significativas nos arara, katuena e aparai. Com relação às tribos patriarcais falantes de línguas da família tukano, parece haver nelas uma predominância do haplogrupo C, muito embora tal proporção seja pequena em distintos povos, independentemente de uma relação cladística de suas línguas. Em dois grupos (siona e kubeo 2) o haplogrupo A predomina, em um deles (juriti) o haplogrupo B é dominante e em outros dois (tukano 2, guanano) é o haplogrupo D o mais relevante. A grande variabilidade do DNA mitocondrial encontrada nestes grupos etnolinguisticamente afins é,

⁴³ Deriva normalmente ocorre pelo afastamento espacial quando porções reduzidas de uma população dela se desprendem, como em processos emigratórios.

como dito acima, decorrente dos reflexos da ecologia social de grupos com um histórico de (semi)nomadismo. Por outro lado, como se nota no QUADRO 5, a distribuição de haplogrupos do DNA mitocondrial em povos agricultores é muito mais homogênea.

QUADRO 5. Distribuição de haplogrupos do DNA mitocondrial em povos agricultores

| Povos chibcha | | Porcentagem de haplogrupos do DNA mitocondrial | | | |
|--------------------|---------------------|--|----|----|----|
| Ramo linguístico | Nome (n) | A | B | C | D |
| vótico | rama (75) | 8 | 92 | – | – |
| | maléku (35) | 92 | 8 | – | – |
| | huetar (40) | 60 | 24 | – | 8 |
| | guaymi (50) | 78 | 22 | – | – |
| | kuna (79) | 77 | 23 | – | – |
| | bribri-cabecar (24) | 54 | 45 | – | – |
| magdalênico | kogi (153) | 67 | – | 33 | – |
| | wiwa (76) | 63 | – | 37 | – |
| | ika (134) | 87 | 1 | 12 | – |
| | chimila 1 (35) | 88 | – | 3 | 6 |
| | chimila 2 (21) | 95 | 5 | – | – |
| Povos maya | | Porcentagem de haplogrupos do DNA mitocondrial | | | |
| Ramo linguístico | Nome (n) | A | B | C | D |
| chol | ch'orti' (57) | 70 | – | 25 | – |
| | tzeltal (35) | 60 | 14 | 14 | 11 |
| kiche | kaqchiquel (49) | 69 | 10 | 12 | 4 |
| | poqomchi' (65) | 82 | 6 | 12 | – |
| mame | mam (47) | 75 | 4 | 19 | – |
| yukateco | yucatec (52) | 62 | 17 | 15 | 6 |
| Povos kechua | | Porcentagem de haplogrupos do DNA mitocondrial | | | |
| Ramo linguístico | Nome (n) | A | B | C | D |
| kechua I | yungay (36) | 3 | 47 | 36 | 14 |
| | ancash (33) | 9 | 52 | 18 | 21 |
| | pasco and lima (52) | 4 | 54 | 17 | 19 |
| kechua II | tayacaja (61) | 21 | 33 | 13 | 30 |
| | cusco (95) | 2 | 78 | 13 | 7 |
| | arequipa (22) | 9 | 68 | 14 | 9 |
| | coya (60) | 13 | 58 | 23 | 5 |
| | inga (48) | 40 | 35 | 23 | 2 |

Fontes: Batai & Williams (2014); Bisso-Machado *et alii* (2012); Cabana *et alii* (2014); González (2011); Justice (2011); Melton *et alii* (2007); Peñaloza-Espinosa *et alii* (2007).

Independentemente de outros aspectos, os povos falantes de línguas kechua (à exceção dos inga) apresentam uma homogeneidade marcada pela predominância do haplogrupo B enquanto que povos falantes de línguas maya e chibcha (à exceção dos rama) apresentam uma hegemonia marcada do haplogrupo A. As divergências observadas nestes padrões podem ser explicadas por evoluções independentes, peculiares a cada um deles:

- os inga são resultado da miscigenação dos mitmaquna (migrantes forçados) enviados pelos incas em seu processo de expansão territorial com os kamsa, habitantes originários de Sibundoy e Mocoa; neste sentido, o fluxo genético entre estes grupos contribuiu para o caráter distintivo da composição genética mitocondrial deste grupo em particular;
- os rama eram tradicionalmente caçadores-pescadores e apenas secundariamente horticultores e representam um possível caso de deriva genética por *bottleneck* em função de um *founder effect* vinculado à sua migração setentrional para além da esfera dos povos chibcha (Melton 2008:184-186). A predominância do haplogrupo B nas ossadas encontradas em sítios arqueológicos da região de Nicoya e na cordilheira oriental dos Andes colombianos é um indício de que tenham havido processos de substituição étnica nestas regiões com o avanço da migração dos povos chibcha. Entretanto, a presença de uma proporção relevante deste haplogrupo em diversas populações de origem chibcha revela a possibilidade de ter ocorrido influxo gênico em decorrência desta expansão territorial;
- a presença de uma proporção relevante de haplogrupo C nas populações chibcha falantes de línguas do subgrupo magdalênico também é consequência de miscigenação com a população local em decorrência da migração pré-histórica dos chibcha para a região de Santa Marta. (dado que as populações do norte da América do Sul localizadas a leste dos Andes costumam apresentar altas proporções deste haplogrupo).

Um outro método que avalia a evolução genética de populações se baseia na observação da distribuição de diferenças na sequência de nucleotídeos dos seus integrantes (i.e., na variabilidade interna dos haplótipos encontrados numa população particular), com o qual se pode tanto inferir a ocorrência de um histórico de miscigenação como aferir informações sobre sua evolução demográfica, como expansão, estabilidade, redução populacional.

“Mismatch distribution[s] (...) allows us to evaluate whether observed within-population variation can better be explained by gene flow (spatial expansion) or effective population size (demographic expansion).” (Batai 2012:132)

Alta variação haplotípica num grupo com excesso de raros alelos pode indicar expansão populacional de um grupo ou expansão espacial com miscigenação; uma baixa variação haplotípica pode significar deriva causada por efeito fundador ou de gargalo. Além disto, uma distribuição unimodal é geralmente interpretada como evidência de que há ou houve recentemente um crescimento demográfico significativo naquela população, enquanto que uma distribuição multimodal pode indicar uma população: (i) resultante de um processo de redução demográfica (tendo culminado ou não num efeito de gargalo) ou (ii) estacionária⁴⁴ após ter sofrido crescimento demográfico significativo num passado remoto.

“Many large agricultural populations are genetically diverse and have unimodal mismatch distributions, while foragers whose population size has stayed consistently small are genetically not diverse and have multimodal mismatch distributions (Excoffier and Schneider 1999; Rogers 1995; Watson et al. 1996).”

Além disto, ainda mais relevante para este estudo é a alta frequência de padrões irregulares de distribuição multimodal em populações tribais, revelando a presença de linhagens difundidas em consequência de um histórico de fluxo genético interpopulacional.

“Under the infinite-sites model with no recombination, a population at drift-mutation equilibrium will display a unimodal distribution of mismatches with a peak at zero. If the distribution is unimodal, but with a peak at greater than zero, it suggests that the population has undergone significant expansion. A multimodal distribution with a peak at zero indicates that the current population is stable. If the distribution is multimodal but with a significant peak at some point greater than zero, it is indicative of the population’s expansion in the remnant past. Additionally, multimodal distributions with peaks greater than zero, can be caused by population bottlenecks or selection. The raggedness of the distributions can also be used to make inferences about the evolutionary history of a population. The mismatch distribution of populations that are unadmixed will display smooth distribution, whereas recently admixed populations will display a more ragged form. Recently admixed populations tend to display ragged distributions, whereas un-admixed populations are likely to be more smooth (Rogers and Harpending, 1992; Hudson and Slatkin, 1991).” (Johnson 2013:28)

⁴⁴ “A stationary population is a stable population in which the intrinsic growth rate is zero. In other words, none of the population variables in a stationary population change over time: the annual number of births, the annual number of deaths, population size, the size of a certain age group, etc. are all constant.” (Keilman s.d.:8)

Com relação a isto é interessante notar que vários estudos (Rothhammer & Moraga 2001, Tarazona-Santos *et alii* 2001, Fuselli *et alii* 2003, Wang *et alii* 2007, Lewis & Long 2008, Yang *et alii* 2010) vêm demonstrando que na porção ocidental da América do Sul (principalmente nos Andes e na Costa Pacífica) existe maior variação genética intragrupal e menor distância genética intergrupala do que nas terras baixas a leste dos Andes, onde existe justamente menor variação genética intragrupal e maior distância genética intergrupala e que não existe uniformidade genética da porção oriental da América do Sul em contraposição à existência de maior uniformidade na sua porção ocidental. De acordo com Yang *et alii* (2010), tais dados indicam um povoamento inicial geneticamente mais diverso, com crescimento demográfico mais intenso e com maior interfluxo genético na porção ocidental da América do Sul do que nas terras baixas a leste dos Andes. Isto corrobora as conclusões arqueológicas de que teria havido expansão e miscigenação populacional nos Andes em função do estabelecimento precoce da agricultura e do sedentarismo assim como da emergência de diversas sociedades imperialistas nesta região.

“Populations in Western South America therefore seem to have had relatively large sizes for a considerable amount of time and also to have undergone a relatively recent expansion, possibly associated with the use of intensive agriculture.” (Yang *et alii* 2010:535)

Segundo Batai (2012), os aymara e os kechua apresentam com relação ao DNA mitocondrial padrões e proporções similares de haplogrupos e distribuições haplotípicas unimodais, com muitos haplótipos raros compartilhados. Isto indica que tais populações sofreram processos de expansão populacional e miscigenação num passado relativamente recente, absorvendo também os demais grupos circundantes ao lago Titicaca (uro, pukina)⁴⁵ e dos Andes Centrais (kunza), como apontam os dados do DNA mitocondrial no QUADRO 6.

QUADRO 6. Distribuição de haplogrupos do DNA mitocondrial nos Andes Centrais

| Origem etnolinguística | Região | Porcentagem de haplogrupos do DNA mitocondrial | | | |
|------------------------|---------------|--|----|----|----|
| | | A | B | C | D |
| kechua | Cusco (95) | 2 | 78 | 13 | 7 |
| | Puno (37) | 16 | 57 | 13 | 13 |
| | Arequipa (22) | 9 | 68 | 14 | 9 |

⁴⁵ De acordo com dados históricos, durante a ocupação espanhola dos Andes Centrais, os pukina habitavam principalmente ao longo das vertentes oeste, noroeste, norte e nordeste do lago Titicaca; os uro-chipaya, por outro lado, habitavam ao longo das porções sudoeste e meridional do lago Titicaca, do lago Poopo e do Salar de Coipasa (Sandoval *et alii* 2004).

QUADRO 6. Distribuição de haplogrupos do DNA mitocondrial nos Andes Centrais

| Origem etnolinguística | Região | Porcentagem de haplogrupos do DNA mitocondrial | | | |
|--------------------------|----------------------------|--|-----|----|----|
| | | A | B | C | D |
| kechua | Andahuaylas (55) | 16 | 51 | 24 | 9 |
| | Tayacaja (61) | 21 | 33 | 13 | 30 |
| jaqi | Arica (120) | 7 | 57 | 18 | 16 |
| | Visviri (76) | 7 | 64 | 11 | 18 |
| | Parinacota/Guallatiri (21) | 5 | 52 | 38 | 5 |
| | Tupe 1 (21) | – | 65 | 35 | – |
| | Tupe 2 (16) | – | 69 | 31 | – |
| kunza | S. P. de Atacama 1 (50) | 12 | 72 | 11 | 6 |
| | S. P. de Atacama 2 (23) | 9 | 61 | 26 | 4 |
| uro-chipaya | Puno (25) | 12 | 76 | – | 12 |
| | Poopo (5) | – | 100 | – | – |
| | Chipaya (8) | – | 100 | – | – |
| kechua (titicaca) | Ilha Taquile 1 (57) | – | 100 | – | – |
| | Ilha Taquile 2 (35) | – | 97 | – | 3 |
| | Ilha Amantaní 1 (35) | – | 89 | 11 | – |
| | Ilha Amantaní 2 (51) | 2 | 90 | 8 | – |
| jaqi (titicaca) | Ilha Anapia (24) | – | 88 | 8 | 4 |
| | Villa Molino (7) | – | 100 | – | – |
| | S. Rosa de Yanaque (18) | 6 | 88 | 6 | – |
| | Santa Ana (11) | – | 91 | 9 | – |
| | Desaguadero 1 (11) | 9 | 91 | – | – |
| | Desaguadero 2 (21) | 10 | 76 | 9 | 5 |
| | Ilha Uros 1 (28) | 18 | 75 | – | 7 |
| | Ilha Uros 2 (86) | 18 | 68 | 2 | 12 |

Fontes: Rocco *et alii* (2002); Merriwether *et alii* (1995), Sandoval *et alii* (2004), Sandoval *et alii* (2013), Cabanas *et alii* (2014), Lewis *et alii* (2007).

Os dados acima revelam que os povos dos Andes Centrais compartilham uma predominância do haplogrupo B do DNA mitocondrial, todos com alta variabilidade haplotípica para este haplogrupo, corroborando com a hipótese de Fuselli *et alii* (2003) e Barbieri *et alii* (2011) de que o padrão genético dos Andes Centrais teria sido motivado com o crescimento demográfico de grupos predominantemente portadores do haplogrupo B e de uma consequente difusão dêmica, fato fortemente associado à emergência de sociedades complexas e acentuado

principalmente após o Período Formativo⁴⁶ (900 a.C -), o que fez com que este padrão genético (assim como o cultural e linguístico correspondente) acabasse por se sobressair dentre os demais grupos étnicos que por ventura tenham habitado esta região.⁴⁷

Por outro lado, a menor variação genética intragrupal e maior distância genética intergrupala observadas nas terras baixas a leste dos Andes estão fortemente relacionadas não somente a processos de deriva genética de sociedades tribais (semi-)nômades, desencadeados por efeitos fundadores (desmembramentos grupais) e/ou de gargalo (contrações populacionais) como também a seu alto potencial etnogênico vinculado a múltiplas miscigenações possíveis entre grupos locais de linhagens bastante divergentes e à perpetuação deste tipo de dinâmica social desde o início do povoamento do continente até os dias atuais, o que propiciou a emergência de uma diversidade etnolinguística muito mais acentuada do que aquela encontrada nos Andes e na costa do Pacífico.

Assim, a condição heteroclítica das proporções haplotípicas do DNA mitocondrial entre os povos tribais linguisticamente relacionados e com tendências patriarcais e uma frequente irregularidade na distribuição multimodal na sequência de nucleotídeos do DNA mitocondrial de seus integrantes é, em contraste com a regularidade destas proporções entre os povos agricultores linguisticamente relacionados, uma prova de que a infraestrutura cultural de ambos padrões sociais opera de forma distinta não só no quesito ‘subsistência’ mas também no quesito ‘reprodução’. A evidente dicotomia entre padrões ecológicos nômades e sedentários é central para a compreensão destes fenômenos, pois cada qual gera processos evolutivos marcadamente distintos nos grupos humanos, afetando diretamente sua expressão genética, cultural e linguística. A evolução genética de populações tribais patriarcais parece se dar tanto através de um interfluxo genético com povos circundantes como também por deriva genética, seja ela resultante de um efeito fundador ou de um efeito de gargalo. No caso destas populações, como mencionado anteriormente, um tal fluxo genético do DNA mitocondrial se dá, por exemplo, através das práticas de exogamia ou do rapto de ‘esposas’. Por outro lado, evolução genética de

⁴⁶ O **formativo** corresponde na arqueologia ao espaço-tempo onde se iniciaram processos de sedentarização de grupos humanos. Tal levantamento se faz a partir da constatação, por exemplo, (i) de crescimento demográfico, (ii) da ocorrência de uma remodelação geoespacial antropogênica, (iii) de organização estrutural nas áreas habitadas e (iv) do uso de utensílios (evolução tecnológica) que propiciem tal adaptação.

⁴⁷ A estas expansões populacionais generalizadas se soma, por exemplo, o interfluxo populacional institucionalizado com a política de reassentamentos forçados praticada pelos incas.

populações agricultoras/pastoras parece ser resultado de uma constante expansão demográfica, havendo uma evolução genética do tipo de onda associada à expansão territorial. Entretanto, a conversão de sociedades de chefatura, como normalmente são populações que dependem necessariamente da agricultura, para sociedades de Estado, como ocorre no estabelecimento de impérios, a incorporação de povos e sua submissão sociopolítica está muitas vezes associada a processos de aculturação e substituição linguística, de modo que nestes casos é alta a probabilidade de que povos distintos, porém circunscritos a um império, falem uma mesma língua hegemônica.

1.3.3. Socialidade e as consequências da interação intersocial

A socialidade é um aspecto essencial da natureza humana, de forma que os indivíduos inevitavelmente se constituem como membros de um sistema social. De acordo com Braun (1990), estudos antropológicos vêm documentando que as ações e expectativas dos indivíduos de um grupo social são limitadas ou estruturadas a partir de uma visão de mundo tradicionalmente fundamentada em modos de cognição, simbolismo e conhecimento particulares, o que se caracteriza como um fator de condicionamento característico das sociedades humanas. Entretanto, os mesmos estudos apontam que (i) pessoas agem não somente para sobreviver, mas também para aumentar seu poder de controle dos ambientes naturais e sociais de modo a estender suas condições de existência, estando a isto associadas as noções de inovação e difusão culturais; (ii) conflitos sociais são esperados como uma propriedade inerente em comunidades, pois convenções sociais mediam a possibilidade de conflitos de interesse pessoal ou grupal; (iii) mudança social resulta do esforço das pessoas em resolver ou explorar os conflitos de interesse que continuamente afloram nas comunidades (*id.*:75-76). Dentro desta perspectiva socioecológica de Braun (*id.*), a variação é uma propriedade inerente das práticas tanto individuais como sociais e o acúmulo de pequenas mudanças na dinâmica microsocial pode ser uma fonte de instabilidade da estrutura social (*id.*:77-78). Para contornar a instabilização, sistemas sociais recorrem a *feedbacks*, cuja eficiência irá definir seu grau de adaptabilidade ecossistêmica.

1.3.3.1. Adaptabilidade, aculturação e etnogênese

Para se entender a evolução social é necessário fazer referência à noção de adaptabilidade (Lewontin 1984)⁴⁸, i.e., como indivíduos e as entidades sociais a que pertencem se adaptam a novas condições de existência ou encontram cada vez melhores soluções para as possibilidades de uso do seu *habitat*. Fazendo uma paráfrase com a teoria evolutiva, o ‘ruído’ irremediável dos sistemas sociais e a diversidade de condições ambientais a que estão sujeitos seriam fatores de estímulo à emergência de variações nas práticas sociais e, dentro desta perspectiva variacionista, há uma tendência à seleção contextual das práticas sociais mais efetivas e à eliminação das menos eficientes, de modo que a manutenção de práticas tradicionais ou a seleção de novas práticas num dado meio ambiente social depende essencialmente de sua eficiência contextual.

“Very often, different social and political forms have co-existed and competed with each other for a long time. Within specific ecological and social niches, some models and variants could be more competitive first, only to be taken over by other forms later. As a result, many statements about certain ‘inevitable’ outcomes of evolution can be considered correct only in the most general sense and within certain conditions. The underlying reasoning is that evolutionary outcomes are usually the result of long-lasting competition between different forms, sometimes resulting in their destruction, or in transformations, social selection, adaptation to various ecological milieus, etc. This means that evolutionary outcomes are not inevitable for each and every particular society.” (Grinin *et alii* 2011:23-24).

Neste sentido, o meio ambiente social é constantemente atualizado por mudanças resultantes de processos histórico-evolutivos de ‘seleção cultural’, as quais se acumulam e se difundem entre os grupos envolvidos (Braun *id.*:79). Fica claro, assim, que os processos geradores de variação nas práticas sociais não são os mesmos que formalizam a seleção de certas práticas sociais.

"Sets of cultural practices are not always decomposable into independent and separately selected parts. Some practices may not be selected against simply because they are intrinsic to other practices that together have successfully allowed people to get by. Conversely, some practices may never find adoption in particular communities simply because they do not fit into already existing ways of perceiving or doing things." (Braun 1990:82)

⁴⁸ “It is the concept that there exist certain "problems" to be "solved" by organisms and by societies and that the actual forms of biological and social organizations that we see in the world are "solutions" to these "problems.” (Lewontin 1984:236)

Tudo isto diz respeito à intrínseca condição de adaptabilidade dos sistemas sociais (a capacidade de adaptação nos sistemas socioecológicos refere-se, assim, à capacidade dos seres humanos de lidar com as mudanças em seu ambiente socioecológico por meio da observação e da aprendizagem, o que acaba fomentando a transformação de suas dinâmicas interacionais tradicionais). Como vimos em §1.3.1, duas características podem afetar significativamente a resposta adaptativa de sociedades em contato: relações de poder e potencial apropriativo. O poder assumido por cada grupo social é o que lhe confere resiliência, enquanto que o potencial apropriativo é aquele que lhe confere plasticidade. A adaptabilidade associada ao contato intersocial é, neste sentido, um dos grandes catalizadores do processo de evolução cultural, pois interferem nos modos como as sociedades atualizam suas estratégias de autorregulação. Neste sentido, adaptações socioculturais envolvem uma reconfiguração dos objetivos estratégicos do grupo e uma concomitante adaptação psicossocial aos ecossistemas sociais. Tais transformações são transmitidas diageracionalmente como próprias do grupo, estando portanto implícito que a aculturação (i.e., a aquisição de uma cultura exógena) consiste de um processo inerentemente apropriativo (por pressão ou eleição natural), dependente das atitudes e comportamentos dos grupos envolvidos no contato. Como mencionado anteriormente, a isto também estão implicadas a frequência e a intimidade de como decorrem tais contatos interculturais e as relações de poder instauradas nestes âmbitos.

Aculturação é, assim, a absorção de traços culturais exógenos induzida pelo contato intersocial. O mero contato e intercâmbio de ‘inovações’ ou o comércio de ‘importados’ entre sociedades já designa um processo de aculturação. Como apontam Broom *et alii* (1954), processos de aculturação são afetados por inúmeras variáveis:

“Acculturative change may be the consequence of direct cultural transmission; it may be derived from noncultural causes, such as ecological or demographic modifications induced by the impinging culture; it may be delayed, as with internal adjustments following upon the acceptance of alien traits or patterns; or it may be a reactive adaptation of traditional modes of life.” (Broom *et alii id.*:974)

Desculturação, por outro lado, é a perda parcial ou total da cultura endógena. Aculturação não implica necessariamente em desculturação e nenhum destes processos isoladamente resulta em assimilação ou substituição cultural. A assimilação implica numa aculturação com desculturação, ocorrendo somente quando o grupo assimilado passa a adotar os cânones de uma cultura dominante em demérito da própria, de modo que as influências decorrentes do contato implicam na perda da identidade cultural tradicional. Sociedades *out*

group tendem a ser assimiladas por sociedades *in group* liberais arealmente hegemônicas; entretanto, sociedades *in group* conservadoras evitam participar de qualquer processo assimilativo.

A integração ocorre, em contrapartida, quando todos os grupos envolvidos na interação negociam normas de intercâmbio cultural, de modo que entre eles se estabeleçam relações de interdependência. Esta aceção pode implicar também numa reavaliação parcial dos valores culturais endógenos das sociedades envolvidas, tendo em vista esta nova realidade intercultural, porém, sem que o aspecto étnico das respectivas tradições seja profundamente alterado. Processos de integração podem ser instituídos também com base em relações de desigualdade, donde emergem complexos padrões de estratificação intersocial, principalmente quando sociedades *in group* conservadoras estão envolvidas na conformação do ecossistema social. Enfim, transculturização, termo criado por Ortiz (1940), representa o fenômeno de convergência cultural pela completa fusão de sociedades. Nesta situação todos os níveis estruturais das sociedades envolvidas são remodelados, de modo que os valores étnicos e éticos tradicionais das sociedades originais são rearticulados num único eixo cultural emergente.

“Entendemos que el vocablo transculturación expresa mejor las diferentes fases del proceso transitivo de una cultura a otra, porque éste no consiste solamente en adquirir una distinta cultura, que es lo que en rigor indica la voz anglo-americana aculturation, sino que el proceso implica también necesariamente la pérdida o desarraigo de una cultura precedente, lo que pudiera decirse una parcial desculturación, y, además, significa la consiguiente creación de nuevos fenómenos culturales que pudieran denominarse de neoculturación. Al fin, como bien sostiene la escuela de Malinowski, en todo abrazo de culturas sucede lo que en la cópula genética de los individuos: la criatura siempre tiene algo de ambos progenitores, pero también siempre es distinta de cada uno de los dos. En conjunto, el proceso es una transculturación, y este vocablo comprende todas las fases de su parábola.” (Ortiz 1940:96-97)

Segundo Herskovits (1938), toda sociedade contém em seu histórico evolutivo certo grau de sincretismo em vista do seu inerente condicionamento ecossistêmico. É, pois, da instauração condicional da aculturação e mais propriamente da transculturização que se fundamentam os processos de etnogênese. A **etnogênese** se conforma, neste sentido, como um fenômeno social de emergência de novos grupos étnicos pela coalescência de identidades preexistentes a partir da conformação de novos ambientes de interação, estando subjacentemente vinculada a processos de fusão ou fissão étnicas. Neste sentido, em todo processo etnogênético está implicado um certo grau de sincretismo. Etnogênese ocorre, assim,

quando uma nova noção de alteridade identitária emerge num dado ambiente intersocial, superando as noções de afinidade preexistentes.

1.3.3.2. Modos socioecológicos de difusão

Em §1.3.2 foi evidenciado (i) que transmissões de cultura, língua e genes estão intimamente relacionadas às dinâmicas intra- e interpopulacionais dos grupos humanos num dado ecossistema social, (ii) que a estrutura sociopolítica de cada grupo influencia o modo como estas transmissões ocorrem e (iii) que a identidade de um indivíduo reflete a atualidade de um processamento diageracional de confluência destas transmissões. Neste sentido, estas transmissões, como se percebe, são decorrentes tanto de interações horizontais (intersociais), donde emerge uma evolução etnogenética, como de interações verticais (intergeracionais), donde emerge uma evolução filogenética.

“Learning is the recognized basis of cultural transmission between generations and diffusion the basis of transmission between social units not linked by regular breeding behavior.” (Binford 1965:204)

Embora a etnogenética foque o plano das transmissões horizontais, enquanto que a filogenética o plano das transmissões verticais, ambas são ecologicamente condicionadas e interdependentes, já que pragmaticamente qualquer ecossistema social é fluído e pode conter sociedades com diferentes estruturas sociopolíticas e em inúmeras situações de contato. Assim, as circunstâncias ecoculturais (i.e., aquelas que gerenciam certos padrões de interação intersocial num dado ambiente) são peculiares e contextuais, podendo priorizar um ou ambos modos de transmissão de um ou vários tratos sociais; estes contextos são fundamentalmente motivados pelas características da estrutura cultural de cada sociedade envolvida e pelas possibilidades que cada uma antevê de interagir com o ecossistema social em que se encontra, de modo a garantir sua homeostase. Assim, de acordo com os pressupostos boasianos, por estarem ecologicamente condicionadas, muito embora cultura, língua e genética humana possam ser transmitidas independentemente umas das outras, é a peculiaridade das circunstâncias socioecológicas no decorrer da evolução das sociedades que irá gerir a transmissão de tais tratos, seja em *clusters* ou separadamente.

Independentemente dos tratos sociais, existem três fatores ecológicos responsáveis pela sua distribuição espacial: inovação, difusão e seleção. Vale ressaltar que tais fatores não necessariamente implicam em miscigenação social, da mesma forma que nem todo processo de miscigenação culmina em etnogênese. Assim, da mesma forma que diferentes povos podem compartilhar traços culturais, linguísticos e/ou genéticos, há aqueles que preferem evitar intrusões externas de qualquer natureza (como as sociedades *in group* conservadoras). Segundo Hewlett *et alii* (2002:313), a ocorrência de certas semelhanças nos tratos de diferentes sociedades pode ser resultante de três modelos distintos: (i) difusão cultural, (ii) adaptações locais a ecossistemas naturais e sociais semelhantes, e (iii) difusão dêmica, i.e., o movimento dos povos para novas áreas (juntamente com seus genes e culturas). A difusão dêmica estaria *a priori* relacionada com evolução filogenética, enquanto que difusão cultural implicaria numa evolução etnogenética.

No que tange à difusão (seja ela cultural ou dêmica), o modelo de isolamento por distância geográfica justamente prevê que quanto menor a distância entre (sub)grupos populacionais maior é a probabilidade de ocorrerem fluxos genéticos, culturais e linguísticos, e que quanto maior a distância entre eles maior a possibilidade de ocorrer uma deriva genética (decorrente de efeito fundador⁴⁹), cultural e linguística (decorrente de processos etnogênicos; cf.: §1.3.3.1).

“Isolation by distance is of importance also in the spread of cultural traits from one population to the other. An analysis of the geographic distribution of cultural traits in African societies shows that many traits are geographically highly clustered (Guglielmino *et al.* 1981).” (Cavalli-Sforza & Feldman 1981:215)

Hewlett *et alii* (2002) apontam alguns padrões possíveis em consequência de difusões dêmicas e em consequência de difusões culturais, levando em conta distâncias geográficas, genéticas, culturais e linguísticas. Neste modelo, a difusão dêmica seria caracterizada por povos originalmente próximos, porém posteriormente localizados em regiões distantes; a difusão cultural, por outro lado, se daria idealmente entre povos circunvizinhos. Assumindo a existência de um histórico de relações entre os povos avaliados, os QUADROS 7 e 8 elencam os padrões interpopulacionais de similitude linguística/genética/cultural e sua provável etiologia. O QUADRO 7 aborda especificamente relações entre povos que atualmente falam línguas

⁴⁹ Efeito fundador é a perda de variação genética decorrente do estabelecimento de uma nova população a partir de um número reduzido de indivíduos, provenientes de uma população maior.

filogeneticamente relacionadas enquanto que o QUADRO 8 aborda especificamente relações entre povos que atualmente falam línguas filogeneticamente não relacionadas:

QUADRO 7. Etiologia das difusões envolvendo populações atualmente falantes de línguas filogeneticamente relacionadas

| | Características interpopulacionais | | Prováveis etiologias |
|---|------------------------------------|--------------------|---|
| | Estrutura genética | Estrutura cultural | |
| grupos geograficamente distantes | similar | similar | (i) fissão populacional, tendo os subgrupos preservado sua língua e cultura após o distanciamento (difusão dêmica). |
| | similar | diferente | (ii) fissão populacional, tendo ao menos um dos subgrupos preservado sua língua mas adotado outra cultura após o distanciamento (difusão dêmica). |
| | diferente | similar | (iii) aculturação: povos de origens distintas que fizeram parte de uma mesma esfera de interação cultural; um deles adotou a língua do outro (sem se miscigenar) antes do distanciamento territorial, e um deles emigrou. |
| | diferente | diferente | (iv) povos de origens distintas que fizeram parte de uma mesma esfera de interação; um deles adotou a língua do outro (sem se miscigenar e preservando sua cultura original) antes do distanciamento territorial, e um deles emigrou. |
| grupos geograficamente próximos | similar | similar | (v) expansão territorial de um povo. |
| | similar | diferente | (vi) aculturação: subgrupos de origem comum passaram a fazer parte de esferas de interação distintas. |
| | diferente | similar | (vii) aculturação: povos de origens distintas passaram a fazer parte de uma mesma esfera de interação cultural; um deles adotou a língua e cultura do outro, porém sem se miscigenar (difusão cultural). |
| | diferente | diferente | (viii) povos de origens distintas que fizeram parte de uma mesma esfera de interação; um deles adotou a língua do outro, porém cada qual preservou sua cultura, tendo havido proporções baixas ou mínimas de miscigenação. |

QUADRO 8. Etiologia das difusões envolvendo populações atualmente falantes de línguas filogeneticamente não-relacionadas

| | Características interpopulacionais | | Prováveis etiologias |
|---|------------------------------------|--------------------|---|
| | Estrutura genética | Estrutura cultural | |
| grupos geograficamente distantes | similar | similar | (ix) povos heteroglóticos se miscigenaram num período inicial, quando eram membros de uma área de interação cultural, tendo se distanciado territorialmente num período posterior. (x) fissão populacional, tendo os subgrupos preservado sua cultura; ao menos um deles adotou outra língua e um deles emigrou após o distanciamento territorial (não nesta ordem necessariamente). |
| | similar | diferente | (xi) fissão populacional, tendo ao menos um dos subgrupos adotado língua e cultura alógenas durante ou após o distanciamento territorial; (xii) povos heteroglóticos se miscigenaram num período inicial, quando faziam parte de uma área de interação, tendo se distanciado geograficamente e culturalmente num período posterior. |
| | diferente | similar | (xiii) povos heteroglóticos de origens distintas que fizeram parte de uma mesma esfera de interação cultural, porém sem se miscigenar. (xiv) povos heteroglóticos de origens distintas que desenvolveram um mesmo tipo cultural por circunstâncias ecológicas semelhantes. |
| | diferente | diferente | (xv) povos heteroglóticos de origens distintas que nunca fizeram parte de uma mesma esfera de interação. |
| grupos geograficamente próximos | similar | similar | (xvi) povos heteroglóticos se miscigenaram num período inicial, tornando-se membros de uma área de interação cultural, conservando porém suas línguas. (xvii) fissão populacional, tendo os subgrupos preservado sua cultura mas ao menos um deles adotou outra língua (substituição linguística). |
| | similar | diferente | (xviii) fissão populacional, tendo ao menos um dos subgrupos adotado língua e cultura alógenas ao integrar numa esfera de interação (aculturação com substituição linguística). (xix) povos heteroglóticos se miscigenaram durante um certo período, porém preservaram sua língua e cultura originais. |

QUADRO 8. Etiologia das difusões envolvendo populações atualmente falantes de línguas filogeneticamente não-relacionadas

| | Características interpopulacionais | | Prováveis etiologias |
|--|------------------------------------|--------------------|--|
| | Estrutura genética | Estrutura cultural | |
| grupos geograficamente próximos | diferente | similar | (xx) povos heteroglóticos de origens distintas sofreram convergência cultural após passarem a fazer parte de uma mesma esfera de interação cultural, porém tendo havido proporções baixas ou mínimas de miscigenação (convergência cultural). (xxi) povos heteroglóticos de origens distintas que desenvolveram um mesmo tipo cultural por circunstâncias ecológicas semelhantes. |
| | diferente | diferente | (xxii) povos heteroglóticos de origens distintas que desenvolveram um mesmo tipo de resistência interacional por circunstâncias ecológicas (associadas, por exemplo, a competitividade ou guerra), acarretando um nível de interação cultural e linguística bastante reduzido. |

De acordo com Guglielmino *et alii* (1995) e Hewlett *et alii* (2002:318), a difusão dêmica é essencialmente responsável pela explicação do compartilhamento de aspectos culturais relacionados a parentesco, família e comunidade. A ideia de expansão de grupos também pode, entretanto, se estender para as noções de influxo e interfluxo populacional, i.e., que implicam na absorção de certas parcelas populacionais numa sociedade. É importante ressaltar que a assimilação de um grupo numa sociedade não implica na assimilação cultural destes indivíduos; além disto, este influxo pode ser intermitente ou mesmo perene (p.ex.: por exogamia, por rapto de ‘esposas’, por fusão de grupos, etc.) e pode envolver diversos povos num ecossistema social, o que decorre numa miscigenação expressiva destas populações, de modo que nestes contextos a força etnogênica se faz constante. Assim, a intrusão lexical de itens relacionados a parentesco, família e comunidade na língua de grupos filogeneticamente não relacionados pode implicar que tais grupos venham incorrendo ou tenham historicamente incorrido em processos expressivos de miscigenação que culminaram em etnogênese. A etnogênese pode afetar fortemente, neste sentido, a transmissão de aspectos culturais conservativos. Por outro lado, tanto a migração como a difusão cultural podem estar associadas à disseminação de aspectos relacionados a expressões culturais, crenças, tecnologias e produtos. Já outros aspectos, como coleta e uso de materiais e alimentos, atividades laborais, modos de subsistência, habitação e

estratificação social podem ser resultado tanto de adaptação ambiental como de difusão (cultural ou populacional).

Neste sentido, vale destacar que estes fatores interacionais e fundamentalmente ecológicos afetam tanto sociedades nômades como sedentárias, acarretando a formação de áreas tanto etnogênicas como culturais e/ou linguísticas. Como vimos anteriormente, sociedades espacialmente próximas costumam estabelecer relações de igualdade ou desigualdade, onde noções de alteridade e afinidade se institucionalizam na infraestrutura cultural por motivos de reprodução (exogamia, patriarcalismo, guerra, etc.) ou subsistência (clientelismo, escravidão, guerra, etc.). Tais relações geram processos evolutivos que podem acarretar na extinção (por aniquilação ou assimilação) ou transformação (por integração, transculturação) parcial ou total destas sociedades.

1.3.3.3. Nichos socioecológicos e esferas de interação

Em §1.3.2 vimos que o materialismo cultural predica que toda sociedade é dotada de uma infraestrutura cultural e que esta evolui a partir de *feedbacks* a estímulos provenientes de um complexo ecossistema físico-cultural. A esta visão, desenvolvida dentro da ecologia cultural, é importante associar um outro aspecto da perspectiva boasiana, que pressupõe que em toda cultura exista um componente histórico e um componente psíquico.

“Boas and his followers considered that it [culture] was to be seen as a result of two factors, an historical factor and a psychic one. As for history, no culture can be understood solely by reference to its current situation. (...) Since there is no general basis for predicting what cultures will have contact with what others, the historical factor has an accidental and fortuitous character. With respect to the psychic factor, there are qualities of men's minds – whether general tendencies to imitate or specific attitudes held by a particular group - which determine whether or not any available cultural item will be borrowed.” (Aberle 1960:3)

Com base nesta perspectiva, White (1959) desenvolveu a ideia de que a cultura é um meio extrassomático de adaptação humana. Seguindo tal argumentação, Binford (1965) assumiu que, ao ser concebida como um sistema adaptativo extrassomático, a cultura é participada pelos seres humanos, mas não necessariamente partilhada.

“[C]ulture is not reduced to normative ideas about the proper ways of doing things but is viewed as the system of the total extrasomatic means of adaptation. Such a system

involves a complex sets of relationships among people, places, and things whose matrix may be understood in multivariate terms” (Binford 1965:209).

Se a cultura for vista como um sistema de meios adaptativos totalmente extrassomáticos, assim também se enquadraria a língua, que é um dos seus componentes essenciais. Assim, tendo como base as arguições de Binford (*op.cit.*), nem cultura nem língua seriam “fenômenos univariantes” medidos em termos de um mero partilhamento de convenções num certo espaço-tempo, mas seriam operados por inúmeras variáveis “which may function independently or in varying combinations” (Binford 1965:205). Estas ideias obviamente estão de acordo com as bases teóricas que determinam a dinâmica das interações e suas implicações para a evolução sociocultural e linguística, um fato que naturalmente ocorre em qualquer contexto ecossistêmico.

A partir destes conceitos se conclui que culturas e línguas não evoluem de forma isolada uma das outras, mas a partir de contatos interpopulacionais num âmbito ecossistêmico; esta evolução é fundamentalmente motivada pela interação dos grupos ou indivíduos visando tanto a competição por certos nichos socioecológicos como a cooperação pela manutenção do controle destes. Processos de convergência (via assimilação ou etnogênese) seriam mediados pela força de atração inerente dos nichos socioecológicos, enquanto que processos de diferenciação seriam relativos e estariam vinculados às peculiaridades que definem a essência de cada um destes nichos. Barth (1969) assume que a diferenciação étnica se fundamenta em distinções categoriais relativas e que fronteiras étnicas são formadas a partir da percepção recíproca destas distinções que caracterizam suas identidades.

“If a group maintains its identity when members interact with others, this entails criteria for determining membership and ways of signalling membership and exclusion.(...) The identification of another person as a fellow member of an ethnic group implies a sharing of criteria for evaluation and judgement. It thus entails the assumption that the two are fundamentally 'playing the same game', and this means that there is between them a potential for diversification and expansion of their social relationship to cover eventually all different sectors and domains of activity. On the other hand, a dichotomization of others as strangers, as members of another ethnic group, implies a recognition of limitations on shared understandings, differences in criteria for judgement of value and performance, and a restriction of interaction to sectors of assumed common understanding and mutual interest.” (Barth 1969:15)

Neste sentido, os traços que distinguem culturas e etnias seriam gerados com base nas interações relativas entre nichos socioecológicos (Barth 1969:19), de modo que identidades étnicas estariam essencialmente interconectadas por padrões de oposição e complementaridade.

Este modelo de nicho étnico é fundamentalmente darwiniano no que tange a conceitos como adaptação, eficiência, e seleção (cf.: §1.1.3). Eriksen (2011) assume postura semelhante:

“The interaction between groups with different ethnic identities, deriving from different ecological niches, continuously renegotiates the ethnic identities of the different groups through the process of ethnogenesis.” (Eriksen *id.*:8)

Assim, nichos socioecológicos são locais virtuais condicionalmente interligados numa representação abstrata de interação intersocial, onde a essência de uma sociedade se manifesta relativamente às outras pertencentes ao mesmo ecossistema social. Entretanto, mesmo que as interações interpopulacionais se estabeleçam com base nos nichos socioecológicos de um ecossistema social, os processos decorrentes da dinâmica do ecossistema social estão inerentemente vinculados a um ecossistema físico e, portanto, a um território. Qualquer território socioecológico contém *nichos* socioecológicos e corresponde a um espaço onde diferentes *habitats* socioecológicos podem se interceptar. Um *habitat* socioecológico é o espaço físico utilizado por uma dada sociedade e corresponde a porções preferenciais de uso do *habitat* humano culturalmente eleitas por aquela sociedade, essencialmente por motivos adaptativos e estratégicos de subsistência.^{50,51} Neste sentido, implícita a todo ecossistema social jaz uma condição de territorialidade, havendo nos casos de (semi)nomadismo uma fluidez territorial assim como constantes intersecções de *habitats* socioecológicos (que podem gerar relações de conflito ou cooperação); já, nos casos de sedentarismo, há uma tendência ao expansionismo territorial e à conseqüente apropriação de territorialidades aloétnicas.

Tendo em vista que através de interações intersociais as identidades étnicas são comunicadas e renegociadas, subgrupos de uma mesma etnia se diferenciam a partir do momento em que passam a ocupar nichos socioecológicos distintos. Igualmente, grupos

⁵⁰ Uso do *habitat* é inevitável para todas sociedades. Seus padrões de uso podem variar entre sociedades em virtude de certos aspectos como organização sociopolítica e adaptação cultural. Tanto o padrão de uso como as porções preferenciais de uso do *habitat* podem mudar sazonalmente em virtude da disponibilidade de recursos. Alguns territórios são operacionais como *habitats* apenas para as sociedades que superaram certas limitações tecnológicas.

⁵¹ Eriksen (2011) parece confundir os conceitos subjacentes de *habitat* e *nicho*:

“This incorporation results in specialized production and trade in particular products derived from the socio-ecological niche inhabited by a given population, and is therefore a combination partly generated by the natural habitat (the ecological niche) and, perhaps most importantly, partly negotiated in the meeting with other groups inhabiting other socio-ecological niches, interested in obtaining these products through exchange.” (Eriksen 2011:7-8) [grifo meu]

‘Nicho ecológico’ e ‘habitat natural’ em hipótese alguma significam a mesma coisa.

filogeneticamente irmãos se divergem ainda mais quando passam a integrar esferas de interação distintas, a ponto de não mais participarem mais de um mesmo ecossistema social.

Está claro também que destas interações intersociais muitas vezes emergem redes institucionalizadas de interação e que é nestas redes que residem as principais forças de estímulo às dinâmicas de mudança cultural, como aponta Friesen (1995).

“Intersocietal interaction is one of the major forces driving culture change, and is a universal process. Whether studied in terms of diffusion, acculturation, exchange, warfare, colonialism, transmission of disease, or any of its other facets, this process has helped to shape the nature of all societies, past and present. Even in the most extreme instances of isolation, such as occurred on remote Polynesian islands, multiple societies tended to develop and interact in trade and conflict.” (Friesen 1995:1)

Freidel (1979:51) inclusive já havia argumentado que a participação de grupos seminômades nestas redes de interação locais não é um impedimento; o único requisito para tanto seria o estabelecimento de um certo grau de interdependência econômica nos grupos envolvidos. Assim, ao assumir que a formação de redes intersociais seria universalmente aplicável, i.e., um fenômeno que abarca qualquer sociedade, Friesen (*op.cit.*) desenvolve uma teoria de interação intersocial entre caçadores-coletores utilizando fundamentalmente premissas já estabelecidas pela ecologia cultural e pela Teoria do Sistema-Mundo⁵² (cf.: Wallerstein 1974; Schneider 1977; Chase-Dunn & Hall 1991, 1993).

“This model is based on the central hypothesis that while hunter-gatherer regional groups are relatively autonomous, they are interdependent to the degree that they are not viable in the long term without interaction with neighbouring regional groups. (...) [I]n almost every case interaction is maintained with neighbouring groups for a range of purposes from economic safety (aid during "hard times", acquisition of environmental or other subsistence-related information, trade in bulk goods), to social reproduction (conflict avoidance, acquisition of marriage partners in certain situations, acquisition of exotic goods to reinforce internal social ranking).” (Friesen 1995:53-4)

Uma das consequências mais marcantes destes sistemas dinâmicos no âmbito social – imbuídos por relações de aliança, troca e conflito – é, pois, a formação de **esferas de interação intersocial**, i.e., regiões suprassociais que abrangem diferentes grupos étnicos com traços

⁵² A premissa central da teoria do sistema-mundo é ecossistêmica, pois estabelece que os aspectos mais salientes e abrangentes de uma rede de interação social são essenciais para se compreender as motivações de mudança e evolução das sociedades por ela integradas (Friesen 1995:25). Chase-Dunn & Hall (1993:855) assumem que um sistema-mundo seria formado por “intersocietal networks in which the interactions (e.g., exchange, warfare, intermarriage) are important for the reproduction of the internal structures of the composite units and importantly affect changes that occur in these local structures”.

socioculturais próprios onde, em virtude da institucionalização de canais de interação intersocial, o fluxo interno de certas tecnologias, ‘bens’ e traços culturais é mais intenso do que se comparado com aquele existente no seu exterior (Caldwell 1962; Binford 1965).⁵³

Esferas de interação emergem muitas vezes a partir de relações verticais de hierarquia e desigualdade, sendo nestes casos centralizadas por nichos socioecológicos de maior ‘gravidade’, i.e., com maior poder hegemônico e controlador. Sociedades complexas, como os cacicados amazônicos, certamente formaram nós gravitacionais importantes dentro de esferas de interação regionais e inter-regionais, pois, segundo Schortman & Urban (1992:239), diversos estudos vem demonstrando que tais sistemas sociopolíticos inevitavelmente precisam importar ‘bens’ exógenos e formalizar alianças alógenas para se manterem existindo.

“The more complex the sociopolitical hierarchy within anyone society, the more imports are needed to support and extend elite rule. (...) The spread of similar material forms, goods as well as styles, functioning in a number of different behavioral realms among elite interactors may reflect acculturation of participants to just such a common spatially extensive social identity. (...) Elites, and the polities they represent, are thereby enmeshed in hypercoherent networks of interdependence which we have termed elsewhere "coevolutionary".” (Schortman & Urban 1992:240)

Blanton (1976) explicita que a eventual formação de macro-esferas de interação ocorre pela interligação de micro-esferas de interação preexistentes, estando aquelas inerentemente orientadas por uma infinidade de núcleos difusores e coletores de inovações. O estabelecimento do princípio da conectividade seletiva nestes sistemas faz com que fluxos com o exterior estejam sendo não somente mediados, mas constantemente controlados. Assim, outra característica importante destas esferas é seus diferentes graus de porosidade, regulados através de conexões preestabelecidas entre micro-esferas de interação, as quais se conformam como componentes articulares num macrossistema. Estes fluxos, obviamente, são dinâmicos, e, por apresentar temporalidade, vão se transformando com o passar dos tempos, de forma que novos *links* são criados enquanto que outros deixam de existir. Estes canais articulatórios são também

⁵³ Esfera de interação não implica em área cultural – onde a convergência necessariamente produz uma tradição e modos de vida semelhantes e compartilhados entre todos os grupos ali contidos – mas fundamentalmente numa institucionalização do escambo do comércio ou troca de certos ‘bens’, viabilizando igualmente o fluxo de contingentes populacionais por estas vias. Ambos conceitos se diferenciam também de área adaptativa, que Binford (1965:208-209) relaciona a regiões do ambiente físico compartilhadas propriamente em virtude de sua ampla disponibilidade de recursos naturais e não por alguma questão inerentemente cultural. Uma esfera de interação muitas vezes interconecta áreas culturais e áreas adaptativas, pois às redes sociais por ela estabelecida subjaz a viabilização da difusão de produtos culturalmente/geograficamente localizados, integrando por vezes os produtos sociais de diferentes ambientes culturais e geográficos, mas não necessariamente seus indivíduos.

responsáveis pela formação de macro-esferas interacionais, de espectro infinitamente mais complexo, orientados por uma infinidade de núcleos difusores e coletores de inovações.

A emergência de esferas de interação (com seus desdobramentos sociais e/ou linguísticos) depende essencialmente do tipo de relação que cada grupo estabelece com os demais e do seu papel ecológico dentro da esfera de interação, estando tais relações estruturadas tanto no eixos horizontal e vertical por relações de afinidade e de alteridade. É através dos canais de interação social e de uma porosidade controlada que se efetuam fundamentalmente o *feedback* de reequilíbrio destas esferas de interação contra pressões de desestabilização socioecológica.

Como o estabelecimento e manutenção das vias interativas num ecossistema intersocial se dá através das línguas faladas pelas populações participantes, a emergência de toda esfera de interação inevitavelmente traz implicações importantes ao ecossistema linguístico a ele subjacente. Assim, a interação intersocial se apresenta como um dos aspectos fundamentais da evolução das línguas, pois parte-se do pressuposto que todas as populações humanas inerentemente participam/participaram de ecossistemas sociais. De fato, como se verá adiante, o levantamento arqueo-ecolinguístico realizado na segunda parte desta tese através do confronto e análise dos diferentes extratos linguísticos presentes nas línguas atualmente faladas pelos povos indígenas sul-americanos e das correlações destes resultados com informações de outras disciplinas (arqueologia, etnohistória, genética humana, etc.) evidenciou uma pré-história altamente interativa na América do Sul, especialmente na Amazônia e nos Andes.

2. CONCEITOS LINGUÍSTICOS BÁSICOS PARA A ECOLINGUÍSTICA

2.1. ECOSSISTEMAS LINGUÍSTICOS

Comunicar significa ‘tornar comum’. De acordo com Morris (1946), comunicação corresponde a toda interação que veicule conteúdo semântico entre pelo menos dois agentes através de um sistema semiótico compartilhado. Comunicação acontece efetivamente quando um sinal emitido é percebido e interpretado por ao menos um organismo. Sinais propositalmente emitidos para informar adquirem o *status* de sinalizadores, i.e., de mediadores do processo comunicativo (conf. Ruxton & Schaefer 2011). Assim, toda mensagem precisa ser codificada em ao menos um sinalizador e o processo comunicativo exige minimamente um emissor, um receptor, uma codificação e um veículo. Além disto, como veremos adiante, a comunicação natural obrigatoriamente se dá no interior de um ecossistema e é contextualmente dependente.

Está claro, porém, que nem toda atitude é um processo comunicativo, se considerado que a comunicação consiste unicamente na transmissão intencional de sinais codificados. Neste sentido, somente indivíduos capazes de reconhecer e produzir intencionalmente tais sinais estariam efetivamente capacitados a se comunicar. A emergência da sociabilidade entre indivíduos só foi possível com o advento desta tecnologia extremamente ancestral, sendo perfeitamente previsível pelos fundamentos holísticos e ecológicos, como de fato se fez no decurso evolutivo da vida terrena, e disponível até em organismos extremamente simples.

Entretanto, apesar dos processos de sinalização terem um efeito comunicativo, eles não necessariamente se constituem como língua, a qual se caracteriza como um mecanismo sem restrição comunicativa.⁵⁴ Neste sentido, subjaz nas línguas humanas um meio ambiente mental, o qual fundamentalmente capacita os seres humanos a se comunicarem irrestritamente num meio ambiente social. De que se trata, então, o ecossistema das línguas? Este tema será tratado

⁵⁴ De fato, além dos idiomas humanos os demais sistemas animais de sinalização referencial são restritivos, porque estão pragmaticamente restritos, i.e., não são usados em contextos diferentes daqueles em que o próprio fenômeno está presente.

a seguir, a partir de um dos conceitos básicos da ecolinguística: o ecossistema fundamental da língua.

2.1.1. O ecossistema fundamental da língua (EFL)

De acordo com o princípio fundamental da ecolinguística – disciplina dedicada ao estudo da Ecologia das línguas naturais – as línguas não podem ser isoladas de seus respectivos contextos, o que implica que a todas as línguas naturais estejam implícitos ‘ambientes’ (Haugen 1972) que, juntamente com elas conformariam o seu ecossistema. Ao considerar que toda comunicação articula um contexto e é articulada em contexto, Døør & Bang (1996) buscam respaldar a ecolinguística numa perspectiva dialética, fundamentada no holismo epistêmico, evocando para tal fim a transdisciplinaridade. Nesta perspectiva transdisciplinar da língua, os autores buscam caracterizar os ambientes linguísticos em três dimensões (biológica, ideológica e sociológica)⁵⁵, sustentadas pelo princípio de que qualquer evento, relação, processo, estado ou organismo relacionado ao universo humano pertença a um *topos* dinâmico, estruturado nestas três dimensões. A dimensão biológica se refere aos condicionamentos biofísicos da existência; a dimensão ideológica às condições e implicações mentais da comunicação; e a dimensão sociológica à atividade social implícita no ato comunicativo. Assim, todo diálogo é parte de uma atividade social e interage com matrizes de forças, valores e avaliações preexistentes. O ambiente linguístico se configuraria assim através de esferas de interação fundamentadas nestas três dimensões. Levando em consideração tais pressupostos teóricos, Couto (2009b:147) sustenta que a ecolinguística não seria propriamente uma disciplina, mas uma plataforma holística para se estudar a linguagem, que toma como pressupostos os princípios ecossistêmicos apontados em §1.1.2. Partindo de tal modelo, Couto (2007) postula a existência de três meio ambientes linguísticos: mental, social e natural, sucintamente parafraseados no excerto abaixo:

“Alguém que chegasse de um outro planeta possivelmente existente no universo e visse dois humanos conversando, provavelmente perceberia que o primeiro suporte da língua

⁵⁵ Esta caracterização com respeito às línguas naturais remonta do pensamento humboldtiano e sapiriano:

“Properly speaking, of course, the physical environment is reflected in language only in so far as it has been influenced by social factors. (...) In other words, so far as language is concerned, all environmental influence reduces at last analysis to the influence of social environment.” (Sapir 1912:227)

é o conjunto P, ou seja, os seus membros organizados socialmente. Este seria o meio ambiente social da língua. Depois de se familiarizar um pouco mais com esse tipo de interação, talvez constatasse que cada um desses membros de P constam de corpo físico, no qual está contido o cérebro. Este último, por seu turno, é a sede da mente, que é a base da língua e de todos os processos mentais. Descobriria aí a existência de um meio ambiente mental da língua. Por fim, perceberia que, para haver o cérebro/mente e a sociedade, é necessário que haja um terreno, um território em que os membros de P convivam. Aí temos o meio ambiente natural da língua, que inclui os próprios membros de P qua corpos físicos.” (Couto 2007:20)

Grosso modo, o meio ambiente social corresponderia às perspectivas sociológicas da comunicação, especialmente à sociologia da linguagem e à sociolinguística; o meio ambiente natural corresponderia à perspectiva física, no qual as sociedades naturalmente evoluem (ele já foi abordado, por exemplo, dentro do relativismo linguístico de Sapir e Whorf); o meio ambiente mental corresponderia às questões psicolinguísticas e neurolinguísticas, associadas aos processos de aquisição, armazenagem e processamento da linguagem (Couto 2007:39). Segundo Couto (*id.*), o *ethos* linguístico emerge inexoravelmente a partir das inter-relações destas três dimensões ecológicas, onde está implícito o princípio da socialidade linguística. Baseado nestas premissas, o autor (2007:89) propõe o conceito de ecossistema fundamental da língua (EFL), pelo qual qualquer ambiente linguístico seria formado de três fatores essenciais: língua/linguagem (L), população (P) e território (T).

“Parece ficar subentendido que para que exista uma língua (L) é necessário que haja um conjunto de pessoas, uma população (P), que a use. Essas pessoas têm que estar vivendo em um determinado espaço ou território (T).” (Couto *id.*:89)

Segundo Couto (*id.*:97), L deve ser entendida não só no sentido linguístico propriamente dito, mas também num sentido comunicativo mais amplo, que inclui a noção de ‘linguagem’. L denotaria assim o modo como os membros de P interagem entre si no T onde convivem, em outras palavras, “a totalidade dos códigos que dão estruturação a determinada comunidade” (Couto *id.*:98).

Neste triângulo ecolinguístico, L inevitavelmente se interpõe entre os indivíduos de P como instrumento mediador do ato comunicativo e subsiste unicamente em função da interação entre os indivíduos de P, sendo aquela inteiramente dependente desta. Se por um lado P se concebe como o agente num EFL, sendo gerador/utilizador de L, por outro lado, P é também existencialmente dependente tanto de L como de T, o que implica que T contribui **indiretamente** na geração de L ao prover P de significantes, elaborados como conceitos

semioticamente relevantes através da percepção categórica acumulada em seus indivíduos (de forma que a relação entre L e T seja inequivocamente mediata). Todos estes conceitos costumam estar manifestados no léxico (Sapir 1912:228). Assim, a emergência e evolução de L se dá através dos desdobramentos de P num dado T. L influencia – porém jamais predetermina – a visão de mundo de P assim como a forma como P concebe a si e ao seu T. P se mantém como coletividade sob o regime de regras de convivência sócio-historicamente instauradas num dado T. Toda ‘sociedade’ consiste, neste sentido, unicamente de P estruturado por L e apenas a ‘comunidade’ se define em função de territorialidade, o que faz com que o conceito de ‘sociedade’⁵⁶ transcenda o de ‘comunidade’ (Couto *id.*:97-108).⁵⁷ Como veremos adiante, P de um dado T pode ser sociolinguisticamente homogênea ou heterogênea, havendo, porém sempre uma tendência natural à heterogeneidade em sociedades estratificadas e à homogeneidade em sociedades não hierárquicas. Populações heteróclitas em contato podem se manter segregadas, se influenciar, sofrer assimilação ou convergir por crioulização.

Couto (*id.*:92) salienta, pois, que, dos pontos de vista genético e evolutivo, tudo em L estaria relacionado com o EFL. Assim, ao considerá-lo como o princípio fundacional de qualquer língua, o EFL estaria implícito no processo histórico do surgimento daquela. Em vista disto Couto (*id.*) defende que o EFL seja o modelo ideal para qualquer investigação linguística.

“Tanto que, no momento de sua ‘fundação’, ou seja, de sua emergência, e nos imediatamente subseqüentes, toda língua natural se enquadra rigidamente na EFL, é uma língua prototípica” (Couto *id.*:92)

Os processos inerentes ao EFL, como veremos a seguir, dizem fundamentalmente respeito à interação, respaldadas por todos os conceitos já tradicionalmente estabelecidos pela ecologia (cf. §1.1).

Tendo em vista que todo EFL é formado pela interseção de três dimensões (natural mental e social), ele pressupõe a existência de três ecossistemas componenciais da língua: (i)

⁵⁶ O sociólogo Spencer (1876) introduziu a ideia de que sociedades apresentariam uma natureza inerentemente “super-orgânica”. Nesta perspectiva, qualquer sociedade corresponderia a um ‘super-organismo’, i.e., um organismo constituído de organismos. Uma colônia corresponderia, assim, a uma forma de ‘sociedade’. Entretanto, apesar das semelhanças, ‘sociedade’ é um conceito muito mais abrangente, pois comporta inúmeras formas de relações sociais inexistentes numa colônia. Neste sentido, constitui-se também um equívoco designar ‘sociedade’ como agregado ou organismo.

⁵⁷ Para Haugen (1972) o meio ambiente das línguas naturais seriam as sociedades, pois é unicamente no âmbito destas que aquelas são veiculadas.

ecossistema natural da língua, (ii) ecossistema mental da língua e (iii) ecossistema social da língua. A seguir, cada um destes ecossistemas será abordado separadamente.

2.1.2. O ecossistema natural da língua (ENL)

De acordo com os pressupostos ecolinguísticos toda língua natural emergiu no âmbito de um EFL. Este âmbito inevitavelmente consiste de três ambientes componenciais da língua: natural, mental e social. Para toda língua natural, seu ambiente natural nada mais é do que o ambiente físico onde ela se manifesta, i.e., corresponde ao território dos falantes da mesma. Neste sentido, o ENL é o mais concreto dos três que compõe um EFL, pois representa a faceta tangível da trindade ecolinguística (T, P, L).

2.1.3. O ecossistema mental da língua (EML)

Como mencionado anteriormente, a percepção é essencial tanto para as línguas humanas como para qualquer linguagem animal. Entretanto, uma condição fundamental à emergência das línguas foi a preexistência de um sistema de percepção categorial de ordens qualitativa e quantitativa, baseado na detecção de diferenças sutis nos estímulos, que possibilitam que estímulos passassem a ser codificados não de forma absoluta, mas em unidades discretas através de traços paramétricos.⁵⁸ Assim, dentro de um sistema de percepção categórica todo elemento percebido necessariamente pertence a uma categoria, fazendo com que ele seja definido no universo segundo tal parametrização. Teoricamente, todo sistema de representação categórica é operado por ao menos um traço⁵⁹ paramétrico, i.e., necessariamente atribuído de uma essência cognitiva, mesmo que articulado puramente com base numa percepção sensorial, de origem

⁵⁸ A percepção categórica contrasta com percepções do tipo contínuo e pontual, pois ela implica que uma mudança em alguma variável ao longo de um *continuum* seja captada não como gradual, mas como instâncias de categorias discretas. Tal restrição, consequentemente, influencia a percepção do observador (Goldstone & Hendrickson 2010) e, neste sentido, ainda que dependente de condições inatas, a língua precisa ser calibrada pela aprendizagem.

⁵⁹ Todo traço é em sua essência dotado de um valor binário e opositivo. Justamente em virtude desta binaridade, qualquer restrição imposta a ele será inevitavelmente acarretadora de sua inoperabilidade como tal; neste contexto específico sua expressividade não desaparecerá, mas será manifestada unicamente por um valor: seja positivo, ou negativo.

física. Todo sistema perceptivo operado por mais de um destes traços torna-se intrinsecamente componencial, respaldando nele a emergência do princípio da especialização semântica, que proporciona pela acumulação de parâmetros um detalhamento significativo das unidades discretas e um conseqüente aumento do potencial cognitivo de categorização.⁶⁰ O sistema cognitivo surgiu naturalmente em decorrência destas parametrizações e justamente, como conseqüência, tais parametrizações o subordinaram à necessidade de memorização⁶¹. É pois, na memorização que estão implicados os processos de codificação, armazenamento e reaccessibilidade das línguas.

É fato, pois, que o sistema auditivo de percepção categórica é necessariamente adquirido em humanos, visto que tanto sua parametrização como a subsequente complexificação de suas unidades significativas (segundo princípios fonológicos, prosódicos, semânticos, sintáticos, pragmáticos, etc.)⁶² dependem de referentes a ele externos. Como tal parametrização não é inata, mas dependente da experiência, sua aquisição só se tornou viável cognitivamente através da ‘memória de trabalho’⁶³.

⁶⁰ Por outro lado, o princípio da especialização semântica proporciona por meio da combinação dos traços operantes um detalhamento significativo das unidades discretas, aumentando o poder de categorização do sistema de percepção categorial. Estas unidades discretas são unidades lógicas e, portanto, significativas. Cada uma destas unidades é representada essencialmente por um conjunto contendo ao menos um traço distintivo parametrizado. Semanticamente encontra-se em oposição a tudo que o contesta por ao menos uma divergência paramétrica destes mesmos traços. Todo parâmetro positivo (i.e., mais marcado) de qualquer traço distintivo corresponde a uma categoria primordial e é em si uma unidade significativa. Toda categoria que não é primordial é necessariamente uma subcategoria de uma categoria primordial.

⁶¹ A memória evolutivamente se estruturou num sistema multimodular, i.e., com núcleos especializados e funcionalmente diferenciados. Segundo o modelo de Atkinson-Shiffrin (1968) o sistema seria em linhas gerais subdividido em memória sensorial, memória de curto-prazo e memória de longo-prazo. A memória sensorial é responsável pela retenção de informações sem a necessidade de atenção por menos de um segundo e pelo engatilhamento de efeitos instintivos (*priming effects*); quaisquer destas informações podem se tornar conscientes caso a atenção seja dirigida para elas antes de expirarem. A memória de curto-prazo permite recordar porções (*chunks*) limitadas de informação por um período de vários segundos a um minuto sem o uso de mentalização por repetição. A memória de longo-prazo, enfim, é capaz de armazenar quantidades muito maiores de informação por tempo potencialmente ilimitado; se subdivide em memórias implícita – cujas informações, de cunho procedural, são recuperadas normalmente de forma inconsciente, e explícita ou declarativa – cujas informações, de cunho semântico ou episódico, são recuperadas normalmente de forma consciente (Byrne 2008).

⁶² De acordo com Morris (1946), estas são partes complementares e essenciais de qualquer sistema de codificação para a existência de comunicação.

⁶³ Baddeley & Hitch (1974) foram responsáveis pela introdução da noção de ‘memória de trabalho’, que corresponde ao subsistema de domínio consciente da mente, i.e., onde o consciente e, conseqüentemente, as línguas operam. Segundo estes autores, a ‘memória de trabalho’ atua através de uma ‘central executiva’ responsável pelo controle focal da atenção no âmbito da memória de curta-duração, possibilitando que indivíduos (re)acessem e (re)trabalhem diferentes *chunks* de informação provenientes tanto da memória sensorial como da memória de longo-prazo, os quais são mantidos em um estado ativo pelo

A plasticidade no sistema de percepção auditiva⁶⁴ representou uma enorme evolução aos processos comunicativos. Justamente por estarem imbuídos desta ferramenta, humanos se tornaram tecnicamente aptos a codificar no próprio som por eles produzido o universo por eles percebido⁶⁵, gerando um sistema holístico de representação categórica capaz de reconstruir a realidade percebida a partir de sua própria imagem. Tal fato ampliou enormemente o potencial do indivíduo, tornando-o altamente capaz de exercer controle social e, por conseguinte, ecossistêmico. É fato, como dito anteriormente, que vocalizações só podem funcionar como formas de comunicação se sujeitas a serem imitadas e categoricamente percebidas, exigindo atenção, pertinência e perspicácia para que os organismos conquistem tal controle. Está claro, também, que o poder comunicativo exerce forte pressão seletiva nas populações e é justamente tal pressão ambiental de uma linguagem com estas características que impulsiona indivíduos a efetivamente aprenderem os sistemas de representação categorial em uso nas práticas sociocomunicativas do grupo social ao qual pertencem assim como os conhecimentos ali veiculados. Esta transmissão diageracional dos padrões de representação categórica pré-estabelecidos é definida por um processo de ‘culturalização’ e, neste sentido, a cultura torna-se um elemento indissociável da linguagem. O controle cognitivo nas populações ficou assim vinculado a uma capacitação tanto genética como sócio-histórica.⁶⁶

A possibilidade de codificar e comunicar um sistema semiótico desta magnitude corresponde um grande marco evolutivo.⁶⁷ Entretanto, se por um lado a percepção categórica representou um fundamento essencial à emergência das línguas, as generalizações nela

tempo em que a atenção estiver neles focalizada (Carruthers 2013:10371). Esta memória desempenha um papel essencial na cognição complexa e, para tanto, conta com um ‘buffer episódico’ (uma subcategoria da memória de curto-prazo subordinada à ‘central executiva’ que concentra informações contextuais não focais), que permite que as informações mantidas em um estado ativo pela ‘central executiva’ da ‘memória de trabalho’ sejam constantemente atualizadas e pragmaticamente trabalhadas. É também esta memória a responsável pelo processo de fixação de novas representações categóricas na memória de longo-prazo.

⁶⁴ O princípio da dependência nele implícito possibilita que os elementos significativos (unidades discretas e traços paramétricos) gerados pelo sistema de percepção sejam hierarquicamente categorizados através de restrições combinatórias lineares e não lineares, com base nos traços ali operantes.

⁶⁵ Para maiores detalhes, cf.: §1.1.

⁶⁶ Esta inter-relação entre genética e sociohistória também ocorre nos mais distintos animais (Rogers & Kaplan 2000, 2007).

⁶⁷ Sua seleção no processo evolutivo decorreu fundamentalmente de sua eficiência em amplificar as possibilidades de êxito populacional num dado ecossistema, pois, ao dotar os indivíduos com esta capacidade de transferir intergeracionalmente competências e informações de forma ilimitada, a língua tornou o aprendizado social muito mais preciso e poderoso, consequentemente facilitando a eles o acesso aos recursos físicos e biológicos (Sterelny 2008:216).

implícitas assim como a sedimentação destas generalizações na ‘memória de longo-prazo’ a partir da exposição recorrente do indivíduo a um ecossistema determinado (seja ele social, físico ou linguístico) se caracterizam como uma constante possibilidade de *bias* (Fleming *et alii* 2013:19060), capazes de ‘iludir’ e moldar certos padrões de atenção na ‘central executiva’ da ‘memória de trabalho’, limitando a capacidade de percepção da realidade pelo indivíduo, acabando por deixar a memória sensorial ‘viciada’ numa realidade fictícia e constantemente recriada pela ‘memória de longo prazo’, a qual, dentro de um ecossistema social, acaba influenciando diversos aspectos da cultura e na consequente modelação de uma ‘percepção coletiva’, i.e., de um modo ‘tradicional’ de perceber o ecossistema (repetindo, seja ele social, físico ou linguístico).⁶⁸ Estes efeitos, tem contrafeitos importantes: distorcem a realidade ‘tangível’, o que consequentemente reduz a percepção individual e coletiva da realidade ‘*per se*’. Tal condicionamento inato de preconceber semelhanças e diferenças implica que todo indivíduo apresenta uma tendência ‘orgânica’ de distorcer a percepção do que é essencialmente semelhante e do que é essencialmente diferente, de modo que elementos diferentes podem ser ‘comprimidos’ numa mesma categoria e elementos semelhantes ‘separados’ em categorias distintas. Tais restrições modulam a maneira como o ser humano percebe o mundo, mesmo que elas existam justamente com o intuito de tornar sua percepção mais eficiente.⁶⁹ Este foi o princípio utilizado por Whorf (1954) em sua fundamentação do relativismo linguístico:

“We dissect nature along lines laid down by our native languages. The categories and types that we isolate from the world of phenomena we do not find there because they stare every observer in the face; on the contrary, the world is presented in a kaleidoscopic flux of impressions which has to be organized by our minds – and this means largely by the linguistic systems in our minds. We cut nature up, organize it into concepts, and ascribe significances as we do, largely because we are parties to an agreement to organize it in this way – an agreement that holds throughout our speech community and is codified in the patterns of our language. (...) We are thus introduced to a new principle of relativity, which holds that all observers are not led by the same physical evidence to the same picture of the universe, unless their linguistic backgrounds are similar, or can in some way be calibrated.” (Whorf 1954:213-214)

⁶⁸ Explicações para ‘central executiva’, ‘memória de trabalho’ e ‘memória de longo-prazo’ estão nas notas de rodapé 61 e 63.

⁶⁹ Há ainda uma questão importante concernente à comunicação: excetuadas as línguas humanas os sistemas naturais de sinalização referencial atualmente conhecidos são relativamente pouco elaborados e pragmaticamente restritos. Disto emerge a premissa de Chomsky (1965; 1967; 1980) acerca de uma predisposição biológica nos humanos para a utilização desta capacidade distintiva de comunicação.

O aprendizado linguístico, por ser categórico, se fundamenta nos mesmos princípios da percepção categórica (definitude, dependência, componibilidade). Assim, até mesmo os “traços sintáticos seletivos”, que Chomsky (1980; 1995) incluiu na gramática universal (GU), provavelmente sejam internalizados durante o processo de aquisição, por estarem inevitavelmente embutidos no léxico, sendo com ele conjuntamente aprendidos⁷⁰. O aprendizado destes traços poderia ser induzido, por exemplo, por *statistical chunking*, um modo altamente eficiente de codificação de unidades significativas complexas.

“To put the matter simply, assuming five events (A, B, C, D, and E), forming the chunks ‘AB’ and ‘CDE’ is beneficial only if A and B on the one hand, and C, D, and E on the other hand, form cohesive structures. If ‘AB’ is frequently followed by C, and ‘DE’ frequently occurs in other contexts, then this mode of chunking [‘AB’ and ‘CDE’] would be ill suited” (Perruchet 2008:608)

Neste sentido, no decorrer da aquisição da língua, ‘AB’ ou ‘CDE’ seriam provavelmente prosodicamente motivados, (representando, por exemplo, palavras fonológicas, grupos clíticos ou frases fonológicas), onde frequentemente existem traços sintáticos incorporados. Estudos de aquisição focados na percepção rítmica das línguas dão sustentação a esta proposta (Hauser & Fitch 2003:180). É importante salientar que estes princípios não são propriamente linguísticos, mas inerentes da percepção categorial e do processo cognitivo de forma que, tomando emprestado o termo da linguística, o caráter ‘gerativo’ das línguas esteja na realidade estruturado nas propriedades gerais da cognição. Esta ideia conflui, por exemplo, com as expostas em Elman *et alii* (1996), que, partindo de uma perspectiva conexionista, “has demonstrated that a great deal of information is latent in the environment and can be extracted using simple but powerful learning rules” (*id.*:xiii), sugerindo que o aprendizado linguístico seja induzido a partir de dados linguísticos primários sem a necessidade de um condicionamento linguístico específico e, a partir desta perspectiva, se conclui que a memória de trabalho é em si capaz de produzir linguagem e regras de dependência baseadas em estratégias de focalização próprias do sistema perceptivo.

Assim, o meio ambiente mental se concebe fundamentalmente a partir da experiência de vida do indivíduo, das representações categóricas percebidas através desta vivência e da

⁷⁰ A isto se soma a ideia de Saussure (1973[1916]:145-147 *apud* Couto 2007:55), pela qual a significação dos lexemas durante o ato comunicativo não se dá independentemente de contextos, a partir dos quais, pragmaticamente, emergem condicionamentos sintáticos (ou paradigmas de uso).

capacidade funcional da sua ‘memória de trabalho’. Estes representam os únicos elementos fundamentadores da língua, sendo a experiência sociocultural, *per se*, particularmente responsável pela sua emergência.⁷¹ Isto dá suporte, por exemplo, aos postulados de Hymes (1974), segundo os quais a competência linguística estaria na verdade relacionada ao uso pragmático da língua em contextos socioculturais específicos.

Outra conclusão que se alcança a partir da discussão apresentada nesta seção é que o aprendizado de uma L2 qualquer se dá naturalmente no contexto de um EML previamente estruturado. Mesmo que todo sistema mental seja essencialmente plástico (esta é uma característica inerente de todo sistema natural), a sua reestruturação a partir da vivência em uma nova realidade (i.e., num outro meio ambiente linguístico) apresenta uma ‘resistividade orgânica’ em virtude de uma síntese, sintaxe e direcionalidade prototípicas do EML gerado no cérebro de um indivíduo a partir do aprendizado de L1. Neste sentido, tendo em vista que sua memória de trabalho já tenha sido sistematizada por parâmetros prévios oriundos do seu contato com L1, L1 estaria inerentemente mediando o aprendizado de L2.

É importante ressaltar que tal resistividade não é própria unicamente do EML, mas da memória como um todo. Por ser própria da memória, ela tem consequências não somente no aprendizado de uma L2, mas no aprendizado em geral, e se caracteriza, de fato, como um catalizador da formação de hábitos, i.e., de um processo de automatização comportamental. Esta automatização comportamental e, por extensão, da mentalidade, obviamente influencia o potencial de aprendizagem do indivíduo. Isto se torna patente pois existe maior resistência em um adulto do que em um adolescente e menor ainda em uma criança para aprender um novo sistema ou alterar um caráter de seu comportamento, pois sua memória e, conseqüentemente, sua mentalidade, estão menos resignados a modelos tradicionalmente replicados pelo ambiente social que inerentemente intermedeia o indivíduo e o universo. Tal resistividade implícita da mente é, pois, determinística, e seu determinismo é categórico. Entretanto, em sua dimensão diacrônica, a resistividade não é um impedimento à evolução, constituindo-se, contrariamente, como uma força ambígua que rege o processo evolutivo pelo antagonismo de direcionalidade que mantém com a memória de trabalho, impedindo que esta se torne alienada, alheia de sua essência orgânica. Tais características, que definem a funcionalidade de mente, são aquelas que

⁷¹ Neste sentido, não haveria algo puramente linguístico *hardwired* no cérebro humano, apenas uma capacidade geral de discernimento através do dispositivo focal na ‘memória de trabalho’ e de uma condição fisiológica que determina um grau suficiente de controle nos processos de focalização.

intrinsecamente respondem pela emergência do EML. Assim, o EML se constitui como aquele que condiciona o aprendizado linguístico, estando, deste modo, invariavelmente dependente do ecossistema social da língua, do qual trataremos a seguir.

2.1.4. O ecossistema social da língua (ESL)

Dentro do ESL, há um conceito essencial, ‘comunidade’. O termo ‘comunidade’ é empregado com algumas variações nas diferentes áreas do conhecimento. Vimos em §1.1.2 que na ecologia este termo se refere ao conjunto das diferentes populações presentes num dado ambiente ou ecossistema. Por outro lado, o mesmo termo é usado na tradição sociológica para referir-se a *Gemeinschaft*, i.e., qualquer unidade social que se conceba como tal com base em relações interacionais diretas de reciprocidade, não tendo nenhuma relação com a conotação adotada pela biologia. Na ecolinguística, o termo ‘comunidade’ pode apresentar diferentes conceitos, a depender de seu predicado.

Em §2.1.4.1 serão apresentados os conceitos de ‘Comunidades de Fala’ e ‘Comunidades linguísticas’. Em §2.1.4.2 serão abordadas, baseando-se fundamentalmente em Bastardas i Boada (2002), as distinções entre dois conceitos aparentemente semelhantes: ‘comunidades linguísticas’ e ‘comunidades de línguas’. Serão apresentados também que parâmetros de ESL são componentes essenciais das Esferas de Interação linguísticas. Enfim, em §2.1.4.3 será apresentado o ‘princípio fundador’, um conceito ecolinguístico fundamental para a compreensão da evolução linguística em certos contextos etnogenéticos.

2.1.4.1. ‘Comunidades de fala’ e ‘comunidades linguísticas’

Os dois conceitos fundamentais do ESL, ‘comunidade de fala’ e ‘comunidade linguística’, os quais serão tratados a seguir, são respectivamente essenciais para a compreensão das dinâmicas sociolinguística e geolinguística de qualquer EFL. ‘Comunidade de fala’ (*speech community*), termo cunhado por Bloomfield (1926; 1933), se refere a qualquer população que interaja através de sistemas linguísticos.

“A speech-community is a group of people who interact by means of speech. (...) [T]he speech-community, therefore, is the most important kind of social group. Other phases of social cohesion, such as economic, political, or cultural groupings, bear some relation to the grouping by speech-communities, but do not usually coincide with it; cultural features, especially, are almost always more widespread than any one language.” (Bloomfield 1933:29)

O termo ‘comunidade de fala’ (CF) foi posteriormente reelaborado por Gumperz (1968) com base na noção de frequência sociointeracional. Assim, segundo este autor, ‘comunidade de fala’ corresponderia a “any human aggregate characterized by regular and frequent interaction by means of a shared body of verbal signs and set off from similar aggregates by significant differences in language usage” (Gumperz *id.*:114). Entretanto, para Labov (1972:120) a ‘comunidade de fala’ não é definida por semelhanças exclusivas ao uso linguístico, mas por uma série de atribuições compartilhadas que fazem com que o grupo se enxergue como tal. Neste sentido, a ‘comunidade de fala’ seria unida por uma base comum de normas avaliativas, embora potencialmente divergente na aplicação dessas mesmas (Labov 1966:355).

“This normative regularity of use variation is an empirical finding. Results recurred strikingly across social classes, the sexes, age- and ethnic-groups; irregularities were minor, largely mirroring changes in progress or contrasting changes of different age. (...) This underlies Labov's dual stress on evaluative behavior and patterns of variation: attitude differences unaccompanied by speech differences are epiphenomena. (...) This is the case of the African-Americans examined separately: “Negro speakers share the white attitudes towards correctness ... [but] reverse white attitudes towards the cultural values of NYC speech” (Labov 1966: 352). The use of (eh), (oh), (ay) and (aw) by Negro speakers is quite different than for whites” (p.370). Differences of class and age among black speakers are noted, too, but overall they are consistently distinguished on many grounds from the white ethnic groups, who pattern together. Again, Labov noted “the resistance of children to the middle-class norm” (p.348), and argued (p.351) that many lower class subjects fall outside the influence of the unifying norms... many seem to lack the cultural values which maintain the working class pattern of speech in opposition to massive pressure from above” (Patrick 2003:440-441).

A noção laboviana desta ‘norma unificadora’ não estava em prescrever uniformidade, mas em sublinhar a pressão de normas linguísticas padronizadas, i.e., normas que foram aceitas mais que resistidas. Tais normas seriam implementadas através do processo de convergência linguística, que atuaria na gênese de uma CF (Labov 1966:136-37).

Ao admitir que as fronteiras entre as CF’s seriam essencialmente sociais e não linguísticas, Romaine (1988:22) sugere, neste sentido, que o termo não seria necessariamente

coextensivo a ‘comunidade linguística’ (CL). Para situar bem estas distinções, contrastemos primeiramente aquelas definições de CF dadas por Gumperz (1968) e Labov (1972) com a seguinte, de CL, estabelecida por Gumperz (1962:29): “linguistic communities may consist of small groups bound together by face-to-face contact or may cover large regions, depending on the level of abstraction we wish to achieve”. Enquanto nas visões de Gumperz (1968) e Labov (1972) a coesão social é essencial a uma CF, a definição de Gumperz (1962) para CL dispensa tal exigência.

Tal distinção foi formalizada primeiramente por Couto (1990) que, para tal fim evoca a distinção entre língua (*langue*) e fala (*parole*) feita por Saussure (1967[1916]:30-32). Segundo Couto (*id.*:94), o que caracteriza CF é a interação concreta entre indivíduos, enquanto que CL representaria o domínio do que se chama laicamente de língua. Assim, CL poderia ser definida como todo conjunto de pessoas ou populações que fazem uso de um mesmo sistema de comunicação linguística e que estão de alguma forma interligadas através de redes de interação, não implicando que estejam necessariamente engajadas por contato direto e nem mesmo que formem uma unidade socialmente coesa. Neste sentido, o território de uma CL corresponderia, grosso modo, ao ‘*habitat* da língua’. Por outro lado, CF seria todo conjunto de pessoas ou populações socialmente coesas que compartilhem um mesmo espaço de comunicação linguística. Gumperz (1996) adiciona a ideia de que CF’s poderiam ser concebidas como nódulos de redes sociais, isto é, espaços ou núcleos interligados, onde a língua é pragmaticamente socializada. Deste modo, CF’s correspondem a ‘nichos linguísticos’.

“Speech communities, broadly conceived, can be regarded as collectivities of social networks. Networks come in different types. Of crucial importance for linguistic and cultural transmission is the primary network of socialization, into which one is recruited by kinship, and from which are recruited friends and often neighbors and co-workers. Yet as they enter adult society individuals are socialized into additional occupational, educational, and other networks.” (Gumperz 1996:362).

Couto (2007) associa o EFL a uma forma prototípica de ‘comunidade de fala’, pois em qualquer EFL é necessário que exista ao menos uma CF. Este mesmo autor (*id.*) também observa que, embora toda CL necessariamente contenha ao menos uma CF, o pressuposto ideal de que uma CF corresponda a uma CL só se pragmatiza em situações muito peculiares, como a de pequenos grupos étnicos que vivem em situação de isolamento. O autor distingue, em função disto, CFs simples de complexas.

“Os casos em que um povo é o único falante de sua língua e vive em seu próprio território são, atualmente, exceção, não a regra. O normal é haver mais de uma língua em determinado território (CF complexas)”. (*id.*:96)

Uma CL seria então definida a partir da existência de normas compartilhadas entre as suas diferentes CF's, enquanto que distintas práticas sociais numa CF seriam as responsáveis pela emergência da diversidade dialetológica prevista pelo variacionismo laboviano, cada qual relativa a um nicho linguístico. Gumperz (1968:382) argumenta que ‘variedades de fala’ empregadas dentro de uma CF formam um sistema porque estão subordinadas a um conjunto compartilhado de normas sociais. Este ponto de vista é compartilhado por Kerswill (1994):

“It is clear from Gumperz' own work that the 'shared body of verbal signs' involves similarities of at least two kinds. The first involves linguistic similarities between the various 'codes' in use in the community, setting them off from codes used in other communities. These similarities can refer to the linguistic relationship between regionally or socially differentiated varieties of the 'same' language, or to the linguistic convergence of different languages as spoken in the same community (Gumperz & Wilson 1971). The second kind of similarity involves shared norms of linguistic usage, by which there is agreement on the 'social meaning' of various linguistic parameters – typically voice quality (Laver 1968; Nolan 1983:70), intonation, variants of the 'variables' of urban sociolinguistic surveys, the linguistically distinct 'codes' studied by Gumperz, and code-switching.” (Kerswill 1994:24)

Como apontam Labov (1982) e Patrick (2003), estes parâmetros só podem ser inteiramente compreendidos por membros da mesma ‘comunidade de fala’, seja ela simples ou complexa. A partir desta perspectiva, se conclui também que os limites de uma CL estariam definidos na questão da inteligibilidade linguística, implicadas na concepção de variáveis linguísticas de Labov (1966, 1982).

“The [speech] community is defined on the level of interpretation; the obverse of heterogeneous speech production is homogeneity in the interpretation of the variants. Given semantic equivalence of the variants, such interpretation appears in the form of social evaluation, overt for a few social stereotypes, covert for the great majority of variables.” (Labov 1982:18).

- **A emergência de CF's complexas**

A fluidez das fronteiras linguísticas, por sua vez, contribui para a formação de novos complexos ou aglomerados linguísticos, donde emergem, através de processos de convergência,

novas CF's complexas. Caso este processo de convergência seja brusco (envolvendo situações de pidginização ou crioulização), ele gera não apenas uma nova CF mas também uma nova CL também, onde os códigos linguísticos em uso não são inteligíveis com os de suas populações originadoras. É possível que os membros de uma certa CF complexa pertençam a várias comunidades linguísticas. Caso haja uma língua comum a todos os membros de uma CF complexa (que não seja L₁ de todos), esta língua se constitui como língua franca desta CF. Bickley (1982) apresenta uma situação exemplar de uso de uma língua franca:

“Persons from the same country may come from different language communities. The chances of their dialogue being mutually satisfactory may be increased if each is able to make use of a third language, which may be a national language such as Bahasa Indonesia (...). So, in Indonesia, in the case of a discussion between, say, a Batak speaker from Sumatra and a Javanese speaker from Java, it would be advantageous if both understood the rules of discourse in each other's communities, although it would probably not be necessary to adhere to these rules in the third "mediating" language, which could be Bahasa Indonesia.” Language as the bridge (Bickley *id.*:113)

Como se observa, as noções de bilinguismo/multilinguismo são de extrema relevância para CF's e CL's (sendo também, conseqüentemente, para o ESL e EFL). Como aponta Couto (2007:308-309), indivíduos bilíngues/multilíngues são tão comuns como CF's complexas. Isto decorre do histórico natural de contato e incorporação de CF's em 'esferas de interação linguística', de forma que na natureza geralmente o que se encontra são ecologias linguísticas complexas. Por exemplo, como demonstraram Gumperz & Wilson (1971), “[a] South Indian village may have as many as four languages, along with distinct caste dialects, and differing varieties related to educational level and regional experience” (Gumperz 1971:362).

Com relação a isto, é importante também fazer distinção entre bilinguismo/multilinguismo primário ou precoce e secundário ou tardio. O primeiro diz respeito à situação pela qual indivíduos adquirem simultaneamente mais de uma língua durante os primeiros anos da infância, enquanto que o último àquela em que a aquisição das demais línguas se dá a partir da adolescência (Fishman 1971). Indivíduos bilíngues/multilíngues primários são quase sempre fluentes, enquanto que a competência de bilíngues/multilíngues secundários irá depender dos contextos de aprendizado. Podem apresentar diferentes graus de competência relativa se comparadas as competências das demais línguas com L₁. O conceito de competência bilíngue/multilíngue diz respeito a diferentes graus de aptidão do uso de mais de uma língua pelo indivíduo. O QUADRO abaixo distingue cinco categorias de competência entre o monolinguismo e bilinguismo plenos:

QUADRO 9. Competência bilíngue em virtude dos graus de aptidão em L₂

| Competências em L ₂ | Categoria do indivíduo ⁷² |
|--------------------------------|--------------------------------------|
| [-compreensão] | monolíngue |
| [+compreensão] [-fala] | bilíngue passivo |
| [+fala] [-discurso] | semibilíngue |
| [+discurso] [-fluência] | bilíngue funcional |
| [+fluência] | bilíngue fluente |

É importante salientar que os conceitos ‘bilinguismo’ e ‘multilinguismo’ também se distinguem em função dos âmbitos individual e social. Nesta pesquisa é relevante especificamente o conceito de bilinguismo/multilinguismo social, o qual se refere a situações onde CF’s utilizam duas ou mais línguas em suas práticas sociais.

2.1.4.2. ‘Comunidades linguísticas’ e ‘comunidades de línguas’

Como se observou no decorrer desta seção, o conceito de ‘comunidade’ na linguística difere tanto da acepção biológica como da acepção sociológica. Bastardas i Boada (2002) inova ao ampliar o uso de terminologias ecológicas na linguística, buscando aproximá-las mais do viés sociológico. Assim, utiliza o termo ‘população de língua’ para se referir a um grupo falante de uma L₁ qualquer, reservando o termo ‘comunidade de língua’ para designar um conjunto qualquer de ‘populações de língua’ circunscritas num mesmo território.⁷³

“Transferred to the linguistic field, 'population' could be used to designate a specific first language group (L₁), while 'community' would refer to those societies formed by distinct first language groups, with some degree of mutual influence and adaptation. In the case of Catalan, for example, we might have populations who have Catalan as a L₁, or Spanish, or both of them, or other first languages. In the dimension of 'community' all these groups can adapt to the presence of others and evolve in ways which would

⁷² Um bilíngue/multilíngue fluente corresponde ao indivíduo capaz de utilizar mais de uma língua em todos os domínios com igual ou semelhante competência; um bilíngue funcional (tb.: não-fluente) àquele capaz de utilizar L₂ em vários âmbitos discursivos, porém de forma mais limitada se comparada com sua competência em L₁; um semibilíngue àquele com boa compreensão de L₂ mas competência de fala reduzida; um bilíngue passivo àquele cuja aptidão se resume à compreensão de L₂.

⁷³ É importante destacar que o território de uma ‘comunidade de língua X’ não tem necessariamente equivalência com o ‘*habitat* de língua X’. Uma ‘comunidade de língua’ composta, por exemplo, pelas línguas X, Y e Z está necessariamente localizada na interseção dos *habitats* das mesmas.

never have occurred in the absence of the other group. (...) This distinction between 'population' and 'community' also sheds light on the treatment of sets of humans who speak the same language but may present different relations in different communities. We may refer to the Catalan L₁ population as a unit, but we should not forget that this population is distributed in communities which may have very different compositions and different dynamics, and so they need to be studied separately. As a result, as the bioecologists say, « one might expect populations to have a larger spatial scale than communities.” (Bastardas i Boada 2002)

A acepção de Bastardas i Boada (*id.*) implica num conceito de ‘comunidade de línguas’, o qual seria distinto do de ‘comunidade linguística’ anteriormente discutido, pois estaria desvinculado de um centralismo puramente linguístico (da língua *per se*) e essencialmente vinculado a uma abordagem sociolinguística. A partir da perspectiva de Bastardas i Boada (*op.cit.*), as seguintes conclusões podem ser tiradas:

- toda ‘comunidade de língua’ emerge no âmbito de um ecossistema linguístico;
- ‘comunidades monolíngues’ consistem de ‘populações de língua’ cujos indivíduos se valem de apenas uma única língua para se comunicarem;
- ‘comunidades bilíngues/multilíngues’ emergem necessariamente no âmbito de uma ‘comunidade de língua’ composta de ao menos duas ‘populações de língua’ falantes de línguas distintas, das quais seus indivíduos passam a se valer para se comunicarem;
- a distribuição de CF’s semelhantes (i.e., formadas por membros de uma mesma ‘comunidade de língua’) ao longo de um território contínuo se caracteriza como uma ‘área linguística’; vale destacar que ‘área linguística’ e ‘área de convergência linguística’/‘*sprachbund*’ são conceitos distintos, pois somente neste último estão necessariamente implicados efeitos de convergência;
- ‘áreas linguísticas’ ocupadas por ‘comunidades monolíngues’ corresponderiam a ‘áreas linguísticas monolíngues’, enquanto que aquelas ocupadas por ‘comunidades multilíngues’ corresponderiam a ‘áreas linguísticas multilíngues’.

É pertinente também afirmar que, da mesma forma que ecossistemas biológicos conformam ‘esferas de interação biológica’, ecossistemas sociais conformam ‘esferas de interação social’ (âmbitos onde áreas culturais podem emergir) e ecossistemas linguísticos conformam ‘esferas de interação linguísticas’ (âmbitos onde *sprachbunds* podem emergir). Pode-se parafrasear ainda a ideia de ‘nicho’ e ‘*habitat*’ nos âmbitos ecossistêmicos social e linguístico:

- ‘nichos sociais’ se referem aos papéis de cada grupo social na dinâmica de uma dada ‘comunidade social’, estabelecida, por sua vez, no âmbito de uma ‘esfera de interação social’; ‘nichos linguísticos’ se referem aos papéis de cada língua ou variedade na dinâmica de uma dada ‘comunidade de língua’, estabelecida, por sua vez, no âmbito de uma ‘esfera de interação linguística’ (em vista disto, todo nicho linguístico necessariamente se pragmatiza no âmbito de uma ‘comunidade de língua’);
- ‘*habitat* social relativo’ se refere ao território próprio de cada grupo social numa dada ‘esfera de interação social’; ‘*habitat* linguístico relativo’ se refere ao território próprio de cada língua ou variedade numa dada ‘esfera de interação linguística’.

Tendo em vista os conceitos acima apresentados pode-se concluir que, dentro da perspectiva ecolinguística, toda ‘esfera de interação linguística’ consiste implicitamente de diferentes ‘comunidades de língua’ em interação, sendo que obrigatoriamente existe nela ao menos uma CF complexa.

2.1.4.3. Princípio fundador

O termo ‘princípio fundador’ foi originalmente adotado da biologia (cf.: Harrison *et alii* 1988) por Mufwene (1996; 2001) para buscar explicar como as línguas crioulas teriam sido pré-determinadas pelas características das línguas vernáculas das populações que fundaram as colônias em que as primeiras emergiram, estando em acordo com um ‘*ecology-based model of markedness*’.⁷⁴ De acordo com Mufwene, o ‘princípio fundador’ produziu o que Nettle (1999d:15) identificou como ‘amplificadores variacionais’, i.e., desencadeadores de uma situação tal onde a emergente diversidade de usos linguísticos acabaria sendo polarizada a partir das variantes de certos falantes em consequência das próprias condições de socialidade ali instauradas. Mufwene associa este ‘efeito fundador’ à ‘doutrina da primeira colonização efetiva’, de Zelinsky (1973):

“Whenever an empty territory undergoes settlement, or an earlier population is dislodged by invaders, the specific characteristics of the first group able to effect a viable, self-perpetuating society are of crucial significance to the later social and cultural

⁷⁴ O termo ‘princípio fundador’ usado na biologia e na linguística não tem relação com o termo ‘efeito fundador’ usado na genética.

geography of the area, no matter how tiny the initial band of settlers may have been... in terms of lasting impact, the activities of a few hundred, or even a few score, initial colonizers can mean much more for the cultural geography of a place than the contributions of tens of thousands of new immigrants generations later.” (Zelinsky 1992[1973]:13-14 *apud* Mufwene 2001:27)

De acordo com Mufwene (2001:41-42/60), a rápida e constante metamorfose populacional facilitaria a reestruturação contínua dos vernáculos locais. Este processo favoreceria a emergência de um crioulo como socioleto e uma tendência à basilectalização, i.e., um processo de interferência linguística dos vernáculos locais que o torna estruturalmente cada vez mais divergente do seu principal *lexifier*⁷⁵.

“[B]ecause the rapid population replacement proceeded incrementally, most features of every preceding population’s vernacular had selective advantage accorded them by the simple fact that the local vernacular was being targeted. This explains the Founder Principle, according to which structural features of today’s creoles were largely determined by those that were produced by the founder populations.” (Mufwene *id.*:60)

Mufwene (*id.*:60) argumenta ainda que imigrantes e seus descendentes almejam adquirir o vernáculo local e, neste processo, a basilectalização ocorria mais como um subproduto da aquisição imperfeita do vernáculo como segunda língua, estando, deste modo, subjacentemente implicada em efeitos desencadeados pelos ESL e EML. Este ponto de vista sugere também que falantes do *lexifier* devem ter ativamente participado do processo de disponibilização de seu vernáculo para sua apropriação pelos falantes dos *non-lexifier*.

“The Founder Principle also helps determine what particular members of the founder population participated in, rather than simply witnessed, the development of the new vernaculars. This view suggests that speakers of the lexifiers must typically not have been passive by-standers with a role limited to making their language available for appropriation by the speakers of the (non-lexifier) languages.” (Mufwene *id.*:64)

A partir desta perspectiva pode-se inferir que o desenvolvimento de qualquer língua (incluído os crioulos) pode ser explicado com os mesmos tipos de princípios geralmente invocados em linguística histórica, estando a seleção das características linguísticas neste decurso marcadamente dependentes de questões de estratigrafia linguística (substratos, adstratos e superstratos). Em vista disto, se atribui uma particular atenção à necessidade de se interpretar contextualmente, a partir da ecologia sociohistórica, todos os processos de implementação e reestruturação linguísticas ocorridos durante a emergência e desenvolvimento

⁷⁵ *Lexifier* é a língua provedora da maior parte do léxico de um pidgin ou língua crioula.

das línguas investigadas, especialmente aqueles vinculados a relações de *markedness* (Mufwene *id.*:75-78).

2.2. LINGUÍSTICAS FILOGENÉTICA E ETNOGENÉTICA: ASPECTOS EVOLUTIVOS DE MUDANÇA E CONTATO

2.2.1. Linguística histórica

A linguística histórica trata fundamentalmente dos processos diacrônicos de mudança linguística, sendo também denominada linguística diacrônica. A observação das mudanças pode ser feita tanto a partir de dados transcritos da oralidade como através da investigação de registros escritos. Dependendo dos objetivos do estudo, pode-se comparar um grupo de línguas (p. ex., línguas românicas), diferentes estágios de uma língua (p. ex., português arcaico *vs.* português moderno) ou elementos da estrutura interna de uma mesma língua (p. ex., aqueles que apresentam variantes ou irregularidades). À linguística histórico-comparativa concerne, pois: (i) a verificação das motivações que suscitaram mudanças linguísticas num idioma ou grupo de idiomas; (ii) o mapeamento de como tais transformações se sistematizaram; (iii) a reconstrução dos estágios anteriores desta(s) língua(s), i.e., da sua (pré-)história; e (iv) a compreensão das implicações destas mudanças à sincronia (Campbell 2004:1-6/312-317). Com relação à determinação das causas destas transformações, Campbell & Mixco (2007) alegam que uma infinidade de fatores internos e externos podem estar envolvidos e inter-relacionados de forma complexa:

“Internal causal factors rely on the limitations and resources of human speech production and perception, physical explanations of change stemming from the physiology of human speech organs and cognitive explanations involving the perception, processing or learning of language. These internal factors are largely responsible for the natural, regular, universal aspects of language and language change; they can compete in their interactions in ways that make prediction of language change difficult. External causal factors lie outside the structure of language itself and outside the human organism; they include such things as expressive uses of language, positive and negative social evaluations (prestige, stigma), the effects of literacy, prescriptive grammar, educational policies, political decree, language planning, language contact and so on.” (Campbell & Mixco 2007:60-61)

2.2.1.1.O método comparativo

No decorrer dos tempos, toda língua sofre modificações em cadeia e se estratifica em variantes dialetais. Cada dialeto passa a sofrer pressões evolutivas próprias e circunstancialmente pode vir a se tornar outra língua (com sistemas fonológicos e gramaticais próprios). As línguas são geneticamente relacionadas entre si somente quando derivam de uma mesma língua, denominada língua-mãe (por exemplo, todas as línguas românicas descendem do Latim). Entretanto, quando não se tem registros históricos da língua-mãe, a linguística vale-se de ferramentas objetivando recriá-la, e a língua-mãe hipoteticamente reconstruída a partir da observação sincrônica comparativa de línguas-irmãs (línguas geneticamente relacionadas, que juntas constituem uma família linguística) denomina-se protolíngua.

O método comparativo é o instrumento mais importante dentre os usados pela linguística histórica para a recriação de uma protolíngua e para o resgate dos processos evolutivos transcorridos em cada uma de suas línguas-filhas, assim como na determinação acurada de suas relações genéticas. Ele permite a reconstrução de sistemas fonológicos, de itens lexicais e seus campos semânticos, de sistemas morfológicos e padrões sintáticos (Kaufman 1990:15). O requisito fundamental previsto pelo método para a existência de parentesco entre as línguas investigadas é o estabelecimento de correspondências fonológicas sistemáticas. A determinação do sistema fonológico da protolíngua decorre do alinhamento de todas as correspondências fonológicas encontradas entre as línguas-filhas. Neste ponto, precisa-se ter em mente que um protofonema pode corresponder a mais de um fonema para algumas das línguas-filhas e vice-versa. Assim, durante o processo de reconstrução do sistema fonológico, é essencial considerar as seguintes tendências: (a) direcionalidade – refere-se às propriedades implicacionais de mudança fonológica; (b) proporcionalidade – refere-se às porcentagens relativas dos sons encontrados nas línguas-filhas para cada alinhamento; (c) probabilidade – este critério fundamenta-se na assunção de que a melhor explicação é aquela que contempla o menor número de mudanças. Depois de ter em mãos a reconstrução do sistema fonológico da protolíngua, torna-se possível a reconstrução de morfemas e itens lexicais. Para se comparar estruturas de nível superior, os seguintes conceitos devem ser levados em conta: (a) reanálise – princípio pelo qual uma dada estrutura pode ser compreendida segundo diferentes enfoques (i.e., apresentar mais de um significado) a partir de sua manifestação superficial; (b) extensão – princípio pelo qual uma dada estrutura pode aumentar seu grau de significação e tornar-se

gramaticalmente mais produtiva, sem que haja perdas de suas propriedades primordiais; (c) empréstimo sintático – incorporação de elementos gramaticais de outras línguas (Campbell 2004:283-288).

É importante ressaltar que o subgrupamento das línguas deve ser avaliado pelas inovações compartilhadas, e não pelas retenções. Com relação a isto, Hoenigswald (1990) aponta que inovações podem ser coincidentes no decorrer evolutivo das línguas, o que pode tornar a análise ainda mais desafiadora.

“Even where there was sufficiently clear cleavage, innovations may be duplicated in separate events. If such duplication is not merely accidental it may be seen as related to either a universal or to a typological factor. Some changes may be "natural" or "trivial". Others may be semi-predictable from the state of affairs as it existed before the division of the community, as when an existing allophonic diversification makes it probable for a given phonemic entity to undergo real ("phonemic") sound change along the fissures already in phonetic existence. As for typological factors, it may be true that they are best discussed as setting target structures for linguistic areas in which not only unrelated but also related languages abut, and not as entailing specific changes out of the several which might be said to serve the same target.” (Hoenigswald 1990:444-445)

Uma outra questão relevante que afeta a análise filogenética é a difusão de inovações linguísticas. Assim, enquanto certas evoluções permanecem restritas a certas CF's, outras se difundem e se tornam areaais, principalmente quando existem interfluxos populacionais entre as CF's envolvidas (cf.: Goetze 1941 *apud* Hoenigswald 1990:444).

Campbell (2004:123), ao citar as línguas românicas, assume que “if we are successful, what we reconstruct for Proto-Romance by the comparative method should be similar to the Proto-Romance which was actually spoken at the time before it split up into its daughter languages”. Entretanto, toda reconstrução visa unicamente a compreensão da estrutura e do funcionamento de estágios não atestados de sistemas linguísticos (i.e., de pré- e/ou protolínguas) e deve ser encarada unicamente como hipótese (Campbell 2004:147). Além disto, é impossível datar de modo absoluto as mudanças linguísticas através do método comparativo, embora Swadesh (1955) tenha acreditado que isto seria possível através de métodos lexicoestatísticos. O fato é que, sem uma abordagem filológica, pode-se apenas oferecer diagramas cujas informações diacrônicas representam essencialmente cronologias relativas das evoluções observadas. Vale destacar que, hipoteticamente, é possível ‘calibrar’ tais cronologias a partir da concatenação de informações extralinguísticas.

2.2.1.2. Limitações do modelo arbóreo convencional

Como aponta Hoenigswald (1990:442-443), a partir da segunda metade do século XIX muitos estudiosos – dentre os quais Ebel (1852), Pictet (1859) e Schmidt (1872) – vinham observando que as afinidades linguísticas não poderiam ser formuladas meramente como sucessões cladísticas nos moldes da sistemática biológica. Tais limitações fizeram Bloomfield (1933) concluir que o modelo arbóreo tradicionalmente apregoado pelo método comparativo não representa de modo eficiente a evolução histórica das línguas naturais.

“The comparative method, then, – our only method, for the reconstruction of prehistoric language, – would work accurately for absolutely uniform speech-communities and sudden, sharp cleavages. Since these presuppositions are never fully realized, the comparative method cannot claim to picture the historical process. (...) Wherever the comparison is at all ambitious as to the reach of time or the breadth of the area, it will reveal incommensurable forms and partial similarities that cannot be reconciled with the family-tree diagram.” (Bloomfield 1933:318).

De fato, a ideia de que a filiação linguística seja estabelecida unicamente pelo viés filogenético ou unicamente pelo viés etnogenético da evolução é em si distorcida e, neste sentido, ao prescindir de pressupostos verdadeiramente ecossistêmicos e estar apenas filogeneticamente orientado, o modelo arbóreo convencional se faz rudimentar, limitando-se a representar meramente uma sucessão de *splits*. A parcialidade nestes modelos se faz evidente: ao ignorar o caráter etnogenético da evolução linguística, descontextualizam as línguas de suas peculiaridades históricas; ao destituir línguas crioulas de uma origem filogenética, as prescindem de uma continuidade evolutiva.

De fato, a falta de uma perspectiva ecossistêmica na análise da evolução das línguas acaba por obscurecer a eficácia do método comparativo, de modo que este método deveria incondicionalmente incorporar o aporte teórico da ecolinguística para que de sua aplicação não surjam resultados estereotipados ou descaracterizados da realidade histórica. Essencialmente no que tange aos dados linguísticos, como não existem bordas linguísticas intransponíveis entre línguas ou subgrupos, Rehag (1995) afirma que a mera omissão dos efeitos da porosidade nos esquemas arbóreos já implica numa representação distorcida da realidade (pré-)histórica.

“How in our research do we determine when trees are appropriate? At least part of the answer is that we must meticulously track the distribution of all innovations without regard to preconceived notions of language and subgrouping boundaries. Given the

increased interest in contact phenomena (...), it is essential that we not filter out isoglosses that overlap otherwise well-established subgrouping boundaries. Such isoglosses, where they can be attributed to contact or some more complex set of historical events (and not to drift), provide valuable information for understanding the prehistory of a region.” (Rehg 1995:318)

Dentro desta perspectiva, muitos estudiosos têm apontado alternativas, dentre as quais a inclusão de representações de processos etnogênicos via fusão (crioulização) ou difusão (*linkage*⁷⁶, *Sprachbund*) (cf.p.ex.: Southworth 1964; Bryant *et alii* 2005; Heggarty *et alii* 2010; François 2014). Assim, como apontam Heggarty *et alii* (2010),

“For certain specific purposes, the tree idealization may be valid, indeed indispensable. But it is above all when it comes to representing what actually happened as a given family of languages diverged, in which configurations, and in which real-world scenarios of their speaker populations, that the tree idealization will not do. Not least when we look to phylogenetic tools, let us not allow our visions of language prehistory to become detached from the real-world forces that shape how languages diverge in the first place, as they act upon the populations that speak them.” (Heggarty *et alii* 2010:3842)

Para finalizar, vale mencionar que há quem rejeite a possibilidade de se utilizar o modelo arbóreo no âmbito linguístico. DeGraff (2001), por exemplo, aponta que o modelo cladístico/taxonômico arbóreo, originalmente concebido pelo botânico Linnaeus como um sistema de classificação biológica fundamentado unicamente nas relações evolutivas entre as espécies, não seria propriamente compatível com a linguística genética, pois, segundo ele, “old vs. new linguistic species cannot be discriminated by any measure that looks like biological genetic criteria” [grifo meu]. Isto, em certo sentido, é fato, pois diferentes espécies biológicas não intercambiam material genético (a não ser em casos restritos, ocorridos entre espécies ‘irmãs’ geneticamente compatíveis), enquanto que a difusão de elementos linguísticos é frequente entre as diferentes línguas que coexistem num dado ecossistema. Entretanto, todas as línguas deveriam ser concebidas como indivíduos de uma mesma espécie (LÍNGUA), podendo assim tanto ‘intercruzar’ como se reproduzir via ‘partenogênese’ (cf.: §1.1.4) e, através de mutações, recombinações e influências ambientais, irem se tornando ‘fenotipicamente’ mais distintas ou mais semelhantes.

⁷⁶ Segundo Ross (1988; 1997), *linkages* são grupos linguísticos historicamente derivados de um *continuum* dialetal, que se diversificaram sob a interferência de complexas redes de difusão interdialetoal.

2.2.2. Do genético, do adquirido e do transformado

Um dos grandes desafios da linguística do século XX foi estabelecer, dentro da perspectiva comparativista, as bases para as distinções entre o que vem a ser genético daquilo que é resultado de contato. A controvérsia tomou corpo com as discussões travadas entre Boas e Sapir. Boas assumia a premissa de que toda língua seria uma função da história de seus falantes e, conseqüentemente, dos contextos sociais implícitos nos ecossistemas em que toma e tomou parte, de modo que a partir de uma certa profundidade temporal seria impossível distinguir empréstimos de verdadeiros cognatos. Por outro lado, Sapir acreditava que sempre haveria um modo de identificar, com base numa distinção formal, os dois tipos de fenômenos (Darnell & Sherzer 1971:25 *apud* Thomason & Kaufman 1988:5). Uma das distinções assumidas por Sapir, com base na descoberta de correspondências sonoras regulares, seria que verdadeiros cognatos sempre seguem um mesmo padrão de mudanças, ao passo que empréstimos refletem diferentes estágios evolutivos de uma língua ao serem intermitentemente incorporados naquela estrutura linguística. Outra distinção seria observada em função da existência de peculiaridades nas dinâmicas de retenção em diferentes âmbitos linguísticos. Assim, segundo Sapir, haveria um ‘núcleo’ profundo, formado por estruturas intrinsecamente resistentes a empréstimos nas línguas naturais, dentre as quais estariam incluídos os morfemas gramaticais. Este autor sustentava que especialmente aqueles da morfologia flexional seriam estáveis inclusive a mudanças internamente motivadas.

A visão sapiriana tomou força nos trabalhos de diversos pesquisadores durante a segunda metade do século XX, dentre os quais se destaca Swadesh (1955), que chegou a desenvolver o método glotocronológico, uma proposta de datação linguística fundamentada na premissa de que o "vocabulário básico" seria de tal modo estável nas línguas humanas que protolínguas poderiam ser datadas em valores absolutos a partir de correlações estatísticas sobre o grau de retenções relativo destes termos entre as línguas-filhas. Entretanto, nem a morfologia flexional nem o vocabulário básico são suficientemente estáveis internamente nem impermeáveis à reestruturação ou substituição através de interferência externa e mudanças gramaticais envolvendo elementos e padrões significativos não são necessariamente regulares ou sistemáticas (no sentido como o método comparativo prevê que as mudanças sonoras sejam). Assim, o invalidamento da glotocronologia tradicional vem justamente da adoção de uma premissa infundada, pois não existe constância no processo de mudança linguística e,

consequentemente, a data de coalescência de línguas afins não pode ser medida com base na comparação dos seus graus relativos de retenção lexical. O único aspecto glotocronológico que amplamente se aceita nos dias atuais é a ideia de uma cronologia relativa, mas nunca absoluta, entre os diferentes estágios evolutivos das línguas humanas.

Com o declínio da glotocronologia tradicional a perspectiva boasiana passou a ser considerada com mais frequência nos debates sobre filogênese e evolução linguísticas, de modo que foram neles fortemente retomados os âmbitos da linguística de contato e aspectos etnogenéticos. Dentre estas publicações se destacam Weinreich (1953; 1958), Thomason & Kaufman (1988), Labov (1994), Mufwene (2001) e Couto (2007; 2009a). Segundo Weinreich (1953:10), as estruturas de qualquer língua não-materna seriam apropriadas ou ‘nativizadas’ durante o processo de aquisição e, neste sentido, o mesmo ocorreria com as estruturas linguísticas do *lexifier* num processo de crioulização. Além disto, por também seguir a perspectiva sapiriana, Weinreich (1958:376) acreditava que a classificação genética seria estabelecida unicamente com base na existência de cognatos “in the basic morpheme stock” e, neste sentido, as línguas crioulas deveriam ser classificadas como afins do seu principal *lexifier*. Há inclusive regularidade nas correspondências sonoras entre uma língua crioula e seu principal *lexifier*, evidentemente em virtude de sua gênese ‘abrupta’.

A ideia de que existem fatores genéticos e não-genéticos atuando no decorrer da evolução linguística é a principal questão abordada por Thomason & Kaufman (*op.cit.*). Assim, mesmo que existam fatores importantes e puramente linguísticos para o fenômeno da mudança linguística, como a emergência de padrões de categorização fonológica, gramatical ou semântica através de traços distintivos e a ocorrência de relações de *markedness* que direcionam a evolução categorial destes padrões, “the evidence from language contact shows that they are easily overridden when social factors push in another direction” (Thomason & Kaufman (1988:4) [grifo meu]. Em vista disto, estes autores descartam a possibilidade de existir um critério isoladamente inequívoco de classificação genética e assumem que línguas seriam geneticamente relacionadas somente se compartilharem cognatos em todos os níveis linguísticos (*id.*:6-9).

“[G]iven the possibility of diffused linguistic features of all sorts (and, by implication, to all degrees), no single subsystem is criterial for establishing genetic relationship. In fact, genetic relationship in the traditional sense of one parent per language can only be posited when systematic correspondences can be found in all linguistic subsystems – vocabulary, phonology, morphology, and (we would add) syntax as well. If only

languages that meet this criterion are considered candidates for genetic classification, then those languages that do not meet the criterion will pose no threat to the Comparative Method. The latter group includes not only mixed languages, which have followed a nongenetic path of development, but also (...) languages whose genetic links date from a time too remote to permit establishment of the necessary systematic correspondences.” (Thomason & Kaufman 1988:8) [grifo meu]

Além disto, assumem que existem diferenças importantes entre as ecologias onde línguas ‘mistas’ e ‘crioulas’ emergiram e aquelas em que as mudanças linguísticas evoluíram de forma ‘não-abrupta’, argumentando que qualquer situação de substituição linguística ‘abrupta’ implicaria numa interrupção da transmissão ‘parental’ e numa consequente desarticulação dos subsistemas linguísticos da língua adotada através de processos não-genéticos de evolução linguística.

“[A] language is passed on from parent generation to child generation and/or via peer group from immediately older to immediately younger, with relatively small degrees of change over the short run, given a reasonably stable sociolinguistic context. There has been a good deal of speculation about what kinds of rapid and drastic linguistic change might occur under highly unstable sociolinguistic situations, involving stresses among different cultural, political, economic, and religious systems, but our position is that most responses to such situations can be classed under normal historical development (...) or language shift. That is, in general, either a language responds normally-changes gradually, is transmitted through generations and peers, and exhibits regular internally motivated sound change – or else it is given up.” (Thomason & Kaufman *id.*:9-10) [grifo meu]

Com base nesta perspectiva, Thomason & Kaufman (*id.*:10) argumentam que “the label **genetic relationship** does not properly apply when transmission is imperfect” [grifo meu]. Assim, ainda que tenham incorporado uma perspectiva ecossistêmica, Thomason & Kaufman (*op.cit.*) continuam fundamentalmente presos à tradição purista, etnocêntrica, da linguística genética. Em contrapartida, estudos mais recentes, fundamentalmente guiados pelo ideal boasiano (cf.: Milroy 1992; Labov 1994; Mufwene 1998), têm apontado que não existem fronteiras claras entre motivações internas e externas para a mudança linguística, de modo que parece existir um preconceito patente em rotulá-la como “genética” ou “não-genética”.

“So a question that should concern us is not where those specific features came from but what ecological factors favored their selection and to what extent they were modified to suit the emerging systems. We may also ask whether those specific forms would have been selected if they did not satisfy some structural conditions in the lexifier. For instance, would *dos* in Guyanese Creole ([dez] in Gullah) have been selected as a HABITUAL marker if *does* did not play a similar function in some English dialects? Would *go* ([ge] in Gullah) have been selected as a FUTURE marker in several English

creoles if going to, or gonna, did not play a similar role in the lexifier?” (Mufwene 1998:319)

Assim, fica claro que Thomason & Kaufman (1988) adotam para a linguística genética um viés ortodoxo do evolucionismo e a perspectiva de que cada língua seria uma ‘espécie distinta’ (portanto incompatível de ‘intercruzar’ e deixar ‘descendentes férteis’) quando afirmam que “a language can not have multiple ancestors in the course of normal transmission. To be sure, mixed languages in a nontrivial sense exist, but by definition they are unrelated genetically to the source(s) of any of their multiple components.” (*id.*:11) [grifos meus].

Justamente em virtude da adoção de diferentes enquadramentos teóricos, controvérsias sobre classificação linguística continuam surgindo, principalmente no que tange aos conceitos de línguas ‘mistas’ e ‘crioulas’⁷⁷. Algumas delas se tornaram emblemáticas, como é o caso do ma’a – uma língua com léxico de origem fundamentalmente cuxítica (Afro-Asiático) e uma gramática quase que inteiramente banto (Niger-Congo), considerada como um tipo de ‘língua mista’ (Whiteley 1960; Tucker & Bryan 1974; Thomason & Kaufman 1988; Mous 2003). Embora Copland (1934), Greenberg (1953), Welmers (1973), Ehret (1976) e Elderkin (1976) tenham buscado enquadrá-la como língua cuxítica em função de seu léxico apresentar um alto percentual de cognatos com línguas desta família, especialmente com o oromo (Ehret 1976:85 *apud* Greenberg 2005:350), Dolgopolsky (1973:24) e Mous (*id.*:89), baseando-se no ideal sapiriano, a classificaram como uma língua banto em virtude de sua morfologia ter origem em línguas desta família.

“To me the question of the classification of Ma’a can be compared to that of whether to refer to a transvestite as "he" or "she". At first sight Ma’a may seem to be Cushitic; closer inspection reveals that it is Bantu but trying desperately to hide that fact. Once we know the reality we may still feel uncomfortable with calling Ma’a Bantu when the core vocabulary is clearly not Bantu but that does not mean Ma’a is unclassifiable: It is a Bantu language even if the speakers want it to be non-Bantu and even if the forefathers spoke a Cushitic language.” (Mous 2003:89)

A polêmica sobre a classificação do ma’a faz Greenberg (1999) rejeitar o termo ‘língua mista’, alegando que tal interpretação seria decorrente de uma abordagem puramente sincrônica

⁷⁷ Muitas línguas que emergiram a partir de situações de contato, dentre as quais os pidgins e crioulos, são classificadas como ‘mistas’. De acordo com Thomason & Kaufman (1988:3), tais línguas “do not fit within the genetic model and therefore cannot be classified genetically at all”. Couto (2007:28) assume a existência de línguas ‘mistas’ a partir da perspectiva da hibridização: “[l]ínguas crioulas, pidgins e outras variedades linguísticas resultantes do contato recebem material de mais de uma língua, de modo que são híbridas ou, como os linguistas preferem, mistas”.

(*id.*:2005]:351). Ao fazer tal objeção, o autor associa a perspectiva de que o ma'a apresentaria uma história genética contínua de origem cuxítica com influências banto e o caso do inglês no âmbito das línguas germânicas – o qual teria se tornado consideravelmente distinto das demais por forte influência de línguas românicas, de modo que os caracteres filogenético e etnogenético seriam em ambos os casos plenamente resgatados.

“In the case of Ma’a the Bantu elements can, it appears clearly to me as it has to others, be considered later intrusions into an originally Cushitic language. (...) The case of Bantu elements in Ma’a is then really like that of Romance elements in English. The only difference is that grammatical morphemes are involved to a rather startling degree while vocabulary has been far less affected than in the case of Romance influence in English.” (Greenberg 1999[2005]:352)

Mous (2003) concorda com esta perspectiva:

“I agree with Greenberg that the term is a synchronic characterisation of a mismatch between the grammatical and lexical elements and that it does not reveal much about the question at stake, that of the diachronic development of the language.” (Mous *id.*:88)

A questão que emerge desta discussão é justamente a necessidade de se fundamentar ecolinguisticamente os dispositivos de classificação diacrônica, evitando com isto a adoção de premissas e conceitos reducionistas. É fato, porém, como Hjelmslev (1938) observara, que todas as línguas são ‘mistas’ no sentido ‘trivial’. Assim, muitos autores têm apontando para a necessidade de se avaliar cada situação contextualmente, ou seja, pela perspectiva ecossistêmica. De fato, como vimos no decorrer da primeira parte desta tese, existe um *attractor* ou tendência natural à miscigenação de povos, línguas e culturas, mas tal força sincretizante pode ser modulada em virtude dos contextos ecossistêmicos (sejam eles físicos, sociais ou linguísticos) onde ela se manifesta. Além disto, a suposição de que povos, línguas e culturas possam evoluir desde tempos imemoriais sem que tenha havido processos de assimilação e miscigenação vem sendo altamente contestada por diversos estudos genéticos, antropológicos e linguísticos e contraria fortemente os pressupostos boasianos e ecolinguísticos. A evolução histórica de muitas famílias linguísticas dos troncos indo-europeu, sino-tibetano e austronésio, por exemplo, parece ter sido decorrente de processos expansionistas de certas sociedades hegemônicas sobre diversos grupos etnolinguísticos, tendo o caráter condicionador da pressão hegemônica motivado processos de convergência (cf.p.ex.: Gumperz & Wilson 1971; Bradley 1980; Sharma 2001; LaPolla 2001) e mesmo de substituição linguística nestes grupos, muito provavelmente via crioulização num estágio inicial seguida de diferentes graus de

acroletalização (i.e.: descrioulização) em virtude dos contextos ecolinguísticos peculiares gerados por evoluções regionais da dinâmica interacional daquelas sociedades hegemônicas (cf.p.ex.: Wiersma 1990; Goyette 2000; DeLancey 2010, 2013; Mullen 2013; Donohue & Denham 2015a, 2015b).

Apenas para ilustrar, vários processos abruptos de substituição linguística são documentados para povos falantes de línguas indo-europeias, mas nem por isso tais línguas foram rotuladas de “não-genéticas”. Por exemplo, a perda sistemática de declinações e do uso de conjugações e derivações verbais nas línguas românicas da família latina parece ter sido decorrente das discrepâncias estruturais existentes entre o latim e os vernáculos dos povos submetidos durante a ascensão do Império Romano, de modo que, ao serem obrigados a adotar a língua imperial, tal contexto ecolinguístico teria naturalmente propiciado a crioulização de seus vernáculos seguida de uma forte acroletalização condicionada pela persistência hegemônica do latim como língua oficial do Império Romano (Goyette 2000). É importante ter em mente, assim, que a formação de línguas crioulas deve ter sido muito mais comum do que se acredita hoje em dia, e que, em virtude dos contextos ecolinguísticos, muitos destes crioulos teriam evoluído no sentido da acroletalização ou da basiletalização.

Tendo em vista que línguas mudam fundamentalmente por interferências no âmbito das relações de contato, gênese e evolução linguísticas são fenômenos que devem ser inquiridos dentro da perspectiva do EFL (Couto 2007). Tais fenômenos, sejam eles etnogenéticos ou filogenéticos, estão, de fato, intrinsecamente latentes em qualquer EFL e essencialmente subordinados às suas dinâmicas internas, de modo que qualquer alteração num sistema linguístico resulta do poder relativo e contextual que tais dinâmicas exercem numa língua. A fixação destas inovações é essencialmente dependente do âmbito onde elas são geradas, i.e., do contexto sociolinguístico onde uma determinada variedade linguística e seus falantes se encontram ou se encontravam durante este processo. A diversificação linguística é, pois, uma consequência adaptativa da soma diacrônica destas alterações e uma função direta das diversas dinâmicas ecossistêmicas que peculiarmente afetam qualquer variedade linguística. A seguir alguns tópicos relacionados a contato, mudança e substituição linguísticos serão abordados em maiores detalhes; também será apresentada e ilustrada uma breve tipologia das relações de contato.

2.2.3. Contato de línguas

Dentro da abordagem ecolinguística, seja num estudo sincrônico ou diacrônico, a língua é necessariamente considerada uma função da história de seus falantes e, neste sentido, dos contextos sociais implícitos em seu ecossistema. Esta visão é, de certo modo, compartilhada em diversos estudos que contemplam o tema de línguas em contato, dentre os quais Weinreich (1953, 1958)⁷⁸, Labov (1994), Thomason & Kaufman (1988), Mufwene (2001) e Couto (2007). Nesta perspectiva, contato de línguas significa o uso de mais de uma língua por P, por parte de P ou por diferentes P's num dado T. Assim, o contato linguístico seria teoricamente um ato de comunicação interlinguística. Esta também é a visão de Thomason & Kaufman: “it is the sociolinguistic history of the speakers, and not the structure of their language, that is the primary determinant of the linguistic outcome of language contact” (1988:35). Assim, tais processos dizem fundamentalmente respeito à interação social, respaldadas por todos os conceitos já tradicionalmente estabelecidos pela ecologia (cf. §1.1). De fato, como afirma Mackey (1979:453), “sociolinguistics of language contact is essentially a study in language ecology”.

Ao definir contato linguístico estritamente como “contact situations in which at least some people use more than one language” [grifo meu], Thomason (2001:1) assume que bilinguismo ou multilinguismo seria uma condição apriorística para a ocorrência de contato. Dentre os fatores sociais e linguísticos que condicionam a dinâmica dos processos de interferência linguística num contexto bilíngue/multilíngue, os mais proeminentes seriam o tamanho relativo das populações envolvidas (i.e., entre falantes de língua fonte e falantes da língua alvo), diferenças de poder sociopolítico, o tempo de contato, o grau de intimidade, o grau de bilinguismo/multilinguismo e a proximidade tipológica entre as línguas envolvidas (Thomason & Kaufman *id.*:66/72).

As relações de poder estabelecidas entre distintos grupos sociolinguísticos, embora mutáveis e contextuais, são uma constante no âmbito ecossistêmico e exercem, de fato, um papel bastante significativo na determinação de situações de bilinguismo ou multilinguismo

⁷⁸ Weinreich (1953) tomou como pressuposto que todo contato de línguas se processa diretamente na mente dos falantes. Entretanto, embora o meio ambiente mental seja um conceito fundamental na perspectiva ecolinguística, não seriam propriamente as L's que entram em contato, mas, primordialmente, seus usuários, ou seja, o contato de L's seria inequivocamente decorrente do contato de P's (Couto 2007:284), dado que L não existe à revelia de P (cf.: Silva Neto 1963:128; Mufwene 2001:151-152).

(cf.: §1.3.1). É natural, assim, que uma CF (CF₁) que esteja sob grande pressão sociopolítica de outra (CF₂) torne-se provavelmente majoritariamente bilíngue na principal língua da CF₂ (Thomason & Kaufman *id.*:67). Esta pressão é diretamente proporcional a certas diferenças demográficas, como densidade (cf. §1.3.3). Por outro lado, Thomason & Kaufman também observam que “a politically superordinate group is unlikely to become bilingual in a nonprestigious subordinate group's language unless the superordinate group is much the smaller of the two” (*id.*:68).

É importante frisar, entretanto, que tais fatores sociais não prescrevem necessariamente a ocorrência de empréstimos. O xavante (língua jê do Brasil Central), por exemplo, praticamente não adotou empréstimos do português, tida como língua de prestígio regional; ao invés disto, seus falantes criaram neologismos a partir de elementos próprios da língua para poderem se referir a elementos culturais emprestados durante o contato. É claro, também, que intrusões linguísticas não ocorrem somente em função de poder sociopolítico; há as decorrentes, por exemplo, da inserção dos falantes da língua alvo em novos âmbitos geográficos ou mercantis. Um exemplo clássico é a gama de empréstimos oriundos de línguas indígenas americanas no inglês, espanhol e português, considerando que os falantes das últimas não consideravam as primeiras como línguas de prestígio. Há, enfim, situações imprevisíveis de mudança linguística:

“Where there is neither a clearly asymmetrical dominance relation nor a large discrepancy in population sizes, cultural pressure leading to structural borrowing is determined by factors that may be impossible to establish for most past contact situations.” (Thomason & Kaufman *id.*:68)

2.2.3.1. Tipos de interferência linguística

Existem dois tipos fundamentais de interferência linguística que podem suceder através de contato: (i) empréstimo ou (ii) substituição. Empréstimo é a incorporação de elementos estrangeiros na língua de um certo grupo pelos seus membros. Todo empréstimo é, assim, um processo centrípeto, no sentido de que ele deve ser entendido como um processo iniciado a partir do falante ou grupo de falantes da língua para onde o termo está sendo emprestado. Empréstimo, neste sentido implica num processo de transferência de adstratos ou superestratos.

Um fato importante já mencionado é que empréstimos não acontecem simplesmente *ad hoc*, indefinidamente, pelos membros de um grupo linguístico, mas são filtrados caso a caso em função de sua relevância contextual, fato que está de acordo com o postulado de Weinreich (1953:44), segundo o qual grupos sociolinguísticos apresentam uma certa resistência natural a interferências. Vale ressaltar ainda que para um empréstimo ser adotado por uma CL ele precisa necessariamente estar consolidado em ao menos uma de suas CF's.

Thomason & Kaufman (*id.*:37) apontam que normalmente a 'palavra' que se toma emprestada não é propriamente uma raiz lexical, mas na realidade um tema morfológico; em vários empréstimo estão, de fato, 'cristalizados' morfemas que usualmente ocorrem com a raiz que carrega o valor semântico almejado, pois, por determinação gramatical da língua fonte, é assim que muitas vezes tais raízes ocorrem na fala. Tal fenômeno se dá no âmbito do ecossistema mental da língua alvo justamente porque seus falantes não são fluentes na língua fonte e, neste sentido, sua ocorrência irá depender do nível de bilinguismo dos falantes da língua alvo. É fato, pois, como apontam estes mesmos autores, que o pré-requisito para a ocorrência de empréstimos especificamente estruturais (i.e., não lexicais) é o *status* de bilinguismo em ao menos parte representativa do grupo linguístico alvo.

“If there is strong long-term cultural pressure from source language speakers on the borrowing-language speaker group, then structural features may be borrowed as well – phonological, phonetic, and syntactic elements, and even (though more rarely) features of the inflectional morphology.” (Thomason & Kaufman *id.*:37)

Além disto, os autores argumentam que caso o bilinguismo na língua fonte se restrinja a poucos representantes do grupo alvo, apenas algumas palavras culturalmente salientes serão emprestadas. Por outro lado, caso haja bilinguismo extensivo e persistente, a situação potencialmente favorece tanto empréstimos lexicais como estruturais (Thomason & Kaufman *id.*:47-48).

“Another important difference between borrowing and interference through shift has to do with the time required for far-reaching structural modification. All the cases of borrowing that we have found that involve extensive structural changes in the borrowing language have a history of several hundred years of intimate contact.” (Thomason & Kaufman *id.*:41)

Substituição linguística, por outro lado, é um processo pelo qual um grupo linguístico adota a língua de um outro grupo em detrimento de sua língua materna. O abandono intergeracional de uma língua em favor de outra se dá em decorrência de certas condições

sociopolíticas onde o grupo em questão não vê mais utilidade para sua língua nativa. Isto fundamentalmente se concebe porque os pais deixam de ensinar a língua materna aos filhos, os estimulando a adotarem a língua estrangeira para si, por ser aquela sociopoliticamente prestigiada. Este fenômeno, quando se processa em até dois saltos intergeracionais, é caracterizado pela retenção de inúmeras características da L₁ (principalmente fonológicas e gramaticais) que se cristalizam como um substrato na língua adotada, sendo isto uma função direta do grau de bilinguismo do grupo alvo. Neste sentido, pode-se inferir que quanto maior for a interferência de L₁ em L₂ durante a substituição linguística menor deverá ter sido o domínio de bilinguismo no grupo em questão (Thomason & Kaufman *id.*:41/47). A influência de substrato no processo de substituição linguística é, entretanto, reduzida caso a população do grupo que adotou a língua seja substancialmente menor do que a do grupo do qual adotaram a língua (*id.*:47), fundamentalmente em função da pressão demográfica e de uma conseqüente acroletalização, como mencionado anteriormente.

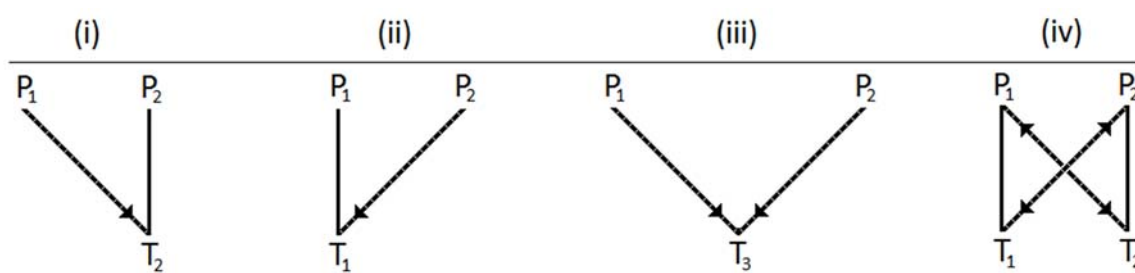
Enfim, Thomason & Kaufman (*op.cit.*) argumentam que, se o processo de substituição linguística durar séculos, é de se esperar que o grupo linguístico em questão se torne perfeitamente bilíngue na língua alvo. Entretanto, não é possível afirmar, como supõe ambos os autores, que nestes casos “there is no imperfect learning, and consequently no interference in the TL” (Thomason & Kaufman *id.*:41) [grifos meus].

2.2.3.2. Tipologia das situações de contato intersocial e seus efeitos linguísticos

Como vimos anteriormente, o EFL se constitui como uma formulação prototípica, que na prática raramente existe, pois os usos sociais induzem muitas vezes os falantes a situações de contato, de forma que o bilinguismo ou multilinguismo em certos territórios torna-se uma característica comum das CF's (Couto 2009a:49). De tais interações, sejam elas amistosas ou não, quando instituídas de forma perene ou sazonal, emergem instâncias de socialidade intergrupar e, através destas interfaces, ocorrem contatos culturais e, conseqüentemente, linguísticos. Algumas destas circunstâncias se dão por apropriação, por reciprocidade ou mesmo por imposição e, dependendo dos fatores já expostos acima, podem suscitar diversos resultados, não sendo incomuns os casos de assimilação ou convergência cultural e linguística.

A convergência pode acarretar em processos de etnogênese enquanto que a assimilação em complexificação da estrutura social de certas CF's. Os contatos podem se dar pela vizinhança natural, por expansão territorial ou migração.

Tomando como base os parâmetros P e T, Couto (*id.*:51-54) assume quatro situações de contato a partir da perspectiva do deslocamento:⁷⁹ (i) P₁ migra para T de P₂; (ii) P₂ migra para T de P₁; (iii) P₁ e P₂ confluem para um T não habitado (T₃) e (iv) P₁ e/ou P₂ se deslocam sazonalmente respectivamente para T₂ e T₁. Tais situações de contato estão esquematizadas a seguir:



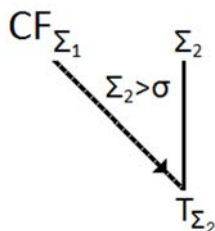
Entretanto, se usados os parâmetros S⁸⁰ (P+L) e T ao invés de P e T, pode-se entrever um maior detalhamento das situações de contato já previstas em Couto (*id.*). Nesta abordagem também se adota o pressuposto que, tradicionalmente, falantes de sociedades vulneráveis ou de prestígio local tendem a ser minimamente bilíngues, enquanto que aqueles de sociedades hegemônicas tendem ao monolinguismo. Isto não exclui a possibilidade de existirem sociedades vulneráveis monolíngues e sociedades hegemônicas multilíngues. Os símbolos ‘Σ’ e ‘σ’ serão referentes a sociedades com uma visão endógena respectivamente de maior e menor poder relativo, seja das perspectivas econômica, sociopolítica ou psicossocial (os índices numéricos, por outro lado, serão utilizados unicamente para fazer referência a sociedades

⁷⁹ De acordo com o Couto (2007:284), os índices ‘1’ e ‘2’ são referentes respectivamente às populações de maior e menor ‘prestígio’ ou poder relativo, seja das perspectivas socioeconômica, política ou militar.

⁸⁰ O termo ‘sociedade’ é utilizado não unicamente no sentido político, mas fundamentalmente nas acepções sociocultural e linguística, como ‘grupo social’, i.e., um grupo de indivíduos que coletivamente possui um sentimento de unidade e compartilham tradições, cultura e instituições através de redes de relações. Neste sentido, uma sociedade seria concebida com base nas relações coesivas entre seus indivíduos, o que implica na existência de identidade social, que se caracteriza como um sentimento de coesão exclusivista (Turner & Reynolds 2001).

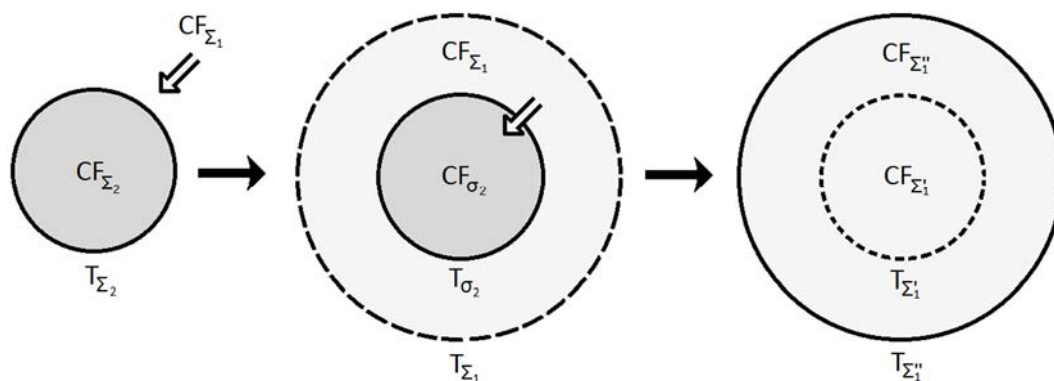
distintas).⁸¹ Tendo em vista as considerações acima, situações de contato permanente e sazonal podem ser previstas. Dentre as tipologias de contato permanente, destacam-se:

- CF de Σ_1 migra para T de Σ_2 , vulnerabilizando Σ_2 à condição de σ ;



Dentro desta situação de contato, os seguintes desenvolvimentos estão previstos:

- (a) forte determinação sociopolítica, cultural e linguística de Σ_1 sobre Σ_2 , resultando num processo de substituição linguística em Σ_2 .



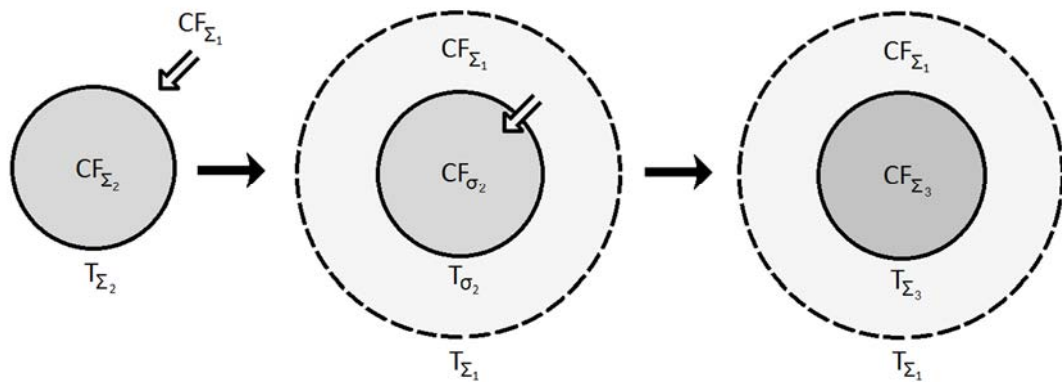
Esta situação resulta na retração de Σ_2 à condição de σ em ilhas ou enclaves onde, sob tal situação de vulnerabilidade sociopolítica, sobressai uma tendência diageracional à obsolescência de língua de σ . Este é o caso, por exemplo, de muitos povos autóctones americanos que sucumbiram em decorrência da colonização europeia a partir do século XV, tendo sido completamente assimilados à sociedade dos colonizadores. Desta situação emerge de σ , muitas vezes, uma forma ‘nativizada’ de Σ_1 (Σ_1'), que utiliza uma variedade ‘nativizada’ de L_{Σ_1} ($L_{\Sigma_1'}$), influenciada por um substrato⁸² oriundo da extinta

⁸¹ Parte-se do pressuposto que todo grupo social saudável é dotado de autoestima, considerando-se, neste sentido, Σ ou parte de Σ . Um grupo social vulnerável que se considera por algum aspecto (sociopolítico, cultural, militar, etc.) inferior a outro. A vulnerabilidade se refere, pois, à incapacidade dos indivíduos de um determinado grupo de continuarem exercendo normalmente suas atividades cotidianas e tradicionais em decorrência de contextos adversos aos quais foram expostos.

⁸² Este substrato emerge durante o processo de aquisição de L_{Σ} por σ ainda no seio do EFL $_{\sigma}$.

língua de σ . Σ_1 , por sua vez, pode ser influenciada por um adstrato oriundo de sociedades do tipo σ de modo a se converter numa outra forma ‘nativizada’ de Σ_1 (Σ_1''), que utiliza uma outra variedade ‘nativizada’ de L_{Σ_1} (L_{Σ_1}''). Exemplos de L_{Σ_1} incluem o português falado pelos xukuru e tremembé do nordeste brasileiro e de L_{Σ_1}'' incluem algumas variedades regionais do português brasileiro e do inglês indiano.⁸³

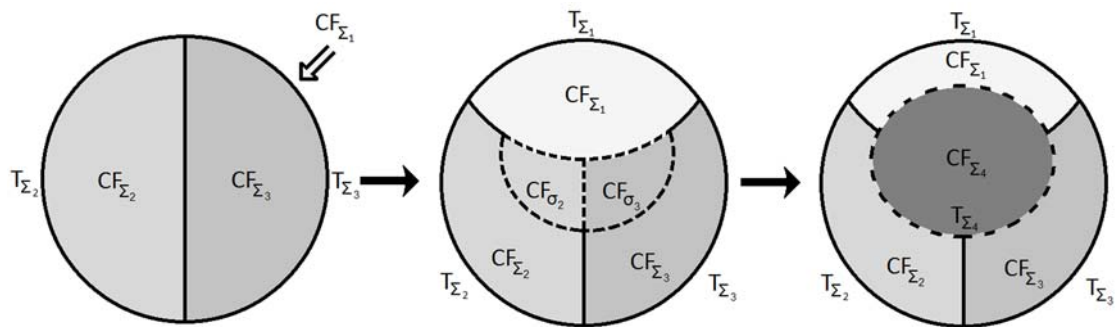
(b) forte determinação sociopolítica, cultural e linguística de Σ_1 sobre Σ_2 , resultando num processo de crioulização em Σ_2 .



Esta situação resulta na retração de Σ_2 à condição de σ em ilhas ou enclaves, onde a situação de vulnerabilidade sociopolítica provoca uma tendência à crioulização ($\Sigma_2 \rightarrow \Sigma_3$; $L_{\Sigma_2} \neq L_{\Sigma_3}$). Este é o caso, por exemplo, da língua tangwang, um crioulo de base chinesa que emergiu em pleno território dongxiang com o avanço do império chinês. Esta língua utiliza principalmente palavras e morfemas do mandarim (sino-tibetano) modeladas na gramática dongxiang (mongólico) (Lee-Smith 1996:875-876). Os falantes de tangwang não falam dongxiang.

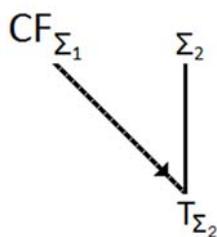
⁸³ “It is true that prosodic features of the original native language are very frequently maintained in a shifting group's version of a TL; intonation is one of the most striking features of both Irish English and Indian English, for instance” (Thomason & Kaufman 1988:42).

(c) forte determinação sociopolítica, cultural e linguística de Σ_1 sobre diversas sociedades autóctones ($\Sigma_2, \Sigma_3, \dots$), resultando num processo de crioulização.



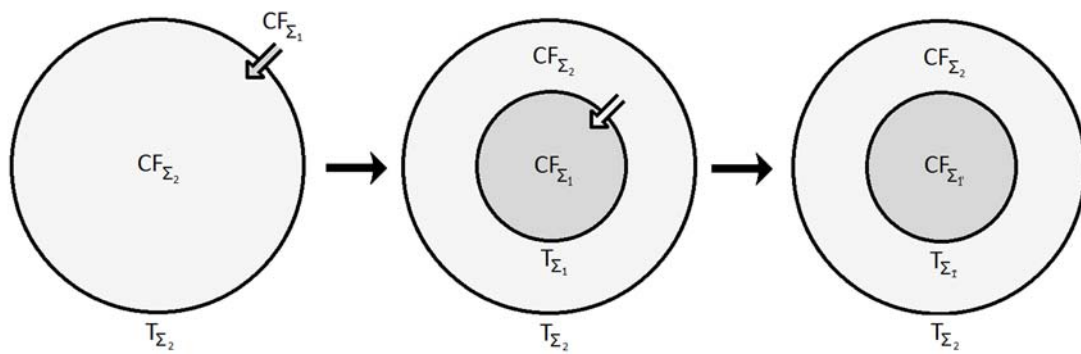
Da miscigenação de parte das sociedades autóctones ($\Sigma_2, \Sigma_3, \dots$) com parte de Σ_1 e em decorrência do princípio fundador (Mufwene 2001), uma reestruturação social (numa condição temporária como σ) faz emergir uma nova sociedade (p.ex.: Σ_4) por etnogênese. A língua deste novo grupo social (L_{Σ_4}) é frequentemente resultado de crioulização. Este é o caso, por exemplo, do crioulo guineense, que emergiu do contato do português com diversas línguas níger-congo (mandinga, manjaco, balanta, etc.) em decorrência dos assentamentos portugueses ao longo da costa noroeste da África a partir do século XV.

- CF de Σ_1 migra para T de Σ_2 sem que ocorram processos de vulnerabilização;

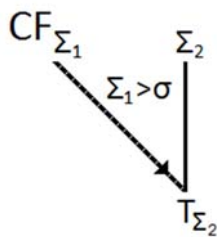


Esta situação de contato pode acarretar na formação de ilhas linguísticas (cf.: Couto 2009a:165-178). Mesmo que haja forte determinação de Σ_2 sobre Σ_1 ou vice-versa, isto não afeta significativamente a composição sociopolítica delas, de forma que nesta situação não há rebaixamento de Σ à condição de σ . Tal resistência à assimilação se sobressai à tendência diageracional à obsolescência, seja em virtude de segregação ou de autodeterminação cultural. Desta situação emergem, muitas vezes, ‘grupos locais’ de

Σ_1 (Σ_1' , Σ_1'' , etc.), que utilizam variedades ‘nativizadas’ de L_{Σ_1} (L_{Σ_1}' , L_{Σ_1}'' , etc.) com um superstrato da língua circundante (Σ_2). Em função de se constituírem como ilhas culturais num âmbito transcultural, estes ‘grupos ‘locais’ de Σ_1 passam a utilizar como segunda língua uma variedade de L_{Σ_2} (L_{Σ_2}'), que apresenta um adstrato oriundo da língua materna (L_{Σ_1})⁸⁴. Este é o caso, por exemplo, dos menonitas e ciganos.



- CF de Σ_1 migra para T de Σ_2 , sendo vulnerabilizada por Σ_2 à condição de σ ;

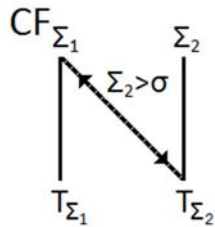


Esta situação de contato implica numa forte determinação linguística e econômica de Σ_2 sobre Σ_1 . Como a resistência à assimilação linguística de Σ_1 é baixa, em Σ_1 emerge paralelamente à obsolescência de L_{Σ_1} uma variedade ‘local’ de L_{Σ_2} (L_{Σ_2}'), que apresenta um substrato oriundo de L_{Σ_1} . Este é o caso, por exemplo, das variedades do espanhol e do alemão faladas respectivamente em comunidades judaicas da Espanha e da Alemanha pelo menos até meados do século XX.

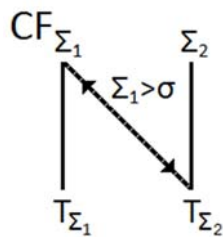
⁸⁴ Este adstrato emerge durante o processo de aquisição de L_{Σ_2} por Σ_1 ainda no seio de EFL₁.

Dentre as tipologias de contato sazonal, destacam-se:

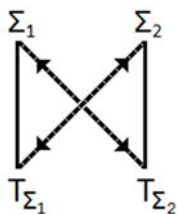
- CF de Σ_1 se desloca sazonalmente para T de Σ_2 , resultando na vulnerabilização da última à condição de σ ;



- CF de Σ_1 se desloca sazonalmente para T de Σ_2 , resultando na vulnerabilização da primeira à condição de σ ;

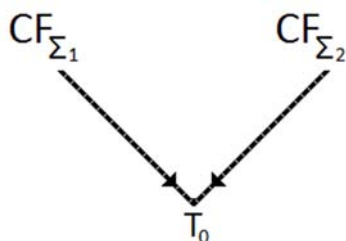


- CF's de Σ_1 e Σ_2 respectivamente se deslocam sazonalmente para T's de Σ_2 e Σ_1 , sem que haja rebaixamento de Σ à condição de σ ;



Há, ainda, a possibilidade de comunidades de fala de duas ou mais sociedades distintas confluírem para um T de outra sociedade, ou para um T não habitado.

- CF's de Σ_1 e Σ_2 confluem para um T não habitado.



Além da perspectiva do deslocamento, os contatos linguísticos podem ocorrer da perspectiva de L ou dos indivíduos de P. Da perspectiva de L, os contatos podem ser intralinguísticos/intradialetais ou interlinguísticos/interdialetais.⁸⁵ Da perspectiva dos indivíduos de P, os contatos podem ser: (i) de aquisição de L₁ (língua materna); (ii) interidioletal⁸⁶ e (iii) intergeracional.

Enfim, é importante ressaltar que a distinção entre língua e dialeto se dá dentro de ao menos um dos âmbitos constitutivos de S. No âmbito de P, ocorre em função de prestígio; no âmbito de L, em função da inteligibilidade.

2.2.4. Modelos dinâmicos de mudança linguística e demografia

Já é antiga a constatação empírica de que componentes linguísticos de todos os níveis hierárquicos são suscetíveis a mudanças. Tradicionalmente a linguística histórica encarava tais mudanças como processos regulares e independentes de quaisquer fatores extralinguísticos. Este é o caso do método glotocronológico, onde Swadesh (1951) assumiu uma taxa constante de substituição lexical para as línguas naturais.

Sendo claramente este um fenômeno sincrético – dependente de inúmeros fatores pontuais, sociais, políticos, geográficos e demográficos – não há uma constante universal que determine uma gradação fixa para mudanças linguísticas, e deste modo muitos especialistas (confira Rea 1958; Arndt 1959; Fodor 1961; Bergslund & Vogt 1962) passaram a contestar a validade do método e sua premissa estática. Nettle (1999b), ao retomar tal discussão, afirma que:

“Arguments against the constant rate assumption, such as those which have been raised against glottochronology, stress, first, that the history of a language is not autonomous but is rather a function of the history of its speakers (Thomason and Kaufman 1988:4), and second, that the situations in which speakers may find themselves are incredibly varied.” Nettle (*id.*:119)

Desde então, outros teóricos (cf.: Labov 1963, 1994; Trudgill 1974, 1992, 2007; Kirby 1993; Nettle 1999a, 1999b, 1999c; Wolfram & Schilling-Estes 2003; Wichmann *et alii* 2008;

⁸⁵ Couto (2009a:141) observa que, dependendo da dinâmica populacional, a diversificação dialetal e seu conseqüente contato podem acarretar num processo de coineização, como ocorreu com o grego antigo.

⁸⁶ Toda instância de interação comunicativa é inerentemente interidioletal (Couto 2009a:57).

Holman *et alii* 2009; Hochmuth *et alii* 2009) vêm provendo a linguística de modelos dinâmicos de mudança linguística. Muitos deles incorporaram a *Wellentheorie* de Schmidt (1872) em suas propostas e adaptaram ao contexto linguístico a teoria de Rogers (1983) sobre os fatores que influenciam a difusão de costumes, ideias e práticas:

“Language change is typically initiated by a group of speakers in a particular locale at a given point in time, spreading from that locus outward in successive stages that reflect an apparent time depth in the spatial dispersion of forms. (...) In its ideal form, the spatial-temporal interaction may be displayed through an appeal to a version of the wave model, in which a change originating at a given locale at a particular point in time spreads from that point in successive layers in a way likened to the waves in water that radiate from a central point of contact. (...) For example, Rogers (1983) argues that there are at least five factors that influence the diffusion of customs, ideas, and practices: (i) the phenomenon itself; (ii) communications networks; (iii) distance; (iv) time; and (v) social structure. While linguistic structures present a unique type of ‘phenomenon’ for the examination of diffusion, the other factors influencing diffusion, such as communications networks, distance, and social structure, are hardly unique to the dispersion of linguistic innovations.” (Wolfram & Schilling-Estes 2003:713-715)

Dixon (1997) em seu modelo dinâmico de evolução das línguas – baseado na *punctuated equilibrium theory* de Eldredge & Gould (1972) – apontou a existência de duas fases alternantes: (i) períodos de equilíbrio – durante os quais o número de línguas num dado espaço permaneceria constante, predispondo-as a difusões linguísticas areais que, em última instância, induziriam à formação de *Sprachbunds*; e (ii) períodos de instabilidade, quando, em função de fator(es) extralinguístico(s), difusões demográficas seriam desencadeadas com consequentes isolamentos populacionais, gerando um rápido crescimento da diversidade linguística nas áreas recém-povoadas. O evento retomaria o estágio anterior de equilíbrio à medida que a ocupação territorial e o assentamento destas comunidades linguísticas se consolidassem, quando então, segundo o autor, novas pressões extralinguísticas gerariam um decaimento da diversidade e a formação de novos *Sprachbunds*. Nettle assume esta posição ao afirmar que:

“With so much empty *habitat*, population growth would be rapid, and groups of foragers would spread and fission at a very high rate as they moved out through the continent. Each such split would be associated with the founding of a new linguistic lineage. As the available niches for independent foraging communities began to fill up, the rate of new fissionings would begin to decline.” (Nettle 1999c:3327-3328).

Nettle (1999b:122-123) admite também – usando o modelo variacionista de mudança linguística desenvolvido por Labov (1963; 1966; 1972; 1994) – que, quando numa língua, devido a uma inovação, um dado componente (X) apresenta uma variante (α), a probabilidade

de um indivíduo adotá-la é proporcional a seu uso dentro da comunidade linguística. Caso tal comunidade seja muito numerosa, a probabilidade dela adotar a inovação α diminui, dado que hipoteticamente o número de possíveis inovações concorrentes para o componente X aumenta (α, β, γ , etc). Em resumo, o autor propõe duas tendências:

[1] Quanto maior a variabilidade de inovações para um dado componente, menor é a probabilidade dele ser alterado.

[2] A probabilidade de uma inovação recém-surgida ser efetivamente normatizada é inversamente proporcional ao tamanho do grupo linguístico.

“Nonetheless, it is reasonable to assume that the probability of all transmissions required for a variant to be adopted occurring successfully decreases as the community size increases. (...) Thus, although the number of new variants cropping up increases with population size, it increases less fast than the probability of their fixation declines, and so, we would predict a decrease in the rate of change in the language as population size increases. (...) We could also make a number of related predictions using similar lines of thought; small communities should be more susceptible to linguistic borrowing than large ones, and the probability of a small community adopting a marked structure against which there was a functional bias should be greater than the equivalent probability for a large community.” (Nettle 1999b:123)

Com relação ao tamanho da CF, Nettle (1999a) argumenta, baseando-se na teoria do impacto social de Nowak *et alii* (1990), que:

[3] A propagação de inovações linguísticas (onde inclui as raridades tipológicas) dentro de uma sociedade com menos de 5 mil falantes é mais viável e ocorre em grau muito mais acelerado do que em sociedades com mais de 5 milhões de pessoas.

Evidências para esta terceira tendência foram apontadas por Cysouw (2005) ao demonstrar num estudo comparativo entre mais de mil línguas que doze dentre as quinze com maior índice de raridades apresentam menos de 6 mil falantes. Wichmann & Holman também vêm adotando tal assunção ao afirmar por exemplo que:

“The preponderance of rare features in small languages and the greater genealogical diversity in areas with small languages are consistent with faster rates of change in smaller languages, as Nettle (1999b) suggested.” (Wichmann & Holman 2009:20-21)

Estes e outros especialistas (Grace 1996; Wichmann *et alii* 2008; Holman *et alii* 2009; Hochmuth *et alii* 2009), por outro lado, aceitam que a probabilidade de difusão de inovações esteja só secundariamente relacionada ao tamanho da população, mas primariamente relacionada ao fator sócio-geográfico explicado pelo modelo dialetológico gravitacional de Trudgill (1974).

“(...) we have to be very careful about our notion of what is ‘natural’ in linguistic change, as it is easy to fall into the trap of supposing that what is unusual is the same as what is unnatural (see Bailey 1982). (...) Subject to this caveat, however, it does still seem that isolated communities may be genuinely more likely to produce changes that could be labelled, in Henning Andersen's words, as ‘slightly unusual’ (Andersen 1988). (...) As far as ‘slightly unusual’ phonetic changes are concerned, Andersen discusses the historically unconnected but surely non-fortuitous development of parasitic consonants out of diphthongs in several isolated areas of Europe in a number of languages including Romansch, Provençal, Danish, German and Flemish, along with the absence of such changes in metropolitan varieties. The isolated German dialect of Waldeck in Hesse, for example, has *biksen* (cf. *beißen*) ‘to bite’; *fukst* (cf. *Faust*) ‘fist’; *tsikt* (cf. *Zeit*) ‘time’; and so on. This particular sound change does strike many historical linguists as unusual, and does appear to be confined to small communities in geographically remote and/or peripheral areas.” (Trudgill 1992:205-206) [grifos meus]

Segundo este modelo, a difusão de inovações linguísticas numa comunidade ocorre *a priori* estritamente por contato social entre os membros do subgrupo local e gradativamente diminui de acordo com a distância entre este e os demais subgrupos linguísticos, em consequência da inviabilidade comunicativa (ou, como explicado mais abaixo, dependerá da densidade demográfica da comunidade linguística). Thomason (2003) também se apoia no modelo gravitacional de Trudgill (1974) ao tratar das motivações extralinguísticas em sua teoria *contact-induced language change*:

“Dialects of the same language may have particular structure points that are more different than analogous structures in related or even unrelated languages; in many speech communities, contact with other languages is more frequent than contact with geographically distant dialects of the same language; and so forth. This means (among other things) that both linguistic and social factors must be considered in any full account of contact-induced change, regardless of whether the contact is between dialects or separate languages.” (Thomason *op.cit.*:688)

Neste mesmo modelo, Trudgill (*id.*) atribui uma força maior para inovações localmente originadas em grupos demograficamente mais densos – atingindo vetorialmente regiões mais esparsas. Seguindo esta perspectiva, Nettle (1999a) e Wolfram & Schilling-Estes (2003:723) acabam adotando uma quarta tendência:

[4] O grau de dispersão das inovações linguísticas é diretamente proporcional à densidade populacional (nas palavras de Nettle, inversamente proporcional à distância relativa entre os subgrupos da comunidade linguística).

“Beyond the transitional area of a linguistic change we find what are traditionally labeled relic areas – that is, areas which the innovation fails to reach. Most often such

areas are geographically distant from focal areas. Sometimes, however, physical barriers to communication, such as mountainous terrain or a body of water, may block the spread of a change from a relatively nearby focal point. Social and demographic factors such as social and racial isolation among neighboring groups may similarly play a significant role in delegating areas to relic *status*. (...) Areas which have been designated as relic areas with respect to one linguistic innovation may very well be innovative, focal areas when another language change is brought into focus (e.g., Hock 1991); thus, the designation of certain areas as focal, transitional, or relic is largely relative, though demographic and social factors such as population density may be favorable to the heavy concentration of linguistic innovations in one particular area, such as a large, centralized metropolitan area. (...) Trudgill (1974) demonstrated that a slightly different model, termed the gravity model or the hierarchical model, provides a much better fit for the observed data on dialect diffusion. According to this model, which is borrowed from the physical sciences, the diffusion of innovations is a function not only of the distance from one point to another, as with the wave model, but of the population density of areas which stand to be affected by a nearby change.” (Wolfram & Schilling-Estes 2003:723-724) [grifos meus]

Isto é exatamente o que se observa em estudos geolinguísticos de grandes núcleos urbanos, onde a difusão de inovações parte constantemente da periferia, que geralmente corresponde à porção mais densamente povoada. Tais inovações, como também se observa, muitas vezes não são adotadas por elites conservadoras, que preferem manter como parte de sua ‘vestimenta social’ diferenciadora uma linguagem ‘arcaizante’.

“Although dialect diffusion is usually associated with linguistic innovations among populations in geographical space, a horizontal dimension, it is essential to recognize that diffusion may take place on the vertical axis of social space as well. In fact, in most cases of diffusion, the vertical and horizontal dimensions operate in tandem. Within a stratified population a change will typically be initiated in a particular social class and spread to other classes in the population from that point, even as the change spreads in geographical space. For example, Labov’s research (Labov 1966, 1972a; Labov et al. 1972) indicates that much change in American English is initiated in the working class and lower middle class and spreads from that point to other classes. (...) For linguistic phenomena, innovations initiated by the elite tend to be limited to borrowings from external prestige groups (Guy 1988); members of higher social classes do not introduce changes from within the language.” (Wolfram & Schilling-Estes 2003:714-715)

Como vimos pelas tendências expostas acima, dois vetores são tratados nas teorias dinâmicas como difusores de inovações linguísticas: (i) baixo tamanho populacional e (ii) alta densidade demográfica. A partir destes pressupostos, precisa-se ter em mente que pequenos grupos étnicos geograficamente isolados se comportam como grupos sociais nucleares altamente coesos, em outras palavras, vistos diatopicamente como centros de alta densidade relativa, porém com tamanho populacional reduzido. Vimos também que, neste sentido, quanto

maior o isolamento das populações, menor é o grau de difusão para outros centros ou subgrupos populacionais das inovações localmente originadas, acarretando conseqüentemente num aceleração da diferenciação linguística entre tais populações, cada qual acumulando inovações próprias e independentes. Tal fenômeno é bem parafraseado por Nerbonne (2009:3):

“Each population center may be seen as having a sphere of influence in which further diffusion proceeds locally. The connection to physical gravity may be appreciated if one considers the solar system, i.e. the sun, the nine planets and their moons. In understanding the movements of a given heavenly body, it is best to concentrate on the nearest very massive body. For example, even though the moon is affected by the sun’s mass, its rotation is determined almost entirely by the much closer Earth. The physical theory of gravity accounts for this by postulating a force due to gravity which is inversely proportional to the square of the distance between bodies. In this way very distant bodies are predicted to have much less influence than nearby ones.”

Para finalizar, se pensado no âmbito da sociologia, quanto mais complexa e mais numerosa for uma sociedade em comparação com as demais num ecossistema social, mas resistente ela será a sofrer rupturas, mas quanto mais dependente das outras para subsistir, maior será a probabilidade de sua ruptura. Neste sentido, populações pequenas são inerentemente mais suscetíveis a mudanças. Da mesma forma, *a priori*, no âmbito da sociolinguística, quanto mais complexa e mais numerosa for uma sociedade em comparação com as demais num ecossistema social, mas resistente será sua língua à sincretização ou a mudanças, mas, quanto mais dependente das outras esta sociedade for para subsistir, maior será a probabilidade de dialeção de sua língua e de que ela sofra, conseqüentemente, transformações vinculadas a pressões sociolinguísticas de origem ecossistêmica. Neste sentido, o tamanho absoluto da população é indiferente, mas seu tamanho relativo num enquadramento ecossistêmico é um fator de relevância fundamental na sua dinâmica evolutiva e, conseqüentemente, na dinâmica evolutiva de suas línguas.

As tendências de mudança linguística estão, assim, claramente associadas a dinâmicas socioecológicas e ecolinguísticas. As características socioecológicas e ecolinguísticas dos povos tribais sul-americanos apresentadas neste capítulo conformam um universo de estudo extremamente complexo, no qual nos debruçaremos na segunda parte deste trabalho, para avaliar quais fatores teriam contribuído para a emergência da enorme diversidade etnolinguística deste continente.

2.3. COMENTÁRIOS FINAIS: CONSEQUÊNCIAS LINGUÍSTICAS DA ECOLOGIA CULTURAL DE POVOS TRIBAIS

Em oposição aos conceitos normativos de cultura, pelos quais ela seria uma construção mental consistindo unicamente de ideias (Taylor 1948:101 *apud* Binford 1965:203), vimos em §1.3.2 que a teoria ecológica de cultura se fundamenta na concepção de cultura como o conjunto de práticas sociais que vigoram num determinado tempo-espaço. Tais práticas encontram-se sedimentadas historicamente como produtos culturais: palavras, conceitos, artefatos, arquitetura, espacialidade são resultantes de processos de domesticação decorrentes destas práticas, de forma que a cultura não é diretamente tangível, mas inequivocamente mediada pelos próprios produtos nela domesticados. Como esta perspectiva ecológica condiz com a realidade de todos os fenômenos socioculturais, dentre os quais os linguísticos, ao se processar uma análise da evolução de qualquer sistema linguístico deve-se indiscutivelmente considerar os fatores ecolinguísticos que suscitam ou suscitaram num dado momento o surgimento de inovações e variações e da seleção de algumas destas mudanças, sendo que o tipo e direcionamento destas mudanças são fundamentalmente influenciados pelos contextos de contato engendrados por seus falantes em cada esfera de interação em que participam ou participaram.

Recentemente alguns estudiosos vêm adotando estas perspectivas para tratar da evolução da diversidade cultural e linguística na América do Sul e, em especial, na Amazônia (Hornborg 2005; Heckenberger 2008; Hornborg & Hill 2011a, 2011b; Eriksen 2011). Ao argumentar que tanto cultura como língua representam marcadores de uma identidade étnica, e que as consequentes transformações evolutivas das realidades cultural e linguística devem ser vistas como renegociações desta identidade com grupos etnolinguísticos circunvizinhos via etnogênese, Hornborg (2005) admite que os intercâmbios regional e inter-regional firmados a partir do estabelecimento de diferentes nichos socioecológicos numa rede de interação geraria uma complexa distribuição de identidades etnolinguísticas num certo ecossistema social. Igualmente, baseando-se nesta mesma perspectiva, Heckenberger (2008) assume que registros

arqueológicos podem ser encarados como marcas de uma “macro-identidade”⁸⁷ e que culturas arqueológicas seriam reflexos de uma rede de interação onde processos de etnogênese teriam ocorrido. Assim, tradições cerâmicas pan-amazônicas, como as tradições barrancóide e policroma são vistas por este autor (*id.*: 943) como identidades macro-históricas.

Hornborg & Hill (2011b) assumem que a visão de Barth (1969) – de que fronteiras étnicas são formadas a partir da percepção recíproca das distinções que caracterizam as identidades étnicas – teria implicações na evolução e diversificação das línguas e que a diversificação linguística seria gerada com base nas interações relativas entre nichos ecolinguísticos.

“Correlations of data on the physical geography, linguistics, archaeology, and ethnohistory of Amazonia indicate that ethnolinguistic identities and boundaries have been continuously generated and transformed by shifting conditions such as economic specialization, trade routes, warfare, political alliances, and demography. To understand the emergence, expansion, and decline of cultural identities over the centuries, we thus need to consider the roles of diverse conditioning factors such as ecological diversity, migration, trade, epidemics, conquest, language shifts, marriage patterns, and cultural creativity.” (Hornborg & Hill 2011b:2)

Estes autores apresentam um panorama pré-histórico da América do Sul, onde “[f]or millennia, conquests and expansions have generated new constellations of ethnic boundaries as well as new incentives for creatively transcending or manipulating such boundaries through ethnogenesis” (Hornborg & Hill *id.*:8) e propõem que processos interétnicos de convergência e diversificação cultural e linguística na Amazônia sejam focados “on the internal logic of regional political economy and transformations in networks of long-distance exchange” (*id.*:8).

Eriksen (2011) buscou mapear o conhecimento atual sobre o desenvolvimento cultural pré-colombiano na Amazônia, objetivando com isto investigar os mecanismos socioculturais e socioeconômicos subjacentes aos padrões de diversidade etnolinguística ali presentes. Para tanto, o autor efetuou uma extensa compilação e sintetização de informações arqueológicas, linguísticas, históricas e ecológicas e fez um levantamento das redes locais de comércio que apontam para o estabelecimento de esferas de interação nesta região desde tempos pré-históricos.

⁸⁷ Macro-identidade não se refere a identidade étnica, mas a certos traços culturais areais ou compartilhados por diferentes grupos étnicos através de redes de interação intersocial.

Como se observa, estas visões retomam a perspectiva boasiana da fluidez dos traços linguísticos, genéticos e étnicos, os associando de forma independente a distintos nichos socioecológicos. Para ilustrar, especificamente com relação aos povos arawak, Hornborg & Hill (2011b) sugerem que:

“By the end of the first millennium AD, dialects of Arawak languages were spoken along most of the major rivers from the mouth of the Orinoco and Amazon to the headwaters of the Purús and Madeira. This distribution pattern suggests not so much that Arawakan “peoples” were able to displace all other groups along these ancient communication routes, as conventional migration theory would have it, but that a proto-Arawakan language once may have served as a lingua franca from the Caribbean to Bolivia.” (Hornborg & Hill *id.*:6) [grifo meu]

Entretanto, embora a proposta de Hornborg & Hill (*op.cit.*) de analisar a diversificação cultural e linguística na Amazônia pelo viés das perspectivas ecossistêmicas acima expostas seja pertinente, até a presente data não existem indícios arqueológicos nem de qualquer natureza que deem suporte, por exemplo, à hipótese destes autores de que regiões tão distantes como o Caribe e a Bolívia estivessem efetivamente interligadas e em contato formando uma única rede de interação. Com base nos dados atualmente disponíveis e nas conclusões obtidas pelas análises apresentadas na segunda parte desta tese, esta suposta macro-esfera de interação pré-histórica deve residir unicamente na esfera das conjeturas como uma hipótese pouco provável.

É evidente, pois, que para estudar efetivamente como se deram as evoluções linguísticas decorrentes do povoamento do continente sul-americano se faz necessário antes a determinação e o mapeamento detalhado das esferas de interação que ali existiram, assim como suas dinâmicas e o papel de cada um destes povos nestes âmbitos socioecológicos no decorrer de seus distintos estágios evolutivos. Neste panorama diacrônico, a reconstrução destes âmbitos de contato deve ser minuciosa e integrar as visões mais atualizadas de diferentes disciplinas, como a arqueologia, a antropologia, a genética e a linguística.⁸⁸

Um aspecto importante, porém ainda marginalmente abordado nestes estudos, refere-se a como estruturas sociopolíticas, tradições culturais e padrões de subsistência podem interferir na dinâmica reprodutiva das populações e exercer em suas línguas efeitos evolutivos marcadamente distintos. No caso dos povos tribais (que se estendem por toda a Amazônia),

⁸⁸ Alguns estudos recentes sobre o povoamento sul-americano apresentam falhas justamente porque se basearam em classificações linguísticas obsoletas para fundamentar suas arguições, como as de Ruhlen (1986, 1991) e Greenberg (1987) (cf.p.ex.: Bert *et alii* 2004; Torres *et alii* 2006; Wang *et alii* 2007; Usme Romero *et alii* 2013).

inúmeros efeitos estão previstos, dentre os quais se destacam: (i) menor retenção lexical; (ii) maior número de empréstimos; (iii) maior ocorrência de calques por analogia (semântica e estrutural) e (iv) maior frequência de reanálise das estruturas linguísticas. É indispensável para a análise destas mudanças a adoção da premissa de que muitas das idiossincrasias encontradas durante a comparação de línguas tribais filogeneticamente relacionadas sejam decorrentes do histórico ecolinguístico a elas peculiares e, conseqüentemente, do histórico socioecológico de seus falantes.

Como vimos em §1.3.2, tribalismo, (semi)nomadismo e patriarcalismo são três características inerentes de muitos povos da América do Sul. Neste sentido, estas sociedades apresentam baixa-demografia, frequentemente estão em trânsito (o que aumenta as chances tanto de cisão do grupo como de contato com grupos alóctones) e costumam incorporar mulheres forâneas – fatores que podem trazer conseqüências ecolinguísticas importantes, pois direta ou indiretamente promovem situações íntimas de contato cultural e linguístico (domésticas e intratribais), que estimulam a aceleração da evolução linguística e das dinâmicas de transformação cultural via apropriações, sincretismos e etnogênese. Como o bi- ou multilinguismo é uma das conseqüências frequentes nestes âmbitos, o aprendizado imperfeito (cf.: §1.2.2, §2.1.3 e §2.1.4) pode se tornar um fator importante que singularmente promove a aceleração da diferenciação linguística e cultural. Tais características tornam as línguas tribais menos estáveis e mais entrópicas (i.e., mais predispostas à evolução linguística), fatores que a longo prazo podem simplesmente transformá-las em entidades polissincréticas, i.e., contendo uma infinidade tal de *strata* diacrônicos a ponto de torná-las completamente destituídas de um eixo genético arbóreo/linear⁸⁹. Neste sentido, explicações que favoreçam pidginização, crioulização (seguidas ou não de basiletalização ou acroletalização) e outros modelos de convergência e diferenciação ecolinguisticamente motivados tornam-se extremamente relevantes nestes casos. Este é um dos pressupostos teóricos essenciais adotados neste trabalho. Em vista disto, a abordagem deste trabalho vai fortemente em oposição à conclusão de Bower et alii (2011) de que o grau de empréstimos é usualmente baixo independentemente dos fatores envolvidos. É interessante que os autores logo se contradizem ao afirmarem que certas situações sociais podem provocar aumento ou redução extrema nas taxas de empréstimos:

⁸⁹ Algumas limitações ao modelo arbóreo proposto pela linguística genética vem sendo apontadas, de fato, por estudiosos que adotam a perspectiva ecossistêmica em suas análises (cf.: §2.2.1.2).

“In summary, basic loan levels in languages are usually low, no matter what the factors. Certain social situations may lead to either abnormally low levels, as in SAM, or very high levels. High levels of loans can be the result of several different factors, including language shift and access to writing. There is also some evidence that mobile populations have higher average rates of borrowing.” (Bower *et alii* 2011) [grifo meu]

É importante ressaltar que estes autores não publicaram os dados linguísticos utilizados no experimento nem os paralelos encontrados ou considerados como empréstimo; além disto, o espaço amostral usado como base dos cálculos parece ter sido deficiente principalmente no que tange às línguas amazônicas⁹⁰, tanto pela falta de dados linguísticos como pela própria seleção dos itens lexicais comparados, já que utilizaram nas comparações uma lista muito mais apropriada para se avaliar relacionamento genético do que o fluxo de empréstimos (tal lista é fundamentada em léxico básico e não cultural: dos 204 itens comparados, apenas 11 são referentes a manufaturas, 12 referentes a fauna, 4 referentes a flora e nenhum referente a alimentos processados;⁹¹ faltam, neste sentido, inúmeros itens essenciais para o tipo objetivado de comparação no contexto amazônico, como abóbora, cabaça, batata-doce, milho, mandioca, farinha, chicha, barco, remo, machado, cesta, macaco, porco-do-mato, anta, capivara, etc.; por outro lado, existem 48 itens referentes ao corpo humano e 55 verbos e adjetivos).

Além disto, a pré-história no território amazônico é muito mais fluída do que se pretendeu considerar neste experimento. Os autores parecem simplesmente ignorar o fato de que povos nômades estão em constante movimento e que o comportamento de certos grupos num dado período histórico não implica que ele possa ser extrapolado como um padrão permanente ao longo dos séculos.

Em um estudo mais recente, Bower *et alii* (2014:204) assumem o tradicional axioma de que realmente existe uma proporção maior de empréstimos no léxico cultural do que no léxico básico, e que as línguas de povos nômades apresentam com relação às línguas de povos sedentários agricultores (i) taxas de intrusão lexical significativamente maiores, (ii) maiores índices de raízes com etimologia desconhecida e (iii) menor índice de retenção de léxico próprio. Segundo estes autores (*id.*), as línguas com maior número de empréstimos no

⁹⁰ Um dos problemas evidentes na comparação das línguas amazônicas neste estudo é o fato de que “[t]he complete 204-word list was not available for all of these languages, some of which have had minimal documentation” (Bower *et alii* 2011, S1: Language names, classifications, and sources).

⁹¹ Elementos etnobiológicos estáveis estão relacionados com sua saliência cultural (Berlin *et alii* 1973), constituindo-se juntamente com as manufaturas duas categorias importantes no âmbito dos contatos culturais e linguísticos.

vocabulário básico se encontrariam em processo de substituição linguística. Os autores entretanto, apontam que existem casos onde o léxico cultural é que parece haver sido retido.

“For example, though Aka and Baka Pygmies have shifted from their original languages to Bantu and Ubangian languages respectively, they share approximately 20% of vocabulary, much of which is in specialized semantic domains such as flora and fauna and marriage (Bahuchet 2012). In this case, flora/fauna terminology has been retained.” (Bower *et alii* 2014:218)

É bastante provável, de fato, que os termos lexicais que designam itens associados à infraestrutura cultural de um povo se tornem também estáveis no léxico a partir do momento que tais itens são ‘domesticados’ ou culturalmente desenvolvidos, podendo se manter como substrato em situações de substituição linguística. Vale ressaltar, entretanto, que cada elemento cultural (e, conseqüentemente, seu significante linguístico) pode apresentar dinâmicas de difusão próprias, motivadas por certos aspectos peculiares das esferas de interação onde são negociados. Um empréstimo linguístico de um termo cultural, por exemplo, evidentemente só é fixado na língua de um grupo étnico quando o referido item já se encontra em uso em suas comunidades. Assim, redes de comércio pré-históricas, suas dinâmicas e direcionamentos podem ser revelados a partir da comparação de termos lexicais que se refiram a ‘bens’ de consumo. Os tipos de empréstimos que ocorrem numa dada sociedade podem revelar os tipos de interação nos quais ela incorreu no decorrer de seu histórico evolutivo. Assim, se os empréstimos forem de cunho fundamentalmente cultural, eles podem ter sido resultantes da difusão de ‘bens’ e tecnologias; já a presença de empréstimos de cunho social pode ser vista como resultante de miscigenação étnica, enquanto empréstimos de cunho ambiental podem indicar uma migração para uma outra área ecofisiográfica.

PARTE II: INVESTIGAÇÃO

Na primeira parte desta tese foram apresentadas tanto as bases teóricas que determinam, genericamente, as dinâmicas ecossistêmicas como aquelas que dizem respeito, especialmente, às populações humanas. Uma das características mais marcantes destas dinâmicas é a formação de esferas de interação, i.e., âmbitos onde o fluxo de informações é internamente mais intenso do que aquele existente entre eles e o seu exterior.

Foi evidenciado, também, ser especificamente no âmbito das esferas de interação sociais onde as evoluções culturais e etnolinguísticas naturalmente transcorrem. A porosidade nestas esferas implica que as relações intersociais seguem o princípio da conectividade seletiva, de modo que cada uma das sociedades ou grupos sociais participantes acaba exercendo um papel relativo na regulação e renegociação dos seus fluxos internos e externos. A temporalidade, por sua vez, implica que as conexões articuladas em diferentes períodos por uma certa sociedade ou grupo social apresentam efeitos sequenciais e cumulativos, de modo que a compreensão evolutiva da natureza desta mesma sociedade ou grupo social só pode ser alcançada se considerado o histórico das dinâmicas de interações das quais ela/ele fez parte. Isto se harmoniza perfeitamente com o aspecto da perspectiva boasiana que pressupõe que em toda cultura existe um componente histórico e um componente psíquico. Além disto, esta perspectiva, desenvolvida dentro da ecologia cultural, pressupõe que toda sociedade é dotada de uma infraestrutura cultural e que esta evolui a partir de *feedbacks* a estímulos provenientes de um complexo ecossistema físico-cultural.

Em vista disto, o uso da perspectiva ecossistêmica fornece a base para se estudar comparativamente os padrões de mudança em contextos intersociais, o que naturalmente favorece o isolamento e compreensão dos motivos que aceleram ou retardam a imaneente tendência à diferenciação respectivamente social. Tal abordagem facilita, em vista disto, a compreensão dos processos de evolução cultural direta ou indiretamente relacionados a situações de contato (Binford 1972:205). Em vista disto, a compreensão da evolução das tradições culturais implica no estudo das esferas de interação intersocial nas quais seus portadores atuam/atuaram assim como dos contextos adaptativos destas mesmas esferas.

Por se configurar como um conjunto de práticas sociais que vigoram num determinado tempo-espaço, na infraestrutura cultural estão sedimentados todos os produtos deste processo:

língua, arte, arquitetura, espacialidade, tecnologia, etc.. Tais elementos culturais são resultantes de processos diacrônicos de domesticação decorrente dos estímulos provenientes de um complexo ecossistema físico-cultural onde uma dada sociedade evolui. Estes fluxos culturais, seus produtos e direcionamentos numa esfera de interação podem ser visualizados a partir dos empréstimos linguísticos.

Para estudar como foram as evoluções linguísticas decorrentes dos processos de interação intersocial nas terras tropicais da América do Sul, particularmente daqueles gerados pela expansão de diferentes povos ameríndios durante a pré-história, faz-se necessário, pois, o uso de uma abordagem arqueo-ecolinguística. Dentro desta abordagem, o mapeamento das esferas de interação que existiram nesta região durante o período avaliado assim como o levantamento dos grupos etnolinguísticos que, cada qual a seu tempo, delas participaram, são as ferramentas fundamentais para o levantamento e avaliação de hipóteses acerca da gênese e evolução destes complexos ecossistêmicos. Este panorama diacrônico, não sendo historicamente atestado, só pode ser reconstruído com a integração de informações obtidas em diferentes disciplinas, dentre as quais se destacam a arqueologia, a antropologia, a genética humana e a linguística histórico-comparativa.

A PARTE II desta tese encerra todas as informações essenciais para a realização da investigação ora objetivada assim como a investigação propriamente dita. Para contextualizar o leitor da complexidade e diversidade etnolinguística abordada, faz-se necessária uma apresentação introdutória dos panoramas das geografias física e humana da área de estudo, relacionadas respectivamente com as terminologias ecolinguísticas ‘território’ (T) e ‘população’ (P) + ‘língua’ (L). Além disto, a contextualização diacrônica das transformações etnolinguísticas ocorridas nesta mesma área torna essencial a apresentação de um minucioso panorama arqueológico e etno-histórico que viabilize a identificação das esferas de interação intersociais que emergiram dentro do espaço-tempo abordado nesta tese. A PARTE II é composta de três capítulos.

O capítulo 3 apresenta três contextualizações arqueo-ecolinguísticas fundamentais para os fins deste tese. Em §3.1 é oferecida uma caracterização da geografia física da área abordada; em §3.2 é apresentado um panorama da geografia etnolinguística durante o início do período colonial, onde dois objetivos são alcançados: (i) o mapeamento dos territórios de cada grupo etnolinguístico historicamente documentado na área de estudo e (ii) uma caracterização crítica sumular tanto das hipóteses de classificação filogenética dos referidos grupos como dos estudos

prévios a respeito das relações de contato pré-históricas envolvendo os mesmos; em §3.3 um minucioso panorama arqueológico do tempo-espaço abordado nesta tese, destacando (i) as culturas cerâmicas, (ii) suas cronologias e (iii) as esferas de interação pré-históricas que ali emergiram.

O capítulo 4 encerra a análise linguística propriamente dita, visando mapear a complexidade etnolinguística da área de estudo e suas dinâmicas de interação – fundamentalmente com base nos resultados das comparações dos léxicos das (proto)línguas representativas desta diversidade. Em vista disto, neste capítulo são apresentadas as análises linguísticas que fundamentam o modelo arqueo-ecolinguístico da diversificação linguística na região tropical da América do Sul construído em §5. Em §4.1 foram mapeados os conjuntos etnolinguísticos com possibilidades de retratar genealogias e em §4.2 foram mapeados aqueles que unicamente retratam um histórico de interações intersociais.

Enfim, o capítulo 5 encerra as discussões sobre a origem e evolução da complexidade etnolinguística no espaço-tempo abordado neste estudo, as quais foram minuciosamente fundamentadas numa série de hipóteses aferidas numa perspectiva ecossistêmica a partir da integração dialógica dos resultados de investigações linguísticas, arqueológicas, etno-históricas, antropológicas e genéticas apresentados e discutidos em §3 – §4. O conjunto destas discussões se constitui como uma proposta de um modelo arqueo-ecolinguístico desta realidade diacrônica, que é o objetivo principal do presente estudo. Tal proposta representa, assim, uma síntese sobre quais teriam sido ao longo dos 4000 últimos anos as principais esferas de interação existentes na porção tropical da América do Sul. Por questões de organização prática a área de estudo foi subdividida em zonas que apresentam certa afinidade geocultural. É importante salientar, entretanto, que as fronteiras destas zonas são obviamente fluídas em virtude da mobilidade populacional e da natureza interativa dos ecossistemas intersociais (cf.: §2), de modo que algumas das esferas de interação localmente originadas numa destas zonas naturalmente se estenderam no seu decurso evolutivo para outras áreas.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO ARQUEO-ECOLINGUÍSTICA DA ÁREA DE ESTUDO

Este capítulo está organizado da seguinte forma: em §3.1 será apresentado um panorama da geografia física da área abordada; em §3.2 se oferece um panorama da geografia etnolinguística desta mesma área durante o início da época colonial; §3.3 corresponde ao panorama arqueológico e etno-histórico da área de estudo: §3.3.1 é uma síntese das tradições cerâmicas e suas cronologias e §3.3.2 busca (i) retratar a evolução diacrônica das sociedades da área de estudo a partir do intercruzamento de informações arqueológicas, etno-históricas, antropológicas e genéticas assim como (ii) identificar as esferas de interação preexistentes, que teriam emergido nos seus distintos âmbitos entre o segundo milênio a.C. e o início do período colonial.

3.1.PANORAMA DA GEOGRAFIA FÍSICA

A porção tropical do continente sul-americano está representada por uma grande diversidade de ecorregiões, englobando quatro áreas fisiográficas principais: os Andes, o Planalto das Guianas, a Amazônia e o Planalto Central brasileiro.

- Os Andes se constituem como o complexo montanhoso mais importante do continente, atravessando-o ao longo da costa do Pacífico por aprox. 8000 km desde o extremo sul, na Terra do Fogo, até próximo ao litoral do Caribe. Na sua região central emerge o altiplano, um enorme platô que oscila entre 3000 e 4600 metros de altitude e atinge 450 km na sua porção mais larga, entremeado por mesetas, complexos montanhosos e vulcânicos com cumes que se ultrapassam os 6500 metros de altitude.
- O Planalto das Guianas é uma enorme região do norte da América do Sul entremeada de complexos montanhosos e altas mesetas circulares ou multifacetadas de cima geralmente plano e paredões verticais abruptos denominadas tepuis, ocupada por savanas e floresta tropical úmida.

- A Amazônia é a maior região de planícies e terras baixas da América do Sul. localizada ao sul dos Lhanos e do Planalto das Guianas, se estende dos Andes ao Oceano Atlântico e compreende 39% da área total do continente. De clima tropical úmido e superúmido, comporta manguezais, igapós (florestas em vales permanentemente inundados), várzeas (florestas com predomínio de palmeiras em vales intermitentemente inundados por um regime fluvial de cheias e vazantes) e grandes áreas de terra-firme com florestas ombrófilas densas, perenifólias, intermeadas por abrigos de cerrado. Seu limite sul apresenta áreas de transição com vegetação de savanas semi-úmidas (Lhanos de Moxos) e alagadas (Pantanal) que lindam respectivamente com o Chaco/Chiquitania e os cerrados do Planalto Central. Em seu limite ocidental, ao longo da vertente oriental dos Andes, surge uma faixa de floresta tropical úmida de montanha denominada yungas, que contrasta com a vegetação de puna do Altiplano. Em seu limite oriental surgem regiões de clima semiúmido onde se desenvolvem florestas mistas (ombrófilas e estacionárias), como as matas dos cocais nas terras baixas e os brejos de altitude, que lindam com a vegetação de caatinga do sertão semiárido, no extremo leste do continente.
- O Planalto Central brasileiro é um enorme maciço rochoso localizado no Brasil Central, constituído por vastas extensões planas entrecortadas por serras e cobertas por uma vegetação de savanas característica, denominada ‘cerrado’. Apresenta duas estações bem definidas fundamentalmente pelo índice de pluviosidade. É deste complexo rochoso que nascem muitos dos formantes de algumas das mais importantes bacias hidrográficas do continente sul-americano (Xingu, Tocantins, São Francisco e Paraná). Entre o Planalto Central e o litoral do Atlântico existe um bioma diferenciado, denominado Mata Atlântica. Este bioma é caracterizado por um conjunto heterogêneo de formações vegetais, que inclui campos de altitude, florestas ombrófilas e estacionais, restingas e manguezais.

A seguir, uma breve descrição fisiográfica e hidrográfica irá situar de forma abrangente informações relevantes sobre três grandes áreas da porção tropical da América do Sul em análise neste estudo: (i) norte da América do Sul, (ii) centro-oeste da América do Sul e (iii) leste da América do Sul.

3.1.1. Norte da América do Sul

Esta zona se caracteriza por ser ponto de encontro de quatro áreas fisiográficas importantes interligadas principalmente pelo sistema hídrico da bacia do Orinoco: os Andes Setentrionais, os Lhanos, a Amazônia e o Planalto das Guianas. Em sua porção setentrional os Andes se ramificam primeiro em duas cordilheiras vulcânicas separadas pelo altiplano, e depois em três, separadas entre si pelos vales dos rios Cauca e Magdalena. A faixa litorânea a oeste da Cordilheira Ocidental conforma uma planície superúmida coberta por florestas tropicais, que se estende desde o golfo de Guayaquil (Equador) até a foz do rio Magdalena. À direita da região da foz do Magdalena se encontra a Serra Nevada de Santa Marta, um grande complexo montanhoso isolado dos Andes. O rio Magdalena nasce nos Andes, na porção onde as Cordilheiras Central e Oriental se dividem (Departamento de Huila, Colômbia). Mais ao norte, a Cordilheira Oriental se alarga, assentando o Altiplano cundiboyacense e, em sua porção mais setentrional, se ramifica em dois complexos montanhosos: Serra de Perijá e Cordilheira de Mérida. As vertentes orientais da Cordilheira Oriental terminam abruptamente nos Lhanos e na Amazônia; nelas se encontram as nascentes dos principais tributários da vertente esquerda do Orinoco (Guaviare, Meta, Arauca), assim como de alguns tributários importantes do Amazonas (Caquetá, Putumayo, Napo) – todos eles rios navegáveis em praticamente todo o percurso. Os Lhanos, uma grande área de terras baixas com savanas e campos de inundação de clima monçônico entre a Cordilheira Oriental andina e o Planalto das Guianas, se estendem até o Baixo Orinoco. As Serras da costa Norte no extremo setentrional do continente formam o limite setentrional dos Lhanos, enquanto que o rio Vichada, um afluente da vertente esquerda do Médio Orinoco se caracteriza como um divisor natural entre a Amazônia e os Lhanos.

O rio Orinoco nasce na serra Parima, localizada na porção meridional do Planalto das Guianas (Amazonas, VE), e se estende ao longo de aprox. 2150 km, conformando um arco com envergadura a noroeste até sua foz em forma de delta em pleno Oceano Atlântico, imediatamente ao sul da ilha de Trinidad. Desde sua nascente, o Alto Orinoco corre em direção a oeste/noroeste até a confluência com o Guaviare. O Médio Orinoco corresponde ao trecho de aproximadamente 510 km compreendido entre a foz do Guaviare e a foz do Apure. É neste trecho que desembocam todos os seus principais afluentes. O Baixo Orinoco corresponde ao trecho de aproximadamente 750 km que se inicia após a foz do rio Apure e culmina no delta. Uma característica marcante deste sistema hídrico é a existência do Casiquiare, um canal natural

que se ramifica do Alto Orinoco e segue por aproximadamente 380 km até desembocar no Alto Rio Negro, servindo como uma conexão navegável entre as bacias do Amazonas e do Orinoco.

MAPA 3. Mapa físico do norte da América do Sul



3.1.2. Centro-Oeste da América do Sul

O Centro-Oeste da América do Sul é composto por regiões ecofisiográficas bastante contrastivas. A sua porção ocidental é caracterizada pelo alargamento das formações geológicas andinas, onde se situa o Altiplano dos Andes Centrais – um enorme platô que oscila entre 3000 e 4600 metros de altitude e atinge 450 km na sua porção mais larga – entremeado por mesetas, complexos montanhosos e vulcânicos com cumes que se ultrapassam os 6500 metros de altitude. Na porção central do Altiplano jaz a bacia do lago Titicaca, caracterizada pela puna úmida – um bioma composto de pradarias, matagais e nichos boscosos de altitude, que se estendem para o leste e colindam com as florestas úmidas tropicais dos yungas; por outro lado,

sua porção ocidental é caracterizada pela puna seca, composta por desertos, salares e uma escassa vegetação estépica, que precipitam nos vales profundos da faixa costeira. O Chaco, limitado a leste pelo leito do rio Paraguai e ao norte pelas áreas úmidas dos Lhanos de Moxos e de savanas da Chiquitania, é uma grande planície sedimentária aluvial de clima semiárido com savanas esparsas sujeita a bruscas alterações termais, que gradualmente vai se tornando mais árida e com vegetação mais escassa à medida que se aproxima dos Andes, onde se transforma na puna. A porção meridional do Chaco se limita com as serras pampianas, de clima semiárido temperado, e com o Pampa – um bioma de planícies subtropicais ocupadas por prados e campinas que vão se tornando úmidos à medida que se aproximam do Atlântico e da região estuarina da bacia do Prata. A Patagônia, região de clima temperado que se estende até o extremo sul do continente, apresenta a leste dos Andes um bioma árido de planícies e mesetas estépicas, contrastando fortemente com do lado ocidental dos Andes, caracterizado por uma estreita planície costeira, de clima superúmido, gerado pelas frentes frias e pela corrente de Humboldt oriundas do extremo sul do Pacífico, com vales de solo fértil, cobertos por florestas temperadas caducifólias, entremeados por um sistema complexo de lagos, vulcões e fiordes montanhosos e um litoral entrecortado de ilhas e canais. Mais ao norte, ao longo de toda a região altiplânica até o sul da região de Piura (no extremo nordeste do Peru), a vertente ocidental dos Andes termina de forma abrupta na costa do Pacífico, fazendo desta estreita faixa litorânea uma região extremamente árida, característica da vertente ocidental dos Andes.

As terras baixas a leste dos Andes Centrais englobam as bacias do Ucayali e do Madre de Dios e toda a vertente direita da bacia do Médio Amazonas, representando uma vasta porção das terras baixas tropicais limitada ao norte pelo leito dos rios Napo e Solimões, a leste pelo rio Madeira, ao sul pela bacia do Madre de Dios e a oeste pelos Andes.

O Alto Amazonas é formado pelas bacias do Ucayali e do Marañón. Todos os afluentes da vertente esquerda da bacia do Ucayali, incluindo o próprio Amazonas⁹², nascem nos Andes,

⁹² O Amazonas é formado da junção de dos rios Ucayali e Marañón. O Ucayali, por sua vez, se origina da confluência dos rios Tambo e Urubamba (cujas nascentes se encontram nos Andes Centrais) e segue em sentido noroeste, ao longo de toda a vertente oriental da meseta do Gran Pajonal e da Cordilheira do Sira até receber pela margem esquerda, uns 40 km abaixo de Pucallpa, as águas do Pachitea, seu principal afluente. Desde então segue pelo vale formado entre os Andes e a Serra do Divisor em sentido noroeste, voltando-se, em sua porção final, para o nordeste, até sua confluência com o Marañón. Os formantes do Marañón nascem nas vertentes orientais da Cordilheira Huayhuash, localizada na junção dos departamentos de Ancash, Lima e Huánuco. Desde aí o Marañón flui em direção ao norte e depois a noroeste por um vale interandino até a foz do rio Chamaya, onde seu curso se volta para o nordeste, abandonando a região andina.

a maioria dos seus formantes originando-se em pleno Altiplano. O Ucayali é formado a partir da confluência dos rios Tambo e Urubamba e segue em sentido noroeste, ao longo de toda a vertente oriental da meseta do Gran Pajonal e da Cordilheira do Sira até receber pela margem esquerda, uns 40 km abaixo de Pucallpa, as águas do Pachitea⁹³, seu principal afluente. Desde então segue pelo vale formado entre os Andes e a Serra do Divisor em sentido noroeste, voltando-se, em sua porção final, para o nordeste, até sua confluência com o Marañón. O Tambo, resultado da fusão do Perene com o Ene⁹⁴, localizados nos yungas entre o lago Junin e a Cordilheira de Vilcabamba, atravessa em sentido leste o vale formado entre o Gran Pajonal e a Cordilheira de Vilcabamba e corre para o norte até sua juntura com o Urubamba. O Urubamba nasce na Cordilheira de Vilcanota, percorre em direção noroeste o vale interandino ao norte de Cusco e toma rumo ao norte, atravessando os yungas e planícies a leste da Cordilheira de Vilcabamba até convergir com o Tambo, trecho em que recebe pela margem direita os seus principais afluentes.

Os formantes do Marañón nascem nas vertentes orientais da Cordilheira Huayhuash, localizada na junção dos departamentos de Ancash, Lima e Huánuco. Desde aí o Marañón flui em direção ao norte e depois a noroeste por um vale interandino até a foz do rio Chamaya, onde seu curso se volta para o nordeste, abandonando a região andina. De seus afluentes principais, a maior parte é proveniente dos Andes e desemboca em sua margem esquerda, começando pelo Chamaya (cujos formantes se localizam nas serras das províncias de Jaén, Huancabamba, Chota, Cutervo e Ferreñafe), Mayo-Chinchipe (oriundo das serras localizadas no limite ocidental das províncias peruana de San Ignacio e equatoriana de Zamora-Chinchipe), Cenepa (na vertente oriental cordilheira do Condor, na juntura oriental das províncias equatorianas de Zamora-Chinchipe e Morona-Santiago), Santiago (formado pela confluência dos rios Zamora e Namangoza, cujos afluentes confluem para o vale existente entre a porção meridional dos Andes equatorianos⁹⁵ e as Cordilheiras do Condor e de Cutucú), Morona (localizado entre o

⁹³ O Pachitea é formado pela confluência dos rios Pozuzo e Pichis, que nascem respectivamente nas vertentes leste da Cordilheira Huagaruncho e a setentrional dos Cerros de la Sal e atravessam os vales delimitados a leste pelo Gran Pajonal.

⁹⁴ O Perene surge da confluência do Chanchamayo-Tulumayo com o Paucartambo, originados respectivamente nas Cordilheiras de Huaytapallana e Huaguruncho, e o Ene da confluência do Apurímac com o Mantaro. O Apurímac nasce na vertente setentrional da Cordilheira Chila, cruza o altiplano em sentido norte e toma rumo noroeste pelo vale interandino ao sul de Cusco e yungas ao sul e oeste da Cordilheira de Vilcabamba. O Mantaro nasce no lago Junin, corre em sentido sudeste por um vale interandino, atravessa os yungas a leste de Huancayo e toma rumo nordeste até confluir com o Apurímac.

⁹⁵ Desde a Cordilheira de Condorcillo até o vulcão Sangay.

Santiago e o Pastaza, nasce na vertente oriental da cordilheira de Cutucú, localizada a sudeste do vulcão Sangay), Pastaza (nasce da confluência dos rios Patate e Chambo, cujos formantes convergem ao vale delimitado pelos vulcões Altar, Chimborazo, Quilotoa e Cotopaxi, em pleno altiplano central equatoriano); Huallaga (único dos afluentes importantes a desembocar na margem direita, nasce na província de Ambo (Andes Centrais peruanos), da confluência dos rios Chaupihuaranga e Huariaca, provenientes respectivamente das cordilheiras de Raura e Huaguruncho, flui rumo ao norte pelo vale interandino ali existente, curva-se ao oriente logo após a cidade Huánuco para então sair dos Andes e, tornando novamente ao norte, atravessa todo o vale formado entre os Andes e a Cordilheira Azul, recebendo vários afluentes oriundos da vertente oriental andina antes de desaguar no Marañón, dentre os quais destacam-se o Chontayacu, Mishollo, Huayabamba, Mayo e Parapapura; Tigre (último afluente do Marañón antes de sua confluência com o Ucayali e o único originário em terras baixas, a leste do rio Pastaza).

O Médio Amazonas corresponde ao trecho de aproximadamente 2120 km na superfície, que vai desde a confluência dos rios Marañón e Ucayali até a foz do rio Negro, na região de Manaus, sendo denominado Solimões em território brasileiro. Dentre seus principais afluentes, todos os da margem esquerda correm em sentido sudeste, enquanto que os da margem direita estão orientados para o nordeste. O rio Napo, primeiro de seus afluentes principais, é oriundo das vertentes orientais da Cordilheira de Llanganates, localizada entre os vulcões Tungurahua e Antisana.⁹⁶ Na divisa entre o Peru e o Brasil, região de Benjamin Constant, recebe pela margem direita o Javari, um rio de águas claras que nasce nas vertentes da porção norte da Serra do Divisor e corre em sentido nordeste até sua foz. Aproximadamente 350 km adiante, recebe pela margem esquerda as águas do Putumayo-Içá, que nasce nas vertentes do *Nudo de los Pastos* (Cordilheira Oriental dos Andes) e atravessa o vale de Sibundoy antes de escoar pelas vertentes andinas⁹⁷. Aproximadamente 376 km adiante recebe pela margem direita as águas do Juruá.

⁹⁶ O Napo flui em sentido sudeste e, antes de desaguar no Amazonas, recebe o Coca (cujos formantes são oriundos da Cordilheira Oriental equatoriana, na região entre os vulcões Antisana e Cayembe) e o Aguarico (formado pela confluência dos rios Cofanes e Chingual, oriundos da Cordilheira de Pimampiro) em sua margem esquerda e o Curaray em sua margem direita (oriundo das mesetas amazônicas a leste dos Andes).

⁹⁷ O Putumayo recebe seus principais afluentes nas terras baixas amazônicas: pela direita primeiro o rio Guamuéz, oriundo do lago andino homônimo, localizado no município de Pasto (CO) e depois o San Miguel (oriundo das vertentes orientais do Páramo *El Palacio*); pela esquerda, seu principal afluente é o Igara Paraná, que desagua em Puerto Arica.

O sudoeste amazônico é cortado por dois afluentes importantes do Amazonas, Purus e Juruá, oriundos do Arco Fitzcarrald, um complexo de colinas e baixos platôs amazônicos localizados ao norte da bacia do Baixo rio Urubamba (afluente do Ucayali) e ao sul da Serra do Divisor. O Purus é o último dos afluentes importantes do Médio Amazonas, desembocando em sua margem direita aproximadamente 200 km acima da foz do rio Negro.⁹⁸

MAPA 4. Mapa físico do centro-oeste da América do Sul



⁹⁸ A maior parte dos afluentes da margem esquerda do Juruá são oriundos da Serra do Divisor. Seus principais afluentes, entretanto, desaguam na margem direita, destacando-se o Envira-Tarauacá, cujas fontes se localizam próximo às do próprio Juruá.

3.1.3. Leste da América do Sul

Esta área engloba fundamentalmente o Baixo Amazonas, o Planalto Central brasileiro, a Caatinga e o litoral do Atlântico. O Baixo Amazonas é o trecho que segue desde a confluência do Solimões com o Negro até a foz do Xingu, no início do delta do Amazonas. Nesse intervalo deságuam importantes afluentes, cujas origens estão explicitadas a seguir. O rio Negro, maior afluente da margem esquerda do Amazonas é formado pela confluência do rio Guainía (oriundo dos baixos platôs amazônicos existentes entre o rio Inírida e as cabeceiras do rio Içana) com o Casiquiare (uma ramificação do Alto Orinoco). Flui em direção ao sul, recebendo em sua margem direita os rios Içana e Vaupés⁹⁹. A partir da foz do Vaupés o rio Negro corre nos sentidos leste e sudeste, recebendo pela margem direita uma série de afluentes, destacando-se o Curicuriari, Marié, Eneuixi, Cuiuni, Unini e Jau. Pela margem esquerda deságuam os rios Marauíá, Demeni¹⁰⁰ e Branco¹⁰¹. Uns 136 km após a foz do rio Negro deságuam pela margem direita do Amazonas as águas da bacia do rio Madeira, formado pela confluência dos rios Beni e Mamoré. O Mamoré nasce da junção dos rios Chapare e Mamorecillo, oriundos nos yungas da Cordilheira de Cochabamba, e flui em direção ao norte até unir-se ao Beni. Seus principais afluentes incluem: (i) pela margem direita, o rio Grande ou Guapay¹⁰², que nasce em pleno altiplano a nordeste do lago Poopó – e o rio Guaporé¹⁰³, oriundo das vertentes meridionais da Serra dos Parecis; (ii) pela margem esquerda, os rios Isiboro (oriundo das vertentes orientais da

⁹⁹ O Vaupés e o Içana originam-se em baixos platôs amazônicos localizados respectivamente ao norte da Serra de Chiribiquete e ao sul do rio Papunaua (afluente do Inírida).

¹⁰⁰ Os formantes do rio Demeni originam-se na Serra do Curupira e nas vertentes meridionais da Serra do Parima. O rio Aracá, seu principal afluente, origina-se nas vertentes meridionais da Serra Tulu Tuloi.

¹⁰¹ O rio Branco é um rio de águas barrentas, formado pela confluência dos rios Uraricoera e Tacutu, oriundos respectivamente das vertentes oriental da Serra Parima e ocidental da Serra do Acará (onde os rios Essequibo e Courantyne também têm suas fontes). Flui desde sua origem em direção ao sul até seu deságue no rio Negro, uns 320 km antes da foz deste no Solimões.

¹⁰² Os formantes do rio Grande, oriundos das vertentes meridional da Cordilheira de Cochabamba e oriental das Cordilheiras Alacitas e Mazocruz, confluem em pleno yungas. O rio percorre em sentido leste até confluir com o Mizque, quando segue primeiro para sudeste e depois, fora dos Andes, para nordeste e finalmente noroeste, recebendo em sua margem esquerda, já no seu tramo final, as águas do Yapacani (oriundo dos yungas de Amboro).

¹⁰³ Os principais afluentes da margem esquerda do Guaporé correm nos sentidos norte e noroeste e incluem os rios Itonamas, Baures e Paragá. Os afluentes do rio Baures (rios Branco, Negro e San Martín) nascem nas Serras Chiquitanas de San Javier e Concepción. O Itonamas ou San Miguel surge de uma ampla rede fluvial oriunda das Serras Chiquitanas de San José e, de forma intermitente, dos Banhados de Izozog no Chaco setentrional (que, por sua vez, recebe as águas do Parapetí, proveniente dos yungas de Chuquisaca).

Cordilheira de Mosetenes) e Yata (originado a nordeste do lago Rogagua, nos Lhanos de Moxos). O Beni origina-se nos yungas ao norte da Cordilheira Real a partir da confluência dos rios Cotacajes e Santa Elena e flui em sentido noroeste, trecho em que desaguam desde a margem esquerda dois afluentes importantes, o Boopi e o Kaka¹⁰⁴. A partir da foz do Kaka o Beni continua para o norte, recebendo pela esquerda as águas do rio Tuichi, oriundo da Cordilheira de Apolobamba, e após atravessar as Montanhas de Bala, já nos Lhanos de Moxos, as do Madidi, oriundo nos yungas a sudoeste das Montanhas de Bala. Em seu trecho final curva-se para nordeste e, na altura de Riberalta (uns 160 km antes de sua foz), desagua o Madre de Dios¹⁰⁵, seu principal afluente. Os principais afluentes do Madeira desaguam em sua margem direita, destacando-se os rios Jiparaná (com seu afluente Roosevelt) e Aripuanã, oriundos respectivamente das vertentes setentrionais das Serras dos Parecis e do Norte.

O Jatapu, oriundo das vertentes meridionais da Serra do Acaraí, no Maciço das Guianas, nasce bem próximo da fonte do Essequibo e flui em direção ao sul até desaguar na margem esquerda do Amazonas, uns 200 km após a foz do Madeira. Uns 255 km além desemboca, também pela margem esquerda, o rio Trombetas, que se origina da confluência dos rios Poana e Anamu e flui em sentido sul/sudeste.¹⁰⁶ Uns 125 km adiante localiza-se, na margem direita, a foz do Tapajós, formado pela confluência dos rios Juruena¹⁰⁷ e Teles Pires¹⁰⁸, oriundos respectivamente das vertentes setentrionais das Serras dos Parecis e Azul, no Planalto Central.

¹⁰⁴ O Boopi (com seu formante La Paz) origina-se nas vertentes meridionais da Cordilheira Real, corta o vale de La Paz em direção a leste, contorna as vertentes sul e leste do Monte Illimani e atravessa a Cordilheira Real por um vale rumo ao norte até sua foz. O rio Kaka é formado pela confluência dos rios Mapiri e Coroico, oriundos respectivamente das vertentes dos maciços de Ancohuma e Huayna Potosí, na Cordilheira Real. O rio Atén-Turiapo, afluente do Mapiri, nasce nas imediações de Apolo.

¹⁰⁵ O Madre de Dios, cujos formantes nascem nas vertentes setentrionais da Cordilheira de Vilcanota, corre inicialmente em sentido norte através dos yungas, tomando, já na Amazônia, rumos nordeste, sudeste e novamente nordeste até sua foz. Seus principais afluentes da margem esquerda são o Manu, oriundo dos Yungas de Megantoni, e o Tacuatimanu (ou Rio das Pedras), de origem amazônica, proveniente das vertentes orientais do Arco Fitzcarrald. Dentre os da margem direita destacam-se o Inambari e o Tambopata, oriundos das vertentes setentrionais da Cordilheira de Apolobamba.

¹⁰⁶ Os formantes dos rios Poana e Anamu se originam nas vertentes meridionais Serra do Acaraí, respectivamente próximo a formantes do Essequibo e do Courentyne. O principal afluente do Trombetas é o Cumina (ou Parú do Oeste), que se origina no Planalto de Tumucumaque ao sul das Montanhas Eilerts de Haan.

¹⁰⁷ O Juruena e boa parte dos seus afluentes nasce nas vertentes setentrionais da Serra dos Parecis, próximo das fontes do rio Guaporé, e flui em sentido norte, cortando o Planalto do Mato Grosso durante todo o percurso. Entretanto, o Arinos, seu principal afluente, nasce na Serra Azul, próximo ao Teles Pires.

¹⁰⁸ O Teles Pires, cujos formantes partem da Serra Azul nas imediações das fontes do Xingu, flui para o norte até defrontar-se com a Serra do Cachimbo, quando curva-se para noroeste, sentido que toma até confluir com o Juruena.

MAPA 5. Mapa físico da região central da América do Sul



O Xingu, último grande afluente do Baixo Amazonas, flui sempre para o norte, tendo suas origens no Planalto Central, num largo vale bordeado pelas Serras Formosa, Azul e do Roncador, região das nascentes de seus formadores¹⁰⁹. O Iriiri, seu principal afluente, cujos formantes são oriundos das vertentes setentrional e oriental da Serra do Cachimbo, corre para o nordeste em seu trecho final, desaguando na margem esquerda do Baixo Xingu. Nas imediações da foz do Xingu o Amazonas recebe pela margem esquerda as águas do Paru e do Jari¹¹⁰, que fluem em sentido sudeste desde o Planalto das Guianas e desaguam já no início do Delta do Amazonas.

O Planalto Central é uma região de mesetas de origem cenozoica que emergem desde o sudeste da Amazônia até as proximidades do litoral do Atlântico, onde afloram formações de origem quaternária (Serras Geral, do Mar e da Mantiqueira), que abrigam seus pontos culminantes. Grande parte deste território apresenta um clima monçônico com estações de chuva e seca bem definidas e é ocupada por uma vegetação de savanas denominada Cerrado, que se converte em campos de altitude nos platôs e pontos mais elevados. Em sua porção meridional e nos limites orientais, o clima úmido proveniente do oceano propiciou o desenvolvimento de uma grande faixa de florestas tropicais ombrófilas denominada Mata Atlântica. A região de Mata Atlântica se estende ao longo da Serra do Mar pela região litorânea, entremeando-se com porções de restinga ou de manguezais, que se desenvolvem ao redor de fozes e lagunas, tornando-se uma floresta ombrófila mista de altitude nas Serras Geral e da Mantiqueira. No interior do Planalto Central jazem as bacias dos rios São Francisco, Parnaíba e dos afluentes que desembocam na margem direita do Baixo Amazonas, todos com escoamento orientado ao norte; ali também se originam boa parte dos formadores da bacia do Prata, com escoamento orientado ao sul (incluindo, propriamente, os rios Paraguai, Paraná e Uruguai). A Caatinga, que se estende por praticamente toda a Região Nordeste do Brasil, é um bioma de clima semiárido coberto por vegetação xerófila.

¹⁰⁹ Os principais formadores do Xingu são o Cululene, Ronuro, Tamitotoala (oriundos da Serra Azul, ao sul), Ferro (oriundo da Serra Formosa, a oeste), Liberdade e Suia Missu (oriundos da Serra do Roncador, a leste).

¹¹⁰ As nascentes de ambos os rios localizam-se na Serra do Tumucumaque, próximo a alguns dos formantes do rio Maroni. O rio Cuc, afluente do Jari, origina-se bem próximo à nascente do Oiapoque.

3.2. PANORAMA ETNOLINGUÍSTICO DA GEOGRAFIA HUMANA

Em concordância à geografia física, se observa uma enorme diversidade da geografia humana ameríndia nesta porção do continente sul-americano, que se constitui etnolinguisticamente como uma das regiões mais complexas do mundo. Fatos sobre esta diversidade já haviam sido descritos por vários viajantes, missionários e exploradores entre os séculos XVI e XIX e, desde meados do século XIX, estudos de cunho científico já buscavam dar conta da enorme diversidade de povos e culturas do continente.

3.2.1. Norte da América do Sul

3.2.1.1. Grupos etnolinguísticos

A região apresenta atualmente uma diversidade etnolinguística relativamente grande, mas diatopicamente desproporcional, sendo mais acentuada nas terras baixas a leste dos Andes. A partir da compilação de informações históricas e etno-históricas (Markham 1865; Migliazza 1985; Arellano 1987, Adelaar & Muysken 2004; Eriksen 2011), a seguinte configuração etnolinguística da região no século XV d.C. pode ser assumida (MAPA 6):

- (i) andaki: entre a bacia do Alto Magdalena e a bacia do Alto Caquetá;
- (ii) andoke: interflúvio do Caquetá com o baixo Yari;
- (iii) arma (filiação linguística desconhecida): bacia do Médio Cauca;
- (iv) arutani: interflúvio do Uraricoera com o Cauamé (Roraima, BR);
- (v) betoy: bacia do Alto Arauca;
- (vi) família arawak: (a) subgrupo caribenho: ilhas do Caribe e península Guajira (extremo norte da Colômbia); (b) subgrupo japurá-colômbia: bacia do Negro, Lhanos e porção ocidental da costa do Caribe venezuelano; (c) subgrupo guaviare: bacia do Médio Orinoco; (d) subgrupo roraima: bacia do rio Branco (Roraima, BR) do Baixo/Médio Negro (Amazonas, BR); (e) subgrupo manao: interflúvio do Baixo Negro com o Baixo Solimões; (f) subgrupos yumana e pase: interflúvio do Baixo Caquetá/Japurá com o baixo Putumayo/Içá;

- (vii) família barbakoa: planície litorânea do Pacífico, nos paralelos delimitados entre a porção meridional do Departamento de Esmeraldas (Equador) até a foz do rio Patia (Departamento de Nariño, Colômbia); porção ocidental dos Andes Setentrionais, nos paralelos delimitados entre os vulcões Cotopaxi (Equador) e Huila (Departamento de Cauca, Colômbia);
- (viii) família bora: interflúvio do médio Putumayo com o Médio Caquetá;
- (ix) família chibcha: (a) kuna: bacia do Baixo Atrato (Departamento de Chocó); (b) subgrupo magdalênico setentrional: Serra Nevada de Santa Marta e áreas contíguas; (c) subgrupo magdalênico meridional: porção setentrional das Cordilheiras Ocidental e Central, Altiplano cundiboyacense, Serra de Perijá e áreas contíguas;
- (x) família choko: planície litorânea do Pacífico e vertentes ocidentais dos Andes Setentrionais nos paralelos delimitados entre a baía de Buenaventura (Departamento de Valle del Cauca, Colômbia) e a bacia do Médio Atrato (Departamento de Chocó, Colômbia);
- (xi) família guahibo: Médio Orinoco e Planalto das Guianas;
- (xii) família jirajara: sopés da porção setentrional da Cordilheira de Mérida;
- (xiii) família karib: (a) subgrupo yukpa-japreria: baía de Maracaibo e vertente oriental da Serra de Perijá; (b) subgrupo karib-ocidental: bacia do Médio Magdalena; (c) subgrupo kumana: porção oriental da costa do Caribe venezuelano e bacia do Baixo Orinoco; (d) kariña: bacia do Baixo Orinoco; (e) subgrupos venezuela e purukoto: Planalto das Guianas; (f) karijona: interflúvio entre o Caguan (bacia do Caquetá) e o Guayabero (bacia do Guaviare);
- (xiv) família malibu: bacia do Baixo Magdalena;
- (xv) família mura-pirahã: bacia do Baixo e Médio Madeira e região da confluência do Solimões com o Negro;
- (xvi) família nadahup: interflúvio do Baixo Caquetá-Japurá com o Médio Negro;
- (xvii) família otomako: interflúvio do Cinaruco com o Apure;
- (xviii) família peba-yagua: interflúvio do baixo Putumayo com o Amazonas;
- (xix) família puinave-kak: porções das bacias do Guaviare e alto Rio Negro;
- (xx) família saliba: bacias do Médio Orinoco, Meta e Vichada;

- (xxi) família tikuna-yuri: interflúvio entre o Médio e Baixo Caquetá/Japurá e o Alto Solimões;
- (xxii) família timote: Cordilheira de Mérida;
- (xxiii) família tinigua: interflúvio do alto Yari com o alto Guayabero;
- (xxiv) família tukano: (a) subgrupo ocidental: bacia do Alto Caquetá e interflúvio entre o Napo e o Alto Putumayo; (b) subgrupo oriental: interflúvio entre o Médio Caquetá/Japurá e o Vaupés;
- (xxv) família witoto-okaina: interflúvio do Alto/Médio Putumayo com o Alto/Médio Caquetá;
- (xxvi) família yanomami: porção meridional do Planalto das Guianas e interflúvio do Branco (Roraima, BR) com o Negro (Amazonas, BR);
- (xxvii) guamo: entre o rio Apure e as Serras da costa Norte (Venezuela);
- (xxviii) kamsa: porção oriental do extremo sul dos Andes colombianos;
- (xxix) kimbaya (de filiação linguística desconhecida): bacias do Médio e Alto Cauca;
- (xxx) kofan: bacia do Alto Napo;
- (xxxi) kueva: região ístmica (Panamá);
- (xxxii) maku: interflúvio do Cunucunuma com o Padamo (Amazonas, VE);
- (xxxiii) muzo, kolima, pantagora e panche (todos de filiação linguística desconhecida): bacia do Médio Magdalena;
- (xxxiv) paez: bacia do Alto Magdalena;
- (xxxv) pijao (filiação linguística desconhecida): bacias do Médio e Alto Magdalena;
- (xxxvi) sape: interflúvio do Paragua com o Karun (Bolívar, VE).
- (xxxvii) sinu (filiação linguística desconhecida): bacia do Sinu (entre o Caribe e o Baixo Cauca);
- (xxxviii) taruma: bacia do Baixo Negro (Amazonas, BR);
- (xxxix) timana e yalkon (ambos de filiação linguística desconhecida): bacia do Alto Magdalena;
- (xl) umbra: bacia do Médio Cauca;
- (xli) warao: delta do Orinoco;
- (xlii) yaruro: interflúvio do baixo Meta com o Capanaparo (Venezuela);
- (xliii) yurumangui: nas vertentes ocidentais dos Andes Setentrionais ao longo da bacia do rio Yurumangui (Departamento de Valle del Cauca, Colômbia).

MAPA 6. Mapa etnolinguístico do norte da América do Sul – estimativa da distribuição durante o século XV d.C.



LEGENDA

| | | | |
|---------------------|------------------------|------------------------------|--------------------------|
| Chb Chibcha | Tkn Tukano | Tmt Timote | Kkp Kak-Puinave |
| Chk Choko | Wtt Witoto | JrJ Jirajara | Ndh Nadahup |
| Ans Anserma | Bra Bora | Krb Karib | Wro Warao |
| Pjo Pijao | PbY Peba-Yagua | Yrr Yaruro | Arw Arawak |
| Paz Paez | TkY Tikuna-Yuri | OtT Otomako-Taparita | MrP Mura-Pirahã |
| Adk Andaki | SbH Saliba-Hoti | Ghb Guahibo | Trm Taruma |
| Kms Kamsa | Zpr Zaparo | Mku Maku | Tpi Tupi |
| Bbk Barbakoa | AwX Awshiri | Spe Sape | KkO Kokama-Omagua |
| Kfn KOfan | Tau Taushiro | Art Arutani | Pno Pano |
| Kdx Kandoshi | Urr Urarina | Ynm Yanomami | Gmo Guamo |
| Wrn Waorani | Kwp Kawapana | KtK Katukina-Katawixi | Adk Andoke |
| Jvr Jivaro | Omr Omurano | Ara Arawa | Mxk Mochika |

3.2.1.2. Contato de línguas e hipóteses de classificação filogenética: estudos prévios

O norte da América do Sul apresenta três grandes áreas culturais: (i) noroeste amazônico, (ii) extremo setentrional e (iii) Orinoquia. Alguns estudos sobre interferência linguística entre grupos etnolinguísticos distintos no noroeste amazônico vêm sendo realizados, dentre os quais se destacam (i) de línguas tukano em tariana (arawak) (Aikhenvald 1999b, 2001, 2007), (ii) de línguas bora em resigaró (arawak) (Aikhenvald 2001, 2012; Seifart 2011, 2012), (iii) de línguas tukano em línguas nadahup (Epps 2005, 2007), e (iv) entre línguas witoto-okaina e bora (Seifart 2007; Fagua Rincón & Seifart 2010; Echeverri & Seifart 2011; Chang & Michael 2014). Enquanto os dois primeiros são considerados casos pontuais ocorridos durante o período histórico e fortemente influenciados pela situação de obsolescência do tariana e do resigaró (Aikhenvald 2012), os dois últimos são indicativos da existência de duas esferas de interação regionais no noroeste amazônico estabelecidas durante a pré-história, uma na bacia do Vaupés e outra no interflúvio Caquetá-Putumayo (Epps & Michael 2015). Até o momento, entretanto, os estudos sobre esferas de interação no noroeste amazônico, principalmente aqueles ocorridos durante a pré-história, não são sistemáticos e têm se reduzido a estas duas áreas linguísticas localizadas, estando ainda negligenciada boa parte desta vasta porção amazônica.

Existem algumas hipóteses relacionando diferentes línguas e/ou famílias linguísticas desta zona, dentre os quais destacam-se kakwa-nadahup (Koch-Grünberg 1906) e puinave-nadahup (Rivet & Tastevin 1920), bora-witoto (Castellvi 1934), tikuna-yuri (Nimuendajú 1977), sape-maku (Greenberg 1987), macro-tukano (Greenberg 1987), macro-karib (Greenberg id.), macro-puinave (Kaufman 1994a:60) e macro-daha (Jolkesky 2009).¹¹¹ Excetuando a família tikuna-yuri, todas as demais hipóteses receberam críticas, que serão detalhadas adiante.

- awake. Swadesh (1959) reúne neste conjunto as línguas arutani e sape.
- bora-witoto. O hipotético tronco bora-witoto passou a ser considerado provavelmente a partir da constatação de Koch-Grünberg (1910:901) de que existiam algumas semelhanças entre as línguas das famílias bora-muinane e witoto-okaina. Embora Rivet (1911) tenha concluído que tais semelhanças seriam fruto de

¹¹¹ Há uma série de outras hipóteses de ‘macro-famílias’ recompiladas em Kaufman (1990), mas todas elas não passam de mera especulação, pois, de fato, não há um mínimo de evidência que justifique tais postulações com um mínimo de congruência.

contato em virtude da proximidade territorial dos falantes das referidas línguas, Castellvi (1934) decidiu classificar ambas famílias num mesmo agrupamento genético. Kaufman (1994a) inclui a língua andoke neste tronco sem, entretanto, apresentar quaisquer evidências para subsidiar tal alegação, tendo sido provavelmente influenciado pela hipótese greenbergiana do macro-karib. De fato, Aschmann (1993:2-3), numa comparação preliminar, confirma a inexistência de qualquer relação genealógica do andoke com as línguas das famílias bora e witoto-okaina. Aschmann (*id.*) busca substanciar a hipótese bora-witoto de Castellvi (*op.cit.*) ao apresentar uma proposta de reconstrução para esta família. Por outro lado, Echeverri & Seifart (2011) recentemente contestaram a validade de que realmente exista unidade genealógica entre as famílias bora e witoto-okaina, assumindo a posição de Rivet (1911) de que tais semelhanças seriam oriundas de relações de contato.

- kakwa-nadahup (Koch-Grünberg 1906) e puinave-nadahup (Rivet & Tastevin 1920). Koch-Grünberg (1906) foi o primeiro a propor a existência de uma relação entre as famílias nadahup e kak, enquanto que Rivet & Tastevin (1920) incluíram o puinave nesta hipótese. Martins & Martins (1999) e Martins (2005) buscam dar sustentação à hipótese original de Koch-Grünberg (*op.cit.*), apresentando uma série de possíveis cognatos entre os ramos ocidental (nadeb, daw, yuhup, hupda) e oriental (nukak, kakwa). Entretanto, Epps (2005a:10) e Bolaños & Epps (2009) contestam a existência de unidade genética entre os ramos ocidental e oriental do puinave-nadahup, e creditam tais semelhanças lexicais a contato areal. Por outro lado, Epps & Bolaños (2015) acreditam na plausibilidade de uma relação genealógica entre puinave e kak. Greenberg (1987) assume que a família puinave-nadahup faria parte de seu hipotético macro-tukano (cf. abaixo). Henley *et alii* (1994) propõem uma relação genética entre a família puinave-nadahup e a língua hodi, mas não apresentam quaisquer evidências que deem suporte a tal alegação.
- macro-daha. Jolkesky (2009) propõe a hipótese do tronco ‘macro-daha’, que nesta primeira abordagem comparativa seria composto pela família saliba e pelas línguas andoke, hodi e tikuna.
- macro-karib. Segundo Greenberg (1987) neste conjunto estariam incluídas as famílias karib, bora, witoto-okaina, peba-yagua e a língua andoke. Gildea & Payne

(2007) demonstraram que relações genéticas entre quaisquer dos subconjuntos ali incluídos por Greenberg (*id.*) são inviáveis.

- macro-puinave. Kaufman (1994a:60) considera a possibilidade de que as famílias puinave-nadahup, katukina-katawixi e as línguas arutani, sape e maku estejam geneticamente relacionadas neste hipotético conjunto, muito embora este autor não apresente qualquer prova para tal alegação.
- macro-tukano. As seguintes línguas e famílias de línguas sul-americanas atestadas foram incluídas por Greenberg (1987) neste conjunto: (i) famílias: katukina-katawixi, puinave-nadahup, nambikwara, tukano, tikuna-yuri; (ii) línguas: arutani, awishiri, irancho, kanichana, kanoe, kwaza, maku, movima, muniche, pankararu, sape. Não existem evidências lexicais ou gramaticais concretas de que quaisquer destas línguas ou famílias estejam de fato geneticamente relacionadas entre si. Entretanto, existem semelhanças importantes entre as línguas aikanã, kanoe e kwaza – que foram detalhadamente discutidas por van der Voort (2005).
- sape. Greenberg (1987) reúne neste conjunto as línguas arutani, sape e maku; este hipotético agrupamento, por sua vez, formaria um dos ramos do seu macro-tukano. Mesmo que existam alguns paralelos importantes entre as línguas arutani e sape, Migliazza & Campbell (1988) descartam a possibilidade de que estas línguas formem uma unidade genealógica, de modo que as semelhanças encontradas seriam oriundas de contato. Mesmo assim, Kaufman (1994a) alega ser plausível a hipótese deste agrupamento.
- tikuna-yuri. As semelhanças importantes apontadas por Rivet (1912) entre as línguas yuri e tikuna fizeram Nimuendajú (1977:62) propor a existência da família tikuna-yuri, hipótese que foi reavaliada por de Carvalho (2009) como contundente.¹¹²

¹¹² Apesar de ter observado uma série de semelhanças lexicais entre o tikuna e o yuri e evidenciado também a semelhança existente entre seus sistemas pronominais, Rivet (1912:85-86) erroneamente classificou o tikuna como pertencente à família arawak, fato criticado em 1929 por Nimuendajú (e republicado em 1977) que, em contrapartida, propôs a existência da família tikuna-yuri a partir das semelhanças apontadas por aquele autor. Goulard & Montes (2013:13) erroneamente atribuem a autoria desta hipótese a de Carvalho (2009), provavelmente porque este autor não faz qualquer menção à referida obra de Nimuendajú.

3.2.2. Centro-Oeste da América do Sul

3.2.2.1. Grupos etnolinguísticos

A diversidade etnolinguística encontrada na região é também alta e diatopicamente desproporcional, sendo mais acentuada no oeste. A partir da compilação de informações linguísticas, históricas e etno-históricas (Loukotka 1968; Markham 1865; Abreu 1896; Tessmann 1930; Santos 1992; Reeve 1993; Newson 1996; Adelaar & Muysken 2004; Eriksen 2011), a seguinte configuração etnolinguística da região no século XV d.C. pode ser assumida (MAPA 7):¹¹³

- (i) chachapoya (de filiação linguística incerta, provavelmente pertencente à família cholon-hibito): bacia do rio Utcubamba (afluente do Marañón);
- (ii) família arawa: bacia do Baixo e Médio Purus e bacia do Médio Juruá;
- (iii) família arawak: (a) subgrupo pré-andino: regiões dos yungas e planície amazônica da bacia do Alto Ucayali e região do Arco Fitzcarrald; (b) subgrupo purus: bacias do Alto e Médio Purus; (c) subgrupo yanexa: região dos yungas da bacia do Alto Pachitea (afluente do Ucayali); (d) subgrupo chamikuro: bacia do rio Samiria (afluente direito do Baixo Marañón); (e) subgrupo juruá-jutaí (marawa, waraiku): margem direita do Médio Amazonas no interflúvio entre os rios Javari e Juruá; (f) subgrupo Aguachile: vale de Apolobamba;
- (iv) família cholon-hibito: bacia do Huallaga;
- (v) família harakmbet: vertente direita da bacia do Alto Madre de Dios;

¹¹³ Uma esfera de interação importante desta zona é aquela envolvendo os grupos linguísticos pano, takana, uru-chipaya e moseten. Os falantes das línguas da família tacana (seis línguas) habitam atualmente ao longo das bacias do Beni e Madre de Dios (Departamentos de La Paz, Pando e Beni (Bolívia); Departamento de Madre de Dios (Perú)). Os falantes das línguas da família pano (ao menos 30 línguas) formam um grupo culturalmente uniforme (Erikson 1992, 1993) que ocupa territórios nas terras baixas a leste dos Andes peruanos (i) ao longo da bacia do Ucayali (Departamentos de Loreto, Ucayali, Madre de Dios e Huánuco), (ii) no Brasil (Estados do Acre, Rondônia e Amazonas) e (iii) no extremo norte boliviano (Departamentos de Pando e Beni). Os falantes da família uru-chipaya (duas línguas) historicamente habitavam áreas localizadas entre a porção meridional do lago Titicaca e o Salar de Coipasa (Departamento de Puno (Perú), Departamentos de La Paz e Oruro (Bolívia)). Enfim, os falantes das línguas da família moseten (duas línguas) habitam a região dos yungas dos Departamentos de La Paz e Beni (Bolívia).

- (vi) família jivaro: região limitada a oeste pelos Andes, a leste pelo rio Morona, ao norte pelos formantes do alto Pastaza e ao sul pelo rio Marañón;
- (vii) família kandoxi-chirino: (a) subgrupo kandoxi: interflúvio dos rios Morona e Pastaza (b) subgrupo chirino: bacia do Baixo rio Chinchipe;
- (viii) família katukina-katawixi: interflúvio do Baixo e médio Juruá com Médio Purus;
- (ix) família kawapana: região amazônica limitada ao norte pelo Baixo Marañón, a leste pelo Baixo Huallaga e ao sul pelo rio Parapapura/Yurimaguas;
- (x) família kechua: altiplano e vales dos Andes Centrais e núcleos de ocupação em pontos da bacia do Alto Amazonas;
- (xi) família mura-pirahã: interflúvio do Baixo Purus com o rio Madeira;
- (xii) família pano: (a) subgrupo mayoruna: bacia do rio Javari; (b) subgrupo boliviano: bacias do baixo Madre de Dios e do baixo Beni; (c) subgrupo atsawaka: bacia do rio Inambari (afluente direito do Alto Madre de Dios); (d) subgrupos kashibo e shipibo: bacia do Médio rio Ucayali; (e) demais subgrupos: bacia do Alto rio Juruá e região do Arco Fitzcarrald;
- (xiii) família peba-yagua: interflúvio do baixo Putumayo com o Amazonas;
- (xiv) família zaparo: entre as bacias do alto Pastaza e do Médio Napo com o Médio e alto Tigre;
- (xv) kofan: bacia do Alto Napo;
- (xvi) kulle: vertente esquerda da bacia do Médio/Alto Marañón;
- (xvii) leko: bacia do rio Tipuani/Mapiri;
- (xviii) muniche: bacias do Parapapura/Yurimaguas e Baixo Huallaga;
- (xix) omurano; entre as bacias do Pastaza e do médio Tigre;
- (xx) tauxiro-tekiraka: tauxiro: bacia do Médio Tigre; tekiraka: interflúvio do baixo Curaray com o Napo;
- (xxi) urarina: bacia do rio Chambira;
- (xxii) waorani: interflúvio do Médio e alto Curaray com o Napo.

MAPA 7. Mapa etnolinguístico do centro-oeste da América do Sul – estimativa da distribuição durante o século XV d.C.



LEGENDA

| | | | |
|---------------------------------|------------------------|------------------------------|------------------------------|
| CHC Chacha-Hibito-Cholon | Tkn Tukanos | Kza Kwaza | Yrk Yurakare |
| Sec Tallan-Sechura | Wtt Witoto | Akn Aikana | Ndh Nadahup |
| Mxk Mochika | Bra Bora | Krb Karib | Chk Chapakura-Wanham |
| Kch Kechua | PbY Peba-Yagua | Pno Pano | Arw Arawak |
| Jki Jaki | TkY Tikuna-Yuri | Tak Takana | MrP Mura-Pirahã |
| Knz Kunza | Lko Leko | Kyv Kayuvava | Trm Taruma |
| Mnc Muniche | Zpr Zaparo | Mvm Movima | Tpi Tupi |
| Pkn Pukina-Kallawaya | AwX Awshiri | Knc Kanichana | KkO Kokama-Omagua |
| Urc Uru-Chipaya | Tau Taushiro | Mst Moseten | TPG Tupi-Guarani |
| Kdx Kandeshi | Urr Urarina | Hrk Harakmbet | Mde Monde |
| Wrn Waorani | Kwp Kawapana | KtK Katukina-Katawixi | Rmr Ramarama-Porubora |
| Jvr Jivaro | Omr Omurano | Ara Arawa | Tpr Tupari |
| Mpd Mapudungun | Rbk Rikbaktsa | Bsr Besiro | Gto Guato |
| Zmk Zamuko | Brr Bororo | Itn Itonama | Nbk Nambikuara |

3.2.2.2. Contato de línguas e hipóteses de classificação filogenética: estudos prévios

Existem vários estudos sobre interferência linguística entre grupos etnolinguísticos distintos nesta região, dentre os quais se destacam entre (i) línguas jivaro e kandoxi (Payne 1990), (ii) cholon e yanexa (Alexander-Bakkerus 2011), (iii) cholon e línguas arawak (yanexa e línguas do subgrupo pré-andino) (Wise 2011a/b), muniche e yanexa (Wise 2011a/b), muniche, cholon, kandoxi e mochika (Jolkesky & Eloranta 2015). Vários estudos vêm dentre os quais se destacam (i) de línguas tukano em tariana (arawak) (Aikhenvald 1999b, 2001, 2007), (ii) de línguas bora em resigaró (arawak) (Aikhenvald 2001, 2012; Seifart 2011, 2012), (iii) de línguas tukano em línguas nadahup (Epps 2005b, 2007), e (iv) entre línguas witoto-okaina e bora (Seifart 2007; Fagua Rincón & Seifart 2010; Echeverri & Seifart 2011; Chang & Michael 2014). Além disto, há inúmeras hipóteses de agrupamento genealógico envolvendo línguas atualmente faladas nesta zona, muito embora apenas a seguinte fração delas apresenta indícios lexicais importantes que oferecem suporte para investigações futuras:

- (i) arawa-harakmbet-katukina (Jolkesky 2011);
- (ii) harakmbet-katukina (Adelaar 2000);
- (iii) pano-takana (Schuller 1933).

Segundo Key & Clairis (1978) o conjunto macro-pano-takana (formado pelas famílias pano, takana, moseten e yurakare) estaria conectado com um outro, denominado chon-kawesqar e também com a família mapudungun.¹¹⁴

Duas propostas foram formuladas com base em um número relativamente alto de paralelos, mas já foram revistas e os paralelos reavaliados como resultantes de contato:

- (iv) arawak-arawa (Ehrenreich 1897). Dixon (2004a:1) aponta que não existe qualquer possibilidade de que as famílias arawak e arawa sejam geneticamente relacionadas;
- (v) jivaro-kandoxi (Payne 1981). Payne (1990:84) mesmo observa que as evidências apresentadas por ele haviam sido deficientes.

¹¹⁴ Sakel (2004:2-3) afirma que a relação genética da língua moseten ainda permanece incerta e que as semelhanças apontadas pela maioria dos linguistas envolvidos nesta tarefa são vagas.

Além destas, as demais propostas relacionando as línguas e/ou famílias desta zona foram formuladas com base em pouquíssimos indícios plausíveis. Campbell (2012) observa que a relação genética profunda destas línguas e famílias permanece incerta, que tais propostas são hipóteses especulativas e que as semelhanças apontadas pelos seus autores são, em sua maioria, vagas e sem fundamentação:

- (vi) andino-setentrional (Greenberg 1987). Este autor assume a existência de um conjunto composto pelas famílias cholon-hibito, tallan e pelas línguas sechura, kulle e leko;
- (vii) arawak-jivaro (Gnerre 1988);
- (viii) itucale-sabela. Greenberg (1987) inclui neste conjunto as línguas urarina, waorani e omurano;
- (ix) jivaro-kandoxi (Greenberg 1956). Este autor inclui as línguas kandoxi, kofan, yaruro, atakame e a família jivaro neste conjunto;
- (x) jivaro-kawapana (Suarez 1974). Este autor assume que as famílias jivaro e kawapana descendem de uma mesma protolíngua;
- (xi) kandoxi-arawa-arawak-karib (Payne 1990:85). Este autor assume a possibilidade de haver relação genética entre as famílias arawak, arawa, karib, jivaro e a língua kandoxi;
- (xii) kandoxi-arawak (Payne 1989);
- (xiii) kandoxi-omurano-tauxiro (Kaufman 1994a). Este autor alegou a possibilidade de que as línguas kandoxi, omurano e tauxiro formassem uma unidade genética;
- (xiv) kanichana e tekiraka (Kaufman 1994a);
- (xv) kawapana-zaparo. Greenberg (1987) supõe a existência de um conjunto formado pelas famílias zaparo e kawapana;
- (xvi) kunza-kapixana (Kaufman 1994a). O autor assume que as línguas kunza e kanoe formam uma família linguística;
- (xvii) macro-andino (Kaufman 1994a). Este autor inclui num mesmo conjunto a hipótese jivaro-kawapana (Suarez 1974) e as línguas urarina e gүнүна;
- (xviii) macro-arawak (Kaufman 1990). Este autor inclui neste conjunto as famílias arawak, guahibo, arawa e a língua kandoxi;
- (xix) macro-arawak (Payne 1991). Este autor inclui neste conjunto as famílias arawak, guahibo, arawa, harakmbet e a língua pukina;

- (xx) macro-jivaro (Swadesh 1959). O autor assume a possibilidade de um conjunto formado pelas famílias jivaro e warpe e pelas línguas urarina e gүнүна;
- (xxi) macro-kulle-cholon. Kaufman (1994) inclui num mesmo conjunto a família cholon-hibito e a língua kulle;
- (xxii) macro-leko (Kaufman 1994a). Este autor inclui num mesmo conjunto o tronco tallan-sechura e a língua leko;
- (xxiii) macro-pano-takana (Suarez 1969, 1973). Este autor propõe um macro agrupamento composto do tronco pano-takana e das línguas moseten e yurakare. Key (1978) adiciona o mapudungun ao conjunto enquanto que Key & Clairis (1978) incluem ainda as línguas dos conjuntos kawesqar e chon;
- (xxiv) macro-takana (Greenberg 1956). De acordo com este autor o conjunto seria composto pelo tronco pano-takana, pelas famílias matako, ofaye-guaykuru, maskoy e pelas línguas moseten, lule, vilela e charrua;
- (xxv) tallan-sechura e cholon-hibito (Kaufman 1994a);
- (xxvi) tauxiro e kandoxi (Loukotka 1968);
- (xxvii) tauxiro e omurano (Tovar 1961);
- (xxviii) zaparo, tekiraka e omurano (Stark 1985);
- (xxix) zaparo e tauxiro (Beuchat & Rivet 1908; Tovar 1961; Wise 1999);
- (xxx) zaparo-yagua (Swadesh 1959; Payne 1984);
- (xxxi) zaparo-yagua. Kaufman & Berlin (2007 *apud* Campbell 2012) supõem a existência de um tronco formado pelas famílias zaparo e yagua (nesta classificação, na família yagua estariam incluídas as línguas tauxiro, omurano e waorani).

Como se observa, há uma miríade de hipóteses, as quais envolvem principalmente combinações entre os grupos etnolinguísticos das bacias do Marañón e Napo, mas, se considerados os fundamentos do método comparativo, praticamente não existem paralelos robustos e suficientes que deem respaldo a qualquer das hipóteses ‘v’ à ‘xxxiii’; a única exceção constituindo-se a proposta ‘xxviii’ (macro-leko), entretanto não há possibilidades de confirmá-la pois os dados disponíveis das línguas tallan-sechura são bastante escassos.

3.2.3. Leste da América do Sul

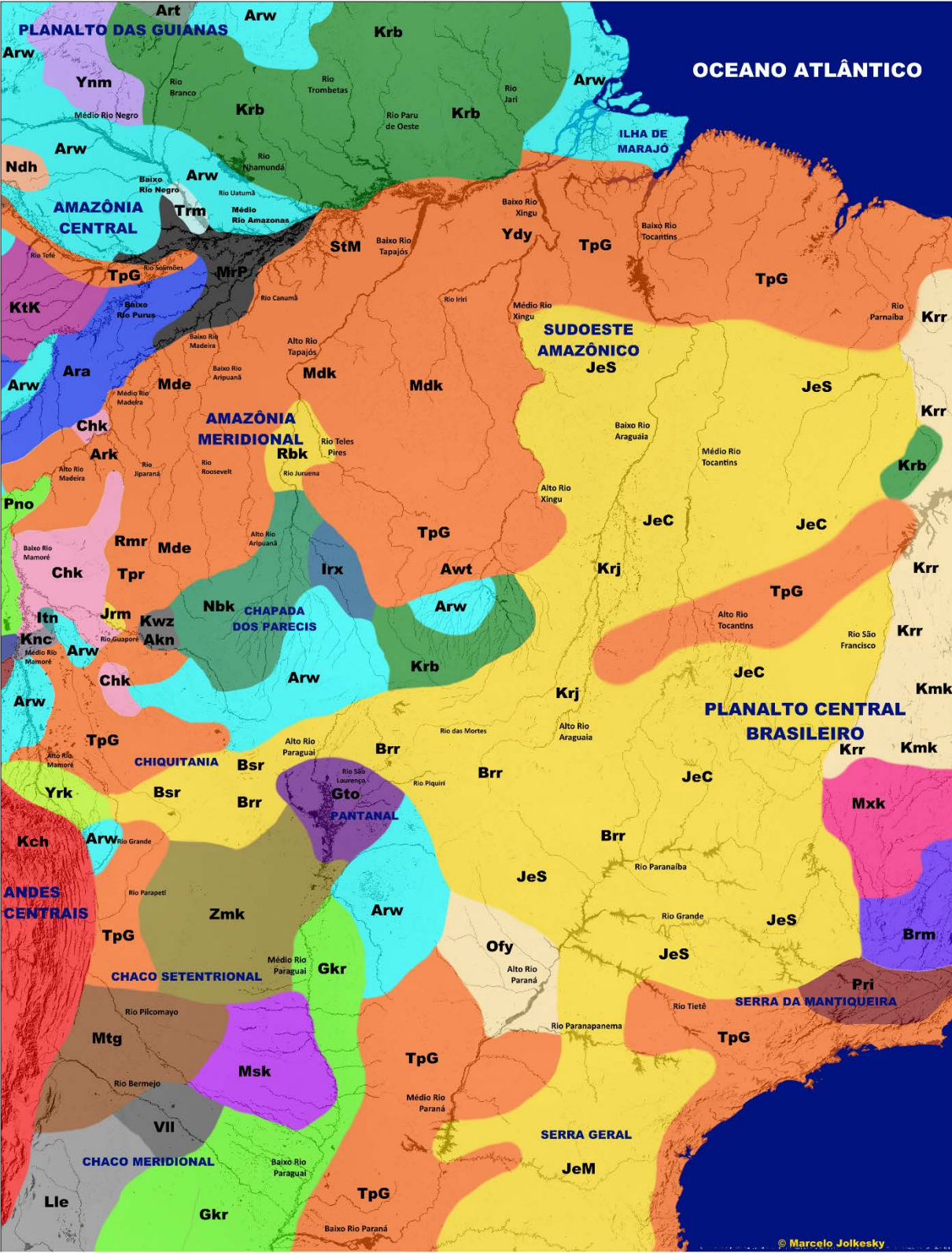
3.2.3.1. Grupos etnolinguísticos

A diversidade etnolinguística encontrada na região é menos alta que na porção oeste das terras baixas sul-americanas (Amazônia e Chaco). A partir da compilação de informações linguísticas, históricas e etno-históricas (Loukotka 1968; Markham 1865; Abreu 1896; Tessmann 1930; Santos 1992; Reeve 1993; Newson 1996; Adelaar & Muysken 2004; Eriksen 2011), a seguinte configuração etnolinguística da região no século XV d.C. pode ser assumida (MAPA 8):

- (i) família arawak: (a) subgrupo rio branco: regiões da bacia do rio Branco e vertente esquerda do Baixo Amazonas; (b) subgrupo arua: região do delta do Amazonas; (c) subgrupo tapajós-xingu: bacias do Alto Tapajós e Alto Xingu; (d) subgrupo moxoterená: bacias do Mamoré, Guaporé e Paraguai; (e) subgrupo atlântico: região do delta do Amazonas (f) subgrupo caribenho: costa atlântica das Guianas; bacia do Baixo Orinoco; ilhas do Caribe;
- (ii) família chapakura-wanham: região da confluência dos rios Mamoré e Guaporé; vertente direita da bacia do Alto Madeira; bacia do rio Baures.
- (iii) família iranhe: bacia do Alto Tapajós;
- (iv) família karib: (a) subgrupo karib central: bacia do Baixo Amazonas; (b) subgrupos parukoto e yawaperi-paravilhana: bacia do rio Branco; (c) subgrupo palmella: bacia do Baixo rio São Francisco; (d) subgrupo karib meridional: bacias do Alto Xingu e Alto Tapajós;
- (v) família macro-mataguayo-guaykuru: ao longo da bacia do rio Paraguai e Chocó meridional;
- (vi) família maskoy: vertente direita da bacia do Médio Paraguai;
- (vii) família mataguayo: bacias do alto Pilcomayo e alto Bermejo;
- (viii) família mura-pirahã: interflúvio do Baixo Purus com o rio Madeira;
- (ix) família nambikwara: interflúvio do Guaporé com o Alto Tapajós;
- (x) família puri: entre a vertente direita do Alto Grande e os contrafortes da porção meridional da Serra da Mantiqueira;

- (xi) família takana: interflúvio entre os rios Madre de Dios e Beni;
- (xii) família tsimane: bacia do Alto Beni e yungas adjacentes;
- (xiii) família zamuko: região do Chaco Setentrional;
- (xiv) guato: região do Pantanal do Alto Paraguai;
- (xv) itonama; bacia do Baixo rio San Martin;
- (xvi) kanichana, movima e kayuvava: bacia do Médio Mamoré;
- (xvii) kwaza e aikanã: bacia do Médio Guaporé;
- (xviii) lule: porção do Chaco Meridional nas proximidades dos Andes;
- (xix) tronco macro-jê: (a) família jê: Planalto Central brasileiro, Serra Geral e Amazônia Meridional; (b) família karaja: bacia do Médio Araguaia; (c) família besiro: Chiquitania; (d) família borum: entre a vertente direita do Alto Grande e os contrafortes da Serra do Caparaó; (e) família bororo: bacia do Alto Paraguai e Chiquitania; (f) família jeoromitxi: bacia do Médio Guaporé; (g) família kamakã: vertente direita do Alto e médio São Francisco; (h) família kariri: bacia do Médio e baixo São Francisco; (i) família maxakali: entre a vertente direita do alto São Francisco e os contrafortes da Serra da Mantiqueira; (j) família rikbaktsa: bacia do Alto Tapajós; (k) família ofaye: interflúvio da bacia do Alto Paraná com a bacia do Alto Paraguai; (l) família yate: vertente esquerda da bacia do Baixo São Francisco;
- (xx) tronco tupi: (a) família tupi-guarani: litoral brasileiro do Atlântico; vertente direita da bacia do Baixo Amazonas; curso do rio Solimões; regiões de terras baixas e ao longo de cursos de grandes rios em uma vasta porção a leste das bacias dos rios Madeira/Guaporé e Paraguai; partes da vertente direita da bacia do Mamoré; (b) família aweti: bacia do Alto Xingu; (c) família satere-satere-mawe: bacia do Maués-Açu; (d) família juruna: bacia do Baixo e Médio Xingu; (e) família munduruku: bacia do Baixo e Médio Tapajós; (f) família arikem: bacia do rio Jamari; (g) família monde: bacias dos rios Jiparaná e Aripuanã; (h) família ramarama-purubora: bacia do Alto Jiparaná; (i) família tupari: interflúvio entre as bacias do alto Jiparaná e Médio Guaporé;
- (xxi) vilela: bacia do Médio Pilcomayo;
- (xxii) yurakare: bacia do Alto Mamoré e yungas adjacentes.

MAPA 8. Mapa etnolinguístico da região central da América do Sul – estimativa da distribuição durante o século XV d.C.



LEGENDA

| | | | |
|-----------------------|----------------------------|------------------------------|------------------------------|
| Kza Kwaza | Irx Iranxe | Ynm Yanomami | Ndh Nadahup |
| Akn Aikana | Brm Borum | Krb Karib | Chk Chapakura-Wanham |
| Kch Kechua | Mxk Maxakali | Pno Pano | Awt Aweti |
| Yrk Yurakare | Kmk Kamakã | Arw Arawak | Ydj Yudja |
| Zmk Zamuko | Krr Kariri | MrP Mura-Pirahã | StM Satere-Mawe |
| Nbk Nambikuara | Ofy Ofaye | Trm Taruma | Tpi Tupi |
| Itn Itonama | Jbt Jabuti | Knc Kanichana | KkO Kokama-Omagua |
| Gkr Guaykuru | Krj Karaja | Pri Puri | TpG Tupi-Guarani |
| Msk Maskoy | JeC Jê Central | KtK Katukina-Katawixi | Mde Monde |
| Mtg Mataguayo | JeM Jê Meridional | Ara Arawa | Rmr Ramarama-Porubora |
| Vll Vilela | JeS Jê Setentrional | Bsr Besiro | Tpr Tupari |
| Lle Lule | Rbk Rikbaktsa | Brr Bororo | Gto Guato |

3.2.3.2. Contato de línguas e hipóteses de classificação filogenética: estudos prévios

Existem alguns estudos sobre interferência linguística entre línguas das famílias macro-jê, tupi e karib (Ribeiro 2001; Rose 2012) e outros que buscam demonstrar a existência de relações antigas (genéticas ou de contato) entre os troncos tupi, macro-jê e a família karib (Rodrigues 1985, 2000, 2009) ou entre línguas guaykuru e macro-jê (Viegas Barros 2005, Nonato & Sandalo 2007). Há também um estudo sobre contato de línguas arawak dos subgrupos moxo-terena e tapajós-xingu com línguas das famílias tupi-guarani, pano, nambikwara, guaykuru e besiro (Jolkesky & Baniwa 2012). Enfim, existem estudos que buscam demonstrar a existência de áreas linguísticas nas regiões do Chaco (Aikhenvald 2011; Campbel 2013) e do Guaporé (Crevels & van der Voort 2008; van Gijn 2015; Muysken *et alii* 2015). Dentre as

hipóteses de agrupamento genealógico envolvendo línguas atualmente faladas nesta zona, apenas as seguintes apresentam alguns indícios relevantes, que oferecem suporte para investigações futuras:

- (i) tupi-karib (Rodrigues 1985);
- (ii) tupi-karib-macro-jê (Rodrigues 1985).

Além destas, as demais propostas relacionando as línguas e/ou famílias desta zona foram formuladas com base em pouquíssimos indícios plausíveis, constituindo-se como hipóteses especulativas, vagas e sem fundamentação:

- (iii) arawak (Greenberg 1987); este autor propõe um agrupamento composto pelos conjuntos maipure (correspondente ao conjunto genealógico atualmente conhecido como ‘família arawak’), arawak, arawa, harakmbet, chapakura, uru-chipaya, pukina e guamo;
- (iv) equatorial (Greenberg 1960); este autor propõe um macro agrupamento que reuniria seus conjuntos ‘macro-arawak’ (cf. acima os supostos constituintes deste conjunto em sua proposta revisada (Greenberg 1987)), tupi-kariri, jivaro-kandoxi, timote-kuika, saliba-piaroa, zamuko e as línguas kayuvava, yurakare, taruma, trumai, kamsa e tuxa;
- (v) jê-pano-karib (Greenberg 1960); este autor propõe um macro agrupamento composto pelo tronco macro-jê, as famílias pano, karib, nambikwara, warpe e a língua taruma;
- (vi) jê-pano-karib (Greenberg 1987); este autor propõe, nesta atualização, um macro agrupamento composto pelos conjuntos macro-jê (bororo, rikbaktsa, karaja, besiro, borum, yate, je, guato, kamakã, maxakali, ofaye, oti, puri, jeoromitxi), macro-pano (pano-takana, mataguayo-guaykuru, lule-vilela, maskoy, moseten, charrua) e macro-karib (karib, bora-witoto, yagua, andoke);
- (vii) macro-arawak (Greenberg 1987); este autor propõe um macro agrupamento composto pelo seu conjunto ‘arawak’ (cf. acima) e os conjuntos guahibo, otomako e tinigua;
- (viii) macro-karib (cf. §3.2.1.2);
- (ix) macro-tukano (cf. §3.2.1.2).

Como dito anteriormente, nenhuma destas hipóteses apresenta qualquer respaldo de investigações científicas fundamentadas no método comparativo.

3.3.PANORAMA ARQUEOLÓGICO E ETNO-HISTÓRICO

3.3.1. Cronologias das culturas cerâmicas

3.3.1.1. Orinoquia

A Orinoquia representa uma das primeiras regiões na América do Sul onde se constatou um desenvolvimento bastante antigo de sociedades complexas assim como de movimentos de integração a longa distância envolvendo sociedades locais do Caribe e dos Andes Setentrionais. Porções ao longo do curso do Baixo e Médio Orinoco teriam sido, de fato, ideais para o desenvolvimento do sedentarismo, tendo em vista que o padrão de cheia e vazão deste rio propiciava o adubamento natural do solo com matéria sedimentar trazida pelo fluxo fluvial. É nesta área onde emergiram algumas das primeiras sociedades agrícolas das terras baixas a leste dos Andes. Dentre os horizontes¹¹⁵ cerâmicos associados à emergência de sedentarismo, destacam-se o borda-incisa (representado pelas tradições saladóide e barrancóide) e o hachurado-zonado. As cerâmicas desenvolvidas nesta região são representadas pelas seguintes tradições (Rouse 1958; Lathrap 1970; Sanoja 1979; Gasson 2002):

- (i) arauquinóide (400 d.C. – 1600 d.C.), no Baixo e Médio Orinoco, com as fases camoruco (400 d.C. – 1600 d.C.) e valloide (1000 d.C. – 1500 d.C.);
- (ii) barrancóide do Orinoco (900 a.C. – 1700 d.C.), no Baixo Orinoco;
- (iii) cedenhóide (1000 a.C. – 1500 d.C.), no Médio Orinoco;
- (iv) corozal (800 a.C.- 400 d.C.), no Médio Orinoco; apresenta as fases: corozal I (800 – 400 a.C.); corozal II (400 a.C. – 100 d.C.); corozal III (100 – 400 d.C.);
- (v) la gruta-ronquin (2400 a.C. – 900. a.C.), no Médio Orinoco;
- (vi) saladóide (1300 a.C. – 400 d.C.), no Médio e Baixo Orinoco.

¹¹⁵ O termo ‘horizonte’ foi utilizado nesta tese para designar um conjunto prototípico de características diagnósticas compartilhadas por diferentes tradições cerâmicas. O termo ‘tradição’ refere-se a uma cultura cerâmica pertencente ou não a um horizonte, que pode ou não apresentar ‘fases’. Uma ‘fase’ representa uma etapa evolutiva definida dentro de uma certa tradição cerâmica; cada ‘fase’ é consequência tanto de evoluções endógenas como de influências exógenas.

3.3.1.2. Amazônia Central, Baixo Amazonas e Planalto Central brasileiro

O leste amazônico destaca-se como uma das primeiras regiões da América do Sul a produzir cerâmica, que teria se originado em sociedades de coletores sambaquieiros há pelo menos 7000 anos. Segundo Roosevelt (1991, 1992 *apud* Guapindaia 2008:6-7), o neolítico no Baixo Amazonas seria arqueologicamente dividido num período arcaico (9000 a.C. – 1000 a.C.) – quando se dá início à ocupação desta região por populações caçadoras-coletoras e pescadoras – e num período clássico, a partir de 1000 a.C., quando emergiram as primeiras sociedades agrícolas (i.e., com a agricultura como tecnologia primária de subsistência). Durante o período arcaico, haveriam duas fases cerâmicas bem marcadas (representativas do formativo arcaico):

- formativo arcaico inicial: este período se caracteriza pelo surgimento de culturas de pescadores e sambaquieiros (5500 a.C. – 2000 a.C.), responsáveis pela introdução das primeiras cerâmicas na Amazônia (tradições mina e taperinha);
- formativo arcaico tardio: este período se caracteriza pela emergência de culturas horticultoras (2000 a.C. – 1000 a.C.) nas várzeas e encostas.

O período clássico (1000 a.C. – 1500 d.C.) se caracteriza pelo desenvolvimento de sociedades complexas, que adotaram, além da cerâmica, técnicas de terraplenagem, como a construção de tesos.

Outras áreas desta extensa porção continental extremamente relevantes para a pré-história foram os refúgios localizados nas bacias do Guaporé e do Alto Madeira, onde diversas tradições cerâmicas foram encontradas, algumas das quais são datadas desde pelo menos 3500 a.C. (Miller 2013). Na Amazônia Central a cerâmica é mais tardia que no leste amazônico e na região do Alto Madeira, tendo aparecido apenas a partir do primeiro milênio a.C. (Lathrap 1970). Nas bacias do Baixo e Médio Amazonas predominam cerâmicas dos quatro horizontes reconhecidos por Meggers & Evans (1961): (i) barrancóide (*a.k.a.*: borda-incisa, inciso-modelado); (ii) hachurado-zonado; (iii) inciso-pontado; (iv) policromo. Três períodos cerâmicos são observados para esta área: formativo (1000 a.C. – 1 d.C.), desenvolvimento regional (1 d.C. – 400 d.C.) e tardio (400 d.C.– 1500 d.C.). O formativo é representado nesta região pelas seguintes tradições e fases cerâmicas (Wüst 1990; Robrahn-González 1996; Lima

et alii 2006; Cruz 2008; Lima 2008; Lima & Neves 2011; Eriksen 2011; Martins 2012; Neves 2012; Almeida 2013; Corrêa 2014; Bespalez 2014; Neves *et alii* 2014; Zuse 2014; Belletti 2015; Bespalez 2015).

- (i) ananatuba (1500 a.C. – 800 a.C.), classificada dentro do horizonte hachurado-zonado, na ilha de Marajó; apresenta as fases ananatuba (1500 a.C. – 1000 a.C.) e mangueiras (1000 a.C. – 800 a.C.);
- (ii) bacabal (2000 a.C. – 1300 d.C.), na bacia do Médio Guaporé;
- (iii) descavado (300 a.C. – 1800 d.C.), entre o Pantanal e a Chapada dos Parecis;
- (iv) jamari (500 a.C. – 1800 d.C.), na bacia do Alto Madeira; apresenta as fases urucurí (500 a.C. – 100 a.C.), jamari (100 a.C. – 1600 d.C.) e matapi (1600 a.C. – 1800 d.C.);
- (v) mina (3500 a.C. – 2000 a.C.), associada ao horizonte borda-incisa, se desenvolveu no Baixo Amazonas e costa do Atlântico, entre o Amapá e o Maranhão;
- (vi) pantanal (800 a.C. – 1500 d.C.), na bacia do Alto Paraguai; apresenta as fases pantanal (800 a.C. – 300 d.C.) e jacadigo (1000 d.C. – 1500 d.C.);
- (vii) parauá (1800 a.C. – 1100 d.C.), classificada dentro do horizonte borda-incisa, se desenvolveu no Baixo Tapajós e Médio Amazonas; apresenta as fases parauá I (1800 a.C. – 1600 a.C.) e parauá II (700 d.C. – 1100 d.C.);
- (viii) poaia (500 a.C. – 50 d.C.), na Chapada dos Parecis e bacias do Juruena e Alto Guaporé;
- (ix) pocó-açutuba (400 a.C. – 1000 d.C.), classificada dentro do horizonte borda-incisa, com ampla distribuição pela bacia do rio Amazonas (desde La Pedrera até Santarém) e do Baixo Branco; representada por diversas fases, dentre as quais: açutuba (400 a.C. – 500 d.C.) na região da confluência dos rios Negro e Solimões, pocó (100 a.C. – 200 d.C.) e saracá (1 d.C. – 400 d.C.) na bacia do Trombetas, uatumã (400 d.C. – 1000 d.C.) na bacia do rio homônimo e caiambé (400 d.C. – 1200 d.C.) no Médio Solimões;
- (x) proto-tupiguaraní (3000 a.C. – 1600 d.C.), na bacia do Alto Jiparaná, classificada dentro dos horizontes corrugado e policromo;
- (xi) taperinha (5000 a.C. – 2500 a.C.), no Médio Amazonas e Baixo Tapajós;
- (xii) una (1000 a.C. – 1200 d.C.), no Brasil Central.

Os períodos de desenvolvimento regional e tardio são representados nesta região pelas seguintes tradições e fases cerâmicas (Wüst 1990; Robrahn-González 1996; Martins & Kashimoto 1999; Noelli 1999-2000; Kashimoto & Martins 2000; Migliacio 2000; Schaan 2004; Oliveira 2005; Lima *et alii* 2006; Migliacio 2006; da Cruz 2008; Lima, 2008; Eriksen 2011; Lima & Neves 2011; Erig Lima 2012; Garcia 2012; Moraes & Neves 2012; Neves 2012; Almeida 2013; Miller 2013; Corrêa 2014; Pestana 2014; Neves *et alii* 2014; Zuse 2014; Belletti 2015; Bospalez 2015).

- (i) aguapé (0 – ?), na Chapada dos Parecis e bacias do Juruena e Alto Guaporé;
- (ii) aratu (800 d.C. – 1500 d.C.), no Brasil Central a leste do rio Tocantins;
- (iii) barrancóide amazônico; representado pelas fases itacoatiara (1 d.C. – 300 d.C.), no Baixo Amazonas; silves (200 d.C. – 500 d.C.) e curralinho (900 d.C. – 1200 d.C.), no Baixo Madeira; jatapú (900 d.C. – 1100 d.C.), no Baixo Uatumã; xingu (1000 a.C. – 280 d.C.), na bacia do Baixo/Médio Xingu;
- (iv) capão do canga (800 d.C. – 1300 d.C.), na bacia do Alto Guaporé;
- (v) carapanã (? – 700 d.C.), no interflúvio do Médio Xingu com o Baixo Araguaia; do horizonte borda-incisa (barrancóide amazônico) com influências do horizonte inciso-pontado e da tradição tupiguaraní;
- (vi) córrego banhado (500 d.C. – 1400 d.C.), na bacia do Guaporé;
- (vii) corumbiara (900 d.C. – 1700 d.C.), no Alto e Médio Guaporé;
- (viii) descavado (300 a.C. – 1800 d.C.), entre o Pantanal e a Chapada dos Parecis;
- (ix) descavado/pantanal (?), entre o Pantanal e a Chapada dos Parecis;
- (x) ipavu (800 d.C. – 1600 d.C.), no Alto Xingu; do horizonte inciso-pontado com influências do horizonte borda-incisa (barrancóide amazônico);
- (xi) manacapuru (300 d.C. – 1100 d.C.), do horizonte borda-incisa, no Baixo Solimões;
- (xii) marajoara (70 a.C. – 1600 d.C.), na ilha de Marajó; representado pelas fases marajoara I ou formiga (70 a.C. – 400 d.C.), marajoara II (400 d.C. – 700 d.C.) marajoara III (700 d.C. – 1100 d.C.), marajoara IV (1100 d.C. – 1300 d.C.) e cacoal (1300 d.C. – 1600 d.C.);
- (xiii) pantanal (800 a.C. – 1500 d.C.), na bacia do Alto Paraguai; apresenta as fases pantanal (800 a.C. – 300 d.C.) e jacadigo (1000 d.C. – 1500 d.C.);

- (xiv) paredão (600 d.C. – 1200 d.C.), do horizonte borda-incisa, na região da foz do Negro;
- (xv) policroma amazônica (500 d.C. – 1750 d.C.), classificada dentro do horizonte policromo, com ampla distribuição pela bacia do Amazonas; representada pelas fases miracanguera (500 d.C. – 1500 d.C.), na bacia do Baixo rio Negro; guarita (500 d.C. – 1550 d.C.), na região da confluência dos rios Negro e Solimões; aristé (600 d.C. – 1750 d.C.), no Amapá e Guiana Francesa; jatuarana (700 d.C. – 1500 d.C.), na bacia do Alto Madeira; xingu (900 d.C. – 1500 d.C.), na porção superior da bacia do rio homônimo; napo (1000 d.C. – 1500 d.C.), na bacia do rio homônimo; mazagão (1100 d.C. – 1650 d.C.), na ilha de Marajó; caimito (1200 d.C. – 1500 d.C.), nas bacias do Huallaga e do Médio Ucayali;
- (xvi) santarém (1000 d.C. – 1700 d.C.) do horizonte inciso-ponteadado; contém as fases konduri (1000 d.C. – 1700 d.C.) e santarém (1000 d.C. – 1500 d.C.), respectivamente nas bacias do Trombetas e Tapajós;
- (xvii) taquara/itararé (100 d.C. – 1800 d.C.), na Serra Geral, bacia do Alto Uruguai e afluentes da vertente esquerda do Alto Paraná;
- (xviii) tauá e tauarí (1000 d.C. – 1500 d.C.), na bacia do Baixo Tocantins; apresentam características dos horizontes inciso-ponteadado e borda-incisa (barrancóide amazônico);
- (xix) tupiguaraní (200 d.C. – 1800 d.C.), ao longo da vertente direita do Baixo e Médio Amazonas; apresenta as subtradições tupi-norte-oriental (200 d.C. – 1800 d.C.), guarani (200 d.C. – 1800 d.C.) e tupinambá (500 d.C. – 1600 d.C.);
- (xx) una (1000 a.C. – 1200 d.C.), no Brasil Central;
- (xxi) uru (700 d.C. – 1700 d.C.), bacias do Alto Tapajós/Juruena, do Alto/Médio Araguaia e do Alto Guaporé.

3.3.1.3. Oeste amazônico

O oeste amazônico destaca-se por apresentar uma enorme complexidade e antiguidade de registros arqueológicos com várias tradições cerâmicas já relativamente bem estabelecidas. A maioria destas tradições cerâmicas tem origem nas bacias do Marañón e do Ucayali, embora estudos recentes também têm revelado desenvolvimentos culturais importantes ao longo do

curso do Solimões, Napo e Purus. Segundo Lathrap (1970; 1973), Renard-Casevitz *et alii* (1988:205) e Rostain & Saulieu (2013), as bacias do Baixo Marañón e do Ucayali eram ocupadas pelas populações ceramistas/horticultoras mais antigas desta porção continental, respectivamente desde ao menos 2900 a.C. e 2000 a.C.. Três períodos cerâmicos são observados no oeste amazônico: formativo (2900 a.C. – 300 d.C.), desenvolvimento regional (300 d.C. – 700 d.C.) e tardio (700 d.C.– 1500 d.C.).

Dentre as culturas cerâmicas iniciadas durante o período formativo, destacam-se aquelas que emergiram nas bacias do Baixo Marañón, do Médio Ucayali e do Alto Purus (Lathrap 1970; Narváez Luna 1998; Ledergerber-Crespo 1999; Schaan 2008; Valdez:2008; Rostain & Saulieu 2013; Saunaluoma 2014; Clasby 2014):

- (i) bagua (1200 a.C. – 400 a.C.) e el salado (400 a.C. – 200 a.C.), na bacia do Baixo Utcubamba, afluente direito do Médio Marañón;
- (ii) chambira (500 a.C. – 300 d.C), na bacia do rio homônimo;
- (iii) cueva de las lechuzas (1600 a.C. – 1400 a.C.), na bacia do Alto Huallaga;
- (iv) huayurco (800 a.C. – 550 d.C.), na bacia do rio Chinchipe;
- (v) mayo-chinchipe (2900 a.C. – 1600 a.C.), na bacia do rio homônimo;
- (vi) nazaratequi (1800 a.C. – 600 d.C.), na bacia do rio Pachitea; é representada pelas fases cobichaniqui (1800 a.C. – 1400 a.C.), pangotsi (1300 a.C. – 800 a.C.) e nazaratequi (800 a.C. – 600 d.C.);
- (vii) quinari (1200 a.C. – 750 d.C.), classificada tentativamente dentro do horizonte hachurado-zonado, cujos sítios se concentram na bacia do Alto-Purus e região dos geóglifos monumentais localizados no interflúvio das bacias do Alto Purus e Abunã, um afluente esquerdo do Alto Madeira;
- (viii) tutishcainyo (2100 a.C. – 300 d.C), na bacia do Médio Ucayali. Associada ao horizonte hachurado-zonado, é representada pelas fases tutishcainyo (2100 a.C. – 1300 a.C.), shakimu (900 a.C. – 400 a.C.) e yarinacocha (100 d.C. – 300 d.C.);
- (ix) upano-kilamope (700 a.C. – 500 d.C.), na bacia do Alto Santiago.

Vários autores (cf. Saulieu 2007) apontam para a existência de uma antiga esfera de interação conectando sociedades da bacia do Baixo e Médio Marañón com as dos Andes e da costa equatorianos/norte-peruanos desde o formativo, para onde teria sido viabilizada a introdução do consumo da mandioca.

Uma das características marcantes da tradição tutishcainyo era o uso de carenas, bordas basais e labiais – uma característica também presente na tradição pocó-açutuba, que surgiu num período relativamente mais recente na Amazônia Central. Além disto, há fortes evidências de que esta tradição tenha sido produzida por uma sociedade agricultora que tradicionalmente praticava o cultivo de mandioca e que teria apenas iniciado o cultivo do milho (Eriksen 2011:32). O cultivo do milho teria se expandido para as terras baixas amazônicas provavelmente a partir de contato dos produtores da tradição tutishcainyo com populações dos Andes Centrais (Schaan 2008:20; Saunaluoma 2014). Lathrap (1970:85-86/111) também observou semelhanças da tradição tutishcainyo com as cerâmicas formativas do Baixo e Médio Orinoco (barrancóide, saladóide), chegando a postular uma relação histórica entre produtores daquela tradição com os da tradição saladóide (1000 a.C. – 400 d.C.)¹¹⁶, fato igualmente observado por Oliver (1999):

“Aesthetically the zoned incised crosshatching designs from the Caribbean are similar to the Amazonian Zoned Hachure specimens found from Marajó Island to the Upper Ucayali and usually associated with early ceramic complexes like Tutishcainyo or Jauarí (Lathrap 1970).” (Oliver *id.*:263)

Coincidentemente, além de apresentar semelhanças com a tradição tutishcainyo, a cerâmica pocó-açutuba também comparte muitos traços diagnósticos com as tradições barrancóide e saladóide da bacia do Orinoco, mas é completamente diferente das outras culturas cerâmicas do Baixo e Médio Amazonas (taperinha, mina, parauá) (Neves *et alii* 2014:149).

O período de desenvolvimento regional estaria marcado por grandes movimentações populacionais e intensificação do trânsito de bens e populações, onde se observa o aparecimento de culturas cerâmicas trazidas para a bacia do Ucayali provavelmente a partir do rio Marañón e da bacia do Madre de Dios, assim como aquelas trazidas por populações amazônicas impulsionadas para a bacia do Marañón (Brochado & Lathrap 1982; Rostain & Saulieu 2013).

Na bacia do Baixo e Médio Marañón se destacam (Lathrap 1970; Rostain & Saulieu 2013):

¹¹⁶ A cronologia da tradição Saladoide vem sendo há décadas objeto de debate, mas hoje em dia há maior aceitação pela cronologia conservadora (Zucchi 2002; Gasson 2002). A tradição saladoide avançou para as ilhas do Caribe, onde existiu durante o período 600 a.C – 500 d.C (buscar citação)

- (i) huapula (800 d.C. – 1500 d.C), ao longo de vários afluentes da margem esquerda da bacia do Baixo Marañón (Chinchipe, Santiago, Huasaga, Pastaza, Tigre), estaria associada ao horizonte corrugado;
- (ii) muitzentza (900 d.C. – 1200 d.C), na bacia do Pastaza;
- (iii) pastaza-kamihun (500 d.C. – 700 d.C), na bacia do Pastaza, estaria associada ao horizonte inciso-ponteadado;
- (iv) siama-tigrillo, na bacia do Chambira, com as fases siama (500 d.C. – 700 d.C) e tigrillo (700 d.C. – 1500 d.C.).

Na bacia do Ucayali se destacam (Myers 1970. Lathrap 1970):

- (i) aspusana (500 d.C. – 900 d.C), na bacia do Médio Huallaga, associada à cerâmica das culturas upano-kilamope e cumancaya;
- (ii) cumancaya (800 d.C. – 1500 d.C), no Médio Ucayali, associada à cerâmica das culturas upano-kilamope e aspusana;
- (iii) hupa-iyá (200 a.C. – 100 d.C.), na bacia do Baixo/Médio Ucayali, associada ao horizonte borda-incisa;
- (iv) naneini (600 d.C. – 1100 d.C.), na bacia do rio Pachitea;
- (v) pacacocha (300 d.C. – 1000 d.C.), no Médio Ucayali;
- (vi) sivia (800-1350 d.C.), na bacia do rio Apurímac, associada à cerâmica das culturas upano-kilamope e chachapoya.

Na bacia do rio Napo as seguintes culturas cerâmicas estão documentadas (Ochoa 2007; Arellano 2014):

- (i) napo (1150-1500), pertencente à tradição policroma amazônica;
- (ii) tivacundo (500-1000 d.C), associada com a cerâmica da tradição upano-kilamope;
- (iii) yasuni (50 a.C. – 150 d.C.), associada ao horizonte hachurado-zonado.

Enfim, na bacia do Madre de Dios as seguintes culturas cerâmicas foram identificadas (Alconini McElhinny & Rivera Casanovas 2003; Michel López 2006; Jaimes Betancourt 2012a/b):

- (i) chimay (600 d.C.-800 d.C) na bacia do Beni, atribuídas por Lathrap (1970) ao horizonte borda-incisa;

- (ii) estampada-incisa de bordas dobradas (400-1500 d.C.), com grande variabilidade regional, é encontradas nas terras baixas e Chaco (Pereira & Brockington 2005) e considerada por Alconini Mcelhinny (2008:4) como pertencente à tradição grayware dos vales interandinos localizados entre as bacias do Mizque e Cinti.
- (iii) velarde inferior (600 d.C. – 1000 d.C.), na bacia do Mamoré, atribuídas por Lathrap (1970) à tradição barrancóide;
- (iv) velarde superior (900 d.C. – 1400 d.C.), na bacia do Mamoré, é uma fase da tradição policroma amazônica;

3.3.1.4. Andes Setentrionais e seu entorno

Tanto os Andes e a costa equatorianos como o extremo norte colombiano se destacam por apresentarem os complexos cerâmicos mais antigos da porção ocidental da América do Sul. Tal antiguidade arqueológica se coaduna com uma longa e complexa história de interações entre as sociedades ceramistas/horticultoras desta parte do continente e aquelas da América Central. Tais sociedades teriam emergido nestas duas zonas ao menos desde respectivamente o quinto e terceiro milênio a.C. (Ledergerber-Crespo 1999; Isbell & Silverman 2006a; Plourde & Stanish 2006; Valdez 2008; Guffroy 2008; Burguer 2008; Zeidler 2008; Hastorf 2008; Proulx 2008; Rostain & Saulieu 2013). A costa equatoriana foi um dos primeiros lugares na América do Sul onde teria se iniciado a produção cerâmica e se desenvolvido as primeiras sociedades complexas, as quais teriam influenciado em maior ou menor grau, direta ou indiretamente, vastas porções deste continente (Lathrap 1970). Levando em conta o atual quadro arqueológico desta região, a emergência de sociedades complexas produtoras de cerâmica teria se dado inicialmente na costa e nos Andes equatorianos, motivando desenvolvimentos cerâmicos posteriores na costa norte peruana e nos Andes do Peru Central e, mais tardiamente, na bacia do Titicaca.

A faixa costeira, principalmente entre o norte do Peru e o norte do Equador, se caracteriza desde o formativo pela emergência de sociedades do tipo cidade-estado, controladas por elites locais, de modo que já durante o segundo milênio a.C. existia um verdadeiro arquipélago cultural. As culturas ceramistas dos Andes centro-equatorianos e costa do Pacífico são subdivididas cronologicamente em três períodos: (i) formativo, (ii) desenvolvimento regional e (iii) tardio.

No Equador a seguinte cronologia é observada: formativo (4400 a.C. – 300 a.C.), desenvolvimento regional (300 a.C. – 700 d.C.) e tardio (700 d.C.– 1500 d.C.). A maior parte das culturas cerâmicas formativas do Equador emergiram na faixa litorânea. Dentre as culturas iniciadas durante este período destacam-se (Llanos Vargas 1988; Ledergerber-Crespo 1999; Marcos 2005; Rodríguez 2007a/b; Moreno Yáñez 2007; Zeidler 2008; Valdez 2008):

- (i) capuli (1 d.C. 1500 d.C.), região altiplânica do norte equatoriano (Províncias de Pichincha, Imbabura, EL Carchi) e extremo sul colombiano (Departamento de Nariño);
- (ii) catamayo (2000 a.C. – 300 a.C.), nos Andes sul-equatorianos, (Província de Loja);
- (iii) challuabamba (2000 a.C. – 1200 a.C.), no vale de Tomebamba, Andes centro-sul equatorianos (Província de Azuay);
- (iv) chorrera (1300 a.C. – 300 a.C.), na zona costeira equatoriana;
- (v) cosanga-panzaleo (600 a.C. – 1500 d.C.), na Montanha¹¹⁷ e Andes centro-norte-equatorianos (Províncias de Tungurahua, Cotopaxi, Pichincha e Imbabura); apresenta as fases cosanga-panzaleo (600 a.C. – 800 d.C.) e panzaleo (800 d.C. – 1500 d.C.);
- (vi) cotocollao (1800 a.C. – 400 a.C.), nos Andes centro-norte equatorianos (Província de Pichincha);
- (vii) la chimba (900 a.C. – 700 d.C.), nos Andes norte-equatorianos (Províncias de Pichincha e Imbabura);
- (viii) machalilla (1430 a.C. – 830 a.C.), na zona costeira (Província de Manabi);
- (ix) narrío (500 a.C. – 500 d.C.), no vale de Cañar, Andes centro-equatorianos (Província de Cañar);
- (x) pirincay (400 a.C. – 1 a.C.), no vale de Paute, Andes centro-equatorianos (Província de Azuay);
- (xi) san agustín (1000 a.C. – 800 d.C.), no vale do Alto Magdalena, Andes centro-sul colombianos (Departamento de Huila), com as fases horqueta (1000 a.C. – 300 d.C.) e isnos (300 d.C. – 800 d.C.);

¹¹⁷ Região dos vales orientais do Equador, correspondente aos yungas da Bolívia e do Peru.

- (xii) *sombrecillos* (800 d.C. – 1600 d.C.), no vale do Alto Magdalena, Andes centro-sul colombianos (Departamento de Huila);
- (xiii) *tumaco-la tolita* (600 a.C. – 400 d.C.), na zona costeira do norte equatoriano (Província de Esmeraldas) e sul colombiano (Departamento de Nariño);
- (xiv) *valdivia* (3800 a.C. – 1500 a.C.), na zona costeira do equador (Província de Guayas), representada pelas fases *valdivia I* (3800 a.C. – 3200 a.C.), *valdivia II/III* (3200 a.C. – 2600 a.C.), *valdivia IV/VII* (2600 a.C. – 2000 a.C.) e *valdivia VIII* (2000 a.C. – 1500 a.C.).

Nesta mesma zona, as culturas iniciadas a partir do início do período de desenvolvimento regional são (McEwan & Delgado-Espinoza 2008; Masucci 2008; Bray 2008; Valdez 2008):

- (i) *cañari* (500 d.C. – 1200 d.C.), nos vales de Paute e Cañar, Andes centro-sul-equatorianos (Província de Azuay);
- (ii) *caranqui* (700 d.C. – 1500 d.C.), nos Andes norte-equatorianos (Províncias de Pichincha e Imbabura);
- (iii) *catacocha* (700 d.C. – 1500 d.C.), na zona costeira (Província de Manabi);
- (iv) *guangala/guayas* (300 a.C. – 600 d.C.), na zona costeira, bacia do rio Guayas (Província de Guayas);
- (v) *jama-coaque* (350 a.C. – 1550 d.C.) na zona costeira (Província de Manabi);
- (vi) *mateño* (600 d.C. – 1550 d.C.), na zona costeira centro-equatoriana (Província de Manabi);
- (vii) *puruha* (850 d.C. – 1500 d.C.), nos Andes centro-equatorianos (Província de Chimborazo e Tungurahua);
- (viii) *yumes* (400 d.C. – 1600 d.C.), na zona costeira, bacia do rio Guayas (Província de Guayas).

3.3.1.5. Andes Centrais e seu entorno

O aparecimento da cerâmica nos Andes Centrais e nas áreas adjacentes da costa do Pacífico foi bem mais recente que no Equador. A partir do primeiro milênio a.C. as sociedades mais poderosas, estabelecidas na porção centro-norte dos Andes Peruanos, passaram a exercer

forte influência econômica e cultural em sociedades próximas e naquelas da costa adjacente, principalmente através da administração de centros cerimoniais de peregrinação (huacas).¹¹⁸ O controle efetuado através de uma tradição de rituais e sacrifícios, de uma cosmologia centrada na dualidade do homem e da natureza e da mitificação de entidades tutelares zoomorfixadas e deificadas como ícones de subordinação (cf.: Cordy-Collins 1992; Jones 2010; Lau 2013) veio se consolidando durante um longo período de desenvolvimento suprarregional definido pelas esferas de interação circum-Marañón e circum-Titicaca. A partir deste período houve um aumento populacional significativo, propiciado pela intensificação da produtividade e movimentação de bens de consumo, fazendo emergir nas elites o desejo pelo controle estratégico das rotas de trânsito e/ou das fontes de produção destes bens; a emergência de sociedades imperiais (wari, tiwanaku, inca) se deu via diversos processos de colonização de áreas estratégicas, as quais, após terem sido subordinadas pelas elites imperiais locais, funcionavam como zonas de intermediação de bens com as sociedades regionais. Nesta porção do continente os seguintes períodos cronológicos foram estabelecidos: formativo (1850 a.C. – 500 d.C.), desenvolvimento regional (500 d.C. – 1100 d.C.) e tardio (1100 d.C.– 1500 d.C.).

A maior parte das culturas cerâmicas formativas mais antigas desta zona emergiram na porção oriental dos Andes peruanos e foram influenciadas por cultas amazônicas (Lathrap 1970). Dentre aquelas iniciadas durante período formativo, destacam-se (Gruffroy *et alii* 1989; Ledergerber-Crespo 1999; Hastorf 2008; Valdez 2008; Rivera 2008; Tapia Matamala 2011):

- (i) cajamarca (100 d.C. – 800 d.C.), se desenvolveu nos Andes centro-norte peruanos (Departamento de Cajamarca);
- (ii) chachapoya (1400 a.C. 700 d.C.), no altiplano norte-peruano, entre as bacias do Alto Marañón e baixo e Médio Huallaga (Departamentos de Amazonas e San Martín); apresenta as fases manachaqui (1400 – 800 a.C.), suitacocha (800 – 200 a.C.), colpar (200 a.C. – 200 d.C.), empedrada (400 – 700 d.C.) e chachapoya (700 d.C. – 1470 d.C.);
- (iii) cupisnique-chavin (1500 a.C. – 200 a.C.); a fase cupisnique (1500 a.C. – 1000 a.C.) se desenvolveu na costa centro-norte peruana (Departamento de La

¹¹⁸ Embora as sociedades locais tenham permanecido relativamente independentes política e culturalmente, as huacas, por se conformarem como núcleos de convergência e multiétnica, acabaram transformando profundamente as culturas das principais civilizações desta região (kotosh, cupisnique-chavin, moche); tal característica se estendeu, posteriormente, para civilizações mais recentes dos Andes Centrais (wari, tiwanaku e inca) (cf.p.ex.: Zuidema 1964; Rohfrisch 2010; Urton 2012).

Libertad); a fase chavin (1200 a.C. – 200 a.C.) se desenvolveu na vertente esquerda do Alto Marañón, nos Andes Centrais (Departamento de Ancash) e posteriormente se expandiu para a costa entre os Departamentos de Ica e Lambayeque;

- (iv) kotosh (1850 a.C. – 300 a.C.), nos Andes Centrais, interflúvio do Alto Marañón e Alto Huallaga; apresenta as fases kotosh-wairajirca (1850 a.C. – 1000 a.C.), kotosh-kotosh (1000 a.C. – 800 a.C.) e kotosh-chavin (1000 a.C. – 300 a.C.);
- (v) lima(100 d.C. – 650 d.C.), na zona costeira centro-peruana (Departamento de Lima);
- (vi) moche (100 d.C. – 700 d.C.), na zona costeira centro-norte-peruana (entre os Departamentos de Ancash e Piura); fase gallinazo (1 d.C. – 400 d.C.), fase moche (400 d.C. – 700 d.C.);
- (vii) pacopampa (1200 a.C. – 500 a.C.), na vertente esquerda do Alto Marañón, porção setentrional dos Andes peruanos (Departamento de Cajamarca);
- (viii) paíta (1400 a.C. – 400 a.C.), na zona costeira centro-peruana (Departamento de Piura);
- (ix) recuay (1 d.C. – 700 d.C.), se desenvolveu nos Andes centro-norte peruanos (Departamento de Ancash), influenciado por Chavin e apresenta semelhanças com a cultura virú da costa norte;
- (x) salinar (500 a.C. – 300 d.C.), na zona costeira centro-norte-peruana (entre os Departamentos de Ancash e La Libertad);
- (xi) sechura (600 a.C. – 500 d.C.), na zona costeira centro-peruana (Departamento de Piura);
- (xii) vicús (100 a.C. – 400 d.C.), na zona costeira norte-peruana, bacia do rio Piura (Departamento de Piura);
- (xiii) warpa (200 a.C. – 500 d.C.) se desenvolveu nos Andes Centrais (Departamento de Ayacucho).

As culturas iniciadas durante o período de desenvolvimento regional são (Berenguer Rodríguez 2000; Alconini & Rivera Casanovas 2003:167-168; Pereira & Brockington 2005; Michel López 2006:103, 2008; Proulx 2008; Hastorf 2008; Rivera 2008; Rivera Casanovas 2011; Becker & Alconini 2015):

- (i) chimú (900 d.C. – 1470 d.C.) na zona costeira central e norte peruana (entre os Departamentos de Lima e Tumbes);
- (ii) piura (500 d.C. – 1450 d.C.), na zona costeira centro-peruana (Departamento de Piura);
- (iii) sicán (750 d.C. – 1380 d.C.) na zona costeira norte-peruana (Departamento de Lambayeque);
- (iv) wari (500 d.C. – 1000 d.C.) se desenvolveu nos Andes Centrais (Departamento de Ayacucho) e posteriormente se expandiu para o vale de Cusco, a bacia do Alto Marañón para a costa entre os Departamentos de Moquegua e Lambayeque.

3.3.1.6. Andes Centro-Meridionais e seu entorno

O surgimento de culturas cerâmicas na Bolívia, sul do Peru e norte do Chile seria um pouco mais tardio, se comparado com a porção centro-norte peruana. Desde o período formativo a região foi marcada pela emergência de diversos núcleos de interação regional, os quais ao longo do tempo iam se tornando mais complexos. Em vista disto, as sociedades dos Andes Centro-Meridionais passaram a se interligar, por um lado, com as sociedades da costa, dos Andes e yungas equatorianos e, por outro lado, com aquelas da bacia do Alto Amazonas. A partir do primeiro milênio a.C., tais esferas teriam se fundido numa macroesfera que interligava a costa do Pacífico, os Andes Centrais e o oeste amazônico. Neste âmbito o fluxo de bens se dava através de rotas naturais, como os sistemas hídricos regionais, principalmente os das bacias do Marañón e do Ucayali (Lathrap 1970; Myers 1985; DeBoer 2003). Os seguintes períodos cronológicos foram identificados nesta área: formativo (1600 a.C. – 500 d.C.), desenvolvimento regional (300 d.C. – 1100 d.C.) e tardio (1100 d.C.– 1500 d.C.).

Dentre as tradições iniciadas no período formativo, destacam-se (Kellett *et alii* 2013) Davis & Delgado 2009):

- (i) alto-ramírez (1000 a.C. – 600 d.C.) na costa norte e vales de Azapa e Tarapaca (relacionado com wankarani);
- (ii) chiripa (1500 a.C. – 250 a.C.) na porção oriental da bacia do Titicaca (Bolívia);

- (iii) marcavalle (1100 a.C. – 100 d.C.), nos vales de Cusco e Vilcanota (Departamento de Cusco); apresenta as fases marcavalle (1100 a.C. – 600 a.C.) e chanapata (700 a.C. – 100 d.C.);
- (iv) mizque-omereque (800 a.C. – 100 a.C.), nos vales de Mizque e Cochabamba (Departamento de Cochabamba);
- (v) mojoyaya (1 d.C. – 900 d.C.), nos yungas bolivianos entre as bacias dos rios Grande e Pilcomayo (Departamentos de Chuquisaca e Santa Cruz);
- (vi) muyu moqo (1600 a.C. – 1000 d.C.), nos Andes centro-sul peruanos (Departamento de Apurímac); apresenta as fases: muyu moqo (1600 a.C. – 300 a.C.) e qasawirqa (300 a.C. – 1000 d.C.) e chanka (1000 d.C. 1400 d.C.);
- (vii) nasca (100 a.C. – 650 d.C.), na zona costeira sul-peruana (Departamento de Ica);
- (viii) paracas (800 a.C. – 1 d.C.), na zona costeira sul-peruana (Departamento de Ica);
- (ix) pukara (500 a.C. – 500 d.C.), na porção oriental da bacia do Titicaca (Peru);
- (x) qaluyu (1400 a.C. – 500 a.C.), na porção noroeste do vale do Titicaca (Peru);
- (xi) tiwanaku I-III (250 a.C. – 480 d.C.) na porção oriental da bacia do Titicaca (Bolívia);
- (xii) trapiche (300 a.C. – 500 d.C.), na faixa costeira do extremo sudoeste-peruano e norte chileno (Arica e Parinacota, Tarapacá, Moquegua e Tacna);
- (xiii) tupuraya (200 d.C. – 700 d.C.) nos Andes e yungas bolivianos (Departamento de Cochabamba);
- (xiv) wankarani (1500 a.C. – 250 a.C.) altiplano centro-sul-boliviano, ao norte do lago Poopo (Departamento de Oruro).

As culturas que teriam emergido a partir do período de desenvolvimento regional na zona em questão são (Proulx 2008; Hastorf 2008; Berenguer Rodríguez 2000; Alconini & Rivera Casanovas 2003:167-168; Rivera Casanovas 2005; Pereira & Brockington 2005; Michel López 2006:103, 2008; Rivera 2008; Rivera Casanovas 2011; Kellett *et alii* 2013; Korpisaari *et alii* 2014; Becker & Alconini 2015):

- (i) chanka (1000 d.C. 1400 d.C.), nos Andes centro-sul peruanos (Departamento de Apurímac);
- (ii) chicha (800 d.C. – 1500 d.C.), no vale de tupiza (Departamento de Potosí);
- (iii) cinti (400 d.C. – 800 d.C.), no vale de Cinti, yungas bolivianos (Departamento de Chuquisaca);

- (iv) estampada-incisa de bordas dobradas, na bacia do Cinti e no Chaco;
- (v) estuquiña (1350 d.C.-1450 d.C.), nos vales altos do extremo sudoeste-peruano e norte chileno (Arica e Parinacota, Tarapacá, Moquegua e Tacna);
- (vi) grayware (400 d.C. – 1200 d.C.), nos yungas bolivianos (Departamentos de La Paz e Cochabamba);
- (vii) ilo-tumilaca-cabuza (900 d.C. – 1380 d.C.), na costa do norte chileno e sul peruano, com as fases ilo-tumilaca (Departamento de Moquegua e Tacna) e cabuza (Regiões de Arica e Parinacota);
- (viii) inca (1450 d.C. – 1550 d.C.) ao longo dos Andes, yungas e da costa pacífica desde Santiago (Chile) até Quito (Equador);
- (ix) maytas-chiribaya (700 d.C. – 1380 d.C.), na costa do norte chileno e sul peruano, com as fases maytas (Regiões de Arica e Parinacota e de Tarapacá) e chiribaya (Departamento de Moquegua e Tacna e Região de Arica);
- (x) pacajes (1100 d.C. – 1450 d.C.), nos Andes bolivianos, ao sul do lago Titicaca (Departamento de La Paz);
- (xi) puquí (300-700-1000), no altiplano centro sul-boliviano (Departamentos de Oruro e Potosí); apresenta as fases puquí I (300-700) e puquí II (700-1000);
- (xii) tiwanaku IV-V (480 d.C. – 1100 d.C.) altiplano boliviano, extremo sudoeste peruano e extremo norte chileno;
- (xiii) yampara (400 d.C. – 1500 d.C.), nos yungas bolivianos (Departamentos de Chuquisaca e Potosí);
- (xiv) yura-huruquilla (300 d.C. – 1530 d.C.), no altiplano central boliviano (Departamentos de Oruro, Potosí e Chuquisaca); apresenta as fases yura (300 d.C. – 1530 d.C.) e huruquilla (700 d.C. – 1530 d.C.).

É interessante notar, também, que, segundo Quilter (2014:118), a tradição kotosh da bacia do Alto Huallaga (Andes Centrais) teria um componente fundamental originado em áreas de floresta tropical e, de acordo com a hipótese de Lathrap (1963; 1970), estas características se remetem às fases mais antigas da tradição tutishcainyo, do médio Ucayali. Tais semelhanças foram confirmadas por Mohr-Chávez (1981:327-328) e Church (1996:568-569).

3.3.2. Esferas de interação pré-históricas

3.3.2.1. Leste amazônico

Os diversos complexos arqueológicos do período arcaico tardio do leste amazônico têm sido tradicionalmente identificados por diversos estudiosos (Evans & Meggers 1968; Lathrap 1970) como relacionados aos grupos etnolinguísticos mais abrangentes das terras baixas tropicais sul-americanas (arawak, tupi, karib, macro-jê), os quais estariam ativamente associados à emergência da complexidade social nesta região. Estes padrões teriam emergido dentro de uma continuidade cultural, pois há indícios de que sociedades pré-cerâmicas participaram ativamente das redes de interação associadas à emergência das sociedades complexas na região e não se observam registros de ruptura durante a passagem do período pré-cerâmico ao cerâmico. Como sugere Roosevelt (1980), a emergência do sedentarismo no Baixo Amazonas remontaria do período arcaico a partir de um desenvolvimento local de populações sambaquieiras, produtoras das cerâmicas das tradições mina e taperinha.

Carneiro (1970 *apud* 2007:124) considerou que as áreas de várzea seriam atratores ecológicos para as populações amazônicas por se conformarem, em virtude da concentração de recursos, como *habitats* que oferecem condições superiores àquelas dos *habitats* de terra firme. É, de fato, plenamente plausível que as vastas extensões dos solos aluviais férteis das várzeas amazônicas em associação com a grande quantidade de recursos proteicos de âmbito fluvial (peixes, peixe-boi, répteis, aves) tenham possibilitado a emergência do sedentarismo permanente ao longo destes perímetros fluviais. Evidência disto e fato bem documentado pelos arqueólogos é a emergência do sedentarismo exatamente nestas áreas em contraste com a ausência deste desenvolvimento nas regiões de terra firme adjacentes. Em vista disto, Roosevelt (1980) assume que sociedades dependentes da caça de animais de terra-firme como insumo proteico não teriam sido precursoras dos cacicados amazônicos, mas que pescadores e sambaquieiros poderiam, associado ao desenvolvimento da horticultura, adquirir o grau de sedentarismo necessário à emergência destes cacicados.

O crescimento demográfico nas áreas de várzea do Baixo Amazonas e a pressão populacional decorrente dela ter se tornado superpovoada teria naturalmente causado disputas territoriais entre as diferentes etnias locais (Carneiro *op.cit.*). A busca pela hegemonia territorial

teria, então, feito emergir redes de alianças entre os chefes tribais, onde táticas de expansão através da coordenação de guerreiros em expedições de guerra foram desenvolvidas. As semelhanças estilísticas observadas entre diversos sítios da região durante este período são evidências tanto da comunicação mediada por estas alianças quanto da natureza expansionista que tais populações passaram a apresentar (Roosevelt 1980). Segundo Carneiro (1970:736-737; 2007:124-126), os povos das áreas ribeirinhas que perdiam as guerras muitas vezes se submetiam aos vencedores para continuar tendo acesso aos recursos dos rios, submetendo-se forçosamente na unidade política destes. Esta tendência natural à subordinação das aldeias vencidas a um chefe supremo teria sido, neste sentido, um dos principais motivos propiciadores da emergência dos cacicados multiétnicos ao longo desta região.

Como diferentes complexos culturais formativos no Baixo Amazonas associados à produção de cerâmicas dos horizontes borda-incisa e hachurado-zonado compartilharam o mesmo espaço regional, Gomes (2007; 2011) sugeriu que essas populações tenham dado origem a formações sociais multiétnicas pré-coloniais tardias – fato que coincide com o período dos cacicados amazônicos. Tal hipótese é reforçada pelos levantamentos etno-históricos efetuados por Medina (1934) e Porro (1996), que apontam que os primeiros viajantes a percorrerem o Baixo Amazonas durante período colonial descreveram o Baixo Amazonas como uma região densamente povoada por sociedades complexas interconectadas por redes de alianças que garantiam o abastecimento das aldeias e salvaguardavam de invasores os seus territórios estratégicos.

A possível associação entre a emergência dos cacicados amazônicos e o concomitante desenvolvimento da agricultura nesta região foi tratada por Meggers (1971) e Roosevelt (1981). Meggers (*id.*) observou que as características ecológicas do Baixo Amazonas não suportariam uma agricultura intensiva a menos que o desenvolvimento de técnicas agrícolas pudesse superar tais limitações, de modo que este seria um fator limitante ao desenvolvimento e manutenção de sociedades populosas na região. Com relação a isto, Roosevelt (*id.*) descobriu que o consumo da mandioca no Baixo Amazonas era anterior ao do milho e, em vista disto, levantou a hipótese segundo a qual, embora a cultura da mandioca tenha sido a responsável pelo adensamento de grupos tribais na região durante o primeiro milênio a.C., somente a adoção da cultura do milho teria efetivamente propiciado ali a emergência dos cacicados. Apesar de refutada por Carneiro (2007:128-129), a posição de Roosevelt (*op.cit.*) com relação à introdução do milho no Baixo Amazonas por populações oriundas de regiões em interação com os Andes explica a

consequente amplificação do potencial de subsistência das sociedades daquela região e o consequente crescimento populacional para outro nível demográfico, se coadunando, de fato, com as demografias características dos cacicados ali encontrados.

3.3.2.2. Brasil Central

Segundo Brochado (1984), a cerâmica sambaqueira da tradição mina (3200 a.C. – 1500 a.C.) teria se expandido ao longo do litoral do Atlântico desde a foz do Amazonas pelo menos até o Recôncavo Baiano, sobre restinga e manguezais, que são refúgios com grande diversidade de proteína animal, propícias à pesca e coleta de moluscos. No litoral do Rio Grande do Norte se desenvolveu como ‘fase’ papeba, em Pernambuco como fase pedra do caboclo e no Recôncavo Baiano como ‘fase’ periperi.¹¹⁹ Não obstante, também já foram detectados no Baixo Amazonas, particularmente na foz do Trombetas e do Xingu, vários sambaquis e sítios contendo cerâmica da tradição mina, demonstrando que as primeiras populações produtoras de cerâmica do Baixo Amazonas e do litoral paraense e maranhense compartilhavam do mesmo tipo de estilo e tecnologia, implicando que isto tenha se dado, minimamente por difusão através de contato (não se pode descartar, entretanto, a possibilidade de migrações ao invés de difusão, tendo em vista as grandes distâncias entre os refúgios de restinga existentes ao longo Atlântico). A tradição mina é associada à cerâmica da fase alaka no litoral das Guianas (Simões 1981, Roosevelt 1995).

Como dito acima, Brochado (*id.*) assumiu que a cerâmica pedra do caboclo teria emergido no sertão nordestino a partir da difusão da tradição mina desde a foz do Amazonas. Esta cerâmica teria adentrado esta região hipoteticamente através da bacia do rio Tracunhaém e, posteriormente, se difundido para o Planalto Central brasileiro, onde seus produtores teriam se miscigenado com falantes de línguas do tronco macro-jê. Destes contatos se supõe que teriam emergido diversas outras tradições cerâmicas, datadas a partir do início da era cristã. Várias tradições cerâmicas contemporâneas do leste da América do Sul estão, de fato, relacionadas

¹¹⁹ De acordo com Borges (2010:268-269), a cerâmica da ‘fase’ papeba poderia se relacionar com os ancestrais dos tarariu (considerados tapuias pelos falantes de língua tupi-guarani), pois a cerâmica tupiguaraní é encontrada logo acima da camada de cerâmica papeba.

com certo critério científico a populações de fala macro-jê.¹²⁰ São especialmente relevantes as tradições uru, aratu-sapucaí e bororo.

A cerâmica da tradição aratu-sapucaí (800 d.C. – 1500 d.C.) teria se originado no Planalto Central¹²¹; está associada ao cultivo da mandioca, às aldeias arqueológicas circulares do Brasil Central e à dispersão de populações falantes de línguas jê nesta região. O antiplástico utilizado nesta cerâmica é fundamentalmente areia silicosa (Prous 2006:92). Segundo Brochado (*op.cit.*), as populações jê portadoras da cerâmica desta tradição teriam substituído “a maior parte dos habitantes do leste do Brasil” (*id.*86), os quais seriam supostamente descendentes de ondas migratórias arcaicas dos portadores da tradição mina pelo litoral do Atlântico; este mesmo autor pressupõe que parte destes povos tenha sido assimilada pelos ancestrais dos jê em virtude da expansão destes para o território daqueles.¹²²

A tradição ceramista uru (700 d.C. – 1700 d.C.), à qual se atribui uma origem amazônica (Schmitz *et alii* 1982; Schmitz & Barbosa 1985; Prous 1992; Robrahn-González 1996; Oliveira & Viana 2000), ocorre predominantemente entre os vales do Araguaia e do São Lourenço (SO do Mato Grosso), tendo se expandido para o Planalto Central a partir do século XIII d.C. (Prous 1992; Erig Lima 2010:48-49), território originalmente habitado por povos jê. Afinidades da tradição uru com a tradição borda-incisa de Santarém foram apontadas por Wüst (1990). Esta cerâmica usa fundamentalmente o cariapé¹²³ como antiplástico (uma técnica de origem amazônica, muito comum em cerâmicas produzidas por populações de origem karib) e está diretamente relacionada ao tratamento da mandioca amarga (Prous 2006:92). Esta tradição está relacionada aos ancestrais dos bororo e dos karaja (Wüst 1975; 1990:67-68). A fronteira das tradições uru e aratu seria o interflúvio entre o Araguaia e o Tocantins (Robrahn-González 1996), mas, de acordo com Wüst (1990:75), semelhanças entre ambas tradições parecem indicar que teriam existido redes de relações sociais entre os portadores destas tradições, havendo evidência de que esta interação era antiga. Os empréstimos decorativos e tecnológicos mútuos

¹²⁰ A região entre as bacias do Alto Tapajós/Juruena e do Alto Araguaia, circunscrita na vasta região de Cerrado, era o provável território original dos proto-macro-jê (cf.: Ribeiro 2008).

¹²¹ É interessante observar que a tradição tupiguarani é a mais tardia no Brasil Central, tendo aparecido nesta região somente por volta do século XII d.C..

¹²² Brochado (1987) assume uma suposição altamente especulativa de que os proto-jê teriam se originado no sertão nordestino e se dirigido para o sul, ocupando as bacias do Tocantins e Paraná.

¹²³ Cinzas de origem vegetal.

entre estas tradições indica que parte destes povos conviveu num mesmo território. De fato, Wüst (*op.cit.*) observou que o mais comum era encontrar material da tradição uru em sítios aratu, indicando que a primeira tradição seria um elemento exógeno, provavelmente intrusivo em territórios originalmente habitados por povos jê. Há, inclusive, indícios de que as populações produtoras de cerâmica da tradição uru teriam exercido supremacia sobre as portadoras da tradição aratu (Robrahn-González 1996:114). Com relação à migração tardia dos portadores da tradição uru, Oliveira (2005) afirma:

“[A]parentemente à onda migratória rumo leste e após certa acomodação, os grupos uru teriam seguido rumo norte subindo a calha do rio Tocantins em busca de novos ambientes, lá também teriam encontrado assentamentos relacionados os grupos aratu, talvez advindos de um momento anterior de migração, e iniciado nova onda de contatos, não apenas com estes, como também com os relacionados a tradição tupiguaraní que ali se localizavam.” (Oliveira *id.*:76)

Realmente, segundo Robrahn-González (1996:43), os sítios de Grajaú, localizados em áreas no Médio Tocantins (SE Pará, N Tocantins e O Maranhão), apresentam características mistas das tradições uru e tupiguaraní, o que implica numa miscigenação, provavelmente entre os proto-karaja e povos tupi-guarani.

Segundo Robrahn-González (1996:115-117), a etnogênese dos bororo estaria relacionada com a “integração e hierarquização sócio-política entre contingentes populacionais linguística e culturalmente diferenciados” na margem esquerda do rio Paraguai “através do surgimento de um sistema regional único ligado por intensas redes e fluxos de informação” envolvendo grupos chaquenhos pré-bororo e populações do Mato Grosso produtoras das cerâmicas uru e tupiguaraní. Após este processo, os bororo teriam passado a produzir a sua cerâmica característica.

No Alto Guaporé e Chapada dos Parecis há igualmente a presença de cerâmica da tradição uru, que parece ter influenciado as tradições capão do canga e córrego banhado, provavelmente num contexto de intermediação de bens entre o Cerrado e o Baixo Amazonas (Erig Lima 2010:610-611/631-632)¹²⁴.

“[A]s populações da depressão do Guaporé poderiam ser as principais intermediárias entre os grupos Gê da Chapada dos Parecis e os grupos das várzeas do Guaporé, principalmente pela adoção de utensílios característicos da tradição uru, empregados no

¹²⁴ Os sítios Guapé 1-2, associados a tradição uru, apresentam datação desde 800 d.C. (Wüst 2001; Erig Lima 2010:633)

preparo de alimentos à base mandioca e milho, no caso as assadeiras de beijú e os cuscuzeiros.” (Erig Lima *id.*:610-611)

Pestana (2014:54) aponta, também, a presença de populações portadoras de cerâmica da tradição uru no rio Jauru (este rio nasce na Serra dos Parecis e corre em direção ao sudeste até desembocar no rio Paraguai), sendo provável, assim, que a difusão da cerâmica uru tenha se dado a partir dos contrafortes meridionais da Chapada dos Parecis para as bacias do Guaporé, do Paraguai e, apenas posteriormente, para a bacia do Araguaia.

A cerâmica córrego banhado é anterior à cerâmica capão do canga na depressão do Guaporé (Erig Lima 2010:587), tendo sido repelida para o interior com a chegada dos portadores desta última, provavelmente desde a região do Pantanal do Alto Paraguai. Um indício disto é que a cerâmica córrego banhado apresenta correlações com outras cerâmicas locais da bacia do Guaporé (paraguá, corumbiara e pimenteiras) enquanto que a tradição capão do canga apresenta semelhanças com a tradição pantanal (800 a.C. – 1500 d.C.), característica do Alto Paraguai e da porção oriental da Chiquitania (Erig Lima *op.cit.*:630). A tradição pantanal ocorre principalmente nos campos inundáveis em ambas as margens do Alto Paraguai assim como em regiões adjacentes no Chaco (Peixoto 2003; Schmitz *et alii* 2009:322).

Antes da presença dos ceramistas uru na porção setentrional do Pantanal do Alto Paraguai, a região era habitada por produtores da cerâmica das tradições descavado e descavado/pantanal, se caracterizando, assim, como uma área de confluência de culturas. A cerâmica da tradição descavado (300 a.C. – 1300 d.C.), localizada em planaltos residuais e terrenos não alagadiços entre o Pantanal e a Chapada dos Parecis, apresenta algumas correlações com as tradições cerâmicas locais dos yungas e do Chaco bolivianos (Alconini Mcelhinny & Rivera Casanovas 2003; Bsepalez 2015). Oliveira & Viana (1999-2000) e Migliacio (2000:222; 2006:276-277) argumentam pela possibilidade desta cerâmica ter sido produzida por populações de origem arawak. A interação entre os portadores das tradições descavado e pantanal acarretou no desenvolvimento de uma tradição híbrida, denominada descavado/pantanal (Migliacio 2006:79-80/84-85); os portadores desta cerâmica emergente teriam acesso tanto a recursos do Cerrado como do Pantanal. De acordo com Migliacio (2006:87), a cerâmica pantanal é a mais antiga na região.

Com o aumento substancial da competitividade na bacia do Guaporé a partir do século IX d.C. populações arawak do subgrupo guaporé-tapajós (cf. ANEXO 1) teriam invadido as

regiões nambikwara e iranche no alto Juruena – a mesma região que outrora fora provavelmente dominada pelos ancestrais dos bororo.

3.3.2.3. Amazônia Central

De acordo com Neves (2012: 147- 148) e Neves *et alii* (2014), a tradição pocó-açutuba (1200 a.C. – 900 d.C.) seria derivada do horizonte borda-incisa e apresenta ampla distribuição pela bacia do rio Amazonas (desde La Pedrera até Santarém) e do Baixo Branco. Esta tradição apresenta semelhanças com as cerâmicas das tradições barrancóide e saladóide da bacia do Orinoco, mas é completamente diferente de outras tradições do Baixo e Médio Amazonas (taperinha, mina, parauá). Estes autores não apontam semelhanças da cerâmica desta tradição com aquelas que emergiram no Ucayali, embora Lathrap (1970) e Oliver (1989) já tenham reconhecido correlações importantes entre elas. Ainda segundo Neves *et alii* (*id.*:138), as “ocupações pocó-açutuba seriam os marcadores visíveis mais antigos e disseminados de formas de antropização da natureza e formação de paisagens ao longo da Amazônia.”, mas destacam que tais “processos de antropização e criação de paisagens na Amazônia não foram constantes e tampouco regulares ao longo do tempo” (*id.*:151). Além disto, Neves *et alii* (2014) sugerem que o uso de apêndices zoomorfos e antropomorfos modelados na tradição borda-incisa e em diversas fases/tradições cerâmicas que emergiram somente durante a era cristã no Baixo e Médio Amazonas (Marajoara, guarita, konduri) é um estilo diagnóstico da tradição pocó-açutuba e provavelmente tenha sido resultado da influência desta nas demais, de modo que acreditam ter havido uma influência simbólica, religiosa ou ideológica associada ao estabelecimento de grupos que produziam cerâmicas pocó-açutuba sobre as populações precursoras. Finalmente, Neves *et alii* (2014:152) postulam uma relação direta dos grupos produtores da cerâmica Poco-açutuba com populações de origem arawak:

“Os grupos que produziam cerâmicas pocó-açutuba eram provavelmente falantes de línguas geneticamente próximas entre si, mais ou menos como os grupos falantes de línguas da família tupi-guarani no litoral Atlântico no início do segundo milênio DC. Se essa hipótese estiver correta, é provável que esses grupos falassem línguas da família arawak, de acordo com a velha hipótese de Nordenskiöld (1930).”

Como os autores apontam (Neves *et alii* 2014:152), o modelo de expansão de Renfrew (1987) para explicar a expansão indo-europeia também pode ser aplicado no caso sul-

americano, correlacionando a cerâmica da tradição pocó-açutuba, a intensificação da agricultura na bacia do Amazonas e a expansão dos povos arawak através desta área. Estes mesmos autores levantam a hipótese, tendo como base a classificação interna da família arawak de Walker & Ribeiro (2011), de que a expansão antiga dos grupos arawak teria sido “rápida e levou à colonização quase que simultânea de áreas distantes entre si”, sendo assim “compatível com o padrão de distribuição ampla e aparentemente simultânea – em termos arqueológicos – de sítios com materiais pocó-açutuba no primeiro milênio AC” (Neves *et alii id.*:153).

Igualmente, as relações estilísticas existentes entre tradições formativas localizadas em pontos bastante distintos da América do Sul, nas bacias do Ucayali e Orinoco (kotosh-wairajirca, tutishcainyo, nazarategui, saladóide, barrancóide) e, portanto, mais antigas do que a pocó-açutuba, fortemente apontam que processos de colonização proto-arawak estariam direta ou indiretamente associados com a gênese delas, como já havia proposto Lathrap (1970). Esta intensificação agrícola pode estar também fundamentalmente relacionada com a introdução de plantas domesticadas difundidas a partir do sudoeste amazônico, como aponta o estudo de Clement *et alii* (2010). De fato, a palavra para milho em muitas línguas da Amazônia é um empréstimo de origem arawak, que, por sua vez, parece remeter ao kechua. Lima & Neves (2011) e Neves *et alii* (2014:153-154) observam, por um lado, uma continuidade histórica e cultural entre as cerâmicas pocó (100 a.C. – 200 d.C.), açutuba (300 a.C. – 400 d.C.), caiambé (400 d.C. – 1200 d.C.), manacapuru (300 d.C. – 800 d.C.) e paredão (600 d.C. – 1200 d.C.) da tradição barrancóide amazônica (horizonte borda-incisa), todas caracterizadas pelo uso de incisões, flanges labiais e decoração plástica modelada; a marcada presença de policromia na primeira – igualmente como ocorre nas cerâmicas saladóide e barrancóide do Orinoco – entretanto, contrasta com um baixo uso deste estilo nas demais. Não foram detectadas até o momento evidências de conflitos em ocupações pocó-açutuba. Isto é um indício de que teria existido uma relação horizontal entre as sociedades que as produziram e os grupos etnolinguísticos que previamente habitavam essas mesmas áreas (Neves *et alii id.*:154).

Entretanto, a evolução desta esfera de interação pré-histórica na região da confluência dos rios Negro e Solimões provavelmente não tenha se reduzido ao domínio de sociedades exclusivamente de origem arawak, mas essencialmente, como sugere Almeida (2013), por relações de competição e reciprocidade num ecossistema multicultural. A partir de 1000 d.C. uma ruptura profunda das culturas arqueológicas até então presentes no Baixo e Médio Amazonas e a concomitante dissolução da ‘tradição simbólico-religiosa pocó-açutuba’, que

teria dominado a Amazônia Central por pelo menos 1500 anos, estariam associadas tanto a invasões de populações karib oriundas do Planalto das Guianas, produtoras de cerâmica da tradição inciso e ponteadada, como à expansão de populações produtoras da cerâmica da tradição policroma amazônica desde o Alto Solimões, suplantando os sítios tradicionalmente ocupados pelas populações produtoras de cerâmica associada ao horizonte borda-incisa (Neves *et alii* *id.*:154). Tal substituição teria se dado nas regiões dos rios Trombetas e em Santarém por produtores de cerâmica inciso-ponteadada (1000 d.C. – 1700 d.C.), respectivamente das fases konduri (1000 d.C. 1700 d.C.) e santarém (1000 d.C. – 1500 d.C.), do que se supõe ser o resultado de uma invasão de povos de origem karib sobre populações de origem arawak, as quais teriam se refugiado no Alto Tapajós. Isto teria acabado com uma suposta hegemonia arawak ao longo do rio Amazonas, Madeira e Baixo Negro, e boa parte dos grupos etnolinguísticos desta filiação (subgrupos wapixana, paresi-enawene-nawe, yavitero-baniva) teriam se refugiado para a periferia desta esfera de interação. Entretanto, como mencionado anteriormente, o modelo de Almeida (2013) associa a emergência da cerâmica policroma amazônica (450 d.C. – 1500 d.C.) com a fusão de tecnologias de diversas tradições num contexto multiétnico, relacionadas também a populações arawak produtoras da cerâmica pocó-açutuba, de modo que algumas populações arawak certamente teriam se integrado nesta nova realidade interativa, como indicam os primeiros relatos etno-históricos desta região (Porro 1995).

As áreas onde foram encontradas até o momento as fases iniciais da cerâmica policroma (bacias do Solimões, Madeira e Baixo Negro) coincidem perfeitamente com a emergência de uma esfera de interação multiétnica na Amazônia Central, onde ao menos quatro pontos estratégicos de controle podem ser detectados: (i) confluência do rio Japurá com o rio Solimões, (ii) confluência do rio Negro com o rio Solimões, (iii) confluência do Rio Negro com o rio Branco e (iv) confluência do rio Jamari com o Alto Madeira. Se considerados conjuntamente o modelo proposto por Almeida (*op.cit.*) relativo à multiculturalidade subjacente à dispersão da cerâmica policroma amazônica, a análise dos dados linguísticos apresentada em §4 e as informações etno-históricas sobre a região (Porras 1987; Porro 1995)¹²⁵, é possível que cada

¹²⁵ Dados etno-históricos relatam que nos momentos finais desta esfera de interação, durante os séculos XVI – XVII, ao menos populações de origem tupi, katukina-katawixi, taruma, mura-pirahã, karib e arawak (negro-roraima) estariam envolvidas, tendo as demais provavelmente se refugiado em áreas de terra-firme longe do curso destes grandes rios (Porro 1995).

um destes pontos estivesse controlado neste período por diferentes grupos etnolinguísticos que teriam firmado relações de aliança para controlar o fluxo de bens por estas vias.

Esta visão frisa que a Amazônia Central durante o referido período não estaria, assim, controlada exclusivamente por populações arawak, como sugerem Hornborg (2005), Heckenberger (2005) e Eriksen (2011). Tal hipótese sobre a hegemonia arawak na Amazônia Central durante boa parte da produção da cerâmica da tradição Polícroma nesta região é considerada tendenciosa tendo em vista todas as evidências apresentadas na presente tese. É certo, porém, que algumas populações linguisticamente associadas a diferentes subgrupos arawak (rio negro-roraima, palikur, aruã, marawa-waraiku e japura-colombia) estariam também participando da esfera de interação da Amazônia Central, direta ou indiretamente. Assim, a cerâmica policroma amazônica seria provavelmente um legado material deixado por uma esfera de interação multicultural e multilíngue, formada por populações que estiveram em contato entre ao menos 400 d.C. até ao menos o início da expansão dos proto-kokama-omagua durante o século XIII d.C.. É plenamente congruente, assim, que a cerâmica policroma amazônica tenha surgido já dentro de um contexto multicultural, como sugere Almeida (2013), a partir do aumento do sedentarismo na margem destes grandes rios, onde se observa o acúmulo de terra-preta (cf. §1.3.2.1.1). Paralelamente, Belletti (2015:392) frisa que muitas características encontradas na cerâmica policroma amazônica, como policromia e flanges mediais, podem ter tido origem nas cerâmicas das fases tutishcainyo e shakimu da tradição tutishcainyo. Esta observação remeteria à hipótese de uma expansão de produtores de cerâmicas associadas a esta tradição (fase yarinacocha) desde o Baixo/Médio Ucayali para a Amazônia Central. Estas populações poderiam estar hipoteticamente relacionadas a uma imigração de populações arawak falantes de proto-negro-putumayo (cf. ANEXO 1) desde o Baixo Ucayali para o Alto Solimões.

Como observa Belletti (2015:406-407), não parecia ser notável a belicosidade na região do Solimões até ao menos durante o período inicial desta tradição. Isto, considerando uma possível influência de cerâmicas do Médio Ucayali, reforça a plausibilidade de que sua gênese tenha estado associada aos arawak proto-negro-putumayo. As datações mais antigas a partir do Solimões justamente apontam que uma esfera de interação ‘policroma’ estaria se estabelecendo desde esta região (Belletti *id.*). É importante destacar, porém, que tal esfera de interação acabou evoluindo para fortes situações de conflito a partir do século VIII d.C. na região da confluência deste rio com o Negro. Este conflito teria se dado provavelmente pelo desejo de controle destas

posições estratégicas pelos produtores da cerâmica policroma amazônica no território previamente habitado pelos produtores da cerâmica paredão do horizonte borda-incisa, onde a presença dos primeiros teria se consolidado mais tardiamente. Tal controle teria sido efetivamente alcançado pelos produtores da cerâmica policroma amazônica a partir do século XIII d.C., estando provavelmente relacionado com a expansão dos proto-kokama-omagua.¹²⁶

A partir das observações acima expostas, a hipótese de uma relação entre a expansão da cerâmica policroma amazônica e a expansão de um único grupo etnolinguístico ao longo de todas estas regiões deve ser descartada; além disto, evidências linguísticas, etno-históricas e genéticas dão forte suporte à perspectiva de que haviam interfluxos populacionais de diferentes grupos étnicos dentro desta esfera de interação. Seu aparecimento tardio na bacia do Ucayali deve visto, de fato, como resultante da expansão dos proto-kokama-omagua durante o século XI, quando eles, com sua tradição beligerante, já teriam dominado todo o curso do Solimões e provocado a retração de diversos grupos étnicos que anteriormente povoavam as margens deste rio para áreas de terra firme do interior.

Um último aspecto muito importante a ser considerado é o exposto por Barreto (2008) e Belletti (2015) sobre a possibilidade da difusão da cerâmica policroma como tecnologia de prestígio e de sua associação a uma tradição religiosa amazônica. De fato, a complexidade da produção de cerâmicas da tradição policroma amazônica e todo o conhecimento implicado na sua elaboração podem implicitamente estar vinculados a um compartilhamento de aspectos cosmológicos e culturais entre vários povos amazônicos daquele período, muitos dos quais podem ter sido difundidos como consequência de processos de miscigenação. Por outro lado, a diferenciação regional observada nestas cerâmicas estaria vinculada às peculiaridades do seu uso em cada sociedade, como consequência de evoluções inerentemente sincréticas.

¹²⁶ No Baixo Amazonas se observa uma agregação crescente de elementos diagnósticos de cerâmicas do horizonte policromo nas cerâmicas locais, embora os sítios com cerâmica tipicamente da tradição policroma amazônica sejam escassos, o que faz Belletti (2015:407) argumentar que sua presença teria se estendido até esta região, mas que não teria ali se consolidado. A presença de cerâmica policroma da fase axinim no Médio Purus pode ser reflexo de uma nucleação intermediada por populações arawa e/ou arawak que habitavam a região.

3.3.2.4. Sudoeste amazônico

A primeira cerâmica a surgir no sudoeste amazônico, durante a segunda metade do terceiro milênio a.C., foi a da tradição tutishcainyo, na bacia do Médio Ucayali. Durante a primeira metade do segundo milênio a.C. populações produtoras desta tradição teriam passado a influenciar populações produtoras da tradição kotosh (fase kotosh-wairajirca), oriunda do vale do Alto Huallaga, em plenos Andes. Tal influência teria inicialmente se firmado através das populações produtoras da cerâmica cueva de las lechuzas (Church 1996:593). Esta provável origem na tradição tutishcainyo dos elementos amazônicos encontrados na bacia do Alto Huallaga em Kotosh (fase kotosh-wairajirca) e cueva de las lechuzas, os quais, posteriormente, teriam sido difundidos pela civilização cupisnique-chavin, está de acordo com a visão de que a civilização andina teria um componente amazônico (Tello 1929, 1960; Church 1996:84-86) importado a partir da emergência de uma esfera antiga de interação existentes entre as bacias do Alto Huallaga e do Médio Ucayali desde pelo menos 2000 a.C.. Igualmente, as fases kotosh-wairajirca e kotosh-kotosh teriam passado a exercer forte influência nas fases cobichaniqui e pangotsi da cerâmica da tradição nazaratequi (Allen 1968:135/248-249; Yanguéz-Bernal 1975:242-244/247), que emergiu na bacia do Pachitea durante o segundo milênio a.C.. Tal influência a partir dos Andes teria se intensificado ao longo do tempo, enquanto que, contrariamente, a forte influência da tradição tutishcainyo inicialmente observada na tradição kotosh parece ter sido descontinuada nas suas fases subsequentes. Como aponta Church (1996), a heterogeneidade da cerâmica kotosh-wairajirca refletiria a existência de uma esfera de interação com diferentes populações peruanas, centrada neste período em Kotosh. Como explicado acima, tal esfera de interação englobaria as populações produtoras das cerâmicas nazaratequi, tutishcainyo e cueva de las lechuzas (das bacias do Ucayali e Huallaga). O foco de influência já teria se invertido visivelmente no sentido Andes – bacia do Ucayali desde 900 a.C., período em que se inicia a produção cerâmica da fase shakimu dentro da tradição tutishcainyo. Tal mudança de direcionamento de influências coincide com o fortalecimento da cultura cupisnique-chavin nos Andes Centrais, que gradativamente intensificou sua influência na tradição nazaratequi (Yanguéz-Bernal 1975:279-280/290-291). De fato, muitas das influências de origem andina na fase shakimo teriam sido mediadas pela tradição nazaratequi. Como argumenta Eriksen (2011:32), a introdução do milho a partir dos Andes na bacia do Ucayali já teria ocorrido durante as fases iniciais da tradição tutishcainyo, provavelmente em

virtude da esfera de interação estabelecida com os produtores das cerâmicas kotosh-wairajirca e cueva de las lechuzas do Alto Huallaga. Como se verá adiante, há indícios de que a dispersão do milho para boa parte da Amazônia teria envolvido a transmissão de tecnologias dos proto-kechua para os proto-arawak.

Paralelamente à influência nazaratequi em shakimu (a qual supostamente teria se expandido para a Amazônia e Orinoco), se inicia o fortalecimento da tradição barrancóide na Amazônia Central em períodos praticamente concomitantes. Uma influência barrancóide na região do Ucayali é brevemente observada por volta de 200 a.C., com a introdução da cerâmica hupa-iyá, a qual é assimilada pela yarinacocha (última fase da tradição tutishcainyo), a última fase da tradição tutishcainyo. Os produtores da cerâmica yarinacocha, de provável origem arawak, teriam sido assimilados e/ou expulsos entre os séculos II e III d.C. por populações de origem pano que invadiram a bacia do Médio Ucayali, os suplantando nesta região; em vista disto, parte dos primeiros teria se refugiado na região do Solimões. O estabelecimento dos proto-pano na bacia do Médio Ucayali teria resultado na emergência da produção da cerâmica pacacocha. Todas estas séries de contatos devem ter contribuído para o processo de diferenciação das línguas pano.

Na bacia do Purus o primeiro complexo cerâmico a aparecer é o da tradição quinari (1200 a.C. – 750 d.C.), cujos sítios se concentram na bacia do Alto-Purus e região dos geóglifos monumentais localizados no interflúvio das bacias do Alto Purus e Abunã, um afluente esquerdo do Alto Madeira (Schaan 2008:20; Saunaluoma 2014:125). Segundo Saunaluoma (2012:575-578) e Saunaluoma & Schaan (2012:6-9), a cerâmica da tradição quinari se correlaciona com aquelas do oeste amazônico, apresentando semelhanças importantes especialmente com os estilos cerâmicos da tradição tutishcainyo tipicamente encontradas na bacia do Médio Ucayali (motivos incisos-excisos, presença de bordas labiais e carenas). Há, igualmente, características semelhantes àquelas existentes nos Lhanos de Moxos, aparentemente indicando a existência de forte identidade cultural de origem arawak, conectada com a bacia do Médio Ucayali. Os vasos carenados típicos da tradição tutishcainyo também são traços diagnósticos das cerâmicas do horizonte borda-incisa da Amazônia Central (Lima 2008:273 *apud* Saunaluoma 2012:575) – presumivelmente produzidas por descendentes dos proto-arawak (Neves *et alii* 2012).

Segundo Saunaluoma (2014:125), a construção destas estruturas de terra a partir de 1200 a.C. estaria, de fato, intimamente relacionada com os produtores da cerâmica quinari. Os

assentamentos de Riberalta também estão fortemente associados a esta tradição e demonstram um sedentarismo emergente que teria se dado de forma permanente desde 200 a.C. até o Período Colonial. Saunaluoma (2012:575) também observa que a existência de outros tipos cerâmicos nos sítios com geóglifos monumentais pode representar evidência de que estas áreas eram centros de confluência para fins cerimoniais, onde possivelmente haviam intercâmbios entre diferentes sociedades. É importante também a observação de que os traços diagnósticos encontrados nestas cerâmicas são menos elaborados do que os encontrados na bacia do Ucayali, podendo representar uma tentativa de imitar técnicas anteriormente aprendidas. O mesmo pode ser dito para os geóglifos encontrados em Rondônia (Trindade 2015:138-139) ao indicar que construções desta natureza podem ser aparentemente semelhantes mas com usos e modos de ocupação significativamente distintos. Assim, embora diferentes sítios associados a povos arawak sejam indicativos de sua expansão nesta área (Ucayali – Purus), os processos etnogênicos subjacentes aos grupos historicamente atestados nestas áreas devem estar fortemente relacionados com a introdução deste tipo de cultura de transformação da paisagem e associada à criação de esferas de interação regionais envolvendo a miscigenação com populações locais precursoras.

Jaimes Betancourt (2012b:152-154), observa que as culturas das tradições velarde inferior e superior da bacia do Madre de Dios são extremamente distintas, tendo a primeira sido produzida antes da fase de construção dos montículos, os quais passaram a ser comuns nos Lhanos de Moxos a partir da expansão de populações produtoras da cerâmica policroma da fase velarde superior sobre o território das populações produtoras da cerâmica velarde inferior. É também interessante a observação de Myers (1970:134) sobre a simplicidade das cerâmicas pacacocha, chimay e velarde assim como de certos aspectos estilísticos compartilhados por elas, que podem ser indícios de uma mesma origem tecnológica. Igualmente, a tradição estampada-incipisa de bordas dobradas, com grande variabilidade regional, teria derivado de uma tradição mais antiga, denominada grayware, com datações a partir de 400 a.C.. Ambas tradições apresentam correlações com outras culturas da porção dos Andes e yungas centro-orientais bolivianos a leste e sudoeste do lago Titicaca (yampara, cinti, huruquilla, chicha, mojoya, tiwanaku IV-V) provavelmente resultantes de uma zona de interação local, sugerindo uma esfera de inter-relação centrada nos yungas entre Chuquisaca e La Paz, que teria vínculos com as terras baixas bolivianas (Michel López 2006:103; Alconini 2015). A correlação deste horizonte com cerâmicas do sudoeste amazônico (pacacocha, cumancaya, na bacia do Ucayali;

chimay, na bacia do Madre de Dios), pode ser um indicativo de que estes estilos tenham sido difundidos por uma população ou por um grupo de populações em interação a partir da primeira metade do primeiro milênio d.C. desde os yungas do norte boliviano; esta difusão presumivelmente estaria relacionada com a esfera de interação regional controlada a partir da primeira metade do primeiro milênio d.C. pela civilização tiwanaku (Berenguer Rodríguez 2000; Alconini & Rivera Casanovas 2003: 167-168; Rivera Casanovas 2011). Todas as culturas envolvidas na esfera de interação dos Yungas bolivianos e terras baixas adjacentes passaram a sofrer influência da cerâmica tiwanaku IV-V até a fragmentação deste império (Pereira & Brockington 2005; Tapia Matamala 2011:128).¹²⁷

Lathrap (1970: 140-141), assume que a cerâmica corrugada da bacia do Ucayali, da tradição cumancaya, também teria sido produzida por descendentes dos proto-pano. Myers (*op.cit.*) observa que a cerâmica desta tradição apresenta inúmeras semelhanças com aquela da tradição pacacocha, o que o levou a hipotetizar que a cerâmica cumancaya teria sido resultante da miscigenação dos produtores da cerâmica pacacocha com populações exógenas que teriam chegado no Ucayali. De fato, há fortes indícios de que a etnogênese dos produtores da cerâmica cumancaya teria envolvido uma miscigenação de populações locais produtoras de cerâmica da tradição pacacocha com populações oriundas da Montanha equatoriana que evadiram esta região entre os séculos IV e V d.C. em virtude de uma forte erupção do vulcão Sangay. Além disto, o padrão corrugado no Ucayali, diagnóstico na cerâmica cumancaya, é atribuído por Myers (1970:141) a uma influência externa, pois representa um estilo até então inexistente na bacia do Alto Amazonas, o que torna o quadro da gênese desta tradição ainda mais complexo. O aparecimento quase simultâneo deste caráter estilístico tipicamente associado aos proto-jivaro nas bacias do Marañón e do Ucayali é um forte indicativo de que populações desta origem teriam adentrado a bacia do Alto Amazonas e se miscigenado também com populações produtoras da cerâmica pacacocha. Como se buscará comprovar no decorrer desta pesquisa, os proto-jivaro seriam oriundos do Solimões. Um dado importante que corrobora esta visão vem da data de coalescência do proto-jivaro, que antecede em séculos a do proto-pano, de modo que

¹²⁷ É importante mencionar que a influência da civilização da cultura tiwanaku não teria sido intensa fora da bacia do Titicaca, pois regiões como o Atacama e os vales de Cochabamba, Moquegua e Azapa mantiveram certa independência cultural e etnolinguística, de modo que o aspecto multiétnico desta civilização é visto como uma de suas características fundamentais (Janusek 2002; Blom 1999:61-62).

quando os proto-jivaro invadiram a bacia do Alto Amazonas, populações falantes de línguas pano já estariam ali estabelecidas há pelo menos alguns séculos.

Neste sentido, a cerâmica cumancaya seria resultado na mescla de formas e estilos das culturas pacacocha e sangay que, depois de 700 d.C. passa a apresentar também forte tendência do horizonte corrugado; isto fez Noelli (1998) levantar a hipótese de que esta fusão seria resultado da formação de uma sociedade multiétnica em Cumancayacocha. A tradição cumancaya teria sido posteriormente mantida pelos ancestrais dos Shipibo-Konibo. Meyers (*id.*:141) observou que a fase final da tradição pacacocha e a cerâmica cumancaya teriam sido influenciadas pela cerâmica policroma amazônica, trazida pelos proto-kokama-omagua, contribuindo para a hipótese de que o Baixo/Médio Ucayali teria tido uma forte natureza multicultural e multiétnica ao menos desde o século VIII d.C.. A cerâmica da cultura muintzentza foi provavelmente produzida pelos ancestrais dos falantes de línguas da família zaparo e a cerâmica corrugada que apareceu a partir do século VII d.C. na bacia do Baixo Marañón (huapula) está diretamente relacionada com a chegada dos ancestrais dos proto-jivaro desde o Solimões (cf.: Rostain & Saulieu 2013:24/167).

As cerâmicas das culturas upano-kilamope e tivacundo foram associadas com outras mais recentes da bacia do Alto Amazonas, como, aspusana (500 d.C. – 900 d.C), na bacia do Alto Huallaga e sivia (800-1350 d.C.), na bacia do rio Apurímac (Lathrap 1970:143-144; Eriksen 2011:27), de modo que esta correlação pode estar diretamente relacionada com a erupção do vulcão Sangay, que teria ocorrido entre 400 e 600 d.C. no vale de Upano. Os produtores da cerâmica napo estão associados com a expansão dos kokama-omagua e à tradição policroma amazônica (Lathrap *et alii* 1985).

No Alto Amazonas foram identificadas as fases natã e cushillococha com estimativas cronológicas entre 700 e 900 d.C.; segundo Myers (1970:123-124), a primeira estaria provavelmente associada às tradições pacacocha e cumancaya, enquanto que a segunda teria derivado da primeira a partir da fusão com traços de uma tradição cerâmica exógena.

3.3.2.5. Noroeste amazônico

A pouca evidência arqueológica (incluindo a ausência de cerâmica e terra preta) nesta área até por volta de 1000 a.C.¹²⁸ aponta que não houve transformações antropogênicas significativas em quase todo o noroeste amazônico durante este período, parecendo indicar que a região era povoada até então quase que exclusivamente por povos essencialmente caçadores-coletores (Greer 2001:690; Zucchi 2002:259; Oliver 2008:205 *apud* Eriksen 2011:174). Dentre os sítios pré-cerâmicos, destacam-se: (i) Peña Roja e Abeja, na confluência do Caquetá com o Yari; (ii) Guayabero, na bacia do rio homônimo; e (iii) Maporita, na bacia do Meta (Herrera *et alii* 1992; Gasson 2002; Oliver 2008). Greer (*op.cit.*) argumenta que durante a época pré-cerâmica, um dos vestígios mais marcantes da presença humana na região é a arte rupestre, cujos estudos apontam para uma continuidade cultural entre 4000 e 1000 a.C. englobando o Médio Orinoco e a bacia do Alto Negro, onde não se observam influências externas importantes até o início da introdução da cerâmica durante a era cristã. De fato, uma evidência deste isolamento é o desenvolvimento na região do Araracuara da tradição Camani (Myers 2004) a partir de 800 a.C., um complexo cerâmico totalmente independente da tradição barrancóide, que aflorou desde muitos séculos no Orinoco e na Amazônia Central, representando provavelmente uma sedentarização autóctone das sociedades caçadores-coletores locais. O mesmo pode-se supor da cerâmica encontrada em grandes terraços aluviais na região do alto Ariari (formante do Guaviare), uma região nos sopés dos Andes de fronteira ecofisiográfica Lhanos/Amazônia, com datas estimadas a partir de 900 a.C.. Gasson (2002:262) aponta para a possibilidade de que estes sítios representem vestígios de cacicados, dadas sua magnitude e características de ocupação permanente.¹²⁹ Já, a aparição abrupta de uma agricultura desenvolvida em outros pontos do noroeste amazônico a partir do século 3 d.C. está, sim, relacionada com a expansão de populações portadoras das tradições barrancóide, oriunda do Orinoco e da Amazônia Central (Zucchi 2002; Myers 2004), e Polícroma, comum na Amazônia Central.

¹²⁸ As únicas exceções são alguns sítios arqueológicos isolados: (i) Peña Roja e Abeja, na confluência do Caquetá com o Yari; (ii) Guayabero, na bacia do rio homônimo; e (iii) Maporita, na bacia do Meta (Herrera *et alii* 1992; Gasson 2002; Oliver 2008).

¹²⁹ A tradição osoide (1000 a.C – 1250 d.C), que aflorou nos lhanos venezuelanos (Estado Barinas), é o outro complexo cerâmico importante que aflorou independentemente na vertente esquerda do Médio Orinoco (Gasson 2002:205).

A partir deste período observam-se também evidências do estabelecimento de uma esfera de interação interligando as bacias do Alto Putumayo e do Alto Caquetá com os Andes nariñenses e a bacia do Alto Magdalena, a qual teria se estendido, segundo dados etno-históricos, até a época colonial, por onde eram intercambiados diversos produtos, dentre os quais cera, mel, resinas, urucum, ayahuasca, frutas, ouro, cerâmicas, etc. (Ramírez 1996; Cifuentes 2006). De fato, como observa Marín Silva (2013:198),

“Lejos de ser una región aislada, el Alto Magdalena tenía amplios caminos naturales y una fácil comunicación con la selva amazónica en el paso natural que une las inmensas maniguas del oriente amazónico con los valles y tierras andinas. Esta unión geográfica debió haber permitido en tiempos precoloniales movimientos migratorios y consecuentes intercambios culturales, y constituyó un factor decisivo en la historia de los indios del Alto Magdalena, del Alto Caquetá y del alto Putumayo.”

Alguns autores fazem inclusive uma associação direta entre o complexo arqueológico de San Agustín e traços culturais representativos das sociedades das bacias do Putumayo e Caquetá (Duque 1966; Reichel 1996; Llanos & Alarcón 2000).

3.3.2.6. Andes Setentrionais e seu entorno

O extremo setentrional da América do Sul engloba áreas litorâneas do Pacífico e do Caribe, a bacia do Magdalena, os Andes Setentrionais e os Llanos. É considerado a porção sul-americana de uma macroárea cultural e linguística denominada ‘Área Intermédia’, que corresponderia, grosso modo, a uma área de influência chibcha (Constenla Umaña 1991; Hoopes & Fonseca 2003). Tradicionalmente se considera que os povos envolvidos nas redes de interação da porção sul-americana da Área Intermédia seriam aqueles etnolinguisticamente relacionados aos conjuntos chibcha, paez, barbakoa, choko, kamsa, jirajara, timote, guamo, otomako, yaruro, arawak, karib, saliba e warao além de outros de filiação desconhecida em função de documentação linguística insuficiente ou inexistente (kueva, sinu, arma, kimbaya, yurumanguí, malibu, muzo, kolima, pantagora, panche, pijao, timana, yalkon, panzaleo, puruha, kañari, kijo, takame, huankavilka, etc.).¹³⁰ Entretanto, alguns destes povos provavelmente não

¹³⁰ Alguns autores levantaram a possibilidade de uma filiação etnolinguística dos kueva com a família choko (Loewen 1954, 1963; Constenla Umaña 1991), uma hipótese sustentada por dados arqueológicos que apontam uma continuidade de aspectos culturais tipicamente associados aos kueva com aqueles encontrados em território choko (Bray 1984:329-330; Aizpuru 1956:124). Segundo esta perspectiva, com o avanço dos proto-choko pela bacia do Atrato os pré-kueva teriam se retraído na

interagiam diretamente com os chibchas, mas provavelmente mantinham-se numa posição periférica dentro desta complexa esfera de interações.

Estudos arqueológicos revelaram nesta região a existência de algumas das tradições cerâmicas mais antigas das Américas (San Jacinto, Puerto Hormiga, Puerto Chacho, Momil), produzidas por sociedades das bacias do Sinu, do Baixo Magdalena e imediações (Lleras Pérez 2002). Entretanto, segundo Hoopes (2005), sociedades complexas na 'Área Intermédia' teriam emergido somente a partir de 300 d.C.. A análise artefactual (incluindo objetos de prestígio em ouro e jade), arquitetônica e do padrão dos assentamentos revelou que estas sociedades da costa Rica, Panamá e Colômbia eram cacicados que formavam extensas redes de troca de produtos localmente especializados, as quais se estendiam para além da Área Intermédia (Bray 1984: 322-337; Hoopes 2005).

Ainda que não exista consenso absoluto, a principal hipótese sobre a origem dos proto-chibcha aponta a região ístmica da América Central como seu território ancestral, a partir de onde expansões para o noroeste da América do Sul teriam ocorrido. Dentre os defensores desta hipótese existem linguistas (Constenla Umaña 1990), arqueólogos (Lleras Pérez 1995; Sáenz Samper & Lleras Pérez 1999; Hoopes & Fonseca 2003; Cooke 2005; Hoopes 2005) e geneticistas (Melton *et alii* 2007; Melton 2008; Noguera-Santamaría *et alii* 2015). Os argumentos levantados por estes autores para respaldar uma origem ístmica dos proto-chibcha são fundamentalmente: (i) emergência inicial da complexidade social na região ístmica da Área Intermédia, (ii) maior diversidade genética da população chibcha da região ístmica e (iii) maior diversidade das línguas chibcha na região ístmica¹³¹. É importante ressaltar que nenhum destes

região ístmica no Panamá e entrado em contato com povos falantes de línguas chibcha, como aponta a comparação de Romoli (1987:81-89) entre a língua kueva com línguas chibcha (cf.: kueva <uru> [uru] 'barco', kuna ulu 'id.', doraske ulu 'id.', terraba uru 'id.'; kueva <quevi> [kevi] 'cacique', bri kebi 'id.', kab kebi 'ancião'; kueva <hobba> [hoba] 'milho', kna opa 'id.'; kueva <chuche> [ʃuʃe] 'porco-do-mato', GMI <chunchi> [ʃunʃi] 'id.'). A ocupação dos choko na região ístmica e no departamento de Antioquia (Colômbia) é atribuída a migrações recentes (Aizpuru 1956). Igualmente, outros autores apontam para a possibilidade de que os arma e kimbaya fossem etnolinguisticamente relacionados aos choko. A análise linguística dos toponímicos registrados nos territórios puruha e kañari aponta para uma maior plausibilidade destas populações terem falado línguas da família barbakoa (Adelaar & Muysken 2004:397).

¹³¹ Constenla Umaña (1990) assume esta posição unicamente porque existe maior diversidade de línguas chibcha nesta zona, mas este argumento desconsidera um fator ecológico importante que é a mobilidade dos grupos humanos. Por exemplo, se a mera concentração de diversidade fosse considerada como argumento para determinar a origem do proto-indoeuropeu, ela teria sido na Europa, mas esta hipótese tem sido amplamente contestada e as atualmente mais cotadas a situam na Ásia-Menor, Cáucaso ou Mar Cáspio, regiões atualmente com baixíssima diversidade de línguas indoeuropeias. A existência de uma série de paralelos entre línguas das famílias chibcha e misumalpa é considerada por Kaufman (1990) e Constenla-Umaña (2005) evidência de uma origem comum destes grupos linguísticos, mas não se pode descartar a possibilidade de que as línguas chibcha

argumentos é isoladamente em si robusto para dar suporte à hipótese de uma origem centro-americana dos proto-chibcha a ponto de refutar explicações alternativas ¹³². Embora esta hipótese ainda não tenha sido comprovada, existem, de fato, diferentes informações arqueológicas, geológicas, etno-históricas e genéticas que podem reforçar a ideia de que populações de origem chibcha da região ístmica tenham migrado para a Colômbia.

Hoopes (2005:16), por exemplo, argumenta que a emergência de complexidade social na região ístmica da América Central teria se dado a partir de 300 d.C., sendo alguns séculos mais antiga do que a observada no noroeste colombiano, onde evidências de aumento demográfico e diferenciação social são datadas somente a partir de 500 d.C. na Serra de Santa Marta e apenas por volta de 800 d.C. no Altiplano cundiboyacense, onde afloraram respectivamente as civilizações tairona e muiska. Igualmente, escavações na região do vulcão Barú (Província de Chiriquí, Panamá) revelaram a existência de assentamentos densos ao longo de seus vales a partir do início da era cristã, os quais teriam sido subitamente abandonados após uma enorme erupção deste vulcão ocorrida entre 600 e 1000 d.C. (Cooke *et alii* 2003). Outro componente deste argumento multidisciplinar vem da etno-história kogui, os atuais descendentes da civilização tairona. A tradição oral kogui conta que seus ancestrais chegaram na Serra de Santa Marta “por via marítima há 52 gerações, fugindo de um país ameaçado por erupções vulcânicas” (Reichel-Dolmatoff 1989:56), data que, se consideradas 5 gerações por século, se enquadra perfeitamente dentro das estimativas da erupção do vulcão Barú. Todas estas evidências acabam por sugerir que os precursores dos atuais chibcha da Serra de Santa Marta teriam emigrado do Panamá através do Caribe e se estabelecido inicialmente na faixa costeira, onde teriam se originado via etnogênese pela miscigenação com a população local. De fato, Reichel-Dolmatoff (*id.*) afirma que a civilização tairona apresentaria uma forte influência da região ístmica centro-americana e que antes da civilização tairona, a região da Serra de Santa Marta era habitada por populações tribais de cultura material semelhante à encontrada na bacia

e misumalpa tenham se influenciado mutuamente e em diferentes graus via etnogênese (notadamente este deve ser o caso do pech e do rama – línguas chibchas cujos falantes estão localizados em áreas contíguas aos territórios tradicionais de falantes de línguas misumalpa).

¹³² Melton (2008:192) argumenta que, dentre as populações chibcha, a menor diversidade haplotípica do DNA das populações colombianas, se comparada com aquela encontrada nas populações ístmicas, pode ter sido decorrente de um efeito de gargalo sofrido pelas primeiras no passado em virtude das migrações oriundas da região ístmica. Entretanto, a maior variabilidade genética das populações chibcha da região ístmica pode, na realidade, ser resultante da etnogênese das populações chibcha centro-americanas em virtude da miscigenação com populações locais (de outras filiações etnolinguísticas) após uma suposta expansão chibcha para a América Central. Tais populações podem ter falado línguas da família misumalpa.

do Baixo Magdalena. O componente final deste argumento multidisciplinar vem da genética. A comparação das amostras genéticas do DNA mitocondrial das populações de origem chibcha demonstram que o haplogrupo A é hegemônico, mas a presença de uma porcentagem expressiva do haplogrupo C nas populações chibcha da Serra de Santa Marta (kogui, ika, damana) e a completa ausência do haplogrupo A nos bari indica a ocorrência de processos etnogênicos associados a miscigenação de migrantes de origem chibcha com populações locais precursoras (cf.: Melton *et alii* 2007). Tais dados então de acordo com as previsões de Reichel-Dolmatoff (*op.cit.*), que apontam que a expansão chibcha para a Serra de Santa Marta fez emergir diversas situações de contato com os povos precursores da região antes do estabelecimento de cacicados nesta zona por aquelas populações.

Se, por um lado, sabe-se que a civilização tairona evoluiu *in situ* e não foi resultante da migração de sociedades complexas da América Central para a região de Santa Marta (Bray 1984; Langebaek 1992), por outro lado, a existência de paralelos arqueológicos da cultura nahuange (200 a.C. – 900 d.C.), precursora da cultura tairona (Bray 2006:110), com aquelas da costa Rica pode indicar migração através do Caribe para a região ístmica a partir da costa colombiana (Bray 1984, 2003:329-331), e acaba por constituir-se como um argumento que pode colocar em xeque a hipótese de uma origem centro-americana do proto-chibcha. A hipótese de uma migração a partir do norte da Colômbia foi reforçada por Snarskis (1998), que observou uma substituição do jade pelo ouro como objeto de prestígio durante a emergência da complexidade social costarriquense.

“After A.D. 500, drastic shifts began to occur in Costa Rican Precolumbian cultures. Circular houses became the norm and were indicative of a probable shift in cosmology or “world view.” New ceramic styles including resist painting proliferated; tomb forms and burial customs changed; cobble-paved roads within and between sites appeared; and metallurgy supplanted jade carving as the principal supplier of political and religious badges of power and authority. Gold replaced jade as the most symbolic material. All these traits appeared earlier in, and are typical of, northern South America, but the process by which these shifts to Costa Rica took place is not yet clear. (Snarskis 1998:90)

De fato, Bray (1992; 1997) aponta que a ourivesaria da região ístmica da América Central é oriunda do norte da Colômbia e o uso desta tecnologia é historicamente atestado nas populações chibcha da região ístmica. Assim, ao que parece, a emergência da complexidade social na porção ístmica da América Central estaria relacionada com uma intensificação da influência da visão de mundo de sociedades do norte colombiano naquela região.

Neste sentido, mesmo que aparentemente contraditórias, todas as informações acima acabam por indicar com certa segurança que o fluxo de populações de origem chibcha entre as porções centro-americana e sul-americana da Área Intermédia foi relativamente frequente a partir de 500 d.C., e teria se dado em ambas direções. Seja como for, o fato é que a expansão destas populações para as regiões montanhosas do extremo noroeste da América do Sul parece ter se dado somente dentro da era cristã¹³³.

Um dado relevante que corrobora esta visão, obtido pelo confronto de dados arqueológicos e genéticos, aponta justamente também para a ocorrência de substituição populacional no Altiplano cundiboyacense a partir da ocupação deste território pelos precursores da civilização muiska a partir de 800 d.C.. Segundo os dados arqueológicos, antes do período muiska, o altiplano era ocupado por populações produtoras de cerâmica do período herrera (600 a.C. – 800 d.C.). Análises genéticas revelaram que indivíduos pertencentes a populações produtoras da cerâmica do período herrera apresentavam apenas DNA mitocondrial de haplogrupo B, enquanto que todos indivíduos pertencentes a populações produtoras da cerâmica do período muiska (800 d.C. – 1600 d.C.) apresentavam apenas DNA mitocondrial de haplogrupo A (Melton 2008:167). Além disto, as divergências nas características de ocupação observadas durante os períodos herrera e muiska reforçam a ideia de que não houve continuidade cultural entre estas sociedades (Botiva Contreras 1989:89).

Com relação à abrangência da influência destas sociedades para fora da Área Intermédia, dados arqueológicos e históricos apontam que durante o período clássico e pós-clássico dos muiska (800 d.C. – 1600 d.C.) redes de intercâmbio se estendiam pelos Lhanos desde o Altiplano cundiboyacense até o Orinoco através dos rios Meta, Casanare e Arauca

¹³³ Todas as línguas faladas por estas populações estão agrupadas dentro do subgrupo madgalênico da família chibcha, de modo que a coalescência do proto-chibcha data de um período substancialmente anterior à emergência da complexidade social na Área Intermédia. Por outro lado, é importante ressaltar que é controversa a data de coalescência extremamente antiga (5000 anos) para o proto-chibcha apresentada por Constenla-Umaña (1985:180) com base na glotocronologia clássica – um método de aferição de mudança linguística fundamentado na premissa de que a diversificação linguística se dá em ritmo constante. Tal método está completamente aquém do modelo ecolinguístico de evolução. Além disto, as evidências arqueológicas indicam que tais sociedades não haviam alcançado o nível de estrutura sociopolítica do tipo ‘Estado’, como se deu no império inca, onde surge um controle impositivo e homogeneizador, mas apenas cacicados regionais e tais fatos condizem com uma hipótese de aceleração da diversificação linguística dentro da família chibcha, pois em qualquer relação de alteridade está implicada uma necessidade de se criar marcas culturais e linguísticas de diferenciação interssocial. Esta hipótese está de acordo com as observações de Muysken *et alii* (2015) de que a competitividade interssocial pode levar à manipulação consciente das línguas por seus falantes, tendo previsto nestas esferas de interação uma tendência à diferenciação lexical e à convergência estrutural ou tipológica.

(Langebaek 1985, 1987:144; Barse 1990, 1995), havendo, de fato, ao menos uma intensa rede de comércio entre os muiska e sociedades que habitavam as terras baixas contíguas ao altiplano cundiboyacense, como os tegua, guayupe, achagua, saliba e tunebo, dos quais adquiriam produtos naturais como cabaças, algodão, couro, sal, iopo, tabaco, penas, mel, peixe defumado e outros em troca joias, cerâmicas e tecidos produzidos no altiplano (Aguado 1930; Sáenz 1986; Langebaek 1985, 1987, 1992; Romero & Romero 1998; Gasson 2002:246).¹³⁴ Vale ressaltar que, mesmo que os muiska tenham tido papel relevante na emergência das esferas de interação da porção sul-americana da Área Intermédia, outros grupos de filiação chibcha, como os tairona e tunebo, também tiveram participação importante na articulação destas redes.

É importante ressaltar que as análises arqueológicas apresentadas por Barse (1989:193/373; 1990, 1995) evidenciaram esferas de interação bastante antigas conectando os Andes colombianos tanto com a bacia do Médio Orinoco como com o Panamá e a costa do Equador, as quais provavelmente emergiram num período anterior ao da expansão de populações chibcha pela região.

Eriksen (2011:171) sugere que esta enorme rede de interação englobava não apenas povos da Área Intermédia e dos Lhanos, mas também do noroeste amazônico. De fato, dados históricos reforçam a visão de que o Médio Orinoco se conformava como um dos núcleos importantes desta macroesfera de interação que interligava a bacia do Orinoco com os Andes e a bacia amazônica, onde povos de diversas origens (falantes de línguas das famílias otomako, saliba, guahibo, karib e arawak, dentre outras) confluíam durante a estação seca para comercializar seus excedentes, como azeite de ovos de tartaruga, resinas, curare, quiripa¹³⁵, etc. (Romero & Romero 1998; Hill 2007:258).

No vale do Alto Magdalena, localizado na porção sul dos Andes colombianos, se desenvolveu o complexo arqueológico de San Agustín-Tierradentro. San Agustín foi um provável centro religioso de peregrinação e de observação astronômica para o calendário anual.

"Los orígenes de San Agustín se remontan muy probablemente, a una época bastante lejana, cuando las condiciones tan favorables de la región para una agricultura intensiva fueron reconocidas y aprovechadas por diferentes grupos indígenas que luego hicieron

¹³⁴ Os tunebo, também denominados lache em textos coloniais, habitavam durante o período pré-colonial uma região contígua ao território muiska, na vertente oriental da Serra Nevada de Cocuy e nos Lhanos das imediações (Langebaek 1985).

¹³⁵ Quiripa é um tipo de concha usada como 'moeda' e em ornamentos entre as sociedades do norte da América do Sul, pois era considerada para elas um objeto de prestígio.

de esta zona un centro de sedentarismo. Fue tal vez a mitades del segundo milenio antes de Cristo cuando algunos grupos selváticos se establecieron en las lomas y vegas del Alto Magdalena y sentaron allí las bases para una larga y muy variada sucesión de culturas. Este último punto merece ser destacado: no se puede hablar de una cultura de San Agustín; se trata de una región en la cual se encuentran superpuestos los vestigios de muchas diferentes culturas, algunas de las cuales se desarrollaron en el mismo lugar, a través de fases sucesivas, pero otras llegaron desde zonas alejadas, sea como invasores o sea en forma de una lenta penetración pacífica." (Reichel-Dolmatoff 1989:46)

Os monumentos, produzidos principalmente durante a fase isnos (1.d.C. – 800 d.C.), marcam o início do período clássico desta cultura. Segundo Romano (1993-1994) e Betancur Montoya (2006), eles foram erigidos numa disposição meticulosamente orientada pelos astros e, especialmente, pela estrela polaris, que se observa unicamente do hemisfério norte e indica com exatidão este sentido ao aparecer nitidamente no horizonte como um ponto bem luminoso por poucas horas. Por outro lado, todas as estátuas de San Agustín representam Deuses, que estão com máscaras felinas. Segundo Cubillos (1986), elas representam a deidade solar. É interessante notar que a densidade populacional na região do Alto Magdalena teria aumentado substancialmente a partir da fase isnos (Drennan 2008:388), um fato nitidamente vinculado com o aparecimento desta cerâmica com características mais variadas, marcando o início do seu período clássico e provavelmente a emergência de uma sociedade multiétnica. O período tardio, iniciado a partir de 800 d.C., é marcado pela descontinuidade da construção de montículos e monumentos de pedra e pelo início da construção de tumbas subterrâneas, embora a densidade populacional tenha continuado crescente (Drennan 2008:387-388).

Apesar de existir desde o formativo no Equador um contraste cultural marcado entre as culturas cerâmicas da costa (valdivia, machalilla, chorrera, jama-coaque, tumaco-la tolita) com as dos Andes (cotocollao, la chimba, cerro narrío, pirincay, catamayo, cosanga-panzaleo, challuabamba), claras evidências de contato são observadas entre elas (Zeidler 2008). Os produtores da cerâmica da cultura la chimba, por exemplo, mantiveram desde o formativo um papel central na intermediação de bens através dos Andes, Costa e Amazônia equatorianos, e mantinham contatos principalmente com os produtores de cerâmica das culturas chorrera e cotocollao e cosanga-panzaleo (Moreno Yáñez 2007; Zeidler 2008:474). A cultura cotocollao teria sucumbido por volta de 400 a.C. após uma forte erupção do Populahuá (Zeidler 2008:472), e isto teria causado uma emigração em direção ao norte e ao leste (Lippi 2003:532). A presença de cabeças-troféus na iconografia de San Agustín pode ser uma influência cultural do norte do Equador (culturas jama-coaque, tumaco-la tolita e cotocollao) iniciada por volta de 500 a.C.,

que teria se estendido até o vale de Cauca, uma característica que também apresenta paralelos iconográficos com a cultura moche do norte peruano (Di Capua 2002:24).

Os kijo, historicamente localizados na Montanha centro-norte equatoriana, são vistos como descendentes diretos dos produtores da cerâmica da fase panzaleo (800 d.C. – 1500 d.C.) (Ochoa 2007:473). Por outro lado, os yalkon, que habitavam o vale do Alto Magdalena na região de San Agustín, produziram cerâmica característica da fase *sombrecillos* (800 d.C. – 1600 d.C.) até durante os primeiros séculos do período colonial, sendo plausível assumir, em vista disto, uma continuidade cultural entre os produtores desta cerâmica e os ancestrais dos yalkon. De acordo com Ochoa (2007:469/474), a cerâmica *sombrecillos* é derivada de uma cultura cerâmica oriunda da região entre as bacias do Alto Napo e do Alto Caquetá e apresenta semelhanças com a cerâmica da tradição *pastaza-kamihun*, na qual se observam, por sua vez, intrusões das cerâmicas *huapula* e *upano* (Ochoa 2007:469). Tendo em vista tais informações, é possível hipotetizar que a presença da cerâmica *sombrecillos* na bacia do Alto Magdalena foi decorrente da imigração dos ancestrais dos yalkon desde a Montanha equatoriana.

3.3.2.7. A esfera de interação circum-Marañón

Uma série de evidências arqueológicas vem dando suporte à hipótese de que rotas de intercâmbio estariam a partir de 1500 a.C. conectando a bacia do Marañón com os Andes equatorianos, os Andes peruanos e a costa do Pacífico. Por exemplo, diversos autores (Bruhns 1989, Bruhns *et alii* 1994, Idrovo Urigüen 2000, Zeidler 2008:476, Guffroy 2008:893, Bruhns 2010) concordam que as sociedades andinas equatorianas do formativo médio e tardio (1500-300 a.C.) – dentre as quais aquelas produtoras das culturas *narrío*, *pirincay*, *challuabamba*, *catamayo* – passaram a produzir cerâmica *carenadas* com decoração inciso e modelada e de bandas vermelhas, tradicionalmente produzida pelas sociedades costeiras do Equador (*machalilla*, *chorrera*). Tal estilo passou a ser encontrado também na cerâmica das sociedades costeiras do norte peruano (*paita*) e da selva equatoriana (*huancabamba* e *upano*).

Esta rede de interação se intensifica a partir de 1000 a.C. entre as bacias dos rios Santiago e Utcubamba, respectivamente localizados nas vertente esquerda e direita do Médio Marañón, quando se observa uma distribuição de um tipo característico e altamente elaborado de jarros e tigelas pintados com tinta iridescente e que utilizavam diversos estilos decorativos – incluindo

pontuação, estampagem, e gravura – nas cerâmicas bagua, upano e suitacocha (Church 1996:910). Assim, nas palavras de Church (*id.*), “the Marañón Valley served as a conduit for the penetration into the Central Andes of Formative Period Ecuadorian aesthetic and cosmological notions”.

Uma outra evidência importante é a presença comum de conchas de *Spondylus* e *Strombus* trabalhadas nas referidas regiões desde o início do primeiro milênio a.C. (Hocquenghem *et alii* 1993; Guffroy 2008:894). Segundo Hocquenghem (1995: 273-276) o trânsito destas mercadorias se dava a partir de Guayaquil, no litoral equatoriano, até a bacia do rio Marañón por duas vias, de onde eram redistribuídos para as sociedades dos Andes Centrais: (i) através da serra sul-equatoriana (Loja – Ayabaca) ou (ii) no sentido “Guayaquil – Paita” (por via marítima) e “Paita – Bagua” (pelos vales dos rios Chira e Piura). Uma rota alternativa seria a que atravessa os Andes na altura de Guayas-Cañar e segue pelas bacias do Upano ou Chinchipe até o Marañón. A presença de traços diagnósticos da cerâmica paita, na costa norte peruana, com aquela contemporânea de Chachapoyas é uma evidência importante de que a rota de bens interligava estas regiões (Church 1996:405).

A civilização chachapoya se desenvolveu na região andina do norte peruano, especificamente no interflúvio das bacias do Alto Marañón e Huallaga, tendo estendido sua área de influência para o sul até a altura da Cordilheira Branca (Church 1996; Guengerich 2014). As culturas chorrera (costa equatoriana) e chachapoya (Andes peruanos) eram ao menos desde do segundo milênio a.C. conectadas através dos Andes principalmente via “Pastaza-Utcubamba” ou via “Cerro Narrío – Pirincay – Upano”, que era controlada no Médio Marañón pelas populações bagua e huayurco (Church 1996:573; Zeidler 2008:480-482; Clasby 2014). Igualmente, existia uma conexão interligando a costa com Chachapoyas via “Piura-Huancabamba”, intermediada no Marañón pelas populações da culturas huayurco. Neste sentido, os huayurco e os bagua eram os grandes mediadores de bens que circulavam pela esfera de interação circum-Marañón, e também mantinham entre si estreitas relações. Enfim, as conexões “Huayurco – Cajamarca – Chavin – Huancayo - Ayacucho – Marcavalle/Cusco” (via Alto Marañón e Mantaro) e “Bagua – El Pajatén – Uchiza – Kotosh – Ayacucho – Marcavalle/Cusco” (via Huallaga e Mantaro) deveriam ser as duas principais vias andinas de trânsito de bens desde o Equador e costa norte peruana até o vale de Cusco e a bacia do Titicaca (cf.: Hocquenghem 1993, Church 1996); a rota amazônica deveria seguir através do Huallaga (Yurimaguas-Uchiza-Naranjillo) e depois através da bacia do Ucayali (Aguaytía-Pucallpa-

Sivia) até Cusco. Durante a era cristã, a porção dos Andes equatorianos que servia como um nódulo central da esfera de interação circum-Marañón no trânsito de bens entre a costa equatoriana e a bacia do Médio Marañón teria passado a ser controlada pelos produtores das culturas cosanga, cañari e panzaleo (Renard-Casevitz *et alii* 1988; Bravo 2005:325; Ochoa 2007:473) a partir da vertente esquerda e pelos chachapoya a partir da vertente direita do Marañón (Guffroy 2006:353).

Desde sua emergência, os chachapoya eram um dos principais grupos que controlavam nódulos importantes desta esfera de interação circum-Marañón (Guengerich 2014:272-273), tendo sido fortemente influenciados pelas populações amazônicas do Médio Marañón como aquelas produtoras da cultura bagua; igualmente, mantinham estreito contato com as populações da bacia do Huallaga, como foi documentado com os históricos cholón-hibito (Church 1996). É interessante notar que a interação com a civilização wari parece ter sido limitada, pois são poucas as influências observadas, e o mesmo teria se dado durante o império incaico, que teria tido enormes dificuldades para conquistar esta região, demonstrando que eles mantinham controle absoluto desta região estratégica que interligava os Andes Centrais ao médio curso do rio Marañón através da rota pré-hispânica do Utcubamba, uma das principais utilizadas pelos grupos caravaneiros trazendo bens oriundos do norte (Garcilaso 1609 *apud* Guengerich 2014:31-32;37).

Church (1996:403-404) detectou uma forte relação cultural entre o vale do Alto Upano (na Montanha equatoriana) e a região de Chachapoyas (nos Andes norte peruanos) desde ao menos 800 a.C.; por exemplo, as semelhanças entre a cerâmica suitacocha (da vertente direita do Alto Marañón) e as coetâneas do Alto Upano são, nas palavras dele, “precise and, therefore, difficult to dismiss regardless of what criteria archaeologists believe paramount for comparative analyses”. Igualmente, Church (1996:400/531) observou inúmeras semelhanças entre a cultura bagua (do Baixo Utcubamba, afluente direito do Médio Marañón), as fases coetâneas da cultura cajamarca (da vertente esquerda do Alto Marañón) e a fase suitacocha da cultura chachapoya. Tudo isto revela que uma forte esfera de interação interligando a Montanha centro equatoriana do vale de Upano e os yungas norte peruanos da região de Chachapoyas já estava fortemente estabelecida desde ao menos 800 a.C.. Clasby (2014) também observa uma estabilidade marcante das populações produtoras da cerâmica huayurco entre 800 a.C. e 600 d.C. e que, mesmo sendo evidentes as evoluções endógenas que demonstram sua independência com relação às populações circundantes, as influências exógenas apontam que populações da bacia

do Médio Marañón estariam fortemente conectadas entre si. Esta relação é visivelmente evidente entre as populações das bacias do baixo Utcubamba (no Médio Marañón), do Alto Marañón (produtoras da cerâmica cajamarca) e do Ucayali (produtoras da cerâmica shakimu), as quais, por sua vez, estavam fortemente conectadas com populações de Paita (na costa norte peruana) e dos Andes equatorianos (catamarca e puruha), um fato confirmado pela existência de intercâmbio de inúmeros estilos e técnicas diagnósticas das cerâmicas destas populações.

Entre 700 a.C. e 400 d.C. a intermediação entre as sociedades com organização sócio-política do tipo cacicado da costa equatoriana e do vale do Alto Upano (bacia do Marañón) teria se intensificado e provavelmente envolveu as sociedades produtoras da cerâmica narrío, estabelecidas na bacia do rio Cañar, que desemboca no Golfo de Guayaquil. Vale destacar que haviam vias importantes interligando o alto Cañar com o vale do rio Paute, um dos formantes do Upano (Rostain 1999:74; Salazar 2008:263; Bruhns 2010:689-690). Desde então, passou a existir uma intensa rede comercial entre as duas vertentes da bacia do Marañón, interligando os Andes equatorianos com Chachapoyas (Guffroy 2006:353).

Segundo Clasby (2014) a cerâmica huayurco, da região de Jaén, também apresenta influências de culturas precedentes da bacia do Marañón (mayo-chinchi, bagua, huacaloma, huancabamba), dos Andes equatorianos (catamayo, puruha) e da costa norte peruana (paita, sechura, cupisnique). Segundo este autor (Clasby *id.*:386-387/392/494), esta população teria firmado fortes relações comerciais com os Andes equatorianos a partir de 300 d.C. (i.e., durante a produção das suas fases tardias), principalmente com os produtores das cerâmicas das tradições puruha e cosanga-panzaleo. Por outro lado, as semelhanças são muito mais expressivas com as cerâmicas do rio Utcubamba (bagua, el salado) e da costa (paita, sechura) durante as fases anteriores (Clasby *id.*:323-324/331/378), o que pode ser reflexo de influência de Huayuco em Bagua e da existência de uma forte coesão regional (*id.*:328/344/360-362). Importantes semelhanças com a cerâmica suitacocha indicam que houve intenso contato entre a região de Jaén e Chachapoyas (*id.*:305-310). Shady (1999) e Clasby & Meneses (2013:306/321-322) já haviam observado que a bacia do Chinchipe era uma zona de trânsito importante interligando a Costa, a Amazônia e os Andes equatorianos e peruanos e teria sofrido constantes transformações entre 100 d.C. – 600 d.C., motivada pelo incremento do trânsito e intercâmbio inter-regional. As raras semelhanças tanto das cerâmicas de Bagua e Huayurco com a da tradição chambira do Baixo Marañón parece indicar que a rota de intercâmbio não

descia com frequência até o Alto Amazonas, mas se direcionava pelos vales do Utcubamba e Huallaga, atravessando assim pelo território chachapoya (Clasby 2014:330).

Outro fato relevante é a existência de semelhanças suficientemente específicas da cerâmica upano (caracterizada por decorações incisadas e bandas vermelhas) com a cerâmica da tradição cumancaya do Alto Ucayali (DeBoer 2003:297). Rostain & Saulieu (2013:77) correlacionam este fato com a imigração de parte da sociedade upano para a bacia do Ucayali, pois entre 400 d.C. – 600 d.C. uma forte erupção do vulcão Sangay (nos Andes equatorianos) teria provocado uma completa evasão das populações da bacia do Alto Upano, as quais não teriam voltado a ocupar região; é justamente neste período que a cerâmica cumancaya emerge no Médio Ucayali. Do mesmo modo, Raymond (1972:201) associa a cerâmica da cultura sivia da bacia do Pachitea com a tradição cumancaya, enquanto que Lathrap *et alii* (1985:68) associam esta mesma cerâmica com aquela da cultura kuelap de Chachapoyas. Todas estas informações se constituem como indícios robustos de que a erupção do vulcão Sangay teria causado uma dispersão de populações anteriormente localizadas na bacia do Alto Upano para os yungas peruanos e as bacias do Huallaga e do Ucayali. Embora Lathrap *et alii* (1985:83 *apud* Church 1996:97) tenham relacionado estas populações do vale de Upano com os proto-kechua, nenhuma evidência concreta foi apresentada a respeito.

A partir de 700 d.C. houve uma grande ruptura em todas as relações de intercâmbio que até então eram mediadas pelo Marañón. Tal fato está diretamente relacionado com a invasão a partir da Amazônia dos produtores das cerâmicas muintzentza e huapula, que deve ter sido através da guerra e não via interação pacífica, contrariando a ideia de Porras (1975) de uma colonização lenta e pacífica por estes povos na região (Gruffroy 2004; Saulieu 2013:86/95). Os produtores da cerâmica huapula são atribuídos aos proto-jivaro (Guffroy 2006; Rostain 2006), os quais teriam avançado até as regiões de Loja e upano (Guffroy 2004:179; Rostain & Saulieu 2013:129). De fato, há mais evidências a favor desta hipótese, como (i) o baixo grau de diversificação linguística da família jivaro, (ii) a constatação da natureza aguerrida das sociedades jivaro e (iii) a correlação de que os palta de Loja eram de origem jivaro, com base em dados etnográficos e relatos etno-históricos.

Isto pode explicar o colapso praticamente concomitante das culturas upano, moche (200 -850 d.C.), recuay (200 a.C. – 600 d.C.) e vicús (200 a.C. – 700 d.C.) do centro-norte peruano, o qual teria provavelmente se iniciado com um evento climático devastador engatilhado pelo El Niño no século VI d.C. e, dois séculos depois pela invasão de culturas amazônicas na bacia

do Marañón, das quais se destacam os ancestrais dos proto-jivaro, marcando o fim do período intermédio inicial (ou de desenvolvimento das culturas regionais) nos Andes e na costa.

“Around the seventh or eighth century AD an important rupture, marked by the disappearance of the old cultural features, occurred in eastern Loja province, such as in several other sectors of the eastern slopes (basins of the Chinchipe, Zamora, Upano, Paztaza, Chambira rivers). It coincides with the arrival in the area of new populations using corrugated wares (Guffroy 2004).” (Guffroy 2008:899-900)

De fato, utilizando o modelo desenvolvido por Bennett Bronson (1995), sobre o papel da expansão periférica de grupos nômades beligerantes no colapso de civilizações antigas, Rosas Rintel (2007:235) demonstrou que a pressão externa exercida pela invasão de populações de origem amazônica na bacia do Alto Marañón durante o século VIII d.C., diretamente associadas aos proto-jivaro, teria sido um dos motivos centrais do rápido colapso da civilização moche da costa norte peruana. Segundo Bronson (*op.cit.*), não é necessário haver um embate militar direto para provocar a ruptura de uma civilização complexa; apenas a desestabilização da periferia – uma região necessária ao ‘equilíbrio homeostático’ de qualquer ‘sistema complexo’ em virtude do *input* necessário de insumos (ou ‘energia’) que ela viabiliza a este sistema – engatilha outros processos de desestabilização associados com sua própria estrutura interna. Assim, uma tal desestabilização na periferia da área de influência da civilização moche, na Costa norte peruana, teria gerado uma maior competição interna das elites locais, o que resultou na intensificação de práticas impopulares de subordinação que acabaram por promover a sua autodestruição.

Semelhanças observadas entre a cultura chachapoya e aquela dos Palta-Bracamoro dos yungas equatorianos provavelmente estejam relacionadas com o processo expansivo dos proto-jivaro para esta região antes controlada por populações afins aos chachapoya (Guffroy 2006:353). Saignes *et alii* (1988:205) observa que a partir do século XI d.C. algumas rotas entre os Andes equatorianos e Chachapoyas tinham sido retomadas e estavam sob intenso controle importante de populações oriundas de Cañar e Azuay, provavelmente produtoras da cultura kañari. Vários dados etno-históricos estão notadamente relacionados com esta esfera de interação. Eriksen (2011:42-44) aponta, por exemplo, que os puruha, kañari, kara, yumbo e kijo, localizados na porção centro-sul dos Andes equatorianos e vale do Alto Upano, ativamente intercambiavam produtos (sal, algodão, pimenta, coca, ouro, penas, peixe, mantas e fibras vegetais) com populações amazônicas e costeiras.

É importante frisar que o sal – ao lado do ouro, do *Spondylus*, da obsidiana e da coca – era um dos itens de comércio mais bem valorados nos Andes equatorianos e peruanos.¹³⁶ Duas das principais fontes deste bem eram a bacia do Huallaga e o Cerro de la Sal. O Cerro de la Sal é um complexo montanhoso localizado a leste do lago Junin em pleno território ancestral dos yanexa, um grupo etnolinguístico arawak conhecido desde tempos coloniais como comerciantes de sal. O sal do Huallaga era, por outro lado, explorado e comercializado pelos cholon (Brinton 1891:243 *apud* Alexander-Bakkerus 2005:32).¹³⁷ A necessidade do sal era tal que existiam rotas desde estas regiões para diversos pontos dos Andes peruanos e equatorianos. Durante a época colonial o comércio deste sal desde a bacia do Baixo Marañón até os Andes equatorianos era realizado principalmente pelos kijo, através do vale de Huasaga (afluente da vertente esquerda do Baixo Marañón) (Reeve 1993:125 *apud* Eriksen 2011:49-50).¹³⁸

Embora não exista documentação a respeito da língua falada pelos chachapoya, a análise toponímica da região dá algumas indicações de que esta população seria etnolinguisticamente relacionada aos cholon-hibito. O QUADRO abaixo apresenta alguns topônimos de Chachapoyas analisados a partir das línguas cholon e hibito:

QUADRO 10. Análise toponímica de Chachapoyas com base nas línguas cholon-hibito

| LÍNGUAS | CHACHA (CHACHAPOYAS) | CHOLON-HIBITO |
|-------------------|--|---------------------------------|
| terra/vale | -mal: | CLN mol ‘terra/solo’ |
| | utʃu-mal ‘vale da pimenta’ | CLN utʃ ‘pimenta’ |
| | os-mal ‘vale da cabaça’ | CLN uts ‘cabaça’ |
| | ʃu-mal ‘vale da onça’ | HBT ʃu ‘onça’ |
| rio | -gat(e): | CLN kot, HBT katʃi ‘rio/água’ |
| | lon-gate ‘rio dos homens’ | CLN lun ~ nun, HBT nuum ‘homem’ |
| lugar | -(l)(a)p: | CLN -(a)p ‘DLT’ |
| | kul-ape ‘lugar de algodão’ | CLN kul ‘algodão’ |
| | ul-lap ‘lugar de cobras’ | CLN ul ‘cobra’ |
| | kuel-ap ‘lugar de paredes’ = ‘fortaleza’ | CLN kueʌ ‘parede’ |
| | tola-p ‘lugar de tolas’ ¹³⁹ | |

¹³⁶ Os kara, por exemplo, frequentemente o consumiam com a coca (Murra 1946:795 *apud* Eriksen 2011:43; Eriksen 2011:43).

¹³⁷ Além do sal, os cholon eram tradicionalmente produtores e comerciantes de coca, sendo o vale do Huallaga um dos prováveis locais de sua domesticação (Alexander-Bakkerus *id.*:33).

¹³⁸ Por outro lado, os kara e os yumbo (ambos de filiação linguística barbakoa) dominavam as rotas de intercâmbio deste bem desde os Andes equatorianos respectivamente para os Andes e a Amazônia sul-colombianos.

¹³⁹ A tola é uma árvore típica da região de Chachapoyas.

Esta postulação é reforçada por informações etno-históricas, onde se observam claras evidências de que os cholon e os hibito eram conhecedores das rotas de comércio com assentamentos importantes de Chachapoyas durante o período pré-incaico, como Cajamarquilla (Eriksen 2011; Guengerich 2014:37).

Pode-se também fazer uma associação das informações arqueológicas apresentadas nesta seção com a seguinte hipótese de Torero (2002), levantada a partir da observação de certas terminações toponímicas comuns aos territórios kañari/puruha (Andes equatorianos) e chachapoya:

“[H]acemos constar el notable parecido fonético que encontramos entre los topónimos de las zonas puruguai y cañar que acaban en **-cate** y **-cote** o **-cud** (o **-gate** y **-gote**) con los del área toponímica de la sierra norteña peruana que denominamos precisamente *cat*, tales como puruguai **Pucate**, **Pulucate**, **Pullincate**, **Bushcud**, **Guis cud**; cañar **Coligate**, **Shingate**, **Alcote**, **Babalcote**, **Lalcote**, **Malcote**; así como los finales en **-cán** o **-cón** (o **-gán** o **-gón**), también característicos del *cat*. Vemos aquí una pista consistente para indagar la probable existencia de una lengua general usada desde la sierra surcentral ecuatoriana hasta la sierra norcentral peruana en tiempos previos a la difusión del kechua por esos extensos territorios.” (Torero 2002:371-372)

Como o autor aponta, tais paralelos representam indícios de que estas regiões teriam sido ocupadas por populações etnolinguisticamente aparentadas ou de que nestas regiões se utilizava uma mesma língua geral, provavelmente veiculada através das já mencionadas rotas de intercâmbio pré-históricas.

Uma última colocação, mas nem por isto menos importante, é a de que alguns termos kañari podem ter origem mochika: **KÑR** neŋa ‘rio’, **MCK** neŋ ‘id.’; **KÑR** usi ‘campo’, **MCK** uŋ ‘id.’; **KÑR** don ‘céu’, **MCK** tuni ‘mundo/tempo’¹⁴⁰. Algumas nomenclaturas de origem kañari podem, de fato, ser de origem mochika, como sayausi (**MCK** saj(o) ‘milho’ + **MCK** uŋ ‘campo’ = ‘campo de milho’) e udusi (**MCK** ut ‘pimenta’ + **MCK** uŋ ‘campo’ = ‘campo de pimenta’). Algumas terminações toponímicas de Puruhá também podem ser de origem mochika: **PRH** -kon/-gon, **MCK** kono ‘caminho’; **PRH** -lag, **MCK** leŋ ‘água’; **PRH** -bug, **MCK** poŋ ‘grupo de seres vivos’. Tal constatação coaduna perfeitamente com as inúmeras rotas pré-incaicas de intercâmbio que interligavam as referidas regiões e às excelentes paridades observadas entre as cerâmicas dos sítios arqueológicos destas mesmas zonas.

¹⁴⁰ Para os termos kañar, cf.: Jijón y Caamãno 1940-1945, Paz y Miño 1961.

3.3.2.8. Andes Centrais e seu entorno

Alguns arqueólogos (Silverman 1996; Mohr Chávez 1977, 1981:327-331) têm observado a formação de uma esfera de interação bastante antiga centrada no vale de Cusco a partir de 1600 a.C., com o surgimento de sociedades agricultoras da cultura marcavalle, fortemente influenciada por culturas cerâmicas mais antigas, como tutishcainyo, do Médio Ucayali (Lathrap 1970), de modo que seria plausível assumir uma colonização dos yungas do Departamento de Cusco, em parte, por populações amazônicas produtoras da cultura tutishcainyo e sua miscigenação com populações locais. Tal fato corresponde à concomitante introdução de plantas cultiváveis de origem amazônica na região. Esta esfera de interação teria se expandido, interligando o vale de Cusco com distintas regiões, dentre as quais (Silverman 1996:112; Mohr Chávez 1981:331):

- a porção ocidental da bacia do Titicaca – onde já estariam estabelecidas populações produtoras da cultura cerâmica qaluyu;
- a região de Andahuaylas (Departamento de Apurímac) – onde se desenvolvia concomitantemente a cultura muyu moqo;
- a região de Ica (vales de Hacha e Erizo) – onde se desenvolvia a cultura paracás;
- a região de Chachapoyas.

Em vista disto, emergiu uma grande esfera de interação arcaica, participada pelas sociedades produtoras das culturas marcavalle, qaluyu, paracás, manachaqi, muyu moqo, cueva de las lechuzas e kotosh-wairajirca (Mohr Chávez 1981; Church 1996:568-569). A partir do interesse mútuo de intercambiar produtos produzidos nestas diferentes zonas ecofisiográfica houve uma complexificação do padrão de consumo de todas estas culturas e suas populações teriam se tornado, em virtude disto, codependentes. Neste âmbito, Marcavalle acabou se conformando como um dos nódulo centrais de mediação dos bens oriundos de todas estas culturas (camélidos, da bacia do Titicaca; obsidiana e ouro, em Ica; peixe, do Titicaca e do Pacífico; plantas cultivadas, dos yungas; caça, penas e mel, dos yungas e da Amazônia) (Mohr Chávez 1977:1080-1086; Church 1996; Robinson 1994; Tripcevich 2007; Salcedo Camacho & Molina Morote 2012).

“Cross-cutting longitudinal montane forest interaction spheres, more narrowly targeted east-west interaction spheres linked Upper Huallaga Kotosh and Upper Urubamba

Marcavalle populations to Amazonian Central Ucayali societies.” (Church 1996:568-569)

Na bacia do Titicaca, Qaluyu era uma das culturas centradas tanto no pastoreio de camélidos (dada a grande quantidade de ossadas destes animais encontradas nos seus sítios) como no cultivo da batata e da quinoa¹⁴¹. A presença significativa de camélidos em Marcavalle representa um indício marcante de que este era um dos principais bens intercambiados com Qaluyu (Mohr Chávez 1977:1085-1086; Robinson 1994; Tripcevich 2007; Salcedo Camacho & Molina Morote 2012). Além disto, as inúmeras semelhanças estilísticas observadas entre as culturas marcavalle-pikicallepata e qaluyu certamente representam desdobramentos da forte integração de seus produtores na referida esfera de interação. Tais semelhanças são fundamentalmente decorrentes da marcada presença de elementos diagnósticos da cultura marcavalle na zona cultural qaluyu.

No mesmo período que emergiram as culturas marcavalle e qaluyu respectivamente no vale de Cusco e porção ocidental do vale do Titicaca, as culturas chiripa e wankarani estariam emergindo na face oriental deste lago, as quais dependiam, igualmente como qaluyu, do pastoreio e do cultivo de tubérculos e quinoa. Chiripa e wankarani, por outro lado, formavam uma esfera de interação interligando as sociedades localizadas ao sul do lago Titicaca, dirigindo sua influência e circuito caravaneiro aos vales bolivianos de Cochabamba e chilenos de Tarapacá e Loa (Ayala 2001).

A forte influência da cultura marcavalle na bacia do Titicaca teria feito emergir a tradição pukara (500 a.C. – 500 d.C.) em plena zona cultural qaluyu. Tal tradição, marcada pelo sincretismo de elementos das culturas marcavalle e qaluyu, acabou por suplantar a anterior (Plourde & Stanish 2006). A emergência da tradição pukara é concomitante com a alteração do centro de poder do vale de Cusco (onde se destacava a produção agrícola) para a bacia do Titicaca e com o início da grande transformação cultural desencadeada nos Andes Centrais. Desde então, esta tradição teria passado a influenciar as demais culturas da bacia do Titicaca, de parte dos yungas peruanos e dos vales costeiros do sudoeste peruano (Moquegua, Camana, Arequipa e Ica). Pukara teria, assim, ainda durante a segunda metade do primeiro milênio a.C., se tornado o centro de uma grande esfera de intercâmbio regional (Mohr Chávez 1977; Ayala 2001; Levine 2012:332). A emergência da cultura tiwanaku (fases tiwanaku I-III) e do

¹⁴¹ A domesticação de camélidos andinos ocorreu provavelmente durante o quarto milênio a.C. na bacia do Titicaca.

subsequente império está, de fato, diretamente vinculada à referida difusão da cultura pukara pela bacia do Titicaca e à consequente fusão desta com as demais culturas locais (chiripa, wankarani, etc.) a partir de 300 a.C.. Deste novo processo sincrético teria emergido o complexo cultural e cosmológico denominado “tradição religiosa Yayamama” – o qual teria servido como base fundamental para a constituição da religiosidade dos impérios que posteriormente emergiram nesta região (tiwanaku, inca); sua influência foi tal que desde ao menos 200 d.C. ele já se estendia por toda a porção centro-sul andina (Mohr-Chávez 1988:24; Rex González 2004; Korpisaari & Pärssinen 2011:27-28).

Paralelamente, a região do Alto Marañón, onde se desenvolvia a cultura cupisnique-chavin (1500 a.C. – 200 a.C.), se conformava como um dos polos centrais da emergente macroesfera de interação dos Andes Centrais (cf.: Mohr Chávez 1977:1089). Os registros arqueológicos apontam que a influência chavin na esfera de interação circum-Titicaca teria se dado inicialmente na zona costeira (Departamento de Ica), mas durante a segunda metade do primeiro milênio a.C. os reflexos da cultura chavin já eram nítidos também na bacia do Titicaca. Igualmente, a presença de camélidos nos Andes norte-peruanos durante este período, embora ainda incipiente, se caracteriza como importante prova de que já existia alguma interação entre as duas grandes esferas de interação dos Andes Centrais (circum-Marañón e circum-Titicaca) desde ao menos o primeiro milênio a.C..¹⁴² Por outro lado, a enorme quantidade de restos de camélidos em sítios arqueológicos dos Andes norte-peruanos datados após o período chavin (no Alto Marañón a partir de 200 a.C. e em Chachapoyas a partir de 200 d.C.) demonstra que estes animais teriam assumido desde então importância central como animais de carga ao longo de todos os Andes Centrais (Church 1996:541/613).¹⁴³

Como mencionado acima, a civilização tiwanaku emergiu durante o início da era cristã a partir da fusão de diferentes culturas regionais circum-Titicaca e da consequente difusão da “tradição religiosa Yayamama”. Esta civilização era caracterizada por um supra-sistema de controle relativamente descentralizado, executado a partir de uma redistribuição de poder para as colônias, implantadas em regiões estratégicas de intercâmbio (Cochabamba, Moquegua); a estas colônias era atribuída, neste sentido, certa independência sobre o controle de regiões

¹⁴² A presença de camélidos nas terras baixas da bacia do Marañón (Clasby 2014:479) também se constitui como prova de que tais animais eram igualmente utilizados nesta região como animais de carga.

¹⁴³ Isto pode ser um indicativo de uma possível colonização do noroeste peruano por sociedades circum-Titicaca, visando o controle e o trânsito dos rebanhos de camélidos.

satélites (p.ex.: Mizque e Omereque, no caso de Cochabamba; Arica e Ilo, no caso de Moquegua) (Uribe Rodríguez & Agüero Piwonka 2004). Tais culturas regionais, embora tenham permanecido de certo modo independentes, estiveram desde então subordinadas a um macro-sistema, evoluindo com ele de modo sincrético (Janusek 2004:123). A existência de diferenças importantes entre os sítios arqueológicos correntes durante o período dos reinados aymara (que sucederam o império tiwanaku) justamente representam indícios de uma ancestralidade multicultural/multiétnica remanescente da civilização tiwanaku (cf.: Portugal Loayza 2011).

Com a fragmentação praticamente simultânea dos impérios wari e tiwanaku (um evento climático ocorrido entre os séculos X e XI d.C. e responsável por uma estiagem extrema nos Andes Centrais teria desintegrado ao mesmo tempo ambos impérios), houve um período de quatro séculos (XI-XV d.C.) marcado pelo surgimento de inúmeras sociedades independentes e rivais que competiam pelo domínio regional (Minkes 2005:105; Ortloff 2009). Algumas destas ‘cidades-estados’ eram certamente controladas por elites locais colonizadoras, de origem wari ou tiwanaku; outras emergiram a partir da reorganização de grupos étnicos locais outrora subordinados aos impérios (Andrien 2001:14; Moseley 1992; Bauer 2004; Covey 2006). Dentre as regiões onde se observa claramente multiétnicidade após o colapso destes impérios destaca-se o vale do Vilcanota, onde se situa Cusco, a capital do império incaico (Church 1996:109-110; Bauer 2004; Dean 2005; Covey 2006). O sistema ‘ceque’ que existiu em Cusco durante o império inca (Zuidema 1964) reflete, de fato, um modo de organização social baseado na reciprocidade de distintos grupos étnicos e, conseqüentemente, na natureza multiétnica/multicultural existente na zona. Este sistema é provavelmente remanescente de sistemas pré-incaicos semelhantes, que igualmente fundamentavam a natureza multiétnica dos impérios wari e tiwanaku. Entretanto, enquanto durante os impérios wari e tiwanaku as sociedades regionais se mantiveram relativamente descentralizadas, a partir da emergência do império incaico a centralização política teria se intensificado visivelmente, tendo havido um rápido controle imperial dos principais núcleos de trânsito de bens das rotas de intercâmbio pré-existentes (Rivera 1975; Moseley 1992; Church 1996:610; Stanish 2003; Plourde & Stanish 2006; Levine 2012; Vranich & Stanish 2013).

3.3.2.9. A esfera de interação transandina dos Andes Centrais

Vários arqueólogos concordam que a faixa litorânea entre Ilo e Antofagasta foi durante milênios povoada pelos produtores da cultura pré-cerâmica chinchorro (populações pescadoras, caçadoras e coletoras fundamentalmente orientadas para os recursos marítimos) e que a agricultura teria chegado nos vales costeiros sul peruanos e norte chilenos somente durante a segunda metade do primeiro milênio a.C. através de contatos estabelecidos com populações andinas; é neste período que teriam sido introduzidas na região algumas plantas domesticadas em contexto amazônico (mandioca, abóbora e batata-doce, mucuna, etc.) (Rivera 1975:12/27-28; Rivera & Rothhammer 1986; Muñoz Ovalle 2004).¹⁴⁴ É a partir deste mesmo período que semelhanças importantes em estilos de tecelagem e em técnicas de produção cerâmica envolvem culturas da bacia do Titicaca (pukara, chiripa, wankarani) e da costa sul peruana (Muñoz Ovalle 2004). As influências andinas ocorridas nos vales de Azapa e na costa de Arica entre 100 a.C. e 400 d.C. foram fundamentalmente mediadas pelas populações do vale de Moquegua, de modo que este vale já funcionava ao menos desde o primeiro milênio a.C. como uma das principais rotas andinas para o litoral sul peruano (Ayala 2001:32-33).

A civilização paracas (800 a.C. – 1 d.C.) floresceu na região de Ica após seus precursores terem desenvolvido um alto poder de manejo hídrico nos vales desta zona, caracterizada por sua extrema aridez. Durante seu apogeu, os paracas teriam expandido substancialmente sua zona de influência para Chíncha, Arequipa, Huancavelica e Ayacucho, passando a empreender relações comerciais com regiões tão distantes como Lima e Cusco (Isla Cuadrado & Reindel 2006). Paracas influenciou profundamente sua sucessora regional, a cultura nasca (100 a.C. – 650 d.C.). Os nasca herdaram parte da hegemonia conquistada pelos paracas e mantinham, particularmente, um estreito relacionamento com os warpa do vale do Mantaro (MacNeish *et alii* 1975). Em suas fases finais, a cultura nasca teria sido visivelmente influenciada pela civilização moche da costa norte peruana (Proulx 1994; Silverman & Proulx 2002:92-93).

Durante a segunda metade do primeiro milênio d.C., com o desfalecimento da cultura nasca, a região de Ica foi colonizada por populações de diferentes culturas (wari, chincha, sicán,

¹⁴⁴ A gênese das populações costeiras do sul do Peru teria decorrido, também, da presença de imigrantes amazônicos no local, pois existe uma correlação direta entre a introdução de uma cultura mista pescadora-agricultora e uma brusca alteração na configuração do padrão genético da população local, vinculada ao aumento das proporções do haplogrupo C do DNA mitocondrial, comum na bacia do Alto Amazonas (Rothhammer *et alii* 2009).

chimú), tornando-se um dos principais polos de comércio marítimo do litoral peruano (Shimada 2000, Shimada & Craig 2013). Depois de seu êxodo para o altiplano de Ayacucho, os descendentes dos nasca teriam se miscigenado com os wari, do que teria resultado na emergência de uma população híbrida wari-nasca-acari via etnogênese (Isbell 2010; Jennings 2012). Esta população teria, então, imigrado através dos altos vales costeiros do sul peruano até as imediações de Moquegua, influenciando fortemente as sociedades locais coetâneas.

A emergência da civilização wari, centrada em Ayacucho, representa um desenvolvimento sincrético dos produtores da cultura warpa do vale do Mantaro (uma sociedade agrícola do tipo cacicado), resultante tanto da forte interação que os warpa mantinham tanto com os nasca e outras sociedades da bacia do Mantaro como da influência da ‘tradição religiosa Yayamama’ oriunda da bacia do Titicaca, remanescente de pukara e tiwanaku I-III (Dwyer 1971; MacNeish *et alii* 1975; Leoni 2000; Isbell & Silverman:2006b:200; Isbell 2010; Tantalean 2013:105-106). O império wari teria se expandido principalmente para as regiões de Arequipa e Cusco, onde teriam fundado Pikillaqta, seu segundo maior centro administrativo.

Segundo Meyers (2002:69-70) o surgimento praticamente simultâneo das civilizações wari e tiwanaku no século V d.C. fortaleceu grandemente a circulação de bens pelos circuitos de intercâmbio preexistentes nas suas respectivas áreas de influência e isto teria sido o principal motivo da disseminação de suas práticas ideológicas nestes âmbitos. A região da bacia do Titicaca teria se tornado um grande centro agropecuário com intensa atividade caravaneira de transporte de bens através do altiplano e entre o altiplano e os yungas (costeiros e amazônicos). Os principais bens transportados eram sal, obsidiana, coca, lã, tecidos, penas, peles, algodão, madeira, alimentos, medicinas e bens de prestígio (*Spondylus*, *Strombus*, ouro, pedras semipreciosas).

Jennings (2012:180-181) observa que o controle imperial wari nas regiões de Nasca e Arequipa durante os últimos séculos do primeiro milênio d.C. foi marcado pela rejeição das populações locais, as quais já se encontrariam vinculadas ao complexo etno-cultural wari-nasca-acari, pré-existente. Isto teria provocado a imigração de parte destas populações para o litoral sul peruano, onde teriam se integrado na esfera de influência da civilização tiwanaku.

Neste âmbito emergiu a cultura maytas-chiribaya (700 d.C. – 1380 d.C.).¹⁴⁵ Por outro lado, a gênese da cultura ilo-tumilaca-cabuza (900 d.C. – 1380 d.C.) pode ser decorrente da miscigenação de descendentes dos wari-nasca-acari estabelecidos no vale do Osmore-Tumilaca com populações costeiras produtoras da cultura chinchorro. Índícios desta alegação são (i) a existência de características diagnósticas das culturas nasca e wari-nasca-acari nos tecidos produzidos pela cultura ilo-tumilaca-cabuza e (ii) a presença nesta cultura de características de adaptação à vida em ambiente marinho semelhantes às observadas na cultura chinchorro (cf.: Goldstein 2000, Silverman & Proulx 2002:92-93, Minkes 2005:103-104/258).¹⁴⁶ Mais tardiamente, se observa uma tendência à fusão dos padrões das culturas ilo-tumilaca-cabuza e nos vales do sul-peruanos e norte-chilenos. As elites locais maytas-chiribaya provavelmente se serviam de mediadores entre a civilização tiwanaku e os produtores da cultura ilo-tumilaca-cabuza.

A presença tiwanaku no vale de Moquegua parece ter sido mais tardia, e os efeitos da influência desta civilização nos vales costeiros do sul peruano e norte chileno, observados nas culturas cabuza e maytas-chiribaya, teriam se intensificado somente a partir do século X d.C., decorrentes de movimentações populacionais vinculadas justamente à fragmentação do império tiwanaku (Cassman 1997; Rothhammer & Santoro 2001; Korpisaari *et alii* 2014) e, provavelmente, relacionados à emergência de reinos aymara na região circum-Titicaca. A partir de então, populações da cultura ilo-tumilaca-cabuza e outras correlatas passaram a recusar a estética e ideologia tiwanacota e a desenvolver valores estéticos locais (Minkes 2005:105-107). No século XIV d.C. esta região foi atingida pelo mais intenso período de aridez associado ao El Niño desde o início do formativo. Isto teria dizimado a maioria dos assentamentos humanos ali existentes, obrigando os sobreviventes a se refugiarem para as partes altas, onde teria emergido a cultura estuquiña, de caráter híbrido local (Minkes *id.*:110-111). Durante o império incaico e o período colonial a região tratada nesta seção, denominada Colesuyu pelos incas, era

¹⁴⁵ A cultura maytas-chiribaya, produzida por grupos étnicos afins, parece ter sido originalmente costeira, porém, fortemente influenciada pelas culturas altiplânicas pukara e tiwanaku (Minkes 2005).

¹⁴⁶ O aumento gradativo do haplogrupo B do DNA mitocondrial – característico das populações dos Andes Centrais e da bacia do Alto Ucayali – observado nas populações do vale de Moquegua (costa sul peruana) a partir do século VIII d.C. e naquelas do vale de Azapa (costa do extremo norte chileno) a partir do século XI d.C. sugere fortemente que processos de colonização estariam ocorrendo nas referidas regiões respectivamente durante os impérios wari/tiwanaku e após os seus colapsos (Rothhammer *et alii* 2009).

habitada por ao menos dois grupos étnicos distintos: os koli, nas serras, e os chango, na região costeira.

Uma última menção, mas nem por isto menos relevante, é com relação à existência de enormes geóglifos representando animais, pessoas e desenhos geométricos ao longo dos vales costeiros do sul do Peru e do norte do Chile (Nasca, Moquegua, Azapa, Tarapacá, Calama) (Clarkson & Briones 2001). A identificação desta característica marcante e diagnóstica representa um indício importante de que as populações pré-históricas destas regiões compartilhavam, também, aspectos cosmológicos.

3.3.2.10. A rota marítima de interação através do Pacífico

Estudos genéticos (Fehren-Schmitz *et alii* 2010, 2011, 2011, 2014) apontam que até o início da segunda metade do primeiro milênio d.C. existia um marcado contraste entre as populações dos vales e costa do Pacífico com aquelas das regiões altiplânicas contiguas, não sendo observados indícios de fluxos de contingentes populacionais entre estes âmbitos. Além disto, até então, as populações da costa eram geneticamente bastante semelhantes entre si (onde predominavam os haplogrupos A e D do DNA mitocondrial) e o mesmo fato se dava no altiplano (onde predominava e ainda predomina o haplogrupo B do DNA mitocondrial), o que coincide, neste aspecto e naquele período, com o modelo ‘horizontal de interação’ formulado por Rostworowski (1977:93) para populações costeiras e andinas. A partir da primeira metade do primeiro milênio d.C. os registros arqueológicos revelam uma amplificação das interações mediadas entre os Andes, a costa e a bacia do Alto Amazonas com a concomitante intensificação do interfluxo de produtos localmente produzidos nas esferas circum-Titicaca e circum-Marañón. Os nódulos estratégicos desta esfera de interação formavam um imenso circuito por onde circulavam bens produzidos localmente, mas cuja dinâmica ainda pouco se conhece. Entretanto, durante este período, estes núcleos permaneciam controlados por elites locais, não estando centralizados sob um único poder hegemônico.

A partir da emergência da civilização moche (100 d.C. – 700 d.C.), uma nova via de comércio interligando a costa sul e norte peruanas teria proporcionado uma intensificação das atividades comerciais entre os Andes Centrais e a costa norte-peruana. De fato, como observaram Butters & Uceda Castillo (2008:707-708) e Clasby (2014), os moche teriam

formado uma civilização multicultural que emergiu da interação de diversas culturas costeiras (virú, galinazzo, salinar, vicús), andinas (cajamarca, chachapoya, recuay) e amazônicas (huayurco, bagua), as quais teriam sido previamente influenciadas pelo complexo cultural cupisnique-chavin, o qual, por sua vez teria emergido a partir da conjunção de influências da costa (chorrera, casma) e dos vales do Marañón (pacopampa) e do Huallaga (mito, kotosh). Esta civilização se consolidou como centro de uma grande esfera de interação numa região aparentemente inóspita do Pacífico, na costa norte do Peru, conseguindo superar diversos desafios climáticos através do controle econômico e ideológico de suas elites sobre diversos grupos étnicos. A emergência do poderio das elites moche acabou suplantando as culturas vicús, virú e salinar, preexistentes na região costeira do norte peruano.¹⁴⁷

“This northwest-southeast corridor formed by the series of river basins is connected with tributaries which serve as communication routes, entering the northern and eastern highlands, both of relatively low altitude. (...) Therefore the Upper Piura Valley should be seen as an important node in a complex network” (Kaulicke 2006:91)

Apesar de que Rostworowski (1970) tenha hipotetizado uma rota de comércio marítimo desde a costa equatoriana até a costa sul peruana, Hocquenghem (1993) aponta que existem inconsistências importantes nos argumentos apontados por aquela autora, dentre os quais (i) a quase ausência de produtos culturais equatorianos nesta região do peru e vice-versa, (ii) a ausência de indícios de que os balseiros de chincha realizavam navegações de longa distância para o norte com o objetivo de comércio e (iii) a navegação no sentido norte-sul – contra a corrente de Humboldt e os ventos do sul – era extremamente difícil e perigosa para os navegadores espanhóis. De fato, os argumentos apontados por Rostworowski são fortes para contestar uma rota de comércio marítimo no sentido norte-sul pela costa peruana. Segundo Hocquenghem (1995), o único trecho marítimo provável deste comércio era apenas entre o Golfo de Guayaquil (no Equador) e Paita (no extremo norte do Peru), que seria efetuado pelos balseiros de Salango e Manta sem dificuldades.¹⁴⁸ As embarcações equatorianas foram, de fato, observadas unicamente até a baía de Sechura (Edwards 1960 *apud* Hocquenghem 1995). Entretanto, Hocquenghem (*op.cit.*) parece desconsiderar completamente a hipótese de que a

¹⁴⁷ A cultura vicús (do vale do Alto Piura) apresenta semelhanças importantes com a cultura la chorrera (Amaru 1994; Bawden 1996), que se desenvolveu na porção meridional dos Andes equatorianos (Departamento de Loja).

¹⁴⁸ É justamente a partir de Paita que a corrente de Humboldt se afasta consideravelmente da costa, não se constituindo mais como um obstáculo. Além disto, vale destacar que existem muitas semelhanças na cerâmica formativa de Paita com as da costa equatoriana (Church 1996:405).

rota marítima fosse utilizada unicamente (ou quase que unicamente) no sentido sul-norte. Em vista das colocações feitas até o momento, tal hipótese foi considerada no presente estudo como bastante plausível.

A semelhança, por um lado entre as balsas de totora do Titicaca com aquelas encontradas entre os chincha da costa sul-peruana e entre os moche da costa norte peruana sugere que haveria uma provável rota de produção destas balsas centrada no Titicaca, que eram comercializadas com populações da costa sul-peruana e utilizadas para transporte de bens através da rota marítima sul-norte. Estes movimentos transcaravânicos entre a costa sul e norte peruanas teriam começado a se intensificar presumivelmente durante o apogeu da cultura moche. Segundo Torero (1973), o uso destas embarcações no transporte de bens era extremamente vantajoso se comparado com o transporte feito por camélidos em virtude da rapidez de deslocamento e da capacidade de transportar uma carga de peso inúmeras vezes maior. Esta hipótese é corroborada pelo relato de Sarmiento de Gamboa (1572) de que os chincha mantinham um intenso comércio com a região do Titicaca. Neste sentido, é factível que as balsas de totora fossem produzidas na margem ocidental do lago Titicaca, onde esta planta é encontrada em abundância, e levadas ao litoral por caravanas de camélidos, onde eram comercializadas em troca de peixe, sal e objetos de valor. Tais balsas eram carregadas com produtos e matérias primas da região (provavelmente incluindo ouro e lápis-lazúli¹⁴⁹ e obsidiana, também conseguidos na porção meridional dos Andes) e, utilizando-se da corrente de Humboldt, os navegadores se dirigiam rumo ao norte (costa norte peruana e equatoriana) para realizar o comércio. Realizada a negociação, que logicamente incluía a venda dos ‘caballitos de totora’, os navegadores provavelmente voltavam pelas rotas terrestres através das bacias do Marañón e Utcubamba para a região do Titicaca. Estas rotas de retorno eram logicamente controladas respectivamente pelas populações de Cajamarca e Chachapoyas no trecho entre as bacias dos Marañón e Huallaga, e, a partir da Cordilheira Branca, pelos produtores das culturas chavin e, posteriormente, wari.¹⁵⁰

¹⁴⁹ Segundo Hovdhaugen (2000), durante a pré-história várias matérias-primas eram extraídas de minas da região central do Chile (Cobija, Taltal y Paposo en Antofagasta) e comercializadas até a costa norte do Peru, dentre as quais lápis-lazúli, cobre e ouro.

¹⁵⁰ É interessante notar que estas balsas estão presentes na iconografia das civilizações moche y chimú e são usadas até hoje pelos pescadores desta região, nos Departamentos de Lambayeque e La Libertad. Além disto, este tipo de embarcação era comum desde ao menos o início da era cristã em boa parte da costa do Pacífico, inclusive do Chile (Berenguer *et alii* 2008):

“El más antiguo antecedente concreto conocido hasta ahora de una embarcación en Chile proviene de un cementerio de túmulos de la desembocadura del río Loa. Se trata de una miniatura de balsa en forma de media luna, confeccionada con dos haces de totora o neas firmemente amarrados con cuerdas. Fue depositada como ofrenda funeraria hacia el año 215 d.C., tan solo 15 años antes de la primera aparición de restos de congrios y, por lo tanto, de bioindicadores de navegación en las basuras de Punta Blanca, unos 130 km al sur del Loa. No se han encontrado ejemplares de este tipo de navío a tamaño real, pero balsas similares aparecen profusamente representadas en las cerámicas moche y chimú de la costa norte del Perú. La balsa de totora es el prototipo de aquellas de uno, dos o tres cuerpos que fueron vistas en tiempos históricos desde Ecuador hasta el sur de Chile, especialmente en costas con desembocadura de ríos y lagunas litorales, donde se concentra la materia prima para su confección.” (Berenguer *et alii id.*:31)

4. DADOS E ANÁLISE LINGUÍSTICOS

Dentro da perspectiva ecossistêmica todo grupo etnolinguístico em seu período de coalescência inevitavelmente sofreu etnogênese – um processo implicitamente decorrente das dinâmicas de contato preexistentes num dado ecossistema intersocial (ou esfera de interação intersocial) (cf.: §1.3.3). Neste sentido, a etnogênese está intrinsecamente relacionada a processos de interferência, que podem ter sido intensos ou tangenciais, a depender dos nichos relativos a cada um dos grupos etnolinguísticos participantes daquele ecossistema durante o referido processo, estando também em muitos casos relacionada com as consequências da mobilidade populacional (cf.: §2). Assim, como os falantes de uma (proto)língua qualquer (X) (i.e., os proto-X) são inevitavelmente resultantes de um processo etnogênico, é uma premissa arqueo-ecolinguística que todo grupo etnolinguístico pré-histórico emergiu no âmbito de um dado ecossistema intersocial – onde teriam intrinsecamente decorrido processos de interferência linguística.¹⁵¹ Deste modo, é uma premissa fundamental das análises arqueo-ecolinguísticas a detecção de empréstimos linguísticos, pois estes se constituem como evidências potenciais de que os grupos etnolinguísticos falantes das (proto)línguas envolvidas nestes processos teriam participado de uma mesma esfera de interação intersocial no passado, no decorrer e/ou após sua etnogênese.

As comparações lexicais realizadas neste capítulo foram feitas com dois objetivos: (i) apontar conjuntos etnolinguísticos com possibilidade de formar agrupamentos filogenéticos e (ii) estabelecer quais conjuntos etnolinguísticos estiveram envolvidos em relações de contato. Embora tenham sido apontados conjuntos com possibilidade de formar agrupamentos filogenéticos, a presente tese não objetivou provar que estes conjuntos são, de fato, filogenéticos, mas apenas levantar tais possibilidades. As semelhanças lexicais apontadas como indícios destes casos implicam que os grupos etnolinguísticos envolvidos (ou seus ancestrais imediatos), sejam estes filogeneticamente relacionados ou não, necessariamente participaram de um mesmo ambiente ecolinguístico em algum momento da pré-história. A identificação destas circunstanciais foi essencial (i) para se estimar os territórios de origem dos conjuntos

¹⁵¹ A atribuição de famílias/línguas a um dado tronco monofilético deve considerar os fundamentos da arqueo-ecolinguística, que prevêem que a evolução de uma (proto)língua é motivada fundamentalmente pelas relações de contato de seus falantes com os das outras (proto)línguas que compõem o ecossistema linguístico em que ela se manifesta/se manifestou.

etnolinguísticos abordados nesta tese, (ii) para o mapeamento das esferas de interação pré-históricas que teriam emergido no espaço-tempo em análise e (iii) para a elaboração das hipóteses sobre os processos de dispersão dos referidos conjuntos etnolinguísticos. Todas estas análises estão reunidas e detalhadamente apresentadas em §5. Finalmente, é importante frisar que a reconstrução do léxico das protolínguas abordadas ou hipotetizadas neste capítulo não é parte dos objetivos desta tese; o intuito de se realizar algumas reconstruções (sempre com base nas especificações definidas em estudos prévios) foi unicamente o de identificar no léxico das referidas protolínguas os indícios e evidências necessárias para se atingir as metas de fato especificadas na introdução desta tese.

Como já mencionado na INTRODUÇÃO desta tese, para a realização da análise linguística deste capítulo o léxico das (proto)línguas abordadas (cf.: ANEXO III) foi reunido em um *corpus* lexical básico. Tendo este *corpus* como parâmetro (para o detalhamento dos seus itens amostrais, cf. ANEXO II), cada (proto)língua foi comparada com as demais, de modo a serem minuciosamente rastreados possíveis paralelos lexicais (sejam eles cognatos, empréstimos ou ‘empréstimos hipotéticos’). Após este processo, foi feita uma triagem para o descarte dos pares de unidades linguísticas filogenéticas (i.e., formados de famílias e/ou (proto)línguas) cujos paralelismos lexicais observados (i) se constituem como evidentes casualidades ou (ii) foram considerados qualitativa e/ou quantitativamente desprezíveis (cf.: INTRODUÇÃO, pg. 42, nota de rodapé 3). Sobre a questão deste mapeamento, vale destacar que, se fizermos uma combinação dois a dois das 216 (proto)línguas consideradas no presente estudo, o número total de possibilidades combinatórias seria 23220. Entretanto, para a grande maioria destes pares hipotéticos, nenhum ou praticamente nenhum paralelo lexical foi detectado. As tabelas apresentadas no presente capítulo evidenciam, assim, unicamente aqueles conjuntos onde houveram paralelos com alguma relevância qualitativa e quantitativa. Em vista disto, não há, por exemplo, tabelas “chibcha – nambikwara”, “mapudungun – yanomami” ou “mochika – arawa” justamente porque não foram detectados entre as (proto)línguas destes conjuntos etnolinguísticos paralelos lexicais que indiquem qualquer possibilidade (tênue ou significativa) de relação (seja filogenética ou etnogenética) entre eles.

Este capítulo está subdividido em duas seções: em §4.1 foram mapeados os conjuntos etnolinguísticos com possibilidades de retratar genealogias e em §4.2 foram mapeados aqueles que podem unicamente retratar um histórico de interações interétnicas.

4.1. CONJUNTOS ETNOLINGUÍSTICOS QUE PARTILHAM UM HISTÓRICO FILOGENÉTICO E/OU ETNOGENÉTICO

Nesta seção serão apresentados todos os conjuntos etnolinguísticos com possibilidades reais de retratar genealogias. Boa parte deles já foi tratada na literatura e sobre alguns deles há inúmeros estudos a respeito. Entretanto, é importante frisar que, dentre as hipóteses de macro-agrupamentos filogenéticos tratadas nesta seção, apenas os troncos pano-takana e guaykuru-mataguayo estão atualmente respaldados por uma quantidade importante de evidências publicadas – levantadas a partir da aplicação do método comparativo – incluindo explicações bem fundamentadas sobre a evolução dos sistemas fonológicos das suas respectivas protolínguas e a apresentação de um vocabulário reconstruído das mesmas com base nestas explicações. As demais hipóteses contam unicamente com estudos preliminares ou parciais que, embora importantes, ainda carecem de aprofundamento.¹⁵²

4.1.1. As hipóteses ‘macro-jê’ e ‘macro-jê-nuclear’

Dentre as propostas de macro-agrupamentos linguísticos, o macro-jê é o mais problemático e, como afirma Rodrigues (1999), deve ser visto unicamente como uma hipótese de trabalho. De acordo com Ribeiro & van der Voort (2010:546-548) e Ribeiro (2011), as seguintes famílias são candidatas a pertencer ao tronco macro-jê: jê, karaja, besiro, jeoromitxi, maxakali, krenak, kamakã, puri, kariri, yate, bororo, ofaye, rikbaktsa e guato. Apesar disso, Ribeiro (2011:263) aponta que não há consenso sobre os constituintes do putativo macro-jê nem sobre sua classificação interna, justamente pela ausência de estudos comparativos sistemáticos entre as famílias a ele aferidas. Na verdade, muitas das evidências apresentadas para a unidade genética entre as famílias do tronco macro-jê se resumem na comparação de alguns aspectos gramaticais pontuais, como prefixos pronominais e relacionais e, como aponta Ribeiro (*op.cit.*), dois pontos importantes afetam particularmente muitos dos estudos comparativos macro-jê: boa parte dos paralelos apresentados são monossílabos e suas raízes

¹⁵² Dentre os estudos parciais, há aqueles que já puderam comprovar a relação genética de parte dos conjuntos linguísticos incluídos numa dada hipótese (cf.: macro-jê, macro-jê-nuclear, duho, puinave-nadahup) e aqueles que trataram apenas de questões pontuais sobre o léxico ou a gramática das línguas putativamente relacionadas nestas hipóteses.

não apresentam integralmente correspondências sonoras sistemáticas (a sistematicidade está no ataque mas não na rima, ou está somente no núcleo). Além disto, muitos dos paralelos lexicais encontrados entre famílias linguísticas creditadas a este tronco e referidas como ‘cognatos’ devem ser vistos com cautela e alguns deles, como se verá adiante, podem ser empréstimos, dada a alta probabilidade de interações que muitas populações de língua jê têm mantido desde tempos pré-coloniais com diversas outras populações do Brasil Central, havendo, neste sentido, a possibilidade de que o putativo macro-jê reúna famílias linguísticas cujos falantes das proto-línguas tenham emergido a partir de uma área linguística de longa duração via etnogênese (Dixon & Aikhenvald 1999:18), de modo que semelhanças encontradas entre certas famílias associadas ao tronco macro-jê (ex.: guato, puri, borum, maxakali) podem ser vistas mais como consequências de desdobramentos etnogenéticos do que propriamente à atribuição de uma ascendência genética compartilhada entre todas estas famílias. Esta é exatamente uma das possibilidades de interpretação apontadas por Ramirez *et alii* (2015) para as semelhanças encontradas entre as línguas dos conjuntos jê, maxakali, borum e kamakã.¹⁵³ É claro, como apontam Dixon & Aikhenvald (*op.cit.*), isto não exime a possibilidade de existir um tronco macro-jê propriamente genético, porém contendo um número mais reduzido de integrantes.

Recentes avanços, de fato, trazem evidências importantes a partir da linguística histórico-comparativa que particularmente dão suporte à identidade genética de um tronco linguístico macro-jê ‘nuclear’, como aqueles que comprovam a afinidade genética da família jê com as famílias besiro (Adelaar 2008), jeoromitxi (Ribeiro & van der Voort 2010) e karaja (Ribeiro 2012), as quais podem ser caracterizadas propriamente como descendentes de um proto-macro-jê linguístico. Por outro lado, as evidências apresentadas até o momento para a inclusão de línguas como o guato, o puri, o yate e o oti ao tronco macro-jê são extremamente débeis (cf.: Lapenda 1968; Davis 1968; Gudschinsky 1971; Martins 2011; Ramirez *et alii* 2015)¹⁵⁴ e aquelas que associam as famílias kariri, rikbaktsa, bororo, borum, maxakali, ofaye e kamakã neste mesmo tronco (cf.: Loukotka 1937; Guérios 1939, Loukotka 1955, Davis 1968,

¹⁵³ Neste mesmo artigo os autores descartam a possibilidade de que o puri seja geneticamente afiliado a qualquer destas quatro famílias linguísticas.

¹⁵⁴ O guato, por exemplo, como Ribeiro (2011:263) aponta, não se assemelha nem lexical nem tipologicamente às línguas jê. De fato, Martins (2011) tentou em sua tese doutoral, embora infrutivamente, demonstrar a filiação do guato ao macro-jê.

Gudschinsky 1971, Seki 2002)¹⁵⁵ ainda não foram devidamente escrutinadas. Como mencionado acima, a consideração recentemente levantada por Ramirez *et alii* (2015) sobre a possibilidade de que algumas semelhanças tradicionalmente apontadas como ‘cognatos’ nos estudos sobre o macro-jê sejam na realidade resultantes de ‘empréstimos’ vinculados a redes de interações regionais é muito pertinente. De fato, esta possibilidade vinha sendo negligenciada em virtualmente todos os estudos comparativos que buscaram atribuir parentesco genético de algum conjunto linguístico à família jê.

4.1.1.1. Macro-jê-nuclear

Em um ensaio comparativo fundamentado nos trabalhos de Adelaar (2008), Ribeiro & van der Voort (2010) e Ribeiro (2012), observa-se que, além obviamente da família jê, as famílias karaja, jeoromitxi e besiro podem ser atribuídas a um macro-jê-nuclear, tendo em vista a existência de sistematicidade nas correspondências fonológicas entre as três últimas famílias com e a primeira, já expostas pelos referidos autores. Os dados a seguir (TABELA 1) apresentam paralelos com alta probabilidade de cogação entre ao menos dois dos referidos conjuntos (i.e.: proto-jê, proto-karaja, proto-jeoromitxi e besiro)¹⁵⁶, os quais são de fundamental importância para uma futura proposta de reconstrução desta macro-família linguística.

TABELA 1. Cognatos lexicais entre os ramos do proto-macro-jê-nuclear

| | PROTO-JÊ | PROTO-KARAJA | PROTO-JEOROMITXI | BESIRO |
|--------|----------------|--------------|-------------------------------------|---------|
| 1.S | *i- | – | *i- | i(ɣ)- |
| 1.S | – | – | RKP ihe | ie-{sa} |
| 1.S | *wa | *wa | – | – |
| 2.S | *a- | KRJ a- | *a | a- |
| 2.S | – | – | RKP ahe | ae-{sa} |
| 2.S | *ka | *kai | – | – |
| 3.S | *ti | KRJ ti | – | ti |
| 3.S | *i- ‘PREF.REL’ | KRJ i- | *i- | – |
| 3.S | *ta | KRJ ta- | ta ⁻¹ , na ⁻² | – |
| abelha | – | KRJ hukō | – | oka |

¹⁵⁵ As correspondências apresentadas por estes autores apenas demonstram que tais línguas contêm um extrato jê em seu léxico e gramática.

¹⁵⁶ Quando favorecem a análise, protoformas foram inferencialmente reconstruídas para o proto-proto-jê, o proto-proto-karaja e o proto-proto-besiro.

TABELA 1. Cognatos lexicais entre os ramos do proto-macro-jê-nuclear

| | PROTO-JÊ | PROTO-KARAJA | PROTO-JEOROMITXI | BESIRO |
|------------------|-------------------------------|------------------------------|-----------------------|----------------------------|
| ácido | – | KRJ ʈʃubrere | *ʈʃöbi | – |
| árvore | *ko | *kɔ | *ku | – |
| beber | – | *ô | *ô ¹⁵⁷ | – |
| boca/falar | *s-ar-k ^w a ‘boca’ | – | RKP ʈʃarɔkɔ ‘falar’ | s-aru ‘boca’ |
| bom | – | *awi | *hawi ¹⁵⁸ | – |
| braço | *pa | – | *{ʈʃa}pa | pa (cf. tb.: tapa ‘perna’) |
| braço/mão | *ñĩ-kra ‘mão’ | *dɛ-kra ‘braço’ | – | – |
| cabeça | *krã | *ra < PPKRJ *kra | – | – |
| cabelo | *ki | – | *hi | *i-ki |
| cachorro-do-mato | – | *wadi ‘veado’ | *wafʃi ¹⁵⁹ | – |
| carne | *ñĩ | KRJ dɛ | *di | {a}pe |
| chuva | *na > PJM *ta | PPKRJ *nai ¹⁶⁰ | *nãhi ¹⁶¹ | ta |
| cinzas | *mrɔj < PPJE *mrɔhi | KRJ bribi < PPKRJ *bribi | *brəhi ¹⁶² | – |
| colocar | *s-i | KRJ ədi | *ɕi | – |
| comer | *ku | *ki | *ko | – |
| comida | *ɲô | KRJ dɔ | *nũ | ɲô |
| coração | *siri ¹⁶³ | *dɛɛ{sô} | – | – |
| corda | *ɕôrô ¹⁶⁴ | *loru | *dürö | – |
| coruja | – | – | *popo | {su}pupu |
| dar | *hō | *ô | *ũ | – |
| DAT | *bã | *bã | JEO bã | – |
| dormir | *gôrô | KRJ ôrô; KRJ rôrô- | *nütô | nu |
| em pé | *s-ag | *d-əba < PPKRJ *d-ab | – | – |
| espinho | PJS *ñĩ | KRJ ɛde | *di | e |
| fígado | *ba; PJS *s-abak ‘sentir’ | KRJ ba/baka | *bə; *bəka ‘coração’ | pakan |
| flecha | – | kub | JEO kubi | – |
| fogo | *pĩ | PKRJ *he < PPKRJ *pe | *pi- | PBSR *pe |
| fogo | *kusi | KRJ {hɛ}-kɔdi ¹⁶⁵ | – | oʃi ‘chama’ |
| fome | *prãg | *rəba < PPKRJ *prab | – | – |

¹⁵⁷ RKP o, JEO nõ.

¹⁵⁸ RKP hawi, JEO hainê.

¹⁵⁹ RKP wafʃiö, JEO wafʃiri.

¹⁶⁰ PPKRJ *nai > KRJ nanai (por reduplicação).

¹⁶¹ RKP nai ‘chuva’, JEO be-nõhi ‘nuvem’ (JEO be ‘líquido’).

¹⁶² RKP brə ‘cinza’, RKP brəi ‘miúdo’, JEO bihi ‘pequeno’.

¹⁶³ PJS *siri, PJM *se.

¹⁶⁴ PJS *ɲôrô ‘corda’, PJC *ɲorô ‘nervo, veia’.

¹⁶⁵ KRJ hɛ-kɔdi ‘madeira-fogo’.

TABELA 1. Cognatos lexicais entre os ramos do proto-macro-jê-nuclear

| | PROTO-JÊ | PROTO-KARAJA | PROTO-JEOROMITXI | BESIRO |
|----------------------------|----------------------|--------------------------------|-------------------------|----------------------|
| frio ¹⁶⁶ | – | KRJ d-udidi | *ɕiɕi | uʂuʂi(o) |
| FUT | *ke | *-ke | – | – |
| homem | – | KRJ idã ‘gente’ < PPKRJ *i-odã | RKP odã{he} | nojin < PBSR *i-odin |
| INSTR | – | *-di | *-dã | – |
| ir | – | *iri < PPKRJ *piri | *pri | – |
| lábio | – | *dok | *tʃokə | – |
| língua | *nõtɔ | – | *nūtə ¹⁶⁷ | n-utu |
| líquido | *be(d) ‘líquido/mel’ | *bɛ | *bi | – |
| líquido | – | – | *i | j-i |
| madeira/chifre | *ko | *kɔ | *ku | – |
| mãe | – | KRJ sɛ | *ɕi | – |
| mão | – | KRJ d-ɛ-bɔ | JEO d-ĩ-hu | – |
| minhoca | – | KRJ isidɔ | – | iʂi |
| montanha | – | KRJ tori ‘pedra’ | JEO uri < PJEO *ori | – |
| mosca | PJC *kubu, PJS *kop | KRJ kɔhɔ < PPKRJ *kɔpɔ | – | kipi |
| mulher | – | – | *paku | paki |
| nádegas | *gu ¹⁶⁸ | – | *{di}-ko | a-ku |
| nariz | *n-ĩna-{kre} | KRJ d-ɛa-{sã} | – | PBSR *n-ĩna |
| NEG | *tõ | *õ (< *tõ) | *tõ | – |
| osso/perna | *s-i | *ɗ-i | *{ɕ}-i | PBSR *i |
| pai | *s-ug | KRJ d-abi < PPKRJ *ɗ-ib | *tʃo | ʂ-upu < PBSR *ʂ-up |
| peito | – | *lɔi < PPKRJ *lɔwi | *dõwə ¹⁶⁹ | – |
| peixe | – | KRJ bedɔ ‘espécie de peixe’ | *bidü | pidõ (fala feminina) |
| pele | *ki | *ɗaki | *kə | taki |
| pênis/ponta | *do ¹⁷⁰ | *d-õ | *{di}-dũ ¹⁷¹ | d-õ ‘ponta’ |
| pescoço | – | KRJ l-ɔti | – | ti |
| podre | *krɔ ¹⁷² | *rɔ < PPKRJ *krɔ | – | – |
| pus | *s-ur ¹⁷³ | – | *tʃu ¹⁷⁴ | suru ‘resina’ |
| quebrar | – | KRJ kəro | RKP kəro | – |

¹⁶⁶ RKP uʃiʃiõ ‘vento’

¹⁶⁷ RKP dukutäre, JEO nõte.

¹⁶⁸ PJC*ku ‘anca’, ING go ‘nádegas’.

¹⁶⁹ RKP nãwə ‘esôfago’, JEO nõwi ‘peito’.

¹⁷⁰ PJM *do ‘flecha’, PJS *do ‘ponta’, PJC *-du ‘penis, ponta’.

¹⁷¹ RKP dĩdũ ‘ponta’, JEO dĩdõ ‘ponta’.

¹⁷² PJS *krɔ, PJC *krɔ.

¹⁷³ PJM *so, PJS *s-ur.

¹⁷⁴ RKP tʃu ‘resina, pus’, JEO ro ‘seiva, pus’.

TABELA 1. Cognatos lexicais entre os ramos do proto-macro-jê-nuclear

| | PROTO-JÊ | PROTO-KARAJA | PROTO-JEOROMITXI | BESIRO |
|-----------|----------------------------------|--------------------|------------------------|----------------|
| remédio | – | KRJ luahi | – | sua |
| semente | *si | *đi | – | – |
| sentar | *ɕə̃ | *də̃ | dō | – |
| Sol | *sud ‘esquentar/aquecer no fogo’ | *đu | – | su |
| sujo | – | – | *kiwiɕi ¹⁷⁵ | kibisi ‘preto’ |
| tecer | *si | *đi | RKP wɛtʃi | aʃi ‘roupa’ |
| testículo | – | KRJ siki | – | tʃiki |
| vaso | – | *busi | – | bausi |
| velho | *tik ¹⁷⁶ ‘defunto’ | *đibi < PPKRJ *đib | – | – |
| vento | *kok | *kəbə < PPKRJ *kəb | – | – |
| vermelho | PJM *tʃug | KRJ sɔ | RKP tʃə̃ ‘sangue’ | – |

A presença de paralelos lexicais nítidos entre línguas das famílias karaja, jeoromitxi ou besiro apenas com formas reconstruídas para os ramos central, meridional ou setentrional da família jê indica (i) ou que estas ocorrências representam cognatos residuais (ii) ou que tais famílias se mantiveram em contato parcial até depois da cisão do proto-jê nos seus ramos central, setentrional e meridional.¹⁷⁷ Além disto, pôde-se observar a existência de paralelos lexicais compartilhados entre as famílias karaja, jeoromitxi e besiro que, a princípio, não apresentam correspondências fonológicas regulares, o que pode sugerir que as populações que falavam estas línguas teriam permanecido de algum modo interconectadas numa mesma esfera de interação (TABELA 2).

TABELA 2. Paralelos lexicais binários envolvendo as famílias karaja, jeoromitxi, besiro ou ramos da família jê

| | JÊ | KARAJA | JEOROMITXI | BESIRO |
|--------------|----------------------|----------------------|--------------------------------|------------|
| água/rio | – | – | JEO bziru ‘água’ | siru ‘rio’ |
| aldeia | PJC *kru | – | JEO kuru | – |
| areia | – | kədōra | JEO {bī}-kədōru ¹⁷⁸ | – |
| areia/argila | PJC *tsupara ‘areia’ | KRJ subərɔɔ ‘argila’ | – | – |
| barro | – | – | RKP au-{pika} ¹⁷⁹ | tau |

¹⁷⁵ RKP kiɬtʃi, JEO kiji.

¹⁷⁶ PJS *tik, PJM *ti.

¹⁷⁷ Vale notar que algumas das formas reconstruídas para os ramos central, meridional ou setentrional da família jê nos exemplos a seguir não apresentam correlatos em proto-jê.

¹⁷⁸ JEO bī ‘terra’.

¹⁷⁹ RKP -pika ‘terra’ (cf.: PJS *pika ‘terra’).

TABELA 2. Paralelos lexicais binários envolvendo as famílias karaja, jeoromitxi, besiro ou ramos da família jê

| | JÊ | KARAJA | JEOROMITXI | BESIRO |
|-------------|---------------------------|-------------------|------------------------------|----------------|
| cana | – | makiti | PJEO *bekiɕi ¹⁸⁰ | – |
| chuva | PJM *ta | – | – | ta |
| criança | PJC *aikute | *rikɔɾe | – | – |
| espírito | – | kudĩ | JEO hodĩtĩ | – |
| espírito | – | titibi | – | ɕitobi |
| faca | PJM *kise | – | – | kise |
| filho | – | ɖə ¹⁸¹ | JEO tə | – |
| filho | PJS *kra | – | RKP kraj | – |
| gordura | PJC *tũm | – | JEO tō | – |
| irmã | – | erĩ | JEO nĩ | – |
| lagarto | – | kure | – | kiri |
| lavar | PJC *kupsô ¹⁸² | – | JEO pō | – |
| macaco | – | kəɾɔbi | – | kiobi |
| mama | – | howĩ | JEO nōwi | – |
| mandioca | PJS *kwir | *irə, *adikura | – | – |
| moça | – | idadəkoma | RKP duduka | – |
| onça | – | obarira | JEO warurei | – |
| onça | – | obarira | – | oboro |
| pedra | PJS *kēd | – | – | kan |
| perna | – | – | RKP puri ‘pé’ | piri |
| pulga | – | – | RKP bídūrē ‘sarna’ | itori |
| raiz | – | rarodĩ | JEO rare | – |
| sal/salgado | – | d̥ɨɾa ‘sal’ | – | siro ‘salgado’ |
| terra | PJS *pika | – | RKP {au}-pika ‘barro’ | – |
| tia | – | d̥ādikura | PJEO *ɕjikũro ¹⁸³ | – |
| um | PJS *pit | – | RKP witə ‘primeiro’ | – |

É importante ressaltar que a atribuição destas famílias ao macro-jê-nuclear pode ser entendida unicamente se pressuposto que houve a nucleação de quatro conjuntos de descendentes dos proto-macro-jê-nuclear em contextos ecolinguísticos específicos, seguida de

¹⁸⁰ RKP beki, JEO bekiji.

¹⁸¹ Forma vocativa.

¹⁸² PJC *kupsô, PJS *kusô, PJM *sãg.

¹⁸³ RKP ɕjikũro, JEO djikô.

um forte processo etnogênico envolvendo a miscigenação de cada um deles com populações de origens distintas. Tais aspectos de contato serão avaliados mais adiante, na seção 4.2..

4.1.1.2. Macro-jê

Além da caracterização do macro-jê-nuclear como filogenético, também se observaram, de forma relativamente sistemática, paralelos de (proto)línguas desta divisão com as famílias bororo, rikbaktsa, kariri e ofaye. Além disto, existem, porém de forma relativamente menos sistemática, paralelos com as famílias borum, maxakali e kamakã, embora muitos deles se caracterizem como conjuntos binários envolvendo apenas uma outra família de origem macro-jê. As duas seções a seguir tratarão, separadamente estas situações.

4.1.1.2.1. Bororo, rikbaktsa, kariri e ofaye

Embora o número encontrado de possíveis cognatos entre as famílias bororo, rikbaktsa, kariri ou ofaye e membros do macro-jê-nuclear tenha sido quantitativamente menores se comparados com os conjuntos de cognatos encontrados entre os membros do macro-jê-nuclear, os possíveis cognatos observados entre os referidos ramos dão suporte à atribuição destas famílias ao tronco macro-jê, principalmente porque o extrato linguístico compartilhado em todos estes conjuntos remete a uma origem monofilética, i.e., sugere que as protolínguas dos proto-bororo, dos proto-rikbaktsa, dos proto-kariri e dos proto-ofaye eram de origem macro-jê, muito embora teriam sofrido forte diferenciação em virtude dos contextos ecolinguísticos peculiares em que emergiram. As TABELAS a seguir (3-6) ilustram alguns cognatos entre membros do macro-jê-nuclear e das famílias bororo, kariri, rikbaktsa e ofaye.

TABELA 3. Cognatos lexicais entre o kariri e os ramos do proto-macro-jê-nuclear

| | KARIRI | PROTO-JÊ | PROTO-JEOROMITXI | BESIRO | KARAJA |
|-----|---------|-----------|------------------|--------|--------|
| 1.S | i(ɕ)- | *i- | *i- | i(ɕ)- | - |
| 1.S | hie-tsa | - | RKP ihe | ie-sa | - |
| 1.P | hi(ɕ)- | - | *hi- | - | - |
| 2.S | a- | *a- | *a | a- | a- |
| 3.S | di- | *ti | - | ti | *tu |
| 3.S | i- | *i- (rel) | *i- | - | ɾ- |

TABELA 3. Cognatos lexicais entre o kariri e os ramos do proto-macro-jê-nuclear

| | KARIRI | PROTO-JÊ | PROTO-JEOROMITXI | BESIRO | KARAJA |
|-----------------|--------------|--------------------------------|----------------------|-------------|--------------------------|
| carne | de | *ɲi | *ɖi | {a}je | ɖe |
| colocar | ti | *s-i | *ɕi | – | əɖi |
| comida | ɲu ‘comer’ | *ɲō | *nũ | ɲō | ɖo |
| coração | si | *siri | – | – | *ɖele{so} |
| dormir | unu | *gōrō | *nūtō | nu | ōrō; rōrō- |
| fogo | utseh | *kusi | – | oɕi ‘chama’ | {he}-kōɖi ¹⁸⁴ |
| filha | ɕiɕi | – | *tʃiɕi | tʃetʃe | – |
| língua | nunu | *nōtō | *nūtō ¹⁸⁵ | n-utu | – |
| mãe | de | – | *ɕi | – | sɛ |
| morder | ɕa ‘dente’ | PJM *jã ‘dente’ ¹⁸⁶ | – | – | – |
| morteiro | kro ‘pedra’ | PJM *kra | RKP kra ‘pedra’ | – | – |
| observar | ubi ‘ouvir’ | PJC *rɔpibu | JEO ōbi ‘caçar’ | – | obi ‘perceber’ |
| olho | sutu ‘fruta’ | *n-tō | – | suto | – |
| sangue | pli | *pro | RKP piri ‘vermelho’ | – | – |
| Sol | ɕoɕo ‘luz’ | *sud ‘aquecer’ | – | su | *ɖu |
| tabaco | baɕe | – | *paɕi | pai | – |

TABELA 4. Cognatos lexicais entre o proto-bororo e os ramos do proto-macro-jê-nuclear

| | PROTO-BORORO | PROTO-JÊ | PROTO-JEOROMITXI | BESIRO | KARAJA |
|------------------------|---------------------|-------------------------------|------------------|----------------|-----------|
| 1.P | *pa | *pa | – | ba | – |
| 1.S | *i(t)/ik- | *i- | *i- | i(ɕ)- | – |
| 2.S | *a- | *a- | *a | a- | a- |
| 3.S | *e(t) | *i- ¹⁸⁷ | *i- | – | i- |
| 3.S | ti- | *ti | – | ti | *ti |
| ariranha/lontra | *ipe ‘ariranha’ | – | – | ipeki ‘lontra’ | – |
| barriga | *po ‘nádegas’ | – | *po ‘cintura’ | po | – |
| cabelo | *aɕo ¹⁸⁸ | *so ‘folha/pena’ | – | asu | – |
| cavidade oral | *k-eru-kua ‘língua’ | *s-ar-k ^w a ‘boca’ | – | s-aru ‘boca’ | ri ‘boca’ |
| cobra | *abaki | PJC *abke | – | – | – |
| comer | *ko | *ku | *ko | – | – |
| dente | *t-o | *s-ua | *tʃo < *tʃ-o | – | *ɖ-u |
| descendentes | BRR ore | – | – | – | *rikore |

¹⁸⁴ KRJ he-kōɖi ‘madeira-fogo’.

¹⁸⁵ RKP dukutäre, JEO nōte.

¹⁸⁶ PJS *jã ‘morder’ (cf. tb.: PJC *tsa-ri ‘morder’, PJS *sare ‘arrancar’).

¹⁸⁷ Prefixo relacional.

¹⁸⁸ UMU azo, BRR ao.

TABELA 4. Cognatos lexicais entre o proto-bororo e os ramos do proto-macro-jê-nuclear

| | PROTO-BORORO | PROTO-JÊ | PROTO-JEOROMITXI | BESIRO | KARAJA |
|------------------------|---|---------------------------------|--|---------------------|------------------------------|
| dormir | *notu | *gōrō | *nūtō | nu | ōrō/rōrō- |
| dorso | *poru ¹⁸⁹ ‘dorso’ | *pru ‘entranhas’ | – | {ki}-poro ‘barriga’ | – |
| fígado | – | *ba | *bə | – | ba |
| | *a(ka) ¹⁹⁰ | *s-abak ¹⁹¹ ‘sentir’ | *bəka ‘coração’ | pakan | baka |
| flecha | *ito ¹⁹² | – | *iŋo-pu ‘farpa de flecha’ ¹⁹³ | iŋo{me} ‘arco’ | – |
| fruta/cacho | BRR o ‘côco’ | *s-o ¹⁹⁴ | *ŋu ‘cacho’ < *ŋ-u | j-o ‘semente’ | – |
| líquido/mel | BRR be-kuru ¹⁹⁵ | *be(d) | *bi ‘líquido, mel’ | – | PKRJ *bɛ |
| madeira | *ipo | – | RKP dību ‘galho’ | ipi | – |
| mãe | BRR tje | – | *ɕi | – | se |
| membro superior | *kera ‘mão/braço’ | *jī-kra | – | – | d-era ‘braço’ < PKRJ *dɛ-kra |
| mosquito | *baɕe | PJM *ŋi | *paŋi | – | āhi < *pāhi |
| nariz | *eno | – | – | ina | – |
| pai | *-og ^w a < *-og ^w | *s-ug | *ŋo < *ŋ-o | ŋ-upu < *ŋ-up | d-əbi < PPKRJ *d-ib |
| pé | *bire | – | – | piri ‘perna’ | – |
| peito | BRR ruwo ‘garganta’ | – | *dōwə ¹⁹⁶ | – | lbi |
| pênis/ponta | *ito ‘flecha’ | *do ¹⁹⁷ | *{di}-dū ¹⁹⁸ | d-ō ‘ponta’ | PKRJ *d-ō |
| pênis/rabo | *o | *s-o(t) | JEO o | -jo ‘rabo’ < *j-o | – |
| ponta | *oto ‘ponta/bico’ | – | – | oto | – |
| preto | BRR tjo ‘preto/sujo’ | PJM *sə ‘preto’ | – | – | su ‘sujo/terra’ |
| roça | *boku | – | – | bo | – |
| semente | *a | – | *hã | – | – |

¹⁸⁹ UMU upuru, BRR poru.

¹⁹⁰ UMU a, BRR aka.

¹⁹¹ PJS *s-abak, PJM *bɛ-g.

¹⁹² UMU ito (iŋo = ‘minha flecha’), BRR ito.

¹⁹³ RKP pu ‘farpa de flecha’.

¹⁹⁴ PJS *s-o, ‘fruta’, PJC *ts-u ‘cacho’.

¹⁹⁵ BRR kuru ‘água’.

¹⁹⁶ RKP nēwə ‘esôfago’, JEO nōwi ‘peito’.

¹⁹⁷ PJM *do ‘flecha’, PJS *do ‘ponta’, PJC *-du ‘pênis/ponta’.

¹⁹⁸ RKP dīdū ‘ponta’, JEO dīdō ‘ponta’.

TABELA 5. Cognatos lexicais entre o rikbaktsa e os ramos do proto-macro-jê-nuclear

| | RIKBAK TSA | PROTO-JÊ | PROTO-JEOROMITXI | BESIRO | KARAJA |
|-----------------|---------------|---|-------------------------|---------------------|---------------------------|
| 1.s | i(k)- | *i- | *i- | i(ş)- | – |
| 1.s | aha | – | RKP ahe | ae-sa | – |
| 2.s | a- | *a- | *a | a- | a- |
| 3.s | i- | *i- (rel) | *i- | – | i- |
| 3.s | ta, na | *ta | RKP ta-, JEO na- | – | ta- |
| balançar | wiwi | – | *wewe | – | – |
| boca | sak | *s-ar-k ^w a | *tʃako ¹⁹⁹ | s-aru | – |
| carne | ni | *nĩ | *dĩ | {a}ne | de |
| CTRP | ɾ- | – | – | *s ²⁰⁰ | d- |
| chuva | nawō | *na | *nāhi ²⁰¹ | – | PPKRJ *nai ²⁰² |
| colocar | dik | *s-i | *ɕi | – | ədi |
| comida | doho | *nō | *nū | nō | dō |
| dançar | kari | *grē | RKP rē | – | se |
| deixar | erik | *re | JEO ri | – | ri |
| dormir | uru | *gōrō | *nūtō | nu | ōrō; rōrō- |
| espinho | ini | PJS *nĩ | *dĩ | e | ede |
| fígado | pɣ – | *ba, *s-abak ²⁰³ ‘sentir’ | *bā, *bāka ‘coração’ | – pakan | ba, baka |
| lavar | tʃapik pik | – – | – *pi ²⁰⁴ | aşibi – | səbe-ni – |
| líquido | pihik | *be(d) | *bi | – | PKRJ *be |
| mãe | je | – | *ɕi | – | se |
| morrer | pĩ | – | *pi | – | – |
| mosquito | pyktsĩ | PJM *tʃĩ | *paʃĩ | – | āhĩ < *pāhĩ |
| ovo | kare | *gre | RKP rē, JEO ɕe | – | si |
| pai | ɾo | *s-ug | *tʃo | ş-upu < *ş-up | d-əbi < *d-ib |
| pé | pɣɣɣ | *para | *pra{ʃ} | – | – |
| pegar | paik | – | *paj | – | – |
| peixe | piknu | – | *bidū | pidō ²⁰⁵ | bedō ²⁰⁶ |

¹⁹⁹ cf.: RKP tʃaroko ‘falar’.

²⁰⁰ cf.: BSR i-i-kati ‘ir’, BSR i-se-kati ‘vir’.

²⁰¹ RKP nai ‘chuva’, JEO be-nōhi ‘nuvem’ (JEO be ‘líquido’).

²⁰² PPKRJ *nai > KRJ nanai (por reduplicação).

²⁰³ PJS *s-abak, PJM *bē-g.

²⁰⁴ RKP pi, JEO psi.

²⁰⁵ Fala feminina.

²⁰⁶ Espécie de peixe.

TABELA 5. Cognatos lexicais entre o rikbaktsa e os ramos do proto-macro-jê-nuclear

| | RIKBAKTSA | PROTO-JÊ | PROTO-JEOROMITXI | BESIRO | KARAJA |
|--------------------|------------------------|----------|-------------------------|-------------|-----------|
| pênis/ponta | {rik}do | *do | *{di}-dũ ²⁰⁷ | d-õ 'ponta' | PKRJ *d-õ |
| roça | tsuhuk | – | *uruku | – | – |
| semente | rik/rik ²⁰⁸ | *si | – | – | đi |

TABELA 6. Cognatos lexicais entre o proto-ofaye e os ramos do proto-macro-jê-nuclear

| | PROTO-OFAYE | PROTO-JÊ | PROTO-JEOROMITXI | BESIRO | KARAJA |
|--------------------|---------------------|-----------------------|----------------------------------|---------------|------------------|
| 1.s | *wa- | *wa | – | – | wa |
| 2.s | *ε- | *a- | *a | a- | a- |
| 3.s | *te- | *ta | RKP ta- | – | ta- |
| água | *pi > φi | *be | *bi | – | be |
| boca | *j-er | *s-ar-k ^{wa} | – | s-aru | – |
| braço | *pe > φε | *pa | *{tʃa}pa | pa | – |
| cabelo | *i | *ki | *hi ²⁰⁹ | *i-ki | – |
| comer | *ho | *ku | *ko | – | ki |
| dente | *j-ε ²¹⁰ | *s-ua | *tʃ-o | – | – |
| dormir | *j-ör | *görö; *ç-öt | *nütö | – | örö; rörö- |
| fígado | *pa > φa | *ba | *bə | pakan | ba |
| língua | *j-öra | *nötə | *nütə | ura 'fala' | d-ɔradə |
| mão | *ĩ | *jĩ-kra | – | *j-e | – |
| nádegas | *ko | *ku ²¹¹ | *{di}-ko | aakuu | – |
| osso/perna | *h-i | *s-i | *ç-i, *i | *j-i →([iʔi]) | ɔ-i, t-i |
| ouvir | *pa | *ba | *bə | – | – |
| pai | *j-ow | *s-üg | *tʃo | iʃupu | – |
| pé | *para > φara | *para | *pra{j} | – | – |
| semente | *ja | *si | – | – | PKRJ *đi |
| sentar | *dō-ro | *nō-r 'deitar' | RKP d-õ | – | d-õ |
| tecer/roupa | *jə 'roupa' | *si 'tecer' | – | aʃi 'roupa' | PKRJ *đi 'tecer' |
| vermelho | *jow | PJM *tʃug | *tʃu ²¹² 'amadurecer' | – | sə |

²⁰⁷ RKP dīdũ 'ponta', JEO dīdō 'ponta'.

²⁰⁸ OFY rik 'semente'.

²⁰⁹ RKP tʃi-o (RKP -o 'P'), JEO hi.

²¹⁰ cf. tb.: KRR dza 'id.'.

²¹¹ PJC *ku 'anca', ING go 'nádegas'.

²¹² RKP tʃu 'amadurecer', JEO ho 'amadurecer' (cf. tb.: RKP tʃə 'sangue').

Além disto, também existem paralelos lexicais compartilhados entre apenas duas das seguintes famílias: macro-jê-nuclear (ou algum de seus ramos), kariri, bororo, rikbaktsa e ofaye. Há especificamente paralelos:

- (i) do kariri com o jê setentrional, o karaja e o bororo (TABELA 7);
- (ii) do bororo com as famílias karaja, jeoromitxi, besiro, rikbaktsa e kariri (TABELAS 7 e 8);
- (iii) do rikbaktsa com as famílias jê (ramos setentrional e central), jeoromitxi, besiro, karaja e bororo (TABELAS 8 e 9);
- (iv) do ofaye com as famílias jê (ramo central), jeoromitxi e karaja (TABELA 10).

TABELA 7. Paralelos lexicais binários entre o kariri e línguas das famílias jê (ramo setentrional), karaja ou bororo

| | KARIRI | JÊ SETENTRIONAL | KARAJA | BORORO |
|----------------|---------------------------|-------------------------|---------------|-------------------------------|
| 1.P | ku | PJS *ku | – | – |
| arco/flecha | buiku ‘flecha’ | – | – | PBRR *boika ‘arco’ |
| árvore | tsi | – | – | PBRR *i |
| barriga/costas | ubiro ‘barriga’ | – | bəɾɔ ‘costas’ | – |
| chicha/água | ɖuru ‘água’ | – | – | PBRR *ɖɔru ‘chicha’ |
| folha | iro ²¹³ ‘pele’ | – | d-iru | – |
| homem | ibitso | PJS *ibi ²¹⁴ | – | BRR ime-di |
| irmã | bike | – | – | BRR bie |
| joelho | kudu | PJS *kon | – | – |
| mão/braço | bo ‘braço’ | – | d-e-bɔ ‘mão’ | – |
| menino | tsibari{naŋ} | – | – | BRR ipare |
| pesado | madi | – | – | PBRR *moti{di} ²¹⁵ |
| quebrar | bine | – | abini | – |
| veado | pruku | – | – | BRR orogo |
| veado | buki | – | – | BRR pobogi |
| voar | ho | – | ɔhɔ | – |

²¹³ cf. tb.: KRR era ‘folha’.

²¹⁴ cf. tb.: PJE *bi ‘pênis/rabo’.

²¹⁵ UMU mututi, BRR motidi.

TABELA 8. Paralelos lexicais binários entre o proto-bororo e línguas das famílias karaja, jeoromitxi, besiro ou rikbaktsa

| | BORORO | KARAJA | JEOROMITXI | BESIRO | RIKBAKTSA |
|-----------------------|-----------------------------------|----------------|--------------|----------------|--------------------|
| anta/capivara | PBRR *kui ‘anta’ | kuε ‘capivara’ | – | – | – |
| anzol | BRR buodo | – | – | pokoto | – |
| batata-doce | BRR oto | – | – | – | ɾodo |
| beber | PBRR *ko ²¹⁶ | – | – | – | ku ²¹⁷ |
| bravo | BRR kəri | – | – | – | kəri |
| cabaça | PBRR *bapo | wabowi | – | – | – |
| calango | BRR tara | asara | – | – | – |
| cará | BRR pu | – | PJEO *bu | – | – |
| chuva/granizo | UMU boino ‘chuva’ | – | – | oino ‘granizo’ | – |
| cipó/cobra | BRR bikigu ‘cipó’ | – | – | bikibo ‘cobra’ | – |
| espírito | BRR wari | – | RKP ari | – | – |
| faca | BRR toriga | – | RKP təriku | – | – |
| fogo | PBRR *r-eru ²¹⁸ | – | – | – | iɾo ²¹⁹ |
| folha | BRR aru | – | RKP txarɔ | – | – |
| folha | UMU puazo | – | RKP puarɔ | – | – |
| forte | BRR duru | ruru | – | – | – |
| fumaça | PBRR *rididi | – | – | – | ɾatata |
| irmã(o) + novo | BRR bie | – | PJEO *prihe | – | – |
| língua | PBRR *k-eru | – | – | – | sterō-ɾik |
| marido/homem | PBRR *ore ²²⁰ ‘marido’ | uri ‘homem’ | – | – | – |
| onça | BRR adigo | halɔkɔ{ε} | – | – | – |
| pai | PBRR *bo ²²¹ | bu | – | – | – |
| pajé | BRR bari | həri | – | – | – |
| ponta/flecha | BRR (b)oto ²²² ‘ponta’ | – | – | – | boto ‘flecha’ |
| rio | BRR pobo | – | – | – | buburu |
| tórax | BRR bari ‘pulmão’ | – | PJEO *bərika | – | – |
| um | BRR mito | – | RKP witə | – | – |
| veado | BRR orogo | budɔk{ε} | – | – | – |

²¹⁶ BRR ku ‘líquido, sangue’, UMU ko ‘sangue’, OTK ko ‘beber’ (cf. tb.: BRR kuru ‘bebida’, OTK i-koro ‘chicha’).

²¹⁷ cf. tb.: PJE *go ‘água’.

²¹⁸ OTU reru, BRR eru.

²¹⁹ cf. tb.: KRR du ‘fogo’, PJC ĩro(ko) ‘fogo’.

²²⁰ UMU ori-ti, BRR ore-du.

²²¹ UMU bo, BRR wo.

²²² cf. tb.: BSR oto ‘ponta’.

TABELA 9. Paralelos lexicais binários entre o rikbaktsa e línguas das famílias jê, jeoromitxi, besiro ou karaja

| | RIKBAK TSA | JÊ | JEOROMITXI | BESIRO | KARAJA |
|---------------------|----------------------|----------------------|-------------------------|----------------|--------------|
| 2.s | ikia | – | – | iki | – |
| abelha | nini | – | – | – | dōdi |
| argila/areia | ʃpara ‘argila’ | PJC *tsupara ‘areia’ | – | – | – |
| arvore | hui | – | – | sue | – |
| barriga | woroʃik | – | – | – | weriri |
| calor | akʃo | PJC *wakrɔ | – | – | – |
| casa | ʃituwɔ | – | – | – | heto |
| chorar/choro | puka ‘choro’ | – | – | ipuka ‘chorar’ | – |
| chuva/nuvem | bio ‘nuvem’ | – | – | – | biku ‘chuva’ |
| comer/ alimentar | diʃaka ‘alimentar’ | – | – | iʃaka ‘comer’ | – |
| dançar | kari | PJS *grɛ | – | – | – |
| erva | hvikari | PJS *karen | – | – | – |
| flecha | ipoik ²²³ | – | RKP boi ‘taquara’ | – | – |
| folha | saro | – | RKP ʃjaro | – | – |
| formiga | wadada | – | – | wala | – |
| gente | rikbak | – | RKP arikapu, JEO hikəbu | – | – |
| grande | budu | – | JEO buru | – | – |
| joelho | ekara | PJC *hikrāti | – | – | – |
| onça | parini | – | RKP wariri | – | – |
| osso | ipoik | – | – | jupaikia | – |
| pena | sara ‘asa’ | PJS *s-ara | – | – | – |
| pequeno | ʃjibik | – | – | ʃjimia- | – |
| rato | toho | – | JEO turu (< *toro) | – | – |
| roça/roçar | puru ‘roçar’ | PJS *puru ‘roça’ | – | – | – |
| sangue | spu | – | – | – | ləbu |
| tabaco | wotsi | – | – | – | ɔdi |

TABELA 10. Paralelos lexicais binários entre o ofaye e línguas das famílias jê (ramo central), jeoromitxi ou karaja

| | OFAYE | JÊ CENTRAL | JEOROMITXI | KARAJA |
|--------|-------------|------------|------------|----------------|
| 1.s | wa- | – | – | PKRJ *wa |
| animal | hərə | – | RKP kərəpo | – |
| aranha | kətere | – | – | PKRJ *kəturuku |
| ave | POFY *pekrī | – | RKP bikrai | – |

²²³ cf. tb.: KRR buiku ‘flecha’.

TABELA 10. Paralelos lexicais binários entre o ofaye e línguas das famílias jê (ramo central), jeoromitxi ou karaja

| | OFAYE | JÊ CENTRAL | JEOROMITXI | KARAJA |
|---------------------|-----------------------------|-----------------------------|-------------------------|-------------------|
| boca | eru- ²²⁴ | – | – | iri |
| canoa | hawe | – | – | hãwɔ |
| céu | POFY *pi | – | RKP bẽ | – |
| comer | ho | – | PJEO *ko | – |
| dançar | ʃe | – | – | se |
| dar ²²⁵ | nãw- | – | – | lãwɔ |
| deitar | ʃi | – | RKP rɔʃi ²²⁶ | – |
| falar | kəja | – | RKP kaj | – |
| FUT | gare | – | – | -kəre |
| homem | ʃo(b) ²²⁷ | – | JEO tʃu | – |
| ir | kãw | – | RKP kũ | – |
| joelho | POFY *hi-kəte | PJC *hi-krāti | – | – |
| língua | j-õra | – | – | d-ɔradɔ |
| machado | POFY *kətərə ²²⁸ | PJC *hətəra | – | – |
| madeira | hə | – | – | PKRJ *he |
| mãe | əte | – | – | ãdi |
| mandioca | POFY *hopar ²²⁹ | PJC *kupa | – | – |
| milho | POFY *nɔʃa ²³⁰ | PJC *nõʃə | – | – |
| nádegas/anca | ko ‘nádegas’ | PJC *ku ‘anca’ | – | – |
| nariz | POFY *ʃ-əkari | PJC *ts-ikre ²³¹ | – | – |
| olho | kəre | – | RKP həkare | – |
| ovo | *kəte | PJC *kre | – | – |
| pai | ʃ-ow | – | PJEO *tʃo | – |
| pajé ²³² | POFY *par | – | – | PKRJ *pəri > həri |
| pé | POFY *para | PJC *para | – | – |

²²⁴ OFY eru-ε ‘boca’ (Ihering 1912:256; Nimuendaju 1932:567).

²²⁵ cf. tb.: PJM *nēm ‘dar’, APJ hãm ‘presente’.

²²⁶ cf. tb.: RKP ʃi ‘colocar’.

²²⁷ cf. tb.: OFY <ɛ-šyó>, <o-tʃɔbn> /-ʃio(b)/ ‘homem’ (Nimuendaju 1932:568); OFY <šəu>, <šou> /ʃəw ~ ʃow/ ‘pai’ (Nimuendaju 1932:569) passou também a ser usado no sentido de ‘homem’.

²²⁸ OFY kətara ‘machado’ (Ihering 1912:258).

²²⁹ OFY hogpara ‘mandioca’ (Ihering 1912:258).

²³⁰ Hanke 1964:27.

²³¹ cf. tb.: PNR s-əkre ‘nariz’.

²³² cf. tb.: BRR bari ‘pajé’.

TABELA 10. Paralelos lexicais binários entre o ofaye e línguas das famílias jê (ramo central), jeoromitxi ou karaja

| | OFAYE | JÊ CENTRAL | JEOROMITXI | KARAJA |
|---------------|-----------------------------|--------------------------|------------------------|---------------|
| pedra | POFY *kətɛ ²³³ | PJC *kətɛ ²³⁴ | – | – |
| pedra | kətɛ | – | JEO kəti | – |
| peixe | katoj ²³⁵ | – | – | kətura |
| pele/casca | ha | PJC *hə | – | – |
| pênis/rabo | ɛkɛi ²³⁶ ‘rabo’ | – | RKP ʔəkai ‘pênis’ | – |
| perna/osso | hi | PJC *hi | – | – |
| preá/capivara | newoi ²³⁷ ‘preá’ | – | RKP nəwəʃji ‘capivara’ | – |
| raiz | hɛ-ihiri ²³⁸ | – | RKP ɕiri | – |
| sentar | dō-ro | – | RKP dō | – |
| tabaco | jəkəhi | – | – | kɔɖi |
| unha | ʃɛ ²³⁹ | – | – | d-e-siə |
| veado | kri | – | RKP kurəi, JEO kudi | – |
| vento/fumaça | hetək ‘vento’ | – | – | hedə ‘fumaça’ |

A atribuição das famílias bororo, rikbaktsa, kariri e ofaye ao macro-jê pode ser entendida unicamente se pressuposto que houve a nucleação de quatro conjuntos de descendentes dos proto-macro-jê em contextos ecolinguísticos específicos, seguida de um forte processo etnogênico. Esta concepção pode ser apreciada unicamente se considerados os fundamentos da arqueo-ecolinguística, pois, evidentemente, tais conjuntos também divergem imensamente entre si em decorrência de fortes processos de miscigenação com populações não macro-jê, ocorridos durante seus decursos evolutivos peculiares de diversificação. Assim, fundamental para a compreensão das distinções existentes entre o proto-macro-jê-nuclear e as demais famílias (bororo, rikbaktsa, kariri e ofaye) são os processos de contato que desencadearam diferentes níveis de reestruturação linguística nas proto-línguas destas famílias

²³³ OFY <kətɛ> (Nimuendaju 1932:568).

²³⁴ cf. tb.: PJS *kəd ‘pedra’.

²³⁵ OFY katoj-ta ‘dourado’, OFY katoj-towe ‘pacu’, OFY katoj-akate ‘lambari’ (Ihering 1912:258); o termo OFY genérico para ‘peixe’ é kətəi.

²³⁶ cf. tb.: OFY tākəri ‘pênis’.

²³⁷ Hanke 1964:26.

²³⁸ OFY hɛ = ‘árvore’.

²³⁹ OFY ni-pa-n-ʃɛ ‘unha’ (Nimuendaju 1932:568).

em virtude da interação de seus falantes com falantes de outras línguas, investigações que ainda precisam ser feitas com profundidade.

A partir da avaliação dos paralelos apresentados nas TABELAS desta seção, as seguintes inferências podem ser feitas sobre relações de contato envolvendo populações macro-jê: (i) os proto-kariri teriam emergido a partir de uma nucleação de populações de origem macro-jê num ecossistema linguístico onde estariam em contato com descendentes dos proto-karaja, proto-bororo e proto-jê central; (ii) os proto-bororo teriam emergido a partir de uma nucleação de populações de origem macro-jê num ecossistema linguístico onde estariam em contato com descendentes dos proto-karaja, proto-jeoromitxi e proto-rikkaktsa; (iii) os proto-rikkaktsa teriam emergido a partir de uma nucleação de populações de origem macro-jê num ecossistema linguístico onde estariam em contato com descendentes dos proto-karaja, proto-jeoromitxi, proto-jê central e proto-jê setentrional; (iv) os proto-ofaye teriam emergido a partir de uma nucleação de populações de origem macro-jê num ecossistema linguístico onde estariam em contato com descendentes dos proto-karaja, proto-jeoromitxi e proto-jê central. Aspectos de contato envolvendo populações de origem não macro-jê serão avaliados mais adiante, na seção 4.2..

4.1.1.2.2. Borum, maxakali e kamakã

As línguas das famílias borum, maxakali e kamakã se caracterizam por apresentarem uma tipologia que se assemelha em muitos aspectos à observada em línguas da família jê. Além disto, existem paralelos lexicais das referidas famílias entre si e com línguas do macro-jê-nuclear, muito embora tais conjuntos de paralelos apresentem apenas rudimentarmente alguma sistematicidade de correspondências fonológicas, que obrigatoriamente se prescreve a conjuntos linguísticos geneticamente relacionados.²⁴⁰

Além disto, boa parte dos possíveis cognatos observados ocorrem unicamente com um dos ramos do macro-jê-nuclear, ou, até mesmo, apenas com um dos ramos da família jê. Esta observação complica, a primeira vista, a atribuição das famílias borum, maxakali e kamakã ao macro-jê. Isto, porém, não descarta a possibilidade de que parte destas ocorrências representem

²⁴⁰ Uma tentativa de demonstração de correspondências fonológicas entre o krenak (uma variedade do borum) e o proto-jê é apresentada em Seki (2002).

uma ‘reliquia’ do léxico proto-macro-jê. Para Ramirez *et alii* (2015), existem duas hipóteses plausíveis: (i) as línguas apresentam uma origem comum; (ii) houve uma longa história de contato entre estes conjuntos populacionais. A TABELA a seguir expõe os paralelos relevantes encontrados pelos autores. É importante mencionar que tais hipóteses não são mutuamente excludentes e, de fato, a conjunção de ambas deve ser considerada como a explicação mais apropriada para estes casos.

De fato, embora relativamente escassas, existem evidências que sugerem que as protolínguas veiculares implicitamente praticadas pelos proto-borum, proto-maxakali e proto-kamakã eram de origem macro-jê. Por outro lado, as fortes divergências no léxico e em parte do sistema pronominal acusam que a etnogênese destas populações teria se dado em decorrência de intensos processos de miscigenação nos contextos ecolinguísticos particulares em que emergiram. As TABELAS 11 a 13 ilustram alguns dos possíveis cognatos entre membros do macro-jê-nuclear e das famílias borum, maxakali e kamakã.²⁴¹

TABELA 11. Possíveis cognatos lexicais entre o krenak e membros do macro-jê-nuclear

| | KRENAK ²⁴² | MACRO-JÊ-NUCLEAR |
|---------|-----------------------|--|
| 1.S | ŋjɪ | PJM *iɕ |
| 1.S | ɲuke | BSR ɲi |
| 2.P | ãɖguk | BSR apo |
| 2.S | a- | PJE *a- |
| 2.S | h(i)- | BSR hi |
| 2.S | a- | BSR a- |
| andar | nĩ | PJM *tĩ |
| barriga | tũŋ | PJM *ɖug ²⁴³ |
| braço | pɔ | PJE *pa |
| cabeça | krɛn | PJE *krã |
| cabelo | ke | PJE *ki |
| cabelo | ke | BSR ki |
| caminho | brɔŋ | PJE *pri |
| cantar | gri | PJE *grɛ(d) |
| carne | ɲik | PJE *ɲĩ > PJS *ɲĩ ²⁴⁴ ; PJE0 *ɖĩ, KRJ de, BSR {a}ɲe |

²⁴¹ Semelhanças entre as famílias jê e maxakali já foram observadas por Mason (1950) e Ramirez *et alii* (2015), entre as famílias jê e kamakã por Loukotka (1932) e Guérios (1944) e entre as famílias jê e borum por Loukotka (1955) e Seki (2002).

²⁴² Ainda não existe uma proposta de reconstrução do proto-borum, o que impede que uma avaliação adequada da proposta de inclusão da família borum dentro do tronco macro-jê (cf.: Rodrigues 1964).

²⁴³ PJE *n-tug, PJS *tu.

²⁴⁴ PJE *n-ĩ.

TABELA 11. Possíveis cognatos lexicais entre o krenak e membros do macro-jê-nuclear

| | KRENAK ²⁴² | MACRO-JÊ-NUCLEAR |
|----------------------|-----------------------|--|
| chorar | puk | BSR ipuka |
| cinzas/carvão | prɔg ‘carvão’ | PJS *brɔ ²⁴⁵ ‘cinzas’ |
| cobra | nkarã | PJS *kagã |
| comer | kut | PJS *kur, PJEO *ku |
| espírito | ʒikaram | PJS *karõ |
| fogo | pek | PJE *pī ‘fogo/lenha’; PJEO *pitʃə > RKP pikə |
| fogo | pek | PBSR *pe |
| fumaça | kūm | PJS *kūm |
| ir | mū(ŋ) | PJE *būg |
| irmão | kijak | PJS *keje |
| jacaré | kihɛʔ | BSR kiri |
| machado | krak | ING krād; SYA kruut- ‘faca/machado’ |
| mandioca | kupə | PJC *kupa, ING kəba |
| marido | jikan | BSR i-kana |
| mel | pəŋ | PJM *bōg |
| mosca | kəp | PJE *kopo ²⁴⁶ |
| mosca | kəp | BSR kipi, KRJ kəhɔ, PJS *kop- |
| nariz ²⁴⁷ | -in | PJE *-ina-{kre} |
| nariz ²⁴⁸ | -in | PBSR *-ina |
| olho ²⁴⁹ | tob | PJE *-tɔ |
| olho ²⁵⁰ | tob | BSR -tɔ |
| osso | ʒek | PJS *s-i ²⁵¹ , PJEO *ʒ-i, PKRJ *d-i |
| ouvir | pōŋ | PJM *bēg |
| pedra/morteiro | krak ‘pedra’ | PJM *kra ‘morteiro’ |
| peixe | bək | PBSR *poko |
| pele | kat | PJS *kə, PJEO *kə |
| pescoço/garganta | puk ‘pescoço’ | RKP pəkɔ, PJS *but; KRJ botɔ ‘garganta’ |
| pulga | tūn | BSR itori |
| rabo | ʒuk | BSR jo |
| sentar | ŋep | PJS ʒə |
| tartaruga | gut | KRJ kɔdɔ |

²⁴⁵ PJE *brɔi.

²⁴⁶ PJC *kubu, PJS *kop.

²⁴⁷ PJE *n-ina-{kre} > *ŋ-ina-{kre}; PBSR *-ina > BSR -ina.

²⁴⁸ PJE *n-ina-{kre} > *ŋ-ina-{kre}; PBSR *-ina > BSR -ina.

²⁴⁹ PJE *n-tɔ; PBSR *s-u-to.

²⁵⁰ PJE *n-tɔ; PBSR *s-u-to.

²⁵¹ PJE *s-i

TABELA 11. Possíveis cognatos lexicais entre o krenak e membros do macro-jê-nuclear

| | KRENAK ²⁴² | MACRO-JÊ-NUCLEAR |
|-----------|---------------------------|------------------|
| um | puʃjik | PJS *piʃit |
| umbigo | PKRN *hi-nanik > hi-panik | JEO nōni |
| unha | ninkat | PJEO *nikətai |
| vermelho' | kamtjek 'sangue' | PJS *kamrek |

TABELA 12. Possíveis cognatos lexicais entre a família maxakali e membros do macro-jê-nuclear

| | MAXAKALI | MACRO-JÊ-NUCLEAR |
|-------------------|------------------------------------|---|
| 1.s | MXK ĩg | PJE *i-, PJEO *i-, BSR i(ɣ)- |
| 2.s | MXK ā | PJE *a-, PJEO *a, BSR a-, KRJ a- |
| água | MXK ko-dāg | PJE *ko |
| árvore/lenha/fogo | MXK bīb | PJE *pī 'fogo, lenha'; PJEO *pi, PBSR *pe 'fogo' |
| asa/ombro | MXK ɕībāg 'asa', MXK ɕībāɕ 'ombro' | PJM *jēdbag 'ombro' |
| barriga | MXK teʃ | PJS *tik |
| batata-doce | MXK kōbīɕ | BSR kaβitʃio |
| boca | MLL ata-ko-tʃ | PJE *s-ar-k ^w a, BSR aru; JEO harokɔ 'falar' |
| buraco | MXK ko-tʃ | PJEO *ko |
| cabaça | PMXX *tot | RKP tūtū |
| cabelo | MXK/PTX tʃe | PJE *ki |
| cana | MXK bītkup | PJEO *beki |
| canoa | PMXX *bīpko-tʃ | SYA h ^w ɪkə |
| cantar | MXK kite-tʃ | PJE *gre(d) |
| carne | MXK ɕīd | PJE *nī, KRJ de, PJEO *dī, BSR aje |
| casa | MXK pet | KRJ heto, PJM *īd |
| céu | PMXX *peko-tʃ > PTX beko-tʃ | PJEO *bekiki, KRJ biku-(ra)wetɔki |
| chuva | MXK te-tʃ | BSR ta, PJE *na > PJM *ta |
| cobra | MXK kãɕã | PJS *kãŋã |
| dar | MXK hōb | PJE *hō, PKRJ *ō, PJEO *ū |
| dente | PMXX *tʃo-tʃ | PJEO *tʃo, PKRJ *ɕ-u, PJE *s-ua |
| dormir | MXK bōdōd/bōɕōd | PJEO *nūtō, PJE *gōrō, KRJ ōrō |
| flecha | PMXX *po-tʃ | RKP bo |
| fogo | MXK kutʃap | PJS *kusi, PJC *kuzə; KRJ hekɔti |
| folha | MXK tʃu-tʃ 'folha' | PJE *so 'folha/pena' |
| frio/esfriar | MXK tʃutʃi-tʃ 'esfriar' | PJEO *ɕiɕi, KRJ ɕ-udidi, BSR uʃuʃi(o) 'frio' |
| grande | MXK tʃetʃka | PJEO *tʃitʃi |
| ir | MXK bōg | PJE *mō(g) |
| ir | MXK did | PJE *tē > PJM *tī; KRJ na |
| macaco | MXK kokti-tʃ | PJE *kok |
| mandioca | MXK kohot (< *kot) | PJS *kwir, PKRJ *adikura |

TABELA 12. Possíveis cognatos lexicais entre a família maxakali e membros do macro-jê-nuclear

| | MAXAKALI | MACRO-JÊ-NUCLEAR |
|--------------|---|---------------------------|
| nuvem | MXK gōḱ | PJM *gəḱ |
| ombro | MXK ḱī-pakkwɪp | BSR ɔpaki |
| orelha | PMXX *dīp-ko-tʃ | PJEO *nīp- |
| outro | MXK dō-ḱ | PJS *nō |
| pé | MXK pata | PJE *para, PJEO *praj |
| pedra/terra | MXK bīka-tʃ ‘pedra’, PTX mika-hab ‘chão’ ²⁵² | PJEO *mīka ‘terra’ |
| rede | MXK tut | PJEO *tətə ²⁵³ |
| rosto/cabeça | PMXX *ka-tʃ | RKP kaj |
| tia | MXK tʃukwu-tʃ | PJEO *ḱīkū |
| um | MXK *piʃe | PJE *piti, JEO wiʃi |

TABELA 13. Possíveis cognatos lexicais entre a família kamakã e membros do macro-jê-nuclear

| | KAMAKÃ ²⁵⁴ | MACRO-JÊ-NUCLEAR |
|-------------|---|--|
| 1.s | PKMK *in- | PJE *i-, PJEO *i-, BSR i(ḱ)- |
| 2.s | KMK an- | PJE *a-, KRJ a-, BSR a-, PJEO *a |
| árvore | PKMK *h ^w ī | PJE *pī > SYA h ^w ī; KRJ he, PJEO *pi, PBSR *pe |
| árvore | MSK ku | PJE *ko, PJEO *ku, PKRJ *kɔ |
| beber | KMK kode | PJE *kod |
| boca/falar | KTX/MGY hără-ko, MNE ata-ko, MSK ata ‘boca’ | PJE *s-ar-k ^w a, BSR aru; JEO harɔkɔ ‘falar’ |
| buraco | PKMK *ko | PJEO *ko |
| cantar | MSK gre | PJE *gre(d), RKP rē |
| cara/cabeça | KMK kutʃako ‘cara’ | JEO kōāka ‘cabeça’ |
| dente | PKMK *tʃo | PJEO *tʃo, PKRJ *d-u, PJE *s-ua |
| dormir | PKMK *-ōtō | PJEO *nūtō; PJE *gōrō > XRT nōtō |
| filho | PKMK *kra-nī | PJS *kra, PJC *kra, RKP kraj |
| ir | PKMK *māḱ | PJE *mō(g) |
| ir | PKMK *ni | PJE *tē > PJM *tī |
| irmão | KMK kejak | PJS *keje |
| mão | PKMK *nī-kre- | PJE *nī-kra, PKRJ *de-kra ‘braço’ |
| nariz | PKMK *niniko | RKP nīnīka |

²⁵² MXK hāb ‘terra’.

²⁵³ PJEO *tətə > RKP ti, JEO tətə

²⁵⁴ Há também uns poucos paralelos de línguas da família kamakã com o kariri (KMK jotse ‘fogo’ : KRR uʃe ‘id.’; KMK hieh ‘grande’ : KRR ie ‘id.’; PKMK *jake ‘onça/raposa’ : KRR jaka ‘canídeo’) e com o yate (KMK ʃiale ‘língua’ : YTE kts^hale ‘id.’; PKMK *keto ‘olho’ : YTE et^ho ‘rosto’; KMK gat^hie ‘perna’ : YTE k^haʃi ‘id.’; KMK we ‘terra’ : YTE fe ‘id.’; KMK waeto ‘um’ : YTE fat^hoa ‘id.’).

TABELA 13. Possíveis cognatos lexicais entre a família kamakã e membros do macro-jê-nuclear

| | KAMAKÃ ²⁵⁴ | MACRO-JÊ-NUCLEAR |
|----------------------------|--------------------------------|---|
| olho | PKMK *keto | PJC *to, BSR s-ito |
| orelha/chifre | PKMK *niko ‘orelha’ | PJE *n-ĩ-ko ‘chifre’ > PJM *n-ĩ-ko, PJC *ĩ-ko |
| ovo | KMK sa-kre | PJE *gre > PJM *gre, PJC *kre; RKP rē |
| paca | KMK/MGY káwi | RKP koiwe ‘rato’ |
| pé/perna | KMK wati ‘pé’ | KRJ wati ‘perna’, PJE *pari ‘perna’ > ING pri, PJS *pari |
| pedra/ montanha | MGY kere, KTX kri ‘montanha’ | PJE *kēre ‘pedra’ > ING kere, PJC *kētē, PJS *kēd; PJE *kra, BSR kan ‘pedra’; PJM *krī ‘montanha’ |
| pelo/cabelo | PKMK *ke | PJE *ki > PJS *kī; PJE *hi, PBSR *i-ki |
| perna | MNE ʃi | RKP ʃi |
| perna | KMK -tsa, KPX tse | PJE *s-a > PJC *za, PJM *s-a |
| sangue | KMK ʃo, MNE -so, KTX/MGY ke-ɕo | RKP ʃo, KRJ so, PJM *ʃug |
| terra | KMK hāmiko | PJE *mika |
| um | PKMK *weto | RKP witə, PJM *pir |

Como Ramirez *et alii* (2015) apontam, uma situação bastante semelhante à apresentada acima é a encontrada entre as famílias kamakã e maxakali. A TABELA 14 expõe os paralelos relevantes.

TABELA 14. Possíveis cognatos lexicais entre as famílias kamakã e maxakali

| | KAMAKÃ | MAXAKALI |
|----------------|---|---------------------------------------|
| 1.s | PKMK *in- | MXK ĩg |
| 2.s | KMK an- | MXK ā |
| árvore | PKMK *h ^w ĩ | MXK bīb |
| boca | KTX/MGY hārā-ko, MNE j-ata-ko | MLL j-ata-ko-ʃ |
| braço | PKMK *wāg > KMK wān, MSK wāg | MXK bāg |
| buraco | MGY/MSK ko | MXK ko-ʃ |
| cabeça | PKMK *hIro > MNE iro, MSK aro | PMXK *pIto-ʃ > MXK pito-ʃ, PTX pato-j |
| cantar | MSK gre | MXK kite-ʃ |
| dente | PKMK *ʃo | PMXK *ʃo-ʃ |
| dormir | PKMK *-ōtō > KMK/MNE mōtōŋ | MXK bōdōd |
| estrela | KMK piōŋ ‘estrela’ | MXK bāɕōd ‘estrela/Sol’ |
| fezes | PKMK *jū > KMK jūko, MNE jun- | MXK ɕōd |
| grande | MNE ʃe, MSK tse | KPX ʃej, MLL fem |
| ir | PKMK *māg | MXK bōg |
| jacaré | PKMK *wē | MXK bā-ɕ |
| jacu | KMK ʃahejə | MLL ʃahais |
| lavar | PJE *pi | MXK pi-ʃ |
| língua | PJE *ōjto > PJS *-ōto, PJC *ōjto: BSR utu | MXK ɕōʃō |

TABELA 14. Possíveis cognatos lexicais entre as famílias kamakã e maxakali

| | KAMAKÃ | MAXAKALI |
|--------------------|------------------------|------------------------|
| Lua | KMK haŋe, MNE je | MXK -haŋ, KLL aje |
| macaco | KMK koŋji | MXK kokti-tj |
| mãe | KMK titsin, KTX titsil | MXK tit |
| mama | MNE a-ju | MXK ɕõ |
| mandioca | KMK kahaŋ | MXK kohot |
| não | KMK ho, KTX hoho | MXK hok |
| nariz | KMK niŋji-ko | PMXX *diŋji-ko-tj |
| noite | KMK hamani, MSK amani | MXK ābdī-ɕ |
| olho | PKMK *keto | MLL keto |
| onça/animal | PKMK *tjake ‘onça’ | MXK tjok ‘animal/onça’ |
| orelha | MGY n-ixko | PMXX *diŋ-ko-tj |
| peixe | PKMK *wã | MXK bāb |
| perna | KMK kaiŋe | KPX/MKN/MNX/MLL kaiŋhe |
| pote | KMK na | MXK dā-tj |
| rosto | PKMK *ke | MXK ke-tj |
| testa | KTX/MGY ake, KMK aki | MLL hake |
| vir | PKMK *ni | MXK diŋ |

Enfim, existem paralelos lexicais da família borum com línguas das famílias maxakali e kamakã, embora sejam relativamente limitados e não haja em tais dados ocorrências suficientes de sistematicidade de correspondências fonológicas. As TABELAS 15 e 16 expõem os paralelos relevantes.

TABELA 15. Paralelos lexicais binários entre o krenak e línguas da família maxakali

| | KRENAK | MAXAKALI |
|--------------------|--------------------|-----------|
| 2.s | a-, ā- | ā |
| arco | nem | nāp-tit |
| asa | mak | māg |
| beber | ʒɔp, ʒop | tjop |
| cair | rak | nā |
| carne | ɕiŋ | ɕid |
| cobra | nkarā | kāɕā |
| corda | ɕita(k) | tjit |
| dar | um, hup | hōb |
| deitar | wip | pip |
| descendente | k ^h ruk | kuatok |
| em pé | muŋim | muŋi |
| floresta | jipakiu | hāb-hipak |

TABELA 15. Paralelos lexicais binários entre o krenak e línguas da família maxakali

| | KRENAK | MAXAKALI |
|---------|---------|-----------|
| folha | ʒət | tʃu-tʃ |
| ir | mũ(ŋ) | bōg |
| noite | ampim | āmnīj |
| onça | kuparag | kuman-nāg |
| ouvir | pōŋ | āpak |
| sangue | kamtʃek | kam |
| semente | çābi | tʃap |
| sentar | ŋep | çūb |
| tatu | gudçūn | koʃut |
| tatu | kundiĥu | MLL konib |
| um | puʃjik | puʃjet |
| vento | āburu? | āburuh |

TABELA 16. Paralelos lexicais binários entre o krenak e línguas da família kamakã

| | KRENAK | KAMAKÃ |
|---------------------------|-------------|-------------------------------------|
| cabelo | -ke | PKMK *ke |
| borboleta | jakek | KTX jakire |
| cair | rak | PKMK *raka > KMK rāka, KTX raxka |
| cantar | grī | gre |
| dente | ç-un | ç-un |
| irmão | kijak | kejak |
| noite | ampim | ambi |
| olho | kitob | PKMK *keto > KTX kit ^h o |
| pele/terra ²⁵⁵ | nak 'terra' | PKMK *naka 'pele' |
| vir | ni | *ni |

É importante destacar que, excetuadas as semelhanças acima apontadas, as línguas comparadas são bastante distintas. Os dados acima também revelam a possibilidade de que tanto a gênese dos proto-borum, proto-maxakali e proto-kamakã assim como a diversificação de seus descendentes estejam vinculadas à expansão de populações falantes de línguas macro-jê-nuclear sobre as referidas populações. Já a interpretação mais plausível, ao menos para parte dos paralelos lexicais observados entre o krenak e línguas das famílias maxakali e kamakã, é que tais ocorrências são decorrentes de relações de contato entre os falantes destas línguas. Esta

²⁵⁵ O nexos semântico entre os dois termos está no sentido de 'superfície'.

interpretação é respaldada por uma evidente assistemática das correspondências sonoras nestas ocorrências (cf.: Ramirez *et alii* 2015).

A partir da avaliação dos paralelos apresentados nas TABELAS desta seção, as seguintes inferências podem ser feitas sobre relações de contato envolvendo os proto-borum, proto-maxakali e proto-kamakã com outras populações: (i) os proto-borum teriam emergido a partir de uma nucleação de populações de origem macro-jê num ecossistema linguístico onde estiveram particularmente em contato com descendentes dos proto-besiro, proto-kamakã, proto-maxakali, proto-jê setentrional e proto-jê meridional ou de falantes de variedades desconhecidas porém geneticamente bastante próximas a estas proto-línguas, assim como com ao menos uma população pré-proto-borum de origem não macro-jê; (ii) os proto-maxakali teriam emergido a partir de uma nucleação de populações de origem macro-jê num ecossistema linguístico onde estiveram particularmente em contato com descendentes dos proto-jê, proto-jeoromitxi, proto-kamakã e proto-borum ou de falantes de variedades desconhecidas porém geneticamente bastante próximas a estas proto-línguas, assim como com ao menos uma população pré-proto-maxakali de origem não macro-jê; (iii) os proto-kamakã teriam emergido a partir de uma nucleação de populações de origem macro-jê num ecossistema linguístico onde estiveram particularmente em contato com descendentes dos proto-jê, proto-jeoromitxi, proto-maxakali e proto-borum ou de falantes de variedades desconhecidas porém geneticamente bastante próximas a estas proto-línguas, assim como com ao menos uma população pré-proto-kamakã de origem não macro-jê. Aspectos de contato envolvendo populações de origem não macro-jê serão avaliados mais adiante, na seção 4.2..

Levando em consideração que o léxico e a morfologia das línguas das famílias borum e maxakali são em grande parte discrepantes tanto entre si como do léxico e da morfologia das línguas macro-jê-nuclear, é possível inferir que a interferência de substratos e adstratos de origem não macro-jê durante a gênese e evolução das referidas famílias tenha sido expressiva. É também particularmente relevante que as famílias maxakali e kamakã compartilhem uma série de paralelos exclusivos a estes conjuntos, do que pode-se aventar três possibilidades: (i) ao menos parte deles esteja em cogação e represente relíquias do léxico macro-jê; (ii) diferentes populações falantes de variedades derivadas de uma mesma proto-língua X de origem não macro-jê teriam se miscigenado com falantes de proto-proto-maxakali e proto-proto-kamakã, deixando um adstrato da proto-língua X, em parte compartilhado, no léxico do proto-maxakali e do proto-kamakã; (iii) diferentes populações falantes de variedades derivadas de uma mesma

proto-língua X de origem não macro-jê teriam adotado variedades linguísticas derivadas do proto-macro-jê, do que teria emergido o proto-maxakali e o proto-kamakã, ambos contendo um substrato da proto-língua X, em parte compartilhado.

É importante destacar que as semelhanças até então encontradas entre o proto-maxakali e o proto-kamakã não dão respaldo à hipótese de que estas famílias estariam reunidas num mesmo ramo derivado do proto-macro-jê. Neste sentido, a origem filogenética do proto-borum, do proto-proto-maxakali e do proto-proto-kamakã remeteria a uma evolução direta a partir do proto-macro-jê, iniciada, assim, num período anterior à coalescência do proto-macro-jê-nuclear. Os processos de contato do proto-borum, proto-maxakali e proto-kamakã, assim como de seus descendentes, com línguas de origem macro-jê-nuclear, teria ocorrido obviamente num período relativamente bem mais recente, posterior à coalescência do proto-macro-jê-nuclear.

A hipótese de que os territórios originais de falantes de variedades do proto-macro-jê precursoras do proto-proto-borum, do proto-proto-maxakali e do proto-proto-kamakã eram distintos dos habitados pelos seus descendentes históricos implica fortemente na etnogênese dos proto-borum, do proto-maxakali e do proto-kamakã por miscigenação com populações precursoras de origem não macro-jê; tal perspectiva justifica a possibilidade de que boa parte do léxico das famílias borum, maxakali e kamakã represente substratos ou adstratos de línguas de origem não macro-jê. Os únicos grupos etnolinguísticos de origem não macro-jê representativos da diversidade linguística existente no Brasil oriental pré-colonial com documentação existente seriam falantes de línguas das famílias puri e tupi-guarani. Como nenhuma das línguas dos demais grupos ali preexistentes foi documentada a tempo, a geografia arqueolinguística da porção oriental do Brasil permanece comprometida.

A alegação da existência de unidade filogenética para o tronco macro-jê assim como para seu ramo macro-jê-nuclear é possível, tendo em vista que existe sistematicidade nas correspondências fonológicas dos cognatos encontrados dentre os conjuntos de paralelos apresentados nas TABELAS da seção 4.1.1.. É importante frisar, entretanto, que os inúmeros metaplasmos ocorridos no decurso evolutivo destas línguas tornam imperativo que trabalhos futuros objetivando demonstrar a validade desta hipótese recorram a processos de reconstrução interna para os diversos estágios evolutivos do referido tronco. Os paralelos apresentados sugerem também que as populações macro-jê teriam em diversos momentos desde sua coalescência participado de distintas micro-esferas de interação envolvendo outras populações

macro-jê assim como populações de outras origens. Esta constatação será retomada adiante, na seção 4.2..

4.1.2. As hipóteses ‘macro-daha’ e ‘duho’

A partir da constatação de uma série de semelhanças lexicais e morfológicas das línguas saliba, piaroa, hodi, andoke e tikuna, Jolkesky (2009) formulou a hipótese da existência do tronco ‘macro-daha’. Como aponta Montes Rodríguez (2013), tal proposta abriu uma nova perspectiva de investigações no campo da linguística histórico-comparativa no noroeste amazônico e áreas adjacentes. No entanto, mesmo que tenha aceitado que existem semelhanças importantes entre dois conjuntos incluídos no referido tronco (saliba-piaroa e tikuna), Montes Rodríguez (*id.*:87) nega a possibilidade de existir uma afinidade genética entre eles, uma posição prematura tendo em vista que não foram oferecidos contra-argumentos relevantes para refutar conjuntamente os indícios apresentados por Jolkesky (*op.cit.*). Além disto, a alegação da autora (*id.*:69) de que Jolkesky (*op.cit.*) teria utilizado dados tipológicos para sustentar sua hipótese é uma interpretação equivocada, pois em nenhum momento o autor afirma ter utilizado tais dados com este propósito. As semelhanças tipológicas apontadas são apenas uma constatação paralela, tendo em vista que foram igualmente explicitadas pelo autor os aspectos tipológicos contrastantes entre os referidos conjuntos linguísticos. Os indícios que este autor utilizou para propor a referida hipótese são unicamente de origem gramatical e lexical. Vale salientar que o maior empecilho para se avaliar a validade desta hipótese dentro dos fundamentos do método comparativo foi e ainda é a inexistência de publicações detalhadas sobre o léxico de algumas das línguas abordadas, notadamente do tikuna e do andoke.²⁵⁶

Em uma revisão da proposta, Jolkesky (2015) excluiu o andoke por considerar que os paralelos relevantes existentes entre esta língua e as demais são decorrentes unicamente de contato. A hipótese de que as línguas andoke e tikuna estiveram em contato é reforçada pela descoberta do andoke ser geneticamente relacionado ao urekena (Jolkesky 2012). O urekena

²⁵⁶ Muito embora o tikuna e o andoke já tenham sido relativamente bem estudados desde há pelo menos quarenta anos, nenhum dos linguistas envolvidos nestes estudos publicou até o presente um dicionário destas línguas.

era falado no rio Içá (num território contíguo ao dos tikuna) ao menos até durante o século XIX. A TABELA 17 lista os cognatos encontrados entre as referidas línguas:²⁵⁷

TABELA 17. Cognatos lexicais urekena – andoke

| | UREKENA <...> | UREKENA [...] | ANDOKE |
|-------------|---------------|---------------------|----------------------------------|
| 1.S | no-, nō- | no-, nə- | no-, o- |
| 3.S.INDEF | ni-, in- | ni-, in- | ni-, i- |
| 1.P | kau- | kau- | ka(a)- |
| água | da u koü | dauk ^w u | da ^h u ^h |
| arco | bäärü | baaru | pähä-se ‘arco’ |
| banana | kòka-rè | kòka-ræ | kòkò-pɣ |
| braço | -nùka | -nùka | -nòka |
| cabeça | -nari | -nari | -tai: |
| canoa | pau kö | paukə | pukə |
| chuva | da oié | dawiaë | dɣʔi |
| dedo | -ni-rui | -ni-rui | -si-domĩ |
| dente | -konì | -konĩ | -kónĩ |
| estômago | -tuu | -tu: | -tura |
| estrela | vuai kùì | βuaikui | fua ^h kh ^h |
| língua | -tschoru | -tʃoru | -sonə |
| machado | föü | φəu | paa |
| milho | schuu | ʃuu | soboi |
| nariz | -viüta | -βüta | -pɣta |
| olho | -jakouü | -jakouu | -áka |
| pantorrilha | -va | -βa | -pā ‘perna’ |
| perna | -va-tana | -βa-tana | -pā ‘perna’; -tanə ‘osso’ |
| rede | koomān | ko:mā | komə |
| unha | govü-tarü | goβu-taru | -si-kopɣ |

Outros avanços apresentados nesta revisão são (i) a inclusão de dados das línguas yuri e mako e (ii) o aumento do número de possíveis cognatos à luz de um maior volume de dados das línguas saliba, piaroa e hodi. Nesta revisão o tronco é constituído de duas ramificações: tikuna-yuri e saliba-hodi. Além disto, se propõe uma alteração da designação do tronco para ‘duho’, tendo em vista (i) o prefixo ‘macro-’ ter sido usado unicamente em função da inclusão prévia do andoke como uma ramificação primária e (ii) ser etimologicamente mais coerente a designação ‘duho’ (derivada da fusão de tik dú- ‘gente’ com hdi ho ‘id.’) ao invés de ‘daha’.

²⁵⁷ O *corpus* urekena se resume a uma lista de palavras coletada por Natterer no século XIX.

Especificamente sobre o status do hodi, mesmo que sua classificação tenha sido um tema controverso,²⁵⁸ o vínculo genético desta língua com a família saliba já vinha sendo apontado por diversos autores (Cobbens 1983; Vilera-Diaz 1985; Zent & Zent 2008), tendo tal *status* sido também confirmado por Rosés Labrada (2015, comunicação pessoal). A presença de um estrato comum a estes conjuntos claramente se observa na TABELA abaixo:

TABELA 18. Cognatos lexicais entre as línguas do conjunto saliba-hodi

| | MAKO | PIAROA ²⁵⁹ | SALIBA | HODI |
|-----------------|-----------------------|-----------------------|---------------------------|---|
| 1.P | -d | -t | -t | ^h tai |
| 1.S | ut ^h u | t ^h u | - | ^h tæ |
| 1.S | -t | -d | -d | - |
| 2.P | uk ^w udw | ukutu | ükudu | ^h kedw |
| 2.S | uk ^w u | uku | üku | ^h kæ/ ^h kuude |
| 2.S | -k/-k ^w | -k ^w | -k ^w | - |
| 3.P | - | h ^w ætu | hitu | hai |
| 3.P | t ^h - | t ^h - | h- | hai |
| 3.S.F | ihu | - | - | hu |
| 3.S.F | -h | -h | -x | - |
| 3.S.M | ite | - | - | dæ |
| abelha | wãçõ | maja/umaju | mupu-gudi | mapo 'mel' ²⁶⁰ |
| ACU | -nu | -ru | - | -nu |
| aqui | bena | pænæ | pena | bɣna |
| assoprar | p ^h ubw | p ^h uʔu | hupe | hu |
| assoprar | - | juʔu | - | ju |
| aranha | uwuuka | euk ² e | eaga | a ^h kukæ |
| árvore | towi | dau | - | ^h taww (S)/ ^h tau (P) |
| barriga | ukua- ² wo | ikua-mæ | ikoo ² 'bucho' | ek ² o |
| barro | lete- ² di | - | - | le ^h te-da |

²⁵⁸ Koch-Grünberg (1913) e Wilbert (1963) a haviam associado à família karib, mas os escassos paralelos lexicais destes conjuntos são resultantes de uma relação de contato. Embora Migliazza (1985) tenha alegado a existência de uma taxa de cognação de 20% entre o hodi e a família yanomami, as evidências não foram apresentadas pelo autor e, de fato, paralelos com real possibilidade de cognação não foram encontrados nesta pesquisa para os referidos conjuntos. O mesmo se passa com a hipótese de Henley, Mattei-Müller & Reid (1994-1996) sobre a inclusão do hodi na família puinave-nadahup, onde igualmente alegaram a existência de cognação em torno de 20%, mas as provas desta relação não foram apresentadas pelos autores e possíveis cognatos entre os referidos conjuntos simplesmente não foram encontrados nesta pesquisa.

²⁵⁹ Os traços de aspiração e glotalização silábicas não estão indicados em PIA, pois não há um estudo sistemático destes traços nesta língua para saber quais são seus estatutos fonêmicos e não há consenso de indicação destes traços nos materiais atualmente disponíveis. De qualquer modo isto não interfere na demonstração das semelhanças existentes entre PIA, SLB e HDI, pois o propósito da comparação não é a proposição da reconstrução de protoformas, mas apenas mostrar que os termos comparados apresentam uma provável origem comum.

²⁶⁰ cf.tb.: HDI mǎinã 'abelha', HDI la^hkodw 'abelha'.

TABELA 18. Cognatos lexicais entre as línguas do conjunto saliba-hodi

| | MAKO | PIAROA ²⁵⁹ | SALIBA | HODI |
|------------------|-------------------------|--------------------------------|-----------------|---|
| beber | ou | au | ōg ^w | au ‘água’ |
| bico | apo | aba | – | abo |
| boca | a | æ | aha | a |
| bugio | – | imu | – | ĩmo |
| cabeça | u-ɕu | u | iɕu | ^h tu |
| cabelo | uwu- ² ɕe | u-wo-ts ² e | u-wo | ^h tu-wə/ ^h tu-wə ²⁶¹ |
| caminho | mana | mænæ | maana | mana; -ma ‘CLS.caminho’ |
| carne | ite-bia | ts-ide-pæ/de-ʔa | de-ʔa | ũnæ |
| casa | ōdo | ido(-ræ) ‘refúgio’ | ito | ido ²⁶² |
| chefe | – | – | mae-(ã) | ae/maĩhno |
| chupar | – | – | ɕuɕuʔa | ^h lu ^h lu |
| cipó | wibu(-p ^h a) | wipohu | poxu | ibuhu |
| cobra | – | æk ^h a | – | e ^h ko |
| comer | ku ²⁶³ | ku | ikua | ^h ku-ō/ ^h ku-ai |
| COM | -k ^w u | – | – | -ku |
| cortar | – | kuuʔu | – | ^h k ^w ai |
| cortar | – | now | naeda | naw |
| criança | ĩ ^h ĩ | ĩ ^h ĩ | – | ĩni |
| cuia/cabaça | – | uts ² abo ‘vasilha’ | lopa/lopo | ^h labo |
| curar | – | juu | – | ju |
| curare | – | manewa | – | malawa |
| dar | iɕu | iju | iɕa | ^h tu |
| dente | – | ak ^h u | oʔxu | u ^h ku |
| dentro | okwa | ʔak ^h wæ-næ | hoa | ^h k ^w a |
| DIST | ɕ- | ɕ- | ɕ- | di- |
| dormir | abu | æʔu | ae | abu |
| enrolar | – | huæu | hai | ^h wau |
| escorpião | – | idiju | ĩdisaka | i ^h ti |
| espírito | – | – | kaõhã | ^h kahohã ²⁶⁴ |
| espírito daninho | – | awet ^h a | – | awela(-du) ²⁶⁵ |
| esquilo | – | k ² æri-nuwa | – | ^h kali |
| este | bite | pide | pidi | bidu (P) |

²⁶¹ HDI ^htu ‘cabeça’.

²⁶² HDI ido ‘churuata, cabana indígena’.

²⁶³ MKH ku-ō “comer-CLS.MASC”.

²⁶⁴ Ser imortal primordial (López 2006:362).

²⁶⁵ HDI -du ‘P’.

TABELA 18. Cognatos lexicais entre as línguas do conjunto saliba-hodi

| | MAKO | PIAROA ²⁵⁹ | SALIBA | HODI |
|---------------------------------|--------------------------|-------------------------|-------------------------------|--------------------------------------|
| estrela/pleiades ²⁶⁶ | – | æte(ju) ‘pleiades’ | – | ade(-du) ‘estrelas’ |
| falar | – | ukuok ² u | – | ^h kuukur |
| farinha/pó | tʃ ^h õma ‘pó’ | – | õbã ‘mandioca amarga’ | ^h jowã ‘farinha’ |
| fígado | – | – | o?dede | odede |
| flor | ĩnabu | æ?u | ipu | bu |
| fogo | uk ^w ur-la | oku-de | nũgu ‘madeira’ ²⁶⁷ | ^h ku-le |
| formiga | – | – | nĩjõ | ĩnæpo |
| fruto | opo | – | ipu | hu |
| fruto | – | -æ ^h e | ade ‘semente’ | atei ‘fruta/cacho’ |
| gavião | bole ‘abutre’ | pare | – | bole |
| pessoa | hoho | – | hoxo | ho |
| goiaba | – | wajawa | g ^w aleba | wajawa |
| gordura | õde | ãdê | õde | o ^h te |
| grilo | – | ajnu-wa | hajnu-di | ãpo-hã/ãpo-du |
| gritar | h ^w ube | – | ae | ^h wæe |
| homem | ũma-du (P) | ubɣ (S)/umæ-tu (P) | ũbe (S)/umu-tu (P) | – |
| idioma | inene ‘língua, idioma’ | ine ‘língua’ | – | ĩne |
| IMP | -i | -i | -i | -i |
| ingá | luwa | ruwa | subo | luwæ |
| inhame | h ^w ale | h ^w are | – | ^h wālê/ ^h wāne |
| intestino | – | – | itebo | tebo |
| irmã/prima maior | – | – | g ^w atʃu | ^h lu |
| irmão/primo maior | – | – | g ^w ãtʃê | ^h lê |
| irmão menor | – | – | ĩxae | hãjê |
| irmão/irmã | – | awaruwa | – | abã ^h lõ |
| irritar-se | – | rawæri-p ^h u | – | lowali |
| lago | -obu ²⁶⁸ | ubo-ra/dubo-ra | apu/opu | mabo |
| LOC/INSTR | -nuu ‘LOC’ | -næ ‘INSTR’ | -na ‘INSTR’ | -na/-ne/-nuu ‘LOC’ |
| longe | uduw | ɣɣɣ | oto | ^h tɔdɔ |
| lutar | – | rowæu | – | lowai |
| mãe | õhõbĩ | a-hu | o-xu ²⁶⁹ | u |
| mandioca | ile | ire | – | alæ |
| mandioca amarga | – | – | sêjã | ^h læja ‘raízes’ |
| mão | – | ũmu | ũmo | bõ |
| matar | k ^w abu | k ^w au | – | ^h wao |

²⁶⁶ PIA -ju ‘CLS.conjunto’, HDI -di ‘P’.

²⁶⁷ cf. tb.: SLB pude ‘lenha’.

²⁶⁸ MKH -obu ‘CLS.líquido’

²⁶⁹ -xu ‘CLS.feminino.singular’.

TABELA 18. Cognatos lexicais entre as línguas do conjunto saliba-hodi

| | MAKO | PIAROA ²⁵⁹ | SALIBA | HODI |
|------------------|-------------------------------------|--|-----------------------|---|
| medo | – | jetekwa | tekwe | itiwuu |
| milho | ɲõmu | ɲamuu | ɕõmo | ^h tābu |
| molhado | – | ak ^{wh} aa | owa | ^h k ^w ada |
| montanha | -ina-wa ‘pedra’ | ina-wa | inā-k ^w ā | inæ-wa |
| morcego | – | kohua | k ^w āixuga | ^h k ^w āɲuwā |
| morder | – | jũu | ɲia | ɲuu |
| morrer | – | – | kae | ^h kai |
| moscas | – | nanuu | – | nunuu |
| mulher | itʃ ^h -uhu | its ^h -ahu (S); næ-tuu (P) | ɲa-xu(S); ɲa-tu (P) | ā-ũ(S); ā-du (P) |
| nariz | itʃ ^h ũ; -ɕũ ‘CLS.nariz’ | -ɲu ‘CLS.protuberante’ | ĩ(-xu) ²⁷⁰ | ĩɲo/ɲo |
| NEG | – | – | -de | -de |
| novo | – | – | āpae | ɲabae |
| onça | ɕawĩ | jæwu, tʃawuu | – | jewi ‘onça/raposa’ |
| orelha | t ^h ulakiju | – | – | õlêka |
| osso | iwe | iwe(-k ^ʔ a); -w ^h ẽ ‘CLS.osso’ | – | wāwā/wẽpa (P) |
| ouvir | – | æhũkũ | æxõõ ‘orelha’ | ãku |
| ovo | iɕa-po | ijæ | hieɕa | ue-ja |
| pai | abe-dõ | -æɾ | ae | ^h l-ae/ ^h l-ai (S); ae/ai (P) |
| pajé | – | mæri(-mu) | – | malĩ(-mo) ‘homem’ |
| papagaio | – | – | lolo | lolo |
| pilão | dowoda | t ^ʔ awat ^ʔ a | – | ^h toda |
| pássaro | – | – | ɲĩde | ĩ ^h te |
| pedra | – | ina-tʃā | inā-tʃũ | inæ |
| pedra | – | idok ^ʔ i | – | ĩ ^h to/ĩ ^h tr |
| pegar | – | tsuwædu | – | lũwẽdu |
| mama | – | ata-te | odi-ju/odi-xu/ode-te | ode-ko/ode-te |
| pele | ĩɲẽdõ | (tʃ)-ĩhêtā | – | hedo-do/hedo-i (P) |
| pelo | – | wokou | – | uiko |
| pesado | umuka | amæka ^ʔ a | umãge | bẽkido |
| pescoço/garganta | ũkwũ | ak ^h uæ | õk ^w a | ^h k ^w ā |
| pimenta | ladĩ | rat ^h e | tare | lā ^h te |
| P.ANM 1 | -du | -tu | -tu | -du |
| P.ANM 2 | -mu | -mu | -mu | -mo |
| pote | – | awawot ^h a | – | wõi ^h ta |
| preguiçoso | – | ur ^h awa | udaga | idæwado |
| PROX | b- | p- | p- | bi- |
| qual? | di- | ti- | tuu | ^h ti- |
| quebrar | – | – | kia | ^h keu |

²⁷⁰ SLB -xu ‘CLS.oco’

TABELA 18. Cognatos lexicais entre as línguas do conjunto saliba-hodi

| | MAKO | PIAROA ²⁵⁹ | SALIBA | HODI |
|------------------------|-----------------------|-----------------------|--------------------|---|
| queixo | aka | akæ | – | ākā |
| quente | tuba/tubi | duaʔa; duo-næ ‘verão’ | duwaʔda | ^h tuwædo; ^h tuwɣ ‘verão’ |
| raiz | -ɗa ‘CLS.raiz’ | – | iɖeɖʒa/iɖaɖʒa | ^h la ^h la/ ^h læja ‘raízes’ |
| ralar | hibuu | k ^h iū | – | hiae |
| rede | – | its ^h æja | tesia | dijæ |
| rio | oh ^w e | ahe | óxē-to | heto |
| sangue | – | uk ^w ɣha | k ^w aʔu | i ^h kwæ- ^h ju |
| savana/planície | mehe | mehe-k ^ʔ æ | – | me/me ^h k ^ʔ e |
| seio | – | atate | ode(-te) | ode(-ɗa) |
| sementes | – | – | ade | adæ |
| solo | nihi | rēhē | sēxē | ^h lɛi/ne |
| tatu | – | akua | u ^ʔ ka | ō ^h kō |
| terra | – | redæ-k ^ʔ æ | – | læ ^h te-ko |
| TOP | -ma | -ma | -ma | -ma |
| velho | – | tabo | – | ^h ta ^h wɔ |
| veneno | – | mænewæ | – | malawa |
| verde/azul | – | – | noʔfi | nu ^h tipo |
| verão | – | duwo-næ | – | ^h tuwɣ-na |
| vermelho | duw | tuu/tuæ | duwa/duwo | duwæ |
| vir | iʃ | iʃu | – | ^h lu |
| voar | kuubi | kɣʔu | – | ikebuunæ |
| vomitir | etek ^w awu | edeku | – | e ^h teke |
| zarabatana | – | ijuaana | – | ^h wāna |

Observa-se, porém, que, apesar de existirem correspondências fonológicas regulares neste conjunto de dados, parte dos paralelos não apresentam a regularidade esperada dentro daquele padrão, o que indica que situações de contato também tiveram um papel importante durante e após a etnogênese dos povos falantes destas línguas, podendo, inclusive, ter havido processo de crioulização envolvendo falantes do pré-hodi com falantes de línguas saliba-piaroa.

O mesmo se observa com relação à filiação genética do betoi com as línguas saliba-piaroa. Zamponi (2003:2) já havia observado algumas semelhanças entre estes conjuntos, assumindo serem decorrentes de contato. Entretanto, as semelhanças apontadas na TABELA 78 envolvem pronomes e termos do léxico básico e, neste sentido, é minimamente presumível uma forte participação de populações de origem saliba-piaroa na etnogênese do proto-betoi.

TABELA 19. Cognatos lexicais entre as línguas do conjunto saliba-betoi

| | MAKO | PIAROA ²⁷¹ | SALIBA | BETOI |
|----------------|-------------|-----------------------|--------------------|-----------------|
| 1.S | ʷtʰʷ/tʃ(V)- | tʰʷ/tʃ(u)- | tʃ- | r(u)- |
| 2.P | ʷkʷʷdu | ukutu | ũkudu | uhurow |
| 2.S | ʷkʷʷ | (u)ku | ũku | uhu |
| 2.S | kʷ(V)- | kʷ- | kʷ-/k-/g- | h(u)- |
| água/chuva | – | – | õxó(hõ) ‘chuva’ | oku ‘água’ |
| barriga | – | tʰʷkʰʷamũ | – | utuku |
| braço | – | – | í-xõ | da-fu |
| branco | – | teaa ‘amarelo/branco’ | dea ‘branco/claro’ | -siaho |
| cabelo | ʷʷʷ-ʔʃe | u-wo-tsʰe | u-wo | ubu- |
| caminho | mana | mænæ | maana | mana |
| casa | õdo | ido(-ræ) ‘refúgio’ | ito(xu) | tuku |
| corpo | – | – | obodi | ehebosi |
| dente | – | akʰu | oʔxu | oxoki |
| doce | – | – | õdi | olisa |
| estrela | – | sirikʔʔ | – | siliko |
| F | – | – | -o | -o |
| falar | – | peih | paha | faa |
| homem/ser vivo | – | ubʔ ‘homem’ | ũbe(di) ‘homem’ | ubad ‘ser vivo’ |
| IMPERF | – | – | -in(a) | -ida |
| ir | – | – | gu | anu |
| língua | inene | ine | – | ine(ka) |
| LOC/INSTR | -nuʷ ‘LOC’ | -næ ‘INSTR’ | -na ‘INSTR’ | -nu ‘LOC’ |
| M | – | – | -i | -oi |
| mão | – | ũmu | ũmo | umo |
| milho | ʃõmu | ʃamuʷ | ʃõmo | romu |
| onça | – | – | ĩpi | ufi |
| pedra | – | ido-kʰi | inã-tʃũ | inaki |
| PROX | – | pide | pidi | iri |
| terra | – | rehẽ | sahĩ | dafibu |

O fato claramente também se repete no conjunto de dados das línguas constitutivas do hipotético tronco duho, apresentado na TABELA 20, onde estão elencados os diversos paralelos com possibilidade de cognação. Esta hipótese poderá ser avaliada com maior precisão apenas

²⁷¹ Os traços de aspiração e glotalização silábicas não estão indicados em PIA, pois não há um estudo sistemático destes traços nesta língua para saber quais são seus estatutos fonêmicos e não há consenso de indicação destes traços nos materiais atualmente disponíveis. De qualquer modo isto não interfere na demonstração das semelhanças existentes entre PIA, SLB e HDI, pois o propósito da comparação não é a proposição da reconstrução de protoformas, mas apenas mostrar que os termos comparados apresentam uma provável origem comum.

(i) com o acesso a um maior volume de dados das línguas tikuna e mako e (ii) com a ampliação do banco de dados de línguas do noroeste amazônico e Orinoquia que foi originalmente utilizado para esta tese.

TABELA 20. Possíveis cognatos lexicais entre as línguas do conjunto duho

| | TIKUNA | YURI ²⁷² | SALIBA | PIAROA | MAKO | HODI |
|----------------|---|----------------------------------|---|---|--|---|
| 1.P | tò(-bã) tò-/tà- - | too (M) - - | ūxu t- -t | uhutu(-mæ) t(u)/t(i)- -t | - d(V)- -d | ^h tai '1.P.SUJ.ACT' - - |
| 1.S | ʃò(-bã) ʃò-/ʃà(ù)-/ʃi- - | tshuu (M)/súu (S) tscha- - | hoo ʃ-/ʃi- -d | ^h ʉ(-mæ) ʃ(u)- -d | ʉ ^h ʉ ʃ(V)- -t | ^h tæ '1.S.SUJ.ACT' - - |
| 2.S | kù(-bã) ku-/ki-/k ^w i- - | wikú (M)/wiù (S) - - | ūku/huk ^w u k ^w -/k-/g- -k ^w | (u)ku(-mæ) k ^w -/ka-/ki- -k ^w | uk ^w u k ^w (V)- -k-/k ^w | ^h kæ/ ^h kuude - - |
| 3.P | tuu(-bã) tá-/tí- - | - - - | hī-tu h- -h | hituu(-mæ) t ^h (a)- -t ^h | iduu t ^h (V)- -t ^h | -iduu hai '3.P.SUJ.ACT' - |
| 3.S.F | gí(-bã) gī-/ī- - | - - - | hi-xu x- -x | jahu(-mæ) k ^h - -h | ihu h(V)- -h | - - - |
| 3.S.M | dū(-bã) dī-/dā- - | di (N)/niy (M) - - | - i- -di | p-ide 'este' - - | ite - - | dæ '3.S.SUJ.ACT' ni- -dæ |
| abelha | báē 'vespa' ²⁷³ | - | - | maja | - | maēna |
| ADT | -tá ²⁷⁴ | - | -ta ²⁷⁵ | -tæ | - | - |
| alto | - | liôko (M) | joko ²⁷⁶ | - | - | - |
| amarelo | déè | - | dea 'branco/claro' | teaa 'amarelo/branco' | - | - |
| anzol | pó:wà | - | - | ah ^w æ | āh ^w a | - |
| aranha | pawu | - | - | æu/æwi | urwu | - |
| arco | dùpa 'arma antiga' ²⁷⁷ | {me}tschépa{ri} (w)ʄupaa/ʄipaa | - | - | - | - |
| árvore | dāi | noi (w) ²⁷⁸ | - | dawi | towi | ^h tawuu |

²⁷² Fontes: M = Martius; S = Spix; N = Natterer.

²⁷³ Tastevin 1996:446.

²⁷⁴ Montes 2003:105.

²⁷⁵ Estrada 2000:690.

²⁷⁶ SLB joko-be 'alto-CLS.M.S'.

²⁷⁷ Ahué *et alii* 2002:104.

²⁷⁸ YRI <noi> 'árvore', a partir da comparação dos seguintes dados: <noinó> (w) 'árvore' (> [nõĩ-nõ] 'árvore-?'), <noiyú> (w) 'floresta' (> [nõĩ-ju] 'árvore-?'), <nointjú> (w) 'folha' (> [nõĩ-ʃu] 'árvore-folha'); o termo YRI <-tjú> [-ʃu] 'folha' forma paralelo com SLB exo 'folha'.

TABELA 20. Possíveis cognatos lexicais entre as línguas do conjunto duho

| | TIKUNA | YURI ²⁷² | SALIBA | PIAROA | MAKO | HODI |
|------------------------------|------------------------------------|--|--|--|--------------------------------------|---------------------------------------|
| avô/pai | dátú 'pai' | atú (N)/hato (M) 'pai' | dade 'avô'; dado 'avô' h-æno '3.avô' | | - | - |
| avô/pai | óí 'avô'; bái 'pai' ²⁷⁹ | yay (S) 'avô' | ae 'pai' | æɾ 'pai' | - | ai 'avô/pai' |
| barriga | kúbá 'quadril' | - | - | uk ^h uæ-ma | ukua- ² wo | - |
| beber | àé | - | - | - | - | wai |
| beber | - | -ägóhco (M) | ög ^w | au | ou | au 'água' |
| boca | à: | i à (N)/iá (W) | aha | æ; -jæ 'CLS.boca' | a | a |
| bom | béè | - | bai | - | - | bae 'novo' |
| braço | tjákúuu 'braço/ ramo' | - | tjako 'cepo'; ixoxo tjako 'antebraço' | - | - | - |
| broto | tjákà | - | - | its ^h -æk ² a 'apêndice' | - | - |
| cabeça | èrú | gerühó | içju | u(-ju) | u; -çju 'CLS.cabeça' ^h tu | |
| cabelo/pelo/ pena | tjii 'pena'; tjí 'pelo' | ii 'pelo' ²⁸⁰ | - | -ts ² e | - ² çje | - |
| caminho²⁸¹ | bà | -mó ²⁸² (W) | maa(-na) | mæ(-næ) | ma(-na) | ma(-na); -ma 'CLS.caminho' |
| campo/savana | kùàdè 'campo' | - | kãade 'savana' | - | - | - |
| canídeo | áírú | ovari (N)/wéri (W); oli wári 'onça' (M) | | awæri/ æwiri | awiri | - |
| canoa | güè | - | g ^w e(-tju) | woi(-k ^h a)/ woi(-ba) | - | - |
| carne/caça | dááèù/dáéù 'caça' | nai/tuóieh (M) 'carne' | dea 'carne' | deæ 'carne'; deaitsæ 'animal' | itebia 'carne' | ilêhai 'carne' |
| casa | - | {t}íno (W) 'cabana' | ito | - | ôdo | ido ²⁸³ |
| CDC | -ga | - | xa | - | - | - |
| chover | pù: | - | {omí-}pu 'orvalho' ²⁸⁴ | - | - | ibu |
| cipó | waipú 'timbó' | - | - | wipo(-hu) | wibu(-p ^h a) | ibu(-hu) |
| COM | -bã ²⁸⁵ | - | - | -mæ | - | -bã |
| comer | gò: | - | ikua | ku | ku(-ô) ²⁸⁶ | ^h ku-ô/ ^h ku-ai |
| comprido | bá:/bã 'alto/ comprido' | mähä (M)/maêe (S) 'comprido' | - | - | muu 'alto' | ^h tabü 'alto/ comprido' |
| constelação | wúikutja 'orion' | - | ixuçã 'pleiades' | - | - | - |

²⁷⁹ TKN bái 'pai' é uma forma vocativa arcaica; cf. tb.: TKN oe 'tio paterno' (Nimuendaju 1952:155).

²⁸⁰ YRI -ii 'pelo', a partir da comparação dos seguintes dados: <-kiriú> (S) 'cabeça', <-kiriúii> [kiriú-ii] (S) 'cabelo'.

²⁸¹ É plausível que tenha havido lexicalização do morfema locativo nas línguas saliba-hodi (PSAH *bã-dã 'caminho-LOC'; cf. HDI -ma 'CLS.caminho').

²⁸² YRI ne-mó [dê-bô] '3.caminho' (cf.tb.: TKN dã-bã '3.caminho').

²⁸³ HOT ido 'churuata, cabana indígena'.

²⁸⁴ SLB omĩ 'neblina, fumaça'

²⁸⁵ Montes 2003:90.

²⁸⁶ MAK -ô "CLS.MASC"

TABELA 20. Possíveis cognatos lexicais entre as línguas do conjunto duho

| | TIKUNA | YURI ²⁷² | SALIBA | PIAROA | MAKO | HODI |
|-------------------------------------|--|-------------------------------|---|--|------------------|---|
| coração | bãũdê | – | omaidi | – | – | – |
| corpo | údé | – | ôde ‘gordura’ | ane ‘gordura’ | – | ũne ‘carne’ |
| crescer | bài | – | – | bau | – | bae/bau ‘transformar-se’ |
| criança | búu ‘menino’; búú ‘menina’; bú:à-tà ‘crianças’ | – | – | buo | – | – |
| curar | ɕuwu ‘pajé’ | – | – | juu ‘curar/curandeiro’; – juwæwæ-rua ‘pajé’ | – | ju |
| dente | – | tschäco (M)/ seko (S) | – | ak ^h u | – | u ^h ku |
| DIR | -dã ²⁸⁷ | – | -na ²⁸⁸ | -na ²⁸⁹ | – | – |
| dois | tàré | – | – | tV...re ²⁹⁰ | – | – |
| dormir | pè | {-iri} pò (N) | – | – | abu | abu |
| espírito | ãê ²⁹¹ | – | ōāi(-di) ‘espírito daninho’ ²⁹² | ãê ²⁹³ | – | ãwê(no)/awe(la) |
| esquerda | toówe | – | – | t ^ʔ wowe | – | – |
| estômago | túé | – | tee(-tje) ²⁹⁴ | – | – | – |
| farinha | – | omohó (W) | oboh ^w ã | – | – | – |
| fígado/língua ²⁹⁵ | – | -otã (M)/-utè (S) ‘língua’ | ode ‘fígado.P’ | – | – | ode- ‘fígado’ |
| filho | dé ‘filho’ | o nné ‘filho’ (N) | nē(-ê) ²⁹⁶ | ĩ ^h ĩ | ĩ ^h ĩ | ĩni |
| flecha ²⁹⁷ | dägùdê ‘dardo’ | boconöno (M) | dokono ‘lança/ flecha’; dok ^w a (P) | dak ^w odæ ‘lança’ | – | lu ^h k ^w i ‘lança’; lu ^h k ^w i- da (P) |
| floresta | – | iré a (N) | – | dea | tebo | – |
| fogo | wuù | yy (S)/ ii (N) | eeso/ ooso | – | – | – |
| formiga | dãíçtù | – | nĩpñ/nĩpñũ | næiæ/næü | – | ĩnæpo |

²⁸⁷ Montes 2003:125.

²⁸⁸ Krisologo 1976:126.

²⁸⁹ Estrada 2000:686

²⁹⁰ Krute 1988:157.

²⁹¹ Goulard & Rodriguez 2013:43

²⁹² cf. tb.: SLB oai ‘sombra’.

²⁹³ Krisologo 1976:28; conf.tb.: PIA æwe-t^hæ ‘espírito daninho’.

²⁹⁴ SLB -tje ‘CLS.alargado’.

²⁹⁵ Observe, por exemplo, que PTUK *tj^ʔeme significa tanto ‘língua’ como ‘fígado’; provavelmente o formato destes órgãos tenha etnosemanticamente gerado tal valor polissêmico deste étimo. Os termos HOT odede, odeko ‘fígado’ contêm respectivamente classificadores -de ‘CLS.?’ e -ko ‘CLS.?’.

²⁹⁶ SLB -ê ‘CLS.M.S.’.

²⁹⁷ O termo YRI <boconöno> pode conter uma posposição -no (cf.: SLB dokono-na ‘com a flecha’).

TABELA 20. Possíveis cognatos lexicais entre as línguas do conjunto duho

| | TIKUNA | YURI ²⁷² | SALIBA | PIAROA | MAKO | HODI |
|-----------------------|-------------------------------------|---------------------|----------------------|---|-----------------------------|------------------------------|
| frio | dédʒũ | reréya (M) | ɖija | dijau | tijua | – |
| fruta | étú ‘olho’ | äti ‘olho’ | ade ‘semente’ | -æte | -de ‘CLS.fruta/ semente’ | adæ ‘sementes’ |
| fumaça | ébá/ ébáũ | – | omi/ omiũ | – | – | – |
| gente | duè | – | – | ruæ | – | – |
| grande | tàà/ tà: | – | otoba ‘longe/alto’ | ɣt ^h ɣaa ‘alto/ comprido/longe’ | uɖu ‘grande/ longe’ | – |
| habitat | àdè ‘vivenda/ terra/mundo’ | – | – | re- ‘terra/mundo’; -de ‘CLS.casa’ | – | ne ‘terra’ |
| inhame | kore ‘batata’ | – | – | h ^w are | h ^w ale | h ^w älē |
| irmão | bãĩ | imá (M)/-imai (S) | ime | – | – | – |
| irmão maior | edēē | – | – | – | – | h ^d ē |
| lá | ɕeé-ne/ɕéà | – | ɕehe/ɕena | jēne | ɕena | dæna ²⁹⁸ |
| larva | bòó | – | booti/buuti | – | – | – |
| língua | kódú | – | ane(-ne) | -ne ‘CLS.língua’ | -ne ‘CLS.língua’ | alēlē |
| LOC ²⁹⁹ | -wá | – | -h ^w ana | -h ^w aa | – | -k ^w a |
| lutar/matar | dàí | – | da | – | – | – |
| macaco | óbé | ghooby (M) | ɕupe | – | – | – |
| mãe | – | ijoho (M)/iyuhó (W) | oxu | ahũ | òhòbĩ | – |
| mandioca brava | òwa | – | òbã/ òã | – | – | h ^y owã ‘farinha’ |
| mão | ébuũ ‘remo’ ³⁰⁰ | bomó (M) ‘dedo’ | imo umo | umu/umuu; -(æ)mu ‘CLS.mão’ | – | bō |
| matar | kùè ‘caçar’ | – | – | kuæ-u | k ^w a-bu | h ^w ao |
| milho | ɖfawú | – | ɕomo | ɖãmu | ɖõmu | h ^t ãbu |
| montanha | idã-gu ‘elevação’ ³⁰¹ | – | ina ‘pedra/montanha’ | inæ ‘pedra/montanha’ | ina | inæ ‘pedra/ montanha’ |
| montanha | pùr:/púũ | poa (M)/vũ (N) | – | muwæ(-k ^ʔ a) ³⁰² | – | – |
| morcego | dũ | – | – | – | – | no ³⁰³ |
| morder | – | sábi inniã̃ (N) | ɖiã | ɖu | – | – |
| nascer | bu | – | bo | – | – | bo ‘CLS.broto’ |
| NSUJ | -ũũ ³⁰⁴ | – | -ri | -ru/ -ru | -nũ | -nũ |
| o que? | tà:(kú) ³⁰⁵ | – | ã-daha | dæhe | tahi | – |

²⁹⁸ Mattei-Muller s.d.:2.

²⁹⁹ Montes 2000:300.

³⁰⁰ TKN -bê: ‘mão’.

³⁰¹ TKN <na-ina-guê> /dã-idã-gu/ ‘3.elevação’ (Alviano 1945:108).

³⁰² PIA -k^ʔa ‘CLS.saliente’.

³⁰³ Mattei-Muller s.d.:33.

³⁰⁴ cf.tb.: TKN -ru ‘TOP’.

³⁰⁵ TIK tà:kú pode conter uma lexicalização do morfema TIK -ku ‘NMZ’.

TABELA 20. Possíveis cognatos lexicais entre as línguas do conjunto duho

| | TIKUNA | YURI ²⁷² | SALIBA | PIAROA | MAKO | HODI |
|----------------------------------|--|--|---|------------------------|------------------------------------|---|
| olho | ʃjáré 'semente/ ovo/testículo' | – | – | -re 'CLS.olho' | -ale 'CLS.olho' | – |
| onça/veado | ɕawe 'veado branco' | tschaungäh (M) 'veado' | ɕagwite 'Leopardus sp.' | jæwi 'onça' | – | jewi 'onça/raposa' |
| peito | bíí | – | omixē | ami ³⁰⁶ | omu | me(e)- ³⁰⁷ |
| pessoa | – | ssokó (N)/ tschoko (M) 'homem' | hoxo | – | hoho | ho |
| picar | daũ ³⁰⁸ | – | naeda | nou | – | nau |
| pilão | tauta ³⁰⁹ | – | – | t'awat'a | dowoða | ^h toda |
| planta/galho | dē; pudē 'tronco' | – | pude 'lenha' | -de 'CLS.planta/galho' | – | – |
| quem? | tēé | – | ã-diha | di | ti | – |
| redondo | pú 'redondo'; wipue 'grão' ³¹⁰ | – | -pu 'CLS.redondo'; i- pu 'fruta/semente' | – | -po 'CLS.redondo'; o-po 'fruta' | -hu 'CLS.redondo' |
| rio | -ttú 'rio' | – | -to 'CLS.líquido' | – | -uðu 'CLS.rio' | hedu/hedo 'rio' |
| roça/chácara | ĩ-páta/pátá 'casa' | – | – | pæt ^h a | bat ^h o | balo |
| sangue ³¹¹ | gu | ükon-ia (S)/kannia (N)/ ehcóni eri (W) | k ^w au | uk ^w ɣha | – | i ^h kwə(- ^h ju) |
| savana | bãè{-dēkw}; bãè 'erva' | – | – | mehe/mæhijæ | mehe; -me 'CLS.savana' | me |
| tubular | {bé-}dáã; dáã 'pescoço' ³¹² | {-pú}noho (M)/ - {po}nou (S) 'pescoço' | -no 'CLS.comprido' | -na 'CLS.tubular' | – | me ^h na 'perna'; -hēna 'CLS.comprido' |
| vagina | duwu ³¹³ | – | sii/sii | – | – | – |
| vermelho | dàù; dúúú ³¹⁴ | – | duba/dua/duo | tuu/tuæ | duw | duwæ |
| vila | ũtà 'morada' | – | – | utawijæ | – | – |
| voar | góé | – | – | kɣu | kuwu | ikebunæ |
| zarabatana ³¹⁵ | îè | – | – | puæ(-na) | – | ^h wã(-na) |

³⁰⁶ Krute 1989:134.

³⁰⁷ HDI me(e)-^hwã 'peito', HDI me(e)-baba 'parte central do peito' (HDI -^hwã 'CLS.?', HDI -baba 'CLS.achatado').

³⁰⁸ Anderson 1962:393.

³⁰⁹ TKN <tau/tá> /tauta/ 'pilão' (Nimuendaju 1932:577).

³¹⁰ TKN <ui-pôé> /wipue/ 'grão' (Alviano 1945:115).

³¹¹ YRI <-ia> [ja] pode ser um classificador para líquidos (cf.: PIA -ja 'CLS.líquido', HDI -^hju 'id.').

³¹² cf.tb.: TKN bê-bé-dáã 'dedo', TKN ʃĩ-dáã 'osso'.

³¹³ TKN <-deçé> /duwu/ 'vulva' (Nimuendaju 1932:573).

³¹⁴ Montes 1996:621.

³¹⁵ PIA -na 'CLS.tubular', HDI -na 'id.' estão lexicalizados.

As situações acima geram **um problema comum** que torna os sistemas de classificação genealógica tradicionais obsoletos, pois, como discutido na seção 2.2., é impossível esquematizar de forma realística a evolução de troncos linguísticos unicamente através de representações arbóreas tradicionais.

4.1.3. As hipóteses ‘puinave-nadahup’ e ‘puinave-kak’

Uma outra hipótese que ainda merece investigação exaustiva é aquela que relaciona genealógicamente os conjuntos puinave, kak e nahup no tronco ‘puinave-nadahup’ (Rivet & Tastevin 1920). Os seguintes cognatos, simultaneamente presentes nas três divisões (nahup, kak, puinave), se caracterizam como evidências que respaldam esta relação hipotética.

TABELA 21. Cognatos lexicais entre os ramos do conjunto puinave-nadahup

| | PROTO-NADAHUP | PROTO-KAK | PUINAWE |
|-------------|---------------------------|----------------|------------------|
| 1.P | *ʔid | *ʔit | bit |
| 2.S | *ʔāb | *bē:b | bāb |
| 2.S | NDB bā- | *bā- | bā- |
| 3.P | *hit | *ke:t | hyt |
| bicho-de-pé | *tʔād | KAK daʔduʔ | dad |
| braço | *bōh | *būih | bo |
| canoa | *xo:h > DAW xō | NUK ha | ha: |
| carne | *tʔap > DAW dep | KAK dep | ta |
| casa | *bō:j > NDB bū:j | *bū: | bō: |
| corda, cipó | *tut | KAK tut ‘cipó’ | du:t- |
| espinho | *ʔut | *ʔut | ʔut |
| fogo | *tʔ:g > NDB tʔ:g, DAW tʔʔ | *tu- | dy: |
| inambu | *bō:h | *bōw | bow |
| INSTR | DAW -hēd | *-hīd | -het |
| jacaré | NDB wʔ:ʔ | *wīw | wow |
| língua | *dōkʔ:ɛ:d | *dū:k | dok |
| mãe | *ʔi:d | *ʔi:d | ʔid |
| nariz | *hākʔ ‘respirar’ | *wu:k | hyk |
| orelha | *pʔu:jdok > HUP bʔɔdɔk | *būdi | butuk |
| ouvir | DAW xūj ‘orelha’ | *huj | huj |
| pimenta | *kow | kāw | kok |
| rio | *bī:h | KAK būih | bu: ‘corredeira’ |
| tatu | *jʔ:w > DAW jʔw | KAK jū: | ju: |
| temer | *ʔō:b | *ʔū:b | ōb |

Outras semelhanças são compartilhadas exclusivamente por dois destes três conjuntos:

- (i) kak e puinave (TABELA 22);
- (ii) nadahup e puinave (TABELA 23);
- (iii) nadahup e kak (TABELA 24).

Entretanto, a proposta tem recebido críticas de Bolaños & Epps (2009) e Bolaños (2011), que apontam (i) divergências formais importantes entre morfemas gramaticais e lexicais dos conjuntos nadahup, kak e puinave assim como (ii) assistemáticas de correspondências fonológicas nos possíveis cognatos avaliados pelas autoras. Destes três grupos, Bolaños & Epps (2015) veem apenas o conjunto ‘i’ com possibilidades reais de formar uma unidade genética, ficando subentendido pela conclusão destas autoras não ter sido possível estabelecer correspondências fonológicas sistemáticas entre os paralelos apontados para os outros dois conjuntos.

TABELA 22. Cognatos lexicais entre os ramos do puinave-kak

| | PROTO-KAK | PUINAVE |
|----------------|-----------------------|---------|
| 1.P | *φi- | bi- |
| 1.S | *wē:b | ?āb |
| 1.S | *wa- | a- |
| 2.P | *je:b | jāb |
| 3.S | *kā:d | ka |
| 3.S | *?a- | ha- |
| abelha | NUK būdū | būd |
| água | *haw | hu |
| arara | *jaw? | ju |
| ave | KAK φebe? | wip |
| beija-flor | *bu?jup | puj |
| bicho-preguiça | NUK ūb | hūb |
| carvão | KAK tāw ² | taw |
| filho | *we? ‘criança, filho’ | wa |
| dormir | *?ūw | ?o:w |
| figado | KAK dēb | dāb |
| formiga | *hōj | huj |
| fumaça | *hej | aj |
| gordura | *ji: | je |
| lá | kōd | hōd |
| morder | *tjā:k | sak |
| mosquito | *jubu | ju:b |
| noite | *tjej | saj |

TABELA 22. Cognatos lexicais entre os ramos do puinave-kak

| | PROTO-KAK | PUINAVE |
|-------------|--------------------|---------|
| osso | KAK ʔid | ut |
| panela | *wā:b | wāb |
| pedra | *he: | ha |
| raiz | *dāt | -tat |
| roupa | KAK juʔi ‘algodão’ | juj |
| sangue | *bē:p | bā |
| tabaco | *hu:p | hɣp |
| tatu | NUK dū: | do: |
| tio paterno | KAK ibii | ibɣi |
| urinar | *ked | kad |

TABELA 23. Cognatos lexicais binários entre os conjuntos nadahup e puinave

| | NADAHUP | PUINAVE |
|-----------|------------------------|------------|
| abacaxi | PNDH *joj | joj |
| alativo | HUP -an ‘direcional’ | -a |
| aldeia | HUP jāb | jād |
| algodão | NDB kawatʔ | sawād |
| borboleta | PNDH *pʔepʔep | pɣp |
| caminho | PNDH *tu:w | -du, duɣ |
| casa | YHP HUP bʔot ‘roça’ | ot |
| cobra | PNDH *pʔaw > NDB bΔ:w | pɣ |
| cutia | PNDH *bē:t | bāt ‘rato’ |
| DES | HUP YHP -tuk | -suk |
| fezes | PNDH *je:ʔ | jek |
| garça | PNDH *bōh | bū |
| lenha | PNDH *tʔuh | du |
| LOC | PNDH *-(V)t | -at |
| mão | HUP dāʔpūh, NDB dēbō:h | dap |
| mutum | PNDH *tu:d | tu: |
| pai | PNDH *ʔe:ʔ | ʔi:ʔ |
| pé | PNDH *tʔi:b | si:b |
| pele | DAW bik, NDB bi:h | pik |
| rã | PNDH *woh | wo: |
| rabo | PNDH *tʔüb > NDB dōm | sob |
| REP | PNDH *bāh | -bā |
| seco | HUP YHP hɣb | hɣw |
| tamanduá | PNDH *jōd | jād |
| tia | HUP ʔinhāʔç | idha |
| vagalume | PNDH *xuj | kuj |

TABELA 24. Cognatos lexicais binários entre os conjuntos nadahup e kak

| | PROTO-NADAHUP | PROTO-KAK |
|-----------------|---------------------------|--------------------------------|
| areia | NDB hu:d | *ʔü:d |
| barata | *dada:p | KAK talap |
| clã | hpd bēd | NUK bēdā ‘gente, descendentes’ |
| flor | *tʃʰo:h | KAK tʃáà |
| japu | *tʰo:p | KAK dáãp |
| joelho | *wōtʰē | *budi |
| ovo | *ti:p | *tip |
| pai | *ʔi:p | *ʔi:p |
| peito | HUP hōʔtʃg, YHP hōʔtʃg | KAK hōʔdaʔ, NUK hō: |
| resina | HUP wōh, YHP wōh, DAW wūk | KAK wūh |
| semente | *tuub | KAK tib |
| Sol, Lua | HUP YHP wed- | *widʔ |
| veneno de pesca | *tʰu:tʃ | *dū:d |

De fato, mesmo que os estratos lexicais compartilhados pelos três conjuntos sejam robustos, uma proposta de reconstrução com base no cotejo destes paralelos ainda não foi oferecida. Como sugerem Bolaños & Epps (2015), a relação dos conjuntos puinave e kak é promissora. Se tomado este pressuposto, a etnogênese dos falantes de proto-nadahup e proto-puinave-kak-nukak muito provavelmente tenha envolvido a miscigenação de falantes do proto-puinave-kak-nukak e do proto-puinave-nadahup, seus falantes certamente participaram de uma esfera de interação e ao menos uma das línguas das populações não afins teria redefinido via crioulização a estrutura gramatical de parte destes falantes, substituindo aquela originalmente presente no hipotético proto-puinave-nadahup, enquanto que esta protolíngua, em contraposição, teria contribuído majoritariamente neste processo como lexifier. Isto teria, então, propiciado a emergência de dois subconjuntos populacionais: os proto-nadahup e os proto-puinave-kak-nukak.

Segundo a cosmogonia dos nukak, seu povo teria se originado na região da confluência do Inirida com o Guaviare. O território ancestral dos proto-nadahup estaria no interflúvio do Baixo Negro com o Baixo Solimões, provavelmente na região de Manaus próximo à confluência destes rios, de onde teriam iniciado uma migração em direção ao noroeste (cf.: Mahecha Rubio *et alii* 2000:143). De fato, os hupda traçam pela etno-história sua origem desde o Amazonas, de onde teriam emigrado a pé para a região do Vaupés (Reid 1979:21). Por outro

lado, a cosmogonia dos kak remete a origem dos seus ancestrais na região da confluência do Inirida com o Guaviare, onde teriam emergido de um ‘mundo inferior’ por estarem fugindo de tribos canibais (Reid id.; Franky 2011:72-73).

4.1.4. As hipóteses ‘harakmbet-katukina’ e ‘arawa-harakmbet-katukina’

Em dois estudos histórico-comparativos Adelaar (2000; 2007) levantou a hipótese de parentesco entre as famílias katukina-katawixi e harakmbet, sustentando-a com dados lexicais e gramaticais contundentes. Jolkesky (2011) ampliou a proposta inicial de Adelaar (*op.cit.*) sobre o tronco ‘harakmbet-katukina’ ao incluir a família arawa no referido conjunto. Dentre os dados apresentados por Jolkesky (*op.cit.*) referentes à hipótese ‘arawa-harakmbet-katukina’ se destacam elementos do léxico básico compartilhados exclusivamente pelas famílias arawá, katukina-katawixi e/ou harakmbet. Jolkesky (*op.cit.*) também demonstrou que parte de tais paralelos lexicais apresenta correspondências fonológicas regulares, e, neste sentido, é plausível que eles representem um *stratum* de cognatos compartilhados entre as referidas famílias linguísticas, o que dá suporte à hipótese formulada pelo autor de uma origem comum destas três famílias, em concordância com a hipótese de filiação genética harakmbet-katukina inicialmente proposta por Adelaar (*op.cit.*). Os paralelos lexicais mais relevantes estão reunidos nas três TABELAS a seguir.

TABELA 25. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawa e harakmbet

| | ARAWA | HARAKMBET |
|-----------------------------|------------------------------|--------------------------|
| 1 | JRW ?o-, PMR ?o- ‘1.S’ | u?- ‘1.P’ |
| 1.S | SRW aru | du? |
| 2.S | JRW ti-, DNI ti-, SRW timi | di?(ed) |
| 2.S | PMR ?i- | i?- |
| 3 | JRW me- ‘3.P’ | mē- ‘3.S’ ³¹⁶ |
| agora | PARA *hida | wida |
| bambu/cana-de-açúcar | PARA *api ‘bambu’ | apik ‘cana-de-açúcar’ |
| barro | PARA *nami | sabībi? |
| cachorro-do-mato | PARA *ɕumahi ‘onça/cachorro’ | dubakiwa |
| cansado | PMR koi | kai? |

³¹⁶ bē- ‘3.s.suj’ quando o complemento for de primeira ou segunda pessoa do singular.

TABELA 25. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawa e harakmbet

| | ARAWA | HARAKMBET |
|--------------------|---|--------------------------|
| coração/abdomen | PARA *duru ‘abdomen/interior’ | dūrē ‘coração’ |
| costas | PARA *id(-a/-e) | ud |
| deitar/dormir | PARA *wada ‘sonhar/dormir’ > JRW wata ‘deitar/sonhar’ | wed? ‘deitar’ |
| dente | PARA *inu | ?id |
| duro | PARA *k ^h aru > PMR k ^h aruk ^h aru | kērūg |
| elevação/ladeira | PARA *nuk ^h u ‘elevação’ ³¹⁷ | duk ‘ladeira’ |
| espírito | DNI tukurime | dūkīrēg |
| espirrar | PARA *hadiŋ ^h a | wā?tis |
| fezes | PARA *içŋu | edu? |
| floresta | PARA *çama | duba |
| gente/parente | PARA *madi-ha ‘ser humano/gente’ | bet ‘parente’ |
| homem | PARA *mak ^h ira | bukerek |
| interior, dentro | PARA *budi | dūpute |
| inundar | PARA *rap ^h uga | tapūg |
| irmã maior/tia | PARA *asi ‘irmã’ > KLN asi ‘irmã maior’ | asi ‘tia’ |
| primo/cunhado | PARA *wabu | pu ‘prima(o)/cunhada(o)’ |
| jacaretinga | DNI vama | bābā |
| lagarto/jacaré | JRW matakasa | bātēkā ‘jacaré-anão’ |
| língua | PARA *abe > DNI ebe-nu | dū? |
| macaco-de-cheiro | PARA *piŋ ^h i | ihpih |
| mãe/tia/irmã maior | PARA *ami ‘mãe/tia’ | bī ‘irmã maior’ |
| minhoca | PARA *ŋ ^h umi | supi? |
| moça/feminino | PARA *at ^h una ‘moça’ > SRW/JRW atuna | ettūdē? ‘sexo feminino’ |
| papagaio | PMR sarusaru | saru? |
| pênis | SRW isimi | su?big |
| pênis | PMR ?aba | pa |
| pica-pau | JRW kuruwetete | urute?te? |
| preto | DNI suki | sik |
| rã | PARA *uwawa | wāwā? |
| sangue | PARA *eme | bībī |
| sapo | PMR kapakapa | kīpenkīpen {mui?} |
| sogra/tia paterna | PARA *aŋ ^h u | su? |
| tio | PARA *idi ‘tio/avô’ > JRW iti | ti ‘tio/sogro’ |
| vila/chácara | PARA *tabura ‘casa/vila’ > JMM tabaru ‘casa’ | ta?ba ‘chácara’ |
| voltar | PARA *k ^h ama | kibēh |

³¹⁷ JRW noko ‘ponta’, PMR nok^ho ‘ponta, saliência’

TABELA 26. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawa e katukina-katawixi

| | ARAWA | KATUKINA-KATAWIXI |
|--------------------|--|--|
| 1.P | SRW ari, DNI ari, PMR hari | KTK adi:K |
| 1.S. | SRW aru | KTK adu |
| 3.P | JRW me:- | KTK ma- |
| 3.S | JRW ?a- | KTK a- |
| abelha | JRW taha | KTW dahae |
| abóbora | PMR joromo | KTW jurumu |
| água/rio | PMR waha ‘igarapé’, JRW waha ‘igapó’ | PKKT *wa [wah] ‘água’; KTW wahã, KTK wa:hũ ‘rio’ |
| algodão | PARA *wape > KLN wepe | KTW wepepuhi |
| areia | PARA *tʃʰiki | KTW tikihi |
| arraia | SRW misa | KTW mitsa |
| ayahuasca | DNI rami | KTK rami |
| banana | PARA *tʃipari | KTW tʃipari |
| beija-flor | JRW ʃiri | KTW piri |
| beiju | SRW mama ‘mandioca/beiju’ | KTW mama |
| boca | PARA *iɕahi | KTW kirahe |
| boto | DNI hesika | KTW atsika |
| bugio | PARA *kawina | KTK kaina |
| caçar/caça | DNI wada ‘caçar’ | KTK bara ‘caça’ |
| casca | PARA *ateru | KTK didu |
| cera/abelha | PARA *muɕa ‘cera/breu’ | KTK mu:ɲa ‘abelha’ |
| chuva/trovão | PARA *bahi ‘trovão’ > PMR bahi ‘chuva’ | PKKT *wãhiN ‘chuva’ |
| cobra | DNI mabidiri ‘cobra d’água’ | KTK mapiri ‘sucuri’ |
| comer | PARA *tʃʰawari > SRW hawa | KTK tʃawa{buik}, KTW hawak-hi |
| criança | DNI ehewe | KTW ebe |
| elevação/peito | PARA *adami ‘elevação’ > JRW atami | KTW atami ‘peito’ |
| fezes | PARA *iɕu | KTK du |
| flecha/flechar | DNI, itʃa ‘flechar’ | KTK i:tʃuN ‘flecha’ |
| flecha | DNI darakanawi | KTK duruikuaN |
| frio | SRW tasaha | KTW saha |
| gaivota | JRW tehe, PMR tihi | KTW tehe |
| gordura | SRW amuzuu | KTK amitʃaniN |
| gordura/gordo | PARA *tʃahi-ni ‘gordura’ | KTK tʃahiN ‘gordo’ |
| herói cultural | DNI tamaaku | KTK tamakuri |
| herói cultural | DNI kira | KTK kiraK |
| mãe/tia/irmã maior | PARA *ami ‘mãe/tia’ | KTK mi- ‘irmã maior’ |
| jacaré/jacaretinga | PMR wahajari ‘jacaretinga’ | KTW wahajo ‘jacaré’ |
| jacaré | DNI KLN kuɕu | PKKT *kaɕu |
| lago | PARA *ɖaku | KTK wadaK |
| macaco-de-cheiro | PARA *pitʃʰi | KTK ipiɕi |
| matar | JRW iti | KTK ti |

TABELA 26. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawa e katukina-katawixi

| | ARAWA | KATUKINA-KATAWIXI |
|----------------------|--|-----------------------------|
| morcego | DNI muri | KTW murihi |
| mosquito | PARA *waharu > DNI SRW wahara | KTW wahara |
| paca | JRW wakowa | KTW hokua |
| pajé | PMR kuhana ‘pajé/pajelança’ | KTK kuhana ‘alma dos pajés’ |
| papagaio | SRW kawa ‘arara’; JRW kawi ‘curica’ | KTK kawaN/kawapi |
| pato selvagem | SRW wahakuku; JRW kuku ‘patinho’ | KTK kuku ‘pato-do-mato’ |
| pica-pau | SRW sumari | KTW ma:ni |
| pirarucu | SRW buraku, JRW buruku | KTW uraku |
| pomba | PMR hodoko | KTW hudutku |
| porco-do-mato | PARA *hiçama ‘queixada’ | KTK hi:ʃaN ‘caititu’ |
| primo/cunhado | PARA *wabu | KTK bu |
| remo | PARA *warami | KTW warami |
| rio | PARA *waini | KTK wuni |
| rosto/testa | PARA *nuk ^h u, ‘olho/rosto’ | KTK tuk ‘testa’ |
| sangue | PARA *eme | PKKT *mimi |
| sobrinho | PMR badia ‘tio/enteado’, DNI hirubadi ‘sobrinho’ | KTW dabatia |
| Sol | PARA *mahi | KTW biha ³¹⁸ |
| surubim | PARA *bahama, SRW abahiwi | KTK bahama |
| tabaco | PARA SRW kumadi | KTK u:ba |
| tamandua | PARA *mudu | KTW muu |
| traíra | PARA *ʃ ^h aku | KTK ʃaikuN |
| vento | DNI p ^h up ^h unaha | KTW pupu |

TABELA 27. Paralelos lexicais entre os conjuntos katukina-katawixi e harakmbet

| | KATUKINA-KATAWIXI | HARAKMBET |
|---------------------------|---|---------------------------|
| 1.S | KTK adu | du? |
| 1.S | KTK juK- | ju- |
| 1.S | KTK i-/hi- | ih- |
| 2.S | KTK idi:K | di?-(ed) |
| 2.S | KTK nu- | ūd |
| 3.P | KTK ma- | (ūd?)bā- |
| anta/porco-do-mato | KTK muK ‘anta’ | mukas ‘porco-do-mato’ |
| arraia | KTK hidaN | ?idda? |
| árvore mítica | KTK wana ‘espírito das árvores e da natureza’ | wādā ‘árvore da salvação’ |
| barriga | PKKT *da | da-pu ³¹⁹ |

³¹⁸ se os termos proto-arawa e katawixi tiverem a mesma origem, então pre-KTW *bahi > KTW biha (por metátese).

³¹⁹ -pu ‘CLS redondo’.

TABELA 27. Paralelos lexicais entre os conjuntos katukina-katawixi e harakmbet

| | KATUKINA-KATAWIXI | HARAKMBET |
|--------------------|-------------------------------------|-------------------------------|
| bebida | KTK kuja ‘caiçuma’ | kuja? ‘chapo’ |
| boca | KTW kirahe | kitta? |
| braço | PKKT *paN | bag-pi ³²⁰ |
| cabeça | KTK ki: | ki |
| cair | KTK dapuki ‘cair’ | puk ‘cair/ficar atrás’ |
| caititu | KTK wi:ri | ARS birisi |
| caminho | KTK daN, KTW daŋi | dag |
| canoa | KTK puK | kbug |
| casa | KTK haK | hak |
| céu | KTK kudu | kurud |
| chupar | KTK biK | pik |
| cobra | KTK mapiri | mabidiri |
| dedo/unha | KTK bakuN ‘dedo’; KTW baku-ra ‘mão’ | ba?ki ‘unha’ |
| dente | PKKT *ihi | ?id |
| dormir | PKKT *tagi | tai? |
| espinho | PKKT *pi | pid |
| fezes | KTK du | edu? |
| fígado | KTK ma | bē? |
| folha | PKKT *ba | ε?ba? |
| fruto | KTK warapi | wāda |
| intestino/fezes | KTK miN; KTW meni ‘fezes’ | bīd ‘intestino’ |
| irmã maior | KTK mi(-ju) | bī |
| língua | PKKT *nu-kuu | dū? |
| locativo | KTK -ta | -ta? |
| macaco | KTK upi | ?upu |
| macaco-de-cheiro | KTK ipiɕji | ihpih |
| madeira | KTK ita | uta |
| mãe | KTK na(-ju) | dā |
| mandioca/tubérculo | KTK tawa ‘mandioca’ | tawējē ‘tubérculo’ |
| mão | KTK ba(-kuu) | ba? |
| montanha | KTK (huNtu)-kuiba | kuipa? |
| morcego | KTW murihi | bēē |
| mutum | KTK biN; KTW mure | bud? |
| nariz | PKKT *uhi | ?ūh |
| nome | KTK wadiK | dik |
| nuca | KTK kitata | kutapu |
| olho | KTK iku | uk-pu (HKB -pu ‘CLS.redondo’) |
| onça | KTK pi:da | apēpēt |

³²⁰ -pi ‘CLS cilíndrico duro.’

TABELA 27. Paralelos lexicais entre os conjuntos katukina-katawixi e harakmbet

| | KATUKINA-KATAWIXI | HARAKMBET |
|---------------------|--|---|
| ovo/redondo | PKKT *pu ‘ovo’ | pu ‘redondo’ |
| paca/roedor | KTK ki:wa ‘paca’ | kípa ‘roedor’ |
| pai | KTK pa(-ju) | pa |
| pato selvagem | KTK kuku ‘pato-do-mato’ | kūhkū ‘ave’ |
| pé | KTK hi | ?i |
| pele | KTK daK | si?dak |
| pelo | KTW wihi | wih ‘pelo/pena’ |
| pênis | KTK pa | pa |
| preto | KTK tik | sik |
| prima(o)/cunhada(o) | KTK bu ‘primo/cunhado’ | pu ‘irmã(o)/prima(o)/cunhada(o)’ |
| prima(o)/cunhada(o) | KTK tʃawaN | sēwē |
| pulmão | KTK pupu-maN ‘respirar’ (KTK -maN ‘fazer’) | puhpuh |
| raiz | KTK ipi | ?iwit |
| rio | PKKT *wa | wē |
| sangue | PKKT *mimi | bībī |
| sapo | KTK u:N | uq-(mui?) |
| sogra/tia paterna | KTK tʃuʃu | su? |
| tabaco | KTK u:ba | -uqba |
| tatu | KTW muu | būh |
| vagina | KTW nopin | dōbi? |
| veneno | KTW pehe | bih-paj (HKB -paj ‘CLS.cilíndrico/maleável’) |
| vespa | KTK wa [wah]; KTW wage | wah |
| vir | KTK ti: | tiak |
| voltar | KTK kiNhi | kubēh |

Uma hipótese alternativa, pela qual as semelhanças observadas seriam reflexos de um forte interfluxo lexical em decorrência de contato e miscigenação de populações proto-arawá, proto-katukina-katawixi e proto-harakmbet, assim como de seus descendentes, também não deve ser descartada, apesar de contrária à tradição endogâmica dos grupos envolvidos. Alternativamente, a hipótese de interfluxo lexical em decorrência de contato e miscigenação pode também ser interpretada como concomitante com a hipótese ‘arawa-harakmbet-katukina’, pois há também conjuntos de paralelos compostos amplamente de elementos do léxico cultural que não apresentam correspondências fonológicas regulares nem são exclusivos dos três grupos linguísticos em questão. Tais paralelos certamente revelam diferentes *strata* gerados em distintos momentos cronológicos, decorrentes de diferentes situações de contato envolvendo também fundamentalmente línguas arawak e pano circunvizinhas. A apresentação das situações

de contato de línguas das famílias arawa, katukina e harakmbet com outras populações amazônicas serão explicitadas adiante, na seção 4.2..

4.1.5. A hipótese ‘pano-takana’

Semelhanças entre línguas das famílias pano e takana foram primeiramente observadas por Armentia (1886) e Navarro (1903:172). Estas semelhanças foram cotejadas mais detalhadamente por Créqui-Montfort & Rivet (1921-23). Com base no método comparativo, Key (1968) fez algumas observações relativas ao proto-pano-takana, mas é Girard (1971) o primeiro a oferecer uma análise e reconstrução detalhada desta protolíngua. Além da sistematicidade nas correspondências fonológicas³²¹, os cognatos observados entre o proto-pano e o proto-takana incluem não apenas termos culturais, mas diversos elementos do léxico básico. Este estrato comum ao proto-pano e ao proto-takana, denominado proto-pano-takana, pode indicar duas situações possíveis: (i) a língua proto-pano-takana efetivamente existiu ou (ii) houve interferência mútua ou unidirecional durante a etnogênese dos proto-pano e dos proto-takana. De fato, como mesmo aponta Tallman (2012.:24), “the two hypotheses of ancient areal diffusion versus long distance genetic relationship seem to be equally plausible”. Se por um lado alguns autores permanecem céticos quanto a veracidade da postulação do proto-pano-takana (cf.: Fabre 1998:820; Fleck 2003:3, 2013; Guillaume 2004:8), outros têm trazido à tona mais semelhanças morfológicas e gramaticais que dão suporte a esta alegação (Loos 2005; Tallman 2012; Valenzuela & Zariquiey 2014, 2015).

³²¹ ppan *i : ptan *e, ppan *i : ptan *i, ppan *o : ptan *o, ppan *a : ptan *a, ppan *m : ptan *m, ppan *β : ptan *b, ppan *p : ptan *p, ppan *n : ptan *n, ppan *t : ptan *t, ppan *s : ptan *dz, ppan *ξ : ptan *ts, ppan *ts : ptan *t, ppan *k : ptan *k, ppan *w : ptan *k^w, ppan *k^w : ptan *k^w, ppan *h : ptan ∅, ppan *r : ptan *r, ppan *ɽ : ptan *d (cf. tb.: Girard 1971:154-155).

TABELA 28. Cognatos lexicais entre os conjuntos pano e takana

| | PROTO-PANO ³²² | PROTO-TAKANA |
|--------------------|---------------------------|--------------------------------------|
| 1.s | *i | *e- |
| 2.s | *mi | *mi- |
| 3.s | *ha | *a ‘raiz de pronomes interrogativos’ |
| algodão/algodoeiro | *šapo ‘algodão’ | *tsapo ‘algodoeiro’ |
| anta | *awaɾ | *awada |
| areia | *masi | *meɕi ‘areia/terra’ |
| árvore | *hiwi | *ak ^w i |
| barba | *k ^w u(n)i | *k ^w e |
| bugio | *ɽo ³²³ | *do |
| carne | *rami | *rami |
| coruja | *popo | *popo |
| dente | *šuu- | *tse |
| doce | *βata | *bita |
| dois | *ɽaβit | *beta |
| fazer | *a | *a |
| fígado | *tak ^w a | *tak ^w a |
| flauta/cano | *ɽuuwu | ESE dewe ‘flauta/bambu’ |
| flecha | *pia | *pi(s)a |
| fogo | *ɽji < PPPAN *tsi | *ti- |
| formiga | *βona ‘formiga/abelha’ | *bona ‘tucandeira’ |
| gordura | *ši(n)i < PPPAN *ši(r)i | *tseri |
| grande | *ani | *ari |
| IMP | *-wu | *-k ^w e |
| ir | *k ^w a | *k ^w a |
| irmão | XPB hotji, YAM otji | KVN/TAK osi |
| jacu | *košo | *kotso |
| joelho | *ɽan- | *dana |
| lábios | *k ^w iša(n) | *k ^w atsa ‘boca/lábios’ |
| larva | *ši(n)a ‘larva’ | *tsena ‘larva/verme’ |

³²² Oliveira (2014) considerou a oclusiva glotal que ocorre no ataque de sílaba do tipo /V(C)/ em certas línguas da família pano como se fosse fonológica, levando-o a reconstruir */ʔ/ como fonema do proto-pano. Entretanto, nestas línguas a ocorrência de uma oclusiva glotal no referido ambiente é previsível, de modo que a oclusiva glotal não deve ser considerada um fonema, mas somente uma implementação fonética neste contexto. Observe também que nas reconstruções de Oliveira o fonema **PPAN** */k/ ocorre em coda de sílaba final, mas nunca em coda de sílaba inicial ou medial. Na realidade, o que ocorre é que ppan */k/ em coda de sílaba inicial ou medial debucalizou em kapaⁿáwa, tornando-se /ʔ/, e desapareceu em todas as demais línguas da família neste ambiente. Em virtude desta observação, as devidas alterações foram efetuadas nas reconstruções oferecidas por este autor.

³²³ Embora Oliveira (2014:465) tenha reconstruído o termo como *ɽoʔo, a forma **PPAN** deve ter sido *ɽo (> **MAR/POY/YAW** ru), pois é um fato linguístico comum a dissilabificação fonética de monossílabos através de replicação vocálica com inserção de uma oclusiva glotal no ataque da sílaba gerada.

TABELA 28. Cognatos lexicais entre os conjuntos pano e takana

| | PROTO-PANO ³²² | PROTO-TAKANA |
|-------------------------|---------------------------|----------------------|
| língua | *hana | *ana |
| mãe | *iwa | *e-k ^w a |
| mão | *mi- | *me |
| menino | *βak ^w i | *bak ^w a |
| NEG | *-jama | *-ama |
| noite | *jami(t) | *meta ‘noite/amanhã’ |
| osso | *šao | *tsao |
| pai | *koka ‘tio’ | ESE kaka |
| papagaio | *kara | *kara |
| pé/perna | *ta- ‘pé’ | *ta ‘perna’ |
| pele | *βitsi | *biti |
| piolho | *ia | *bia |
| piranha | *maki | *make |
| pium | *šio < PPPAN *sio | *đzio |
| plantar | *βana | *bana |
| porta | *šuk ^w u | *tsek ^w e |
| POSS | *-wuu-n | *-k ^w e |
| sangue | *himi | *ami |
| Sol/Lua | *βaŋi ‘Sol’ | *badi ‘Lua’ |
| terra | *mai | *mei |
| unha | *mi-tsis(i) | *me-tidzi |
| urucum | *maši | *matse |
| veneno, barbasco | *aša(n)- | *atsa |
| vespa | *βira | *bi(r)a > KVN bira |

Como observam Valenzuela & Guillaume (2016:20-21), embora alguns pesquisadores hesitem em aceitar as evidências apresentadas por Girard (1971) de uma origem comum proto-pano e proto-takana, dentre as quais léxico e correspondências fonológicas sistemáticas, estas se caracterizam como prova irrefutável de parentesco. Evidências adicionais desta relação foram trazidas por Valenzuela & Zariquiey (2015), que também ratificam a observação de Adelaar & Muysken (2004:419) de que também existem evidências de que descendentes dos proto-pano e proto-takana também teriam estado em contato. Muito embora a área de origem dos proto-pano tenha sido na bacia do Ucayali, é provável que a área de origem dos proto-pano-takana esteja na região do Alto Solimões, pois existem evidências de contato dos proto-takana com diversas populações da região.

4.1.6. A hipótese ‘macro-arawak’

Esta seção trata da formulação da hipótese aqui denominada ‘macro-arawak’, que preve uma vinculação filogenética entre a família arawak e as línguas pukina, muniche e kandoxi. Esta hipótese é primordialmente inspirada em observações feitas por de la Grasserie (1894), Payne (1989) e Gibson (1996). Embora de la Grasserie (*op.cit.*) tenha aferido a hipótese de que o pukina seja geneticamente relacionado com a família arawak e alguns autores tenham assumido esta posição, não existem estudos até o momento que tenham investigado mais a fundo esta possibilidade. Na época, as únicas observações feitas por de la Grasserie (*op.cit.*) se resumem à constatação de algumas semelhanças gramaticais, principalmente dos afixos pronominais, mas há, de fato, um conjunto robusto de possíveis cognatos composto principalmente de itens do léxico básico e elementos gramaticais, como demonstrado na TABELA a seguir. Tais evidências reforçam a possibilidade de que este tronco teria se originado na bacia do Ucayali. O maior problema na averiguação da filiação do pukina ao macro-arawak permanece sendo a exiguidade de dados disponíveis sobre esta língua (cf. Adelaar & van der Kerke 2009:126).

TABELA 29. Possíveis cognatos lexicais entre os conjuntos arawak e pukina

| | ARAWAK | PUKINA |
|--------------|--|------------------------------|
| 1.s | PARW *nu-, PMGU *ni-/*-ni | PKN no, -ni-; KLV -ni |
| 2.s | PARW *pi-, PMGU *-pi | PKN po, -p-, -pi |
| 3.s | PARW *ri-; WYU/ANU hi- | PKN hi |
| 3.s | PARW *t ^h u | PKN tʃu, -su- |
| ABL/LOC | PNWK *-hitse ‘ABL’; YNX -ej ‘LOC’ | PKN -tʃ ‘ABL’ |
| água | YNX on ⁱ , PLK un, MWY ũnĩ | PKN unu |
| alto | PNWK *heenu-; PRS enokoa ‘céu’, ENN enokwa ‘id.’ | PKN hanigo/hanego; KLV hanaj |
| aranha | IGN samatu, BRE shom | KLV tʃama |
| avó | MWY amumu | PKN tʃamama |
| avô | AXN sari, MCG ʃai | KLV tʃale |
| beber | YNX oz ^z , WYU asa | PKN osqo |
| caminho/roça | PARW *apu ‘caminho’ > KBY/PIP ajapu, RSG ačǵápó, WNM ičǵapu; YNE ajapatʃ, ANU aponaa, GRF ábuna, LKN abunin ‘cultivar’ | PKN japu ‘roça’ |
| carne | BNW/TAR -ipe | PKN pipe; KLV pipi |
| casa | GRF i-baganu | PKN haqano |
| casa | MWY wese, IGN awasa | PKN isu |
| CAUS/IMP | PARW *-ta ‘CAUS’ | PKN -ta ‘IMP’ |
| céu | YNX enet, PLK en, AXN/MCG inkite | PKN inti ‘Sol’ |

TABELA 29. Possíveis cognatos lexicais entre os conjuntos arawak e pukina

| | ARAWAK | PUKINA |
|--------------------------|---|--|
| chefe/gente | PNWK *mina-li ‘dono’; YVT mina-li ‘chefe’; MHN -mina-piri, YVT minana-ha ‘corpo’; PLK -vit ‘corpo’; WPX p ^h idán ‘gente’ | PKN mīj; PKN vin/men ‘gente’ |
| CIRC/INES | YNX -ām ^h p/-āp ‘CIRC’ | PKN -hamp ‘INES’ |
| cobra | AXN maanki | KLW makitu |
| comer | PLK ax, AÑU aka | PKN oqa-/oha-, KLW oχa- |
| coração | IGN samu | KLW sau |
| dar | LKN sia, GRF itfiga, WRA seke | KLW hia-, heqa-; PKN hije- |
| DAT | PARW *-ki ‘DAT/LOC’ | PKN -g ‘DAT’ |
| dormir | IÑP ri-miha-ma, GRF arumuga, BWN timaha, IGN -imaka | PKN miha-; KLW meχa- |
| espírito | LKN koja | PKN koa |
| EXIST/LOC | PARW *-ena ‘EXIST/PROG’ | PKN -na ‘LOC’ (cf. tb. PKN -no ‘NMZ.ABSTR’) |
| falar | YNX ot- ‘falar’; MWY ara ‘fala’; PRS θata, BNW ʔat ^h a, PRS aθa ‘perguntar’ | PKN ata-; KLW ata- ‘perguntar’ |
| grande | WRA atu ‘avô’, MWY adu ‘id.’, ENN atore ‘id.’, TRN o:tu ‘id.’ | PKN q ^h ato/atot; KLW kʔatu |
| homem | GRF arag ^w aku, LKN arhoaka | PKN raago |
| INSTR/NMZ.INSTR | YNX -am ‘NMZ.INSTR’ | PKN -m ‘INSTR’ |
| língua/nome | CMK menu ‘língua’ | PKN men, KLW mini ‘nome’ |
| Lua | AXN kaʃi, WPX k ^h aiz, MWY kiʃi, WRA keʒi | KLW χajs-lumin (KLW lumin ‘luz’); PKN his(i) ‘mês’ |
| madeira/aceso | WRA muwī ‘aceso’, MHN mui ‘id.’ | PKN mowe |
| mãe/sogra | GRF imedi, WPX -imaizū ‘sogra’ | PKN imi ‘mãe’ |
| mama | MWY dī, TRN jene:, IGN -tjene | PKN se |
| mão | PNWK *kaapi, WRA kapi, LKN k ^h abo | PKN kupi |
| mulher/mãe/esposa | MWY r-itaru ‘mulher, mãe’, WPX -da-ru ‘mãe’; BRE eton ‘mulher’ | PKN atago ‘mulher/esposa’ |
| olho | AXN oki-, CMK ohki, TRN uke | PKN juqe |
| pai/tio | PNWK *k ^h ui-li ‘tio’ > BNW k ^h i-ri, RSG -k ^h í-gí; YVT iku, BRE kik ‘tio’; YVT ihí, YNE hi-ri, BWN iri ‘pai’ | PKN (i)ki/ik ‘pai’; KLW ikili ‘pai’ |
| PERF | PMGU *-po | PKN -pu |
| P | PMGU *-no | PKN -ano |
| POSS/GEN | PARW *-ne, *-re, *-te ‘POSS’ | PKN -n ‘GEN’ |
| sentar | LKN akoban ‘descansar’ | PKN kuma- ‘sentar’ |
| Sol/dia | PNWK *kamui, WRA kami, MWY kāmō, ENN kame ‘Sol’; MCG kamani ‘manhã’; BRA kameni ‘fogo’ | PKN gamen, KLW kaman ‘dia’ |
| um/sozinho | BNW (a)apa-, LKN aba, WPX baida?apa ‘um’ | PKN sapa ‘sozinho’ |

Por outro lado, a filiação do muniche na família arawak não havia sido até o momento formalmente proposta na literatura. As únicas notas comparativas entre estes conjuntos foram feitas por Gibson (*op.cit.* 18-19), que apontou fortes semelhanças do sistema pronominal do muniche com o do proto-arawak, e por Wise (2011a, 2011b), que observou especificamente a

existência de certos paralelos lexicais entre o muniche e o yanexa. Além desta constatação patente, há um conjunto robusto de possíveis cognatos composto principalmente de itens do léxico básico, muitos dos quais reconstruíveis para o proto-arawak, o que dá respaldo à vinculação filogenética do muniche com a família arawak. Tais dados estão expostos na TABELA a seguir.

TABELA 30. Possíveis cognatos lexicais entre os conjuntos arawak e muniche

| | ARAWAK | MUNICHE |
|-------------|--|--|
| 1.P | PARW *wi/*wa- | MNC -wi |
| 1.S | PARW *nu/*ni- | MNC -ni/-pi |
| 2.P | PARW *hi- | MNC -di |
| 2.S | PARW *pi- | MNC -pi |
| 3.P | PARW *ra- | MNC -ra '3' |
| 3.s/pessoa | PMGU *otʃane 'pessoa' > IGN atʃane; TRN tʃane 'pessoa' | MNC açane '3.s' |
| abacaxi | AXN tibana | MNC tpi |
| água/ rio | BRE in, WPX wini, WYU wiin, YNX onj; RSG -iʔdú 'beber' | MNC idi |
| barriga | IGN -ami, KRI iʃaba; BNW ʃapi, BWN tʃiabe 'intestino' | MNC tʃame |
| batata | PNWK *hunai | MNC hnata |
| boca | PLK bij; WRA -k-iza-pi, YNE ʃpi 'lábio' | MNC pi |
| bom | AXN ka-meetsa, BNW/TAR matsia | MNC meʃa |
| cabelo | PARW *si | MNC uçi |
| cachorro | PNWK *tʃiinu > BNW tsíino; INP tinu-tʃi; ATR dín | MNC çinu?u/hinu |
| cana | YNX tʃoʔneʔm | MNC snap-ʃu ³²⁴ |
| carrapato | YNX seʔp | MNC tʃpi |
| casa | PARW *pana > YVT hana, PRS ehana, BWN/MNO -ana | MNC hna |
| casca | ENN/MHN -tata, WYU ta-ta, LKN uda, WRA azata | MNC tat 'pele/casca' |
| CAUS | PARW *-ta | MNC -ʃta |
| chuva | YNX oʔ | MNC aʔi |
| CLS.longo. | PARW *-pi | MNC -pi |
| flexível | | |
| cobra | PARW *owi > WYU wii | MNC wi-pi ³²⁵ |
| comer | PNWK *iijha > RSG ʃa; YNX z-, WRA ãit'a, PLK ax | MNC ʃa |
| dar | PARW *po > AXN/MCG pa-, YVT ma, WYU apa, BRE pa- | MNC pa |
| dedo | YNX otapets | MNC adepiʔsa |
| dente | BRE ser, IGN -aʔe, GRF ari, YNE ihi, YVT eli | MNC di |
| fezes | BWN tʃia, YNX t'oʔj, PNWK *iʔiha > BNW iijha | MNC k'a |
| flecha | PNWK *itsindua > PIA ʃitua, BNW tʃidua | MNC iʔʃua |
| fogo/carvão | YNX tsoʔ 'fogo' | MNC tʃu-si 'fogo'; MNC tʃu-paʔa 'carvão' |

³²⁴ MNC -ʃu 'CLS.cilíndrico.duro'

³²⁵ MNC -puu 'CLS.cilíndrico.flexível'

TABELA 30. Possíveis cognatos lexicais entre os conjuntos arawak e muniche

| | ARAWAK | MUNICHE |
|---------------------|--|-----------------------------------|
| inhame | AXN maana, MCG/NMA magona | MNC makana |
| ir | MCG/AXN ata, YNX ot-, WRA ta | MNC a:ta |
| ir | PLK atak, MWY tʃake; YNX tak- 'pé' | MNC taki |
| língua | YNE nni | MNC ti |
| macaco | BNW ítisi, IGN itʃi, AÑU witʃitʃe | MNC içtʃi |
| macaco | YNX pot'e?t | MNC pçiči?i |
| machado | YNE hepʃi, WRA epi, PNWK *epitʃi > RSG epíits ^h i | MNC pe?tsi |
| madeira | YNX tsatʃ; AXN/MCG inʃato 'árvore' | MNC tʃaʃsu/tʃaç-pi ³²⁶ |
| mão | YNX otas | MNC ta?si |
| marido | AXN/MCG hime-tsi, MWY r-ime-si, IGN -ima, TRN i:ma | MNC jima?a |
| morder | YNX ʃa | MNC atʃ- |
| morrer | AXN/MCG/WRA kama- | MNC kma |
| mosca | AXN tsii-to, MCG tsigi-to | MNC tʃihi?i |
| nariz | WYU -?itʃi, AÑU eitʃi, WPX -idiba | MNC i?ʃi |
| neblina | CMK puja | MNC puju |
| NEG | YNX ama | MNC ap- |
| olho | WPX -awin 'olho'; BWN wijna, MWY -ide 'ovo' | MNC wi?ni |
| olho/cabeça | AXN/MCG oki, CMK ohki, IÑP oxiti, TRN u:ke 'olho' | MNC uki 'cabeça' |
| orelha | AXN jempita:n, MCG gempitan; WYU apa, WPX abat ^h a-n 'ouvir' | MNC ep |
| ovo | PNWK *eewhe | MNC wiha |
| PAS | PARW *-pe | MNC -me |
| pássaro/pena | IÑP amexiri, WYU witʃii; YNE mexi 'asa/pena'; AXN biti-, WPX -idi 'pena' | MNC miʃi?i |
| peixe | PARW *hima > WYU hima, PLK ima | MNC ima |
| pelo | YNE pitʃi, IÑP pitʃi; PNWK YVT itsu, PNWK *-ijju | MNC tpiçi 'pele/cobertura' |
| pênis/rabo | WPX -t ^h yii 'pênis'; WRA it ^h u 'rabo'; AÑU eitʃu 'ponta' | MNC ju |
| pimenta | PMGU *tʃeti, TRN te:ti | MNC ste:de |
| sangue | YNX ezas-, AXN/MCG iraa-, WRA -iza, WYU iʃaa, WPX izai, MHN zaj | MNC tʃa?si/tʃa?a |
| sangue | YNX j-ezas, AXN iraantsi | MNC tʃa?si |
| sentar | AXN savike, NMA sobiake | MNC çawi |
| terra | PARW *kipa-tʃi > PNWK *hiipa-(h)i, YNE ʃpo-ti, CMK ihpo-la | MNC pihpa-pa ³²⁷ |
| timbó | YNX mats | MNC imah-pi ³²⁸ |
| veado | YNX ma?njoz; AXN/MCG matsontso-ri 'onça'; PARW *mani-tʃi 'onça' | MNC ma?çu |
| vento | YNX mjoz | MNC miça/mi?ça |
| vila | WPX wiizai, MWY wese, IGN awasa | MNC witsi |
| VPS | PMGU *-si | MNC -ʃi |

³²⁶ MNC -puu 'CLS.cilíndrico.flexível'

³²⁷ MNC -pa 'CLS.massa'

³²⁸ MNC -puu 'CLS.cilíndrico.flexível'

A partir da observação de uma série de semelhanças entre o kandoxi e línguas arawak Payne (1989) aferiu a hipótese de que estes conjuntos seriam geneticamente relacionados. Há, de fato, cognatos importantes no léxico básico, no sistema pronominal e em morfemas gramaticais (TABELA 31), de modo que existe a possibilidade de que os proto-proto-kandoxi-xapra teriam sido falantes de uma língua derivada do proto-macro-arawak, a qual teria se modificado substancialmente em virtude de processos etnogênicos envolvendo miscigenações daquela população principalmente com populações falantes de línguas das famílias mochika, cholon-hibito e jivaro (cf. §4.2).

TABELA 31. Possíveis cognatos lexicais entre os conjuntos arawak e kandoxi

| | ARAWAK | KANDOXI |
|------------|--|--|
| 1.S | PARW *no | no |
| 2.P | PARW *hi | si |
| 3.P | PARW *na | -ana |
| ABSL | PARW *-tʃi | -itʃ |
| ácido | AXN katʃo-ri, NMA kotʃo-ri | kaʃa |
| amargo | PARW *kep ^h idi > MCG kepiʃii-, AXN kepiʃi- | kapsi |
| avô | YNE hat ^h iri | paʃiri |
| azedo/doce | YVT kama ‘azedo’, PNWK *kaʔama > BNW/PIP kaama | kama ‘doce’ |
| cachorro | PNWK *tʃiinu; IÑP tinu-tʃi; ATR ðin | tʃino:ʃi |
| carvão | WRA arimazutu, AÑU matʃuura | masoNʃi |
| casa | PARW *ponku > MCG pango, AXN paNko | paNko: |
| chuva | YNE hina, IÑP χina | siina |
| coruja | PARW *punpuli | poNpo:ta |
| dente | PARW *ahtse > YNX ahs | -nas- |
| dormir | PARW *maka > CMK maki, PLK himak | makija |
| espinho | CMK kahpaji | kapa |
| espírito | YNE kamʃi | kaniʃi |
| família | MCG/NMA matsigenga, YNX -moʔts | KDX maatʃiriita |
| fezes | PARW *itika > MWY fika, IGN itʃika, MCG tiga, YNE tʃki, ENN ifiki, KNK si:ke; LKN shikiri ‘ânus’ | KDX tʃikaa; KDX tʃiki-tʃ/tʃika ‘intestino’ |
| fogo | PARW *tsima ‘lenha’ > YNX tso:m | KDX somaasi |
| formiga | PARW *kudi > CMK kotina | KDX Nko:ʃi |
| frio | PARW *katʃi- | KDX katʃiʃa |
| INTER | PARW *-ka > MCG/AXN -ka | KDX -a |
| mandioca | MWY kasi, BRE ekof, LKN k ^h ali, YVT kalesi; WPX k ^h aazʃii ‘batata-doce’ | KDX kaʃiNʃi |
| mosquito | PARW *hainiju > MCG mapo, AXN manjo | KDX maNʃo |
| NEG | PARW *-tʃi > MCG/AXN -tsi | KDX -ʃi |
| noite | PNWK *ndaipi > BNW déepi, RSG naapí; YNX tsap | KDX tapi |
| onde | AXN hempe | KDX japi |

TABELA 31. Possíveis cognatos lexicais entre os conjuntos arawak e kandoxi

| | ARAWAK | KANDOXI |
|--------------------|---|---------------|
| osso | PARW *napi > YNX napo | KDX -nap- |
| pai | AXN apa, YNX apa, MWY afa, BWN hapa, YNE pa-ti | KDX apa: |
| pato | AXN/MCG pantʰo, YNX panhtʰo | KDX poNtʰi |
| pé | PARW *kihti > YNX kate, CMK kuhtu, LKN koti, YVT kutsu; PRS ehotse ‘perna’, CMK koselo ‘perna’ | KDX -kotsi- |
| peito | PARW *tiku > AXN tikaro, PRS tikola | PKDX *-tko- |
| pelo/cabelo | PARW *si > YNX je, MCG gif-i, AXN kisji | PKDX *-ji- |
| pescoço | PARW *tʃano > CMK tʃano, YNX tʃno:pʰ, MCG/AXN tsano- | KDX -ʃano- |
| pimenta | YNE komli, IÑP umari | KDX komaaʃi |
| piolho | PARW *nih > AXN/MCG netsi | KDX nisi |
| porco | CMK kahʃoʔna | KDX kaʃooma |
| raiz | PARW *pale > AXN pari-, IGN pari | PKDX *pori |
| raposa | IGN/TRN tamuku | KDX tomooʃi |
| rato | YNE/MXN koʃji, LKN kolhi(-hi), WPX kʰurii; PMGU *kots(i)o > MXJ kosio | KDX Nkoosi |
| tatu | PARW *kaʃa | KDX koʃota |
| temer | PARW *pinka | PKDX *NpaNka |
| tio | WYU -ji, WRA -zʰi ‘tio/pai’; YVT ihi, LKN itʰi ‘pai’ | KDX iitʃi |
| veado | YNX maʔnjoz; AXN/MCG matsontso-ri ‘onça’ | KDX maNtʃaNsi |
| vespa | PARW *hani > CMK ʃani, APR saani, LKN hanoba | KDX ʃano |

Os dados expostos nas TABELAS acima dão respaldo, portanto, à hipótese de associação do pukina, do muniche, do kandoxi e da família arawak no conjunto ‘macro-arawak’. O escrutínio desta hipótese a partir da averiguação de sistematicidade de correspondências fonológicas nos dados acima ainda depende grandemente do aprofundamento de trabalhos de reconstrução do proto-arawak assim como da compreensão dos processos de inovação ocorridos no decurso evolutivo desta proto-língua assim como das transformações peculiares motivadas por contato que culminaram na gênese dos pukina, muniche e kandoxi. Os efeitos de contato dos pukina, dos muniche e dos kandoxi assim como dos ancestrais destas três populações com outras populações será tratado em maiores detalhes na seção 4.2..

Uma última questão a se considerar nesta seção é o *status* do aguachile³²⁹ como língua arawak. Tal hipótese remonta de Créqui-Montfort & Rivet (1913a). Apesar desta classificação ter sido posta em dúvida por Campbell (1997:181), ela já havia sido ratificada por Montañó Aragón (1989) e Payne (1991b; 2005). A sua posição dentro da família arawak permanece,

³²⁹ Os aguachile (tb.: apolista, lapachu) ocupavam a atual região de Apolobamba, nos yungas bolivianos, ao norte dos leko.

entretanto, uma questão para debate.³³⁰ Os dados que demonstram a filiação do aguachile como arawak estão expostos na TABELA 32.

TABELA 32. Possíveis cognatos arawak em aguachile

| | ARAWAK | AGUACHILE |
|--------------|---|--------------|
| 1.P | PARW *wa | AGC wa?aha |
| 1.S | PARW *nu | AGC ni |
| 2.S | PARW *pi | AGC pi |
| abelha | PARW *maba | AGC mapa |
| algodão | PARW *tsaawa-li | AGC siuwa |
| anta | YNE jama ‘jaguar’; YMN jama ‘cachorro’, WYU iřama ‘veado’ | AGC řama |
| anta | PARW *kema | AGC ema |
| avó | CMK pajako | AGC paj |
| avô | WRA atu, MWY ařu, BWN hadui, TRN o:tu | AGC patua |
| batata-doce | BVN e:lu | AGC eru |
| boca | WPX řak ^h u MWY unau, BWN dau; BNW hitáko ‘bico’ | AGC atau |
| casa | PNWK *-pani > RSG paniřsi; YNE pantři; AXN pankotsi | AGC pani(ři) |
| céu | PARW *enu | AGC enui |
| comprido | PARW *-p ^h i | AGC -pi |
| dente | PARW *ahtse, YNX ahs, MCG aitsi, CMK ahsi, PRS atse | AGC asi |
| estrela | ENN dolise, PRS řoretse | AGC (n)uri |
| fogo | IGN/TRN juko | AGC juo |
| folha | PARW *pana | AGC taarpana |
| frio | YVT kawinini | AGC awini |
| homem | ENN ena, PRS ena, CMK jelna, YNE jineri, YVT eniřa | AGC ina |
| inhame, taro | MCG magona | AGC patunawe |
| irmã | BNW -wéedoa ‘irmã mais nova’ | |
| irmão | LKN bok ^h i-t ^h i | AGC waki |
| jaguar | LKN warhiru ‘canıdeo’, WPX warıřu | AGC watři |
| Lua | AXN kaři, LKN kat ^h i, GRF hati, BVN asi | AGC asi |
| mãe | AÑU een, BWN řina, BRE en, YNE řin | AGC ini |
| marido | MWY misi, BWN ximixi, WRA -meři | AGC miki |
| milho | PARW *mariki > WPX mazıř ^h i, AXN řinki | AGC matřinki |

³³⁰ Aikhenvald (1999) classificou esta língua dentro do ‘ramo meridional’ da sua proposta de classificação da família arawak. A autora (*id.*) não justifica sua proposta de classificação, mas presumivelmente ela tenha decidido incluir o aguachile no seu ramo meridional em função do paralelo AGC juho ‘fogo’ : PMOX *juku ‘id.’, TER/KNK juku ‘id.’. Por outro lado, Payne (2000; 2005) observou várias semelhanças do aguachile com distintas línguas da divisão arawak-ocidental, principalmente com o yavitero. Neste sentido, o mais plausível numa classificação conservadora é colocá-lo num ramo a parte dentro da divisão arawak-ocidental. Vale destacar, também, que o aguachile se enquadra perfeitamente como uma língua resultante de uma população ativamente envolvida numa esfera de interação que interligava os Andes e as terras baixas do sudoeste amazônico, pois nela encontram-se uma série de influências tanto de línguas andinas (leko, kechua, aymara, chipaya) como amazônicas (takana).

TABELA 32. Possíveis cognatos arawak em aguachile

| | ARAWAK | AGUACHILE |
|-------------------------|---|--------------------|
| nariz | BVN ijapa | AGC jape |
| neto | IGN amari, TRN amori, GRF ibari | AGC amari ‘pessoa’ |
| orelha | PRS i-tini-he, ENN -tene-hê, MHN -tunu-j, WPX -t ^h aini, BVN tani-pala | AGC -tuni |
| pai | BWN iri, IÑP iri, BRE hir ‘homem’ | AGC iro |
| pato | IGN/TRN patji | AGC paasi |
| pedra | TRN mopo:i, MCG mapu | AGC mapaj |
| pedra | WYU ipa, LKN siba, WPX k ^h iba, MWN kiða | AGC ipa |
| pescoço | AXN atsanu | AGC asanu |
| pimenta | RSG aats ^h fu, WYU haji, LKN at ^h i, GRF ati | AGC atsi |
| piolho | YVT tsuida, GNU ziweda, BAR tuwida, BNW towída, RSG its ^h ító | AGC tjuwita |
| raposa, cachorro | AXN otsi-ti, YNX ofjek, GRF ufju | AGC ufji |
| sal | WRA ihíwi, AXN tibi, YNE tiwi, IGN itfewe | AGC tjuvi |
| Sol | PARW *kamui | AGC amufiti |
| vila | WPX wiizai, MWY wese; IGN wosa | AGC ti |

4.1.7. A hipótese ‘tupi-karib’

A hipótese de Rodrigues (1985) de um vínculo genético entre as famílias tupi e karib conta com um número reduzido de possíveis cognatos entre o proto-tupi e o proto-karib, os quais estão resumidos na TABELA 33.

TABELA 33. Paralelos lexicais entre os conjuntos tupi e karib

| | TUPI | KARIB |
|---------------------|---|--|
| 1.s | PTPI *o- | PKAR *owi- > YKP awi, TIR wi- |
| 2.s | PTPI *e- | PKAR *a...-kon '2.P' (PKAR *-kon 'P') |
| 3.s | PTPG *i- ‘PREF.REL.’ | PKAR *i- |
| arco | PTPG *?irapat/*iβirapat | PKAR *(k)urapa/*wirapa-ri |
| avô | PTPI *t-amōj | PKAR *tamu |
| batata-doce | PTPI *wet ^h ik > PTPG *jet ^h ik | PKAR *(i)t ^h aku |
| calcanhar/pé | PTPI *pit ^h a ‘calcanhar’ > PTPG *pita | PKAR *puta ‘pé’ |
| cutia/paca | PTPI *akut ^h i ‘cutia’ | PKAR *akuri ‘paca’ |
| dar | PTPI *um | HIX im, APL um |
| filha | PTPI *memit/*memit > PTUP *-memsit | PKAR *emut ^h i > MKX uy-ensi, EÑP -j-insin, WYN oy-emsiri, HIX emsiri |
| Lua/Sol | PTPI *wati ‘Lua’ > PTPG *jatji | PKAR *wet ^h i ‘Sol’ |
| machado | PTPI *wi | TIR/KRÑ wiwi, IKP wim, KKR i |
| mão/braço | PTPI *po ‘mão’ | PKAR *apo ‘braço’; HIX amo, WYN -amo-ri ‘mão’ |

TABELA 33. Paralelos lexicais entre os conjuntos tupi e karib

| | TUPI | KARIB |
|--------------------------|--|---|
| nome | PTPI *et > PTPG *ere | PKAR *ôt-eti |
| olho/rosto/cabeça | PTPI *ep ^{wa} ‘olho’, PTUP *epa ‘olho’; PTUP *epapsi ‘rosto’ > MEK ebapi | PKAR *ipupi ‘cabeça’; KRŃ epata, MKX u-yenpata, EŃP eeφata-ri ‘rosto’ |
| pé | PTPI *pi | PKAR *pu |
| pegar | PTPI *at > PTPG *(j)ar | PKAR *j-ari |
| pena | PTPI *ap | PKAR *apo |
| pequeno | PTPI *mirĩ | PKAR *imeri |
| sentar | PTPI *apʔik | PKAR *apo- |
| Sol/luz do Sol | PTPI *ŋwatʔ ‘Sol’ | PKAR *awatini ‘luz do Sol’ |
| terra/montanha | PTPI *ip ^{wi} ‘terra’ > PTPG *iβi, JUR ipi, MUN ipi | PKAR *(w)ipi, iwi ‘montanha’ |
| urubu | PTPI *urup ^{wʔu} | PKAR *kurumu |

Como se observa acima, a quantidade exígua de paralelos elencados até o momento impede uma aplicação criteriosa do método comparativo e inviabiliza etapas como a averiguação de sistematicidade nas correspondências fonológicas. De fato, boa parte dos paralelos lexicais observados por Rodrigues (*op.cit.*) são, como ele mesmo constata, resultantes de relações de contato entre línguas karib e tupi-guarani. Os efeitos evidentes desta relação de contato serão apresentados adiante, na seção 4.2.. É importante frisar ser plausível que o contato e, em parte, o acaso tenham sido os motivos reais da existência dos possíveis cognatos acima elencados entre o proto-tupi e o proto-karib.

4.1.8. A hipótese ‘macro-mataguayo-guaykuru’ ou ‘guaykuru-mataguayo’

Tradicionalmente as semelhanças robustas encontradas entre as línguas das famílias guaykuru e mataguayo foram interpretadas por diversos autores (Lafone Quevedo 1896; Henry 1939; Tovar 1951) como exclusivamente decorrentes de contato na região chaquenha, uma explicação ratificada por Campbell & Grondona (2012). A proposta de filiação genética entre estas famílias foi, entretanto, formalizada por Mason (1950) e aprofundada e demonstrada por Viegas Barros (1992-1993; 2006; 2013), que oferece os seguintes cognatos como prova (TABELA 34).

TABELA 34. Paralelos lexicais entre os conjuntos guaykuru e mataguayo³³¹

| | PROTO-GUAYKURU | PROTO-MATAGUAYO |
|-------------|----------------------------------|--------------------------|
| 1.P | PGKR *qod(?)- | PMTG *kats(?)- |
| 1.S | PGKR *ej-em? | PMTG *j-am |
| | PGKR *ji- ~ *j- | PMTG *j(i)- |
| | PGKM *d(i)- | PMTG *ts(?)i- |
| 2.S | PGKR *ʔam? | PMTG *am |
| | PGKR *ʔa- | PMTG *a- |
| 3.S | PGKM *al-am | PMTG *ɬ-am |
| | PGKR *ɬ? | PMTG *ɬ(V)- |
| 3.S.DIST | PGKR *kʔa | PMTG *ka? |
| 3.S.PROX | PGKR *nʔa | PMTG *na? |
| algarroba | PGKR *wajʔe-k | PMTG *hʷaʔaj-uk |
| algodão | POOM *waloG | CHO walek |
| ano | PGKR *inaqa | PMTG *in(a)qΛ-p |
| asa | PGKR *-awʔa | PMTG *ɬ-ahʷ |
| caminhar | PGKR *-walek | PMTG *-welek |
| cansado | PGKR *-ewela | PMTG *-waɬah |
| cheiro | PGKR *-(a)niko ‘cheiro, nariz’ | PMTG *-(a)nih |
| chicha | PGKR *-Vta-qa | PMTG *-At |
| cinzas | PGKR *alo | PMTG *lo? |
| colocar | PGKR *-an | PMTG *-an |
| comer | PGKR *-ekeʔe | PMTG *-ek |
| concha | ABP -enenk | PMTG *-anek |
| corvo | PGKR *opʔowe | MKA opowi |
| dedo | PGKR *-ajaqatsʔV | PMTG *-jaqsi? |
| deitar | PGKR *-oma | PMTG *-maʔ ‘dormir’ |
| dormir | PGKR *-eʔotʔe | PMTG *-hɬte? |
| ELAT | PGKR *-ekʔe | PMTG *-hʷekʔe |
| estrela | PGKR *aqati | PMTG *qate-ts |
| F | PGKR *-e | PMTG *-e |
| | PGKR *-o | PMTG *-A |
| filhos | PGKM *-jalek | -le-ts |
| flor | PGKR *-awo-qo | PMTG *-Awo |
| fogo | PGKR *-olʔet | PMTG *-VɬetV? |
| formigueiro | PGKR *alVwa ‘cupinzeiro’ | PMTG *ɬuwa |
| fruta | PGKR *elʔ-a | PMTG *ɬ-a? |
| fugir | PGKR *-ʔelote | PMTG *-ilɬt |
| granizo | PGKR *qalatʔi | PMTG *qalatu? |
| INDET | PGKR *qʔo- ‘agente desconhecido’ | PMTG *qʔa- ‘alienizador’ |

³³¹ Para correspondências fonológicas, cf.: Viegas Barros 2013:320-324.

TABELA 34. Paralelos lexicais entre os conjuntos guaykuru e mataguayo³³¹

| | PROTO-GUAYKURU | PROTO-MATAGUAYO |
|-----------------|--|---|
| intestino | PGKM *-awel | PMTG *-wel |
| ir | PGKR *-eko | PMTG *-Ak ~ *-ek |
| LOC | PGKR *-g [?] i | PMTG *-hij |
| M | PGKR *-ik | PMTG *-(V)k(i) |
| mandioca | PGKR *nawjek ‘tubérculo comestível’ | PMTG *newak |
| NMZ | PGKR *-naqa | PMTG *-nah |
| NMZ | PGKR *-ŋ [?] aqa | PMTG *-tsah |
| orelha | PGKM *-k [?] et [?] e-IV | CHO -k [?] ote?, WCH -k [?] ote? |
| P | PGKR *-Vdi | PMTG *-(V)ts |
| P.DEM | PGKR *-wa | PMTG *-wa |
| pão de mandioca | PGKR *pijoko | WCH pi [?] jok ‘mandioca’ |
| papagaio | PGKR *ele | PMTG *ele |
| PART | PGKR *-ek | PMTG *-ek |
| pele | PGKR *-ʔako | PMTG *-A ^h |
| perna | PGKR *-qon [?] a | PMTG *-qanah |
| pestanda | PGKR *-ad [?] e | PMTG *-tsi [?] ~ *-si [?] |
| pó | PGKR *-am [?] oqo | PMTG *-m [?] aq [?] ‘farinha, pó’ |
| QTF | PGKR *-ʔaweke ‘total’ | PMTG *wek ‘juntos’ |
| queimar | PGKR *-alV | PMTG *-a [?] |
| sarna | PGKR *-(k)et [?] eqa | PMTG *-kets [?] Vh |
| seco | PGKR *ʔim | PMTG *-(j)im ‘secar’ |
| semente | PGKR *-peta | PMTG *-p [?] ata [?] ‘debulhar’ |
| sentar | PGKR *-n [?] i- | PMTG *-ni [?] |
| sofrer | PGKR *-ap [?] a | PMTG *-ap ‘chorar’ |
| terra | PGKM *ʔal [?] ewa | PMTG *a [?] lu ‘terra, mundo’ |
| teto, cobertura | -ap [?] o | PMTG *-(a)p [?] o-t |
| ver | PGKR *-wen | PMTG *-wen |
| voar | PGKR *-ajo | PMTG *-(h ^w)ej [?] |
| VRBZ | PGKR *-en | PMTG *-n |

De fato, como argumenta Viegas Barros (2013:293), mesmo que as populações chaquenhas tenham evoluído num ambiente de intensos contatos interétnicos e varias formas de influências linguísticas tenham sido documentadas, elas são explicações demasiadamente simplistas para explicar o caso das semelhanças observadas entre as famílias guaykuru e mataguayo, principalmente por não levarem em consideração que existe (i) um grande isomorfismo gramatical entre o proto-guaykuru e o proto-mataguayo, (ii) uma quantidade

significativa de possíveis cognatos no léxico básico destas proto-línguas e (iii) sistematicidade de correspondências fonológicas nestes conjuntos de dados.

4.2. CONJUNTOS ETNOLINGÜÍSTICOS COM POSSIBILIDADES DE PARTILHAR UM HISTÓRICO UNICAMENTE ETNOGENÉTICO

Além das hipóteses relativas aos troncos linguísticos mencionados nas seções 4.1.1 – 4.1.8, não há indícios robustos de que outros conjuntos linguísticos da área em estudo formem uma macrounidade genealógica. Por outro lado, nesta mesma área diversos paralelismos lexicais foram detectados entre famílias/(proto)línguas de distintos conjuntos filogenéticos. Tais paralelismos se constituem como indícios de que falantes de estágios anteriores das (proto)línguas dos referidos conjuntos estiveram em contato durante a pré-história³³². Dentre todos estes pares de famílias/(proto)línguas filogeneticamente não relacionadas que apresentam paralelismos lexicais, os seguintes casos ocorrem:

- (i) aqueles cujos paralelismos lexicais (ou parte deles) representa(m) um *stratum* significativo de interferência via contato: tal *stratum* se constitui como evidência robusta de que os falantes de alguma etapa evolutiva das (proto)línguas dos referidos conjuntos filogenéticos mantiveram contatos intensos em algum momento da pré-história;
- (ii) aqueles cujos paralelismos lexicais (ou parte deles) representa(m) um *stratum* pouco significativo de interferência via contato: tal *stratum* representa um indício de que os falantes de alguma etapa evolutiva das (proto)línguas dos referidos conjuntos filogenéticos mantiveram contatos efêmeros em algum momento da pré-história;
- (iii) aqueles cujos paralelismos lexicais representam apenas ou praticamente apenas ‘empréstimos hipotéticos’³³³.

A organização e apresentação dos dados de contato linguístico da presente seção se deu com base no critério filogenético, o que favoreceu a consulta e interpretações de cada linhagem com respeito às relações de contato estabelecidas no seu decurso evolutivo. As seguintes

³³² Não serão apresentados casos de contatos recentes (ocorridos durante o período histórico) pois isto foge do escopo desta investigação. Casos deste tipo só serão mencionados no texto quando necessário.

³³³ Com relação aos ‘empréstimos hipotéticos’, a analogia detectada para enquadrar cada um dos paralelos lexicais nestes casos é plausível, embora possa representar **ou** um evento fortuito **ou** um caso de intrusão linguística via contato. A avaliação detalhada de cada um destes casos deverá ser efetuada em trabalhos futuros, à luz de novos estudos históricos-comparativos (principalmente daqueles que passem a oferecer reconstruções robustas do processo evolutivo das (proto)línguas envolvidas). O mapeamento dos pares de línguas nestas circunstâncias foi relevante para a presente tese apenas de modo auxiliar em comparações multilaterais que favoreceram a elucidação de alguns aspectos conflitantes que emergiam durante a elaboração do modelo arqueo-ecolinguístico de diversificação etnolinguística apresentado em §5.

decisões foram tomadas: (i) separação dos conjuntos filogenéticos por magnitude máxima, em três subseções distintas: troncos, famílias e línguas sem filiação; (ii) organização dos integrantes de cada subseção por ordem alfabética. Tal decisão evita, por exemplo, qualquer associação crua de informações de contato linguístico com a geografia física e, conseqüentemente, que pressuposições arbitrárias de mapeamento arqueo-ecolinguístico sejam feitas neste estágio da investigação. Isto é patente, por ser intrinsecamente insuficiente dentro da perspectiva ecolinguística qualquer análise da evolução linguística que desconsidere fatores dinâmicos da geografia humana, como a mobilidade (cf.: §2).

Para cada par de filogenias linguísticas comparadas a seguir, foi feita uma avaliação sucinta a respeito da qualidade dos paralelos lexicais apresentados, se coletivamente representam (i) um *stratum* significativo de empréstimos, (ii) um *stratum* pouco significativo de empréstimos ou (iii) apenas um conjunto de ‘empréstimos hipotéticos’. É importante ressaltar que dos paralelismos apresentados em §4.2 parte significativa representa, de fato, casos concretos de empréstimos linguísticos; dentre estes empréstimos, foram observados os seguintes casos: (i) ‘empréstimos diretos’; (ii) ‘empréstimos indiretos’: o termo é etimologicamente oriundo de um dos dois grupos etnolinguísticos comparados, mas a sua transmissão foi feita por intermediação de um terceiro grupo etnolinguístico; (iii) ‘empréstimos paralelos’ a partir de uma fonte distinta: o termo é etimologicamente oriundo de um terceiro grupo etnolinguístico, tendo sido independentemente incorporado nas (proto)línguas ora comparadas. Paralelos identificados nas duas últimas circunstâncias não foram tomados como indícios de que as populações falantes das (proto)línguas comparadas estiveram em contato. Enfim, é importante frisar uma vez mais que qualquer das tabelas apresentadas nesta seção podem conter ‘empréstimos hipotéticos’, os quais, como dito anteriormente, deverão ser reavaliados pontualmente em trabalhos futuros.

4.2.1. TRONCOS

4.2.1.1. Chibcha

Na área de estudo foram detectados extratos léxicos compartilhados por populações chibcha e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- andaki → §4.2.1.1.1
- barbakoa → §4.2.1.1.2
- choko → §4.2.1.1.3
- duho (saliba-hodi) → §4.2.1.1.4
- paez → §4.2.1.1.5
- sape → §4.2.1.1.6
- taruma → §4.2.1.1.7

4.2.1.1.1. Chibcha e andaki

Rivet (1924a) havia postulado a inclusão da língua andaki na família chibcha, mas os paralelos encontrados são escassos e provavelmente indicam contato tangencial entre estas populações, como apontam os dados da TABELA abaixo.

TABELA 35. Paralelos lexicais entre os conjuntos chibcha e andaki

| | CHIBCHA | ANDAKI |
|-----------------|---|------------------------------------|
| água/rio | DRK <i>si</i> , MUI <i>si-e</i> , RMA <i>si:</i> | <i>hihi</i> ; <i>-hi</i> 'líquido' |
| casa | RMA <i>ɲu:</i> , MUI <i>ɣu-e</i> , KGI <i>hu-</i> | <i>kuxu:</i> |
| dente | MUI <i>sika</i> , RMA <i>si:k</i> | <i>siku</i> |
| falar | MUI <i>g^wa</i> , IKA/KGI/DMN <i>g^wa-</i> | <i>k^wa</i> |
| lagarto | NGB <i>lapa</i> | <i>rapai</i> |
| Lua | BGL <i>dai</i> | <i>ūtai</i> |
| matar | IKA <i>g^wak-</i> , KGI <i>g^waʃ-</i> , DMN <i>g^waʒ-</i> | <i>k^wa-</i> |
| pé | RMA <i>tuk^wa</i> , IKA <i>ɕu?k^wu</i> 'perna' | <i>sukwapana</i> |
| Sol | BRK <i>kak</i> ; MUI <i>kagi</i> 'vênus'; ATK <i>kaki</i> 'Deus'; KGI <i>kag:i</i> , IKA <i>kəg:i</i> 'ano' | <i>kaki:</i> |

4.2.1.1.2. Chibcha e barbakoa

Os poucos paralelos entre línguas das famílias chibcha e barbakoa se resumem fundamentalmente a semelhanças entre línguas dos subgrupos guaymi e barbakoa meridional. É possível que parte deles represente empréstimos decorrentes de uma rede de interação interligando o Panamá e o litoral equatoriano ao longo do Pacífico.

TABELA 36. Paralelos lexicais entre os conjuntos chibcha e barbakoa meridional

| | CHIBCHA | BARBAKOA MERIDIONAL |
|----------------|-------------------------|---------------------------------|
| cabeça | BGL tʃuga | TFK suka |
| fogo | NGB jnio | CPL jni, TFK ni |
| homem | NGB ni ‘pessoa’ | TFK uni- |
| lagarto | NGB lapa | TFK lāpalo |
| macaco | NGB huri, θuri; BGL uri | CPL furi |
| pimenta | BGL tʃio; NGB tʃo ‘sal’ | CPL tʃu |
| raiz | NGB kuoθu | CPL kutʃu, TFK kutsu ‘mandioca’ |
| Sol | BGL tʃoi, IKA tʃui | TFK jo |
| tambor | NGB mudu | TFK bābutu |

A hipótese de que todas estas semelhanças representem uma coincidência é simplista. Há, portanto, evidências de contato envolvendo os referidos conjuntos.

4.2.1.1.3. Chibcha e choko

A hipótese de uma relação genética entre as famílias choko e chibcha (Lehmann 1920) foi considerada possível por Constenla Umaña & Peña (1991). Entretanto, mesmo que estes autores tenham observado semelhanças entre os sistemas pronominais do proto-chibcha e do proto-choko, a quantidade de paralelos lexicais com possibilidade de cognação entre estas protolínguas é ínfima (TABELA 37) e pouco podem dizer inclusive sobre uma hipótese de influência chibcha durante a etnogênese dos proto-choko. A única influência cultural relevante observada até o momento seria a adoção do cultivo do milho pelos proto-choko.

TABELA 37. Paralelos lexicais entre os conjuntos chibcha e choko

| | CHIBCHA | CHOKO |
|---------------------|------------------|----------------------------|
| 1 | PCHB *da- ‘1.S.’ | PCHK *da- ‘1.P.’ |
| 2.s. | PCHB *ba? | PCHK *buw; PCHK *ba ‘2.P.’ |
| 3.s. | PCHB *i | PCHK *i |
| chácara | PCHB *te | PCHK *de ‘casa’ |
| fezes | PCHB *gã | PCHK *ã |
| filho | PCHB *ara | PEPR *wara |
| milho | PCHB *ebe | PCHK *be |
| larva, verme | PCHB *gĩ | PCHK *ki |
| comprar | PCHB *tō- | PCHK *to- |
| veado | PCHB *suda | PCHK *sūra |

4.2.1.1.4. Chibcha e duho

Os paralelos observados entre línguas dos conjuntos chibcha e duho se restringem a semelhanças entre o hodi e línguas dos subgrupos magdalênico. Tais semelhanças parecem indicar a presença de populações chibcha do referido subgrupo na bacia do Orinoco, dando suporte aos indícios arqueológicos que apontam para a existência de uma antiga rede de interação envolvendo esta região e os Andes Setentrionais (Barse 1990, 1995).

TABELA 38. Paralelos lexicais entre os conjuntos chibcha e hodi

| | CHIBCHA | HODI |
|-----------------|---------------------------------------|-----------------------------------|
| anta | TNB biʃoa, KGI biʃa | jowa |
| aranha | BRK o ^h k, BRI ok, GMI ogo | a ^h kuke |
| arco | TNB ʃimara | nimala |
| árvore | TRB kor, GMI kri ‘madeira’ | ^h kule ‘fogo, madeira’ |
| beber | GMI ae, DRK oi | woi |
| cabeça | DRK du | ^h tu |
| dente | GTS oka, BRI aka, IKA kək:i, MUI hiko | u ^h ku |
| lagarto | BRK uri, BRI ulik | au ^h lē |
| mãe | TNB aba, KGI həbə | abā |
| mandioca | KBK ali; KNA mali ‘raiz’ | ale |
| milho | DRK (h)abu | ^h tābu |
| nariz | IKA misuŋi, DMN mīʃua, MVR isō | ījō |
| raiz | TNB siʔja | leja |

Ignorar tais semelhanças como evidências de que os proto-hodi mantiveram contato com falantes de línguas chibcha seria uma atitude simplista.

4.2.1.1.5. Chibcha e paez

Observações de semelhanças entre o paez e línguas da família chibcha remontam de Beuchat & Rivet (1910b) e também foram notadas por Greenberg (1987) e López García (1995), dentre outros, as quais foram erroneamente utilizadas como indícios de relação genealógica envolvendo estes conjuntos. Tais paralelos, expostos na TABELA 39, dão na realidade indícios importantes de que teria existido uma rede de influência envolvendo povos falantes de línguas chibcha e os proto-paez durante a pré-história.

TABELA 39. Paralelos lexicais entre os conjuntos chibcha e paez

| | CHIBCHA | PAEZ |
|-----------|--|-----------------------------------|
| 1.s | BRK at, KNA ani | adʲ |
| abóbora | PCHB *api > NGB be, BRI api, RMA abi; KNA api ‘panela’ | ape |
| água | NGB ɲo, BGL ɲoi; NGB ɲu, BKT ʒo ‘chuva’ | juʔ |
| cabaça | TNB toka, GMK toga, KBK tkã, DRK θok | tuka |
| cabaça | MUI tsihiba | t ^h ee |
| casca | NGB k ^w ata, BRK k ^w aʔs, TRB k ^w ota | k ^h aʔtʲ |
| chorar | CML o:ni, MUI kon, TNB koni | ũʔne |
| coca | TNB asa, IKA aʒu | ẽʃ |
| dia | MOT jããna | een |
| feijão | BGL tʃekeu/tʃige | < tʃeguit > |
| floresta | TRB juk, KBK juku ‘fogo’; GMI ɲug:o ‘lenha’ | juʔk ^h |
| formiga | IKA isu, KGI isa | iz |
| joelho | NGB uk ^w eto, IKA ʒuk ^w i ‘coxa’ | x ^ʔ uk ^w et |
| mandioca | IKA irok ^w i, DMN irug ^w a, KBK ʃku | < xsugue > ³³⁴ |
| mão | NGB kuse, DRK kul, IKA gun:u | kuse |
| milho | NGB ɣimoro | ʃimb |
| milho | PCHB *lbi > KGI ebi, TRB ip | < xsipi > ³³⁵ |
| osso | BRI ditʃe, KBK tʃitʃa | d ^ʔ iʔt ^h |
| pimenta | TNB reowa, DMN newa | ãwã |
| sal | IKA nəg: ^w i, DMN ɲingu, MUI ɲiy ^w a, KGI nəku | nega |
| tio/sogro | PCHB *kaka ‘pai’ > KBK kaka, DRK kaga, IKA kaki | kahka |
| veado | BGL tʃebi ‘vaca’ | tʃaβ ⁱ |
| urina | MUI hiso | < isos > |

A hipótese de que tais semelhanças sejam mera coincidência é, por outro lado, simplista ao ignorá-las como evidências de que os proto-paez mantiveram contato com falantes de línguas chibcha.

4.2.1.1.6. Chibcha e sape

Os paralelos observados entre o sape e a família chibcha são fundamentalmente com línguas do subgrupo magdalênico. Tais semelhanças, do mesmo modo que aquelas observadas entre o hodi e línguas chibcha deste mesmo subgrupo, representam indícios da existência de

³³⁴ Castillo y Orozco 1877:36

³³⁵ Castillo y Orozco 1877:21

uma antiga rede de interação envolvendo a bacia do Orinoco e os Andes Setentrionais. A hipótese de que todas as semelhanças apontadas na TABELA abaixo sejam fortuitas é, obviamente, simplista.

TABELA 40. Paralelos lexicais entre os conjuntos chibcha e sape

| | CHIBCHA | SAPE |
|------------------|---|----------------|
| arco | TNB ʃimara | ʃjima ‘flecha’ |
| batata-doce/raiz | PCHB *tu ‘batata-doce’ | tu ‘raiz’ |
| cabaça/panela | TNB toka, GMK toga, DRK ʰok ‘cabaça’ | tuku ‘panela’ |
| cachorro | MUI/BKT/MVR/GMI to | to |
| dente | BRI aka, IKA kək:i | kaka |
| dormir | IKA kəm:ən, KGI kəbafi, MUI kiβi | kabaina |
| fogo | BRI juku, TRB juk | ʃoko |
| mão/pé | DMN gula, ATK guna, DRK kula ‘mão’; KBK klu, BRK kra ‘pé’ | ikora ‘pé’ |
| milho | DMN iim | ijam |
| noite | PCHB *tse > IKA seja? | usejna |

4.2.1.1.7. Chibcha e taruma

Os paralelos observados entre o taruma e a família chibcha reforçam a hipótese da presença de populações de origem chibcha no noroeste amazônico. Tais semelhanças são fundamentalmente com línguas dos subgrupos magdalênico e doraske-changena e se coadunam com os indícios observados nos casos do hodi e sape da existência de uma antiga rede de interação envolvendo populações chibcha na bacia do Orinoco. A hipótese de que o conjunto de evidências apontado nesta e nas referidas seções seja fortuito é totalmente simplista.

TABELA 41. Paralelos lexicais entre os conjuntos chibcha e taruma

| | CHIBCHA | TARUMA |
|------------------|-------------------------------|----------------|
| 2.s | BRK ba:ʔa-; BRI ʔʔ ‘2.P’ | aʔa |
| avó | PCHB *akiki | agigi |
| boca | IKA kək:a, DMN kəka, NGB kada | kukana |
| caminho | NGB hi, MOT hi | afi-a |
| carrapato/piolho | IKA ku, MOT ku: ‘piolho’ | gu ‘carrapato’ |
| casa | KGI hui | dui-a |
| corpo/carne | IKA gəʃi ‘carne’ | kaʃu ‘corpo’ |
| corpo/carne | TNB ruwa ‘carne’ | ruaha ‘corpo’ |
| dente | DRK su | aso |
| dia/Sol | KGI noi ‘dia’; BTK hui ‘Sol’ | hoin ‘dia’ |

TABELA 41. Paralelos lexicais entre os conjuntos chibcha e taruma

| | CHIBCHA | TARUMA |
|------------------------|----------------------------|-----------------|
| floresta/savana | DRK bage ‘savana’ | bake ‘floresta’ |
| gente | DRK ili | giri |
| irmã | DMN asi, MOT si | aŋi |
| irmão | DMN, ATK giia, MUI yuia | wi |
| joelho | DRK oblugu | orukuda |
| onça/raposa | DRK θana ‘canídeo’ | dani ‘onça’ |
| pai | DMN ade, KGI hate | aide |
| pássaro | ATK zuri, DMN suri | ziri/zuuri |
| perna/coxa | ATK kɣsa, DMN kɣso | kɣʃawo ‘coxa’ |
| um | PAY as, KGI aiz, BRK eʔtse | oʃi |

4.2.1.2. Duho

Foram detectados extratos léxicos compartilhados por populações duho e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- andoke-urekena → §4.2.1.2.1.1
- §4.2.1.2.2.1
- arutani → §4.2.1.2.2.3
- chibcha → §4.2.1.1.4
- macro-arawak (arawak) → §4.2.1.2.1.2
- §4.2.1.2.2.2
- maku → §4.2.1.2.1.3
- §4.2.1.2.2.4
- tukano → §4.2.1.2.1.4
- §4.2.1.2.2.5
- yaruro → §4.2.1.2.1.5

4.2.1.2.1. Saliba-hodi

Foram detectados extratos léxicos compartilhados especificamente por populações saliba-hodi e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- andoke-urekena → §4.2.1.2.1.1
- arawak → §4.2.1.2.1.2
- chibcha → §4.2.1.1.4
- maku → §4.2.1.2.1.3
- tukano → §4.2.1.2.1.4
- yaruro → §4.2.1.2.1.5

4.2.1.2.1.1. Saliba-hodi e andoke-urekena

A existência de paralelos entre o andoke e as línguas saliba-hodi havia sido considerada por Jolkesky (2009) como indicativo de parentesco destes conjuntos, embora este autor (Jolkesky 2015) tenha revisado sua hipótese, passando a considerar as referidas semelhanças, apresentadas na TABELA 42, como resultantes de contato.

TABELA 42. Paralelos lexicais entre os conjuntos saliba-hodi e andoke-urekena

| | SALIBA-HODI | ANDOKE-UREKENA |
|--------------------|------------------------------------|----------------------|
| águia | SLB batʃa | ADO buʔtʃa |
| algodão | SLB pōxā, PIA puha | ADO pāhe |
| amarelo | PIA tūwā-; HDI duwæ ‘alaranjado’ | ADO doʔa |
| arara | SLB eba-la, HDI heba | ADO eʔba |
| árvore/tronco | SLB pude ‘tronco’ | ADO paʔdi ‘árvore’ |
| espírito | SLB kaōhā, HDI ^h kahohā | ADO okəwəhe |
| filho | PIA/MKH itʰi | ADO aʔa |
| floresta | PIA deq, MKH tebo | ADO deʔa |
| fruta/semente | HDI adæ, SLB ade ‘semente’ | ADO ode ‘fruta’ |
| gente | PIA hoʔo, MKH hoho, HDI ho | ADO aʔa |
| lago | PIA dūbo-ra, SLB opu, MKH -obu | ADO toʔru |
| madeira/árvore | SLB dūgu ‘árvore’ | ADO dōka ‘madeira’ |
| mandioca/tubérculo | PIA pʔiʔe ‘tubérculo’ | ADO paʔte ‘mandioca’ |
| milho | SLB ʔomo, MKH ʔomu | ADO ʔobowi |

TABELA 42. Paralelos lexicais entre os conjuntos saliba-hodi e andoke-urekena

| | SALIBA-HODI | ANDOKE-UREKENA |
|-------------------------------|---------------|----------------|
| morcego | HDI dō | ADO dōdã |
| pelo | HDI uiko | ADO ukabe |
| porco-do-mato (tateto) | PIA ubê | ADO tjabê |
| sogra | SLB haso/naso | ADO ãso |
| sogro | SLB ãse | ADO hatje |
| urubu | SLB sīhiçã | ADO tjihidur |

4.2.1.2.1.2. Saliba-hodi e arawak

Empréstimos entre línguas das famílias saliba-hodi e arawak foram pouco documentados na literatura. Meléndez-Lozano (2014:212) aponta especificamente alguns casos envolvendo o saliba e línguas arawak do ramo nawiki. Os paralelos observados no presente estudo (TABELA 43) indicam para uma situação de contato relativamente intensa, envolvendo línguas da família saliba-hodi e de distintos ramos da família arawak.

TABELA 43. Paralelos lexicais entre os conjuntos saliba-hodi e arawak

| | SALIBA-HODI | ARAWAK |
|--------------------------------|--|---|
| água | PIA pare | BNW péeri, LKN bariri |
| amarelo | SLB eewa?a | PNWK *heewa > BNW/PIP eewa; BVN/YVT tewa |
| batata-doce/ inhame | MKU h ^w ale, PIA h ^w are, HDI h ^w alê 'inhame' | LKN halit ^h i, WYU haiji, CMK keli, PNWK *kali-ri 'batata-doce' |
| beija-flor | SLB bi?wisi | PNWK *pi?mi |
| braço | HDI h ^t ũno 'antebraço' | LKN dina, WYU tina, AÑU atina, GRF arinai |
| criança | SLB nê | MWY ðe, BWN tpe |
| cupim | SLB komosu | PNWK *kamara > RSG kamaadu |
| cutia | HDI a ^h kuli | LKN kolhi(-hi), WPX k ^h urii, GRF aguri |
| dente | PIA -ak ^h u | WPX -idak ^h u 'dente'; PNWK *hitaku 'nariz' > AXG daku, YKN taku |
| espírito | HDI awela, PIA awet ^h a | YVT ame-la-mi; CMK şa?me, LKN we-ja, IGN awi-tja 'sombra' |
| filho | PIA/MKH it ^h i, HDI ilī | PNWK *-i?li, LKN ait ^h i, MRW itisi |
| flecha | HDI nimala | LKN Jimara, GRF gimara |
| fogo | HDI h ^k ule, PIA uk ^h ude | RSG ókónii-gí |
| garça | SLB wakala | WPX wak ^h ara |
| gordura | HDI h ^k alawa | LKN karhaba, GRF garaba |
| jacaré | HDI aulæ | WPX at ^h uri, BWN haturi, BAR haduli |
| língua | SLB/HDI anene | PARW *nene > PMWK *-enene |
| macaco | PIA it ^h ũ | LKN hitolhi |
| mama/chupar | SLB çuçũ, HDI h ^l u ^h lu 'mama' | PARW *tjutju > PNWK/PMOX *tjutju, BWN tjutju 'chupar' |

TABELA 43. Paralelos lexicais entre os conjuntos saliba-hodi e arawak

| | SALIBA-HODI | ARAWAK |
|------------------------------|--|---|
| mamão | PIA mapaja | BWN/GNU/MDW/PIP mapaja |
| mutuca | SLB mapala | LKN maparawa GRF mabarawa |
| onça | PIA jæwi, HDI jæwi | PNWK *jaawi > RSG çæéwi |
| ovo | PIA ijæ, MKH içã-po, SLB hiedça, HDI ue-ja | MWY ide, LKN isa, WRA iitsai, PRS etse-ti AXN iitsoki-ntsi, BWN wijna |
| pai | HDI (^h)jai | AÑU ei; WYU ii ‘sogro’ |
| pajé | PIA mæri; HDI mali ‘homem’ | PNWK *mali-, MNO mali, WPX marinaw, KRI marinawi |
| pé | PIA hæpí | PNWK *hi?ipa- > RSG -hii?pú. TRN/KNK he:ve |
| pedra/montanha | MKH inawa ‘pedra’; PIA inawa, HDI inæwa ‘montanha’ | WPX nawazi; GRF dawa ‘pedra’ |
| pele | HDI hetoto | ENN e-tato, MHN i-tata, WYU hita |
| pente | SLB isiba | PNWK *tsi?apa > KBY te?épa |
| pequeno/criança/filho | HDI hãli ‘pequeno’ | YVT lihani ‘criança’; WPX ðani, GRF isani, YVT tani, PNWK *jani, PRS/ENN hare, AÑU arin ‘filho’ |
| pimenta | HDI la ^h te, PIA ra?at ^h e | PNWK *hatsi > BNW áaṭi, BNW aaṭi; LKN hat ^h i, WYU haṣi, BAR hati, GRF/MRW ati |
| pomba | PIA onuku, SLB hutuku | PNWK *hutuku-li, BWN hudukukui, CMK puhtuku |
| porco | PIA kuutṣi | WPX k ^h uufi, BNW kuutsi, IGN kufi |
| raiz/mandioca | HDI ale ‘mandioca’ | YVT kale-si, LKN k ^h ali/k ^h ale ‘mandioca’; (cf.tb.: PNWK *a?apali ‘raiz’ > KBY apare) |
| raposa | SLB oli | MPR auri, PIP/AXG auli, GRF aunli |
| raposa | PIA awari | LKN warhiru, WPX warizü; BNW walidza ‘onça’ |
| remo | SLB denai?de, HDI - ^h tedæ | PNWK *ndenaa |
| tamanduá | SLB ṭfau | PNWK *tsaaru |
| tapioca | SLB pe?e | PNWK *pee-li > AXG béeri, RSG peégí |
| tartaruga | SLB ikuli | WPX hicolhi, PNWK *(h)iiku-li, PRS ikore, BWN e?uri |
| urubu | SLB waçguli, HDI wa ^h ti | PNWK *waaju-li, MXN maju-le, INP maju-ri, WPX wat ^h u, BWN wasikara |
| veado | PIA jama, SLB çama | WYU izama ‘veado’; YMN jama ‘cachorro’, YNE jama ‘jaguar’ |
| ver | SLB hia | GRF ariaha, PLK hijap |
| vermelho/urucum | HDI ^h kulilu ‘urucum’ | LKN korhe ‘vermelho’ |

4.2.1.2.1.3. Saliba-hodi e maku

Empréstimos entre línguas da família saliba-hodi e o maku ainda não haviam sido documentados na literatura. Os paralelos observados apontam para uma relação mais estreita entre os maku e os saliba.

TABELA 44. Paralelos lexicais entre os conjuntos saliba-piaroa e maku

| | SALIBA-PIAROA | MAKU |
|----------|---|------------------|
| 1.s | SLB tʃ(i)-; MKH tʃ(V)- | tse-; tsi- |
| 2.s | SLB kʷ-/k-/g-; PIA ki- | ke- |
| arco | SLB tʃipaʔo | tʃimalowa |
| avô | SLB -ãsi | baʔtsi |
| banana | PIA parūrū, HDI ^h walulu | palo |
| batata | SLB eetʃe-ha | wetʃiku |
| bom | PIA adiwa, SLB ōde, HDI ^h ti | e:di |
| dia | SLB ʔokudia | keʔlia |
| enguia | SLB arimina | alimju |
| grande | SLB godi/wodi; HDI uli | bote |
| homem | SLB ūbe, PIA ubɣ | la:səba |
| mama | SLB tʃuʔtʃu | tʃutʃu |
| montanha | PIA miæk ^h a | wi:ke |
| pássaro | SLB jīde, HDI i ^h te | hite; i:de 'asa' |
| pedra | PIA ina-, SLB inā-, HDI inæ | li:ne |
| savana | SLB nuguʔtʃa | sukute "savana" |
| verde | SLB noʃji, HDI nu ^h tipo | nuʃtu |

4.2.1.2.1.4. Saliba-hodi e tukano

Embora a quantidade de empréstimos lexicais envolvendo as famílias saliba-hodi e tukano seja expressiva, um estudo a respeito ainda não havia sido realizado. Como se observa na TABELA 45, certamente abundam paralelos envolvendo termos culturais, mas há também um número considerável de empréstimos de termos do léxico básico. Além disto, destaca-se a forte influência de línguas tukano em saliba, onde há também indícios de intrusão de elementos gramaticais. Como todos os elementos gramaticais reconstruíveis destas famílias, incluindo seus sistemas pronominais, são completamente distintos, não há a menor possibilidade de que suas protolínguas sejam geneticamente relacionadas. Conjuntamente, tais evidências sustentam a tese de que houve uma estreita e duradoura relação de contato entre falantes de línguas descendentes do proto-tukano e do proto-saliba-hodi. Tal influência deve ter sido intensificada por miscigenação, pois, como dito acima, os empréstimos incluem itens do léxico básico e há intrusão de morfemas gramaticais. Alguns dos paralelos lexicais são reconstruíveis para ambas as famílias, implicando que os contatos entre estes grupos humanos teria se iniciado num período bastante próximo ao da coalescência do proto-saliba-hodi. Os demais, por outro lado,

indicam que estes contatos se estenderam até um período relativamente recente dentro da cronologia pré-histórica e, provavelmente, até durante a época colonial.

TABELA 45. Paralelos lexicais entre os conjuntos saliba-hodi e tukano

| | SALIBA-HODI | TUKANO |
|-------------------------|--|--|
| 1.s | HDI ^h je | PTUK *ju > TAN/ORJ ji |
| água | PIA oko(-ja), SLB oko(-to) ‘caldo’; PIA ak ^w aa ‘molhado’ | PTUK *okko > TUK/PIR ako, TAN okoa |
| amarelo | SLB eeba | TUK/WNN/PIR/YRT ewuu, KRP ewa |
| animal | SLB mai | PTUK *waʔi |
| areia | PIA rema | KUB ēpa |
| árvore | SLB nūgu(hu) | PTUK *tūkkw(gu) |
| asa | SLB harupa | YRT kerupuuu, KRP/TAT kerupui, DSN kēdupui, ORJ hahupe |
| banana | PIA pæruræ, pæruru, SLB patuna | TAN parua ‘banana’; PIR/WNN paro ‘espiga’ |
| bebê | SLB nēē ‘criança’ | TUK dīhī, WNN dīhī-, PIR dīhī-, KRG ɕʒi, SIO/SEK zī, ORJ ʔi |
| beber | SLB ōg ^w - (< *ōgu) | PTKO *ūku-, KUB ūkupuu |
| beija-flor | SLB bibisi | PTUK *mimi |
| bugio | PIA imu | PTUK *emu |
| cabaça | PIA wajækæ | WNN wahaka, PIR wahaga, WMH/BRS/TUY waaga |
| caminho ³³⁶ | MKH ma(-na), PIA mæ(-næ), SLB maa(-na), HDI ma(-na); HDI -ma ‘CLS.caminho’ | PTUK *ma |
| capivara | SLB g ^w ixe | PTUK *k ^w etsu |
| carne | PIA de-æ, SLB de-a | TUK/WNN/PIR diʔi, WMH/TUY/BRS dii, TAN riʔia |
| céu ³³⁷ | SLB mumesē(-xē) | PTUK *wese ‘exterior’ > TUK ūbūse ‘céu’, DSN ūbūsi ‘id.’, PIR iʔbise ‘id.’ |
| chupar/mama | SLB ɕuɕu, HDI ^h lu ^h lu ‘mama’ | PTUK *tʃuʃu ‘chupar’ |
| cinzas/farinha | SLB -h ^w ā/-wā, HDI ^h jowā ‘farinha’; SLB ōwā ‘mandioca’ | TAT/KRT ōwā, YRT ōā, TAN/KUB ūā ‘cinzas’ |
| cobra | SLB jak ^w i | PTUK *jākʔi |
| corpo | SLB obu | TUK upui, TUY opui |
| cunhada | SLB aɕo | TAN aʔɕo |
| cutia | SLB ui | PTUK *wuui > TAN/DSN/YUP bui |
| espírito ³³⁸ | PIA āē, SLB ōāi(-di) ‘espírito daninho’ | PTUK *wātti > ORJ āi |
| esposa | HDI namo ‘força vital/espírito’ | TUK numó TUY numo, WNN namo, PIR namono |
| F | SLB -o | PTUK *-(k ^ʔ)o |

³³⁶ PSAH *bā-dā ‘caminho-LOC’

³³⁷ SLB -xē ‘CLS.abaulado’

³³⁸ SLB -di ‘CLS.M.S.’

TABELA 45. Paralelos lexicais entre os conjuntos saliba-hodi e tukano

| | SALIBA-HODI | TUKANO |
|---------------------------------|---|---|
| fezes ³³⁹ | PIA ut ^h e(-wa), SLB ite | PTUK *k [?] ut [?] a > TAN/RET ita, KUE urta, TUK ur [?] ta |
| fio de algodão | PIA puhã, SLB pôhã | TUY busa, TUK, PIR, WNN bu [?] sa, WMH/PIR buha ‘algodão’, YUP pohã ‘rede de tucum’ |
| fumaça | SLB omĩ | TUY õbẽ, TUK/PIR õ [?] bẽ, BRS ùbẽ, YRT ùbẽ |
| gordura/gordo | SLB deo ‘gordo’ | KUB dẽõ |
| homem | PIA umæ(tũ); SLB emi/omi ‘marido’ | PTUK *imi |
| intestino ³⁴⁰ | SLB ite(-bo), HTI te-bo | TUK/KRP ita-bĩsĩ, WNN tu-bĩsĩ, TUY/PIR/YRT kita-bĩsĩ |
| irmã | SLB at [?] fo/g ^w at [?] fu, HDI ^h lu | KRG a [?] t [?] fo ‘irmã maior’ |
| irmão menor | HDI abã ^h lõ | TUY bairo |
| jacaré | HDI aule | YUP auri |
| lá/aquele | PIA t [?] ju [?] a ‘aquele’ | PTUK *t [?] oa ‘lá’ |
| lavar | SLB koi | PTKE *koe |
| LOC | HDI -na ‘LOC/INSTR’, SLB -na ‘INSTR’ | PTUK *-na |
| Lua/noite | HDI ãbiã ‘Lua’ | PTUK *jãbĩ ‘noite’ > TAN ɕãbiã ‘noite’, BRS jãbiagwu ‘Lua’; KUB awia ‘Lua’ |
| M | SLB -i | PTUK *-(k [?])u |
| mão | SLB ùmõ, PIA ùmũ, HDI bõ | TUK/PIR õbõ-, WMH/BRS ãbõ, WNN/TUY/TAT KRP wãbõ- |
| marido | HDI bãli | WNN/PIR/WMH/BRS/TUY *bãdũ- |
| mel | SLB mũĩga | PTKE *momi |
| montanha | SLB axode | KRG aikũti |
| mutum | SLB kuɕi | KRG kuĩa, TAN kusia |
| nariz | PIA ihi(-ju) ³⁴¹ | PTUK *ik ^{w?} e > MKN/BRS ïgẽ-ã, DSN ïgĩ-rũ |
| NSUJ | SLB -ri | PTUK *-t [?] e > TAN/KRT -re |
| onça | PIA jãwi, SLB ɕagwite, HDI jãwi | PTUK *jai |
| orelha | PIA æhã; SLB ãxõ(-xõ) ³⁴² ; PIA æhũku, HDI ãku | PTUK *k [?] ãp [?] o > SIO gãhõ-, ORJ ãhõ-, SEK kahã- ‘ouvir’ |
| ouvir | SLB jã [?] sa | PTKO *at [?] fa- |
| ovo/testículo | PIA ijã, SLB hie-ɕa, HDI we-ja; SLB hia ‘testículo’ | PTUK *t [?] ia > KRG ɕia, SIO zia, SEK sia, ORJ hia |
| pai | MKH abe, PIA æv, SLB ae, HDI ae/ai ‘avô, pai’ | TAN abi, SRA a [?] tu |
| pântano | SLB sããba ‘baixio/alagado’ | WNN sa [?] ba, PIR/TUK sa [?] baro, TUY sabaro |
| pavão | SLB kuɕui | TAN kudjuwi-ka |
| pé | PIA u ^h æpu | PTUK *k [?] up [?] o > KUB kibo-, MKN/BRS gubo, TAT, kap rupu, WMH/BRS/TUY/YRT dupu |
| pedra | PIA ido-, HDI i ^h to/i ^h tr | PTUK *k [?] ũta > TUK/TAT/KRT/DSN/YUP ũta |

³³⁹ PIA -wa ‘CLS.mole’.

³⁴⁰ PTUK *p[?]isi ‘cipó’ (> PTUE *misĩ), usado como classificador; SLB -bo ‘CLS.filiforme’.

³⁴¹ PIA -ju ‘CLS.protuberante’.

³⁴² SLB -xõ ‘CLS.oval’.

TABELA 45. Paralelos lexicais entre os conjuntos saliba-hodi e tukano

| | SALIBA-HODI | TUKANO |
|-------------------------------------|--|--|
| peito/costela ³⁴³ | SLB kotia ‘costela’ | TUK/TUY/WMH/BRs kuti-ro, TAT/WMH/KRT kotia ‘peito’ |
| peixe | MKH bāi, PIA poi, SLB pahī | PTUK *waʔi > ORJ bai |
| pilão | HDI ^h toda | KRG totamu ‘pilar’, KUB totaibu ‘pilão’ |
| piolho | PIA k ^ʔ uū-ʔa, SLB hūō | KRG kūr:u, SEK kūr:ū, WNN kuʔa-, TUY/YRT kia- |
| plantar/semeste | SLB ade, HDI adæ ‘semeste’ | PTUK *otte |
| quente/fogo | PIA dua-, SLB duwa-, HDI ^h tuwæ- ‘quente’ | PTKO *toa ‘fogo’, KUB toa- ‘fogo’ |
| rã | SLB uxu | PTKO *hoho |
| rio | PIA ahija ‘água’ | PTUK *tʔia > KUB hia |
| savana/areia | MKH mehe, PIA mehe-, HDI me ‘savana’ | PTKO *bēha ‘areia’ |
| sentar | HDI dowā | DSN/SRA doa, KUB doba |
| tartaruga | SLB kuee | PTUK *k ^ʔ ou > DSN/YUP gui |
| tucano | SLB jaase ³⁴⁴ | PTUK *tʔase |
| vagina | SLB sii | KRG siipu |
| veado | PIA jēmã, SLB jama | PTUK *jama |
| ver | SLB hīã | TUK/SRA/DSN iã DSN/WMH/BRs/BRs/TAN iã |
| vermelho | MKH duw, PIA duwa, SLB tuæ, HDI duwæ | PTUK *sōʔa |

4.2.1.2.1.5. Saliba-hodi e yaruro

Os dados apresentados na TABELA 46 apontam que os empréstimos lexicais envolvendo as famílias saliba-hodi e o yaruro se deram exclusivamente pelo contato de falantes de hodi e yaruro.

TABELA 46. Paralelos lexicais entre os conjuntos saliba-hodi e yaruro

| | SALIBA-HODI | YARURO |
|--------|---|--------------------|
| aldeia | HDI balo | bæru-pã |
| beber | HDI woi | ui ‘água’ |
| cortar | HDI ^h k ^w ai | koa |
| deitar | HDI ^h jali | ãrē |
| fogo | HDI ^h kule, PIA okude | k ^h ōdæ |
| irmão | HDI hājē ‘irmão menor’ | ajī- |
| jacaré | HDI aulē | ari |
| nuvem | HDI k ^w a | gōārã |
| sangue | HDI i ^h kwæ, PIA uk ^w ʔha | goe |

³⁴³ Pode ser empréstimo do espanhol *kostiña* ‘costela’.

³⁴⁴ O termo SLB pode ter sido emprestado via YUK jaase ‘id.’.

TABELA 46. Paralelos lexicais entre os conjuntos saliba-hodi e yaruro

| | SALIBA-HODI | YARURO |
|-----------------|--|---------------|
| veneno | HDI peetowe | jētohai |
| vespa | HDI mu | mo |
| voltar/caminhar | HDI manau ‘caminhar’; HDI mana ‘caminho’ | mānā ‘voltar’ |

4.2.1.2.2. Tikuna-yuri

Foram detectados extratos léxicos compartilhados por populações tikuna-yuri e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- andoke-urekena → §4.2.1.2.2.1
- arutani → §4.2.1.2.2.3
- macro-arawak (arawak) → §4.2.1.2.2.2
- maku → §4.2.1.2.2.4
- tukano → §4.2.1.2.2.5

4.2.1.2.2.1. Tikuna-yuri e andoke-urekena

A existência de paralelos entre o andoke e as línguas tikuna-yuri havia sido considerada por Jolkesky (2009) como indicativo de parentesco destes conjuntos, embora este autor (Jolkesky 2015) tenha revisado sua hipótese, passando a considerar as referidas semelhanças, apresentadas na TABELA abaixo, como resultantes de contato.

TABELA 47. Paralelos lexicais entre os conjuntos tikuna-yuri e andoke-urekena

| | TIKUNA-YURI | ANDOKE-UREKENA |
|----------------|---------------------------|----------------|
| águia | TKN wɪʃa | ADO buʔʃa |
| ALAT | TKN -kà | ADO -ka |
| aquele | TKN ɕʒáà | ADO ɕʒē |
| árvore/madeira | TKN wuu, YRI ii ‘madeira’ | ADO kūʔũ |
| árvore/madeira | TKN podē ‘madeira’ | ADO padi |
| ASSERT | TKN -tá | ADO -ʌta |
| barriga | YRI tura-e | ADO tura |
| batata | YRI ne-ka | ADO ka |

TABELA 47. Paralelos lexicais entre os conjuntos tikuna-yuri e andoke-urekena

| | TIKUNA-YURI | ANDOKE-UREKENA |
|--------------------------|---------------------------------|-----------------------------|
| casa | TKN ipata | ADO ipəko |
| chifre | TKN tʃi | ADO tʃi |
| cobra | TKN tʃóì | ADO tʃóìda |
| COM | TKN -báà | ADO -bá |
| corpo | TKN údé | ADO odɤ |
| dente/nariz | YRI kane/kone ‘nariz’ | ADO kodī, URK -konī ‘dente’ |
| estrela | YRI uko:/o:ka | ADO φuko, URK βuaikui |
| F | TKN i- | ADO ī- |
| folha | TKN átu | ADO sedū, tʃedū |
| genro | TKN ãté | ADO wate |
| ir | TKN ú | ADO du |
| irmã | YRI -ute | ADO notii |
| língua | TKN kódú, YRI -ote/-otæ | ADO sodū, URK -tʃoru |
| LOC | TKN -wá | ADO -a |
| Lua | TKN tuu ‘Lua cheia’ | ADO podlã |
| M | TKN tʃa- | ADO tʃa- |
| machado | YRI posa | ADO pəhə |
| mãe | YRI ijoho | ADO iʃoh |
| mama | TKN tʃúú | ADO tʃēe |
| morcego | TKN dū | ADO dódæ |
| mulher | TKN géè | ADO ē |
| mutuca/mosca azul | TKN tu:dá ‘mutuca’ | ADO duʔdɤ ‘mosca azul’ |
| nádegas/ânus | TKN ruu ‘ânus’ | ADO nuude ‘nádegas’ |
| nariz/dente | TKN puuta ‘dente’ | ADO puuta ‘nariz’ |
| NSUJ | TKN -tū | ADO -ɣ |
| onça | YRI βeedi | ADO boediθi |
| ovo | YRI ate | ADO hadu |
| P | TKN à- | ADO ɣ- |
| preto | TKN wáú | ADO uɔ |
| rapaz | TKN tʃátù | ADO tʃutɤ |
| rio | TKN to | ADO otōa |
| sapo | TKN bakuru | ADO {oʔ}pakora |
| Sol | TKN úà ³⁴⁵ , YRI iju | ADO īl |
| tartaruga | TKN tʃēbi | ADO tʃoʔtʃaʔi |
| terra | YRI pæa | ADO pããdeh |
| terra/barro | TKN maira ‘barro’ | ADO bæʔi ‘terra’ |
| testa | TKN katé | ADO katai |
| tio | YRI wittae ‘tio’ | ADO pita ‘tio, sobrinho’ |

³⁴⁵ TIK úà-ku ‘Sol-NMZ’

TABELA 47. Paralelos lexicais entre os conjuntos tikuna-yuri e andoke-urekena

| | TIKUNA-YURI | ANDOKE-UREKENA |
|-----------------|-------------|--------------------|
| ver | TKN dáu | ADO do |
| vermelho | TKN dúúúú | ADO do?Λ ‘amarelo’ |
| vespa | TKN pote | ADO podtu |

4.2.1.2.2.2. Tikuna-yuri e arawak

A existência de paralelos entre o tikuna e línguas arawak foi considerada por Rivet (1912) como indicativo de que o tikuna seria de vinculação arawak. Tal hipótese já está descartada (cf.: Nimuendaju 1952:156). As semelhanças, apontadas na TABELA a seguir, são decorrentes de contatos que ocorreram fundamentalmente entre os tikuna e falantes de línguas arawak do subgrupo nawiki.

TABELA 48. Paralelos lexicais entre os conjuntos tikuna-yuri e arawak

| | TIKUNA-YURI | ARAWAK |
|----------------------|-----------------------------|--|
| aracuã | TKN nataragao | GRF hadaraga, KNK waratakaka, YMN wataragaon |
| arara | YRI kaaru | BWN karu, PRS/ENN kalo |
| boto | YRI amana | PNWK *hamana, BWN amana |
| camaleão | TKN tʃedēbū | YMN/PSE zenemo |
| carara | TKN kotua | PNWK *kajuwa, LKN kuddoa |
| cebus | TKN púú: | PNWK *puwaʔi > YKN pōʔí |
| cesta/peneira | TKN pé:tʃi ‘cesta’ | PNWK *dupitʃi, BWN juʃitʃi ‘peneira’ |
| Lua/noite | TKN tʃi:ta ‘noite’ | BVN aʃi:ta ‘Lua’ |
| mutum/urubu | TKN waìʃù ‘mutum’ | PNWK *waaju-li, MXN maju-le, INP maju-ri ‘urubu’ |
| olho | TKN étú, YRI ituw/iti | PNWK *idʰui |
| orelha | TKN idù, YRI tinæʔu | BNW/TAR he:ni, BWN tʃi:ni, BRE seno-ki |
| pai/avô | TKN náttú, YRI hato ‘pai’ | WRA atu MWY adu, BWN hadui, ENN atore ‘avô’ |
| pato | TKN kome | PNWK *ku:ma-nda |
| peito/lado | TKN rébú | MWY etiʃa |
| perna/pé | TKN kutú, YRI utuw/uti ‘pé’ | MRW kuti, WRK kutʃi ‘pé’; LKN koti-hi, GRF ugudi, BAR kadi ‘perna’ |
| perna/pé | TKN párá ‘perna’ | YKN ipata, AÑU pat, BVN tsipa:la ‘pé’ |
| unha | TKN patuw, YRI bætu/peti | BWN bati, WPX -ʃazʃi, MWY ʃaʃi |
| veado/onça | TKN ʃãwi ‘veado’ | PNWK *jaawi ‘onça’ > RSG ʃeéwi |
| veneno/curare | TKN gure ‘veneno’ | PNWK *mawakuri, WRN maukuri, GNU ma:kuli ‘curare’ |

4.2.1.2.2.3. Tikuna-yuri e arutani

Não há menção na literatura de paralelos lexicais entre o arutani e as línguas tikuna-yuri. Parte das semelhanças apontadas na TABELA a seguir podem ter sido decorrentes de contatos entre os ancestrais das referidas populações durante a pré-história. Se supõe, nesta perspectiva, que os proto-arutani provavelmente eram oriundos do rio Negro.

TABELA 49. Paralelos lexicais entre os conjuntos tikuna-yuri e arutani

| | TIKUNA-YURI | ARUTANI |
|------------------|---------------------------------|----------------------------------|
| boca | TKN à:, YRI ia | ART ʔa |
| caminho | TKN bà | ART aʔma |
| criança | TKN búù | ART uu |
| floresta/chácara | YRI irea | ART iria ‘chácara’, ihia ‘terra’ |
| mãe | TKN dā-é, YRI aai | ART aʔnai |
| mão/braço | TKN bè: ‘mão’ | ART umē ‘braço’ |
| não | YRI gʔaina | ART aaini |
| pé | YRI ɔti | ART ʃate |
| raposa | YRI owari | ART toari |
| sangue | YRI kania | ART kaɲa |
| sentar/deitar | TKN edāka ‘deitar’ | ART naka ‘sentar’ |
| testa/cabeça | TKN káti ‘testa’ | ART kʷate ‘cabeça’ |
| um | YRI komena pa ‘cinco = uma mão’ | ART komana |

4.2.1.2.2.4. Tikuna-yuri e maku

Igualmente, não há referências sobre a existência de paralelos lexicais entre o maku e as línguas tikuna-yuri. Parte das semelhanças apontadas na TABELA a seguir também podem ter sido decorrentes de contatos entre os ancestrais das referidas populações durante a pré-história. Se supõe, nesta perspectiva, que os proto-maku provavelmente eram oriundos da Amazônia Central.

TABELA 50. Paralelos lexicais entre os conjuntos tikuna-yuri e maku

| | TIKUNA-YURI | MAKU |
|-------------|-------------|------------|
| areia | TKN dáúúku | MKU lənuku |
| capivara | YRI ʃəo | MKU zo, ʃu |
| carne | TKN bāʃi | MKU muʃi |
| casca, pele | TKN ʃáábí | MKU ʃi:mu |

TABELA 50. Paralelos lexicais entre os conjuntos tikuna-yuri e maku

| | TIKUNA-YURI | MAKU |
|-------------------------|-------------------|-------------------------------------|
| cunhado | TKN wádê | MKU wane |
| fumar/fumaça | TKN ɕjipe ‘fumar’ | MKU tʃipe ‘fumaça’ |
| jacu | TKN bare | MKU malede |
| onça | YRI tsou | MKU zoʔwi |
| pássaro | TKN dūbā | MKU i:ɖuba |
| ser humano/homem | YRI soku ‘homem’ | MKU dzoʔkude, tsuʔkude ‘ser humano’ |
| tabaco | TKN pori | MKU bude |
| testa/cabeça | TKN káti ‘testa’ | MKU gate ‘cabeça’ |

4.2.1.2.2.5. Tikuna-yuri e tukano

Apesar de Greenberg (1987) ter classificado o tikuna-yuri dentro do seu ‘macro-tukano’, os paralelos existentes (TABELA 51) são poucos e evidentemente resultantes do contato destas populações, visto que (i) boa parte representa termos culturais, (ii) não há correspondências fonológicas sistemáticas, (iii) a semelhança de parte destes paralelos é visivelmente com uma língua da família tukano (e não com o proto-tukano) e (iv) não há qualquer semelhança nos sistemas gramaticais destas línguas. É interessante notar que apesar das populações falantes destas línguas atualmente estarem localizadas em regiões praticamente contíguas, o número reduzido de paralelos parece indicar que estes conjuntos populacionais não apresentam um histórico intenso de contato e seus ancestrais, provavelmente, eram oriundos de áreas distintas.

TABELA 51. Paralelos lexicais entre os conjuntos tikuna-yuri e tukano

| | TIKUNA-YURI | TUKANO |
|-----------------------|----------------------------------|---------------------------------------|
| abacaxi | TKN tʃidú | PIR senagā, TUY sēna, YUP tsine |
| ancião | TKN jàku; YRI jahuu ‘avô, avô’ | PTUK *jēkku- ‘avô, avô’ |
| avô | TKN oí; YRI jaj ‘avô’ | PTKO*ai(-wa) ‘ancião’ |
| corpo | YRI su:pu | TUY opu |
| estera | TKN tupe | YUP/TAN/KUR tupe |
| floresta | TKN nai-makatuune ³⁴⁶ | PTUK *maka > PIR/WMH/BRS/TUY bākādūkū |
| floresta | TKN dāi-dēku | TUK/WNN dūkū, DSN dūgū |
| intestino | TKN gúrtá ‘tripas’ | MKN/BRS guda-bīsī, TUY/YRT kurta-bīsī |
| jenipapo/preto | TKN wē?ē ‘preto’ ³⁴⁷ | PTUK *we?e |

³⁴⁶ Tastevin 1996:474

³⁴⁷ Anderson 396

TABELA 51. Paralelos lexicais entre os conjuntos tikuna-yuri e tukano

| | TIKUNA-YURI | TUKANO |
|------------------|--|--|
| mão | TKN patuu ‘dedo’ | PTUK **pwtuu |
| onça | TKN áí | PTUK **jai |
| papagaio | TKN weú; YRI eg ^o <egho> | PTUK *wekko |
| rio | TKN déà ‘água’; YRI t ^o ia-te <thiätté> ‘leite’ | PTUK **t ^o ia > WNN/TUK/DSN dia |
| tartaruga | TKN gōbú; YRI bɣβuʔi <bō vuí> | PTUK **k ^o ui > KUB kũu, TAN oʔi, DSN gui |

4.2.1.3. Harakmbet-katukina

Foram detectados extratos léxicos compartilhados por populações harakmbet-katukina e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- jivaro → §4.2.1.3.2.1
- maku → §4.2.1.3.2.2
- macro-arawak (arawak) → §4.2.1.4.1.4
- mura-matanawi → §4.2.1.3.2.3
- pano → §4.2.1.3.1.1
- puinave-nadahup → §4.2.1.3.1.2
- §4.2.1.3.2.4
- taruma → §4.2.1.3.2.5
- tupi → §4.2.1.3.1.3
- §4.2.1.3.2.6
- yanomami → §4.2.1.3.2.7

4.2.1.3.1. Harakmbet

Foram detectados extratos léxicos compartilhados especificamente por populações harakmbet e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- macro-arawak (arawak) → §4.2.1.4.1.4.1
- maku → §4.2.1.3.2.2

- pano → §4.2.1.3.1.1
- puinave-nadahup → §4.2.1.3.1.2
- tupi → §4.2.1.3.1.3

4.2.1.3.1.1. Harakmbet e pano

Alguns paralelos lexicais entre o harakmbet e línguas pano foram observados por Jolkesky (2011), que concluiu serem resultantes de contato entre as populações dos referidos conjuntos linguísticos.

TABELA 52. Paralelos lexicais entre os conjuntos harakmbet e pano

| | HARAKMBET | PANO |
|------------------|-----------------------------------|---|
| abacaxi | HKB kã | PPAN *kã(n) |
| barriga | HKB dapu ‘barriga’ | PPAN *napo ‘interior, centro’ |
| chácara, vivenda | HKB ta?ba; HKB ta?basi?po ‘horta’ | PPAN *ta?pas |
| chuva | HKB wi? | PPAN *oi |
| falar/dizer | HKB -bana? ‘dizer’ | KXB/KTP βana ‘falar’ |
| noite | HKB ebē? | PPAN *jami(t) > KXB imu, KRB imut, MTS imud |
| nome | HKB wanik | YAM adu-ki, KXB/KRB/MTS/anu |
| orelha | HKB pesud | KTP pãso, YAM patjo |
| orelha | HKB peuk ‘ouvido’ | CKB/PKW paoki ³⁴⁸ |
| sal | HKB ta?sih | PPAN *ta?ji |
| sangue | HKB bībī | PPAN *imi |
| tartaruga | HKB saweh | PPAN *šawi |
| verão | HKB bai? ‘verão’ | PPAN *βari ‘Sol, ano, verão’ |

4.2.1.3.1.2. Harakmbet e puinave-nadahup

Na literatura nenhum estudo menciona a possibilidade de que ancestrais de populações puinave-nadahup e harakmbet-katukina tenham estado em contato. Os paralelos lexicais do harakmbet com o proto-nadahup e com os descendentes do proto-puinave-kak, apresentados respectivamente nas TABELAS 53 e 54, dão forte respaldo à possibilidade de que seus falantes

³⁴⁸ ppān *pao[t] ‘brinco’.

teriam participado de uma mesma esfera de interação, centrada provavelmente na Amazônia Central.

TABELA 53. Paralelos lexicais entre os conjuntos harakmbet e nadahup

| | HARAKMBET | NADAHUP |
|-------------|-----------------------------------|--|
| árvore | HKB -běj | PNDH *p [?] aih |
| canoa | HKB kbog | PNDH *p [?] ok [?] ‘casca’ |
| cobra | HKB bāwēd? | PNDH *p [?] a:w |
| fogo | WCP tak, HKB ta?ak ‘fogo’ | PNDH *tr:g ‘árvore, lenha, fogo’ |
| língua/boca | HKB -no? ‘língua’ | PNDH *dō:h ‘boca’ |
| ouvir | HKB pē:? | PNDH *pā:h |
| papagaio | HKB kāro | PNDH *k [?] a?ro: |
| pilar | HKB tuw? ‘pilão’; WCP tuw ‘pilar’ | PNDH *tok [?] |
| pulmão | HKB *puhpuh | PNDH *pupuh |
| roça | HKB bādi? | HUP/YHP b [?] ʒt |
| roupa | HKB -ot, juudtah | PNDH *ju:d |

TABELA 54. Paralelos lexicais entre os conjuntos harakmbet e puinave-kak

| | HARAKMBET | PUINAVE-KAK |
|---------------------|------------------------|-----------------------------------|
| 2 | HKB ja?- ‘2.s’ | PUI ja-, PKAK *jē- ‘2. P’ |
| 3.s | HKB kēd | PUI ka, PKAK *kād |
| argila | HKB bābāsot | PUI wābā |
| beber | HKB -bāi? ‘beber’ | PUI pai ‘chicha’ |
| boca | HKB kit:a? | NUK -it |
| bochecha | HKB pe | NUK peu |
| casa ³⁴⁹ | HKB hak | KAK hak ‘boca’; NUK hēk ‘porta’ |
| cobra | WCP paj | PKAK *bāj |
| dormir | HKB taj? | PUI saj ‘sonho, noite’ |
| folha | HKB eba? ‘folha, erva’ | PUI eb ‘erva’ |
| fruta | HKB da | PKAK *da? |
| INES | HKB -te | PUI -te |
| irmã | HKB bī | KAK abī? |
| língua | HKB -dō? | PUI dok, PKAK *dū:k |
| lontra | HKB ?āwīt | PKAK *wēd |
| mãe | HKB dā | PKAK *dā? |
| mama/esposa | HKB u? ‘mama’ | PKAK *hū? ‘mama’; PUI ?u ‘esposa’ |
| minhoca | HKB sopi? | PUI sōb/sōbpi |
| minhoca | HKB bōdu | KAK būd? |
| montanha/pedra | HKB wid ‘pedra, rocha’ | PUI wed |

³⁴⁹ PNDH dō:h ‘boca, porta’.

TABELA 54. Paralelos lexicais entre os conjuntos harakmbet e puinave-kak

| | HARAKMBET | PUINAWE-KAK |
|----------------|-----------|-------------|
| morrer | HKB buej? | PUI uij |
| pequeno | HKB suwig | PUI süb |
| sangue | HKB bībī | PKAK *bēp |
| sogra | HKB su? | NUK tʃud? |
| tia | HKB -si | KAK tʃe? |

4.2.1.3.1.3. Harakmbet e tupi

A hipótese de que ancestrais de populações harakmbet-katukina e tupi tenham estado em contato não foi encontrada na literatura. Porém, existe entre o harakmbet e o proto-tupi ou seus descendentes paralelos lexicais importantes, que envolvem também o léxico básico, os quais dão forte respaldo à possibilidade de que os proto-harakmbet e ancestrais de falantes de línguas tupi teriam se miscigenado. A partir dos indícios apresentados até o momento, se supõe que os proto-harakmbet seriam oriundos da Amazônia Central e teriam participado de uma esfera de interação com populações do rio Madeira.

TABELA 55. Paralelos lexicais entre os conjuntos harakmbet e tupi

| | HARAKMBET | TUPI |
|--------------------------|-----------------------|--|
| 1.p | HKB oro? | PTPI *orjo |
| 2.s | HKB òn | PTPI *en |
| aldeia/teto | HKB ta?ba ‘aldeia’ | PTPI *tʃap ‘teto’ > PTPG *taβ ‘aldeia’ |
| casa | HKB hak | PTPI *ek ^w > PRB/XPY/XET/ASR ak |
| esposa/mulher | HKB ettōne? ‘mulher’ | PTPI *atʃi ‘esposa’ |
| floresta/montanha | HKB -kupa? ‘montanha’ | PTUP *kib ‘floresta’ |
| folha | HKB e?ba? | PTPI *ep ^w > PTUP *-ep |
| ir | HKB wa? | PTPI *wat |
| mãe/sogra | HKB -su? ‘sogra’ | PTPI *tʃi ‘mãe’ |
| mosquito | HKB sik | PTPG *tik |
| mutum | HKB bid | PTPI *mitū |
| pai | HKB apa | PTPI *up |
| papagaio | HKB kāro | PTPI *karu |
| pato | HKB ohpahi | PTPI *ipekʃ |
| pedra | HKB wid | PTPI *wita |
| vaso/cabaça | HKB ba?eg ‘cabaça’ | PTPI *wa?ē ‘vaso’ > MUN wa?e ‘cabaça’ |
| vermelho | HKB bedda | PTPG *pitan |

4.2.1.3.2. Katukina-katawixi

Foram detectados extratos léxicos compartilhados especificamente por populações katukina-katawixi e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- jivaro → §4.2.1.3.2.1
- maku → §4.2.1.3.2.2
- macro-arawak (arawak) → §4.2.1.4.1.4.2
- mura-matanawi → §4.2.1.3.2.3
- puinave-nadahup → §4.2.1.3.2.4
- taruma → §4.2.1.3.2.5
- tupi → §4.2.1.3.2.6
- yanomami → §4.2.1.3.2.7

4.2.1.3.2.1. Katukina-katawixi e jivaro

Embora não haja qualquer menção na literatura de que ancestrais dos katukina-katawixi e dos jivaro tenham estado em contato, foram detectados alguns paralelos entre as línguas faladas por tais populações, envolvendo do léxico básico, os quais dão respaldo à possibilidade de que os proto-katukina-katawixi e proto-proto-jivaro seriam oriundos da Amazônia Central e teriam participado de uma esfera de interação no rio Solimões.

TABELA 56. Paralelos lexicais entre os conjuntos katukina-katawixi e jivaro

| | KATUKINA-KATAWIXI | JIVARO |
|-----------------------|------------------------|------------------------|
| beija-flor | KTK aNpi | PJVR *hempe |
| carrapato | KTK pi:tʃiN, KTW amiti | AGR piiti |
| casa | KTK hak | PJVR *hega, PJVR *aaka |
| cobra | KTW pahe, KTK hihpaN | PJVR *paNki |
| mandioca/beiju | KTK mama ‘beiju’ | PJVR *mama ‘mandioca’ |
| nariz | PKKT *uhi | PJVR *nuhi |
| orelha | KTK kubisa | PJVR *kuwifj |
| peixe | KTK bamak | PJVR *namak(a) |
| Sol | KTK tʃaN, KTW jan | PJVR *etsan |

4.2.1.3.2.2. Katukina-katawixi e maku

Não há até o momento referências sobre a existência de contato entre os ancestrais dos katukina-katawixi e dos maku. As semelhanças lexicais apontadas na TABELA a seguir são indícios importantes de que teriam havido contatos entre os ancestrais dos falantes das referidas línguas, reforçando a hipótese de que os proto-maku provavelmente eram oriundos da Amazônia Central.

TABELA 57. Paralelos lexicais entre os conjuntos katukina-katawixi e maku

| | KATUKINA-KATAWIXI | MAKU |
|----------|------------------------------|---------------------------------|
| aranha | KTW ma?sa; KTK bu:tʃaŋ | MKU meʃʃaha |
| árvore | KTK u:maŋ | MKU o:ba |
| avó | KTK bebe | MKU ba:ba |
| boca | PKKT *biʃi > KTW bisi | MKU wi:tʃi, witsi |
| bom | KTW hade | MKU e:di |
| cabeça | KTK ki: | MKU ke:(-te) |
| carvão | KTW nan-gʔuti (nan = 'fogo') | MKU nuhê-nakutʃi ³⁵⁰ |
| lavar | KTK kuʃi | MKU kotsi |
| língua | KTW no | MKU du:(-te) |
| Lua | KTW jan | MKU ja |
| macaco | KTK upe | MKU lube |
| mãe | KTK na-ju | MKU nō |
| plural | KTK -nuk | MKU -nuʔu |
| semente | KTK -koŋ | MKU ku:(-te) |
| tamandua | KTK pa:ʒa | MKU wa:zaka |
| veado | PKKT *batʃa | MKU batʃa |

4.2.1.3.2.3. Katukina-katawixi e mura-matanawi

Não há até o momento referências sobre a existência de contato entre os ancestrais dos katukina-katawixi e dos mura-matanawi. As poucas semelhanças lexicais entre as línguas dos conjuntos katukina-katawixi e mura-matanawi podem ser indícios de que os ancestrais de seus falantes teriam entrado em contato.

³⁵⁰ mku nuhê 'fogo'.

TABELA 58. Paralelos lexicais entre os conjuntos katukina-katawixi e mura-matanawi

| | KATUKINA-KATAWIXI | MURA-MATANAWI |
|---------------|-----------------------|----------------------------------|
| cabelo | KTK dai | PRH tai |
| casa | KTW ka? | PRH kaí |
| cobra | KTK pago | PRH paóhóáhai |
| lábio | PKKT *biŋi > KTW bisi | MRA apese |
| porco-do-mato | KTW abare | PRH bai |
| terra/argila | KTW pere 'argila' | PRH bigi, MRA beze:/biri 'terra' |

4.2.1.3.2.4. Katukina-katawixi e puinave-nadahup

Como observado em §4.2.1.3.1.2, nenhum estudo menciona a possibilidade de que ancestrais de populações harakmbet-katukina e puinave-nadahup tenham estado em contato. Os paralelos lexicais das línguas katukina-katawixi com as línguas nahap e puinave-kak (TABELAS 59 e 60) são evidências importantes que reforçam a possibilidade de que os proto-katukina-katawixi e proto-puinave-nadahup, assim como seus descendentes, teriam participado de uma mesma esfera de interação, centrada provavelmente na Amazônia Central.

TABELA 59. Paralelos lexicais entre os conjuntos katukina-katawixi e nahap

| | KATUKINA-KATAWIXI | NADAHUP |
|-------------------|--------------------|--|
| água | KTK ta:hi | PNDH *de:k > YHP dēh, HUP dēh |
| caminho | KTK daN | PNDH *dābā |
| canoa/casca | KTK pok 'canoa' | PNDH *p'ok' 'casca' |
| cobra | KTK pago | PNDH *p'a:w |
| intestino/barriga | KTK miN 'barriga' | YHP pīd, DAW je?pīn 'intestino' |
| língua | KTK noku | PNDH *dōk'e:d |
| macaco-de-cheiro | KTK ipiɕi | DAW biɕ, HUP b'wɕ |
| macaco prego | KTK wa:ɕu | DAW wǎɕ, YHP wâɕ |
| mulher | KTK aŋa | PNDH *ʔā:j, *ʔū:rj |
| velha/avó | KTK wa [wah] 'avó' | NDB wah, HUP wā 'velha'; DAW/YHP wah 'velho' |

TABELA 60. Paralelos lexicais entre os conjuntos katukina-katawixi e puinave-kak

| | KATUKINA-KATAWIXI | PUINAVE-KAK |
|--------|-------------------|--------------------------------|
| 2.P | KTW ia '2.P' | PUI ja- '2.P', PKAK *jē- '2.P' |
| 3.S | KTK ha- | PUI ha- |
| abelha | KTK mu:ŋa | PUI būd |
| árvore | KTK u:maN | KAK bādā? |

TABELA 60. Paralelos lexicais entre os conjuntos katukina-katawixi e puinave-kak

| | KATUKINA-KATAWIXI | PUINAVE-KAK |
|---------------------|------------------------------|---------------------------------|
| avô | KTW aidoma | PUI doma |
| bicho-de-pé | KTK itatu | PUI dad, KAK da?du? |
| casa ³⁵¹ | KTK hak | KAK hak 'boca'; NUK hëk 'porta' |
| cortar | KTK tuk{-man} ³⁵² | PUI tok |
| esquilo | KTK bada | PKAK *bara? |
| estômago | PKTK *da | PKAK *-da? ³⁵³ |
| estrela | KTW kweji 'Lua' | PKAK *kuj |
| família, parentes | KTK çapa | NUK tje:p |
| língua | KTK noku | PUI dok, PKAK *dũ:k |
| mãe | KTK na{-ju} ³⁵⁴ | PKAK *dã? |
| periquito | KTK kiri, KTW kere | PUI kiri |
| sangue | PKTK *mimi | PKAK *bëp |
| tabaco | KTK u:ba | PUI hɣp, PKAK *hu:p |

4.2.1.3.2.5. Katukina-katawixi e taruma

Os paralelos observados pela primeira vez neste estudo entre a família katukina-kanamari e o taruma reforçam a hipótese da existência de uma esfera de interação multiétnica na Amazônia Central. A quantidade relativamente pequena de paralelos pode indicar que uma das populações não teriam sido originalmente da referida região. Como se verá adiante (§4.2.2.23.4), a possibilidade mais plausível é a de que os proto-taruma eram oriundos da bacia do Caquetá, onde teriam mantido contato com populações de origem tukano.

TABELA 61. Paralelos lexicais entre os conjuntos katukina-katawixi e taruma

| | KATUKINA-KATAWIXI | TARUMA |
|-----------|-------------------|--------------|
| 3.s | KTK akia | TRM ikia |
| carrapato | KTK pi:tʃiN | TRM piçʃiçʃi |
| cobra | KTK pago | TRM báhũ |
| madeira | KTK -ʔu | TRM u |
| montanha | KTK kirim | TRM kiire |
| pesado | KTK tumaN | TRM dúpa |

³⁵¹ pndh dô:h 'boca, porta'.

³⁵² ktk man 'fazer'.

³⁵³ nkk pa:nat-da?, kak wuu-da? 'estômago' (cf.: nkk pa:nat-tã:ʔ 'intestino', nkk pa:nat-it 'boca')

³⁵⁴ ktk na-ju 'mãe', ktk pa-ju 'pai'

TABELA 61. Paralelos lexicais entre os conjuntos katukina-katawixi e taruma

| | KATUKINA-KATAWIXI | TARUMA |
|---------------|-------------------|--------------------|
| porco-do-mato | KTW abare | TRM baʔé 'caititu' |
| rede | KTW itaʔi | TRM saʔe/saiʔi |
| tabaco | KTK u:ba | TRM suma/tuma |

4.2.1.3.2.6. Katukina-katawixi e tupi

Como mencionado na seção §4.2.1.3.1.3, não há na literatura uma hipótese de que ancestrais de populações harakmbet-katukina e tupi tenham estado em contato. Porém, do mesmo modo como entre línguas dos conjuntos harakmbet e tupi, existem paralelos lexicais importantes envolvendo línguas katukina-karakmbet e o proto-tupi ou seus descendentes (TABELA 62), o que reforça a possibilidade de que os proto-katukina-katawixi, os proto-harakmbet e ancestrais de falantes de línguas tupi teriam se miscigenado e participado de uma mesma esfera de interação. Assim, a partir dos indícios apresentados até o momento, se supõe que os proto-harakmbet-katukina seriam oriundos da Amazônia Central.

TABELA 62. Paralelos lexicais entre os conjuntos katukina-katawixi e tupi

| | KATUKINA-KATAWIXI | TUPI |
|---------------|-----------------------|--|
| 1.p | KTK adiik | PTPI *or'e > JUR udi, XPY ude, TUP ote |
| 2.s | KTK ino | PTPI *en |
| anzol | KTK pi:na(h) | PTPG *pina |
| cará/mandioca | PKKT *tawa 'mandioca' | PTPI *awa 'cará' |
| casa | KTK hak | PTPI *ek ^w > PTUP *eka, MUN əkʔa, PRB eka |
| escorpião | KTW masa 'aranha' | PMON *pasā |
| flor | KTK putera | PTPI *potʔit > PTPI *potir-a |
| mandioca | KTK aka | PTPI *ʔek ^w > JUR/XPY aka |
| milho | KTK wati | PTPG *aβati |
| papagaio | KTK awaru | PTPI *awuru |
| papagaio | KTK anatse | PTPI *arat |
| pedra | KTK i:taki | PTPI *wita > PTPG *ita |
| redondo/ovo | PKKT *apu 'ovo' | PTPG *apuʔa 'redondo' |

4.2.1.3.2.7. Katukina-katawixi e yanomami

A observação inédita da existência de paralelos lexicais entre línguas das famílias katukina-karakmbet e yanomami (TABELA 63) são evidências de que os descendentes dos proto-katukina-katawixi e dos proto-harakmbet teriam participado de uma mesma esfera de interação na Amazônia Central.

TABELA 63. Paralelos lexicais entre os conjuntos katukina-katawixi e yanomami

| | KATUKINA-KATAWIXI | YANOMAMI |
|------------------------------|---|--|
| 1.s | KTW aṗa | YMI/YMO ja |
| ânus | KTW puti | YMO posi |
| arara | KTW arasi | NNM arasi |
| árvore | KTW hihi | YMO hi:hi, SNM hi:ti |
| cutia | KTK tʃuma | PYMI *t ^h omi |
| frio | KTW saha | NNM sāi, YMI sāhi, YMO siāhi |
| mãe | KTK na{-ju} ³⁵⁵ | NNM naa, YMI/YMO/SNM na |
| mandioca/milho | KTW inasi, KTK na:tʃi ‘milho’ | PYMI *naʃi ‘pão/mandioca’ |
| moça | KTK wamuk | PYMI *moko |
| parente masculino mais velho | KTW hai ‘tio’, KTW hai-ra ‘irmão’, KTW hai-doma ‘avô’ | YMI ãi- ‘irmão maior’, YMO ãi-wo ‘avô/irmão maior’ |
| pimenta | KTK paki | YMI/YMO praki, SNM paki |
| porco/gambá | KTW abare ‘porco’ | SNM ware, NNM/YMO waru ‘porco’; YMO aware ‘gambá’ |
| rapaz | KTK piʃa | YMI ʃija |
| semente/redondo | KTK koN ‘semente’ | YMO ko ‘CLS.redondo/duro’ |

4.2.1.4. Macro-arawak

Foram detectados extratos léxicos compartilhados por populações macro-arawak e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- arawa → §4.2.1.4.1.1
- bora-muinane → §4.2.1.4.1.2
- cholon-hibito → §4.2.1.4.2.1
→ §4.2.1.4.3.1
- duho (saliba-hodi) → §4.2.1.2.1.2

³⁵⁵ ktk -ju é um sufixo associado a termos de parentesco (pa-ju ‘pai’, na-ju ‘mãe’, mi-ju ‘irmã’).

- duho (tikuna-yuri) → §4.2.1.2.2.2
- guahibo → §4.2.1.4.1.3
- harakmbet-katukina (harakmbet) → §4.2.1.4.1.4.1
- harakmbet-katukina (katukina-katawixi) → §4.2.1.4.1.4.2
- irancho → §4.2.1.4.1.5
- jaqi → §4.2.1.4.1.6
→ §4.2.1.4.4.1
- jivaro → §4.2.1.4.2.2
- karib → §4.2.1.4.1.7
- kawapana → §4.2.1.4.1.8
→ §4.2.1.4.2.3
→ §4.2.1.4.4.2
- kayuvava → §4.2.1.4.1.9
- kechua → §4.2.1.4.1.10
→ §4.2.1.4.2.4
→ §4.2.1.4.3.2
→ §4.2.1.4.4.3
- kunza → §4.2.1.4.2.5
- kwaza → §4.2.1.4.1.11
- leko → §4.2.1.4.1.12
- macro-jê (besiro) → §4.2.1.4.1.13
- macro-mataguayo-guaykuru → §4.2.1.4.1.14
- mapudungun → §4.2.1.4.1.15
- mochika → §4.2.1.4.1.16
→ §4.2.1.4.2.6
→ §4.2.1.4.3.3
- mura-matanawi → §4.2.1.4.1.17
- nambikwara → §4.2.1.4.1.18
- omurano → §4.2.1.4.1.19
- pano-takana (pano) → §4.2.1.4.2.7
→ §4.2.1.4.4.4
→ §4.2.1.4.1.20.1
- pano-takana (takana) → §4.2.1.4.1.20.2

- puinave-nadahup → §4.2.1.4.1.21
- taruma → §4.2.1.4.1.22
- tupi → §4.2.1.4.1.23
- urarina → §4.2.1.4.1.24
- uru-chipaya → §4.2.1.4.4.5
- witoto-okaina → §4.2.1.4.1.25
- yaruro → §4.2.1.4.1.26
- zaparo → §4.2.1.4.1.27

4.2.1.4.1. Arawak

Foram detectados extratos léxicos compartilhados especificamente por populações arawak e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- arawa → §4.2.1.4.1.1
- bora-muinane → §4.2.1.4.1.2
- duho (saliba-hodi) → §4.2.1.2.1.2
- duho (tikuna-yuri) → §4.2.1.2.2.2
- guahibo → §4.2.1.4.1.3
- harakmbet-katukina (harakmbet) → §4.2.1.4.1.4.1
- harakmbet-katukina (katukina-katawixi) → §4.2.1.4.1.4.2
- irancho → §4.2.1.4.1.5
- jaqi → §4.2.1.4.1.6
- karib → §4.2.1.4.1.7
- kawapana → §4.2.1.4.1.8
- kayuvava → §4.2.1.4.1.9
- kechua → §4.2.1.4.1.10
- kwaza → §4.2.1.4.1.11

- leko → §4.2.1.4.1.12
- macro-jê (besiro) → §4.2.1.4.1.13
- macro-mataguayo-guaykuru → §4.2.1.4.1.14
- mapudungun → §4.2.1.4.1.15
- mochika → §4.2.1.4.1.16
- mura-matanawi → §4.2.1.4.1.17
- nambikwara → §4.2.1.4.1.18
- omurano → §4.2.1.4.1.19
- pano-takana (pano) → §4.2.1.4.1.20.1
- pano-takana (takana) → §4.2.1.4.1.20.2
- puinave-nadahup → §4.2.1.4.1.21
- taruma → §4.2.1.4.1.22
- tupi → §4.2.1.4.1.23
- urarina → §4.2.1.4.1.24
- witoto-okaina → §4.2.1.4.1.25
- yaruro → §4.2.1.4.1.26
- zaparo → §4.2.1.4.1.27

4.2.1.4.1.1. Arawak e arawa

Em suas considerações sobre a família arawak, Brinton (1891:293-294) constatou que as línguas da família arawa apresentavam alguns termos do léxico básico similares aos encontrados em línguas arawak. Este mesmo autor descartou a possibilidade de que tais línguas formassem uma unidade genética coerente, concluindo que tais semelhanças seriam empréstimos arawak em línguas arawa. Apesar disto, Ehrenreich (1897), Greenberg (1960; 1987) e Matteson (1972) erroneamente buscaram defender que os paralelos lexicais existentes entre as famílias arawa e arawak seriam decorrentes de uma relação filogenética, fato definitivamente contestado por Payne (1991a:369) e Facundes (2002:81), que observam não haver qualquer possibilidade de que tais famílias estejam geneticamente relacionadas. Jolkesky

(2011) ampliou consideravelmente a lista de empréstimos arawak em arawa (TABELA 64) e também observou que houve, embora de forma restrita, empréstimos arawa em línguas arawak dos ramos purus e em kaixana. Facundes & Brandão (2011) tecem comentários especificamente a respeito de doze empréstimos arawak em línguas arawa.

TABELA 64. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e arawa

| | ARAWAK | ARAWA |
|-------------------------|---|--|
| abelha | PNWK *maapa, YVT maha | DNI mahapa ‘mutuca’ |
| abelha | PNWK *emuru | DNI JRW mutu ‘mamangaba’ |
| abelha | PNWK *muunu- > YKN munumunu | PARA *munamuna > SRW munumunu |
| águia | KXN kokowi, YVT kukuwi, MRW kukui ‘gavião’, WPX k ^h uk ^h ui, PRS kokoitse, GNU kú:i | PARA *kukuwi |
| algodão | YNE wap ^h i | PARA *wape |
| areia | WPX kaati, KXN kahi; PIP kaali, YVT kahatsi, GNU kaade ‘terra’ | PMR kaasi ‘praia’ |
| árvore | MRW/MDW/BRE/WRN/LKN ada, YVT/WRA ata ‘árvore, madeira’ | PARA *ade, *ede ‘árvore, tronco’ |
| bambu | AXN kapiru, ahk kapiru | PARA *api |
| banana | APR t̥jipari, YNE hipali | PARA *t̥jipari |
| batata-doce | PPUR *kipari > APR kipari, YNE hipali, INP hipari | PMR sipari |
| boto | APR pesuri | PMR baɸuri |
| caititu | APR meriti, YNE mrit̥ji, INP merit̥ji | PMR mirisi |
| costas | WPX -ɓarai, RSG -váŋí; PNWK *-paʔrai, AŋU apare(n) ‘costela’ | JRW bari |
| defecar | PNWK *-itsu | PARA *iɕu |
| descansar | BNW aawhéeta ‘descansar’; YVT hahita ‘deitar’ | PARA *wit ^h a ‘sentar’ |
| dois | PNWK *jama, LKN biama, GRF biama | PARA *pama |
| falar | PNWK *-ima, YVT/AŋU ma ‘dizer’ | PARA *ima |
| filha | PNWK *-iitu, MRW -itu, KXN ito, WNM -ito | PARA *tu |
| folha | PNWK *-p ^h ai > WRK/BNW/TAR p ^h e; PLK apani, RSG apánú, WNM aapana | PARA *ap ^h a, *ap ^h e |
| ir | PNWK *kawa, MRT g ^h aba, BVN awa ‘perna’; YNX awan- ‘ir’ | PARA *gawa > SRW gawa, PMR awa |
| jacaré | PARW *kasiu- > PNWK *kaɕhui-, CMK kaʃjuna, YNE kʃijo-, KXN koujio | DNI kuzu |
| joelho | KXN isola | JRW iso, SRW isowata; DNI its ^h u ‘perna’ |
| língua | CMK menu, BRE epen | PARA *abenu |
| macaco-barrigudo | PNWK *kaapa-ru, MRW kaparu | PARA *gap ^h a |
| macaco-de-cheiro | APR ipite, INP hipit̥ji | PARA *pit̥ji |
| mãe | RSG aáme, WNM ami, MRT ami, MRW amiru | PARA *ami |
| mandioca | YNE ximeka | PARA *ximeka |
| marimbondo | PNWK *piit ^h airu | PARA *bit ^h a ‘carapanã’ |
| matrinxã | PNWK *mamu-li, CMK maʔmoli, APR mamuri, YNE mamalu, KXN mamori, AXN mamuri | PARA *mamuri |
| minhoca | YNE tsumi, APR tsumi, AXN tsumiritsa | PARA *t̥ ^h umi |
| mosca | APR ʃikiri, MCG ʃikiri, NMA sikiri, AXN ʃikiri | JRW masakiri |

TABELA 64. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e arawa

| | ARAWAK | ARAWA |
|-------------------------------|---|-----------------------------------|
| mulher | BRE eton, MNO itunalo, WPX ruuna | PARA *at ^h una |
| olho | APR n-uki, IÑP n-uxi, AXN n-uki, MRW nakuzi, WRK noki ‘meu olho’ | PARA *nuk ^h u |
| onça | KXN ɕamari, YMN jama, PSE jame | PARA *ɕumahi > JMM ɕume |
| paxiúba | PNWK *puupa | PARA *buba |
| pedra | PNWK *hiipa, YMN zepa, LKN siba ‘pedra’; YMN siha ‘montanha’ | DNI siba ‘pedra, montanha’ |
| perna/pé | MRW -itaba WPX -t ^h abaʔi, PNWK *-tawana ‘perna’; AÑU itaba ‘pé’ | PARA *dama ‘pé’ |
| pimenta | PNWK *hatsi, LKN hat ^h i, WYU haʃi, BAR hati, GRF/MRW ati ‘pimenta’; AXN/NMA katsi-ri ‘picante’ | PARA *katʃ ^h iʔi |
| piranha | PNWK *umai, MRW uma, YMN oma, APR uma, YNE/IÑP huma | PARA *uma |
| pium | PNWK *maapii-li > AXG maahiri, MDW mahiiri, KXN mapitsi PSE mapitʃ ^h i | PMR mapiha ‘mosquito’; SRW mahiri |
| podre | AXG bada, PIP badáa, NMA ubatsaga, AXN opatsaake | PARA *bat ^h a |
| quati | PNWK *kapitsi, APR kapiʃi, YMN kapihe, KXN kapi | PMR kabi |
| rio/água | APR/YNE weni, YVT MPR weni, AXN ene, WPX wini, WYU wiin ‘água’ | PARA *waini > PMR waini, KLN weni |
| Sol | KXN maari/mahri | PARA *mahi |
| tamanduá- bandeira | IÑP hiwá, YNE siwa, APR ejiwa | PMR hiwa |
| tamanduá- mirim | PNWK *muundu-tsi; KXN molo | PARA *mudu |
| tucano | KXN tʃak ^w e, WPX tʃakui, PLK jawk | PARA *ɕak ^h i |
| umbigo | PNWK *-he(?)pure, KXN no-pore, PSE sipohri | PARA *tʃ ^h uburi |
| urubu | APR majuri, YNE majuli, IÑP majuri | PMR maɕuri |

4.2.1.4.1.2. Arawak e bora-muinane

Em suas considerações sobre a filiação do muinane, Rivet (1911) observou algumas semelhanças desta língua com línguas arawak. Allin (1976) observa casos envolvendo especificamente o resigaró e línguas bora-muinane, que Payne (1985:223) afirma serem bem provavelmente decorrentes de contato. Aikhenvald (2001) e Seifart (2011) constataram, de fato, que as influências de línguas bora-muinane foram muito intensas em resigaró, tanto no léxico como na gramática. Entretanto, os dados da TABELA abaixo indicam que as relações de contato entre as famílias bora-muinane e arawak devem ter iniciado num período anterior ao da gênese do resigaró, envolvendo também outras línguas arawak. Além disto, os dados abaixo indicam que durante este período mais arcaico teria havido intrusão de termos de origem arawak em proto-bora-muinane.

TABELA 65. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e bora-muinane

| | ARAWAK | BORA-MUINANE |
|--------------------------------|---|--|
| água/saliva | MWY ūñĩ, WRA uni, WPX wini, YNE honi, BWN huni ‘água’; RSG íni ‘saliva’ | PBRM *nu ‘água’; PBRM *humi ‘saliva’ > BOR úni |
| aldeia | RSG tékoomí | PBRM *kuumii |
| arraia | RSG bahí, GRF sibari, WPX dʰiibiri | BOR báhe, BOR bahi |
| barriga/umbigo | PNWK *-he?epu- ‘umbigo’ | PBRM *ii?ba- ‘barriga’ |
| beber | AÑU anoota, TRN enovo, WRA/MHN tuuka, YNX šo | PBRM *aduu |
| boto | PNWK *hamana, BWN amana | MNN hámana, BOR ámanaá |
| breu | KXN maḡĩ, GNU ma:ni, PNWK *maini > RSG maání | BOR máání, MNN máani |
| cabeça/rosto | PNWK *-eekua ‘rosto’ | PBRM *niga- ‘cabeça’ > BOR niik ^{wa} - |
| cabelo/pelo | PARW *si > PNWK *tʃii | PBRM *hee |
| canoa/tronco | YNE -mina, APR mina ‘tronco’; KNB ah-mena, BWN -mina, WPX -mini ‘árvore, tronco’ | PBRM *meen ^y ‘canoa’ > BOR miine- |
| cinza | PARW *palifi > PNWK *paʔli, GRF baligi, LKN balisi | PBRM *bagiihu |
| cobra | IÑP χimeni, YNE himni | PBRM *hiinimə ³⁵⁶ |
| coca | PNWK *hiipatu | PBRM *hiibii- |
| cupim | PNWK *maaru, YNE amaraχi, TRN moto:u | PBRM *ma?aru |
| dia | YNE hohi, TRN kaxe | PBRM *kuuhe |
| farinha/comer | PNWK *matʃuka, BAR matʃuka, YMN/MRW masuka | MNN matʃu- ‘farinha’; PBRM *matʃu ‘comer’ |
| filho | LKN ait ^h i | PBRM *ʔatʃi |
| fumaça | BWN ɾ-isa, PNWK *iitsa > iítshú; LKN -os ‘nuvem’ | PBRM *ttsu > BOR ohts ^h u |
| inhame/batata- doce | CMK keli, PNWK *kali- > RSG kaniídeú ‘batata-doce’ | PNWK *kunii- ‘inhame’ |
| lagarto/jacaré | PNWK *nduupu ‘lagarto’ | PBRM *m ^y ?duba ‘jacaré’ |
| língua | PARW *nene > WPX -ninuḡa, BWN ninimada | PBRM *nehe > MNN néhe-ba |
| mãe | ATR ha-ru, WPX -ḡa-ru | PBRM *ga?a-ru |
| montanha/floresta | IÑP ipaχitʃa ‘montanha’ | PBRM *bahu ‘floresta’ |
| mosquito/piolho | BWN haniju, PLK anij, PMGU *ani?i, RSG hanítsó, BNW ainíḡo, IÑP χaniju ‘mosquito’ | PBRM *gaaini?u ‘piolho’ |
| ovo | PNWK *eewhe | PBRM *ii?u |
| pai | YNE hi-ri | PBRM *gi?iru |
| pai | PNWK *hani-li | PBRM *kaani > BOR k ^h aani |
| pato | PNWK *kuumanda > PIP kumata | MNN kimada |
| perna/coxa | ATR kub, RSG -íphkuba ‘perna’; WPX -uk ^h u ^ʔ ba ‘coxa’ | MRÑ k ^h ípaá ‘perna’ |
| pimenta/sal | PARW *idiwi ‘sal’ > WPX diiu, MWY diwi, PNWK *hiwi; TRN/KNK te-ti, WPX diidada ‘pimenta’ | PBRM *dee?uu ‘pimenta’ |
| pupunha | PNWK *piipi- | PBRM *m ^y m ^y |
| ralador | MRW k ^w aḡu, RSG kásoo-gú | BOR kátsoó-wa |
| remédio | PNWK *taape | PBRM *taabu |
| rio | RSG teéʔi | PBRM *t ^y ?i > BOR t ^h eéʔi, MNN tééʔi |

³⁵⁶ Neste caso se supõe a ocorrência de metátese (*hiiməni > *hiinimə).

TABELA 65. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e bora-muinane

| | ARAWAK | BORA-MUINANE |
|---------------------|---|----------------------------|
| roça/árvore | PNWK *ahiku ‘árvore’ > BNW haiku, AXG/PIP aiku | PBRM *gaikku-ʔai ‘roça’ |
| sal | RSG kanaamá-ʔo | BOR k ^h anáámaá |
| tambor | RSG koómobú, YKN kúumu | PBRM *kuuumu-ba |
| tatu | PNWK *jaʔi > PIP/AXG tʃee, KBY tʃeʔe, RSG tsaʔi | BOR tʃeéi, MRÑ tʃééi |
| urinar/urina | BNW ʔipalee ‘urina’ | PBRM *nippai ‘urinar’ |

4.2.1.4.1.3. Arawak e guahibo

Rivet (1948:202) observou diversas semelhanças entre línguas das famílias arawak e guahibo, considerando-as como prováveis empréstimos. Por outro lado, Greenberg (1960; 1987) erroneamente assume que tais semelhanças seriam decorrentes de uma relação filogenética entre as referidas famílias, uma hipótese já contestada por Tovar & Tovar (1984) e Tovar (1986). Os empréstimos especificamente provenientes do achagua e do piapoco foram descritos por Meléndez Lozano (2014). De fato, boa parte dos empréstimos observados nas línguas da família guahibo são oriundos destas duas línguas arawak, mas é possível que as situações de contato entre populações falantes de línguas arawak e guahibo tenham se iniciado num período relativamente mais recuado ao daquele onde os referidos empréstimos avaliados por Meléndez Lozano (*op.cit.*) teriam ocorrido, pois alguns dos paralelos apontados da TABELA abaixo não poderiam ter sido transmitidos pelo achagua ou pelo piapoco, caso realmente sejam empréstimos (cf. p.ex.: fígado, garça₂, longe, mão, perna, sogra, sogro, sol). Neste caso, é plausível que os contatos com falantes de línguas guahibo teriam se dado a partir do momento em que populações falantes de línguas arawak dos subgrupos nawiki, negro-branco e orinoco iniciaram a ocupação das bacias dos rios Negro e Orinoco desde o Solimões.

TABELA 66. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e guahibo

| | ARAWAK | GUAHIBO |
|--------------------------|---|--|
| ânus | PNWK *haapu > PIP aapu | HTN tabo, GHB tabuwoho |
| arara | MRW unaw | GHB/KUI ona, HTN on |
| arco | PNWK *jawi-t ^h a, BAR dabe, YVT tsawituleli | PLY/GHB bitsabi, KUI bitʃeibi |
| arco-iris | AXG aʒawali, PIP arawali | GHB arawali, HTN alawal, GYB ʔarwaera |
| beiju | PNWK *pee-li > AXG béeri, RSG peégí | GHB peri, KUI peri, HTN peria, GYB pen |
| cabeça/ testa | WRN wida, AXN iito, MCG gito, BWN kiwida, PNWK *hiwinda > AXG wita, WNM bita ‘cabeça’ | PLY/KUI ita-, GYB i:ta- ‘testa’ |
| cachorro | MPR auri, PIP auli, INP aweretʃi, GRF aunli | PLY/GHB awiri, HTN awil, KUI auri, GYB wir |

TABELA 66. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e guahibo

| | ARAWAK | GUAHIBO |
|--------------------------|--|--|
| caititu | PNWK *jamu > PIP tsamuu | PLY tjamuri, GHB tsamuli, KUI tsamuri, HTN tsamul, GYB tjama |
| calor | MRW adahi, YVT alahi | PLY/GHB atahu, HTN atu |
| canoa | WPX k ^h anawa, MWY/YNE kanawa | GYB kanaw, HTN kana |
| canoa | PNWK *hiita > AXG/PIP iida; BWN hiŋa | PLY/KUI hera, GHB he:ra |
| coati | PNWK *kapitsi > PIP kapiθi, WRK kاپisi | GHB kاپisi, GYB kaeps |
| farinha | PNWK *matfuka > PIP matsuuka; BAR matfuka, YMN/MRW masuka | GHB matsuka, KUI matsukua, HTN matsuka |
| figado | WNM apha, AÑU apana YNE hopna, PNWK *hupana, BAR kabale | PGHB *hapa |
| garça₁ | PNWK *maali, BVN/YVT maali | GHB ma:li, PLY mani, KUI main |
| garça₂ | MHN wakala, WYU waala, WPX wak ^h ara, LKN wakar, PRS wakala | HTN wakar; GHB/KUI wakara ‘galinha’ |
| jacu | MRW mariawö, PNWK *marai > PIP malai | GHB marai, KUI marei, GYB maraew, HTN malir |
| longe | LKN taha; BNW aátahã ‘lá’ | PLY/KUI tahi, GHB ta:hi |
| machado | PNWK *tjipaala > PIP tjipaali | GHB sipa:li, KUI sipari, HTN tŋipal, GYB tŋipaer |
| mão | PARW *k ^h api > MWY kiŋa | PLY/KUI kobe, GHB kobe: |
| martim-pescador | PNWK *jali-ru > PIP tsaliri | GHB tsaliri, HTN tsalir |
| nuvem | PNWK *iitsa > PIP iθa, BNW iiŋa; BWN -isa ‘fumaça’ | GHB/KUI/PLY ita- |
| olho/nariz | PNWK *hitaku ‘nariz’; WPX -idak ^h u ‘dente’ | PLY itaxu, GHB i:taxu; GYB ?itφu ‘olho’ |
| ovo/ave | RSG adovígi, BAR taba-ti ‘ave’ | PLY tab, GHB tobi; KUI tobi, GYB tabi ‘ovo’ |
| mamão | BWN/GNU/MDW/PIP mapaja, YNE kapajo, AÑU kapoj | GHB mapaja, KUI kapaja |
| pato | PNWK *kuumanda > PIP kumata | HTN kumat ‘pato’; KUI komata ‘garça’ |
| pedra | PARW *k ^h iba > AXG/PIP i:ba, YBA iba, BVN/WYU ipa, GNU zi:ba | PGHB *ibo |
| perna | YNE tpa:li, WPX -t ^h aŋa?i, MRW itaba | PLY/KUI topa, GHB to:pa |
| queixada | BVN abida, MRW abia, PNWK *haapija-i > PIP apitsa | GHB ha:bi:tsa, KUI habtsa |
| queixada/anta | KXN piŋa, WPX biitŋa, MWY bita ‘queixada’ | PLY metsaha, GHB me:tsaha, KUI/HTN metsa, GYB mesa ‘anta’ |
| rato | PNWK *hii-li > PIP iri | GHB iri, HTN ir |
| sangue | PNWK *i?ira-na > PIP irana | PGHB *hana |
| saracura | PNWK *kuutŋa, MRW kuseri | KUI kotsa-to, GHB ko:tsahato |
| sogra | WNM ami, MRT ami, RSG aáme ‘mãe’ | GHB ame, HTN ame-i, KUI amijo |
| sogra/tio | BWN axui, PIP kui, KNK euko ‘tio’; BVN aku ‘tia’; GNU ahku ‘sogra’ | GHB axu, KUI axujo, HTN aku-i |
| Sol | BWN keti, YNE tkatŋi, KNK kafe; LKN kat ^h i, WYU kafi ‘Lua’ | GHB iko:tia, HTN koti |
| Sol | PARW *kamui > RSG kami, ENN kame, MRW kumeto, WRK guma | PLY/GHB huame, KUI xome; HTN home-t ‘Lua’ |
| tabaco | PNWK *jeema > PIP tseema | GHB tse:ma, KUI tsema |
| tartaruga | PNWK *haara | PGHB *haara |

4.2.1.4.1.4. Arawak e harakmbet-katukina

4.2.1.4.1.4.1. Arawak e harakmbet

Greenberg (1960; 1987) e Matteson (1972) erroneamente assumem que os paralelos lexicais existentes entre o harakmbet e línguas arawak seriam decorrentes de uma relação filogenética, uma hipótese já contestada por Payne (1991a:369). Jolkesky (2011) levantou um número considerável de empréstimos arawak em harakmbet e também observou que houve, embora de forma restrita, prováveis empréstimos harakmbet em yine. Os dados encontram-se na TABELA abaixo.

TABELA 67. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e harakmbet

| | ARAWAK | HARAKMBET |
|------------------|--|--------------------------|
| árvore | PARW *anda > MRW/WRN/LKN ada, YVT/WRA ata | HKB ita |
| águia | MRW kukui, KXN kokowi, YVT kukuwi, WPX k ^h uk ^h ui, GNU kú:i | HKB kukui |
| anta | PARW *kema > APR kema, AXN kema-, LKN kama, BWN kema | HKB keme? |
| ayahuasca | AXN kamarampi, YNE kamalampi | HKB kāmārāpin |
| batata-doce | APR kīpari, YNE hipali, IÑP hipari | HKB sipari |
| bicho-preguiça | APR makara, IÑP ma?ara | HKB mi?i? |
| cabeça | YVT ki; AXN ki-, WRK g ^h i, WYU kii, MWY APR kiwi | HKB ki |
| caititu | APR meriti, YNE mriṭṭi, IÑP meriṭṭi | ARS mirisi |
| casa | PARW *pani > PNWK *-Vpani, GNU ba:ni, YNE pan{ṭṭi}, AXN pan{ko} | HKB bādi? |
| fruta | AXG iita, MDW iida; WPX -ida, BWN idai, GRF ilai ‘semente’ | HKB na |
| macaco-de-cheiro | APR ipīte, IÑP hipiṭṭi | HKB ihpih |
| matrinxã | PNWK *mamu-li, CMK ma?moli, APR mamuri, YNE mamalu, anp mamuri, KXN mamori, AXN mamuri | HKB mā?mūrī? |
| minhoca | YNE tsumi, APR tsumi, AXN tsumiritsa | HKB supī? |
| montanha | MRW atuku ‘montanha’ | HKB duk ‘ladeira’ |
| montanha | MRW kiba; WPX k ^h iba ‘pedra’ | HKB kipa? |
| morcego | KXN merepe | HKB mēṛē |
| mosca | MCG tsigitu, NMA tsigitu ‘mutuca’ | HKB sik |
| mulher | AXN tsinane, NMA tsinane, MCG tsinane, PNWK *-iina-ru | SPT sīnānī |
| mulher | BRE eton | HKB ettūnē? |
| mutuca | NMA simuki, AXN ṭimpuki, MCG ṭimpukiti | HKB simukkiri? ‘mosca’ |
| olho | APR uki, AXN/MCG/NMA uki, CMK ohki, WRK oki, TRN u:ke-, IGN uki?a | HKB uk-pu ³⁵⁷ |
| paca | AXN MCG samani, NMA sumani | HKB ṭjumaN |

³⁵⁷ HKB -pu ‘CLS redondo’.

TABELA 67. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e harakmbet

| | ARAWAK | HARAKMBET |
|-----------------|---|---------------------------|
| pato | APR upaj, YNE hupji, IÑP hupái, WPX bai, BRE poej | HKB ?ühpawi? |
| pedra | PARW *k ^h iba > LKN siba, YMN zepa; YMN sihpa ‘montanha’ | HKB sipana |
| pium | PNWK *maapii-li, KXN mapitsi, PSE mapitji | TOY/SPT mëperi ‘mosquito’ |
| podre | AXG bada, PIP badáa, KBY mata, NMA ubatsaga, AXN opatsaake | HKB para? |
| quati | PNWK *kapitsi, APR kapiji, YNE kapji, YMN kapihe, KXN kapi | HKB kapiwi? |
| raia | AXN/MCG ina-ru, NMA unu-ru, BWN hjana, MRW ijan, PNWK *inatu-li | HKB ?inna? |
| sapo | YNE tuluxri | HKB tururu? |
| tamanduá | IÑP hiwá, YNE siwa, APR ejiwa | HKB siwa? |
| timbó | YNE kumu | HKB kimū? |
| três | YNE mapa, IÑP mapa, AXN maaβa, NMA maba | HKB mapa? |

4.2.1.4.1.4.2. Arawak e katukina-katawixi

Na literatura, o estudo de Jolkesky (2011) é o único a avaliar casos de empréstimo envolvendo populações falantes de línguas katukina-katawixi e arawak. As relações de contato envolveram principalmente populações arawak dos subgrupos negro-putumayo, purus, marawa e waraiku, como apontam os dados da TABELA a seguir.

TABELA 68. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e katukina-katawixi

| | ARAWAK | KATUKINA-KATAWIXI |
|----------------------------|---|--|
| abelha | NMA pitsi, AHK pitsi, AXN pitsi | KTK wapiŋji ‘mosca’ |
| arara | PNWK *waaru, IGN/MWY/WPX waru | KTK wa:ru |
| árvore/pau | APR -mina, YNE gimina, IÑP jaamina, knb ahamana, GNU damuna, WPX at ^h amini; BWN atamuna | KTK ur:maN |
| banana | APR tjiŋpari, YNE hipali, AXN parenti, MCG parianri | KTK bari |
| cabeça | YVT ki; AXN ki-, WRK g ^h i, WYU kii, MWY/APR kiwi | KTK ki: |
| esquilo | PNWK *maade-li, KXN maŋesi | KTK bada |
| estrela | MRW ibiru, WRK imiru | KTK kurubiru, KTW korombiro ³⁵⁸ |
| facão³⁵⁹ | APR sarasara | KTK tjaratjara |
| falar | PNWK *-ima | KTK humaN |
| filha | YMN ntŋ ^h ú, PNWK *-iitu, MRW -itu, KXN ito, WNM -ito, IGN esu | KTK tju |
| jacaré | PNWK *kaŋhui-, CMK kaŋjuna, YNE kfijo-, KXN koujio, APR kajukiri | KTK ka:ŋu |
| Lua | MRW wat ^h awi | KTK waŋa |
| macaco-de-cheiro | APR ipíte, IÑP hipitji | KTK ihpiŋi |

³⁵⁸ KTK kurubiru e KTW korombiro provavelmente são palavras compostas (cf. KTW koron ‘venus’).

³⁵⁹ Dixon (2004a:46) suspeita que o termo tenha aparecido nas línguas A por empréstimo do Português <terçado> ‘facão’.

TABELA 68. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e katukina-katawixi

| | ARAWAK | KATUKINA-KATAWIXI |
|-----------------|--|---------------------|
| matrinxã | PNWK *mamu-li, CMK maʔmoli, APR mamuri, YNE mamalu, anp mamuri, KXN mamori, AXN mamuri | KTK wamuruu |
| montanha | MRW atuku | KTK ɕuku |
| morcego | KXN merepe | KTW muurihi |
| mosquito | AXN maneu, PMR majirai | KTK manuruu ‘mosca’ |
| mulher | PNWK *-iina{-ru}, WNM inaru, WRN inanai, MRT inana | KTK aina |
| pai | YMN pajo, PSE paji | KTK paju |
| paxiúba | YNE hupa; YNE kupasi ‘sp. de palmeira’; NMA kupasi ‘palmiche’ | KTK kupa |
| pedra | WRK itaki | KTK i:taku |
| pedra | WPX k ^h iʔa, MRW kiba | KTK {huNtu}kurba |
| queixada | YNE hijali, BWN heʔija | KTK hi:tʃaN |
| raia | PNWK *inatu-li, AXN/MCG ina-ru, NMA unu-ru, BWN hiʔa, MRW ijan | KTK hihdaN |
| rio | APR/YNE weni, YVT/MPR weni, AXN ene; WPX wini, WYU wiin ‘água’ | KTK wuni |
| tabaco | WPX suuma | KTK ur:ba |
| urubu | APR majuri, YNE majuli, INP majuri | KTK makuri |
| veado | PNWK *nduitu > BNW duitu, PIP ʔuitu, KXN luitu | KTW lujʃu |

4.2.1.4.1.5. Arawak e iranche

Embora Grimes (2000) tenha afirmado que o iranche pertença à família arawak, nenhum trabalho comparativo envolvendo a referida língua existe na literatura. A hipótese de filiação do iranche às línguas arawak é, na verdade, um equívoco e deve-se provavelmente ao fato do iranche conter inúmeros empréstimos de origem arawak. Embora parte significativa destes empréstimos tenha se dado pelo contato com populações arawak circunvizinhas, a outra parcela provavelmente tenha se originado de distintos âmbitos de contato dos ancestrais dos iranche com outras populações arawak. Neste sentido, existe a possibilidade de que os proto-iranche não sejam originários do Alto Juruena. Os paralelos encontrados estão apresentados na TABELA abaixo.

TABELA 69. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e iranche

| | ARAWAK | IRANCHE |
|------------------------|--|----------------|
| água | WPX k ^h uk ^h ui, PRS kokoi, ENN kokowi, YVT kukuwi, BWN kui | kukuhi |
| animal de porte | YMN jama ‘cachorro’; YNE jama, PSE jame, KXN ɕama-ri ‘onça’; LPC lama ‘anta’, WYU izama ‘veado’ | jâma ‘veado’ |
| barriga/peito | GNU -du:ku, PLK -duk, BAR -duk ^h u, WPX -ɖuk ^h uridí ‘peito’; ENN -tako-, PRS itiako ‘barriga’ | tuku ‘barriga’ |

TABELA 69. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e iranque

| | ARAWAK | IRANCHE |
|--------------------|--|-----------------------------|
| casca/canoa | IGN pakure, TRT -pokre 'canoas' | a?kuri 'casca' |
| céu | CMK ikehta, MCG inkite, TRN/KNK wanuke | mamk ⁱ eta |
| escorpião | CMK ahkolo, GRF aguru, PLK akuw, YNE heklo, ENN akola, PRS θakolokoa | aku?lu |
| espírito | AÑU ein, WYU ainwa | ainā |
| flecha | PRS kore, ENN okore | koreta |
| flor | ENN hewe, PRS hiwiti, BWN xiwi, YNE howi | pewi |
| folha/erva | YVT jewali | jawali |
| gambá | PRS kore | kori |
| garça | MHN wakala, WYU waala, WPX wak ^h ara, LKN wakar, PRS wakala; YNX waka? 'falcão' | wakala |
| homem | WRN atina-re, MNO irina-li, PNWK *(w)atjina-li | atina |
| lavar | IGN kasipa, WYU ajiha, GRF atjiba | kooxepa |
| madeira | PARW *anda > APR aa-, PLK aha | a?a |
| minhoca | ENN jodo | joru |
| morcego | PRS mahiie, WPX t ^h amariu, MWY tjamaruwa, CMK tjamalo | māhiwa |
| mulher | BRE eton, WPX zina | atuna |
| mutum | PRS hawitji, ENN hawiti | awi?ti |
| mutum | PNWK *kuitji, BRE kovir | kawiji |
| noite | PRS makiaa, ENN mīk'a, | mukwu |
| osso | CMK kahpu, GRF abun, YNE hapi, IÑP api, YNX -nap, WRA napi | maapu |
| pássaro | AÑU/WYU witji, YVT nili | itji |
| pena | WRA/MHN -mapi-, IÑP -mexi- | mapuri |
| peneira | PRS atioá, ENN atoa | ?a?to(ho) |
| piolho | BRE -in, TRT in ^l e, GRF hijei | ?ini |
| pomba | WRA/MHN watapa | watapa |
| porco | PMGU *tsimori | ?mori |
| raiz | WRA/MHN -tapa, IGN tapare, IÑP ataperi, PNWK *-a?apali | tapari |
| raposa | AÑU tjiapiraa | apura |
| rato/cutia | WRA/MHN mukuti 'rato' | mak ^l ji 'cutia' |
| sogra | PRS nake | nakaru |
| tartaruga | PRS ikore, ENN aikuri, PNWK *(h)iiku-li, LKN hicolhi, | ?ikuri |
| tatu | PRS malola, ENN malulase, MHN malula | malula |
| tucano | PRS iiakoi | jok ^l hi |
| unha | TRN/KNK hi:po, MHN i-hipa, BRE -tip, TRT -hipn'o | kipu |
| urubu | PRS wawi | āwī |

4.2.1.4.1.6. Arawak e jaqi

Na literatura não há estudos sobre contato entre populações falantes de línguas arawak e jaqi. A TABELA abaixo traz poucas indicações desta possibilidade. É provável que boa parte dos paralelismos elencados abaixo sejam casos de empréstimos a partir do contato independente das referidas populações com populações de origem kechua (cf. §4.2.1.4.1.10).

TABELA 70. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e jaqi

| | ARAWAK | JAQI |
|----------------------|--|--------------------------------|
| cera/mel | PARW *maba ‘mel/abelha’ > PARW *maapa, WYU mapa, MWY/WPX maða | AYM map’a ‘cera’ |
| cobra | MWY ketari, AXN katari | AYM katari |
| farinha/pilão | WPX ak ^h u, BWN haku, LKN hako ‘pilão’ | PJQI *aku ‘farinha’ |
| luz | WPX k ^h andá-ʔu, PRS ʔaokanatiakalati; CMK ukaʔnale ‘iluminar’; PNWK *kandaa-li ‘carvão’; MWY ekadare ‘dia’ | AYM q ^h ana |
| pulga | BWN kufji-ʔa, YVT kutsi-ha, YNE kotʃo-pa, INP utʃi-pa-tʃa, YNX ot ^h et ^h | PJQI *k ² utʃi |
| ramo/milho | PARW *mariki ‘milho’ > LKN marisi, WPX maʒik ^h i, WRA/PLK/WYU majki | PJQI *maʒki ‘planta cultivada’ |

4.2.1.4.1.7. Arawak e karib

Intensas relações interétnicas envolvendo populações arawak e karib estão descritas na literatura e alguns dos empréstimos delas decorrentes foram elencados primeiramente por de Goeje (1928a). Tais relações se concentraram fundamentalmente na região do Maciço das Guianas e no Baixo Amazonas. Alguns casos de empréstimos oriundos destes contatos são os apresentados na TABELA a seguir.

TABELA 71. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e karib

| | ARAWAK | KARIB |
|-------------------|---|---|
| abacaxi | YNE hanna, MXN ha:na, INP ʒanana, LKN nana, BWN ranana, TRN ɲapa | TIR/WYN/KRN/APL nana |
| abano | MRW awari, WPX awari ^h bai, LKN walhiwalhi | KRN woriwori, KAP oriori, PMO worwori, MKX wuriwo |
| abóbora | WPX k ^h auwiam, GRF wejama, YVT uwijama, WYU aujama | PKAR *kawijoma |
| algodão | KNK muwou, PLK mawru, GRF mouru, WYU mawii | PKAR *mawu-ri |
| arraia | WPX d ^h iibiri, GRF sibili, LKN dobiri, PLK hub | PKAR *tʃipari |
| beija-flor | LKN tukusi, PLK tukus | PKAR *tukusi |
| canoa | WPX k ^h anawa, MWY/YNE kanawa, INP anawa, PRS kanowa, LKN kanoa, WYU/ANU anuwa | PKAR *kanawa |
| canoa | GRF gurijara | TIR/WYN/KRN/PMO/MKX kurijara |

TABELA 71. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e karib

| | ARAWAK | KARIB |
|------------------------|---|--|
| casa/aldeia | YNX poko:l̩, RSG pó?kóno:mú, APR apoko, YNE pok | WYN pakolo, TIR pakoro, KRH hakoro |
| cobra | PARW *owi > WYU wii, MWY uwi | KRN iwoi, PMO/MKX wii, ENP wi |
| cujubim | PNWK *kundui > WNM kutfui, WRK kubui; KXN kutfuwi, MHN kujij | KRN/WYN/WAI kjuwi, TIR kuuwi |
| cutia | WPX kolhi(-hi), WPX k ^h urii, GRF aguri | PKAR *akuri |
| face | MWY marien, WPX marii, BNW/TAR malije | PKAR *maria |
| feijão | PNWK *kumana, LKN kumata, WPX k ^h umaasa, YVT kumana, PLK kumat | TIR/WYN/KRN kumata |
| gambá | LKN jawalhe, WPX jawari | PKAR *(j)aware |
| garça | PARW *wakala > MHN wakala, WYU waala, WPX wak ^h ara, LKN wakar, PRS wakala; YNX waka? ‘falcão’ | PKAR *wakala |
| iguana | PARW *iwana > PLK iwan, AÑU iwaana, LKN hwana, MRW g ^w ana | TIR/KRH iwana, ENP jawana, WAI k ^w ana |
| jacaré | WYU agare, ENN/PRS jakare, MHN/WRA jaka | PKAR *akare > KAP/MKX/KRN akare, PMO (j)akare, APL jakare |
| lontra | LKN surura, PLK saruw, WPX saaro, MWY tsaraw | PKAR *tjaro- |
| macaco | GRF megu, MRW mehua, KXN mako, BNW iipeéko | PKAR *meku |
| macaco | GRF (h)arawada | PKAR *arawata |
| martim-pescador | LKN sakasakali, BWN tjakatjakari, GNU tseka:tseka:li | KRN/TIR sakasaka KAP takaika, PMO sakaika |
| pedra | MHN tiipa, WRA tipa, PLK tip, LKN siba, WPX k ^h iba, YVT siha, GRF dibu | PKAR *tipu/*topu |
| peneira | ENN manalise, LKN manalhi, GNU mana:le, MHN mana | KRH/WAI manari, TIR/WYN/APL manare |
| periquito | PNWK *ke:ŋke-li, LKN kerekere | KRN kerekere, TIR kirikiri, KAP/PMO kirikiri |
| pilão | BWN haku, WPX ak ^h u, LKN hako, KNK ukore | PKAR *ako |
| pimenta | PARW *hatji(di) > PNWK *atsi, BWN atjiŋi | WYN asi, APL aiŋi, WAI asisi |
| pomba | LKN wakuk ^w a, GNU wa ^h kuk ^w a, GRF wagug ^w a | PKAR *wakukuwa |
| pomba | PNWK *hutuku-li, BWN hudukukui, CMK puhtuku, LKN otokoko | KRN popotoko, TIR utuku, APL utukuimo, WYN otrətəkə, WAI fotkuku |
| ralador | WPX tjimari, GRF samari, PRS timare, ENN tiware | KAP/APL/WYN simari, KRN semari, PMO/MKX sumari, WAI xmaari |
| tamanduá | LKN wariti, BWN waritji, PRS waliitese; BNW walfits ^{hi} ‘gambá’ | PKAR *waritji |
| tatu | MWY kapaija, WPX kapaŋi, BWN rabata, INP χitjapari, KNK kopije, BRE kopir; MCG kapairiniro ‘gambá’ | WAI kaφajo, TIR kapai, WYN/KRN kapasi, YKP kamaŋru |
| veado | WPX kojara, MWY kusara, GRF usari, LKN kakosiro, YNE kŋote-ri | PKAR kutja(-ri) |
| veado | PMGU *kəhəβə | TIR/APL kapau, WYN kapawu, KRH kaha?o |
| veneno | WPX urari, YMN irari, BWN wirari | PKAR *urari |

Um caso emblemático de influências karib em línguas arawak, observado por de Goeje (1928b), é o que resultou na pidginização do eyeri com o kalina nas Pequenas Antilhas.

4.2.1.4.1.8. Arawak e kawapana

Na literatura ainda não há estudos sobre contato entre populações falantes de línguas kawapana e arawak. A TABELA 72 traz indicações importantes de tais relações, que teriam ocorrido com populações arawak de diversos subgrupos.

TABELA 72. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e kawapana

| | ARAWAK | KAWAPANA |
|--------------------------------|--|---|
| abóbora | LKN kodo | XWI kon, XWL kun |
| água/chuva | PRS/ENN one, TRN/KNK u:ne, PMGU *ine, WRA uni, MWV ūnī, BWN huni | XWI o?nan; XWL u?lan ‘chuva’ |
| algodão | YNX bes | XWI pi?ji ‘fio de algodão’, XWL pite-ŕu |
| algodão/corda | WPX k ^h inaridi, BWN tjinari ‘algodão’; IGN enure ‘corda’ | XWI inarī ‘corda de chambira’, XWL ilaŕin ‘corda’ |
| animal | YNX ma?jaz ‘onça’ | XWI ma?ja |
| animal/espírito | PNWK *hamana, BWN amana ‘boto’; LKN kabadaro ‘onça’; CMK ma?nali ‘canídeo’ | XWL amana? ‘onça’; XWI amana? ‘espírito mal da selva’ |
| ayahuasca | PNWK *kaapi | XWI ka?pi? |
| barro/barreiro | WYU mmoolu?u, AÑU mmo, BRE momoe, TRN/KNK jomo:mo | XWL mumulu? |
| batata-doce | WPX k ^h aazji, YVT e.lu; YNX tšo ‘inhame’ | XWI a?o?, XWL a?u? |
| beber/água | PARW *uni > YNX un ⁱ ‘água’ | XWI orī, XWL uŕi ‘beber’ |
| boto | PNWK *hamana, BWN amana; YMN hapina, PSE apina, BWN haina ‘peixe-boi’ | XWI sapana, XWL sapana? |
| cabelo | YNX jetj, AXN iifjintsi ‘cabelo’; YNX etj, YVT itsu, PNWK *iiçgu ‘pelo’ | XWL entfek |
| canoa | YNX non ^t i | XWI nonŕa, XWL nuntaspi |
| carrapato | YNX se?p | XWI tipa, XWL tekpa |
| casa | PARW *pe > PLK pajt, WRA pāi, ENN hai-te, LKN bahi, WYU pi-tji, PMOX *pe-ti, TRN pe-ti | XWI pii?, XWL piðek |
| casa/telhado/ folha | PARW *pani ‘casa’; PARW *pana ‘folha’ > PLK apani | XWI pani-ra ‘folha para telhado’, XWI pan-pi ‘telhado’ |
| CAUS | PARW *a- | PKWP *a- |
| chácara/terra | WPX imi?i ‘terra’; PNWK *himi-tji ‘erva’; KNK meum ‘campo’ | XWI imī, XWL mēnmī ‘roça’ |
| cinza | PNWK *pa?li, WPX p ^h ari-t ^h i?i, WYU pali-i?i, GRF bali-gi, LKN bali-si | XWI warioano? |
| dente | PARW *ahtse > LKN/GRF ari, CMK ahsi; MRW n-atih, WRN la:di, APR niterī ‘meu dente’ | XWI nati?; XWL latek |
| doer | WPX k ^h azjwa-, MCG katsi-, MWY kari; LKN kari ‘doente’ | XWL ikeŕi; XWI kanio ‘doença’ |
| erva | MCG kataro | XWI pakatoro? |
| estrela | YNX ranto | XWL tanðula, XWI tan-(cf.: tan-pin ‘estrela cadente’, XWI pin ‘fogo’) |
| F | PARW *-ru > PNWK *-ru > YKN -rū | PKWP *run |
| floresta | RSG téba-hú; MWY e-teba-di, PMOX *sime-nɔ, INP ima-hi | XWI kima? ‘selvagem’ |
| gente | WPX p ^h idān; CMK papit ^a ‘pessoa’ | XWI pija (cf.tb.: XWL pi?la ‘próprio’) |

TABELA 72. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e kawapana

| | ARAWAK | KAWAPANA |
|-----------------------------|--|--|
| gente | WYU mutu; BWN mutua ‘parente’ | XWL muða? |
| homem | PNWK *watʃja-li > BNW atsianli, PIP aθiali | XWL jaʃi? |
| inhame/ mandioca | YNX mam ‘mandioca’ | XWI ma?ma?, XWL mama? ‘inhame’ |
| irmão | AXN jeje, ENN jajali, MWY ajaja | XWI ijaja; XWL ijin |
| língua | PARW *nene > apr nini, YNE nni, YNX n'enʃ | XWI ninira, XWL pinekla |
| LOC/DIR | PARW *-ki | PKWP *-ki(k) > XWI -ki |
| Lua | APR atuka-, YNE tka- ‘sol’; CMK sekoli | XWL ðuker |
| madeira/fogo | PARW *-mina ‘madeira’ > KRI/BWN/WPX/MWY/YNE/APR -mina | PKWP *pin ‘fogo’ |
| mandioca | YVT ka ^h le-si, PRS/ENN kete | XWL ker? |
| marido | YNX zoʃa; MCG sura-ri ‘homem’ | XWL suða |
| milho | YNE ʃixi, MXN tʃixi, INP χisi | XWI ʃiʃi? |
| molhado/água | PARW *isa- ‘molhado’ > PNWK *itsa (cf. tb.: PNWK *iija ‘chuva’) | XWI iʃa ‘água’ |
| morcego | BWN ixí-xi, PNWK *piitsi-li > AXG hi:θi-, MDW hizi-; PMGU *βite-re | XWI isi?, XWL ifek |
| mulher | WPX zina, PMOX *eseno, TRN/KNK se:no; BWN tsinawi ‘esposa’ | XWI sana-pi; XWL saða ‘esposa’ |
| osso/chifre | MWY roŋʃikɲa ‘chifre’; MCG/AXN tonki ‘osso’ | PKWP ransi? ‘osso’ |
| perna | WYU u-runa-i ‘perna’, AÑU atina, WYU tina ‘braço’ | XWI tona, XWL tula |
| peçoço | AÑU onki, ATR unkanej, WPX -k ^h anai, GRF igi:nai | XWI kunu?, XWL unker/unken |
| porco | WPX k ^h uufi, PRS hodtʃe, IGN kutʃi | XWI koʃe, XWL kuʃer |
| porco-do-mato | WYU iřama ‘veado’ | XWI kiramā |
| remédio/ veneno | YNE pini-, INP pinitiri ‘remédio’ | XWI pinino ‘veneno’ |
| tamanduá | PRS tiko-re, TRN/KNK tikua | XWI ʃiko |
| teto/casa | PARW *ponko ‘casa’ > AXN panko | XWL wanku ‘teto’; XWI wanko- ‘interior’ |
| tio | PMOX *apena-ru, YNX apa; RSG aá?pe, AXN apa ‘pai’ | XWI apertʃa, XWL apin |
| tronco/árvore | KWX nala, BWN xanada, PNWK *nanaa, WPX -naanaa, ‘tronco/corpo’ | PKWP *nara (cf. tb.: XWL nana ‘3.S’) |
| urubu | PLK istuw | XWI supu?, XWL supu? |
| veneno | AXN kepari | XWI kapari?, XWL kaper? |
| vespa | YNX akankan ^ʃ a | PKWP *kankan |
| VRBZ | PARW *-d | PKWP *-tV > XWI -ti, XWL -tu |

4.2.1.4.1.9. Arawak e kayuvava

Na literatura ainda não há estudos sobre contato entre os kayuvava com falantes de línguas arawak. A TABELA 73 traz indicações de tais relações, que teriam ocorrido com populações arawak de diversos subgrupos.

TABELA 73. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e kayuvava

| | ARAWAK | KAYUVAVA |
|--------------|---|------------------|
| abelha | *maapa | maβe |
| água | WPX k ^h uk ^h ui, PRS kokoi, ENN kokowi, YVT kukuwi, BWN kui | kokoi |
| algodão | PMGU *kəhəre | uhuru |
| batata-doce | PARW *k ^h ali- > AXN/MCG kori-, CMK keli, PNWK *kali-ri | kiril |
| carne | PARW *ina > APR fīne, ENN/PRS e-ne-te, PLK in-ti; MWY r-ina ‘corpo’ | in(e) |
| casa/dormir | PMOX *peti, TRN peti ‘casa’ | biti ‘dormir’ |
| comer | PARW *ni-ka | ni |
| dente | WYU/AXN/MCG ai-, PMOX *oʔe, TRN/KNK o:e | dai |
| lago | PMOX *kokiure | kikuri |
| língua | PARW *nene | epe |
| Lua/Sol | LKN adali ‘Sol’ | rārē ‘Lua’ |
| milho | AXN/MCG finki, YNE/MXN fixi | fiki |
| nuvem | PMOX *uko-hi (-hi ‘CLS’) | bəkə |
| orelha | LKN ɕjike | hiɕjike |
| orelha/ouvir | YNX et, PRS itinihe ‘orelha’; WRA eteme ‘ouvir’ | ite ‘ouvir’ |
| papagaio | WPX/MWY waru, PMOX *woru | βaro |
| papagaio | YVT kulikuli, *PNWK koliko-li | kōri |
| pescoço | PMOX *-pikenu, WRA pījū | piæpi |
| piolho | YNE xepa, IŃP χapa, APR nipa | koŋjepa |
| pulmão | YNE tjiile, WPX jiin | siire |
| terra | ENN tote-he (ENN -he ‘CLS’) | tati |
| veado | PNWK *neeri | dæræ |
| veado/animal | YNX maʔnjoz ‘veado’ | -abadio ‘animal’ |
| ver | YNX ont-, CMK unisi | un- |

4.2.1.4.1.10. Arawak e kechua

Dentre os estudos sobre contato linguístico entre populações de origem kechua e arawak há um de escopo amplo (Alonzo Sutta 2002) e três que tratam especificamente destes reflexos em situações específicas: (i) Wise (1976) e Adelaar (2006), sobre o yanexa; (ii) Jacinto Santos & Yanqui Traverso (2011), sobre o axaninka. A TABELA 74 evidencia que as relações de contato de populações kechua com os ancestrais dos yanexa e dos arawak do subgrupo pré-andino foram de fato intensas, mas traz evidências robustas de que tais relações também teriam envolvido diversas outras populações etnolinguisticamente vinculadas aos proto-arawak, como aquelas da divisão ‘arawak oriental’. Há inclusive indicações de paralelos relevantes entre o proto-kechua e o proto-arawak. Assim, embora parte dos empréstimos seja provavelmente

decorrente de influências ocorridas durante os períodos incaico e colonial na região amazônica, tais dados apontam que as relações de contato entre os referidos conjuntos populacionais teriam se iniciado num período anterior ao da emergência dos referidos impérios.

TABELA 74. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e kechua³⁶⁰

| | ARAWAK | KECHUA |
|------------------------------|--|--|
| abacaxi | YNE hanna, MXN ha:na, INP ɣanana, LKN nana, BWN ranana, TRN naja | KCO anana (cf. tb.: PKC2C *anunas, KCE ananas ‘chirimoia’) |
| abóbora | YVT kuasi ‘cabaça’ | PKC2C *kusi ‘abóbora’ |
| abutre/ morcego | MXN maju-le, INP maju-ri, YNE maj-li ‘abutre’ | PKC *maʃu ‘morcego’ |
| abutre/ presságio | WPX wat ^h u, GRF wadubi, KXN watʃo, PNWK *waadʒu-li > RSG watso:-gi, WRK wadu-li, MDW wadu-li ‘abutre’; GRF madobi ‘que engana’ | PKC2C *watu ‘presságio’, PKC2C *watuq ‘bruxo’ |
| água | PARW *uni | PKC2C *unu, KCO uni |
| água | AXN/MCG paki-tsa; YNE/MCN pak-tʃa, PLK avak-na, YNX waka? | KCO/KCC paka |
| ajudar | YNX jenp | PKC *janapa |
| algodão | AXN ampe, MCG ampei, INP mepi; AXN/MCG mampetsa ‘linha’ | KCO ampi, KCC anpi |
| alto/céu | PNWK *ɕeenu-, PRS eno ‘alto’ (cf. tb. PNWK *eenu ‘trovão’); PMGU *ani, YVT enu, PRS eno-koa, ENN eno-kwa, TRN/KNK vanuke ‘céu’ | PKC *hanaq ‘alto’ |
| amendoim | AXN inki, MCG ingi, CMK mu:ʃihki | PKC2 *intʃik |
| animal de porte | YMN jama ‘cachorro’, YNE jama, PSE jame, KXN ɕama-ri ‘jaguar’, LPC ʎama ‘anta’, WYU iřama ‘veado’ | PKC *ʎama ‘lhama’ |
| animal de porte | YNX atoʔ, RSG aņoó-gí, CMK mahto-li ‘anta’; LKN hado-lhi ‘capivara’; MWY adu-le ‘cutia’; WYU at ^h u-ri, BWN hatu-ri ‘jacaré’ | PKC *atuq ‘canídeo’ |
| ave/pena/asa | YKN piʃiku, BWN ibiʃi ‘mutum’; INP piʃi-ti, YNE piʃi ‘pena/pelo’; CMK piʃi-le ‘asa’, CMK piʃi-lo ‘beija-flor’; AXN piʃi-ti ‘tucano’ (cf. tb.: PNWK *piitsi-ri ‘morcego’) | PKC *piʃku |
| avó | CMK pajako | PKC2 *paja ‘velha’ |
| avô/sogro | WRA matu, BWN matu-iri, PMGU *-motʃi-uko, TRN/KNK imofu-ko, YVT matu-si, INP imatu-ɣitiri, LKN mado-koreithi, WPX -imada-k ^h uz, ‘sogro’ | PKC2C *matʃu ‘velho’ (cf. tb.: PKC *maʃa ‘genro’) |
| avô/velho | CMK loko-ko, LKN doko-ko, LKN doko-t ^h i, GRF arugu-ti, WPX ɖuk ^h u-zʃi (cf. tb.: LKN lukku ‘ser humano’) | PKC *ruku ‘velho/adulto’ |
| boca/bico | YVT siwi, KXN siwe, YNE swi- ‘bico’ | PKC *simi |
| bochecha | BNW kakuda, BAR ikakuda, YKN kakula, YVT ga:kuzi, YVT kaku, ENN kakoli | PKC *kakʎa |

³⁶⁰ Os seguintes termos são oriundos do espanhol colonial (ESP): (i) ESP <cochi> /koʃi/ ‘porco’ (forma reduzida de ESP <cochino> ‘id.’, usualmente aplicada no vocativo) > KCH kufi, WPX k^huufi, IGN kufi; (ii) ESP <michi> /miʃi/ ‘gato’ (forma reduzida de ESP <michito> ‘id.’, usualmente aplicada no vocativo; é diminutivo de ESP <micho>, termo coloquial de designação referido animal) > KCH miʃi/misi, PIP/AXG mi:ʃi, RSG mi:ʃi, CMK miʃi, YNE miʃito, YNX meʃ, AXN mi:ʃo. Os paralelos para ‘canoa’ e ‘mamão’ podem ser um empréstimos indiretos de uma língua arawak ou karib em kechua via espanhol colonial. O seguinte paralelo é onomatopáico: PARW *ʃuʃu ‘chupar’, PKC *ʃuʃu ‘id.’.

TABELA 74. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e kechua³⁶⁰

| | ARAWAK | KECHUA |
|--|--|--|
| canoa | PRS kanowa, WYU/AÑU anuwa, MWY/YNE kanawa, INP anawa | KCE/KCM kanuwa, KCW/KCM kanwa |
| carne | PMGU *-eʃe, YNX e:ʃ | PKC *ajʃa > KCK ejtsa |
| carvão | YNX keʎmeʃ; GRF ʃleme ‘lenha’ | PKC2C *kiʎimsa |
| casa | MWY wese | PKC *wasi |
| casa/porta | PARW *ponku ‘casa’ > YNE pok, APR poko, AXN/MCG panko, GRF i-baganu, YNX poko:lʃ, CMK i-pakolo ‘armação da casa’ | PKC *punku ‘porta’ (cf. tb.: KCO manqu ‘fundamento, base’) |
| arar/terra aplainada/ caminho | PARW *apu ‘caminho’ > KBY/PIP ajapu, RSG aʒápó, WNM iʒapu; YNE ajapatʃ, AÑU aponaa, GRF ábuna, LKN abunin ‘cultivar’ | PKC2 *japu- ‘arar’ > KCE japuna; PKC2C *japuq ‘camponês’ |
| chupar | PARW *ʃuʃu > PNWK/PMOX *ʃuʃu, BWN ʃuʃu, YNX tsotsoʔt-, WPX susu, PLK sus | PKC *ʃuʃu |
| chuva | AXN/MCG tampia ‘vento’ | PKC *tamja |
| cobaia/rato | LKN kolhi(-hi), WPX kʰurii, YNE/MXN kotʃi ‘rato’ | PKC *quʎi ‘cobaia’ |
| cobaia/rato | MCG/NMA saqari ‘rato’ | PKC1 *saka ‘cobaia’ |
| cobra | MWY ketari, AXN katari | PKC2C *katari |
| cogumelo | CMK kaʃama | PKC2 *kaʎampa |
| dente/bico/ nariz | PARW *kiri ‘bico, nariz’ > MHN/AXN/TRN kiri, CMK kulu, GRF i-giri | PKC *kiru ‘dente’ |
| DIR | AXN/MCG/PIR -ap, LKN -ba, YNX -aʰp; TRN -op | PKC *-pa |
| estrela | GRF waruguma, PLK warukma ‘estrela’; LKN warhokoma ‘vênus’ | PKC *waraq > KCO waraq, KCW warah |
| farinha | PNWK *maʃuka, BAR maʃuka, YMN/MRW masuka | PKC *maʃka |
| feijão | YNE/MXN poroto, CMK mapolo:to | PKC *purutu |
| fezes/ nádegas | PARW *itiki ‘fezes’ > MHN ihiki, YNE ʃki, ENN iʃiki, KNK si:ke; LKN ʃiki-ri ‘ânus’ | PKC *siki ‘nádegas’ |
| flor | MCG/NMA otega, AXN tija | PKC2C *tika |
| flor | LKN tokorho | PKC *tuktu |
| fogo | PNWK *kanda:-li ‘carvão’; WPX kʰanda-ʔu, PRS ʃaokanatiakalati ‘luz’; CMK ukaʔnale ‘iluminar’ | PKC *kaja ‘acender/queimar’ |
| fogo | AÑU ʃiki, WYU siki, LKN ikʰi, PLK tiket, ATR tʃkír, BAR itiki, GNU ʃe:ke, AXN/MCG/MXN ʃiʃi ‘fogo’ | PKC *atʃiki ‘luz/luminoso’ |
| galinha | AXN aʃa:pa, MCG atava, YNX atoʎop | PKC2 *atawaʎpa/*ataʎpa |
| garça | PARW *wakala > MHN wakala, WPX wakʰara, PRS wakala, LKN wakar, WYU waala | PKC2C *waqar |
| lagarto | PARW *iwana > PLK iwan, AÑU iwaana, LKN hwana, MRW gʷana | PKC2C *iwana |
| Lua | YNE/MXN ksi-, MWY kasi, AXN kaʃi, MCG kaʃi, MWY kiʃi, WRA kezi | KCO pʰaqsi |
| luz | WPX kʰanda-ʔu, PRS ʃaokanatiakalati; CMK ukaʔnale ‘iluminar’; PNWK *kandaa-li ‘carvão’; MWY ekadare ‘dia’ | PKC *kantʃa-j |
| macaco | PARW *kuhdi > RSG kotsi, AXN/MCG koʃiri, YNX koʔʃ, MWY oʃi, WYU hutʃi | PKC2C *kusilʃu |
| mamão | LKN papa:ja, PLK pavaj, YNX papue, BWN/MDW/GNU mapaja, BVN mabaja | PKC *papaja |

TABELA 74. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e kechua³⁶⁰

| | ARAWAK | KECHUA |
|---------------------------------|---|---|
| mel | PARW *maba ‘mel/abelha’ > PARW *maapa, WYU mapa, MWY/WPX maḃa | PKC *mapa ‘cera/gordura/sujeira’ |
| milho | PARW *mariki > LKN marisi, WPX maʒik ^h i, WRA/PLK/WYU majki | PKC *maʒki ‘planta cultivada’ |
| mingau | AXN api | PKC *api |
| mulher | AXN/MCG tsina-ne, WPX ʒina, MWY rina-ru, GRF hijna-ru, PNWK *iina-ru, PLK tino, PMGU *etseno, TRN/KNK se:mo ‘mulher’; PMGU *jeno, BWN tsinawi, TRN je:mo, AXN jina-tsi ‘esposa’ | PKC *ʒina ‘moça/fêmea’ |
| NEG/PRIV | PARW *ma- ‘PRIV’; BWN ma, YNX ama, YVT jama, WNM tʃama ‘não’ | PKC *ama ‘NEG’ |
| paca | PARW *p ^h ikili > GRF pikuli, LKN pikile | KCC/KCC pikuru |
| papagaio | YNX kasont, KWX katso | KCC qaqtʃu, KCC q ^ʔ axtʃu |
| papagaio | GRF garawa, PRS halawa | KCC qala |
| periquito | IÑP ʒirisi, ENN jirese, PNWK *keʒike-li; WPX k ^h irik ^h i ‘ave’; AXN kirige-ti ‘pica-pau’; BRE sirisi-ri ‘falcão’ | PKC *kiʒiki ‘falcãozinho’ > PKC1 *kiʒikʃa, KCM kiʒiʃ, PKC2C *kiʒiki/*kiʒintʃu, PKC2C *kiʒi, KCE kiliki |
| perna/andar | AXN pori, PMGU *poi ‘perna’; MCG ʒori, MHN poʒe, WRA puti, APR pori-ke, IÑP puri-nati ‘coxa’ | PKC *puri-j ‘andar/viajar’ |
| pilão/pilar/ farinha | WPX ak ^h u, BWN haku, LKN hako ‘pilão’ | PKC *(h)aku ‘farinha’, PKC *hakuʒ ‘pilar/comer algo moido’ |
| pimenta/sal | PNWK *hatsi, LKN hat ^h i, WYU haʃi, BAR hati, GRF/MRW ati ‘pimenta’; AXN/NMA kasi-ri ‘picante’ | PKC *kaʒʃi ‘sal’ > KCC kaʒʃri |
| piolho/pulga/cabeça | BNW -híita, KXN hito ‘pulga’; PNWK *hiwida ‘cabeça’ > AXG wita, WNM bita; YMN/PSE wila, WRN wida ‘cabeça’; BAR it ^h a ‘cabelo’; PLK jet, PNWK *tsu-wida, BAR tu-wida, GNU ʒi-we:da, BVN/YVT tsu-ida ‘piolho’ | PKC2C *ita ‘piolho’ > KCC it ^h a |
| pomba | PNWK *hutuku-li, BWN hudukukui, CMK puhtuku, LKN otokoko | PKC2C *huruk ^ʔ uta |
| pombo/ periquito | PNWK *huliitu, WPX uridi ‘pombo’ | PKC2 *uritu ‘periquito’ |
| preto/violeta | MRW kuri-hi, WRK kuli-kata, PIP kuili-ri, MWY udi-, GRF uri- ‘preto’; LKN uri-hi ‘escuro’; LKN korhe ‘vermelho’ | PKC2C *kuʒi ‘violeta’ |
| pulga | BWN kuʒi-ʃa, YVT kutsi-ha, YNE kotʃo-pa, IÑP utʃi-pa-tʃa, YNX ot ^ʔ et ^ʔ | PKC *kuʒi |
| rabo | BNW -iiʒi-pi, YVT hili, CMK iʃi, WYU hisi, GRF ili, LKN/TRN ihi ‘rabo’; YVT isi, PRS etse ‘pênis’ | KCC/KCC wiʒ ^ʔ i |
| rato | YNE hokotʃa, WYU ko:ko:tʃeʔeri, PMGU *kotso, WRA mukuti | PKC *ukutʃa > KCC/KCA ukuf |
| rede/ descanso | YNX makoʔ, BWN hamakira, LKN hamaka, WPX zamaka, YVT amáiha, PIP/WRA amaka (cf. tb.: PARW *imaka ‘dormir’) | PKC *hamaku ‘descanso’, PKC *hamaj ‘descansar’; KCE amanka ‘rede’ (cf. tb.: PKC *hamaku ‘carrapato’) ³⁶¹ |
| REFL/COM | PARW *-wa ‘REFL’ | PKC *-wan ‘COM’ (cf.tb.: PKC2 *-wa ‘1.DAT’) |

³⁶¹ A relação semântica entre ‘rede’ e ‘carrapato’ estaria numa designação atributiva para ambos referentes, com o significado de algo ‘pendurado/ocioso’.

TABELA 74. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e kechua³⁶⁰

| | ARAWAK | KECHUA |
|---|---|---|
| roça/floresta | MRW kunuku ‘roça’; LKN konoko, WPX k ^h anuk ^h u, PRS koloho ‘floresta’ | KCQ/KCC k ^h unku ‘roça’ |
| ser humano/ corpo | MWY rina ‘corpo’; MNO irina-li, WRN atina-re ‘homem’; MWY rina-ru ‘mulher’; BWN φarina-wi ‘pessoa’ (cf. tb.: PARW *tina ‘carne’ > PNWK *-i?ina, MWY ka-dina, WPX -dinaa) | PKC *runa ‘ser humano’ |
| sim | AXN ari, MCG ario, NMT aro; IGN ani ‘assim’; YVT ani ‘então/3.S’ | PKC *ari |
| Sol | YNX zēt ³⁶² ; initiba ‘fogo’ | PKC *inti |
| Sol/Deus/ criador | YNE kam-tfi, YNX kamu-ekpe ‘espírito’; PARW *kami- ‘Sol’ > YVT kamu-ji, PRS kama-i, ENN kame, WRA kami, PNWK *kamu-i, WPX k ^h amuu, MWY kāmō, PLK kamuw; BNW kamárai, YNE po-kam-la-li, YVT kamu-naha-li ‘luz’ | PKC *kama-j ‘criar’, PKC *kamaq ‘criador/Deus’, PKC2 *kamatfiq ‘criador/Deus’ |
| superfície/ pele | PARW *mada ‘pele/casca’ > MWY/WPX mada, YNX pa?taɬ, YNE mta/pata, IÑP matja/patja, APR mata | PKC *pata ‘superfície/margem/cobertura’ |
| tabaco | PARW *çai-ri > IÑP çairi, YNE hajire, AXN jeri, MCG seri, PMOP *saβare, TRN/KNK jai, PLK ajri, APR awiri | PKC2C *çajri/*çawri |
| terra/mundo/tempo | YNX pats ‘terra’; YNX patser ‘mundo’; YVT hatsa ‘quando’ | PKC *patja |
| tio/sogro | MDW ka:ka, PMGU *kiku, MNO g ^h o:ko, WRK g ^h uk ‘tio’; PRS/ENN koko ‘tio/sogro’ (cf.tb.: PARW *kakin ‘pessoa’) | PKC2C *kaka ‘sogro/tio’, KCQ kaku, KCC k ^h aku |
| urubu | PLK isuw, BRE sovi | KCQ/KCC suwi-ntu, KCQ suwi-qara |
| vale/campo/ plantação/ folha | PARW *pana ‘folha/planta/plantar/campo’ > WRA pana, LKN bana, PLK -van, PRS ehana, LKN bana ‘folha’; PNWK *aapana, WPX p ^h auna, AXN pana, MCG pan-ki-ta ‘plantar’; YNX pampu-, BRE -pomba, WRA a-pana ‘semear’; NMT ban-gi ‘chácara’; YNX mopuen ⁱ , AXN oban, WYU apain ‘campo’; LKN bana ‘lugar’ | PKC *panpa ‘vale/campo’; PKC *panka ‘folha’ |
| VPS | PARW *-ka | KCW -ka |

4.2.1.4.1.11. Arawak e kwaza

Van der Voort (2005) aponta poucos casos de possíveis empréstimo envolvendo os kwaza e falantes de línguas arawak. Os dados apresentados na TABELA 75 demonstram que as relações de contato teriam sido relativamente intensas e teriam ocorrido com populações arawak de diferentes subgrupos.

³⁶² Termo usado na mitologia.

TABELA 75. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e kwaza

| ARAWAK | | KWAZA |
|-------------------|---|--------------|
| abóbora | LKN kodo | kudi |
| anta | RSG aḡoóǵí, PLK arudiki | ārūi |
| arara | BNW waaro, MWY/WPX waru | wero |
| barriga | LKN ite | ete |
| braço | BWN kauru | koro |
| cabeça | IGN -tʃuti | tsuti |
| cabelo | WPX -iʃi, YNE pitʃi; YNX etʃ, BWN -tʃi | eʃi |
| canoa | WPX k ^h anawa, MWY/YNE kanawa, IÑP anawa, PRS kanowa, LKN kanoa, WYU/AÑU anuwa | kanwā |
| céu/azul | PMGU *ani, BAR enu, BNW eenu, PLK en, ENN eno ‘céu’ | hanū ‘azul’ |
| coruja | BNW póopoli, YNX pompore? | bubware |
| costas | WPX -barai, MWY biri, RSG -váǵí; AÑU apare(n) ‘costela’ | -bari |
| erva/verde | MWY d̄ara, LKN d̄araʃiri ‘erva’ | dara ‘verde’ |
| feijão | PNWK *kumana, LKN kumata, WPX k ^h umaasa, YVT kumana, PLK kumat | kumaḍa |
| folha/erva | YVT hasi, BWN kati; WRA kahi ‘erva’; AÑU asii ‘flor’ | hesi ‘folha’ |
| macaco | BNW halo | hari |
| mosquito | MWY mitu, WPX misu | widodo |
| olho/ver | WPX -awin ‘olho’ | āwīi ‘ver’ |
| paca | LKN kolhi(-hi), WPX k ^h urii, GRF aguri; GRF suri, MWY aduri ‘cotia’; WPX aduri ‘paca’ | huri |
| pai | BWN iri | aha |
| pássaro | PARW *kudi- > BWN kutirai | outore |
| pé | LKN koti(-hi) | dikudji |
| peneira | LKN manalhi, ENN manalise, GNU mana:le, MHN mana | manari |
| periquito | BWN tʃuki, RSG tʃugíʔó, AXN tʃokijo | tʃukui |
| pimenta | PNWK *hatsi, LKN hat ^h i, WYU haʃi, BAR hati, GRF/MRW ati | hade |
| porco | LKN dodole, BRE tot, WYU tooo | duture |
| urubu | BWN wasikara | wāsī |
| vagina | LKN iʃi, MWY bitʃi | itʃi |
| veado | WPX aru | aʔū |
| vento | WPX/MWY awari | wiwirjī |

4.2.1.4.1.12. Arawak e leko

Embora Loukotka (1935) tenha observado semelhanças lexicais entre o leko e o aguachile, com os quais eles historicamente mantinham contato (Dudley 2009a, 2009b), ainda não há na literatura um estudo que tenha detalhado os possíveis casos de empréstimo envolvendo os leko e falantes de línguas arawak. Os dados apresentados na TABELA 76

demonstram que as relações de contato teriam sido relativamente intensas e teriam ocorrido, na realidade, com populações arawak de diferentes subgrupos.

TABELA 76. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e leko

| | ARAWAK | LEKO |
|--------------------|---|--------------------|
| anta | PARW *kema | kem |
| aranha | PNWK *heenui | henwai |
| arara | PNWK *waaru, WPX/MWY/IGN waru | awaru |
| arco | PNWK *jawi-t ^h a, YVT tsawituleli | tjavata |
| árvore | PARW *anda > WRA/YVT ata, LKN ada | bata |
| avô/pai | IGN atju, BRE -aʃok, MWY aɖu, WRA atu ‘avô’ | atfo ‘pai’ |
| cachorro | AXN/MCG otsi-ti, YNX otjek, YNE hojijoli; PRS hoje ‘porco’ | utji |
| chicha | AXN/NMA kasi-ri ‘picante’; PNWK *hatsi, LKN hat ^h i, WYU haʃi, BAR hati, GRF/MRW ati ‘pimenta’ | kat ^h i |
| cobra | IGN kitʃa+re, PNK keʃu+e (cf. tb.: PARW *kasiu- ‘jacaré’) | k’eso |
| dente | MHN/AXN/TRN kiri, CMK kulu, GRF i-giri ‘bico, nariz’ | bikiri |
| erva | MCG kataro | kat ^h a |
| espírito | CMK patʃitji | batji |
| floresta | PNWK *kanda-li ‘carvão’; WPX k ^h anda-ʔu ‘luz’; CMK ukaʔnale ‘iluminar’ | kanda |
| homem | WYU waju, AÑU aju, PLK awajg | waju |
| intestino | BRE -etis, PRS -enatjihi; YNE tjiile ‘pulmão’ | tisi ‘pulmão’ |
| irmã | AXN tjoeni | tjoa |
| madeira | YNE hahmina, INP xaamina, WPX at ^h amini ‘árvore’ | hamon |
| montanha | ENN otaj | wot ^h a |
| nome | CMK uhsi | us |
| paca | YNX jap | jap |
| pássaro | IGN kaju-re, TRT koj-re | katju |
| rede | BWN hamakira, LKN hamaka, WPX zamaka, YVT amáiha, PIP/WRA amaka | hamaka |
| semente | CMK ihki semente’, BNW -éek ^h e, TRN/KNK ake | heke ‘milho’ |
| Sol/estrela | AXN oria, MCG poreatsiri ‘Sol’ | polea ‘estrela’ |
| terra | AXN/MCG kipa-, PNWK *hiipa(h)i | hiba |
| vento | IGN tekatika-wa, TRT tektik-wo | diqrija |
| ver | AXN amena- | mini/min- |
| vila | WPX wiizai, MWY wese, IGN awasa | wes |

4.2.1.4.1.13. Arawak e macro-jê

Créqui-Montfort & Rivet (1913b) haviam citado alguns possíveis casos de empréstimo entre as línguas besiro e saraveka. Jolkesky & Baniwa (2012) demonstraram que existem, de fato, evidências de contato entre o besiro e diversas populações arawak circundantes, dos

subgrupos terena, mamoré-guaporé e guaporé-tapajós. Os dados estão apresentados na TABELA abaixo.

TABELA 77. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e besiro

| | ARAWAK | BESIRO |
|-------------------|--|-----------------|
| algodão | TRN nevoe, KNK newoi | naβo |
| aranha | IGN samatu, PAU samati, PAU ʃom | n-u-sama |
| arraia | BWN hiʃa, SRV iʃa, MCG/AXN ina-ro, PNWK *inatu-li | ina |
| avó | WRA -atsi, PMGU *-otse > IGN -ase | kiasi |
| pulga/bicho-de-pé | PMGU *kitu-re ‘bicho-de-pé’ > PAI itori; KXN hito, PNWK *iitsito ‘pulga’ | o-itori ‘pulga’ |
| cachorro | TRN tamūku, IGN tamuku | tamoko |
| canoa | IGN pakure, TRT -pokre | pokure |
| céu/dia | PMOX *ani ‘céu’ > MXJ ane | anene ‘dia’ |
| cobra | TRN koexoe, KNK koiʃoi, IGN kiʃa-re, PAU keʃu-e | oiʃoi |
| cobra | PAK kiβu-ra, BRE kiwo+r | bikibo |
| dente | PMOX *ɔ-ʔe | o |
| fígado | TRN/KNK apa:ka | pakaa |
| filho | PRS itjani, ENN -netani, PAI nitselo, MXJ iʃera | neʃar, neʃae |
| fruta | SRV eta-ri; WPX -ida, BWN idai, GRF ilai ‘semente’ | -ita- |
| madeira | BRE soi | sue |
| milho | PRS koθeto, ENN kodeto, SRV kozeheo | oseʔo |
| paca | SRV ekes | oki-ʃ |
| pai | PMGU *ija | ijai |
| pato | PMGU *pohi > IGN upahi, PAU upuhi, JOA paxi | tuβasi |
| pedra | MXJ ka-he, JOA ka-hi, PAI ko-hi (PMGU *-hi ‘CLS.porção’) | ka |
| pilão | PMOX *taku | taku |
| rabo | PRS iniho, ENN e-nihjo | nijo |
| raiz/casca | PMOX *pore ‘raiz’ | pore ‘casca’ |
| rato | BRE sijok, SRV siʃohoho | -o-ʃioko- |
| sapo | TRN h ¹ vo:vo, KNK wopo | oβoβo |
| semente | MWY iʃu, BRE eso | -ho- |

4.2.1.4.1.14. Arawak e macro-mataguayo-guaykuru

Mason (1946) aponta que os arawak do subgrupo terena eram historicamente oriundos da região chaquenha e têm mantido uma estreita relação histórica com populações do subgrupo guaiyuru desde o período pré-colonial. Jolkesky & Baniwa (2012) demonstraram que, além das referidas populações arawak, diversas dos subgrupos mamoré-guaporé e guaporé-tapajós

também teriam mantido contato com populações chaquenhas falantes de línguas da família guaykuru. Os dados estão apresentados na TABELA abaixo.

TABELA 78. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e guaykuru

| | ARAWAK | GUAYKURU |
|--------------------------|--|---|
| abelha | TRN oropa ro:ro, KNK oropa | KDW oloopa |
| aldeia | PMOX *awosa | PGKR * [?] wat [?] a > PQOM *awot |
| ariranha | TRN everexe, KNK ewerexe | KDW ewileŋe |
| asa | PMGU *poβo | PGKR *a [?] wa |
| barriga | PMOX *omi | PQOM * ^d dam > TOB da [?] ami; MOK ledam ‘umbigo’ |
| barriga/interior | BRE eti-(si) ‘barriga’ | PGKR *et ‘interior’; GCI i-et |
| barriga/pulmão | ENN nase, PRS natŋi ‘barriga’ | PQOM *-ati [?] ‘pulmão’ > MOK/TOB/PIL n-atŋi [?] /l-atŋi [?] |
| cana | PMGU *okute-nɔ > BRE kote-n, IGN akute-na | PGKR *-oq [?] ot [?] a |
| casca/canoa | PMOX *poku-re ‘canoas’ | PGKR * [?] rako ‘casca’ > KDW e-wago |
| chuva/humidade | PMOX *nono ‘humidade’ | PQOM nonot- ‘vento/chuva’ |
| cobra | PARW *owi > PRS/ENN owi; TRN/KNK kojfoi | PGKR *qowidi |
| comer | PMGU *niko | PGKR *e [?] liko |
| cutia | TRN anakihe | KDW lanaagiŋe |
| dar | ENN hani | PGKR *-an |
| dente | TRN/KNK o:ɛ, PMOX *oʔe | PGKR *owe |
| deitar/dormir | PARW *imaka ‘dormir’ > PRS emaka, BRE imo | PGKR *e(ʔ)ma ‘deitar’, GCI ama ‘dormir’ |
| farinha/pó | TRN ra:moko-na, KNK ramoko | PGKR *l-a [?] moqo ‘pó’ > KDW l-amogo-, MOK n-amogo-, TOB n-amogo- |
| filha/filho | BRE -hin, TRN/KNK ihine ‘filha’ | GCI ina ‘filho’ |
| flor/broto/árvore | PMGU *βoku ‘árvore’ | PGKR *awoqo ‘flor/broto’ |
| fogo/carvão | ENN horese ‘carvão’ | PGKR *-o [?] let ‘fogo/tiçã’ > KDW ok:edi |
| folha/erva | PMOX *poko-hi ‘folha’ | PGKR *p [?] okʔo(ʔ)djaqa ‘erva’ |
| frio | PMOX *tumama | TOB atom, MOK ʔom |
| homem/pessoa | PRS haliti | PQOM *ale |
| ir/vir | IGN -iteka, TRT -uteko ‘vir’ | PGKR *-t [?] ek- ‘ir, vir’ |
| ir/vir | PRS θane, ENN -lani ‘ir’ | PQOM *anag, abp aneg ‘vir’ |
| lago | TRN etarukure-na | KDW idelogole, MOK latogot |
| mão | PARW *-wahku > PLK -wak | PGKR *- [?] waqa > KDW waga, TOB waq, PIL owaq |
| milho/grão | PRS koθeto, ENN kodeto ‘milho’ | PIL kote ‘grão’ |
| morada/teto | PRS wenakalati/wenakali, ‘morada’; ENN hakolo ‘casa’ | PGKR *-iqela ‘teto’ > KDW igeladi |
| nuvem | ENN ŋiwā, PRS ʔimere | PQOM *si [?] we |
| pequeno/filho | ENN/PRS hare ‘filho’ | PQOM *-ale- ‘pequeno, filho’ |
| perna/pé | PARW *kihti > PRS kiŋi, ENN kiŋi ‘perna’ | PGKR *i-t [?] i > abp iŋi ‘pé’ |
| rabo/pênis | PRS iho-ti, BRE iho-s, ENN nihū | PGKR *iqote ‘pênis’ > KDW l-igodi |
| sangue | PMGU *iti, TRN/KNK iti | PGKR *-et [?] ek [?] e > KDW itike |
| tabaco | PRS aθiie, ENN aji, SRV atŋe | PQOM *-asiid-ek |

TABELA 78. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e guaykuru

| | ARAWAK | GUAYKURU |
|----------------------|-----------------------------|---|
| taquara/bambu | TRN/KNK e-takati ‘bambu’ | PGKR *t ^h aqat ^h e ‘taquara’ |
| unha | ENN n-otia, ENN n-ota/-ojti | PGKR *n-ate ‘dedo/unha’ > TOB/MOK nat/natji, ABP -n-ate |
| ver/perceber | PMGU *-imoʔɔ- ‘ver’ | PGKR *-emV ‘perceber’ |

4.2.1.4.1.15. Arawak e mapudungun

A partir das semelhanças apontadas por Payne (1984) e Croese (1989) entre o mapuche e línguas arawak, Díaz Fernández (2011) conclui que estas se dariam em virtude de uma origem genética comum. Entretanto, o mais plausível é que tais semelhanças sejam oriundas de reestruturação gramatical e lexical durante a etnogênese dos proto-mapuche, a qual teria envolvido a miscigenação de populações proto-proto-mapuche com populações amazônicas (de origens arawak e pano), andinas (de origem kechua) e costeiras (de origem mochika). A TABELA 79 apresenta os paralelos compartilhados entre línguas arawak e o mapudungun.

TABELA 79. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e mapudungun

| | ARAWAK | MAPUDUNGUN |
|------------------|---|----------------------|
| 1.s | AXN -na | -n |
| 2.s | AXN -mi | -mi |
| 3.s | AXN -i | -i |
| ácido | PARW *katsi > IGN katsi, KNK kotive, YNE/MCG katʃo | koʃʃi |
| avó/velha | TRT -otse, BRE -os, TRN/KNK o:se, LKN kit ^h i ‘avó’; LKN dokot ^h i, duk ^h uzji ‘avô’ | kuse/kuθe ‘velha’ |
| boca | CMK awana, AXN waan- | wiñ |
| bom | PARW *k ^h eime > MCG kame, AXN kameet ^h a, TRN komesa | kime |
| braço/asa | WPX -k ^h it ^h iða, MWY -ixiða, AXN/MCG ifivanki ‘asa’ | lipaŋ ‘braço’ |
| caminho | PARW *api > WYU opu, MCG abo-, YNE hapo | ripi |
| céu | YNX eno, YVT enu, PLK inu, AXN heno- | wenu |
| dormir | PARW *imaka > YNX -maʔ, CMK -mak, AXN -may, MCG -mag | umay |
| espírito | YNE kam-, YNX kamuekpe, TRN omixone, IÑP amahatiri, YVT amelami; IGN amitʃa ‘respiração’ | am |
| fígado | PARW *-bana > WYU/AXN pana, CMK ohpana | pana |
| Lua | ENN kaji, PLK kajg, BRE kiher | kijen |
| olho | PARA *uke > TRN/KNK u:ke, MCG/AXN oki, IÑP oxi- | ŋe |
| olho | MWY -ōšō, PRS eθotse, ENN -dose, WRA -uzutai, LKN kosi; YNE hoxi ‘rosto’ | uʃsin |
| pajé | NMA/MCG matsi, AXN matsinti | matʃi |
| pedra | PARA *k ^h iba > PLK tipa, LKN siba, WYU ipa, PNWK *hiipa, YVT siha | iθa ‘pedra de afiar’ |
| preto | PARW *k ^h uere > YNX k ^h el ^h -, LKN k ^h are-, AXN kisa-, IGN kiso- | kiʃi |

TABELA 79. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e mapudungun

| | ARAWAK | MAPUDUNGUN |
|----------|---|------------|
| testa | CMK tolo; MWY nohro ‘olho’ | toɫ |
| vagina | ENN akose-ti, KNK taukoti | kuʧsi |
| vermelho | PARW *kira > PNWK *kiira, AXN/MCG kiraa-, LKN kole- | keli |

4.2.1.4.1.16. Arawak e mochika

Na literatura não há estudos sobre contato entre populações de origem arawak e mochika. A TABELA 80 traz algumas indicações importantes de que teriam ocorrido contatos dos ancestrais dos mochika principalmente com os ancestrais dos yanexa e dos chamikuro.

TABELA 80. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e mochika

| | ARAWAK | MOCHIKA |
|----------------|---|---------------------------------------|
| abóbora | YNX om, CMK co:ma | tʃum |
| adulto | YNX poʔn | poŋ ‘CLS.pessoas/animais’ |
| águia | YNX zera | tʃelu |
| areia | MWY katʃi, WPX k ^h at ^h i | kotʃ/kotsu |
| balsa/casca | CMK iʃo:pa ‘casca’ | tu:p ‘balsa’ |
| barro/lodo | YNX atsets | çits |
| bicho-de-pé | YNX pekeʔ | pekse |
| cabaça | YNX ozot ^ʃ | lo:tʃ |
| caminho/mundo | YNX t ^ʃ on ^ʃ ‘caminho’ | tuni ‘mundo’ |
| casa/povoado | YNX an ‘povoado’ | an ‘casa’ |
| cinzas | YNX tsapuen ^ʃ | tʃep |
| cotovelo/braço | YNX ʎokim ^ʃ ‘cotovelo’ | okən ‘braço’ |
| criança | YNX tʃejaʔ | tʃiʃa |
| dente | YNX as (cf. tb.: YNX atʃ- ‘morder’) | ətʃaŋ/ətsan |
| dez | YNX tʃazaʔ | ç ^ʃ ət ^ʃ /tʃetʃ |
| dois | YNX epa | aput |
| espírito | YVT ame ^h .lami | amalaj |
| esposa | BNW tsinawi ‘esposa’; WPX zina ‘mulher’ | ʒonəŋ/sonen |
| fogo | YNX tsoʔ | ox |
| frio | YNX senet ^ʃ | tsan/tsen-sim |
| lagarto | YNX san ^ʃ ereʔ, MCG saniri | santek |
| lenha/carvão | YNX keʎmeʃ ‘carvão’ | ka:xmi ‘lenha’ |
| milho/grão | YNX -rets ‘grão para plantar’ | ers ‘milho’ |
| morrer | YNX zomu | xu:m/xəm |
| mosca | YNX atʃan | sen/sən ‘mosquito’ |
| nuvem/chuva | YNX os ‘nuvem’ | ox ‘chuva’ (cf. tb.: u:ts ‘garoa’) |

TABELA 80. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e mochika

| | ARAWAK | MOCHIKA |
|------------------------|-------------------------------------|---------------------------------|
| ouvir | YNX eʔmu- | nəm/num |
| ovo | CMK elo | meʎu |
| paca | YNX jap | xapa |
| pai | YNX/AXN apa | ep/ef |
| panela de barro | YNX peʎor ‘panela de barro grande’ | peʎu ‘vaso grande’ |
| pênis | CMK topi, AXN ʃibitsi | teb/tef |
| pescoço | YNX tʃenop, CMK tʃano, AXN tsanotsi | seŋke |
| piolho | YNX tʃeʃojeʔ ‘piolho de ave’ | tʃuʃuj ‘piolho de galinha’ |
| piolho | YNX oʃ (cf. tb.: YNX oʃeʔ ‘pulga’) | u:ts ‘piolho de galinha’ |
| raiz | YNX ertʃ | er/her ‘mandioca’ |
| sal | YNX pos/poʔjazɿ | pu/up; (cf. tb.: pur ‘salgado’) |
| sogro/pai | BWN iri, YVT ihi ‘pai’ | ikiʃ ‘sogro/sogra’ |
| testa | CMK tolo | ʃol |
| trazer | YNX et- | met ‘dar/trazer’ |

4.2.1.4.1.17. Arawak e mura-matanawi

Não há na literatura estudos sobre contato entre populações de origem arawak e mura-matanawi. Este estudo detectou um número razoável de semelhanças lexicais entre línguas dos referidos conjuntos, apontadas na TABELA a seguir. Tais dados demonstram que os ancestrais das populações falantes de línguas mura-matanawi participaram da esfera da interação da Amazônia Central, onde teriam mantido relações com diversas populações de origem arawak, principalmente com ancestrais dos falantes de línguas dos subgrupos branco, nawiki e tapajós.

TABELA 81. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e mura-matanawi

| | ARAWAK | MURA-MATANAWI |
|-----------------------|--|--------------------------------|
| 3.S.M | PARW *ri- | PRH hi/hi- |
| algodão | YNX bes | PRH piisi, MRA ipese |
| anta | PARW *kema > LKN/MRW/WRN kama | PRH kabatí/kamatí |
| anzol | LKN bodehe | MRA barihi |
| avós/dono | PNWK *i-minali ‘dono’ | PRH ʔibígaí/ʔimínaí ‘avô/avó’ |
| beiju/mandioca | MWY kasi, RSG kaçʃígí, LKN kʰali ‘mandioca’; WPX kʰaazʃi ‘batata-doce’ | MTN kofi ‘beiju’ |
| boca | MWY unau, BWN dau | MTN ɲaru |
| cabelo/pelo | PNWK *ʃii, WPX -iʃi, AXN iiʃi, MCG giʃi, YNX -eʃ | PRH ʔísiitáí (MRA itai ‘pena’) |
| canídeo | YMN jama ‘cachorro’; WYU izama ‘veado’; YNE jama ‘onça’ | PRH giaíbaí/niaimáí |

TABELA 81. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e mura-matanawi

| | ARAWAK | MURA-MATANAWI |
|------------------------|--|--|
| canoa | WRA itsa, BWN hiŋja, ENN iŋa, RSG hiŋtú | MTN izu |
| canoa | WPX k ^h anawa, MWY/YNE kanawa, IÑP anawa | PRH agawa/anawa, MTN arawa |
| carne | PNWK *ina > APR jine, ENN/PRS ene, PLK in; WRA minihiti | MTN ine, PRH ?igíhií/?iníhií |
| casa | PARW *pe > PLK pi | MTN pi |
| coração | KNK omeŋione, TRN omixone | MTN miŋi |
| costas | MWY idawi, BWN ina-ti | PRH ?igaó/?inaó; MRA ida |
| dente | LKN/GRF ari | MTN ari |
| estrela | PNWK *hiwirhi, WPX wiizi, BWN hiwiŋi | MTN wiŋi; MRA wese ‘sol’ |
| filho | PNWK *eeni | PRH hoagi/hoani |
| gambá/tamanduá | WPX jawari, LKN jawalhe ‘gambá’ | MTN jawari ‘tamanduá bandeira’ |
| homem | PNWK *i:nili ‘marido’, ENN ene | MTN igihi/inihi |
| homem/marido | LKN erethi ‘marido’ | MRA ireehĩ ‘homem’ |
| lua | WPX k ^h aiz, PLK kaig, PMGU *kohe > IGN kahe | MTN ka, PRH kaháí?áii, MRA kahaĩã |
| mão/braço | PNWK *kaapi, WRA -kapi-, AÑU aapi, WYU hapi ‘mão’ | MTN api, MRA ape, PRH ?apisi ‘braço’ |
| marido | MWY r-imesi, WRA -mezĩ, TRN imati | PRH ?ibaisi ‘marido’; MRA ibasi ‘esposa’ |
| nariz/dente | PNWK *hitaku ‘nariz’, YBA hida; WPX -idak ^h u ‘dente’ | PRH ?itaoi; MRA itawe |
| olho | LKN kosi, ENN dose, PRS eθotse | MTN tuŋi, MRA kuse, PRH kosi/xosi |
| pé | PRS kiŋi, ENN kiŋi, YNE xitĩ, IÑP χiŋi | MTN iŋi |
| peixe-boi | YMN hapina, PSE apina, WRN ɕabina, MRW apia | PRH pigáagi/pináani |
| peneira | ENN manalise, LKN manalhi, GNU mana:le, MHN mana | MTN manari |
| penis | WPX -t ^h ii, MWY si, WRA -ti | MTN i |
| pimenta/picante | WRA/MHN ai, PIP aaθi, GNU aaɕi | PRH ?aai |
| piolho/pulga | PNWK *iitsi-tu ‘pulga’ | MTN iŋi ‘piolho’ |
| rato | PNWK *hii-li | PRH hi?i |
| remo | WPX p ^h uura | MTN hura |
| terra | WPX imi?i | MRA bere, PRH bigi/mini |
| urucum | PRS ahi-te, ENN ahe-te | MTN ai |
| veado | YNX ma?njoz | MTN manjo |

4.2.1.4.1.18. Arawak e nambikwara

Mason (1950:284) e Eberhard (2009:26) mencionaram a possibilidade de ter havido influência de línguas de origem arawak respectivamente em sabane e mamainde, embora não tenham entrado em maiores detalhes. Há, de fato, um número importante de evidências de empréstimos lexicais entre línguas arawak e nambikwara. Dois conjuntos de paralelos foram observados: o primeiro, envolvendo diversas línguas arawak da Amazônia Central, destaca-se por conter termos reconstruíveis para o proto-nambikwara (TABELA 82); o segundo, por outro

lado, se caracteriza por uma situação de contato mais recente, envolvendo especialmente línguas arawak dos subgrupos mamoré-guaporé e guaporé-tapajós (TABELA 83). Tais dados apontam para uma longa história de contato entre populações dos referidos conjuntos, que teria se iniciado remotamente no período pré-colonial, em algum lugar da bacia do Baixo Amazonas.

TABELA 82. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e nambikwara

| | ARAWAK | NAMBIKWARA |
|----------------------|---|--|
| água | BWN huni, YNE honi, RSG hooní, MWY ūnī, PRS/ENN one | PNBK *(na)pāl ‘água’ > KTL ahül, MMD nahon, SBN pəl ‘rio’ |
| águia | MWY kokeba | SBN koke, MMD k ^h ok ^h i |
| avô | IGN atfu, BRE afok, PRS at’o, KNK oxu, MWY adu, WYU tuufi, YVT tusimi | LTD soh, KTL sūnu, MMD sūni |
| cabelo/pelo | PARW *iti > LKN iti, GRF idi, AXN biti; YNX -etf, MCG gifi, AXN iifi, YNE pit ^h i, IÑP pitfi, WPX -ifi, TRN ixexo, PNWK *-tfii; PNWK *-iiju; WPX -idi ‘pena’ | PNBK *ĩts |
| carne | PARW *ina > APR fini, WPX dinaa; MWY rina ‘corpo’ | PNBK *sīn |
| esposa/mulher | WPX zina, PMGU *etseno, TRN/KNK seno; BWN tsinawi ‘esposa’ | KTL -s?e?, MMD/LTD -te? ‘esposa’ |
| feijão | PNWK *kumana, LKN kumata, WPX k ^h umaasa, YVT kumana, PLK kumat | LTD/MMD kamat, SBN kamata, KTL kwāt |
| flecha/ponta | YVT huta-hi ‘ponta’ | PNBK *hau:t?l > SBN hot ‘flecha’ |
| floresta | PLK ahavwi | PNBK *tsaw?əin |
| folha | YVT hasi, BWN kati | PNBK *hatseih |
| gambá | LKN jawalhe, WPX jawari | MMD jawan, KTL ja ² wal ² u, SBN jowajli |
| garça | MHN wakala, WYU waala, WPX wak ^h ara, LKN wakar, PRS wakala, ENN makalo; YNX waka? ‘falcão’ | KTL wakālata, wakālu; SBN wakawlu; LTD waka: |
| homem/marido | PRS/ENN ena, YVT ena-mi, BAR hena-ri, GNU he:na-le, WRA eniza, YNE jine-ri, AÑU ei-tfi ‘homem’; KXN sina, PNWK *-iini-li, ‘marido’ | PNBK *en-t?i ‘homem’ > LTD en MMD ejn-?ni, KTL *in-t?i |
| homem/marido | BWN waitfa-ri, PNWK *watfina-li, WRN atina-re, WRK et’a-lo ‘homem’; YMN asiah ‘marido’ | PNBK *weitsāi ‘marido’ |
| lenha/cinzas | PARW *p ^h a(ne) ‘cinzas’ > MCG/AXN pane, ENN hone-hī | PNBK *hane ‘lenha’ |
| língua | *nene > ENN henene-hē, BRE -penene, PNWK *-enene; MPR -pi | PNBK *pəl > MMD hen?, KTL hel?, SBN pai:l |
| Lua | PARW *kahit ^h i > WNM/MRT g ^h eri, WRA kezī, YVT keli, KXN kesi, PSE kifī, PNWK *keeri | PNBK *h?elr |
| macaco | WYU hutfi, BWN hutfu, MWY offi, WRA kutsi, YNX ko?tf, MCG kofī-ri, AXN koşji-ri | PNBK *huts |
| machado | WRA epi, YNE hep-tfi, IÑP xapi-ti, BNW epi-tfi, RSG epfi-ts ^h i | PNBK *əip? > MMD ?eh, KTL eh?, SBN aipo |
| mãe | PLK -nag, MWY na, GRF da, WPX -da-ru, BWN hina, YNE/IÑP na-to IGN -en TRN/KNK e:-no | PNBK *naC |
| mama | LKN idiju, PNWK *-iini, BNW -finhitáko | SBN ilita |
| mandioca | WRA ule-i, WPX wainii, AÑU ii, WYU ai | PNBK *wylin? |
| mão/braço | WRA/MHN -wana, PLK -wan ‘braço’ | PNBK *wāt ‘mão’ |

TABELA 82. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e nambikwara

| | ARAWAK | NAMBIKWARA |
|---------------------|---|--|
| nariz | TRN/KNK oʔe, TRT oʔe, MWY u | PNBK *wi: > KTL wʔi |
| nome | PLK/GRF iri | KTL ɪʔi |
| nuvem/fumaça | PNWK *itsa, WPX iʃaʔizi; MWY isesi ‘fumaça’ | PNBK *wiCa |
| onça | IÑP junari, PRS ʃonare, AXN ʃaanari, KXN ʃarinari; GNU juna:li, MRT inari ‘canídeo’ | PNBK *jənal |
| ouvir/orelha | PNWK *hainaku, IÑP xanaho, YNE xnako ‘orelha’ | PNBK *nakat ‘ouvir’ |
| ovo/semente | BWN idai, WPX ida(i), GRF ilai ‘semente’; BRE na', MWY idé, YNE naxi, IÑP anaxiri, PLK -an, CMK elo ‘ovo’ | PNBK *nau ‘ovo’ > KTL nau, MMD nã:, LTD nã, SBN no |
| quati | PARW *kʰahpedi > WRA kapi | PNBK *kapiʔ > SBN kapiʔ, KTL kʰaiʔ (< PKTL *kahiʔ) |
| raposa | PRS wakare, AÑU wafare, KXN adzarae; PRS waʃolo, WRA awaulu, MHN awailu-kuma | PNBK *wai:ʃəl > KTL wajaʃi, SBN waijal, LTD wajn, MMD waikni; SBN wajulu |
| semente | PARW *aki > APR/AXN ki, YNE xi, CMK ihki, TRN ake, GRF igi, WYU -i, WRA -ti | PNBK *ki > KTL ki, TWD ke, SBN ʔi |
| sogro/tio | PARW *kuhko > YNE/AXN/PRS koko | SBN koko, KTL kūkanu |
| tabaco | PRS aʃiie, ENN aji, SRV aʃe; AÑU aʃita ‘fumar’ | PNBK *hʔəits |
| tamanduá | LKN waritidaj, BWN waritʃi, PRS waliitese ‘tamanduá’; BNW walʃitsʰi ‘gambá’; WYU walʃi, WPX warizʃu ‘canídeo’ | LTD/MMD walin- |
| tatu | MWY kapajja, WPX kapaʃi, BWN rabata, IÑP xiʃapari, KNK kopije, BRE kopir; MCG kapairiniro ‘gambá’ | SBN kapajla, LTD kownpajt, MMD kopait-, kapais- |
| urina | LKN dakan, WPX tʰatʰakʰa-n, BNW daka, AXG taka, PRS xokaha ‘urinar’ | PNBK *saʔkajlia |
| urubu | PRS olo-ho, GRF wadu-bi, TRN/KNK waru-tutu, WPX watʰu, RSG vatsóo-gi | MMD/LTD lo-h, SBN ulu-pa, KTL walu-hʔa, KTL walu-sʔu |
| vento | WRA isijã, IÑP xiʃima, YVT uwitsi, BVN witsi | PNBK *ʔit > MMD ʔis, KTL itti |

TABELA 83. Paralelos lexicais entre os conjuntos guaporé-tapajós/mamoré-guaporé (arawak) e nambikwara

| | ARAWAK | NAMBIKWARA |
|------------------|--|------------------------------------|
| algodão | PRS kono(he), SRV/ENN konohe | PNBK *kōn |
| amendoim | PRS waitse, ENN wase | MMD waikʰi, KTL waikki, LTD wajʔki |
| papagaio | PRS awlo | KTL āwɪʔu, SBN hawawlo |
| papagaio | IGN/WPX/MWY waru, PNWK *waaru | SBN walu |
| escorpião | ENN akola, PRS ʃakolokoa, CMK ahkolo, GRF aguru, PLK akuw, YNE heklo | SBN okola |
| floresta | PRS koloho, ENN olokoare | PNBK *haloh |
| intestino | PRS e-naji-hi, ENN e-nei-se | PNBK *kanai |
| jacu | PRS malate, BWN marati, BNW máre | SBN malasi |
| milho | PRS koxeto, ENN koreto | PNBK *kajāt |
| osso | PARW *(n)api > PRS/ENN -nahe | MMD/LTD nah |
| pedra | PRS sehali, ENN sajli | PNBK *tʔahʔli |

TABELA 83. Paralelos lexicais entre os conjuntos guaporé-tapajós/mamoré-guaporé (arawak) e nambikwara

| | ARAWAK | NAMBIKWARA |
|-----------------|--|---------------------------------------|
| pica-pau | PRS tolomaretse, MHN tuluma | SBN solu?, MMD taleum-ni |
| pica-pau | PRS ʰoʰotata, ENN totokuailiri, BRE tatase'e | MMD toʔtoʔ |
| pilão | PRS noʃi, ENN noʃi | KTL/MMD nũts, LTD no: ^h de |
| pomba | PRS wat'aha, WRA/MHN watapa | LTD wotah |
| porco | BRE tot, WYU too:lo | SBN doda |
| tamanduá | PRS tikore, TRN tikua | KTL tikaʔi |
| tatu | PRS alatase | KTL alata-su |
| tatu | PRS malola, ENN malulase, MHN malula | SBN mulula, KTL waluʔu, KTL walulata |
| vagina | ENN akoseti, KNK taukoti | SBN akoli |

4.2.1.4.1.19. Arawak e omurano

Na literatura não há estudos sobre uma história de contatos entre os omurano e populações de origem arawak. A TABELA 84 traz alguns casos e possíveis empréstimos lexicais envolvendo as referidas populações.

TABELA 84. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e omurano

| | ARAWAK | OMURANO |
|-----------------|--|---------|
| boca | BWN dau, WPX -ɖak ^h u | -rau |
| casa | BWN -ana, PRS ehana, YVT hana | ana |
| paca | YNX jap | japu |
| cachorro | CMK maʔna-li; PARW *mani-tʰi 'onça' | maratʃi |
| mosquito | RSG hanfitsó, INP χaniju, BWN haniju, PLK anij | sanja |

4.2.1.4.1.20. Arawak e pano-takana

4.2.1.4.1.20.1. Arawak e pano

Alguns autores têm relatado casos de contato entre populações pano e arawak (Chandless 1866, Créqui-Montfort & Rivet 1913c, Wise 1976, Valenzuela 2003 *apud* Fleck 2013:25). A TABELA 85 lista os casos de possíveis empréstimos lexicais envolvendo termos reconstruíveis para o proto-pano.

TABELA 85. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e pano

| | ARAWAK | PANO |
|------------------|--|--------------------------------|
| água | PNWK *huuni, YNE honi, BWN huni | PPAN *hi(n)i |
| batata-doce/cará | PNWK *kali- MCG kori, CMK keli, IGN kaere ‘batata-doce’; LKN k ^h ali, YVT ka ^l e-si ‘mandioca’ | PPAN *ka ^ɬ i ‘cará’ |
| beber | YVT .lija | PPAN *ʂia- |
| boca | MHN/WRA -kana-, PRS e-kana-tse | PPAN *hana |
| cabelo | YVT mau | PPAN *βo |
| canoa | YNX non ^t ɨ | PPAN *(n)ōti |
| carrapato | PNWK *kuupa-li, MHN kupa, YNE kop-li, IÑP upa-ri, GRF guba-ri | PPAN *hopoʂ |
| céu | BWN naitari | PPAN *nai ^ɾ |
| chuva | WYU huja, AÑU uuja | PPAN *oi |
| erva | WYU wiitʃi | PPAN *wasi |
| estrela | PNWK *hiwirhi, WPX wiizj, BWN hiwitʃi | PPAN *wis- |
| gente | PNWK *inawi-, ENN nawe | PPAN *(n)awa ‘gente estranha’ |
| irmão | BWN hatʃi, WPX -azj, TRN -ati | PPAN *hoʂi |
| lábio | MHN kiza, WRA -kiʒa | PPAN *k ^w iʂa(n) |
| milho | YNE/MXN ʃixi, AXN/MCG ʃinki, WPX mazj ^h i | PPAN *ʂiki |
| montanha | YNE mahka | PPAN *makaʂ |
| morder | YNX atʂ- | PPAN *(n)atiʂ- |
| não | YVT jama, WNM ʃama | PPAN *-(ja)ma- |
| nariz | PNWK *hitaku | PPAN * ^ɾ iʂaki |
| pimenta | YNX t ^l ots | PPAN *jotʃi |
| queimar | YVT hukua, BRE kowo, WPX k ^h a [?] awa | PPAN *koa- |
| raiz | MHN/WRA tapa, IÑP ataperi, IGN tapare | PPAN *tapon |
| tabaco | MWY tuma, WPX suuma, YNX jomats | PPAN * ^ɾ omi |
| tio | CMK ukohka, ENN koko, IGN ekuka | PPAN *koka |
| veneno | YNX amtsan ^l | PPAN *aʂ(an)- |
| vento | YVT uwitsi | PPAN *(n)iβiC |
| verde | PNWK *aapana, WRA pana, MCG opana, LKN bana, AÑU apana | PPAN *panã |
| vila | PNWK *jakalee | PPAN *jakat- |

4.2.1.4.1.20.2. Arawak e takana

Créqui-Montfort & Rivet (1921-23) detectaram um número considerável de semelhanças lexicais entre línguas das famílias takana e arawak, que fizeram estes autores argumentarem que as referidas famílias estariam geneticamente relacionadas, hipótese contestada por Mason (1950:219):

“Tacana was accorded independent status by the early authorities, Brinton (1891a) and Chamberlain (1913a). As a result of an exhaustive comparative study, Créqui-Montfort and Rivet (1921-23) put it under arawak (...). Coterminous with both Panoan and arawakan languages, the Tacanan languages show resemblances to both ; the resemblance to one should be genetic, to the other the result of borrowing. Morphologically, the resemblance is much greater with Panoan, a fact that should carry great weight for genetic connection. (...) Regarding the arawakan resemblances, since 25 Tacanan vocabularies are compared with 65 arawakan ones, a large number of fortuitous apparent resemblances would be expected; many of them occur in only one language; in many others the meaning is greatly changed.”

De fato, diversos destes paralelos são casos evidentes de empréstimo envolvendo línguas das famílias takana e arawak. A TABELA 86 expõe os possíveis empréstimo observados na presente análise. Vale destacar que muitos deles envolvem termos reconstruíveis para o proto-takana, o que indica que as relações entre as populações das referidas origens teriam se iniciado num período bastante remoto.

TABELA 86. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e takana

| | ARAWAK | TAKANA |
|------------------------|--|---|
| abóbora | AXN/MCG kemi; KNK/TRN kaame | PTAK *kemi |
| água | YMN/PSE uii, KXN uwi; PNWK *aa > AXG aabi, BNW -áawhia | PTAK *awi/*uwi |
| água/chuva | YNE hina, IÑP χina, KNB ina, WRK ida | PTAK *e-na |
| algodão | AXN ampe, MCG ampei, YNE wap ^h i, IÑP mepi, YNX bes; AXN/MCG mampetsa ‘linha’ | PTAK *wape-se > KVN/ARO/ESE wapehe |
| amarelo, maduro | MNO tawa-ti, BVN tewa-li, YVT tewa-mi, PNWK *heewa | PTAK *sawa |
| ânus/nádegas | AXN motookin; YNE moto, IÑP mututi ‘nádegas’ | PTAK *moto ‘ânus’ |
| asa/braço | PLK -hanpi; PNWK *a?na-pi ‘braço, asa’; YMN anapui, PSE anapue, WPX -anuḃa ‘braço’; BWN tanabi ‘pena’ | PTAK *nabai ‘asa’ > TAK/RYS e-nabai |
| astro | YMN waniu ‘Lua’ | PTAK *badi |
| barriga | MRW ati, KNB s-ato, MWY juḃari, WPX -t ^h uḃa ‘barriga’; MWY juḃa ‘intestino’ | PTAK *tu- > TAK e-tu; KVN e-tuba ‘abdomen’ |
| batata-doce | PNWK *kaliri > KBY kariri; LKN halit ^h i, MCG koriti | PTAK *hariri |
| braço | PNWK *p ^h ai ‘asa, pena’ | PTAK *e-bai |
| carangueijo | AXN oshero, CMK mahcelo, BNW tiido | PTAK *zeru |
| carvão/fogo | PNWK *i-tsjai > BNW tiidzee, ARU disi, MRW irisi, MCG tsitsi, MXN tjitji, IÑP titi ‘fogo’; YNE tjitji ‘lenha’; WRA tizaka ‘atear fogo’ | TAK tiḃe, ARO tesi ‘carvão’ |
| casa | PRS hati, ENN haite IGN/TRN peti, PLK pajt, APR ipiti | PTAK *e-te > TAK e-te, e-ti ESE, RYS/ARO e-tai, *e?e |
| cinzas | sima (lenha) (guajiro, wapishana-moxo) PRS initima, LKN hime, WPX -zim ‘fogo’; YNE hitjima, GRF fleme, BWN tsimabita ‘lenha’; IGN tsimapa ‘cinza’; AXN tsimenkito ‘carvão’ | TAK/ARO timo; KVN tiki-timo ‘tição’ (PTAK *timo ‘fogo’) |
| cipó | PNWK *hepepi > KBY pepi, PIP ibapi; PSE apepue, KXN epapi | KVN papi |
| costas | PNWK *pa?rai, AÑU apare, BAR bada, PRS e-halate ‘costela’; MWY biri, WPX -barai ‘costas’; WNM pare, MRW apana ‘coração’ | PTAK *e-pare ‘costela’ |

TABELA 86. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e takana

| | ARAWAK | TAKANA |
|--------------------------------|--|--|
| dente | PARA *ahtse > BNC aji, YVT eli, MCG aitsi, PSE see, WRK -dze | PTAK *-tse |
| dormir | WPX da?awi-, MWY tōwē; BNW -aawhéeta, BWN hawecawa 'descansar' | PTAK *tawi |
| excremento | PNWK *i-tsu, IPR some 'ânus', TRN -omi 'barriga' | PTAK *e-dumi |
| pajé | WPX marinau, KRI marinawi, MNO mali, PNWK *mali- | PTAK *maru |
| fígado/barriga | PRS i-takore 'fígado'; PRS i-tako, ENN -tako- 'barriga'; BRE t̥jako- ki 'peito'; RSG -ii?jákó 'intestino' | PTAK *takwa 'fígado' |
| fogo | PLK tiket, LKN ik ^{hi} , AÑU jiki, GNU t̥je:ke; WYU siki 'fogo/lenha'; BAR itik ^{hi} 'lenha' | PTAK *tiki |
| fogo | YVT kali, WPX t ^h ik ^h azi, PRS irikati, ENN eriketi; CMK kaht̥ji 'lenha' | PTAK *k ^w ati 'fogo/lenha' |
| garganta | YMN larapui, PNWK *nuuru, WRN nori, LKN noro, WYU nuu | PTAK *nara |
| gordura | PNWK *-i-?itsi, YNE -t̥ji, APR -it̥ji, MWY -iti, WYU aisi | PTAK *e-tsei |
| interior | BAR uku, KWX tsukui 'dentro'; PNWK *-u?ku-, PLK -duk, BAR duk ^h u, ARU duku, WPX -duk ^h uridi, WRK tukuka 'peito' | PTAK *duku |
| mandíbula/onça | PNWK *jawi 'onça' | PTAK *jawi 'mandíbula' |
| matar/morrer | YVT/BVN ma, PLK umah 'matar'; MPR mawa, WRK maka, PNWK *maanalii, MWY mawde, WPX mauwak ^h a 'morrer' | PTAK *ma- 'morrer' > *ma-no, KVN ma-ho |
| milho | AXN/MCG jinki, YNE/MXN fixi WPX mazik ^{hi} | PTAK *d̥jihe |
| mosquito | BRE ni?, PLK anij, AXN t̥sigi-to, MCG tsii-to | PTAK *di?i |
| olho | PNWK *i-dhui | TAK e-tua, MAB e-t ^h oa, ESE e-toha |
| orelha/ouvido | IGN -t̥jaka, BRE -ifako, YNE xnako, YBA tehe, MRW etaki, WRN - take, MNO teki, WRK taketu 'orelha' | PTAK *ed̥ja-ka 'ouvido' > TAK iraha, MAB it ^h aha, KVN ihaka, ESE jaha |
| pedra/terra/ barro | WPX imi?i AÑU mmo, WYU mma, MRT ipai, WNM ipai, PNWK *hiipahi, YNE xipaf̥ji, APR kipaf̥ji MWY Jimari, TRN/KNK mari:pa, 'terra'; IGN/TRT mari 'pedra' | PTAK *me(h)i > TAK meri, ARO mezi, KVN met̥ji, ESE meji 'terra'; KVN mei 'barro'; ESE mei 'pedra'; KVN mehi-hi 'areia' |
| peixe | TRN h ^o :e, KNK ho?e | PTAK *sae > KVN hae ~ ha?e |
| perna/pé | MNO -taa, MRW -itaba, YNX -tak 'pé'; PNWK *-tanhi 'base/perna'; PNWK *-tawana, WPX -t ^h aŋa?i 'perna' | PTAK *-ta 'perna' |
| pescoço/rabo/ pênis | IÑP ipiti, YVT hili, BVN pi̥si, CMK ifi 'rabo'; APR pit̥ji 'pênis'; BAR ihibi, GNU libi, APR jipi, PNWK *iitsipi > KBY tipi, WRK sipi 'rabo'; AXN -jibi-, MCG -jivu- 'pênis' | PTAK *tipi/*piti 'pescoço' |
| pomba | PNWK *hutuku-li, BWN hudukukui,, CMK puhtuku, PRS watiáha | ARO wodoho, TAK waituku |
| privativo | PARA *ma- | PTAK *-ma |
| rosto | GRF igibu, LKN sibo; PLK -dep, WYU -ipou 'testa' | PTAK *e-bu |
| seco/Sol | YVT ka-muli, PNWK *ka-mui 'Sol' | PTAK *muri 'seco' |
| semear, plantar | PNWK *-aapana > PIP/WRK -bana, KBY -pana; WRA a-pana, AÑU apinaa, MRW abuna, RSG -apánú | PTAK *bana |
| semente/ovo/ fruta | BNW -éek ^h e, WPX/APR -ki; MWY -ika 'semente/fruta'; WPX -aka, KBY -jaka 'fruta' | PTAK *e-ka 'ovo'; PTAK *e-kaka 'semente' |
| tio | PRS/ENN koko, CMK ukohka, IGN -ekuka | PTAK *kuku |
| um/outro | PARA *ba > MPR piau, KXN pela, YMN, ap ^h iáa, PSE apeala, WPX baida?apa | PTAK *pea- > TAK/ARO peada, KVN peadja |

4.2.1.4.1.21. Arawak e puinave-nadahup

A partir da observação de Rivet & Loukotka (1952) de existirem paralelos entre as línguas das famílias nahup e arawak, Martins (2005) buscou dar sustentação à hipótese de que haveria uma relação genealógica entre as referidas famílias. Tal suposição é insustentável pois parte significativa dos paralelos existentes corresponde a termos da flora e da fauna e inexistem elementos gramaticais reconstruíveis compartilhados pelas referidas famílias. Entretanto, há, de fato, um número considerável de empréstimos lexicais entre línguas das famílias puinave-nadahup e arawak (principalmente dos subgrupos negro-branco e negro-putumayo), que apontam para um longo processo de interação envolvendo os referidos conjuntos, iniciado em tempos bastante remotos.

TABELA 87. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e puinave-nadahup

| | ARAWAK | PUINAIVE-NADAHUP |
|-------------------------------|--|---|
| abacaxi | MDW mawali, PSE mawarila, GNU mawali, BAR mawahauli, CMK mawuli | PNDH *bāwāt? |
| açai | PNWK *manak ^h a-i, MRW/PSE manaka, BWN mana?a | PNDH *bādāk? |
| algodão | PNWK *tsaawa-li | PUI sawan |
| algodão | KXN kawari/kewari, WRK kawali | NDB kawad |
| animal de grande porte | YMN jama ‘cachorro’; YNE jama, PSE jame, KXN ḡamari ‘onça’; LPC ḡama ‘anta’ | PNDH *jā?āb ‘onça’ |
| boca | RSG no, LKN no-roko | PNDH *dōh |
| boto | PNWK *munia | PUI muña |
| boto/jacaré | PNWK *hamana, BWN amana ‘boto’ | PUI hāmnā ‘jacaré’ |
| braço/mão | KXN nabi/napi | PNDH *dē?bōh > HUP dā?pūh |
| cabeça/olho | YMN nuhla, PSE niuhla ‘cabeça’; MWY nohro, KWX nohlo ‘olho’ | PNDH *dūh ‘cabeça’ |
| capivara | PNWK *keetsu, BWN kasu, TRN evakatju | PKAK *ketju? |
| caxiri | PNWK *jalak ^h i, BAR jaraki, MWY jaraki | NDB jaraku?, DAW lāk |
| cobra | PARW *pi | PUI pīn |
| cujubim | PNWK *kundui, KXN kotjowi, CMK koṣoji, MHN kujij | PNDH *kujij? |
| F | PARW *-ru > PNWK *-ru | PNDH *-ruṣ |
| farinha | RSG peegi | KAK bektji |
| farinha | PNWK *matjuka, BAR matjuka, YMN/MRW masuka | NDB mājo:k, DAW juk |
| fígado | PARW *uh-bana > BNW -xó-pana, YNE ho-pna, CMK oh-pana | PNDH *hōh |
| flor | WPX -suusu | PUI suksu |
| fogo | PLK tiket, BAR itiki, GNU tje:ke, WPX t ^h ik ^h a-zī, MWY sika-ri, AŃU jiki | PNDH *tegr > NDB tr:g, hup tēg, YHP tēg |
| folha | BWN katī, YVT hasi; GRF sagadi, MHN/WRA kahi, kats-li ‘erva’ | PNDH *k’āti |

TABELA 87. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e puinave-nadahup

| | ARAWAK | PUINAWE-NADAHUP |
|----------------------|--|---|
| fruta/semeste | PNWK *iinda, MRW odawinu 'fruta'; WPX ida, BVN ina, BWN idai 'semeste' | PKAK *da? 'fruta' |
| galinha | PNWK *kalaka, PSE/WRN/BAR karaka, BWN kalaka | NDB kara:k, DAW lakāh |
| garça | WPX wak ^h ara, PLK wakar, PRS/MHN wakala, MHN wakala, WYU waala | NDB wokaar |
| iguana | RSG maaja?o | KAK bāja |
| jacaré | BWN hatu-ri, BAR hadu-li, WPX at ^h u-ri, KWX ao-ri | PNDH *xāti > HUP hāt, YHP hāt |
| japu | PNWK *tu:wi-li, KXN dowi | PNDH *t'úp |
| lago | PLK karij, PNWK *kalitsa, WPX k ^h arijii | NDB karija?a? |
| mãe | PMGU *eno, AÑU een, AXN ina, TRN/KNK e:no | PUI in, PKAK *in, PNDH *in |
| mamão | BWN/MDW/GNU mapaja, BVN mabaja | NDB mapah, PUI mapaja |
| mel | PARW *maba 'mel/abelha' | NDB mabaah |
| milho | PNWK *kaanhai > BNW/AXG kaana | PUI kan |
| noite | AÑU ajip, MWY tībadi, YNX tsap, ATR t̄japtan, PNWK *ndaipi > BNW deepi | PNDH *t̄'ɣpa > NDB t̄ɣm, DAW t̄fem, HUP/YHP t̄'ɣb |
| orelha | WNM hui | DAW nūhūj; PKAK *hui, PUI hui 'ouvir' |
| paca | PARW *lapa > PNWK *ndaapa | NDB da?pa:? |
| pássaro | BNW wiip ^h iaro | PUI wip, KAK øebe? |
| pássaro | PARW *kudi- > PNWK *ku?i-pira, PLK kuhi-vra, LKN kodi-bio | PKAK *ki?ih |
| paxiuba | PNWK *puupa | DAW pūp |
| pé | PNWK *hi?ipa, WPX -k ^h idība, INP χit̄jīpa, GNU zi:pe | PNDH *t̄'ɣi:bo > HUP t̄'ɣib, YHP t̄'ɣib |
| pedra | PNWK *hiipa, GNU zi:ba | PKAK *hee |
| peneira | PNWK *dupit̄jī | NDB napiɕ |
| peessoa | PNWK *winaiwi-ki > BNW inewi-ki; ENN nawe | PKAK *dēwe |
| piolho | KWX napi | PNDH *dábi |
| piranha | PNWK *umai (bare) | NDB amai |
| quati | PNWK *kapitsi, YMN kapihe, KXN kapi | NDB kabɣ? |
| raiz | CMK ihtif̄i, WPX itif̄iba?i | PNDH *t̄if̄ |
| remédio | PNWK *tapee | NDB tabi:d |
| sapo | BNW toróro, RSG todo-, YNE tolox-ri | PUI tolo |
| surubi | PNWK *kuli-li | NDB kurid |
| tateto | PNWK *jamu | NDB jamōg |
| testa/olho | AÑU ou, WYU ?u, BWN -nau 'olho' PMOX -no?u 'testa' | PUI u 'testa' |
| trovão | PNWK *eeno | KAK ?ēdo? |
| tucano | KXN t̄jak ^w e, PLK jawk | PKAK *t̄jak ^{w?} et |
| veado | YVT matahiju, BAR malahaju, BNV mala:aju, GNU mala:ju | NDB marajo |

4.2.1.4.1.22. Arawak e taruma

Farabee (1918) e Rivet (1924b) consideraram os taruma uma etnia de origem arawak em virtude de certas semelhanças culturais e linguísticas existentes entre os referidos conjuntos. Curiosamente, tal hipótese já havia sido descartada por Schomburgk (1845), e foi, de fato, também rejeitada por Loukotka (1949). Deste modo, as semelhanças lexicais apontadas na TABELA a seguir são, quando não fortuitas, unicamente decorrentes de relações de contato.

TABELA 88. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e taruma

| | ARAWAK | TARUMA |
|--------------------|---|---------------------------------|
| abóbora | GRF wejama, WPX k ^h auwiam, YVT uwijama; LKN aujama ‘cabaça’ | awajama |
| algodão | MWY molu, GRF mouru, PLK mawru | mulu |
| arara | WYU kalekale, PNWK *koliko-li, YVT kulikuli | karikari |
| arco | PNWK *çawi-, YVT tsawituleli | tçaika |
| arco | WPX sumara | kobara |
| argila | IGN apake?e, TRN poke?e | pakiçaku |
| argila | BNW káli, YNE kahli | kuline |
| barriga | RSG -ii?jáú | awitçu/awitça |
| barro | YNE jpoti, YNX pats, RSG hípohí | jipetu |
| batata-doce | GRF mabi | açi |
| bicho-de-pé | BNW -híita | gida |
| cabaça | BRE tikorie?, YNE tso!a ‘abóbora’ | golie |
| capivara | BWN kasu, TRN evakatçu | kase |
| céu | WPX auk ^h azi, MWY ekari | k ^w azekatçe |
| cheirar | BNW ehweko | imeka ‘fedido’, wiki ‘cheiroso’ |
| chuva | BNW fidza, WYU/GRF huja | çuza/huza |
| corda | YNE hotsali, MCG otsa, YNX yoz | wuda |
| costas | LKN aboroko, WPX -barai, MWY biri | abara/abora |
| cotovelo | WPX -p ^h ut ^h uri, MWY çatçuri | paçuri |
| coxa | BNW -kóts ^h i, YVT kutsu, ENN hōse | kəjowo |
| dente | MCG aitsi, CMK ahsi, YNX asots, -as | aso/asee |
| dormir | PARW *imaka > APR maka | mak ^w açi |
| estômago | YNE hisati | hisu |
| estrela | PNWK *hiwirhi, WPX wiizi, BWN hiwitçi | wire |
| formiga | LKN harakuli | ataku |
| homem | RSG atságí, BNW atsían-li | çasi ‘marido’ |
| ir | WPX mak ^h u-n | maku |
| jacaré | BNW káts ^h iri, BRE kahire | hiri |
| joelho | LKN ukuru, WPX -k ^h uduru, MWY kuduru | urukudu |
| lagarto | RSG kó?oogí | kure |

TABELA 88. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e taruma

| | ARAWAK | TARUMA |
|----------------------|--|-----------------------------------|
| levar | GRF aniga | duha |
| língua | BRE epen, AÑU aweja, CMK menu | nebena/mebena |
| macaco | WPX ruumi, MWY dumi, BWN humi | rumi |
| macaco | WPX wisa | k ^w isa |
| machado | BNW tsiipale, BWN atjibai, WPX ʔbaru | bade |
| mão | WRA -kapi-, AÑU aapi, WYU hapi, GRF uhabu, WPX -k ^h aʔi, IGN -waʔu | aʔu/ahu/aʔu |
| minhoca | WPX p ^h azaru | pararu |
| morrer | GRF ouwe | ʔ ^w i/h ^w i |
| nádegas | MHN jezeti, WPX -duzun; INP tʃiχiti ‘fezes’; BRE -etis ‘intestino’ | ɕisi |
| nome | BNW -iipítana | djipi |
| olho | BNW -t ^h i | atʃi |
| orelha | LKN dike, GRF arigei | asikiɕu |
| ouvir | BNW -híma, YNE xema, MCG kema, BWN kimitʃa | kíma |
| ovo | WPX dani, GRF en, PLK -an | ɕani |
| panela | YNE himati, INP χimatʃi | ibaɕu |
| pato | WPX ɖai, INP χupai, BRE poej | bai |
| pé | WRA -ki-tsapa, MWY tʃaba, WPX -t ^h abaʔi, AÑU apije; YNX tʃap ‘perna’ | apa |
| pedra | AXN mapí | ape |
| peito | WPX -duk ^h uri-, PLK -duk | duku |
| pelo | WPX -iʃi, MCG -giʃi- YNX -etʃ; MWY ixíba ‘pena’ | itʃipi |
| pênis | BWN sai, WPX -t ^h ii, MWY si, WRA -ti | sí |
| perna | WRA kati | kadiro ‘canela’ |
| porco-do-mato | RSG hapítsú | hizu |
| pulga | WPX k ^h uwaíba, PLK suw, LKN k ^h ajaba, WYU hajapa | kuwaba |
| rã | WPX k ^h íbaru, BNW híparo, LKN sibero | baru |
| rabo | WPX -d ^h iu, WRA íʔu | aɕuwa |
| raposa | ATR dín ‘canídeo’ | dani ‘onça’ |
| roupa | YNX zom ‘pele’, BRE tʃom ‘id.’ | dumena |
| sal | WRA ihíwi, PNWK *híwi > RSG híwi, RSG íví | hibi ‘salgado’ |
| sapo | IGN/TRT tʃiriri | ɕiriri |
| sogra | BWN -mairu, WPX -imaizu | aʔiku |
| tabaco | YNX jomats, WPX suuma, MWY tuma | suma/tuma |
| trazer | WRA a-t-uwa-ta; YVT tawata ‘levar’ | duhwā |
| urucum | PNWK *p ^h i:li | ʔure |
| veado | RSG keéʔsé, PLK jit, MWY kiseda | hitʃi |
| ver | RSG -ts ^h éní | tʃē |
| vermelho | IGN/BRE/TRN iti, KXN itsi, WPX izai, LKN it ^h i ‘sangue’ | hixi-/itsi- |
| voar | WRA ala, BNW -áara, IGN -ara, YNX an- | hana |

4.2.1.4.1.23. Arawak e tupi

Na literatura praticamente não há estudos que tratam da história de contatos entre populações de origem arawak e tupi. Ramirez (2001:32-33) aponta alguns casos ocorridos na região do rio Negro e Seki (2011:77) apresenta alguns casos ocorridos na bacia do Alto Xingu entre o yawalapiti e o kamayura. Os resultados apresentados na TABELA 89 demonstram que tais relações envolveram principalmente populações tupi-guarani, mas também aponta evidências de que os contatos teriam ocorrido com outras populações falantes de línguas do subgrupo tupi nuclear (munduruku, juruna). Há alguns paralelos indicam a possibilidade de que estas relações de contato teriam se iniciado num período próximo da coalescência, provavelmente motivado pela imigração desta população para o Baixo Amazonas desde a vertente direita do Alto Madeira (atribuído por diversos estudiosos como território de origem dos proto-tupi).

TABELA 89. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e tupi

| | ARAWAK | TUPI |
|---------------------------|--|---|
| abacaxi | YNE/MXN hanna, IÑP χanana, LKN nana, BWN ranana, TRN ɲaɲa | PTPG *nana |
| abóbora | PLK juluma, BWN əurumu, BNW joromo | PTPG *jurumu |
| aldeia | BWN tawa; WPX -dap ‘casa’ | PTPI *tʔap ‘teto’ > PTPG *taβ ‘aldeia’ |
| algodão/ corda | TRN/KNK mareso | PTPG *aminiju > AST aminiso, GRN maniɕu, CRG maniju |
| árvore/galho | GRF ubura-i ‘galho’ | PTPG *iβir-a ‘árvore’ |
| balsa/canoa | WRA itsa, BWN hiɬa, ENN ifa, PNWK *hiita ‘canoa’ > BNW ita | MUN itapa ‘balsa’ |
| cabaça/prato | PMOX *kuruɬo, WYU kuɬia ‘prato’ | PTPI *kurua ‘cabaça/prato’ |
| caramujo | KXN urua | PTPG *urua |
| casa | LKN tokai, GRF dugai, KNK owoku | PTPG *ok-a, STM/AWT ok, PRB oka |
| coruja | WRA mulukuhi, BRE monoki | PTPG *orokore?a |
| cujubim | PNWK *kundui > WNM kutɬui, WRK kubui; KXN kutɬuwi, MHN kujij, YWL kui?ui | PTPG *kujuwi |
| dente | PARW *ali > LKN/GRF ari, WYU ali, YVT eɬi, BWN hahi, AÑU ai, MCG ai-tsi, AXN ai-ki, PLK ai-bu PMOX *ɔʔi, TRN/KNK o:i- | PTPI *āi > PTUP *j-āi, KUR l-āi, STM i-āi, JUR āi, PTPG *t-āi > CRG hāi, PRT hahī |
| feijão | PNWK *kumana, LKN kumata, PLK kumat, WPX k ^h umaasa, YWK kumanawi | PTPG *kumana |
| filho | WRA -tāi, WPX -ɖani, LKN ait ^h i YVT taintani, ENN -netani | PTPG *t-air > GRN taʔi |
| fogo/madeira | WRA ata, PRS atia, YVT ata, LKN ada, BRE as ‘madeira’; MWY atfa ‘árvore’ | PTPG *ata, MDR aja, AWT aza ‘fogo’ |
| fruta | WRA -ta-i, IGN ta-ʔi, TRN ha-ʔi; WPX ida-i, BWN ida-i, GRF ila-i, IGN ta-ki, TRN a-ke ‘semente’ (PARW *ki ‘CLS.semente’) | MUN -d-a ~ t-a, PTPG *-ʔa; PTPG *ts-aʔij ‘NCONT-semente’ > GRN t-aʔij CRG h-āi |
| garça | PNWK *maali, BVN/YVT maali | PTPG *mawari |

TABELA 89. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e tupi

| | ARAWAK | TUPI |
|---------------------------|--|---|
| jacaré | MHN/WRA <i>jaka</i> , GRF <i>agare</i> , ENN/PRS <i>jakare</i> | PTPG * <i>jakare</i> |
| Lua | WYU <i>kaʃi</i> , WRA <i>kezi</i> ‘Lua’; TRN/KNK <i>kase</i> , YNE <i>tkaʃi</i> ‘Sol’ | MUN <i>kaʃi</i> ‘Sol/Lua’ |
| marido | PMOX *- <i>ima</i> , TRN/KNK <i>ima</i> | PTPG * <i>i-men</i> ‘NCONT-marido’ > GRN/CRG/ACE <i>ime</i> |
| milho | GRF <i>awasi</i> , BWN <i>awatʃi</i> , BAR <i>awati</i> | PTPG * <i>aʃati</i> |
| mosquito | LKN <i>marhio</i> , GRF <i>marin</i> , WYU <i>meli</i> | PTPG * <i>mariwi</i> |
| neto | TRN/KNK <i>amori</i> , IGN <i>amari</i> | PTPG * <i>emirirõ</i> > CRG <i>h-amarõ</i> |
| ninho/casa | PRS <i>hati</i> , ENN <i>haite</i> ‘casa’ | PTPG * <i>ts-aiti</i> ‘NCONT-ninho’ > CRG <i>h-aiti</i> , GRN <i>t-aiti</i> |
| ovo | KXN <i>tsopia</i> | PTPG * <i>ts-upiʔa</i> |
| pai | BRE <i>iron</i> , YNE <i>hiri</i> | PTPG * <i>iru</i> |
| pato | WRA/MHN <i>upi</i> , LKN <i>ipa</i> | PTPG * <i>ipek</i> > GRN/CRG <i>ipe</i> |
| peixe | YNE/MCG <i>ʃima</i> , YVT <i>simasi</i> , MWY <i>atimar</i> , PLK * <i>himo</i> , LKN/WYU <i>hime</i> , PLK <i>im</i> | MDR <i>aʃima</i> (cf. tb.: PTPG * <i>tʃim</i> ‘liso’) |
| pimenta | YNE <i>komli</i> , IÑP <i>umari</i> | GRN <i>kumari</i> , SRO <i>kiãambari</i> |
| pimenta | PNWK <i>áatti</i> , WRA <i>ai</i> , WYU <i>haʃi</i> , LKN <i>atʰi</i> , GRF <i>ati</i> | MUN <i>aʃi</i> , KKM <i>aʃi</i> |
| poeira | WRA/MHN <i>timuu-kai</i> | PTPG * <i>timur</i> |
| raiz | PARW * <i>ata-pa-le</i> > PMOX * <i>tapõ-re</i> , IÑP <i>atape-ri</i> , WRA/MHN <i>-tapa</i> , ENN <i>teha-re</i> , YVT <i>taha-li</i> | MDR <i>t-abũ</i> , PTPG * <i>ts-apo</i> ‘NCONT-raiz’ |
| raposa | WRA <i>awaulu</i> , IÑP <i>awere-tʃi</i> , GRF <i>ounli</i> , BWN <i>awatsi</i> | PTPG * <i>awara</i> |
| rato | LKN <i>kolhi-hi</i> , WPX <i>kʰuri-i</i> ; GRF <i>aguri</i> ‘cutia’ | PTPG * <i>akuti</i> ‘cutia’ |
| rato/gambá | WRA <i>mukuti</i> ‘rato’, PLK <i>bukutru</i> | PTPG * <i>mikur</i> ‘gambá’ |
| rosto | TRN <i>ho:vo</i> , KNK <i>hovo</i> | PTPG * <i>ts-oʃa</i> ‘NCONT-rosto’ > KPR <i>huwa</i> |
| sal | BWN/MRW <i>jukira</i> , TRN <i>juki-na</i> , KNK <i>juki</i> , YVT <i>jukira</i> | PTPG * <i>jukir</i> |
| seio | WRA/MHN <i>-hĩ</i> | MDR <i>-kĩm</i> , PTPG * <i>kam</i> |
| taquara/ bambu | TRN/KNK <i>e-takati</i> ‘bambu’ | PTPG * <i>takʷar</i> ‘taquara’ |
| tamanduá | PLK <i>tamanwa</i> , WPX <i>tamanawa</i> , MHN <i>tamajua</i> | PTPG * <i>tamanuʔa</i> |
| tatu | PLK <i>tat</i> | PTPG * <i>tatu</i> |
| urubu | BWN <i>urubu</i> , YWL <i>ulupu</i> , PRS <i>oloho</i> | PTPG * <i>uruʃu</i> |
| vento | BRE <i>ʃir</i> | PTPG * <i>iʃitu</i> |
| ver | PMGU *- <i>imoʔõ-</i> | PTPG * <i>maʔe</i> ‘olhar, acordar’ |

4.2.1.4.1.24. Arawak e urarina

Embora não haja qualquer menção na literatura de que ancestrais dos urarina e populações de origem arawak tenham estado em contato, foram detectados um número importante de paralelos entre as línguas faladas por tais populações, envolvendo

fundamentalmente termos culturais, da flora e da fauna (TABELA 90). A presença de prováveis empréstimos envolvendo línguas da divisão ‘arawak oriental’ é um indício importante de que estas populações teriam se originado na bacia do Alto Amazonas, onde em tempos bastante remotos teriam participado de uma esfera de interação com os proto-urarina e outras populações circundantes (proto-witoto-okaina, proto-bora-muinane, proto-takana).

TABELA 90. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e urarina

| | ARAWAK | URARINA |
|----------------------|--|-----------------------------|
| água | PARW *uni > YNE honi, WRA uni | URR iono |
| animal | YNX bez, WPX iz, BRE -per, WYU miřili, YNE pira, PNWK *-pira | URR beřee |
| aranha | GRF anasi | URR kanatsi |
| arara | PNWK *aanda-ru | URR aãdaři |
| areia | MWY katři, WPX k ^h at ^h i, WYU hasali PLK kajh, YVT kahatsi-na | URR katsene |
| galinha | AXN at ^h a:pa, MCG atava | URR atawaři |
| jacaré | PARW *kasiu- > WYU kayuuři, BRE kahire, KBY katřuri, BNW káts ^h iri | URR cahiři |
| jacu | YNX kořtje, PNWK *kuiři > RSG kovířsı, BNW kóitsi, BRE kovir | URR kueeři |
| lontra | PLK saruw, MWY tsarau, WPX saaro | URR aruba |
| luz | AÑU kunu(n) ‘lenha’ | URR kunu |
| macaco | PARW *kuhdi | URR kati |
| mandioca | MWY kasi, YVT kalesi, RSG kařřigı, GRF gain, WYU ai, WPX wainii, YNX ekof | URR haisi ‘raiz’ |
| mulher | PARW *ř-ina- > MWY r-ina-ru, WPX z-ina, WRA t-ine-zu, BNW řina-ro, MCG ts-ina-ne; IGN j-ena ‘esposa’ | URR eene |
| mutum | YNE kanali, IÑP anari, YNX anaz, GRF hadaraga | URR ataři |
| onça/porco | MCG řřaana-ri ‘onça’ | URR řřaana ‘porco do mato’ |
| pavão | LKN karhoba, BWN karařai | URR nekařoba |
| pescoço | WYU nulu, LKN noro | URR nilino |
| pimenta | PARW *atřidi > PMGU *řeti, MCG tsiti-, atřiři, PLK atit, CMK řřiři, YNX řřots | URR siři |
| raposa | PARW *kema > MCG k ^h em-ari, YNE řema | URR řemae |
| rede | WRN ama, YVT amáiha, LKN hamaka, WPX zamaka, PIP/WRA amaka, BWN hamakira | URR amãã |
| roça, terreno | BWN kanati, WPX řarazi, YVT kahatsi | URR loanaři |
| sal | PARW *idiwi > AXN tibi, YNE tiwi, MWY řřiwi, PNWK *hiiwi, WRA ihiwi | URR tebe |
| semente | PARW *aki > CMK ihki, BNW -éek ^h e | URR ikie |
| semente | YVT řina, WPX -ida, BWN idai; PNWK *iinaka ‘fruta’ | URR řnaa; URR ina ‘semente’ |
| Sol/céu | IÑP tenucha, WRA enutaku, YNX enet ‘céu’ | URR enota ‘sol’ |
| tamandua | PRS tikore | URR ikaři |
| tartaruga | BWN eřuri, YNX kaxoreř, CMK kapoli | URR ahawaři |
| testa | PRS itiaoli, IGN -nařu, WPX -t ^h auwi | URR aiři |
| tukano | YNX k ^h areř, PNWK *jaatse, CMK k ^h ařti | URR ihaři |

4.2.1.4.1.25. Arawak e witoto-okaina

Castellvi (1952) menciona que teria havido interferências entre línguas das famílias arawak e witoto-okaina. Allin (1976) descreve especificamente o caso particular do resigaró, na bacia do Caquetá. Entretanto, o caso não se restringe ao studado por Allin (*op.cit.*), pois foram detectados paralelos referentes a termos de parentesco, partes do corpo, flora e fauna (TABELA 91) reconstruíveis, por exemplo para o proto-witoto-okaina e proto-nawiki. Tais evidências linguísticas indicam que as relações de contato devem ter iniciado durante a gênese dos proto-witoto-okaina, provavelmente em decorrência da sua miscigenação com distintas populações de origem arawak. A presença de prováveis empréstimos envolvendo línguas da divisão ‘arawak oriental’ é um indício importante de que os proto-arawak teriam se originado na bacia do Alto Amazonas, onde em tempos bastante remotos teriam participado de uma esfera de interação regional provavelmente controlada por elas. Se supõe também que o avanço de populações arawak do subgrupo negro-putumayo para o noroeste amazônico teria motivado o deslocado dos proto-witoto-okaina em direção ao Alto Putumayo.

TABELA 91. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e witoto-okaina

| | ARAWAK | WITOTO-OKAINA |
|-----------------------|--|----------------------------------|
| abóbora | PMGU *mokuβi, TRN mokoa, BWN kamukuri | PWTT *emoki |
| árvore | KNB ah-mena, BWN -mina, WPX -mini, YNE -mina; APR mina ‘tronco’ | PWOK *aména |
| avó | ENN ahero, YNE haxiro, PNWK *hairu > RSG -híídó, BNW -híro-mi | PWOK *heʔido-goi ‘velha’ |
| azul | BNW áamola | PWOK *móna |
| beber | YMN ita, MRW ita/ to, PNWK *-iʔra > RSG -iʔdú | PWOK *hido |
| cabelo | PARW *-iti > WPX -dī, GRF idiburi; MRW hiti; PNWK *-tʃii, GNU/MNO itʃi, WRK -itʃi, BWN -tʃi | PWOK *-ʔti |
| coca | PNWK *hiipatu | PWOK *híibi |
| corda | RSG hipo-ḡáuuʔó | PWTT *rao |
| dedo | KRI kai, WPX -kʰaʔi, LKN kʰabo(-ho), BWN kaida, MNO kaita ‘mão’; PNWK *kaapi ‘mão’ > AXG kaahi, MDW kahi; RSG -kéi ‘braço’ | PWOK *-kai |
| figado | PARW *uhbana > RSG -opáánú, IÑP upana-ti, LKN bana, PLK -ban | PWOK *banóhi |
| floresta | YVT hasi, BWN kati ‘folha’, MCG ofʃi; WRA kahi ‘erva’ | WIP hatiki, WIN/WIR haθiki |
| folha | RSG {apáná}-ʔaamí, BNW {paná}-pʰe, BVN tsape, KNB sapina | PWTT *rabe |
| fumaça | BWN r-isa, PNWK *iitsa > RSG íftsʰú | PWTT *wiʔɕi-e |
| intestino/cipó | PNWK *hepe-pi ‘cipó’; BNW -xápi, LKN ibira ‘intestino’ | PWOK *hebe-o ‘intestino’ |
| língua | RSG -eʔhéépé, MRT -enepe, LKN ije, WYU ijee, MRW iɕǎ | PWOK *(h)ijíʔpe |
| mãe | WYU tei ‘mãe’; WYU aʔi-ri, AÑU ei-ra, MWY aja ‘irmã do pai’; LKN ojo ‘mãe’; AXN ajo/airon ‘sogra’ | PWOK *éʔi- > ORJ áʔiʔ, WIN éi-po |
| marido | PNWK *iini-li, YNE hani-ri, YVT tani | PWOK *ini |

TABELA 91. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e witoto-okaina

| ARAWAK | WITOTO-OKAINA | |
|----------------------|---|-----------------------------------|
| montanha | IÑP ipaxiŋja; PARW *k ^h iba ‘pedra’ > BWN kibada, KRI kipai, WYU/BVN ipa, PNWK *hiipa- > BNW hiipáda | PWOK *ipedi |
| mulher | MWY rina-ru, WPX zŋna, PLK tino, TRN se:no, PARW *ŋina-ru, BWN íina-ro, GRF hiŋa-ru | PWOK *di-ŋoi > WIP ríŋo, WIR ríŋo |
| noite | PNWK *ndai(a)pi > RSG naapí | PWOK *nai- |
| olho | PARW *uki > IÑP oxí-ti, CMK ohki, MCG/AXN oki | PWOK *ohí-(ti) |
| ouvir/orelha | PARW *kema ‘ouvir’ > CMK ke?m-, BAR t ^h emuda, RSG hé?mu | PWOK *hepo |
| pele | GRF urai, LKN ida, BWN ta-ida, GNU/BAR ida, PNWK *-i?a | PWOK *ni?gai > PWTT *igoí |
| pequeno | LKN ibi, WNM hipe | PWOK *kiβi |
| porco | PMGU *tsimo, TRN kimõü | PWTT *eímo |
| porco-do-mato | *haapiŋa- > RSG hapítsú, BNW aapídza; MWY bita | PWOK *medo |
| preto | BNW íŋta | PWOK *hi?tí?- |
| rosto/cabeça | LKN ŋibo, GRF igibu, PRS/ENN itiho ‘rosto’; RSG -híveú ‘cabeça’ | PWOK *i?po- ‘cabeça’ |
| sangue | LKN it ^h i, PMGU *-iti, WRK it ^h on, RSG -íídú, -íídó | PWOK *ti-hē |
| semente | KBY ihi, BNW -iijhi, WRK -ihina, CMK ihki, AÑU hih, APR ki, YNE xi, LKN isii, MRW -si | PWTT *ihi |
| tamanduá | LKN baremu, BWN weremu | PWTT *erejo |
| veado | YNE kjo-te | PWOK *ki?to |

4.2.1.4.1.26. Arawak e yaruro

Embora na literatura não haja estudos sobre contatos dos yaruro com falantes de línguas arawak, a TABELA abaixo aponta diversas semelhanças lexicais como indícios de que tais relações teriam ocorrido durante a pré-história. Os contatos teriam ocorrido fundamentalmente com populações arawak da divisão solimões-caribe, especialmente com falantes de lokono ou de uma variedade semelhante.

TABELA 92. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e yaruro

| ARAWAK | YARURO | |
|--------------------|---|--|
| arco | LKN ŋimarha:bo, GRF gimara; LKN ŋimara ‘flecha’ | t ^h iba-to (YRR to ‘madeira’) |
| avô | MWY ađu, GRF aruguti, BWN haduí, ENN atore, TRN o:tu, WRA atu | hada-māi (YRR -māi ‘CLS.parente’) |
| batata-doce | YNE xipa-li, IÑP xipa-ri | ŋjipe |
| beber | AÑU arata, LKN at ^h a-n, GRF ata, PMGU *-er-o | hara |
| capivara | MRW ketu, PNWK *keetsu > BNW/KBY keeŋu | ŋ ^h ido |
| casa | PARW *pe | be; pē ‘aldeia’ |
| céu | PMGU *ani, PLK en | āde |
| chupar | WPX suzúk ^h a, BWN ŋuŋu, IGN ŋuŋuka | ŋ ^h uŋ ^h u k ^h ia |

TABELA 92. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e yaruro

| | ARAWAK | YARURO |
|----------------------|--|--|
| cupim | LKN komot ^h iri, GRF hamutiri | at ^h ērē |
| dormir | BWN timaha, GRF arumuga, PNWK *imaa > AXG maa, RSG imu | mōã |
| erva | LKN kalho | kuru |
| espírito | LKN jaloko | ɕaroka |
| farinha | WPX p ^h uruum | p ^h onō |
| flecha | PNWK *itsindua > BNW ɕidua | tʃ ^h itō |
| flor | WPX -suusu | tʃ ^h utʃ ^h u |
| folha | PARW *pana | p ^h ōda |
| fraco | LKN k ^h ole | kore |
| fruta/semente | AÑU aɕjon ‘fruta’; MWY isu, BRE eso ‘semente’ | tʃo |
| gambá | LKN jawalhe, WPX jawari | tojaβare |
| garça | LKN anorhá, MRW atari | ãdora |
| garça branca | WPX wak ^h ara, PLK wakar, PRS/MHN wakala | okara |
| homem | LKN wadi-li | ɕari |
| intestino | WPX -uk ^h uru, AÑU eikoree | akotu |
| irmão | WPX -azɕ | aji-mãĩ (YRR -mãĩ ‘CLS.parente’) |
| lagarto | PNWK *tuupu/nduupu, LKN lobu, PRS ʃoho | topo-topo |
| lenha | LKN iki-k ^h odo (LKN iki ‘fogo’) | k ^h ōdo |
| mãe | WYU tai/tei | aĩ/eĩ |
| mamão | LKN papaja, PLK pavaj | popai |
| mandioca | PMOX *-paʔi, YNE pahi, INP/AXN pani ‘farinha’ | pae ‘mandioca’ |
| marido | PMOX *-ima, TRN/KNK i:ma | eba-mě (YRR -mě ‘CLS.pessoa’) |
| morcego | WYU pisiɕi, PNWK *piitsi-li | p ^h ōditʃ ^h itʃ ^h i |
| onça | PMOX *itio-re; WPX ɕzai ‘animal’ | itʃiai |
| pai | ENN haha-li | huha |
| periquito | LKN solhisolhi | tʃuri |
| pica-pau | LKN hododi, BWN huduti | tonde |
| piolho | PARW *nih ‘piolho’ > BWN nia, KBY nii, PMGU *-ine, MHN neete, WRA -neeɕe; MWY ni ‘pulga’ | nē ‘piolho, pulga’ |
| pomba | PNWK *hutuku-li, BWN hudukukui | hotoko |
| porco | LKN aboja, MRW bitʃa, MRW abia | aboea |
| rabo | WPX -ɕiwa; WPX -t ^h ii, MWY si ‘pênis’ | tʃ ^h ia |
| raio | LKN belbediru | berepetʃ ^h ao |
| raposa | LKN warhiru, WPX warizu, WYU waliři | oariro |
| sapo | MWY kodokofori | kodokodo |
| tartaruga | LKN hikolhi, PNWK *(h)iiku-li, ENN aikuri, PRS ikore | ikuri |
| tatu | LKN jesere | igere |
| terra/caminho | LKN onabo ‘terra’; WPX dinap ^h u, WRA ahi-napu ‘caminho’ | dabu ‘terra’ |
| umbigo | RSG -eʔp ^h ódé, BNW -héepole | pate |

4.2.1.4.1.27. Arawak e zaparo

Carvalho (2013) menciona a possibilidade de ter havido contato entre populações de origem zaparo e arawak e apresenta dois casos de semelhanças lexicais entre as línguas dos referidos grupos. De fato, foram detectados outros paralelos entre as línguas faladas por tais populações, envolvendo fundamentalmente termos culturais, da flora e da fauna (TABELA 93). A presença de prováveis empréstimos envolvendo línguas da divisão ‘arawak oriental’ constitui-se como mais um indício de que tais populações teriam se originado na bacia do Alto Amazonas.

TABELA 93. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawak e zaparo

| | ARAWAK | ZAPARO |
|-------------------------|---|--|
| batata-doce | PARW *kali- > WPX k ^h aazji, BWN ketji, BNW kalí-ri | IKT katiha |
| carvão/fogo | PARW *men-ki ‘carvão’ > IGN emani-ki, KNK moni-ke, MCG omenki | ARB mani ‘fogo’ |
| coruja | PARW *punpu-li | IKT pupu-ha, ARB pupu-k ^w a |
| cozinhar | PMOX *-imaki; TRN imake ‘estar cozido’ | PZPR *mahi |
| dia/luz | MWY ekadare, WPX wak ^h andan; PRS θaokanatiakalati ‘luz’; CMK uka [?] nale ‘iluminar’ | PZPR *ik ^w ana [?] ji ‘luz’ |
| dormir | PARW *maka > CMK maki | PZPR *maki |
| escorpião/aranha | GRF anasi ‘aranha’ | IKT anaati ‘escorpião’ |
| fezes | PARW *itiki > ENN ifiki, MHN ihiki, PLK isiki | iiki |
| galinha | AXN at ^h a:pa, MCG atava | ZPR atawari |
| gordura | PNWK *i [?] itsi, BWN r-iti | PZPR *irisi |
| grande | PNWK *maanu | IKT umaana |
| Lua | AXN ka [?] ji-ri, APR kasi-ri, WRA kez [?] i, YNE ksi-ri, MWY ki [?] si | IKT kasii-ri, ZPR ka [?] jii-k ^w a |
| macaco | PRS h [?] ate, WPX p ^h uwat ^h i | PZPR *k ^w ati |
| mãe | WRA -inu, BNW -hádoa, TRN e:no, AÑU e:n | PZPR *anu |
| milho | YVT kana, BNW/AXG ka:na | IKT karaaki |
| milho | YNE fixi, MXN t [?] ixi, IÑP χisi, AXN/MCG finki | IKT si [?] kihara |
| ovo | YNE naxi; IÑP ana [?] χiri ‘ovo, semente’; TRN ake ‘semente’ | IKT naaki |
| pulmão | WYU soso, LKN tuttulla, PLK -sasa | IKT sasaha |
| urina | LKN dakan, WPX t ^h at ^h ak ^h a-n, GRF araga; BNW -dáka, AXG -taka ‘urinar’ | IKT isaaka; ARB jaaka |
| veado | PNWK *nee-ri | ARB/ZPR neke-ru |

4.2.1.4.2. Kandoxi

Foram detectados extratos léxicos compartilhados especificamente pelos kandoxi e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- cholon-hibito → §4.2.1.4.2.1
- jivaro → §4.2.1.4.2.2
- kawapana → §4.2.1.4.2.3
- kechua → §4.2.1.4.2.4
- kunza → §4.2.1.4.2.5
- mochika → §4.2.1.4.2.6
- pano → §4.2.1.4.2.7

4.2.1.4.2.1. Kandoxi e cholon-hibito

Não há na literatura estudos sobre contatos dos kandoxi com falantes de línguas cholon-hibito. Jolkesky & Eloranta (2015) apontam alguns paralelos lexicais e gramaticais importantes como parte de evidências da existência de uma esfera de interação na região circum-Marañón durante épocas pré-incáicas. A TABELA 94 elenca as principais semelhanças lexicais encontradas até o momento.

TABELA 94. Paralelos lexicais entre os conjuntos kandoxi e cholon-hibito

| | KANDOXI | CHOLON-HIBITO |
|----------------------|---------------------------|----------------------|
| 1 | k- '1.P' | CLN k-/ki-/ke- '1.S' |
| ALAT | -ʔpi | CLN -pi |
| argila/terra | para 'argila' | CLN palam 'terra' |
| cabeça | mo:tʃo/mo:tʃo:ʃi 'cabelo' | CLN muʃitʃe |
| cabeça | taʃi 'face/queixo' | CLN tetʃ |
| cabelo | -ʃi | CLN ʃe |
| chuva | si:na | CLN tsi |
| cinza | pojoNpo 'pó' | CLN jopuj |
| criança | kaNʃo | CLN kuntʃu 'pequeno' |
| esposa/mulher | ki:ʃa 'mulher' | CLN hila 'mulher' |
| IMP | -ʔaNki | CLN -(k)(i) |
| INSTR | -pata 'COM/INSTR' | CLN -pat |
| INTER | -a | CLN -(a)m |
| jacaré | ʃani:ta | HBT ʃonti |
| morcego | kosita | CLN katsik |
| orelha | kiits-itʃ | CLN kitiw |
| ouvir | maʃina | CLN hinah |

TABELA 94. Paralelos lexicais entre os conjuntos kandoxi e cholon-hibito

| | KANDOXI | CHOLON-HIBITO |
|-------------------|---------------------------------|-------------------------|
| pai | apa: 'forma vocativa' | CLN appa |
| sogro | Nko:sa-ri | CLN kutf/ɲutʃ 'pai' |
| tabaco | tsapaNtsi | HBT pets |
| vento | Nkoʃtʃi 'vento'; katʃiʃa 'frio' | CLN kaz/kaf/kas 'vento' |
| vir | nani | CLN nan |
| vir/voltar | na:kija 'vir' | CLN a-ʃakian 'voltar' |

4.2.1.4.2.2. Kandoxi e jivaro

A partir da observação de diversas semelhanças lexicais entre o kandoxi e o proto-jivaro, elencadas na TABELA 95, Payne (1981) propõe que as línguas destes grupos etnolinguísticos estariam geneticamente relacionadas, uma hipótese descartada posteriormente pelo próprio autor (Payne 1990:84), que concluiu serem tais semelhanças decorrentes unicamente de contato. É presumível que o contato destas populações teria se iniciado com a invasão dos proto-jivaro na bacia do Baixo Marañón, o provável território original dos proto-kandoxi-xapra.

TABELA 95. Paralelos lexicais entre os conjuntos kandoxi e jivaro

| | KANDOXI | JIVARO |
|----------------------|------------------|-------------------|
| 1.P | i: | PJVR *ii |
| 3.S.DIST | owa | PJVR *au 'aquele' |
| 3.S.PROX | (i)ni 'este' | PJVR *ni '3.S' |
| águia | tskiwi | AGR tʃikiwi |
| anta | pamara | PJVR *pamau |
| aquele | ano | PJVR *nu |
| aranha | toNtʃi | PJVR *tuNtʃi |
| arara | kawa:ro | PJVR *kawau |
| arara amarela | karaNko | PJVR *jaNku |
| avô | patʃi-ri | PJVR *apatʃiN |
| bambu | tʃiNkana | PJVR *tʃiNkana |
| barata | ʃorota | PJVR *ʃuuta |
| beber | wa | PJVR *uwa- |
| bem | ajo | PJVR *aju |
| bicho-de-pé | a:ʃo | PJVR *ahuh |
| bolsa | paNpatʃi | PJVR *waNpatʃi |
| bugio | tʃo:Nka 'macaco' | PJVR *tʃuu |
| buraco | wa:tʃo | PJVR *waa |
| cabaça | toNto | PJVR *tuNta |

TABELA 95. Paralelos lexicais entre os conjuntos kandoxi e jivaro

| | KANDOXI | JIVARO |
|-----------------|-------------------|-----------------|
| cabeça | mo:tfo | PJVR *muuke |
| capivara | Nkomija | PJVR *uNkumija |
| casca | şapi | PJVR *saepe |
| cortar | tsopa | PJVR *tsupi |
| coruja | poNpo:ta | PJVR *puNput |
| coruja | aNpoJa | PJVR *aNpuJa |
| curimatã | kaNka | PJVR *kaNka |
| dente | nasi | PJVR *nai |
| espírito | kani-tj | PJVR *wakani |
| esquilo | konaNpi | PJVR *kunaNpe |
| esquilo | ptji:Nko | PJVR *wiŋiNki |
| falar | ta: | PJVR *ta |
| feijão | miiika | PJVR *miik |
| jacu | karoNtsi | PJVR *auNtse |
| lagarto | Nta | PJVR *jaNtana |
| macaco | mitjiko | PJVR *matjiNku |
| mosca | jajaNtji | PJVR *aNtji |
| mosquito | maNtjo | PJVR *maNtju |
| mutum | maJo | PJVR *maJu |
| noite | katji(i)şa 'frio' | PJVR *kaŋi(i) |
| orelha | ki:tsi-tj | PJVR *kuwiŋi |
| pai | apa:-ri | PJVR *apa |
| pajé | wiŋino | PJVR *wiŋinu |
| pelo | soso/sosi | PJVR *susu |
| piranha | pani | PJVR *pani |
| sapo | po:tji | AGR puwatji |
| Sol | şa:-ri | PJVR *etsaa |
| solo | para 'argila' | PJVR *pata |
| tabaco | tsapaN{tji} | PJVR *tsaaN(ku) |
| urucum | joNpsa | AGR jaNpija |
| veneno | tspasa | PJVR *tsegasa |

4.2.1.4.2.3. Kandoxi e kawapana

Não há na literatura estudos sobre contatos dos kandoxi com falantes de línguas kawapana. Jolkesky & Eloranta (2015) apontam alguns paralelos lexicais importantes como parte de evidências da existência de uma esfera de interação na região circum-Marañón durante

épocas pré-incaicas. A TABELA 96 elenca as principais semelhanças lexicais encontradas até o momento.

TABELA 96. Paralelos lexicais entre os conjuntos kandoxi e kawapana

| | KANDOXI | KAWAPANA |
|-------------|------------------|---|
| 1.P | ija | PKWP *kija > xwi kija, xwl kuða |
| anta | pamara | PKWP *pāwarah > xwi pawarah, xwl panwala |
| arco | ʃoNkani | xwi ʃonki ‘lança’ (cf. tb.: xwl sunki ‘faca’) |
| barro | spi:ra | xwi ʃipiro? |
| cabeça | mo:tʃo | PKWP *mutu? |
| carne | no:ts | xwi no?ʃa |
| céu | kani:Nta | xwi kanino?-ti? ‘céu azul’ |
| dente | nas | xwi nati?; xwl latek |
| folha | wa:ro | xwi wiron |
| grande | kapoNko | xwi panka |
| morto/matar | tsipa:ri ‘morto’ | xwi tiparin ‘matar’, xwl tʃiminpaʎi ‘morrer’ |
| pelo/pena | poro | PKWP *āpuru? ‘pena/pelo’ |
| rede | ta:raho | PKWP *ta?rah > xwi ta?nah, xwl tala |
| veado | maNtʃaNsi | xwi ma?ʃa ‘animal’ |

4.2.1.4.2.4. Kandoxi e kechua

Apesar de existir menção na literatura de contatos entre os kandoxi e falantes de kechua, ainda não existem estudos sobre as interferências linguísticas que esta relação teria ocasionado em kandoxi. A TABELA 97 elenca as principais semelhanças lexicais encontradas.

TABELA 97. Paralelos lexicais entre os conjuntos kandoxi e kechua

| | KANDOXI | KECHUA |
|----------------|------------------|------------------------|
| 1.s | -i | PKC *-j |
| 1 | -ni ‘1.p’ | PKC2 *-ni ‘1.s’ |
| 2.s | -āki | PKC *-nki |
| abóbora | saNko | KCH anku |
| abutre/pássaro | pʃijako ‘abutre’ | PKC *piʃqu ‘pássaro’ |
| águia | jonkani | PKC2 *anka |
| aldeia | jakta | PKC *ʎaqtɑ |
| argila/chão | para ‘argila’ | PKC *pata ‘chão/praçã’ |
| cacique | koraka | PKC2 *kuraka |
| caminho | tʃama | PKC *ʃan/*ʃam |
| CAUS/DEL | -maNta ‘CAUS’ | PKC2 *-manta ‘DEL’ |

TABELA 97. Paralelos lexicais entre os conjuntos kandoxi e kechua

| | KANDOXI | KECHUA |
|----------------------------|------------------|--|
| cheirar | koNto: | PKC2C *kuntu- |
| chuva | Nparani | PKC *para |
| coruja | poNpota | KCH pumpumanka |
| cunhado/irmão/genro | ma:ja ‘cunhado’ | PKC *maja ‘irmão/genro’ |
| LOC/ALAT | -ʔpi ‘ALAT’ | PKC2 *-pi ‘LOC’ |
| INTENS | rii | PKC2 *-ri |
| INSTR/COM | -pata | PKC *-pa ‘GEN/INSTR/COM’ (cf. tb.: PKC *-ta ‘ACU’) |
| irmão | wa:wa | PKC *wawqi |
| marido/sogro | Nkoosari ‘sogro’ | PKC *qusa ‘marido’ |
| mutum | maʃo | KCH waʃo |
| INTENS/RPT | -npa- ‘INTENS’ | PKC2C *-pa- ‘RPT’ |
| NEG/DUB | -ʔʃi ‘NEG’ | PKC *-ʃi ‘DUB’ |
| jacutinga | karoNtsi | KCH karunsi |
| LOC | -ʔʃo | PKC1 *-ʃaw/-ʃo |
| pão | taNta | PKC *tanta |
| PAS | -nk- | PKC *-rqa |
| pato | wa:tsi | PKC *watʃwa |
| pavão | poNʃi | KCH pawsi |
| pena | poro | PKC *puru |
| porco | waNka:na | KCH wankana |
| saber | jasa | PKC *jaʃa- |
| sujo | ʃi:ʃi ‘lixo’ | PKC2C *ʃiʃi |
| tartaruga | ʃarapi | PKC2C *ʃarapa |

4.2.1.4.2.5. Kandoxi e kunza

Não há na literatura estudos que tenham levantado uma hipótese sobre possíveis contatos ocorridos entre os ancestrais dos kandoxi e dos kunza. Há, no entanto, algumas semelhanças relevantes no léxico e no sistema pronominal destas línguas (TABELA 98), que se constituem indícios importantes de que as referidas populações estiveram de algum modo vinculadas durante a pré-história.

TABELA 98. Paralelos lexicais entre os conjuntos kandoxi e kunza

| | KANDOXI | KUNZA |
|------------|----------|---------------|
| 1.P | -ri | -ʃiʔi |
| 1 | k- ‘1.P’ | kʔ- ‘1.S’ |
| 2.P | si- | ʃʔin- |
| 2.S | ʃi-, -iʃ | ʃʔ-/sʔ-, -is: |

TABELA 98. Paralelos lexicais entre os conjuntos kandoxi e kunza

| | KANDOXI | KUNZA |
|---------------|----------------------------|-------------------------|
| 3.S | -ri | ɤits |
| 3.S | -ro | ɤot |
| 3.S.DIST | tʃija | is:ija |
| ácido/chicha | kaʃa | ɤatʃir |
| árvore | jasina | jali ‘árvore/algarrobo’ |
| avó/neto | koma-ri ‘avó’ | ɤamai ‘neto’ |
| cabeça | mo:tʃo; mo:tʃo:ʃi ‘cabelo’ | mus:ur ‘cabelo’ |
| cachorro | ʃoʃima ‘cachorro do mato’ | loɤma |
| coxa/perna | noNp ‘coxa’ | nan ‘perna’ |
| criança | paktʃi ‘pequeno’ | panɤti |
| esposa/mulher | kiiʃa ‘mulher’ | kiqui ‘esposa’ |
| filho | ipa:-ri | pahni/pan:i |
| grande | kapoNko | ɤapur |
| irmã/irmão | iʃa:-ri ‘irmã’ | sahli/sa:li ‘irmão’ |
| jacaré | ʃanita | tʃal:e/tʃalti ‘lagarto’ |
| mãe | ata: ‘forma vocativa’ | patʃa |
| FUT | -ts ‘possibilidade’ | -s |
| NEG | -ʔʃi | -tʃin |
| não | Nta | anta |
| nariz | ʃi:p | sepi/sepe |
| pé | kots | ɤutʃir/utʃi |
| peito/tórax | -tkor- ‘peito’ | ɤoli ‘tórax’ |
| piolho | i:si | ɤitʃe ‘lêndea’ |
| preto | kaNtsiarpi | haatʃi |
| queixo | taʃi | taɤil |
| raiz | -ʃpori | ɤapar |
| roupa | kama:ʃi ‘roupa’ | ɤa:bar/ɤabar ‘roupa’ |
| ruim | maNtsi-ri | baltʃar/waltʃer |

4.2.1.4.2.6. Kandoxi e mochika

Não há na literatura estudos sobre contatos dos kandoxi com os mochika. Jolkesky & Eloranta (2015) apontam alguns paralelos lexicais e gramaticais importantes como parte de evidências da existência de uma esfera de interação na região circum-Marañón durante épocas pré-incaicas. A TABELA 99 elenca as principais semelhanças lexicais encontradas até o momento.

TABELA 99. Paralelos lexicais entre os conjuntos kandoxi e mochika

| | KANDOXI | MOCHIKA |
|------------------|-------------------------|-----------------------------------|
| 2.P | si-; -is | tsi-itʃ-; -is-...-tʃi |
| 2.S | -iʃ | -(a)(i)s |
| 2.S | ʃan-a | tsaŋ/tsiŋ- |
| 3.S | su- | ssjo/ssjuŋ- |
| ácido/chicha | kaʃa | kutsio/kotʃo 'chicha' |
| animal | ka:Ntʃo | kəntʃo |
| ANT/LOC | -ʔʃo 'LOC' | -ʃol 'ANT' |
| arara | mtʃaki | tʃarke |
| ave | pʃijako 'abutre' | piʃako 'ave' |
| cérebro | jaʃko-riʃ | natkuk |
| cinza | pojoNpo 'pó' | ojçop |
| curcubitácea | saNko | tʃiuko |
| dia | kaʃtʃi:-ri 'de dia' | kaes/käss; kuts/kuʔiʃ 'brilhante' |
| esposa | iʃaNtʃi | ʃonəŋ |
| esquilo | konaNpi | kuran |
| filho | aʃa | eʃ/aʃ 'filha'; eis/es 'filho' |
| gente | Ntʃora 'descendentes' | tʃolu 'ser humano' |
| IMP | -ʔaNki | -nki |
| jacaré | ʃani:ta | sante-k 'lagarto' |
| não | Nta | anta |
| olho | kaʃ-iʃ | kxaʃ |
| pai | apa: 'pai.VOC' | ep/ef |
| pelo | sosi | saʃipi |
| pena | poro | pur |
| pescoço/garganta | sanaNka-riʃ 'garganta' | seŋke 'pescoço' |
| piolho | i:si | u:ts |
| POSS | -r | -iro |
| raiz | tʃiʃpo-ri | tʃepu |
| roupa | totipʃi:ʃi 'cushma' | tʃilpiʃ |
| roupa/algodão | kama:ʃi 'roupa' | ka:m 'algodão' |
| Sol | ʃa:-ri | ʃaŋ |
| sujo/lixo | tʃi:ʃi 'lixo' | tʃiʃi |
| urina | kosi:s:i; kosi 'urinar' | kaʃ; kaʃit 'urinar' |
| vento | Nkoʃtʃi | kotʃ/kuitʃ 'vento' |

4.2.1.4.2.7. Kandoxi e pano

Não há na literatura estudos relacionando os kandoxi com falantes de línguas pano. Há, porém, evidências lexicais importantes (TABELA 100) de que as referidas populações teriam

estado em contato, provavelmente num período anterior ao da invasão dos proto-jivaro na bacia do Maraño, que aconteceu durante a segunda metade do primeiro milênio d.C..

TABELA 100. Paralelos lexicais entre os conjuntos kandoxi e pano

| | KANDOXI | PANO |
|-------------------|--|--|
| 3.S | owa | PKW wa, YAM oa ‘aquele’; AMW hoβa ‘lá’ |
| aranha | siNno | PPAN *ʃi(n)a |
| arara | karaNko | PPAN *kara |
| areia/pedra | maʃatʃi ‘areia’ | PPAN *maʃaʃ ‘pedra’ |
| azedo | kaʃa | KXB/YWN kaʃa ‘chicha/azedo’ |
| BEN/LOC | -ʔʃo ‘LOC’ | PPAN *-ʃo(n) ‘BEN’ |
| bicho-preguiça | poʃa:ʃi | PPAN *posu(n) |
| CAUS | -maNta | PPAN *-m(a) |
| comer/boca | koko ‘boca’ | PPAN *koko- ‘comer’ |
| concha | ʃakaNto | CKB ʃakatu, XPB ʃaka |
| coruja | poNpo:ta | PPAN *popo |
| espírito | jaʃiNko | PPAN *josi(n) |
| criança/pessoa | Nʃjora ‘criança’ | PPAN *joʃa ‘pessoa/corpo’ |
| IMP/DIR | -ʔaNki ‘IMP’ | PPAN *-ki ‘DIR’ |
| linha/rede | ʃsomaNʃi ‘rede’ | PPAN *joma(n) ‘linha’ |
| montanha | maʃi | PPAN *maʃi |
| nádegas/intestino | ʃjika ‘intestino/barriga’; ʃjkaa ‘defecar’ | CKB ʃjikaʃa; CKB ʃjika ‘anca’ |

4.2.1.4.3. Muniche

Foram detectados extratos léxicos compartilhados especificamente pelos muniche e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- cholon-hibito → §4.2.1.4.3.1
- kechua → §4.2.1.4.3.2
- mochika → §4.2.1.4.3.3

4.2.1.4.3.1. Muniche e cholon-hibito

Não há na literatura estudos sobre contatos dos kandoxi com os mochika. Jolkesky & Eloranta (2015) apontam alguns paralelos lexicais e gramaticais importantes como parte de evidências da existência de uma esfera de interação na região circum-Maraño durante épocas

pré-incaicas. A TABELA 101 elenca as principais semelhanças lexicais encontradas até o momento.

TABELA 101. Paralelos lexicais entre os conjuntos muniche e cholon

| | MUNICHE | CHOLON |
|------------|--------------|-------------------------|
| cabelo | uçi | CLN je |
| farinha | xpume | CLN pum |
| morrer | ku | CLN kol |
| três | utsimi | HBT utsi |
| velho/avô | kitji 'avô' | CLN ges 'velho' |
| vento/frio | kixna 'frio' | CLN kaz/kaf/kas 'vento' |
| ver | ja | CLN jatj |

4.2.1.4.3.2. Muniche e kechua

Tessmann (1930:310) menciona já estar em curso durante sua investigação o processo de substituição linguística do muniche pelo kechua. Michael *et alii* (2013:338) observou a presença de empréstimos do kechua em muniche. A TABELA abaixo elenca as semelhanças lexicais.

TABELA 102. Paralelos lexicais entre os conjuntos muniche e kechua

| | MUNICHE | KECHUA |
|----------|---------------------|------------|
| floresta | saŋa | PKC2 *saŋa |
| Lua | paçki/çpaçki | KCH paqsi |
| milho | tσα?a | PKC *sara |
| pai | tata | PKC *tajta |
| piolho | usa | PKC *usa |
| porco | k ³ utji | PKC *kuŋsi |
| raiz | tjaxpi | PKC *sapi |
| tamanduá | jiwi | KCH jiwi |
| vila | jakta | PKC *laqta |

4.2.1.4.3.3. Muniche e mochika

Não há na literatura estudos sobre contatos dos muniche com os mochika. Jolkesky & Eloranta (2015) apontam alguns paralelos lexicais (TABELA 103) que podem contribuir com

a hipótese sobre a existência de uma esfera de interação na região circum-Marañón durante épocas pré-incaicas.

TABELA 103. Paralelos lexicais entre os conjuntos muniche e mochika

| | MUNICHE | MOCHIKA |
|-----------------------|--|-------------------------------|
| chácara/aldeia | utsi-ʔna ‘chácara’; MNC witsi ‘aldeia’ | wis/uf ‘chácara’ |
| ir | taki | tək |
| irmã | utsuʔta | uçur |
| novo | çi | ci:s |
| pelo | tʃaçpira | sacipi |
| piolho | usa | u:ts |
| roupa | tʃatipiçur | tjilpiş |
| sogro/avô | kiʃi ‘avô’ | ikiş ‘sogro’; kişmike ‘velho’ |
| Sol | çwa | ʃaŋ |

4.2.1.4.4. Pukina

Foram detectados extratos léxicos compartilhados especificamente pelos pukina e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- jaqi → §4.2.1.4.4.1
- kawapana → §4.2.1.4.4.2
- kechua → §4.2.1.4.4.3
- pano → §4.2.1.4.4.4
- uru-chipaya → §4.2.1.4.4.5

4.2.1.4.4.1. Pukina e jaqi

A relação histórica entre os pukina e os aymara é amplamente discutida na literatura (cf.: Adelaar & Muysken 2004:350-351; Cerrón-Palomino 2013). Comparações minuciosas do léxico pukina (Torero 2002:446-456) e kallawaya (Girault 1989, Aguiló 1991) evidenciaram inúmeros casos de empréstimos linguísticos envolvendo a língua aymara. Estes e outros casos estão apontados na TABELA 104.

TABELA 104. Paralelos lexicais entre os conjuntos pukina e jaqi

| | PUKINA | JAQI |
|---------------------------|---|---|
| ACU | PKN -x | PJQI *-xa |
| agora | KLW hiʃa | AYM hiʃa, JQR akiʃa |
| alegre/festivo | KLW ʃama | AYM ʃamara ‘festeiro’ |
| amarelo | PKN kiʎu, KLW qeʎu | AYM qʔiʎu |
| arado/vara | KLW ʎoqen ‘arado’ | AYM ʎuqina, JQR ʎuqʔi ‘vara’ |
| argila comestível | KLW pʰasa | AYM pʰasa |
| aridez | KLW pʰaxana ‘tempo claro/limpo’ | AYM pʰaxsa ‘tempo seco’ |
| até | KLW kama | PJQI *-kama |
| barro | KLW ʎutʔa ‘barro/lodo’ | AYM ʎutʔa-na ‘tapar parede com barro/lodo’ |
| beija-flor | KLW luli | AYM luli |
| bolsa | KLW mari | AYM mari |
| bom/vantajoso | KLW ʎaʎi ‘bom/bem arranjado’ | AYM ʎaʎi ‘vantagem/vantajoso’ |
| cabeça | KLW pʔeke | AYM pʔiqi |
| cacique | KLW maʎku, PKN maku | AYM maʎku |
| casa/chácara | PKN uta ‘chácara’ | PJQI *uta ‘casa’ |
| cheio | PKN puqa | PJQI *pʰuqa |
| cinzento | KLW oqe | PJQI *uqi |
| começar | KLW kaʎa- | PJQI *qaʎa- |
| concha | KLW ʃʔuru | AYM ʃʔuru |
| cotovelo | KLW moqo/mukle | AYM muχʎi |
| descanso | KLW sama ‘descanso/respiração’ | PJQI *sama |
| direita | PKN kupi | PJQI *kupi |
| dor/queixa | KLW ajqo | AYM ajqu |
| ENF | KLW -pini | AYM -pini, JQR -pi |
| espinho | KLW ʃʔapili ‘cacto/espinho’ | AYM ʃʔapʰi |
| espírito/aparência | KLW axaj ‘aparência/estado de uma pessoa’ | AYM axaju ‘espírito’ |
| este | PKN qa | PJQI *aka |
| estrela | PKN warawara | AYM warawara |
| excremento/nojo | KLW aʃe ‘excremento’ | JQR axa ‘INTRJ.nojo’ |
| falar | KLW aru-na | AYM aru-na |
| feiticeiro | PKN rega, KLW reka | PJQI *lajqa ‘feiticeiro’ > JQR laqa ‘maldade’ |
| feliz | PKN kusi; KLW kusi ‘amigo/amar’ | AYM kusi |
| FERIDA | KLW ʎexe ‘fístula/pus’ | AYM ʎixti ‘eczema/fístula’; AYM ʎixi ‘escama’ |
| filho/procriar | PKN juku | PJQI *juqa |
| flor | KLW pʰokoʎo | AYM panqara |
| floresta/mato | KLW ʃumi | AYM ʃʔumi |
| folha | KLW lipʰi | PJQI * lapʰira > AYM lapʰi, JQR napʰra |
| furúnculo | KLW ʃʔupu | PJQI *ʃʔupu |
| garganta | KLW maʎqʔa | AYM maʎqʔa |
| gota | KLW ʃʔaqa | PJQI *tsʔaqa > AYM ʃʔaqa |

TABELA 104. Paralelos lexicais entre os conjuntos pukina e jaqi

| | PUKINA | JAQI |
|----------------------------------|--------------------------------------|---|
| homem | PKN raago | PJOI *xaq |
| inimigo | KLW awqa | JQR awqa, AYM awq ^h a |
| INSTR | PKN -m | PJOI *-mi/*-pi > AYM -mpi, JQR -mi-na/-pi-na |
| inútil | KLW ina | AYM ina |
| irmão | KLW xila, PKN xiloko | AYM xila |
| junco | KLW t̃jaru | AYM t̃jaru |
| lavar | KLW t̃jaxt̃ja- | JQR t̃jaxt̃jaqa ‘cobrir-se de espuma’ |
| lêndea | KLW t̃j̃ini | PJOI *t̃j̃iɲa < AYM t̃j̃iɲi |
| lua | PKN xisi | PJOI *p ^h axsi > JQR paxʃi |
| lugar/praçã | PKN qatu ‘mercado’; KLW katu ‘lugar’ | AYM q ^h atu ‘praça/mercado’ |
| maior | PKN xila; KLW xila-na ‘crescer’ | PJOI *xila ‘maior’ > JQR xila ‘crescer’ |
| mandioca | KLW juka? | PJOI *juka |
| manta/tecer | KLW ʎaq ^o - ‘tecer’ | AYM ʎaqota ‘manta’ |
| milho cozido/ broto | KLW mut ^o i ‘broto’ | PJOI *mut ^o i ‘milho cozido’ |
| mingau | KLW p ^o esqe | AYM p ^o isqi ‘mingau de quinoa’ |
| montanha | PKN qoro | AYM quʎu |
| grupo/plêiades | KLW qutu ‘plêiades’ | AYM qutu ‘monte de coisas pequenas’ |
| morcego | KLW t̃j̃ini | PJOI *t̃j̃iɲwi > AYM t̃j̃iɲi |
| mosca | PKN t̃j̃is̃t̃j̃iraka | AYM t̃j̃i ^h t̃j̃i ^h ʎank ^h a |
| mosquito | PKN t̃j̃uspi | PJOI *t̃j̃uspi > JQR t̃j̃uʃpi |
| mumia/fantasma | KLW hawari ‘mumia’ | AYM hawari ‘fantasma’ |
| nascer | PKN juri- | PJOI *juri- |
| noite/pernoite | KLW xara ‘noite’ | AYM xara ‘lugar de pernoite’ |
| osso | KLW t̃j̃uku | PJOI *t̃j̃ak ^h a > JQR ts ^o aaka |
| ouro/amarelo | KLW t̃j̃uri ‘ouro’ | AYM t̃j̃uri ‘amarelo escuro’ |
| pai | PKN iki | AYM awki |
| palavra/voz | KLW aru | PJOI *aru |
| palha | KLW hit̃fu | AYM hit̃fu |
| palha | KLW minu | AYM minu |
| parcialidade/ parente | PKN saʎas ‘parentes’ | PJOI *saja ‘parcialidade’ |
| pasto | KLW t̃j̃ixi | AYM t̃j̃ixi |
| patio/curral | KLW uju | PJOI *uju |
| pedra | KLW ka:la | PJOI *qala |
| pele | PKN lip̃e | AYM lip ^o t̃j̃i |
| pelo/palha | KLW xipi ‘pelo/cabelo’ | AYM xipi ‘palha fina’ |
| planta cultivada | KLW maʎki | PJOI *maʎki |
| POSS | PKN -n(o) | PJOI *-na |
| próximo | PKN mati | PJOI *masi |

TABELA 104. Paralelos lexicais entre os conjuntos pukina e jaqi

| | PUKINA | JAQI |
|------------------------|--|---|
| rã | KLW kajra | AYM k ^h ajra |
| raiz | KLW sapi | AYM sap ^h i |
| raposa | PKN qomse, KLW kumsi | AYM qamaqi |
| respirar | PKN/KLW sama-na | AYM samara-ja |
| roça | PKN japu | JQR japu |
| rosto | KLW axa/axanu | AYM axanu |
| semente/criar | KLW xat ^h a ‘semente’; KLW at ^h a- ‘criar/alimentar’ | PJQI *xat ^h a ‘semente’ > AYM xat ^h a , JQR at ^h a |
| sol | PKN inti | PJQI *inti |
| suor | KLW xump ^h i | AYM xump ^h i |
| surdo | KLW loq ^h a | JQR luq ^h i, AYM uqara |
| tarde/neblina | KLW xajp ^h u ‘neblina’ | AYM xajp ^h u ‘tarde/crepúsculo’, JQR xajpta ‘desaparecer’ |
| tempo/turno | KLW mit ^h a | PJQI *mit ^h a |
| TOP/ENF | KLW -qa | JQR -qa |
| trapo/remendo | KLW tʃ ^h iri ‘trapo’ | JQR tʃ ^h iri ‘remendar’ |
| tristeza/pena | PKN/KLW ʎaki- ‘lamentar/entristecer’ | PJQI *ʎaki > JQR ɲaki |
| úmido | KLW xoqo | AYM xuq ^h u; JQR xuqu ‘despejar líquidos’ |
| unha | KLW siʎuna | PJQI *siʎu > JQR ʃiʎu |
| vagina | KLW tʃinki; PKN tʃinki ‘sexo entre mulheres’ | PJQI *tʃinqi |
| vencer | KLW atipa-na | PJQI *atipa |
| verde | KLW tʃuxi | AYM tʃ ^h ux-ja |
| vida/existência | KLW xaqa ‘corpo/existência’, PKN xaka, KLW xaqa- ‘viver’ | PJQI *xaka |

4.2.1.4.4.2. Pukina e kawapana

Não há na literatura estudos sobre contatos entre os ancestrais dos pukina e dos kawapana. Embora relevantes, são poucos os paralelos lexicais que dão alguma indicação de que teria havido contato entre as referidas populações durante a pré-história (TABELA 105).

TABELA 105. Paralelos lexicais entre os conjuntos pukina e kawapana

| | PUKINA | KAWAPANA |
|--------------------|-------------------|----------------------------|
| árvore | PKN tara | PKWP *nara |
| batata-doce | KLW aços | PKWP *aʃu? |
| beber | PKN oho | PKWP *uʔu |
| casa | KLW putuku | XWL piðik |
| céu/alto | PKN hanigo ‘alto’ | XWɪ kaninoʔ-tiʔ ‘céu azul’ |

TABELA 105. Paralelos lexicais entre os conjuntos pukina e kawapana

| | PUKINA | KAWAPANA |
|-----------------------|---|---|
| cinzas | KLW ajara-lumi-ska (KLW -lumin 'fogo', KLW -ska 'PERF') | PKWP *jaru?; XWI pi-jara? 'carvão' |
| Lua | PKN ike, KLW oqe | PKWP *juki |
| nome/palavra | PKN nana, PKN men, KLW mini | XWI nana-min 'palavra/boca' (*ra?ran 'palavra/boca/língua' > XWI nanan 'fala/língua') |
| vermelho/carne | PKN pipe, KLW pipi 'carne' | XWL piper 'vermelho' |

4.2.1.4.4.3. Pukina e kechua

A relação histórica entre os pukina e os kechua é amplamente discutida na literatura (cf.: Adelaar & Muysken 2004:350-351; Cerrón-Palomino 2013). Comparações minuciosas dos léxicos pukina (Torero 2002:446-456) e kallawaya³⁶³ (Girault 1989, Aguiló 1991) evidenciaram diversos casos de empréstimos, a maioria de origem kechua, apontados na TABELA a seguir.

TABELA 106. Paralelos lexicais entre os conjuntos pukina e kechua

| | PUKINA | KECHUA |
|--------------------------|---|---|
| 3.S/DEM | PKN tʃu, KLW tʃuj '3.S' | PKC2 *tʃaj 'DEM' |
| água | PKN unu(-qe) | PKC2C *unu |
| águia | PKN kunturi | PKC2 *kuntur |
| águia | PKN amqari | PKC2 *anka |
| ajudar | PKN janapa-na | PKC2 *janapa- > KCE janapa-na |
| alto | PKN hanego, KLW hanaj | PKC *xanax/*xanaq |
| alguém/quem/corpo | PKN pip(e), KLW pipi 'corpo/existência' | PKC *pi 'quem', PKC *pipis/pipas 'alguém' |
| amigo | PKN masi | PKC *masi |
| ano | PKN/KLW wata | PKC *wata |
| areia | PKN tʃiu; KLW tʃiwu | PKC2 *tiu > KCC tʃiwu/tʃiju |
| areia/argila | KLW akʔo 'argila' | PKC *aqu 'areia' |
| beber | PKN osqo- | KCC soqʔo-j |
| boca | PKN simi-qe | PKC2 *simi |
| cacique | PKN maku | PKC2C *maʔku |
| chefe | PKN apu | PKC2 *apu(k) |

³⁶³ Ao documentar a língua dos kallawaya, Oblitas Poblete (1968) observou a existência de inúmeros elementos de origem kechua e pukina. Girault (1989) e Aguiló (1991) compilaram vocabulários kallawaya com especificações sobre a origem pukina ou kechua para os lexemas documentados. Em sua análise, Muysken (1994) concluiu que o kallawaya é um caso de língua mista envolvendo o kechua regional e uma variedade do pukina.

TABELA 106. Paralelos lexicais entre os conjuntos pukina e kechua

| | PUKINA | KECHUA |
|----------------------------|---|---|
| chuva/rio | PKN para ‘rio’ | PKC *para ‘chuva’ |
| chuva/nuvem | KLW t ^h amia ‘nuvem/noite’ | PKC *tamja ‘chuva’ |
| dia | PKN runa, KLW honaj | PKC *xunax |
| embriagar-se | PKN matja-na | PKC *matja- > KCE matja-na, KCW matja-n |
| esconder | PKN/KLW paka-na | PKC *paka- > KCE paka-na, KCW paka-n |
| espírito/respiração | PKN sama-na, KLW samar- ‘respirar’ | PKC2 *sama- ‘espírito/respirar’ > KCE sama-na |
| estrela | PKN wara | PKC *warax |
| feliz | PKN kuji, KLW kusi | PKC *kusi > KCE kuji |
| flauta | KLW qena | PKC *qina |
| fumaça | KLW k ² osje | PKC *qusni > KCO q ² osji |
| grande | PKN q ^h ato/atut, KLW k ² atu | PKC *xatun |
| inimigo | PKN/KLW awka | PKC *awka ‘inimigo/demônio’ |
| ir | PKN puri-na | PKC *puri- > KCE puri-na |
| lágrima | KLW weqej | PKC *wiji |
| mandioca | KLW juka? | PKC *juka |
| mão | PKN makna | PKC *maki |
| menor | PKN suka | KCO suka |
| mesmo | PKN/KLW kiki | PKC *kiki |
| morrer/morto | PKN/KLW haña-na | PKC *aja ‘morto’ |
| NEG | PKN ama | PKC *ama |
| noite/frio | KLW tutas ‘frio’ | PKC *tuta ‘noite’ |
| outro | PKN uksto, KLW uhsi; KLW uksi ‘um’ | PKC *huk ‘um/outro’ |
| pão | PKN tanta | PKC *tanta |
| pimenta | KLW utju | PKC *utsu > PKC2 *utju |
| poder | PKN atipa | PKC2 *atipa- |
| remédio | PKN hampi | PKC *hampi ‘remédio/veneno’ |
| roça | PKN japu | PKC2 *japu- ‘cultivar’, PKC2C *japu-q ‘camponês’ |
| ser | PKN ka- | PKC2 *ka- |
| servente/amante | PKN jana ‘servente’ | PKC *janapa- ‘ajudar’ > PKC2C *jana ‘amante/ajudante’ |
| Sol | PKN inti | PKC *inti |
| sozinho/único | PKN sapa | PKC *sapa |
| vermelho | PKN puka | PKC *puka |
| viver/bom | PKN suma ‘viver’ | PKC *sumaq ‘bom’ |

4.2.1.4.4.4. Pukina e pano

Não há na literatura estudos sobre contatos dos pukina com falantes de línguas pano. A TABELA 107 aponta alguns paralelos que levantam a possibilidade de que os ancestrais das

referidas populações teriam estado em contato. Tais indícios contribuem para a hipótese de uma origem amazônica dos proto-pukina.

TABELA 107. Paralelos lexicais entre os conjuntos pukina e pano

| | PUKINA | PANO |
|---------|-----------------------|--------------|
| árvore | PKN tara | PPAN *taʔa |
| falar | PKN hoʔa-; K LW huja- | PPAN *hoi- |
| gente | PKN men | PPAN *βini |
| lavar | PKN ubatʃa- | PPAN *paʔtsa |
| pequeno | PKN suka | PPAN *ʃoko |
| rio | PKN para | PPAN *paʔo |
| ver | PKN hiski | PPAN *his- |

4.2.1.4.4.5. Pukina e uru-chipaya

Créqui-Montfort & Rivet (1925-1927) erroneamente associaram as línguas pukina e uru-chipaya como apresentando uma origem comum. Torero (2002:446-456) evidenciou alguns casos de empréstimos lexicais diretos entre o pukina e o chipaya. Outros paralelos puderam ser adicionados ao conjunto, apresentado na TABELA 108. Estes dados representam um indício de que os proto-pukina e os proto-uru-chipaya teriam participado da rede de interação Circum-Titicaca. De acordo com diversos estudos arqueológicos, esta rede de interação teria emergido muitos séculos antes da invasão dos proto-aymara na referida região.

TABELA 108. Paralelos lexicais entre os conjuntos pukina e uru-chipaya

| | PUKINA | URU-CHIPAYA |
|--------------|----------------------------------|------------------------------------|
| avô | K LW ikili | CPY awkili |
| avó/tia | K LW pʔala ‘avó’ | CPY ipala, UCM iplo ‘tia’ |
| boca/falar | K LW asa ‘boca’; PKN ata ‘falar’ | PUCP *ata ‘boca’ |
| casa | K LW putuku | CPY putuku |
| cobra | PKN tʃoqora | CPY ʃqora/tʃokʔora |
| comer | PKN luli- | PUCP *lul- |
| dívida | PKN kaha- | CPY qaxa |
| falar | K LW kʰiʔi- | PUCP *kʰi- |
| jovem | PKN too | CPY tʰowa ‘jovem’, UCM tow ‘rapaz’ |
| Lua/mês | PKN his ‘mês’ | PUCP *xiis ‘lua/mês’ |
| muito/sobre | PKN huntu ‘muito’ | CPY huntun ‘sobre’ |
| mundo/espaco | PKN qura/qora ‘mundo’ | CPY sqora |
| nádegas/ânus | PKN tʃis ‘nádegas’ | CPY tʃʰits ‘ânus’ |

TABELA 108. Paralelos lexicais entre os conjuntos pukina e uru-chipaya

| | PUKINA | URU-CHIPAYA |
|----------------|------------------------------|--|
| olho | PKN hiski/ski/sek; K LW tʃeχ | CPY tʃ ^h uxki/tʃ ^h uki |
| raiz | K LW tʃumi | CPY lxomi |
| rei | PKN reega | CPY ree |
| rosto | PKN juke | CPY juki, UCM juk |
| roupa | PKN ka-zkiti-kona ‘alfaiate’ | PUCP *ʃkiti |
| saber | PKN siska-na | PUCP *ʃiʃ |
| um/dois | PKN pesk ‘primeiro’ | CPY piʃk, UCM pisk ‘dois’ |

4.2.1.5. Macro-jê

Foram detectados extratos léxicos compartilhados por populações macro-jê e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- guato → §4.2.1.5.1.1
- karib → §4.2.1.5.1.2
→ §4.2.1.5.2.1
→ §4.2.1.5.3.1
→ §4.2.1.5.5.1
- kayuvava → §4.2.1.5.1.3
- kwaza → §4.2.1.5.2.2
- macro-mataguayo-guaykuru → §4.2.1.5.4.1
- mura-matanawi → §4.2.1.5.2.3
- nambikwara → §4.2.1.5.1.4
- puinave-nadahup → §4.2.1.5.3.2
- taruma → §4.2.1.5.2.4
- tupi → §4.2.1.5.1.5
→ §4.2.1.5.3.3

4.2.1.5.1. Bororo

Foram detectados extratos léxicos compartilhados especificamente entre línguas dos conjuntos bororo e:

- guato → §4.2.1.5.1.1
- karib → §4.2.1.5.1.2
- kayuvava → §4.2.1.5.1.3
- nambikwara → §4.2.1.5.1.4
- tupi → §4.2.1.5.1.5

4.2.1.5.1.1. Bororo e guato

Rodrigues (1986) aponta um número bastante reduzido de paralelos lexicais entre o bororo e o guato como indícios para dar alguma sustentação à sua hipótese de que a última língua estaria geneticamente vinculada ao tronco Macro-jê. Martins (2011) apresenta mais alguns paralelos lexicais, os quais assume serem mais evidências da suposta filiação genética do guato. Tais paralelos são obviamente insuficientes para comprovar tal alegação e as semelhanças apresentadas na TABELA 109 devem ser vistas como resultantes do contato entre as referidas populações.

TABELA 109. Paralelos lexicais entre os conjuntos bororo e guato

| | BORORO | GUATO |
|----------------------|-------------------------|--------------------------------|
| animal/porco-do-mato | BRR aku ‘animal’ | óku ‘porco-do-mato’ |
| barba | BRR ok ^w abu | k ^w abo |
| beber | PBRR *ku | óki |
| chuva | BRR boe | ve |
| mão | PBRR *era | ra |
| orelha | BRR bia | vi |
| pé | BRR abore | abɔ |
| raiz/batata-doce | BRR uka ‘raiz’ | óka ‘batata-doce’ |
| raposa | PBRR *oka/*okwa | ùkwà |
| rio | PBRR *po | pɔ-gí ‘riacho’ (GTO gí ‘água’) |

4.2.1.5.1.2. Bororo e karib

Não há na literatura estudos sobre contatos entre os ancestrais dos bororo e de populações de origem karib. Existe, entretanto, um número considerável de semelhanças lexicais entre as línguas das referidas populações (TABELA 110), provavelmente resultantes

da expansão de falantes de línguas karib para o território original dos proto-bororo. A presença de elementos intrusivos de origem karib no léxico básico do proto-bororo é um indício importante de que teria ocorrido miscigenação das referidas populações durante o período de contato. É provável que os proto-bororo tenham adquirido também de populações karib a técnica de cariapé no fabrico da cerâmica. O uso desta tecnologia é característico de sociedades karib e é também um traço diagnóstico da cerâmica uru, diretamente associada aos proto-bororo e proto-karaja.

TABELA 110. Paralelos lexicais entre os conjuntos bororo e karib

| | BORORO | KARIB |
|----------------------|--|--|
| animal | BRR aku | PKAR *eki(-ni) |
| árvore | PBRR *i | PKAR *je > KKR/KLP i, AKW eʔ, BKR -e, EÑP ije, MKX jéi |
| boca/bico | UMT oza ‘boca’; PBRR *oto ‘bico/lábio’ | PKAR *pota ‘boca/bico’ > KKR huta-, HIX hota; PKAR *ôt- ‘comer/falar’ |
| caminho | BRR awara | BKR āwā, KKR ama |
| dente/boca | PBRR *ia ‘boca’ | PKAR *je ‘dente’ > APL je, EÑP/YKP -ji-, KKR -i- |
| falar | PBRR *batari | PKRV *tarô |
| flor | PBRR *i-ku | WYN eku, APL ekuru |
| floresta | PBRR *itura | TIR itu, BKR idu, IKP iru, APL itu |
| folha | PBRR *(r)ari | PKAR *ari, *jare > APL z-ary, WYN ale, TIR/HIX/BKR -ari |
| gordura | BRR ka | PKAR *ka- |
| língua | PBRR *eru, eruga | PKAR *nu- > BKR i-lu-, IKP o-lu, EÑP iño, WYN/APL nu, KLP iñugu |
| mandioca/cará | UMT utio ‘mandioca’; BRR oto ‘cará’ | EÑP uto, WYN ulu ‘mandioca’ |
| mão | PBRR *era | TIR/MKX/EÑP eja, KKR iñati |
| muito | BRR kiri ‘muito/grande/bom’ | EÑP kure; TIR kure ‘bom’; MKX kureʔnan ‘grande’ |
| mulher | BRR aredi, UMT uriʃa | PKAR *wori-tʃi, MKX wiriʔ, TIR wëri AKW uriʃa, HIX woris |
| nariz | PBRR *eno | PKAR *ôwna- > BKR/YKP -ena-, AKW enna, APL ouna (cf.tb.: PKAR *enu ‘olho’) |
| nuvem | UMT barotɔ; UMT boroto ‘relâmpago’ | PKAR *kapurutu |
| ombro/asa | PBRR *oda ‘asa’ | PKAR *m-ota ‘ombro’ > MKX/TIR/YKP/APL mota, AKW moda |
| onça | PBRR *aiko | PKAR *kaikuti |
| panela | BRR aria ‘panela’ | PKAR *orini ‘panela/vaso’ > TIR alina ‘panela’, YBR ərinə ‘vaso’ |
| pedra | PBRR *tohori > OTK tohori | BKR tuhu, HIX tohu, MKR təhu, EÑP toʔ |
| peixe | PBRR *kare > BRR karo | PKAR *kana > YKN kano, BKR kārā |
| pele | PBRR *biri | PKAR *pitipi |
| pena/pelo | PBRR *bo ‘pena’; BRR bu ‘pelo’ | PKAR *apo ‘pena’; KKR -ipu-, TIR/HIX -hpo- ‘pelo’ |
| perna/pé | PBRR *bire ‘pé’ > UMT bure | PKAR *pôre- ‘perna’ |
| qual/quem | BRR du ‘REL’ | BKR adi, TIR ati, IKP ari, KKR ti, APL oti |
| veneno/timbó | BRR kiro ‘timbó’ | PKAR *kurari ‘veneno’ |

4.2.1.5.1.3. Bororo e kayuvava

Não há na literatura estudos sobre contatos entre os ancestrais dos bororo e dos kayuvava. Há, entretanto, algumas semelhanças lexicais entre as línguas das referidas populações (TABELA 111), que podem indicar que houve algum contato resultantes da expansão de falantes de línguas bororo para a Chiquitania.

TABELA 111. Paralelos lexicais entre os conjuntos bororo e kayuvava

| | BORORO | KAYUVAVA |
|--------|------------------|--------------|
| água | PBRR *bo | bo |
| cabeça | PBRR *wara | bārākama |
| fezes | PBRR *pe ‘fezes’ | pi ‘defecar’ |
| Lua | PBRR *ari | rārē |
| olho | BRR joku | -ḡoko |
| osso | PBRR *ra(ka) | rakie |

4.2.1.5.1.4. Bororo e nambikwara

Não há na literatura estudos sobre contatos entre os ancestrais dos bororo e dos nambikwara. As poucas semelhanças lexicais entre as línguas das referidas populações foram identificadas (TABELA 112) e podem representar um indício de que teria havido algum contato entre elas.

TABELA 112. Paralelos lexicais entre os conjuntos bororo e nambikwara

| | BORORO | NAMBIKWARA |
|--------------|---------------------------|---|
| arco | PBRR *boika | PNBK *pok ² |
| flecha/ponta | PBRR *oto ‘bico/ponta’ | PNBK *hau:t ² ‘flecha’ > SBN oto |
| Lua | PBRR *ari | PNBK *h ² elʎ |
| milho | BRR kujada | PNBK *kajāt |
| pedra | PBRR *tohori > OTK tohori | PNBK *t ² ah ² li |

4.2.1.5.1.5. Bororo e tupi

Loukotka (1939) observou a presença de alguns elementos lexicais de origem tupi em bororo, fazendo entrever uma hipótese de contatos entre os ancestrais destas populações, fato

posteriormente confirmado pelas investigações arqueológicas de Wüst (1992). As poucas semelhanças lexicais entre as línguas das referidas populações foram identificadas (TABELA 113) e podem representar um indício de que teria havido algum contato entre elas.

TABELA 113. Paralelos lexicais entre os conjuntos bororo e tupi

| | BORORO | TUPI |
|---------------|-----------------|--|
| fruta/semente | BRR a ‘semente’ | PTPI *ʔa ‘fruta’ |
| marido/homem | BRR ime ‘homem’ | PTPG *i-men ‘marido’ |
| mosquito | PBRR *baʒe | PTPI *waʔiʔũ |
| raiz | BRR uka | PTPI *ʔek ^w ‘raiz comestível’ > PTPG *ʔuk-a |
| tabaco | BRR me | PTPI *pe(tim) |

4.2.1.5.2. Jeoromitxi

Foram detectados extratos léxicos compartilhados especificamente entre línguas dos conjuntos jeoromitxi e:

- karib → §4.2.1.5.2.1
- kwaza → §4.2.1.5.2.2
- mura-matanawi → §4.2.1.5.2.3
- taruma → §4.2.1.5.2.4

4.2.1.5.2.1. Jeoromitxi e karib

Não há na literatura estudos sobre contatos entre os ancestrais dos jeoromitxi e populações de origem karib. Algumas semelhanças lexicais detectadas neste estudo podem indicar que as referidas populações estiveram em contato em algum momento da pré-história (TABELA 114).

TABELA 114. Paralelos lexicais entre os conjuntos jeoromitxi e karib

| | JEOROMITXI | KARIB |
|-----------------|-------------------------|---|
| beber | RKP o | EÑP oʔ, MKX woʔ |
| carrapato/pulga | RKP ʔitʔika ‘carrapato’ | PKAR *siki ‘pulga’ > KRH ʔik, TIR ʔikə, IKP ʔigon |
| cobra/pênis | RKP ʔəkai ‘pênis’ | PKAR *òkòju ‘cobra’ > KRH/WYN/TIR əkəi, APL okoi |
| filha | RKP ʔitʔi, JEO itʔi | BKR eʃi |

TABELA 114. Paralelos lexicais entre os conjuntos jeoromtxi e karib

| | JEOROMITXI | KARIB |
|----------------|------------|------------------------|
| folha | RKP tʃarɔ | PKAR *jare > BKR s-ari |
| mulher | RKP pakœ | BKR pekodo, IKP petkom |
| peneira | RKP mǎnǎri | PKAR *manari |

4.2.1.5.2.2. Jeoromtxi e kwaza

Van der Voort (2005) observou algumas semelhanças entre as línguas da família jeoromtxi e o kwaza (TABELA 115), revelando que os ancestrais dos seus falantes estiveram em contato na bacia do Guaporé. As relações ocorreram principalmente com os ancestrais do arikapu.

TABELA 115. Paralelos lexicais entre os conjuntos jeoromtxi e kwaza

| | JEOROMITXI | KWAZA |
|--------------------|----------------------|--------------|
| açaí | RKP wiri | wiri?tu |
| andar | RKP kǎrǎj | kerai |
| bolsa | RKP tʃu, JEO du | sui |
| cigarra | RKP kokorǎ | kuku |
| CLS.espinho | RKP -nǎ | -nǎ |
| CLS.mingau | RKP -mrē | -mē |
| estrela | RKP warǎwarǎ | waruwaru |
| milho | RKP/JEO tʃitʃi | atʃitʃi |
| peneira | RKP manarǎ | manari |
| pica-pau | RKP pǎwrũ, JEO mǎoro | mauru |
| pó/farinha | RKP nũ 'farinha' | -nũ 'CLS.pó' |
| tucano | RKP tʃuwewe | sowiwi |

4.2.1.5.2.3. Jeoromtxi e mura-matanawi

Não há na literatura estudos sobre contatos entre os ancestrais dos jeoromtxi e populações mura-pirahã. Algumas semelhanças lexicais detectadas neste estudo podem indicar que as referidas populações estiveram em contato em algum momento da pré-história (TABELA 116).

TABELA 116. Paralelos lexicais entre os conjuntos jeoromtxi e mura-matanawi

| | JEOROMTXI | MURA-MATANAWI |
|--------------|--------------------|---------------------|
| 1.P | RKP tʃi-he | PRH tʃihi |
| água | RKP bi | PRH pi; MRA pee |
| águia/urubu | RKP totoʃi ‘urubu’ | MRA toose ‘águia’ |
| comer | RKP ko | PRH koho |
| falar | RKP kai | PRH gai |
| pescoço/nuca | RKP kamɔ ‘nuca’ | MRA kabue ‘pescoço’ |
| remo | RKP pē | PRH pepe |
| terra | RKP bekuku | PRH bigi |

4.2.1.5.2.4. Jeoromitxi e taruma

Não há na literatura estudos sobre contatos entre os ancestrais dos jeoromitxi e dos taruma. Algumas semelhanças lexicais detectadas neste estudo podem indicar que as referidas populações estiveram em contato em algum momento da pré-história (TABELA 117).

TABELA 117. Paralelos lexicais entre os conjuntos jeoromtxi e taruma

| | JEOROMTXI | TARUMA |
|------------|--------------------|--------------------|
| árvore | RKP ku | u |
| comer | RKP ko | ko |
| dançar | RKP kəwi | kabihwi |
| estrela | RKP wirawira | wire/ʃiira |
| flecha | RKP kubi | kuba |
| homem | RKP hikəbu | gika |
| jacaré | RKP uhiri | hiri |
| nome/falar | RKP ʒepiro ‘falar’ | ʒipi ‘nome’ |
| pé | RKP pa | apa |
| tio | RKP tetʃi | ?aʒi; ?eʒi ‘sogro’ |
| um | RKP uifʃi | oʃi |
| veado | RKP kudi | konia |

4.2.1.5.3. Karaja

Foram detectados extratos léxicos compartilhados especificamente entre línguas dos conjuntos karaja e:

- karib → §4.2.1.5.3.1
- puinave-nadahup → §4.2.1.5.3.2
- tupi → §4.2.1.5.3.3

4.2.1.5.3.1. Karaja e karib

Não há na literatura estudos sobre contatos entre os ancestrais dos karaja e populações de origem karib. Certas semelhanças lexicais importantes foram detectadas neste estudo e podem indicar que as referidas populações estiveram em contato em algum momento da pré-história (TABELA 118). Esta relação de contato provavelmente ocorreu antes dos proto-karaja terem se estabelecido no Araguaia. É provável que os proto-karaja tenham adquirido também de populações karib a técnica de cariapé no fabrico da cerâmica. O uso desta tecnologia é característico de sociedades karib e é também um traço diagnóstico da cerâmica uru, diretamente associada aos proto-bororo e proto-karaja.

TABELA 118. Paralelos lexicais entre os conjuntos karaja e karib

| | KARAJA | KARIB |
|---------------------------|---------------------------|---|
| barriga | woku | TIR/APL waku, KRH wakuru |
| casa | heto | PKAR *(p)ato > HIX ewto, BKR j-eti; MKR hata ‘vila’ |
| cozinhar | -oka | PKAR *uka |
| cutia | hākuri | PKAR *akuri |
| dente | ɕu | PKAR *(j)ô- |
| fígado/coração | telesō ~ tēdesō ‘coração’ | PKAR *ere ‘fígado’ > MKR ut-ere |
| fogo | heoti | PKAR *wapoto > HIX weheto, ENP wahto |
| homem/rapaz | wekuruu ‘rapaz’ | PKAR *wōkiri ‘homem’ |
| língua | dɔrətɔ | PKAR nuru > TIR nore |
| machado | woma | TIR wiwi, IKP wim |
| madeira | heɛ | PKAR *we |
| mãe/avó | nadi ‘mãe’ | PKAR *noti ‘avó’ |
| mel | bədi | PKAR *wanV > TIR i-weni |
| nariz | d-eərə, d-ɛãθɛ | PKAR *ōwna > uj-euna, j-ena-ri |
| pai/avô | təbi ‘pai/velho’ | PKAR *tamu ‘avô/velho’ |
| pilão/mão de pilão | hāko ‘mão-de-pilão’ | PKAR *ako ‘pilão’ |
| raposa/onça | ikɔrɔ ‘canídeo’ | PKAR *akôrô ‘onça’ |
| remo | narihi | PKAR *ari-ma ‘remar’, MKX/PMO naire ‘remo’ |
| tamanduá | wariri | PKAR *warifji |

4.2.1.5.3.2. Karaja e puinave-nadahup

Não há na literatura estudos sobre contatos entre os ancestrais dos karaja e populações de origem puinave-nadahup. Embora estas populações estejam localizadas em regiões bastante distantes, as semelhanças lexicais apontadas na TABELA 119 podem ser um indício de que os proto-karaja e populações puinave-nadahup teriam participado de uma mesma esfera de interação em algum momento da pré-história.

TABELA 119. Paralelos lexicais entre os conjuntos karaja e puinave-nadahup

| | KARAJA | PUINAVE-NADAHUP |
|----------------------|---------------------|----------------------------------|
| barriga | woku | PNDH *wok? |
| canoa | hãwɔkɔ | PNDH *ha(hku) |
| faca | maki | NUK bak? |
| formiga/cupim | diki ‘cupim’ | PKAK *tiki, PNDH *tiki ‘formiga’ |
| mão | debo | PNDH *dē?bōh, PUI dap |
| marido | habu ‘homem/marido’ | PNDH *hebu, NUK ɕa?bu ‘homem’ |
| piolho | təburu | PNDH *dābi |
| semente | ti | PNDH *tib |
| unha | deʃiɔ/deʃiə | PKAK *tejʃo |
| vagina | ti | PNDH *di |

4.2.1.5.3.3. Karaja e tupi

Ribeiro (2001) aponta alguns empréstimos de línguas tupi-guarani em karaja e, também com base em evidências etnográficas, conclui que houve um histórico de contato entre os karaja e os tapirape. Oliveira (2005) observou que a migração de populações produtoras de cerâmica da tradição uru, associada aos proto-karaja, teria se iniciado desde a porção central do atual Estado do Mato Grosso em sentido leste e então tomado rumo ao norte, através das bacias do Araguaia e Tocantins. Segundo este autor, ao se estabelecerem nestas regiões, tais populações teriam firmado relações de contato com populações precursoras de origem tupi-guarani. Robrahn-González (1996:43) confirmou o fato ao demonstrar que sítios localizados em áreas no Médio Tocantins apresentam características mistas das tradições uru e tupiguaraní. Os paralelos lexicais apresentados na TABELA 120 dão diversos exemplos de prováveis intrusões arcaicas de origem tupi-guarani em karaja, de modo que as relações entre os proto-karaja e falantes de línguas tupi-guarani deve ter, de fato, se iniciado num período bastante remoto,

provavelmente desde o momento em que os primeiros passaram a ocupar o vale do médio Araguaia, onde os últimos supostamente preexistiam.

TABELA 120. Paralelos lexicais entre os conjuntos karaja e tupi-guarani

| | KARAJA | TUPI-GUARANI |
|------------------|-------------------------------|--|
| abacaxi | adōdā | PTPG *nana |
| água | bæ | PTPI *ʔi > PTPG *iʔi > WYP ii |
| amarelo/vermelho | isə ‘vermelho’ | PTPG *juβ ‘amarelo’ > GRP iju, SRO etʃo |
| amigo | io | PTPG *irū |
| árvore | ɔwɔru | PTPG *iβira |
| avó | l-ahi | PTPG *t-arij > GRP jari, WYP jalii, SRO ari |
| avô | l-abie | PTPG *t-amōj > GRP r-amii, WYP l-amūi, SRO e-rāmēj |
| azul/preto | iləbi ‘preto’ | PTPG *t-oβi ‘zul’ > SRO e-rubi, GRP hovi, WYP erubi |
| boca/dente | ɕuu ‘dente’ | PTPG *juru |
| comer | i | PTPG *u |
| de novo | ijəbi | PTPG *i-jeβi > GRP ɕevi |
| doce | ibæree | PTPG *mae-tjēē > GRP mae-heē |
| estrela | taina | PTPG *t-aĩn-a > WYP taina |
| filho | d-əə | PTPG *t-air > GRP r-ai, WYP l-ai |
| fumaça | ɔti | PTPI *tʔiŋ > PTPG *tiŋ > CRG ti |
| mãe | ise | PTPI *i-tʃi > PTPG *i-tʃi > GRP i-si, SRO i-si |
| mel | bədi | PTPI *ewit > PTPG *eir > CRG ei, WYP ei |
| noite/ontem | kau ‘noite’ | PTPG *karu ‘noite’, GRP karu-mo ‘ontem’ |
| ombro | afjə ‘braço’, afjə-ti ‘ombro’ | PTPG *atiiβ > GRP atiʔi, WYP asiʔi |
| pai | təbi | PTPI *-up > PTPG *t-uβ |
| pescoço/garganta | botə ‘garganta’ | PTPI *wut ‘pescoço’ |
| preço | ɔwi | PTPG *-epi > WYP -epi |
| quente | akobina | PTPG *akuβ > GRP hakuvi |
| rosto/olho | rue ‘olho’ | PTPG *t-oβa ‘rosto’ > GRP r-owa; SRO r-uba, WYP e-rowa |
| Sol/luz | kəɾəbi ‘luz’ | PTPG *kwaraʔi ‘Sol’ |
| tartaruga | kətu/kətuni | PTPG *karūme |
| urina | li | PTPI *tʔi > PTPG *ti |
| veado | watʃi | PTPI *itʃi > PTPG *watʃu |

4.2.1.5.4. Ofaye

Foram detectados extratos léxicos compartilhados especificamente entre línguas dos conjuntos ofaye e:

- macro-mataguayo-guaykuru → §4.2.1.5.4.1

4.2.1.5.4.1. Ofaye e macro-mataguayo-guaykuru

Não há na literatura estudos sobre contato entre os ofaye e falantes de línguas macro-mataguayo-guaykuru. Nesta pesquisa pôde-se constatar que o ofaye é um caso bastante interessante de língua macro-jê com um estrato linguístico importante de origem macro-mataguayo-guaykuru (ramos guaykuru e payagua), como se observa na TABELA a seguir:

TABELA 121. Paralelos lexicais entre os conjuntos ofaye e macro-mataguayo-guaykuru

| | OFAYE | MACRO-MATAGUAYO-GUAYKURU |
|-------------|----------------------------------|---------------------------------------|
| 1.S | ʃə- | PGKR *ʃ(V)- '1.S.AG' ³⁶⁴ |
| 1.P | aka- | PGKR *-ʔaqa ³⁶⁵ |
| 3.P | ida | PGKR *e-da '3.S.ereto' ³⁶⁶ |
| anta | pitəji | PGKR *pet'ajo 'tamanduá' |
| bom | həra | PYG lara |
| céu | pij | PGKR *pi'ge'm > PIL pijem |
| chuva | əhah | PYG ohah 'água' |
| comer | tok | PYG etuk |
| corda | əʃik | PGKR *l-apik |
| dar | ānāw- | PGKR *-an |
| dente | əʃe | PYG aʃi |
| descendente | kajo | PGKR *-a'jo 'filho' |
| estrela | kətowε-kətε ³⁶⁷ 'Lua' | PGKR *-aqat'i |
| estrela | waiketa | PYG {hira}-vagiɕa |
| faca | katek | PGKR *-k'ate |
| fogo | əʃəw | PYG itʃa-{ri} |
| homem | əʃow | PIL n-esoq, TOB nsoq 'rapaz' |
| ir | kāw | MOK qawa, PIL/TOB kewo 'andar' |
| irmão | aigrakə | PYG iagura |
| joelho | hikətε | PGKR *-likete |
| mãe | əhte | PGKR *-ate?e |
| nuvem | ʃowe | TOB ʃiwe PIL si?wi |
| OBL | -he | PGKR *ke (Viegas 2013:338) |
| onça | oketʃi | PGKR *ke'djoko |
| ovo | ā-kate | -ket'e 'coco' |
| peito | əta | PYG atah |

³⁶⁴ Viegas 2013:317.

³⁶⁵ Viegas 2013:329.

³⁶⁶ Sandalo 1995:62.

³⁶⁷ OFY kətowε 'astro, Sol', kətowε-kətε 'astro-estrela'; cf. tb.: AYR geedo, PMTG *kates 'estrela'.

TABELA 121. Paralelos lexicais entre os conjuntos ofaye e macro-mataguayo-guaykuru

| | OFAYE | MACRO-MATAGUAYO-GUAYKURU |
|---------|--------|---------------------------|
| pequeno | -rik | KDW n-igi, TOB opi-k |
| pescoço | toə | PYG soah |
| piolho | kəteʃ | PGKR *aqʔete |
| rede | ʃəg | PGKR *l-aleg-ek |
| remedio | ãŋʃatə | PGKR *-ʔetʔad |
| semente | ə-ja: | PGKR *ʔal-a |
| subir | wi | PGKR *-aʔwi |
| terra | həwa | PGKR *ʔaʔlewa |
| veado | ugona | MOK reʔʋone? PIL jʔowone? |
| vir | hək | PIL/TOB hek 'ir' |

As semelhanças lexicais com o proto-guaykuru, como as apontadas acima, associadas a um número visível de irregularidades fonológicas existentes no seu léxico ‘macro-jê-nuclear’ dão suporte à interpretação de que o ofaye³⁶⁸ seria derivado de um processo etnogênico envolvendo a miscigenação de populações ‘macro-jê-nuclear’ com uma parcela dos proto-guaykuru ou com alguma população diretamente derivada destes. Partindo deste pressuposto, é possível ter havido ao longo de sua gênese influências de diferentes línguas vinculadas ao macro-jê-nuclear, presumivelmente do proto-jê central, do proto-jeoromitxi, do proto-karaja e/ou de algum de seus descendentes ou de variedades desconhecidas porém geneticamente bastante próximas a estas proto-línguas.

4.2.1.5.5. Rikbaktsa

Foram detectados extratos léxicos compartilhados especificamente entre línguas dos conjuntos rikbaktsa e:

- karib → §4.2.1.5.5.1

³⁶⁸ Nimuendaju já havia mencionado a possibilidade do ofaye ter relação com as línguas da região do Chaco (Ihering 1912:260).

4.2.1.5.5.1. Rikbaktsa e karib

Não há na literatura estudos sobre contatos entre os ancestrais dos rikbaktsa e populações de origem karib. Certas semelhanças lexicais importantes foram detectadas neste estudo e podem indicar que as referidas populações estiveram em contato em algum momento da pré-história (TABELA 122). Esta relação de contato provavelmente ocorreu no Tapajós.

TABELA 122. Paralelos lexicais entre os conjuntos rikbaktsa e karib

| | RIKBAK TSA | KARIB |
|---------------|----------------|--|
| algodão | maçori | PKAR *mawuri |
| árvore | hui | PKAR *we |
| cabelo | hari | PKAR *ari ‘cabelo/folha’ |
| casa | wahoro | IKP owro, AKW ödö, TIR pakoro |
| fogo | iço | KKR/KLP ito, PRK witu, WAI wehto, BKR peto |
| folha | şaro | PKAR *ari ‘cabelo/folha’ > APL zari, BKR s-ari |
| machado | wşwşk | APL/WYN/TIR wiwi, MKX waaká, PMN wakka |
| mãe | je | TIR -je, IKP je, APL se, BKR -ze |
| mandioca | moko | YBR/MPY/ENP amaka |
| milho | wanatşi | KRH anatşi, TIR a:natşi, IKP anat, MKX a?nai, TIR a:nai, KKR ana |
| mulher/esposa | wşwşk ‘mulher’ | PKAR *piti ‘esposa’ > BKR widi, IKP wit |
| pele | piak | ENP piħ |
| quem/que | atş ‘quem’ | BKR adi, TIR ati, IKP ari, KKR ti, APL oti |
| testa | okpe | PKAR *pe- |
| urina | tuk | YKP şuku, TIR/ENP/APL suku, MKX su? |

As intrusões lexicais de estágios antigos de distintas línguas karib em línguas macro-jê como rikbaktsa, karaja, bororo e jeoromitxi são fortes indícios de que estas populações participaram de uma mesma esfera de interação na vertente direita do Baixo Amazonas. Isto traz implicações importantes sobre o território original dos proto-karib, considerado por muitos investigadores o Maciço das Guianas. Como se discutirá mais detalhadamente em §5, é provável, tendo em vista as evidências levantadas neste estudo, que o provável território original dos proto-karib tenha sido ao longo do Baixo Amazonas e do baixo curso dos seus afluentes e o dos proto-macro-jê a região entre a Chapada dos Parecis e o Alto Araguaia.

4.2.1.6. Macro-mataguayo-guaykuru

Foram detectados extratos léxicos compartilhados por populações macro-mataguayo-guaykuru (divisões guaykuru e payagua) e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- macro-arawak (arawak) → §4.2.1.4.1.14
- macro-jê (ofaye) → §4.2.1.5.4.1
- trumai → §4.2.1.6.1
- tupi → §4.2.1.6.2

4.2.1.6.1. Macro-mataguayo-guaykuru e trumai

Não há na literatura estudos sobre contato dos trumai com falantes de línguas macro-mataguayo-guaykuru. Nesta pesquisa pôde-se constatar um número razoável de prováveis empréstimos de línguas guaykuru em trumai (TABELA 123). Tais dados são indícios importantes de que os proto-trumai seriam oriundos da bacia do Paraguai. Pesquisas etno-históricas apontam que os trumai, de fato, teriam aparecido na bacia do Alto Xingu através do rio Culuene somente no século XIX (Villas Bôas & Villas Bôas 1970:27).

TABELA 123. Paralelos lexicais entre os conjuntos guaykuru e trumai

| | GUAYKURU | TRUMAI |
|-----------------------|---|------------------------------|
| boca/lábio | PQOM *l-ap [?] 'boca'; GCI j-ape, PYG j-apas 'lábio' | laf 'lábio' |
| carne | PQOM *l-apat > MOV l-a?at | lat |
| casa | PGKR *ʔi [?] mek > KDW d-im:igi | pike |
| criança | PQOM *n-oko-t > TOB n-ogot, MOV n-okt, PLG n-o:t | noxo |
| dormir | PGKR *e?ot [?] e > PQOM *o?oti > TOB -o?otʃe, PLG -otʃe | ooʃ |
| em pé | PGKR *ɖa | la |
| estrela | PGKR *aqat [?] i > GCI aati | asi |
| fígado/pulmão | PGKR *at [?] id 'pulmão' > PQOM *ati? > MOV/TOB/PLG -atʃi? | a?tsi 'fígado' |
| filha/nora | PGKR *-at [?] e 'nora' | -ata-di 'filha' (di = 'mãe') |
| filho/sobrinho | PGKR *-a [?] jo 'filho' | ajus 'sobrinho' |
| homem/marido | PGKR *el [?] e 'homem' | -etʃe 'marido' |
| irmão | PGKR *-ap [?] it [?] i 'irmão maior' | -apisi |
| LOC/DAT | PGKR *-ʔgi 'LOC' | -ki 'LOC/DAT' |
| mãe | PGKR *-ate?e > PQOM *-ate? | -aʃe |
| NEG | PQOM *sag, KDW daga | tak |

TABELA 123. Paralelos lexicais entre os conjuntos guaykuru e trumai

| | GUAYKURU | TRUMAI |
|-----------------------|--|---|
| nome/voz/falar | POOM *tag ‘falar, voz’ | tak ‘nome’ |
| peixe | PGKR *k ² ote | k ² ate |
| tabaco/fumar | PGKR *-ap ² i ‘chupar/fumar’, ABP pe ‘tabaco’ | fi ‘tabaco’ |
| terra/barro | POOM *-isjaga ‘barro’, GCI leek ‘terra’ | ilaka ‘terra’ |
| vagina | PYG arig | ali |
| ver | PGKR *- ² lo > PLG lota, TOB lo ² ot | xu ² t ² sa; xon ‘olho’ |

4.2.1.6.2. Macro-mataguayo-guaykuru e tupi

Não há na literatura estudos sobre contato dos macro-mataguayo-guaykuru com falantes de línguas tupi. Nesta pesquisa pôde-se constatar alguns paralelos, especialmente entre o proto-guaykuru e o proto-tupi-guarani (TABELA 124). Tais dados podem representar indícios de que a invasão de populações de origem tupi-guarani na bacia do Paraguai, o provável território de origem dos proto-guaykuru, teria resultado na ocorrência de empréstimos e motivado uma migração de descendentes dos proto-guaykuru para o sul até a bacia do Baixo Paraná.

TABELA 124. Paralelos lexicais entre os conjuntos guaykuru e tupi-guarani

| | GUAYKURU | TUPI-GUARANI |
|--------------------------------|--|--|
| árvore/madeira | PGKR * ² ipag | PTPI *k ² ip > PTPG * ² iβ, JUR/XPY ² ipa |
| dia | PGKR *n-ala ² | PTPG *ar |
| flecha | PGKR *ak ² i | PTPI *ek ^w ² ip |
| fruto | PGKR *-a | PTPG * ² a |
| ir | PGKR *eko | PTPI *eko > PTPG *eko |
| poeira | PGKR *a ² moqo ‘poeira’ | PTPG *muku ‘sujeira/pó’ |
| ser humano/descendentes | PGKR *-awa ‘descendentes’ | PTPG *aβa ‘ser humano’ |
| tabaco | ABP pe | PTPI *pe |
| taquara | PGKR *t ² aqat ² e | PTPG *tak ^w ar |

4.2.1.7. Pano-takana

Foram detectados extratos léxicos compartilhados por populações pano-takana e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- harakmbet

→ §4.2.1.3.1.1

- kayuvava → §4.2.1.7.2.1
- kechua → §4.2.1.7.1.1
- macro-arawak (arawak) → §4.2.1.4.1.20
- macro-arawak (kandoxi) → §4.2.1.4.2.7
- macro-arawak (pukina) → §4.2.1.4.4.4
- mapudungun → §4.2.1.7.1.2
- moseten-tsimane → §4.2.1.7.1.3
- tukano → §4.2.1.7.1.4
- tupi → §4.2.1.7.2.2
- uru-chipaya → §4.2.1.7.1.5

4.2.1.7.1. Pano

Foram detectados extratos léxicos compartilhados especificamente por populações pano e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- harakmbet → §4.2.1.3.1.1
- kechua → §4.2.1.7.1.1
- macro-arawak (arawak) → §4.2.1.4.1.20.1
- macro-arawak (kandoxi) → §4.2.1.4.2.7
- macro-arawak (pukina) → §4.2.1.4.4.4
- mapudungun → §4.2.1.7.1.2
- moseten-tsimane → §4.2.1.7.1.3
- tukano → §4.2.1.7.1.4
- uru-chipaya → §4.2.1.7.1.5

4.2.1.7.1.1. Pano e kechua

Embora não haja na literatura estudos específicos sobre contatos entre línguas pano e kechua, nesta pesquisa pôde-se constatar alguns empréstimos do kechua nas primeiras, representando indícios de que o império inca teria provavelmente mantido postos de contato na bacia do Ucayali (TABELA 125). Veja, por exemplo, que dentre os empréstimos existem aqueles de cunho nitidamente administrativos, como ‘aldeia’ e ‘chefe’. Não se pode descartar, entretanto, a possibilidade de que alguns destes empréstimos tenham ocorrido durante a época colonial.

TABELA 125. Paralelos lexicais entre os conjuntos pano e kechua

| | PANO | KECHUA |
|---------------|-------------------------------------|---|
| água | PPAN *hini | PKC *unu |
| água/lágrima | PPAN *waka | PKC *waqa- ‘choro/lágrima’ |
| aldeia | PPAN *jakat | PKC *ʁaqa |
| chefe | XPB/KXB/AMW apo | PKC *apu |
| corpo | PPAN *joʁa | PKC *jura |
| escuro/noite | XPB tʃiʃi, XRN tʃiʃi ‘escuro/preto’ | PKC *tʃiʃi ‘noite’ |
| gambá/morcego | PPAN *maʃu ‘gambá’ | PKC *maʃu ‘morcego’ |
| pedaço | XPB/AMW pakiʃ | PKC *paki ‘pedaço’, PKC *paki-j ‘quebrar’ |
| NEG | PPAN *(j)ama | PKC *ama |
| pai | PPAN *papa | PKC *papa |
| pedra/porrete | PPAN *makan ‘pedra’ | PKC *makana ‘porrete’ |
| sol/dia | XPB/KXN niti, MTS nitin ‘dia’ | PKC *inti ‘sol’ |
| tio | PPAN *koka | PKC *kaka |
| tio/tia | PPAN *jaja ‘tia’ | PKC *jaja ‘tio/pai’ |

4.2.1.7.1.2. Pano e mapudungun

Embora Key (1978) tenha proposto que os conjuntos linguísticos mapudungun e pano-takana formassem uma unidade filogenética (juntamente com os conjuntoschon, moseten e kawesqar), as conclusões desta autora são obviamente equivocadas, principalmente porque praticamente todos os paralelos mencionados são totalmente dissímiles e, evidentemente, não cognatos. Além disto, praticamente não existem semelhanças gramaticais relevantes entre os referidos conjuntos. Existe, porém, algumas semelhanças lexicais importantes (TABELA 126), muitas das quais não mencionadas por Key (*op.cit.*), que podem representar um indício de que

os proto-mapudungun e populações de origem pano teriam participado de uma mesma esfera de interação em algum momento da pré-história.

TABELA 126. Paralelos lexicais entre os conjuntos pano e mapudungun

| | PANO | MAPUDUNGUN |
|----------------|---------------------------------------|-------------------------|
| 2.s | PPAN *mi/*mi- | mi- |
| arara | PPAN *βawa | awa |
| azedo | KXB/YAM kaʃa, KTP kaşa ‘chicha/azedo’ | koʃɿ |
| beija-flor | PPAN *pi(n)o | pinda/piŋuθa |
| cabaça/abóbora | PPAN *waʃa(m) | waθa |
| canoa | PPAN *(n)ōti | nontuwe ‘balsa’ |
| comer | PPAN *pi- > KRB MTS pe- | ipe- |
| concha | CKB ʃakatu, XPB ʃaka, KTP ʃaka | ʃakantu; ʃaka ‘marisco’ |
| dois | PPAN *ʃaβit > PYN raβu, XNW raβu | epu |
| lama | XPB ʃawa; KXB ʃaβa ‘molhado’ | ʃapa |
| lêndea | KXB itsi | iʃɿen |
| mão/asa | PPAN *miβi ‘mão’ | mipi ‘asa’ |
| IMP | PPAN *-ki ‘direcional’ | -ge |
| nuvem | XPB ʃoma | ʃomi |
| sal/salgado | PPAN *taʃi ‘sal’ | taʃi ‘salgado’ |
| terra/barro | PPAN *mapo(k) ‘barro’ | mapu ‘terra’ |
| terra | PPAN *mai | maipu ‘chácara’ |

4.2.1.7.1.3. Pano e moseten-tsimane

Embora Suarez (1969) proposto que os conjuntos linguísticos moseten e pano-takana formassem uma unidade filogenética, hipótese aceita por Key (1978), as conclusões destes autores são obviamente equivocadas. São visivelmente insuficientes os paralelos com possibilidade real de cogação entre os referidos conjuntos. Por outro lado, os paralelos lexicais evidenciados na TABELA 127 representam indícios de que os proto-moseten-tsimane teriam emergido provavelmente após seus ancestrais terem interagido e se miscigenado com populações falantes de línguas pano em algum momento da pré-história.³⁶⁹

³⁶⁹ Embora sejam poucos, os seguintes paralelos com línguas takana indicam claramente que os moseten também entraram em contato com seus falantes:

TABELA 127. Paralelos lexicais entre os conjuntos pano e moseten

| | PANO | MOSETEN |
|-------------------|--------------------------|-----------------------|
| 2.S | PPAN *mi | mi |
| batata-doce | PPAN *kaʔi | kaʔi |
| beber | PPAN *ʂiʔa- | tʰe- |
| cinzas | PPAN *tʃimapo | tʃʰim |
| fogo | PPAN *tʃi > KXB tsi | tsʰi |
| homem | PPAN *honi ‘homem/gente’ | sopi ‘homem’ |
| INSTR | PPAN *-ja ‘INSTR/ASSOC’ | -jaʔ ‘ALAT/LOC/INSTR’ |
| intestino | PPAN *poko | woʔko |
| irmão | XPB hoʔʃi | oʔʃi |
| montanha | PPAN *makaʂ | məkə |
| nádegas | XPB tʃi- | dʰiʔ- |
| NEG | PPAN *-jama | -jam |
| noite | PPAN *jami(t) | jomo |
| nuvem/vento | PPAN *tʃima ‘nuvem’ | tʰiʔmi ‘vento’ |
| PERF | XPB -jantan | -jata |
| tia paterna/sogra | XPB *jaja ‘tia paterna’ | jaja ‘sogra’ |
| unha | PPAN *mĩsis | pāʔtʃi |

4.2.1.7.1.4. Pano e tukano

Girard (1971) aponta algumas semelhanças entre o proto-pano-takana e o proto-tukano. Além destas, há outras envolvendo exclusivamente os proto-pano e os proto-tukano. Tais paralelos, evidenciados na TABELA 128, podem sugerir que os proto-pano teriam interagido e se miscigenado com uma parcela dos proto-tukano durante a pré-história antes destes últimos terem se expandido pelo sudoeste amazônico. Isto pode representar um indício de que os proto-pano-takana teriam habitado a bacia do Alto Solimões (presumivelmente entre as desembocaduras do Javari e do Jutai).

TABELA 128. Paralelos lexicais entre os conjuntos pano e tukano

| | PANO | TUKANO |
|----------------|--------------------------|---------------------|
| 1.S | PPTK *ʔi | PTUK *ʃi |
| 2.S | PPTK *mi | PTUK *bĩ |
| abóbora/cabaça | PPAN *waʔa(m) ‘abóbora’ | PTUK *waha ‘cabaça’ |
| bom | PPAN *(n)o(i) | PTUK *(tʰ)oa |
| cabelo | PPAN *βo | PTKE *poa |
| corda/cipó | PPAN *risi-βitʃi ‘corda’ | PTUK *pʔisi ‘cipó’ |

TABELA 128. Paralelos lexicais entre os conjuntos pano e tukano

| | PANO | TUKANO |
|--------------------------|---|--------------------------|
| deitar/dormir | PPAN *ʔoŋ(a) ‘dormir’, PTAK *sa ‘deitar’ | PTUK *jōsā ‘deitar’ |
| flecha/zarabatana | PPTK *pi- ‘flecha’ > PTAK *pisa, PPAN *pia | PTUK *pio ‘zarabatana’ |
| floresta/montanha | PPAN *makaŋ ‘montanha’ | PTUK *maka ‘floresta’ |
| noite | PPTK *jamita > PPAN *jamit | PTUK *jami |
| nuvem/chuva | PPAN *kōʔi ‘nuvem’ | PTKO *okohi ‘chuva’ |
| rosto/cabeça | PPAN *ʔia ‘rosto’ | PTUK *tʔia ‘rosto/ovo’ |
| peixe | PPAN *βoʔi | PTUK *waʔi |
| piolho | PTAK *bia, PPAN *ʔia | TUK iʔia, WMH iā, TAT ia |
| porco-do-mato | PPAN *jawa | PTKO *jaʔwi |
| rio | PPAN *waka | PTUK *bāākā |
| tabaco | PPAN *ʔomi | PTUK *mutʔo |
| urucum | PPTK *maŋi (cf. tb.: PPAN *moŋa ‘espinho’) ³⁷⁰ | PTUK *pʔōsa |

4.2.1.7.1.5. Pano e uru-chipaya

Mesmo sem ter conhecimento das hipóteses levantadas por Espinoza Soriano (1991) sobre relações genéticas ou de contato entre os conjuntos pano-takana e uru-chipaya, Fabre (1995:62) conclui, em seu estudo independente, que os proto-uru-chipaya e os proto-pano-takana teriam estado em contato. Isto é evidentemente impossível, pois a data de coalescência do proto-uru-chipaya é indiscutivelmente muito mais recente do que a data de coalescência do proto-pano-takana. Os raros paralelos lexicais observados entre línguas das famílias uru-chipaya e pano (TABELA 129) representam apenas indícios de um suposto contato envolvendo os ancestrais de seus falantes.

TABELA 129. Paralelos lexicais entre os conjuntos pano e uru-chipaya

| | PANO | URU-CHIPAYA |
|--------------------|----------------------------|----------------------------|
| 1.s | PPAN *i-n- | CPY wet-, UCM wir- |
| 2.s | PPAN *mi-n- | CPY amit-, UCM am- |
| areia/pedra | PPAN *masi ‘areia’ | UCM ma:s, CPY maʔi ‘pedra’ |
| fogo | PPAN *tʃi | CPY uxtʃi, UCM uxi |
| gente | PPAN *honi | CPY/UCM ʃoni, UCM soni |
| mulher | KXB ŋano; XPB ŋonta ‘moça’ | CPY ŋon |
| quente | PPAN *itsis | CPY/UCM si |
| rio | PPAN *hi(n)i ‘água/rio’ | CPY hinak |
| roupa | PPAN *tʃopa ‘tecido/roupa’ | CPY tʃoma |

³⁷⁰ Apesar de tênue, a relação semântica estaria nas estruturas aculiformes que cobrem o fruto do urucum.

4.2.1.7.2. Takana

Foram detectados extratos léxicos compartilhados especificamente por populações takana e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- kayuvava → §4.2.1.7.2.1
- macro-arawak (arawak) → §4.2.1.4.1.20.2
- tupi → §4.2.1.7.2.2

4.2.1.7.2.1. Takana e kayuvava

Não há na literatura estudos comparativos entre as línguas takana e o kayuvava. Nesta pesquisa pôde-se constatar alguns paralelos lexicais que apontam que seus falantes teriam mantido relações de contato (TABELA 130).

TABELA 130. Paralelos lexicais entre os conjuntos takana e kayuvava

| | TAKANA | KAYUVAVA |
|----------|--------------------------------|----------|
| abóbora | *kemi | kimi |
| avô | *baba | βaβa |
| cachorro | *awa | ãβã |
| cortar | *sik ^w i > TAK siki | sikiri |
| dente | *e-tse | isi |
| folha | *ina | ene |
| irmão | *-ɕzao | -tʃao |
| nuvem | *bo- | boko |
| tabaco | *umasa | upæ |
| tia | *nene | tete |

4.2.1.7.2.2. Takana e tupi

Não há na literatura estudos sobre contatos entre os proto-takana e populações de origem tupi. Embora em número reduzido, as semelhanças lexicais observadas neste estudo e apontadas na TABELA 131 são indícios de que as referidas populações teriam participado de uma mesma esfera de interação em algum momento da pré-história. Se supõe que o contato teria se dado no rio Madeira ou imediações num período anterior ao da coalescência dos proto-takana.

TABELA 131. Paralelos lexicais entre os conjuntos takana e tupi

| | TAKANA | TUPI |
|---------------|---------------------|--------------------------------|
| animal/carne | KVN uu ‘animal’ | PTPG *oʔo ‘carne’ > GRY/ACE oo |
| deitar/dormir | PTAK *tawi ‘dormir’ | PTPG *ʔaw ‘deitar’ |
| Lua | PTAK *badi | PTPI *wati > JUR/XPY mādi-ka |
| morrer | PTAK *manu | PTPG *manõ |
| mosquito | PTAK *ɕjiʔo | PTPI *waʔiʔũ |
| pele | PTAK *biti | PTPI *pit |
| raposa/anta | PTAK *awada ‘anta’ | PTPG *awara ‘canídeo’ |

4.2.1.8. Puinave-nadahup

Foram detectados extratos léxicos compartilhados por populações puinave-nadahup e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- arawa → §4.2.1.8.1.1
→ §4.2.1.8.2.1
- chapakura-wañam → §4.2.1.8.2.2
- guahibo → §4.2.1.8.1.2
→ §4.2.1.8.2.3
- harakmbet-katukina (harakmbet) → §4.2.1.3.1.2
- harakmbet-katukina (katukina-katawixi) → §4.2.1.3.2.4
- jirajara → §4.2.1.8.2.4
- macro-arawak (arawak) → §4.2.1.4.1.2.1
- macro-jê (karaja) → §4.2.1.5.3.2
- sape → §4.2.1.8.2.5
- tupi → §4.2.1.8.1.3
→ §4.2.1.8.2.6
- yanomami → §4.2.1.8.2.7

4.2.1.8.1. Nadahup

Foram detectados extratos léxicos compartilhados especificamente por populações nadahup e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- arawa → §4.2.1.8.1.1
- guahibo → §4.2.1.8.1.2
- harakmbet-katukina (harakmbet) → §4.2.1.3.1.2
- harakmbet-katukina (katukina-katawixi) → §4.2.1.3.2.4
- macro-arawak (arawak) → §4.2.1.4.1.21
- macro-jê (karaja) → §4.2.1.5.3.2
- tupi → §4.2.1.8.1.3

4.2.1.8.1.1. Nadahup e arawa

Não há na literatura estudos sobre contatos entre populações de origem nadahup e arawa. As semelhanças lexicais apontadas na TABELA 132 podem ser indícios de que as referidas populações teriam participado de uma mesma esfera de interação em algum momento da pré-história.

TABELA 132. Paralelos lexicais entre os conjuntos nadahup e arawa

| | NADAHUP | ARAWA |
|-------------------------|--|----------------------------------|
| arara | NDB kawetʔ | PARA *kawa |
| cabeça | PNDH *dūh | PARA *nuk ^h u 'rosto' |
| chuva | PNDH *bahut 'vento' | PARA *bahi |
| filha | PNDH *to:g | PARA *to |
| filho | PNDH *t ^ʔ ɣw 'gente/descendentes' | PARA *daʔo |
| macaco-de-cheiro | DAW biɕ, HUP b ^ʔ uɕ | PARA *piɕ ^h i |
| noite | PNDH *tʃ ^ʔ ɣb | PARA *ɕume |
| peixe | PNDH *hã:p > NDB hã:b | PARA *aba |
| tucano | PNDH *tʃakwet | PARA *ɕak ^h i |

4.2.1.8.1.2. Nadahup e guahibo

Não há na literatura estudos sobre contatos entre populações de origem nadahup e guahibo. As semelhanças lexicais apontadas na TABELA 133 são indícios de que os proto-nadahup e proto-guahibo teriam participado de uma mesma esfera de interação em algum

momento da pré-história, a qual teria provavelmente emergido na bacia do Alto Negro com a chegada dos primeiros desde a Amazônia Central.

TABELA 133. Paralelos lexicais entre os conjuntos nadahup e guahibo

| | NADAHUP | GUAHIBO |
|-------------------|-------------------------|---------------------------|
| aldeia | PNDH *top ‘casa’ | GHB/KUI tomara |
| beija-flor | NDB ɕi:p | GHB si:pi |
| casa | PNDH *bōj | PLY/KUI bo, GHB bo: |
| casca | PNDH *p ^ʔ ok | GHB/KUI/PLY boko, GYB bok |
| céu | PNDH *pox | PLY/GHB -boxo, GYB -baxo |
| locativo | PNDH *-(V)t | HTN -at, -t |
| mãe | PNDH *ʔi:d | PGHB *ena > GYB ʔen |
| raiz | PNDH *kob | PLY -koben-, HTN -takomet |

4.2.1.8.1.3. Nadahup e tupi

Jolkesky & Cabral (2011) observaram uma série de semelhanças lexicais essencialmente entre o proto-nadahup e o proto-tupi (TABELA 134), as quais são evidências suficientemente relevantes de que os proto-nadahup ou seus ancestrais e populações de origem tupi teriam participado de uma mesma esfera de interação na Amazônia Central, num período anterior ao da migração daqueles em direção ao Alto Negro. Dado que dentre os possíveis empréstimos de origem tupi em proto-nadahup há uma quantidade expressiva de léxico básico, a etnogênese de seus falantes teria provavelmente ocorrido em plena Amazônia Central após a miscigenação de descendentes dos proto-puinave-nadahup com populações de origem tupi.

TABELA 134. Paralelos lexicais entre os conjuntos tupi e nadahup

| | NADAHUP | TUPI |
|------------------------------|--|--|
| arco | NDB karaba? ‘arco’ | PTPI *arjap ^ʔ at > PTPG *-iβi-rapat |
| buraco | PNDH *kôt | PTPI *k ^w at |
| carrapato | PNDH *k ^ʔ awarîp ^ʔ | PTPI *kip ^w erip > TUP kiperep, MEK pereb, JUR kuparĩ, CHP kuparina |
| casa/telhado | PNDH *top ‘casa’ | PTPI *t ^ʔ ap ‘telhado’ |
| cipó/corda | PNDH *tʃîp ‘corda de embira’ | PTPI *itʃ ^ʔ ipo ‘cipó’ |
| colocar/estar deitado | PNDH *wop ^ʔ ‘colocar deitado’ | PTPI *wup ‘estar deitado’ > PTUP *op |
| comprido | PNDH *row | PTPI *arap ^w > KRT horop/horowa |
| coruja | HUP/YHP pəpəp | PTUP *popoβa, RAM pobo, KRT pipip, KRO povo?, GAV popo |
| dar | PNDH *dô? > NDB nɔ:ʔ | PMON *noo |

TABELA 134. Paralelos lexicais entre os conjuntos tupi e nadahup

| | NADAHUP | TUPI |
|-------------------------------------|--|--|
| dormir/deitar | DAW <i>jet</i> , HUP <i>jet</i> , YHP <i>jet</i> , NDB <i>jat</i> 'deitar' | PTPI * <i>k'et</i> 'dormir' > MUN/KUR <i>jet</i> |
| fino/comprido | DAW <i>ʃɣp</i> , HUP <i>ʃip</i> , YHP <i>ʃip</i> , NDB <i>ʃa:p</i> | PTPI * <i>ʃip</i> 'fino' |
| irmã | PNDH * <i>ʔāj</i> > HUP <i>ũhʔāj</i> | KRT <i>haj</i> , MON <i>haʔaj</i> |
| jacaré/lagarto | NDB <i>wɣ:ʔ</i> 'jacaré'; HUP/YHP <i>ʔɔw</i> 'lagarto' | MON <i>wau</i> , TUP <i>wao</i> , GAV <i>vavu</i> 'jacaré' |
| Lua | PNDH * <i>wedixôh</i> > HUP <i>wedô</i> , YHP <i>wedhôh</i> | PTPI * <i>watʃi</i> > STM <i>wa:ti</i> , RAM <i>wenʔaʔ</i> , KRO <i>wedn-a</i> |
| mão/braço | PNDH * <i>dēʔbôh</i> 'mão'; PNDH * <i>bôh</i> 'braço' | PTPI * <i>po</i> /* <i>mpo</i> 'mão' > PMON * <i>nepo</i> |
| morcego | PNDH * <i>ʃipʔix</i> | PTPI * <i>ʃipe</i> > PMON * <i>ʃiip</i> |
| nome | DAW <i>xăt</i> , HUP <i>hăt</i> , YHP <i>hăt</i> , NDB <i>hat</i> | PTPI * <i>et</i> > PTUP * <i>det</i> > TUP <i>het</i> ; PMON * <i>zet</i> |
| orelha | PNDH * <i>pʔuj</i> > NDB <i>nabu:j</i> , HUP <i>bʔɔ-</i> , YHP <i>bʔuj-</i> | PTPI * <i>api</i> |
| osso | DAW <i>kég</i> , HUP <i>kʔég</i> , YHP <i>kʔ?</i> , NDB <i>kɣ:h</i> | PTPI * <i>kaŋ</i> |
| ovo/semente/olho | DAW <i>típ</i> , HUP <i>típ</i> , YHP <i>típ</i> , NDB <i>tib</i> 'ovo'; PNDH * <i>tib</i> 'semente' | PTPI * <i>tʔ-upiʔa</i> > KRT <i>s-ipi</i> 'ovo'; KRT <i>s-ipo</i> 'semente/olho' |
| pai | NDB <i>ʔib</i> , DAW/HUP <i>ʔip</i> , YHP <i>ʔip</i> | PTPI * <i>tʔ-up</i> > PTPG * <i>t-uβ</i> , KRT <i>s-ip</i> |
| peito/seio | PNDH * <i>púd</i> 'seio' | PTPI * <i>potiʔa</i> 'peito' |
| pescoço/coração/pomo-de-adão | PNDH * <i>ʔögôʔ</i> 'pomo-de-adão' | PTUP * <i>ogʔotkip</i> 'pescoço', PMON * <i>ʔögôʔakap</i> 'coração' |
| quente | PNDH * <i>juʔ</i> | PTPI * <i>akʔup</i> |
| caranguejo | PNDH * <i>ʃôhôb</i> | PMON * <i>golopāā</i> , KRO <i>kojapeʔ</i> |
| tucano | NDB <i>ʃoked</i> , DAW <i>ʃokwet</i> , HUP <i>ʃokwʔɣt</i> , YHP <i>ʃôhkɣt</i> | PTUP * <i>jôkāt</i> |
| vir/chegar | PNDH * <i>witʔ</i> 'chegar' | PTPI * <i>wut</i> 'vir' |

4.2.1.8.2. Puinave-kak

Foram detectados extratos léxicos compartilhados especificamente por populações puinave-kak e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- arawa → §4.2.1.8.2.1
- chapakura-wañam → §4.2.1.8.2.2
- guahibo → §4.2.1.8.2.3
- harakmbet-katukina (harakmbet) → §4.2.1.3.1.2
- harakmbet-katukina (katukina-katawixi) → §4.2.1.3.2.4
- jirajara → §4.2.1.8.2.4
- macro-arawak (arawak) → §4.2.1.4.1.21
- macro-jê (karaja) → §4.2.1.5.3.2

- sape → §4.2.1.8.2.5
- tupi → §4.2.1.8.2.6
- yanomami → §4.2.1.8.2.7

4.2.1.8.2.1. Puinave-kak e arawa

Não há na literatura estudos sobre contatos entre populações de origem puinave-kak e arawa. As semelhanças lexicais apontadas na TABELA 135 representam indícios de que populações de origem puinave-kak e arawa teriam participado de uma esfera de interação e parcialmente se miscigenado num período anterior ao da migração dos primeiros em direção ao Alto Negro.

TABELA 135. Paralelos lexicais entre os conjuntos puinave-kak e arawa

| | PUINAVE-KAK | ARAWA |
|----------------|-----------------------|--|
| 3.P | PKAK *ʔi- | JRW ʔe; ʔi- |
| 3.P | PKAK *mi:- '3.S.F' | JRW me:- |
| 3.S | PKAK *a:- '3.S.M' | JRW ʔa- |
| abelha | PUI bũdbũd | PARA *munamuna |
| avó/avô | PKAK *ʔeteʔ 'avó' | PARA *idi > JRW iti 'avô'; DNI midini 'avó' |
| braço | PKAK *bũh | PARA *bihi |
| casa | PUI ot | SRW uda, DNI uɕa |
| cipó | PUI bãd | PARA *mado |
| comer | PKAK *hẽb | DNI (e)hebu, PMR ahaba, SRW hawa |
| filho/filha | PUI dou 'filha' | PARA *daʔo 'filho' |
| macaco | KAK wap | PARA *gap ^{ha} > DNI wap ^{ha} , JRW waɸa |
| mãe/irmã maior | KAK amiʔ 'irmã maior' | PARA *ami 'mãe' |
| mão | PUI dap | PARA *ɕapa |
| minhoca | PUI sõb | PARA *tʃ ^h umi > JRW/SRW somi |
| olho/ver | PUI duk 'ver' | PARA *nuk ^h u 'olho' |
| peito | PUI pagu | PARA *bak ^h o- |
| pequeno/pouco | PKAK *bajdi 'pequeno' | PARA *bedi 'pouco' |
| sangue | PUI ma | PARA *ama |
| tartaruga | PUI uwa | PARA *kuwa |

4.2.1.8.2.2. Puinave-kak e chapakura-wañam

Não há na literatura estudos sobre contatos entre populações de origem puinave-kak e chapakura-wañam. As semelhanças lexicais ora expostas (TABELA 136) representam indícios de que os proto-puinave-kak e os proto-chapakura-wañam ou seus descendentes teriam mantido algum contato, que teria ocorrido presumivelmente na bacia do Madeira antes dos primeiros terem migrado para a bacia do Alto Negro. Se supõe, neste sentido, que o provável território original dos proto-puinave-nadahup estaria na bacia do Madeira (cf.: §4.2.1.8.1.3).

TABELA 136. Paralelos lexicais entre os conjuntos puinave-kak e chapakura-wañam

| | PUINAVE-KAK | CHAPAKURA-WAÑAM |
|------------------------|---------------------------------------|----------------------|
| árvore | KAK bādā | PCPW *pana: |
| boca/bico | PUI je ‘boca’ | PCPW *?ijat ‘bico’ |
| falar | PUI jat | PCPW *ja: |
| irmã | KAK ami? | PCPW *ami |
| mãe | PKAK *na? | PCPW *?ina? |
| mandioca | PKAK *kob ‘raiz’ | PCPW *?akop |
| olho/ver | PUI duk ‘ver’ | PCPW *tok ‘olho’ |
| ombro | PUI pem | PCPW *?apam |
| papagaio | PKAK *kawet? | PCPW *kawit |
| terra | PKAK *bak | PCPW *namaka |
| vermelho/sangue/urucum | PKAK *mep? ‘sangue’; KAK me? ‘urucum’ | PCPW *mem ‘vermelho’ |
| viver/nascer | PKAK *?ip? ‘viver’ | PCPW *?ipan ‘nascer’ |
| voar/voar | PKAK *takeko ‘asa’ | PCPW *taki? ‘voar’ |

4.2.1.8.2.3. Puinave-kak e guahibo

Não há na literatura estudos sobre contatos entre populações de origem puinave-kak e guahibo. As semelhanças lexicais apontadas na TABELA 137 são indícios de que os proto-puinave-kak e os proto-guahibo teriam participado de uma mesma esfera de interação em algum momento da pré-história, a qual teria emergido na bacia do Alto Negro com a chegada dos primeiros desde a Amazônia Central.

TABELA 137. Paralelos lexicais entre os conjuntos puinave e guahibo

| | PUINAWE-KAK | GUAHIBO |
|---------------------|-----------------------------|--|
| algodão | PKAK *pa:b | KUI papu-, GHB papaw-, GYB papud |
| caminho | PKAK *dābā | KUI nam, GHB namu, HTN namut |
| casa | PUI bō:, PKAK *bū: | PLY/KUI bo, GHB bo: |
| cesta | PUI bāpiri | GHB mapiri |
| cutia | KAK bū? | PLY/GHB bini, KUI/HTN bin, GYB bil |
| flecha | PUI bop | KUI/GHB -bo ‘CLS-cilíndrico’ |
| grande | PUI pek | HTN pekna |
| homem/marido | PUI bod ‘homem’ | GHB amona ‘marido’ |
| LOC/OBL | PUI -at ‘OBL’ | HTN -(a)t, GYB -tat, PLY/GHB -ta ‘LOC’ |
| Lua | PUI hxybt | HTN homet |
| mãe | PUI ?īd, PKAK *?i:d, KAK dā | PGHB *ena > GYB ?en |
| peito | PKAK *taka | kui -ntakari, PLY -takiri |
| raiz | PUI -tat, PKAK *dāt | GYB tatin |
| ser humano | PUI epin | PLY bini, KUI bin, HTN bit |
| tartaruga | NKK nāko | PGYB *hajaka |
| vespa | PUI āt | HTN ēt |

4.2.1.8.2.4. Puinave-kak e jirajara

Não há na literatura estudos sobre contatos entre populações de origem puinave-kak e jirajara. As semelhanças lexicais apontadas na TABELA 138 envolvem exclusivamente a língua puinave e são indícios de que os proto-puinave e os proto-jirajara teriam participado de uma esfera de interação local. Se supõe, a partir desta perspectiva, que os proto-jirajara seriam oriundos da bacia do Médio Orinoco e que a referida interação teria se dado *in situ*, com a chegada dos proto-puinave nesta região. Mas tardiamente, populações de origem saliba-hodi, arawak e guahibo complexificaram a configuração etnolinguística da região, motivando provavelmente a migração dos proto-jirajara até a foz do Apure e, de lá, até os sopés da Cordilheira de Mérida.

TABELA 138. Paralelos lexicais entre os conjuntos puinave-kak e jirajara

| | PUINAWE-KAK | JIRAJARA |
|---------------|-------------------|--------------------------------------|
| 2.s | PUI bā- | AYO ba- |
| aldeia | PUI jād [jān] | AYO nān [jān], nām [jām] ‘conuco’ |
| avô | PUI dob [dom] | AYO tum [tum], GYN sum [sum] ‘idoso’ |
| cabaça | PUI kōbja [komja] | AYO/JRJ kub [kub] |

TABELA 138. Paralelos lexicais entre os conjuntos puinave-kak e jirajara

| | PUINAWE-KAK | JIRAJARA |
|-----------------|-------------------|----------------------------------|
| doer | PUI sik [sig] | AYO sigi- [sigi-] |
| fogo | PUI dy: | AYO du [du], GYN due [due] |
| peixe | PUI wob [βom] | AYO bam |
| P | PUI -ot | AYO -us |
| raposa | PUI jot | AYO yu, llu |
| Sol | PUI jābāt [nāmāt] | GYN yivat, yibāt |
| tamanduá | PUI boi | AYO bohois [bo?ois], bohí [bo?i] |
| tatu | PUI do: | GYN dou [dow], AYO doux [dowx] |

4.2.1.8.2.5. Puinave-kak e sape

Não há na literatura estudos sobre contatos entre populações de origem puinave-kak e sape. As poucas semelhanças lexicais apontadas na TABELA 139 envolvem exclusivamente o puinave e podem representar algum indício de que as referidas populações teriam estado por algum tempo em interação. Se supõe, a partir desta perspectiva, que a referida interação teria se dado nas bacias do Médio Orinoco ou do Alto Negro.

TABELA 139. Paralelos lexicais entre os conjuntos puinave-kak e sape

| | PUINAWE-KAK | SAPE |
|--------------------|-------------------|--------------|
| anta | PUI jap | japo |
| batata-doce | PUI jab [jam] | ijam ‘milho’ |
| figado | PUI dāb [nām] | am ‘bile’ |
| montanha | PUI we:d [we:n] | wanakoe |
| Sol | PUI jābāt [nāmāt] | nam |

4.2.1.8.2.6. Puinave-kak e tupi

As semelhanças lexicais detectadas por Jolkesky & Cabral (2011) entre línguas puinave-kak e tupi (TABELA 140) são evidências importantes de que os proto-puinave-kak e seus descendentes teriam mantido contato com populações de origem tupi em algum momento da pré-história. Como mencionado em §4.2.1.8.1.3, se supõe que os proto-puinave-nadahup seriam oriundos da Amazônia Central e que seus descendentes imediatos (proto-puinave-kak e proto-nadahup) teriam emergido após terem estado em contato com populações de origem tupi e, então, independentemente migrado em direção à bacia do Alto Negro.

TABELA 140. Paralelos lexicais entre os conjuntos puinave-kak e tupi

| | PUINAVE-KAK | TUPI |
|----------------------|--|---|
| 1 | wā- ‘1.S’ | *wa- ‘1.P’ |
| arco | KAK j̄ipat | PTPI *arjapʔat > PTPG *-iβi-rapat |
| batata-doce | PKAK *mamo | PTUP *gʷagʷo |
| buraco | KAK bǎd, PUI wat- | PTPI *kʷat |
| coruja | KAK p̄ibip | PTUP *popoβa, RAM pobo, KRT pipip, KRO povoʔ, GAV popo |
| dormir/sentar | KAK j̄ʔat ‘sentar’ | PTPI *kʲet ‘dormir’ > MUN/KUR ʃet |
| astro/estrela | PUI kət ‘estrela’ | PTPI *ŋʷatʔ ‘Sol’ > PMON *gat ‘astro’ |
| falar | KAK weʔe | PTPI **weʔeŋ |
| fino/comprido | KAK ɕ̄iip ‘comprido’ | PTPI *tʃʲip ‘fino’ |
| flecha | KAK dob, PUI bop | PTPI *ekʷʲip > MUN d-op, KUR wop |
| praça/fora | PUI huka | PTPG *okar ‘praça’ |
| irmã | PUI hāwāi | KRT haj, MON haʔaj |
| jacaré | NUK wāw, KAK wīw, PUI wōw | MON wau, TUP wao, GAV vavu |
| Lua | PKAK *widʔ | PTPI *waʃi > PTPG *jaʃi, STM wati, RAM wenʔaʔ, KRO wedn-a |
| mão/braço | PKAK *bīh, PUI bo ‘braço’; PUI dap ‘mão’ | PTPI *po/*mpo ‘mão’ > PMON *nepo |
| nome | KAK wǎt | PTPI *et > PTUP *det > TUP het; PMON *zet |
| ouvir/ver | PKAK *ēd ‘ver’ | PTPI *ēntup ‘ouvir’ > PTPG *-enuβ, JUR ēdu |
| ovo | KAK tip ‘ovo’ | PTPI *tʲ-upiʔa > KRT s-ipi ‘ovo’ |
| semente | KAK tīb ‘semente’ | KRT s-ipo ‘semente/olho’ |
| pai | KAK ʔip, NUK ʔíp, PUI ʔiʔ | PTPI *tʲ-up > PTPG *t-uβ, KRT s-ip |

4.2.1.8.2.7. Puinave-kak e yanomami

Não há na literatura estudos sobre contatos entre populações de origem puinave-kak e yanomami. As semelhanças lexicais apontadas na TABELA 141 envolvem exclusivamente as línguas kak e são indícios de que os proto-kak e falantes de línguas yanomami teriam participado de uma esfera de interação, provavelmente em virtude da migração dos primeiros para o Alto Negro. Se supõe, a partir desta perspectiva, que os proto-kak teriam se deslocado desde a Amazônia Central através do rio Negro, onde a referida interação teria se dado.

TABELA 141. Paralelos lexicais entre os conjuntos puinave-kak e yanomami

| | PUINAVE-KAK | YANOMAMI |
|--------------|-----------------|-------------------------------|
| 3 | PKAK *bī- ‘3.F’ | YMI/YMO mihi, SNM mi ‘esse/a’ |
| 3 | PKAK *ʔa- ‘3.M’ | YMI/YMO/SNM a- |
| arara | PKAK *ereʔ | YMI/YMO ara, SNM ala |
| cesta | PKAK *wup | YMI/YMO wuu:, SNM wuu |

TABELA 141. Paralelos lexicais entre os conjuntos puinave-kak e yanomami

| | PUINAVE-KAK | YANOMAMI |
|-------------------|--|--|
| chuva | KAK <i>bã?</i> | PYMI <i>*ma:</i> |
| dia | PKAK <i>*wag</i> | NNM/YMI <i>wakara</i> SNM <i>wakala</i> |
| irmã maior | KAK <i>ami?</i> | NNM/YMI <i>ami</i> YMO <i>amiwuu</i> |
| mãe | PKAK <i>*na?</i> | NNM <i>naa</i> , YMI/YMO/SNM <i>na</i> |
| montanha | KAK <i>he</i> ‘montanha/pedra’, NUK <i>he:</i> ‘pedra’ | YMI <i>heɸu</i> , YMO <i>hehu</i> , SNM <i>heu</i> |

4.2.1.9. Tupi

Foram detectados extratos léxicos compartilhados por populações tupi e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- arawa → §4.2.1.9.1
- bora-muinane → §4.2.1.9.2
- guato → §4.2.1.9.3
- harakmbet-katukina (harakmbet) → §4.2.1.3.1.3
- harakmbet-katukina (katukina-katawixi) → §4.2.1.3.2.6
- irançe → §4.2.1.9.4
- jivaro → §4.2.1.9.5
- karib → §4.2.1.9.6
- kayuvava → §4.2.1.9.7
- macro-arawak (arawak) → §4.2.1.4.1.2.3
- macro-jê (bororo) → §4.2.1.5.1.5
- macro-jê (karaja) → §4.2.1.5.3.3
- macro-mataguayo-guaykuru (guaykuru) → §4.2.1.6.2
- mura-pirahã → §4.2.1.9.8
- pano-takana (takana) → §4.2.1.7.2.2
- puinave-nadahup (nadahup) → §4.2.1.8.1.3
- puinave-nadahup (puinave-kak) → §4.2.1.8.2.6

- taruma → §4.2.1.9.9
- trumai → §4.2.1.9.10
- yanomami → §4.2.1.9.11

4.2.1.9.1. tupi e arawa

Não há na literatura estudos sobre contatos entre populações de origem tupi e arawa. As semelhanças lexicais apontadas na TABELA 142 podem ser indícios de que os proto-arawa e falantes de línguas tupi teriam participado de uma esfera de interação na Amazônia Central.

TABELA 142. Paralelos lexicais entre os conjuntos tupi e arawa

| | TUPI | ARAWA |
|----------------|---------------------------------------|----------------------------------|
| 1.P | PTPI *or ^h e | PARA *ʔari |
| 1.S | PTPI *o- | PARA *ʔo- |
| aldeia/casa | PTPI *t ^h ap ‘casa/aldeia’ | PARA *tabura ‘aldeia’ |
| bicho-preguiça | PTPI *aʔi | PARA *ɕaʔo |
| boca/dente | PTPI *en ‘boca’ | PARA *inu ‘dente’ |
| esposa/moça | PTPI *at ^h i ‘esposa’ | PARA *at ^h una ‘moça’ |
| mãe/irmã maior | PTPI *tʃi | PARA *atʃi ‘irmã maior’ |
| mandioca/cará | PTPI *awa ‘cará’ | PARA *ɖawa ‘mandioca’ |
| raiz | PTPG *apo > GRN/XRG/ASR hapo | PARA *habu-ni |

4.2.1.9.2. Tupi e bora-muinane

Rivet (1911:146-147) se equivocou ao considerar o bora como língua tupi-guarani fortemente modificada por relações de contato. As únicas semelhanças lexicais possíveis, mas que dificilmente representam algum indício de que os proto-bora-muinane e falantes de línguas tupi teriam estado em contato, estão na TABELA abaixo.

TABELA 143. Paralelos lexicais entre os conjuntos tupi e bora-muinane

| | TUPI | BORA-MUINANE |
|-------------------|-----------------------------|--------------------|
| 1.S | PTPI *o- | *uu |
| 2.P | PTPG *pêe | *amuu- |
| carne/comer carne | PTPG *oʔo ‘carne’ | *duu ‘comer carne’ |
| peito/coração | PTPI *piʔa ‘coração/fígado’ | *ppee- ‘peito’ |

4.2.1.9.3. Tupi e guato

Não há na literatura estudos que tratem especificamente de contato entre populações de origem tupi e guato. As semelhanças lexicais apontadas na TABELA 144 representam indícios de que os ancestrais das referidas populações teriam participado de uma esfera de interação, provavelmente no alto Guaporé.

TABELA 144. Paralelos lexicais entre os conjuntos tupi e guato

| | TUPI | GUATO |
|--------------|--|----------------|
| 1.P | PTPI *k'i- > KRO *i'?, PTPG *i- > TPN i- | gi- '1.D.I' |
| 1.P.E | PTPI *or'e- > PTPG *otji- | haçji- |
| 1.S | PTPG *otjo | ?ojo |
| 1.S | PTPG *a- | a-...-ru |
| 2.P | PTPG *pêê | ?omêhê |
| esposa | PTPI *at'i > PTPG *ati | otigáre |
| matar/morrer | PTPG *juka 'matar' | tjógá 'morrer' |
| orelha | PTPI *api > PTPG *api- | tjávi |
| pele | PTPI *pe > KRO pe | fe |
| perna | PTPG *uβ | óvi |
| veado | PTPI *itji > KRO iti | íti |
| vento | PTPI *ip'it'u | ofe |
| vermelho | PTPI *wup > KRO up | ópí |

4.2.1.9.4. Tupi e irançe

Não há na literatura estudos que tratem especificamente de contato entre populações de origem tupi e irançe. As semelhanças lexicais apontadas na TABELA 145 representam indícios de que os ancestrais das referidas populações teriam participado de uma esfera de interação, provavelmente na bacia do Tapajós.

TABELA 145. Paralelos lexicais entre os conjuntos tupi e irançe

| | TUPI | IRANÇHE |
|--------|------------------------|---------------|
| 1.P. | PTPI *or'e > PTPG *ore | are?i, are?ur |
| 2.S. | PTPG *tje | je |
| abelha | PTPG *eir- | ?iri?i |
| arara | PTPI *arat > JUR alali | alã?ni |
| esposa | PTPI *at'i | ?ãtama |

TABELA 145. Paralelos lexicais entre os conjuntos tupi e iranque

| | TUPI | IRANCHE |
|-----------------|--|---------------|
| falar | PTPI *weʔeŋ | waaʔa |
| gordo | PTPI *ŋkit | ʔkoto |
| mandioca | PTPI *mani > JUR maĩ ‘mandioca’, PTUP *māji ‘chicha’ | muʔi |
| noite | PTPG *pitun, JUR kamādihu | ʔmitohu |
| onça | PTPG *jawar | jawa ‘animal’ |
| pai | PTPG *papa | ʔbapa |
| tucano | STM jūkan, MON jukan, TUP jōkan, KRO/PRB jōkan | joklhi |

4.2.1.9.5. Tupi e jivaro

Não há na literatura estudos sobre contatos entre populações de origem tupi e jivaro. As semelhanças lexicais apontadas na TABELA 146 representam indícios importantes de que os proto-proto-jivaro seriam oriundos da Amazônia Central, onde teriam participado de uma esfera de interação com populações de origem tupi, dentre outras.

TABELA 146. Paralelos lexicais entre os conjuntos tupi e jivaro

| | TUPI | JIVARO |
|---------------------------------|---|---|
| beber | MUN ʔom | PJVR *umut |
| boca | PTPI *en | PJVR *wenu |
| cachorro | PTPG *jawat ‘cachorro, onça’ | PJVR *jawa |
| cana | PTPG *tak ^w at | PJVR *taNkana |
| casa | PTPI *ek ^w > PTUP *eka, MUN əkʔa, PRB eka | PJVR *hega |
| casca/pele | PTPI *ts ² -ap ² e ‘NCONT-casca/casco/pele’ > PTPG *ts-ape, PRB t-ape, GAV ts-ábè | PJVR *saepe ‘casca’ > ACW saape; PJVR *nuape ‘pele’ |
| cipó/capim³⁷¹ | PTPG *kaapi, MUN kapĩ ‘capim’ | PJVR *kaapi |
| contar/língua | PTPI *-enōi ‘contar, narrar’ | PJVR *inai ‘língua’ |
| cupim/formiga | PTPI *ŋkup ² i ‘cupim’ > AWT kupiʔa, STM ŋupiʔa | PJVR *kupita ‘formiga’ |
| dente | PTPI *tāj > MUN nāj, ARI ŋōj- | PJVR *nai |
| dormir | PTPI *k ² et > ARI/KRT kat | PJVR *kanu |
| folha/erva | PTPI *ts ² -up ^w ‘NCONT-folha’ > XPY s-upa, MUN d-ip | PJVR *nupa ‘erva’ > AGR dupa |
| homem/marido | PTPI *aitʃe ‘homem’ | PJVR *aiʃi ‘marido’ |
| mosquito | PTPI *wat ² iʔũ | PJVR *maNtʃu |
| noite/frio | PTPG *pitsa, PMON *mitʃan ‘noite’ | PJVR *mitʃa ‘frio’ |

³⁷¹ A relação entre ‘cipó’ e ‘capim’ é conceitualmente tênue, mas culturalmente existe possibilidade de relação, pois ambas classes de planta são utilizadas no fabrico de cestaria, de modo que seria possível caracterizar o referido paralelo como uma mudança semântica associada a um suposto empréstimo.

TABELA 146. Paralelos lexicais entre os conjuntos tupi e jivaro

| | TUPI | JIVARO |
|-----------------|--|---------------------------|
| ouvir | PTPI *entup > JUR/XPY êdu | PJVR *aNtu > AGR/WBS aNtu |
| pai | PTPI *up | PJVR *apa > XWR apa |
| pavão | PTPG *kujuβi | PJVR *kuju |
| pele | PTPI *ape | PJVR *nuape |
| perna/pé | MUN dao ‘perna’ | PJVR *nawe ‘pé’ |
| queimar | PTPG *api | PJVR *apet |
| tucano | PTPI *tukan > PTUP *jûkan, KRO/PRB jukan | PJVR *tsukaNka: |

4.2.1.9.6. Tupi e karib

Como observado em §4.1.7, com base num número reduzido de possíveis cognatos Rodrigues (1985) levantou a hipótese de que os conjuntos tupi e karib estariam geneticamente relacionados. Além dos dados mencionados na referida seção, há uma série de termos compartilhados exclusivamente entre línguas karib e tupi-guarani (TABELA 147), que Rodrigues (*op.cit.*) observou serem oriundos de relações de contato. A maioria destes termos é referente a peixes e animais selvagens. É bastante possível que parte destes termos não sejam de origem tupi, mas empréstimos decorrentes da migração dos ancestrais dos proto-aweti-tupi-guarani até a região do interflúvio do Baixo Xingu e Baixo Araguaia e do consequente contato que teriam estabelecido com as populações preexistentes do Baixo Amazonas de origem karib (Côrrea 2014:253; sobre a proposta do território original dos proto-tupi-guarani no Baixo Amazonas, cf.: Lathrap 1970, O'Hagan *et alii* 2014). De fato, muitos destes termos estão reconstruídos para o proto-tupi-guarani, mas não existem resquícios da presença destas raízes nas línguas tupi não tupi-guarani da vertente direita da bacia do Alto Madeira, o provável território de origem dos proto-tupi.

TABELA 147. Paralelos lexicais entre os conjuntos tupi-guarani e karib

| | TUPI-GUARANI | KARIB |
|----------------|----------------|---|
| abacaxi | PTPG *nana | KRÑ/TIR/WYN/APL/WMR nana |
| açaí | PTPG *watsaʔi | KRÑ wasai, MKX wasi |
| aracu | PTPG *waraku | KRÑ/TIR/PMO waraku, WYN warak, APL araku |
| arara | PTPG *marakana | KRÑ/TIR/TRP marakana |
| arara | PTPG *parawa | KRÑ/TIR/WYN/APL palawa |
| arara | PTPG *arar | APL arara, TIR/WYN ararawa, KRÑ/PMO kararawa, MKX kararua |
| barata | PTPG *taraβe | KRÑ/TIR/APL/PMO arawe, WYN erewe |

TABELA 147. Paralelos lexicais entre os conjuntos tupi-guarani e karib

| | TUPI-GUARANI | KARIB |
|----------------------|--------------------------|--|
| casa/cabana | PTPG *tapij | APL/TRP/PMO/KRÑ tapij |
| curimatã | PTPG *kurimata | KRÑ/PMO kurimata, WYN kurumata |
| garça | PTPG *mawari | KRÑ kumawari, PMO manwari |
| gato selvagem | PTPG *marakaja | KRÑ/WYN/TRP/PMO/TIR marakaja |
| jacamim | PTPG *jakami | PMO jakami, KRÑ/TIR/MKX akami |
| jacaré | PTPG *jakare | ARK/APL/TRP jakare, KRÑ/MKX akare |
| macaco coatá | PTPG *k ^w ata | KRÑ/PMO kuwata |
| milho | PTPG *aβatʃi/*aβati | APL/KRÑ awasi |
| pacu | PTPG *paku | APL/TIR/WYN/KRÑ paku |
| pagar | PTPG *epe | WYN epe, BKR epi, HIX ehema |
| quati | PTPG *k ^w ati | TRP/MKX k ^w asi, KRÑ/PMO kuwasi |
| rio/mar | PTPG *parana 'rio' | KRÑ/PMO parana, MKX pirana 'mar' |
| surubim | PTPG *ʃuruβi | APL/TIR/WYN suruí, KRÑ/PMO uruwi |
| tamanduá | PTPG *tamanuʔa | KRÑ/TIR/MKX tamanua, PMO tamanuwa |

4.2.1.9.7. Tupi e kayuvava

Não há na literatura estudos sobre contatos entre populações de origem tupi e kayuvava. As semelhanças lexicais apontadas na TABELA 148 representam indícios de que os ancestrais dos kayuvava teriam participado de uma esfera de interação com populações de origem tupi, provavelmente na bacia do Guaporé.

TABELA 148. Paralelos lexicais entre os conjuntos tupi e kayuvava

| | TUPI | KAYUVAVA |
|----------------------|--------------------------------|--------------------|
| algodão | PTUP *ororo | KYV ɕuhuru |
| amarrar | PTPG *apiti | KYV biti |
| arco | PTPG *iβirapar > XET rapa | KYV raupu |
| assar | PTPI *ʃit > PTPG *e-ʃir | KYV -ʃiriri |
| cheio | PTPG *itarō | KYV dao |
| costela | PTPG *ts-arukaŋ | KYV taraka |
| criança/filho | PTPG *memit 'filho' > CRG memi | KYV mami 'criança' |
| dar | PTPG *meʔeŋ > SRO meē | KYV mi |
| dente | PTPI *tāj | KYV dai |
| esposa | PTPI *atʔi > PTPG *-ati | KYV te |
| estômago | TPN akape | KYV rakabe |
| fogo | PTPG *tata | KYV data |
| gato | PTPG *marakaja | KYV βariikiki |

TABELA 148. Paralelos lexicais entre os conjuntos tupi e kayuvava

| | TUPI | KAYUVAVA |
|---------------|-----------------------------|--------------------|
| gente | PTPG *aβa | KYV duaβa |
| inchação | PTPG *ruru | KYV ruhū |
| lenha/galho | PTPG *akā ‘galho’ > XET āka | KYV ikæ ‘lenha’ |
| nadar | PTPG *itaβ | KYV taβu |
| raposa/raposa | PTPG *jawat ‘onça’ | KYV naβa ‘canídeo’ |
| ovo | PTPI *ts-upi?a | KYV rōmi-he |
| pai | PTPG *papa | KYV papa |
| tabaco | PTPI *pe | KYV upe |

4.2.1.9.8. Tupi e mura-matanawi

Von Martius (1867) assume que a língua mura seria de filiação tupi, mas Nimuendaju (1948), além de observar que existem semelhanças no sistema pronominal, não encontrou mais evidências que dessem sustentação a tal hipótese. Tais semelhanças pronominais foram abordadas em detalhes por Everett (2005), com base em dados do pirahã. Além dos pronomes há, de fato, mais algumas semelhanças lexicais lexicais. Estes dados, reunidos na TABELA 149, representam indícios de que populações mura-matanawi teriam participado de uma esfera de interação na bacia do Madeira com populações de origem tupi.

TABELA 149. Paralelos lexicais entre os conjuntos tupi e mura-matanawi

| | TUPI | MURA-MATANAWI |
|------------|------------------------------------|----------------------------------|
| 1.s | PTPG *tʃe | PRH ti [tʃi], MTN -tʃi, MRA se |
| 2.s | PTPG *ne | PRH gi [ni], MTN nii-pa, MRA dee |
| 3.s | PTPG *aʔe > PRT hē, NGT ahe | PRH hi; MTN hina ‘3.s/aquele’ |
| arara | PTPG *parawa | MTN para |
| arara | PTPI *awuru | MTN awuru |
| árvore | GAV ip, SRI i:b | PRH ?ii, MTN i; MRA ii ‘pau’ |
| cabeça | TUP apap?a | PRH ?apapai, MRA apai, MTN apa |
| cabelo | PTPI *ap > JUR -ab-a, XPY -ap-a | PRH ?aapa |
| casca/pele | PTPI *pe > MUN ibe | PRH ?ii-pi (PRH ?ii ‘árvore’) |
| comer | PTPI *k ² u > PMON *ko | PRH koho |
| Deus/homem | PTPG *aβa ‘homem’ | MRA awa-e |
| dormir | PTPI *k ¹ et > PTUP *et | PRH aita/?aiti |
| fígado | PTPI *pi?a > JUR/XPY bia, KUR ipia | PRH ?ibioi, MRA ibijui |
| frio | SRI hitagī ‘ter frio’ | PRH ?agii |
| fruta | PTPI *?a | MRA ai |

TABELA 149. Paralelos lexicais entre os conjuntos tupi e mura-matanawi

| | TUPI | MURA-MATANAWI |
|---------------|--|------------------------------|
| macaco | PTPG *kaʔi | PRH koʔoi |
| macaco | PTPG *k ^w ata | MRA kooata |
| orelha/ouvido | PTPI *api ‘ouvido’ | PRH apo, MRA apui ‘orelha’ |
| panela | PTPI *waʔẽ > MUN waʔe, STR waʔã | MRA waaĩ |
| pedra | TUP waʔi | PRH ʔaʔai |
| perna/tronco | PTPI *k ^ʔ ip ^ʔ i ‘tronco’ > PTPG *ʔipi | PRH ipu, MRA ipu-u-i ‘perna’ |
| velho | PTPG *tuja, JUR tuʔea | PRH tuiua, MRA tojua |

4.2.1.9.9. Tupi e taruma

Rose (2015) e Viegas Barros (2015) observaram alguns paralelos lexicais entre o taruma e línguas tupi. Estas e outras semelhanças lexicais, apontadas na TABELA 150, representam indícios importantes de que os ancestrais dos taruma teriam participado de uma esfera de interação na Amazônia Central com populações de origem tupi. Tais relações teriam se dado presumivelmente na bacia do Baixo Madeira e no trecho do Amazonas entre a foz do Negro e do Madeira.

TABELA 150. Paralelos lexicais entre os conjuntos tupi e taruma

| | TUPI | TARUMA |
|----------------|--|-------------------|
| 2.s | PTPI *en > ARI aan, KRT ãn | ani/anna |
| abacaxi | KRT kojpa | kubara |
| braço | TUP wakuʔa | ak ^w a |
| branco | KRT pok | fugi |
| cabaça | TUP toroʔã | tara |
| cabaça | PTPG *kuja | kuja |
| cabeça | PMON *anara | ada |
| caminho | PTPI *ape | afe |
| comer | PTPG *karu; TUP wekaro ‘morder’ | waʔe-karu |
| comer | PTPI **k ^ʔ u > PMON *ko | ko ‘comer/morder’ |
| costas/costela | TUP tet ‘costas’ | tata ‘costela’ |
| costas | SRI abe: | abara |
| criança | KRT õwa | ɕawã |
| flecha | PTPI *ek ^w ip > TUP ekuup, MUN op | kupa |
| gente | TUP kire | giri |
| gordo | SRI hadag | haʔjaku |
| mão/folha | PTPI *ep ^w ‘folha’ > ARI abɔ, KRT/PRB ap (cf.tb.: PTPI *po ‘mão’) | afu ‘mão’ |
| morrer | PMON *pawi, KRT owi | fwi |

TABELA 150. Paralelos lexicais entre os conjuntos tupi e taruma

| | TUPI | TARUMA |
|-----------------------|-------------------------------|-----------------|
| noite/preto | TUP sikʔe ‘preto’ | sikaʔu ‘noite’ |
| piolho | PMON *git | gida |
| quati | PTPG *kʷati | kasi |
| rosto/bochecha | KRT aso ‘rosto’ | asii ‘bochecha’ |
| sal | PTPI *wukit | wuka |
| Sol | PTPI *ŋʷatʔ | wā |
| unha | TUP kirɨʔa | kʷirea |
| veado | PTPI *itʃi > MUN iʃi, KUR iɕi | hitʃi |

4.2.1.9.10. Tupi e trumai

Guirardello-Damian (2011) evidenciou uma série de empréstimos de origem tupi-guarani em trumai ao realizar um estudo comparativo entre esta língua e o kamayura. Além destas, outras mais puderam ser detectadas. Os dados estão reunidos na TABELA 151. A partir desta análise pode-se argumentar que tais empréstimos não são exclusivamente de origem kamayura, de modo que é possível supor que as relações de contato entre os ancestrais dos trumai e populações tupi-guarani teriam se iniciado antes da chegada daqueles na bacia do Alto Xingu.

TABELA 151. Paralelos lexicais entre os conjuntos tupi e trumai

| | TUPI | TRUMAI |
|------------------------|---|-------------------|
| 1.s | PTPG *a- | ha- |
| 2.s | PTPG *e- | hi- |
| algodão | PTPG *aminiju > URB moneju | amunju |
| árvore | PTPG *iβira | iwir |
| cabaça/cuia | PTPG *iʔa ‘cabaça’ | iʔa ‘cuia’ |
| chuva/relâmpago | PTPG *amã ‘chuva’ > ASR amin | ametʃ ‘relâmpago’ |
| cutia | PTPG *akuti | akutʃ |
| esposa | PTPG *ati | di |
| feijão | PTPG *kumana | kuman |
| homem/marido | PTPG *aitʃe ‘homem’ | etʃe ‘marido’ |
| Lua | PTPG *jatʃi > KMY/WYP jai | jai |
| Lua/estrela | PTPG *jatʃi ‘Lua’ > YRL jasi, SRO tʃasi | asi ‘estrela’ |
| mãe | PTPG *tʃi > SRO si, CRG si | -aʔe |
| mandioca | PTPG *mani | mani |
| mosca | PTPG *meru | meru |

TABELA 151. Paralelos lexicais entre os conjuntos tupi e trumai

| | TUPI | TRUMAI |
|---------------------------|--|-------------------------------|
| pai | PTPG *-uβ > WYP/SRO/CRG -u | ao |
| pajé | PTPG *paje | paje |
| pássaro | PTPG *wira-ĩ ‘passarinho’ (PTPG *-ĩ ‘DIM’) | ura?i |
| pé | PTPG *pita | pits? |
| pedra | PTPG *ita | itak |
| pele | PTPG *pir | piṭ |
| pena/pelo | PTPG *aβ > KMY ap | ṭep |
| piolho/bicho-de-pé | PTPG *tuṅ ‘bicho-de-pé’ > GRY tō | tun ‘piolho’ |
| poeira/cinzas | PTPG *iwiti-mor ‘poeira’ > KMY iwitsi-mot | so-mot ‘cinzas’ (so = ‘fogo’) |
| praça | PTPG *okar | okar |
| rabo/pênis | PTPG *uwaj, MUN oaj ‘rabo’ | o?a ‘pênis’ |
| raiz | PTPG *ok | oke |
| raposa | PTPG *awara | wara |
| rio | PTPI *itj ² i > KRO ifi | xu |
| tabaco | PTPI *pe | fi |
| vespa | PTPG *kaβ > ASR kawa | kawa?o |

4.2.1.9.11. Tupi e yanomami

Não há na literatura estudos sobre contatos entre populações de origem tupi e yanomami. As semelhanças lexicais apontadas na TABELA 152 representam indícios de que as referidas populações teriam participado, durante a pré-história, da esfera de interação multicultural da Amazônia Central.

TABELA 152. Paralelos lexicais entre os conjuntos tupi e yanomami

| | TUPI | YANOMAMI |
|---------------|---|--|
| fumaça | PTPI *t ² iṅ > TUP siṅ, JUR sī | PYMI *fi |
| ir | PTPI *tso > PTPG *tso | PYMI *hu |
| mama | PTPI *kam > PTPG *kam, MUN k ² m | YMO hākāmi |
| mosca | PTPG *meru | YMI mroro YMO mroo |
| orelha | MUN nijbi | NNM jūm ² , YMI j ² m ² ka, YMI jūm ² ka |
| pele | MUN -je?e | NNM/YMI/YMO si |
| sangue | MUN -oj | NNM/YMI/YMO ūj ² |
| vespa | MUN kopi | NNM kopina, YMO kōpina |

4.2.2. Famílias

4.2.2.1. Andoke-urekena

Foram detectados extratos léxicos compartilhados por populações andoke-urekena e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- duho (saliba-hodi) → §4.2.1.2.1.1
- duho (tikuna-yuri) → §4.2.1.2.2.1

4.2.2.2. Arawa

Foram detectados extratos léxicos compartilhados por populações arawa e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- arawak → §4.2.1.4.1.1
- chapakura-wañam → §4.2.2.2.1
- jivaro → §4.2.2.2.2
- kwaza → §4.2.2.2.3
- maku → §4.2.2.2.4
- mura-matanawi → §4.2.2.2.5
- puinave-nadahup (nahahup) → §4.2.1.8.1.1
- puinave-nadahup (puinave-kak) → §4.2.1.8.2.1
- taruma → §4.2.2.2.6
- tupi → §4.2.1.9.1
- yanomami → §4.2.2.2.7

4.2.2.2.1. Arawa e chapakura-wañam

Não há na literatura estudos sobre contatos entre populações de origem arawa e chapakura-wañam. As poucas semelhanças lexicais apontadas na TABELA 153 podem ser indícios de que as referidas populações tenham participado de alguma esfera de interação durante a pré-história.

TABELA 153. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawa e chapakura-wañam

| | ARAWA | CHAPAKURA-WAÑAM |
|-----------------|---|------------------------|
| boca | PARA *iɕahi 'boca/lábio' | PCPW *ʔijat 'bico' |
| comer | PARA *hawa | PCPW *kawʔ |
| mãe/irmã maior | PARA *ami 'mãe' | PCPW *ami 'irmã maior' |
| macaco | PARA *ɕuwihɪ > JRW/SRW ɕowi | PCPW *jowin |
| olho | PARA *nuk ^h u | PCPW *tok |
| pai/sogro | PARA *abi 'pai' | PCPW *ʔapi: 'sogro' |
| papagaio | PARA *kawa | PCPW *kawit |
| terra | PARA *nami > DNI namika | PCPW *namaka |
| vermelho/urucum | DNI mavani, JRW mawana (cf. tb.: PARA *mawa-ni 'flor' > SRW mawi) | PCPW *mawin 'urucum' |

4.2.2.2.2. Arawa e jivaro

Não há na literatura estudos sobre contatos entre populações de origem arawa e jivaro. As poucas semelhanças lexicais apontadas na TABELA 154 podem ser indícios de que as referidas populações tenham participado de alguma esfera de interação durante a pré-história.

TABELA 154. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawa e jivaro

| | ARAWA | JIVARO |
|-------------|----------------------------|--------------|
| 1.P | PARA *ʔe:- | PJVR *i: |
| águia | PARA *kukui | PJVR *ukukuj |
| bicho-de-pé | SRW oho | PJVR *ahuhu |
| coruja | SRW musa | PJVR *ampuʃa |
| floresta | SRW kabani (SRW -ni 'NMZ') | PJVR *ikama |
| mandioca | SRW mama | PJVR *mama |
| papagaio | PARA *kawa | PJVR *kawau |

4.2.2.2.3. Arawa e kwaza

Não há na literatura estudos sobre contatos entre populações de origem arawa e kwaza. As poucas semelhanças lexicais apontadas na TABELA 155 podem ser indícios de que as referidas populações tenham participado de alguma esfera de interação durante a pré-história.

TABELA 155. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawa e kwaza

| | ARAWA | KWAZA |
|--------------|-------------------|--------|
| costas | JRW bari | bari |
| flecha/bambu | PARA *api 'bambu' | mābi |
| gambá | SRW husi | husi |
| jacaré | SRW ona/u:na | lūnā |
| machado | PARA *bari | ale |
| mosca | SRW ku:ruru | ururu |
| sapo | JRW kokore | kotore |

4.2.2.2.4. Arawa e maku

Não há na literatura estudos sobre contatos entre populações de origem arawa e maku. As poucas semelhanças lexicais apontadas na TABELA 156 são indícios de que as referidas populações teriam participado de alguma esfera de interação durante a pré-história.

TABELA 156. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawa e maku

| | ARAWA | MAKU |
|---------------|--|----------------------|
| arara | PARA *kawa | MKU kawē |
| barriga/corpo | PARA *abono 'corpo' | MKU lopono 'barriga' |
| olho | PARA *nuk ^h u | MKU suku-te |
| pai | PARA *abi, DNI -me | MKU me |
| sangue | PARA *eme | MKU le:me |
| unha | PARA *nuk ^h uc ^h i | MKU sukufji |

4.2.2.2.5. Arawa e mura-matanawi

Não há na literatura estudos sobre contatos entre populações de origem arawa e mura-matanawi. As poucas semelhanças lexicais apontadas na TABELA 157 são indícios de que as

referidas populações teriam participado da esfera de interação da Amazônia Central durante a pré-história.

TABELA 157. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawa e mura-matanawi

| | ARAWA | MURA-MATANAWI |
|---------------|-----------------------------|---|
| 3.s | DNI ʔi | PRH ʔi '3.F' |
| anta | PARA *awi | MTN awija |
| árvore | PARA *aga- > PMR awa- | MTN ua 'lenha' |
| caminho | PARA *hagi(hi)-ni > SRW agi | MRA ari |
| costas | PARA *ide- > PMR ida | MRA (i)ida |
| interrogativo | PARA *-hi | PRH -hi? |
| pedra | PARA *ɕadi | PRH ati |
| peixe/rio | SRW mami/bami 'rio' | MTN mami 'peixe' |
| tartaruga | PARA *jiri | PRH kahiri |
| veado | PARA *bato > BNA badoe | PRH baitoi; MRA batue; MTN mato 'canídeo' |

4.2.2.2.6. Arawa e taruma

Não há na literatura estudos sobre contatos entre populações de origem arawa e taruma. As poucas semelhanças lexicais apontadas na TABELA 158 podem conter indícios de que as referidas populações teriam participado da esfera de interação da Amazônia Central durante a pré-história.

TABELA 158. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawa e taruma

| | ARAWA | TARUMA |
|-------------------|---------------------------------------|-----------------------|
| árvore | PARA *aga > PMR/JRW/DNI awa | TRM ua |
| cachorro-do-mato | PARA *ɕuma-hi (PARA *ɕuma 'floresta') | TRM hi |
| casa | PARA *uɕa | TRM duja |
| machado | PARA *bari | TRM bade |
| montanha/floresta | PARA *nuku 'montanha' | TRM nukuda 'floresta' |
| tartaruga | PARA *jiri | TRM ɕini |
| testa/cabeça | PARA *at ^h a- 'testa' | TRM ata 'cabeça' |

4.2.2.2.7. Arawa e yanomami

Não há na literatura estudos sobre contatos entre populações de origem arawa e yanomami. As poucas semelhanças lexicais apontadas na TABELA 159 podem conter indícios

de que as referidas populações teriam participado da esfera de interação da Amazônia Central durante a pré-história.

TABELA 159. Paralelos lexicais entre os conjuntos arawa e yanomami

| | ARAWA | YANOMAMI |
|------------|-----------------|---------------------------|
| águia | PARA *kukui | NNM kōkojom, YMO koikoimi |
| boca | SRW iḱahi | PYMI *ija ‘comer’ |
| canoa | PARA *kanawa | PYMI *kanawa |
| irmã maior | PARA *ami ‘mãe’ | NNM/YMI ami YMO amiwuu |
| ombro | SRW hakuri | PYMI *hako |
| osso | PARA *atune | SNM tū |
| vado | PARA *batja | NNM hatja, SNM hatsa |

4.2.2.3. Barbakoa

Foram detectados extratos léxicos compartilhados por populações barbakoa e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- atakame → §4.2.2.3.1
- cholon-hibito → §4.2.1.1.2
- chibcha → §4.2.2.3.2
- kechua → §4.2.2.3.3
- mochika → §4.2.2.3.4
- paez → §4.2.2.3.5
- tukano → §4.2.2.3.6
- umbra → §4.2.2.3.7

4.2.2.3.1. Barbakoa e atakame

Adelaar & Muysken (2004:159-160) destacaram a presença de uma série de empréstimos envolvendo as línguas do subgrupo barbakoa meridional (especialmente o tsafiki) e o atakame. Como os autores (*op.cit.*) apontam, boa parte do léxico compartilhado é composto

de termos referentes a plantas e animais. Todas as semelhanças estão reunidas na TABELA 160.

TABELA 160. Paralelos lexicais entre os conjuntos barbakoa e atakame

| | BARBAKOA MERIDIONAL | ATAKAME |
|-----------------------------|----------------------|------------------------|
| abano | TFK pepe | pep-le |
| abutre | TFK baro | βara |
| agora | TFK aman(a) | amane |
| água | PBBM *pi | wiβi/u-βi |
| algodão | PBBM *kuwa | kuβe |
| árvore | PBBM *tiçe | taʃte/tate |
| bambu | PBBM *paki | ta-pake ³⁷² |
| boca | PBBM *φi- | βil- |
| cabaça | TFK boli | bule |
| carrapato | TFK kinki | kinke |
| feijão | PBBM *molo | muripe |
| fogo | PBBM *nak | naka |
| iguana | TFK matara | matra |
| madeira/lenha | PBBM *ʃide ‘madeira’ | ʃite ‘lenha’ |
| montanha | TFK du | duka |
| mulher | PBBM *iʃon | tion [tʰon] |
| pai | PBBM *tata | tete |
| panela | PBBM *kitsi | koʃa |
| papagaio | TFK walan | ware |
| peito | PBBM *ten | tan |
| peixe (<i>Characidae</i>) | TFK nata | nata |
| pele | PBBM *isik | βiska |
| pescoço | PBBM *kudan | kola |
| porco-do-mato | TFK para | para |
| remo | TFK palanka | pele |
| tabaco | PBBM *kintsi | kanʃa |
| terra | PBBM *to | do |
| um | TFK main | baʃini |

4.2.2.3.2. Barbakoa e cholon-hibito

Embora não haja na literatura qualquer estudo sobre contatos entre populações de origem barbakoa e cholon-hibito, os paralelos lexicais apontados na TABELA 161 representam

³⁷² Atakame ta- ‘CLS.comprido’ (Adelaar & Muysken 2004:160).

evidências importantes de que as referidas populações teriam participado da esfera de interação durante a pré-história.

TABELA 161. Paralelos lexicais entre os conjuntos barbakoa e cholon-hibito

| | BARBAKOA | CHOLON-HIBITO |
|----------------------|--------------------------------------|---------------------|
| 3.s | PKOK *ni- '3.s' | CLN n- |
| adesivo | TFK -te | CLN -te |
| agua | AWP k ^w atje | HBT katji |
| alat/loc | PBBM *-bi 'Loc' | CLN -pi |
| algodão | PKOK *pul | CLN kul |
| cabeça | PKOK *puçuk | CLN muŋitje |
| casa | PBBK *ja | CLN jip; HBT ip |
| cesta | TFK tsala | CLN jala |
| cobra | PKOK *ol | CLN oolum |
| comida/comer | PKOK *map 'comer' | CLN mami 'comida' |
| dente | PKOK *tçikul | CLN kulu |
| descer | TFK pahta- | CLN pahato |
| doer/doença | GBY kamba 'doença' | CLN kama 'doer' |
| dois/quatro | PKOK *pip 'quatro' | CLN hip/ip 'dois' |
| erva | GBY pu | CLN puło |
| estrela | GBY kinəa-bi | CLN kena(k) |
| farinha | GBY pumbuit | CLN pum |
| fogo | GBY uje 'brasa'; *naktçiq 'carvão' | HBT uktje, utj |
| FUT/HPT | GBY -am 'HPT'; -am, -inaish (awapit) | CLN -lam 'FUT' |
| homem/homem | TFK numi 'penis' | HBT nuum 'homem' |
| jacaré | AWP soŋ | HBT ŋonti |
| língua/palato | GBY maultja 'palato' | CLN maltsu 'língua' |
| Lua | PKOK *pili | CLN pel |
| mandioca | PKOK *lu | CLN uul |
| minhoca | PBBK *kuŋi | CLN kuŋ |
| mutum | AWP bonkoro | CLN pangala |
| nariz | AWP kifu/kiçu | CLN keŋum |
| NEG | GBY -mu | CLN -mu |
| NEG | AWP -zhi | CLN -tjin |
| onça/cachorro | AWP (i)ju 'onça' | HBT ju 'cachorro' |
| pai | PKOK *apa | CLN appa |
| palha | AWP jaaŋ | HBT łes |
| pedra | PKOK *çuk | HBT tje |
| Sol | PKOK *pitça | CLN mujak/mujapo |
| um | GBY kan | CLN an |
| ver | GBY aŋ | CLN jatŋ |
| verde | GBY piłik; PKOK *ŋih 'folha' | CLN liŋ |

Como observado em §3.3.2.4, existe uma correlação arqueológica direta e sequencial entre os produtores das cerâmicas das culturas upano-kilamope (700 a.C. – 500 d.C.), na Montanha equatoriana, e aspusana (500 d.C. – 900 d.C.), na bacia do Huallaga, onde os cholonhibito habitavam durante a época colonial. O fim da cultura upano-kilamope esteve diretamente associado à grande erupção do vulcão Sangay ocorrida no século V d.C., de modo que as evidências linguísticas ora expostas e tais informações arqueológicas dão forte aporte à hipótese de que os proto-cholonhibito eram os antigos produtores da cultura upano-kilamope da Montanha equatoriana.

4.2.2.3.3. Barbakoa e kechua

Com base na observação da existência de certas semelhanças léxicas entre o tsafiki e o kechua, Buchwald (1909, 1918) chegou a propor que tais línguas estivessem geneticamente relacionadas, uma hipótese já totalmente contestada (*apud* Gómez Rendón 2010:23). Além disto, certas semelhanças morfológicas foram observadas entre o kechua e o awapit (Adelaar & Muysken 2004:145). Como Floyd (2009) aponta, tais empréstimos são relativamente recentes, decorrentes do contato ocorrido em virtude da invasão incáica nos Andes equatorianos, território original das populações falantes de línguas barbakoa do subgrupo meridional. Praticamente todas as semelhanças lexicais encontradas são, de fato, com línguas do subgrupo meridional. Os dados estão reunidos na TABELA abaixo.

TABELA 162. Paralelos lexicais entre os conjuntos barbakoa e kechua

| | BARBAKOA | KECHUA |
|---------------------|---|--------------------------------------|
| ACU | AWP -ta 'ACU/LOC' | KCH -ta 'ACU/ALAT' |
| ano | TFK wa ^h ta | PKC *wata |
| areia | TFK tsalā 'areia' | PKC2C *sa ^h la 'cascalho' |
| balsa | CPL jan- 'remar' | KCH ^h lampu |
| carne | CPL a ^h la | PKC *aj ^h tja |
| dor/tristeza | CPL ^h aki TFK la ^h ki | PKC * ^h aki |
| erva/folha | PBBM *tape 'erva' | PKC *rapira 'folha' > KCH rapi |
| estômago | AWP pusun | PKC2 *pusun |
| fogo | PBBM *nin | PKC *nina |
| galinha | CPL wa ^h apa TFK walpa | PKC *wa ^h apa |
| GEN | AWP -pa 'GEN' | KCH -p(a) 'POSS' |
| grilo | TFK tjili | PKC2 *tjil ^h ik |

TABELA 162. Paralelos lexicais entre os conjuntos barbakoa e kechua

| | BARBAKOA | KECHUA |
|------------------|---------------------------------|-------------------------------------|
| lagarto | TFK lanpalo | PKC2C *palu |
| mama | CPL tʃuʃo | PKC *tʃuʃu |
| marido/velho | CPL ruku ‘marido’ | PKC2 *ruku ‘velho’ |
| montanha/redondo | CPL lunkuji ‘montanha’ | KCH runku ‘redondo’ |
| morcego/gambá | CPL ʃjni ‘gambá’ | KCC/KCO tʃʔjni, KCH tʃjni ‘morcego’ |
| nuvem | TFK pojo | PKC *puju |
| pai | PBBM *apa | PKC *papa |
| papagaio/garça | CPL ka ^h tsu ‘garça’ | KCO qaqʃu, KCC qʔaxʃu ‘papagaio’ |
| pênis | CPL ʃu | PKC *uʃu |
| ramo | PBBM *ali ‘ramo’ | PKC2C *ali ‘planta/ramo’ |
| solução | TFK heko | PKC *hiku |
| tia/mãe | TFK aña ‘mãe’ | PKC *ɲana ‘irmã de mulher/tia’ |

4.2.2.3.4. Barbakoa e mochika

Lehmann (1920:39) observou três semelhanças relevantes entre o tsafiki e o mochika, levantando, a partir disto, a possibilidade que os conjuntos barbakoa e mochika estivessem filogeneticamente relacionados. Embora tal possibilidade não proceda, mais semelhanças importantes com o mochika puderam ser detectadas neste trabalho, indicando que estas populações teriam certamente mantido relações de contato. Os dados encontram-se na TABELA a seguir.

TABELA 163. Paralelos lexicais entre os conjuntos barbakoa e mochika

| | BARBAKOA | MOCHIKA |
|-------------|--------------------------|------------|
| comer | PBBM *phi-nu | fenu |
| concha | CPL tʃuja | tʃaja |
| frio | PBBM *iʃan | tsan |
| homem | CPL ʃu- | ɲofən |
| intestino | CPL *pesili > CPL peʃiʃi | fiʃiʃko |
| mãe | CPL ama | em |
| mama | AWP tʃiʃu | tʃiʃu |
| mulher | TFK sona | ʃonəɲ |
| mulher | CPL so-po | ʃoponik |
| pai | PBBM *apa | ep |
| piolho | PBBM *mu | moɣ |
| quente/fogo | PBBM *lu ‘quente’ | olu ‘fogo’ |
| vale | TFK konti | kunti |

Existem indícios históricos de que os chono, uma população de navegantes que habitava a bacia do Baixo Daule, no litoral do extremo sul equatoriano, era etnolinguisticamente vinculada aos barbakoa meridionais (Gómez Rendón 2010:8-9) e, neste sentido, é provável que o contato tenha se dado através deles. São, de fato, diversas as evidências culturais levantadas por fontes arqueológicas e históricas de uma intensa e contínua rede de interação entre a costa norte peruana e a costa sul equatoriana (cf. §3.3.2.7).³⁷³

4.2.2.3.5. Barbakoa e paez

Embora Beuchat & Rivet (1910b) tenham relacionado filogeneticamente o paez com as línguas kokonuko, tal equívoco foi plenamente demonstrado por Curnow (1998). Os paralelos lexicais observados entre o paez e línguas da família barbakoa (TABELA 164) são claramente resultantes do contato entre os ancestrais dos paez e dos falantes de línguas kokonuko (cf.: Curnow 1998, Jara Murillo 2004). A quantidade exígua de empréstimos é um indicativo de que a contiguidade dos territórios destas populações é um fenômeno relativamente recente.

TABELA 164. Paralelos lexicais entre os conjuntos barbakoa e paez

| | BARBAKOA | PAEZ |
|---------------|------------------------------|-------|
| casa | PKOK *ja, PBBM *ja, AWP jal | jat |
| cinco | PKOK *tʂatʂi | tahts |
| cobra | PKOK *ol | ul |
| queixo | PKOK *kumpampa | kbaba |
| rabo | PKOK *mətʂ, AWP miti, TFK me | mez |

Embora Curnow & Liddicoat (1998) assumam que o *stratum* linguístico compartilhado pelos conjuntos barbakoa meridional, pasto e kokonuko se constitua como evidência de unidade genética, estudos mais robustos precisam ser realizados para que tal hipótese seja plenamente validada. As discrepâncias observadas entre os referidos conjuntos torna plausível que a

³⁷³ Jijón y Caamaño (1941:412-414) afirmou ter identificado toponímia e onomástica de origem mochika nos territórios kañari e puruha, por exemplo: MCK neʃ ‘rio’, KÑR -neʃa ‘id.’ (Adelaar & Muysken 2004:321). Embora este autor (*op.cit.*) tenha tomado tal conclusão como evidência de uma relação filogenética mochika-puruha-kañari, Adelaar & Muysken (*id.*:397) veem na toponímia maior plausibilidade de uma origem barbakoa para os kañari e puruha.

etnogênese dos proto-kokonuko tenha sido resultante da miscigenação de populações barbakoa com outras populações.

4.2.2.3.6. Barbakoa e tukano

Não há na literatura estudos sobre contatos entre populações de origem barbakoa e tukano. As semelhanças lexicais apontadas na TABELA 165 são indícios de que as referidas populações teriam participado da esfera de interação de San Agustín durante a pré-história.

TABELA 165. Paralelos lexicais entre os conjuntos barbakoa e tukano

| | BARBAKOA | TUKANO ³⁷⁴ |
|-------------------|----------------|---|
| caminho | PKOK *mai | PTUK *ma > DSN/MKN/KUB/ORJ bā |
| casca | PKOK *kali | DSN/SRA gasi, TUK/TUY kase, SEK kā?di, KRG kani |
| comer | PKOK *ma- | PTKE *ba- > DSN/MKN/BRS ba- |
| flor | PKOK *o | PTUK *k ² o > WMH/TAT/KRP o |
| folha/erva | GBY pu ‘erva’ | PTKE *pū ‘folha’ > PIR/DSN/SRA pū |
| folha/erva | TTR kao ‘erva’ | PTKO *ha?o ‘folha’ |
| homem | PKOK *muk | PTUK *umuu ‘macho’ > DSN/SRA/MKN ūbūgūi, SIO ūmūgū |
| intestino | PKOK *pitsi | PTUK *p ² isi ‘cipó, intestino’ |
| noite | PKOK *jem | PTUK *jami |
| olho | PKOK *kap | PTKE *kape |
| orelha | PKOK *kalo | PTUK *k ² ap ² o > PTKO *kāho |

4.2.2.3.7. Barbakoa e umbra

Não há na literatura estudos sobre contatos entre os umbra e populações de origem barbakoa. É plausível que a gênese dos umbra tenha envolvido ao menos uma população de origem barbakoa. Os paralelos apresentados na TABELA 166 apontam para esta direção, havendo inclusive algumas semelhanças e sincretismos entre os sistemas pronominais do umbra e das línguas barbakoa, o que pode ser um indício de que o umbra tenha sofrido um processo

³⁷⁴ Chacon (2013; 2014) ofereceu as seguintes formas para o proto-tukano: ptuk *ma?a ‘caminho’, ptuk *k²o?o ‘flor’, mas é um fato linguístico comum a dissilabificação fonética de monossílabos através de replicação vocálica com inserção de uma oclusiva glotal no ataque da sílaba gerada.

de crioulização em algum momento do seu decurso evolutivo, mas uma documentação mais completa desta língua é fundamental para que se possa avançar na avaliação desta hipótese.

TABELA 166. Paralelos lexicais entre os conjuntos barbakoa e umbra

| | BARBAKOA | UMBRA |
|----------|--|--|
| 1.P/2.P | GBY nam, GBY namuĩ- '1.P' | nãũmi '2.P' |
| 1.S | CPL i, CPL in-, TFK la, GBY na, GBY naĩ-, AWP na | nã/i-/i- '1.S'; nã-ĩ '1.S.POSS'; nãĩ '1.P' |
| 2.S | CPL n ^h u, TFK nu, GBY nuĩ-, AWP nu'2.S'; AWP u '2.P' | nãũ-ĩ '2.S.POSS' |
| 3 | GBY nuĩ- '3.S' | nãĩ '3.P' |
| cozinhar | CPL tengaa | tikãũm 'fogo'; tikãõza 'fogão' |
| espírito | CPL tʃul ^h a | tʃirĩa |
| este | CPL en-, TFK in, AWP an | ẽ |
| gente | CPL tʃatʃi, TFK tsatsi | datʃiirũ 'indígena' |
| ir | CPL hi, TFK hi, GBY i- | (g)ĩ |
| madeira | CPL tʃi, TFK tside | tʃisa 'carvão' |
| milho | CPL piʃu, TFK pijo, AWP pija | bizo-ka 'milho moído' (UBR ka 'moido') |
| não | GBY ka | kan |
| peito | AWP tʃikuza | tʃiko-ino 'mama' (UBR ino 'mulher') |
| ser | CPL i, AWP i | ĩ |
| trovão | CPL kuid ^h a, TFK kũta | kuida 'nuvem'; kuĩn 'chover' |

4.2.2.4. Bora-muinane³⁷⁵

Foram detectados extratos léxicos compartilhados por populações bora-muinane e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- arawak → §4.2.1.4.1.2
- choko → §4.2.2.4.1
- guahibo → §4.2.2.4.2
- tukano → §4.2.2.4.3
- tupi → §4.2.1.9.2

³⁷⁵ Para as proto-formas do proto-bora-muinane foi adotada a reconstrução do sistema consonantal de Seifart & Echeverri (2015) e o seguinte sistema vocálico, que reflete com melhor exatidão muitos dos paralelos lexicais observados com outras protolínguas: PBRM */a/ > BOR /a/, MNN /a/; PBRM */ɛ/ > BOR /e/, MNN /o/; PBRM */e/ > BOR /i/, MNN /e/; PBRM */i/ > BOR /i/, MNN /i/; PBRM */u/ > BOR /u/, MNN /i/; PBRM */u/ > BOR /o/, MNN /u/. A principal justificativa para esta proposta é que como tais paralelos representam possíveis ocorrências de empréstimos pré-históricos, eles dão indícios da forma fonológica original dos termos emprestados.

- witoto-okaina → §4.2.2.4.4
- yaruro → §4.2.2.4.5

4.2.2.4.1. Bora-muinane e choko

Não há na literatura estudos sobre contatos entre populações de origem bora-muinane e choko. As semelhanças lexicais apontadas na TABELA 167 representam indícios de que os ancestrais das referidas populações teriam participado de uma esfera de interação durante a pré-história, provavelmente estabelecida na bacia do Caquetá.

TABELA 167. Paralelos lexicais entre os conjuntos bora-muinane e choko

| | BORA-MUINANE | CHOKO |
|-----------------|--|--|
| 1.P | BOR muʔ-tʃʰi, MNN mí-si | WAU maa-tʃ |
| 1.S | PBRM *tai- > BOR tʰá-, MNN tá- | PEPR *ta-tʃi- '1.P' (PEPR *-tʃi- 'P') |
| 1.S | PBRM *mɣ- '1.P' > BOR mé-, MNN mo- | PEPR *mi- |
| 2.P/3.P | BOR amuʔ-tʃʰi, MNN amí-si '2.P' | WAU ama-tʃ '3.P' |
| 3.P | BOR aa-tʰje | PEPR *a-tʃi (PEPR *-tʃi- 'P') |
| 3 | PBRM *dii; PBRM *dii-to '3.P' > BOR tí-tʰje | PCHK *i '3.ABS' > WAU i, PEPR *i-tʃi; PCHK *i-ru '3.ERG' |
| árvore/floresta | PBRM *bahw 'floresta' | PCHK *ba 'árvore' |
| batata-doce | BOR kʰáátʰí | PEPR *ikʰade |
| beber | PBRM *adu | PCHK *do |
| boca | PBRM *i- 'região bucal' (PBRM *i-gai 'dente', PBRM *i-hu 'boca') | PCHK *i |
| carne | MRÑ tʰéʔeekʰo | PEPR *tʃiku |
| casca | PBRM *-meeʔu | PCHK *eu |
| chonta | PBRM *mɣmɣ > BOR meéme | PEPR *meme |
| dois | PBRM *mi- | PCHK *numi > PEPR *ume |
| fruto | BOR imehi | PCHK *ne-mehō |
| gente | PBRM *-muuna- > BOR -múna- | PEPR *ēbērā > ēbēnā |
| saber | BOR kʷaaxa | PEPR *kawa |
| sentar | BOR akʰiiʃe | PEPR *akʰuʃe |
| vir | BOR tsʰaa | PEPR *tʃe |

4.2.2.4.2. Bora-muinane e guahibo

Não há na literatura estudos sobre contatos entre populações de origem bora-muinane e guahibo. As semelhanças lexicais apontadas na TABELA 168 representam indícios de que os

ancestrais das referidas populações teriam participado de uma esfera de interação durante a pré-história, que teria ocorrido provavelmente no interflúvio entre o Japurá e o Alto Negro.

TABELA 168. Paralelos lexicais entre os conjuntos bora-muinane e guahibo

| | BORA-MUINANE | GUAHIBO |
|----------------|---|---|
| 1.S | PBRM *tai- | PGHB *ta- |
| 2.P | PBRM *amuu-ai | PGHB *xami |
| cachorro/veado | BOR/MRÑ ooʔí-pe ‘cachorro/onça’ | GHB owe:bi, PLY owebi, KUI/HTN oweibi ‘veado’ |
| comer | PBRM *gyrne > MNN gééne | HTN ken, GHB/KUI/PLY xane |
| floresta/folha | PBRM *bahui ‘floresta’ | PLY baxi, GHB baxu ‘folha’ |
| homem | PBRM *-ppi | GHB/HTN bi, KUI bi-n, PLY bi-ni; KUI -pin ‘CLS.homem’ |
| P | PBRM *-ny | PGHB *-ni |
| peixe | BOR/MRÑ amóope | PLY/HTN bope |
| pênis/rabo | PBRM *bu ‘rabo’ > BOR pók ^w aá | PLY/KUI bowa, GHB bowa:, GYB bo |
| perna | PBRM *takki | PLY/KUI/GHB taxu, GYB tiak ‘pé’ |
| saliva | PBRM *huuni > BOR uuúni, MRÑ uuni | PLY/KUI one, GHB ione |
| tamanduá/tatu | PBRM *tuuʔhe ‘tamanduá’ | GYB tuha, GHB tuhubi ‘tatu’ |
| veado/onça | PBRM *niibiu- ‘veado’ | PLY newiti, GHB newit ^{hi} i, HTN newit ‘onça’ |

4.2.2.4.3. Bora-muinane e tukano

Não há na literatura estudos sobre contatos entre populações de origem bora-muinane e tukano. Os dados apontados na TABELA 169 contêm indícios de que ancestrais das referidas populações teriam participado de uma esfera de interação durante a pré-história, que teria ocorrido provavelmente na bacia do Caquetá.

TABELA 169. Paralelos lexicais entre os conjuntos bora-muinane e tukano

| | BORA-MUINANE | TUKANO |
|--------------|--------------------------------------|---|
| arco | PBRM *tuubu- | PTKE *temu |
| banana | BOR uhi | PTUK *oho |
| coca | PBRM *hiibii- | KRG hipie |
| F | MNN -go | PTUK *-k ^o > DSN/TUK/SIO -go |
| locativo | PBRM *-βu | PTUK *-pi |
| milho | MNN béǵa | PTUK *weʔa |
| nome | PBRM *mymy | PTKE *māmī |
| orelha/ouvir | PBRM *gyrbu ‘ouvir’ | PTUK *k ^ʔ āp ^ʔ o ‘orelha’ |
| ovo | PBRM *iiʔu > MNN íjji | PTUK *t ^ʔ ia |
| sangue | PBRM *tuuu-; MNN íht ^{hi} u | PTUK *t ^ʔ ie > PTKE *t ^ʔ ie |
| um | PBRM *tsaa- | PTKO *te |

4.2.2.4.4. Bora-muinane e witoto-okaina

Embora Rivet (1911) já tivesse chegado à conclusão de que as semelhanças lexicais apontadas por Koch-Grünberg (1910:901) entre as línguas das famílias bora-muinane e witoto-okaina seriam fruto de contato em virtude da proximidade territorial dos falantes das referidas línguas, Castellvi (1934) decidiu classificar ambas famílias num mesmo agrupamento genético, fato copiado por diversos autores (cf. p.ex.: Greenberg 1987, Aschmann 1993, Kaufman 1994a).

Ao reavaliar tal hipótese Echeverri & Seifart (2011) observaram que as correspondências fonológicas entre as protolínguas das referidas famílias não são regulares – como seria previsto caso fossem geneticamente relacionadas – e contestaram, assim, a validade de que realmente exista unidade genealógica entre as referidas famílias. De fato, muitos dos paralelos lexicais entre suas protolínguas alegados como cognatos por Aschmann (*op.cit.*) são visivelmente constatações equivocadas de cogação. O número de equívocos é tal que os paralelos com alguma possibilidade de cogação representam uma quantidade ínfima se comparada com aquela originalmente utilizada por este autor para fundamentar sua proposta de reconstrução do proto-bora-witoto, sendo claramente insuficientes para se aferir uma origem comum (para uma crítica sobre a obra de Aschmann, cf. Kaufman 1994b). Tal hipótese fica ainda mais debilitada pelo fato de praticamente não existirem paralelos relevantes entre seus sistemas pronominais (a única exceção é o pronome de segunda pessoa do plural) nem entre seus morfemas gramaticais, embora um estudo comparativo detalhado da gramática destas protolínguas ainda se faça necessário, como aponta Kaufman (*op.cit.*). É muito mais provável, pois, que os paralelos fiáveis (apresentados na TABELA 170) sejam empréstimos resultantes de situações de contato, como postulado por Rivet (*op.cit.*), pois observa-se que muitos dos termos compartilhados designam plantas úteis e animais, e não termos do vocabulário básico. Tudo isto aponta potencialmente para a existência de uma rede de interação pré-histórica envolvendo os proto-proto-bora-muinane e dos proto-witoto-okaina, os quais possivelmente se miscigenaram parcialmente durante e também após a etnogênese dos referidos grupos etnolinguísticos. Dada a interação precoce de ambas as famílias também com populações de origem arawak, é presumível que esta rede de interação tenha se originado no interflúvio Japurá/Solimões.

TABELA 170. Paralelos lexicais entre os conjuntos bora-muinane e witoto-okaina

| | BORA-MUINANE | WITOTO-OKAINA |
|-------------|--|---------------------------------|
| 2.P | PBRM *amuu-ai | PWOK *omau?- |
| 3.S.F | MNN dígo | OKN a?iiko |
| abelha | MNN gínixa | PWOK *uúníku |
| abutre | PBRM *ainu | PWOK *ino |
| acima | PBRM *kaamɣ | OKN aame, WIR aaɸe |
| água | PBRM *nu- | PWOK *nō |
| aldeia | PBRM *kuumii | PWTT *komúnu |
| arara | PBRM *huuβaa | WIP áβa, WIN éɸa, WIR eɸa |
| arco | PBRM *tuubu-ga | OKN tsipóxat'a |
| árvore | PBRM *umɣ-ʔɣ > BOR úme-ʔe | WIN fíbe, WIR ibe 'folha' |
| barriga | PBRM *-iiʔba; MNN xeebii | PWTT *hébe |
| braço | PBRM *nɣkku- | WIP dagu-, WIN tagu-, WIR naru- |
| bugio | MNN íju | PWTT *fo |
| carvão/fogo | PBRM *kuuuhu-gai 'fogo' | PWTT *kóoku 'carvão' |
| coca | PBRM *hiibii- | PWOK *híibí-ʔe |
| comer | PBRM *duu | PWOK *duʔ- |
| corda | PBRM *gaaiba-u | PWTT *igau |
| dedo | PBRM *-gai < PPBRM *-ga-ʔi 'CLS.plano.convexo-CLS.filiforme' | PWTT *-kau |
| doce | PBRM *naamɣ | PWOK *naame |
| dois | PBRM *mi-nɣ-ki | PWTT *mena |
| fezes | PBRM *namɣ | PWOK *nemohi |
| folha | PBRM *aame | PWTT *rabe- |
| jacaré | PBRM *niʔba | PWTT *nauma |
| mandioca | BOR paaxuri | OKN máahí |
| mandioca | PBRM *peeka | PWTT *maika- |
| mar | PBRM *muuai | PWOK *monái- |
| milho | MNN béɟa | PWTT *beɟa |
| nome | PBRM *mɣmɣ | PWOK *mame- |
| orelha | PBRM *gɣɣbu 'ouvir' | PWTT *hepo |
| quem | PBRM *mu- | PWOK *bó |
| raposa/onça | PBRM *huukku | PWOK *huʔko |
| rio | PBRM *tɣɣʔi | PWOK *itae |
| saber | PBRM *gaaha | OKN ááxa |
| sangue | PBRM *tuu-hɣʔ | PWOK *tuhé |
| Sol | PBRM *nuʔ- > MNN níʔi- | OKN núúúna |
| terra | PBRM *hiinu- | PWOK *aenuʔ- |
| umbigo | MNN múttaba | PWOK *móʔta |
| vespa | PBRM *kumuɟahe | PWOK *gimi |

4.2.2.4.5. Bora-muinane e yaruro

Não há na literatura estudos sobre contatos entre populações de origem bora-muinane e yaruro. Os poucos paralelos apontados na TABELA 171 podem ser indícios de que ancestrais das referidas populações teriam participado de uma esfera de interação durante a pré-história, que teria ocorrido provavelmente na bacia do Médio Caquetá antes dos ancestrais dos yaruro terem supostamente se evadido desta região.

TABELA 171. Paralelos lexicais entre os conjuntos bora-muinane e yaruro

| | BORA-MUINANE | YARURO |
|-------------|---|---------|
| aranha | PBRM *paaga- | mākā |
| batata-doce | MNN ǫjírúúmiba | tjerame |
| cobra | PBRM *buua > BOR póóáá | poana |
| fumaça | PBRM *ttsu | tʃʰu |
| mandioca | PBRM *paikuumuu | pae |
| noite | PBRM *pəkko > BOR p ^h ehk ^h o | pe |
| Sol | PBRM *nuuʔ- | do |

4.2.2.5. Chapakura-wañam

Foram detectados extratos léxicos compartilhados por populações chapakura-wañam e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- arawa → §4.2.2.2.1
- irançe → §4.2.2.5.1
- puinave-kak → §4.2.1.8.2.2

4.2.2.5.1. Chapakura-wañam e irançe

Não há na literatura estudos sobre contatos entre populações de origens chapakura-wañam e irançe. As semelhanças lexicais apontadas na TABELA 172 podem representar indícios de que os ancestrais das referidas populações teriam participado de uma esfera de interação durante a pré-história.

TABELA 172. Paralelos lexicais entre os conjuntos chapakura-wañam e irançe

| | CHAPAKURA-WAÑAM | IRANCHE |
|---------------------|---------------------|--------------------|
| barriga | PCPW *ʔamon | tümula |
| boca/falar | PCPW *ja: ‘falar’ | jaʔa ‘boca’ |
| caminho | PCPW *wana: | wa:nōkuwu |
| estrela | PCPW *pijuʔ | pijāpa |
| flor | PCPW *pwiw | pewi |
| gordura | PCPW *mapom | mamū |
| madeira | PCPW *mawin | amaʔi |
| ombro | PCPW *ʔapam | tapan |
| peito | PCPW *ʔikim | ikip-si, ikip-katu |
| rabo | PCPW *kipun | tikipu |
| rosto/cabeça | PCPW *matan ‘rosto’ | mate ‘cabeça’ |

4.2.2.6. Choko

Foram detectados extratos léxicos compartilhados por populações choko e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- bora-muinane → §4.2.2.4.1
- chibcha → §4.2.1.1.3
- guahibo → §4.2.2.6.1
- kamsa → §4.2.2.6.2
- paez → §4.2.2.6.3
- tukano → §4.2.2.6.4
- umbra → §4.2.2.6.5
- witoto-okaina → §4.2.2.6.6
- yaruro → §4.2.2.6.7

4.2.2.6.1. Choko e guahibo

Não há na literatura estudos sobre contatos entre populações de origens choko e guahibo. As semelhanças lexicais apontadas na TABELA 173 representam indícios suficientes

de que os ancestrais das referidas populações teriam participado de uma esfera de interação durante a pré-história.

TABELA 173. Paralelos lexicais entre os conjuntos choko e guahibo

| | CHOKO | GUAHIBO |
|--------------------|---|---|
| 1 | PEPR *ta-tʃi- ‘1.P’ (*-tʃi p) | PGHB *ta- ‘1.S’ |
| 2.P | EPS/EPB p̄arā- | KUI paxam, PLY/GHB paxami |
| água | PEPR *bania | HTN meni, PLY mini; GHB/KUI mene ‘rio’ |
| algodão | EPK maha p ^h odo, EPC mohau p ^h uda, WAU potap maar | PLY puto, HTN mol-putat, GYB papud |
| anta | PEPR *bitʃa | KUI/HTN metsa, GYB mesa |
| arara | PCHK *bagara > EPC baara | PGHB *maha |
| areia/pedra | PEPR *ibu ‘areia’ > EPC ibu | GHB/KUI ibo-, JTN ibot ‘pedra’ |
| banco | EPC/EPS/EPT āk ^h au | PLY ekewa, GHB ekaewa |
| beija-flor | EPS sisip ^h uru, EPK tʃibisu | HTN tʃitʃibir, GHB si:pi, PLY tʃitʃibari |
| céu | PEPR *bahã | GHB ita-boxo, PLY ita-boho-bo, GYB tat-baxo |
| cinza | PEPR *pora | KUI ipuna |
| cupim | EPB p ^h oso, EPS p ^h osoo, EPK p ^h osoa | PLY/GYB oʔoto, KUI op ^h oto |
| fogo | PEPR *tibi-dau, WAU ig-dau (PEPR *tibi ‘lenha’) | GHB/KUI nawa, GYB law |
| formiga | EPS nep ^h isi | PLY/KUI nebi |
| fruto | PEPR *{nē}-hō | PLY/GHB/KUI -xu- ‘semente’ |
| garganta | EPC hībisi, EPS/EPB ībisi | GHB wi:si:, PLY witʃi, HTN wutʃit, KUI wisi |
| gente | PEPR *ēbērã | HTN bit, KUI bin, PLY bini |
| ilha | EPS/EPB tonerã, WAU duneer | PLY tune, GHB tu:nae, KUI tunae |
| madeira | EPK huwa, EPC/EPS/EPB hua | PLY hewa, GHB hawa |
| matar | PEPR *bea- | PLY beja-, GHB beja-, HTN upia |
| olho | PCHK *dabu | PLY itahu-, GHB i:taxu:, GYB ?itʔu |
| paje | PEPR *haibana > EPS/EPB haipana | KUI xuiipa- |
| panela | EPC k ^h uru, EPS k ^h uuru | KUI koro |
| pescoço | EPK osi-dau | KUI usi |
| savana | EPK ēhūa, EPT ihūa | KUI wek ^h ua |
| Sol | EPK ima{-dau}, EPK uma{-da}, EPT uma{-da} | GHB/PLY huame, KUI xome |
| tres | EPS ōpee, EPK ūbea, EPC ōbea | HTN hobehe |
| umbigo | PEPR *komia | HTN komi |

4.2.2.6.2. Choko e kamsa

Não há na literatura estudos sobre contatos entre populações de origens choko e kamsa. As poucas semelhanças lexicais apontadas na TABELA 174 representam indícios de que os ancestrais das referidas populações teriam participado de uma esfera de interação durante a pré-história.

TABELA 174. Paralelos lexicais entre os conjuntos choko e kamsa

| | CHOKO | KAMSA |
|---------|-----------------------|---------|
| abóbora | WAU t ^h äü | tausbe |
| anta | PEPR *bisía | bitsija |
| chicha | PEPR *beka | biko-je |
| sal | PEPR *tā | tamo |

4.2.2.6.3. Choko e paez

Possíveis empréstimos entre o paez e línguas choko foram observados por Loukotka (1939) e Jara Murillo (2004). Alguns paralelos adicionais foram detectados e todos estão reunidos na TABELA 175. Tais dados dão importante suporte à hipótese que os ancestrais dos paez e choko teriam participado da esfera de interação do Alto Magdalena durante a pré-história.

TABELA 175. Paralelos lexicais entre os conjuntos choko e paez

| | CHOKO | PAEZ |
|---------|---|-----------------------|
| areia | WAU mos | muse |
| chicha | PEPR *beka | beka |
| chuva | WAU noseg | nus |
| corpo | PEPR *kakwa | kakue |
| dente | PEPR *kida, WAU k ^h ier | ki?t ^h |
| galinha | PEPR *etere, WAU ät ^h är | atał |
| Lua | PEPR *ede-, WAU ed | a?te |
| marido | PEPR *me, WAU me ‘penis’ | {n}-me |
| mulher | WAU uuui | u?i |
| pai | WAU aai | {n}-ei ³⁷⁶ |
| peixe | PEPR *βeda, WAU āwar | wed ^j |
| penis | PEPR *wiu ‘macho’ ³⁷⁷ > EPC iu | iw |
| sangue | PEPR *e ‘pele’ | ee |
| temer | WAU ugk ^h a | üük ^h |

³⁷⁶ n- é um prefixo que ocorre como formante de nomes que designam seres humanos e relações de parentesco (p.ex.: n-asa ‘gente’, n-ej ‘pai’, n-me ‘marido’, n-pi?ki ‘companheira’, n-pe?f ‘irmã’, etc.).

³⁷⁷ pchk *iu ‘genro’.

4.2.2.6.4. Choko e tukano

Thiago Chacon (comunicação pessoal) observou a existência de possíveis empréstimos entre línguas das famílias choko e tukano. A partir desta indicação, os paralelos apontados na TABELA 176 foram os encontrados no presente estudo. Tais dados dão importante suporte à hipótese que os ancestrais dos choko e tukano teriam participado da esfera de interação do Alto Caquetá durante a pré-história.

TABELA 176. Paralelos lexicais entre os conjuntos choko e tukano

| | CHOKO | TUKANO |
|----------|------------------------------------|---|
| 2.s | PCHK *bu | PTUK *mu |
| cabelo | PEPR *buda, WAU p ^h ōbə | PTKE *poa |
| cupim | PCHK *posoa | PTUK *p ^ʔ otua |
| dormir | PCHK *kāi | PTUK *kã- > PTKO *kāi |
| floresta | PEPR *oi | PTKO *airo |
| homem | EPS/EBT umuk ^h irā | PTUK *umui > DSN/MKN/SIO umugū |
| milho | PCHK *be | PTUK *we?a > KRG βea, ORJ bea |
| papagaio | PCHK *bagara | PTUK *maha |
| pesado | PCHK *tʃukui | PTUK *t ^ʔ ukku |
| pimenta | PEPR *pida | PTUK *p ^ʔ ia |
| sogra | PCHK *pa- | PTUK *pa-ko 'mãe' |
| umbigo | PEPR *komua | PTUK *tʃōp ^ʔ ui > WMH/TAT hōbūā, BRA hūbūā, TUY sūbūā, BRS sōbūā |

4.2.2.6.5. Choko e umbra

Rendón (2011), ao documentar a língua até há pouco desconhecida dos umbra (historicamente também conhecidos como anserma), localizados no médio Cauca, observou algumas semelhanças lexicais com as línguas choko e levantou a hipótese de que ela pode pertencer a esta família. A TABELA 177 apresenta os resultados de uma comparação detalhada dos referidos conjuntos linguísticos a partir dos dados lexicais publicados por Rendon (*op.cit.*).

TABELA 177. Paralelos lexicais entre os conjuntos choko e umbra

| | CHOKO | UMBRA |
|-----------------|---|-------------------------------|
| abutre | PEPR *ākoso, WAU ākōs | okasua |
| árvore, madeira | PEPR *pa-kuru, WAU pa | paʃ-ano ³⁷⁸ |
| banana | PEPR *pada | mādā |
| caminho | PEPR *ʔo | ō-ma ³⁷⁹ |
| casa | PEPR *de, WAU di | dī ‘teto de palha’ |
| chuva | PEPR *koe | kūī ‘água’ |
| dente | PEPR *kida, WAU kiar | ikar ³⁸⁰ |
| fezes | PEPR *ā | āʔāg |
| filha | PEPR *kau, WAU k ^h a ‘filha’ | kāo ‘filha’; kao ‘irmã’ |
| floresta | PEPR *oi, WAU ooiʃaar | {paʃ-ano-}oiba ³⁸¹ |
| folha | PEPR *kirua, WAU k ^h id | {paʃ-ano-}gida ³⁸² |
| frio | PEPR *hīsu-a, WAU hīʃag | gzū |
| genro | PEPR *wiku | vikubi |
| homem | EPC {umu}k ^h irā | kira ‘marido’ |
| iguana | PEPR *opoga, WAU op ^h og | opa |
| milho | PEPR *be, WAU pi- | bi |
| morrer | PEPR *beu | bīusīn |
| pajé | PEPR *haibana | xaibana ‘pajé/tataravô’ |
| pássaro | PEPR *ībana, WAU iʃpan | ībānā |
| pedra | PEPR *mō, WAU mok | mo ‘montanha’ |
| peito | PEPR *trūa, WAU t ^h ūr | itrū ‘coração’ |
| peixe | PEPR *βeda | bitero |
| pele | PEPR *e, WAU iu | ēū |
| pênis | PEPR *me, WAU me- | imi |
| que? | PEPR *kāre, WAU kani | katʃī |
| rabo | PEPR *dru, WAU duri | āʃur |
| ser humano | PEPR *ēbēra | ūbra |
| sogro | PEPR *ʃai | iʃai ‘homem’ |
| tatu | EPC ēʃuru | ʃurō |
| unha | EPC p ^h isi | pis |
| urucum | PEPR *kāʃi | kāʃi |
| vermelho | PEPR *puru, WAU p ^h ur | mōr |

³⁷⁸ UBR anogida ‘folha de’, UBR paʃanogida ‘folha de árvore’.

³⁷⁹ UBR -ma ‘NMZ’.

³⁸⁰ PCHK *kida > PUBR *kiar (por lenição /d → r/ e metátese /ra → ar/; cf. waunana kiar ‘id.’) > UBR ikar (por metátese /ki → ik/).

³⁸¹ UBR paʃ-ano ‘árvore’.

³⁸² UBR paʃ-ano ‘árvore’.

Observa-se, entretanto, que as semelhanças do umbra são maiores com o embera chamí, língua também falada pelo cacique com quem Rendón trabalhou, de modo que um trabalho sociolinguístico junto aos umbra seria essencial para se avaliar o grau de interferência linguística do embera chamí sobre sua língua original. Além disto, vale salientar que diversos elementos gramaticais do umbra (incluindo o sistema pronominal) são muito diferentes dos observados nas gramáticas das línguas choko, indicando que a etnogênese dos umbra seguramente envolveu forte influência de outra população não afiliada etnolinguisticamente aos choko. Talvez esta população seja de origem barbakoa.

4.2.2.6.6. Choko e witoto-okaina

Não há na literatura estudos sobre contatos entre populações de origens choko e witoto-okaina. As semelhanças lexicais apontadas na TABELA 178 representam indícios importantes de que os ancestrais das referidas populações teriam participado de uma esfera de interação durante a pré-história, provavelmente na bacia do Caquetá.

TABELA 178. Paralelos lexicais entre os conjuntos choko e witoto-okaina

| | CHOKO | WITOTO-OKAINA |
|-----------------|---------------------------|-----------------------|
| água | PCHK *do ‘água/rio’ | PWOK *nō |
| árvore/floresta | PEPR *mēa ‘floresta’ | PWOK *amēpa ‘árvore’ |
| beber | PEPR *do | PWOK *hido |
| caminho | PEPR *o | PWOK *ío |
| milho | PEPR *be-tau, WAU *pi-dau | PWTT *beḡa |
| olho | UBR kia | PWOK *ki?ó |
| pajé | PEPR *haibana | PWOK *aima |
| porco-do-mato | PEPR *bido, WAU ber | PWOK *mero |
| rio/água | PEPR *pania ‘água’ | PWOK *imáni ‘rio’ |
| semente/ovo | PEPR *neimi ‘ovo’ | OKN naiβini ‘semente’ |
| tabaco | PEPR *tjihō | PWOK *ti?ó- |
| veado | PEPR *sūra | PWOK *θuruma |

4.2.2.6.7. Choko e yaruro

Pache (no prelo) propõe o vínculo genético entre a língua yaruro e a família choko. A TABELA 179 cita os principais paralelos.

TABELA 179. Paralelos lexicais entre os conjuntos choko e yaruro

| | CHOKO | YARURO |
|-------------|---|----------------------|
| abelha | PEPR *kimi | ēmi |
| abobora | PEPR *hiat ^h āw | t ^h ae |
| boca | PCHK *i | ja |
| caminho | PEPR *ʔo | nō |
| cana | PEPR *sia | ʃjā-reā |
| chuva | PEPR *koe | k ^h omē |
| doce | PCHK *kūa > PEPR *kūa, WAU kua | goae |
| erva | PEPR *bakuru | kuro |
| fezes | PEPR *ā | a |
| garça | PEPR *tura | ādora |
| gente/homem | PEPR *uma-k ^h irā | pumē, ome |
| madeira | PCHK *tibi ‘fogo’ | top ^h ono |
| marido | PEPR *k ^h ima | eba-mē |
| mulher | PEPR *wē(ra), WAU uuui | ieī |
| nariz | PCHK *kē-bu > PEPR *kē-bu, WAU k ^h ē-u | ību |
| nuvem | PEPR *hū(r)ara, WAU hūur- | gōārā |
| olho | PCHK *da-bu > PEPR *da-bu, WAU da-u | da-čō ³⁸³ |
| ovo | PEPR *nēūmū, WAU nemʔau | nūi |
| pele | PEPR *e, WAU iu | i |
| pulmão | PEPR *poto | p ^h uru |
| rio | PCHK *do > PEPR *do, WAU du | dɔɔ |
| sangue | PEPR *ua | goe |
| veado | PEPR *butʃa ‘anta’ | bua |

O *stratum* lexical compartilhado pelos referidos conjuntos é, de fato, relevante, muito embora contraste com a completa ausência de semelhanças gramaticais, inclusive do sistema pronominal. Isto torna previsível que a etnogênese dos yaruro tenha evolvido da miscigenação de uma parcela dos proto-choko ou de seus descendentes com ao menos uma população de origem completamente distinta.

³⁸³ yrr ʃʃo ‘fruta’.

4.2.2.7. Cholon-hibito

Foram detectados extratos léxicos compartilhados por populações cholon-hibito e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- barbakoa → §4.2.2.3.2
- kandoxi → §4.2.1.4.2.1
- kechua → §4.2.2.7.1
- leko → §4.2.2.7.2
- mapudungun → §4.2.2.7.3
- mochika → §4.2.2.7.4
- muniche → §4.2.1.4.3.1

4.2.2.7.1. Cholon-hibito e kechua

Torero (2002:195) observou paralelismos entre interjeições do cholon e do kechua, Adelaar & Muysken (2004:465-467) destacaram semelhanças entre dois adverbiais destas línguas e Alexander-Bakkerus (2005:519-520; 2011) evidenciou vários empréstimos de origem kechua em cholon. Outras semelhanças foram detectadas além das mencionadas pelos referidos autores. Os dados estão reunidos na TABELA abaixo.

TABELA 180. Paralelos lexicais entre os conjuntos cholon-hibito e kechua

| | CHOLON-HIBITO | KECHUA |
|------------------|--------------------|---|
| 1.s | CLN ok | PKC *juqa |
| adorar | CLN mutʃaŋ | PKC *mutʃa-j ‘adorar/beijar’ |
| anta | CLN saʃ | KCH saʃa waka (lit.: ‘vaca selvagem’; PKC2 *saʃa ‘selva’) |
| bebê | CLN uŋa | PKC2C *uŋa |
| bem/certo | CLN ma ‘bem/muito’ | PKC2C *ma ‘certo’ |
| cachorro | CLN aʎgo | PKC *aʎqu |
| carne | CLN eitsa | PKC *ajʃa |
| cem | CLN piʃjak | PKC *paʃsak |
| chefe | CLN napu | PKC *apu |
| coca | CLN kuka | PKC *kuka |
| culpa | CLN utsa | PKC *hutʃa |

TABELA 180. Paralelos lexicais entre os conjuntos cholon-hibito e kechua

| | CHOLON-HIBITO | KECHUA |
|-----------------------------------|-------------------------|---|
| diabo | CLN supej | PKC *supaj |
| época/turno | CLN mita ‘época’ | PKC2C *mita ‘turno de trabalho’ |
| falar | CLN hila | PKC *wiła |
| feroz | CLN kita | PKC2C *kita (cf. tb.: KCE kita ‘medroso’) |
| flauta/tambor | CLN kena ‘tambor’ | PKC *qina ‘flauta’ |
| galinha | CLN atełba | PKC2 *atawałpa/*atałpa |
| governador | CLN kapak | PKC2C *qapaq |
| homem | CLN lun(o)/nun, HBT nun | PKC *runa ‘ser humano’ |
| homem/inimigo | CLN haju ‘homem’ | PKC2C *haju ‘inimigo’ |
| inimigo | CLN awka | PKC *awqa ‘inimigo/demônio’ |
| INTRJ.dor | CLN aław | KCH ajaw |
| INTRJ.desconhecimento/que? | CLN haj(a) ‘não sei!’ | PKC2C *haj ‘que?’ |
| INTRJ.frio | CLN alew | KCH alalaw |
| leve/fino | CLN łaksa ‘leve’ | PKC *łapsa ‘fino’ |
| mama | CLN ɲo | PKC *ɲuɲu |
| não | CLN ma | PKC *ama |
| neve/granizo | CLN lasu ‘granizo’ | PKC2C *rasu ‘neve’ |
| olho | CLN ɲawi, HBT ɲawli | PKC *ɲawi |
| pão | CLN tanta | PKC *tanta |
| peixe | CLN ałwa | PKC *tjałwa ‘peixe/enguia’ |
| pimenta | CLN utj | PKC *utju |
| raiz | CLN ip | PKC *sapi > KCH sipi |
| somente | CLN -ał | KCH -ła |
| também | CLN -pit | KCH -pis |
| vir/caminho | CLN nan ‘vir’ | PKC *ɲan ‘caminho’ |

4.2.2.7.2. Cholon-hibito e leko

Não há na literatura estudos sobre contatos entre populações de origem cholon-hibito e leko. Os poucos paralelos apontados na TABELA 181 podem ser indícios de que ancestrais das referidas populações teriam participado de uma esfera de interação durante a pré-história.

TABELA 181. Paralelos lexicais entre os conjuntos cholon-hibito e leko

| | CHOLON-HIBITO | LEKO |
|--------------------|------------------------|---------------------------------|
| canoa/balsa | CLN mełes ‘canoa’ | pele ‘balsa’ |
| casa/ninho | CLN jip, HBT ip ‘casa’ | hebo/hep ^h o ‘ninho’ |
| estrela/sol | CLN kena ‘estrela’ | hena ‘Sol’ |
| fogo/árvore | CLN et ‘fogo’ | bat ‘árvore’ |

TABELA 181. Paralelos lexicais entre os conjuntos cholon-hibito e leko

| | CHOLON-HIBITO | LEKO |
|-------|---------------|-----------------------|
| homem | CLN haju | waju |
| mama | CLN jo | jo |
| pedra | CLN ta | taq/t ^h ah |

4.2.2.7.3. Cholon-hibito e mapudungun

Não há na literatura estudos sobre contatos entre populações de origens cholon-hibito e mapuche. Há, no entanto, alguns paralelos linguísticos, apontados na TABELA 182, que representam indícios de que ancestrais das referidas populações teriam participado de uma esfera de interação durante a pré-história.

TABELA 182. Paralelos lexicais entre os conjuntos cholon-hibito e mapudungun

| | CHOLON-HIBITO | MAPUDUNGUN |
|--------------------------|---------------------------|--------------------------------|
| 2.S | CLN mi-/mi | mi-/ejmi |
| água | CLN kot 'água' | ko 'água' |
| ALAT/BEN ³⁸⁴ | CLN -le 'ALAT' | -lel 'BEN' |
| boca/buraco | CLN lol 'boca' | lolo 'buraco' |
| casa | CLN tapjal | taɸu |
| claridade/Lua | CLN pel 'Lua' | pelo 'claridade' |
| dois | CLN ip | epu |
| encontrar/estar presente | CLN pele 'encontrar' | pele-n 'estar presente' |
| grande | CLN otʃo | ɸitʃa |
| INTER | CLN -(a)m | am ³⁸⁵ |
| Lua | HBT kuiɲa | kijeɲ |
| moça | CLN ilatʃu | iltʃa |
| morir/matar | CLN lam 'matar' | la-n 'morrer' laɲim-in 'matar' |
| vagina | CLN mexlam 'fêmea/vagina' | meɸsi 'vagina' |
| NEG | CLN -mu | mi/muy 'não' ³⁸⁶ |
| olho | CLN ɲa-tʃe/ɲa-wi | ɲe |
| onça | CLN tʃamio | tʃapial |
| pai/velho | CLN ɲutʃ 'pai' | kuse 'velho' |
| tabaco | HBT pets | pitʃem |

³⁸⁴ CLN liman-le 'montanha-ALAT = até a montanha' (Alexander-Bakkerus 2005:136); MPD wiri-lel 'escrever-BEN = para escrever' (Smeets 2008:272).

³⁸⁵ Alexander-Bakkerus 2005:330.

³⁸⁶ Erize 1960:270.

4.2.2.7.4. Cholon-hibito e mochika

Jolkesky & Eloranta (2015) e Eloranta (2016) demonstraram a existência de certos paralelismos morfológicos e lexicais entre as línguas cholon-hibito e o mochika, resumidos na TABELA 183, os quais dão respaldo à hipótese de que as referidas populações participaram da esfera de interação Circum-Marañón durante a pré-história.

TABELA 183. Paralelos lexicais entre os conjuntos cholon-hibito e mochika

| | CHOLON-HIBITO | MOCHIKA |
|------------------------------|--|------------------------------------|
| 3 | CLN ko ‘3.S.PROX’, CLN ηo- ‘3.S.NSUJ’ | -ηo ‘3’ |
| abóbora | CLN uts | lo:tʃ |
| água/vapor | HBT katʃa ‘água’ | katʃa ‘névoa/neblina’ |
| ancião | CLN ges | keʃmik (cf. tb.: MCK ekis ‘sogro’) |
| broto/floresta | CLN ʃajapi ‘floresta’ | tʃaja ‘broto’ |
| cabeça ³⁸⁷ | HBT soʃja | xəʃ |
| casa/teto | CLN tapjal ‘casa’ | tsap ‘teto’ |
| CLS | CLN pon ‘CLS.humanos/animais’ | poŋ ‘CLS.geral’ |
| COM/LOC | CLN -nik ‘COM’ (Alexander-Bakkerus 2005:139) | -nik ‘LOC’ (Salas 2002:100) |
| dia/manhã | CLN atem ‘manhã’ | etim ‘dia’ |
| dia/manhã | CLN nem ‘dia’ | unam ‘manhã’ |
| dois | HBT op-tʃe | aput |
| erva/terra | CLN pej ‘terra’ | pej ‘erva’ |
| fêmea/mulher | CLN mexlam ‘fêmea/vagina’ | meʃen/meʃer- ‘fêmea/mulher’ |
| grande | CLN oʃo | uts(o) |
| grão/milho | CLN tʃe ‘grão’ | tser ‘milho verde’ |
| INTERR | CLN into ‘INTERR’ | in ‘onde?’ |
| lagarto | HBT ʃonti | ʃantek |
| mandioca | CLN el | er |
| morrer/matar | CLN lam ‘matar’ | læm ‘morrer’ |
| mulher grávida/Lua | HBT kuiŋa ‘Lua’ | kuiŋan/kuiŋ ‘grávida’ |
| NEG | CLN -mu | amos |
| NMZ.AG/CAUS | CLN -ko ‘NMZ.AG’ | -ko ‘CAUS’ |
| ovo/filho | CLN mulup ‘filho’ | muʃu ‘ovo’ |
| pimenta | CLN utʃ | ut ‘pimenta seca’ |
| porco ³⁸⁸ | CLN jap | javan |
| raiz | CLN ip | jep |
| ramo/galho | CLN meʃ ‘árvore/ramo/galho’ | meʃ-en ‘ramo/galho’ |

³⁸⁷ compare también con OJO/VISTA (página 6).

³⁸⁸ Possível empréstimo do espanhol ‘javali’ en MCK javan.

TABELA 183. Paralelos lexicais entre os conjuntos cholon-hibito e mochika

| | CHOLON-HIBITO | MOCHIKA |
|----------------------|---|---------------|
| semente/milho | CLN kaŋ ‘milho’ | kas ‘semente’ |
| Sol | HBT jim | ʃam |
| TSEQ/ABL | -tu-p ‘GEN/ABL’ (Alexander-Bakkerus 2005:149) | -top ‘TSEQ’ |
| um | CLN an | on- |
| vento | CLN kas | kəts |

Partindo-se da hipótese de que os cholon-hibito eram oriundos da Montanha equatoriana (cf. §3.3.2.7), presume-se que o contato entre as referidas populações teria se dado através dos Andes equatorianos pelas rotas pré-históricas de comércio que interligavam a Montanha equatoriana e a costa norte peruana. A presença de termos de origem mochika na toponímia da região de Cañar (nos Andes sul-equatorianos) e a constatação da ocorrência de contatos tanto dos mochika como dos cholon-hibito com populações de origem barbakoa reforçam esta hipótese.

4.2.2.8. Guahibo

Foram detectados extratos léxicos compartilhados por populações guahibo e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- arawak → §4.2.1.4.1.3
- bora-muinane → §4.2.2.4.2
- choko → §4.2.2.6.1
- puinave-nadahup (nadahup) → §4.2.1.8.1.2
- puinave-nadahup (puinave-kak) → §4.2.1.8.2.3
- yanomami → §4.2.2.8.1

4.2.2.8.1. Guahibo e yanomami

Não há na literatura estudos sobre contatos entre populações de origens guahibo e yanomami. As poucas semelhanças lexicais apontadas na TABELA 184 representam indícios

de que os ancestrais das referidas populações podem ter participado de uma esfera de interação durante a pré-história, provavelmente na bacia do Negro.

TABELA 184. Paralelos lexicais entre os conjuntos guahibo e yanomami

| | GUAHIBO | YANOMAMI |
|-----------------|----------------------------|-----------------|
| 3.s | PGHB *pe- | PYMI *pe- |
| chuva | PGHB *ema | PYMI *ma: |
| costas | GHB huma, PLY hum, KUI ima | PYMI *huma- |
| floresta | GYB ?ul, HTN un | PYMI *ulihí |
| pai | PGHB *axa | PYMI *ha |

4.2.2.9. Jaqi

Foram detectados extratos léxicos compartilhados por populações jaqi e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- kechua → §4.2.2.9.1
- kunza → §4.2.2.9.2
- leko → §4.2.2.9.3
- macro-arawak (arawak) → §4.2.1.4.1.6
- macro-arawak (pukina) → §4.2.1.4.4.1
- uru-chipaya → §4.2.2.9.4

4.2.2.9.1. Jaqi e kechua

Harrington (1943) sugeriu que as famílias linguísticas jaqi e kechua estariam geneticamente relacionadas, hipótese aceita por Mason (1950) e defendida Orr & Longacre (1968). Embora estes últimos autores tenham alegado ter reconstruído o suposto proto-quechumara, os paralelos utilizados por eles são, na realidade, resultantes de intenso processo de contato entre falantes de línguas dos referidos conjuntos, pois as marcadas semelhanças destes itens contrastam profundamente com o restante do léxico e, principalmente, com as divergências formais dos morfemas gramaticais e séries pronominais (Davidson 1977; Adelaar & Muysken 2004:34-36). Ainda que alguns autores não tenham descartado totalmente a

possibilidade de uma relação genética entre os referidos conjuntos (Cerrón-Palomino 1994, Campbell 1995), as poucas semelhanças morfológicas são, de fato, unicamente resultantes de arealidade e não representam cognatismo. Consequentemente, não se constituem como prova de relação genética. Associado a isto, os paralelos lexicais reconstruíveis para ambas as famílias acabam por representar indícios importantes de que os proto-jaqi e proto-kechua habitavam territórios contíguos e que teriam desde então estado em contato intenso e sofrido forte miscigenação, como já demonstraram os estudos de genética humana. De acordo com Adelaar (2010), tal contato teria se iniciado no período pré-incaico, antes mesmo da emergência do império wari, se estendendo até os dias atuais. Os estratos linguísticos compartilhados por integrantes dos referidos conjuntos e associados aos diferentes estágios evolutivos desta esfera de interação estão sendo atualmente investigados por Nick Emlen. A TABELA 185 elenca alguns dos principais paralelos encontrados. Estes dados contêm evidências de que os ancestrais dos jaqaru teriam preservado formas arcaicas do contato com o proto-kechua ou que teriam estado em contato com ancestrais dos falantes de variedades do kechua do subgrupo I.

TABELA 185. Paralelos lexicais entre os conjuntos jaqi e kechua

| | JAQI | KECHUA |
|--------------------|---|--|
| abóbora | AYM <i>mati</i> | PKC * <i>mati</i> |
| abutre | AYM <i>siwiq[?]ara</i> | KCO <i>suwaq[?]ara</i> |
| aldeia | PJQI * <i>marka</i> | PKC * <i>marka</i> |
| alegre | AYM <i>kusi</i> | PKC * <i>kuʃi</i> > KCO <i>kusi</i> |
| algodão | AYM <i>q^hija</i> | KCC <i>k^hija</i> |
| alma | JQR <i>aja</i> | PKC * <i>aja</i> ‘alma/morto’ |
| amarelo | AYM <i>q[?]iʎu</i> | PKC * <i>qiʎo</i> |
| anão | JQR <i>puʃ^hq^hi</i> | KCY <i>puʃsu</i> , KCJ <i>puʃsku</i> |
| animal | PJQI * <i>ujwa</i> | PKC * <i>ujwa</i> |
| aranha | AYM <i>apasanka</i> | PKC * <i>apaʃsanka</i> |
| arara | AYM <i>k[?]aʎa</i> | PKC2C * <i>qala</i> |
| areia | AYM <i>tʃ[?]aʎa</i> | KCC <i>tʃ[?]aʎa</i> , KCO <i>tʃ^haʎa</i> |
| argila | AYM <i>ʎink[?]i</i> | PKC * <i>ʎinka</i> > KCC <i>ʎinki</i> , KCO <i>ʎink[?]i</i> |
| balsa | AYM <i>jampu/wampu</i> | PKC * <i>wampu</i> ‘balsa/boiar’; KCC/KCO <i>ʎampu</i> ‘balsa’ |
| barro | AYM <i>niwk[?]i</i> , JQR <i>niqa</i> ; JQR <i>nuq[?]i</i> ‘manusear barro’ | KCH <i>niqi</i> , KCJ <i>niqatu</i> |
| batata | JQR <i>papa</i> | PKC * <i>papa</i> |
| batata doce | AYM <i>apitʃu</i> | PKC <i>apitʃu</i> > KCO/KCA <i>apitʃu</i> |
| batata doce | AYM <i>amka</i> ; JQR <i>amka</i> ‘arar, revolver a terra’ | KCH <i>amka</i> |
| bicho-de-pé | JQR <i>piki</i> | PKC * <i>piki</i> |
| boca | JQR <i>ʃimi</i> | PKC * <i>ʃimi</i> |
| bom | AYM <i>suma</i> | PKC * <i>sumaq</i> |

TABELA 185. Paralelos lexicais entre os conjuntos jaqi e kechua

| | JAQI | KECHUA |
|----------------------------|--|---|
| cabeça | AYM p ² iqi | KCH piqa |
| cacique | AYM kuraka | PKC2 *kuraka |
| cacique | AYM maλku | PKC2C *maλku |
| canídeo | JQR haλq ² u | PKC *aλqu |
| carne | AYM ajtja | PKC *ajtja |
| carne seca | JQR tʃarki, AYM tʃ ² ark ^h i | PKC *tʃarki |
| carvão | AYM k ² iλima | PKC2C *kiλimsa > KCC k ² iλima |
| casa | AYM tʃ ^h uxiλa | PKC *tʃuqλa ‘casa de verão’ |
| cem | PJQI *paʃsaka > JQR paʃsaka, AYM patak | PKC *paʃsak |
| chifre | PJQI *waχra | PKC *waqra |
| claridade/queimar | AYM q ^h ana, JQR qanqi ‘claridade’ | PKC *kapa-j ‘queimar’ |
| coca | JQR kuka | PKC *kuka |
| companheiro | PJQI *masi | PKC *masi |
| corda | AYM wiska | PKC *waska |
| costa/vale costeiro | PJQR *junka | PKC *junka |
| dançar | AYM t ^h uqu- | PKC *tuʃu- |
| dedo | AYM luk ² ana | PKC2C *rukana > KCC/KCQ ruk ² ana |
| demônio | AYM supaja | PKC *supaj |
| dez | PJQI *tʃunka > JQR tʃunka, AYM tunka | PKC *tʃunka |
| divino/ídolo | AYM wak ² a ‘ídolo’ (cf. tb.: PJQI *wak ² a ‘adorno’) | PKC *waka ‘divino/sagrado’ > KCC/KCC wak ² a |
| enterrar | AYM p ² amp ² a, JQR pampa | PKC *pampa |
| estrela | JQR waraha | PKC *waraq > KCC waraq, KCW warah |
| faca | AYM tumi | PKC2C *tumi ‘faca/machado’ |
| falcão | AYM mamani | PKC2C *waman |
| farinha | PJQI *aku; AYM xak ² u | PKC *aku > KCC (h)aku, KCC hak ² u |
| fezes | AYM jaq ² a- ‘defecar’, aʃaqa ‘feder’ | PKC2C *aka |
| fogo | PJQI *nina | PKC *nina |
| folha | PJQI *lap ^h ira > AYM lap ^h i, JQR nap ^h ra | PKC *rapira > KCC rap ² i, KCA rapra |
| galinha | PJQI *waλpa | PKC *waλpa |
| inimigo | JQR awqa, AYM awq ^h a | PKC *awqa ‘inimigo/demônio’ |
| jovem | PJQI *wajna ‘jovem/amante’ | PKC *wajna ‘jovem/amante’ |
| levar | PJQI *apa- | PKC *apa-j |
| Lua | PJQI *p ^h axsi > JQR paχji | KCH paqsi |
| macho | PJQI *urqu ‘montanha/macho’ | PKC *urqu ‘montanha/macho’ |
| mama | JQR ɲuɲu | PKC *ɲuɲu |
| mandioca | PJQI *juka | PKC *juka |
| mel | AYM misk ² i | PKC miʃki > KCC/KCC misk ² i |
| milho | JQR uhara | PKC *sara > KCA hara |
| milho cozido/broto | PJQI *mut ² i ‘milho cozido’ | PKC *muti > KCC mut ² i |
| montanha/pedra | JQR qa:qa, AYM qarqa | PKC *qaqa |

TABELA 185. Paralelos lexicais entre os conjuntos jaqi e kechua

| | JAQI | KECHUA |
|-------------------------|---|--|
| morcego | PJQI *tʃijɲwi > AYM tʃijni | KCC/KCQ tʃijni |
| mulher | PJQI *warmi | PKC *warmi |
| muro | PJQI *pirqa | PKC *pirqa |
| nome | AYM suti, JQR futji | PKC *suti |
| novo | PJQI *matʃaqa | PKC *muʃuq |
| pai | PJQI *tata | PKC *tajta |
| pai/avô | AYM awki 'pai' | PKC *awkis 'avô/ancião' |
| panela | AYM p ^h uk ^h u, JQR p ^h ak ^h u | PKC *puku 'panela/tigela' |
| pão | AYM t ² ant ² a, JQR t ² anti | PKC *tanta > KCC/KCQ t ² anta |
| peixe | PJQI *tʃaʎwa | PKC *tʃaʎwa |
| pelo/cobertor | AYM p ^h uʎu 'cobertor peludo' | PKC *puʎu > KCC/KCQ p ^h uʎu |
| pena | AYM p ^h uju | PKC *puru > KCC/KCQ p ^h uru |
| penis | PJQI *aʎu | PKC2 *uʎu |
| pequeno | AYM p ² isi | PKC *piʃi 'pouco/pequeno' |
| pESCOÇO | PJQI *kunka | PKC *kunka |
| pimenta | JQR utʃu | PKC *utʃu |
| planta/ramo | PJQI *ali | PKC2C *ali |
| planta cultivada | PJQI *maʎki | PKC *maʎki |
| pomba | AYM urpila | PKC *urpi |
| pulga | PJQI *k ² utʃi > JQR k ² utʃi, AYM k ² uti | PKC *kuʃi > KCC k ² uti |
| quinoa | JQR kinwa | PKC *kinwa |
| rã | AYM k ² ajra | PKC *kajra > KCQ k ² ajra |
| raiz | AYM sap ^h i | PKC *sapi > KCQ/KCC sap ^h i |
| raposa | JQR atuqu | PKC *atuq |
| redondo | AYM muruq ² u | PKC *murqu |
| saber | PJQI *jaʃi > JQR jat ^h i, AYM jati | PKC *jaʃa-j |
| seco | JQR tʃa:ki | PKC *tʃaki |
| Sol | PJQI *inti | PKC *inti |
| sujeira | AYM k ^h ank ^h a, JQR k ^h anki | KCC k ^h anka, KCC kanka |
| tabaco | AYM saʃri | PKC2C *saʃri |
| tempo | AYM patʃa, JQR patsa | PKC *patʃa > KCA patsa |
| testa | JQR paxʃ ^h a, AYM para | PKC *paqʃa > KCH paqra |
| tia | AYM ipata | PKC2C *ipa |
| tio | JQR kaka | KCC/KCQ kaka |
| três | PJQI *kimsa | PKC *kimsa |
| tristeza/pena | PJQI *ʎaki > JQR jaki | PKC *ʎaki |
| unha | PJQR *ʃiʎu > JQR ʃiʎu, AYM siʎu | PKC *ʃiʎu > PKC2C *siʎu |
| vale | AYM pampa | PKC *pampa |
| veado | AYM taruka, JQR taraku | PKC *taruka |

TABELA 185. Paralelos lexicais entre os conjuntos jaqi e kechua

| | JAQI | KECHUA |
|-------------------|-------------------------|--|
| velho | AYM atʃatʃi, JQR atʃaka | KCO/KCC atʃatʃi ‘ancião’, KCE atʃatʃilasa ‘antepassados’ |
| vento | AYM wajra | PKC *wajra |
| vulva/boca | AYM laka ‘boca’ | PKC *raka ‘vulva’ |

4.2.2.9.2. Jaqi e kunza

Não há na literatura estudos específicos sobre contatos entre populações de origens jaqi e kunza. As poucas semelhanças lexicais apontadas na TABELA 186 representam indícios de que os ancestrais das referidas populações participaram da esfera de interação circum-Titicaca durante a pré-história.

TABELA 186. Paralelos lexicais entre os conjuntos jaqi e kunza

| | JAQI | KUNZA |
|-------------------------|-----------------------------------|-------------------------|
| cortar | AYM k ^h arxa | ɣaraɣar- |
| costela | AYM xarapi | ɣarao |
| dois | AYM paja | p ^ʔ oja |
| espanto/espírito | AYM wak ^ʔ a ‘espírito’ | waaɣa ‘espanto’ |
| força | PJQI *tʃ ^ʔ ama | tʃam:a |
| língua | AYM laɣra; JQR naɣra | las:i |
| planta | PJQI *ali ‘planta/ramo’ | jali ‘árvore/algarrobo’ |
| tia | AYM ipata | pat ^ʔ a |
| morcego | AYM tʃiɲi | tʃinʃebala |
| pescoço/nuca | AYM ati ‘nuca’ | ɣati ‘pescoço’ |

4.2.2.9.3. Jaqi e leko

Não há na literatura estudos específicos sobre contatos entre populações de origens jaqi e leko. As poucas semelhanças lexicais apontadas na TABELA 187 representam indícios de que os ancestrais das referidas populações participaram da esfera de interação circum-Titicaca durante a pré-história.

TABELA 187. Paralelos lexicais entre os conjuntos jaqi e leko

| | JAQI | LEKO |
|---------------|-----------------------------------|--------------------|
| água | AYM uma JQR uma | homa |
| erva | AYM qata | kat ^h a |
| luz | AYM q ^h ana, JQR qanqi | hena |
| mulher | AYM ijaqa | jojoke |
| noite | AYM tʃ ^ʔ iχri | tʃeqra |

4.2.2.9.4. Jaqi e uru-chipaya

Fabre (1991) e Hannß (2008) observaram alguns empréstimos entre as línguas dos referidos conjuntos. As semelhanças lexicais apontadas na TABELA 188 representam, de fato, evidências de que os ancestrais das referidas populações participaram da esfera de interação circum-Titicaca durante a pré-história.

TABELA 188. Paralelos lexicais entre os conjuntos jaqi e uru-chipaya

| | JAQI | URU-CHIPAYA |
|------------------------|---|---------------------------------|
| abutre | AYM siwiq ^ʔ ara | CPY şqara |
| alguém/pessoa | AYM xaki ‘pessoa’ | UCM hakilta ‘alguém’ |
| amarelo | AYM q ^ʔ iłu | CPY k ^ʔ il’u |
| andorinha | AYM siłanki | CPY sleki |
| árvore | AYM quqa | CPY qoχa |
| avô | AYM apatʃi | CPY apitʃu |
| BEN | AYM -taki | UCM -taki |
| borboleta | AYM pilpintu | PUCP *pilpiltʃu |
| CAUS | AYM -lajku | CPY -lajku |
| cem | AYM patak | UCM pataka |
| céu | AYM alaxpatʃa | CPY araχpatʃa |
| chama/quente | AYM q ^ʔ uɲi ‘chama’ | CPY q ^ʔ oɲi ‘quente’ |
| chifre | AYM waχra | CPY UCM waxkla |
| cinco | AYM p ^h esqa JQR pitʃqa | CPY p ^h ixsqa |
| cinza | AYM q ^h iła, JQR q ^h iłpi | CPY kila |
| começar | AYM qałta-ɲa | CPY qałti |
| corpo | PJQI *xantʃi | CPY xantʃi |
| dedo | AYM luk ^ʔ ana | CPY lok ^ʔ ana |
| dez | PJQI *tʃunka > JQR tʃunka, AYM tunka | CPY tunka |
| dia | AYM inuru, JQR uru | CPY uru |
| distância/legua | AYM tupu | UCM tupu |
| estrela | AYM warawara | CPY/UCM warawara |

TABELA 188. Paralelos lexicais entre os conjuntos jaqi e uru-chipaya

| | JAQI | URU-CHIPAYA |
|---------------------|--|--------------------------------|
| falcão | AYM mamani | CPY mamani |
| formiga | AYM k ² isimira | CPY k ² ijimiri |
| gorro | AYM ʎutʃ ² u | UCM luktʃu |
| INSTR | JQR -na | UCM -na |
| irmão | AYM χila | CPY xila |
| lago | AYM quta JQR qutʃa | PUCP *qota |
| língua | AYM ʎaxra JQR naχra | CPY ʎas, UCM nas |
| luz | AYM q ^h ana JQR qanqi | CPY kχana |
| menino | AYM wawa JQR wawa | UCM wawa |
| metade | AYM tʃikata | CPY tʃika |
| montanha | AYM quʎu | CPY kuru |
| morcego | AYM tʃipni JQR tʃipwi | CPY tʃipna |
| onda | AYM mat ^h api | UCM matapi |
| P | AYM -naka | UCM -naka |
| panela | AYM tʃuwa | CPY tʃuwa |
| pedir | AYM maji-ja | CPY maj |
| raio | AYM ʎixuʎixu | CPY ʎiwχʎiwχpi |
| raiz | AYM sap ^h a | CPY ʃep ² a |
| rapaz | AYM pitʃu | CPY pitʃu |
| rato | AYM atʃaku | CPY atʃiku |
| rio | AYM p ^h utʃ ² u | CPY puxu |
| seco | AYM waja | UCM hiwaja |
| sempre | AYM winaja | UCM winaja |
| solução | AYM xik ² u, JQR xik ² i | CPY xik ² i-ʃ |
| sombra | AYM tʃ ² iwi | CPY siwi |
| soprar/vento | AYM p ^h usa-ja 'soprar' | CPY p ^h uxa 'vento' |
| terra | AYM tʃ ² iwa | CPY kiwa |
| tia | AYM ipata | CPY ipala, UCM iplo |
| velho | AYM atʃatʃi | PUCP *tʃatʃaj |

4.2.2.10. Jirajara

Foram detectados extratos léxicos compartilhados por populações jirajara e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- puinave-kak → §4.2.1.8.2.4
- sape → §4.2.2.10.1

4.2.2.10.1. Jirajara e sape

Não há na literatura estudos sobre contatos entre populações de origem jirajara e sape. As semelhanças lexicais apontadas na TABELA 189 podem representar indícios de que as referidas populações teriam estado por algum tempo em interação. Se supõe, a partir desta perspectiva, que os proto-jirajara seriam oriundos da bacia do Médio Orinoco e que tal interação teria se dado *in situ*, com a chegada dos proto-sape nesta região, provavelmente a partir da bacia do Alto Negro.

TABELA 189. Paralelos lexicais entre os conjuntos jirajara e sape

| | JIRAJARA | SAPE |
|------------|---------------------------------------|------------|
| água | AYO in | inam |
| águia | AYO h ^w e/g ^w e | kui |
| cabaça | AYO ku | iku |
| carne | AYO (h)iman | mian |
| cobra | AYO ugi, GYN huhí | ke |
| fogo | AYO jug ‘fogão’ | joko |
| homem | AYO unu ‘rapaz’ | uru |
| intestino | AYO poh | pukui |
| mulher | AYO kobas/kopa ‘moça’ | kapai |
| onça | AYO bojin | putjin |
| pedra | AYO dæg | takua |
| peixe | AYO bau | pə |
| rabo/penis | AYO jopid ‘pênis’ | upi ‘rabo’ |
| ruim | AYO iminaʃe | imirontʃe |

4.2.2.10.2. Jirajara e timote-kuika

Fabre (1991) e Adelaar & Muysken (2004:130) observaram algumas semelhanças entre as línguas dos referidos conjuntos. As semelhanças lexicais apontadas na TABELA 190 representam, de fato, evidências de que os ancestrais dos jirajara e timote-kuika participaram de uma esfera de interação iniciada durante a pré-história, com a chegada dos ancestrais dos primeiros nos sopés da Cordilheira de Mérida. Esta cordilheira é o provável território original dos proto-timote-kuika.

TABELA 190. Paralelos lexicais entre os conjuntos jirajara e timote-kuika

| | JIRAJARA | TIMOTE-KUIKA |
|----------------|---------------------------------------|---------------------------------------|
| 1.s | AYO a, ã- | TMT an |
| águia | AYO h ^w e/g ^w e | TMT k ^w e/g ^w e |
| barriga | AYO ju | TMT ifu |
| batata | AYO bi | MKC b ^w is |
| cabeça/rosto | AYO tek, JRJ tegi ‘cabeça’ | TMT te ‘rosto’ |
| carne | AYO tjuu | TMT tforok |
| comer | AYO nami, GYN nambi/nambi | TMT nam |
| dente | AYO kinan | TMT kuanutj |
| dormir | AYO kin | TMT keun |
| frio | AYO tjat | TMT tautj |
| Lua | GYN jó, AYO ji | MKC tjia |
| lenha/madeira | AYO sip, JRJ sisp | TMT -sep |
| mãe | AYO mama | TMT mám |
| pai | AYO taita | TMT tata |
| mandioca/milho | AYO dos/dox, GYN dosivot ‘milho’ | TMT tosmus ‘mandioca’ |
| mulher/moça | AYO kobas/kopa ‘moça’ | TMT kuapa ‘mulher’ |
| nariz | AYO gin/kin, JRJ kingan | TMT kəng |
| pedra | AYO doas | TMT toabe |
| tabaco | AYO soho/soo | TMT koho |
| terra | AYO/GYN dap | TMT tapo |

4.2.2.11. Jivaro

Foram detectados extratos léxicos compartilhados por populações jivaro e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- arawa → §4.2.2.2
- harakmbet-katukina (katukina-katawixi) → §4.2.1.3.2.1
- kandoxi → §4.2.1.4.2.2
- kechua → §4.2.2.11.1
- kwaza → §4.2.2.11.2
- taruma → §4.2.2.11.3
- tupi → §4.2.1.9.5
- yanomami → §4.2.2.11.4

4.2.2.11.1. Jivaro e kechua

Pellizzaro & Náwech (2005) e Saad (2014:173-174) observaram alguns empréstimos de origem kechua em shuar e Overall (2007:192-193) fez o mesmo com relação ao aguaruna. Embora nenhum destes autores tenha feito inferências a respeito da antiguidade destes empréstimos, o presente estudo aponta que a relação de contato entre populações falantes de línguas das famílias kechua e jivaro provavelmente remonta do período pré-histórico, pois muitos dos termos emprestados são reconstruíveis para o proto-jivaro. A TABELA 191 apresenta estes e outros prováveis casos de empréstimo.

TABELA 191. Paralelos lexicais entre os conjuntos jivaro e kechua

| | JIVARO | KECHUA |
|-------------------------|---|--|
| abutre | PJVR *tjuwaNka | KCH suwaq ² ara |
| ACU/GRD/SBR | PJVR *-na 'ACU' | PKC *-na 'GRD/SBR' |
| ave | AGR piʃaka | PKC *piʃqu |
| ave/abutre | PJVR *tʃiNki 'ave' | KCH ʃinku 'abutre' |
| ave/gavião | PJVR *pinʃu 'gavião' | KCH pintʃinʃu 'ave' |
| cana/chupar cana | PJVR *tʃiNkana 'cana' | PKC *ʃinka- 'chupar cana' > KCW ʃinkan |
| casa | PJVR *hega (cf.tb.: PJVR *aaka 'chácara') | PKC *raqaj 'casa abandonada' |
| chão/pedra | PJVR *pampa 'pedra' | PKC *pampa 'vale/chão' |
| chefe | PJVR *apu 'chefe/grande/grosso' | PKC *apu |
| flecha | PJVR *waʃi ³⁸⁹ | PKC *waʃi 'flecha/espetar' |
| flutuar | PJVR *waNpu | PKC *wampu 'flutuar/balsa' |
| FOC/TOP | PJVR *-ka 'FOC' | PKC *-qa 'TOP' |
| força | AGR sintʃi | PKC *sintʃi |
| INTENS/EXCL | PJVR *ima 'INTENS' | PKC *ima 'algo/coisa/EXCL' |
| lago | PJVR *kutʃa | PKC *quʃa |
| mel | XWR miʃik | PKC *miʃki |
| milho | PJVR *ʃaa | PKC *sara |
| morcego | PJVR *maʃu 'mutum' | PKC2 *maʃu 'morcego' |
| NEG | PJVR *-tʃaw > AGR -tʃaw/-tʃu; XWR -tsu | PKC *-tʃu > KCW -tsu |
| NMZ.ação/ACU | PJVR *-ta 'NMZ.ação' | PKC *-ta 'ACU' |
| ouro | PJVR *kuri | PKC *quri |
| pão | AGR/XWR tanta | PKC *tanta |
| piso/praça | PJVR *pata | PKC *pata |
| ponte | PJVR *tʃaka | PKC *tʃaka |
| remédio/pimenta | AGR ampi 'remédio', XWR ampi 'pimenta' | PKC *ampi 'remédio' |

³⁸⁹ pjvr *waʃi 'flecha' > agr waʃi 'id.', xwr waʃe 'id.', hbs waʃi 'broto de cana-brava'.

TABELA 191. Paralelos lexicais entre os conjuntos jivaro e kechua

| | JIVARO | KECHUA |
|-------------|---|-----------------------------|
| sal | XWR katji ‘sal’, AGR katji ‘sal de rocha’ | PKC *kaʃi |
| tabaco | PJVR *tsaaNku | KCH tawaku |
| tucano | PJVR *tsukaNkaa | PKC2 *sikuanka |
| verme/fezes | PJVR *aka ‘verme’ | PKC *aka ‘fezes’ |
| vermelho | PJVR *kapaNtin | KCH panti ‘vermelho escuro’ |
| vila | PJVR *jaakat | PKC *ʒaqa |

Apesar de haver diversos relatos de contato entre as referidas populações durante o período colonial (Adelaar & Muysken 2004:433), não é possível alegar que todos os paralelos elencados acima tenham sido adaptações recentes, i.e., decorrentes de contatos ocorridos no período histórico. Termos do proto-jivaro como *ʃaa ‘milho’, *jaakat ‘vila’, *waʃi ‘flecha’ e *-ka ‘FOC’, por exemplo, representam indícios de que os proto-jivaro teriam estado em contato com populações de fala kechua desde que passaram a habitar a bacia do Marañón, a partir do século VIII d.C.. A partir destas considerações é possível especular que populações de fala kechua teriam fundado núcleos habitacionais na bacia do Baixo Marañón durante a pré-história, que supostamente funcionariam como entrepostos de comércio com populações amazônicas.

4.2.2.11.2. Jivaro e kwaza

Não há na literatura estudos sobre contatos entre populações de origem jivaro e os ancestrais dos kwaza. As semelhanças lexicais apontadas na TABELA 192 podem representar indícios de que as referidas populações teriam estado por algum tempo em contato, provavelmente através da esfera de interação da Amazônia Central.

TABELA 192. Paralelos lexicais entre os conjuntos jivaro e kwaza

| | JIVARO | KWAZA |
|--------------|----------------------|--------------|
| falar/nome | PJVR *ta ‘falar’ | ta ‘nome’ |
| fogo | PJVR *hii | hi |
| gente | PJVR *ʃuwanga | ʃwa |
| grande/chefe | PJVR *najaw ‘grande’ | tājā ‘chefe’ |
| ir/levar | PJVR *we ‘ir’ | we- ‘levar’ |
| ir | PJVR *ee | e- |
| largar | PJVR *apu | bu- |

TABELA 192. Paralelos lexicais entre os conjuntos jivaro e kwaza

| | JIVARO | KWAZA |
|---------------|---------------------|------------------|
| língua/idioma | PJVR *inai ‘língua’ | dināi ‘idioma’ |
| nariz/cheirar | PJVR *nuhi ‘nariz’ | nū?ihī ‘cheirar’ |
| pai | PJVR *apa | aha |
| pegar | PJVR *huu | hou- |
| semente/pedra | AGR ahaki ‘semente’ | haki ‘pedra’ |
| ver | PJVR *wai | āwīi |
| vir | PJVR *ani | onī |

4.2.2.11.3. Jivaro e taruma

Não há na literatura estudos sobre contatos entre populações de origem jivaro e os ancestrais dos taruma. As poucas semelhanças lexicais apontadas na TABELA 193 podem representar indícios de que as referidas populações teriam estado por algum tempo em contato, provavelmente através da esfera de interação da Amazônia Central.

TABELA 193. Paralelos lexicais entre os conjuntos jivaro e taruma

| | JIVARO | TARUMA |
|-------------|---|---------------------------------------|
| folha | PJVR *nuka | ɕuka (cf. tb.: TRM nukuda ‘floresta’) |
| luz | PJVR *pantin (cf. tb.: PJVR *pantu ‘dia’) | pana |
| perna/andar | PJVR *maku ‘perna’ | maku ‘andar’ |
| porco/anta | PJVR *paki ‘porco’ | baki ‘anta’ |
| rio/água | PJVR *entsa | dza |

4.2.2.11.4. Jivaro e yanomami

Não há na literatura estudos sobre contatos entre os ancestrais das populações de origem jivaro e yanomami. As poucas semelhanças lexicais apontadas na TABELA 194 podem representar indícios de que as referidas populações teriam estado por algum tempo em contato, provavelmente através da esfera de interação da Amazônia Central.

TABELA 194. Paralelos lexicais entre os conjuntos jivaro e yanomami

| | JIVARO | YANOMAMI |
|----------------|------------------------|--|
| água | PJVR *tukukui | PYMI *kokoi- |
| aldeia/parente | PJVR *januma ‘parente’ | PYMI *jāno ‘aldeia’ (cf. tb.: PYMI *tʃanima ‘gente’) |

TABELA 194. Paralelos lexicais entre os conjuntos jivaro e yanomami

| | JIVARO | YANOMAMI |
|----------------------------|-------------------------------|--------------------------------------|
| bicho-de-pé | PJVR *ahuhu | PYMI *hihu |
| cabeça/olho | PJVR *hii ‘olho’ | PYMI *he ‘cabeça’ |
| coxa | PJVR *maku | YMO waku |
| espírito | AGR ahutap, XWR arutam | NNM utap |
| família/antepassado | PJVR *pataa ‘parente/família’ | YMO pata ‘antepassado’ |
| flecha | PJVR *jikitu | PYMI *ji?ika |
| fome | AGR nuhan | YMO ohə |
| imperativo | AGR -ta | PYMI *ta |
| língua/figado | PJVR *akape ‘figado’ | PYMI aka ‘língua’ |
| madeira/fogo | PJVR *hii ‘fogo’ | PYMI *hi: ‘madeira’ |
| mulher/esposa | PJVR *nuwe ‘esposa’ | PYMI *t ^h uwi-di ‘mulher’ |

4.2.2.12. Karib

Foram detectados extratos léxicos compartilhados por populações karib e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- arawak → §4.2.1.4.1.7
- guato → §4.2.2.12.1
- kawapana → §4.2.2.12.2
- macro-jê (bororo) → §4.2.1.5.1.2
- macro-jê (jeoromitxi) → §4.2.1.5.2.1
- macro-jê (karaja) → §4.2.1.5.3.1
- macro-jê (rikbaktsa) → §4.2.1.5.5.1
- nambikwara → §4.2.2.12.3
- taruma → §4.2.2.12.4
- tupi → §4.2.1.9.6
- warao → §4.2.2.12.5

4.2.2.12.1. Karib e guato

Não há na literatura estudos sobre contatos entre os ancestrais dos guato e populações de origem karib. As poucas semelhanças lexicais apontadas na TABELA 195 podem representar indícios de que as referidas populações teriam estado por algum tempo em contato, provavelmente através da esfera de interação da Amazônia Central.

TABELA 195. Paralelos lexicais entre os conjuntos karib e guato

| | KARIB | GUATO |
|-----------------------|--|-----------------|
| areia | PKAR *tʃa- > WAI aʃawa, PMO wasaka | atʃá |
| beber | PKAR *woku 'bebida/chicha' > WYN oki | óki |
| braço | PKAR *apo | pó |
| corda | MKR āʔto | tʃáto |
| dia/Sol | PKAR *weju 'Sol' > YKP weʃo | átʃó 'dia' |
| falar | PKAR *ôt-uru (cf. tb.: PKAR *ôte-ti > 'nome/som' > KRN oti) | ótí |
| montanha/pedra | PKAR *ti-Vpu 'pedra' > WYN/PMT tapu, YBR təpu; KLP teʃu 'pedra/montanha' | rápə 'montanha' |
| pegar | PKAR *ari > WYN aleka | haríka |
| semente | PKAR *ôpi- 'fruta/semente' > YKP opiri | opa |

4.2.2.12.2. Karib e kawapana

Não há na literatura estudos sobre contatos entre os ancestrais dos falantes de línguas de origem karib e kawapana. As semelhanças apontadas na TABELA 196 representam evidências de que a etnogênese dos proto-kawapana teria envolvido a miscigenação com populações de origem karib.

TABELA 196. Paralelos lexicais entre os conjuntos karib e kawapana

| | KARIB | KAWAPANA |
|----------------------|---|--|
| 1.D | PKAR *kinmo '1.P.I' > TIR kimə | PKWP *kinpu? > XLW kənmu?; PKWP *kima '2.S' |
| 1.S | PKAR *owi- > TIR wi | PKWP *-wi(k) > XWI -wi |
| 3.S/1.P.E | YKP nana, ENP ana, BKR ʃina '1.P.E' | XLW nana, XWI ina '3.S' |
| cabeça | PKAR *putupi > TIR putupə, KRH butuhə, WYN putpi | PKWP *mutu? (cf. tb.: PKWP *mutupi 'montanha') |
| cinza/queimar | PKAR *jatu 'queimar' | PKWP *jaru? 'cinza' |
| IMP | PKAR *-ko | PKWP *-ku? 'IMP.P' |
| mulher/mãe | MKX/PMO san, ENP sanə, MPY saanə, WAI son 'mãe' | XWI sana- 'mulher', XLW saða 'esposa' |
| mandioca | MKX kise, PMO kisee, MKR kidēde, SPR o:ke:lin, PRK ke:le, MPY tsere | XWI kiʃa, XLW kerʔ |

TABELA 196. Paralelos lexicais entre os conjuntos karib e kawapana

| | KARIB | KAWAPANA |
|--------------------------------|---|--|
| mão | PKAR *emVja > KMN emia AKW emija | XWI imira |
| mulher/lua | PKAR *nuna/nuno ‘lua’ | PKWP *-run ‘CLS.mulher’ > XWI -run, XWL -lun ‘mulher’ |
| olho/semente/ fruta | ENP jahpə, YKP jopiri, ‘semente’; APL eperi WYN epeli, ARK jejapiri ‘fruta’ | PKWP *ja(?)pi: ‘olho’ > XWI ja?pira ‘olho’, XWI ja?pirin ‘semente’ |
| pedra/batata- doce | PKAR *napi ‘batata-doce’ | PKWP *ra?pi ‘pedra’ > XWI na?pi, XWL la?pi |
| pena | PKAR *apori- > MKX -apiri, ARK abon ‘pena’; WAI a?ori ‘asa’ (cf. tb.: PKAR *apuri ‘cobrir/fechar’) | PKWP *anpuru? ‘pena/pelo’ |
| plantação | PXN imme | XWI imin |
| raiz | PKAR *miti > TIR miti, KRH/APL imiti | PKWP *itik > XWI iti? |
| terra | PKAR *no- > ARK ro/roŋ, WYN lo, PMO/AKW nɔŋ | PKWP *-ru?- ‘CLS.terra’ > XWI -ru?, XWL -lu?; *ru?pa? ‘terra’ > XWI nu?pa?, XWL lupa? |
| ver | PKAR *ene > HIX ene, WAI eni, BKR ene/ese | PKWP *ri? > XWI ni?, XWL li?- |

É possível inferir, levando estes dados em conta, que os proto-proto-kawapana teriam estado por algum tempo em contato com populações de origem karib em algum ponto do oeste amazônico, provavelmente em decorrência da expansão destas últimas para a bacia do Solimões e Alto Amazonas. Torero (1993:451 *apud* Adelaar & Muysken 2004:405-406), de fato, constata que os patagon, um grupo étnico da bacia do Baixo Maraño, era de de origem karib (PKAR *tuna ‘água’, PTG tuna ‘id.’; pkar *anaŋi ‘milho’, PTG anas ‘id.’; PKAR *wiwi ‘lenha’, PTG βiwe ‘id.’) – uma evidência que corrobora a hipótese acima aferida.

4.2.2.12.3. Karib e nambikwara

Não há na literatura estudos sobre contatos entre os ancestrais de populações de origem karib e nambikwara. As semelhanças lexicais apontadas na TABELA 197 representam indícios de que as referidas populações teriam estado por algum tempo em contato, num período bastante remoto, em algum lugar da bacia do Baixo Amazonas.

TABELA 197. Paralelos lexicais entre os conjuntos karib e nambikwara

| | KARIB | NAMBIKWARA |
|---------------------|---|-----------------------------------|
| água | PKAR *paru | PNBK *(na)pāl > SBN pə:l ‘rio’ |
| madeira/fogo | PKAR *wepeto ‘fogo’; PTRN *epi ‘tronco’ | PNBK *hapi:ts ‘madeira’ > SBN api |
| beber | PKAR *eni- | PNBK *na: |

TABELA 197. Paralelos lexicais entre os conjuntos karib e nambikwara

| | KARIB | NAMBIKWARA |
|----------------------|---|--|
| casca/canoa | PKAR *kanawa ‘canoas’ | PNBK *kaləw ‘casca’ |
| céu | PKAR *kapu | PNBK *h ² əup |
| dormir | WYN inik, MKR w-ini-, TIR əəni ‘dormir’; KLP eni, WMR inin ‘sonhar’ | LTD ün, MMD ?in |
| fígado | PKAR *-ere | PNBK *p ² il > SBN ili |
| fogo/quente | MKX/AKW a?ne?, MKR ta?ne, PMN anak ‘quente’; MKR dəi ‘madeira’ | KTL ha?ne, SBN ani ‘fogo, lenha’; MMD nī?, LTD ni ‘lenha’ |
| fumaça | MKR widinʃə, WAI ji-sin, MKX wire?sin | PNBK *sin > MMD sinsi, LTD sin, KTL sinti |
| gambá | PKAR *(i)aware | MMD jawan, KTL ja ² wal ² u, SBN jowajli |
| macaco | PKAR *itjo | KTL iʃu ‘bugio’; SBN ila ‘macaco-aranha’ |
| o que | PKAR *əti(na) | PNBK *nātot? > SBN ate, LTD ātot, MMD natok |
| olho | PKAR *enu | MMD i, LTD in- |
| pedra | PKAR *tipu/*topu | PNBK *t ² apal |
| piolho | PKAR *(w)ajamō | SBN ajmōti |
| pomba | TIR arami, WYN walami, KRJ waramitʃi | SBN urumusu |
| sonhar/dormir | PKAR *wetu ‘dormir’ > KLP (n)Gitu- | LTD hitow, MMD hito ‘sonhar’ |
| tamanduá | PKAR *waritʃi | LTD/MMD walin- |
| tatu | WAI kaʃajo, TIR kapai, YKP kamaʃru, WYN/KRÑ kapasí | SBN kapajla, LTD kownpajt, MMD kopait-, kapais- |
| terra | PKAR *no- | PNBK *nu |
| vagina | PKAR *ōri | MMD gali-, SBN akoli |

4.2.2.12.4. Karib e taruma

Não há na literatura estudos sobre contatos entre os ancestrais dos taruma e populações de origem karib. As poucas semelhanças lexicais apontadas na TABELA 198 representam indícios de que as referidas populações teriam estado por algum tempo em contato na Amazônia Central.

TABELA 198. Paralelos lexicais entre os conjuntos karib e taruma

| | KARIB | TARUMA |
|--------------------|--------------------------|-----------|
| argila | PKAR *ori(ni) | kuline |
| árvore | PKAR *we | ua |
| batata-doce | PKAR *napi | aʃi |
| beiju | PMO akuse, AKW aguze | ku?ē |
| braço/mão | PKAR *apō ‘braço’ | aʃū ‘mão’ |
| canoas | PKAR *kanawa | kanawa |
| cesto | MKX wari?sa, AKW waritʃa | bariʃanu |

TABELA 198. Paralelos lexicais entre os conjuntos karib e taruma

| | KARIB | TARUMA |
|---------------------------|--|----------------------------|
| colar | KRÑ aneka | ani |
| espírito | KRÑ akaton, MKX ekaton, WAI ekati | katu |
| faca | PMO maria, WAI/WYN/KRÑ marija | mare(a) |
| facão | PMO kasupara, YBR supara, TIR kasihpara | kafupara |
| gambá | PKAR *(j)aware | k ^w are |
| iguana | YBR juwana APL zuana, ENP jawana | juwana |
| morcego | PKAR *rere | siriri |
| onça/veado | MPY ekire, BNR kire, PRV ekile, ARK okori, ENP kərə, KKR ekege ‘onça’; IKP kuremat ‘veado’ | k ^w ire ‘veado’ |
| porco-do-mato/anta | PKAR *pakira ‘porco-do-mato’, BKR pakia ‘capivara’ | baki ‘anta’ |
| porco-do-mato/anta | BKR maen, KRÑ/TIR/WYN maipuri, PMO maikuri ‘anta’ | ba?e ‘porco-do-mato’ |
| ralador | PKAR *tjumarí | tjumarí |
| tatu | WAI kaɸajo, TIR kapai, WYN/KRÑ kapasi, YKP kamafru | kabaju |
| terra | PKAR *nono | dudu |
| veneno | PKAR *kuma | k ^w ima |

4.2.2.12.5. Karib e warao

Vaquero (1965) e de Barral (1979) observaram alguns empréstimos de origem karib em warao. Dentre os empréstimos há uma quantidade importante de termos de parentesco, os quais são evidências importantes de que os ancestrais dos warao teriam se miscigenado com populações de origem karib (TABELA 199). Vaquero (*op.cit.*) identificou que boa parte dos termos warao de origem karib são oriundo de línguas do subgrupo pemon. Esta constatação contrasta com a praticamente ausência de termos de origem arawak em warao. É possível, neste sentido, hipotetizar que as referidas populações teriam participado de uma esfera de interação no Maciço das Guianas e imediações durante a pré-história e que os warao teriam se refugiado no Delta do Orinoco em vista da forte expansão das populações karib pelo Maciço das Guianas e a bacia do Orinoco a partir do século X d.C..

TABELA 199. Paralelos lexicais entre os conjuntos karib e warao

| | KARIB | WARAO |
|--------------------------|---|--------|
| abacaxi | TIR/WYN/KRÑ/APL nana | nana |
| avó | PKAR *noti > KMN noto | natu |
| avó | PKAR *tamu (PKAR *i- ‘3.S’) | idamo |
| bebida fermentada | APL kaxiri, WYN kasili, TIR/MKX kasiri, PMO katjiri | kasiri |

TABELA 199. Paralelos lexicais entre os conjuntos karib e warao

| | KARIB | WARAO |
|---------------------------------------|---|-------------------------------------|
| bicho-de-pé | PKAR *tjiki- > MKX siki, WYN sikə | sika |
| boto | WMR amana | banabana |
| chocalho/retama ³⁹⁰ | PMO keweï ‘retama’ | sewei ‘chocalho/sementes de retama’ |
| criança | PKAR *mu (PKAR *i- ‘3.s’) | nibo |
| espírito | PMO mawari, KRÑ imaware | mawari |
| feijão | TIR/WYN/KRÑ kumata | komata |
| folha | PKAR *j-ari > HIX/WAI jari | jaroko |
| gambá | PKAR *(j)aware | jaware |
| garça | KRH wara | wara |
| irmão | PKAR *ako > PMO dako | dakobo |
| mãe | PMO dan/san, MKX san, EÑP sanə | dani |
| mel | PKAR *wanV ‘mel’ > MKR wana ‘abelha’ | hoana |
| P.HUM/alguém | PMO dama ‘P.HUM’ | damana ‘alguém’ |
| pai | PKAR *umo (PKAR *i- ‘3.s’) | dima |
| papagaio/pássaro | PKAR *torono ‘pássaro’ > WAI torowo | toromo ‘papagaio’ |
| ralador | TIR/KRÑ/WYN/APL manare | manari |
| sal | EÑP pa:mə, WYN pəma, YKP pam | bamu |
| veneno | PKAR *kurari > MKX urari, WYN/TIR urali | urari |

4.2.2.13. Kawapana

Foram detectados extratos léxicos compartilhados por populações kawapana e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- kandoxi → §4.2.1.4.2.3
- karib → §4.2.2.12.2
- kechua → §4.2.2.13.1
- macro-arawak (arawak) → §4.2.1.4.1.8
- macro-arawak (pukina) → §4.2.1.4.4.2

³⁹⁰ Planta cujas sementes são tradicionalmente utilizadas para se fazer chocalho.

4.2.2.13.1. Kawapana e kechua

Não há na literatura estudos sobre contatos entre os ancestrais dos falantes de línguas de origem kawapana e kechua. As semelhanças apontadas na TABELA 200 representam evidências de que os xawi teriam mantido contatos com populações falantes de kechua. Tais empréstimos são recentes, podendo ter ocorrido durante o período colonial.

TABELA 200. Paralelos lexicais entre os conjuntos kawapana e kechua

| | KAWAPANA | KECHUA |
|-------------|---------------------------------|----------------------|
| cobaia | xwi koi | PKC2C *qui |
| criança | xwi wa?wa | PKC *wawa |
| diabo | xwi sopai | PKC *supaj |
| não | xwi ama? | PKC *ama |
| pão | xwi tanta | PKC *tanta |
| pena | PKWP *ãpuru | PKC *puru |
| planície | xwl panpa | PKC *panpa |
| refugio | xwi tanpo | PKC *tanpu |
| sal/salgado | xwi kaʃin 'salgado' | PKC *kaʃi 'sal' |
| sujo/fezes | xwi tʃiʔtʃi, xwl tʃitʃi 'fezes' | PKC2C *tʃitʃi 'sujo' |
| velha | xwi paja | PKC2 *paja |
| velho | xwi maju | PKC *matʃu |

4.2.2.14. Kechua

Foram detectados extratos léxicos compartilhados por populações kechua e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- barbakoa → §4.2.2.3.3
- cholon-hibito → §4.2.2.7.1
- jaqi → §4.2.2.9.1
- jivaro → §4.2.2.11.1
- kawapana → §4.2.2.13.1
- kunza → §4.2.2.14.1
- leko → §4.2.2.14.2

- macro-arawak (arawak) → §4.2.1.4.1.10
- macro-arawak (kandoxi) → §4.2.1.4.2.4
- macro-arawak (muniche) → §4.2.1.4.3.2
- macro-arawak (pukina) → §4.2.1.4.4.3
- mapudungun → §4.2.2.14.3
- mochika → §4.2.2.14.4
- pano → §4.2.1.7.1.1
- uru-chipaya → §4.2.2.14.5
- zaparo → §4.2.2.14.6

4.2.2.14.1. Kechua e kunza

Lehnert Santander (1978) observou alguns empréstimos de origem kechua em kunza. Os dados apresentados na TABELA 201 são evidências de que os kunza participaram da esfera de interação dos Andes Centrais provavelmente durante o império incaico.

TABELA 201. Paralelos lexicais entre os conjuntos kechua e kunza

| | KECHUA | KUNZA |
|------------------|--|----------------|
| ácido | PKC *puʃuqu ‘espuma/ácido’ > KCC pʷuʃqo | puʃʷaur |
| água | PKC *jaku | jaɣo |
| ajudar | PKC *janapa- | jenapa- |
| alga | KCC/KCC laqʰu | laɣo |
| arco-iris | PKC2C *kujʃi | ɣoitʃi |
| buraco | PKC2C *tuqu > KCC tʷoqo | tʷoɣo |
| cérebro | PKC2 *putqu | nutɣo |
| chorar/espanto | PKC *waqa- ‘chorar’ (cf. tb.: PKC *waka ‘sagrado’) | waɣa ‘espanto’ |
| cobertura/folha | PKC *qata ‘cobertura/teto de palha’ | ɣatʰa ‘folha’ |
| colar | PKC *waʎqa | waʎa |
| colina | PKC *muqu ‘colina/joelho’ | muɣu |
| condor | PKC2C *quntur | ɣontor |
| contar/ser muito | PKC *jupa- ‘contar/número’, PKW jupaj ‘praticamente’ | jupaj ‘muito’ |
| coruja | PKC *tuku | tuɣur |
| dançar | PKC *tuʃu- | tus:u- |
| demônio | PKC *supaj | supai |
| erva/quinoa | PKC *juju ‘erva/verdura/mata’ | juju ‘quinoa’ |

TABELA 201. Paralelos lexicais entre os conjuntos kechua e kunza

| | KECHUA | KUNZA |
|------------------|---|--|
| escorpião | PKC2C *pikaq | piɣar |
| espírito/sombra | PKC2C *nuna ‘espírito/morto’ | nun:a ‘sombra’ |
| farinha | PKC2C *sanku; KCE sanku ‘espesso/pastoso’ | janɯul |
| flor | KCQ/KCC tʰika | tʰia |
| GEN/parcialidade | PKC saja ‘parcialidade’ | -saja ‘GEN’ |
| lugar/terreno | KCY tuna, KCJ tunaq ‘lugar’ | tʰunar ‘terreno’ |
| moça/concubina | PKC2C *sipas ‘moça’ | sipʰasi ‘concubina’ |
| orfão | PKC *waktʃa | baɯtʃa ‘pobre/orfão’ |
| osso/concha | PKC2C *muɮu ‘concha’ | mulur ‘osso’ |
| P/1.P | PKC *-kuna ‘P’ | KZA ɣuna ‘1.P’ (cf. tb. KZA -ɣota ‘P’) |
| perna/caminho | PKC1 *na:ni, PKC2 *jan ‘caminho’ | nan:i/nan ‘perna’ |
| poncho | PKC2C *aksu | aɣsu |
| ramo/árvore | PKC2C *ali ‘planta/ramo’ | jali ‘árvore/algarrobo’ |
| rapaz/jovem | PKC *wajna ‘jovem/amante’ | baina |
| rápido/pássaro | PKC *pijku ‘pássaro’ | pijku ‘rápido’ |
| receber | PKC *tʃaski- | tʃaɣi- |
| remédio | PKC *hampi ‘remédio/curar’ | hampi |
| rico/poderoso | PKC2C *qapaq | ɣapaa |
| semente | PKC *muru, KCH muhu | muhu |
| terra | PKC *paɮʃa ‘terra’ | paatʃa ‘terra/divindade’ |
| trompete | KCQ/KCC pututu | pʰutu |
| vaso | PKC *putu | potor |

4.2.2.14.2. Kechua e leko

Lafone Quevedo (1905) observou alguns empréstimos de origem kechua em leko. As semelhanças lexicais apontadas na TABELA 202, de fato, representam indícios de que os ancestrais das referidas populações participaram da esfera de interação circum-Titicaca durante a pré-história.

TABELA 202. Paralelos lexicais entre os conjuntos kechua e leko

| | KECHUA | LEKO |
|------------|--|----------------|
| carne | PKC *ajtʃa | ajtʃa |
| cobra/cipó | PKC *waska ‘cipó/corda’ | waskʰa ‘cobra’ |
| criança | PKC *wawa | wawa |
| deidade | PKC *waka ‘sagrado/divino’ > KCQ/KCC wakʰa | waqʰa |
| dia | PKC *puntʃaw > KCQ/KCC pʰuntʃaw | pʰuntʃaj |

TABELA 202. Paralelos lexicais entre os conjuntos kechua e leko

| | KECHUA | LEKO |
|-----------|---------------------------|--------------|
| galinha | PKC *waʎpa | walpa |
| homem | PKC *qari | kari |
| milho | PKC *sara | tara |
| pai/chefe | PKC *jaja ‘pai/tio’ | jaja ‘chefe’ |
| pão | PKC *tanta | tʔantʔa |
| rio | PKC *jaku | juku |
| vaso | PKC *puku ‘panela/tigela’ | pʰokʔo |
| velha | KCW ʎjakwan | ʎʔuqʷa |

4.2.2.14.3. Kechua e mapudungun

Díaz Fernández (1992) e Pache (2014) observaram alguns empréstimos de origem kechua em mapudungun. Além destas, várias outras semelhanças lexicais foram encontradas e estão reunidas na TABELA a seguir.

TABELA 203. Paralelos lexicais entre os conjuntos kechua e mapudungun

| | KECHUA | MAPUDUNGUN |
|--------------------|---|--|
| adobe | PKC *tika | MPD tika |
| afiar/cortar | KCO/KCC kaʎji- ‘afiado/cortar’ | MPD kaʎsin ‘talhar’; WLL kaʎsin ‘estaca’ |
| água | PKC *jaku | PMPD *ko |
| antigamente | PKC *jawa ‘antigo/antes/adiante’ | WLL jawka |
| assar | PKC *kanka > KCW kanka-n | PMPD *kanka-n |
| ave de rapina | PKC *kiʎiki ‘falcãozinho’ | WLL kilki, MPD kilkil |
| barco/balsa | PKC *wampu ‘flutuar/balsa’ | PMPD *wampu ‘barco’ |
| barro | PKC *ʎampa | MPD ʎapa |
| beijar | PKC *mutʎa > KCW mutʎa-n | MPD mutʎa-n |
| bolsa | KCO/KCC kutama | MPD kutama |
| brigar/covarde | KCO/KCC qewa ‘covarde’ | MPD kewa-n ‘brigar’ |
| cacto | KCH puja | PMPD *puja |
| cama de pau | PKC *kawitu | MPD kawitu; WLL kawite ‘lugar de pernoite’ |
| casa/vila | PKC *wasi ‘casa’ | MPD waria ‘vila’ |
| castelo/vila | PKC2C *pukara ‘castelo/torre’ | PMPD *kara ‘vila’ |
| chefe | PKC *apu | PMPD *apo |
| chuva/granizo/neve | PKC *para ‘chuva’ | PMPD *param ‘granizo/neve’ |
| cogumelo | PKC2 *kaʎampa | MPD kaʎampa |
| colher | PKC *wiʎʎa (cf. tb.: PKC *wiʎi- ‘tirar água do poço’) | PMPD *wiʎʎi |
| concha | PKC *ʎakatu > KCO/KCW ʎakatu | MPD ʎakantu |

TABELA 203. Paralelos lexicais entre os conjuntos kechua e mapudungun

| | KECHUA | MAPUDUNGUN |
|--------------------------------|---|---|
| condor | PKC2C *maʎku | MPD maŋke |
| coruja/espírito daninho | PKC *kuku ‘espírito daninho’, KCH ququ ‘coruja’ | WLL kogo ‘coruja/bruxo’, MPD koo ‘coruja’ |
| distância/medida | PKC *tupu | MPD tupu |
| escrever/sinal | PKC *qiʎqa | MPD kiʎka/tʃiʎka |
| galinha | PKC2 *atawaʎpa | MPD atʃawaʎ, WLL atʃaw |
| lagarto | PKC2C *palu | MPD palim, WLL paʎoj |
| Lua | PKC *kiʎa | PMPD *kiʎen > WLL kiʎen, MPD kijen |
| machado/chefe | KCH toqe ‘chefe/comandante’ | MPD toki ‘machado’; WLL tʃoki ‘chefe’ |
| macho | PKC *uʎqu | MPD aʎka, WLL alka |
| mel | PKC *miʎki | PMPD *miski |
| moça/irmã de mulher | PKC *naŋa ‘irmã de mulher/tia’ | MPD naŋaj ‘moça’ |
| nobre/ajudante | PKC2C *inka ‘nobre’ | MPD inka ‘ajudante’ |
| oito | PKC *pusaq | PMPD *pura |
| orfão | PKC *waktʃa | MPD watʃu |
| P/guerreiro | PKC *-kuna ‘P’ | MPD kona ‘guerreiro’ |
| pasto | KCQ/KCC qʔatʃu | PMPD *katʃu |
| peixe | PKC *tʃaʎwa | PMPD *tʃaʎwa |
| pênis | PKC *uʎu | MPD ulo |
| perna | PKC *tʃanka | PMPD *tʃaŋ |
| pomba | PKC *kukuli | MPD kokori, WLL kuku |
| poncho/manta | PKC *puntʃu ‘poncho’ | MPD pontʃo ‘manta’ |
| pouco/pequeno | PKC *piʃi | PMPD *piʃi |
| prendedor | PKC2C *tupu | MPD tipu |
| pulga/sarna | PKC *kuʃsi ‘pulga’ | PMPD *kuʃsi ‘sarna’ > MPD kuʃsi, WLL kuʃsu |
| ramo/árvore | PKC2C *ali ‘planta/ramo’ | PMPD *aliwen ‘árvore’ (cf. tb.: PMPD *ali ‘queimado’) |
| rebelde/inimigo | PKC *awqa ‘inimigo/demônio’ | MPD awka ‘rebelde’ |
| redondo | PKC *murqu | MPD moŋkol |
| roxo/vermelho | KCQ/KCC kuʎi ‘roxo’ | WLL koʎi ‘vermelho’; MPD koʎi ‘escuro/marrom’ |
| sal/salgado | PKC *kaʃsi ‘sal’ | MPD koʃsi ‘salgado’ |
| sobra | PKC *puʃu | MPD puʃu |
| Sol | PKC *inti (cf. tb.: PKC *anta ‘cobre’) | PMPD *anti |
| trabalho/administrar | PKC *kama ‘fazer bem/administrar’ | MPD kamaŋ ‘trabalho diário’ |
| triste | PKC *ʎaki | MPD ʎaθken |
| vale | PKC *wajqu | MPD wajko |
| varrer/limpar | PKC *piʃa > KCW piʃa-n | WLL piʃa-n |
| velho | PKC *matʃu | WLL matʃu |

Os dados acima representam evidências importantes de que as referidas populações teriam estado em contato durante a pré-história. Pache (*op.cit.*) não descarta a possibilidade de que parte destes empréstimos tenha ocorrido durante o período pré-incaico. De fato, um número razoável de termos, como aqueles referentes ao sol (PKC *inti, PMPD *anti) e à lua (PKC *kiła, PMPD *kiłen), certamente não são empréstimos recentes, ocorridos na etapa expansiva do império incaico. Outra evidência apontada por este autor é que certos termos do proto-mapuche são na realidade empréstimos de uma variedade arcaica do aymara, e não do kechua (cf. p.ex.: PMPD *pataka ‘cem’, AYM patak ‘id’, PKC *paṭsak ‘id’; PMPD *piṭṣa ‘barriga’, PJQI puṭṣaka ‘id’, PKC *paṭṣa ‘id’), de modo que pode-se hipotetizar que o território dos proto-proto-mapuche estaria numa região próxima ao habitado pelos ancestrais dos aymara durante o período pré-incaico. Nesta perspectiva, parte dos empréstimos acima expostos teriam ocorrido no âmbito da esfera de interação Circum-Titicaca, em pleno território peruano, antes da imigração dos proto-proto-mapuche para a Araucania.

4.2.2.14.4. Kechua e mochika

Cerrón-Palomino (1989) observou alguns paralelos entre o kechua e o mochika, propondo que os ancestrais dos falantes destas línguas teriam estado em contato durante a pré-história. Estas e outras semelhanças lexicais detectadas no presente estudo, reunidas na TABELA 204, constituem-se como evidências de que as referidas populações teriam, de fato, participado de uma esfera de interação provavelmente firmada após a emergência do império incaico.

TABELA 204. Paralelos lexicais entre os conjuntos kechua e mochika

| | KECHUA | MOCHIKA |
|----------------------------|--|----------------|
| adorar | PKC *mutʃa- ‘adorar/beijar’ | mutʃa |
| barriga | PKC2 *pusun | pox |
| batata | PKC *papa | papa |
| bêbado/embebedar-se | PKC2 *tʃuma-j ‘embebedar-se’ | tʃomaj |
| campo | PKC *pampa | pampa |
| cérebro | PKC2 *jutqu | jatkuk |
| chicha/fermento | KCH quntʃu ‘fermento’ | kotʃo ‘chicha’ |
| cinza | PKC *uṭsupa | oʃop |
| concha/ovo | PKC2C *mułu ‘concha’ | mułu ‘ovo’ |
| criado/ajudante | PKC *janapa ‘ajudar’ > PKC2C *jana ‘amante/ajudante’ | jana ‘criado’ |

TABELA 204. Paralelos lexicais entre os conjuntos kechua e mochika

| | KECHUA | MOCHIKA |
|---------------------|--|----------------|
| espírito | PKC *samaj ‘respiração/espírito’ > KCW hamaj | amalaj |
| estrela | PKC *qujʌur | kuʔij |
| fumaça/nuvem | PKC *quʃ- ‘fumaça’ | ko:ts ‘nuvem’ |
| manta | PKC *ʌikʌa | ʌeʌa |
| não | PKC *ama | amos |
| ovo/redondo | PKC *muju ‘algo redondo’ | muʌu ‘ovo’ |
| pássaro | PKC *piʃqu | piʃako |
| pena | PKC *puru | pur |
| pimenta | PKC *uʃu | ut |
| pobre/orfão | PKC *waktʃa ‘orfão’ | ʃaktʃa ‘pobre’ |
| pomba | PKC *kukuli | kukuli |
| praça | PKC *qatu ‘mercado/venda/praça’ | katu ‘praça’ |
| raiz | PKC *sapi | ʃep |
| sacerdote | PKC2C *umu | umu |
| sujo | PKC2C *ʃiʃi | ʃiʃi |
| tonto | PKC *upa | opaisti |

4.2.2.14.5. Kechua e uru-chipaya

Fabre (1991) e Hannß (2008) observaram alguns empréstimos entre as línguas dos referidos conjuntos. As semelhanças lexicais apontadas na TABELA 205 representam, de fato, evidências de que os ancestrais das referidas populações participaram da esfera de interação circum-Titicaca durante a pré-história.

TABELA 205. Paralelos lexicais entre os conjuntos kechua e uru-chipaya

| | KECHUA | URU-CHIPAYA |
|--------------------------|---------------------------------|------------------------|
| abutre | KCO suwaqʔara | CPY ʃqara |
| amarelo | PKC *qiʌu | CPY kʔiʌu |
| ano | PKC *wata | PUCP *wata |
| bebê | PKC *wawa | UCM wawa |
| borboleta | PKC *piʌpintu | PUCP *pilpiltʃu |
| brilhante/brilhar | PKC2C *ʌimpi- ‘brillar’ | CPY ʌipinj ‘brilhante’ |
| cesto | KCY ʃipa | CPY ʃepa |
| chuva | PKC *tamja | CPY tʰami |
| cinco | PKC *piʃqa | CPY pʰixsqa |
| claro/luminoso | PKC *aʃiki ‘luz/luminoso’ | CPY ʃiki ‘claro’ |
| dedo | PKC2C *rukana > KCC/KCO rukʔana | CPY lokʔana |

TABELA 205. Paralelos lexicais entre os conjuntos kechua e uru-chipaya

| | KECHUA | URU-CHIPAYA |
|-------------------------|---|---|
| estômago/barriga | PKC2 *pusun | CPY p ^h utj |
| formiga | KCH sikimira | CPY k ^ʔ ijimiri |
| galinha | PKC *waɫpa | CPY paɫpu |
| homem | PKC *qari | PUCP *qeru |
| madeira/bastão | PKC2C *ʃukʃu ‘bastão/carretel’ | CPY ʃokʃup, UCM sokʃ ‘madeira’ |
| madeira | PKC2 *aʃsku | CPY uʃku |
| menino | PKC *maqta | CPY maxʃj |
| milho | PKC *sara | PUCP *tara |
| muito | KCH waliq | UCM wali |
| NEG | PKC *mana | PUCP *ana |
| noite | PKC *paqas | CPY makahe |
| noite/dormir | PKC *ʃijɪ ‘noite/dormir’ | CPY ʃiwʃ ‘noite’ |
| nuvem/chuva | PKC *ʃirapa ‘chuva leve’ | PUCP *ʃiri ‘nuvem’ |
| poeira/barro | KCH niqi ‘barro’ | PUCP *lxinki |
| POL | KCH -ɫa | UCM -ɫa |
| seis | PKC *suqta | CPY ʃoxta |
| solução | PKC *hiki | CPY xik ^ʔ i-ʃ |
| tia | PKC2C *ipa | CPY ipala, UCM iplo |
| velha | KCW ʃakwan | CPY ʃawk ^w a, UCM ʃak ^w a |
| velho/homem | PKC2 *ruku ‘velho’ | CPY luko, UCM lukwo ‘homem/marido’ |
| velho | KCO/KCC atʃatʃi; KCE atʃatʃilasa ‘antepassados’ | CPY ʃatʃaj |
| ventre | PKC *wiksa | CPY ikʃ |

4.2.2.14.6. Kechua e zaparo

Stark (1981), Moya (2009) e de Carvalho (2013) observaram alguns empréstimos de origem kechua em línguas zaparo. As semelhanças lexicais apontadas na TABELA 206 representam, de fato, evidências de que os ancestrais de populações zaparo estiveram em contato com falantes de kechua, muito embora isto possa ter ocorrido somente durante o período colonial.

TABELA 206. Paralelos lexicais entre os conjuntos kechua e zaparo

| | KECHUA | ZAPARO |
|----------------------|----------------------|-----------------------|
| abóbora | PKC *ʃapaɫu ‘cabaça’ | IKT sapaaja ‘abóbora’ |
| cabaça/panela | PKC2C *kusi ‘cabaça’ | ARB/IKT kuʃi ‘panela’ |
| chefe | PKC *apu | IKT áapu |
| chefe | PKC2 *kuraka | IKT kuráaka |

TABELA 206. Paralelos lexicais entre os conjuntos kechua e zaparo

| | KECHUA | ZAPARO |
|-------------------------|------------------------------------|-----------------------------------|
| chicha/água | PKC2C *aqa ‘chicha’ | PZPR *aka ‘água’ |
| demônio/anaconda | PKC2C *amaru ‘anaconda’ | ARB samaru, IKT tsamaro ‘demônio’ |
| doença | KCH anaw | ZPR anaw |
| frio | PKC *fjiri | ZPR fjiri, ARB fini- |
| galinha | PKC *atawałpa | ZPR atawari |
| genro | PKC *maja | ZPR majaka |
| gordura | PKC *wira ‘gordura/gordo’ | IKT wíira |
| nora/cunhada | PKC2 *qatfun | ZPR katfun ‘cunhada’ |
| pão | PKC *tanta | ZPR tanda |
| pássaro | PKC *pişqu | IKT/ZPR pişaka |
| remédio | PKC *hampi | IKT ampi |
| sogra | PKC2C *aki | IKT áhi |
| zarabatana | PKC2 *pukuna; KCE puku-na ‘soprar’ | ZPR pukuna |

4.2.2.15. Mapudungun

Foram detectados extratos léxicos compartilhados por populações mapuche e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- arawak → §4.2.1.4.1.15
- cholon-hibito → §4.2.2.7.3
- kechua → §4.2.2.14.3
- kunza → §4.2.2.15.1
- mochika → §4.2.2.15.2
- pano → §4.2.1.7.1.2
- uru-chipaya → §4.2.2.15.3

4.2.2.15.1. Mapudungun e kunza

Não há na literatura estudos sobre contatos entre os ancestrais dos mapuche e dos kunza. As semelhanças apontadas na TABELA 207 podem ser indícios de que as referidas populações

teriam participado simultaneamente da esfera de interação Circum-Titicaca durante a pré-história.

TABELA 207. Paralelos lexicais entre os conjuntos mapudungun e kunza

| | MAPUDUNGUN | KUNZA |
|----------------------|-----------------|-------------------------|
| ALAT | -pa | -pas |
| árvore | aliwen | jali 'árvore/algarrobo' |
| campo | tukukan | тово |
| corpo | kalil | ꞑooli |
| disparar | ʧsalka-tu | ʧorɤ-tur |
| homem | kona | ꞑonti |
| menino | peɲi | pani |
| montanha | kura | kaur |
| NEG | -nu | ino |
| roupa/vestido | kəpan 'vestido' | ꞑaabar 'roupa' |
| segundo | eɲuinaw | pʰoinu |
| solo | tuwe | tʰulwa |
| tia | kuku | kiki |
| vento | kiriɸ | ꞑuru |

4.2.2.15.2. Mapudungun e mochika

Díaz Fernández (1992) observou alguns paralelos entre o mochika e o mapudungun, propondo que os ancestrais dos falantes destas línguas teriam estado em contato durante a pré-história. Além destes paralelos, inúmeras outras semelhanças foram detectadas por Eloranta *et alii* (2015). Tais dados, apresentados na TABELA 208, podem, de fato, representar empréstimos decorrentes de uma rede de interação pré-incáica ao longo da costa peruana, da qual as referidas populações teriam participado.

TABELA 208. Paralelos lexicais entre os conjuntos mapudungun e mochika

| | MAPUDUNGUN | MOCHIKA |
|---------------------|---|---|
| 1.S | -n, -in, -ɲ ³⁹¹ | -ɲ, -eɲ, -aɲ |
| 3.P | eɲu/ɸejeɲu '3.D'; eɲin/ɸejeɲin '3.P' ³⁹² | sju-ɲo 'ele/esse/aquele'; aju-ɲo/ajo-ɲən 'aquelles' |
| 3.S | aje | ajo |
| abutre/águia | ɲamku 'águia' | ɰam 'abutre' |

³⁹¹ Smeets 2008:151.

³⁹² Smeets 2008:97.

TABELA 208. Paralelos lexicais entre os conjuntos mapudungun e mochika

| | MAPUDUNGUN | MOCHIKA |
|--------------------|---------------------------------------|---|
| ânus/fezes | por ‘fezes’ | pot ‘ânus’ |
| arara | tʃanki | tʃarke |
| argila | ray | rak ‘tipo de argila’ |
| assar | kue-n | koi |
| barriga | piʃsa | poʃan |
| batata doce | poʃni | opən/apene/openo |
| broto | tʃoji | tʃaja |
| cacique/viril | alka ‘viril/macho’ | alək ‘cacique’ |
| caranguejo/camarão | θawʎu ‘camarão’ | φaʎu ‘caranguejo’ |
| caracol/mexilhão | θoʎum ‘mexilhão’ | φoʎʎu ‘caracol’ |
| caranguejo/aranha | ʎaʎin ‘aranha’ | ʎaʎʎankaj ‘caranguejo’ |
| carne | ilo | ir- ‘carne humana’ |
| teto/casa | taʃu ‘casa’ | tsap/tʃap ‘teto’ |
| chácara/campo | wefʃi-mapu ‘campo’ (MPD mapu ‘terra’) | wis/wiʃ ‘chácara’ |
| chicha/ácido | kotʃi ‘ácido’ | koʃsu ‘chicha’ |
| cinza | aʃʎelpɛɲ | oʃʎap/oʃʎop |
| concha | tʃaka ‘marisco’ | ʃaku ‘concha’ |
| dois | epu | aput/apud |
| escorpião | tʃekanke | tʃekerketen |
| espírito | am | amalai |
| farinha | mirke | jemerke ‘farinha/milho moído’ |
| fio | wil | pewil |
| fogo/chama | liʃ ‘chama’ | uʃ ‘fogo’ (cf.tb.: ʃuβ ‘quente’) |
| frio | kotʃi | kontʃika |
| frio | uʃɛn | tʃsan |
| grande | ʃitʃa-n | u:ts/uʃso |
| grávida | nie-kopi; kopi ‘bebê ou mãe do bebê’ | kuʎn/kuʎnan |
| homem/marido | piʃnom ‘marido’ | ʃam ‘homem/marido’ |
| homem/macho | lankan ‘homem’ ³⁹³ | nanku ‘macho’ |
| iguana | malu | mur |
| ir | amuaʃu/amuaʃn ‘vamos!’ | amotʃ/amoʃ ‘vamos!’ |
| jangada | nontuwe | tup |
| javali | ʃaʃwe | ʃaβan |
| levar/trazer | meta-n ‘segurar/levar nos braços’ | met ‘trazer’ |
| língua | θuʃu | tuk |
| lobo-marinho | lame | tʃami |
| luz | lam ‘luz’ | i:ʃi <u>lem</u> ‘luar’ (MCK i:ʃi ‘Lua’) |
| manhã/madrugada | winma-n ‘amanhecer’ | unam ‘madrugada’ |

³⁹³ Valdivia *apud* Erize 1960:213.

TABELA 208. Paralelos lexicais entre os conjuntos mapudungun e mochika

| | MAPUDUNGUN | MOCHIKA |
|------------------|--|--|
| morrer | la-n | ləm |
| mulher/vulva | metʃi ³⁹⁴ ‘vulva’ | metʃenko/metʃerke ‘mulher’ |
| nádega/fezes | ɲetʃin ‘fezes’ | ɲitʃin ‘nádega’ (cf. tb.: MCK ɲeted ‘defecar’) |
| não | muɣ ³⁹⁵ | amos |
| nariz/bico | wiɲ ‘bico/boca’ | ʔon ‘nariz’ |
| noite/sombra | puɲ ‘noite’ | puɲ ‘sombra’ |
| nublado/fumaça | puʃso ‘fumaça’ | utso ‘nublado’ (cf. tb.: MCK uʃts/uz ‘nuvem’) |
| oeste | ɲul | kul |
| olho/vista | utʃin ‘vista’ | ʔotʃe ‘olho’ |
| ovo/cérebro | muʎu ‘cérebro’ | muʎu ‘ovo’ |
| pássaro | ɲnim | ɲap/ɲan |
| pato/pomba | θiʎo ‘pomba’ | ʔeʎu ‘pato’ |
| pedra | panko | ponɟ; pongo ‘pétreo’ |
| pena/plumagem | perkiɲ ‘plumagem’ | per ‘pena’ |
| perto de | ʎeki | lekiʃ |
| pimenta | tʃapi | usap/usep ‘pimenta verde’ ³⁹⁶ |
| piolhos/lêndea | itʃen ‘lêndea’ | u:ts ‘piolho pequeno’ |
| que | ɲnej | ɲnen |
| que/o que | tʃem | itʃ; itʃim poʃ ‘o que vende?’ (MCK poʃ ‘vender’) |
| rato | lauʃa | rəuʃ |
| recipiente | meɲku ‘pote para chicha’, menkue ‘cântaro’ | manik ‘recipiente’; man- ‘beber’ |
| rio | ʎew | leɲ |
| rosto/chefe | toki ‘chefe’ | tok ‘rosto’ |
| sal preto/amargo | ure, furen ‘amargo’ | urek ‘sal negro’ |
| sangue/vermelho | rikol ‘sangue de animal’; koli ‘vermelho’ | kuʃ ‘sangue/vermelho’ |
| milho/semeste | tʃar ‘semeste’ | dser/tser ‘milho verde’ |
| testa | ʔoʃ | soʃ |
| vagina/buraco | kata ‘buraco’ (MPD koθen ‘virilha’) | katən/katenik ‘vagina’ |
| veado | tʃuli/tʃuli | tʃuʃ |
| vento | kiʃiʔ | kuz/kuʃts |

Díaz Fernández (*op.cit.*:198) havia sugerido a possibilidade de que os mochika teriam se expandido até a vizinhança do domínio dos ancestrais dos mapuche. Estudos arqueológicos realmente apontam uma clara influência das sociedades da costa norte peruana (moche e chimu)

³⁹⁴ Erize 1960:548.

³⁹⁵ Erize 1960:270.

³⁹⁶ Brüning 2004:76.

nas culturas locais da costa sul peruana durante seus períodos expansivos (Proulx 1994, Shimada 2000, Shimada & Craig 2013). Como os moche e os chimu floresceram na mesma região conhecida durante a época colonial como território mochika, é plausível que uma das línguas veiculares utilizadas por aquelas civilizações tenha sido uma variedade arcaica do mochika. Por outro lado, os proto-proto-mapuche podem ter sido um dos grupos etnolinguísticos que habitava a costa sul peruana no referido período, sendo factível, neste sentido, que eles tenham estabelecido relações de comércio com aquelas sociedades imperiais, uma explicação que se encaixa perfeitamente com a hipótese levantada por Diaz Fernandez (*op.cit.*).

4.2.2.15.3. Mapudungun e uru-chipaya

Não há na literatura estudos sobre contatos entre os ancestrais dos mapuche e dos uru-chipaya. As semelhanças apontadas na TABELA 209 podem ser mais indícios de que os ancestrais dos mapuche teriam participado da esfera de interação Circum-Titicaca durante a pré-história.

TABELA 209. Paralelos lexicais entre os conjuntos mapudungun e uru-chipaya

| | MAPUDUNGUN | URU-CHIPAYA |
|-----------|------------|---------------------------------------|
| água | dawə́ɫ | CPY tuwi |
| barro | pele | CPY p ^h ila |
| céu/noite | wenu | CPY wen |
| cinzas | ʧsuɸken | CPY kxup |
| claro | liɣ | CPY ɫixpi |
| corvo | ɫejɫejken | CPY ʃlaxʃlax |
| filha | ɲawe | CPY nawani |
| gaivota | ʧsegil | CPY ʧʃaku |
| lagarto | fiɫkuxɲ | CPY p ^h ixʃqa, UCM piʃkuno |
| montanha | kura | CPY kuru |
| raio | ɫiɸke | CPY ɫiwɫiwɫixpi |
| rapaz | pitʃi | CPY piʃu |
| raposa | ɲiri | CPY qiti, UCM keti |
| tia | paɫu | CPY ipala, UCM iplo |
| vento | kiriɸ | CPY kera |

4.2.2.16. Moseten-tsimane

Foram detectados extratos léxicos compartilhados por populações moseten-tsimane e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- pano-takana → §4.2.1.7.1.3
- uru-chipaya → §4.2.2.16.1
- yurakare → §4.2.2.16.2

4.2.2.16.1. Moseten-tsimane e uru-chipaya

Fabre (1995:62) detectou alguns paralelos lexicais entre línguas uru-chipaya e moseten-tsimane. O presente estudo detectou empréstimos adicionais, dando suporte à hipótese daquele autor de que os ancestrais dos falantes das referidas línguas teriam participado de uma esfera de interação durante a pré-história (TABELA 210). É plausível que estas relações tenham se estabelecido durante o período pré-incaico, antes da expansão dos ancestrais dos aymara para a bacia do Titicaca. Conclui-se, deste modo, que os proto-proto-moseten-tsimane participaram da esfera de interação Circum-Titicaca, muito embora fossem provavelmente oriundos das terras baixas.

TABELA 210. Paralelos lexicais entre os conjuntos moseten-tsimane e uru-chipaya

| | MOSETEN-TSIMANE | URU-CHIPAYA |
|--------------------------|--|--|
| 2.s | PMTS *mi | PUCP *amis |
| águia | PMTS *ho? | PUCP *χo |
| barriga/entranhas | TSM p ^h utʃi ‘entranhas’ | CPY p ^h utʃ |
| barro | PMTS *bohka? | CPY boki |
| carne | MST ʃiʃ, TSM ʃuʃ | tʃ ^h iʃwi |
| fogo | TSM uih ‘fogo/tocha’ | CPY ux, UCM uxi |
| fogo/calor | PMTS *ts ^h ih ‘fogo’ | CPY si: ‘calor’, UCM si: ‘luz do sol’ |
| gafanhoto | PMTS *ʃo:ko? | CPY ʃoko |
| gente/homem | TSM soɲi?/son?, MST soɲi? ‘homem’ | PUCP *ʃoɲi ‘gente’ > CPY ʃ ^h oɲi, UCM ʃoɲi/soni |
| lagarto/jacaré | TSM mihmama, MST mimihmama ‘jacaré’ | CPY mixmama ‘lagarto’ |
| milho | TSM tara | PUCP *tara |
| olho/ovo | TSM βeh/βetʃe?ne? ‘olho’ | CPY ʃiɲi, UCM tsini ‘ovo’ |
| orelha | TSM tʃ ^h un, MST tʃ ^h in | CPY k ^h uɲi |

TABELA 210. Paralelos lexicais entre os conjuntos moseten-tsimane e uru-chipaya

| | MOSETEN-TSIMANE | URU-CHIPAYA |
|-----------------------------|-----------------------------|--|
| raposa/porco-do-mato | PMTS *kiti? ‘porco-do-mato’ | CPY qiti, UCM keti ‘raposa’ |
| Sol | TSM tsun, MST tsin | CPY t ^h uji, UCM tupi |
| três | PMTS *t ^h ibin | CPY t ^h ep, UCM t ^h ep |

4.2.2.16.2. Moseten-tsimane e yurakare

Não há na literatura estudos sobre contatos entre os ancestrais dos moseten-tsimane e dos yurakare. As semelhanças apontadas na TABELA 211 representam evidências de que as referidas populações teriam participado de uma esfera de interação durante a pré-história.

TABELA 211. Paralelos lexicais entre os conjuntos moseten-tsimane e yurakare

| | MOSETEN-TSIMANE | YURAKARE |
|---------------------|--|---------------------|
| água/molhado | MST sama? ‘molhado’, TMN sama?-he? ‘molhar’ | sam:a ‘água’ |
| amendoim | MST d ^h aba?, TMN daba? | seb:e |
| beber | MST t ^h e-k, TMN t ^h eih | ent ^h ei |
| casa | TMN jipa ‘casa do pajé’ | sibe |
| homem | TSM soji?/son?, MST soji? ‘homem’ | junpe |
| lax | PTMN *so:n ‘árvore’ | soma |
| língua | PTMN *nem | ērume |
| mandioca | TMN t ^h owo? ‘mandioca dura’ | ɲow:o |
| manhã/dia | PTMN *nohno ‘manhã’ | læhlæ ‘dia’ |
| NEG | MST its- ‘não ser’ | niʃ- |
| olho/ver | TMN beh, MST weh ‘olho’ | bæh-ta/bæh-ma ‘ver’ |
| penis | MST d ^h i?, TMN d ^h u? | ul:iw |
| pimenta | PTMN *i:noh | wi:nu |
| raia | MST isini?, TMN isinu? | isuna |
| tabaco | PTMN *kos | kor:e |
| tamandua | TMN t ^h u?fus | aʃuʃu |
| taquara | TMN ton? | topo |

4.2.2.17. Mura-matanawi

Foram detectados extratos léxicos compartilhados por populações mura-matanawi e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- arawa

→ §4.2.2.2.5

- harakmbet-katukina (katukina-katawixi) → §4.2.1.3.2.3
- kwaza → §4.2.2.17.1
- macro-arawak (arawak) → §4.2.1.4.1.17
- macro-jê (jeoromitxi) → §4.2.1.5.2.3
- taruma → §4.2.2.17.2
- tupi → §4.2.1.9.8

4.2.2.17.1. Mura-matanawi e kwaza

Não há na literatura estudos sobre contatos entre os ancestrais dos mura-matanawi e dos kwaza. As semelhanças apontadas na TABELA 212 podem ser indícios de que as referidas populações teriam participado simultaneamente da esfera de interação da Amazônia Central durante a pré-história.

TABELA 212. Paralelos lexicais entre os conjuntos mura-matanawi e kwaza

| | MURA-MATANAWI | KWAZA |
|----------------|--------------------------------|---------------|
| 1.s | PRH tji | si |
| 3.s | PRH hi '3.S.M'; PRH ?i '3.S.F' | ĩ |
| árvore/madeira | PRH ?ii, MTN i 'árvore' | hi 'madeira' |
| bom | MRA baese/maaise | wai- |
| canoa | PRH arūái, MTN izu | eroha |
| falar/boca | PRH gai 'falar' | ekāi 'boca' |
| morcego | PRH hoahoi | hoi |
| olho/cabeça | PRH kosi, MRA kose 'olho' | kuti 'cabeça' |
| olho/semente | PRH ko | ko 'semente' |

4.2.2.17.2. Mura-matanawi e taruma

Não há na literatura estudos sobre contatos entre os ancestrais dos mura-matanawi e dos taruma. As semelhanças apontadas na TABELA 213 são indícios relevantes de que as referidas populações teriam participado simultaneamente da esfera de interação da Amazônia Central durante a pré-história.

TABELA 213. Paralelos lexicais entre os conjuntos mura-matanawi e taruma

| | MURA-MATANAWI | TARUMA |
|--------------------------|---|------------------------|
| algodão/fio | PRH ijā ‘fio’ | siɕa ‘algodão’ |
| arara | PRH kā | aka |
| árvore/lenha | MTN ua ‘lenha’ | ua ‘árvore’ |
| caititu | PRH bai, MTN mā | baʔe |
| carne | PRH ʔigihii | ēhē |
| cobra | PRH paóhóáhai | bahū |
| comer | PRH koho | ko |
| cotovelo | PRH apitʃuwe | patʃuri |
| cutia | PRH ati | te |
| dente | PRH ato | aso |
| estrela | MTN wiji | wire |
| floresta/montanha | PRH ʔooi; MRA uwe ‘floresta’ | uwai ‘montanha’ |
| fogo | PRH wai; MRA hūai, MTN ua | ɕʷa/hʷa |
| madeira/árvore | PRH boaii ‘madeira’ (cf. tb.: PRH wai ‘fogo’) | ua ‘árvore’ |
| mama/peito | MRA iwe ‘peito’ | iwa/ewa ‘mama’ |
| mandioca/beiju | MRA tʃihue ‘mandioca’ | tʃuʔē ‘beiju’ |
| matar | PRH bahai | bahe |
| nuvem/fumaça | PRH hoaʔai ‘nuvem’; MRA huaai ‘fumaça’ | uoa ‘fumaça’ |
| olho/testa | MRA itʃi ‘testa’ | atʃi ‘olho’ |
| osso | PRH aai | aitʃu |
| pé | MRA apai | apa |
| raiz comestível | MTN apito ‘cará’; PRH aufui/aohui ‘mandioca’ | aɕi/aɕʷi ‘batata-doce’ |
| raposa | PRH kagi | koke |
| tartaruga | PRH kahīri | ɕʒini |
| veneno/timbó | MTN kuima ‘timbó’ | kʷima ‘veneno’ |
| vermelho | PRH biisi | hixi-/itsi |

4.2.2.18. Nambikwara

Foram detectados extratos léxicos compartilhados por populações nambikwara e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- aikanã → §4.2.2.18.1
- irançe → §4.2.2.18.2
- itonama → §4.2.2.18.3
- kanoe → §4.2.2.18.4

- karib → §4.2.2.12.3
- kwaza → §4.2.2.18.5
- macro-arawak (arawak) → §4.2.1.4.1.18
- macro-jê (bororo) → §4.2.1.5.1.4
- peba-yagua → §4.2.2.18.6

4.2.2.18.1. Nambikwara e aikanã

Price (1978:31-32) alegou ter encontrado uma alta taxa de ‘cognatos’ lexicais entre o aikanã e línguas da família nambikwara e aferiu, inclusive, a possibilidade destes conjuntos estarem geneticamente relacionados. Este autor, entretanto, não publicou nenhum paralelo lexical para subsidiar tal alegação. Van der Voort (2005), por outro lado, observou raras semelhanças envolvendo os referidos conjuntos. Os resultados da presente pesquisa, de fato, contrariam a hipótese de Price (*op.cit.*) e revelam um número bastante reduzido de possíveis empréstimos (TABELA 214).

TABELA 214. Paralelos lexicais entre os conjuntos nambikwara e aikanã

| | NAMBIKWARA | AIKANÃ |
|-------------------------|---|-------------------------|
| anta | PNBK *hxlũ:m | arxme |
| cinza/pó/farinha | PNBK *Cɣnõn > MMD ?anũn ‘cinza’; MMD -nu, SBN inun ‘pó’ | -nun ‘pó’; nu ‘farinha’ |
| fígado | PNBK *pʔil | iri |
| osso | PNBK *soh > KTL suh | zu |
| ouvir/orelha | PNBK *?na ‘orelha’ | anapa ‘ouvir’ |
| ovo/semente | PNBK *nau ‘ovo’ | zãu ‘semente’ |
| perna | PNBK *næik > SBN nai | nai |
| ver | PNBK *ẽ:p | apa |

4.2.2.18.2. Nambikwara e irançe

Não há na literatura estudos sobre contatos entre os ancestrais dos nambikwara e dos irançe. A TABELA 215 contém algumas evidências de que as referidas populações teriam participado de uma esfera de interação durante a pré-história, provavelmente na bacia do Tapajós.

TABELA 215. Paralelos lexicais entre os conjuntos nambikwara e iranche

| | NAMBIKWARA | IRANCHE |
|-----------------|--|-----------------|
| algodão/amarrar | PNBK *kōn ‘algodão’ | ?kūna ‘amarrar’ |
| arco | PNBK *pok ⁷ | bo?ku/poku |
| boca | PNBK *jou: > KTL j ⁷ o, KTL ju, MMD ju: | ja?a |
| criança | PNBK *mōits > SBN mais | maajta ‘filho’ |
| homem | PNBK *ent ⁷ > SBN ati? | atina |
| jacaré | SBN towakali | tiwakari |
| mão | SBN apipa | mīmā |
| milho | PNBK *kajāt | ku?rato |
| nariz | PNBK *ami:ts | kāmi(hī) |
| ombro | MMD tapan, LTD tapawn | tapan |
| onça | PNBK *janāl | jūnari |
| orelha/ouvir | PNBK *?na | ?āna ‘ouvir’ |
| pai | PNBK *wāi | majā |
| perna | PNBK *nəik | ?inā/inākita |
| queimar | PNBK *t ^h əp | itapa |

4.2.2.18.3. Nambikwara e itonama

Não há na literatura estudos sobre contatos entre os ancestrais dos nambikwara e dos itonama. A TABELA 216 contém algumas evidências de que as referidas populações teriam participado de uma esfera de interação durante a pré-história, provavelmente na bacia do Guaporé.

TABELA 216. Paralelos lexicais entre os conjuntos nambikwara e itonama

| | NAMBIKWARA | ITONAMA |
|-----------------|--------------------------|---------------------------------|
| abutre | KTL walus ⁷ u | ITN waru?susu |
| aldeia/clareira | MMD naw ‘CLS.clareira’ | ITN u-nau ‘aldeia’ |
| árvore | PNBK *hapi:ts | ITN abite |
| asa | PNBK *n?əiC | ITN anu?e |
| barriga | SBN amola, mul | ITN bunu |
| bom | PNBK *məuli | ITN uhmala |
| criança | PNBK *mōits | ITN ahmaj-?je |
| cupim | MMD walan | ITN ulala |
| falar | PNBK *sil | ITN o-sine |
| luz/Sol | MMD pasā ‘luz’ | ITN wapatf ⁷ a ‘Sol’ |
| papagaio | SBN kela | ITN ok ⁷ ere |
| pedra | PNBK *t?apal | ITN u-pala |

TABELA 216. Paralelos lexicais entre os conjuntos nambikwara e itonama

| | NAMBIKWARA | ITONAMA |
|------------------|--------------------|--------------|
| sentar-se | PNBK *jau: | ITN tʃaʔu- |
| um | PNBK *kana:ka(nat) | ITN u-kʔaʔne |
| ver | PNBK *ē:p | ITN tʃebe- |

4.2.2.18.4. Nambikwara e kanoe

Price (1978:31-32) alegou ter encontrado uma alta taxa de ‘cognatos’ lexicais entre o kanoe e línguas da família nambikwara e aferiu, inclusive, a possibilidade destes conjuntos estarem geneticamente relacionados. Este autor, entretanto, não publicou nenhum paralelo lexical para subsidiar tal alegação e ele mesmo, numa publicação posterior (Price 1985:312), contestou tal possibilidade. Van der Voort (2005), por outro lado, observou raríssimas semelhanças envolvendo os referidos conjuntos. Os resultados da presente pesquisa, de fato, contrariam a hipótese de Price (*op.cit.*) e revelam um número bastante reduzido de possíveis empréstimos (TABELA 217).

TABELA 217. Paralelos lexicais entre os conjuntos nambikwara e kanoe

| | NAMBIKWARA | KANOE |
|----------------------|--|----------------|
| boca | PNBK *jou: >KTL jʔo, KTL ju, MMD ju: (cf. tb.: PNBK *jain ‘comer’) | ja |
| caminho/terra | PNBK *hatēp ‘caminho’ | tepi ‘terra’ |
| fígado | PNBK *pʔil > SBN ili | iri |
| filha | MMD kanj̄nʔ, KTL kanel̄ | kani |
| macaco | SBN ila | iri |
| mama | PNBK *nūnk (cf. tb.: SBN inun ‘leite’) | nū |
| milho/farinha | PNBK *kajāt ‘milho’ | kaʃa ‘farinha’ |
| olho | PNBK *eika | ikōi |
| semente | PNBK *ki | ko |

4.2.2.18.5. Nambikwara e kwaza

Van der Voort (2005) observou algumas semelhanças lexicais entre línguas da família nambikwara e o kwaza. A presente pesquisa encontrou mais evidências de que os ancestrais dos falantes das referidas línguas teriam participado de uma esfera de interação na bacia do Guaporé desde a pré-história (TABELA 218).

TABELA 218. Paralelos lexicais entre os conjuntos nambikwara e kwaza

| | NAMBIKWARA | KWAZA |
|---------------------------------|---|-------------------------------------|
| l.s | PNBK *t ² a-il; *t ² a- | KWZ -dadajhi/-dai/-da < PKWZ *-da-i |
| aldeia/lugar | MMD/KTL halo ‘terra/lugar’ | aru ‘aldeia’ |
| anaconda | LTD tehtah | deda |
| anta | PNBK *hxlū:m | ārūi |
| bom | KTL wi | wai |
| cabelo | PNBK *īts > SBN isi | eji |
| CLS.casca | LTD -kaloh, KTL -kalo | -kalo |
| comer | PNBK *jain | ja |
| comer | SBN ilul | iluja |
| dar | PNBK *ō: > MMD ū:, KTL ū | hu |
| dormir | PNBK *hamū ² ni | umūi |
| fígado | PNBK *pʔijl | eri |
| flecha | PNBK *hau:tʔ | houtswe, hourje |
| floresta | PNBK *tsa ² wəin | ērjāwā |
| folha | PNBK *hatseih > SBN ha:si | hesixe |
| fumaça/nuvem | SBN wī:n ‘fumaça’ | awenū ‘nuvem’ |
| homem | PNBK *entʔ, SBN atiʔ | rati |
| lavar | PNBK *han | ha- |
| lugar | PNBK *haloh ‘lugar/floresta’ | aru |
| madeira | PNBK *pi:ts > KTL his, MMD hi | hi ‘madeira/fogo’ |
| milho/raiz³⁹⁷ | PNBK *kajāt ‘milho’ | kājā ‘raiz’ |
| mulher | PNBK *(ha)tʔeh > SBN hatetə | etai |
| osso | PNBK *soh > KTL suh; KTL/SBN -su ‘CLS.osso’ | tsu; -su ‘CLS.osso’ |
| pássaro | SBN awtah | owtore |
| pé | PNBK *juk ² | djo |
| peneira | SBN manalə | manari |
| semente | PNBK *ki | ko |
| tatu | SBN kapajla, LTD kownpajt, MMD kopait-, kapaish- | kapaire |
| terra/CLS.pó | PNBK *nu ‘terra’; LTD/MMD -nū, SBN -inun ‘CLS.pó’ | nū ‘terra’; -nū ‘CLS.pó’ |
| um | PNBK *kana:ka- > LTD kanah | -hana- |
| vermelho | LTD/MMD wawn | wew |

³⁹⁷ A interseção dos campos semânticos ‘milho’ e ‘raiz’ estaria culturalmente no provável uso destes alimentos como ‘farinha’ (cf. tb.: KNE kapa ‘farinha’).

4.2.2.18.6. Nambikwara e peba-yagua

Não há na literatura estudos sobre contatos entre os ancestrais dos nambikwara e dos peba-yagua. A TABELA 219 apresenta alguns indícios relevantes de que nas suas línguas há um *stratum* lexical em comum. Em vista disto, é possível supor que as referidas populações teriam partilhado de um mesmo território durante um período arcaico da pré-história, provavelmente na bacia do Alto Amazonas.

TABELA 219. Paralelos lexicais entre os conjuntos nambikwara e peba-yagua

| | NAMBIKWARA | PEBA-YAGUA |
|------------------------|---|--|
| 1.s | PNBK *t ² ail | PPBY *rai |
| 1.D/1.I/2 | LTD wi '1.D'; PNBK *w ² ain '2' | PPBY *wūi '1.I' > YME wi |
| 3.s | SBN/KTL a- | PPBY *sa- |
| anta | PNBK *hvlū:m | YGU hūnūŋa |
| barriga | SBN mu:l | PPBY *mu > PBA mu, YGU wimu/wumu |
| braço | LTD nū?, KTL n ² ūk, MMD nūki | YGU nuŋā, YME ū |
| cabeça | PNBK *naik > KTL na, KTL ne, SBN anasi | PBA rai-, YME na(-to) (cf.: YME nan-se 'cabelo', YME -se 'pelo') |
| caminho/terra | PNBK *nu 'terra' | PPBY *nu 'caminho' |
| comer | PNBK *wī (cf. tb.: PNBK *ī:m 'morder') | PPBY *mi > YME me, YGU himii |
| corda | PNBK *nu | YME nanu |
| criança/pequeno | PNBK *māits 'criança' | YGU pasi 'pequeno' |
| dia/sol | PNBK *lānti 'dia' | YME natə(ra) 'sol' |
| DIR/BEN/dar | PNBK *ō: > MMD ū:, KTL ū 'dar' | PPBY *-hū 'DIR/BEN' |
| erva/flor | PNBK *sit > MMD sis 'grama/erva' | PPBY *sisa 'planta cultivada/flor' ³⁹⁸ |
| fogo/madeira | KTL his, MMD hi | YGU hi- 'fogo'; YGU hi-dai 'fogo de cozinhar' (YGU -dai 'CLS.panela'), YGU hi-pu 'lenha' (YGU -puu 'CLS.pau/cilíndrico') |
| folha/cabelo | PNBK *hatseih > SBN ha:si 'folha' | PPBY *-hasai 'cabelo' > YGU -hasii, PBA -sai, YME -(ha)se |
| homem/pessoa | PNBK *ent ² , SBN ati? | YME atin/ate 'pessoa' |
| EXORT/IMP | LTD -h ² a 'EXORT' | YGU -a 'IMP' |
| ir | PNBK *h ² ai > KTL/MMD ?ai | YME aja, YGU hija |
| mulher | PNBK *(h)at ² eh > MMD/LTD t ² eh, KTL t ² uh, SBN (h)atetəp | PPBY *watV-ra > YGU watu-ra, PBA wato-(a) |
| NEG | PNBK *-n ² a > MMD -(n)a?, SBN -mina 'NEG', KTL -n ² a 'NEG.1' | YGU -na, YME -la |
| o que? | MMD nato?/nani, LTD ātot; SBN nat, KTL ĩhn ² ets ² ā 'como?' | YGU nuŋ ² u-, YME nit-/nen/neinto |
| osso | PNBK *soh > KTL suh; KTL/SBN -su 'CLS.osso' | YGU -du |
| pai | PNBK *wāi | YGU hāi, YME āe |

³⁹⁸ O termo PPBY *sisa 'planta cultivada/flor' é um empréstimo do PKC *sisa 'flor/florecer'.

TABELA 219. Paralelos lexicais entre os conjuntos nambikwara e peba-yagua

| | NAMBIKWARA | PEBA-YAGUA |
|----------------------|---------------------------|------------------------|
| quente | PNBK *mān > KTL wān | YGU wanō |
| rio/molhar-se | PNBK *-pəl > pa:l ‘rio’ | YGU paru-i ‘molhar-se’ |
| semente | PNBK *ki > KTL ki, SBN ʔi | YGU -sij |
| vento | PNBK *ʔit | YGU ritʃo |

4.2.2.19. Peba-yagua

Foram detectados extratos léxicos compartilhados por populações peba-yagua e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- kwaza → §4.2.2.19.1
- nambikwara → §4.2.2.18.6
- zaparo → §4.2.2.19.2

4.2.2.19.1. Peba-yagua e kwaza

Não há na literatura estudos sobre contatos entre os ancestrais dos peba-yagua e dos kwaza. A TABELA 220 apresenta alguns indícios relevantes de que nas suas línguas há um *stratum* lexical em comum. Em vista disto, é possível supor que as referidas populações teriam partilhado de um mesmo território durante um período arcaico da pré-história, provavelmente na bacia do Alto Amazonas.

TABELA 220. Paralelos lexicais entre os conjuntos peba-yagua e kwaza

| | PEBA-YAGUA | KWAZA |
|----------------------|--|------------------------------|
| 1.s | PPBY *rai | -dadai/-dai/-da < PKWZ *-dai |
| 2.s | PPBY *hii | fji < PKWZ *hii |
| 3.s | PPBY *nii | ĩ |
| água | YGU hãã, YME ʔã | hã |
| aranha | YGU tit'ũ, YGU tutit'ũ; YME itetəu | ditii, ditiito |
| BEN/DIR/DAT | YGU -uwa, YME -wa ‘DAT’ | -wã ‘BEN/DIR’ |
| cabeça | PPBY *hũto | kuti |
| cabelo | PPBY *-hasai > YGU -hasii, PBA -sai, YME -(ha)se | efji |
| caminho/terra | PPBY *nu ‘caminho’ | nũ ‘terra’ |

TABELA 220. Paralelos lexicais entre os conjuntos peba-yagua e kwaza

| | PEBA-YAGUA | KWAZA |
|---------------------|--|----------------|
| céu | YGU nāwai | hānāwā |
| DIR/BEN/dar | PPBY *-hū ‘DIR/BEN’ | hu ‘dar’ |
| fogo/madeira | YGU hi- ‘fogo’; YGU hi-dai ‘fogo de cozinhar’ (YGU -dai ‘CLS.panela’), YGU hi-pu ‘lenha’ (YGU -puu ‘CLS.pau/cilíndrico’) | hi |
| homem/pessoa | YME atin/ate ‘pessoa’ | rati |
| IMP | YGU -a ‘IMP’ | -ra ‘IMP’ |
| lábio/falar | YGU hūta-i ‘falar’ | hudada ‘lábio’ |
| machado | YGU hase | ale |
| morrer | YGU di; YME ile ‘morto’ | isi |
| osso | YGU -du | tsu |
| rio | YGU -mū | mū |
| veneno | YGU ditā; YGU ditara ‘venenoso’ | deda-nū |
| vir | YGU hūni-i | onī |

4.2.2.19.2. Peba-yagua e zaparo

A partir da constatação de que línguas das famílias zaparo e yagua contêm dois morfemas idênticos nos seus aspectos formais e funcionais (um comitativo/instrumental e outro transitivizador) e compartilham alguns termos lexicais, Payne (2005) chegou a propor uma origem comum para as referidas famílias. Entretanto, o próprio autor alegou que a falta de cognatos lexicais representava o maior empecilho para a validação desta hipótese. De fato não há, inclusive, semelhanças no sistema pronominal, de modo que a explicação mais provável é que os ancestrais destas populações tenham mantido estreitas relações durante a pré-história, envolvendo miscigenação, numa esfera de interação centrada na vertente esquerda da bacia do Alto Amazonas (TABELA 221).

TABELA 221. Paralelos lexicais entre os conjuntos peba-yagua e zaparo

| | PEBA-YAGUA | ZAPARO |
|----------------|------------------------------|--|
| beber | YGU hatu, YME rato | PZPR *raatu > ARB/ZPR ratunu, ADA rato, ARO ratu |
| caminho | PPBY *nu | ZPR nu, ARB nuu |
| canoa | PPBY *(hu)minii > YGU hūmuṣu | IKT iimina, KWR imina? |
| chicha | YGU variha | ZPR amarihja |
| chuva | YGU rumara | PZPR *umaru > ZPR/ADA umaru, ARB maru |
| cobra | YGU kodi | IKT/KWR kuni |
| COM/INSTR | PPBY *-ta | ARB/ADA -ta |

TABELA 221. Paralelos lexicais entre os conjuntos peba-yagua e zaparo

| | PEBA-YAGUA | ZAPARO |
|---------------------|--------------------------------------|--|
| DEL | YGU -sij | ZPR -hija |
| estrela | YGU naritʃij, PBA larse, YME klareʃi | ZPR narikia |
| fígado | YGU hūwatu/hwatu | ARB kuwaaha, ARB kowa, IKT kuhuaaha, ZPR kawaha |
| filha | YGU neetu | ZPR/ARB nijatu, IKT nijiti |
| filho | YGU neenu | ZPR/ARB nijanu, IKT nijini |
| folha | YGU nawī, PBA nemei | IKT/KWR naami, ADA naame |
| frio | YGU siinora | ARB ʃiniitia, ARB siini, ADA sina |
| fugir | YGU maasij | ADA/ARB masi, ZPR masinu, IKT masiini |
| FUT | YGU -hadjij | ARB -tanija |
| INSTR | PPBY *-ta | ZPR -ta |
| língua | YGU datʃij, YME leʔʃi | PZPR *niti > IKT niiti, KWR naati, ARB/ADA niti |
| lontra | YGU hanaj | IKT kanasi, KWR kanaʃi, ZPR anasuihja |
| Lua | YGU harimjunī | KWR ahariʔ |
| luz/iluminar | YGU nōnō ‘luz’ | ARB nunu-h ^w a; IKT nuu-ʃi ‘iluminar’ |
| macaco | YGU kan:a | IKT hakaana |
| macaco | YGU nuko | IKT siruku |
| machado | YGU hase | ARB/KWR/ADA kahi |
| mama/seio | YGU hitjā-di | ARB kitia; ZPR kit’aha |
| marido | YME leja | ARB nejaka, ARB/KWR nijaka, IKT nijaaka |
| matar | YGU munu | IKT amuuni; ARB monu, ZPR amunu |
| montanha | YGU musi/musiki | IKT imuki ‘costas’ |
| mosquito | YGU datʃi | PZPR *anaasu > ZPR anaasu, IKT anaasi, KWR anaʃi |
| nariz | YME naʔra | ARB nahakwa, ZPR nahuka |
| novo | YGU samirja | IKT saamina, ZPR tsamika |
| olho | YGU h(ū)nūtyā, PBA nimichi | PZPR *namiha |
| ombro | YGU numutō, YME nemata | ARB numuee |
| ouvir/orelha | PPBY *tuwāj ‘orelha’ > YGU tuwāʃu | PZPR *tawhi ‘ouvir’ > IKT tuwaasiini |
| pajé | YGU rimjura | ARB ʃimiaku, ZPR siimana, KWR ʃimanu |
| papagaio | PPBY *hapa | ARB napa, IKT/ADA anapa |
| pedra | YGU ʃawitʃū, YME ruwiʃu | ARB saahia, IKT sahuija, KWR saowiha |
| pena | YGU -hasij | PZPR *kahasu > ARB kahasu, IKT kahasi |
| rede | YGU hnij | IKT iniisi, KWR hiniti |
| rio | YGU -mū | ARB mo(o) |
| tatu | YGU mudatu | PZPR *mura |
| TRANS | PPBY *-ta | ARB/ADA -ta |
| tucano | YGU sijo | IKT siaaru, ARB ʃijoki |
| um | YGU tiiki | IKT nukiika; ARB niki- |
| ver/olho | YGU niisij ‘olho’ | PZPR *niki- ‘ver’ > IKT nikiini, ARB nikiniw |

4.2.2.20. Tallan

Foi detectado um número bastante reduzido de termos compartilhados entre populações tallan e kulle (Torero 1986).

4.2.2.21. Timote-kuika

Foram detectados extratos léxicos compartilhados por populações timote-kuika e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- jirajara → §4.2.2.10.2

4.2.2.22. Tinigua-pamigua

Foram detectados extratos léxicos compartilhados por populações tinigua-pamigua e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- andaki → §4.2.2.22.1

4.2.2.22.1. Tinigua-pamigua e andaki

Não há na literatura estudos sobre contatos entre os ancestrais dos tinigua-pamigua e dos andaki. A TABELA 222 contém alguns indícios de que as referidas populações teriam participado de uma esfera de interação durante a pré-história.

TABELA 222. Paralelos lexicais entre os conjuntos tinigua e andaki

| | TINIGUA | ANDAKI |
|--------------|---------------------------------|---|
| 1.P | hik ^w aʔa | rĩg ^w ak ^w a |
| 1.S | hik ^w a | rĩka |
| 2.P | kaʔk ^w aʔa | rikak ^w a |
| 2.S | kaʔzi- | ka-, ɖi- |
| 3.S | hiʔki | ri:si |
| abóbora | tisi-k ^h i, tisi-tʃi | batii, <batih>, k ^w a-tizi <guatizi> |
| árvore/lenha | kixi 'árvore' | hizi <xizi> 'lenha' |

TABELA 222. Paralelos lexicais entre os conjuntos tinigua e andaki

| | TINIGUA | ANDAKI |
|---------------|---------|---|
| comer | ɕjiʔo | ʧija <chiya> |
| esposa | niʧo | nusük ^w a <nozuqua> |
| homem | piksigá | mitsii <miszihi>; bitsika <biszica> ‘sou homem’ |
| ALAT | -ha | -ra <-ra> |
| P | -ha | -ara <-ara> |
| onça | hiɲa | mihinai <mijinae> |
| veado | xunze | sūtai <sondai, shuntahe> |

4.2.2.23. Tukano

Foram detectados extratos léxicos compartilhados por populações tukano e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- arutani → §4.2.2.23.1
- barbakoa → §4.2.2.3.6
- bora-muinane → §4.2.2.4.3
- choko → §4.2.2.6.4
- duho (saliba-hodi) → §4.2.1.2.1.4
- duho (tikuna-yuri) → §4.2.1.2.2.5
- paez → §4.2.2.23.2
- pano → §4.2.1.7.1.4
- sape → §4.2.2.23.3
- taruma → §4.2.2.23.4
- witoto-okaina → §4.2.2.23.5

4.2.2.23.1. Tukano e arutani

Greenberg (1987) classificou o arutani dentro do seu ‘macro-tukano’. Apesar da grande distância que atualmente separa os arutani dos falantes de línguas tukano, um número razoável de paralelos lexicais foram, de fato, identificados no presente estudo. Entretanto, não há

qualquer possibilidade do arutani ser geneticamente relacionado com a família tukano, tendo em vista que (i) boa parte dos paralelos são termos culturais ou objetos de comércio, (ii) inexistência de sistematicidade nas correspondências fonológicas e (iii) seus sistemas pronominais são totalmente divergentes. As maiores semelhanças se dão principalmente com o tanimuka, o tuyuka e o kubeo, como exemplificado na TABELA 223.

TABELA 223. Paralelos lexicais entre os conjuntos tukano e arutani

| | TUKANO | ARUTANI |
|-------------------------|--|-----------------------------|
| água | PTUK *okko > TAN okoa | ART okõã |
| anta/veado | PTUK *wekkw ‘anta’ | ART waike ‘veado da savana’ |
| avó | PIR/KUB ñeko, TUK jêko; TAN mãçêko ‘sogra’ | ART mãñaka |
| caminho | PTUK *ma | ART a?ma |
| comer | BRA/MKN/TUK/TAN ba | ART pa |
| escorpio | TUK/PIR kutipa, TUY kutiapa | ART kuñipa |
| filho | PIR/WNN/KUB/TUK maku, TUY makũ | ART makuame |
| galinha | WNN/TAN karaka, PIR kadaka | ART kalaka |
| gente/ser humano | PTUK *p?ãtjã ‘gente’ | ART ma?k’a ‘ser humano’ |
| lama/vermelho | PTUK *sõ?a ‘vermelho’ (cf.: WNN di?ta so?ã ‘lama’) | ART sohat |
| mandioca | TAN kia | ART mokia |
| nariz | TAN õbe, KUB ùe | ART k?a/wa |
| olho | TAN jãkoa KRG ñak?oa | ART -kohap |
| pai | PTUK *paku ³⁹⁹ | ART makoa |
| peito | TAT/KRT/BRA kotia, YRT kootia | ART kotsa |
| pele | KUB/BRA kahe-, PIR/TUY/YRT kase- | ART kohẽ |
| pena | TAN/KUB poçã | ART oja/oçã |
| pimenta | PTUK *p?ia | ART wia ⁴⁰⁰ |
| rio | PTUK *tj?ia > KUB hiá; KUB ihija ‘rio Vaupés’ | ART kija |
| tartaruga | PTUK *k?ou, KUB kũ?i-bo | ART kuhab |
| veado | PTUK *jama > TAN jãmaka, KUB jãmako | ART samaka |
| vento | PTKE *wĩno > TAN wĩrõã | ART iroma |

Tais paralelos são um indicativo de que os ancestrais dos arutani podem ter emigrado da região do noroeste amazônico durante a pré-história, onde teriam entrado em contato com diferentes populações falantes de línguas do subgrupo tukano oriental.

³⁹⁹ cf. tb.: PIR/WAN/KUB/TUK maku ‘filho’, TUY makũ ‘id.’.

⁴⁰⁰ Koch-Grünberg 1928:312.

4.2.2.23.2. Tukano e paez

Thiago Chacon (comunicação pessoal) constatou que existem certas semelhanças lexicais entre línguas da família tukano e o paez. As semelhanças detectadas no presente estudo estão reunidas na TABELA a seguir.

TABELA 224. Paralelos lexicais entre os conjuntos tukano e paez

| | TUKANO | PAEZ |
|------------------------|---|------------------------------|
| árvore/floresta | PTUK *t̥ükku 'árvore' > TUK/WNN/TUY/DSN/TAT jukuu | juʔk ^h 'floresta' |
| cabeça/rosto | PTUK **t̥ʔuʔo 'cabeça' | d̥iʔp 'rosto' |
| cipó/corda | PTUK *p̥ʔisi 'cipó' > PTKE *misī | wes 'corda' |
| falar | TUY hĩ, WMH/KRP ĩ | hĩ |
| gente | PTUK *p̥ʔātjā > TUK/KRP/TAT masa | {n}-asa |
| homem/marido | PTUK *imi 'homem' > KRP/TAT mi | {n}-miʔ 'marido' |
| lança | PTKE *besu | weʔt ^h |
| madeira | PTUK *peka > PTKO *heka | eʔk ^h |
| NEG | TAT bēē, WMH bē | -mee |
| pele | WNN kaʔsa, PIR kaʔse, TUK/TUY kase, kbe kahe | k ^h aʔt̥i |
| roça | PTUK *wese > TAT/WMH wehe | eh ⁴⁰¹ |
| semente/olho | WNN japa, YRT/TAN jape, TAT/WMH ape 'semente' | jaʔ 'olho' |
| um | PTKO *teʔe | teetʃ |

4.2.2.23.3. Tukano e sape

Greenberg (1987) classificou o sape dentro do seu 'macro-tukano'. Apesar da grande distância que atualmente separa os sape dos falantes de línguas tukano, alguns paralelos lexicais foram, de fato, identificados no presente estudo (TABELA 225). Entretanto, não há qualquer possibilidade do sape estar geneticamente relacionado à família tukano, pois a quantidade de paralelos observados é muito pequena e, além disto, não há qualquer semelhança entre seus sistemas pronominais. Se vislumbra, neste sentido, a possibilidade de que os ancestrais dos sape seriam oriundos do noroeste amazônico e teriam mantido contatos com falantes de línguas tukano num período relativamente recente, particularmente com ancestrais dos kubo e wanano.

⁴⁰¹ cf. tb.: pae wats

TABELA 225. Paralelos lexicais entre os conjuntos tukano e sape

| | TUKANO | SAPE |
|--------------------|--|-------------------|
| águia | WNN/PIR sehē; TUK sēe | SPE se |
| árvore/fogo | PTUK *tjūkkū ‘árvore’ | SPE ʃoko ‘fogo’ |
| cinza | WNN dūā, TUK/DSN dūhā | SPE ama-dua |
| cobra | PTUK *jākʔi | SPE ge, ke |
| floresta | PTUK *maka > KUB bāka-rō, PIR bākā-roka | SPE amakau |
| homem | WNN būdō; PIR ūbūdō | SPE mī:nō |
| manhã/Sol | WNN jami-tʃaka, TUK jami-aka, PIR nami-apu ‘manhã’ | SPE ɲam/jam ‘Sol’ |
| morcego | PTUK *ojo | SPE jō |
| olho | KUB jako-; TAN/SIO/ORJ jāko- | SPE amku |
| orelha | KUB kabū-; WNN/YRT kabō- | SPE kaūhī |
| pimenta | PTUK *pʔia | SPE piau |

4.2.2.23.4. Tukano e taruma

Embora ainda não haja na literatura estudos sobre contatos entre os ancestrais de populações tukano e dos taruma, o presente estudo detectou evidências importantes de que as referidas populações teriam participado de uma esfera de interação durante a pré-história (TABELA 226).

TABELA 226. Paralelos lexicais entre os conjuntos tukano e taruma

| | TUKANO | TARUMA |
|-----------------------|---|---|
| 3.s | TAN iʔki, ORJ īki | TRM ikija |
| algodão | TUK/WNN/BRS/YRT/TUY juta | TRM wuda |
| anta | PTUK *wekki > ORJ beki | TRM baki |
| árvore/folha | PTUK *tūkki ‘árvore’ > KRT juku | TRM ɕuka ‘folha’ (cf. tb.: TRM ɕuka-nahu ‘madeira’) |
| batata-doce | PTUK *jāpi > tuj/KRT jāpī, KUB japi | TRM afi |
| contar/falar | PTKO *kahi ‘falar’ | TRM tʃokohē ‘contar’ |
| falar | TUY hī, KRT ī | TRM gī |
| floresta | PTUK *maka | TRM bake |
| montanha/selva | PTKO *ai- ‘selva’ | TRM wai |
| língua | PTUK *tʃeme > KRG ɕemepo, SIO zēʔmēnāmī- | TRM njebena |
| mão | WMH/BRA/MKN/BRS ābō | TRM afū |
| matar | KRT pahīā | TRM bahe |
| morrer/morto | KRG hūʔi-, SIO/SEK hūʔī-, ORJ hūī- ‘morrer’ | TRM hwi ‘morto’ |
| mulher | PTUK *tʃōmi- | TRM gumi-tʃi, gumi-tsa |
| pele | TUY/YRT kase-ro, KRT asi-ro | TRM asəku; asiko |
| rio/água | PTUK *tʃia ‘rio’ > KRG ɕja-ɕja, SIO zia-ja | TRM dza/dja ‘água’ |

TABELA 226. Paralelos lexicais entre os conjuntos tukano e taruma

| | TUKANO | TARUMA |
|--------------------|---|------------------------|
| sal/salgado | TUY oka ‘salgado’ | TRM wuka ‘sal’ |
| sentar | TUK/WNN duhi, WMH/BRA/TUY/YRT dui | TRM du?ēhē |
| terra/barro | KRG/ORJ toto ‘barro’ | TRM toto ‘terra’ |
| três | PTUK *it ² ia > tuj/KRT itia | TRM wik ² ā |
| umbigo | PTKO*tjōhō > KRG sūhu- | TRM sūku |
| veneno | PTUK *tjima > KUB hībā | TRM kwima |

É plausível assumir, tendo em vista os dados acima expostos, que os ancestrais dos taruma habitavam o noroeste amazônico durante a pré-história, mas teriam emigrado desta região provavelmente em virtude da expansão de populações de origem tukano. Como também existem indícios de que os taruma mantiveram contatos com populações da bacia do Solimões, pode-se supor que seu território estaria originalmente na bacia do Baixo ou Médio Caquetá e que, em virtude das pressões expansionistas acima mencionadas, teriam imigrado rio abaixo até a foz do Rio Negro.

4.2.2.23.5. Tukano e witoto-okaina

Não há na literatura estudos sobre contatos entre os ancestrais dos tukano e dos witoto-okaina. A TABELA 227 contém alguns indícios de que as referidas populações teriam participado de uma esfera de interação durante a pré-história no noroeste amazônico em decorrência da expansão dos descendentes dos proto-witoto-okaina pela bacia do Putumayo.

TABELA 227. Paralelos lexicais entre os conjuntos tukano e witoto-okaina

| | TUKANO | WITOTO-OKAINA |
|--------------------|---|---------------------------------------|
| amarelo | PTUK *bore | PWOK *bora |
| banana | PTUK *oho | PWTT *-ogo- |
| batata-doce | PTUK *japi | PWOK *repi- |
| cabeça | PTUK *tj ² ipo | PWOK *i ² po- |
| F | PTUK *-k ² o > SIO/DSN/MKN -go | PWOK *-go |
| milho | PTUK *we?a | PWTT *beč̣a |
| nome | PTKO *māmī | PWOK *mame- |
| orelha | PTUK *k ² āp ² o | PWTT *hepo |
| paca | PTUK *seme | PWTT *ime |
| rato | PTKO *bii | PWOK *piito ‘cutia’ |
| sangue | PTUK *tj ² ie | PWOK *tj ² hē > BOR tsihi: |

4.2.2.24. Uru-chipaya

Foram detectados extratos léxicos compartilhados por populações uru-chipaya e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- jaqi → §4.2.2.9.4
- kechua → §4.2.2.14.5
- kunza → §4.2.2.24.1
- macro-arawak (pukina) → §4.2.1.4.4.5
- mapudungun → §4.2.2.15.3
- moseten-tsimane → §4.2.2.16.1
- pano → §4.2.1.7.1.5

4.2.2.24.1. Uru-chipaya e kunza

Não há na literatura estudos sobre contatos entre os ancestrais dos uru-chipaya e dos kunza. Os paralelos lexicais apresentados na TABELA 228 representam indícios de que as referidas populações teriam participado da esfera de interação Circum-Titicaca durante a pré-história.

TABELA 228. Paralelos lexicais entre os conjuntos uru-chipaya e kunza

| | URU-CHIPAYA | KUNZA |
|-------------|------------------------------------|-------------------------|
| árvore/mata | CPY ali ‘mata’ | jali ‘árvore/algarrobo’ |
| casca | CPY tʃ ^h aχpi | tʃaɣ-tʃas-tur |
| chicha | CPY keʃi | ɣatʃir |
| coruja | CPY quʃ ^h qa, UCM kaska | ɣosɣo |
| língua | CPY las, UCM nas | lasi |
| menino | CPY maxtʃ | panɣti |
| pé | CPY q ^h otʃa | ɣotʃe/ɣutʃir |
| pescoço | CPY qaʃi | ɣati |
| raiz | CPY ʃepʔa | ɣapar |
| semente | CPY muxu | muhu |
| vale | CPY ʃqala | ɣalal |

4.2.2.25. Witoto-okaina

Foram detectados extratos léxicos compartilhados por populações witoto-okaina e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- bora-muinane → §4.2.2.4.4
- choko → §4.2.2.6.6
- macro-arawak (arawak) → §4.2.1.4.1.25
- pijao → §4.2.2.25.1
- tukano → §4.2.2.23.5
- yaruro → §4.2.2.25.2

4.2.2.25.1. Witoto-okaina e pijao

Não há na literatura estudos sobre contatos entre os ancestrais dos witoto-okaina e dos pijao. Embora o vocabulário disponível da língua pijao seja bastante limitado, o presente estudo pôde detectar alguns paralelos lexicais, expostos na TABELA 229, que representam indícios importantes de que as referidas populações teriam participado de uma esfera de interação durante a pré-história. É plausível, em vista disto, que os ancestrais dos pijao fossem oriundos da bacia do Putumayo e que teriam imigrado dali para a bacia do Magdalena em virtude da expansão de populações de origem witoto-okaina.

TABELA 229. Paralelos lexicais entre os conjuntos pijao e witoto-okaina

| | WITOTO-OKAINA | PIJAO |
|--------|---------------------|--------|
| árvore | PWOK *amena | ame |
| homem | PWOK *i?ima | orema |
| Lua | PWOK *neena 'Sol' | nuna |
| mulher | PWOK *diñoi | nuhugi |
| olho | WIR irupo 'redondo' | lun |
| rio | PWOK *imani | ima |
| tabaco | PWOK *tiona | tenu |

4.2.2.25.2. Witoto-okaina e yaruro

Não há na literatura estudos sobre contatos entre os ancestrais dos witoto-okaina e dos yaruro. Os poucos paralelos lexicais elencados na TABELA 230 representam indícios de que as referidas populações teriam participado de uma esfera de interação durante a pré-história. É plausível, em vista disto, que os ancestrais dos yaruro fossem oriundos da bacia do Caquetá e que teriam imigrado dali para a bacia do Orinoco em virtude de pressões expansionistas de populações de distintas origens. Como quase não existem evidências de contato entre os yaruro e populações de origem tukano, presume-se que a imigração dos yaruro teria ocorrido num período anterior ao da expansão de populações tukano orientais para a bacia do Alto Negro.

TABELA 230. Paralelos lexicais entre os conjuntos witoto-okaina e yaruro

| | WITOTO-OKAINA | YARURO |
|----------|---------------------|---------|
| 1.s | PWOK *kōē, *ku?e- | kōde |
| aranha | PWOK *hebeki-goi | apekœ |
| caminho | PWOK *tīdo- | nō |
| carne | PWOK *ō?ā- | gōā |
| homem | PWOK *i?í | ōí; |
| mãe | PWOK *é?í- | aī ~ eī |
| mandioca | PWOK *māhī(ka)-(hī) | pae |
| unha | PWOK *-be | iβe |

4.2.2.26. Yanomami

Foram detectados extratos léxicos compartilhados por populações yanomami e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- arawa → §4.2.2.2.7
- guahibo → §4.2.2.8.1
- harakmbet-katukina (katukina-katawixi) → §4.2.1.3.2.7
- iranche → §4.2.2.26.1
- jivaro → §4.2.2.11.4
- puinave-kak → §4.2.1.8.2.7

- taruma → §4.2.2.26.2
- tupi → §4.2.1.9.11

4.2.2.26.1. Yanomami e irançe

Não há na literatura estudos sobre contatos entre os ancestrais dos yanomami e dos irançe. Os poucos paralelos lexicais elencados na TABELA 231 podem ser indícios adicionais de que as referidas populações teriam participado da esfera de interação da Amazônia Central durante a pré-história.

TABELA 231. Paralelos lexicais entre os conjuntos yanomami e irançe

| | YANOMAMI | IRANÇHE |
|----------|------------------------|----------------|
| águia | YMO wakawa | wākawā |
| árvore | PYMI *ulihi | ariʔi |
| Lua | NNM wiripo, YMI poripo | wirapu, warapu |
| papagaio | NNM arasi | aʔlāʃi |
| sangue | PYMI *mimi | miʔi |
| tukano | YMO aloalomi | waluma |

4.2.2.26.2. Yanomami e taruma

Não há na literatura estudos sobre contatos entre os ancestrais dos yanomami e dos taruma. Os poucos paralelos lexicais elencados na TABELA 232 podem ser indícios adicionais de que as referidas populações teriam participado da esfera de interação da Amazônia Central durante a pré-história.

TABELA 232. Paralelos lexicais entre os conjuntos yanomami e taruma

| | YANOMAMI | TARUMA |
|-------------|----------------------------------|---------------|
| capivara | NNM katʃu, SNM katsu | kase |
| cutia/rato | PYMI *t ^h omi ‘cutia’ | duba ‘rato’ |
| flecha/arco | YMO ʃereka ‘flecha’ | tzeika ‘arco’ |
| labio | PYMI *kasi > SNM kasu | ase, asu |
| veado | NNM hatʃa, SNM hatsa | hiʃi |

4.2.2.27. Zaparo

Foram detectados extratos léxicos compartilhados por populações zaparo e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- kechua → §4.2.2.14.6
- macro-arawak (arawak) → §4.2.1.4.1.27
- omurano → §4.2.2.27.1
- peba-yagua → §4.2.2.19.2

4.2.2.27.1. Zaparo e omurano

Loukotka (1968) considerou o omurano uma língua isolada. Embora Stark (1985) tenha proposto que esta língua pertenceria à família zaparo, de Carvalho (2013) já demonstrou a inviabilidade de tal hipótese. Os raros paralelos lexicais existentes, apresentados na TABELA 233, são unicamente indícios de que as referidas populações teriam participado da esfera de interação circum-Marañón.

TABELA 233. Paralelos lexicais entre os conjuntos zaparo e omurano

| | ZAPARO | OMURANO |
|-------|------------------|---------|
| chuva | aási | aðn |
| gente | táwi | tabitn |
| praia | ŋaakia, ŋaakiowa | kia |
| onça | sare | are |

4.2.3. Línguas isoladas

4.2.3.1. Aikanã

Foram detectados extratos léxicos compartilhados pelos aikanã e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- kanoe → §4.2.3.1.1

- kwaza → §4.2.3.1.2
- nambikwara → §4.2.2.18.1

4.2.3.1.1. Aikanã e kanoe

Becker-Donner (1955) detectou várias semelhanças entre as línguas aikanã e kanoe e Van der Voort (2005) aprofundou o estudo comparativo entre as referidas línguas. Estas e outras semelhanças estão reunidas na TABELA 234. Embora estes autores tenham considerado que estas línguas possam estar geneticamente relacionadas, tal hipótese fica bem debilitada pelo fato de praticamente não existir paralelos gramaticais relevantes nem qualquer semelhança entre seus sistemas pronominais. O próprio Van der Voort (*id.*:402) assumiu que as evidências apresentadas por ele são, de fato, insuficientes. Deste modo, a partir das considerações acima, a explicação mais plausível para a marcada presença de elementos lexicais comuns nestas línguas é a de que os ancestrais dos seus falantes teriam participado intensamente de uma esfera de interação na bacia do Guaporé desde a pré-história, tendo também provavelmente se miscigenado. Tal contexto motivou a emergência de idiossincrasias compartilhadas, que certamente representam reflexos de convergência linguística.

TABELA 234. Paralelos lexicais entre os conjuntos aikanã e kanoe

| | AIKANÃ | KANOE |
|------------------------|--------------------|-----------------|
| cabelo | ji | ji |
| cesta | ururi | urutsi |
| CLS. líquido | -mũ | -mũ |
| CLS. pó/farinha | -nũ | -tinũ |
| colmeia/vila | hazu ‘colmeia’ | aso/atso ‘vila’ |
| fezes | nenũ | nũ |
| figado | iri | iri |
| fogo | hine | inĩ |
| LOC | -ne | -nĩ |
| nuvem/fumaça | wuai ‘nuvem’ | wairoe ‘fumaça’ |
| P (em pronomes) | -te | -te |
| paca/cutia | uwi ‘cutia’ | owe ‘paca’ |
| pacu | tere | terej |
| papagaio | kuridzu | kore |
| papagaio | awa | awa |
| pedra | haki/haçji ‘pedra’ | aki |

TABELA 234. Paralelos lexicais entre os conjuntos aikanã e kanoe

| | AIKANÃ | KANOE |
|--------------|--------------|---------------------|
| peessoa | akūsũ | akũtsũ |
| tamandua | nole | ore |
| urucum | tara | tara |
| vento/ventar | uwoi ‘vento’ | wuwuiroere ‘ventar’ |

4.2.3.1.2. Aikanã e kwaza

Van der Voort (2005) observou várias semelhanças lexicais entre as línguas aikanã e kwaza. Estas e outras semelhanças estão reunidas na TABELA 235. Embora este autor tenha considerado que estas línguas possam estar geneticamente relacionadas, tal hipótese fica bem debilitada pelo fato de praticamente não existir paralelos gramaticais relevantes nem qualquer semelhança entre seus sistemas pronominais. O próprio autor (*id.*:402) assumiu que as evidências apresentadas por ele são, de fato, insuficientes. A partir das considerações acima, a explicação mais plausível para a marcada presença de elementos lexicais comuns nestas línguas é a de que os ancestrais dos seus falantes teriam participado intensamente de uma esfera de interação na bacia do Guaporé desde a pré-história, tendo também provavelmente se miscigenado. Tal contexto motivou a emergência de idiossincrasias compartilhadas, que certamente representam reflexos de convergência linguística.

TABELA 235. Paralelos lexicais entre os conjuntos aikanã e kwaza

| | AIKANÃ | KWAZA |
|------------------|--------------|-----------------|
| água | hane | hã |
| anta | arvme | ãrũi |
| cabelo | ɕji | e-sii |
| campo | weri | e-ri |
| carrapato/piolho | kai ‘piolho’ | kei ‘carrapato’ |
| cesta | ururi | ururire |
| cigarra | ku:ku | kuku |
| CLS.líquido | -mũ | -mũ |
| CLS.pó/farinha | -nũ | -nũ |
| colmeia | hazu | haso |
| COM | -ete | -ete |
| cortar | wi | wi |
| dente | moi/mui | -maĩ |
| dormir | awã | wãwãi |

TABELA 235. Paralelos lexicais entre os conjuntos aikanã e kwaza

| | AIKANÃ | KWAZA |
|-----------------|-------------------------|---------------------|
| fezes | nenü | nü |
| figado | i:ri | e-ri |
| filho | xuxu | tʃuutʃi |
| floresta/árvore | ae 'floresta' | wæe 'árvore' |
| fogo | hine | hi |
| gafanhoto | tʃitʃipu | tʃitʃilu |
| garça | hãwãkãʔi | ãwãka |
| gente | aküsü | akütü |
| gato | jãwʔi | jãw |
| joelho/coxa | ka-rëmu 'joelho' | e-romü 'coxa' |
| LOC | -ne | -na |
| martim-pescador | davivi | duwiwisu |
| nadar | sü | tsü |
| osso | zu | tsu |
| P (em pronomes) | -te | -tse |
| pacu | tere | terei |
| papagaio | dʏdʏ | toto |
| papagaio | awa | awi |
| pedra/milho | haki/haçʒi 'pedra' | haki- 'milho/pedra' |
| perna | kaizu | kai |
| pó/farinha | -nun 'pó'; nu 'farinha' | -nü 'pó' |
| preto | wi | be |
| quati | hadere | haduru |
| rolar | durere | duriri |
| saracura | darak ^w a | dãrãku |
| tatu | hare | harurai |
| urucum | tara | toro |
| veado/cavalo | maru 'veado' | mãru 'cavalo' |
| vento | uwoi | wiwirjĩ |

4.2.3.2. Andaki

Foram detectados extratos léxicos compartilhados pelos andaki e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- chibcha → §4.2.1.1.1
- paez → §4.2.3.2.1

4.2.3.2.1. Andaki e paez

Em uma comparação do andaki com línguas de sua hipotética família chibcha, na qual estava erroneamente incluído o paez, Rivet (1924a) acabou indicando algumas semelhanças lexicais interessantes entre as línguas em questão. Estas semelhanças foram suficientes para que este autor (op.cit) classificasse o andaki na referida família, uma hipótese já contestada por Constenla Umaña (1981:12). Bem mais recentemente, Adelaar & Muysken (2004:140) ressaltou que alguns dos paralelos lexicais entre as referidas línguas eram significativos, embora gramaticalmente as diferenças sejam grandes, não havendo, por exemplo, qualquer semelhança entre seus sistemas pronominais. Tendo isto em vista, os dados apresentados na TABELA 236 representam evidências importantes de que os ancestrais dos andaki e dos paez teriam mantido estreitas relações de contato durante a pré-história, no âmbito da esfera de interação do Alto Magdalena.

TABELA 236. Paralelos lexicais entre os conjuntos andaki e paez

| | ANDAKI | PAEZ |
|----------------|--|--|
| algodão | k ^w ak ^w a- | wawa |
| anta | kūtihui < condefui > | k ^h ūts ^j |
| areia | mīsara | muse |
| batata-doce | kaka | ka?ka |
| cabaça/vasilha | k ^w ati: | t ^h e: |
| cabelo/pelo | kiaha ‘cabelo’ | k ^h as ‘pelo’ |
| chicha | baku-hi, baku-sa | beka |
| mutum/aracuã | φiti: < fitihí > ‘mutum’ | fins ^h ‘aracuã’ |
| dois | nāsi:si | e?ns |
| filho | tjik ^w a- | {n}-ts ^j i?k |
| floresta | sutahi: | taʃ |
| fogo | iφi < hifi > ‘chama/vela’ | ip ^j |
| homem | mitsi: < miszihi >; bitsi-ka < biszica > ‘sou homem’ | pihts |
| irmão | pi: | peβi |
| língua | sunai | t ^h une |
| madeira/fogo | batui ‘brasa/fogo’ | f ^t tū ‘madeira’ |
| mazamorra | kaihi | k ^h as ^j |
| milho | kiφi < quifi > | xsipi |
| milho/semeste | mikaφi < micaffi > ‘milho tostado’ | k ^h aβ ^j ‘semeste’; kokaβi ‘milho’ |

TABELA 236. Paralelos lexicais entre os conjuntos andaki e paez

| | ANDAKI | PAEZ |
|-------------------------|---|-----------------------------------|
| nome | sitsa <sisza> | jaasesa ‘com nome’ |
| ojo | sifi <scifi, sifi> | jaɸ ^j |
| oreja/ouvir | sük ^w a-i, sük ^w a-hu; sük ^w a ‘ouvir’ | t ^h ū?wā ‘orelha’ |
| piedra | k ^w atii <guatihi> | k ^w et |
| quente/esquentar | kubiha <cubixa> ‘quente’ | kbahi?h ‘esquentar’ |
| rabo | matsikwa <maszengua>, maisikwa <maesegua> | mens |
| rostro | tjipina | d ⁱ ?p |
| semear | hu- | uhua- |
| teta | tsutsuka <szuzuca> | ts ^h u?ts ^j |

4.2.3.3. Arutani

Foram detectados extratos léxicos compartilhados pelos arutani e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- duho (tikuna-yuri) → §4.2.1.2.2.3
- maku → §4.2.3.3.1
- sape → §4.2.3.3.2
- tukano → §4.2.2.23.1
- warao → §4.2.3.3.3

4.2.3.3.1. Arutani e maku

A hipótese de Greenberg (1987) de que as línguas arutani e maku fossem geneticamente relacionadas já foi refutada, pois os paralelos lexicais observados não são quantitativamente robustos para que padrões de correspondências fonológicas entre as referidas línguas possam ser estabelecidos. Além disto, praticamente nada se sabe sobre a gramática do arutani, o que coloca em xeque qualquer tentativa de se defender tal hipótese. As semelhanças observadas representam, entretanto, indícios importantes de que os ancestrais das referidas populações teriam estado em contato no âmbito da esfera de interação do Maciço das Guianas (TABELA 237).

TABELA 237. Paralelos lexicais entre os conjuntos arutani e maku

| | ARUTANI | MAKU |
|-----------|--------------------|---------|
| arara | kulaw | kulewa |
| cabeça | k ^w ate | gate |
| casa | imed | mi:ne |
| fezes | atʔsi | naʔʃi |
| fogo | ani | niʔ |
| folha | āṅā | deāṅā |
| marido | madʔkie ‘gente’ | baʔleke |
| osso | mu | a:mu |
| pato | olopono | lupuna |
| tartaruga | wala:la | wala:la |
| tio | makua:-madʔi | baʔtsi |

4.2.3.3.2. Arutani e sape

Embora a hipótese de Greenberg (1987) de uma origem comum para as línguas arutani e sape conte com alguns elementos centrais do léxico básico, o conjunto de possíveis cognatos é extremamente reduzido e impede que padrões de correspondências fonológicas entre as referidas línguas possam ser estabelecidos (TABELA 238). Além disto, praticamente nada se sabe sobre a gramática destas duas línguas, o que coloca em xeque qualquer tentativa de se defender tal hipótese. As semelhanças observadas representam, entretanto, indícios importantes de que os ancestrais das referidas populações teriam estado em contato no âmbito da esfera de interação do Maciço das Guianas.

TABELA 238. Paralelos lexicais entre os conjuntos arutani e sape

| | ARUTANI | SAPE |
|----------|---------|--------------------|
| 1.s | ma- | me:be/mā- |
| 2.s | ka- | ka:be/ka- |
| areia | ɪnakosa | inoku |
| caminho | aʔma | umu |
| corda | makitʃi | bakitʃi |
| dente | ka | ka |
| espírito | mawari | imawari |
| farinha | ʃimuat | ʃi |
| ir/vir | ma ‘ir’ | ma ‘vir’ |
| Lua | aʔtap | tapu |
| marido | kuja | kua ‘homem/marido’ |

TABELA 238. Paralelos lexicais entre os conjuntos arutani e sape

| | ARUTANI | SAPE |
|--------------------------|---|-------------------|
| montanha/floresta | moʔka | amukau ‘floresta’ |
| pato | olopono | topo:no |
| peneira | manari | manare |
| semente | kuka | ku |
| um/três | komana ‘um’ | komoŋa ‘três’ |
| amarelo/branco | alawai ‘branco’ (cf. tb.: ART araʔwid ‘vermelho’) | ā:lāi ‘amarelo’ |

4.2.3.3.3. Arutani e warao

Não há na literatura estudos sobre contatos entre os ancestrais dos arutani e dos warao. Os escassos paralelos lexicais observados podem representar algum indício de que as referidas populações teriam participado da esfera de interação do Maciço das Guianas durante a pré-história (TABELA 239).

TABELA 239. Paralelos lexicais entre os conjuntos arutani e warao

| | ARUTANI | WARAO |
|---------------|---------|-------|
| cabeça | kwate | kwa |
| osso | mu | muhu |
| terra | įna | ina |
| um | komana | mana |

4.2.3.4. Atakame

Foram detectados extratos léxicos compartilhados pelos atakame e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- barbakoia → §4.2.2.3.1

4.2.3.5. Guato

Foram detectados extratos léxicos compartilhados pelos guato e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- karib → §4.2.2.12.1
- macro-jê (bororo) → §4.2.1.5.1.1
- tupi → §4.2.1.9.3

4.2.3.6. Iranche

Foram detectados extratos léxicos compartilhados pelos iranche e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- arawak → §4.2.1.4.1.5
- chapakura-wañam → §4.2.2.5.1
- nambikwara → §4.2.2.18.2
- tupi → §4.2.1.9.4
- yanomami → §4.2.2.26.1

4.2.3.7. Itonama

Foram detectados extratos léxicos compartilhados pelos itonama e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- nambikwara → §4.2.2.18.3

4.2.3.8. Kamsa

Foram detectados extratos léxicos compartilhados pelos kamsa e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- choko → §4.2.2.6.2

4.2.3.9. Kanichana

Foram detectados extratos léxicos compartilhados pelos kanichana e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- mochika → §4.2.3.9.1

4.2.3.9.1. Kanichana e mochika

Não há na literatura estudos sobre contatos entre os ancestrais dos kanichana e dos mochika. Embora a distância geográfica entre as referidas populações pese em desfavor, o número e qualidade dos paralelos observados representam evidências importantes de contato pré-histórico. Tendo em vista os dados apresentados na TABELA 240, é possível levantar a hipótese de que uma parcela dos ancestrais dos mochika teria imigrado pelas bacias do Marañón e Solimões e, então, subido o curso do Madeira-Mamoré, onde teriam se miscigenado com uma população pré-kanichana e deixado um estrato substancial de origem mochika na língua falada por seus descendentes.

TABELA 240. Paralelos lexicais entre os conjuntos kanichana e mochika

| | KANICHANA | MOCHIKA |
|-------------------|------------------------------------|-------------------------|
| 3.s | su- | s'uŋ- |
| água/rio | inese 'água/rio' | neŋ 'rio' |
| ave/pomba | pxaku 'pomba' | pijako 'ave' |
| balsa/canoa | tu 'canoas' | tu:p 'balsa' |
| barriga | tsats | tsəud |
| boca/língua | tj'ava 'língua' | ʃape/sap 'boca' |
| cabelo | tj:ok ^h /tj'aga 'barba' | tsak/sak |
| caminho | -kunap(i) | kono/koŋo |
| dia/manhã | sitima 'manhã' | etim 'dia' |
| estrela/Sol | kot ^h /koŋi 'Sol' | kuts/ku?iʃ |
| fogo | tj'uku | oxuŋo/xok; tsuku 'luz' |
| homem | enaku | nanjku |
| homem | juts:ama, utsama | nam |
| intestino/nádegas | peŋje/i-piʃi-tauli 'nádegas' | fiŋi/ko 'intestino' |
| ir | tikina | tək |
| mãe | mihdina | minieŋ |
| menino/filho | sisi 'filho' | tsi:si/tj'i:si 'menino' |

TABELA 240. Paralelos lexicais entre os conjuntos kanichana e mochika

| | KANICHANA | MOCHIKA |
|---------------|---------------------------|--------------------------------------|
| milho | tʃu | tʃor |
| montanha | komtʃe ‘montanha/pedra’ | kunti ‘serra’ |
| nariz/bico | eʃene ‘bico’ | ətsan/utsan ‘nariz’ |
| nome | eaku/ku | ok |
| orelha | komete | með |
| osso/dente | huti/kuti ‘dente’ | xoti/loti ‘osso’ |
| peito/coração | tsu ‘coração’ | ʃo:ð ‘peito’ |
| peixe | xaku/haku | ʃak |
| pescoço/nuca | u-ʃinkun-tauli ‘nuca’ | seŋke ‘pescoço’ |
| piolho | ewʃ:e | u:ts |
| pouco | touti:ji | tut |
| rabo/pênis | -tʃumtʃi ‘pênis’ | semsem/somsom ‘rabo’ |
| rede | uʃ:ake | ʃak |
| rosto/olho | tok ^h e ‘olho’ | tok ‘rosto’ (cf. tb.: MCK nok ‘ver’) |
| sal | uluku | urek |
| semente | ka | kas |
| sogro | kitʃ:o | ikiʃ; (cf. tb.: MCK kiʃmike ‘velho’) |
| terra | tʃix/tʃitʃ/tʃixitʃi | çi:ts/çis/xetʃis |
| testa/cabeça | ʃiti ‘testa’ | xəts/let ⁱ ‘cabeça’ |
| testa/olho | tot ‘olho’ | tot ‘testa’ |

4.2.3.10. Kanoe

Foram detectados extratos léxicos compartilhados pelos kanoe e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- aikanã → §4.2.3.1.1
- kwaza → §4.2.3.10.1
- nambikwara → §4.2.2.18.4

4.2.3.10.1. Kanoe e kwaza

Van der Voort (2005) observou várias semelhanças lexicais entre as línguas kanoe e kwaza. Estas e outras semelhanças estão reunidas na TABELA 241. Embora este autor tenha considerado que estes dados são indicativos de uma relação genética distante entre as referidas

línguass, tal hipótese fica bem debilitada pelo fato de praticamente não existir paralelos gramaticais relevantes nem qualquer semelhança entre seus sistemas pronominais. O próprio autor (*id.*:402) assumiu, de fato, que as evidências apresentadas por ele são insuficientes. A partir das considerações acima, a explicação mais plausível para a marcada presença de elementos lexicais comuns nestas línguas é a de que os ancestrais dos seus falantes teriam participado intensamente de uma esfera de interação na bacia do Guaporé desde a pré-história, tendo também provavelmente se miscigenado. Tal contexto motivou a emergência de idiossincrasias compartilhadas, que certamente representam reflexos de convergência linguística.

TABELA 241. Paralelos lexicais entre os conjuntos kanoe e kwaza

| | KANOE | KWAZA |
|--------------------|----------------|-------------------|
| amarrar/desamarrar | tiri ‘amarrar’ | tiri ‘desamarrar’ |
| aqui/lá | ja | ja |
| árvore/madeira | e: ‘árvore’ | hi ‘madeira’ |
| bicho-de-pé | tijko | sijto |
| boca/comer | ia ‘boca’ | ja ‘comer’ |
| cabeça | kuta | kuti |
| cabelo | ji | e-sii |
| casa | aso | aʃi |
| cesta | urutsi | ururire |
| chuva | wɛ | awe |
| CLS.fruta/semente | -ko | -ko |
| CLS.líquido | -mũ | -mũ |
| CLS.pó | -tinũ | -nũ |
| CLS.redondo | -tɛ | -tɛ |
| colher de pau | tomero | ɖumaru |
| colmeia/vila | aso ‘vila’ | haso ‘colmeia’ |
| coruja | wowotʃi | bubware |
| ENF | -kete | -tete |
| estrela | wariwari | wariwari |
| farinha/raiz | kaɲa ‘farinha’ | kājā ‘raiz’ |
| feijão | kometa | kumaɖa |
| fezes | nũ | ɲũ |
| figado | i-ri | e-ri |
| flecha | mapi | mābi |
| fumaça | nõ | -nũ |
| galo | kurakura | kurakuratswa |
| garça | āvākā | āvāka |
| gente | akũtsũ | -akũtũ |

TABELA 241. Paralelos lexicais entre os conjuntos kanoe e kwaza

| | KANOE | KWAZA |
|--------------------|---------------------|--------------------|
| grande | tsi | tʃi |
| jacamim | aratapi | aratsabi |
| látex | omu | humū |
| macaco caiarara | iri | hiri |
| machado | aere | ale |
| madeira/árvore | ε: 'árvore' | hi 'madeira' |
| mãe | mõ | mã |
| mamão | toki | tai |
| mandioca | tʃue | jo |
| mariposa/cigarra | pura 'cigarra' | pura 'mariposa' |
| milho | atiti | aʃitʃi |
| morrer | tuore | towari |
| nádegas | nūte | ɲūse |
| olho | i-kōi | e-tʃii |
| ovo | i-peĩ | e-ni |
| P (em pronomes) | -te | -tɛ |
| TRANS | -to | -ta |
| pacu | terej | terej |
| papagaio | kore | kareri |
| papagaio | awa | awi |
| pariri | mīto | mído |
| pato | temu | damū |
| pé | itso 'dedão' | djo |
| pedra | aki | haki |
| peneira | menere | manari |
| preto | be | be |
| quebrar | d ^w a | d ^w i |
| raia | tsākāwnū | tsākārū |
| sapo | kikite | kotore |
| semente | ko | ko |
| sobrinho | koro | kore |
| tartaruga/camaleão | īkūkūte 'tartaruga' | ekukūte 'camaleão' |
| terra | tsana | tsārā |
| urubu | urukutə | uruhu |
| urucum | tara | toro |
| vento | wuroere | wiwirjī |

4.2.3.11. Kayuvava

Foram detectados extratos léxicos compartilhados pelos kayuvava e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- arawak → §4.2.1.4.1.9
- bororo → §4.2.1.5.1.3
- takana → §4.2.1.7.2.1
- tupi → §4.2.1.9.7

4.2.3.12. Kofan

Foram detectados extratos léxicos compartilhados pelos kofan e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- paez → §4.2.3.12.1

4.2.3.12.1. Kofan e paez

Rivet (1952) observou algumas semelhanças entre as línguas kofan e paez. Tais semelhanças, de fato, são relevantes (TABELA 242) e constituem evidências de que os ancestrais dos falantes das referidas línguas teriam participado de uma esfera de interação durante a pré-história. Presume-se, neste sentido, que o contato teria ocorrido na Montanha, entre os formantes do Alto Putumayo e do Alto Magdalena.

TABELA 242. Paralelos lexicais entre os conjuntos kofan e paez

| | KOFAN | PAEZ |
|---------|----------------------------------|--|
| agulha | nohaʔk ^h o | n ^h uh ⁿ ɕ |
| caminho | ɕi ‘caminhar’ | ⁿ d ^h iʔh |
| carne | na | n ^h a |
| casa | et ^h i | jet |
| escuro | s ^h is ^h e | tʃ ^h iʔ ⁿ d ^h |
| mama | tʃo | tʃuʔtʃ |
| morcego | kitsa | k ^h ɪtse |

TABELA 242. Paralelos lexicais entre os conjuntos kofan e paez

| | KOFAN | PAEZ |
|----------|------------------------|---------------------------------|
| não | meʔi | mee |
| noite | kose | kus |
| olho | tsoʔʔe | jaʔ ^j |
| osso | ɕiʔt ^h a | ⁿ dʔiʔt ^h |
| pai | jaja | eje |
| prato | apiʔoʔt ^h o | bitʃ |
| qual? | maha | maa |
| quantos? | mapɪ | ma ⁿ ɕ |

4.2.3.13. Kunza

Foram detectados extratos léxicos compartilhados pelos kunza e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- jaqi → §4.2.2.9.2
- kandoxi → §4.2.1.4.2.5
- kechua → §4.2.2.14.1
- mapudungun → §4.2.2.15.1
- mochika → §4.2.3.13.1
- uru-chipaya → §4.2.2.24.1

4.2.3.13.1. Kunza e mochika

Willem Adelaar e Rita Eloranta (comunicação pessoal) constataram a existência de certas semelhanças lexicais entre línguas kunza e mochika. De fato, as semelhanças detectadas no presente estudo, reunidas na TABELA 243, representam indícios de que os ancestrais dos falantes das referidas línguas teriam estado em contato durante a pré-história.

TABELA 243. Paralelos lexicais entre os conjuntos kunza e mochika

| | KUNZA | MOCHIKA |
|-----|---|---------------------------|
| 2.s | -tʃ ^h enɪ, tʃ ^h -/s ² -, -is: '2.S'; tʃ ^h in- '2.P' | -tsəŋ, tsəŋ-, -(i)s '2.S' |
| 3.s | aj- | aj-oŋ-; ajo |

TABELA 243. Paralelos lexicais entre os conjuntos kunza e mochika

| | KUNZA | MOCHIKA |
|---------------|-----------------------|---|
| 3.S | si- | si-ou- |
| abóbora | lawʃur | lo:ʃ |
| barro/lama | ɯisti 'barro' | çi:ts/xetʃis 'lama' |
| boca | ɯaipe/ɯaiɸi | çape |
| braço | soɯe | okən/oken |
| cabeça | laɯse/laɯsi | ʃakse/ʃəts |
| casa/teto | ʃapu 'casa' | ʃap 'teto' |
| coração | ʃitaɯ | ʃətəʃ |
| gente | ɯonti | kunti 'indígena serrano' |
| lagarto | ʃalte/ʃalti | santek |
| lago/rio | baɯa/βaɯa 'canal/rio' | paake 'fonte/lago' (cf. tb.: MCK ʃepəke 'quebrada') |
| molhado | laɯar | ʃa/ʃeɲ |
| NEG | anta | anta |
| nariz/bico | sepi/sepe 'nariz' | sap 'boca/bico' |
| osso/ovo | mulur 'osso' | muʎu 'ovo' |
| piolho/lêndea | ɯiʃe 'lêndea' | u:ts 'piolho' |
| roupa/algodão | ɯaabar 'roupa' | ka:m 'algodão' |
| verme | toɯ-mal | tokçi |

4.2.3.14. Kwaza

Foram detectados extratos léxicos compartilhados pelos kwaza e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- aikanã → §4.2.3.1.2
- arawa → §4.2.2.2.3
- jivaro → §4.2.2.11.2
- kanoe → §4.2.3.10.1
- macro-arawak (arawak) → §4.2.1.4.1.11
- macro-jê (jeoromitxi) → §4.2.1.5.2.2
- mura-matanawi → §4.2.2.17.1
- nambikwara → §4.2.2.18.5
- peba-yagua → §4.2.2.19.1

- taruma

→ §4.2.3.14.1

4.2.3.14.1. Kwaza e taruma

Viegas Barros (2015) observou que o gentílico ‘kwaza’ se assemelha ao termo taruma para ‘homem’. Há, de fato, alguns paralelos lexicais relevantes entre as referidas línguas (TABELA 244), que constituem indícios adicionais de que os ancestrais de seus falantes participaram da esfera de interação da Amazônia Central durante a pré-história.

TABELA 244. Paralelos lexicais entre os conjuntos kwaza e taruma

| | KWAZA | TARUMA |
|-------------|--------------------|---------------|
| carne | hĩ | ẽhẽ |
| costas | -bari | abara |
| gente | k ^w aza | kwasi ‘homem’ |
| machado | ale | bade |
| nádega | nũse | ɕĩsi |
| nariz | esalõi | asa |
| olho | eṭũi | aṭfi |
| osso | tsu | aiṭju |
| pele | esiki | asiku |
| pelo/cabelo | eṣii ‘cabelo’ | itṣiwi ‘pelo’ |
| queimar | ke- | ke |

4.2.3.15. Leko

Foram detectados extratos léxicos compartilhados pelos leko e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- cholon-hibito → §4.2.2.7.2
- jaqi → §4.2.2.9.3
- kechua → §4.2.2.14.2
- kulle → §4.2.3.15.1
- macro-arawak (arawak) → §4.2.1.4.1.12
- omurano → §4.2.3.15.2

- tauxiro → §4.2.3.15.3
- urarina → §4.2.3.15.4

4.2.3.15.1. Leko e kulle

Não há na literatura estudos sobre contatos entre os ancestrais dos leko e dos kulle. Muito embora os dados da língua kulle sejam bastante escassos, alguns paralelos lexicais puderam ser detectados entre as referidas línguas e podem representar indícios de que as referidas populações teriam participado de uma esfera de interação durante a pré-história (TABELA 245).

TABELA 245. Paralelos lexicais entre os conjuntos leko e kulle

| | LEKO | KULLE |
|-----------------|--------------|----------------|
| fogo | moa | mu |
| língua/garganta | uru 'língua' | uro 'garganta' |
| mão | bueh | pui |
| montanha | kanda | ganda |
| pé | paits | mai |

4.2.3.15.2. Leko e omurano

Não há na literatura estudos sobre contatos entre os ancestrais dos leko e dos omurano. Os paralelos lexicais apresentados na TABELA 246 contêm evidências importantes de que as referidas populações teriam participado de uma esfera de interação durante a pré-história.

TABELA 246. Paralelos lexicais entre os conjuntos leko e omurano

| | LEKO | OMURANO |
|----------------|---------------------|-----------------|
| água | dowa | towa |
| aranha | henwai | aawuei |
| árvore/madeira | bat 'árvore' | ameta 'madeira' |
| barriga | wahpoa/waqpoa | θawuapa |
| casa | won | ana |
| chácara | itj | ðiçje |
| homem/rapaz | lawha/lawqa 'homem' | rawana 'rapaz' |
| joelho | hapun | -in-hapuna |
| muito | alee- | oretj |

TABELA 246. Paralelos lexicais entre os conjuntos leko e omurano

| | LEKO | OMURANO |
|--------------|----------------|---------------------|
| onça/canídeo | lari 'canídeo' | are 'onça' |
| paca | jap | japu |
| pedra | taq | tiokn |
| Sol | hena | hena |
| velho | buro | murk ² u |

4.2.3.15.3. Leko e tauxiro

Não há na literatura estudos sobre contatos entre os ancestrais dos leko e dos tauxiro. Os escassos paralelos lexicais observados contêm indícios de que as referidas populações teriam participado de uma esfera de interação durante a pré-história (TABELA 247).

TABELA 247. Paralelos lexicais entre os conjuntos leko e tauxiro

| | LEKO | TAUXIRO |
|----------------|---------------|------------------|
| 2.s | ija | i |
| chácara | itʃ | eiʔtʃi |
| madeira/árvore | bata 'árvore' | aβaʔta 'madeira' |
| mãe | jo | ipno |
| ouvir | ason- | aʔkona |

4.2.3.15.4. Leko e urarina

Não há na literatura estudos sobre contatos entre os ancestrais dos leko e dos urarina. Os paralelos lexicais observados podem representar algum indício de que as referidas populações teriam participado de uma esfera de interação durante a pré-história (TABELA 248).

TABELA 248. Paralelos lexicais entre os conjuntos leko e urarina

| | LEKO | URARINA |
|--------------|-------------------------------|--------------|
| 2.s | ija | i: |
| aldeia | wes | nese |
| boca | korwa | kahoaha |
| carne | lia | iniu |
| chefe/pai | baba 'chefe' | baba 'pai' |
| comer/comida | sok ² otʃ 'comida' | ʔoko 'comer' |

TABELA 248. Paralelos lexicais entre os conjuntos leko e urarina

| | LEKO | URARINA |
|---------------|--------------|---------------|
| dormir | sis- | sini |
| língua/figado | lel 'figado' | lele 'língua' |
| mulher | awini | eene |
| ouvir | ason- | aona |
| Sol | heno | enoto |
| terra | tal | atane |

4.2.3.16. Maku

Foram detectados extratos léxicos compartilhados pelos maku e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- arawa → §4.2.2.2.4
- arutani → §4.2.3.3.1
- duho (saliba-hodi) → §4.2.1.2.1.3
- duho (tikuna-yuri) → §4.2.1.2.2.4
- harakmbet-katukina (katukina-katawixi) → §4.2.1.3.2.2
- sape → §4.2.3.16.1
- warao → §4.2.3.16.2

4.2.3.16.1. Maku e sape

A hipótese de Greenberg (1987) de uma origem comum para as línguas maku e sape é nitidamente inconsistente. As poucas semelhanças observadas representam unicamente indícios de que os ancestrais das referidas populações teriam estado em contato no âmbito da esfera de interação do Maciço das Guianas (TABELA 249).

TABELA 249. Paralelos lexicais entre os conjuntos maku e sape

| | MAKU | SAPE |
|--------|------------------|-------|
| água | na?me 'água/rio' | nam |
| areia | lunuku | inoku |
| árvore | ta:ba | taba |

TABELA 249. Paralelos lexicais entre os conjuntos maku e sape

| | MAKU | SAPE |
|---------|----------|-----------|
| cunhado | wane | wanira |
| flecha | ɕjima:la | tʃimã:lã |
| gordura | e:kunu | kun |
| irmão | wada | ata |
| mãe | nõ | non |
| morder | bũ | pu |
| pássaro | i:duba | ino |
| pato | lupuna | topo:no |
| Sol/Lua | ja 'Lua' | jam 'Sol' |

4.2.3.16.2. Maku e warao

Não há na literatura estudos sobre contatos entre os ancestrais dos maku e dos warao. Os escassos paralelos lexicais observados podem representar algum indício de que as referidas populações teriam participado da esfera de interação do Maciço das Guianas durante a pré-história (TABELA 250).

TABELA 250. Paralelos lexicais entre os conjuntos maku e warao

| | MAKU | WARAO |
|----------|------------------|--------------------------------------|
| água | na?me 'água/rio' | naba 'rio' |
| barriga | lopono | obono (cf. tb.: WRO nobono 'costas') |
| falar | ʃibu | dibu |
| morder | bũ | bu |
| onça | nu?mi | tobe |
| Sol/Lua | ja 'Lua' | ja 'Sol' |
| tamanduá | wazaka | barakata |
| vir | na | nao |

4.2.3.17. Mochika

Foram detectados extratos léxicos compartilhados pelos mochika e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- arawak → §4.2.1.4.1.16
- barbakoia → §4.2.2.3.4

- cholon-hibito → §4.2.2.7.4
- kandoxi → §4.2.1.4.2.6
- kanichana → §4.2.3.9.1
- kechua → §4.2.2.14.4
- kunza → §4.2.3.13.1
- mapudungun → §4.2.2.15.2
- muniche → §4.2.1.4.3.3
- trumai → §4.2.3.17.1

4.2.3.17.1. Mochika e trumai

Não há na literatura estudos sobre contatos entre os ancestrais dos mochika e dos trumai. Embora a distância geográfica entre as referidas populações pese em desfavor, o número e qualidade dos paralelos observados (TABELA 251) podem representar indícios de contato pré-histórico entre uma parcela de emigrados de origem mochika e os ancestrais dos trumai, favorecendo a hipótese já apresentada em §4.2.3.9.1 de que uma parcela dos ancestrais dos mochika teria imigrado pelas bacias do Marañón e Solimões e, então, subido o curso do Madeira-Mamoré.

TABELA 251. Paralelos lexicais entre os conjuntos mochika e trumai

| | MOCHIKA | TRUMAI |
|---------------|--------------|-------------------|
| barriga | pol/pox | opona |
| boca/lábio | sap 'boca' | laφ 'lábio' |
| casa | a:n | daɬ |
| chefe | alək | æk |
| comer | man | -ma |
| deitar/dormir | uɬ 'deitar' | o-oɬ- 'dormir' |
| dente | əʔaŋ | iɬja |
| estrela | tsi | asi |
| fogo | oɬu | so |
| madeira | pup | tsipup |
| noite/escuro | saɬ 'escuro' | ɬaxnīnī 'noite' |
| olho/ver | ɬoɬɬ | xon; xu?tsa 'ver' |
| papagaio | ɬjoroj | ts?uru |

TABELA 251. Paralelos lexicais entre os conjuntos mochika e trumai

| | MOCHIKA | TRUMAI |
|------------|-----------|--------------|
| rede | jak | esak |
| ver/vigiar | nok 'ver' | oko 'vigiar' |

4.2.3.18. Omurano

Foram detectados extratos léxicos compartilhados pelos omurano e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- arawak → §4.2.1.4.1.19
- leko → §4.2.3.15.2
- urarina → §4.2.3.18.1
- zaparo → §4.2.2.27.1

4.2.3.18.1. Omurano e urarina

Não há na literatura estudos sobre contatos entre os ancestrais dos omurano e dos urarina. Os escassos paralelos lexicais apresentados na TABELA 252 podem conter indícios de que as referidas populações teriam participado da esfera de interação circum-Marañón durante a pré-história.

TABELA 252. Paralelos lexicais entre os conjuntos omurano e urarina

| | OMURANO | URARINA |
|-----------------|---------------|-------------------|
| fogo/madeira | injo 'fogo' | enia 'madeira' |
| porco | tʃa:ne | ʃaana |
| sangue/vermelho | lana 'sangue' | lanaha 'vermelho' |
| veado | ala:mare | ʃemae 'canídeo' |
| onça | arerawin | itɛɛej |

4.2.3.19. Paez

Foram detectados extratos léxicos compartilhados pelos paez e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- andaki → §4.2.3.2.1
- barbakoa → §4.2.2.3.5
- chibcha → §4.2.1.1.5
- choko → §4.2.2.6.3
- kofan → §4.2.3.12.1
- tukano → §4.2.2.23.2

4.2.3.20. Pijao

Foram detectados extratos léxicos compartilhados pelos pijao e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- witoto-okaina → §4.2.2.25.1

4.2.3.21. Sape

Foram detectados extratos léxicos compartilhados pelos sape e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- arutani → §4.2.3.3.2
- chibcha → §4.2.1.1.6
- jirajara → §4.2.2.10.1
- maku → §4.2.3.16.1
- puinave-kak → §4.2.1.8.2.5
- tukano → §4.2.2.23.3
- warao → §4.2.3.21.1

4.2.3.21.1. Sape e warao

A existência de paralelos entre as línguas warao e sape já havia sido mencionada, mas não demonstrada (cf. Lewis *et alii* 2015). Os escassos paralelos lexicais observados podem representar algum indício de que as referidas populações teriam participado da esfera de interação do Maciço das Guianas durante a pré-história (TABELA 253).

TABELA 253. Paralelos lexicais entre os conjuntos sape e warao

| | SAPE | WARAO |
|----------|------------|------------|
| água/rio | nam ‘água’ | naba ‘rio’ |
| caititu | ãmō | ubo |
| dar | ma | moa |
| fígado | mapi | mahi |
| morder | pu | bu |
| olho/ver | mow ‘ver’ | mu ‘olho’ |
| seio | muemi | ami |
| Sol | jam | ja |
| tabaco | jabo | kojaba |

4.2.3.22. Taruma

Foram detectados extratos léxicos compartilhados pelos taruma e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- arawa → §4.2.2.2.6
- arawak → §4.2.1.4.1.22
- chibcha → §4.2.1.1.7
- harakmbet-katawixi (katukina-katawixi) → §4.2.1.3.2.5
- jivaro → §4.2.2.11.3
- karib → §4.2.2.12.4
- kwaza → §4.2.3.14.1
- macro-jê (jeoromitxi) → §4.2.1.5.2.4
- mura-matanawi → §4.2.2.17.2

- tukano → §4.2.2.23.4
- tupi → §4.2.1.9.9
- yanomami → §4.2.2.26.2

4.2.3.23. Tauxiro

Foram detectados extratos léxicos compartilhados pelos tauxiro e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- leko → §4.2.3.15.3
- tekiraka → §4.2.3.23.1

4.2.3.23.1. Tauxiro e tekiraka

Não há na literatura estudos sobre contatos entre os ancestrais dos tauxiro e dos tekiraka. Os paralelos lexicais apresentados na TABELA 254 representam evidências de que as referidas populações teriam participado da esfera de interação circum-Marañón durante a pré-história.

TABELA 254. Paralelos lexicais entre os conjuntos tauxiro e tekiraka

| | TAUXIRO | TEKIRAKA |
|------------|---------|-----------|
| 1.s. | u- | kun- |
| 2.s. | i- | kin- |
| 3.s. | ja- | jan- |
| água | βei | wae |
| anta | xeʔhi | saxe/sahi |
| árvore | aβah | awa |
| banana | antah | alaha |
| cesta | tʃeʔhu | haʔu |
| chuva | iʔtʃo | ihu |
| duro | aʔihin | ahiri |
| ovo | keʔtu | ate |
| rede | uʔne | uni |
| sangue | aʔtaʔ | arake |
| ser humano | ʔãʔõ | aʔiwa |

4.2.3.24. Tekiraka

Foram detectados extratos léxicos compartilhados pelos tekiraka e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- tauxiro → §4.2.3.23.1

4.2.3.25. Trumai

Foram detectados extratos léxicos compartilhados pelos trumai e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- macro-mataguayo-guaykuru → §4.2.1.6.1
- mochika → §4.2.3.17.1
- tupi → §4.2.1.9.10

4.2.3.26. Umbra

Foram detectados extratos léxicos compartilhados pelos umbra e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- barbakoa → §4.2.2.3.7
- choko → §4.2.2.6.5

4.2.3.27. Urarina

Foram detectados extratos léxicos compartilhados pelos urarina e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- arawak → §4.2.1.4.1.24
- leko → §4.2.3.15.4
- omurano → §4.2.3.18.1

4.2.3.28. Waorani

Foram detectados extratos léxicos compartilhados pelos waorani e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- yaruro → §4.2.3.28.1

4.2.3.28.1. Waorani e yaruro

Não há na literatura estudos sobre contatos entre os ancestrais dos waorani e dos yaruro. Os poucos paralelos lexicais apresentados na TABELA 255 podem ser indícios de que as referidas populações teriam participado da esfera de uma interação no noroeste amazônico durante a pré-história.

TABELA 255. Paralelos lexicais entre os conjuntos waorani e yaruro

| | WAORANI | YARURO |
|---------------|---------|----------|
| 2.P | mīnitō | mɛnɛɾɔ |
| abelha | æamo | ēmi |
| caminho | taa-dō | nō |
| casa | ō-kō | hō |
| céu | ō-ōdæ | āde |
| dormir | bō | mōā |
| porco-do-mato | amo | aboea |
| quente | āgō ā | kua-ku-a |

4.2.3.29. Warao

Foram detectados extratos léxicos compartilhados pelos warao e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- arutani → §4.2.3.3.3
- karib → §4.2.2.12.5
- maku → §4.2.3.16.2

- sape → §4.2.3.21.1

4.2.3.30. Yaruro

Foram detectados extratos léxicos compartilhados pelos yaruro e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- arawak → §4.2.1.4.1.26
- bora-muinane → §4.2.2.4.5
- choko → §4.2.2.6.7
- duho (saliba-hodi) → §4.2.1.2.1.5
- waorani → §4.2.3.28.1
- witoto-okaina → §4.2.2.25.2

4.2.3.31. Yurakare

Foram detectados extratos léxicos compartilhados pelos yaruro e os seguintes grupos etnolinguísticos:

- moseten-tsimane → §4.2.2.16.2

5. UM MODELO ARQUEO-ECOLINGUÍSTICO PARA AS TERRAS TROPICAIS DA AMÉRICA DO SUL

Este capítulo encerra a proposta de um modelo arqueo-ecolinguístico da evolução da diversidade etnolinguística na porção tropical da América do Sul – uma das principais metas alcançadas pela presente investigação. Este modelo representa, assim, uma síntese sobre quais teriam sido ao longo dos 4000 últimos anos as principais esferas de interação existentes na área abordada. Neste modelo estão incluídas discussões sobre este espaço-tempo minuciosamente fundamentadas numa perspectiva ecossistêmica por argumentos multidisciplinares intrinsecamente complementares e componencialmente sincronizados. Tendo como referência o espaço-tempo abordado, cada um destes argumentos – levantados através da integração dialógica dos resultados de investigações sobre linguística, arqueologia, etno-história, antropologia e genética humana apresentados e discutidos em §3-4, buscou, assim, respaldar o mapeamento e descrição (i) das esferas de interação pré-históricas, (ii) de seus desdobramentos ecolinguísticos e (iii) das rotas de migração/dispersão das populações pré-históricas participantes.

Tendo em vista a necessidade de se sistematizar as nomenclaturas de referência aos diferentes estágio evolutivos de cada um dos grupos etnolinguísticos abordados no espaço-tempo em análise, a primeira seção (§5.1) consiste num excursão sobre como correlacionar (i) cronologias arqueológicas, (ii) suas respectivas fases e tradições cerâmicas, (iii) os prováveis grupos etnolinguísticos que as teriam produzido e (iv) as protolínguas que estes grupos por ventura tenham falado com base na diversidade linguística historicamente atestada. As demais seções (§5.2-5.6) correspondem à apresentação do modelo arqueo-ecolinguístico propriamente dito. Por questões de organização prática, este modelo foi subdividido por zonas que apresentam certa afinidade geocultural:

- (i) Andes Setentrionais e seu entorno (§5.2);
- (ii) Noroeste amazônico e seu entorno (§5.3);
- (iii) Oeste/Sudoeste amazônico e seu entorno (§5.4);
- (iv) Leste amazônico e seu entorno (§5.5);
- (v) Andes Centrais e seu entorno (§5.6).

5.1. CRONOLOGIAS DAS TRADIÇÕES CERÂMICAS E CORRELAÇÕES ECOLINGUÍSTICAS

Nas últimas décadas muitos estudiosos vêm utilizando dados linguísticos, históricos, arqueológicos, etnográficos e ecológicos para justificar modelos de origem e dispersão de grupos etnolinguísticos na pré-história. Como se sabe, é justamente através de redes de interação intersocial que distintos aspectos culturais se difundem – dentre os quais tecnologia, língua, arte e cosmovisão – de modo que qualquer aspecto cultural pode ser apropriado por certas sociedades ou infundido nelas, dados os contextos de contato assim como os princípios e parâmetros das tradições culturais das sociedades ali envolvidas. Como vimos na seção §1.3, é este mesmo aspecto fundamental das sociedades que também propicia, por exemplo, a etnogênese ou a evolução de sociedades-estado a partir de sociedades tribais.

Entretanto, um problema metodológico recorrente refere-se à associação exclusiva entre tradições cerâmicas e certos grupos etno-linguísticos. Dois casos clássicos e bastante mencionados na literatura são o relacionamento da tradição barrancóide aos povos arawak (Lathrap 1970; Heckenberger 2001; 2011; Ericksen 2011) e da tradição policroma amazônica aos povos tupí (Brochado 1984). Tais hipóteses, de que estes povos teriam sido os ‘criadores’ e ‘produtores’ exclusivos destas tradições cerâmicas não é suportado por dados históricos, dado que tais tradições se iniciaram muitos séculos antes do período colonial. A mera associação da existência de cerâmica de uma certa tradição à presença de um mesmo grupo etno-linguístico nestes territórios em si é contraditória. Alguns estudos (Heckenberger *et alii* 1998; da Cruz 2008:157; Almeida 2013) vêm apontando justamente a inconsistência nesta correlação. Heckenberger *et alii* (1998) demonstram, por exemplo, que não há como sustentar a correlação assumida por Brochado (*op.cit.*) entre a tradição policroma amazônica e povos da família tupi-guarani.

Outra espécie de correlação comumente feita, porém sem fundamentação concreta, é aquela entre o ponto de origem de um grupo etnolinguístico e o ponto de origem de uma tradição cerâmica. Por exemplo, Noelli (1996) em sua revisão sobre os modelos de dispersão tupi demonstra justamente que a arqueologia não foi até o momento capaz de definir claramente a localização do centro de expansão dos proto-tupí, nem o dos proto-tupí-guarani, tampouco suas rotas de expansão. A única informação realmente relevante que se pode tomar com relação a

processos de expansão a partir de dados arqueológicos é a existência de direcionamentos de expansão de tradições arqueológicas – o que implicaria numa movimentação populacional ou num intercâmbio de bens através de redes de interação⁴⁰². Isto, porém, não torna necessariamente possível uma correlação entre tal classe de informação e a expansão/migração de um grupo etnolinguístico específico.

Existe, de fato, um problema metodológico em correlacionar ponto de origem e dispersão de uma população unicamente a partir de informações arqueológicas ou linguísticas. A associação entre linguística e arqueologia – mais precisamente entre famílias linguísticas e tradições cerâmicas – pode, pela mesma razão, facilmente gerar interpretações ingênuas e distorcidas, que pressupõem a vigência de um purismo cultural – algo praticamente inexistente na história da humanidade, pois somente aquelas populações que se mantiveram por muitos séculos em total isolamento poderiam assim ser avaliadas. Há, assim, um sério déficit metodológico em fazer associações diretas e exclusivas entre famílias linguísticas e tradições cerâmicas unicamente a partir de dados arqueológicos e linguísticos, a menos que tal relação seja historicamente atestada.

Um outro problema frequentemente observado nos estudos sobre a pré-história diz respeito à nomenclatura de referência utilizada para populações pré-históricas. É um erro assumir que as populações atuais possam ser correlacionadas com registros arqueológicos de forma direta. Principalmente, assumir que os povos de hoje podem ser diretamente representativos da produção das culturas arqueológicas arcaicas é desconsiderar uma característica intrínseca da ecologia humana, que permeia a evolução social – a etnogênese. Retomando o conceito, a etnogênese é a emergência de uma sociedade a partir do sincretismo gerado pelo contato de diferentes populações presentes num dado ecossistema, a ponto de parte destes indivíduos não se identificarem mais como pertencentes a nenhuma das sociedades preexistentes, mas sim a uma sociedade renascida de forma reativa dentro de um ecossistema social dinâmico. Neste sentido, associar uma cerâmica produzida, por exemplo, há 2000 anos, com as sociedades históricas ‘guarani’ ou ‘tupinambá’ é incorrer no referido problema metodológico. Se faz necessário, neste sentido, nomear estas populações do passado através de

⁴⁰² Dentro das redes de uma esfera de interação real muito provavelmente também ocorram naturalmente movimentações de certos contingentes populacionais.

uma denominação relativa, por meio dos prefixos **pré-** e **proto-**. A seguinte utilização destes prefixos será adotada neste estudo:

- “pré-” refere-se a uma população Y, existente num período anterior ao da coalescência de uma população X, que teria de alguma forma participado como componente ativo na gênese de X, deixando nesta um substrato/adstrato cultural e/ou linguístico;
- “proto-” refere-se ao estágio inicial de coalescência de uma população qualquer.

Assim, as nomenclaturas a seguir devem ser impreterivelmente adotadas:

- (i) uma população pré-X refere-se a um grupo humano que habitava um território qualquer num período imediatamente anterior e/ou durante a coalescência da população X neste mesmo âmbito, tendo tido necessariamente alguma participação na gênese desta;
- (ii) uma população proto-X refere-se ao grupo humano diretamente derivado de uma população proto-proto-X e originador de um conjunto de populações etnolinguisticamente relacionadas, que conformam a família filogenética X;
- (iii) uma população pré-proto-X refere-se a um grupo humano que habitava um território qualquer num período imediatamente anterior e/ou durante a coalescência da população proto-X neste mesmo âmbito, tendo tido necessariamente alguma participação na gênese desta;
- (iv) uma população proto-proto-X refere-se ao grupo humano representativo do estágio de desenvolvimento evolutivo da linhagem X imediatamente anterior à emergência da população proto-X; em outras palavras, os proto-proto-X representam os ancestrais imediatos dos proto-X.

Já que tanto identidade étnica como língua estão permanentemente sujeitas a serem transformadas por forças ecossistêmicas, é importante frisar que qualquer correlação entre populações históricas e pré-históricas requer minimamente de atenção terminológica a fim de serem evitadas quaisquer caracterizações anacrônicas. Assim, se consideradas as postulações acima, é um equívoco assumir, por exemplo, que os guarani e os tupinamba já estariam instalados desde há 2000 anos em seus territórios historicamente conhecidos, pois isto incorre na utilização deficiente de uma nomenclatura que não observa o evidente caráter diacrônico e evolutivo das populações que produziram as cerâmicas das subtradições guarani e tupinambá durante praticamente dois milênios. Uma associação direta de populações historicamente

atestadas com aquelas que teriam produzido uma dada qualidade de cerâmica seria, portanto, anular toda a gama de diversidade que emergiu e desapareceu neste decurso evolutivo. Um erro desta magnitude seria o equivalente a dizer, por exemplo, que a constituição etnolinguística dos portugueses e espanhóis do século XX em nada difere da dos romanos que colonizaram a Península Ibérica durante o século V d.C..

Por outro lado, é importante frisar ser coerente inferir que populações etnolinguisticamente relacionadas podem ter produzido durante um certo período cerâmica de uma certa tradição ou, alternativamente, ter adotado certas técnicas e estilos preferenciais de alguma fase evolutiva da referida tradição. Entretanto, isto não implica – dada a existência ubíqua de redes de trocas e interação – que outras populações não relacionadas a este grupo etnolinguístico não possam ter se apropriado deste modo de produção e passado a reproduzi-lo – mesmo que a seu modo particular, seja por caracterizar estilisticamente a sua etnicidade ou em virtude do uso de matérias-primas locais. É importante ressaltar também que o grupo etnolinguístico que por ventura venha a ser relacionado como principal produtor de uma certa fase cerâmica pode não ter sido o criador deste modo de produção, mas ter se apropriado da tradição de outro grupo com o qual por algum período ele tenha mantido contato num período anterior.

Assim, como a cultura evidentemente **não** é uma característica inalienável dos seres humanos,⁴⁰³ a premissa de que um certo grupo étnico historicamente atestado (ou de que grupos etnolinguisticamente relacionados) seja(m) o(s) único(s) responsável(is) pela produção de toda uma cultura/tradição arqueológica é provavelmente falsa. A visão de que é possível estabelecer uma tal correlação **hermética** entre tradições/estilos cerâmicos e grupos etnolinguísticos parece justamente negar uma das premissas básicas das sociedades humanas, que é a formação de redes de interação social, sejam elas mediadas por relações de igualdade (cooperação) ou desigualdade (predação). Associações deste tipo, que remetem a uma pureza cultural e etnolinguística vão, de fato, na contramão de todas as evidências já expostas por arqueólogos e historiadores, por exemplo, acerca da existência de cacicados multiétnicos nas terras baixas da

⁴⁰³ A construção da inalienabilidade ocorre culturalmente, mas pragmaticamente esta construção é um invento orientado pela própria natureza centrípeta da cultura numa sociedade qualquer. A predação é o maior contra-exemplo à argumentação de que a inalienabilidade de fato exista: a própria história nos revela que inalienabilidade é um conceito relativo e que tudo pode ser apropriado, inclusive cabeças (veja, por exemplo, as sociedades de caçadores de cabeças), ou mesmo a energia vital (veja, por exemplo, as implicações rituais do canibalismo nas sociedades araweté e tupinambá).

América do Sul. Até o momento não existem evidências concretas, mas unicamente especulação de que o controle das extensas redes de interação presentes nesta mesma região fosse em algum momento da pré-história exclusivamente realizado por sociedades de um único grupo etnolinguístico, como sugerem Hornborg (2005) e Eriksen (2011) com relação aos arawak. Estes autores postulam que por volta do ano 1000 d.C. os povos arawak ativamente controlavam uma imensa rede de interação que se estendia da Bolívia até o Caribe, mas os próprios dados arqueológicos contradizem esta idealização. Por exemplo, o padrão descontínuo de assentamentos que se observa na Amazônia Central a partir de VII d.C. sugere justamente o contrário: uma instabilidade regional associada a constantes mudanças de controle territorial, que foi, inclusive, o provável motivo das migrações de muitos povos para longe da Amazônia Central e do Baixo Amazonas. De fato, a partir do século VIII d.C. até o período colonial, povos associados à cerâmica da tradição policroma amazônica estavam se expandindo por toda a Amazônia Central e a dispersão desta tradição está diretamente associada à formação de montículos que os arqueólogos interpretam como defensivos justamente em função da existência de conflito pelo controle territorial. Quais argumentos, então, existiriam para que uma hipótese como a de Hornborg (*op.cit.*) e Eriksen (*op.cit.*) se sustentassem? O fato de povos arawak estarem difundidos pela Amazônia não justifica absolutamente a suposição de que eles tenham exercido controle absoluto de todas as principais vias de fluxo cultural e humano conhecidas no referido período.

Um outro problema frequente é a insistência de se utilizar a glotocronologia – uma metodologia já amplamente rejeitada na linguística – para forjar coincidências temporais com períodos cerâmicos, na pretensão de se justificar um certo modelo de dispersão etnolinguística. Muitos autores indiscriminadamente incorrem neste problema metodológico. Como vimos em §2.2, não é possível estabelecer datações absolutas para evoluções linguísticas, pois existem inúmeros fatores extralinguísticos que alteram as dinâmicas desta evolução, e não existe a possibilidade de que a complexidade destes fatores passados seja mensurada com exatidão. Deste modo, propostas de datação **absoluta** da coalescência de uma proto-língua não passam de especulação se levarmos em conta as dinâmicas populacionais (principalmente de povos tribais) e suas implicações ecossistêmicas (cf.: §1.3). Apenas com relação à origem e dispersão dos povos tupi pode-se citar, por exemplo, Rodrigues (1964; 1986), Migliazza (1982), Brochado (1984; 1989), Urban (1992; 1996), Noelli (1996; 1998), Miller (2009a), Eriksen & Galucio (2014) como autores que dão autoridade a datações glotocronológicas para subsidiar o

seu modelo de dispersão tupi ou tupi-guarani. Abaixo há um exemplo ilustrativo que diretamente envolve este problema metodológico.

“As datas glotocronológicas, propostas por Rodrigues (1958, 1964), são: o proto-tupi, língua que originou as componentes do tronco tupi, teria se constituído por volta de 5000 anos atrás, e a família tupi-guarani, 2500 anos depois. Esta data, para a família tupi-guarani, pode ser ampliada devido às datas que mostram os guarani já estar ocupando o Paraná e o Rio Grande do Sul há, no mínimo, 2000 anos e os tupinambá há, pelo menos, 1800 anos, Piauí, São Paulo e Rio de Janeiro.” (Noelli 1994:124)

Enfim, a mera associação de maior diversidade linguística a um território como ponto de origem e dispersão de um grupo etno-linguístico é contestável, pois este fato uma vez mais ignora aspectos sociológicos importantes, como a mobilidade de grupos humanos na pré-história. Almeida (2013) questiona justamente a criteriosidade em se fazer esta tal correlação entre arqueologia e diversidade linguística:

“[S]e a diversidade cultural (e.g. MILLER, 2009[a]) e linguística (RODRIGUES e CABRAL, 2012) dentro do tronco tupi levam os pesquisadores a considerar o sudoeste amazônico como centro de dispersão dos tupi, por que a diversidade cultural (e.g. ALMEIDA, 2008; GARCIA, 2012a) e linguística dentro da família tupi-guarani não pode levar pesquisadores a considerar o sudeste amazônico como centro de dispersão dos grupos dessa família?” (Almeida *id.*:79)

Uma correlação científica deste tipo é pertinente, de forma segura, unicamente quando outros fatores extralinguísticos, como dados (etno)históricos, arqueológicos e genéticos são conjuntamente levados em consideração de forma criteriosa.

5.2. ANDES SETENTRIONAIS E SEU ENTORNO

A partir da correlação das informações arqueológicas e linguísticas apresentadas em §3.2.1, §3.3.1.4, §3.3.2.6 e §4 é possível observar uma série de desdobramentos ecolinguísticos diretamente vinculados a processos migratórios e expansivos assim como à formação de esferas de interação regionais e macrorregionais, que teriam ocorrido nos Andes Setentrionais e seu entorno durante a pré-história. A seguir serão apresentados os desdobramentos de evolução interativa relativos especificamente aos proto-barbakoa, aos proto-cholon-hibito, aos proto-mochika, aos proto-choko, aos proto-chibcha, aos proto-paez, aos proto-andaki e aos proto-tinigua-pamigua.

5.2.1. Os proto-barbakoa, os proto-cholon-hibito e os proto-mochika

A existência de um estrato comum compartilhado pelo proto-barbakoa-meridional e pelo proto-barbakoa setentrional, envolvendo aspectos lexicais e morfossintáticos assim como uma evolução fonológica reconstruível para um proto-sistema comum, justifica que estas línguas tenham um ancestral comum (Curnow & Liddicoat 1998). Por outro lado, fortes divergências são encontradas tanto no léxico como na fonologia e na gramática das diferentes línguas barbakoa. Além disto, a cultura dos proto-barbakoa-meridional, dos proto-pasto e dos proto-kokonuko contrastam em diversos aspectos. Estas duas observações dão suporte à postulação de que a etnogênese destas populações pré-históricas teria sido caracterizada por processos de miscigenação, dos quais teriam decorrido reestruturações sociais e linguísticas importantes. Neste sentido, é previsível que o desenvolvimento destas populações tenha estado vinculado na pré-história a um afastamento territorial inicial por ao menos uma destas populações e, num momento posterior, pela sua adesão a outra esfera de interação, o que teria provocado fortes efeitos idiossincráticos associados a um processo etnogênico.

Tendo este contexto em mente e com base nas correlações interdisciplinares acima mencionadas, a seguinte explicação diacrônica é sustentada:

- (i) os proto-barbakoa seriam produtores da cultura la chimba entre os séculos IX e VI a.C., no altiplano centro-norte equatoriano, tendo permanecido durante este tempo como um mesmo grupo etnolinguístico; os proto-cholon-hibito, por sua vez, seriam mercadores oriundos da bacia do Upano, na Montanha equatoriana, onde produziam a cultura upano-kilamope (700 a.C. – 500 d.C.); os proto-proto-mochika eram provavelmente oriundos dos Andes sul-equatorianos e produtores da cultura catamayo (2000 a.C. – 300 a.C.);
- (ii) entre a segunda metade do primeiro milênio a.C. e a primeira metade do primeiro milênio d.C. os proto-cholon-hibito seriam uma das principais populações responsáveis pelo intercâmbio de mercadorias entre a Amazônia e a costa equatorianas; nesta esfera de interação trans-equatoriana também participariam os proto-proto-mochika dos Andes sul-equatorianos; tal alegação é respaldada por evidências linguísticas contundentes de que os proto-cholon-hibito e os

ancestrais dos mochika mantiveram um estreito contato durante a pré-história, como indicam os paralelos a seguir: CLN el ‘mandioca’ : MCK er ‘*id.*’; CLN ip ‘raiz’ : MCK jep ‘*id.*’; CLN uts ‘abóbora’ : MCK lo:ʃ ‘*id.*’; CLN meʃ ‘ramo/galho’ : MCK meʃ ‘*id.*’; CLN oʃo ‘grande’ : MCK uts(o) ‘*id.*’; CLN kaʃ ‘milho’ : MCK kas ‘semente’; CLN kas ‘vento’ : MCK kəts ‘*id.*’; CLN lam ‘matar’ : MCK læm ‘morrer’; HBT ʃonti ‘lagarto’ : MCK ʃantek ‘*id.*’; HBT kuiɲa ‘Lua’ : MCK kuiɲan ‘grávida’; a presença de prováveis topônimos de origem mochika nos Andes sul-equatorianos também respaldam esta alegação;

- (iii) em meados do século VI a.C., os proto-barbakoa-meridional e proto-barbakoa-setentrional teriam se tornado grupos etnolinguísticos distintos depois dos últimos terem se deslocado para a Montanha do Equador central e passado a produzir cerâmica da tradição cosanga-panzaleo, enquanto que os primeiros teriam expandido seu território original para o norte até a altura de Pasto (Departamento de Nariño), no extremo sul colombiano, continuando a produzir a cerâmica associada à cultura la chimba;
- (iv) após sua imigração para a Montanha equatoriana, os proto-barbakoa-setentrional teriam se firmado na bacia do Alto Pastaza como produtores da cerâmica da fase cosanga-panzaleo; desde então teriam passado a participar da esfera de interação regional previamente estabelecida pelos proto-cholon-hibito da bacia do Upano; tal alegação é respaldada por evidências linguísticas contundentes de que os ancestrais dos cholon-hibito mantiveram estreito contato com os proto-barbakoa-setentrional durante a pré-história, como indicam os paralelos a seguir: HBT kaʃi ‘água’ : AWP k^waʃe ‘*id.*’; HBT ʃu ‘cachorro’ : AWP (i)ʃu ‘onça’; HBT ʃonti ‘jacaré’ : AWP soɲ ‘*id.*’; CLN keʃum ‘nariz’ : AWP kiɲu ‘*id.*’; CLN pum ‘farinha’ : GBY pumbuit ‘*id.*’; CLN an ‘um’ : GBY kan ‘*id.*’; CLN -mu ‘NEG’ : GBY -mu ‘*id.*’; CLN uul ‘mandioca’ : PKOK *lu ‘*id.*’; CLN oolum ‘cobra’ : PKOK *ol ‘*id.*’; CLN appa ‘pai’ : PKOK *apa ‘*id.*’; CLN kuʃ ‘minhoca’ : PBBK *kuʃi ‘*id.*’; CLN pel ‘Lua’ : PKOK *pili ‘*id.*’; HBT uʃʃ ‘fogo’ : GBY uʃe ‘brasa’; HBT nuum ‘homem’ : MCK numi ‘pênis’;
- (v) na região de Pasto os proto-barbakoa-meridional teriam firmado relações comerciais com populações proto-guaymi (de origem chibcha) a partir da era cristã, tendo em vista a expansão da esfera de interação chibcha para os Andes

- Setentrionais; tais relações foram registradas através de empréstimos linguísticos, dentre os quais se destacam: BGL *ʃjio* ‘pimenta’ : CPL *tʃu* ‘*id.*’; NGB *lapa* ‘lagarto’ : TFK *lãpalo*; NGB *θuri* ‘macaco’ : BGL *uri* ‘*id.*’ : CPL *ʃuri* ‘*id.*’;
- (vi) a partir do século IV d.C. os proto-barbakoa-setentrional teriam se expandido para os Andes sul-colombianos, passando a participar da esfera de interação regional de San Agustín, sendo visível a influência da sua cerâmica (fase cosanga-panzaleo, 600 a.C. – 800 d.C.) na cerâmica local produzida desde então (fase isnos, 300 d.C. – 800 d.C.); a etnogênese dos proto-kokonuko e dos proto-pasto teria ocorrido em vista da miscigenação de parcelas dos proto-barbakoa-setentrional com populações locais; os seguintes desenvolvimentos foram previstos:
- a. os proto-proto-kokonuko teriam se estabelecido na bacia do Alto Magdalena e se miscigenado, por exemplo, com descendentes dos proto-tukano, que eram os prováveis produtores da cultura de San Agustín; tal miscigenação pode ser observada através de empréstimos lexicais de origem tukano em proto-kokonuko, dentre os quais se destacam: PTUK **ma* ‘caminho’ : PKOK **mai* ‘*id.*’; PTUK **jami* ‘noite’ : PKOK **jem* ‘*id.*’; PTKE **kape* ‘olho’ : PKOK **kap* ‘*id.*’;
 - b. os proto-proto-pasto teriam se miscigenado, por exemplo, com populações de origens barbakoa-meridional e choko após terem se estabelecido na porção do altiplano entre o norte do Equador e o extremo sul colombiano; ali teriam desenvolvido a partir do século VI d.C. o período clássico da cultura capuli.
- (vii) durante o século V d.C., em decorrência de uma grande erupção do vulcão Sangay, os proto-cholon-hibito teriam se refugiado no Marañón e de lá imigrado para a bacia do Huallaga, abandonando permanentemente a bacia do Upano; tal alegação é fortemente respaldada pela correlação sequencial da cultura upano-kilamope (700 a.C. – 500 d.C.) com a cultura aspusana (500 d.C. – 900 d.C.) da bacia do Huallaga e pelo fato de suas cerâmicas compartilharem diversos elementos estilísticos diagnósticos;
- (viii) os proto-barbakoa-meridional teriam fundado entre os séculos VII e VIII d.C. a cultura caranqui (700 d.C. – 1500 d.C.) a partir da miscigenação com populações

proto-pasto. Neste mesmo período teriam firmado relações com populações falantes de proto-mochika, relacionadas com a cultura moche da costa norte peruana (com os quais teriam comercializado *Spondylus*), do que se observa a presença de alguns empréstimos: MCK fenu ‘comer’ : CPL * ϕ i-nu ‘*id.*’, MCK $\text{f}\acute{\text{a}}\text{j}\acute{\text{a}}$ ‘concha’ : CPL $\text{f}\acute{\text{u}}\text{j}\acute{\text{a}}$ ‘*id.*’, MCK $\text{f}\acute{\text{o}}\text{p}\acute{\text{o}}\text{n}\acute{\text{i}}\text{k}$ ‘mulher’ : CPL sopo ‘*id.*’, MCK kunti ‘vale’ : TFK konti ‘*id.*’;

- (ix) entre os séculos VIII e IX d.C. o território original dos proto-barbakoa-setentrional teria sido invadido pelos proto-kechua-equatoriano após estes últimos terem imigrado desde os Andes Centrais através dos rios Marañón e Napo; a partir de então as populações do subgrupo barbakoa meridional teriam estado em contato com populações falantes de kechua-equatoriano, do que resultaram alguns empréstimos, como: KCH $\text{w}\acute{\text{a}}\lambda\text{p}\acute{\text{a}}$ ‘galinha’ : PBRM * $\text{w}\acute{\text{a}}\lambda\text{p}\acute{\text{a}}$; KCH ruku ‘homem’ : CPL ruku ‘marido’; KCH junku ‘montanha’ : CPL lunkuji; KCH ali ‘planta/ramo’ : PBRM *ali ‘ramo’; KCH nina : PBRM *nin.

5.2.2. Os proto-choko

Tendo em vista que os proto-choko apresentam diversos elementos característicos de tradições culturais centradas no noroeste amazônico, é previsível que sua origem tenha sido neste âmbito. A existência de um estrato linguístico comum compartilhado entre o proto-choko e o yaruro, envolvendo exclusivamente aspectos lexicais, pode ser explicada a partir de uma reestruturação linguística decorrente de processo de crioulização do proto-choko-yaruro (cf.: Pache, no prelo). Estudos genéticos revelaram indícios de que teria havido certa miscigenação entre populações de origem choko e chibcha magdalênico, assim como entre populações de origem choko e guahibo. É intrigante que embora os proto-choko tenham estado em íntimo contato com os proto-tukano provavelmente na bacia do Alto Caquetá, até o momento não foi encontrada evidência linguística de contato entre os últimos e os ancestrais dos yaruro, de modo que estes últimos devem ter imigrado para a bacia do Orinoco antes da expansão dos

descendentes dos proto-tukano para a região amazônica.⁴⁰⁴ Com base nestas considerações, assim como nos dados arqueológicos e linguísticos apresentados em §3.2.1, §3.3.1.4, §3.3.2.6 e §4, a seguinte explicação evolutiva deste conjunto é oferecida:

- (i) os proto-proto-choko e os proto-proto-yaruro seriam oriundos da bacia do Baixo Caquetá e teriam habitado esta zona pelo menos até por volta de V d.C., quando os proto-proto-yaruro teriam imigrado para a bacia do Orinoco através do interflúvio Caquetá-Guaviare, provavelmente em virtude de pressões expansionistas dos descendentes dos proto-arawak, dos proto-bora-muinane e dos proto-witoto-okaina; antes de terem imigrado, os proto-proto-yaruro teriam mantido contato com as referidas populações, o que é observado pelas influências de cunho linguístico:
- a. proto-arawak: PARW *nih ‘piolho’ : YRR nē ‘*id.*’; PARW *pe ‘casa’ : YRR be ‘*id.*’; WPX -d̥iwa ‘rabo’ : ʃ^hia ‘*id.*’; WPX -suusu ‘flor’ : YRR ʃ^huʃ^hu ‘*id.*’; PNWK *itsindua ‘flecha’ : YRR ʃ^hitō ‘*id.*’; PNWK *tuupu ‘lagarto’ : YRR topo-topo ‘*id.*’; PNWK *hutuku-li ‘pomba’ : YRR hotoko ‘*id.*’; LKN anorhá ‘garça’ : YRR ãdora ‘*id.*’; LKN k^hole ‘fraco’ : YRR kore ‘*id.*’; LKN jaloko ‘espírito’ : YRR d̥zaroka ‘*id.*’; LKN wadi-li ‘homem’ : YRR ɔari ‘*id.*’; LKN aboja ‘porco’ : YRR aboea ‘*id.*’; LKN warhiru ‘raposa’ : YRR oairi ‘*id.*’; LKN hikolhi ‘tartaruga’ : ikuri ‘*id.*’; LKN onabo ‘terra’ : YRR dabu ‘*id.*’; YNE xipa-li ‘batata-doce’ : YRR d̥ʒipe ‘*id.*’;
- b. proto-witoto-okaina: PWOK *kōẽ/*kuʔe- ‘1.S’ : YRR kōde ‘*id.*’; PWOK *hebeki-goi ‘aranha’ : YRR apekōe ‘*id.*’; PWOK *õʔã- ‘carne’ : YRR gõã ‘*id.*’; PWOK *iʔi ‘homem’ : YRR õi ‘*id.*’; PWOK *éʔi- ‘mãe’ : YRR aĩ ‘*id.*’;
- c. proto-bora-muinane: PBRM *paaga- ‘aranha’ : YRR mākã ‘*id.*’; PBRM *buua ‘cobra’ : YRR poana ‘*id.*’; PBRM *paikumuuu ‘mandioca’ : YRR pae ‘*id.*’.
- (ii) neste mesmo período, proto-proto-choko teriam ainda permanecido na bacia do Baixo Caquetá e mantido distintos padrões de interação com populações locais, como com os proto-guahibo, que na época teriam habitado a bacia do Alto Negro; teria havido alguma miscigenação e concretizaram-se nas línguas destas populações empréstimos como: PEPR *pãrã- ‘2.P’ : PGHB *papa- ‘*id.*’, PEPR

⁴⁰⁴ Infelizmente, até o momento não há dados genéticos publicados a respeito da população yaruro, de modo que evidências genéticas de contato entre os ancestrais dos yaruro e populações do noroeste amazônico ainda não podem ser estabelecidas.

*biʃa ‘anta’ : PGHB *meetsaha, PCHK **nemehõ > PEPR *ne-hõ : PGHB *xu-
‘semente’; PEPR *ibu ‘areia’ : PGHB *ibo- ‘pedra’; PEPR *kuru ‘panela’ : KUI
koro ‘*id.*’; além de contatos com os proto-guahibo, os proto-proto-choko
certamente mantiveram relações com os proto-bora-muinane e proto-witoto-
okaina, oriundos do Japurá e Alto Solimões, como se observa pelas influências
de cunho linguístico: PEPR *taʃi- ‘1.P’ (-ʃi ‘P’) : PBRM *tʰaʔ- ‘1.S’, PEPR *mi-
‘1.S’ : PBRM *miʔ- ‘1.P’, PEPR *aʃi ‘3.P.’ : BOR aatʰie ‘*id.*’, PEPR *iʔkʰade ‘batata-
doce’ : PBRM *kʰaatʰi ‘*id.*’; PEPR *do ‘rio’ : PWOK *nõ ‘água’, PEPR *mẽa
‘floresta’ : PWOK *amẽna ‘árvore’, PEPR *ʔo ‘caminho’ : PWOK *ío ‘*id.*’, PEPR
*haibana ‘curandeiro’ : PWOK *aima ‘*id.*’, PEPR *pido ‘porco-do-mato’ : PWOK
*medo ‘*id.*’, PEPR *ʃihõ ‘tabaco : PWOK *tiʔó- ‘*id.*’, PEPR *sũra ‘veado’ : PWOK
*θuruma ‘*id.*’;

- (iii) entre os séculos V – VI d.C., como resultado de pressões perpetradas por
populações de origem karib que se expandiam através do Solimões, populações
nawiki, bora-muinane e witoto-okaina se dispersaram, passando a ocupar vastas
áreas da bacia do noroeste amazônico; em vista desta nova realidade
socioecológica, os proto-proto-choko teriam emigrado da região em direção ao
Alto Caquetá, entrando em contato com descendentes dos proto-tukano, o que
teria gerado certa intrusão de elementos léxicos e culturais nesta população:
PTUK *pʔotua ‘cupim’ : PCHK *posoa ‘*id.*’, PTUK *kã- ‘dormir’ > PTKO *kãi :
PCHK *kãi ‘*id.*’, PTUK *weʔa > krg βea, orj bea ‘milho’ : PCHK *be ‘*id.*’, PTUK
*maha ‘arara’ : PCHK *bagara, PTUK *pʔia ‘pimenta’ : PEPR *pida;
- (iv) após cruzarem para a bacia do Alto Magdalena, os proto-proto-choko teriam
ingressado na bacia do Médio Magdalena e se integrado na esfera de interação
nuclear da Área Intermédia, período em que teria havido a etnogênese dos proto-
choko pela miscigenação com populações de origem chibcha e proto-paez; isto
dá sustentação à hipótese de que a língua dos proto-choko apresenta reflexos de
crioulização a partir do contato com populações chibcha, como indicam os
paralelos seguintes: PCHB *da- ‘1.S.’ : PCHK *da- ‘1.P.’; PCHB *baʔ ‘2.S.’ : PCHK
*ba ‘2.P.’; PCHB *i ‘3.S.’ : PCHK *i ‘*id.*’; a relação antiga entre os proto-paez e
os proto-emberá também pode ser visualizada por interferência linguística: PEPR
*beka ‘chicha’ : PAE beka ‘*id.*’, PEPR *kakwa ‘corpo’ : PAE kakue ‘*id.*’, PEPR

*kida ‘dente’ : PAE kiʔtʰ ‘*id.*’, PEPR *ede- ‘Lua’ : PAE aʔte ‘*id.*’, PEPR *βeda ‘peixe’ : PAE wedʝ ‘*id.*’;

- (v) entre os séculos VII e VIII d.C., uma população de provável vínculo karib teria imigrado para a região do vale do Médio Magdalena trazendo consigo uma tradição de enterramentos em urnas funerárias; a intensificação de competição e predação intersocial entre os séculos VIII e IX d.C. ao longo do Magdalena teria forçado os proto-choko a se refugiarem na bacia do Médio Cauca (Departamento de Risalda); estes teriam continuado se expandindo rumo a oeste para a faixa tropical da costa do Pacífico colombiano através das nascentes dos rios Tadó e Andagueda. Tais rios teriam sido utilizados por eles como vias naturais de dispersão durante a ocupação das bacias do San Juan e do Alto e médio Atrato, território conhecido como Chocó a partir da invasão espanhola.

É interessante que Rodríguez (2007a:164) e Piazzini & Moscoso (2009:67) observaram significativa influência da cerâmica da fase sonso (tradição calima), do vale do Médio Cauca, na gênese da tradição mingumalo (1000 d.C. – 1300 d.C.) do Baixo e médio Chocó. Ambas cerâmicas foram inclusive encontradas no mesmo estrado arqueológico num sítio do rio Munguido, departamento Chocó (Cardale De Schrimppff *et alii* 1989). Segundo Rodríguez-Flórez & Colantonio (2013:29-30), os produtores da tradição calima são originários do sul dos Andes colombianos, região tradicional dos povos de língua barbakoa-setentrional. O fato desta fase da tradição calima ser oriunda da região por onde os proto-choko teriam atravessado desde o vale do Magdalena até as planícies de Chocó dá respaldo, assim, à associação entre a migração dos proto-choko através das nascentes dos rios Tadó e Andagueda para o Chocó e o início da produção da cerâmica mingumalo, ressaltando que os registros arqueológicos desta tradição se iniciam no século XI d.C.. Como dito anteriormente, os limites do território dos povos de línguas barbakoa podem ter se estendido ao longo da bacia do Cauca bastante ao norte e, neste sentido, pode-se supor que os calima teriam falado uma língua filiada a esta família e isto justificaria a possível intrusão de elementos linguísticos de origem barbakoa-setentrional durante a etnogênese dos umbra (anserma). Assim, a partir do século X d.C., nesta mesma região da bacia do Médio Cauca, a etnogênese dos umbra teria se dado pela miscigenação entre populações de origem proto-embera e proto-barbakoa setentrional (presumivelmente com os calima).

Dão maior suporte a esta hipótese os estudos genéticos realizados por Rodríguez (2007a) e Arias Alvis (2012:42-43) assim como o arqueológico de Rodríguez-Flórez & Colantonio (2013:29) que puderam relacionar os calima da tradição sonso (500 d.C. – 1550 d.C.) tanto com a população da tradição herrera do altiplano cundiboyacense (localizado na vertente leste do Médio Magdalena) como com os awapit e waunana da região de Chocó, estando em conformidade com a possibilidade de que populações proto-barbakoa-setentrional tenham se expandido ao menos até bacia do Médio Cauca num período anterior ao da imigração proto-choko para esta região. A alta porcentagem do haplogrupo B do DNA mitocondrial exatamente nestas populações antigas e nas populações awapit e waunana, em contraste com praticamente a ausência deste haplogrupo nas populações paez, guambiano e chibcha colombianos, reforça a hipótese, como se observa no QUADRO 11.

QUADRO 11. Distribuição de haplogrupos do DNA mitocondrial nos Andes Setentrionais e arredores

| Filiação | Povo (n) | Porcentagem de haplogrupos do DNA mitocondrial | | | |
|-----------------------------|-------------------|--|-----|----|----|
| | | A | B | C | D |
| chibcha | Kogi (153) | 67 | | 33 | |
| | Wiwa (76) | 63 | | 37 | |
| | Ika (134) | 87 | 1 | 12 | |
| | Chimila 1 (35) | 88 | | 3 | 6 |
| | Chimila 2 (21) | 95 | 5 | | |
| paez | Paez (87) | 49 | 12 | 26 | 13 |
| kokonúko | guambiano (47) | 4 | 8 | 72 | 6 |
| | awapit (35) | 9 | 69 | - | 14 |
| barbakoa | cháchi (120) | 29 | 40 | 9 | 22 |
| choko | embera-cauca (22) | 33 | 48 | 5 | 9 |
| | waunana (30) | - | 63 | 30 | 7 |
| tradição herrera (6) | | - | 100 | - | - |
| tradição sonso (9) | | 33 | 56 | 11 | - |

Fontes: Batai & Williams (2014a/b); Bisso-Machado *et alii* (2012); Cabana *et alii* (2014); González (2011); Justice (2011); Melton *et alii* (2007); Peñaloza-Espinosa *et alii* (2007), Usme-Romero *et alii* (2013), Arias Alvis (2012)

Loewen (1954; 1963:245) e Constenla-Umaña (1991:47) observaram alguns paralelos entre o waunana e o kueva (TABELA 256), o que aponta para a hipótese de Loewen (1954:5) de que os kueva devem ter feito parte da etnogênese do waunana.

TABELA 256. Paralelos lexicais entre os conjuntos kueva e choko

| | KUEVA | WAUNANA | PROTO-EMBERA |
|----------------|-----------------|----------------------|--------------|
| mulher | <yra> [ura] | ʔujra | *uëra |
| anta | beori [beori] | beri | — |
| cacique | <cabra> [kabra] | kapera ‘companheiro’ | — |
| remo | <nahe> [na?e] | doi | *doi |

Dado o aspecto divergente do waunana dentro das línguas choko, é plausível que a etnogênese waunana tenha envolvido a adoção de língua choko por uma população não-choko oriunda da costa do Pacífico, a qual pode ter sido kueva. Entretanto, é importante ressaltar que nada se sabe sobre as línguas das populações que habitavam o litoral do Pacífico colombiano antes da migração desde os Andes por povos falantes de línguas das famílias barbakoa e choko.

5.2.3. Os proto-chibcha, os proto-paez, os proto-andaki e os proto-tinigua-pamigua

A partir da constatação, por um lado, da existência de paralelos lexicais entre o paez e línguas de diferentes subgrupos da família chibcha, e por outro, de que o paez não pertence à referida família, a explicação mais plausível é a de que estes paralelos teriam sido reflexos da presença dos ancestrais dos paez nos períodos inicial e médio da esfera de interação Nuclear da Área Intermédia, a qual interligava a porção ístmica da América Central, o Baixo e Médio Magdalena e a Serra de Santa Marta. Os dados parecem apontar que, antes da etnogênese dos paez e sua posterior imigração dos para o Alto Magdalena, os seus ancestrais teriam mantido contatos principalmente com povos falantes de línguas chibcha dos subgrupos ‘arhuácico’ e ‘guaímico’ (cf.: Constenla-Umaña 2008:128). Esta hipótese é reforçada pelos resultados apresentados em estudos comparativos do material genético de populações ameríndias da Colômbia, onde se destaca um cluster formado pelos paez com as populações do subgrupo ‘arhuácico’ (Yunis *et alii* 2013:162; Noguera-Santamaría 2015:270), apontando, neste sentido, que as referidas populações teriam se miscigenado. As semelhanças entre o paez e as línguas chibcha do subgrupo ‘guaímico’ é realmente um fato intrigante, se considerada a hipótese de origem centro-americana dos proto-chibcha. Uma explicação possível seria a de que populações precursoras deste subgrupo chibcha teriam feito uma migração de regresso à América Central a partir da região do Baixo Magdalena após terem mantido contatos com os ancestrais dos paez. Esta visão é suportada pelas semelhanças arqueológicas encontradas especificamente entre populações chibcha do Caribe colombiano e costarriquense.

A outra alternativa seria trabalhar com a hipótese de uma origem colombiana dos proto-chibcha. Dada a antiguidade dos complexos cerâmicos nos sítios caribenhos de San Jacinto, Puerto Chacho, Monsú e Puerto Hormiga (departamento de Bolívar, Colômbia), cujas datações

são as mais antigas da Área Intermédia, é possível, de fato, associar a emergência de sociedades complexas da porção ístmica da América Central e os modelos de Drolet (1980:331) e Bray (1992) relativos respectivamente à dispersão da cerâmica e da ourivesaria a partir da região caribenha da Colômbia para aquela região com a hipótese de que os proto-chibcha eram originários do extremo noroeste da América do Sul e que a partir de 500 a.C. teriam se expandido em ondas migratórias para a região ístmica da América Central. Uma das motivações para tais movimentos migratórios seria o crescimento demográfico produzido pela emergência da complexidade social das populações ceramistas do extremo norte da Colômbia.⁴⁰⁵ Dentro desta perspectiva, populações chibcha do subgrupo ‘vótico’ teriam sido as primeiras a migrarem para a América Central, seguidas pelas populações do subgrupo ‘dorácico’ e, mais recentemente aquelas que deram origem ao subgrupo ‘ístmico’.⁴⁰⁶

Seguindo esta perspectiva, os proto-proto-guaymi teriam tido uma origem na região do Baixo Magdalena antes da chegada dos proto-proto-malibu nesta mesma região desde a costa caribenha da Venezuela. Esta visão é suportada por evidências arqueológicas que relacionam a imigração de populações do litoral venezuelano para o litoral colombiano em virtude de pressões de populações de origem arawak e/ou karib que se expandiam desde a bacia do Orinoco para a região caribenha e baía de Maracaibo. A movimentação dos proto-proto-malibu para o Baixo Magdalena teria, então, gerado perturbações no equilíbrio social desta região, tendo sido um dos fatores responsáveis pela imigração dos proto-proto-guaymi para a região ístmica.⁴⁰⁷ Entretanto, a ocupação dos opon-karare (proto-karib-ocidental) na região do Baixo e Médio Magdalena deve ter sido o principal motivo da intensificação da belicosidade na região, pressionando fortemente as populações locais para fora deste domínio, nomeadamente os ancestrais dos paez, dos proto-choko, dos proto-guaymi e os pré-proto-muisca.

⁴⁰⁵ Ambos modelos estão de acordo com previsões de Reichel-Dolmatoff (1965:162) e o modelo difusionista de Willey (1971:275), podendo as diferenças existentes entre as cerâmicas serem oriundas de adaptações locais

⁴⁰⁶ Segundo fontes históricas (Wassén 1949:30-31) os kuna ainda estavam migrando desde a bacia do rio Atrato (departamentos de Chocó e Antioquia, Colômbia) para as porções caribenhas da região ístmica centro-americana durante o período colonial; a origem sul-americana deste grupo étnico reforça a hipótese de uma origem sul-americana das populações falantes das línguas do subgrupo ‘ístmico ocidental’ e, conseqüentemente, do proto-chibcha.

⁴⁰⁷ É a partir da interação dos pré-proto-malibu com as populações preexistentes na região do Baixo Magdalena que teriam emergido os proto-Malibu. Igualmente, a partir da interação dos pré-proto-guaymi com os pré-proto-malibu e na seqüência, após a emigração para a região ístmica, com outras populações de origem chibcha (provavelmente com os pré-proto-talamanca) que habitavam a região, teriam então emergido os proto-guaymi.

Os ancestrais dos paez e os proto-tinigua-pamigua teriam sido hipoteticamente os produtores da cultura Herrera do Altiplano cundiboyacense. Nesta perspectiva, tendo em vista a invasão dos ancestrais dos muiska nesta região a partir do século VII d.C., provavelmente vinculada à desestruturação da ‘Esfera de interação nuclear da Área Intermédia’ pela invasão de populações karib na bacia do Médio Magdalena neste mesmo período, ambos os grupos etnolinguísticos teriam se refugiado para o sul, se miscigenando com os ancestrais dos andaki, originários da Montanha sul-colombiana. Com a continuação da expansão das populações muiska ao longo do Altiplano cundiboyacense, os ancestrais dos paez teriam seguido para sudoeste e ocupado parte da bacia do Alto Magdalena, enquanto que os proto-tinigua-pamigua teriam se refugiado para sudeste nas terras baixas contíguas ao referido altiplano, conhecidas como La Macarena, na bacia do Alto Guaviare. Todo este processo teria, por um lado, causado a desvinculação dos paez da esfera de interação Nuclear da Área Intermédia, marcadamente controlada por povos chibcha, e, por outro lado, promovido a integração deles na esfera de interação regional de San Agustín, previamente estabelecida ao menos entre populações de origens tukano, kokonuko e choko. Isto teria ocasionado uma reestruturação da distribuição de poder na referida esfera, provavelmente também vinculada ao aumento da belicosidade regional pelo controle das ligações estratégicas que a região apresenta com a planície amazônica e os Andes equatorianos. Assim, neste incursão para o Alto Magdalena, os ancestrais dos paez teriam entrado em contato também com populações de origem tukano que teriam, em vista do posterior colapso da cultura clássica de San Agustín, evadido a região do Alto Magdalena; os contatos pré-históricos entre os ancestrais dos paez e descendentes dos proto-tukano são evidenciados por possíveis empréstimos linguísticos, como os seguintes: PTUK *tũkku ‘árvore’ : PAE juʔk^h ‘floresta’; PTUK *pʔisi ‘cipó’ : PAE wes ‘corda’; PTUK *imi ‘homem’ : PAE -miʔ ‘marido’; PTKO *heka ‘madeira’ : PAE eʔk^h ‘*id.*’; PTKO *teʔe ‘um’ : PAE teeʔf ‘*id.*’. Como mencionado anteriormente, a invasão de populações de origem karib na bacia do Magdalena deve ter expelido os proto-choko e os ancestrais dos paez da bacia do Médio Magdalena: os primeiros teriam imigrado para o vale do Médio Cauca, tendo de lá baixado para a planície do Pacífico através das nascentes dos rios Atrato e San Jorge; os últimos teriam se refugiado na região do Alto Magdalena.

5.3. NOROESTE AMAZÔNICO E SEU ENTORNO

A partir das informações apresentadas em §3.2.2, §3.3.2.5 e §4 é possível observar uma série de desdobramentos ecolinguísticos diretamente vinculados a processos migratórios e à formação de esferas de interação regionais e macrorregionais, que teriam ocorrido no noroeste amazônico durante a pré-história, cada qual composta de diversos estágios de evolução. Alguns destes processos, relativos aos ancestrais dos yaruro e dos proto-choko, já foram evidenciados em §5.2.2. A seguir serão apresentados os desdobramentos relativos especificamente aos proto-witoto-okaina, aos proto-bora-muinane, aos proto-andoke-urekena, aos proto-tukano, aos proto-duho, aos proto-tikuna-yuri, aos proto-saliba-hodi, aos proto-puinave-nadahup, aos proto-puinave-kak, aos proto-nadahup, aos proto-guahibo, aos proto-yanomami, aos proto-arawa e aos proto-harakmbet-katukina.

5.3.1. Os proto-witoto-okaina, os proto-bora-muinane e os proto-andoke-urekena

Tendo em vista que a presente análise linguística identificou, por um lado, que proto-proto-choko, dos proto-witoto-okaina e dos proto-bora-muinane teriam estado em contato, e, por outro lado, que os proto-proto-andoke-urekena teriam feito parte de uma esfera de interação com os proto-tikuna-yuri e, apenas mais recentemente, com populações de filiação bora e witoto-okaina, é plausível assumir a seguinte hipótese de evolução regional:

- (i) o território original dos proto-proto-witoto-okaina teria sido a porção amazônica da bacia do baixo Putumayo enquanto que os proto-proto-bora-muinane seriam oriundos da bacia do baixo Japurá; neste sentido, se assume que os proto-proto-witoto-okaina e dos proto-bora-muinane já estariam em contato na região do Alto Solimões, e isto teria se dado num período anterior ao das expansões de populações de origem tukano e arawak para a planície do noroeste amazônico, ocorridas a partir da primeira metade do primeiro milênio d.C.;
- (ii) os proto-proto-andoke-urekena, por outro lado, seriam originários da bacia do Yari, tendo se integrado a partir dos primeiros séculos da era cristã na esfera de

interação do Caquetá-Negro via contato com os proto-proto-tikuna-yuri, do que teria acontecido a etnogênese concomitante dos proto-andoke-urekena e dos proto-tikuna-yuri; esta relação entre populações andoke-urekena e tikuna-yuri são observadas no léxico de suas línguas: ADO buʔca ‘água’ : TKN uca ‘*id.*’, ADO ɖʒõĩ{dʌ} : TKN ɖʒóĩ ‘*id.*’, ADO ɸuuko ‘estrela’ : YRI ukoo, ADO wate ‘genro’ : TKN até ‘*id.*’, ADO notii ‘irmã’ : YRI -ute ‘*id.*’, ADO pəhə ‘machado’ : YRI pòssa ‘*id.*’, ADO puuta ‘nariz’ : TKN puuta ‘dente’, ADO ã̃ ‘Sol’ : TKN úà ‘*id.*’: YRI ijü ‘*id.*’, ADO podu ‘vespa’ : TKN pote ‘*id.*’;

- (iii) entre os séculos IV e V d.C., em virtude de pressões expansionistas de populações karib (oriundas do Baixo Amazonas) através do Solimões, os proto-witoto-okaina e os proto-bora-muinane teriam se expandido respectivamente pelas bacias do Putumayo e Caquetá; nesta ocasião, o Médio/Alto Putumayo já seria habitado por populações de origem tukano, enquanto que o Médio Caquetá era ainda, supostamente, o território ancestral dos proto-proto-yaruro e dos proto-proto-choko;
- (iv) a presença das referidas populações karib no âmbito da esfera de interação do Alto Solimões teria supostamente promovido, neste contexto multiétnico, o aparecimento de cerâmica da tradição policroma amazônica;
- (v) entre os séculos VII – IX d.C., as expansões de populações proto-tukano-ocidental pela bacia do Putumayo e dos proto-tukano oriental em direção ao Médio Caquetá teriam provocado a reconfiguração das relações de poder preexistentes no noroeste amazônico; estes processos expansivos teriam motivado a integração dos proto-andoke-urekena e dos proto-tikuna-yuri na esfera de interação do Alto Solimões;
- (vi) a intensificação da belicosidade a partir do século XI d.C., relacionada com a expansão dos proto-kokama-omagua ao longo da bacia do Solimões, teria forçado grupos que habitavam o Solimões a se retraírem para as zonas de terra firme distantes do leito deste rio e, em virtude disto, teria havido uma reestruturação da esfera de interação do Alto Solimões.

5.3.2. Os proto-tukano

Tendo em vista que a análise linguística aponta que os proto-tukano teriam estado em contato com populações originárias dos Andes Setentrionais (proto-kokonuko, proto-paez), é plausível supor que sua origem e ponto de dispersão teria sido neste entorno, na altura da bacia do Alto Caquetá. A partir das inferências já estabelecidas em §3.3.2.5-3.3.2.6, eles teriam participado da civilização clássica de San Agustín. De fato, a relação do **Sol** como **divindade criadora ancestral** e sua associação direta com o **jaguar** – uma tríade central na mitologia de San Agustín – assim como a relação com o **trovão** como manifestação desta divindade, são também evidentes na mitologia dos povos da família tukano, como aponta este trecho de da cosmogonia desana:

“Entonces el Sol creó el jaguar para que lo representase en el mundo. Le dio el color de su poder y le dio la voz del trueno que es la voz del Sol” (Reichel-Dolmatoff 1968:20).

Como dito anteriormente, a associação do **Sol**, do **jaguar** e do **trovão**, observada no trecho acima, não é apenas um elemento pertinente na cultura dos povos tukano, mas se apresenta como um caráter cosmogônico fundamental também nas culturas das sociedades paez e guambiano dos Andes Setentrionais, as quais até hoje em dia encaram o trovão como manifestação da divindade solar. As fortes associações culturais acima referidas apontam para uma origem cultural proto-tukano associada a complexos culturais dos Andes sul-colombianos ou, ao menos, influenciada por eles. Elas são, neste sentido, um indício de que os proto-tukano teriam se originado no interflúvio das bacias do Alto Caquetá e do Alto Magdalena, justamente onde está localizado o complexo de San Agustín. De fato, Chacon (2013) aponta que os proto-tukano teriam tido uma cultura caçadora de terra firme (sem evidências claras do uso de canoa e armadilhas de pesca), embora este quadro tenha se diferenciado nas culturas atuais das populações tukano:

“[P]roto-Tukanoan’s cultivation pattern must be understood in combination with the social and economic pattern inferred from the analysis of words related to jungle resources, river resources, utensils, insects and other foods, palms and trees. All together, the analysis of the terminology of these domains indicates that proto-Tukanoans and perhaps the society that spoke its daughter languages until relatively recently had a more upland life orientation, rather than a riverine lifeway, as found among current ET groups, and had a more diversified economy based on a variety of jungle and small river or headwaters products. (...) This simple observation may stem

from a historical process where the cultural traits associated to these semantic domains have changed less so than the cultural traits associated to other semantic domains, specially agriculture and river.” (Chacon 2013:234-235)

Chacon (*id.*:235) aponta também que (i) designações para animais relacionados com o ambiente ribeirinho ou fluvial são termos complexos que representam derivações semânticas de animais terrestres nas línguas tukano (p.ex.: ‘anta do rio’ designa ‘capivara’ em línguas tukano do ramo oriental e ‘peixe-boi’ nas do ramo ocidental) e que (ii) diversos termos para animais aquáticos não são reconstruíveis para o proto-tukano, dentre os quais jacaré, tucunaré, raia e golfinho. Além disto, outro dado crucial diz respeito às evidências apontadas por Chacon (*op.cit.*) para a hipótese de que as sociedades tukano orientais teriam se deslocado para uma região mais rica em recursos aquáticos, onde a caça teria se convertido num bem econômico menos importante que a pesca, chegando ao ponto do termo PTUK *waʔi ‘carne de caça’ ter passado a significar exclusivamente ‘peixe’ em proto-tukano oriental. Outro aspecto importante apontado pelo autor é a mudança conceitual de PTUK *maka ‘floresta’ para ‘vila’ em proto-tukano oriental, de modo que houve na população que falava esta proto-língua um processo de autoidentificação como ‘moradores da selva’, provavelmente em contraposição àqueles que permaneceram no território de origem.⁴⁰⁸

Como Chacon (*op.cit.*) observa, os argumentos acima refutam a hipótese de uma origem ribeirinha para os proto-tukano. Por outro lado, a sustentação da hipótese de que os proto-tukano teriam se originado no interflúvio do Médio Caquetá com o Apaporis (Chacon 2013, 2014) é dificultada pelas evidências anteriormente expostas de contato que esta população teria mantido com populações andinas. As referidas evidências (paralelos lexicais, culturais e genéticos) sugerem uma antiguidade significativa da presença tukano na região do interflúvio entre o Alto

⁴⁰⁸ Chacon (2013) sugere uma data de coalescência do proto-tukano entre 500 a.C e o início da era cristã com base numa analogia entre os graus de inteligibilidade interna das línguas das famílias românica ou germânica e aquele observado para as línguas da família tukano. Entretanto, como o ambiente físico e sociopolítico onde estas sociedades se desenvolveram é radicalmente distinto e, sendo o grau de diversificação linguística fortemente influenciado por condições ecolinguísticas bastante peculiares (cf. §2.), a premissa de uma regularidade temporal de mudança e evolução linguística torna-se um argumento contestável. É fato, pois, ser impossível prever com um mínimo grau de exatidão uma cronologia mesmo que relativa para línguas não atestadas além daquela que logicamente se infere da relação entre uma língua qualquer e a proto-língua de seu subgrupo, e entre a proto-língua deste subgrupo e aquela de sua família linguística. Uma correlação de estimativas como estas com datas arqueológicas, unicamente se bem contextualizada a correlação, poderia ser uma alternativa para a construção de uma hipótese.

Caquetá e Alto Magdalena, circunscrevendo nesta esfera tanto as populações tukano orientais e como as tukano-ocidentais.

Enfim, os resultados da análise comparativa do DNA mitocondrial em dois estudos diferentes dão aporte à perspectiva de que os proto-tukano teriam participado ao menos de duas esferas de interação; em um deles se observa dentre as populações sul-americanas estudadas um *cluster* reunindo os tukano, guambiano, witoto-okaina, sinu e butaregua (Noguera-Santamaría *et alii* 2015:270), que seria explicada pela existência da esfera de interação regional de San Agustín, formada antes da imigração dos ancestrais dos paez para o Alto Magdalena. Por outro lado, a outra investigação detectou um *cluster* reunindo respectivamente os tukano, guambiano, paez e ingano dentre as populações sul-americanas abordadas (Usme-Romero *et alii* 2013:152), o que representaria um reflexo da formação de outra esfera de interação na região de San Agustín a partir da imigração dos ancestrais dos paez a esta área por volta do século VIII d.C., para onde mais tardiamente, durante a expansão incaica, os ancestrais dos ingano também teriam imigrado. Com base nas diversas considerações de cunho genético, linguístico, etno-históricas, antropológico e arqueológico acima apresentadas, a seguinte explicação diacrônica é sustentada para os proto-tukano:

- (i) a etnogênese dos proto-tukano teria se dado durante meados da segunda metade do primeiro milênio a.C. na Montanha da bacia do Alto Caquetá;
- (ii) durante o início da era cristã uma parcela dos proto-tukano teria imigrado para a bacia do Alto Putumayo e, neste âmbito, emergiram os proto-tukano ocidental;
- (iii) neste mesmo período a parcela dos proto-tukano que permaneceu na bacia do Alto Caquetá teria se integrado na esfera de interação regional emergente, quando iniciou o período clássico da cultura San Agustín; neste âmbito houve a etnogênese dos proto-tukano-oriental, que teriam controlado a rota de comércio dos Andes Setentrionais com a região amazônica até por volta de VIII d.C.;
- (iv) com a chegada dos ancestrais dos paez desde o Médio Magdalena, teria havido uma drástica mudança das relações de poder preexistentes na esfera de interação regional de San Agustín, culminando na sua desestruturação entre os séculos VIII e IX d.C.;
- (v) esta fase de reconfiguração territorial provocada pela desestruturação do período clássico da cultura San Agustín teria provocado a imigração dos proto-tukano-

oriental para a bacia do Médio Caquetá, em plena região amazônica;⁴⁰⁹ neste âmbito teriam se integrado plenamente na esfera de interação Caquetá-Negro, preexistente desde a primeira metade do primeiro milênio d.C. entre populações de origem duho, puinave-kak, nadahup, arawak (subgrupos negro e negro-putumayo), taruma, uruak, maku e andoke-urekena⁴¹⁰;

(vi) a ocupação do Médio Caquetá e da vertente esquerda do Alto Negro pelos proto-tukano-oriental entre os séculos VIII e IX d.C. teria rompido definitivamente as relações de afinidade preexistentes entre as populações descendentes dos subgrupos proto-tikuna-yuri e proto-saliba-hodi e gerando uma reconfiguração importante da esfera de interação Caquetá-Negro;⁴¹¹ dentre as relações de interferência linguística geradas pela integração de populações de origem tukano oriental na esfera de interação Caquetá-Negro, as seguintes se destacam:

a. com populações saliba-piaroa-hodi: PTUK *okko ‘água’ : PIA oko(-ja) : SLB oko(-to) ‘caldo’; PTUK *mimi ‘beija-flor’ : SLB bibisi ‘*id.*’; PTUK *emu ‘bugio’ : PIA imu ‘*id.*’; PTUK *ma ‘caminho’ : PIA mæ(-næ) : SLB maa(-na) : HDI ma(-na)⁴¹²; PTUK **jãkʔi ‘cobra’ : SLB jakʔi ‘*id.*’; WMH/PIR buha ‘algodão’ : YUP pohã ‘rede de tucum’ : PIA puhã ‘algodão’ : SLB põhã ‘*id.*’; PTUK *tjʔia ‘ovo’ : PIA ijæ ‘*id.*’, SLB hidʒa(dʒa) ‘*id.*’ (SLB hia ‘testículo’) : HDI ue-ja ‘*id.*’; WNN saʔba ‘pântano’ : PIR/TUK saʔbaro ‘*id.*’ : TUY sabaro ‘*id.*’ : SLB sããba ‘baixio, alagado’; PTUK *waʔi ‘carne/peixe’ : MKH bãĩ ‘peixe’ : PIA poĩ ‘*id.*’ : SLB pahĩ ‘*id.*’; PTUK *jama ‘veado’ : PIA jæmæ ‘*id.*’ : SLB jama ‘*id.*’; PTUK *imi ‘homem’ : PIA ubo/umæ(tũ) ‘*id.*’ : SLB emi/omi ‘marido’; WNN/PIR/WMH/BRS/TUY *bãdũ- ‘marido’ : HDI bãli ‘*id.*’; PTUK *-(kʔ)o ‘F’ : SLB -o ‘*id.*’; PTUK *-(kʔ)u ‘M’ : SLB -i ‘*id.*’;

⁴⁰⁹ Uma expansão num período anterior teria sido contida provavelmente pelas relações belicosas que já estariam ocorrendo desde o início da era cristã com os pré-proto-witoto-okaina, originários da bacia do Putumayo, que buscavam repelir qualquer invasão através de suas táticas canibalísticas.

⁴¹⁰ É importante ressaltar que as esferas de interação de San Agustín e Caquetá-Negro estavam, paralelamente, em plena atividade ao menos entre os séculos IV d.C e IX d.C..

⁴¹¹ Isto teria indiretamente contribuído, a partir do século XI d.C. com a intensificação de relações interétnicas na Amazônia Central e o consequente aumento de conflito pelo domínio de suas áreas estratégicas desta região.

⁴¹² PSPH *-na ‘CLS.comprido’.

- b. com populações tikuna-yuri: PTUK *jěkku- avô, avó : TKN jàkuw ‘*id.*’ : YRI <jahü> [jahuu] ‘avó, avô’ (M); PTUK **jai ‘onça’ : TKN áí ‘*id.*’; PTUK *wekko ‘arara’ : TKN weú ‘*id.*’ : YRI <egho> [egʔo] ‘*id.*’; PTUK **kʔouw ‘tartaruga’ : TKN gõbú ‘*id.*’ : YRI <bö vúi> [bɾβwi] (n) ‘*id.*’;
- c. com populações proto-taruma: PTUK **wekki ‘anta’ : TRM baki ‘*id.*’; PTUK **jãpi ‘batata-doce’ : TRM afi ‘*id.*’; PTUK *maka ‘floresta’ : TRM bake ‘*id.*’; PTUK **tjʔeme ‘língua’ : TRM njebena ‘*id.*’; PTUK *tʔõmi- ‘mulher’ : TRM gumi- ‘*id.*’; PTUK **tjʔia ‘rio’ : TRM dza/dja ‘água’;
- d. com populações proto-arutani: PTUK *okko > TAN okoa ‘água’ : ART okõã ‘*id.*’; TAN mãdzěko ‘sogra’ : ART mãņaka ‘avó’; TUK/PIR kutipa ‘escorpião’ : TUY kutiapa ‘escorpião’ : ART kuʃipa ‘*id.*’; PTUK *pʔãtjã ‘gente’ : ART maʔkia ‘ser humano’; PTUK *pʔia ‘pimenta’ : ART wia ‘*id.*’; PTUK *jama ‘veado’ > TAN jãņaka, KUB jãņako : ART samaka ‘*id.*’.

5.3.3. Os proto-duho, os proto-tikuna-yuri e os proto-saliba-hodi

Mesmo que a hipótese sobre a unidade genética do tronco duho ainda não tenha sido demonstrada do modo como prevê o método comparativo, o fato é que a quantidade e robustez dos paralelos lexicais e morfológicos entre as línguas das famílias a ele consignados (cf. §4.1.2) é tal que ao menos uma das duas hipóteses a seguir está correta: (α) o tronco duho, de fato, se constitui como uma unidade genética; (β) os ancestrais das populações falantes de línguas das famílias saliba-hodi e tikuna-yuri teriam participado por um longo período de uma mesma esfera de interação, vivendo em territórios relativamente contíguos.⁴¹³ Entretanto, considerar estas hipóteses como mutuamente exclusivas também seria incorrer numa simplificação de uma situação, na realidade, muito mais complexa. Com base nestas considerações, uma terceira hipótese (γ) seria a conjunção de ambas (α U β). Entretanto, ‘ γ ’ ainda seria simplista, pois desconsidera a possibilidade de que em processos de diversificação linguística estejam implícitos sincretismos associados à etnogênese. Neste sentido, uma miscigenação de ao menos

⁴¹³ Infelizmente, não existem estudos genéticos comparando populações destes grupos etnolinguísticos entre si, mas investigações futuras certamente poderão avaliar se eles apresentam algum tipo de afinidade genética com base no compartilhamento de linhagens haplotípicas diagnósticas.

uma parcela do referido grupo étnico com populações de outro(s) grupo(s) étnico(s), a partir de circunstâncias como as abordadas em §2.2.3, é uma alternativa real e previsível. Assim, é possível supor que a partir de ao menos um processo etnogênico envolvendo uma parcela da população proto-duho (proto-duho'), ao menos duas populações distintas passariam a existir num período posterior (duho, duho'). Em decorrência disto, previsivelmente um extrato linguístico proto-duho seria compartilhado pelas duas populações, mesmo que tenha havido substituição linguística na que sofreu miscigenação.⁴¹⁴ Entretanto, caso os duho' tenham sofrido substituição linguística, seria previsível que o substrato encontrado na língua adotada não apresente uma profusão de morfemas e lexemas básicos, como ocorre no caso dos paralelos apresentados para justificar a existência do tronco duho. Seja como for, as populações duho e duho' podem, desde sua existência, ter mantido contato e influenciado suas línguas (a partir de relações de adstrato ou superstrato). Levando tudo isto em consideração, a hipótese (α) está essencialmente correta e os possíveis desenvolvimentos irregulares encontrados nas línguas pertencentes ao tronco duho, inferidos a partir do conjunto de paralelos oferecidos em §4.1.2, podem ser explicados como reflexo dos processos etnogênicos associados a contato, ocorridos no decorrer evolutivo desta linhagem linguística. No método de análise adotado neste estudo, o pressuposto da complexidade é uma premissa incontestável e, neste sentido, justificar tal conjunto robusto de paralelos unicamente com base na hipótese ' β ' e pelo subterfúgio de que as semelhanças apresentadas no léxico básico das línguas duho (incluindo os morfemas gramaticais) seriam decorrentes do acaso incorre numa simplificação de uma situação real muito mais complexa. Tendo isto em vista, a seguinte hipótese sobre a diacronia das populações do referido conjunto é oferecida:

- (i) os proto-duho teriam habitado originalmente a região a leste da Serra do Chiribiquete (Departamentos de Caquetá e Guaviare) até meados da segunda metade do primeiro milênio a.C.;
- (ii) a etnogênese dos proto-tikuna-yuri teria se dado durante os primeiros séculos da era cristã na bacia do Médio Caquetá, seu provável território ancestral, após a expansão de uma parcela dos proto-duho para esta região e a consequente miscigenação destes com os proto-proto-andoke-urekena;

⁴¹⁴ Caso nesta população tenha havido substituição linguística, seria previsível a presença de um substrato na língua adotada. Este substrato, entretanto, não apresentaria uma profusão de morfemas e lexemas básicos, como ocorre no caso dos paralelos apresentados para justificar a existência do tronco duho.

- (iii) os proto-saliba-hodi teriam emergido *in situ* e, até o século V d.C. os proto-proto-hodi já teriam coalescido; até por volta do século VIII d.C. estas populações ainda estariam habitando partes do interflúvio do Alto Apaporis com o Inírida; a esfera de interação Caquetá-Negro estaria reunindo neste período os proto-saliba-betoi, os proto-proto-hodi, os proto-tikuna-yuri, os proto-andoke-urekena, os proto-arutani, os proto-maku e populações arawak dos subgrupos rio negro e negro-putumayo;
- (iv) entre os séculos V e VI d.C. a invasão de populações de origem karib na bacia do Caquetá teria provocado a imigração dos proto-tikuna-yuri para o interflúvio Baixo Putumayo/Baixo Caquetá;
- (v) a ocupação e controle das bacias do Médio Caquetá e da vertente esquerda da bacia do Alto Negro pelos proto-tukano-oriental entre os séculos VIII e IX d.C. teria provocado, a médio prazo, a emigração dos proto-saliba-betoi e dos proto-proto-hodi de seus territórios ancestrais para a bacia do Orinoco, provavelmente através para a bacia do Inirida;
- (vi) por volta do século X d.C. os ancestrais dos hodi teriam descido pelo Orinoco até a foz do Venturari, o maior afluente da vertente direita do Médio Orinoco, que provavelmente utilizaram como via até a porção centro-norte do Planalto das Guianas; nesta região, através da miscigenação com populações locais, teria se dado a etnogênese dos hodi;
- (vii) entre os séculos XI e XII d.C. os proto-saliba-betoi teriam tomado o mesmo rumo e se assentado na bacia do Médio Orinoco; os proto-piaroa-maku teriam ocupado a vertente direita da bacia do Médio Orinoco; a etnogênese dos maku teria sido na bacia do Venturari, provavelmente após se miscigenarem com parcelas dos ancestrais dos hodi e dos sape;
- (viii) entre os séculos XII e XIII d.C. os proto-proto-betoi teriam seguido rio abaixo provavelmente até a foz do Meta ou do Arauca, de lá partido para o ocidente em direção aos contrafortes andinos; nesta região teria se dado a etnogênese dos proto-betoi, após terem miscigenado com as populações precursoras locais;
- (ix) neste mesmo período, os ancestrais dos saliba teriam dominado vastas áreas da vertente esquerda do Médio Orinoco, tomando controle dos raudais de Ature, uma área estratégica de controle do trânsito de bens oriundos do Alto Orinoco –

Alto Negro – Planalto das Guianas e do Baixo Orinoco – Meta – Planalto Cundiboyacense;

- (x) os grupos de língua saliba-betoi teriam competido desde então com grupos arawak, karib, otomako-taparita e guamo pelo controle dos nichos estratégicos de mediação de bens da bacia do Orinoco.

Como dito anteriormente, a ocupação da bacia do Médio Caquetá pelos proto-tukano-oriental por volta dos séculos VIII-IX d.C. teria provocado a imigração dos proto-tikuna-yuri desde seu território ancestral para o interflúvio do Baixo Caquetá/Japurá com o Baixo Putumayo/Iça, o que teria resultado na etnogênese dos proto-yuri e dos proto-tikuna. Desde seu estabelecimento nesta região os proto-tikuna-yuri teriam integrado a esfera de interação do Alto Solimões, tendo sido influenciados por populações de filiação linguística andoke-urekena, zaparo, peba-yagua, bora e arawak (subgrupos negro-putumayo e negro). Com a intensificação da belicosidade a partir do século XI d.C. na bacia do Solimões, relacionada com a expansão dos proto-kokama-omagua ao longo deste rio, os ancestrais dos tikuna e dos yuri teriam sido forçados, juntamente com outros grupos etnolinguísticos que habitavam a região (de filiações omurano, urarina, peba-yagua, pano e arawak) a se retraírem para as zonas de terra firme distantes do leito do Solimões.

5.3.4. Os proto-puinave-nadahup, os proto-puinave-kak e os proto-nadahup

Em §4.1.3 foi apresentado o debate existente sobre a hipótese de origem comum das famílias puinave-kak e nadahup. Igualmente, na seção anterior foi apresentada uma justificativa sobre a natureza genealógica de grupos linguísticos que compartilham um conjunto robusto de paralelos envolvendo elementos do léxico básico e do sistema pronominal. Deste modo, mesmo que tal hipótese ainda não tenha sido demonstrada do modo como prevê o método comparativo, os paralelos lexicais e pronominais entre proto-puinave-kak e proto-nadahup são robustos o suficiente (cf.: §4.1.3), de modo que pode-se prever que uma miscigenação de parcelas dos proto-puinave-nadahup com populações pré-proto-puinave-kak e pré-proto-nadahup tenha ocorrido, a partir das circunstâncias já examinadas em §2.2.3. Assim, é possível supor que a

partir de ao menos um processo etnogênico envolvendo uma parcela da população proto-puinave-nadahup ao menos duas populações distintas passariam a existir num período posterior (proto-puinave-kak, proto-nadahup). O mesmo é válido com relação ao proto-puinave-kak e suas evoluções proto-kak e proto-puinave. Se considerados os pressupostos ecolinguísticos, a hipótese de que o proto-puinave-kak e o proto-nadahup compartilham componentes linguísticos básicos de um suposto proto-puinave-nadahup é, de fato, reforçada. Em decorrência disto, o estrato linguístico proto-puinave-nadahup compartilhado por proto-puinave-kak e proto-nadahup não deve ser interpretado nem como substrato nem como superstrato, mas como um estrato comum do proto-puinave-nadahup. Tendo isto em vista, a seguinte hipótese sobre a diacronia das populações do referido conjunto é oferecida:

- (i) os proto-puinave-nadahup e seus descendentes diretos (proto-proto-puinave-kak e proto-proto-nadahup) teriam habitado originalmente a vertente direita do Baixo Madeira até por volta do início do primeiro milênio a.C., onde teriam mantido contatos intensos com diversas populações de origem tupi (cf.: §4.2.1.8.1.3 e §4.2.1.8.2.6);
- (ii) provavelmente em virtude da expansão dos proto-tupi-nuclear para Tupinambarana, os proto-proto-puinave-kak e proto-proto-nadahup teriam imigrado para o interflúvio do Solimões com o Negro;⁴¹⁵
- (iii) a etnogênese dos proto-nadahup teria se dado no interflúvio do Baixo Solimões com o Baixo Negro, a partir da miscigenação com populações participantes da esfera de interação da Amazônia Central, a qual teria se fortalecido a partir do século IV d.C.; com a expansão dos proto-kokama-omagua a partir do século XI d.C. e o concomitante aumento das hostilidades (observadas nos registros arqueológicos em diversos sítios da Amazônia Central) pelo controle de áreas estratégicas da esfera de interação da Amazônia Central, os proto-nadahup teriam imigrado para o interflúvio do Médio Solimões com o Alto Negro;
- (iv) a etnogênese dos proto-puinave-kak teria se dado provavelmente na vertente esquerda da bacia do Médio Solimões; seus descendentes imediatos (os proto-kak e os proto-puinave) teriam emergido durante a segunda metade do primeiro

⁴¹⁵ Infelizmente, não existem estudos genéticos comparando populações destes grupos etnolinguísticos entre si, mas investigações futuras certamente poderão avaliar se eles apresentam algum tipo de afinidade genética com base no compartilhamento de linhagens haplotípicas diagnósticas.

milênio d.C. após os proto-puinave-kak terem se assentado em distintas áreas da bacia do Alto Negro e se miscigenado com populações locais; os seguintes desdobramentos foram previstos:

- a. os proto-kak teriam se estabelecido na bacia do Vaupés;
 - b. os proto-puinave teriam atravessado o interflúvio do Alto Negro com o Alto Orinoco e se estabelecido na foz do rio Atabapo (onde se inicia o Médio Orinoco), provavelmente em virtude de expansão de populações tukano-oriental pela vertente esquerda da bacia do Alto Negro.
- (v) fica subentendido, deste modo, que os ancestrais das populações falantes do proto-puinave-kak e proto-nadahup:
- a. viveram por um longo período em territórios relativamente contíguos;
 - b. participaram ao menos de duas esferas de interação: inicialmente na esfera de interação da Amazônia Central e posteriormente na esfera de interação Caquetá-Negro.

5.3.5. Os proto-guahibo e os proto-yanomami

Tendo em vista a correlação das informações linguísticas, arqueológicas e etno-históricas apresentadas em §3.2.2, §3.3.2.5 e §4, é possível inferir os seguintes desenvolvimentos diacrônicos relacionados com as populações falantes de línguas de origem guahibo e yanomami:

- (i) os territórios originais dos proto-proto-guahibo e dos proto-yanomami teriam sido respectivamente as bacias do Alto e Baixo Negro; estas populações estariam durante a primeira metade do primeiro milênio d.C. tangencialmente vinculadas entre si, mas diretamente vinculadas a distintas Esferas de Interação;
- (ii) os proto-guahibo teriam participado da esfera de interação regional Caquetá-Negro através de relações firmadas com populações de origem arawak (subgrupos negro e negro-putumayo), bora-muinane, choko, nahahup e puinave-kak; desta relação se observam diversos reflexos de interferência linguística (cf.: §4.2.1.4.1.3, §4.2.2.4.2, §4.2.2.6.1, §4.2.1.8.1.2 e §4.2.1.8.2.3);

- (iii) os proto-yanomami, por outro lado, controlavam as áreas de mediação da esfera de interação da Amazônia Central localizadas no Baixo Negro, estando integrados neste âmbito com os proto-proto-jivaro (estabelecidos provavelmente no interflúvio do Baixo Purus com o Baixo Madeira), dos proto-puinave-kak e dos proto-nadahup (localizados no interflúvio do Negro com o Solimões), assim como com distintos grupos de origem tupi e mura-matanawi (oriundos das vertentes direitas do Madeira e do Baixo Amazonas) e de origem arawak (estabelecidas nas bacias do Baixo Branco, Baixo Amazonas e Baixo Solimões);
- (iv) durante a primeira metade do primeiro milênio d.C. processos expansivos de populações karib do subgrupo ocidental (através do Negro) e arawak do subgrupo nawiki (a partir do interflúvio do Japurá com o Alto Negro) teriam forçado a emigração de diversas populações vinculadas à esfera de interação Solimões-Negro; dentre as consequências, os proto-guahibo teriam se refugiado através do canal de Casiquiare na bacia do Alto Orinoco;
- (v) durante o início da segunda metade do primeiro milênio d.C. os proto-baniva-yavitero teriam se estabelecido no interflúvio entre o Alto Negro e o Alto Orinoco, controlando o canal de Casiquiare, instituindo ali a esfera de interação Negro-Orinoco, centrada na mediação de bens localmente produzidos por populações preestabelecidas na zona, o que teria integrado populações de origens arawak (subgrupos nawiki e negro), guahibo, maku e puinave-kak;
- (vi) com a imigração de populações arawak do subgrupo negro (oriundos da bacia do Baixo Negro) a partir do século VIII d.C. e dos proto-saliba-betoi (oriundos do Apaporis/Inirida) entre os séculos IX e X d.C. para esta área uma nova ordem regional teria sido instituída; novas alianças e conflitos ocorreram pelo controle dos pontos estratégicos de transposição de bens e isto talvez tenha propellido os proto-puinave-kak para o Atabapo, os proto-maku para o interflúvio do Cunucunuma com o Padamo (na vertente direita do Alto Orinoco) e os proto-guahibo (estabelecidos até então na bacia do Médio Orinoco) para os afluentes da vertente esquerda do Médio Orinoco;
- (vii) reações expansivas de populações tupi e karib oriundas do Baixo Amazonas a partir do século XI d.C. teriam aumentado visivelmente a belicosidade regional, provocando a imigração de populações arawak da divisão negro-branco pelas

bacias dos rios Negro e Branco, causando uma concomitante retração dos descendentes do proto-yanomami para as áreas de terra firme da vertente esquerda do Médio Negro.

5.3.6. Os proto-arawa e os proto-harakmbet-katukina

Tendo em vista a correlação das informações linguísticas, arqueológicas e etno-históricas apresentadas em §3.2.2, §3.3.2.5 e §4, é possível inferir os seguintes desenvolvimentos diacrônicos relacionados aos proto-arawa e aos proto-harakmbet-katukina:

- (i) os proto-proto-arawa e os proto-harakmbet-katukina teriam habitado áreas contíguas na vertente direita da bacia do Solimões até meados da segunda metade do segundo milênio a.C. e, neste âmbito, teriam se influenciado mutuamente (cf.: §4.1.4);
- (ii) a expansão dos descendentes imediatos dos proto-arawak através do Solimões teria provocado a cisão dos proto-harakmbet-katukina, da qual ao menos dois subgrupos teriam emergido: os proto-proto-harakmbet e os proto-proto-katukina-katawixi; este processo teria, também, resultado em certa interferência linguística (cf.: §4.2.1.4.1.4);
- (iii) com relação aos proto-proto-harakmbet os seguintes desdobramentos foram previstos:
 - a. os proto-proto-harakmbet teriam imigrado através do Madeira/Madre de Dios até os Yungas imediatamente ao sul do Arco Fitzcarrald; neste decurso, teriam entrado em contato com descendentes dos proto-puinave-nadahup e dos proto-tupi, pois foram detectados alguns reflexos de interferência linguística (cf.: §4.2.1.3.1.2 e §4.2.1.3.1.3); além disto, proto-proto-harakmbet teriam entrado em contato com os ancestrais dos arikapu, dos jeoromitxi, dos kanoe e dos kwaza, como apontam os dados a seguir: **HKB** merẽ ‘morcego’ : **JEO** beretxe ‘*id.*’; **HKB** totofjĩn ‘águia’ : **RKP** totofjĩ ‘*id.*’; **HKB** si ‘tia’ : **RKP** fji ‘*id.*’; **HKB** wi? ‘chuva’ : **KNE** wẽ: ‘*id.*’; **HKB** pe? ‘comer’ : **KNE** pe ‘*id.*’; **HKB** nobi? ‘vagina’ : **KNE** nũpi ‘pênis’; **HKB** mantoro ‘urucum’ : **KWZ** toro ‘*id.*’; **HKB** ote? ‘montanha’ : **KWZ** tute ‘*id.*’; **HKB** suwig ‘pequeno’ : **KWZ** tfuhũi ‘*id.*’;

- b. durante o segundo milênio d.C., em virtude da interação dos proto-proto-harakmbet com populações de origens arawak e pano no âmbito da esfera de interação do Arco-Fitzcarrald, teria ocorrido a etnogênese dos proto-harakmbet *in situ*; processos de interferência linguística teriam resultado destas interações (cf.: §4.2.1.3.1.1e §4.2.1.4.1.4.1);
- (iv) os proto-proto-arawa e os proto-proto-katukina-katawixi teriam permanecido por um longo tempo no âmbito da esfera de interação da Amazônia Central, do que resultaram inúmeros processos de interferência linguística envolvendo ambos os referidos conjuntos e também, fundamentalmente, populações de origens proto-arawak, proto-jívaro, proto-puinave-nadahup, proto-tupi, proto-mura-matanawi, proto-yanomami, proto-taruma e proto-maku (cf.: §4.1.4, §4.2.1.3.2.1-4.2.1.3.2.7, §4.2.1.4.1.1, §4.2.1.4.1.4.2, §4.2.1.8.1.1, §4.2.1.8.2.1, §4.2.1.9.1, §4.2.2.2.2, §4.2.2.2.4-4.2.2.2.7); neste âmbito teriam emergido tanto os proto-arawa como os proto-katukina-katawixi.

5.4. OESTE/SUDOESTE AMAZÔNICO E SEU ENTORNO

A partir da correlação das informações arqueológicas e linguísticas apresentadas em §3.3.1.3, §3.3.2.4, §3.3.2.7 e §4 é possível observar uma série de desdobramentos ecolinguísticos diretamente vinculados a processos migratórios e à formação de esferas de interação regionais e macrorregionais, que teriam ocorrido nesta região durante a pré-história, cada qual composta de diversos estágios de evolução interativa. A seguir serão apresentados os desdobramentos relativos especificamente aos proto-jívaro, aos proto-pano-takana, aos proto-pano, aos proto-takana, aos proto-macro-arawak, aos proto-arawak, aos proto-pukina, aos proto-kandoxi-xapra e aos proto-muniche.

5.4.1. Os proto-jivaro

Tendo em vista as correlações interdisciplinares acima mencionadas, os seguintes desenvolvimentos diacrônicos relacionados com os proto-jivaro e seus ancestrais foram previstos:

- (i) os proto-proto-jivaro seriam oriundos da Amazônia Central e seu território original teria sido provavelmente o interflúvio do Baixo Purus com o Baixo Madeira;
- (ii) até durante a primeira metade do primeiro milênio d.C. eles teriam participado da esfera de interação da Amazônia Central e mantido contatos com ancestrais de falantes de línguas de origens arawa, harakmbet-katukina, kwaza, muramatanawi, tupi e yanomami; dentre os possíveis empréstimos lexicais ocorridos neste âmbito, os seguintes se destacam:
 - a. envolvendo línguas derivadas do proto-tupi: PTPG *jawat ‘onça/cachorro’ : PJVR *jawa ‘*id.*’; PTPI *ek^w ‘casa’ : PJVR *hega ‘*id.*’; PTPI *ts²-ap^e ‘NCONT-casca’ : PJVR *saepe ‘*id.*’; PTPI *ɲkupⁱ ‘cupim’ : PJVR *kupita ‘formiga’; PTPI *tāj ‘dente’ : PJVR *nai ‘*id.*’; PTPI *ts²-up^w ‘NCONT-folha’ : PJVR *nupa ‘erva’; PTPI *aiŋe ‘homem’ : PJVR *aiŋi ‘marido’; PTPI *watiŋũ ‘mosquito’ : PJVR *maNŋfu ‘*id.*’; PMON *miŋaŋ ‘noite’ : PJVR *miŋa ‘frio’; PTPI *entup ‘ouvir’ : PJVR *aNtu ‘*id.*’; PTPI *tukan ‘tucano’ : PJVR *tsukaNka: ‘*id.*’.
 - b. envolvendo línguas derivadas do proto-yanomami: PYMI *ŋanima ‘gente’ : PJVR *januma ‘parente’; PYMI *hi: ‘madeira/lenha’ : PJVR *hii ‘fogo’; PYMI *t^huwⁱ-di ‘mulher’ : PJVR *nuwe ‘esposa’.
 - c. envolvendo línguas derivadas do proto-katukina-katawixi: PJVR *hempe ‘beija-flor’ : KTK aNpi ‘*id.*’; PJVR *etsan ‘Sol’ : KTK ŋaN ‘*id.*’ : KTW jan ‘*id.*’; PJVR *hega ‘casa’ : KTK hak ‘*id.*’; PJVR *paNki ‘cobra’ : KTW pahe ‘*id.*’; PJVR *mama ‘mandioca’ : KTK mama ‘beiju’; PJVR *nuhi ‘nariz’ : PKKT *uhi; PJVR *kuwiŋi ‘orelha’ : KTK kubisa; PJVR *namak(a) ‘peixe’ : KTK bamak ‘*id.*’;
 - d. envolvendo o proto-kwaza: PJVR *hii ‘fogo’ : KWZ hi ‘*id.*’; PJVR *ŋuwanga ‘gente’ : KWZ ŋwa ‘*id.*’; PJVR *inai ‘língua’ : KWZ dinãi ‘idioma’; PJVR

*nuhi ‘nariz’ : KWZ nũ?ihi ‘cheirar’; AGR ahaki ‘semente’ : KWZ haki ‘pedra’.

- (iii) provavelmente em virtude da pressão expansionista de povos de origem karib, que teria se intensificado a partir do século V d.C., os proto-proto-jivaro teriam evadido a região e imigrado pelo Solimões rumo ao Alto Amazonas;
- (iv) entre os séculos VI e VII d.C. os proto-jivaro teriam dominado amplamente a bacia do Baixo e Médio Marañón – uma região previamente ocupada pelos proto-proto-kandoxi-xapra-shapra.⁴¹⁶ Da miscigenação e convergência adaptativa desta nova realidade socioecológica, teriam emergido os proto-jivaro e os proto-kandoxi-xapra-shapra (cf.: 4.2.1.4.2.2). A consolidação do território proto-jivaro nesta região e seu poder de influência naquele ecossistema social teria provocado o colapso de diversas sociedades regionais do norte peruano e do Equador entre os séculos VII e XIX d.C., principalmente porque as rotas estratégicas de comércio entre os Andes do Peru Setentrional e o Equador assim como entre a costa do Peru Setentrional e a bacia do Médio Marañón, vigentes desde milênios, teriam passado desde meados do século VI d.C. para o controle dos proto-jivaro e seus descendentes;
- (v) após terem se estabelecido na bacia do Marañón os proto-jivaro teriam se integrado na esfera de interação regional do Baixo Marañón, que envolvia ao menos populações de origem kandoxi, pano, kawapana e arawak;
- (vi) entre os séculos XIII e IX d.C. os proto-jivaro teriam se integrado com falantes de variedades do proto-kechuaII que teriam imigrado para a bacia do Marañón desde os Andes Centrais, do que se observa uma interferência linguística do proto-kechuaII em proto-jivaro (cf.: 4.2.2.11.1); neste mesmo período a região de confluência do Ucayali com o Marañón teria provavelmente voltado ao controle de populações preexistentes através de uma suposta aliança delas com colonizadores oriundos dos Andes Centrais; a presença de empréstimos supostamente de origens pukina e leko nas línguas faladas pelas populações

⁴¹⁶ A significativa influência karib observada nas línguas kawapana e a presença de populações de origem karib na bacia do Marañón durante o período histórico representam evidências importantes de que a imigração dos proto-proto-jivaro para o oeste amazônico a partir do Solimões pode ter sido motivada por pressões expansionistas de populações de origem karib oriundas do Baixo Amazonas.

oriundas das bacias do Ucayali e do Baixo Marañón (cf.: §4.2.1.4.4.2, §4.2.1.4.4.4, §4.2.3.15.2-4.2.3.15.4) representa um indício importante de que dentre os mencionados colonizadores haveriam descendentes dos ayarmaka (de fala pukina) e dos muyna (de fala leko);

- (vii) durante o século XII d.C., a invasão de populações de origem tupi-guarani portadoras da cerâmica da tradição polícroma amazônica (fase caimito, Napo) teria representado a última onda de imigração desde a Amazônia Central para a bacia do Alto Amazonas antes da invasão européia (Lathrap 1970). Os dados linguísticos, etno-históricos e arqueológicos fortemente correlacionam esta invasão com a etnogênese dos proto-kokama-omagua (Michael 2014)⁴¹⁷. Tal evento teria resultado em uma reconfiguração da esfera de interação regional do Baixo Marañón e entre os séculos XIV e XVI os kokama-omagua já teriam dominado a região e subjugado a civilização multiétnica de Maynas, formada por descendentes de origem jivaro, kechua, leko, arawak, zaparo, omurano e shawi, dentre outros.

Em virtude dos acontecimentos abordados em v-vi, a hegemonia das populações de origem jivaro nas regiões estratégicas do Baixo e Médio Marañón teria se tornado mais ameaçada. Tal situação deve ter se intensificado ainda mais a partir do século XII d.C. com a emergência e expansão do império inca desde os Andes Centrais. O caráter bélico das populações jivaro, observado desde o início do período colonial, deve representar um reflexo patente desta condição contínua de conflitos iminentes.

5.4.2. Os proto-pano-takana

Em §4.1.5 foram apresentados os debates existentes sobre a verossimilhança da hipótese de existência do tronco pano-takana. Igualmente, na seção §5.3.3 foi debatida a questão sobre a natureza genealógica de grupos linguísticos que compartilham um conjunto robusto de paralelos envolvendo elementos do léxico básico e do sistema pronominal, de modo que tais

⁴¹⁷ Cabral (1995) apresenta evidências de que o proto-kokama-omagua teria sido resultante de um processo de crioulização a partir da interação destes invasores tupi com populações preexistentes na região. Entretanto, com base em evidências arqueológicas e etno-históricas contundentes, Michael (2014) refuta a suposição desta autora de que esta língua teria emergido apenas durante o período colonial com a implantação de reduções jesuíticas na província de Maynas.

evidências não sejam encaradas de forma simplista. Com relação à hipótese pano-takana, Girard (1971) já comprovou inclusive a existência de correspondências fonológicas regulares entre o proto-pano e o proto-takana, que, associada à robustez dos paralelos lexicais e pronominais entre estes conjuntos, faz jus à tese de que os proto-pano-takana existiram.⁴¹⁸ A evolução do proto-pano-takana para o proto-pano e proto-takana, decorrentes da etnogênese dos proto-pano e proto-takana, certamente envolveu a miscigenação de parcelas dos proto-pano-takana com populações pré-pano e pré-takana, a partir das circunstâncias já examinadas em §2.2.3. Assim, é perfeitamente lógica e fundamentada a tese de que processos etnogênicos envolvendo populações proto-pano-takana teriam gerado duas populações distintas (proto-pano, proto-takana), que teriam então se diversificado a parte. Posteriormente, populações de origem pano e takana teriam voltado a entrar em contato no sudoeste amazônico. Tendo em vista as correlações interdisciplinares apresentadas em §3.3.1.3, §3.3.2.4, §3.3.2.5, §3.3.2.7 e §4 é possível inferir os seguintes desenvolvimentos diacrônicos relacionados com as populações proto-pano-takana:

- (i) o território original dos proto-pano-takana teria sido a bacia do Alto Solimões, provavelmente entre as desembocaduras dos rios Javari e Jutai;⁴¹⁹
- (ii) provavelmente durante a segunda metade do segundo milênio a.C. teria havido a coalescência dos proto-pano e dos proto-takana *in situ*; esta cisão teria sido motivada por pressões expansivas de descendentes dos proto-arawak, oriundos da bacia do Ucayali;

- **os proto-takana**

- (iii) é plausível que os proto-takana tenham sido impelidos rio abaixo até a foz do Madeira justamente em virtude destas pressões expansivas de populações

⁴¹⁸ Um fator importante a se considerar é que ambos grupos etnolinguísticos, embora localizados no sudoeste amazônico, não estão propriamente em áreas contíguas, o que diminui a possibilidade de que as semelhanças sejam oriundas de contato recente.

⁴¹⁹ Segundo Lathrap (1970), o território original dos proto-pano-takana estaria no interflúvio formado entre os rios Madre de Dios e Beni e seria delimitado a oeste e sul pelas vertentes oriental dos Andes (a nordeste do lago Titicaca). Ainda segundo este autor (Lathrap 1970), os falantes do proto-pano teriam saído desta região rumo ao norte a partir do século IV d.C.. Esta visão é, entretanto, fortemente enviesada pela premissa de que a região de origem de uma população pré-histórica deve corresponder à região de maior diversidade etnolinguística dos seus descendentes atuais.

arawak para a Amazônia Central; vários empréstimos de origem arawak teriam entrado no léxico dos proto-proto-takana em virtude das relações de contato decorrentes do referido processo (cf.: §4.2.1.4.1.20.2);

- (iv) os proto-proto-takana teriam, a partir de então, imigrado para o Madeira e entrado em contato com descendentes dos proto-tupí e proto-kayuvava (cf.: §4.2.1.7.2); neste âmbito teria ocorrido a etnogênese dos proto-takana;
- (v) a partir deste contexto presume-se que os proto-takana teriam se estabelecido no Baixo Madre de Dios; a partir dali seus descendentes teriam se expandido para seus territórios atuais: os proto-kavineña-takana pelo interflúvio Beni-Madre de Dios, os proto-ese-ejja ao longo do Madre de Dios.

- **os proto-pano**

- (vi) em virtude da expansão de populações arawak para o Alto Solimões os proto-proto-pano teriam supostamente se assentado na região da foz do Putumayo;
- (vii) tendo em vista a constatação da existência de certas semelhanças lexicais relevantes entre o proto-pano e o proto tukano, pode-se supor que durante a primeira metade do primeiro milênio d.C. uma parcela dos proto-tukano teria emigrado da Montanha equatoriana através do Putumayo e se miscigenado com os proto-proto-pano (cf.: §4.2.1.7.1.4), do que teriam emergido os proto-pano;⁴²⁰
- (viii) a imigração dos ancestrais dos proto-proto-jivaro para o oeste amazônico através do Solimões durante os séculos V e VI d.C. teria provocado a primeira cisão dos proto-pano: uma parcela teria sido impelida até o Baixo Ucayali pelos referidos invasores e a outra teria adentrado pela bacia do Javari; a primeira teria dado origem aos proto-pano-nuclear e a última aos proto-pano setentrional;
- (ix) as características culturais diagnósticas dos proto-pano-nuclear teriam se estabelecido entre os séculos VI e VII d.C. a partir de um desenvolvimento coevolutivo com populações arawak regionais no âmbito da esfera de interação

⁴²⁰ Tal abordagem contrasta com o modelo de expansão proposto por Fleck (2013:21), segundo o qual os proto-pano seriam oriundos da região amazônica entre o Peru Central e o extremo oeste do Brasil. Como se verá adiante, a proposta apresentada no presente estudo assume que apenas os proto-pano nuclear e seus descendentes diretos teriam emergido na bacia do Médio Ucayali.

do Ucayali, com as quais teriam estado em intenso contato e se miscigenado; nesta esfera de interação também teriam participado populações de origem cholon-hibito, oriundas da Montanha equatoriana, que teriam evadido seu território original em virtude de uma enorme erupção do vulcão Sangay ocorrida nesta mesma ocasião;

- (x) os proto-pano-ocidental teriam emergido em seguida, após uma parcela dos proto-pano nuclear ter se deslocado para o rio Aguaytía (afluente da vertente esquerda do Médio Ucayali); outra parcela (os proto-kaxarari) teria imigrado em direção ao Alto Ucayali e cruzado para a bacia do Purus; os restantes teriam se concentrado no Médio Ucayali (região de Cumancaya) e originado os proto-pano central;
- (xi) com a invasão dos proto-kokama-omagua⁴²¹ desde o Amazonas nos séculos XII-XIII d.C., parcelas dos proto-pano central teriam se dispersado para os interflúvios do alto Juruá com o Alto Purus (proto-purus e proto-nukuni-remo) e do alto Juruá com o alto Javari (proto-jurua), assim como para o Madre de Dios (proto-chakobo, proto-atsawaka), enquanto que os proto-xipibo-kapanawa teriam permanecido na zona e se miscigenado com os referidos invasores, passando inclusive a adotar o estilo policromo da cerâmica produzida por eles.

Myers (1970:93-100) observou que existem muitas semelhanças da cerâmica atual de alguns povos pano com aquela da tradição pacacocha, encontrada na região de Cumancaya. A tradição pacacocha está provavelmente associada ao horizonte grayware, que teria emergido nos yungas bolivianos durante os últimos século do primeiro milênio a.C.. Como tal cerâmica antecede cronologicamente o surgimento da tradição cumancaya e ambas tradições cerâmicas apresentam inúmeras semelhanças diagnósticas, Myers (*op.cit.*) propôs que os proto-pano teriam sido produtores da cerâmica de ambas tradições. Entretanto, também é plausível que populações de origem pano tenham se miscigenado com os produtores destas tradições

⁴²¹ A presença da cerâmica corrugada do Médio Ucayali não deve ser interpretada como trazida por populações de origem tupi-guarani, pois não existem quaisquer indícios linguísticos de que teria havido outra migração de grupos tupi-guarani além dos proto-kokama-omagua para o alto amazonas. O que provavelmente houve foi a introdução deste estilo cerâmico pelos proto-jivaro, que, antes de terem emigrado para o oeste, teriam adotado este estilo cerâmico na Amazônia Central pelo contato com populações de origem tupi-guarani.

cerâmicas em virtude de seu processo expansivo e absorvido os conhecimentos técnicos e estilísticos de produção de suas cerâmicas peculiares.⁴²²

Myers também chegou a propor que a cerâmica cumancaya teria sido resultante da miscigenação dos produtores da cerâmica pacacocha com populações exógenas que teriam chegado no Ucayali. Estas, presumivelmente, se identificam com os descendentes dos proto-pano que teriam sido impelidos para a região com a invasão dos proto-proto-jivaro desde a Amazônia Central e com populações de origem cholon-hibito, fugidas da Montanha equatoriana em virtude da já mencionada erupção do Sangay.

De fato, como visto em §3.3.2.4, uma das características diagnósticas da cerâmica cumancaya é a presença de corrugado, um estilo até então inexistente na bacia do Ucayali, mas que é característico da cerâmica da tradição huapula, diretamente associada aos proto-jivaro (Guffroy 2006; Saulieu 2006, 2013). O aparecimento quase simultâneo desta característica trazida pelos proto-proto-jivaro na bacia do Marañón e na bacia do Ucayali é, pois, um forte indicativo de que populações de origem jivaro teriam transmitido a técnica do corrugado para os proto-pano-nuclear; estes, conseqüentemente, ao adentrarem a bacia do Ucayali, teriam se miscigenado com populações locais produtoras da cerâmica pacacocha.⁴²³ Um dos resultados importantes associados a isto é o fato da data de coalescência do proto-pano ser certamente anterior à data de coalescência do proto-jivaro, de modo que, quando os proto-proto-jivaro invadiram a bacia do Alto Solimões, descendentes dos proto-pano já estariam ali estabelecidos pelo menos há alguns séculos. A isto se soma que Loos (1999:227) observou que as línguas da família pano são bastante semelhantes entre si, de modo que a coalescência do proto-pano e a expansão de seus falantes se enquadra na perspectiva acima apresentada (durante a primeira metade do primeiro milênio d.C.). Vale ressaltar, neste ponto, que processos etnogênicos devem ter sido bastante frequentes a partir do século VII d.C. na bacia do Ucayali, decorrentes da intensificação das relações de contato interétnico, contribuindo substancialmente para o

⁴²² É importante destacar que a possibilidade de correlação das cerâmicas Gray Ware e mojocoya, originárias dos yungas bolivianos, com as cerâmicas pacacocha e cumancaya da bacia do Ucayali e chimay da bacia do Madre de Dios é ainda tentativa. Comparações sistemáticas dos distintos conjunto cerâmicos encontrados nas referidas regiões ainda precisam ser detidamente realizadas. Soma-se a isto o fato de que as pesquisas arqueológicas na Bacia do Madre de Dios e em partes dos yungas bolivianos e peruanos, assim como na região do Arco Fitzcarrald, são ainda pouco significativas, de modo que seria impreterível que novos estudos sejam focados nestas regiões.

⁴²³ Segundo Lathrap (1970:131), os produtores da cerâmica pacacocha teriam invadido a bacia do Médio Ucayali e suplantado os produtores da cerâmica Yarinacocha (última fase da tradição Tutishcainyo), de origem arawak.

processo de diferenciação das línguas pano. Esta hipótese é corroborada por Shell (1975:11 *apud* Valenzuela & Guillaume 2016:13), que observou que, muito embora exista uma enorme quantidade de cognatos lexicais compartilhados pelas línguas pano, os morfemas são muito diferentes tanto na forma como no uso, uma discrepância que evidencia um histórico de miscigenação associada aos processos etnogênicos relativos aos proto-pano e seus descendentes.

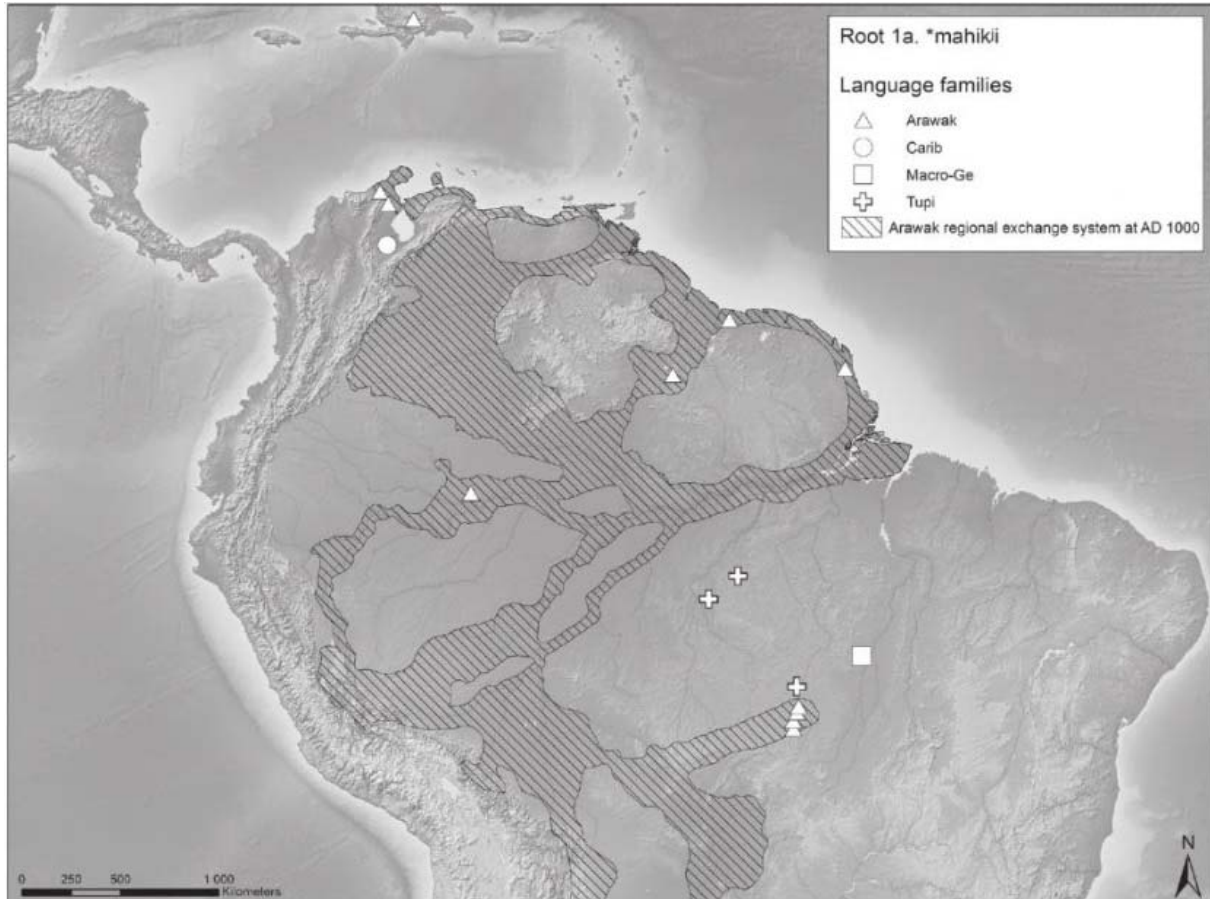
5.4.3. Os proto-macro-arawak, os proto-arawak, os proto-pukina, os proto-kandoxi-xapra e os proto-muniche

A coalescência dos proto-macro-arawak e a complexidade inerente dos processos etnogênicos associados à emergência e dispersão dos seus descendentes, assim como à concomitante evolução de sua protolíngua até a diversidade e amplitude territorial das populações de fala arawak, pukina, kandoxi e muniche observadas durante o período colonial é, sem dúvida, um dos maiores desafios a serem reconstruídos sobre a pré-história dos grupos etnolinguísticos das terras baixas sul-americanas.

Por exemplo, embora atualmente já estejam disponíveis uma infinidade de informações linguísticas, antropológicas, etno-históricas, genéticas e arqueológicas relativas aos povos de origem proto-arawak, as explicações científicas com relação à emergência e evolução desta linhagem assim como ao poder e consequências de sua agência nos processos pré-históricos referentes a praticamente toda a porção tropical deste continente ainda incorrem em generalizações e argumentações simplistas que acabam por obscurecer a possibilidade de entendimento da real complexidade dos fatos. Uma ilustração emblemática desta constatação são as conclusões oferecidas em Eriksen (2011) e Carling *et alii* (2013) a respeito de uma suposta macroesfera de interação estrategicamente controlada por descendentes dos proto-arawak, que teria emergido em virtude da expansão desta população, onde bens consumidos e veiculados através de todos os seus nódulos seriam característicos de sua tradição prototípica, denominada ‘matriz arawak’; tal macroesfera de interação estaria interconectando simultaneamente, de modo supostamente sinérgico, populações arawak estabelecidas, por exemplo, na costa do Caribe (Colômbia/Venezuela), nos Lhanos de Moxos (Bolívia), na bacia

do Negro (Brasil/Colômbia/Venezuela), na bacia do Ucayali (Peru), na bacia do Alto Xingu (Brasil) e na bacia do Baixo Amazonas (Brasil).

MAPA 9. “Esfera de interação regional arawak” em 1000 d.C., segundo Carling *et alii* (2013:50)



Os autores, entretanto, não apresentam quaisquer evidências concretas de que uma tal macroesfera de interação desta amplitude estaria, de fato, ocorrendo durante a pré-história. O principal argumento tomado como evidência da existência desta suposta macroesfera de interação é a supracitada ‘matriz arawak’. Nas palavras de Eriksen (2011),

“The arawak matrix is a cultural repertoire including material and non-material culture as well as language. It appears to have spread through the arawak regional exchange system, through which regional and inter-regional exchange distributed cultural influences from the Antilles to Argentina.” (Eriksen *id.*:10),

“This matrix is possible to trace through close examination of archaeological and historical materials, permitting us to identify its occurrence among societies that have long ceased to exist.” (Eriksen *id.*:276)

A ‘matriz arawak’ se fundamenta na alegação de que as sociedades arawak documentadas desde o período colonial compartilham as seguintes peculiaridades culturais (Santos-Granero 2002; Hornborg 2005; Eriksen 2011:220/275):

- assentamentos sedentários associados a um simbolismo espacial;
- sistemas de subsistência baseados na agricultura ribeirinha associados à produção de terra-preta;
- ideologias não-predatórias, com estratégias militares defensivas e a inibição de guerra intratribal;
- organização política hierárquica fundada na relação com os ancestrais e na liderança estabelecida por uma relação hereditária;
- prática de interação regional com ênfase no comércio e intercâmbio cerimonial, incluindo uma tendência para estabelecer alianças sócio-políticas entre grupos lingüisticamente relacionados;
- compartilhamento de uma língua de alto prestígio e a prática de cerimônias onde esta língua foi um componente crucial;⁴²⁴
- cultura material incluindo artefatos associados às cerimônias acima mencionadas;
- cerâmicas com decoração avançada e forte ênfase no status e funções cerimoniais;
- propensão à domesticação do território de forma simbólica e cosmológica e o uso de ‘escrita topográfica’.

É importante ressaltar que as características acima mencionadas não são exclusivas dos povos arawak; algumas delas são, inclusive, bastante genéricas e observadas em inúmeras populações sul-americanas. A presença de assentamentos sedentários associados a um simbolismo espacial é, por exemplo, uma característica encontrada em diversos lugares da América do Sul não habitados por populações arawak (p.ex.: na costa do Pacífico e nos Andes equatorianos e colombianos). Além disto, são elementos culturais comuns a diversas sociedades pré-históricas andinas:

- organização política hierárquica fundada na relação com os ancestrais e na liderança estabelecida por uma relação hereditária;

⁴²⁴ Esta alegação é falsa, pois não há qualquer evidência de que as populações arawak se comunicavam por meio de uma língua franca.

- uso de estratégias militares defensivas e a inibição da ocorrência de guerra intratribal;
- uso de uma língua franca de alto prestígio e a prática de cerimônias onde esta língua foi um componente crucial;
- presença de artefatos associados às tais cerimônias;
- domesticação do território de forma simbólica e cosmológica;
- adoção de políticas de interação regional com ênfase no comércio e intercâmbio cerimonial.

Em vista disto, as seguintes considerações com relação à ‘matriz arawak’ se fazem cruciais:

- nenhuma das características associadas à referida ‘matriz’ é exclusiva de sociedades de língua arawak e, em vista disto, tais características não podem ser utilizadas como ‘elementos diagnósticos’ da presença arawak em diferentes pontos da América do Sul durante a pré-história. De fato, como indicado acima, as características definidoras da ‘matriz arawak’ também são características dos horizontes culturais dos Andes Centrais, de modo que elas podem ter sido derivadas de uma ‘matriz cultural’ não exclusivamente arawak, mas resultante da interação entre populações pré-históricas dos Andes Centrais e os descendentes diretos dos proto-macro-arawak.
- a adoção do conceito de ‘matriz arawak’ como elemento diagnóstico da presença de influência arawak no continente sul-americano deve ter se dado em virtude da não realização de uma comparação sistemática e integrada de todas as culturas sul-americanas; neste sentido, os estudos que tomam o suposto caráter distintivo da ‘matriz arawak’ como premissa e a utilizam como ferramenta diagnóstica da presença arawak numa dada região devem ser vistos com ressalva;
- a constatação de que as sociedades de filiação arawak apresentam as referidas características não se constitui como prova ou evidência de que elas estariam integradas entre si numa macrosfera de interação: conclusões deste tipo são prematuras, simplistas e implicam na adoção de um pressuposto equivocado, pelo qual o mero rompimento de contato entre duas populações monofiléticas automaticamente resultaria numa transformação de seus princípios culturais. Definitivamente, tal silogismo é incoerente: uma dada população, em virtude de um

caráter tradicionalista, pode evidentemente conservar aspectos fundamentais de sua cultura tradicional, mesmo não estando mais em contato com populações afins após um longo período.⁴²⁵

Além disto, o intercruzamento de dados linguísticos, arqueológicos e genéticos claramente contradiz a hipótese de que na Amazônia teria havido uma imensa esfera de interação controlada exclusivamente por povos arawak (ou de qualquer outra filiação etnolinguística), que teria se iniciado por volta de 900 a.C. e a partir de 200 d.C. estaria interligando regiões tão distantes como os Lhanos de Moxos, o Ucayali, o Baixo Amazonas e o Orinoco, tendo atingido seu apogeu expansivo por volta de 1000 d.C. (Carling *et alii* 2013:49-51). Segundo estes autores, o período entre 200 e 600 d.C. se caracterizaria como o de máxima interação e ‘homogeneização’ cultural desta esfera de interação. Em contraste com tais alegações, Neves (2006, 2010, 2012) e Tamanaha (2012) descrevem que os extensos sítios com terra preta (característicos de uma agricultura intensiva) teriam surgido apenas a partir de 400 d.C. e se intensificando visivelmente entre 600 e 1200 d.C.. O adensamento dos assentamentos observado nestes locais se constitui como evidência do aparecimento e apogeu dos cacicados multiétnicos amazônicos neste período, os quais, entretanto, não eram exclusivamente de origem arawak (Neves *et alii* 2003; Carneiro 2007; Schaan 2007, 2009; Neves 2010; Neves *et alii* 2011; Neves 2012; Moraes & Neves 2012). O intercruzamento de dados linguísticos, arqueológicos e genéticos dá, de fato, suporte à ideia de que as expansões populacionais que teriam se dado na Amazônia Central entre 600 e 1200 d.C. não eram exclusivamente arawak,

⁴²⁵ Neste sentido, o mesmo questionamento com relação à pré-história dos proto-austronésios é providencial. Como se explicaria, por exemplo, a existência de uma ‘matriz austronésica’, compartilhada por boa parte das populações falantes de línguas desta família? Seguindo o silogismo adotado por Carling *et alii* (2013), as seguintes populações deveriam estar interligadas por uma única macroesfera de interação (onde bens de consumo seriam intercambiados): amis (Taiwan), i-taukei (Fiji), dayak (Borneo), maohi (Polinésia Francesa), maori (Nova Zelândia), rapa nui (Ilha da Pascoa).⁴²⁵ Tais sociedades, entretanto, **não** estavam integradas com as demais numa suposta macroesfera ‘trans-pacífica’ de interação desde que passaram a ocupar os seus territórios ancestrais, como seria previsível caso fosse adotado o silogismo de Carling *et alii* (*op.cit.*). A existência e amplitude da família austronésica – associada a um povo austronésico e a uma ‘matriz cultural austronésica’ – é, assim, a prova cabal da incoerência da premissa fundamental de Carling *et alii* (2013), segundo a qual a mera existência de uma ‘matriz cultural’ praticada por povos falantes de línguas geneticamente relacionadas (no caso, arawak) se constitui como evidência da existência pré-histórica de uma suposta macroesfera de interação envolvendo estas sociedades. A partir dos argumentos acima expostos fica evidente que a existência de uma ‘matriz cultural’ compartilhada entre populações de línguas geneticamente relacionadas não pode ser usada como evidência de que quaisquer destas sociedades estejam/estiveram perfazendo uma esfera de interação; a única forma plausível de se utilizar uma ‘matriz cultural’ como evidência da existência de uma esfera de interação é no caso desta ‘matriz cultural’ ser compartilhada por povos de origens etnolinguísticas distintas (por exemplo, caso uma mesma ‘matriz cultural’ seja reconstruída para os proto-kechua e os proto-arawak).

mas de distintas origens (envolveram ao menos, populações de origem karib, tupi e arawak). Além disto, o presente estudo já apontou fortes indícios linguísticos e arqueológicos de que a esfera de interação da Amazônia Central teria sido bem mais complexa do que o quadro hipotético de uma rede de interações controlada por grupos etnolinguisticamente afins vinculados a uma única família linguística, numa espécie de ‘feudo arawak’. Tal hipótese – de que uma macroesfera de difusão de bens controlada por elites de origem arawak interligava boa parte das terras baixas tropicais da América do Sul – também pode ser colocada em xeque pela formulação dos seguintes questionamentos:

- (i) dado que a cerâmica policroma amazônica surgiu em pleno Solimões a partir do século V d.C. e se consolidou a partir do século VIII como uma das mais influentes da Amazônia Central, porque ela teria aparecido na bacia do Ucayali e nos Lhanos de Moxos somente a partir de 1300 d.C.? Importante ainda destacar que esta tradição cerâmica foi levada, provavelmente em ambos os casos, por falantes de línguas tupi (o primeiro caso certamente foi pelos proto-kokama-omagua). Além disto, esta cerâmica simplesmente inexistente na bacia do rio Orinoco. Como funcionaria, então, uma suposta macroesfera de interação arawak como aquela proposta por Carling *et alii* (*op.cit.*), onde uma cerâmica expressiva como a policroma amazônica emerge em seu âmago e na plenitude de seu apogeu, mas não é veiculada por tais rotas de intercâmbio?
- (ii) porque objetos culturais altamente valorados por sociedades dos Andes Centrais (incluindo ouro e *Spondylus*), com as quais os povos arawak da bacia do Ucayali (yanexa e pré-andino) mantinham estreito contato há milênios, não são registrados na Amazônia Central ou no Alto Xingu? Porque objetos valorados por populações arawak do Caribe não aparecem em Ucayali ou nos Lhanos de Moxos? O que, de fato, estaria sendo veiculado nesta suposta macroesfera de interação arawak, ao longo de milhares de quilômetros durante pelo menos um milênio? Produtos perecíveis?

Novamente, com base nos dados arqueológicos, linguísticos, etno-históricos e etnográficos e das discussões desenvolvidas no presente estudo, tal alegação não pode ser comprovada, devendo ser considerada uma hipótese simplista e fundamentada em dados parciais, em observações e correlações interdisciplinares superficiais e em interpretações equivocadas, que encobrem a real natureza das dinâmicas evolutivas nas terras baixas a leste

dos Andes durante a pré-história. Em vista desta afirmação, os defensores da hipótese de Carling *et alii* (*op.cit.*) podem alegar como evidências da existência da suposta macroesfera de interação arawak as interações inter-regionais entre distintos grupos arawak, dentre as quais:

- (i) entre os lokono e os wapixana;
- (ii) entre os lokono e grupos do ramo atlântico;
- (iii) entre os yanexa e grupos do ramo pré-andino;
- (iv) entre grupos dos ramos pré-andino e purus;
- (v) entre grupos dos ramos negro-putumayo e negro-branco;
- (vi) entre grupos dos ramos negro-putumayo e orinoco;
- (vii) entre grupos dos ramos mamoré-guaporé e guaporé-tapajós.

Entretanto, se bem observados, estes conjuntos se constituem unicamente como esferas de interação de magnitude regional. Além disto, nem todas as esferas de interação onde tais interações entre populações arawak ocorriam eram exclusivamente controladas por populações de origem arawak.

Isto posto, é fato que a questão fundamental não foi respondida por Carling *et alii* (*op.cit.*), pois não foram apresentadas por estes autores evidências concretas de que estas esferas de interação regionais estivessem de algum modo interligadas entre si, formando uma macro-organização arawak de controle de veiculação de bens. Parece bem mais lógico, assim, que grupos derivados dos proto-arawak teriam imigrado para diverentes pontos da América do Sul (bacia do Orinoco, Baixo Amazonas, Lhanos de Moxos) e estabelecido colônias nestas áreas, as quais teriam, então, passado a participar de esferas de interação regionais (algumas delas envolvendo mais de uma população de origem arawak).

Uma explicação alternativa, mas que requer aprofundamento, seria a de que o adensamento populacional das sociedades durante o período de desenvolvimento regional amazônico (700 d.C. – 1500d.C.) teria se dado, independentemente de etnicidade, em virtude da difusão de práticas de agricultura intensiva juntamente com plantas domesticadas ao longo dos principais rios durante o período anterior (500 a.C. – 700 d.C.) e que este desenvolvimento teria se baseado no dualismo das relações intersociais, que evoca, por um lado, a reciprocidade e, por outro, a competição pelos nichos potencialmente escassos do ecossistema físico e social.

A partir da comparação de um *corpus* lexical com registros do proto-arawak (Payne 1991), do proto-nawiki (Ramirez 2001), do proto-mamoré-guaporé (Jolkesky, no prelo) e de

línguas representativas de todos os subgrupos da família arawak, com outro *corpus* lexical de línguas e protolínguas representativas da diversidade do continente sul-americano (para detalhes, cf. Introdução), pôde-se observar que os descendentes arcaicos dos proto-arawak teriam estado em contato principalmente com populações do oeste/sudoeste amazônico (proto-pano, proto-takana, proto-arawa, proto-witoto-okaina, proto-bora-muinane, proto-kawapana, proto-urarina) e dos Andes Centrais (proto-kechua). Os dados linguísticos que respaldam esta alegação foram apresentados em §4.2.1.4.1. Tais observações, juntamente com a provável origem dos demais descendentes do proto-macro-arawak nos Andes (proto-pukina) e no oeste amazônico (proto-muniche, proto-kandoxi-xapra), apontam para a coalescência tanto dos proto-macro-arawak como dos proto-arawak na bacia do Ucayali. De fato, da comparação sistemática dos dados lexicais presentes em ambos os *corpora*, não foram encontradas evidências que pudessem dar mais respaldo a uma origem dos proto-arawak na Amazônia Central, na Orinoquia ou no noroeste amazônico. Apenas relações de contato ocorridas após a cisão do proto-arawak foram observadas nestes contextos, embora alguns tenham sido também relativamente arcaicos. Dentre estes contextos, destacam-se: (i) no Orinoco (com os proto-yaruro), (ii) na Amazônia Central (com os descendentes dos proto-harakmbet-katukina, dos proto-taruma, dos proto-kwaza, e dos proto-mura-matanawi) e (iii) no leste amazônico (com os descendentes dos proto-karib, dos proto-tupi-guarani, dos proto-nambikwara, dos proto-iranche).⁴²⁶ Uma prova disto é que a comparação sistemática efetuada no presente estudo pôde evidenciar justamente que no noroeste amazônico, na Amazônia Central e na Amazônia Meridional teriam emergido esferas de interação arcaicas formadas por populações de filiações etnolinguísticas distintas do arawak e que, somente num período posterior, grupos de origem arawak teriam sido nelas incorporados.

A provável origem dos proto-arawak na bacia do Ucayali é respaldada também por estudos arqueológicos. Por exemplo, as cerâmicas das tradições nazaratequi e tutishcainyo, ambas oriundas da referida região, são as mais antigas da América do Sul diretamente associadas a populações arawak (Brochado & Lathrap 1982:5 *apud* Eriksen 2011:22). Há indícios importantes de que cerâmicas derivadas da tradição tutishcainyo teriam influenciado a gênese da cultura saladóide e que tal difusão estaria diretamente vinculada a processos

⁴²⁶ A presença de populações arawak da divisão ‘arawak oriental’ deve ter sido bastante antiga no nor-nordeste da América do Sul tendo em vista que uma cisão arcaica do subgrupo ‘caribenho’ ou ‘setentrional’ da divisão ‘arawak oriental’ já foi confirmada por estudos histórico-comparativos recentes (cf.: Aikhenvald 1999a, Danielsen *et alii* 2011).

migratórios de descendentes imediatos dos proto-arawak (Brochado & Lathrap *id.*:10 *apud* Eriksen *id.*:23). Brochado & Lathrap (*op.cit.*) sugerem também que a produção da tradição cerâmica nazaratequi estaria diretamente vinculada aos ancestrais dos yanexa. Com base no ‘modelo-cardíaco’ de Lathrap (1970), estes autores (*op.cit.*) inferiram que a origem destas três tradições (tutishcainyo, nazaratequi e saladóide) estaria na Amazônia Central, embora esta seja uma alegação meramente baseada na distribuição geográfica dos seus sítios arqueológicos, que facilitaria a associação de todas as referidas tradições com a dispersão dos proto-arawak. Entretanto, não há evidências arqueológicas de que as tradições nazaratequi e tutishcainyo tenham se originado na Amazônia Central. Contrariamente, os indícios já apontavam que ambas tradições teriam se originado localmente, na bacia do Ucayali (Allen 1968).

A partir da correlação das considerações acima expostas com outras informações arqueológicas, etno-históricas e linguísticas, é possível inferir os seguintes desenvolvimentos diacrônicos relacionados com os proto-macro-arawak:

- (i) os proto-macro-arawak estariam diretamente vinculados aos produtores da fase tutishcainyo I (2100 a.C. – 1800 a.C.).

- **os proto-kandoxi-xapra**

- (ii) durante o início do segundo milênio a.C. uma parcela dos proto-macro-arawak teria se expandido para o oeste, entrando pelo rio Aguaytía (afluente esquerdo do Médio Ucayali), tomando rumo a oeste até a bacia do Médio Huallaga e subindo rio acima até a região andina, no Alto Huallaga; como resultado, este grupo teria entrado em contato com os produtores da cultura kotosh-wairajirca (1850 a.C. – 1000 a.C.) – considerados no presente estudo como uma população pré-proto-proto-kandoxi-xapra; foi neste âmbito, em plenos Andes Centrais, que a tradição tutishcainyo teria passado a influenciar a cerâmica kotosh-wairajirca (Lathrap 1970);
- (iii) em vista destes contatos teria ocorrido a etnogênese dos proto-proto-proto-kandoxi-xapra, os prováveis responsáveis pela emergência da cerâmica da fase kotosh-kotosh (1000 a.C. – 800 a.C.) na bacia do Alto Huallaga; assume-se também que esta mesma população tenha sido uma das populações pré-proto-

proto-kechua (i.e., que teriam deixado um substrato ou adstrato em proto-proto-kechua via contato); tal alegação é baseada na presença de um *stratum* arcaico, comum em proto-kechua e em proto-kandoxi-xapra (cf.: §4.2.1.4.2.4);

- (iv) durante a primeira metade do primeiro milênio a.C. os proto-proto-proto-kandoxi-xapra teriam imigrado através do Marañón até a região de Huayurco e Bagua; há, de fato, várias evidências de que as cerâmicas das culturas huayurco e bagua teriam exatamente influências das tradições kotosh e tutishcainyo (Shady 1999; DeBoer 2003; Clasby 2014:313/358-359); neste sentido, a etnogênese dos proto-proto-kandoxi-xapra teria se dado a partir desta imigração e da miscigenação com as populações precursoras de Huayurco e Bagua;
- (v) neste âmbito, teriam também entrado em contato com os descendentes dos proto-proto-mochika (os proto-proto-mochika eram provavelmente oriundos dos Andes sul-equatorianos e produtores da cultura catamayo (2000 a.C. – 300 a.C.)); tal alegação é baseada em um *stratum* lexical presente tanto em mochika como em kandoxi (cf.: §4.2.1.4.2.6);
- (vi) a partir de então, esta população teria dominado a bacia do Baixo Marañón possivelmente até a invasão dos proto-proto-jivaro durante o século VI d.C.; após a invasão dos proto-proto-jivaro na bacia do Baixo Marañón e de um período de convergência formativa entre os proto-proto-kandoxi-xapra e os proto-proto-jivaro, teria havido a etnogênese concomitante dos proto-kandoxi-xapra e dos proto-jivaro.

- **os proto-muniche**

- (vii) durante meados da primeira metade do segundo milênio a.C. parcelas dos proto-macro-arawak, produtoras da tradição tutishcainyo, teriam se assentado na bacia do Alto Huallaga e se miscigenado com populações precursoras, passando a produzir a cerâmica cueva de las lechuzas; esta população está, presumivelmente, associada aos ancestrais arcaicos dos muniche; neste âmbito teriam ocorrido contatos com os produtores da cultura kotosh-wairajirca (1850 a.C. – 1000 a.C.);

(viii) se assumido o pressuposto acima, os produtores da cerâmica cueva de las lechuzas teriam, posteriormente, imigrado pelo Huallaga e se assentado nas proximidades de Yurimaguas; ali teria, tempos depois, ocorrido a etnogênese dos muniche.

- **os proto-pukina**

(ix) durante a segunda metade do segundo milênio a.C., utilizado-se das vias naturais da bacia do Alto Ucayali como acesso para o altiplano (rios Tambopata, Inambari, Vilcanota ou Apurímac), uma parcela dos proto-macro-arawak teria inicialmente se assentado no vale de Cusco; da miscigenação deste grupo com populações locais teriam emergido os proto-proto-proto-pukina;

(x) ainda durante a segunda metade do segundo milênio a.C. os proto-proto-proto-pukina já teriam se expandido para a porção ocidental da bacia do Titicaca; a partir da miscigenação com populações precursoras, produtoras da cultura qaluyu, teria ocorrido a etnogênese dos proto-proto-pukina; esta população teria passado a produzir a cultura pukara;

(xi) a emergência da civilização tiwanaku remonta da fusão de diferentes culturas regionais circum-Titicaca e de sua vinculação à “tradição religiosa Yayamama” (Janusek 2004:123); os proto-pukina teriam sido os fundadores da civilização tiwanaku (Hardman 1985:626) e estariam, assim, diretamente associados à difusão da tradição religiosa Yayamama por toda a bacia do Titicaca desde o início da era cristã;

(xii) a partir da emergência do império tiwanaku, os proto-pukina teriam dominado várias regiões associadas a Umasuyu, reduzindo drasticamente o território original dos proto-uru-chipaya, os quais teriam passado a residir fundamentalmente em ilhas artificiais feitas de totora no lago Titicaca, vivendo da pesca e produção de balsas; outras parcelas dos proto-uru-chipaya teriam desde então se refugiado para o lago Poopo e imediações do Salar de Uyuni;

(xiii) com a decadência da civilização tiwanako, sua elite teria se refugiado no vale de Vilcanota (a noroeste do lago Titicaca), onde teriam fundado o senhorio de Ayarmaka; os pukina, ou ayarmaka, teriam, então, fundado a cidade de Cusco e

se tornado os primeiros incas; após este período, fizeram alianças com os aymara e, posteriormente, firmaram a paz com os descendentes da elite wari, até então considerados inimigos; o império incaico teria se expandido substancialmente após este período;

- (xiv) a etnogênese dos kallawaya, conhecidos como médicos e comerciantes itinerantes dos yungas ao norte do Titicaca, teria se dado inicialmente a partir da miscigenação de populações de origem pukina e aymara; esta população teria então, durante o período incaico, se miscigenado com imigrantes de origem kechua e com populações oriundas do vale do Apolobamba (leko, chunchu, aguachile).

- **os proto-arawak:**

- (xv) o território original dos proto-arawak teria sido a bacia do Ucayali e o Arco Fitzcarrald; os proto-arawak seriam descendentes imediatos dos produtores da cultura da fase tutishcainyo I da tradição tutishcainyo;
- (xvi) durante a primeira metade do segundo milênio a.C. uma parcela dos proto-arawak (produtores de cerâmica da fase tutishcainyo II) teria se expandido para o oeste, entrado pelos rios Pachitea/Pozuzo e se assentado na região dos yungas; após terem se miscigenado com a população local de origem andina, teria havido a etnogênese dos proto-proto-proto-yanexa *in situ* – presumivelmente considerados os produtores da cerâmica da fase cobichaniqui (1800 a.C. – 1400 a.C.) da tradição nazarategui (cf.: Brochado & Lathrap 1982);
- (xvii) desde então, os proto-proto-proto-yanexa teriam passado a manter contato com os pré-proto-proto-proto-kandoxi-xapra, produtores da cultura kotosh-wairajirca (1850 a.C. – 1000 a.C.), do que teria resultado na etnogênese dos proto-proto-yanexa, produtores da cultura das fases pangotsi e nazarategui (1300 a.C. – 600 d.C.); a etnogênese dos proto-yanexa teria ocorrido presumivelmente durante ou ao término da cultura naneini (600 d.C. – 1100 d.C.), a qual emergiu *in situ* a partir de influências de origem pano logo após o desfalecimento da cultura da tradição nazarategui.

- **os proto-arawak-oriental:**

- (xviii) entre os séculos XVII e XV a.C. uma parcela dos proto-arawak teria se deslocado através do Ucayali e se estabelecido ao longo do Solimões até o Baixo Amazonas (principais assentamentos: Tefé, Caiambé, Coari, Açutuba, Paredão, Jatapu, Uatumã, Santarém, Marajó); esta população estaria relacionada aos ancestrais dos falantes de línguas arawak da divisão ‘arawak-oriental’ e teriam levado consigo a tecnologia e certos aspectos estilísticos de produção cerâmica que se tornaram diagnósticos das tradições ananatuba, saladóide e pocó-açutuba; boa parte das populações arawak derivadas durante este processo de colonização teriam sido produtoras de distintas fases associadas a estas tradições cerâmicas, cujas peculiaridades seriam resultantes de desenvolvimentos locais;⁴²⁷
- (xix) a parcela dos proto-arawak-oriental estabelecida no Baixo Amazonas teria se miscigenado com populações precursoras relacionadas aos proto-proto-karib e dos proto-proto-nambikwara; deste processo etnogênico teriam emergido os ancestrais dos falantes das línguas arawak do ramo ‘baixo-amazonas’ (cf.: ANEXO I); a partir de então, os seguintes desenvolvimentos relacionados aos proto-arawak-baixo-amazonas são hipotetizados:
- a. uma parcela teria supostamente se estabelecido na foz do Amazonas e passado a produzir a cerâmica da fase ananatuba (XV – XIV a.C.), que está inserida no horizonte hachurado-zonado e é estilisticamente relacionada com a cerâmica da tradição tutishcainyo; neste âmbito teriam emergido séculos depois os arawak do subgrupo atlântico, que teriam desde então se expandido para a vertente esquada da foz do Amazonas;
 - b. durante a primeira metade do primeiro milênio a.C. uma terceira parcela dos proto-arawak-baixo-amazonas assentada na região do Xingu se miscigenou com populações locais de origem karib; em vista disto, teriam emergido os

⁴²⁷ Desde então, não há indícios concretos da existência de intercâmbio entre as distintas populações descendentes dos proto-arawak-central, pois cada cerâmica local, representada por uma fase distinta, não foi até o momento encontrada fora do seu local de produção, de modo que a alegação da existência de uma esfera de interação entre populações arawak na Amazônia Central neste período não conta até o momento com respaldo científico, pois as semelhanças entre elas são justamente aquelas decorrentes da expansão inicial dos proto-arawak-central (quando teriam carregado consigo técnicas e estilos peculiares de produção cerâmica) e não da interação posterior de seus descendentes.

- proto-proto-arawak-xingu, os quais, a partir de então, teriam passado a produzir cerâmica barrancóide amazônica da fase xingu (1000 a.C. – 280 d.C.); durante a primeira metade do primeiro milênio d.C. esta população teria se miscigenado com descendentes dos proto-tupi-guarani que imigraram para a região; deste grupo teriam emergido os ancestrais dos proto-arawak-xingu; durante o século IX d.C. seus descendentes teriam imigrado rumo ao sul e se assentado na bacia do Alto Xingu; desde então teriam passado a produzir a cerâmica ipavu (800 d.C. – 1600 d.C.) *in situ*;
- c. durante a segunda metade do primeiro milênio a.C., outra parcela dos proto-arawak-baixo-amazonas (i.e., os proto-proto-guaporé-tapajós) teria imigrado através do rio Madeira/Guaporé até a região entre o Pantanal e a Chapada dos Parecis; este grupo teria ali se miscigenado com populações locais e com isto teriam emergido os proto-guaporé-tapajós; os descendentes diretos desta população estão vinculados aos produtores da cerâmica da tradição descavado (300 a.C. – 1800 d.C.).⁴²⁸
- (xx) a parcela dos proto-arawak-oriental estabelecida ao longo do Solimões corresponde aos ancestrais dos arawak falantes das línguas do ramo solimões-caribe (cf.: ANEXO I); durante a segunda metade do segundo milênio a.C. parte dos proto-arawak-solimões-caribe teria imigrado através do rio Negro até o canal de Casiquiare e, após chegar na bacia do Alto Orinoco, teria decidido o curso deste rio até a região do delta;⁴²⁹ a partir de então, este grupo teria se integrado na esfera de interação regional do Baixo Orinoco e, após sua miscigenação com populações locais, teria ocorrido a etnogênese dos proto-arawak-caribenho (cf.: ANEXO I), também conhecidos na literatura como ‘proto-arawak-setentrional’; neste âmbito, teriam começado a produzir cerâmica da tradição saladóide (1300 a.C. – 400 d.C.), que também apresenta traços diagnósticos da cultura

⁴²⁸ Com relação à origem arawak dos produtores da cerâmica descavado, cf.: Pestana 2014.

⁴²⁹ As duas hipóteses seguintes também são viáveis:

- (i) uma imigração a partir da foz do Amazonas e de lá para a esquerda ao longo da costa do Atlântico até a foz do Orinoco;
- (ii) uma imigração através dos rios Branco e Tacuto (formante do rio Branco) até a parte oriental do planalto das Guianas, de onde teriam atravessado para a bacia do Essequibo e descido o seu curso até o oceano Atlântico e, de lá, chegado na bacia do Orinoco.

tutishcainyo (Lathrap 1970); a partir de então, os seguintes desenvolvimentos relacionados a este grupo etnolinguístico são hipotetizados:

- a. uma parcela dos proto-arawak-caribenho teria imigrado entre os séculos IX e XIII a.C. para o noroeste e se estabelecido entre os contrafortes setentrionais da Cordilheira de Mérida e o mar do Caribe (Estado de Lara) e, após ter se integrado com populações locais, teria havido a etnogênese dos proto-wajuu-añun, que passaram a produzir cerâmica da tradição tocuyanóide (Oliver 1989);
 - b. entre os séculos V e IV a.C. outra parcela dos proto-arawak-caribenho teria imigrado para as Antilhas e levado consigo a técnica de produzir cerâmica saladóide e, tendo se miscigenado com populações locais produtoras da cultura Ortoiróide, teria havido a etnogênese dos proto-iñeri-taino; no final do primeiro milênio d.C. eles já teriam dominado praticamente todas as Grandes Antilhas;
- (xxi) a parcela dos proto-arawak-solimões-caribe que permaneceu na bacia do Solimões teria se expandido durante a primeira metade do primeiro milênio a.C. para a Amazônia Central, onde supostamente teriam se miscigenado com outras parcelas derivadas dos proto-arawak-oriental assim como com grupos de origens karib e tupi; neste âmbito teria havido a etnogênese dos proto-arawak-negro-branco (cf.: ANEXO I), provavelmente responsáveis pela produção da cerâmica borda-incisa da fase paredão.

- **os proto-arawak-ocidental:**

- (xxii) dos proto-arawak que permaneceram na bacia do Ucayali teriam emergido os proto-arawak-ocidental;
- (xxiii) entre os séculos XIII e XII a.C. os proto-proto-mamoré-paraguai teriam imigrado para o Alto Purus através do Arco Fitzcarrald, tendo a partir de então passado a produzir cerâmica da tradição quinari e a construir os geóglifos monumentais do Acre; concomitante a isto teria emergido a esfera de interação do Arco Fitzcarrald, diretamente associada aos geóglifos do Acre; nela, além dos proto-mamoré-paraguai, provavelmente também participavam os proto-proto-

arawak-pré-andino e dos proto-purus;⁴³⁰ a partir de então, os seguintes desenvolvimentos relacionados aos proto-mamoré-paraguai são hipotetizados:

- a. o período de construção dos geóglifos na bacia do Madre de Dios (50 a.C. – 400 d.C.) provavelmente marca o início da ocupação dos proto-mamoré-paraguai na bacia do Madre de Dios, oriundos da região dos geóglifos do Acre;
 - b. durante os primeiros séculos da era cristã os proto-proto-terena teriam seguido rumo ao sul até os yungas bolivianos através dos rios Mamoré e Parapetí e, de lá, partido em direção ao leste para o Chaco; após terem se miscigenado com populações de origem guaykuru oriundas desta região, os proto-terena teriam emergido;
 - c. os proto-mamoré-guaporé teriam permanecido na região da foz do Madre de Dios até por volta do séculos V-VI d.C.; a partir de então, os proto-moxopaunaka teriam se deslocado para a bacia do Mamoré e ocupado a região dos Lhanos de Moxos; neste mesmo período os proto-proto-baure-paikoneka teriam imigrado para a bacia do Guaporé e possivelmente produziram os geóglifos monumentais ali encontrados, construídos justamente a partir desta ocasião, quando a cerâmica jasiaquiri (300-500 d.C.) deixou de ser fabricada (cf.: Jaimes Betancourt & Prümers 2015); dali teriam, então, invadindo a bacia do rio Baures (afluente da margem esquerda do Guaporé), onde habitavam originalmente descendentes do proto-chapakura-wanham;
- (xxiv) a partir do início do primeiro milênio a.C. os proto-kechua, produtores da cerâmica da fase kotosh-chavin (1000 a.C. – 300 a.C.), teriam passado a exercer forte influência nos ancestrais dos yanexa, produtores da cultura pangotsi (1300 a.C. – 800 a.C.); tal alegação é suportada por dados linguísticos (cf.: §4.2.1.4.1.10);
- (xxv) a influência dos proto-kechua, produtores da cerâmica da fase kotosh-chavin (1000 a.C. – 300 a.C.), teria se estendido até a bacia do médio Ucayali; tal influência teria provocado a emergência da fase shakimu (900 a.C. – 400 a.C.)

⁴³⁰ Presumivelmente, a construção dos geóglifos teria sido iniciada pelos proto-proto-mamore-guapore, os primeiros povos de origem arawak a ocupar a região; os seus descendentes diretos (proto-mamore-guapore) teriam sido responsáveis pela construção dos geóglifos do Beni a partir de 200 a.C..

dentro da tradição tutishcainyo; durante este período, empréstimos lexicais de origem kechua teriam se espalhado pelas línguas arawak então faladas ao longo da bacia do Ucayali (cf.: §4.2.1.4.1.10);

(xxvi) durante a primeira metade do primeiro milênio a.C. os seguintes eventos migratórios teriam ocorrido:

- a. os proto-negro-putumayo (cf.: ANEXO I) teriam emigrado da bacia do Baixo Ucayali e se estabelecido na bacia do Alto Solimões;
- b. os proto-orinoco teriam imigrado do Alto Solimões para o Alto Negro, tendo, dali, atravessado para a bacia do Orinoco;
- c. os proto-proto-purus teriam emergido da colonização de uma parcela dos proto-arawak-ocidental pré-estabelecida na região do Arco Fitzcarrald;
- d. os proto-proto-arawak-pré-andino teriam imigrado para os formantes do Ucayali e se estabelecido nos yungas a noroeste de Cusco.

(xxvii) entre os séculos IV e V d.C., tendo em vista os eventos migratórios de populações oriundas da Amazônia Central para a Bacia do Alto Amazonas, os descendentes dos proto-negro-putumayo teriam ampliado sua penetração pelo noroeste amazônico (tal evento teria sido provavelmente concomitante com os seguintes outros desdobramentos etnolinguísticos ocorridos nesta região: (i) os proto-witoto-okaina e os proto-bora-muinane estariam se expandindo respectivamente pelas bacias do Putumayo e do Caquetá; (ii) os proto-proto-yaruro e os proto-proto-choko estariam evadindo o Médio Caquetá, que era supostamente o território ancestral destas populações);

As rápidas expansões dos arawak a partir de 2000 a.C. certamente envolveram dois tipos de imigração: (i) dispersão em ondas a partir do ponto de origem com a inserção destas populações migrantes em esferas de interação locais; (ii) colonização de territórios longínquos, e forte miscigenação com populações locais, como apontam vários estudos de arqueologia genética. Em vista de prováveis processos de miscigenação sequenciais envolvendo distintas parcelas derivadas dos proto-arawak, a configuração da família tornou-se menos óbvia; mesmo assim, a formação dos subgrupos basais é nítida: proto-guaporé-tapajós, proto-xingu, proto-atlântico, proto-negro-branco, proto-arawak-caribenho, proto-mamoré-guaporé, proto-negro-putumayo, proto-orinoco, proto-purus e proto-arawak-pré-andino.

5.5. LESTE AMAZÔNICO E SEU ENTORNO

A partir da correlação das informações arqueológicas e linguísticas apresentadas em §3.3.1.2, §3.3.2.1-3.3.2.3 e §4 é possível observar uma série de desdobramentos ecolinguísticos diretamente vinculados a processos migratórios e à formação de esferas de interação regionais e macrorregionais, que teriam ocorrido nesta região durante a pré-história, cada qual composta de diversos estágios de evolução interativa. A seguir serão apresentados os desdobramentos relativos especificamente aos proto-macro-jê, aos proto-macro-jê-nuclear, aos proto-nambikwara, aos proto-kwaza, aos proto-peba-yagua, aos proto-karib, aos proto-tupi, e aos proto-tupi-guarani.

5.5.1. Os proto-macro-jê e os proto-macro-jê-nuclear

De acordo com Urban (1992:90), o habitat das populações jê era o Planalto Central brasileiro. Baseando-se na classificação apresentada por Rodrigues (1986), na qual o tronco se comporia de doze famílias (jê, maxakali, krenak, kamakã, puri, kariri, yate, karaja, bororo, ofaye, ribbaktsa e guato), Urban (*id.*) sugere o leste brasileiro como um provável local de origem do proto-macro-jê – unicamente pelo fato da maioria das famílias do referido tronco estarem a leste do rio Araguaia. Além disto, este autor levanta a hipótese de que o proto-macro-jê poderia ter se dispersado a partir da Serra da Mantiqueira “há 5 ou 6 mil anos” (Urban *id.*:91). No entanto, Ribeiro (2009; 2011), ao considerar os estudos recentes sobre a inclusão das famílias besiro e jeoromitxi (Adelaar 2008, Ribeiro & van der Voort 2010)⁴³¹, mesmo que baseando-se igualmente no argumento da densidade da diversidade linguística, levanta a hipótese da origem do proto-macro-jê numa área localizada entre Mato-Grosso do Sul e Rondônia, colocando em xeque a hipótese de Urban (*op.cit.*).

“While tupi is a well-established family, macro-jê is still largely seen as a “working hypothesis” (Rodrigues 1999), although recent studies (Adelaar 2008, Ribeiro & van der Voort in press) have contributed to solidify its presence in the “western front,” with the inclusion of Chiquitano (spoken in Bolivia and Brazil) and the jabuti languages

⁴³¹ Os besiro originalmente ocupavam a porção oriental do Departamento de Santa Cruz (Bolívia) e o extremo-oeste do Estado do Mato-Grosso (Brasil) enquanto que os falantes das línguas da família jeoromitxi se localizam no Estado de Rondônia (Brasil).

(arikapu and djeoromitxí, spoken in Rondônia, a Brazilian State bordering Bolivia). Based on such studies, a different picture of macro-jê starts to emerge, revealing a concentration of diversity in western Brazil (rather than eastern Brazil, as usually thought; cf. Urban 199[2]). That would suggest a western, southern Amazonian homeland for proto-macro-jê.” (Ribeiro 2011)

Tais estudos apresentam consequências importantes para teorias sobre o provável local de origem do proto-macro-jê. Ribeiro (2007) sugere uma cisão do tronco em dois ramos (oriental e ocidental), uma posição também tomada por Nikulin (2015), embora nenhum deles tenha comprovado esta evolução estritamente dentro dos pressupostos do método comparativo.⁴³² A partir das evidências apresentadas em §3.3.2.1-3.3.2.2 e §4.1.1, a seguinte evolução para os proto-macro-jê foi hipotetizada:

- (i) o território original dos proto-macro-jê teria sido a região entre a Chapada dos Parecis e a bacia do Alto Araguaia; a hipótese adotada no presente estudo assume que esta população teria emergido durante o segundo milênio a.C., presumivelmente a partir da imigração de populações sambaquieiras do baixo Amazonas, produtores de cerâmica das tradições Mina ou Taperinha, em virtude de pressões socioecológicas regionais (cf.: Brochado 1984:90-91; Martin 2008:190); por volta do início do primeiro milênio a.C. teria ocorrido uma grande onda migratória macro-jê; os seguintes desdobramentos foram hipotetizados:
 - a. uma parcela dos proto-macro-jê teria imigrado para o Teles Pires e Alto Tapajós e se miscigenado com uma população pré-proto-rikkaktsa; em decorrência disto, teria ocorrido a etnogênese dos proto-rikkaktsa; esta população teria desde a segunda metade do primeiro milênio a.C. estado em

⁴³² Embora tenha assumido tal posição, Nikulin (2015:47) observou que “[n]o phonological differences between proto-Eastern Macro Jê and proto-Macro Jê could be established at this stage”. Muitos dos supostos cognatos entre línguas macro-jê apresentados por este autor e utilizados como provas de suas alegações são evidentemente falsos: OFY íhté? ‘mulher’ : RBK witik ‘id.’ (RBK witik é um empréstimo de origem karib: PKAR *piti ‘esposa’ > BKR widi, IKP wit); OFY íššĩw ‘fogo’ : RBK iɔo ‘id.’ (RBK iɔo é um empréstimo de origem karib: PKAR *wepeto ‘fogo’ > KKR/KLP ito, PRK witu); RBK ɟapu ‘dente’ : KRJ ɟɔu ‘id.’ (KRJ ɟɔu é um empréstimo de origem karib: PKAR *(j)ô ‘dente’); OFY híh ‘osso’ : RBK poik ‘id.’; PJE *ka-nã ‘olho’ : KRJ ruɛ ‘id.’; RBK nini ‘dar’ : KRJ ð ‘id.’; RBK iɟik ‘semente’ : PJE *ɟã ‘id.’; RBK doho ‘carne’ : KRJ de ‘id.’ (a cognação ocorre, na realidade, entre RBK ni ‘carne’ e KRJ de ‘id.’). Além disto, dos paralelos apresentados por este autor como cognatos putativos entre o proto-macro-jê e o proto-tupi ou o proto-karib (Nikulin *id.*:90-96), os seguintes representam equívocos evidentes: PMJE *ɟi(C) ‘cabelo’ : PTUP *-ap ‘id.’; PMJE *ba ‘1.S.’ : PKAR *əwi-rə ‘id.’; PMJE *ɟip-pV(C)/*ɟĩp-pV(C) ‘orelha’ : PKAR *pana ‘id.’; PMJE *ɟija(C)/*ɟĩja(C) ‘nariz’ : PKAR *-əwna ‘id.’; PMJE *nbak ‘saber’ : PKAR *pu ‘id.’; PMJE *ku(C) ‘comer’ : PKAR *ətəku ‘id.’; PMJE *ɟi-jit ‘nome’ : PKAR *-əteti ‘id.’.

contato com os proto-proto-bororo da Chapada dos Parecis; durante a segunda metade do primeiro milênio d.C. os proto-proto-rikkaktsa se miscigenaram com populações de origem karib oriundas do Baixo Amazonas e, em decorrência disto, teriam emergido os proto-rikkaktsa;

b. outra parcela dos proto-macro-jê teria se expandido para o leste o Planalto Central, tendo passado a produzir cerâmica da tradição una; esta população teria se cindido e dispersado para diferentes regiões do centro-leste da América do Sul; em decorrência disto, os seguintes desdobramentos foram hipotetizados:

- uma parcela teria se assentado na bacia do Baixo São Francisco e se miscigenado com populações locais; em decorrência disto teria ocorrido a etnogênese dos proto-proto-yate; durante a primeira metade do segundo milênio d.C. seus descendentes teriam entrado em contato com populações expansivas de origens tupi-guarani, jê e kariri; em decorrência disto, teria havido a gênese dos proto-yate;
- outra parcela teria se assentado na bacia do Alto São Francisco e se miscigenado com populações locais; em decorrência disto teria ocorrido a etnogênese dos proto-proto-kariri; durante a primeira metade do segundo milênio d.C. seus descendentes teriam entrado em contato com populações expansivas de origem macro-jê-nuclear; em decorrência disto, teria havido a gênese dos proto-kariri;
- uma terceira parcela teria se assentado na bacia do Alto Tocantins, miscigenando-se com populações locais; em decorrência disto teria ocorrido a etnogênese dos proto-proto-kamakã; teriam desde então participado de uma esfera de interação local com os proto-proto-maxakali; durante a primeira metade do segundo milênio d.C. seus descendentes teriam entrado em contato com populações expansivas de origem macro-jê-nuclear; em decorrência disto, teria havido a gênese dos proto-kamakã;
- uma quarta parcela teria se assentado entre as bacias do Parnaíba e do Alto São Francisco, miscigenando-se com populações locais; em decorrência disto teria ocorrido a etnogênese dos proto-proto-maxakali; desde então teriam participado de uma esfera de interação local com os

proto-proto-kamakã; durante a primeira metade do segundo milênio d.C. seus descendentes teriam entrado em contato com populações expansivas de origem macro-jê-nuclear; em decorrência disto, teria havido a gênese dos proto-maxakali;

- uma quarta parcela teria se assentado na bacia do rio Grande e se miscigenado com populações locais; em decorrência disto teria ocorrido a etnogênese dos proto-proto-borum; desde então teriam participado de uma esfera de interação local com os proto-proto-maxakali; durante a segunda metade do primeiro milênio d.C. seus descendentes teriam entrado em contato com populações expansivas de origem jê; em decorrência disto, teria havido a gênese dos proto-borum.

- (ii) durante a segunda metade do primeiro milênio a.C. uma parcela dos proto-macro-jê teria se deslocado para a bacia do São Lourenço e, então, descido pelo rio Paraguai até as imediações de Porto Murtinho; seus descendentes teriam se miscigenado com populações precursoras de origem macro-guaykuru e, neste âmbito, teria havido a etnogênese dos proto-ofaye; a partir de então, seus descendentes teriam se expandido e ocupado o interflúvio formado entre o Médio Paraguai e o alto Paraná;
- (iii) neste mesmo período uma parcela dos proto-macro-jê teria imigrado para a Chapada dos Parecis e se miscigenado com populações locais de origem nambikwara; em decorrência disto, teriam emergido os proto-proto-bororo; desde então, teriam estado em contato com os proto-proto-rikbaktsa.

- **os proto-bororo**

- (iv) os proto-proto-bororo teriam permanecido na bacia do Juruena até por volta do século VIII d.C., quando populações karib oriundas do Baixo Tapajós, produtoras das cerâmicas parauá II (700 d.C. – 1100 d.C.) e inciso-ponteadas, teriam se expandido para o seu território; neste âmbito estas populações teriam se miscigenado e, em vista disto, teria ocorrido a etnogênese dos proto-bororo; deste contato os proto-bororo adotaram técnicas diagnósticas das cerâmicas parauá II e inciso-ponteadas, criando, desde então, a cerâmica da tradição uru

(700 d.C. – 1700 d.C.);⁴³³ além da evidência arqueológica, há várias evidências linguísticas do referido contato, pois o proto-bororo contém inúmeros empréstimos de origem karib (cf.: §4.2.1.5.1.2);

- (v) durante o século IX d.C. os proto-bororo teriam imigrado rumo ao sul e atravessado do Juruena para as nascentes do Alto Paraguai e do Alto Guaporé; no Alto Guaporé teriam estabelecido uma breve rede de interação local com os proto-jeoromitxi, por onde a cerâmica da tradição uro foi difundida; os proto-bororo teriam se difundido rapidamente desde o Alto Paraguai, com os seguintes desdobramentos previstos:
 - a. uma parcela teria se assentado na foz do Bugres; neste âmbito teriam emergido os umutina;
 - b. outra parcela teria imigrado rumo a oeste e se assentado na Chiquitania; neste âmbito teriam emergido os otuke;
 - c. uma terceira parcela teria descido até a foz do São Lourenço e se expandido por toda a sua bacia e, de lá, para a bacia do Alto Araguaia, onde teriam entrado em contato com populações de origem jê-setentrional.

- **os proto-macro-jê-nuclear**

- (vi) dos descendentes dos proto-macro-jê que permaneceram na região entre a Chapada dos Parecis e a bacia do Alto Araguaia teriam emergido os proto-macro-jê-nuclear;
- (vii) durante a primeira metade do primeiro milênio d.C. teria ocorrido uma onda migratória de descendentes imediatos dos proto-macro-jê-nuclear; os seguintes desdobramentos foram hipotetizados:
 - a. uma parcela dos proto-macro-jê-nuclear teria se deslocado rumo a oeste até a região entre o Pantanal e a Chapada dos Parecis; neste âmbito teriam passado a interagir com as populações precursoras: (i) produtores da cultura

⁴³³ Vários autores (Schmitz *et alii* 1982; Prous 1992; Robrahn-González 1996) postularam a gênese da cerâmica uru na região amazônica, um fato confirmado por Gomes (2011:299-301), que detectou que esta cerâmica apresenta inúmeros elementos diagnósticos em comum com a cerâmica parauá II. Além disto, a cerâmica uru apresenta como antiplástico o cariapé, uma técnica pervasiva na cerâmica inciso-ponteadas amazônica, produzida pelas populações de origem karib (Viana *et alii* 2011).

pantanal (800 a.C. – 1500 d.C., supostamente de origens guato e macroguaykuru) e (ii) produtores da cultura descavado (300 a.C. – 1800 d.C., de origem arawak-guaporé-tapajós);⁴³⁴ neste âmbito teria ocorrido a etnogênese dos proto-proto-besiro, que supostamente teriam passado a produzir cerâmica da tradição híbrida descavado/pantanal; em meados da segunda metade do primeiro milênio d.C. populações proto-bororo emigradas da Chapada dos Parecis teriam passado a interagir com os proto-besiro no âmbito da esfera de interação regional do Pantanal do Alto Paraguai; durante a primeira metade do segundo milênio d.C. os proto-besiro teriam se expandido rumo a oeste e se estabelecido na região da Chiquitania, desde então se integrando na esfera de interação local;

- b. outra parcela dos proto-macro-jê-nuclear teria se direcionado rumo a oeste e se assentado no Alto Guaporé, passando a participar da esfera de interação regional do Pantanal do Alto Paraguai; neste âmbito teriam emergido os proto-proto-jeoromitxi; durante o século IX d.C. populações proto-bororo teriam emigrado da Chapada dos Parecis e se estabelecido na Alto Guaporé, se integrando na esfera de interação preexistente; em vista disto os proto-proto-jeoromitxi teriam adquirido dos proto-bororo a tecnologia de produção da cerâmica da tradição uru; em vista desta nova realidade socioecológica, os proto-proto-jeoromitxi teriam descido o Alto Guaporé e se integrado na esfera de interação regional do Pantanal do Guaporé; da miscigenação com populações locais (de origens kwaza, kanoe, aikanã e nambikwara) teriam emergido os proto-jeoromitxi; seus descendentes imediatos teriam sido os responsáveis pela produção local da cerâmica uru;
- c. uma terceira parcela dos proto-macro-jê-nuclear teria se direcionado rumo a leste e se estabelecido nas regiões planálticas de Goiás; ali passaram a interagir com populações precursoras, adquirindo destas a cerâmica da tradição una; neste âmbito teria havido a etnogênese dos proto-jê; até meados da segunda metade do primeiro milênio d.C. os proto-jê estariam assentados

⁴³⁴ Durante a segunda metade do primeiro milênio a.C. os ancestrais dos proto-arawak-guaporé-tapajós teriam emigrado do Baixo Amazonas, subido o curso do Madeira/Guaporé e se estabelecido na região entre o Pantanal e a Chapada dos Parecis; seus descendentes teriam passado, desde então, a produzir a cerâmica da tradição descavado (cf. Pestana 2014).

no interflúvio do Alto Araguaia com o Paranaíba; neste âmbito seus descendentes imediatos teriam emergido; os seguintes desdobramentos foram assumidos:

- os proto-proto-jê-meridional imigraram para sudeste em direção à bacia do Alto Paraná e adentrado o Paranapanema; ali teriam se miscigenado com uma população pré-proto-jê-meridional (produtora da cerâmica da tradição taquara/itararé) e desta miscigenação teria ocorrido a gênese dos proto-jê-meridional (sobre o provável período de coalescência do proto-jê-meridional, cf.: Jolkesky 2010:268-270); os proto-ingain teriam permanecido na região da foz do Paranapanema e, posteriormente, imigrado até a região de Guaíra; os proto-kaingang-xokleng teriam se expandido para o sul até a bacia do Alto Uruguai; nestes âmbitos tanto os os proto-ingain como os proto-kaingang-xokleng teriam passado a interagir com populações de origem guarani;
- os proto-proto-jê-central imigraram para a bacia do Alto Tocantins e, neste âmbito, houve a etnogênese dos proto-jê-central;
- os proto-proto-jê-setentrional permaneceram nas áreas planálticas do sudoeste de Goiás e, neste âmbito, houve a etnogênese dos proto-jê-setentrional; esta população teria incorporado algumas características diagnósticas da cerâmica uru via contato com populações bororo e karaja e, deste sincretismo, teria emergido a cerâmica aratu;⁴³⁵ a dinâmica socioecológica gerada neste âmbito teria feito emergir nesta população um caráter expansivo e, a partir do século X d.C., eles teriam se difundido pelo Planalto Central e ao longo do Tocantins;⁴³⁶
- em virtude deste processo expansivo, os proto-jê-setentrional teriam influenciado os proto-jê-central (produtores da cerâmica una), previamente estabelecidos no Alto Tocantins; desta interação, os proto-jê-central teriam incorporado algumas características diagnósticas da

⁴³⁵ Brochado (1984) e Prous (1992) observaram semelhanças entre as cerâmicas das tradições descaldado e aratu, de modo que pode ter havido influência da primeira na gênese da segunda.

⁴³⁶ A presença de cerâmica uru sobre um estrato de cerâmica aratu em sítios localizados a leste do Araguaia (Wüst 1990:75, Robrahn-González 1996:114) indica que tais assentamentos foram abandonados pelos proto-jê-setentrional (que estavam iniciando sua expansão) e prontamente reocupados pelos ancestrais dos bororo (que estavam finalizando sua expansão).

cerâmica aratu e, deste sincretismo, teria emergido a cerâmica pindorama no Médio Tocantins (cf.: Oliveira & Aguiar 2011:16).

d. dos proto-macro-jê-nuclear que permaneceram no território original teriam emergido os proto-proto-karaja; durante o século IX d.C., em virtude da expansão dos ancestrais dos bororo (portadores da cerâmica da tradição uro) para a bacia do Alto Araguaia, estes teriam estabelecido uma breve rede de interação local com os proto-proto-karaja (não ceramistas), previamente assentados nos vales da região, e com os proto-jê setentrional, assentados nas áreas planáticas do sudoeste de Goiás (produtores de cerâmica da tradição una); desta interação os seguintes desdobramentos foram previstos:

- os proto-proto-karaja teriam adotado a cerâmica uro dos ancestrais dos bororo;
- durante o século XI d.C. teriam começado a descer rumo ao Médio Araguaia; na região da Ilha do Bananal teriam entrado em contato com populações tupi-guarani do subgrupo akwawa-arawete (cf.: ANEXO 1) e, neste âmbito, teria havido a etnogênese dos proto-karaja (sobre o contato entre as cerâmicas uro e tupiguarani da ‘subtradição pintada’, cf. Robrahn-González 1996:109-110, Oliveira 2005:76).

(viii) é plausível que os proto-guaykuru tenham emergido a partir da interação de descendentes do proto-macro-guaykuru com populações de origem macro-jê-nuclear no âmbito da esfera de interação regional do Pantanal do Alto Paraguai; evidências linguísticas deste contato foram apresentadas por Viegas Barros (2005).

5.5.2. Os proto-nambikwara, os proto-kwaza e os proto-peba-yagua

Tendo em vista a correlação de informações arqueológicas, etno-históricas e linguísticas apresentadas em §3.3.2.1-3.3.2.4 e §4, os seguintes desenvolvimentos diacrônicos relacionados com os proto-nambikwara, os proto-kwaza e os proto-peba-yagua foram hipotetizados:

- (i) os ancestrais dos proto-proto-nambikwara, dos proto-proto-kwaza e dos proto-proto-peba-yagua eram todos oriundos do Baixo Amazonas; evidências importantes desta alegação são os claros paralelos lexicais compartilhados entre o proto-nambikwara, o kwaza e/ou o proto-peba-yagua (cf.: §4.2.2.18.5, §4.2.2.18.6, §4.2.2.19.1) – que se constituem como indícios importantes de que as resferidas populações teriam participado de uma mesma esfera de interação durante um período arcaico da pré-história
- (ii) presume-se que os territórios originais destas populações eram, especificamente:
 - a. proto-proto-nambikwara: região entre a foz do Nhamundá e a foz do Tapajós;
 - b. proto-proto-kwaza: a região da foz do Madeira;
 - c. proto-proto-peba-yagua: nordeste de Tupinambarana e região da foz do Maués-Açu;
- (iii) a emergência dos proto-nambikwara neste mesmo âmbito é respaldada em virtude da existência de *strata* lexicais arcaicos compartilhados entre o proto-nambikwara e seus descendentes, o proto-karib e seus descendentes e diversas línguas de origem arawak-oriental (cf.: §4.2.1.4.1.18, §4.2.2.12.3);
- (iv) igualmente, a emergência dos proto-kwaza na Amazônia Central é respaldada em virtude da existência de *strata* lexicais arcaicos compartilhados entre o kwaza e línguas de origens arawak-oriental, jivaro, arawa, mura-matanawi e taruma (cf.: §4.2.1.4.1.11, §4.2.2.2.3, §4.2.2.11.2, §4.2.2.17.1, §4.2.3.14.1);
- (v) tendo em vista as pressões expansionistas de descendentes dos proto-tupí para o Baixo Amazonas a partir do início do primeiro milênio a.C., os proto-proto-nambikwara teriam imigrado através do curso do Tapajós e se estabelecido na Chapada dos Parecis; em virtude dos contatos estabelecidos no âmbito das esferas de interação regional da Chapada dos Parecis e do Pantanal do Guaporé com populações locais (proto-arawak-guaporé-tapajós, proto-proto-bororo, proto-proto-iranxe e proto-itonama), teria ocorrido a etnogênese dos proto-nambikwara; desde então, descendentes dos proto-nambikwara teriam se estabelecido também no interflúvio entre o Juruena, o Alto Aripuanã e o Alto Guaporé;
- (vi) durante a primeira metade do primeiro milênio d.C., em decorrência da expansão de populações de origem karib para a Amazônia Central e das pressões

socioecológicas decorrentes disto, os proto-*proto-kwaza* e os proto-*peba-yagua* teriam imigrado dos seus respectivos territórios ancestrais; os seguintes desdobramentos foram previstos:

- a. os proto-*proto-kwaza* teriam imigrado através de todo o curso do Madeira e se estabelecido na região do Pantanal do Guaporé; a etnogênese dos proto-*kwaza* teria se dado *in situ* após sua integração na esfera de interação regional do Pantanal do Guaporé; desde então eles teriam, presumivelmente, passado a produzir a cultura *córrego banhado* (500 d.C. – 1400 d.C.);
 - b. os proto-*proto-peba-yagua* teriam imigrado rumo a oeste através de todo o curso do Solimões e se estabelecido na região do Alto Amazonas, num território previamente ocupado por populações de origens zaparo, pano e witoto-okaina.
- (vii) a partir do século VII d.C., com a chegada de novos contingentes populacionais na Bacia do Médio/Alto Guaporé, teria havido uma intensificação das relações intersociais no âmbito da esfera de interação regional do Pantanal do Guaporé; dentre estas populações destacam-se os proto-*jeoromitxi*, oriundos do Alto Guaporé e produtores da cerâmica *uru*;⁴³⁷ a existência de strata lexicais relativamente recentes compartilhados entre o *kwaza*, o *kanoe*, o *aikanã*, línguas *nambikwara*, línguas tupi (subgrupos *monde* e *tupari*) e línguas *jeoromitxi* respaldam tal alegação (cf.: van der Voort 2005, Crevels & van der Voort 2008).

5.5.3. Os proto-karib

Em sua revisão bibliográfica sobre os modelos de dispersão dos povos amazônicos, Neves (2009) observa um maior consenso sobre a origem dos proto-karib ao norte do rio Amazonas, o qual contraria a suposição inicial de von den Steinen (1940:226) de que esta população teria surgido da bacia do Baixo Xingu. Mesmo que já esteja segura a origem dos proto-karib na bacia do Baixo Amazonas, como veremos a seguir, ainda há muito debate a respeito da área e das rotas de dispersão desta população pré-histórica. Dentre as hipóteses mais

⁴³⁷ Além dos proto-*jeoromitxi*, uma outra população oriunda da região do Pantanal do Alto Paraguai, produtora de cerâmica semelhante à da tradição pantanal, também teria se deslocado para o Pantanal do Guaporé, passando a produzir ali a cerâmica *capão do canga* (800 d.C. – 1300 d.C.); tal alegação é baseada nas fortes semelhanças observadas entre as cerâmicas das referidas tradições.

recentes, destacam-se Lathrap (1970), Schwerin (1972), Megger (1975), Durbin (1977), Brochado & Lathrap (1982), Migliazza (1982), Zucchi (1985), Tarble (1985), Meira & Franchetto (2005).

Para Tarble (*op.cit.*), os proto-karib seriam uma população pré-cerâmica que teria habitado por volta de 3000 a.C. a região das Guianas, quando teria havido a primeira cisão dos proto-karib; por volta de 1000 a.C., a adoção do cultivo de mandioca teria propiciado a expansão do grupo ‘setentrional’, que teria se fragmentado em três subgrupos, os quais, porém, teriam permanecido em seu território original, nas zonas de interflúvio, até por volta de 400 d.C., quando somente então teriam se expandido para fora do seu território original, dominando partes dos rios Orinoco e Amazonas. Estas faixas ribeirinhas teriam propiciado-lhes mais estratégias adaptativas e ainda maior mobilidade, o que teria alçado a organização social destes grupos a um nível de maior complexidade, associada a um aumento da atividade bélica a partir de 1000 d.C.. De fato, Zucchi (1985:29) observou que não existem evidências arqueológicas de contatos bélicos na região até esta data e assumiu, em vista disto, que a expansão teria se dado inicialmente de forma pacífica e por relações de intercâmbio e formação de esferas de interação regionais na bacia do Orinoco. Isto contraria a visão de Lathrap (1970:83/164), que acreditava que os proto-karib já teriam iniciado sua expansão desde as terras altas da vertente esquerda da bacia do Baixo Amazonas para as bacias do Amazonas e Orinoco através de comportamentos predatórios semelhantes aos povos de origem tupi, como a expansão bélica associada à antropofagia ritual, ao ‘espólio de esposas’ e à incorporação de elementos culturais exógenos, uma prática que teria feito surgir enorme variação linguística e tecnológica, como se observa na variabilidade dos estilos cerâmicos por eles utilizados.⁴³⁸

A fase arauquinóide do Médio Orinoco apresenta um forte substrato da fase saladóide da tradição barrancóide (Rouse & Cruent 1963), o que sugere que populações karib teriam adotado este estilo ao ocuparem a região do Orinoco e assimilarem o contingente feminino de origem arawak. A fase arauquinóide teria emergido, assim, pela incorporação da técnica do uso do cauixi (típica da cerâmica produzida pelos descendentes dos proto-karib do Baixo

⁴³⁸ Outra característica importante associada às populações de origem karib e, particularmente, à tradição inciso-ponteadas, é o uso de urnas funerárias (Martins 2012). Esta prática é, de fato, encontrada nas bacias do Baixo Amazonas, do Baixo Orinoco e do Médio Magdalena. A prática desta tradição por populações de outras origens em partes da América do Sul onde a presença de populações de origem karib foi atestada é uma evidência de que ela tenha sido difundida para aquelas populações a partir de relações de contato.

Amazonas) na produção da cerâmica local de origem barrancóide, trazida pelos imigrantes karib desde a vertente esquerda do Baixo Amazonas.⁴³⁹ Sanoja (1979:189-190) observou que a incorporação do cauixi também se deu nas comunidades produtoras de cerâmica barrancóide e que este intercâmbio de tecnologias teria se dado no Baixo Orinoco entre os séculos V e VII d.C., justamente quando teria se iniciado a expansão gradual de populações karib para a bacia do Orinoco a partir de seu território original (Zucchi 1985:26). Vale destacar também que houve um aumento demográfico das populações produtoras de cerâmica arauquinóide do Médio Orinoco a partir de 600 d.C. em virtude da adoção do cultivo de milho (Zucchi 1985:33), adotado provavelmente após o contato com os descendentes dos proto-arawak-setentrional.

Estas parcelas karib que ocuparam a bacia do Orinoco teriam empreendido, então, entre os séculos VII e VIII d.C., expansões em direção a oeste, alcançando os Lhanos Ocidentais da Venezuela (*id.*:31). Isto estaria também de acordo com a '4ª etapa de expansão karib', postulada por Tarble (*op.cit.*), que teria se dado entre 600 e 1000 d.C. para além do Planalto das Guianas, em direção à costa do Caribe, onde teriam desenvolvido as cerâmicas das fases valencióide e guayabitóide. Os dados arqueológicos apresentados por Tarble (*op.cit.*:70) sugerem ainda uma outra expansão tardia (entre 1000 e 1400 d.C.) de populações karib, para o norte e oeste a partir das Guianas.⁴⁴⁰

⁴³⁹ Lathrap (1970:165-168), de fato, detectou que o cauixi utilizado na fase arauquinóide seria uma característica tecnológica diagnóstica da cerâmica destes grupos.

⁴⁴⁰ Existem outras teorias, porém menos aceitas, sobre a expansão dos proto-karib:

- a. Schwerin (1972) postula uma origem karib por volta de 500 a.C. a partir dos contrafortes orientais dos Andes Setentrionais colombianos, tendo esta população inicialmente se dirigido ao leste e ocupado as bacias do Orinoco e Amazonas e, em torno de 1000 d.C., se expandido novamente do Médio Orinoco para o Baixo Orinoco, a costa do Atlântico e o Caribe;
- b. Meggers (1975) assume uma origem karib na bacia amazônica a partir de um proto-jê-pano-karib, tendo os proto-karib se destinado às regiões de savana do norte do continente a partir de 1000 a.C.;
- c. Durbin (1977:35) utilizou dados linguísticos e glotocronologia para propor uma origem proto-karib nas Guianas em torno de 2500 a.C.. Segundo este autor, a população proto-karib seria formada por grupos de caçadores-coletores que provavelmente teriam adotado a agricultura da mandioca a partir de 1000 a.C., fato que teria propiciado o aumento demográfico e as consequentes ondas migratórias para as bacias do Orinoco e do Amazonas e através da costa caribenha em direção a oeste até a bacia do rio Magdalena (Colômbia). Além disto, o autor postula que o território originalmente karib teria sido irrompido num período relativamente mais recente por "incursions of Tupi and Yanomamo speakers from the south (in Brazil)" (*id.*:34);
- d. Migliazza (1982:504) segue os pressupostos de Durbin (*op.cit.*) para supor uma origem karib no Maciço das Guianas em torno de 2500 a.C., oferecendo também como evidências unicamente a glotocronologia e uma maior concentração de diversidade de grupos etnolinguísticos karib naquela região;

Ao que parece, a coalescência dos proto-karib teria se dado num período relativamente mais recente, durante o primeiro milênio a.C., contrariando as projeções glotocronológicas de Durbin (1977) e Tarble (1985). Neste sentido, a diversificação dos proto-karib estaria fortemente associada a sincretismos geradores de processos etnogênicos, os quais estariam diretamente vinculados a uma tradição belicosa e à incorporação do contingente feminino das populações vencidas. Tarble (1985:61) sugere que os ancestrais dos karib estariam associados a práticas aquisição de troféus de guerra, o que os aproxima de outras culturas do Baixo Amazonas. Os dados de DNA mitocondrial sugerem isto e/ou a ocorrência de situações de deriva genética por efeito de gargalo, como apontam os dados apresentados no QUADRO 4 desta tese (pgs. 83-84).

Com relação ao território original dos proto-karib, Neves (2009) busca dar sustentação à ideia de uma origem nas Guianas, reforçando a associação entre as cerâmicas arauquinóide do Baixo e Médio Orinoco e inciso-ponteadas do Baixo Amazonas. De fato, a cerâmica inciso-ponteadas amazônica (1000 d.C. – 1500 d.C.), estabelecida principalmente nas bacias do Baixo Trombetas, do Baixo Nhamundá e do Baixo Tapajós é mais recente que a arauquinóide (400 d.C. – 1400 d.C.) e sua origem seria provavelmente resultante, segundo diversos autores (Boomert 2003; Guapindaia 2008:4; Rocha 2012), da invasão de produtores de cerâmica arauquinóide na Bacia amazônica. Por outro lado, a cerâmica arauquinóide apresenta características originalmente encontradas no Baixo Amazonas, como o uso de cariapé. Tendo em vista as informações acima expostas, a seguinte interpretação foi assumida no presente estudo:

- (i) os proto-proto-karib seriam oriundos do Baixo Amazonas;
- (ii) a etnogênese dos proto-karib teria se dado durante a primeira metade do primeiro milênio a.C. no âmbito da esfera de interação do Baixo Amazonas, onde além dos proto-proto-karib participavam, ao menos, os ancestrais de populações arawak da divisão ‘arawak-oriental’, populações de origem tupi e os proto-nambikwara;
- (iii) durante o início da era cristã a cisão dos proto-karib em ao menos quatro parcelas distintas teria dado origem aos proto-proto-karib-central, aos proto-proto-karib-

Tarble (1985:49-50) observa que as hipóteses destes autores são resultantes de interpretações tendenciosas e limitadas por uma perspectiva ‘monocausal’: “[L]os autores mencionados proponen cuatro diferentes centros de origen para los Caribe, y dos vías de movilización: terrestre y fluvial. Según unos, cultivan yuca, mientras que, para otros, cultivan maíz”.

meridional, aos proto-proto-karib-ocidental e aos proto-proto-karib-setentrional (cf. ANEXO I); os seguintes desdobramentos foram previstos:

- a. os proto-proto-karib-ocidental teriam imigrado possivelmente através do Negro/Casiquiare até a bacia do Médio Orinoco e, então, através do Arauca até os contrafortes orientais da Cordilheira de Mérida;
 - b. os proto-proto-karib-setentrional teriam imigrado para o Planalto das Guianas;
 - c. os proto-karib-central e os proto-karib-meridional teriam emergido *in situ* no Baixo Amazonas.
- (iv) durante a primeira metade do primeiro milênio d.C. parcelas dos proto-karib-meridional teriam se expandido rumo ao sudeste amazônico através dos principais afluentes da margem direita do Baixo Amazonas;
- (v) entre os séculos III e IV d.C. parcelas dos proto-karib-setentrional assentadas no Planalto das Guianas teriam se expandido para o Baixo Orinoco e se integrado na esfera de interação regional preexistente; neste âmbito teria emergido a tradição arauquinóide;
- (vi) entre os séculos VI e VII d.C. os descendentes dos proto-proto-karib-ocidental, até então assentados nos contrafortes orientais da Cordilheira de Mérida, teriam atravessado para a bacia do Médio Magdalena, provocando o rompimento da esfera de interação ali preexistente; neste âmbito teria ocorrido a etnogênese dos proto-karib-ocidental (i.e., dos proto-apon-karare);
- (vii) neste mesmo período descendentes dos proto-karib-setentrional preestabelecidos no Baixo Orinoco teriam imigrado rumo a noroeste até o litoral caribenho; parte deles teria seguido rumo a oeste até a bacia de Maracaibo, onde se integraram na esfera de interação regional com populações de origem chibcha e arawak (cf. Rosales 2005); neste âmbito teria havido a etnogênese dos proto-yukpa-japreria;
- (viii) entre os séculos X-XI d.C. descendentes dos proto-karib-setentrional assentados no Baixo Orinoco teriam retornado para o Baixo Amazonas portanto cerâmica derivada da tradição arauquinóide; no âmbito da esfera de interação do Baixo Amazonas estes imigrantes teriam, então, passado a produzir a tradição inciso-

ponteada amazônica; estas populações estão, presumivelmente, relacionadas aos proto-parukoto e aos proto-yawaperi-paravilhana.

Dentre os sítios associados à cerâmica inciso-ponteada amazônica há alguns que indicam a existência de grandes contingentes populacionais e uma sociedade complexa organizada na forma de cacicados, dos quais se destacam os sítios localizados na região entre Parintins e Santarém (Roosevelt 1999), como aqueles das fases konduri (rio Trombetas) e tapajós (na região de Santarém). Vale salientar que a cerâmica inciso-ponteada no Baixo Amazonas apresenta datação a partir do início do segundo milênio d.C., tendo substituído cerâmicas de tradições anteriores, provavelmente produzidas por populações de origem arawak, como a uatumã (400 d.C. – 1000 d.C.). É provável que técnicas diagnósticas da cerâmica uru tenham sido levadas por falantes de línguas karib para o planalto dos Parecis e o Alto Xingu, onde ela teria emergido pelo contato com os proto-proto-bororo, os quais supostamente eram os seus primeiros produtores.

5.5.4. Os proto-tupi

Em sua revisão bibliográfica sobre os modelos de dispersão dos povos tupi, Noelli (1996) aponta a inexistência de consenso sobre a origem e direcionalidades desta expansão. Dentre as hipóteses discutidas por este autor, destacam-se Rodrigues (1958; 1964), Lathrap (1970), Megger & Evans (1970), Brochado & Lathrap (1982), Migliazza (1982), Brochado (1984; 1989) e Urban (1992). Rodrigues (1958:683; 1964:103) adota a visão de Metraux (1928:311-312) ao assumir uma origem tupi na Amazônia Meridional, especificamente na bacia do Guaporé, oferecendo como evidência unicamente a maior concentração de diversidade de grupos etnolinguísticos associados a distintas famílias do tronco tupi, fato igualmente adotado por Migliazza (1982:501-502) para aferir a origem tupi entre os rios Jiparaná e Aripuanã entre 3000 e 2000 a.C.. Urban (1992; 1996) segue fundamentalmente os pressupostos apresentados por Rodrigues (*op.cit.*) e Migliazza (*op.cit.*) para propor que o centro de dispersão dos proto-tupi estaria no centro-oeste brasileiro, em algum ponto entre os rios Madeira e Xingu, que Noelli (1996; 1998; 2008) redefina como num quadrilátero “limitado ao norte pela margem direita do médio e baixo Amazonas; a leste pelo Tocantins; a oeste pelas bacias do Madeira e Baixo/Médio Guaporé; ao sul, por uma linha que vai do médio Guaporé (paralelo 12°30') até o

Tocantins, próximo da foz do Araguaia” (1996:30), sugerindo que o ponto de origem estaria mais provavelmente na porção ocidental desta região, de acordo com o consenso da eleição pela região de maior diversidade linguística (*id.*:2008). Atualizações e hipóteses mais recentes incluem Miller (2009a), Walker *et alii* (2012), Rodrigues & Cabral (2012) e Eriksen & Galucio (2014).

Segundo Lathrap (1970), os proto-tupi-guarani teriam se originado na foz do Amazonas. Noelli (1998; 2008) assume o interflúvio do Baixo Tocantins com o Baixo Tapajós como ponto de origem das línguas tupi-guarani. Por outro lado, de acordo com Rodrigues (2000), esta família teria se originado na bacia do Tapajós, especificamente no interflúvio Juruena-Arinos. A proposta de O’Hagan *et alii* (2014) assume uma postura muito semelhante à de Lathrap (*op.cit.*) ao definir o ponto de origem do proto-tupi-guarani no interflúvio entre o Baixo Xingu e o Baixo Tocantins. Este modelo é respaldado por evidências arqueológicas (Almeida 2013).

Por outro lado, Miller (2009a)⁴⁴¹ buscou dar fundamentação arqueológica aos modelos de Rodrigues (*op.cit.*) e Migliazza (*op.cit.*) ao afirmar que todas as populações tupi seriam oriundas do interflúvio Guaporé-Madeira e Aripuanã (*id.*:36). Para isto, este autor alega que muitas das tradições arqueológicas encontradas em Rondônia estariam relacionadas a uma macro-tradição arqueológica hipotética, que denominou ‘tradição prototupí’, a qual estaria relacionada à população falante do proto-tupi (*id.*:87). Dentre estas tradições estaria a proto-tupiguaraní, encontrada numa área que compreende a região da Amazônia Meridional entre os

⁴⁴¹ O artigo de Miller (2013) carece de qualquer revisão e edição adequadas; há nele evidentes problemas de lógica e coesão, fundamentalmente associados ao mal uso de nomenclaturas:

- os termos ‘tradição prototupí’ e ‘tradição proto-tupiguaraní’, cunhados pelo autor, parecem remeter aos mesmos conjuntos cerâmicos; por exemplo, a cerâmica mais antiga encontrada no sítio RO-JI-15 Urupá, datada em 5070±60 AP (cf.: *id.*:64), é associada pelo autor a ambas as tradições (cf.: *id.*:37/91);
- o autor ora remete a ‘tradição prototupí’ aos falantes do proto-tupi (cf.: *id.*:84/87), ora aos falantes do proto-tupi-guarani (cf.: *id.*:91/99); esta confusão torna-se ainda maior, pois em seu texto ele acaba remetendo ambas as tradições cerâmicas aos mesmos proto-tupi-guarani (cf.: *id.*:85/91/99);
- algumas das correlações cronológicas que o autor faz são completamente desbaratadas; ele sugere, por exemplo, que a língua proto-tupi-guarani poderia ter 5000 anos (cf.: *id.*:91/99), o que se configura como um palpite claramente incorreto, sem qualquer perspectiva metodológica;
- há uma verdadeira confusão na assignação do prefixo ‘pré-’ nas denominações das culturas arqueológicas; por exemplo, o autor não apresenta critérios definidores de uma cultura arqueológica proto-tupará, que seria um passo essencial para a proposição da preexistência de uma suposta cultura arqueológica pré-proto-tupará, que estaria representada na primeira como um estrato; em vista disto, não há sustentação para uma associação entre um suposto pré-proto-tupará arqueológico e o proto-tupará linguístico (cf.: *id.*:85).

rios Roosevelt e Jiparaná, que Miller (*id.*:85) associa com populações proto-tupi-guarani.⁴⁴² Da Cruz (2008) já havia aferido a possibilidade das tradições tupiguaraní e proto-tupiguaraní estarem relacionadas, apontando que os elementos diferenciais encontrados exclusivamente na tradição tupiguaraní deveriam ter sido mais provavelmente “adquiridos em momento posterior ao desenvolvimento local” (*id.*:165), uma observação retomada por Miller (2013:345), que parece assumir a observação de da Cruz (2008) de que a cerâmica da tradição proto-tupiguaraní seria precursora da subtradição tupiguaraní (2013:345), associando-a assim com populações proto-tupi-guarani.

Partindo da observação de da Cruz (*op.cit.*), de que a cerâmica da tradição tupiguaraní, associada às populações tupi-guarani, apresenta morfologias e estilos mais complexos e provavelmente resultantes de sincretismos associados à etnogênese dos proto-tupi-guarani, é possível sugerir que a tradição proto-tupiguaraní (3000 a.C. – 1500 d.C.) estaria diretamente associada aos proto-tupi. A partir das considerações acima expostas, os seguintes desdobramentos relativos aos proto-tupi foram previstos:

- (i) os proto-tupi eram oriundos do interflúvio do Roosevelt com o Jiparaná;
- (ii) os ancestrais dos proto-arikem, dos proto-monde, dos proto-ramarama-purubora e dos proto-tupari teriam permanecido nesta área e, posteriormente, se expandido para diferentes pontos da vertente direita do Alto Madeira; os seguintes desdobramentos foram previstos (esta configuração teria permanecido até por volta do início do período colonial):
 - a. os proto-arikem teriam passado a ocupar a bacia do Baixo Jamari;⁴⁴³
 - b. os proto-monde teriam ocupado toda a bacia do Aripuanã e a vertente direita do Médio Madeira;⁴⁴⁴
 - c. os proto-ramarama-purubora teriam passado a ocupar as bacias do Baixo e Médio Jiparaná;⁴⁴⁵

⁴⁴² A tradição proto-tupiguaraní é, segundo Miller (2009a) bastante antiga, com datas iniciais desde aproximadamente 3050 a.C., porém com maior frequência a partir de 2400 a.C. (cf.: Cruz 2008; Zimpel Neto 2009; Miller 2009a, 2013).

⁴⁴³ Durante o período colonial os arikem e karitiana habitavam os vales do Jaci Paraná, Candeias e Jamari (Sarde Neto 2013:43-44).

⁴⁴⁴ Durante o período colonial as populações de origem monde habitavam ao longo de todo o interflúvio entre o Aripuanã e o Jiparaná e na margem direita do Médio Madeira entre a foz destes rios (da Silva & Costa 2014:116).

⁴⁴⁵ Durante o período colonial os karo habitavam ao longo de todo o curso do Jiparaná (Medeiros 2003 *apud* Isidoro 2006:16); os purubora, por outro lado, estariam localizados no interflúvio dos rios branco e São Miguel (Galucio 2005:160).

- d. os proto-tupari teriam passado a ocupar o interflúvio do Alto Jiparaná com o Guaporé.⁴⁴⁶
- (iii) durante a primeira metade do primeiro milênio a.C. uma parcela dos proto-tupi teria descido o Roosevelt/Aripuanã e o Madeira e ocupado o interflúvio do Baixo Amazonas com o Baixo Tapajós (incluindo, neste sentido, a ilha de Tupinambarana); neste âmbito teriam passado a participar da esfera de interação da Amazônia Central, entrando em contato com populações de diversas origens (dentre as quais, com os ancestrais dos proto-proto-jivaro e com descendentes dos proto-puinave-nadahup, dos proto-harakmbet-katukina, dos proto-karib, dos proto-proto-nambikwara, dos proto-proto-kwaza e dos proto-arawak-oriental; em vista disto teria ocorrido a etnogênese dos proto-tupi-nuclear (cf. ANEXO I);
- (iv) durante a segunda metade do primeiro milênio a.C. os seguintes desdobramentos foram previstos:
- a. uma parcela proto-tupi-nuclear teria migrado rumo a leste até a bacia do Baixo Xingu; neste âmbito teriam emergido os proto-juruna;
 - b. outra parcela dos proto-tupi-nuclear teria imigrado para a bacia do Tapajós; neste âmbito teriam emergido os proto-munduruku; dados arqueológicos e etno-históricos apontam que o território original dos proto-munduruku teria sido o Alto Tapajós, na junção dos rios Teles Pires e Juruena (Ramos 2003; Patricio 2003; Robazzini 2013:122);
 - c. a parcela que permaneceu na região de Tupinambarana deu origem aos proto-mawe-aweti-tupi-guarani.
- (v) durante o século II a.C. uma parcela dos proto-mawe-aweti-tupi-guarani teria imigrado até a ilha de Marajó, na foz do Amazonas, e se miscigenando com populações precursoras de origem karib-central,⁴⁴⁷ neste âmbito emergiram os

⁴⁴⁶ Durante o período colonial as populações de origem tupari habitavam o interflúvio entre os Rios Branco e Mequém (Pinto 2010:25-26).

⁴⁴⁷ Antes da chegada dos proto-aweti-tupi-guarani na foz do Baixo Amazonas a região do interflúvio Xingu/Tocantins era habitada por populações produtoras de cerâmica da tradição barrancóide/borda-incisa. Presume-se que estas populações eram de origem karib-central (cf.: Corrêa 2014:253-254), as quais teriam adotado a técnica de sua produção após o contato com populações de origem arawak (parcelas dos proto-arawak-oriental teriam imigrado para o Baixo Amazonas a partir da segunda metade do segundo milênio a.C.). A referida técnica também teria, subsequentemente, influenciado significativamente o desenvolvimento das cerâmicas produzidas pelos proto-aweti-tupi-guarani (Almeida 2013).

proto-aweti-tupi-guarani; uma evidência disto é a enorme quantidade de léxico compartilhada pelos referidos grupos, representativa da fauna e flora amazônicas e de itens de cunho cultural (cf.: §4.2.1.9.6);

- (vi) a parcela dos proto-mawe-aweti-tupi-guarani que permaneceu na ilha de Tupinambarana deu origem aos proto-satere-mawe;⁴⁴⁸
- (vii) durante o século I a.C. uma parcela dos proto-aweti-tupi-guarani teria imigrado rumo ao sul através do Xingu e se assentado na bacia do alto curso deste rio; neste âmbito teriam emergido os proto-aweti;
- (viii) neste mesmo período, da parcela dos proto-aweti-tupi-guarani que permaneceu na ilha de Marajó teriam emergido os proto-tupi-guarani; esta população teria, então, passado a produzir a cerâmica da fase marajoara I (70 a.C. – 400 d.C.) *in situ*.

Os eventos descritos em (iii-viii) provavelmente tenham envolvido a tupinização de grupos locais da Amazônia Central, do Baixo Amazonas e do Alto Xingu, talvez de acordo com os processos descritos em §2.2.3. A presença de populações monde nas margens do rio Madeira é, de fato, historicamente atestada: os arua (tb.:aruaxi) entre a foz do Jiparaná e Marmelos (da Silva & Costa 2014:117) e os kabanae e matanau na foz do rio Aripuanã.⁴⁴⁹ De acordo com Natterer (s.d.), os kabanae eram a ‘nação arara’. A TABELA abaixo apresenta dados lexicais que comprovam tal alegação.

TABELA 257. Paralelos lexicais entre línguas do conjunto monde (tupi)

| | PAITER | MONDE | ARUA | KABANAE | MATANAU | ARARA DO RIO BRANCO |
|-------------------|---------------|-------------|----------------------------|---------|------------|---------------------|
| algodão | ŋo:b | gug-tʃid | gub-ʃid | – | a-kum-ziri | – |
| azul/preto | i-peb ‘preto’ | peb ‘preto’ | päb ‘azul’ | – | – | peb ‘azul’ |
| barba | – | – | bä-tsäb ‘pelo da bochecha’ | – | – | beʃab ‘boca’ |
| boca | ko | un-gu | ngo | – | un-go | – |
| cabeça | anar | w-andara | undad | u-ndara | un-ndara | – |
| dente | – | – | njäiŋ | – | – | nuiŋ |

⁴⁴⁸ Almeida (2013), Susnik (1975) e Mano (1996) acreditam que a etnogênese dos satere-mawe teria se dado pela tupinização de populações localizadas na margem direita do Baixo Amazonas entre a foz do Madeira e do Tapajós. A presença de urnas funerárias ao longo do Maués-Açú, característica ausente na tradição proto-tupiguaraní, pode ser um indicativo de que nesta região também habitavam povos de origem karib.

⁴⁴⁹ Em 1829, durante sua viagem pelo rio Madeira, Johann Natterer encontrou na foz do Aripuanã dois grupos étnicos, denominados kabanae e matanau, dos quais coletou vocabulários que comprovam sua filiação à família monde.

TABELA 257. Paralelos lexicais entre línguas do conjunto monde (tupi)

| | PAITER | MONDE | ARUA | KABANAE | MATANAU | ARARA DO RIO BRANCO |
|----------------|----------|------------|------------|----------|----------------------------------|---------------------|
| estrela | sojka:b | gatikab | gatikap | zoikab | zoikab | seʔka |
| filho | ba | hu-mbag | | u-mbaka | – | – |
| flecha | j-ab | dab | ndjap | u-rap | – | – |
| fogo | – | – | kain | – | mukaen | – |
| irmã | – | – | amboid | – | ambooi | – |
| grande | i-poj | puj | – | – | – | paj |
| lagoa | i:kara | ikara | – | – | ikara | – |
| Lua | gati-kad | gati-(kud) | gati | kate-gat | gate-gat | – |
| machado | nabe-a | dabä | – | – | dabe-ʔaa | – |
| árvore/madeira | iib | ib | ib | ipzin | iipui ‘árvore’; iib ‘madeira’ | ib-ε ‘madeira’ |
| mão | pabe | babä | – | mabé | mabé | – |
| milho | meeq | maäg | maäg | – | meek | – |
| montanha | no | du | do | – | – | dug |
| olho | ala-kaba | un-da-kab | – | – | un-za-kaba | kap-i |
| onça | meko | mäku | – | – | meko | beku |
| orelha | nepibe | nabibä | nämpibä | – | un-debipe | – |
| pé | pi-pe | bia | bi | – | bi-pe:a | pia |
| pedra | i-ʃaa | tʃaa | ʃaa | caa | caa | i-ja |
| peixe | morib | bulib | bulib | molib | bolib | birip |
| queixada | mēbe | bäbä | – | – | bebe | bebe |
| raposa | awuru | awöl | – | awölö | awlöü | – |
| rio | i:kabe | – | – | – | ikabe | – |
| rio | – | itöd | – | – | – | aded |
| roça | ɲa | ga | un-ga | – | – | i-ga |
| sangue | hir | tʃid | – | – | un-sziri | a-jed |
| Sol | gad | gad | gad | gat | gat | god |
| tabaco | majxo | matʃu | mantʃo | – | manʃo | – |
| areia | aj-ɲir | gira | tʃagit-kap | a-ngira | a-ngiira | – |
| urubu | ojko | uiku | – | uiku-ab | uikuu | – |

- **os proto-tupi-guarani**

Como mencionado acima, a etnogênese dos proto-tupi-guarani teria se dado durante o século I a.C. na ilha de Marajó. Em virtude da interação entre os descendentes imediatos dos proto-tupi-guarani, um *continuum* dialetal proto-tupi-guarani teria emergido *in situ*. Tal conclusão de baseia numa análise léxico-estatística das línguas tupi-guarani que revelou a

ausência de uma formação nítida de *clusters* dentro da família (Eriksen & Galucio 2014:183). Tomando como base as conclusões apresentadas por Michael *et alii* (2015), os seguintes desdobramentos relativos aos proto-tupi-guarani foram previstos:

- (i) durante o século I d.C. parcelas dos proto-tupi-guarani teriam realizado a ‘primeira onda migratória tupi-guarani’;
- (ii) uma parcela teria imigrado rumo ao sul através do Xingu e se assentado no alto curso deste rio; neste âmbito teriam emergido os proto-kamayura;
- (iii) outra parcela teria imigrado para o Baixo Xingu; neste âmbito teriam emergido os proto-akwawa-arawete;
- (iv) uma terceira parcela teria imigrado para o Médio Tocantins e, neste âmbito, teriam emergido os proto-kaapor-ava;
- (v) da parcela dos proto-tupi-guarani que permaneceu em Marajó teriam emergido os proto-tupi-guarani-nuclear (cf. ANEXO 1); durante o século II d.C. parcelas desta população teriam iniciado a ‘segunda onda migratória tupi-guarani’, mais ampla que a primeira; os seguintes desdobramentos dos proto-tupi-guarani-nuclear foram previstos:
 - a. uma parcela teria imigrado para a vertente direita da foz do Amazonas; neste âmbito teriam emergido os proto-wayampi;
 - b. outra parcela teria imigrado rumo a leste até o Atlântico e de lá continuado pelo litoral até o rio Mearim; neste âmbito teriam emergido os proto-tenetehara;
 - c. uma terceira parcela teria imigrado rumo a oeste e se estabelecido no baixo Madeira; neste âmbito teriam emergido os proto-kawahib-kayabi;
 - d. dos descendentes dos proto-tupi-guarani-nuclear que permaneceram em Marajó teriam emergido os proto-tupi-guarani-diaspórico; os seguintes desdobramentos desta população foram previstos:
 - α. durante o século III d.C. uma parcela dos proto-tupi-guarani-diaspórico teria empreendido a ‘terceira onda migratória tupi-guarani’, caracterizada como um rápido traslado pelo litoral do Atlântico até a Lagoa dos Patos (Rio Grande do Sul); neste âmbito teriam emergido os proto-proto-guarani-guarayu-siriono, que

passaram a produzir *in situ* a cerâmica da subtradição guarani;⁴⁵⁰ a partir de então, teriam imigrado rumo a oeste através da bacias dos rios Jacuí e Ijuí até o interflúvio do Médio Uruguai com o Médio Paraná e, então, utilizando-se do rio Paraná, teriam alcançado a bacia do Paraguai; neste âmbito teriam emergido os proto-guarani-guarayu-siriono; os seguintes desdobramentos para este conjunto foram previstos:

- uma parcela teria subido até a bacia do Alto Paraguai; neste âmbito teriam emergido os proto-guarayu;
 - outra parcela teria provavelmente continuado o processo migratório rumo ao Chaco até alcançar a bacia do Parapetí; neste âmbito teriam emergido os proto-siriono;
 - dos proto-guarani-guarayu-siriono que permaneceram na bacia do Médio Paraguai teriam emergido os proto-guarani;
- β. da parcela dos proto-tupi-guarani-diaspórico que permaneceu na ilha de Marajó teriam emergido os proto-tupinambá-kokama; esta população teria passado a produzir durante o século V d.C. a cerâmica marajoara II; a partir da segunda metade do primeiro milênio d.C. esta população teria iniciado a ‘quarta onda migratória tupi-guarani’, tão abrangente como a anterior; os seguintes desdobramentos dos proto-tupinambá-kokama foram previstos:
- durante o século VI d.C. uma parcela dos proto-tupinambá-kokama teria empreendido um rápido processo migratório rumo ao sul através do litoral Atlântico até a baía de Guanabara (Rio de Janeiro); neste âmbito teriam emergido os proto-tupinambá;
 - neste mesmo período a outra parcela teria imigrado através do Amazonas rumo a oeste e se estabelecido na região da confluência

⁴⁵⁰ A correlação diacrônica e diatópica das cerâmicas da subtradição guarani indica que a expansão dos proto-proto-guarani-guarayu-siriono teria se dado desde o Rio Grande do Sul (a partir da bacia do Jacuí, onde são encontradas as datações mais antigas desta subtradição) em direção a oeste e, posteriormente, em direção ao norte (cf.: Noelli 2004; Pereira 2009:60). Tal fato representa uma evidência cabal de que os ancestrais imediatos dos proto-guarani-guarayu-siriono chegaram na referida região através da rota marítima, refutando qualquer hipótese de uma emigração dos ancestrais dos proto-guarani-guarayu-siriono desde a Bacia amazônica por alguma rota terrestre.

entre o Negro e o Solimões; ali teriam se miscigenado com populações locais de provável filiação arawak, produtoras de cerâmica policroma da fase guarita (500 d.C. – 1550 d.C.); neste âmbito teria ocorrido a etnogênese dos proto-kokama; desde então, eles teriam se integrado na esfera de interação da Amazônia Central; durante o século XI d.C. esta população teria realizado a ‘quinta onda migratória tupi-guarani’, se expandindo rumo a oeste através do Solimões até a bacia do Napo e a região da confluência do Marañón com o Ucayali; nestes âmbitos seus descendentes teriam produzido respectivamente as cerâmicas policromas das fases napo (1000 d.C. – 1500 d.C.) e caimito (1200 d.C. – 1500 d.C.).

5.6. ANDES CENTRAIS E SEU ENTORNO

A partir da correlação das informações arqueológicas e linguísticas apresentadas em §3.3.1.5-3.3.1.6, §3.3.2.7-3.3.2.10 e §4 é possível observar uma série de desdobramentos ecolinguísticos diretamente vinculados a processos migratórios e à formação de esferas de interação regionais e macrorregionais, que teriam ocorrido nesta região durante a pré-história, cada qual composta de diversos estágios de evolução interativa. A seguir serão apresentados os desdobramentos relativos especificamente aos proto-kechua, aos proto-jaqi, aos proto-kunza, aos proto-kwaza, aos proto-leko, aos proto-omurano, aos proto-kulle, aos proto-uru-chipaya, aos proto-moseten-tsimane e aos proto-mapuche.

5.6.1. Os proto-kechua, os proto-jaqi e os proto-kunza

Antes de iniciar a discussão sobre a pré-história dos referidas populações, é imprescindível fazer uma apresentação das principais hipótese relativas às identidades e territórios de origem já levantadas a respeito dos proto-kechua e dos proto-jaqi. A visão tradicional, porém já obsoleta, era a de que o proto-kechua teria sido a língua veicular dos incas e suas variedades teriam emergido unicamente em consequência das conquistas expansionistas

do império incaico e, em contrapartida, que o proto-jaqi ou o proto-aymara seria a língua veicular do império tiwanacota (Torero 2002:54-55; Adelaar 2012:587). São cinco as propostas atualmente confrontadas pelos especialistas:

- Hardman de Bautista (1985): os proto-kechua seriam oriundos da costa sul peruana e estariam associados aos chincha; os proto-jaqi seriam oriundos dos Andes do Peru Central e estariam associados aos wari;
- Torero (2002:86-89/124-125): os proto-kechua seriam oriundos dos Andes do Peru Central e da região costeira adjacente, coincidindo, em grande parte, com o território da sociedade chavin; os proto-kechua II estariam associados aos wari; os proto-jaqi seriam oriundos da costa centro-sul do Peru e dos Andes adjacentes, i.e., na região contigua imediatamente ao sul do território proto-kechua;
- Adelaar (2010): os proto-kechua seriam oriundos dos Andes e altos vales costeiros do Peru Central, coincidindo, em grande parte, com o território da sociedade chavin e os proto-kechua II estariam diretamente associados aos wari; os proto-jaqi seriam oriundos dos Andes e altos vales costeiros da região contigua imediatamente ao sul do território proto-kechua;
- Cerrón-Palomino (2010): os proto-kechua seriam oriundos dos Andes do Peru Central e estariam associados com a sociedade chavin; os proto-jaqi seriam oriundos da costa centro-sul do Peru e estariam associados com as sociedades paracas e nasca;
- Beresford-Jones & Heggarty (2010): os proto-kechua seriam oriundos da região de Ayacucho, na porção centro-sul dos Andes peruanos e estariam associados com a sociedade wari; os proto-jaqi seriam oriundos da região de Ancásh, na porção centro-norte dos Andes peruanos, e estariam associados com a sociedade chavin; para estes autores os territórios iniciais dos proto-kechua e dos proto-jaqi não estariam, conseqüentemente, em regiões contiguas.
- Isbell (2010): os proto-kechua estariam associados com a sociedade warpa, da região altiplânica de Ayacucho; os proto-jaqi, por outro lado, estariam associados com a sociedade Nasca, dos vales costeiros contiguos; os wari teriam emergido do longo contato entre as sociedades warpa e nasca e sua expansão estaria diretamente associada aos falantes das variedades derivadas do proto-kechua IIC.

A hipótese de uma origem proto-jaqi na costa do Pacífico foi rejeitada por estudos recentes de arqueologia genética que apontaram que, apesar da população aymara apresentar características genéticas de expansão, este processo teria se dado exclusivamente no altiplano e só durante o período tardio (1100 d.C. -) é que se observam linhagens diagnósticas da população aymara na costa do Pacífico. Além disto, antes deste período, a presença de porcentagens significativas do haplogrupo B do DNA mitocondrial na costa é inexistente, enquanto que este mesmo haplogrupo é não apenas característico como pervasivo entre os aymara, estando presente em aproximadamente 90% desta população (Fehren Schmitz *et alii* 2010; Fehren Schmitz *et alii* 2011; Batai & Williams 2014a/b). Igualmente, a avaliação toponímica da região centro-sul dos Andes peruanos dá total suporte à hipótese já considerada consensual de que os ancestrais dos aymara seriam oriundos desta região (Espinoza Soriano 1980:15; Cerrón-Palomino 1982; Buettner 1983, Torero 2002, Adelaar 2010).

Por outro lado, a hipótese de uma origem proto-kechua nos Andes Centrais recebe respaldo da seguinte associação interdisciplinar:

- (i) levantamentos arqueológicos que estabeleceram a existência de fortes vínculos de interação entre a bacia do Alto Huallaga (especificamente, a região de Kotosh) e a bacia do Médio Ucayali durante os dois primeiros milênios a.C. (Lathrap 1970; Chavez 1981; Church 1996; Quilter 2014);
- (ii) levantamento arqueo-ecolinguístico do presente estudo, que evidenciou a ocorrência de prováveis empréstimos entre os proto-kechua e os proto-arawak, associados a uma suposta esfera de interação interligando os Andes Centrais e a bacia do Ucayali.⁴⁵¹

Dentre estes prováveis empréstimos, destacam-se: PARW *ponku ‘casa’ : PKC *punku ‘porta’; PARW *itiki ‘fezes’ : PKC *siki ‘nádegas’; PARW *hamaka ‘rede’ : PKC *hamaku ‘descanso’; PARW *mariki ‘milho’ : PKC *ma/ki ‘planta cultivada’; PARW *maba ‘mel/abelha’ : PKC *mapa ‘cera/gordura/sujeira’; PARW *ma- ‘PRIV’ : PKC *ama ‘NEG’; PARW *-wa ‘REFL’ : PKC *-wan ‘COM’; PARW *mada ‘pele/casca’ : PKC *pata ‘superfície/margem/cobertura’; PARW *pana ‘folha/planta/plantar/campo’ : PKC *pan-pa ‘vale/campo’, PKC *pan-ka ‘folha’; PARW *kami- ‘Sol/espírito’ : PKC *kama-j ‘criar’, PKC *kama-q ‘criador/Deus’; PARW *wakala ‘garça’ : PKC2C *waqar ‘*id.*’; PARW *iwana ‘iguana’ : PKC2C *iwana ‘*id.*’

⁴⁵¹ Os proto-macro-arawak estão relacionados neste estudo com os produtores da cerâmica tutishcainyo (cf. §5.4.3.).

Em vista das considerações acima, a explicação adotada no presente trabalho segue fundamentalmente a hipótese de Adelaar (*op.cit.*) e considera que o território original dos proto-kechua teria sido, especificamente, a bacia do Alto Huallaga. Tal população teria presumivelmente produzido a cultura kotosh-chavin (1000 a.C. – 300 a.C.) e mantido relações de contato com descendentes dos proto-macro-arawak. Assume-se também, neste sentido, o importante argumento apresentado por aquele autor de que “la falta de un parentesco genético demostrable entre las familias kechua y aymara sugiere que los dos linajes tuvieron su origen en ambientes geográficos distintos, no necesariamente colindantes” (242).

Ao tratar da coalescência do proto-kechua em seu contexto ecolinguístico, Adelaar (*op.cit.*) oferece, pois, a seguinte hipótese de contato:

“El escenario más probable es el de un grupo invasor allegado que habría entrado en conflicto con un grupo ya asentado desde tiempos anteriores. El impacto de esta invasión tuvo que haber sido enorme: es admisible que una gran parte de la población autóctona fuera sometida y que esta, al final, hubiera adoptado la lengua de los invasores, remodelándola según los rasgos estructurales y fonológicos de su idioma nativo, mientras que la influencia del idioma invasor habría sido, más bien, de orden léxico. Muy probablemente, este desplazamiento de idiomas fue antecedido por una etapa de bilingüismo en la que aún no se definía el resultado final de la competición entre las dos lenguas.” (Adelaar *id.*:242)

Este cenário se encaixa perfeitamente com sua hipótese de caracterizar “el linaje kechua con el grupo invasor y dominante durante la convergencia formativa” (*id.* 242). Ainda segundo sua hipótese (*id.*:247), os wari se identificariam com falantes do proto-kechua II, de modo que o período de convergência entre o proto-jaqi e o proto-kechua argumentado por ele teria ocorrido antes da emergência do império wari. Tal raciocínio está em plena conformidade com os registros arqueológicos, que apontam que a etnogênese wari teria sido decorrente da miscigenação dos proto-kechua no território com populações produtoras da cultura warpa, quando teria havido miscigenação, mas não uma substituição populacional. A hipótese da convergência formativa que teria dado origem ao proto-kechua e ao proto-aymara é, entretanto, ainda conjectural e está sendo atualmente investigada por Nick Emlen. Além da ocorrência da convergência formativa, pode-se aventar a possibilidade de que uma das variedades derivadas do proto-kechua também tenha deixado um superestrato em proto-jaqi e em seus descendentes imediatos. O contexto de um histórico de invasão territorial resultando na incorporação de um superestrato da língua dos invasores na língua do povo originário daquele território é uma

situação, de fato, observada em diversos momentos da história. Ambos contextos constituem-se no presente estudo como hipóteses de trabalho e serão retomados adiante.

Entre 450 a.C. e 300 d.C. havia uma extensiva esfera de interação centrada nos Andes do Peru Central interligando as sociedades da bacia do Mantaro com os warpa e com as sociedades dos vales de costeiros de Nasca e paracas (MacNeish *et alii* 1975:52). Foram, de fato, detectadas semelhanças importantes tanto entre as culturas do vale de Mantaro (principalmente as de Huancayo-Junin e Ayacucho-Huanta) como destas com as fases iniciais da cultura warpa, refletindo uma situação de forte integração entre suas sociedades (*id.*:47-51;57).⁴⁵² Tal esfera de Interação foi retomada e a partir do século VI sob o controle dos wari (*id.*:55-57). É plausível, assim, que os dos proto-proto-wari tenham sido oriundos do alto vale de Mantaro, de onde teriam imigrado até Ayacucho-Huanta e se miscigenado com os warpa.

Um outro aspecto relevante a ser mencionado diz respeito à origem do proto-kechua IIB e às suas derivações. A etnogênese chincha, por exemplo, teria se dado pela miscigenação de falantes de uma variedade do proto-kechua IIB com populações costeiras de navegantes marinhos da região de Chincha (Rostworowski 1970)⁴⁵³ que dominavam esta região estratégica da rota marítima de comércio com a costa norte e o Equador desde ao menos o início da era cristã. Com relação ao kechua chincha, Adelaar apresenta as seguintes informações:

“Estos datos muestran una variedad kechua, tal vez perteneciente a la rama kechua IIB, con una serie de innovaciones al parecer irreversibles (cambio de */r/ a /l/, caída de */q/ en posición final, caída de */h/ inicial, sonorización de consonantes oclusivas tras nasal), así como una serie de elementos léxicos que parecen indicar una afinidad o influencia del kechua I. (...)El carácter irreversible de los cambios señalados en el kechua de chincha excluye la posibilidad de que esta variedad habría sido subyacente a las variedades del kechua IIC actualmente en uso en los Andes meridionales del Perú.” (Adelaar 2010:249)

⁴⁵² Embora as relações nasca-warpa tenham sido intensas e merecedoras de destaque, a focalização exclusivista dada a elas por Isbell (2010) para tratar da emergência do império wari acaba sendo tendenciosa, pois desconsidera a real complexidade das interações intersociais ocorridas no Peru Central durante a primeira metade do primeiro milênio d.C., que teriam envolvido marcadamente também as sociedades da bacia do Mantaro. Tal atitude descontextualiza os fatos de sua realidade ecológica e prejudica uma análise adequada do tema abordado.

⁴⁵³ É importante mencionar que Hockengem (2011) não aceita a teoria da rota marítima entre Chincha e o Equador, pois ela apenas considera a hipótese de que a rota teria sido usada em ambos sentidos (sul-norte e norte-sul), e não apenas no sentido sul-norte, aproveitando a corrente de Humboldt

A influência do kechua I no kechua chinchano representa evidência de uma origem nortenha dos (proto)chíncha.⁴⁵⁴ Do mesmo modo, foi detectada a presença de línguas do subgrupo kechua IIB em Huarochiri, em plenos Andes Centrais. Tais observações respaldam, conseqüentemente, a hipótese assumida no presente estudo de uma origem do proto-kechua IIB nos Andes Centrais. Neste sentido, é plausível que o território original dos proto-kechua IIB tenha sido o atual Departamento de Huanuco, ou seja, o mesmo do dos proto-kechua.⁴⁵⁵ A partir daí seus descendentes teriam se expandido tanto para sudoeste (até Huarochiri e Chíncha) como descido os cursos do Marañón (onde teria surgido o kechua chachapoyas) Huallaga (onde teria surgido o kechua san martin). Com relação à origem do proto-kechua-equatoriano, duas hipóteses de podem ser delineadas:

- (i) descendentes dos proto-kechua IIB teriam descido até o Baixo Marañón a partir do Alto Marañón e colonizado a Montanha e os Andes equatorianos;
- (ii) descendentes dos proto-kechua IIB teriam se expandido desde os Andes Centrais até a bacia do Santa e descido pela bacia do Fortaleza até a costa central do Peru, de onde teriam se expandido em direção ao sul e conquistando a região de Chíncha. Após terem adquirido o conhecimento necessário para dominar a navegação marítima das populações precursoras de Chíncha, teriam utilizado a rota marítima para conquistar o Equador.

Neste ponto, uma questão crucial para se avaliar se a presença de falantes de kechua nos Andes equatorianos foi decorrente de uma expansão pré-incaica, incaica – ou de ambas, é

⁴⁵⁴ A etnogênese chíncha a partir da invasão dos proto-chíncha, oriundos dos Andes Centrais e falantes de uma variedade do proto-kechua IIB, teria se dado pela miscigenação com populações costeiras de navegantes marinhos da região de Chíncha (Rostworowski 1970)⁴⁵⁴ que dominavam esta região estratégica da rota marítima de comércio com a costa norte e o Equador desde ao menos o início da era cristã. Neste sentido, estes povos navegadores não podem estar relacionados diretamente a populações de fala kechua, que teriam dominado a região somente após o colapso nasca, mas a um grupo étnico precursor que teria desenvolvido a habilidade de navegação marítima. Neste sentido, é possível levantar a hipótese de que estes navegadores eram relacionados aos proto-kechua-mapuche, que teriam vivido nesta região até o século XI, quando teriam emigrado em direção ao sul por causa das invasões kechua na região do litoral centro-sul peruano: inicialmente dos chíncha falantes de uma variedade do kechua IIB, depois dos inca-chanka sob o comando de Túpac Inca Yupanqui (em virtude disto, a língua chíncha teria sofrido influências de variedades do proto-kechua IIC). Os remanescentes desta população teriam se miscigenado e ensinado a especialidade da navegação aos chíncha, que, desde então, teriam dominado a rota marítima sul-norte de trânsito de bens (Rostworowski 1970; Morris 1988).

⁴⁵⁵ Os seguintes aspectos definem a evolução do proto-kechua-IIB: (i) sonorização de oclusivas quando antecedidas por consoante nasal, (ii) perda da diferenciação entre as oclusivas velar e uvular e (iii) diversos processos de simplificação gramatical, como do sistema de marcas pronominais (Parks 1990; Adelaar 2010:246).

justamente o aprofundamento do conhecimento sobre o papel dos chincha neste processo. As informações dos textos coloniais são, entretanto, conflitantes. Fontes etno-históricas como as crônicas de Sarmiento de Gamboa (1572) e Garcilaso (1609) (cf.: Torero 1973:123), descrevem o embate dos incas pela conquista da região chincha na costa centro-sul peruana e o papel central dos chincha na conquista incaica de Quito após terem sido submetidos por aqueles durante o século XV.⁴⁵⁶ Tais relatos etno-históricos informam que os chincha teriam comandado a expansão inca por via marítima até o Equador, tendo em vista que eram conhecedores da rota por serem navegadores comerciantes. A conquista incaica do Equador se apresenta resumidamente no seguinte relato de Sarmiento de Gamboa (1572):

“Túpac inca Yupanqui dirigirse a la costa, al prospero señorío de chincha. Existe una relación de este primer encuentro con los chinchanos pues fue un reconocimiento, un intento por establecer una relación amistosa antes que una conquista. Al llegar a chincha, Cápac Yupanqui manifestó no querer otra cosa que la aceptación de la superioridad cusqueña y colmo de regalos a los curacas chinchanos para mostrar la magnificencia inca. Los costeños no tuvieron inconvenientes en reconocer al inca y seguir pacíficamente en su señorío. La prosperidad de estos costeños se debía a los trueques de larga distancia que realizaban por vía marítima en balsa con el norte, actual Ecuador. Mas aun, estos "mercaderes a modo de indios", mantenían un intercambio terrestre con hatos de camélidos con el Collao y el Cusco. Es solo posteriormente, durante el reinado de Túpac Yupanqui, que se producirá una verdadera anexión territorial.”

Deste modo, a anexação do Equador por Túpac Yupanqui teria sido amplamente facilitada por esta aliança, a partir do que o proto-equatoriano teria sido difundido no Equador. Por outro lado, Velasco (1789) aponta a possibilidade da presença de falantes de variedades do kechua IIB nestas regiões antes mesmo da chegada dos incas em Quito, fato que teria assombrado Huayna Cápac, filho e sucessor de Túpac Yupanqui:

“El [idioma] de los Scyris, que era el dominante, no era otra cosa [...] que un dialecto del mismo idioma de los incas del Perú, o más bien, el mismo, mezclado con otros, y diversamente pronunciado. Esta circunstancia, la cual no se había observado entre tantos países intermedios, causó a Huayna Cápac tanta maravilla en Quito, que conoció, y confesó (según es fama constante) el que ambas monarquías habían tenido un mismo origen. [...] y los dos idiomas, ya compuesto de muchos, se unieron a formar un solo mucho más copioso, y mucho más diferente del original, que se supone el mismo en ambas partes.” (Velasco 1789:171 *apud* Garcés 1999:12-13)

⁴⁵⁶ Cápac Yupanqui, irmão de Pachacutec, e posteriormente Túpac Yupanqui, filho de Pachacutec, este último também conhecido por Túpac Inca Yupanqui ou Túpac Inca (o quinto da dinastia hanan e décimo da civilização inca), foram responsáveis pela conquista do senhorio de chincha e asseguuração da soberania inca na costa centro-sul peruana.

Semelhanças importantes observadas por Church (1996:486-487;582-583) entre as cerâmicas das fases empedrada (400 – 700 d.C., cultura chachapoya) e panzaleo (800 d.C. – 1500 d.C., cultura cosanga-panzaleo) pesam a favor do relato de Velasco (*op.cit.*). Bray (1995:137), de fato, já havia observado que a sociedade produtora da cerâmica da fase panzaleo teria emergido a partir do contato comercial entre sociedades locais (da Montanha equatoriana) e populações oriundas da Amazônia equatoriana.⁴⁵⁷ A fase empedrada, que representa um dos desenvolvimentos cerâmicos ocorridos dentro do âmbito da cultura chachapoya, apresenta por sua vez fortes semelhanças com as cerâmicas dos vales interandinos do Peru Central (Church *id.*:483-484), nas proximidades da região considerada no presente estudo como o provável território de origem dos proto-kechua, dos proto-kechua II e dos proto-kechua IIB. Tendo em vista os dados acima expostos, pode-se hipotetizar que os descendentes dos proto-kechua IIB estabelecidos em Chachapoyas (i.e., os ancestrais dos atuais falantes de kechua chachapoyas) seriam os responsáveis pela produção da cerâmica da fase empedrada e que entre os séculos VIII e IX d.C. parte deles teria continuado o processo migratório através do Baixo Marañon e do Napo até a Montanha equatoriana; ali teriam se miscigenado com a população local e, com isto, teriam emergido os proto-kichua-equatoriano.⁴⁵⁸ Neste sentido, os proto-kichua equatoriano estariam diretamente relacionado aos panzaleo, os quais, desde então, teriam se expandido para o Altiplano e dominado parte das rotas de comércio trans-andinas do Equador.⁴⁵⁹ Tal perspectiva explica a presença de falantes de variedades do kechua IIB nestas regiões antes mesmo da chegada do inca Huayna Cápac em Quito, como sugere Velasco, de modo que a origem dos proto-kichua-equatoriano na Montanha equatoriana torna-se, de fato,

⁴⁵⁷ Os kijo são vistos como descendentes históricos dos produtores da cerâmica panzaleo (Ochoa 2007:473). Os relatos históricos apontam, de fato, que esta era uma sociedade multiétnica que mantinha intensa função de intermediadores comerciais entre os incas kichua e as sociedades da Amazônia equatoriana e que o kichua era amplamente falado em seu território desde ao menos o início da época colonial (Newson 1995:85; Uzendoski 2004). Ospina (1992 *apud* Uzendoski 2004:324) hipotetiza que os kichua amazônicos seriam descendentes diretos dos kijo, que teriam emigrado após a desintegração de sua sociedade em virtude das agressões sofridas pelos colonizadores espanhóis.

⁴⁵⁸ É importante mencionar que a cerâmica da fase Empedrada apresenta fortes correlações com o complexo cerâmico Huayabamba I, na bacia do rio homônimo e afluente da vertente esquerda do Médio Huallaga (Church 1996:484-485). É extremamente pertinente, neste sentido, as associações da fase Empedrada com os ancestrais dos falantes de kechua chachapoyas e do complexo cerâmico Huayabamba I com os ancestrais dos falantes de kechua san martin – duas variedades imediatamente derivadas do proto-kechua IIB. Church (*op.cit.*) observa também que vasos com características diagnósticas da fase Empedrada foram encontrados em duas culturas contemporâneas da bacia do Ucayali (pacacocha e naneini), podendo indicar expansões de populações de origem kechua IIB durante este período para a bacia do Ucayali a partir dos vales interandinos do Peru Central.

⁴⁵⁹ Outra hipótese que prevê a presença pré-incaica do kechua IIB no Equador foi defendida por Orr & Longacre (1968).

uma hipótese plausível. Esta mesma perspectiva explica, também, a ocorrência de contatos antigos de falantes de kechua com os proto-jivaro na bacia do Baixo Marañón e com os proto-negro-putumayo (arawak) e descendentes do proto-solimões-caribe (arawak) na bacia do Alto Amazonas. Dentre os empréstimos observados, destacam-se:

- do kechua em proto-jivaro: PKC *-tʃu ‘NEG’ : PJVR *-tʃaw ‘*id.*’; PKC *-qa ‘TOP’ : PJVR *-ka ‘FOC’; PKC *ima ‘algo/coisa/EXCL’ : PJVR PJVR *ima ‘INTENS’; PKC *sara ‘milho’ : PJVR *ʃaa ‘*id.*’; PKC *wampu ‘flutuar/balsa’ : PJVR *waNpu ‘flutuar’; PKC *pata ‘piso/praca’ : PJVR *pata ‘*id.*’; PKC *qutʃa ‘lago’ : PJVR *kuʃa ‘*id.*’; PKC *quri ‘ouro’ : PJVR *kuri ‘*id.*’; PKC *ʎaqtɑ ‘vila’ : PJVR *jaakat ‘*id.*’; PKC *waʃsi ‘flecha/espeter’ : PJVR *waʃi ‘flecha’; PKC *apu ‘chefe’ : PJVR *apu ‘chefe/grande/grosso’; PKC2 *maʃu ‘morcego’ : PJVR *maʃu ‘mutum’; PKC *pampa ‘vale/chão’ : PJVR *pampa ‘pedra’.
- do kechua em proto-nawiki e em línguas do subgrupo solimões-caribe (arawak): PKC *maʃska ‘farinha’ : PNWK *maʃfuka, MRW masuka ‘*id.*’; PKC *haku-j ‘ pilar/comer algo moido’ : BWN haku, LKN hako, WPX ak^{hu} ‘pilão’; PKC2 *uritu ‘periquito’ : PNWK *huliitu ‘pombo’; PKC2C *ita ‘piolho’ : PNWK *tsu-wida ‘*id.*’, BNW -híita, KXN hito ‘pulga’; PKC2C *kuʎi ‘violeta’ : MRW kuri-hi, WRK kuli-kata, PIP ku:li:ri ‘preto’, LKN korhe ‘vermelho’; PKC *kakʎa ‘bochecha’ : BNW kakuda, YKN kakula ‘*id.*’.

A hipótese da origem dos proto-kichua-equatoriano na bacia do Marañón será, portanto, a adotada no presente estudo.

Tendo em vista as questões tratadas até agora, pode-se argumentar pela seguinte situação arqueo-ecolinguística sobre a emergência do proto-kechua e do proto-jaqi: a esfera de interação centrada nos Andes do Peru Central que interligava as sociedades da bacia do Mantaro com os ancestrais dos warpa a partir do século V a.C. teria sido responsável pelo processo de convergência formativa proposto por Adelaar (2010) que deu origem ao proto-kechua e a proto-jaqi. Tendo em vista a questão acima abordada do provável contato pré-histórico entre os proto-kechua e os proto-arawak, tal perspectiva pressupõe que a coalescência do proto-kechua teria se dado na região que engloba as bacias do lago Junín e do Alto Huallaga durante a segunda metade do primeiro milênio a.C.. Esta visão assume, também, que os proto-wari seriam falantes de proto-kechua IIC e estariam identificados com a população híbrida que teria emergido após o longo período de convergência formativa envolvendo populações de origem kechua II da

bacia do Mantaro (nos Andes do Peru Central), os warpa (i.e., os proto-proto-jaqi) e os nasca. Neste sentido, os wari seriam os descendentes diretos dos proto-kechua IIC e a expansão inicial do seu império estaria diretamente associada com a difusão do proto-kechua IIC e de suas variedades imediatas.⁴⁶⁰

Em vista disto, antes da emergência do império wari (500 d.C. – 1000 d.C.), os proto-kechua I já teriam coalescido e se expandido pelos Andes da região central do Peru até a bacia do Alto Marañón. O mesmo teria ocorrido com os descendentes imediatos dos proto-jaqi: os proto-jaqaru teriam imigrado para o noroeste (até Yauyos) e os proto-aymara se expandido rumo a leste (cf.: Torero 1970:257-258 *apud* Adelaar 2010:247). Seguindo este raciocínio, as posteriores expansões da civilização wari para as regiões centro-norte do Peru a partir do século VII d.C. teriam provavelmente impelido os proto-kechua IIA e proto-kechua IIB para fora de seus territórios originais (os Andes da região central do Peru).

O modelo de continuidade evolutiva wari – inca e sua relação direta com a evolução do proto-kechua IIC são defendidos por Isbell (2010). As análises genéticas efetuadas por Kemp *et alii* (2009) a partir da comparação do DNA mitocondrial de origem wari e pós-wari encontrados em Ayacucho realmente demonstraram que não teria havido substituição populacional entre os períodos wari e (proto)incaico. Igualmente, Fehren Schmitz *et alii* (2011) relacionam a homogeneidade genética nas populações dos Andes Centrais desde a pré-história com uma continuidade populacional nesta área. Ambos resultados reforçam, neste sentido, a referida posição daquele autor.

A identificação etnolinguística dos nasca, que habitavam os vales costeiros da região centro-sul peruana, é um outro enigma a ser tentativamente abordado. Como observado em §3.3.2.9-3.3.2.10, estudos arqueológicos demonstraram que a cultura nasca teria sido visivelmente influenciada pela civilização moche da costa norte peruana (Proulx 1994; Silverman & Proulx 2002:92-93). É plausível que dentre as possíveis línguas veiculares do império moche uma delas tenha sido uma forma arcaica do mochika. Neste sentido, a presença de colonizadores moche na costa centro-sul peruana, falantes desta variedade arcaica do mochika, teria potencialmente deixado marcas de contato na língua então falada pelos nasca. Paralelos léxicos com possibilidade de representarem tais ocorrências não foram detectados

⁴⁶⁰ Contrastivamente, Adelaar (2010:247) sugere que a emergência e a expansão da civilização wari corresponderia respectivamente à emergência do proto-kechua II e à difusão de suas variedades imediatas.

entre o mochika e línguas da família jaqi; igualmente, não há casos detectados de empréstimos de origem mochika em línguas kechua (todos os empréstimos lexicais observados entre as referidas línguas são do kechua em mochika e ocorreram exclusivamente após o início do período incaico). Estas observações corroboram as evidências de arqueologia genética que apontam que durante o referido período populações de origens jaqi e kechua não habitavam o litoral centro-sul peruano, mas concentravam-se unicamente no Altiplano e altos vales costeiros. A partir destas constatações, a possibilidade de que a língua nativa dos nasca tenha sido uma variedade do proto-jaqi ou do proto-kechua torna-se bastante remota.

Em contraste a isto, a língua mochika apresenta um número significativo de paralelos relevantes com as línguas mapudungun e kunza, o que faz levantar hipóteses de que os ancestrais arcaicos dos mapuche e dos kunza teriam habitado a costa ou os vales costeiros da região centro-sul do Peru num período certamente anterior ao da suposta migração destas populações para os seus territórios históricos.

Dentre os supostos efeitos do contato entre os moche e os proto-*mapuche*, destacam-se : MCK -ɲ ‘1.S’ : MPD -ɲ ‘*id.*’; MCK ajo ‘3.S’ : MPD aje ‘*id.*’; MCK amos ‘NEG’ : MPD muy ‘*id.*’; MCK ɲen ‘que’ : MPD ɲej ‘*id.*’; MCK aput ‘dois’ : MPD epu ‘*id.*’; MCK alək ‘cacique’ : MPD alka ‘viril/macho’; MCK ɪr- ‘carne’ : MPD ilo ‘*id.*’; MCK koʃʃu ‘chicha’ : MPD koʃʃi ‘ácido’; MCK tser ‘milho verde’ : MPD ʃar ‘semente’; MCK leɲ ‘rio’ : MPD ɭew ‘*id.*’; MCK amalai ‘espírito’ : MPD am ‘*id.*’; MCK jemerke ‘farinha’ : MPD mirke ‘*id.*’; MCK koŋʃika ‘frio’ : MPD koŋʃi ‘*id.*’; MCK kuɲ ‘grávida’ : MPD koɲi ‘bebê ou mãe do bebê’; MCK met ‘trazer’ : MPD meta-n ‘segurar/levar nos braços’; MCK tuk ‘língua’ : MPD ʃuɲu ‘*id.*’; MCK soʃ ‘testa’ : MPD ʃoʃ ‘*id.*’; MCK læm ‘morrer’ : MPD ɭa-n ‘*id.*’; MCK meʃenko/meʃerke ‘mulher’ : MPD meʃi ‘vulva’; MCK puɲ ‘sombra’ : MPD puɲ ‘noite’; MCK utso ‘nublado’ : MPD puʃo ‘fumaça’; MCK ɲan ‘pássaro’ : MPD ɲim ‘*id.*’; MCK poɲɲ ‘pedra’ : MPD panko ‘*id.*’; MCK lekiʃ ‘perto’ : MPD leki ‘*id.*’; MCK usap ‘pimenta’ : MPD ʃapi ‘*id.*’; MCK pot ‘ânus’ : MPD por ‘fezes’.

Dentre os supostos efeitos do contato entre os moche e os ancestrais dos kunza, destacam-se : MCK -ʃəɲ ‘2.S’ : KZA -ʃʻenɲi ‘*id.*’; MCK aj-oɲ- ‘3.S’ : KZA aj- ‘*id.*’; MCK si-oɲ- ‘3.S’ : KZA si- ‘*id.*’; MCK anta ‘NEG’ : KZA anta ‘*id.*’; MCK ɭakse ‘cabeça’ : KZA læse ‘*id.*’; MCK oken ‘braço’ : KZA soæ ‘*id.*’; MCK ɕape ‘boca’ : KZA ɲaipe ‘*id.*’; MCK ʃap ‘teto’ : KZA ʃapu ‘casa’; MCK ɕi:ʃ ‘lama’ : KZA ɲisti ‘barro’.

Uma outra questão importante a ser considerada é que há marcadas distinções entre as tradições culturais dos mapuche e dos kunza, observadas durante a época colonial. Enquanto a

primeira se caracterizava por apresentar uma base de subsistência horticultora/coletora e caçadora/pescadora orientada para os vales florestais e o ambiente costeiro/marinho, a última se definia fundamentalmente como uma tradição altiplânica de pastores e agricultores. Se consideradas as observações expostas até agora, é plausível que os ancestrais dos proto-proto-mapuche teriam sido oriundos da faixa litorânea localizada entre Chincha e Nasca, enquanto que o território original dos ancestrais dos kunza teria sido o altiplano da porção centro-sul do Peru.

Uma questão importante relacionada aos ancestrais dos kunza é com relação à origem do topônimo Kuntisuyu. Tawantinsuyu é uma designação de origem kechua para o império inca e significa “a região em quatro” (KCH tawa ‘quatro’, KCH suyu ‘região’), um termo descritivo que denota um império dividido em quatro províncias: Chinchaysuyu, Antisuyu, Qullasuyu e Kuntisuyu. Algumas fontes afirmam que chincha, anti, qulla e kunti são termos também de origem kechua respectivamente significando nada mais do que ‘norte’, ‘leste’, ‘sul’ e ‘oeste’, implicando que as quatro províncias teriam sido originalmente nomeadas de acordo com os quatro pontos cardeais. No entanto, registros etno-históricos indicam que chincha, anti, qulla e kunti são designações baseadas nos etnônimos dos principais grupos que originalmente habitavam cada uma destas regiões antes de terem sido convertidas em províncias: (i) chincha, referente ao grupo etnolinguístico kechua que habitava a região de Ica, (ii) anti, referente aos arawak do grupo pré-andino, (iii) qulla, autônimo aymara que significa ‘habitante/pastor’. (Kaulicke 2001:235), mas que também pode estar associado aos pukina (cf. PKN quʼa- ‘falar’). Estas províncias multiétnicas foram em grande parte conquistada pelos incas por meio da diplomacia (de la Vega 1609). Curiosamente, fontes históricas também informam que os kunti eram um grupo étnico distinto que habitava exatamente Kuntisuyu e conformavam uma nação poderosa, tendo oferecido forte resistência quando o inca Mayta Cápac invadiu sua região (Berg 2006:29). Como aponta Kaulicke (2001:236), “[l]a palabra konti es de etimología desconocida, pero manifiestamente es un nombre de lugar o nación”. Galdós Rodríguez (1985 *apud* Faron-Bartels 2011) observa que, antes da instauração do Kuntisuyu pelo incas, os kunti se constituíam nesta área (correspondente a partes dos atuais Departamentos de Ayacucho, Apurímac, Arequipa, Moquegua e Puno), ao lado dos collagua e dos aruni, como um dos três maiores grupos étnicos da região.⁴⁶¹ Neste contexto, o termo *kunti* poderia ser o próprio autônimo deste

⁴⁶¹ É fato que as províncias incaicas eram em si multiétnicas e englobavam povos que falavam línguas de origens diversas (cf.: Galdos 1985, Julien 1990).

grupo étnico. Esta possibilidade torna-se evidente com a associação direta dos kunti aos kunza, pois **KZA** *ronti* (<ckonnti/ckonte>) significa ‘gente’. Em vista disto, se assume que os kunza são descendentes de uma parcela kunti que teria se refugiado para o sul e se estabelecido na região do Atacama após a derrota sofrida durante a expansão incaica (Jolkesky *et alii*, por vir).⁴⁶² Embora os kunza históricos estivessem bem longe de áreas de fala kechua, há em sua língua um número importante de empréstimos de origem kechua, que refletem o contato que seus ancestrais teriam tido com populações de fala kechua durante o período incaico (cf.: §4.2.2.14.1).

A seguir uma apreciação crítica das transformações sociais e linguísticas ocorridas nos Andes Centrais desde a decadência do império nasca até a época colonial será oferecida, tendo como base a hipótese assumida e defendida acima. A imigração de populações de origem Nasca (prováveis ancestrais dos proto-proto-mapuche) para os altos vales andinos, fugidos tanto da grave aridez que passou a assolar seu território como da expansão moche para o seu território desde meados do século VI d.C., deve ter sido um dos motivos que desencadearam movimentações populacionais subsequentes na região altiplânica. A presença de empréstimos de origem kechua em proto-mapudungun são evidências desta alegação (cf.: §4.2.2.14.3).

O período inicial do império wari teria deixado fortes influências nos proto-aymara e nos proto-jaqaru. Isto é evidente em virtude da existência de inúmeros empréstimos do proto-kechua IIC nas línguas daqueles. Dentre os empréstimos de origem kechua em aymara, destacam-se: **PKC** *mati ‘abóbora’ : **AYM** *mati* ‘*id.*’; **PKC** *kufi ‘alegre’ : **AYM** *kusi* ‘*id.*’; **PKC** *linka ‘argila’ : **AYM** *linkʔi* ‘*id.*’; **PKC** *wampu ‘balsa/boiar’ : **AYM** *wampu* ‘balsa’; **PKC** *sumaq ‘bom’ : **AYM** *suma* ‘*id.*’; **PKC** *ajfja ‘carne’ : **AYM** *ajfja* ‘*id.*’; **PKC** *waska ‘corda/cipó’ : **AYM** *wiska* ‘corda’; **PKC** *supaj ‘demônio’ : **AYM** *supaja* ‘*id.*’; **PKC** *waka ‘divino/sagrado’ : **AYM** *wakʔa* ‘ídolo’; **PKC** *miʃki ‘mel’ : **AYM** *miskʔi* ‘*id.*’; **PKC** *awkis ‘avô/ancião’ : **AYM** *awki* ‘pai’; **PKC** *puku ‘panela/tigela’ : **AYM** *pʰukʰu* ‘*id.*’; **PKC** *kajra ‘rã’ : **AYM** *kʔajra* ‘*id.*’; **PKC** *sapi ‘raiz’ : **AYM** *sapʰi* ‘*id.*’; **PKC** *pampa ‘vale’ : **AYM** *pampa* ‘*id.*’; **PKC** *wajra ‘vento’ : **AYM** *wajra* ‘*id.*’; **PKC** *raka ‘vulva’ : **AYM** *laka* ‘boca’. Enfim, alguns empréstimos de origem kechua em jaqaru são: **PKC** *aja ‘alma/morto’ : **JQR** *aja* ‘alma’; **PKC** *papa ‘batata’ : **JQR** *papa* ‘*id.*’; **PKC** *piki

⁴⁶² Toda a região teria recebido o nome de Kuntisuyu em virtude do papel relevante que os kunti/kunza teriam tido na fundação de Cusco (observações minhas).

‘bicho-de-pé’ : JQR piki ‘*id.*’; PKC *ʃimi ‘boca’ : JQR ʃimi ‘*id.*’; PKC *aʎqu ‘canídeo’ : JQR haʎqʷu ‘*id.*’; PKC *ɲuru ‘mama’ : JQR ɲuru ‘*id.*’; PKC *sara ‘milho’ : JQR uhara ‘*id.*’; PKC *uʃu ‘pimenta’ : JQR uʃu ‘*id.*’; PKC *kinwa ‘quinoa’ : JQR kinwa ‘*id.*’; PKC *atuq ‘canídeo’ : JQR atuqu ‘*id.*’.⁴⁶³

Estes mesmos contatos também teriam deixado prováveis influências de origem proto-aymara em proto-kechua IIC, dentre as quais: AYM maʎku ‘chefe’ : PKC2C *maʎku ‘*id.*’; AYM tumi ‘faca’ : PKC2C *tumi ‘*id.*’; PJQI *urqu ‘montanha/macho’ : PKC *urqu ‘*id.*’; PJQI *ali ‘planta/ramo’ : PKC2C *ali ‘*id.*’; AYM lukʷana ‘dedo’ : PKC2C *rukana ‘*id.*’.

O processo expansivo subsequente dos wari para a porção centro-sul do altiplano peruano teria provocado a movimentação de populações proto-aymara do altiplano de Ayacucho para as terras altiplânicas entre os vales de Cusco e Arequipa. Desde então, os proto-aymara, os proto-kunza e os proto-pukina teriam estado em contato na esfera de interação regional de Cusco. Dentre os empréstimos de origem aymara em pukina, destacam-se: PJQI *-xa ‘ACU’ : PKN -x ‘*id.*’; PJQI *-mi/*-pi ‘INSTR’ : PKN -m ‘*id.*’; PJQI *uta ‘casa’ : PKN uta ‘chácara’; PJQI *lajqa ‘feiticeiro’ : PKN rega ‘*id.*’; PJQI *xaq : PKN raago ‘*id.*’; PJQI *pʰaxsi ‘lua’ : PKN xisi ‘*id.*’; PJQI *ʃʷiɲa ‘lêndea’ : KLW ʃʷiɲi ‘*id.*’; PJQI *xila ‘maior’ : PKN xila ‘*id.*’; PJQI *saja ‘parcialidade’ : PKN saʎas ‘parentes’; PJQI *xaka ‘vida/existência’ : PKN xaka- ‘viver’. Para os empréstimos de origem aymara em kunza, cf.: §4.2.2.9.2.

A concomitante expansão da civilização wari para o leste e a consequente fundação de Pikillaqta, centro cerimonial e segunda capital administrativa localizada nas imediações do vale de Cusco, teria sido feita por descendentes diretos dos proto-kechua IIC. Neste âmbito, previamente habitado por diversas sociedades locais, Pikillaqta teria emergido uma sociedade híbrida e ‘warificada’. Neste meio tempo, contatos estreitos entre os ancestrais dos kunza e os imigrantes wari estabelecidos em Ayacucho teria gerado uma sociedade híbrida pré-chanka, falante de uma variedade do proto-kechua IIC. Esta variedade foi provavelmente influenciada pelo proto-kunza. Tal interferência pode ser visualizada através da comparação dos sistemas

⁴⁶³ Os empréstimos de origem kechua em aymara e em jaqaru podem ter ocorrido tanto durante a época wari, como durante a época incaica, como durante a época colonial. Considerando o atual estágio do conhecimento sobre os desdobramentos evolutivos da família linguística jaqi, ainda é difícil distinguir qual teria sido o período exato em que ocorreram cada um destes empréstimos. Entretanto, é praticamente certo que os empréstimos apresentados especificamente neste parágrafo ocorreram após a cisão do proto-jaqi em proto-jaqaru e proto-aymara.

fonológicos do kechua ayakucho-chanka e do kunza. A língua kunza (falada na região do Atacama até a primeira metade do século XX) não apresentava a africada alveolar nem oclusivas velar e uvular, mas unicamente africada palatal e fricativa uvular (cf.: Vaïsse *et alii* 1896), um fato igualmente observado na variedade atual do kechua ayakucho-chanka.⁴⁶⁴ O fato do kechua ayakucho-chanka apresentar um substrato da variedade do kechua IIC falada pelos pré-chanka está de acordo com a hipótese de Adelaar (2010:248) de uma “re-quechuização de Ayacucho” pelos incas. Mesmo que considerada uma variedade conservadora, as inovações nele observadas incluem justamente a fricativização da oclusiva uvular e a perda da distinção entre africadas retroflexa e palatal (Soto Ruiz 1976; Adelaar 2010:246), se assemelhando nestes aspectos com o sistema fonológico do kunza.

Estes ‘novos wari’ de Pikillaqta teriam então realizado incursões para a região amazônica a partir do século VIII d.C. pelo vale de Vilcabamba, provavelmente através de alianças estabelecidas com as populações locais, tendo fundado em pleno território dos arawak-pré-andino um novo centro administrativo, Espíritu Pampa (Fonseca 2011).⁴⁶⁵ Por volta do século X d.C. os ayarmaka da bacia do Vilcanota (prováveis falantes de proto-pukina) teriam emergido como uma sociedade poderosa, com a qual os descendentes dos ‘novos wari’ passaram a conviver em conflito. Estes conflitos ofereceram ameaças à hegemonia wari, tendo marcado o início da sua decadência. Entre os séculos X e XI d.C., com a dissolução do império wari, os ayarmaka teriam dominado o vale de Cusco e fundado a cidade de Acamama, que posteriormente teria sido renomeada de Cusco.⁴⁶⁶

Há um debate atual sobre quais grupos etnolinguísticos teriam sido os antigos moradores do vale de Cusco, ou seja, qual teria sido a configuração etnolinguística deste vale neste período. Esta questão, muito relevante para a compreensão da pré-história tardia dos Andes Centrais, pode ser desvendada a partir de uma perspectiva multidisciplinar, através da interpretação da

⁴⁶⁴ O kechua ayakucho-chanka, classificado no ramo kechua IIC, era falado pelos chanka desde ao menos o século XIII d.C.

⁴⁶⁵ Há ao menos dois termos de provável origem arawak em proto-kechua IIC: **PARW** *kuhdi ‘macaco’ : **PKC2C** *kusilbu ‘id.’ e **PARW** *ɕjai-ri ‘tabaco’ : **PKC2C** *ɕawri/*ɕajri ‘id.’.

⁴⁶⁶ A fundação de Cusco pelos irmãos Ayar é uma das lendas cosmogônicas da civilização incaica. Nesta lenda, Ayar Auca, irmão de Ayar Manco, teria sido o chefe do senhorio de Ayarmaka (Rostworowski 1975, 1993). O fato de Ayar Auca ter precedido Ayar Manco na descoberta do vale de Cusco pode ser interpretado como uma ocupação deste vale pelos os ayarmaka num período anterior à chegada dos wari (Cahill 2005:20). De acordo com Cieza de León (2012:27) após Ayar Manco ter chegado no vale de Cusco, ele teria renomeado a cidade de Acamama, fundada por Ayar Auca, para Cusco e em seguida teria se automeado Manco Qapaq, tornando-se o primeiro inca do novo império.

toponímia e antroponímia encontrada nos relatos míticos e etno-históricos e sua associação com outras informações etno-históricas e arqueológicas da região. Os relatos etno-históricos apontam que antes da chegada dos ayarmaka o vale estaria habitado pelos poke, antasaya, lare e alkawisa. Os poke seriam muito provavelmente os pukina. Os antasaya eram os antigos habitantes de Anta, uma província da região de Cusco que se localiza na vertente direita do alto Apurímac. Antasaya, se traduzido do kechua, significaria ‘parcialidade do cobre’ (KCH anta ‘cobre’, KCH saya ‘parcialidade/confederação’). Entretanto, a palavra *anta* pode ser um termo autóctone e não necessariamente de origem kechua. Após uma averiguação do léxico das línguas dos povos que habitariam esta zona nesta ocasião, pôde-se fazer apenas a correlação com os axaninka (AXN antami ‘floresta’); neste caso, o etnônimo antasaya poderia significar ‘parcialidade/confederação da selva’, o que não seria inverossímil, pois a região está na beira dos yungas e conectada exatamente com as áreas habitadas pelos axaninka. Para o etnônimo lari, a única plausibilidade seria atribuí-lo como um étimo aymara (AYM lari ‘parente materno’). Enfim, para o termo alkawisa uma hipótese seria associá-lo com os alka (~ αλκα), um dos três principais grupos etnolinguísticos que habitavam Kuntisuyu durante o império incaico, e com KCH wisa ‘guerreiro incaico’; segundo esta possibilidade, alkawisa significaria ‘guerreiros alka’ (sobre a possível associação etnolinguística dos alka, cf. §5.6.4). Neste sentido, é plausível hipotetizar que antes da invasão wari (falantes de proto-kechua IIC), a região estratégica do vale de Cusco já era habitada ao menos por grupos locais relacionados etnolinguisticamente aos ayarmaka (falantes de proto-pukina), aos arawak pré-andino, aos aymara e aos alka. O processo etnogênico associado com a emergência de Cusco teria causado uma subsequente dialetalização do proto-kechua IIC.

É necessário, neste ponto, realizar um breve excursão. De acordo com Cerrón-Palomino (2004), a língua falada pelos incas seria o aymara. O seguinte trecho das crônicas de Sarmiento de Gamboa (1960[1572]:217) sobre a lenda dos irmãos Ayar é providencial:

“Ayar Auca, oídas las palabras de su hermano, levantóse sobre sus alas y fué al dicho lugar que Mango Cápac le mandaba, y sentándose así luego se convirtió en piedra y quedó hecho mojón de posesión, que en la lengua antigua de este valle se llama *cozco*, de donde le quedó el nombre del Cusco al tal sitio hasta hoy. De aquí tienen los ingas un proverbio que dice: «*Ayar Auca Cusco guanca*», como si dijese «Ayar Auca mojón de piedra mármol»”

Tal lenda indica que Cusco (a capital do império inca) teria sido fundada por Ayar Auca (também chamado Qosqo Wanca) depois dele ter se convertido num pássaro e encontrado o

vale de Cusco. Para Cerrón-Palomino (*op.cit.*), a palavra *qusqu* teria origem aymara. A seguinte explicação para este topônimo é oferecida pelo autor:

“De este modo se resuelve el enigma: Ayar Auca, convertido en lechuza (de allí las alas que tenía), vuela en dirección del lugar en el que se edificaría después el Coricancha, donde se posaría sobre un peñón antes de petrificarse. (...) Lo que importa destacar aquí es el hecho de que el nombre de la capital del futuro imperio tenga un origen claramente ajeno al kechua, lo que está demostrando que la lengua de sus fundadores era la misma que se hablaba en toda la región: el aymara.” (Cerrón-Palomino *id.*:12).

O autor também menciona que tais termos teriam sido emprestados em kunza (кoскo) e em chipaya (quṣḥqa) (*id.*). Entretanto, o termo AYM qʷusqʷu ocorre apenas nos dialetos aymara de Oruro e do Chile e, neste sentido, a sua presença apenas nas variedades do aymara faladas exatamente nas imediações do último reduto kunti/kunza parece indicar, na verdade, que a orientação do empréstimo teria sido kunza > aymara regional. Assim, baseando-se nos diversos argumentos levantados no presente estudo, uma hipótese mais plausível seria a de que o termo seja proveniente da língua kunza, falada antes da expansão incaica ao longo do Kuntisuyu e também nas imediações de Cusco. Outros topônimos e termos importantes na mitologia inca, que podem ter origem kunza são: huanacauri /wana-kauri/ montanha sagrada relacionada aos Ayar⁴⁶⁷, gêmeos ancestrais (KZA kaur ‘montanha’); qapaq, título dado aos reis e chefes (KZA кapaкa ‘rico’)⁴⁶⁸; Qorao, vila localizada ao norte de Cusco e próxima a Pumamarca (KCH marka ‘morada’), em Pumaarqu ‘montanha do puma’ (KCH urqu ‘montanha’), um topônimo com terminação típica kunza -ao (provavelmente derivado de KZA aro ‘morada’, cf.: Vaisse 1896:12), e que significaria ‘morada do puma’ (cf.: KZA кuru ‘puma’); Qoraoq’asa, um passo que liga Cusco ao vale do Vilcanota, significaria ‘passo da morada do puma’ (KCH qasa, KZA кasa ‘passo’). Estes dados dão suporte, neste sentido, à hipótese de que, antes da invasão wari, o vale de Cusco também seria habitado pelos ancestrais dos kunza além dos grupos etnolinguísticos já mencionados acima.

Durante o período inicial da fundação de Cusco, o senhorio de Ayarmaka (também conhecido como Hayamaka) teria se aliado ao senhorio de Muyna (também conhecido como

⁴⁶⁷ Zecenarro Benavente (2003:391) aponta que os irmãos Ayar também estariam miticamente relacionados à pacarina tamputuqu ‘refúgio da coruja’ (KCH tampu ‘refúgio’, KCH tuqu ‘coruja’). É interessante notar que KZA тукур também significa ‘coruja’ (KZA тукур ‘buho, ou coruja com orelha’; KZA кoскo ‘lechuza, ou coruja sem orelha’).

⁴⁶⁸ Segundo Garcilaso de la Vega (1963 [1609] *apud* Cerrón-Palomino 2011:120), o termo *capac* significava ‘rico’.

Mohina)⁴⁶⁹ e ambos teriam se expandido para a região dos yungas, onde a cerâmica da tradição killke (1100 d.C. – 1400 d.C.), característica dos ayarmaka, foi encontrada em assentamentos de Quillabamba (Bauer 2004:81), dando forte respaldo à hipótese da presença ayarmaka/muyna nos yungas em plena região de domínio dos arawak-pré-andino. Em Cusco, as elites de ‘novos wari’ teriam se fortalecido suficientemente entre os séculos X e XI d.C., o que culminaria no fim da dinastia dos ayarmaka no vale de Cusco e no início da civilização incaica com a instauração da dinastia dos incas Hurin (KCH hurin ‘baixo/baixio’). Foi durante esta época (Manco Cápac – Cápac Yupanqui) que a variedade de kechua IIC conhecida como ‘cusquenho clássico’⁴⁷⁰ teria se tornado altamente prestigiada, pois foi aquela inicialmente adotada pelo Reino de Cusco após sua fundação por Manco Cápac. A partir do final do século XI, com os reinados de Mayta Cápac e Cápac Yupanqui, o império incaico teria se solidificado no vale de Cusco.⁴⁷¹ Durante o século XII os proto-chanka teriam se expandido para as proximidades de Cusco, passando a oferecer também ameaças à hegemonia dos incas hurin. Neste período, com a civilização tiwanaku já fragmentada, os proto-aymara teriam conquistado a bacia do Titicaca e vários reinos aymara teriam emergido ao longo da porção altiplânica, desde as imediações do vale de Cusco até o altiplano boliviano. A expansão destes reinos teria impellido as demais populações para regiões periféricas: (i) falantes de variedades do proto-pukina para os vales dos departamentos de Moquegua, (ii) falantes de variedades do proto-kunza para os salares e punas áridas do Atacama e (iii) falantes de variedades do proto-pukina e proto-uru-chipaya para imediações lacustres. De qualquer modo, as populações originárias teriam permanecido relativamente independentes e coexistiram em diferentes zonas da bacia do Titicaca e arredores

⁴⁶⁹ Os ayarmaka eram provavelmente falantes de proto-pukina, enquanto que os muyna eram provavelmente falantes de proto-leko.

⁴⁷⁰ Segundo dados etno-históricos, o ‘cusquenho clássico’ não apresentava as influências de origem aymara tipicamente observadas na variedade conhecida como ‘cusquenho atual’.

⁴⁷¹ Entre os séculos XI – XII d.C. descendentes dos incas hurin podem ter fundado Maynas – uma base militar e de intercâmbio comercial na região da confluência do Ucayali com o Marañón, um domínio altamente estratégico para ‘pacificar’ os descendentes dos proto-jivaro, que invadiram a bacia do Marañón entre os séculos VI e VII d.C. a partir do rio Solimões, interrompendo as vias de acesso comercial com os Andes equatorianos. Maynas teria emergido como uma sociedade híbrida controlada por representantes do império inca e mitmaqunas ayarmaka e muyna falantes de pukina e leko (os leko, por exemplo, eram considerados exímios navegadores) e por populações locais de provável filiação zaparo, jivaro e kawapana. A partir da fundação de Maynas, o prestígio explícito da presença inca, ayarmaka e muyna teria provocado influências das três línguas andinas faladas por estes grupos em línguas da região, em parte via superstrato, em parte via etnogênese. Neste último caso, os proto-omurano e os proto-kulle podem representar dois dos grupos etnolinguísticos resultantes.

com os aymara até durante o período colonial. A referida aproximação dos chanka com o território aymara teria provocado a formação de uma aliança entre as elites destes povos, do que teriam originado os chanka-pokra, que teriam formado uma sociedade bilingue kechua/aymara.

Pode-se supor que o proto-kechua-cusco-boliviano tenha coalescido a partir desta aliança via bilinguismo das populações aymara warificadas. Esta variedade foi, de fato, fortemente influenciada pela fonologia e léxico da variedade do proto-aymara originalmente falada por aquelas populações. Esta situação hipotética, embasada no modelo de diversificação para as línguas da família kechua a partir de situações de bilinguismo, como apresentada por Adelaar (2010), novamente explica com exatidão a gênese de consoantes complexas (glotalizadas e aspiradas) nas variedades derivadas do proto-kechua-cusco-boliviano (dentre as quais, o kechua cusquenho atual) a partir de um contexto onde falantes de aymara teriam aprendido a variedade do kechua IIC falada pelos chanka. A aquisição desta variedade do kechua pelos aymara em contexto de bilinguismo está diretamente relacionada ao ecossistema social que existia durante a emergência do proto-kechua-cusco-boliviano, que teria naturalmente gerado interferência linguística do padrão de traços fonológicos distintivos preexistente na memória coletiva deles em vista dos modos cotidianos que eles faziam do uso linguístico.⁴⁷²

A morte de Mayta Cápac por envenenamento teria sido uma estratégia bem sucedida para a elite aymara ‘warificada’ assumir o incanato no império, dando início à dinastia ‘hanan’ (**KCH** hanan ‘alto’) com o reinado de Inca Roca, marcando o início de um período de rápidos processos expansivos. Seu poderio teria se intensificado após forjar uma aliança por meio de matrimônios com a elite ayarmaka, de origem pukina. Como, em função do domínio incaico, o kechua era mais prestigiado, Inca Roca teria adotado o proto-kechua-cusco-boliviano como língua veicular, que teria se dialetalizado com a expansão do império por Qullasuyu e com a aliança desde então forjada com as elites dos reinos aymara, executada por Hatun Túpac, também conhecido como Wiracocha, sucessor de Yáhuar Huácac. A variedade ‘hanan’ de Cusco passou a ser chamada ‘cusquenha atual’. A partir de então, as populações falantes da variedade ‘cusquenha clássico’ e da variedade ‘cusquenha atual’ teriam convivido no vale de

⁴⁷² Isto está, neste sentido, fundamentalmente associado aos efeitos do ecossistema mental da língua nos aymara inseridos no referido contexto.

Cusco juntamente com populações aymara, kunza e pukina, dentre outras, num contexto multilíngue. A menção repetida de multilinguismo e contextos multiétnicos nos relatos coloniais reforça esta posição (Sarmiento de Gamboa 1572; Garcilaso de la Vega 1609). O sucessor de Wiracocha, Cusi Yupanqui, também conhecido por Pachacutec ou Inga Yupanqui ou ainda Pachacútec inca Yupanqui, foi o quarto na sucessão da dinastia hanan (i.e., de aymara ‘warificados’) e o responsável por submeter os chanka – que até então dominavam a região de Ayacucho e Apurímac (cf.: Betanzos 1551, Cabello Valboa 1586). Se supõe que os chanka falariam até então uma variedade arcaica derivada do proto-kechua IIC. Entre os chanka, depois de sua derrota para os incas, uma outra variedade do proto-kechua IIC, porém fortemente influenciada pela sua variedade arcaica, teria coalescido.

Tendo em vista todos os argumentos expostos nesta seção, são coerentes as seguintes conclusões: os pré-incas (i.e., os ayarmaka) seriam falantes de pukina, os proto-incas (i.e., os wari de pikillaqta) seriam falantes de uma variedade do proto-kechua IIC, os incas da dinastia ‘hurin’ falariam a variedade do proto-kechua IIC denominada ‘cusquenho clássico’ e os incas da dinastia ‘hanan’ falariam o proto-kechua-cusco-boliviano. Como dito anteriormente, uma pesquisa em andamento, que irá considerar todos os aspectos evolutivos do proto-kechua em conjunção com a evolução do proto-jaqi e de outras línguas andinas a partir de uma comparação profunda de todas as línguas das referidas famílias e da reconstrução detalhada de suas protoformas está sendo realizada por Nick Emlen, de modo que brevemente será possível testar, modificar ou refutar as hipóteses apresentadas nesta seção a respeito da evolução do proto-kechua, do proto-jaqi e do proto-kunza.

5.6.2. Os proto-leko, os proto-omurano e os proto-kulle

Tendo em vista as informações linguísticas, arqueológicas e etno-históricas, é possível inferir algumas observações sobre os desenvolvimentos diacrônicos relacionados com os ancestrais dos leko, dos omurano e dos kulle. Um aspecto importante envolvendo a língua destes grupos étnicos é que elas apresentam um *stratum* lexical comum, como se observa nos dados destacados a seguir:

Tendo isto em vista, é plausível supor, como premissa, que haveria ao menos uma população original, da qual este *stratum* teria derivado. Um outro aspecto relevante e

provavelmente relacionado a isto diz respeito ao gentílico mayna. Segundo fontes históricas (Figueroa 1904), os mayna seriam um grupo etnolinguístico que teria habitado a região de Maynas durante o período colonial, a qual englobava porções das bacias do Baixo Marañón, do Baixo Huallaga e do Baixo Ucayali. Este termo já foi associado aos jivaro, aos omurano e aos kawapana (cf.: Rojas-Berscia 2015), mas sua origem etimológica permanece desconhecida. É bastante provável, entretanto, que o termo tenha originalmente sido um autônimo e, neste sentido, estaria diretamente relacionado aos omurano, que se autodenominam [maɲa] /maina/. Por outro lado, uma correlação dos mayna com populações dos Andes Centrais faz sentido, pois – além das semelhanças léxicas já observadas entre o omurano o leko – a autodenominação omurano [maɲa] /maina/ pode estar etimologicamente associada tanto aos pukina (cf.: PKN [maɲa] /maina/ ‘homem’) como ao grupo etnolinguístico muyna/mohina do vale do Vilcanota. Pode-se hipotetizar, neste sentido, que os muyna/mohina seriam provavelmente falantes de proto-leko. Relatos coloniais apontam que os muyna/mohina eram, de fato, um grupo subordinado ao senhorio de Ayarmaka (também denominado Hayamaka), de fala pukina (cf.: Covey 2006:141, Bauer 2004:84-85). De acordo com Garcilaso de la Vega (*apud* Cahill 2005:20-21), os ayarmaka estariam originalmente assentados num vasto território que durante o período incaico ficou conhecido como Qullasuyu. A alegação de que os ayarmaka falavam pukina se baseia nos seguintes argumentos:

- (i) hayamaka pode ser um autônimo de origem pukina (PKN haya ‘gente’, PKN maku ‘chefe’);
- (ii) durante o período incaico, as elites do senhorio de Ayarmaka recebiam a alcunha de ‘qollanas’ e dois verbos associados a atos discursivos em pukina são: PKN $\chi\omicron\lambda\alpha$ -na e PKN puki-na;
- (iii) Garcilaso de la Vega (*apud* Cahill *id.*) afirma que teria sido um legendário líder tiwanacota, isto é, oriundo de Qullasuyu, que teria sido o responsável pela divisão do mundo em quatro regiões com a emergência do império incaico;
- (iv) a mitologia incaica indica que os ayarmaka eram oriundos de Tiwanaku (i.e., de Qullasuyu) e teriam sido os primeiros incas e verdadeiros e fundadores de Acamama, local que, durante o reinado de Manco Cápac, teria passado a se chamar Cusco (Rostworowski 1975b, 1993);

- (v) Os ayarmaka formavam uma confederação com os pinagua, que dominavam a bacia do Apurímac na região de Paqariqtambo; tal região é mencionada como ponto de origem dos irmãos Ayar, fundadores de Acamama/Cusco.

Em vista disto, as seguintes correlações pré-históricas podem ser estabelecidas:

- (i) elite decadente do império tiwanako > senhorio de Ayarmaka > pukina > fundação de Acamama/Cusco;
- (ii) muyna/mohina (do vale de Cusco) > leko;
- (iii) mayna (da região de Maynas) > omurano;
- (iv) muyna/mohina/leko (do vale de Cusco) > mayna/omurano (da região de Maynas).

Levando tais correlações em consideração, é verossímil a hipótese de que populações de origem leko (i.e., muyna) teriam, sob o comando dos incas ayarmaka (i.e., pukina), expandido os domínios incaicos para a região amazônica e colonizado a região de Maynas durante os séculos XI e XII d.C.. Os leko eram, de fato, desde o período colonial reconhecidos como exímios balseiros e referidos como intermediadores seminômades envolvidos em relações de troca com populações andinas e amazônicas circunjacentes desde tempos pré-coloniais, de forma similar à praticada pelos kallawaya (Dudley 2009b:35-37).⁴⁷³ Em virtude desta tradição como mediadores e balseiros, ancestrais dos leko teriam, então, sido alocados pelos incas ayarmaka como mitmaqkuna na região de Maynas, pois serviriam igualmente como colonizadores e intermediários nas relações comerciais com populações amazônicas e no transporte dos bens para o altiplano. Esta colonização teria hipoteticamente se dado a partir do rio Urubamba por assentamentos incaicos na região estratégica de encontro do Ucayali com Marañón. Neste local, teria se dado a etnogênese dos mayna (PKN /maina/ ‘homens’) através da miscigenação dos ancestrais dos leko com populações pré-omurano, de provável origem zaparo, dentre outras. A alegação de que os pré-omurano teriam falado uma língua de origem zaparo é respaldada por certas semelhanças pronominais existentes entre o omurano e o proto-zaparo.

⁴⁷³ As etnogêneses dos leko e dos kallawaya foram justamente resultantes de suas atividades como intermediadores (Dudley 2009b:38/45). Tendo em vista as considerações apresentadas na presente seção, se assume, pois, que a gênese dos leko esteve diretamente vinculada à imigração de descendentes dos muyna para o vale de Apolobamba e de sua miscigenação com os kallawaya e chuncho que previamente habitavam esta região (cf.: Dudley 2009b:43).

Desde então, os mayna teriam dominado porções estratégicas do Baixo Marañón. Em virtude deste domínio, os mayna teriam se expandido para o Médio Marañón e se miscigenado com populações pré-kulle, des prováveis origens chacha ou sechura, quando teria ocorrido a etnogênese dos kulle. Fica explicada, assim, a origem de um *stratum* leko nas línguas omurano e kulle.

5.6.3. Os proto-uru-chipaya e os proto-moseten-tsimane

A partir da confluência de informações linguísticas, arqueológicas e etno-históricas, é possível inferir os seguintes desenvolvimentos diacrônicos relacionados com os proto-uru-chipaya e proto-moseten-tsimane:

- (xii) antes mesmo da emergência do império tiwanaku, a esfera de interação circum-Titicaca já interligava a bacia do Titicaca com as bacias do Alto Ucayali e Alto Beni, na qual também estariam envolvidas ao menos os proto-urukina, dos proto-uru-chipaya, dos proto-moseten-tsimane e dos proto-yurakare;
- (i) tendo em vista o caráter lacustre profundamente arraigado na cultura dos grupos etnolinguísticos de origem uru-chipaya, a hipótese mais provável é que eles teriam sido oriundos de Umasuyu, tendo habitado esta região desde ao menos o surgimento da civilização tiwanaku;⁴⁷⁴
- (ii) as práticas adotadas pelos proto-tiwanako desde sua emergência para subjugar as populações circundantes teria se intensificado substancialmente durante a primeira metade do primeiro milênio d.C. com a emergência da civilização tiwanaku; isto teria motivado a retração das populações associadas aos proto-urukina para os yungas e terras baixas contíguas a leste do Titicaca.

⁴⁷⁴ Durante os reinados aymara e o império incaico, a região circum-Titicaca era subdividida em Umasuyu (AYM uma 'água'), em referência à porção central da bacia do Titicaca, e Urqusuyu (KCH urqu 'montanha') em referência à puna seca das regiões mais altas da bacia do Titicaca. Estas designações teriam sido dadas pelos colonizadores de fala aymara e kechua não apenas em função de uma caracterização meramente relacionada à geografia física, mas possivelmente também relacionada à geografia humana; antes da invasão por populações de filiação aymara e kechua a referida região era o território original de dois grupos etnolinguísticos completamente distintos: os proto-uru-chipaya e os proto-pukina. É importante notar que o termo Umasuyu (AYM uma 'água') faz referência direta à autodenominação dos uru qot-suñs 'água-gente'.

- (iii) do mesmo modo, a partir da emergência do império tiwanaku, os proto-pukina teriam dominado várias regiões associadas a Umasuyu, reduzindo drasticamente o território original dos proto-uru-chipaya: uma parcela teria passado a residir fundamentalmente em ilhas artificiais feitas de totora no lago Titicaca, vivendo da pesca e produção de balsas; outras parcelas teriam desde então se refugiado para o lago Poopo e imediações do Salar de Uyuni.

5.6.4. Os proto-mapuche

A origem dos proto-mapuche na Araucania tem sido ao menos desde o início do século XX um tema de debate, quando muitos historiadores teriam elaborado hipóteses que os vincularam a populações autóctones, ou a imigrantes oriundos da costa peruana, dos pampas, da Amazônia ou até mesmo das ilhas do Pacífico. Uma análise do DNA dos descendentes atuais e pré-históricos dos proto-mapuche descarta a possibilidade de que estes tenham sido oriundos de migrações de populações polinésias, muito embora a hipótese de alguma influência pré-histórica de populações polinésias na cultura dos proto-mapuche não possa ser totalmente refutada. As análises genéticas apontam, de fato, para uma outra origem: a costa peruana. A hipótese de uma migração dos proto-proto-mapuche para a Araucania ao longo do litoral pacífico desde a costa sul peruana, originalmente atribuída a Guevara (1925-1927), é corroborada pela correlação praticamente exata entre as proporções haplotípicas do DNA mitocondrial dos mapuche atuais (SouthMiddleChile) com a da população pré-histórica que habitava a costa do sul do Peru entre 200 e 600 d.C. (SouthCoastEIP), que se evidencia nos resultados apresentados por Fehren-Schmitz *et alii* (2011:273, figura 2). É relevante também o fato de Gaya-Vidal *et alii* (2011) ter observado que o DNA mapuche é tanto matrilinear como patrilinearmente próximo do de populações falantes de línguas das famílias arawak e kechua. Um outro resultado de estudos da genética humana que se encaixa com exatidão nesta hipótese é a constatação de que existem altas frequências do haplogrupo D tanto em populações pré-históricas da porção central da costa do Pacífico assim como em populações da Patagônia chilena, em contraposição à ausência deste haplogrupo nas populações da costa do Atlântico e do Planalto Central brasileiro, sugerindo que os ancestrais das populações do sul do Chile teriam emigrado para a Patagônia primordialmente a partir da costa do Pacífico (Fehren-Schmitz *et alii* 2011:29-30).

Esta hipótese torna-se plenamente factível quando incorporados os dados arqueológicos, etno-históricos e linguísticos. O aparecimento do complexo cultural El Vergel (1000 d.C. – 1500 d.C.) está claramente associado à imigração de populações nortenhas associadas aos proto-proto-mapuche e à etnogênese dos proto-mapuche a partir da miscigenação daquelas com populações locais precursoras, produtoras das culturas Llolleo (300 d.C. – 900 d.C.) e Pitren (350 d.C. – 1050 d.C.), também oriundas do norte do Chile (Rosselló 2008; Bahamondes Muñoz 2009:110). Isto teria decorrido dos reflexos das dinâmicas sociopolíticas geradas pela fragmentação da civilização tiwanacota e do consequente reposicionamento dos diferentes grupos étnicos do centro-norte chileno perante esta nova realidade (Pavlovich *et alii* 2003:42). As populações produtoras destas culturas teriam trazido tecnologias e elementos cosmológicos relacionados com a esfera de interação transandina, que surgiu pelo menos 1500 anos antes na região circum-Titicaca. A evidência de domesticação de camélidos oriundos dos Andes Centrais na Patagônia apareceu justamente com a cultura El Vergel (Rosselló 2008:95).

O vínculo observado entre populações pré-históricas da costa sul-peruana e os proto-mapuche da Patagônia é reforçado particularmente por evidências genéticas, etno-históricas e linguísticas associadas aos chango, os antigos habitantes da costa norte do Chile e da costa sul do Peru durante a época colonial, que praticavam uma cultura pesqueira semelhante à dos mapuche. Rothhammer *et alii* (2010) observou um forte vínculo biológico entre descendentes dos chango de Paposo (Norte do Chile), por um lado, com os pescadores pré-históricos da cultura chinchorro do período arcaico, que habitavam a costa norte do Chile e a costa sul do Peru desde antes do período formativo. A partir de um vocabulário dos chango que habitavam exatamente a região de Paposo, coletado durante o século XIX, d'Ans (1976) demonstrou que sua língua era, de fato, uma variedade setentrional do pikunche, língua da família mapudungun outrora falada na região do Aconcagua (Zona Centro de Chile), dando um forte respaldo à correlação entre os chango do sul do Peru e do norte do Chile e os proto-mapuche do centro-sul deste país (Rothhammer *et alii id.*:225). Todas estas evidências estariam em completa concordância com a hipótese de Guevara (*op.cit.*) de que os proto-mapuche seriam oriundos de populações marisqueiras e pesqueiras da costa sul peruana que teriam mantido relações de afinidade com a civilização tiwanaku. Díaz Fernández (1992:198) sugere a possibilidade dos moche terem se expandido até a vizinhança do domínio dos proto-proto-mapuche e que, durante um período de contato, 14 termos mochika teriam entrado no léxico proto-mapudungun. À luz de mais paralelos linguísticos (Eloranta *et alii* 2015) e de todas as correlações interdisciplinares

acima expostas, é plenamente cabível que a região de contato entre o proto-proto-mapudungun e uma variedade do proto-mochika tenha sido a costa sul do Peru, como já haviam previsto Guevara (*op.cit.*) e Diaz Fernandez (*op.cit.*). Tal região teria sido, especificamente, a faixa litorânea entre Chincha e Nasca.

Um outro dado diz respeito à possível filiação dos *alka* ~ *ałka* com os proto-proto-mapuche. Em "Comentarios Reales de los incas", Garcilaso de la Vega (1918:182-183) informa que o inca Mayta Cápac, objetivando conquistar Kuntisuyu, teria encontrado forte resistência, por mais de dois meses, para conquistar o território dos Alka (~ Allka), que eram um dos três grupos etnolinguísticos mais fortes desta região. Berg contextualiza a invasão inca na região em detalhes:

“Ancient Alca is a six hectare site located on a ledge overlooking the modern district capital of Alca, approximately 60 km up the river from the Collota plateau. There was a wari presence at the site seen in the ceramic material, but after the wari collapse and before the inca intrusion the site doubled in size.” (Berg, 2006:29)

Este grupo etnolinguístico era também associado a Ayar Uchu, um dos quatro irmãos fundadores do império incaico, que por sua vez estaria associado com os territórios ao sul de Cusco. Em proto-mapudungun, o termo **alka* ~ **ałka* significa ‘macho/viril’.

Um último aspecto importante importante diz respeito a um dos mitos fundacionais dos mapuche.

“CHRENCHREN [era un] cerro marítimo que se elevaba hasta el cielo cuando el mar salía de madre; en su cumbre reposaba la serpiente de mismo nombre. Esta serpiente, amiga de los hombres, avisó cierto día a los mapuches que otra serpiente de gran poder llamada CAICAVILU tramaba la exterminación del género humano levantando el nivel del mar. Parte de los antepasados pudieron ascender a la cumbre del cerro en compañía de numerosos animales, y entonces CHRENCHREN hacia subir el cerro en la misma medida que aumentaba el nivel de las aguas. Así se salvaron los refugiados. (...) Pero en este terrible duelo entre las dos serpientes, CHRENCHREN llegó hasta cerca del sol donde el calor abrasador acabó con casi todos los seres humanos, por más que se cubrieron la cabeza con tiestos domésticos que servían de aisladores de los caldeados rayos. Una o dos parejas solamente se salvaron, previo sacrificio de un niño descuartizado y arrojado al embravecido mar para calmar la ira de CAICAVILU. (...) De esta o de estas parejas descenden los mapuches.” (Erize 1960:135-136)⁴⁷⁵

⁴⁷⁵ Tal mito provavelmente tenha emergido em decorrência de tsunamis ocorridos durante a pré-história.

Em outra versão, também se remonta a seguinte passagem:

“De todas las partes, indios y animales huían hacia las cuevas y CAICAIVILU los perseguía en su furor, cambiando en peces los hombres y en peñas los animales a quienes tocaba su baba.” (Erize *id.*:136)

Uma característica marcante da região dos vales costeiros do sul do Peru e norte do Chile é a presença de enormes geóglifos carregados de forte valor cosmológico, representando animais e pessoas (Clarkson & Briones 2001). No vale do Osmore-Tumilaca, especialmente nas proximidades de Moquegua – onde estão os sítios arqueológicos mais importantes da zona – há uma enorme montanha repleta destes geóglifos. A ‘coincidência’ mais impressionante, que associa esta região diretamente com o território de origem dos proto-mapuche, é justamente o nome desta montanha: Chenchen.

Os dois principais sítios arqueológicos da zona – Chenchen e Omo – teriam sido ocupados por populações distintas porém economicamente codependentes – a primeira subordinada à civilização tiwanaku e a segunda à civilização wari (Goldstein 2015), de modo que pode-se hipotetizar que nesta região também teriam ocorrido contatos entre falantes de proto-kechua IIC, de proto-aymara e de proto-mapudungun. Vale destacar, também, que o vale de Moquegua localiza-se no âmbito de Kuntisuyu, ou seja, na mesma zona onde habitavam os Alka (~ Allka) durante o período incaico. Além disto, dois dos principais topônimos da região podem ter etimologia proto-mapudungun:

- Ilo (KCH/AYM ilu) – nome da cidade localizada na foz do Osmore-Tumilaca e capital da província de mesmo nome;
- Moquegua (KCH/AYM muqiwa) – o nome do Departamento onde se encontra Ilo e toda a bacia do Osmore-Tumilaca.

Não há etimologia kechua, aymara ou pukina definida para os referidos topônimos. Há, porém, potenciais etimologias de origem proto-mapudungun:

- ilu : PMPD * ϕ ilu ‘cobra’ – que seria um termo fortemente associado com a questão mitológica acima mencionada, pois estaria associada ao refúgio/montanha/cobra Chenchen (compare com: AYM ilu- ‘plantar batata’, AYM iru ‘palha’; KCH iru ‘palha’, KCH p^hiru ‘arisco’);⁴⁷⁶

⁴⁷⁶ Tendo em vista que não há em aymara (nem em kechua) o fonema / ϕ /, não é impossível que a forma [ilu] seja uma corruptela aymarizada de PMPD * ϕ ilu via aférese.

- muqiwa [moqewa]: **PMPD** *moqe-we ‘vivo/viver-NMZ.LOC = ‘(lugar de) sustento’ – um termo que faria referência direta ao mito, pois representaria o local onde Chenchen possibilitou a perpetuação da vida aos proto-proto-mapuche; esta etimologia apresentaria, também, uma associação referencial com a noção de ‘terra natal’ (compare com: **AYM** muqi- ‘bater a cabeça’, **AYM** mukʔi- ‘umidade’; **KCH** muqi- ‘inveja’).⁴⁷⁷

Tendo em vista todas as considerações acima e as informações arqueológicas e linguísticas apresentadas em §3.3.2.8-3.3.2.10 e §4, é possível inferir os seguintes desenvolvimentos diacrônicos para os proto-mapuche:

- (i) o território original dos ancestrais dos proto-proto-mapuche teria sido o litoral e vales costeiros do sul do Peru entre Chíncha e Nasca; neste sentido, o presente estudo levanta a hipótese de que esta população teria sido a produtora das culturas paracas/nasca;
- (ii) a partir da premissa de que os ancestrais dos proto-proto-mapuche teriam se constituído como uma sociedade essencialmente pesqueira e navegadora, é condizente a hipótese de que, utilizando-se da corrente de Humboldt, eles teriam sido um dos povos responsáveis pelo comércio de bens estocados em seu território com as sociedades da costa norte peruana (moche, sicán e sechura) através da rota marítima sul – norte;
- (iii) desde ao menos a primeira metade do primeiro milênio d.C. os ancestrais dos proto-proto-mapuche teriam mantido contato relativamente intenso com as populações da bacia do Mantaro, falantes de variedades do proto-kechua II (cf.: §4.2.2.14.3);
- (iv) a partir do vale de Mantaro teriam também entrado em contato com populações de origem arawak, falantes de línguas da divisão ocidental (cf.: §4.2.1.4.1.15);
- (v) a partir do século VI d.C. iniciaram várias incursões de civilizações complexas (moche, wari, tiwanako) para os vales e a costa sul-peruana, com o intuito de controlar as rotas de comércio estratégicas: (i) as terrestres, que interligavam o altiplano com o litoral centro-sul do Peru e (ii) a marítima, que interligava toda

⁴⁷⁷ Tendo em vista que existem topônimos de origem aymara terminados em -wa, não é impossível que a forma [moqewa] seja uma corruptela aymarizada de **PMPD** *moqewe.

a costa peruana no sentido sul-norte; a este processo estaria associado o início de um período de aridez extrema na costa peruana, que teria forçado os descendentes dos nasca a se anicharem nas partes altas dos vales costeiros da região sul do Peru, que se constituíam como verdadeiros oásis;

- (vi) dados arqueológicos e genéticos apontam que estes descendentes dos nasca teriam se miscigenado com os wari, resultando numa população híbrida wari-nasca e que, desde então, teriam passado a influenciar fortemente as sociedades contemporâneas da região altiplânica e dos vales costeiros localizadas entre Ayacucho e Moquegua; tal influência teria inclusive afetado populações dos vales costeiros sul-peruanos (Cabuza) e norte-chilenos (Azapa) (Goldstein 2000; Silverman & Proulx 2002:92-93; Minkes 2005:258);
- (vii) neste contexto teria ocorrido a etnogênese dos proto-proto-mapuche, que se identificariam possivelmente com os produtores da cultura ilo-tumilaca-cabuza da região de Moquegua;
- (viii) a partir do século XI d.C., com a fragmentação simultânea das civilizações wari e tiwanaku e do término do período de aridez extrema, houve um intenso processo de imigração de contingentes populacionais altiplânicos para os vales e a costa, como apontado pelos estudos genéticos (Fehren-Schmitz *et alii* 2011); tal evento teria provocado a debandada dos proto-proto-mapuche, ainda anichados na bacia do Osmore-Tumilaca, em direção ao sul até a região tradicionalmente conhecida como Araucania;
- (ix) os proto-mapuche teriam emergido da miscigenação destes migrantes com as populações locais produtoras das cerâmicas Llolleo e Pitrán, os quais, desde então, teriam produzido a cerâmica da tradição El Vergel.

PARTE III CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo demonstrou que dinâmicas de evolução linguística radicalmente diferentes podem ser observadas nos ecossistemas linguísticos que emergiram na América do Sul. Nos Andes, momentos de forte ruptura foram essenciais aos processos de reformulação e amplificação das complexidades observadas nas sociedades que ali emergiram. Entretanto, esta complexificação foi suficientemente estável para que um processo de total ruptura não tenha desestruturado toda uma gama de tradições tecidas pelas relações intersociais desde o formativo – pois diversas evidências diagnósticas de uma continuidade socio-cultural neste espaço-tempo puderam ser identificadas. As etapas de desenvolvimento desta complexidade nos Andes se caracterizaram por ocorrerem em períodos mais duradouros do que os observados para as etapas de desenvolvimento da complexidade social nas terras baixas. Em certas porções das terras baixas a possibilidade de ruptura social era relativamente mais iminente do que nos Andes, dada a maior mutabilidade dos ecossistemas intersociais ali vigentes e a menor magnitude dos sistemas sociais deles participantes.

Por outro lado, nas porções das terras baixas tropicais destituídas de uma patente diversidade ecofisiográfica de terras habitáveis, casos de isolamento cultural foram observados. Tais casos emergiram justamente em decorrência da maior probabilidade de haver especialização socioecológica em regiões com características ecológicas relativamente menos ‘favoráveis’ (Meggers 1971), as quais se constituem como *habitats* que potencialmente repelem a competição intersocial. Isto é um fato, pois estas regiões acabam se caracterizando como territórios indesejados por populações que não desenvolveram ao longo de séculos as técnicas necessárias de manejo e sobrevivência naquele ecossistema. Este é o caso, por exemplo, (i) dos warao dos manguezais do delta do Orinoco, (ii) dos kawesqar e yagan do extremo sul da patagônia, (iii) dos yate da caatinga do nordeste brasileiro e (iv) dos guato do pantanal. Os ancestrais destas populações teriam provavelmente permanecido por séculos nas imediações destes ambientes até terem desenvolvido um modo de vida bastante peculiar para definir justamente ali o seu território. Isto não implica que estas populações não participassem de um modo ou de outro de esferas de interação regionais, mas, independentemente disto, sempre puderam manter uma hegemonia praticamente absoluta em seu território tradicional. O mesmo parece ter ocorrido com as populações dos vales existentes na grande faixa desértica que ladeia boa parte da costa do Pacífico, que teriam se desenvolvido em cada um destes âmbitos por

longos períodos em relativo isolamento, os quais distam, por vezes, centenas de quilómetros entre si.⁴⁷⁸ A reintegração destas sociedades em esferas multiétnicas esteve durante a pré-história muitas vezes vinculada a processos de interação emergidos do altiplano, onde as condições ecológicas e estratégicas favoreceram distintos processos de integração intersocial.

Contrastivamente, as regiões estratégicas de obtenção de recursos proteicos e/ou próprias para o cultivo de certas plantas domesticadas foram palco de intensa competição por seu domínio. Em vários destes âmbitos teriam emergido, conseqüentemente, as principais esferas de interação da América do Sul, muitas das quais foram mapeadas neste estudo, a saber:

- (i) Esfera de interação Caquetá-Japurá (1000 a.C. – 400 d.C.);
- (ii) Esfera de interação Caquetá-Negro (1 d.C. – 1700 d.C.);
- (iii) Esfera de interação circum-Marañón (1500 a.C. – 1600 d.C.);
- (iv) Esfera de interação circum-Titicaca (1500 a.C. – 1600 d.C.);
- (v) Esfera de interação da Amazônia Central (2000 a.C. – 1700 d.C.);
- (vi) Esfera de interação de San Agustín (1 d.C. – 1600 d.C.);
- (vii) Esfera de interação do Alto Amazonas (600 a.C. – 1600 d.C.);
- (viii) Esfera de interação do Baixo Amazonas (2000 a.C. – 1600 d.C.);
- (ix) Esfera de interação do Baixo/Médio Paraguai (500 a.C. – 1600 d.C.);
- (x) Esfera de interação do Médio Orinoco (400 d.C. – 1600 d.C.);
- (xi) Esfera de interação do Pantanal do Guaporé (500 d.C. – 1600 d.C.);
- (xii) Esfera de interação do Brasil Central (1500 a.C. – 1700 d.C.);
- (xiii) Esfera de interação do Ucayali (200 d.C. – 1600 d.C.);
- (xiv) Esfera de interação dos Andes Centrais (1500 a.C. – 1500 d.C.);
- (xv) Esfera de interação Negro-Orinoco (800 d.C. – 1700 d.C.);
- (xvi) Esfera de interação nuclear da Área Intermédia (1500 a.C. – 1500 d.C.);
- (xvii) Esfera de interação Putumayo-Caquetá (1 d.C. – 1700 d.C.);
- (xviii) Esfera de interação transandina dos Andes Centrais (500 a.C. – 600 d.C.);
- (xix) Esfera de interação transandina dos Andes Setentrionais (1500 a.C. – 1600 d.C.).

Cada uma destas esferas de interação oferece uma infinidade de novas oportunidades de investigação científica para o aprofundamento do conhecimento sobre as interações culturais e linguísticas ocorridas durante a pré-história. Estes resultados também apontam para uma série

⁴⁷⁸ Tais vales distam, por vezes, centenas de quilómetros entre si.

de estudos genéticos que podem ser feitos para se averiguar se, para cada uma destas esferas, os povos que dela participaram compartilham linhagens haplotípicas capazes de diagnosticar miscigenação interétnica nestes âmbitos.

Conclui-se, também, que a pré-história observada nas terras baixas após a introdução da agricultura se divide unicamente em três períodos: (i) formativo, onde a agricultura incipiente teria sido iniciada por diversas populações; (ii) intermédio, onde ocorre a difusão de plantas domesticadas e técnicas de cultivo intensivo, provavelmente vinculada à expansão/migração de povos de distintas origens associadas à emergência de diversas esferas de interação regionais e; (iii) tardio, onde se observa a consolidação e evolução significativa destas esferas de interação regionais e multiétnicas. Entretanto, tais esferas de interação não teriam se integrado a um estágio tal de complexidade que as vinculasse, sem exceção, diretamente a uma única macroesfera plenamente integrada, como claramente se observa nos Andes Centrais e seu entorno.

Como já mencionado acima, observações de contato linguístico na pré-história sul-americana demonstram que, enquanto as culturas e línguas andinas conjuntamente se influenciaram em esferas de interação bem integradas, as relações de contato nas terras baixas estiveram vinculadas fundamentalmente a esferas de interação regionais relativamente mais instáveis, do que teria ocasionado um efeito oposto ao observado nos Andes: de forte diferenciação cultural e linguística. Em vista disto, um campo enorme de investigação se abre, pois os resultados ora apresentados apontam que seriam efetivamente a diversidade e a inconstância dos modos de interferência intersocial ocorridos em diversos âmbitos das terras baixas tropicais da América do Sul os responsáveis pela emergência da imensa diversidade etnolinguística encontrada durante o período histórico. Tais processos cumulativos teriam fomentado grandemente a ocorrência de processos etnogênicos, alguns dos quais seriam, inclusive, resultantes de crioulização. Os resultados alcançados nesta tese colocam em evidência, assim, uma enorme gama de vertentes investigativas referentes à dinâmica da evolução cultural e etnolinguística da América do Sul que merecem ser aprofundadas no futuro, dentre as quais aquelas envolvendo especificamente os seguintes conjuntos etnolinguísticos:

- (i) arawa, katukina-katawixi e harakmbet;
- (ii) arawak e bora-muinane;
- (iii) arawak e duho;
- (iv) arawak e kandoxi;

- (v) arawak e kechua;
- (vi) arawak e kwaza;
- (vii) arawak e muniche;
- (viii) arawak e pano;
- (ix) arawak e pukina;
- (x) arawak e takana;
- (xi) arawak e urarina;
- (xii) arawak e witoto-okaina;
- (xiii) arawak e zaparo;
- (xiv) choko, yaruro, witoto-okaina e bora-muinane;
- (xv) choko e guahibo;
- (xvi) cholon-hibito e barbakoa;
- (xvii) cholon-hibito e mochika;
- (xviii) duho e andoke-urekena;
- (xix) karib e nambikwara;
- (xx) karib e warao;
- (xxi) kunza e kechua;
- (xxii) leko e omurano;
- (xxiii) macro-mataguayo-guaykuru e macro-jê;
- (xxiv) macro-mataguayo-guaykuru e trumai;
- (xxv) mapuche e kechua;
- (xxvi) mapuche e mochika;
- (xxvii) mochika e barbakoa;
- (xxviii) mochika e kandoxi;
- (xxix) nambikwara e macro-jê;
- (xxx) nambikwara, peba-yagua e kwaza;
- (xxxi) tukano e barbakoa;
- (xxxii) tukano e choko;
- (xxxiii) tukano e duho;
- (xxxiv) tukano e pano-takana;
- (xxxv) tupi e jivaro;
- (xxxvi) tupi e nambikwara;

(xxxvii) tupi e puinave-nadahup.

Nas terras baixas, a influência oriunda de populações originalmente localizadas em pontos muito distantes foi unicamente resultante da migração de parte de uma delas para o território ou imediações da outra; nestes casos, a primeira teria então se inserido na esfera de interação regional previamente participada pela última. Isto é evidente, pois os casos de empréstimos envolvendo populações originalmente localizadas a longas distâncias é visivelmente unilateral, i.e, resultante do contato dos migrantes com populações preexistentes na região imigrada, dado que a influência das línguas das populações encontradas na esfera de interação que absorveu a população migrante não existe na região originalmente habitada pelos migrantes. É evidente, deste modo, que não existiam esferas de interação entre estas populações, caso contrário a influência seria mútua e não unilateral. Como dito anteriormente, influências linguísticas e culturais mútuas apenas ocorreram em âmbito regional, e não supra-regional, como se observa nos Andes Centrais e na Amazônia Central desde o formativo. Esta conclusão é amplamente suportada por estudos genéticos, que demonstram uma enorme diferença nos padrões de composição das populações do ocidente sul-americano com aqueles das populações do oriente deste continente, tendo as primeiras um caráter muito mais homogêneo do que as últimas. Isto representa uma prova de que os processos de integração intersocial interregionais existentes no ocidente do continente sul-americano durante a pré-história foram muito mais intensos e duradouros do que aqueles ocorridos nas terras baixas bem a leste dos Andes.

Aspectos deste modelo poderão ser testados fundamentalmente à luz de mais resultados de investigações de cunho linguístico, genético, arqueológico e etno-histórico. No que tange à linguística, investigações futuras poderão adotar um *corpus* lexical mais extenso ou uma abordagem de interferências em outros níveis linguísticos para testar as postulações do modelo ora apresentado. Deste modo, ele poderá ser futuramente atualizado a partir da integração de maiores inferências multidisciplinares.

Para finalizar, é importante salientar que, enquanto estudos pontuais são importantes no seu sentido descritivo, eles são limitados no alcance de resultados sobre evoluções num expoente ecossistêmico, isto é, realístico. Do mesmo modo que um único estudo desenvolvido dentro da plataforma ecolinguística não pode responder com precisão a todas as questões investigativas, ele pode, certamente, alçar luz a muitas questões que ainda permanecem pouco esclarecidas justamente por abordar da forma o mais realística possível o seu objeto de estudo.

Em decorrência disto, o próprio resultado de uma pesquisa desenvolvida no âmbito ecossistêmico acaba por apontar vários outros estudos focais necessários, os quais poderão ser desenvolvidos independentemente, porém pensados como módulos integrados de pesquisa, objetivando o *feedback* necessário à plataforma investigativa que detectou tais focos investigativos de modo que seus resultados automaticamente atualize os contextos investigativos desta mesma plataforma.

Embora a natureza, de fato, se desenvolva neste meio multidimensional, é hipoteticamente possível trabalhar num viés empírico como se ela estivesse desvinculada da realidade, como num experimento laboratorial. Como buscou-se deixar claro nesta tese, isto equivale a uma tentativa de recriar a natureza fora de seu contexto natural, como se se pudesse eliminar a dimensão do tempo da realidade, como se a realidade pudesse ser vista como uma fotografia. Obviamente fatos conseguem ser observados num universo ficticiamente estático e, avaliações iniciais precisam ser retratadas através dele para que, a partir dos dados ali obtidos, investigações futuras possam ser realizadas. Entretanto, não se pode ignorar o fato de que esta retratação foi feita a partir da eliminação de vários aspectos que perfazem a natureza da realidade, de modo que o resultado é sempre, em si, limitado pela própria inerência das perspectivas investigativas tradicionais. Enfim, todo este ‘interlúdio’ representa uma clara constatação de que qualquer investigação que tenha o objetivo de explicar a história, e não somente de buscar retratar alguns de seus aspectos, necessariamente precisa ser interdisciplinar e, conseqüentemente, ser necessariamente desenvolvido dentro da plataforma ecossistêmica.

BIBLIOGRAFIA:

REFERÊNCIAS CITADAS

AA.VV. (2009). *Atlas sociolingüístico de pueblos indígenas en América Latina*. AECID, FUNPROEIB Andes e UNICEF, Ecuador.

ABERLE, D. F. (1960). The Influence of Linguistics on Early Culture and Personality Theory. Em: G. E. Dole & R. L. Carneiro (eds.), *Essays in the Science of Culture in Honor of Leslie A. White*, 1-29. New York: Crowell.

ABREU, J. C. G. (Barão de Marajó) (1896). *As Regiões Amazônicas: estudos chorographicos dos estados do Gram Pará e Amazonas*. Lisboa: Imprensa de Libanio da Silva.

ACKOFF, R. L. (1981). *Creating the Corporate Future: plan or be planned for*. New York: John Wiley & Sons.

ADELAAR W. F. H. (2000). Propuesta de un nuevo vínculo genético entre dos grupos lingüísticos indígenas de la Amazonía occidental: Harakmbut y Katukina. Em: L. Miranda (ed.), *Actas I Congreso de lenguas indígenas de Sudamérica*, 2:219-236. Lima: Universidad Ricardo Palma.

_____ (2006). The Quechua Impact in Amuesha, an Arawak Language of the Peruvian Amazon. Em: A.Y. Aikhenvald & R. M. W. Dixon (eds.), *Grammars in Contact. A Cross-Linguistic Typology*, 290-312. Oxford/New York: Oxford University Press.

_____ (2007). Ensayo de clasificación del Katawixí dentro del conjunto Harakmbut-Katukina. Em: A. Romero-Figueroa, A. Fernández-Garay & A. Corbera Mori (eds.), *Lenguas indígenas de América del Sur. Estudios descriptivo-tipológicos y sus contribuciones para la lingüística teórica*, 159-169. Caracas: Universidad Católica Andrés Bello.

_____ (2008). Relações externas do Macro-Jê: O caso do Chiquitano. Em: S. Telles & A. S. de Paula (eds.), *Topicalizando Macro-Jê*, 9-27. Recife: Nectar

_____ (2010). Trayectoria histórica de la familia lingüística quechua y sus relaciones con la familia lingüística aimara. *Boletín de Arqueología PUCP*, 14:239-254.

_____ (2012). Modeling convergence: Towards a reconstruction of the history of Quechuan-Aymaran interaction. *Lingua*, 122:461-469.

_____ (2012). Cajamarca Quechua and the expansion of the Huari state. Em: D. Beresford-Jones & P. Heggarty (eds.), *Archaeology and Language in the Andes*, 197-217. Proceedings of the British Academy. Oxford: Oxford University Press.

_____ (2013). Quechua I y Quechua II: En defensa de una distinción establecida. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, 5.1:45-65.

_____; MUYSKEN, P. C. (2004). *The Languages of the Andes (Cambridge Language Surveys)*. Cambridge: Cambridge University Press.

_____; VAN DE KERKE, S. (2009). Puquina. Em: M. Crevels & P. Muysken (eds.), *Lenguas de Bolivia, vol. I*, 125-146. La Paz: Plural editores.

ADGER, D. (2002). *Core Syntax: A Minimalist Approach*. Oxford: University of Oxford Press.

AGUADO, P. DE (1930) [1581]. *Recopilación Historial*. Madrid: Edic. Espasa Calpe.

AGÜERO PIWONKA, C. (2000). Las tradiciones de tierras altas y de valles occidentales en la textilería arqueológica del valle de Azapa. *Chungara*, 32.2:217-226.

AGUILÓ, F. (1991). *Diccionario kallawaya*. La Paz: MUSEF.

AHUÉ, F. *et al.* (2002). *Libro guía del maestro. Materiales de lengua y cultura ticuna. Colección Textos Escolares*. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia.

AIKHENVALD, A. Y. (1996). Areal diffusion in Northwest Amazonia: the case of Tariana. *Anthropological Linguistics*, 38.73-116.

_____ (1999a). The Arawak language family. Em: R. M. W. Dixon & A. Aikhenvald (eds.), *The Amazonian Languages*, 65-106. Cambridge: Cambridge University Press.

_____ (1999b). Areal diffusion and language contact in the Içana-Vaupés basin, north-west Amazonia. Em: R. M. W. Dixon & A. Aikhenvald (eds.), *The Amazonian Languages*, 384-416. Cambridge: Cambridge University Press.

_____ (2001). Areal diffusion, genetic inheritance, and problems of subgrouping: A North Arawak case study. Em: A. Aikhenvald & R. M. W. Dixon (eds.), *Areal Diffusion and Genetic Inheritance: Problems in Comparative Linguistics*, 167-194. Oxford: Oxford University Press.

_____ (2002). *Language Contact in Amazonia*. Oxford: Oxford University Press.

_____ (2007). Semantics and pragmatics of grammatical relations in the Vaupés linguistic area. Em: A. Aikhenvald & R. M. W. Dixon (eds.), *Grammars in Contact: A cross-linguistic typology (Explorations in Linguistic Typology 4.)*, 237-266. Oxford: Oxford University Press

_____ (2011). The wonders of the Gran Chaco: Setting the scene. *Indiana*, 28:171-81.

_____ (2012). Language contact in language obsolescence. Em: C. Chamoreau & I. Léglise (eds.), *Dynamics of Contact-induced Language Change*, 77-110. Berlin/Boston: Walter de Gruyter.

_____; DIXON, R. M. W. (2006). *Areal Diffusion and Genetic Inheritance: Problems in Comparative Linguistics*. Oxford: Oxford University Press.

AIZPURU, M. P. G. (1956). Historia de los indios Choco. *Revista española de antropología americana*, 2:120-141.

ALBERT, B. (1985). *Temps du sang, temps de cendres: Représentation de la maladie, système rituel et espace politique chez les Yanomami du sud-est (Amazonie brésilienne)*. Paris: Université de Paris X. (Tese de Doutorado).

ALCONINI MCELHINNY, S. (2008). Introducción. Em: S. Alconini (ed.), *El Inkario en Los Valles Del Sur Andino Boliviano: Los Yamparas entre la arqueología y la etnohistoria*, 1-9. Oxford: Hadrian.

_____; RIVERA CASANOVAS, C. (2003). La tradición cerámica “estampada e incisa de bordes doblados” en la Vertiente Oriental de los Andes: Un caso de interacción e influencia desde las zonas bajas. Em: G. Ortiz & B. Ventura (eds.), *La mitad verde del mundo andino: Investigaciones Arqueológicas en la Vertiente Oriental de los Andes y las Tierras Bajas de Bolivia y Argentina*, 153-177. Jujuy: Universidad Nacional de Jujuy.

ALEXANDER-BAKKERUS, A. (2005). *Eighteenth-Century Cholón*. Utrecht: Universiteit Leiden Landelijke Onderzoekschool Taalwetenschap.

_____ (2011). *Cholón - Yaneshá, a case of language contact?* Comunicação apresentada no 'GC Language Contact', SLE 2011, 8-11 de setembro. Logroño: Universidad de La Rioja.

ALEXIADES, M. N.; PELUSO, D. M. (2009). Plants ‘of the Ancestors’, Plants ‘of the Outsiders’: Ese Eja History, Migration and Medicinal Plants'. Em: M. N. Alexiades (ed.) *Mobility and Migration in Indigenous Amazonia: Contemporary Ethnoecological Perspectives*, 220-248. New York / Oxford: Berghahn Books.

ALLEN, W. L. (1968). *A ceramic sequence from the Alto Pachitea, Peru: Some implications for the development of tropical forest culture in South America*. Urbana: University of Illinois. (Tese de Doutorado).

ALLIN, T. R. (1976). *A grammar of Resígaro (3 vols)*. Horseleys Green, High Wycombe: Summer Institute of Linguistics.

ALMEIDA, F. O. de (2013). *A Tradição Polícroma no Alto Rio Madeira*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP.

ALONZO SUTTA, A. (2002). Algunas evidencias lingüísticas del contacto quechua-lenguas amazónicas. *Revista Lengua y Sociedad*, 4:71-79. Lima: Instituto de Lingüística Aplicada (CILA).

ALVES, D. (2012). *Ocupação Indígena na Foz do rio Tapajós (3260-960 AP): estudo do sítio Porto de Santarém, Baixo Amazonas*. Belém: Universidade Federal do Pará. (Dissertação de Mestrado).

AMARU B., I. (1994). Reconstruyendo la identidad de un pueblo. Em: K. Makowski, Ch. B. Donnan, I. Amaro Bullon, L. Jaime Castillo, M. Diez-Canseco, O El'espuru Revoredo & J. A. Murro Mena (eds.), *Vicús*, 23-82. Lima: Banco del Crédito del Perú.

ANDERSEN, H. (1988). Center and periphery: adoption, diffusion and spread. Em: Fisiak J. (ed.), *Historical dialectology: Regional and Social (Trends in Linguistics, Studies and Monographs, 37)*, 39-83. Berlin: Mouton de Gruyter.

ANDRIEN, K. J. (2001). *Andean worlds: Indigenous history, culture, and consciousness under Spanish rule, 1532-1825*. Albuquerque: University of New Mexico.

ANONBY, S; ANONBY, S. (2007). A report on three Arauan speech varieties (Jamamadi, Jarawara, and Banawá) of the Amazon. *SIL Electronic Survey Reports*, 2007-022.

ARELLANO, A. J. (2014). Territorios prehispánicos en las regiones interfluviales, norte de la Amazonía del Ecuador. *Bulletin de l'Institut français d'études andines*, 43.1:111-132.

ARELLANO, F. (1987). *Una introducción a la Venezuela prehispánica: culturas de las naciones indígenas venezolanas*. Caracas: Universidad Católica Andrés Bello.

ARIAS ALVIS, L. (2012). *Estudio de la variación genética en el ADN mitocondrial de nativos americanos de la amazonía y restos óseos prehispánicos de los andes colombianos*. Santiago de Cali: Universidad del Valle. (Dissertação de Mestrado).

ARISTÓTELES; TREDENNICK, H. (trad.) (1933). *Aristotle: Metaphysics, Volume I: Books 1-9*. Loeb Classical Library, 271. London: Heinemann.

_____ ; TREDENNICK, H. (trad.); Armstrong, G. C. (trad.) (1935). *Aristotle: Metaphysics, Volume II: Books 10-14. Oeconomica. Magna Moralia*. Loeb Classical Library, 287. London: Heinemann.

ARMENTIA, N. (1886). *Diario del viaje al Madre de Dios*. La Paz.

ARNDT, W. W. (1959). The performance of glottochronology in Germanic. *Language*, 35:180-192.

ARROYO-KALIN, M. (2008). *Steps towards an ecology of landscape: a geoarchaeological approach to the study of anthropogenic dark earths in the central Amazon region, Brazil*. Cambridge: University of Cambridge. (Tese de Doutorado).

_____ (2010). A domesticação na paisagem: os solos antropogênicos e o Formativo na Amazônia. Em: E. Pereira & V. Guapindaia (eds.), *Arqueologia Amazônica* 2, 367-396. Belem: Museu Paraense Emílio Goeldi.

ASCHMANN, R. P. (1993). *Proto Witotoan*. SILPL 114. Dallas: SIL/University of Texas at Arlington.

ATKINSON, R. C.; SHIFFRIN, R. M. (1968). Human memory: A proposed system and its control processes. Em: K. W. Spence & J. T. Spence (eds.), *The psychology of learning and motivation*, 2:89-195. New York: Academic Press.

AYALA, P. (2001). Las sociedades formativas del altiplano circuntitica y meridional y su relación con el norte grande de Chile. *Estudios Atacameños*, 21:7-39.

BACADARE KIKUSHIMA, S. S. (2012). *Simonero. Áreas de actividad y modo de subsistencia en un sitio prehispánico tardío en el Orinoco Medio*. Caracas: Universidad Central de Venezuela. (Tese de Doutorado).

BADDELEY, A. D.; HITCH, G. (1974). Working memory. Em: G. H. Bower (ed.), *The psychology of learning and motivation: advances in research and theory*, 8:47-89. New York: Academic Press.

BAHAMONDES MUÑOZ, F. (2009). *La cerámica prehispánica tardía de Araucanía septentrional: el complejo arqueológico el Vergel y su relación con la hipótesis del proceso de andinización*. Santiago: Universidad de Chile. (TCC).

BAILEY, CH. (1982). *On the yin and yang nature of language*. Ann Arbor: Karoma.

BAKKERUS, A. (2011) *Cholón - Yaneshá, a case of language contact?* Comunicação apresentada em SLE 2011, 8-11 Setembro. Logroño: Universidad de la Rioja.

BARRETO, C. N. G. (2008). *Meios místicos de reprodução social: arte e estilo na cerâmica funerária da Amazônia Antiga*. São Paulo: USP. (Tese de Doutorado).

BARSE, W. P. (1989). *A Preliminary Archeological Sequence in the Upper Orinoco River Valley, Territorio Federal Amazonas, Venezuela*. Washington: Catholic University of America. (Tese de Doutorado).

_____ (1990). Pre-ceramic Occupations in the Orinoco River Valley. *Science*, 250:1388-1390.

_____ (1995). El período arcaico en el Orinoco y su contexto en el norte de Sudamérica. Em: I. Cavellier & S. Mora (eds.), *Ambito y Ocupaciones Tempranas de la América Tropical*, 99-114. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología y Fundación Erigaie.

BARTH, TH. F. W. (1969). *Ethnic groups and boundaries. The social organization of culture difference*. Oslo: Universitetsforlaget.

BASSO, E. (ed.) (1977). *Carib Speaking Indians, Culture, and Society*. Tucson: University of Arizona Press.

BASTARDAS-BOADA, A. (2002). Biological and linguistic diversity: Transdisciplinary explorations for a socioecology of languages. *Diversité langues*, 7.

BATAI, K. (2012). *Effects of female gene flow and effective population size on Old and New World mitochondrial DNA patterns*. Carbondale: Southern Illinois University. (Tese de Doutorado).

_____; WILLIAMS S. R. (2014a). Genetic evidence of the Aymara expansion and mitochondrial variation in the central Andes. *American Journal of Human Biology* 26.3:321-30.

_____; _____ (2014b). Mitochondrial Variation among the Aymara and the Signatures of Population Expansion in the Central Andes. *American Journal of Human Biology*, 26:321-330.

BAUER, B. (2004). *Ancient Cuzco: Heartland of the Inca*. Austin: University of Texas Press.

BAWDEN, G. (1996). *The Moche*. Cambridge: Blackwell.

BECKER, S. K.; ALCONINI, S. (2015). Head extraction, inter-regional exchange, and political strategies of control in the Kallawayá territory of Bolivia during the late Formative to Tiwanaku period transition (AD 500-800). *Latin American Antiquity*, 26(1):30-48.

BECKER-DONNER, E. (1955). Notizen über einige Stämme an den rechten Zuflüssen des Rio Guaporé. *Archiv für Völkerkunde*, 10:275-343.

BECKERMAN, S.; VALENTINE, P. (2002). *Cultures of multiple fathers: The theory and practice of partible paternity in Lowland South America*. Gainesville: University Press of Florida.

BELLETTI, J. da S. (2015). *A arqueologia do Lago Tefé e a expansão policroma*. São Paulo: USP. (Dissertação de Mestrado).

BELLWOOD, P. (1995). Austronesian prehistory in Southeast Asia: Homeland, expansion and transformation. Em: P. Bellwood, J. J. Fox, & D. Tryon (eds.), *The Austronesians: Historical and Comparative Perspectives*, 96-111. Canberra: Department of Anthropology, Australian National University.

BENSON, E. P. (2012). *The Worlds of the Moche on the North Coast of Peru*. Austin: University of Texas Press.

BERENQUER RODRÍGUEZ, J. (2000). *Tiwanaku: Señores del lago sagrado*. Santiago: Museo Chileno de Arte Precolombino.

_____ ; SINCLAIRE, C.; CORNEJO, L.; ESCOBAR M. (2008). *Pescadores de la niebla. Los changos y sus ancestros*. Santiago: Museu Chileno de Arte Precolombiano.

BERESFORD-JONES, D.; HEGGARTY P. (2012). Broadening Our Horizons: Towards an Interdisciplinary Prehistory of the Andes.' Em: D. Beresford-Jones & P. Heggarty (eds.), *Archaeology and Language in the Andes*, 57-84. Proceedings of the British Academy. Oxford: Oxford University Press

BERG, I. K. (2006). *HiStories. On (Pre)Historical Multivocality in Archaeology*. Lund: Lund University.

BERGSLUND, K.; VOGT, H. (1962). On the validity of glottochronology. *Current Anthropology*, 3:115-153.

BERLIN, B.; BREEDLOVE, D. E.; RAVEN, P. H. (1973). General principles of classification and nomenclature in folk biology. *American Anthropologist*, 75(1):214-242.

BERT, F.; CORELLA, A.; GENE, M.; PEREZ-PEREZ, A.; TURBON, D. (2004). Mitochondrial DNA diversity in the Llanos de Moxos: Moxo, Movima and Yuracare Amerindian populations from Bolivia lowlands. *Ann Hum Biol*, 31:9-28.

BERTALANFFY, L. VON (1955). An essay on the relativity of categories. *Philosophy of Science*, 225:243-263.

_____ (1968). *General system theory: Foundations, Development, Applications*. New York: George Braziller.

BESPALEZ, E. (2014). *As formações territoriais na Terra Indígena Lalima, Miranda/MS: os significados históricos e culturais da Fase Jacadigo da Tradição Pantanal*. São Paulo: USP. (Tese de Doutorado).

_____ (2015). Arqueologia e história indígena no Pantanal. *Estudos avançados*, 29.83:45-86.

BETANCUR MONTOYA, J. R. (2006). Marcadores solares en la cultura de San Agustín. *Boletín de Antropología Universidad de Antioquia*, 20.37:184-205.

BETANZOS, J. DE (1551). *Suma y narración de los Yngas*. Palma de Mallorca. (Manuscrito).

BEUCHAT, H.; RIVET, P. (1908). La Famille Linguistique Záparo. *Journal de la Société des Américanistes*, 5:235-249.

_____ ; _____ (1909). La langue Jíbaro ou Šiwora. *Anthropos*, 4:805-22/1053-64.

_____ ; _____ (1910a). La langue jibaro ou Šiwora 2. *Anthropos*, 5:1109-24.

_____ ; _____ (1910b). Affinités de langues du sud de la Colombie et du nord d'Equateur. *Le Muséon*, 2:33-68/141-198.

BICKLEY V. C. (1982). Language as the Bridge. Em: S. Bochner (ed.), *Cross-Cultural Interaction*. Oxford: Pergamon Press.

BIGELOW, R. (1969) *The Dawn Warriors; Man's evolution towards peace*. Boston: Little Brown & Co..

BINFORD, L. R. (1965). Archaeological Systematics and the Study of Culture Process. *American Antiquity*, 31.2(1):203-210.

_____ (1972). *An Archaeological Perspective*. New York: Seminar Press.

BIORD-CASTILLO, H. (1985). El contexto multilingüe del sistema de interdependencia regional del Orinoco. *Antropológica*, 63-64:83-101.

BIRD, D. W.; O'CONNELL, J. F. (2006). Behavioral Ecology and Archaeology. *Journal of Archaeological Research*, 14.2:143-188.

BISSO-MACHADO, R.; BORTOLINI, M. C. SALZANO, F. M. (2012). Uniparental genetic markers in South Amerindians. *Genetics and Molecular Biology*, 35.2:365-387.

BLANTON, R. E. (1976). The role of symbiosis in adaptation and sociocultural change in the Valley of Mexico. Em: E. R. Wolf (ed.), *The Valley of Mexico: studies in pre-Hispanic ecology and society*, 181-202. Albuquerque: University of New Mexico Press.

BLENCH, R. (2014). *The Austronesians: An agricultural revolution that failed*. Comunicação apresentada em: 'Second International Conference on Taiwan Indigenous Peoples', 15-17 September, 2014. Shung Ye Museum, Taipei, Taiwan.

BLOM, D. E. (1999). *Tiwanaku regional interaction and social identity: a bioarchaeological approach*. Chicago: University of Chicago. (Tese de Doutorado).

BLOOMFIELD, L. (1926). A set of postulates for the science of language. *Language*, 2.3:153-64.

_____ (1933). *Language*. New York: Henry Holt.

BOAS, F. (1911a). *The Mind of Primitive Man*. New York: The Macmillan Company.

_____ (1911b). *Handbook of American Indian Languages (Bulletin of the Bureau of American Ethnology, 40.1)*. Washington: Smithsonian Institution.

BOLAÑOS, K. (2011). *Evaluando la relación lingüística de Kakuá y Puinave, dos lenguas del noroeste Amazónico, Colombia*. (Manuscrito).

_____; EPPS, P. (2009). *Linguistic Classification of Kakua, a language of Northwest Amazonia*. Comunicação apresentada na “Conference of Indigenous Languages of Latin America, CILLA-IV” em 31/10/2009. University of Texas at Austin.

BOLOTIN, Y.; TUR, A.; YANOVSKY, V. (2009). *Chaos: Concepts, Control and Constructive Use*. New York: Springer.

BOLTZMANN, L. (1886[1974]). The Second Law of Thermodynamics. Em: McGuinness, B. (ed.), *Ludwig Boltzmann, theoretical physics and philosophical problems*. Dordrecht: Reidel.

BOOMERT, A. (2003). Agricultural Societies in the Continental Caribbean. Em: J. Sued-Badillo (ed.), *General History of the Caribbean (Volume 1): Autochthonous Societies*, 134-194. Paris: UNESCO Publishing/Macmillan Caribbean.

BORCHERT, D. M. (ed.) (2006). *Encyclopedia of Philosophy* (2ª edição). Detroit: Macmillan Reference USA.

BORGES, F. M. (2010). *Os Sítios Arqueológicos Furna do Umbuzeiro e Baixa do Umbuzeiro : caracterização de um padrão de assentamento na área arqueológica do Seridó Carnaúba dos Dantas RN, Brasil*. Recife: UFPE. (Tese de Doutorado).

BORGIA, G. (1980) Human aggression as a biological adaptation. Em: S. Lockard (ed.), *The Evolution of Human Social Behavior*, 165-185. New York: Elsevier.

BOTIVA CONTRERAS, A. (1989). *Colombia prehispánica: regiones arqueológicas*. Bogotá: Instituto Colombiano de antropología.

BOWERN, C.; EPPS, P.; GRAY, R. D.; HILL, J.; HUNLEY, K.; MCCONVELL, P.; ZENTZ, J. (2011). Does lateral transmission obscure inheritance in hunter-gatherer languages? *PloS One*, 6:9:e25195.

_____; HAYNIE, H.; SHEARD, C.; ALPHER, B.; EPPS, P.; HILL, J.; MCCONVELL, P. (2014). Loan and Inheritance Patterns in Hunter-Gatherer Ethnobiological Systems. *Journal of Ethnobiology*, 34(2):195-227.

BOWLER, D. (1981). *General Systems Thinking*. New York: Elsevier North Holland.

BRADLEY, D. (1980) Phonological convergence between languages in contact: Mon-Khmer structural borrowing in Burmese. Em: B. R. Caron (ed.), *Proceedings of the Sixth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, 259-267. Berkeley: Berkeley Linguistics Society.

BRANDÃO, A. P. B.; FACUNDES, S. (2007). Estudos comparativos do léxico da fauna e flora Aruák. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, 2.2:109-131.

BRAUN, D. P. (1990). Selection and Evolution in Nonhierarchical Organization. Em: S. Upham (ed.), *The Evolution of Political Systems. Sociopolitics in Small-Scale Sedentary Societies*, 62-86. Cambridge, Cambridge University Press.

BRAVO, E. (2005). *La cerámica Cosanga del valle de Cumbayá, provincia de Pichincha (Z3B3-022): una aproximación a la definición de su rol en los contextos funerarios del sitio La Comarca*. Guayaquil: Escuela Superior Politécnica del Litoral. (Tese).

BRAY, T. L. (2008). Late Pre-Hispanic Chiefdoms of Highland Ecuador. Em: H. Silverman & W. H. Isbell (eds.), *Handbook of South American Archaeology*, 707-730. New-York: Springer.

BRAY, W. (1984). Across the Darien Gap: A Colombian View of Isthmian Archaeology. Em: F. W. Lange & D. Z. Stone (eds.), *The Archaeology of Lower Central America*, 305-338. Albuquerque: School of American Research and University of New Mexico.

_____ (1992). Sitio Conte Metalwork in Its Pan-American Context. Em: P. Hearne & R. J. Sharer (eds.), *River of Gold: Precolumbian Treasures from Sitio Conte*, 33-46. Philadelphia: University Museum, University of Pennsylvania.

_____ (1997). Metallurgy and Anthropology: Two Studies from Prehispanic America. *Boletín del Museo del Oro*, 42:37-55.

_____ (2003). Gold, Stone, and Ideology: Symbols of Power in the Tairona Tradition of Northern Colombia. Em J. Quilter & J. W. Hoopes (eds.), *Gold and Gold and Power in Ancient Costa Rica, Panama and Colombia*, 301-344. Washington: Dumbarton Oaks.

_____ (2006). Searching for environmental stress: climatic and anthropogenic influences on the landscape of Colombia. Em: P. W. Stahl (ed.), *Archaeology in the Lowland American Tropics: Current Analytical Methods and Applications*, 96-112. Cambridge: Cambridge University Press.

BRIGHTON, H.; KIRBY, S.; SMITH, K. (2005). Cultural Selection for Learnability: Three principles underlying the view that language adapts to be learnable. Em: M. Tallerman (ed.), *Language Origins: Perspectives on Evolution*. Oxford: Oxford University Press.

BRINTON, D. G. (1871). The Arawack language of Guiana and its linguistic and ethnological relations. *Transactions of the American Philosophical Society*, 14: 427-444.

_____ (1891). *The American race*. New York: Hodges Publisher.

_____ (1892). Studies in South American native languages. *Proceedings of the American*

BROCHADO, J. P. (1984). *An ecological model of the spread of pottery and agriculture into Eastern South America*. Urbana Champaign: University of Illinois. (Tese de Doutorado).

_____ (1989). A expansão dos Tupi e da cerâmica da Tradição Polícroma Amazônica. *Dédalo*, 27:65-82.

_____; LATHRAP, D. W. (1982). *Chronologies in the New World: Amazonia*. (Manuscrito).

BRONSON, B. (1995). The role of barbarians in the fall of states. Em: N. Yoffee & G. L. Cowgill (eds.), *The Collapse of Ancient States and Civilizations*, 196-218. Tucson: The University of Arizona Press.

BROOM, L.; SIEGEL, B.; VOGT, E.; WATSON, J. (1954). Acculturation: An Exploratory Formulation. *American Anthropologist*, 56:973-1000.

BROWMAN, D. L. (1994). Titicaca Basin Archaeolinguistics: Uru, Pukina and Aymara AD 750-1450. *World Archaeology*, 26.2:235-251.

BRUHNS, K. O. (1989). Intercambio entre la sierra y la costa en el Formativo Tardío, nuevas evidencias del Azuay. Em: J. F. Bouchard & M. Guinea (eds.), *Relaciones Interculturales en el Area Ecuatorial del Páccifico Durante la Epoca Precolombina (BAR International Series, 503)*, 57-74. Oxford: British Archaeological Reports.

_____ (2010). Patrones de asentamiento, rutas de comunicación y mercancías de intercambio de larga distancia en el Formativo Tardío del Austro Ecuatoriano. *Bulletin de l'Institut Français d'Études Andines*, 39.3:683-696.

_____; BURTON, J. H.; ROSTOKER, A. (1994). La Cerámica Incisa en Franjas Rojas: Evidencia de intercambio entre la sierra y el oriente en el Formativo Tardío del Ecuador. Em: I. Shimada (ed.), *Tecnología y Organización de la Producción de Cerámica Prehispánica en los Andes*, 53-66. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, Fondo Editorial.

BRYANT, D.; FILIMON, F.; GRAY, R. (2005). Untangling our past: languages, trees, splits and networks. Em: R. Mace, C. Holden & S. Shennan (eds.), *The evolution of cultural diversity: phylogenetic approaches*, 69-85. London: UCL Press.

BUETTNER, T. (1983). *Las Lenguas de los Andes Centrales*. Madrid: Instituto de Cooperación Iberoamericana.

BUETTNER-JANUSCH, J. (1957). Boas and Mason: Particularism versus Generalization. *American Anthropologist*, 59:318-324.

BUNGE, M. (1979). *Ontology II: A World of Systems. Treatise on basic philosophy*, 4. Dordrecht: Reidel Publishing Company.

BURCH, E. (1980). Traditional Eskimo Societies. Northwest Alaska. Em: Y. Kotani & W. Workman (eds.), *Alaska Native Culture and History (Senri Ethnological Studies, 4)*, 253-304. Osaka: National Museum of Ethnology.

BURGER, R. L. (2008). Chavín de Huántar and Its Sphere of Influence. Em: H. Silverman & W. H. Isbell (eds.), *Handbook of South American Archaeology*, 681-706. New-York: Springer.

BUTTERS, L. J. C.; UCEDA CASTILLO, S. (2008). The Mochicas. Em: H. Silverman & W. H. Isbell (eds.), *Handbook of South American Archaeology*, 707-730. New-York: Springer.

BYRNE, J. (2008). *Learning and Memory: A comprehensive Reference*. Oxford: Elsevier.

CABANA G. S.; LEWIS C. M JR.; TITO R. Y.; COVEY R. A.; CÁCERES A. M.; CRUZ A. F.; DURAND D.; HOUSMAN G.; HULSEY B. I.; IANNACONE G. C.; LÓPEZ PW.; MARTÍNEZ R.; MEDINA A.; DÁVILA O. O.; PINTO K. P.; SANTILLÁN S. I.; DOMÍNGUEZ P. R.; RUBEL M.; SMITH H. F.; SMITH S. E.; MASSA V. R.; LIZÁRRAGA B.; STONE A. C. (2014). Population genetic structure of traditional populations in the Peruvian Central Andes and implications for South American population history. *Human Biology*, 86.3:147-65.

CABELLO VALBOA, M. (1586). *Miscelánea antártica. Una historia del Perú Antiguo*.

CABRAL, A. S. A. C. (1995). *Contact-induced language change in the Western Amazon: The nongenetic origin of the Kokama language*. Pittsburgh: University of Pittsburgh. (Tese de Doutorado).

CAHILL, D. (2005). *El rostro del inca perdido: la virgen de Loreto, Tocay Cápac y los ayarmacas en el Cuzco colonial (Documento de Trabajo, 146)*. Lima: IEP Ediciones.

CALDWELL, J. R. (1962). *Interaction Spheres in Prehistory*. Comunicação apresentada em: Annual Meeting of the American Association for the Advancement of Science, Philadelphia, 1962.

CALLICRATÍDAS (?[1965]). Περὶ οἴκου εὐδαιμονίας. Em: H. Thesleff (ed.), *The Pythagorean Texts of the Hellenistic Period*. Abo: Abo Akademi.

CAMPBELL, L. (1995). The Quechumaran hypothesis and lessons for distant genetic comparison. *Diachronica*, 12.2:157-200.

_____ (1997). *American Indian Languages. The historical linguistics of Native America*. New York: Oxford University Press.

_____ (1998). *Historical linguistics: an introduction* (1ª edição). Edinburgh: Edinburgh University Press.

_____ (2004). *Historical Linguistics: an Introduction* (2ª edição). Edinburgh: Edinburgh University Press; Cambridge: MIT Press.

_____ (2006). *Contacto lingüístico entre las lenguas del Gran Chaco. ¿Existe un Área Lingüística Chaqueña?* Comunicação apresentada no Simposio 'Avances en Lingüística

Histórico-Comparativa Aborígen Sudamericana', 52º Congreso Internacional de Americanistas. Sevilla: Universidad de Sevilla, 17-18 de julio de 2006.

_____ (2012). Classification of the indigenous languages of South America. Em: L. Campbell & V. Grondona (eds.), *The Indigenous Languages of South America (The World of Linguistics 2)*, 59-166. Berlin: Mouton de Gruyter.

_____ (2013). Language Contact and Linguistic Change in the Chaco. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, 5.1:259-291.

_____; GRONDONA, V. (2012). Languages of the Gran Chaco and the Southern Cone. Em: L. Campbell & V. Grondona (eds.), *The indigenous languages of South America: A comprehensive guide*, 625-668. Berlin/Boston: De Gruyter Mouton.

_____; MIGLIAZZA, E. (1988). *Panorama General de las Lenguas Indígenas en las Américas (Historia General de América, 10)*. Caracas: Instituto Panamericano de Geografía e Historia.

_____; MIXCO, M. J. (2007). *A Glossary of Historical Linguistics*. Edinburgh: Edinburgh University Press.

CAPTAÍN, D. (1991[2005]). Proto-Lokono-Guajiro. *Revista Latinoamericana de Estudios Etnolingüísticos*, 10:137-172.

CARDALE DE SCHRIMPF, M.; BRAY, W.; HERRERA, L. (1989). Reconstruyendo el pasado en Calima. Resultados recientes. *Boletín del Museo del Oro*, 24:3-33.

CARLING, G.; ERIKSEN, L.; HOLMER, A.; VAN DE WEIJER, J. (2013). Contrasting linguistics and archaeology in the matriz model: GIS and cluster analysis of the arawakan languages. Em: L. Borin & A. Saxena (eds.), *Approaches to Measuring Linguistic Differences*, 29-56. Berlin/Boston: De Gruyter.

CARNEIRO, R. L. (1970). A Theory of the Origin of the State. *Science*, 169:733-738.

_____ (2007). A base ecológica dos cacicados amazônicos. *Revista de Arqueologia*, 20:117-154.

CARR-SAUNDERS, A. M. (1922). *The Population Problem: A Study in Human Evolution*. Oxford: Clarendon Press.

CARRUTHERS, P. (2013). The evolution of working memory. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 110:10371-10378.

CASSMAN, V. (1997). *A Reconsideration of Prehistoric Ethnicity and Status in Northern Chile: The Textile Evidence*. Tempe: Arizona State University. (Tese de Doutorado).

CASTELLVI M. DE (1934). Las investigaciones lingüísticas y etnográficas de los Misioneros del Caquetá. *Boletín de Estudios Históricos*, 5:193-213.

_____ (1952). La macrofamilia lingüística witoto y sus relaciones con la familia sáabela y otras indoamericanas. Em: S. Tax (ed.), *Indian Tribes of Aboriginal America*, 295-301. Chicago: University of Chicago Press.

CAVALLI-SFORZA, L. L.; FELDSMAN, M. (1981). *Cultural Transmission and Evolution: A Quantitative Approach*. Princeton: Princeton University Press.

CERRÓN-PALOMINO, R. (1982). La cuestión lingüística en el Perú. Em: R. Cerrón-Palomino (ed.), *Aula Quechua*, 105-23. Lima: Ediciones Signo Universitario.

_____ (1989). Quechua y mochica: lenguas en contacto. *Lexis*, 13:47-68.

_____ (1990). Reconsideración del llamado quechua costeño, *Revista Andina*, 16:335-409.

_____ (1994). *Quechumara. Estructuras paralelas de las lenguas quechua y aimara*. La Paz: Centro de Investigación y Promoción del Campesinado (CIPCA).

_____ (1998). El cantar de Inca Yupanqui y la lengua secreta de los incas. *Revista Andina*, 32:417-452.

_____ (2004). El aimara como lengua oficial de los incas. *Boletín de Arqueología PUCP*, 8:9-21.

_____ (2010). Contactos y desplazamientos lingüísticos en los Andes centro-sureños: el puquina, el aimara y el quechua. Em: P. Kaulicke, R. Cerrón-Palomino, P. Heggarty & D. Beresford-Jones (eds.), *Lenguas y sociedades en el antiguo Perú: hacia un enfoque interdisciplinario*. *Boletín de Arqueología PUCP*, 14:255-282.

_____ (2011). El legado onomástico puquina: a propósito de "capac" y "yupanqui". *Estudios atacameños*, 41:119-130.

_____ (2013). *Las lenguas de los incas: el puquina, el aimara y el quechua. (Sprachen, Gesellschaften und Kulturen in Lateinamerika / Lenguas, sociedades y culturas en Latinoamérica, Volume 13)*. Frankfurt am Main: PeterLang.

CHACON, R. J.; DYE, D. H. (eds.) (2007). *The taking and displaying of human body parts as trophies by Amerindians*. New York: Springer.

CHACON, TH. C.; CAYÓN, L. A. (2013). Considerações sobre a exogamia lingüística no Noroeste Amazônico. *Revista de Letras*, 6.1/2:6-20.

CHAMBERLAIN, A. F. (1913a). Nomenclature and distribution of the principal tribes and subtribes of the Arawakan linguistic stock of South America. *Journal de la Société des Américanistes de Paris*, 10:473-496.

_____ (1913b). Linguistic stocks of South American Indians (with distribution map). *American Anthropologist*, 15:236-47.

CHANDLESS, W. (1866). Ascent of the River Purus. *Journal of the Royal Geographical Society*, 36:86-118.

CHANG, W.; MICHAEL, L. (2014). A relaxed admixture model of language contact. *Language Dynamics and Change*, 4.1:1-26.

CHASE-DUNN, C.; HALL, T. (1991). Conceptualizing Core/periphery Hierarchies for Comparative Studies. Em: C. Chase-Dunn & T. Hall (eds.), *Core/Periphery Relations in Precapitalist Worlds*, 5-44. Westview Press, Boulder.

_____ (1993). Comparing World-Systems: Concepts and Working Hypotheses. *Social Forces*, 71:851-886.

CHOMSKY, N. (1965). *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge: MIT Press.

_____ (1967). Recent contributions to the theory of innate ideas. *Synthese*, 17:2-11.

_____ (1968). *Language and mind*. New York: Harcourt, Brace & World.

_____ (1980). *Rules and representations*. London: Basil Blackwell.

_____ (1995). *The Minimalist program*. Cambridge: MIT Press.

CHURCH, W. B. (1996). *Prehistoric Cultural Development and Interregional Interaction in the Tropical Montane Forests of Peru*. New Haven: Yale University. (Tese de Doutorado).

_____ ; HAGEN, A. VON (2008). Chachapoyas: Cultural Development at an Andean Cloud Forest Crossroads. Em: H. Silverman & W. H. Isbell (eds.), *Handbook of South American Archaeology*, 903-26. New-York: Springer.

CIEZA DE LEÓN, P. (2012) [1873]. *El señorío de los incas*. Barcelona: Linkgua.

CIFUENTES, A. (2006). Arqueología del piedemonte amazónico putumayo (Colombia). Em: G.Morcote, S. Mora y C. Franky (eds.), *Pueblos y paisajes antiguos de la selva amazónica*, 113-130. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia.

CLARK, H. H. (1996). Communities, commonalities, and communication. Em: J. Gumperz & S. Levinson (eds.), *Rethinking linguistic relativity*, 324-355. Cambridge: Cambridge University Press.

CLARKSON, P. B.; BRIONES, L. (2001). Geoglifos, Senderos y Etnoarqueología de Caravanas en el Desierto Chileno. *Boletín del Museo Chileno de Arte Precolombino*, 8:35-45.

CLASBY, R. P. (2014). *Exploring Long Term Cultural Developments and Interregional Interaction in the Eastern Slopes of the Andes: A Case study from the site of Huayurco, Jaén Region, Peru*. New Haven: Yale University. (Tese de Doutorado).

_____ ; MENESES, J. (2013). Nuevas Investigaciones en Huayurco: Resultados iniciales de las excavaciones de un sitio de la ceja de selva de los Andes peruanos. *Arqueología y Sociedad*, 25:303-326.

CLEMENT, CH. R.; CRISTO-ARAÚJO, M. DE; D'ECKENBRUGGE, G. C.; PEREIRA, A. A.; PIKANÇO-RODRIGUES, D. (2010). Origin and Domestication of Native Amazonian Crops. *Diversity*, 2:72-106.

CLEMENTS, F. E. (1905). *Research Methods in Ecology*. Lincoln: University Publishing Company.

_____ (1916). *Plant succession: an analysis of the development of vegetation*. Washington: Carnegie Institution.

CLENDON, M. (2006). Reassessing Australia's linguistic prehistory. *Current Anthropology*, 47:39-61.

COLINVAUX, P. A. (1982). Towards a theory of history. Fitness, niche and clutch of Homo sapiens. *The Journal of Ecology*, 70:393-412.

COMRIE, B. (1989). *Language Universals and Linguistic Typology: Syntax and Morphology*. Oxford: Blackwell.

CONSTENLA-UMAÑA, A. (1985). Clasificación lexicoestadística de las lenguas de la familia chibcha. *Estudios de Lingüística Chibcha*, 4:155-197.

_____ (1990). Una hipótesis sobre la localización del protochibcha y la dispersión de sus descendientes. *Revista de Filología y Lingüística de la Universidad de Costa Rica*, 16.2:111-123.

_____ (1991). *Las Lenguas del Área Intermedia: Introducción a su Estudio Areal*. San José: Editorial de la Universidad de Costa Rica.

_____ (2000). La restitución: un método lingüístico reconstructivo sincrónico. *Filología y Lingüística*, 26.2:161-180.

_____ (2005). ¿Existe relación genealógica entre las lenguas misumalpas y las chibchenses? *Estudios de Lingüística Chibcha*, 24:7-85.

_____ (2008). Estado actual de la subclasificación de las lenguas chibchenses y de la reconstrucción fonológica y gramatical del protochibchense. *Lingüística Chibcha*, 27:117-135.

_____ ; PEÑA, E. M. (1991). Elementos de fonología comparada Chocó. *Filología y lingüística*, 17:137-191.

COOKE, R. G.; ISAZA-AIZPRÚA, I. I.; GRIGGS, J.; DESJARDINS, B.; SÁNCHEZ-HERRERA, L. A. (2003). Who Crafted, Exchanged and Displayed Gold in pre-Columbian

Panama? Em: J. Quilter & J. Hoopes (eds.), *Gold and Power in Ancient Costa Rica, Panama, and Colombia*, 91-158. Washington: Dumbarton Oaks.

COPLAND, B. D. (1934). A note on the origin of the Mbugu, with a text, *Zeitschrift für eingeborenen Sprachen*, 24:241-4.

COPPENS, W. (1983). Los Hoti. Em: W. Coppens (ed.), *Los aborígenes de Venezuela (vol. II)*, 243-301. Caracas: Fundación La Salle.

CORDY-COLLINS, A. (1992). Archaism or Tradition? The Decapitation Theme in Cupisnique and Moche Iconography. *Latin American Antiquity*, 3.3:206-20.

CORNING, P. A. (1975). An evolutionary paradigm for the study of human aggression. Em: M. A. Nettleship, R. D. Givens & A. Nettleship (eds.), *War, Its Causes and Correlates*, 359-87. Amsterdam: Elsevier.

CORRÊA, A. A. (2014). *Pindorama de mboia e iakaré: continuidade e mudança na trajetória das populações Tupi*. São Paulo: USP. (Tese de Doutorado).

COSTA, B. (2012). *Levantamento Arqueológico na Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) Amanã - Estado do Amazonas*. São Paulo: USP. (Dissertação de Mestrado).

COUTO, H. H. DO (1996) *Introdução ao Estudo das Línguas Crioulas e Pidgins*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

_____ (2007). *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus Editora.

_____ (2009a). *Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas*. São Paulo: Editora Contexto.

_____ (2009b). Ecolinguística (Ecolinguistics). *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, 10.1:125-149.

COVEY, A. A. (2006). *How the Incas Built Their Heartland: State Formation and the Innovation of Imperial Strategies in the Sacred Valley, Peru*. Ann Arbor: University of Michigan Press.

CRÉQUI-MONTFORT, G. DE; RIVET, P. (1913a). La langue Lapaçu ou Apolista. *Zeitschrift für Ethnologie*, 45.512-531.

_____ ; _____ (1913b). Linguistique bolivienne. La langue Saraveka. *Journal de la Société des Américanistes*, 10.2:497-540.

_____ ; _____ (1913c). Linguistique bolivienne: les dialectes pano de Bolivie. *Le Muséon (new ser.)*, 14:19-78.

_____ ; _____ (1921-23). La Famille Linguistique Takana. *Journal de la Société des Américanistes*, 13:91-102/281-302, 14:141-182, 15:121-167.

_____ ; _____ (1925-27). Linguistique bolivienne. La langue Uru ou Pukina. *Journal de la Société des Américanistes*, 17:211-244, 18:111-139, 19:57-116.

CREVELS, M. ; VAN DER VOORT, H. (2008). The Guaporé-Mamoré region as a linguistic area. Em: P. Muysken (ed.), *From linguistic areas to areal linguistics*, 151-179. Amsterdam: John Benjamins.

CROESE, R. A. (1989). Evidencias léxicas y gramaticales para una posible filiación del mapudungun con la familia arawak. Em: Rodolfo Cerrón-Palomino & Gustavo Solis F. (eds.), *Temas de lingüística amerindia: Primer Congreso Nacional de Investigaciones Lingüístico-Filológicas*, 275-90. Lima: Consejo Nacional de Ciencia y Tecnología.

CROFT, W. (2003). *Social evolution and language change*. (Manuscrito).

CROWLEY, T. (1992). *An introduction to historical linguistics* (2ª edição). Auckland: Oxford University Press.

CUBILLOS, J. C. (1986). *Arqueología de San Agustín. Alto del Purutal*. Bogotá: FIAN, Banco de la República.

CURNOW, T. J. (1998). Why Paez is not a Barbacoan language: The nonexistence of “Moguex” and the use of early sources. *International Journal of American Linguistics*, 64.4:338-351.

_____ ; LIDDICOAT, A. J. (1998). The Barbacoan languages of Colombia and Ecuador. *Anthropological Linguistics*, 40.3:384-408.

CUSHING, J. M. (2003). *Chaos in Ecology: Experimental Nonlinear Dynamics*. Theoretical ecology series, 1. Amsterdam: Elsevier.

CYSOUW, M. (2005). *On the typological distribution of rare characteristics*. Comunicação apresentada no 27th. annual meeting of the DGfS, Cologne.

D’ANS, A. (1976). Chilueno o arauco, idioma de los changos del norte de Chile, dialecto mapuche septentrional. *Estudios Atacameños*, 4:113-118.

DA CRUZ, D. G. (2008). *Lar, doce lar? Arqueologia Tupi na bacia do Ji-Paraná (RO)*. São Paulo: USP. (Dissertação de Mestrado).

DA CUNHA, E. (2006). *Comissão Mista Brasileiro-Peruana: Extrato do Relatório da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus*. Rio Branco: Printac.

DA SILVA, C. G. P.; COSTA, A. F. (2014). Um quadro histórico das populações indígenas no Alto rio Madeira durante o século XVIII. *Amazônica, Revista Antropologia*, 6.1:110-139.

DAL POZ NETO, J. (1991). *No País dos Cinta Larga. Uma Etnografia do Ritual*. São Paulo: USP. (Dissertação de Mestrado).

DANIELSEN, S. (2011). The personal paradigms in Baure and other South Arawakan languages. Em: A. Guillaume & F. Rose (eds.), *Argument-coding systems in Bolivian Amazonian languages*. *IJAL*, 77.4:495-520.

_____ (2013). Evaluating historical data (wordlists) in the case of Bolivian extinct languages. Em: Alexander-Bakkerus, A. & Zwaartjes, O. (eds.), *Historical reconstruction of American languages (STUF - Language Typology and Universals/ Sprachtypologie und Universalienforschung*, 66:3), 272-298. Bremen: Akademie Verlag.

_____; DUNN, M.; MUYSKEN, P. (2011). The role of contact in the spreading of Arawak languages. Em: Hill, J. & Hornborg, A. (eds.), *Ethnicity in Ancient Amazonia: Reconstructing Past Identities from Archaeology, Linguistics, and Ethnohistory*, 173-96. Boulder: University of Colorado Press.

_____; TERHART, L. (no prelo). Paunaka. Em: P. Muysken, & M. Crevels (eds.), *Las lenguas de Bolivia, tomo III: Oriente*. La Paz: Plural editores.

DARNELL, R.; SHERZER, J. (1971). Areal linguistic studies in North America: a historical perspective. *International Journal of American Linguistics*, 37:20-28.

DAVIDSON JR, J. O. (1977). *A Contrastive Study of the Grammatical Structures of Aymara and Cuzco Quechua*. University of California, Berkeley. (Tese de Doutorado).

DAVIS, A. R.; DELGADO, C. M. (2009). Investigaciones Arqueológicas en Yuthu: Nuevos Datos sobre el Período Formativo en el Cusco, Perú (400 - 100 a.C.). *Boletín de Arqueología PUCP*, 13:347-372.

DAVIS, I. (1968). Some Macro-Je Relationships. *International Journal of American Linguistics*, 34.1:42-47.

DE BARRAL, B. (1979). *Diccionario Warao-Castellano, Castellano-Warao*. (*Lenguas indígenas de Venezuela*, 8.). Caracas: Universidad Católica Andrés Bello.

DE CARVALHO, F. O. (2009). On the genetic kinship of the languages Tikúna and Yuri. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, 1:247-268.

_____ (2013). On Záparoan as a valid genetic unity: Preliminary correspondences and the status of Omurano. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, 5.1:91-116.

DE CASTELLVÍ, M. (1952). La macrofamilia lingüística witoto y sus relaciones con la familia sábelo y otras indoamericanas. Em: Sol Tax (ed.), *Indian Tribes of Aboriginal America*, 295-301. Chicago: University of Chicago Press.

DE LA GRASSERIE, R. (1894). *Langues Américaines: langue Puquina; textes Puquina*. Leipzig: Koehler.

DEAN, M. E. (2005). *Ancestors, Mountains, Shrines, and Settlements: Late Intermediate Period Landscapes of the Southern Vilcanota River Valley, Peru*. Berkeley: University of California. (Tese de Doutorado).

DEBOER, W. (1981). Buffer zones in the cultural ecology of aboriginal Amazonia: an ethnohistorical approach. *American Antiquity*, 46 (2):364-377.

_____ (2003). Ceramic Assemblage Variability in the Formative of Ecuador and Peru. Em: J. Scott Raymond & R. L. Burger (eds), *Archaeology of Formative Ecuador*, 465-486. Washington: Dumbarton Oaks Research Library and Collection.

DEGRAFF, M. (2001). On the origin of Creoles: A Cartesian critique of Neo-Darwinian linguistics. *Linguistic Typology*, 5.2/3:213-310.

DELANCEY, S. (2010). Language replacement and the spread of Tibeto-Burman. *Journal of the South East Asian Linguistics Society*, 3.1:40-55.

_____ (2013). Creolization in the Divergence of the Tibeto-Burman Languages. Em: Th. Owen-Smith & N. Hill (eds.), *Trans-Himalayan Linguistics*, 41-70. Berlin/Boston: De Gruyter.

DELGADO, J. (2004). *La crónica de los Pastos*. Quito: Ediciones Abya-Yala.

DENCH, A. (2001). Descent and diffusion: the complexity of the Pilbara situation. Em: A. Aikhenvald & R. M. W. Dixon (eds.), *Areal diffusion and genetic inheritance: problems in comparative linguistics*, 105-133. Oxford: Oxford University Press.

DENEVAN, W. M. (1966). *The aboriginal cultural geography of the Llanos de Mojos of Bolivia*. Berkeley: University of California Press.

_____ (1992) The Aboriginal Population of Amazonia. Em: W. Denevan (ed.), *The Native Population of the Americas in 1492*, 205-234. Madison: University of Wisconsin Press.

_____ (1996) A bluff model of riverine settlement in prehistoric Amazonia. *Annals of the Association of American Geographers*, 86.4:654-81.

_____ (2004). Semi-intensive pre-european cultivation and the origins of anthropogenic dark earths in Amazonia. Em: B. Glaser & W. I. Woods (eds.), *Amazonian dark earths: explorations in space and time*, 135-143. Berlin: Springer.

DERBYSHIRE, D. C. (1986). Comparative survey of morphology and syntax in Brazilian Arawakan. Em: D. C. Derbyshire, & G. K. Pullum (eds.), *Handbook of Amazonian languages*, 1:469-566. Berlin: Mouton de Gruyter.

_____ (1992). Arawakan languages. Em: W. Bright (ed.), *International encyclopedia of linguistics*, 1:102-105. New Oxford: Oxford University Press.

DESCOLA, Ph. (2001). The Genres of Gender. Local Models and Global Paradigms in the Comparison of Amazonia and Melanesia. Em: T. Gregor & D. Tuzin (eds.), *Gender in Amazonia and Melanesia: An Exploration of the Comparative Method*, 91-114. Berkeley: University of California Press.

DI CAPUA, C. (2002). Las cabezas trofeo: un rasgo cultural en la cerámica de La Tolita y de Jama Coaque y breve análisis del mismo rasgo en las demás culturas del Ecuador precolombino. Em: C. Di Capua, *De la imagen al ícono. Estudios de Arqueología e Historia del Ecuador*, 23-93. Quito: Abya-Yala

DÍAZ FERNÁNDEZ, A. (1992). Contactos del Mapudungun con dos lenguas principales del Tawantinsuyu: el Quechua y el Yunga. *Actas de Lengua y Literatura Mapuche*, 5:193-201.

_____ (2011). Relaciones genéticas del mapuzungun: Aportes para su ubicación dentro del stock Equatorial. Em: A. Díaz Fernández & A. Fernández Garay (eds.), *Investigaciones sobre lenguas indígenas sudamericanas*, 69-114. Santa Rosa: Universidad Nacional de La Pampa. Facultad de Ciencias Humanas. Instituto de Lingüística.

DIXON, R. M. W. (1997). *The rise and fall of languages*. Cambridge: Cambridge University Press.

_____ (2001). The Australian linguistic area. Em: A. Aikhenvald & R. M. W. Dixon (eds.), *Areal diffusion and genetic inheritance: problems in comparative linguistics*, 64-104. Oxford: Oxford University Press.

_____ (2004a). Proto-Arawá phonology. *Anthropological Linguistics*, 46:1-83.

_____ (2004b). *The Jarawara language of Southern Amazonia*. Oxford: Oxford University Press.

_____ ; Aikhenvald, A. Y. (eds.) (1999). *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press.

DOLGOPOLSKY, A. (1973). *Sravitel'no-istoricheskaja fonetika kushitskix jazykov*. Moscow: Nauka.

DONOHUE, M.; DENHAM T. (2015a). The role of contact and language shift in the spread of Austronesian languages across Island Southeast Asia. Em: P. Muysken, J. Hombert & M. Crevels (eds.), *Language Dispersal, Diversification, and Contact: A Global Perspective*. Oxford: Oxford University Press.

_____ ; _____ (2015b). Becoming Austronesian: mechanisms of language dispersal across southern Island Southeast Asia. Em: D. Gil & J. McWhorter (eds.), *Austronesian Undressed*. Canberra: Pacific Linguistics

DØØR, J.; BANG, J. CH. (1996). Language, ecology and truth - dialogue and dialectics. Em: A. Fill (ed.), *Sprachökologie und Ökolinquistik*, 17-25. Tübingen: Stauffenburg.

- DRENNAN, R. D. (2008). Chiefdoms of Southwestern Colombia. Em: H. Silverman & W. H. Isbell (eds.), *Handbook of South American Archaeology*, 381-403. New-York: Springer.
- DROLET, R. (1980). *Cultural Settlement along the Moist Caribbean Slopes of Eastern Panama*. Urbana-Champaign: University of Illinois. (Tese de Doutorado).
- DUDLEY, M. (2009a). Intermediation, ethnogenesis and landscape transformation at the intersection of the Andes and the Amazon: the historical ethnology of the Lecos of Apolo, Bolivia. Em: M. N. Alexiades (ed.), *Mobility and migration in indigenous Amazonia. Contemporary ethnoecological perspectives*, 141-166. Oxford: Berghahn Books.
- _____ (2009b). *The historical ecology of the Lecos of Apolo, Bolivia: Ethnogenesis and landscape transformation at the intersection of the Andes and the Amazon*. New Orleans: Tulane University. (Tese de Doutorado).
- DULANTO, J. (2008). Between Horizons: Diverse Configurations of Society and Power in the Late Pre-Hispanic Central Andes. Em: H. Silverman & W. H. Isbell (eds.), *Handbook of South American Archaeology*, 761-82. New-York: Springer.
- DUQUE, L. (1966). *Exploraciones Arqueológicas en San Agustín*. Bogotá. Instituto Colombiano de Antropología.
- DURBIN, M. (1977). A survey of the Carib language family. Em: E. Basso (ed.), *Carib Speaking Indians, Culture, and Society*, 23-38. Tucson: University of Arizona Press.
- DURHAM, W.H. (1976). Resource competition and human aggression. Part I: a review of primitive war. *Quarterly Review Biology*, 51:385-415.
- DWYER, E. B. (1971). *The Early Inca Occupation of the Valley of Cuzco, Peru*. Berkeley: University of California. (Tese de Doutorado).
- DYEN, I. (1962). The Lexicostatistically Determined Relationship of a Language Group. *International Journal of American Linguistics*, 28.3:153-161.
- _____ (1975). *Linguistic Subgrouping and Lexicostatistics*. The Hague: Mouton.
- EBERHARD, D. M. (2009). *Mamaindé Grammar: A Northern Nambikwara language and its cultural context*. Amsterdam: Vrije Universiteit. (Tese de Doutorado).
- ECHEVERRI, J. A.; SEIFART, F. (2011). *Una re-evaluación de las familias lingüísticas Bora y Witoto*. Comunicação apresentada no Congresso “Arqueología y Lingüística Histórica de las lenguas Indígenas Sudamericanas”, Universidade de Brasília, 24-28 de outubro de 2011.
- EDWARDS, C. (1960). Sailing rafts of Sechura: history and problems of origin. *Southwestern Journal of Anthropology*, 16:368-391.

EHRENREICH, P. (1891). Die Einteilung und Verbreitung der Völkerstämme Brasiliens nach dem gegenwärtigen Stand unsrer Kenntnisse. *Petermanns Mitteilungen*, 37:81-89/114-124.

_____ (1897). Materialien zur Sprachenkunde Brasiliens: III. Vokabuläre von Purus-Stämmen. *Zeitschrift für Ethnologie*, 29:59-71.

_____ (1905). Die Ethnographie Südamerikas im Beginn des XX. Jahrhunderts unter besonderer Berücksichtigung der Naturvölker. *Archiv für Anthropologie, Neue Folge*, 3:39-75.

EHRET, CH. (1976). Cushitic prehistory. Em: M. L. Bender (ed.), *The Non-Semitic Languages of Ethiopia*, 85-96. East Lansing: African Studies Center, Michigan State University.

EIBL-EIBESFELDT, I. (1979) *The Biology of Peace and War*. New York: Viking Press.

ELDERKIN, E. D. (1976). Southern Cushitic. Em: M. L. Bender (ed.), *The Non-Semitic Languages of Ethiopia*, 278-97. East Lansing: African Studies Center, Michigan State University.

ELDREDGE, N.; GOULD, S. J. (1972). Punctuated equilibria: an alternative to phyletic gradualism. Em: T. J. M. Schopf (ed.), *Models in paleobiology*, 82-115. San Francisco: Freeman, Cooper.

ELMAN, J. L.; BATES, E. A.; JOHNSON, M. H., KARMILOFF-SMITH, A.; PARISI, D.; PLUNKETT, K. (1996). *Rethinking innateness: a connectionist perspective on development*. Cambridge: MIT Press.

ELORANTA, R. (2016). Language contact across the Andes: The case of Mochica and Híbito-Cholón. Em: K. Dakin, C. Parodi & N. Operstein (eds.), *Language Contact and Change in Mesoamerica and Beyond*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.

_____; JOLKESKY, M.; ADELAAR, W. (2015). Una reconsideración de la hipótesis de contacto entre el mapudungun y el mochica. Comunicação aprovada, mas não apresentada no 4º REELA (Red Europea para el Estudio de las Lenguas Andinas), 6-7 de setembro de 2015, Leiden University, Leiden.

EMENEAU, M. B. (1980[1962]). Bilingualism and structural borrowing. Em: M. B. Emeneau, *Language and linguistic area: Essays*, 38-65. Stanford: Stanford University Press.

EPPS, P. (2005a). *A Grammar of Hup*. Charlottesville: University of Virginia. (Tese de Doutorado).

_____ (2005b). Areal diffusion and the development of evidentiality: Evidence from Hup. *Studies in Language*, 29.3:617-650.

_____ (2007). The Vaupés melting pot: Tucanoan influence on Hup. Em: A. Aikhenvald & R. M. W. Dixon (eds.), *Grammars in Contact: A cross-linguistic typology (Explorations in Linguistic Typology 4.)*, 267-289. Oxford: Oxford University Press

_____; BOLAÑOS, K. (2015). *Reconsidering the 'Makú' family of northwest Amazonia*. (Manuscrito enviado para publicação no IJAL).

_____; MICHAEL, L. (2015). The areal linguistics of Amazonia. Em: R. Hickey (ed.), *Cambridge Handbook of Areal Linguistics*, 1-28. Berkeley: UC Press.

ERICKSON, C. L. (2006). The domesticated landscape of the Bolivian Amazon. Em: W. Balee & C. L. Erickson (eds), *Time and complexity in historical ecology*, 235-278. New York: Columbia University Press.

ERIG LIMA, L. F. (2010). *Ocupação pré-colonial na fronteira ocidental: Adaptabilidade humana, territorialidade e aspectos geomorfológicos na microrregião do Alto Guaporé, Mato Grosso*. São Paulo: USP. (Tese de Doutorado).

_____ (2012). A cerâmica Capão do Canga: uma nova indústria cerâmica na bacia do alto Guaporé, Mato Grosso, Brasil. *Amazônica*, 4.1:186-220.

ERIKSEN, L. (2011). *Nature and Culture in Prehistoric Amazonia: Using G.I.S. to reconstruct ancient ethnogenetic processes from archaeology, linguistics, geography, and ethnohistory*. Lund: Lund University. (Tese de doutorado).

_____; GALUCIO, A. V. (2014). The Tupian Expansion. Em: P. Muysken and L. O'Connor (eds.), *The Native Languages of South America: Origins, Development, Typology*, 177-202. Cambridge: Cambridge University Press.

ERIKSON, PH. (1992). Uma singular pluralidade: a etno-história Pano. Em: M. C. de Cunha (ed.), *História Indígena e do Indigenismo no Brasil*, 239-252. São Paulo: Companhia das Letras/FAPESP/SMC-PMSP.

_____ (1993). Une nébuleuse compacte: le macro-ensemble pano. *L'Homme*, 126-8:45-58.

ESPINOZA SORIANO, W. (1980). Los fundamentos lingüísticos de la etnohistoria andina y comentarios en torno al anónimo de Charcas de 1604. *Revista Española de Antropología Americana*, 10: 149-69.

_____ (1991). *Proto-Takanan and Uru-Chipaya: genetic relationship or ancient loans?* Comunicação apresentada em: Conferencia Internacional sobre Lenguaje, Política Oficial sobre el Lenguaje y Política Educativa en los Andes, 28-30 de octubre de 1991. Newark: University of Delaware.

EVANS, C.; MEGGERS B. J. (1968). *Archaeological Investigations on the Río Napo, Eastern Ecuador. Smithsonian Contributions to Anthropology*, 6. Washington: Smithsonian Institution Press.

EVERETT, D. L. (2005). Cultural constraints on grammar and cognition in Pirahã. *Current Anthropology*, 46.4:621-646.

_____ (2012). *Language: The Cultural Tool*. New York: Pantheon.

EXCOFFIER, L.; SCHNEIDER, S. (1999). Why hunter-gatherer populations do not show signs of Pleistocene demographic expansions. *PNAS USA*, 96:10597-10602.

FABRE, A. (1991). *Vocabulario etimológico preliminar del uru-chipaya (Provincias Ingavi y Atahuallpa, Bolivia)*. (Manuscrito).

_____ (1995). Lexical similarities between Uru-Chipaya and Pano-Takanan languages: genetical relationship or areal diffusion? *Opción: Revista de Ciencias Humanas y Sociales*, 11:45-73. Maracaibo: Universidad del Zulia.

_____ (1998). *Manual de las lenguas indígenas sudamericanas II*. Munich: Lincom Europa.

FACUNDES, S. DA S. (2000). *The Language of the Apurinã People of Brazil (Maipure/Arawak)*. Buffalo: University of New York at Buffalo. (Tese de Doutorado).

_____ (2002). Historical linguistics and its contribution to improving knowledge of Arawak. Em: J. D. Hill & F. Santos-Granero (eds.), *Comparative Arawakan Histories: Rethinking Language Family and Culture Area in Amazonia*, 74-96. Urbana: University of Illinois.

_____; BRANDÃO, A. P. B. (2011). Comparative Arawak Linguistics: Notes on Reconstruction, Diffusion, and Amazonian Prehistory. Em: J. D. Hill & A. Hornborg (eds.), *Ethnicity in Ancient Amazonia: Reconstructing Past Identities from Archaeology, Linguistics, and Ethnohistory*, 197-210. Boulder: University Press of Colorado.

FAGUA RINCÓN, D.; SEIFART, F. (2010). Aspectos morfosintácticos del ocaina: entre rasgos genéticos (familia Witoto) e influencias areales. *Mundo Amazonico*, 1:215-244.

FARABEE, W. C. (1918). *The Central Arawaks (Anthropological Publications, IX)*. Philadelphia: University of Pennsylvania, the University Museum.

FARON-BARTELS, R. (2011). *Piedras votivas de Pampacolca. Nuevos datos sobre las lajas pintadas del sur del Perú*. Berlin: Freie Universität Berlin. (Tese de Doutorado).

FEHREN-SCHMITZ, L.; HAAK, W.; MÄCHTLE, B.; MASCH, F.; LLAMAS, B.; TOMASTO CAGIGAO, E.; SOSSNA, V.; SCHITTEK, K.; ISLA CUADRADO, J.; EITEL, B.; REINDEL, M. (2014). Climate change underlies global demographic, genetic, and cultural transitions in pre-Columbian southern Peru. *PNAS*, 111(26):9443-9448.

_____; LLAMAS, B.; TOMASTO-CAGIGAO, E.; HAAK, W. (2011). El ADN antiguo y la historia del poblamiento temprano del oeste de sudamerica: Lo que hemos aprendido y hacia donde vamos. *Bol. Arqueol. PUCP*, 15:17-42.

_____; REINDEL, M.; CAGIGAO, E. T.; HUMMEL, S.; HERRMANN, B. (2010). Pre-Columbian population dynamics in coastal southern Peru: A diachronic investigation of mtDNA patterns in the Palpa region by ancient DNA analysis. *Am. J. Phys. Anthropol.*, 141.2:208-221.

_____; WARNBERG, O.; REINDEL, M.; SEIDENBERG, V.; TOMASTO-CAGIGAO, E.; ISLA-CUADRADO, J.; HUMMEL, S.; BERND HERRMANN, B. (2011). Diachronic investigations of mitochondrial and Ychromosomal genetic markers in pre-Columbian Andean highlanders from south Peru. *Ann. Hum. Genet.*, 75.2:266-283.

FERGUSON, R. B. (1984b). A re-examination of the causes of Northwest Coast warfare. Em: R. B. Ferguson (ed.), *Waifare, Culture and Environment*, 267-328. New York: Academic Press.

FIGUEROA, F. (1904). *Relación de las misiones de la Compañía de Jesús en el país de los Maynas*. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez.

FISHMAN, J. A. (1971). *Sociolinguistics: A brief introduction*. Rowley: Newbury House.

FISKE, A.; KITAYAMA, S.; MARKUS, H. R.; NISBETT, R. E. (1998). The cultural matrix of social psychology. Em: D. Gilbert, S. Fiske & G. Lindzey (eds.), *The Handbook of Social Psychology* (4ª edição), 2:915-81. San Francisco: McGraw-Hill.

FLECK, D. W. (2003). *A grammar of Matses*. Houston: Rice University. (Tese de Doutorado).

_____. (2013). *Panoan languages and linguistics (Papers of the American Museum of Natural History, 99)*. New York: American Museum of Natural History.

FLEMING, S.; MALONEY, L.; AND DAW, N. D. (2013). The irrationality of categorical perception. *The Journal of Neuroscience*, 33:19060-70.

FLOYD, S. (2009). *Nexos históricos, gramaticales y culturales de los números en cha'palaa*. Em: Proceedings of the Conference on Indigenous Languages of Latin America (CILLA) IV. Austin: University of Texas at Austin.

FODOR, I. (1961). The validity of glottochronology on the basis of the Slavic languages. *Studia Slavica*, 7:295-346.

FONSECA, J. (2011). El rostro oculto de Espíritu Pampa, Vilcabamba, Cusco. *Arqueología Iberoamericana*, 10:5-7.

FOX, A. (1995). *Linguistic Reconstruction: An Introduction to Theory and Method*. OUP.

FRANÇOIS, A. (2014). Trees, Waves and Linkages: Models of Language Diversification. Em: C. Bowern & B. Evans (eds.), *The Routledge Handbook of Historical Linguistics*, 161-189. London/New York: Routledge.

FRANKY, C. E. (2011). *Acompañarnos contentos con la familia: unidad, diferencia y conflicto entre los Nükak, Amazonia colombiana*. Wageningen: Wageningen University. (Tese de Doutorado).

FREIDEL, D. A. (1979). Culture Areas and Interaction Spheres: Contrasting Approaches to the Emergence of Civilization in the Maya Lowlands. *American Antiquity*, 44.1:36-54

FRIESEN, T. M. (1995). "Periphery" as Centre: Long-Term Patterns of Intersocietal Interaction on Herschel Island, Northern Yukon Territory. Montréal: McGill University. (Tese de Doutorado).

FUSELLI S.; TARAZONA-SANTOS E.; DUPANLOUP I.; SOTO A.; LUISELLI D.; PETTENER D. (2003). Mitochondrial DNA diversity in South America and the genetic history of Andean highlanders. *Molecular Biology and Evolution*, 20(10):1682-1691.

GALDÓS RODRÍGUEZ, G. (1985). *Kuntisuyu. Lo que encontraron los españoles*. Arequipa: Bustamante.

GALUCIO, A. V. (2005). Puruborá: notas etnográficas e linguísticas recentes. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi - Série Ciências Humanas*, 1.2:159-192.

GAMBLE, C. (1986). *The Palaeolithic Settlement of Europe*. Cambridge University Press, Cambridge.

GARCÉS, F. (1999). *Cuatro textos coloniales del quichua de la "Provincia de Quito"*. *Estudio Introductorio*. Quito: PEBI-GTZ.

GARCIA, L. L. W. G. (2012). *Arqueologia na região dos interflúvios Xingu-Tocantins: a ocupação tupi no Cateté*. São Paulo: USP. (Dissertação de Mestrado).

GARCILASO DE LA VEGA, INCA (1609[1963]). *Comentarios Reales de los Incas*. Montevideo: Ministerio de Instrucción Social.

_____ (1609[1966]). *Royal Commentaries of the Incas, and General History of Peru*. Austin: University of Texas Press.

GASSÓN, R. A. (2002). Orinoquia: The Archaeology of the Orinoco River Basin. *Journal of World Prehistory*, 16.3:237-311.

GAYA-VIDAL, M.; MORAL, P.; SAENZ-RUALES, N.; GERBAULT, P.; TONASSO, L. *et al.* (2011). MtDNA and Y-chromosome diversity in Aymaras and Quechuas from Bolivia: different stories and special genetic traits of the Andean Altiplano populations. *Am. J. Phys. Anthropol.*, 145:215-230.

GIBSON, M. L. (1996). *El Munichi: Un idioma que se extingue*. (Serie Lingüística Peruana, 42). Pucallpa: Instituto Lingüístico de Verano.

GILDEA, S.; PAYNE, D. (2007). Is Greenberg's "Macro-Carib" viable? *Bol. Mus. Para. Emilio Goeldi. Ciências Humanas*, 2.2:19-72.

GILIJ, F. S. (1780-4). *Saggio di storia americana, o sia, Storia naturale, civile e sacra dei regni, e delle provincie spagnuole di Terra-Ferma nell'America Meridionale descritto dall'abate F. S. Gilij*. Rome.

GIRARD, V. (1971). *Proto-Takanan phonology (University of California Publications in Linguistics, 70)*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press.

GIRAULT, L. (1989). *Kallawayá: el idioma secreto de los incas. Diccionario*. Bolivia: UNICEF/OPS/OMS.

GNERRE, M. (1988). *Evidence for a macro-Arawakan-Jivaroan connection*. Comunicação apresentada no simpósio: Arawakan Linguistics, 46º International Congress of Americanists, julho de 1988, Amsterdam.

GOEJE, C. H. DE (1928a). Old relations between Arowak, Carib and Tupi. *Atti del XXII Congresso Internazionale degli Americanisti (1926)*, 63-67. Roma: R. Garroni.

_____ (1928b). *The Arawak language of Guiana*. Amsterdam: Koninklijke Akademie van Wetenschappen.

GOETZE, A. (1941). Is Ugaritic a Canaanite dialect? *Language*, 17(2):127-138.

GOLDEN, P. B. (1992). *An introduction to the history of the Turkic peoples: ethnogenesis and state-formation in medieval and early modern Eurasia and the Middle East*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz.

GOLDSMITH, J. (1976). *Autosegmental Phonology*. Tese de Doutorado. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology.

_____ (1990). *Autosegmental and metrical phonology*. Oxford & Cambridge: Blackwell.

GOLDSTEIN, P. (2000). Exotic goods and everyday chiefs: longdistance exchange and indigenous sociopolitical development in the South Central Andes. *Latin American Antiquity*, 11:335-361.

_____ (2015). Multiethnicity, pluralism, and migration in the south central Andes: An alternate path to state expansion. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, 112(30):9202-9209.

GOLDSTONE, R. L.; HENDRICKSON, A. T. (2010). Categorical perception. *Wiley Interdisciplinary Reviews: Cognitive Science*, 1.1:69-78.

GOLLEY, F. B. (1993). *A History of the Ecosystem Concept in Ecology: More than the Sum of the Parts*. New Haven: Yale University Press.

GOMES, D. M. C. (2007). The Diversity of Social Forms in Pre-Colonial Amazonia. *Revista de Arqueologia Americana*, 25:189-225.

_____ (2011). Cronologia e Conexões Culturais na Amazônia: as sociedades Formativas da região de Santarém, PA. *Revista de Antropologia*, 154.1:269- 314.

GÓMEZ RENDÓN, J. A. (2010). Deslindes lingüísticos en las tierras bajas del pacífico ecuatoriano. *Antropología. Cuadernos de Investigación*, 10:1-31.

GONZÁLEZ, L. J. M. (2011). *Estructura genética de la población de Guatemala. Aplicaciones en el campo antropológico y forense*. Granada: Universidad de Granada. (Tese de Doutorado).

GOYETTE, S. (2000). From Latin to early Romance: a case of partial creolization? Em: J. McWhorter (ed.), *Language Change and Language Contact in Pidgins and Creoles*, 103-131. Amsterdam: Benjamins.

GRACE, G. (1996). Regularity of change in what? Em: M. Durie & M. Ross (eds.), *The comparative method reviewed: Regularity and irregularity in language change*, 157-179. Cambridge: Cambridge University Press.

GRAEBNER, F. (1903). Kulturkreise and Kulturschichten in Ozeanien. *Zeitschrift für Ethnologie*, 37:28-53.

_____ (1911). *Die Methode der Ethnologie*. Heidelberg.

GREEN D. G.; SADEDIN, S.; LEISHMAN, T. G. (2008). Self-Organization. Em: S. E. Jørgensen & B. Fath (eds.), *Encyclopedia of Ecology*. Amsterdam: Elsevier.

GREENBERG, J. H. (1956). Tentative Linguistic Classification of Central and South American languages. Em: A. Wallace (ed.), *Men and cultures: Fifth international congress of anthropological and ethnological sciences*, 791-794. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

_____ (1960). The general classification of Central and South American languages. Em: A. Wallace (ed.), *Men and Cultures: Selected Papers of the 5th International Congress of Anthropological and Ethnological Sciences (1956)*, 791-4. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

_____ (1987). *Language in the Americas*. Stanford: Stanford University Press.

_____ (1999). Are there mixed languages? Em: L. Fleishman *et alii* (eds.), *Essays in poetics, literary history and linguistics presented to Viacheslav Vsevolodovich Ivanov on the occasion of his seventieth birthday*, 626-633. Moscow: OGI.

_____ (2005). *Genetic Linguistics. Essays on Theory and Method*. Oxford: Oxford University Press.

GREER, J. (2001). Lowland South America. Em: D. S. Whitley (ed.), *Handbook of Rock Art research*, 665-706. Walnut Creek: Rowman & Littlefield.

GREGOR, TH A.; TUZIN, D. (eds.) (2001). *Gender in Amazonia and Melanesia: An Exploration of the Comparative Method*. Berkeley: University of California Press.

GRIMES, B. F. (ed.) (1988). *Ethnologue: Languages of the World*, (11^a edição). Dallas: Summer Institute of Linguistics.

_____ (ed.) (2000). *Ethnologue: Languages of the World*, (14^a edição). Dallas: Summer Institute of Linguistics.

GRININ, L. E.; CARNEIRO, R. L.; KOROTAYEV, A. V.; SPIER, F. (eds.) (2011). *Evolution: Cosmic, Biological, and Social*. Volgograd: Uchitel.

GROSS, D.R. (1975). Protein capture and cultural development in the Amazon Basin. *Amer. Anthropol.*, 77.3:526-49.

GROTH, C. (1977). Here and there in Kanamari. *Anthropological Linguistics*, 19.5:203-215.

GRUSKY, D. B. (2001). Social Stratification. Em: E. F. Borgatta & R. J. V. Montgomery (eds.), *Encyclopedia of Sociology*, 4:2807-2821 (11^a edição). New York: Macmillan Reference.

GUAPINDAIA, V. (2008). *Além da margem do rio - as ocupações Konduri e Pocó na região de Porto Trombetas, PA*. São Paulo: USP. (Tese de Doutorado).

GUDSCHINSKY, S. C. (1971). *Estudos sobre línguas e culturas indígenas: Trabalhos lingüísticos realizados no Brasil (edição especial)*. Brasília: Instituto Lingüístico de Verão

GUENGERICH, A. (2014). *Monte Viudo: Residential architecture and the everyday production of space in a Chachapoya community*. Chicago: The University of Chicago. (Tese de Doutorado).

GUÉRIOS, R. F. M. (1939). O nexu lingüístico Bororo/Merrime-Caiapó (contribuição para a unidade genética das línguas americanas). *Revista do Círculo de Estudos "Bandeirantes"*, 2:61-74.

_____ (1944). Estudos sobre a língua Camacã: pequeno vocabulário, nótulas gramaticais, investigações etimológicas. *Arquivos do Museu Paranaense*, 4:291-320.

GUEVARA, T. (1925-1927). *Historia de Chile: Chile prehispano*. Santiago: Balcells.

GUFFROY J., (2004). *Catamayo precolombino. Investigaciones arqueológicas en la provincia de Loja (Ecuador) (Travaux de l'Institut Français d'Etudes Andines, 164)*. Loja: IRD-IFEA-UTPL-BCE.

_____ (2006). El Horizonte corrugado: correlaciones estilísticas y culturales El Horizonte corrugado: correlaciones estilísticas y culturales. *Bulletin de l'Institut Français d'Études Andines*, 35.3:347-359.

_____ (2008). Cultural Boundaries and Crossings: Ecuador and Peru. Em: H. Silverman & W. H. Isbell (eds.), *Handbook of South American Archaeology*, 889-902. New-York: Springer.

_____ ; KAULICKE, P.; MAKOWSKI, K. (1989). La prehistoria del departamento de Piura: estado de los conocimientos y problemática. *Bulletin de l'Institut Français d'Études Andines*, 18.2:117-142.

GUGLIELMINO, C. R.; VIGANOTTI, C.; HEWLETT, B.; CAVALLI-SFORZA, L. L.; (1995). Cultural variation in Africa: role of mechanisms of transmission and adaptation. *PNAS USA*, 92:7585-7589.

GUILLAUME, A. (2004). *A Grammar of Cavineña, an Amazonian Language of Northern Bolivia*. Melbourne: La Trobe University (Tese de Doutorado).

GUIRARDELLO-DAMIAN, R. (2011). Léxico Comparativo: explorando aspectos da história trumai. Em: B. Franchetto (ed.), *Alto Xingu: uma sociedade multilíngue*, 113-153. Rio de Janeiro: Museu do Índio - FUNAI.

GUMPERZ, J. J. (1962). Types of linguistic communities. *Anthropological Linguistics*, 4(1):28-40.

_____ (1968). The speech community. Em: D. L. Sills (ed.), *International encyclopedia of the social sciences*, 381-6. Detroit: Macmillan.

_____ (1971). *Language in social groups*. Stanford: Stanford University Press.

_____ (1982). *Language and social identity*. Cambridge: Cambridge University Press.

_____ (1996). Introduction to part IV (The social matrix: culture, praxis, and discourse). Em: J. J. Gumperz & S. C. Levinson (eds.), *Rethinking linguistic relativity*, 359-373. Cambridge: Cambridge University Press.

_____ ; WILSON, R. (1971). Convergence and creolization: a case from the indo-Aryan/Dravidian border in india. Em: D. H. Hymes (ed.), *Pidginization and Creolization of Language*, 151-167. Cambridge: Cambridge University Press.

GUY, G. R. (1988). Language and social class. Em: F. J. Newmeyer (ed.), *Linguistics: The Cambridge survey, IV: Language: The Socio-Cultural Context*, 37-63. New York: Cambridge University Press.

_____ (2003). Variationist Approaches to Phonological Change. Em: B. D. Joseph & R. D. Janda (eds.), *The Handbook of Historical Linguistics*, 369-400. Oxford & Malden, MA: Blackwell.

- HAECKEL, E. (1866). *Generelle Morphologie der Organismen*. Berlin.
- HALE, M. (2007). *Historical Linguistics. Theory and Method*. Oxford: Blackwell Publishing.
- HANNß, K. (2008). *Uchumataqu: The lost language of the Urus of Bolivia. A grammatical description of the language as documented between 1894 and 1952 (ILLA, 7)*. Leiden: CNWS Publications.
- HARDESTY, D.L. (1975). The niche concept: suggestions for its use in human ecology. *Hum. Ecol.*, 3:71-85.
- HARDMAN, M. (1985). Aymara and Quechua: languages in contact. Em: H. Manelis Klein & L. Stark (eds.), *South American Indian Languages*, 617-43. Austin: University of Texas Press.
- HARRINGTON, J. P. (1943). Hokan discovered in South America. *Journal of the Washington Academy of Sciences*, 33:334-44.
- HARRIS, M. (1974) *Cows, pigs, wars, and witches: the riddles of culture*. New York: Random House.
- _____ (1977). *Cannibals and Kings*. Glasgow: Fontana/Collins.
- _____ (1979). *Cultural Materialism: the Struggle for a Science of Culture*. Walnut Creek: AltaMira Press.
- _____ (1984). A cultural materialist theory of band and village warfare: the Yanomamo test. Em: R. B. Ferguson (ed.), *Warfare Culture, and Environment*, 111-40. New York: Academic Press.
- HARRISON, G. A.; TANNER, J. M.; PILLBEAM, D. R.; BAKER, P. T. (1988). *Human Biology: An introduction to human evolution, variation, growth, and adaptability*. Oxford/New York: Oxford University Press.
- HASTORF, CH. A. (2008). The Formative Period in the Titicaca Basin. Em: H. Silverman & W. H. Isbell (eds.), *Handbook of South American Archaeology*, 545-561. New-York: Springer.
- HAUGEN, E. (1972). *The Ecology of language*. Stanford: Stanford University.
- HAUSER, M. D.; FITCH, W. T. (2003). What are the uniquely human components of the language faculty? Em: M. H. Christiansen & S. Kirby (eds.), *Language Evolution*, 158-181. Oxford: Oxford University Press.
- HAVILAND, J. B. (1998). Guugu Yimithirr cardinal directions. *Ethos*, 26:25-47.

HAYES L. J.; FREDERICKS D. W. (1999). Interbehaviorism and interbehavioral psychology. Em: W. O'Donohue & R. Kitchener (eds.), *Handbook of behaviorism*, 71-96. San Diego: Academic Press.

HAYWARD, M. H.; ATKINSON, L., CINQUINO, M. A. (2009). Introduction. Em: M. H. Hayward, L. Atkinson & M. A. Cinquino (eds.), *Rock Art of the Caribbean*. Tuscaloosa: University of Alabama Press.

HEATH, J. (1981). A case of intensive lexical diffusion. *Language*, 57:335-367.

HECKENBERGER, M. J. (2002). Rethinking the Arawakan Diaspora: Hierarchy, Regionality, and the Amazonian Formative. Em: J. Hill & F. Santos-Granero (eds.), *Comparative Arawakan Histories*, 99-122. Urbana: University of Illinois Press.

_____ (2005). *The Ecology of Power: Culture, Place, and Personhood in the Southern Amazon, AD 1000-2000*. New York: Routledge.

_____ (2008). Amazonian Mosaics: Identity, Interaction, and Integration in the Tropical Forest. Em: H. Silverman & W. Isbell (eds.), *Handbook of South American Archaeology*, 941-961. New York: Springer.

_____; KUIKURO A.; KUIKURO, U. T.; RUSSELL, J. C.; SCHMIDT, M.; FAUSTO C.; FRANCHETTO, B. (2003). Amazonia 1492: pristine forest or cultural parkland? *Science*, 301.5640:1710-1714.

_____; NEVES, E.; PETERSEN, J. (1998). De onde surgem os modelos? As origens e expansões Tupi na Amazônia Central. *Revista de Antropologia/USP*, 41.1:69-96.

HEGGARTY, P. (2005). Enigmas en el origen de las lenguas andinas: aplicando nuevas técnicas a las incógnitas por resolver. *Revista Andina*, 40:9-80.

_____; MAGUIRE, W.; MCMAHON, A. (2010). Splits or waves? Trees or webs? How divergence measures and network analysis can unravel language histories. *Philosophical Transactions of the Royal Society B*, 365:3829-3843.

HEISENBERG, W. (1927). Über den anschaulichen Inhalt der quantentheoretischen Kinematik und Mechanik, *Zeitschrift für Physik*, 43(3-4):172-198.

HENLEY, P.; MATTEI-MÜLLER, M. C.; REID, H. (1994). Cultural and linguistic affinities of the foraging peoples of northern Amazonia: a new perspective. *Antropológica*, 83:3-38.

HENRY, J. (1939). The linguistic position of the Ashluslay Indians. *International Journal of American Linguistics*, 10.2-3:86-91.

HERBERT, R. K. (1986). *Language universals, markedness theory, and natural phonetic processes*. Trends in Linguistics. Studies and Monographs, 25. Berlin: Mouton de Gruyter.

HERRERA, L. F.; CAVELIER, I.; RODRÍGUEZ, C.; MORA, S. (1992). The technical transformation of an agricultural system in the Colombian Amazon. *World Archaeology*, 28:98-113.

HERSKOVITS, M. (1938). *Acculturation: The Study of Culture Contact*. Gloucester: Peter Smith.

HERVÁS Y PANDURO, L. (1800-5). *Catálogo de las lenguas de las naciones conocidas, y numeración, división, y clases de estas según la diversidad de sus idiomas y dialectos*, 1 (Lenguas y naciones americanas). Madrid.

HEWLETT, B.; DE SILVESTRI, A.; GUGLIELMINO, C. R. (2002). Semes and genes in Africa. *Curr. Anthropol.*, 43:313-321.

_____; MACFARLAN, SH. J. (2010). Fathers' Roles in Hunter-Gatherer and Other Small Scale Cultures. Em: M. E. Lamb (ed.), *The Role of the Father in Child Development* (5ª Edição), 413-434. Hoboken: Wiley.

HIGMAN, B. W. (2011). *A concise history of the Caribbean*. Cambridge: Cambridge University Press.

HILBERT, P.P. (1968). *Archaologisch Untersuchungen am Mittleren Amazonas*. Berlin: Dietrich Reimer Verlag.

HILL, J. D. (2007). Collares de Quirípa como símbolo de la Hibridación Económica Colonial en la Región del Alto Río Negro. Em: L. M. Pacheco, G. Gordones & J. Briceño (eds.), *Lecturas antropológicas de Venezuela*, 257-64. Mérida: Editorial Venezolana C. A..

HIRTZEL, V.; DAILLANT, I. (2012). *Los arawak del Mamoré y su políglota al amanecer de las misiones jesuitas*. Comunicação apresentada em: 54th International Congress of Americanists, Symposium 'Arawakan linguistic and cultural identities'. Viena: Universität Wien.

HJELMSLEV, L. (1938). Etudes sur la notion de parenté linguistique. *Revue des Etudes Indo-Européennes*, 1:271-86.

HOCHMUTH, M.; LÜDELING, A.; LESER, U. (2009). Simulating and reconstructing language change. (Manuscrito).

HOCK, H. H. (1991). *Principles of historical linguistics* (2ª edição). Berlin: Mouton de Gruyter.

HOCKETT, CH. (1955). *A manual of phonology* (Indiana University Publications in Anthropology and Linguistics, 11). Baltimore: Indiana University Press.

HOCQUENGHEM, A. (1991). Frontera entre "áreas culturales" nor y centroandino en los valles de la costadel extremo norte peruano. *Bulletin de l'Institut Français des Etudes Andines*, 20:309-348.

_____ (1993). Rutas de entrada del mullu en el extremo norte del Perú. *Bulletin de l'Institut Français d'Etudes Andines*, 22.3:701-719.

_____ (1995). Intercambios entre los Andes centrales y norteños en el extremo norte del Perú. Em: A. Alvarez, S. G. Alvarez, C. Jauría & J. J. Marcos (eds.), *Primer Encuentro de Investigadores de la Costa Ecuatoriana en Europa*, 259-298. Quito: Abya Yala.

_____; IDROVO, J.; KAULICKE, P.; Gonnis, D. (1993). Bases del intercambio entre las sociedades norperuanas y surecuatorianas: una zona de transición entre 1500 A.C. Y 600 D.C.. *Bulletin del'Institut Français d'Etudes Andines*, 22.2:443-466.

HOENIGSWALD, H. M. (1990). Language families and subgroupings, tree model and wave theory, and reconstruction of protolanguages. Em: E. C. Polomé (ed.), *Research Guide on Language Change*, 441-454. Berlin: Mouton de Gruyter.

HOLMAN, E. W.; SCHULZE, CH.; STAUFFER, D.; WICHMANN, S. (2009). *On the relation between structural diversity and geographical distance among languages: observations and computer simulations*. (Manuscrito).

_____; WICHMANN, S.; BROWN, C. H.; VELUPILLAI, V.; MÜLLER, A.; BAKKER, D. (2008). Explorations in automated language classification. *Folia Linguistica*, 42.2:331-354.

HOOPEs, J. W. (2005). The emergence of social complexity in the Chibchan world of southern Central America and northern Colombia, AD 300–600. *Journal of Archaeological Research*, 13.1:1-47.

_____; FONSECA, O. (2003). Goldwork and Chibchan Identity: Endogenous Change and Diffuse Unity in the Isthmo-Colombian Area. Em: J. Quilter & J. Hoopes (eds.), *Gold and Power in Ancient Costa Rica, Panama, and Colombia*, 49-89. Washington: Dumbarton Oaks.

HORNBORG, A. (2005). Ethnogenesis, Regional Integration, and Ecology in Prehistoric Amazonia. *Current Anthropology*, 46.4:589-620.

_____; HILL, J. D. (eds.) (2011a). *Ethnicity in Ancient Amazonia: Reconstructing Past Identities from Archaeology, Linguistics, and Ethnohistory*. Boulder: University Press of Colorado.

_____; _____ (2011b). Introduction. Em: A. Hornborg & J. D. Hill (eds.), *Ethnicity in Ancient Amazonia*, 1-27. Boulder: University Press of Colorado.

HOVDHAUGEN, E. (2000). A loanword from Mapudungun in Mochica? Em: P. Wallin & H. Martinsson-Wallin (eds.), *Essays in Honour of Arne Skjølsvold. 75 Years*, 133-138. Oslo: Kon-Tiki Museet.

HUBER, K. (1953). Contribution à la langue mučik. *Journal de la Société des Américanistes*, 42:127-134.

HUDSON, R. R.; SLATKIN, M. (1991). Pairwise comparisons of mitochondrial DNA sequences in stable and exponentially growing populations. *Genetics*, 129:555-562.

HUMBOLDT, W. VON (1836). *Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues und ihren Einfluß auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts*. Abhandlungen der Akademie der Wissenschaften zu Berlin. Berlin: Dümmlers Verlag.

_____; HEATH, P. (trans.) (1836[1988]). *On language: the diversity of human language structure and its influence on the mental development of mankind*. Cambridge: Cambridge University Press.

HYDE, S.; RUSSEL, R.; RUSSEL, D.; RIVERA, M. C. DE (1980). *Diccionario Amahuaca (Serie Lingüística Peruana, 7)*. Yarinacocha: Instituto Lingüístico de Verano.

HYMES, D. H. (1974). *Foundations in Sociolinguistics: An Ethnographic Approach*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

IDROVO URIGÜEN, J. (2000). El Formativo en la sierra ecuatoriana. Em: P. Ledergerber-Crespo (ed.), *Formativo sudamericano: una revaluación*, 114-123. Quito: Abya-Yala.

IHERING, H. VON (1912). A etnographia do Brasil meridional. *Actas del 17º CIA, Buenos Aires 1910*, 250-264.

INE (Instituto Nacional de Estadística) (2012). *Bolivia. Características de Población y Vivienda: Censo Nacional de Población y Vivienda 2012*.

IRWIN, G. (1992). *The prehistoric exploration and colonizatim of the Pacific*. Cambridge: Cambridge University Press.

ISA (ed.) (s.d.) *Povos Indígenas no Brasil*, <<http://pib.socioambiental.org/pt>>. Acessado em: 03/01/2015.

ISELL, W. H. (2008). Wari and Tiwanaku: International Identities in the Central Andean Middle Horizon. Em: H. Silverman & W. H. Isbell (eds.), *Handbook of South American Archaeology*, 731-760. New-York: Springer.

_____. (2010). La arqueología Wari y la dispersión del Quechua. *Boletín de Arqueología. PUCP*, 14:199-220.

_____; SILVERMAN, H. (2006a). Regional Patterns. Em: W. H. Isbell & H. Silverman (eds.), *Andean Archaeology III: North and South*, 3-19. New-York: Springer.

_____; _____ (2006b). The South: Introduction. Em: W. H. Isbell & H. Silverman (eds.), *Andean Archaeology III: North and South*, 199-209. New York: Springer.

ISIDORO, E. A. (2006). *Situação sociolingüística do povo Arara: uma história de luta e resistência*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás. (Dissertação de Mestrado).

ISLA CUADRADO, J.; REINDEL, M. (2006). Una tumba Paracas Temprano en Mollake Chico, valle de Palpa, costa sur del Perú. *Zeitschrift für Archäologie Ausereuropäischer Kulturen*, 1:153-181.

JACINTO SANTOS, P. E.; YANQUI TRAVERSO, F. (2011). *Préstamos léxicos de Quechua a la lengua Asháninka*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra. (Dissertação de Mestrado).

JAIMES BETANCOURT, C. (2012a). La cerámica de dos montículos habitacionales en el área de Casarabe, Llanos de Moxos. Em: C. Isendahl (ed.), *The Past Ahead. Language, Culture and Identity in the Neotropics*, 161-184. Uppsala: Department of Archaeology and Ancient History, Uppsala University.

_____ (2012b). *La Cerámica de la Loma Salvatierra*. La Paz: Kommission für Archäologie Außereuropäischer Kulturen des Deutsches Archäologisches Instituts / Plural.

_____; PRÜMERS, H. (2015). La fase Jasiaquiri - una ocupación de los siglos IV-VI en la provincia Iténez, llanos de Mojos, Bolivia. Em: S. Alconini & C. Jaimes Betancourt (eds.), *En el corazón de América del Sur 3. Arqueología de las tierras bajas de Bolivia y zonas limítrofes*, 17-40. Santa Cruz de la Sierra: Universidad Autónoma Gabriel René Moreno.

JAKOBSON, R. (1928[1962]), The Concept of the Sound Law and the Teleological Criterion, Em: *Selected writings*, 1:1-2. The Hague: Mouton.

_____ (1938[1962]). Sur la théorie des affinités phonologiques entre des langues. Em: *Selected writings*, 1:234-246. The Hague: Mouton. (Reimpresso de: *Actes du Quatrième Congrès International de Linguistes*, 48-59. Copenhagen: Einar Munksgaard).

_____ (1959). Boas' view of grammatical meaning. *American Anthropologist*, 61:139-45.

JANIAK, A. (2012). Kant's Views on Space and Time. Em: E. N. Zalta (ed.), *The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Winter Edition)*, URL = <<http://plato.stanford.edu/archives/win2012/entries/kantspacetime/>>.

JANUSEK, J. W. (2002). Out of many, one: Style and social boundaries in Tiwanaku. *Latin American Antiquity*, 13:35-61.

_____ (2004). Tiwanaku and Its Precursors: Recent Research and Emerging Perspectives. *Journal of Archaeological Research*, 12:121-183.

JARA MURILLO, C. V. (2004). Observaciones para el estudio de la relación genealógica entre la lengua páez y las familias chocó y barbacoa. *Revista de Filología y Lingüística de la Universidad de Costa Rica*, 30.2:215-235.

JENNINGS, J. (2012). Reevaluando el Horizonte Medio en Arequipa. *Boletín de arqueología de la PUCP*, 16:165-188.

JIJÓN Y CAAMAÑO, J. (1940-1945). *El Ecuador Interandino y Occidental antes de la Conquista Castellana*. Quito: Editorial Ecuatoriana.

JOHNSON, S. M. (2013). *Phylogenetic Resolution with mtDNA D-loop vs. HVS 1: Methodological Approaches in Anthropological Genetics Utilizing Four Siberian Populations*. Lawrence: University of Kansas. (Dissertação de Mestrado).

JOLKESKY, M. (2009). Macro-Daha: reconstrução de um tronco lingüístico do noroeste amazônico. Comunicação apresentada em: ROSAE - I Congresso Internacional de Linguística Histórica, Salvador, 26-29 de julho de 2009, UFBA.

_____ (2010). *Reconstrução fonológica e lexical do proto-Jê meridional*. Campinas: UNICAMP. (Dissertação de Mestrado).

_____ (2011). *Arawá-Katukina-Harakmbet: correspondências fonológicas, morfológicas e lexicais*. Comunicação apresentada em: Encontro Internacional Arqueologia e Linguística Histórica das línguas indígenas sul-americanas. Brasília, 24-27 de outubro de 2011, UnB.

_____ (2012). Comparação preliminar entre as línguas andoke e urekena. (Manuscrito).

_____ (2015). Duho: correspondências fonológicas e lexicais. (Manuscrito).

_____ (2016). Uma reconstrução do proto-mamoré-guaporé (família arawak). *LIAMES*, 16.1:7-37.

_____; ADELAAR, W.; ELORANTA, R. (2015). *On the ethnic identity of the Kuntis*. Comunicação aprovada, mas não apresentada em: 4º REELA (Red Europea para el Estudio de las Lenguas Andinas). Leiden, 6-7 de setembro de 2015, Universiteit Leiden.

_____; BANIWA, E. (2012). *Distinguindo léxico endógeno e exógeno nas línguas Arawak*. Comunicação apresentada em: 54 International Congress of Americanists. Vienna, 15-20 de julho de 2012, Universität Wien.

_____; CABRAL, A. S. A. C. (2011). *Investigando as relações entre Tupi e Vaupés-Japurá*. Comunicação apresentada em: Encontro Internacional Arqueologia e Linguística Histórica das línguas indígenas sul-americanas. Brasília, 24-27 de outubro de 2011, UnB.

_____; ELORANTA, R.; (2015). *The Marañón-Huallaga interaction zone: Contact beyond the northern Peruvian Andes*. Comunicação aprovada, mas não apresentada em: 4º REELA (Red Europea para el Estudio de las Lenguas Andinas). Leiden, 6-7 de setembro de 2015, Universiteit Leiden.

JONES, K. L. (2010). *Cupisnique Culture: The Development of Ideology in the Ancient Andes*. Austin: University of Texas at Austin. (Tese de Doutorado).

JØRGENSEN, S. E. (2008). Fundamental Laws in Ecology. Em: S. E. Jørgensen, & B. Fath, (eds.), *Encyclopedia of Ecology*, 1697-1701. Amsterdam: Elsevier.

- _____ (2009). *Ecosystem Ecology*. Amsterdam: Elsevier.
- _____ (ed.); Fath, B. (eds.) (2008). *Encyclopedia of Ecology*. Amsterdam: Elsevier.
- JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (eds.) (2003). *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford & Malden: Blackwell.
- JUSTICE, A. E. (2011). *Genetic Structure of the Maya in Guatemala: Perspectives on the Population History of the Maya using mtDNA and Y-chromosome Markers*. Lawrence: University of Kansas. (Tese de Doutorado).
- KANT, I. (1781). *Critik der reinen Vernunft*. Riga.
- KANTOR, J. R. (1982). *Cultural psychology*. Chicago: The Principia Press.
- KASHIMOTO, E. M.; MARTINS, G. R. (2000). Panorama arqueológico da margem direita do rio Paraná, MS: do povoamento por caçadores-coletores a índios Guarani coloniais. *Clio*, 14:299-315.
- KAUFFMAN, S. A. (2010[2008]). *Reinventing the Sacred: A New View of Science, Reason, and Religion*. New York: Basic Books.
- KAUFMAN, T. (1989). *South American indian languages and their genetic groupings*. Berkeley: South American Indian Languages Documentation Project, University of California at Berkeley and University of Pittsburgh. (Manuscrito).
- _____ (1990). Language history in South America: what we know and how lo know more. Em: D. L. Payne (ed.), *Amazonian linguistics. Studies in Lowland South American languages*, 13-73. Austin: University of Texas Press.
- _____ (1994a). The Native Languages of South America. Em: C. Mosley & R. E. Asher (eds.), *Atlas of the World's Languages*, 46-76. London: Routledge.
- _____ (1994b). Proto Witotoan, by Richard P. Aschmann. (Revisão). *Language*, 70.2:379.
- _____; BERLIN, B. (2007). South America. Em: R. E. Asher & Ch. Moseley (eds.), *Atlas of the World's Languages*, 59-94. (2ª edição). London: Routledge.
- KAULICKE, P. (2001). *Aportes y vigencia de Johann Jakob von Tschudi (1818-1889)*. Lima: Fondo Editorial PUCP.
- _____ (2006). The Vicus-Mochica relationship. Em: W. H. Isbell & H. Silverman (eds.), *Andean Archaeology III, North and South*, 85-111. New York, NY: Springer.
- KEILMAN, N. (s.d.). *Stable and stationary populations*. (Manuscrito).

KELEKNA, P. (1994). Farming, feuding, and female status: the Achuar case. Em: A. C. Roosevelt (ed.), *Amazonian Indians from Prehistory to the Present: Anthropological Perspectives*, 225-248. Tucson: University of Arizona Press.

KELLETT, L., GOLITKO, M., BAUER, B. (2013). A Provenance Study of Archaeological Obsidian from the Andahuaylas Region of Southern Peru. *Journal of Archaeological Science*, 40.4:1890-1902.

KEMP, B. M.; TUNG, T. A.; SUMMAR, M. L. (2009). Genetic continuity after the collapse of the Wari Empire: mitochondrial DNA profiles from Wari and post-Wari populations in the ancient Andes. *Am. J. Phys. Anthropol.*, 140:80-91.

KENYON, V. B. (1983). *River Valleys and human interaction: A critical evaluation of Middle Woodland Ceramics in the Merrimack River Valley*. Boston: Boston University. (Tese de Doutorado).

KERSWILL, P. (1994). *Dialects converging: rural speech in urban Norway*. Oxford: Clarendon Press.

KEY, M. R. (1968). *Comparative Tacanan phonology, with Cavineña phonology and notes on Pano-Tacanan relationships*. The Hague: Mouton.

_____ (1978). Araucanian genetic relationships. *IJAL*, 44.4:280-293.

_____; CLAIRIS, CH. (1978). Fuegian and central South American language relationships. *Actes du XLIIème CIA*, 2:635-645.

KINDBERG, L. (1980). *Diccionario asháninca (Documento de Trabajo, 19)*. Yarinacocha: Instituto Lingüístico de Verano.

KIRBY, S. (1993). Adaptive explanations for language universals: A model of Hawkins' performance theory. *Sprachtypologie und Universalienforschung*, 47:186-210.

KNAPPETT, C. (2011). *An archaeology of interaction. Network perspectives on material culture and society*. Oxford: Oxford University Press.

KOCH-GRÜNBERG, TH. (1906). Die Sprache der Maku-Indianer. *Anthropos*, 1:877-906.

_____ (1910). Die Miranya (Rio Yapurá, Amazonas). *ZE*, 42:896-914.

_____ (1913). Abschluss meiner Reise durch Nordbrasilien zum Orinoco, mit besonderer Berücksichtigung der von mir besuchten Indianerstämme. *Zeitschrift für Ethnologie*, 45:448-474.

KOOP, G.; KOOP, L. (1985). *Dicionário Deni-Português. Edição experimental*. Anápolis: Associação Internacional de Linguística.

KORPISAARI, A.; OINONEN, M.; CHACAMA, J. (2014). A Reevaluation of the Absolute Chronology of Cabuza and Related Ceramic Styles of the Azapa Valley, Northern Chile. *Latin American Antiquity*, 25.4:409-426.

_____ ; PÄRSSINEN, M. (2011). *Pariti: The Ceremonial Tiwanaku Pottery of an Island in Lake Titicaca. Humaniora (Annales Academiae Scientiarum Fennicae, 364)*. Helsinki: Finnish Academy of Science and Letters Humaniora.

KOU, J. Y.; SERA, M. D. (2007). Classifier effect on human categorization: the role of shape classifiers in Chinese Chinese. *Journal of East Asian Linguistics*, 18:1-19.

KRUTE, L. D. (1989). *Piaroa Nominal Morphosemantics*. New York: Columbia University. (Tese de Doutorado).

LA COMBE, E.; VON HASSEL, J.; PESCE, L. (1904). *El Istmo de Fiscarrald*. Lima: Imprenta La Industria.

LABOV, W. (1963). The social motivation of a sound change. *Word*, 19:273-309.

_____ (1966). *The social stratification of English in New York City*. Washington: Center for Applied Linguistics.

_____ (1972). *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

_____ (1982). Building on Empirical Foundations. Em: W. Lehmann & Y. Malkiel (eds.), *Perspectives on Historical Linguistics*, 17-92. Amsterdam: John Benjamins.

_____ (1994). *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Oxford & Cambridge: Blackwell.

_____ ; YAEGER, M.; STEINER, R. (1972). *A Quantitative Study of Sound Change in Progress*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

LAFONE QUEVEDO, S. A. (1896). Grupo mataco-mataguayo del Chaco: dialecto Vejoz. Ms. d'Orbigny. *Boletín del Instituto Geográfico Argentino*, 17:127-176.

_____ (1905). La Lengua Leca. *Anales de la Sociedad Científica de Argentina*, 60:5-20/49-64/97-113/168-180.

LANGENBAEK, C. H. (1985). Tres formas de acceso a productos en territorio de los Cacicazgos sujetos al Cocuy, siglo XVI. *Boletín del Museo del Oro*, 18. Bogotá: Banco de la República.

_____ (1987). *Mercados, poblamiento e integración étnica entre los Muisca. Siglo XVI*. Bogotá: Banco de la República.

_____ (1992). *Noticias de caciques muy mayores: Origen y desarrollo de sociedades complejas en el nororiente de Colombia y norte de Venezuela*. Bogotá: Universidad de los Andes.

LAPENDA, G. (1968). *Estrutura da língua Iatê*. Recife: Imprensa Universitaria.

LAPOLLA, R. J. (2001). The role of migration and language contact in the development of the Sino-Tibetan language family. Em: R. M. W. Dixon & A. Y. Aikhenvald (eds.), *Areal Diffusion and Genetic Inheritance: Case Studies in Language Change*, 225-254. Oxford: Oxford University Press.

LASZLO, A.; KRIPPNER, S. (1998). Systems Theories: Their Origins, Foundations, and Development. Em: J. S. Jordan (ed.), *Systems Theories and A Priori Aspects of Perception*, 47-74. Amsterdam: Elsevier Science.

LATHRAP, D. (1962). *Yarinacocha: Stratigraphic Excavations in the Peruvian Montana*. Cambridge: Harvard University. (Tese de Doutorado).

_____ (1963). Los andes centrales y la montaña. *Rev. Museo Nac. Antrop. Arqueol.*, 32:197-202.

_____ (1968). The "hunting" economies of the tropical forest zone of South America. Em: R. Lee & I. DeVore (eds.), *Man the Hunter*, 23-9. Chicago: Aldine.

_____ (1970). *The Upper Amazon*. London: Thames and Hudson.

_____ (1973). The Antiquity and Importance of Long-Distance Trade Relationships in the Moist Tropics of Pre-Columbian South America. *World Archaeology*, 5.2:170-86.

_____ (1977). Our father the cayman, our mother the gourd: Spinden revisited or a unitary model for the emergence of agriculture in the New World. Em: C. E. Reed (ed.), *Origins of agriculture*, 713-751. The Hague: Mouton.

_____ ; GEBHART-SAYER, A.; MESTER, A. (1985). The Roots of the Shipibo Art Style: Three Waves on Imiriacochoa or there were Incas before the Incas. *Journal of Latin American Lore*, 11.1: 31-120.

LAU, G., (2013). *Ancient Alterity in the Andes: A Recognition of Others*. London: Routledge

LAVIER, J. D. M. (1968). Voice quality and indexical information. *British Journal of Disorders of Communication*, 3:43-53.

LEDERGERBER-CRESPO, P. (ed.) (1999). *Formativo Sudamericano: Una revaluación*. Quito: Abya-Yala.

LEE, R. B. (1972). Work effort, group structure, and land use in contemporary hunter-gatherers. Em: P. J. Ucko, R. Tringham, & G. W. Dimbleby (eds.), *Man, settlement and urbanism*, 177-85. London: Duckworth.

LEE-SMITH, M. W. (1996) Tangwang . Em: S. A. Wurm, P. Mühlhäusler & D. T. Tyron (eds.), *Atlas of Languages of Intercultural Communication in the Pacific, Asia, and the Americas (Trends in linguistics: Documentation, 13)*, 2.2:875-882. Berlin: Mouton de Gruyter.

LEHNERT SANTANDER, R. (1978). Préstamos del quechua y castellano a la lengua kunza. *Revista de Lingüística Teórica y Aplicada*, 16:135-140.

LENNEBERG, E. H.; ROBERTS, J. M. (1956). The Language of Experience: a Study in Methodology, *Supplement to International Journal of American Linguistics*, 22.2.

LEONI, J. (2000). Reinvestigando Ñawinpukyo: nuevos aportes al estudio de la cultura Huarpa y del periodo Intermedio Temprano en el valle de Ayacucho. *Boletín de Arqueología PUCP*, 4:631-640.

LÉVI-STRAUSS, C. (1949). *Les Structures élémentaires de la parenté*. Paris: Presses universitaires de France.

LEVINE, A. R. (2012). *Competition, Cooperation, and the Emergence of Regional Centers in the Northern Lake Titicaca Basin, Peru*. Los Angeles: University of California. (Tese de Doutorado).

LEVINSON, S. C. (1994). Vision, shape and linguistic description: Tzeltal body-part terminology and object description. *Linguistics*, 32:791-855.

LEWIS C. M.; LIZÁRRAGA, B.; TITO, R. Y.; LÓPEZ, P. W.; IANNACONE, G. C.; MEDINA, A.; MARTÍNEZ, R.; POLO, S. I.; DE LA CRUZ, A. F.; CÁCERES, A. M.; STONE, A. C. (2007). Mitochondrial DNA and the peopling of South America. *Hum. Biol.*, 79(2):159-78.

_____ ; LONG J. C. (2008). Native South American genetic structure and prehistory inferred from hierarchical modeling of mtDNA. *Molecular Biology and Evolution*, 25(3):478-486.

LEWIS, M. P.; SIMONS, G. F.; FENNIG, CH. D. (eds.). (2015). *Ethnologue: Languages of the World, Eighteenth edition*. Dallas, Texas: SIL International. Online version: <http://www.ethnologue.com>

LEWONTIN, R. C. (1984). Adaptation. Em: E. Sober (ed.), *Conceptual Issues in Evolutionary Biology*, 235-251. Cambridge: Bradford Books, MIT Press.

LIMA, H. P. (2008). *História das Caretas: A Tradição Borda Incisa na Amazônia Central*. São Paulo: USP. (Tese de Doutorado).

_____ ; NEVES, E. G.; PETERSEN, J. (2006). A Fase Açutuba: Um novo Complexo Cerâmico na Amazônia Central. *Arqueologia Suramericana*, 2.1:26-52.

_____; _____ (2011). Cerâmicas da Tradição Borda Incisa/ Barrancóide na Amazônia Central. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 21:205-230.

LIPPI, R. D. (2003). Formative Period chronology for the northern and central highlands of Ecuador. Em: S. Raymond & R. L. Burger (eds.), *Archaeology of Formative Ecuador*, 529-537. Washington: Dumbarton Oaks.

LLANOS VARGAS, H. (1988). Algunas Consideraciones sobre la Cultura de San Agustín: un proceso histórico milenario en el sur del Alto Magdalena de Colombia. *Boletín del Museo del Oro*, 22:83-100.

_____; ALARCÓN, J. (2000). Por los Caminos del Alto Caquetá. *Boletín de Arqueología*, 15.1:1-59.

LLERAS PÉREZ, R. (1995). Diferentes oleadas de poblamiento en la prehistoria tardía de los Andes Orientales. *Boletín Museo de Oro*, 38/39:3-11.

_____. (2002). El Concepto del Formativo en las Investigaciones Arqueológicas en Colombia: Una revisión Crítica. Em: P. Ledergerber-Crespo (ed.), *Formativo Sudamericano, una reevaluación*, 86-93. Quito: Abya-Yala.

LOEWEN, J. A. (1954). *Waunana grammar: a descriptive analysis*. Washington: University of Washington. (Dissertação de Mestrado).

_____ (1963). Choco II: Phonological problems. *IJAL*, 29/4:357-371.

LOOIJEN, R. C. (2000). *Holism and Reduccionism in Biology and Ecology*. Dordrecht, Boston: Kluwer Academic.

LOOS, E. (1999). Pano. Em: R.M.W. Dixon & A.Y. Aikhenvald (eds.), *The Amazonian languages*, 227-249. Cambridge: Cambridge University Press.

_____ (2005). Un breve estudio de la gramática del proto-pano. *Revista Latinoamericana de Estudios Etnolingüísticos*, 11:37-50.

_____; LOOS, B. (2003). *Diccionario Capanahua-Castellano. Versión electrónica ilustrada (Serie Lingüística Peruana, 45)*. Lima: Instituto Lingüístico de Verano.

LÓPEZ, E. (2006). Noções de corporalidade e pessoa entre os Jodi. *Mana*, 12.2:359-388

LÓPEZ GARCÍA, A. (1995). *Presentación de las lenguas y culturas chibchas (Lenguas y Culturas Amerindias, 3)*. Valencia: Universidad de Valencia.

LORIOT, J.; LAURIAULT, E.; DAY, D. (1993). *Diccionario Shipibo-Castellano (Serie Lingüística Peruana, 31)*. Lima: Instituto Lingüístico de Verano.

- LOUKOTKA, Č. (1932). La familia lingüística Kamakan del Brasil. *RIEUNT*, 2:493-524.
- _____ (1935). *Clasificación de las lenguas sudamericanas (Linguística sudamericana, I)*. Praga.
- _____ (1937). La familia lingüística coroadó. *Journal de la Société des Américanistes*, 29.1:157-214.
- _____ (1939). Línguas indígenas do Brasil. *Revista do Arquivo Municipal*, LIV:153. São Paulo.
- _____ (1942[1944]). Klassifikation der sudamerikanischen Sprachen. *Zeitschrift für Ethnologie*, 74:1-69.
- _____ (1949). La Langue Taruma. *Journal de la Société des Américanistes*, 38:53-82.
- _____ (1955). Les Indiens Botocudo et leur Langue. *Lingua Posnaniensis*, 5:112-135.
- _____ (1968). *Classification of South American Indian Languages*. Los Angeles: Latin American Center, University of California. Quito: Abya-Yala.
- LUCY, J. A. (1997). The linguistics of ‘color’. Em: C. L. Hardin & L. Maffi (eds.), *Color categories in thought and language*, 320-436. Cambridge: Cambridge University Press.
- LURAGHI, S.; BUBENIK, V. (eds.) (2010). *Continuum Companion to Historical Linguistics*. London/New York: Continuum.
- MACKEY, W. (1979). Toward an ecology of language contact. Em: W. Mackey & J. Ornstein (orgs.), *Sociolinguistic studies in language contact: Methods and cases*, 453-459. Haia: Mouton.
- MACNEISH, R. S.; PATTERSON, T. C.; BROWMAN, D. L. (1975). *The central Peruvian prehistoric interaction sphere*. Andover: Robert S. Peabody Foundation for Archaeology.
- MAHECHA RUBIO, D.; FRANKY CALVO, C. E.; CABRERA BECERRA, G. (2000). Nukak, Kakua, Juhup y Hupdu (Makú): Cazadores nómadas de la Amazonía Colombiana. Em: F. Correa (ed.), *Geografía Humana de Colombia: Amazonía - Caquetá (volume 7.2)*, 131-211. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología e Historia.
- MALINOWSKI, B. (1941). An anthropological analysis of war. *Amer. Jour. of Sociol.*, 46:521-50.
- MALMBERG, T. (1983). *Human Territoriality: Survey of behavioural territories in man with preliminary analysis and discussion of meaning*. New York: Mouton.
- MALTHUS, TH. (1798). *An Essay on the Principle of Population*. London.

- MANDARINO, L. M. (2010). *Mitochondrial DNA analysis of the Brazilian Macushi population*. New York: State University of New York. (Dissertação de Mestrado).
- MANO, M. (1996). *Etnohistória e adaptação Mawé: uma contribuição para a etnografia Tupida área Madeira - Tapajós*. São Paulo: Universidade de São Paulo. (Dissertação de Mestrado).
- MARBÁN, P. (1894) [1701]. *Arte de la lengua moxa, con su vocabulario y cathecismo*. Leipzig: B. G. Teubner.
- MARCOS, J. G. (2005). *Los pueblos navegantes del Ecuador prehispánico*. Quito: Abya-Yala.
- MARÍN SILVA, P. (2013). Introducción histórica a la etnia Coreguaje: Cultura Tucano occidental de Colombia. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, 5:193-215.
- MARKHAM, C. R. (1865). A list of the tribes in the valley of the Amazon, including those on the banks of the main stream, and of all its tributaries. *Ethnol. Soc. Lond. N.S.*, 3:140-196.
- MARTIN, G. (2008) [1996]. *Pré-história do nordeste do Brasil*. (5ª edição). Recife: Editora Universitária UFPE.
- MARTINS, A. M. S. (2011). *Uma avaliação da hipótese de relações genéticas entre o Guató e o tronco Macro-Jê*. Brasília: Universidade de Brasília. (Tese de Doutorado).
- MARTINS, C. M. P. (2012). *Arqueologia do baixo Tapajós: Ocupação humana na periferia do domínio Tapajônico*. Belém: UFPA. (Dissertação de Mestrado).
- MARTINS, G. R.; KASHIMOTO, E. M. (1999). *Resgate Arqueológico na área do Gasoduto Bolívia/Brasil em Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: UFMS.
- MARTINS, S.; MARTINS, V. (1999). Makú. Em: R. M. W. Dixon & A. Aikhenvald (eds.), *The Amazonian Languages*, 251-268. Cambridge: Cambridge University Press.
- MARTINS, V. (2005). *Reconstrução Fonológica do Protomaku Oriental*. Amsterdam: Vrije Universiteit Amsterdam. (Tese de Doutorado).
- MARTIUS, C. F. VON (1863). *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerikas zumal Brasiliens*, 2. Leipzig.
- MASON, J. A. (1950). The languages of South America. Em: J. Steward (ed.) *Handbook of South American Indians (Smithsonian Institution Bureau of American Ethnology Bulletin, 143)*, 6:157-317. Washington: Government Printing Office.
- MASUCCI, M. A. (2008). Early regional polities of coastal Ecuador. Em: H. Silverman & W. H. Isbell (eds.), *Handbook of South American Archaeology*, 489-504. New-York: Springer.

MATTESON, E. (1972). Proto Arawakan. Em: E. Matteson *et alii* (eds.), *Comparative Studies in Amerindian Languages*, 160-242. The Hague and Paris: Mouton.

MCEWAN, C.; DELGADO-ESPINOZA, F. (2008). Late Pre-Hispanic Polities of Coastal Ecuador. Em: H. Silverman & W. H. Isbell (eds.), *Handbook of South American Archaeology*, 505-25. New-York: Springer.

MCMICHAEL, C. H.; PALACE, M. W.; BUSH, M. B.; BRASWELL, B.; HAGEN, S.; NEVES, E. G. *et alii* (2014). Predicting pre-Columbian anthropogenic soils in Amazonia. *Proceedings of the Royal Society B: Biological Sciences*, 281(1777):20132475.

MEAD, M. (1930). Melanesian middlemen. *Natural History*, 30:115-30.

_____ (1963) [1930]. *Growing up in New Guinea*. London: Penguin Books.

MEDEIROS, E. L. (2003). *Rondônia Terra dos Karipunas*. Porto Velho: Rondoforms Indústrias Gráfica Ltda.

MEDINA, J. T. (1934). *The Discovery of the Amazon According to the Account of Friar Gaspar de Cavajal and Other Documents (American Geographical Society Special Publication, 17)*. New York: American Geographical Society.

MEGGERS, B. (1971). *Amazonia, Man and Culture in Counterfeit Paradise*. Chicago: Aldine.

_____ (1975). Application of the biological model of diversification to cultural distributions in tropical lowland South America. *Biotropica*, 7:141-61.

_____; EVANS, C. (1961). An experimental formulation of horizon styles in the tropical forest of South America. Em: S. Lothrop (ed.), *Essays in Pre-Columbian Art and Archaeology*, 372-388. Cambridge: Harvard University Press.

_____; _____ (1970). *Como Interpretar a linguagem da cerâmica*. Washington: Smithsonian Institution.

MEIRA, S.; FRANCHETTO, B. (2005). The southern Cariban languages and the Cariban family. *International Journal of American Linguistics*, 71:127-192.

MEIRELLES, D. M. (1989). *Guardiãs da fronteira. Rio Guaporé, século XVIII*, Petrópolis: Vozes.

MELÉNDEZ LOZANO, M. A. (2014). Préstamos arawak (achagua, piapoco y piapoco-achagua) a la familia lingüística guahibo (sikuani). *LIAMES*, 14:173-218.

MELOTTI, U. (1984). The origin of human aggression: A new evolutionary view. *The Mankind Quarterly*, 24.4:379-91.

_____ (1985). Competition and cooperation in human evolution. *The Mankind Quarterly*, 25.4:323-352.

_____ (1986a). In-group/out-group relations and the issue of group selection. Em: V. F Reynolds & I. Vine (eds.), *The Sociobiology of Ethnocentrism*, 94-111. Croom Helm, London.

_____ (1986b). On the evolution of human aggressiveness. Em: J. Wind & V. Reynolds (eds.), *Essays in Human Sociobiology*, 69-81. Brussels: Vrije Universiteit.

_____ (1990). War and peace in primitive human societies. Em: J. M. G. van der Dennen & V. S. E. Falger (eds.), *Sociobiology and conflict: Evolutionary perspectives on competition, cooperation, violence and warfare*, 241-46. London: Chapman & Hall.

MELTON, PH. E. (2008). *Genetic history and pre-Columbian diaspora of Chibchan speaking populations: Molecular genetic evidence*. Lawrence: University of Kansas. (Tese de Doutorado).

_____; BRICEÑO, I.; GÓMEZ, A.; DEVOR, E. J.; BERNAL, J. E.; CRAWFORD, M. H. (2007). Biological relationship between central and South American Chibchan speaking populations: Evidence from mtDNA. *American Journal of Physical Anthropology*, 133.1:753-770.

MENENDEZ, M. (1981-2). Uma contribuicao para etno-historia da area Tapajos-Madeira. *Revista do Museu Paulista (NS)*, 28:289-388.

MERRIWETHER, D. A.; ROTHHAMMER, F.; FERRELL, R. E. (1995). Distribution of four founding lineage haplotypes in Native Americans suggests a single wave of migration for the New World. *Am. J. Phys. Anthropol.*, 98:411-430.

MESAROVIC, M. D.; TAKAHARA, Y. (1975). *General Systems Theory: Mathematical Foundations*. New York: Academic Press.

MÉTRAUX, A. (1928). *La civilisation materielle des tribus Tupi-guarani*. Paris: Librairie Orientaliste.

_____ (1942). *The Native Tribes of Eastern Bolivia and Western Mato Grosso*. Washington: Smithsonian Institution.

_____ (1963). The Tribes of Mato Grosso and Eastern Bolivia. Em: J. H. Steward (ed.), *Handbook of South America Indians. The Tropical Forest Tribes*. (Bureau of American Ethnology, Bulletin 143.3). Washington: Smithsonian Institution.

MEYERS, R. (2002). *Cuando el sol caminaba por la tierra: orígenes de la intermediación kallawayá*. La Paz: Ediciones Plural.

MICHEL LÓPEZ, M. R. (2006). Arqueología de Bolivia. Em: G. Comte (ed.), *Historia de Bolivia. Periodo Prehispánico 1*, 49-183. La Paz: Fundación Cultural del Banco Central de Bolivia.

_____ (2008). *Patrones de Asentamiento Precolombino del Altiplano Boliviano. Lugares Centrales de la Región de Quillacas, Departamento de Oruro, Bolivia*. Uppsala: Uppsala University. (Tese de Doutorado).

MICHAEL, L. (2014). On the Pre-Columbian Origin of Proto-Omagua-Kokama. *Journal of Language Contact*, 7.2:309-344.

_____ ; CHOUSOU-POLYDOURI, N.; BARTOLOMEI, K.; DONNELLY, E.; WAUTERS, V.; MEIRA, S.; O'HAGAN, Z. (2015). A Bayesian Phylogenetic Classification of Tupí-Guaraní. *LIAMES*, 15.2:193-221.

_____ ; FARMER, S.; FINLEY, G.; BEIER, CH.; SULLÓN ACOSTA, K. (2013). A sketch of muniche segmental and prosodic phonology. *International Journal of American Linguistics*, 79.3:307-347.

MIGLIÁCIO, M. C. (2000). *A ocupação pré-colonial do Pantanal de Cáceres, Mato Grosso: uma leitura preliminar*. São Paulo: USP. (Dissertação de Mestrado).

_____ (2006). *O doméstico e o ritual: cotidiano Xaray no Alto Paraguai até o século XVI*. São Paulo: USP. (Tese de Doutorado).

MIGLIAZZA, E. C. (1985) [1980]. Languages of the Orinoco-Amazon region. Em: H. E. M. Klein & L. R. Stark (eds.), *South American Indian languages: Retrospect and prospect*, 17-139. Austin: University of Texas Press.

_____ (1982). Linguistic prehistory and the refuge model in Amazonia, Em: G. T. Prance (ed.), *Biological diversification in the tropics, proceedings of the Fifth International Symposium of the Association for Tropical Biology*, 497-519. New York: Columbia University Press.

_____ ; CAMPBELL, L. (1988). *Panorama General de las Lenguas Indígenas en América (Historia General de América, 10)*. Caracas: Instituto Panamericano de Geografía e Historia.

MILLER, E. TH. (2009a). A Cultura cerâmica do tronco Tupi no alto Ji-Paraná, Rondônia, Brasil: algumas reflexões teóricas, hipotéticas e conclusivas. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, 1.1:35-136.

_____ (2009b). Pesquisas Arqueológicas no Pantanal do Guaporé: A Sequência Seriada da Cerâmica da Fase Bacabal. Em: B. Meggers (org.), *Arqueologia Interpretativa: o método quantitativo para estabelecimento de sequências cerâmicas*, 103-117. Porto Nacional: UNITINS.

_____ (2013). Algumas Culturas Ceramistas, do Noroeste do Pantanal do Guaporé à Encosta e Altiplano Sudoeste do Chapadão dos Parecis. Origem, Difusão/Migração e Adaptação - do Noroeste da América do Sul ao Brasil. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, 5:335-383.

MILROY, L. (1980). *Language and social networks*. Oxford: Basil Blackwell.

_____ (1992). *Linguistic variation and change: on the historical sociolinguistics of English*. Oxford: Blackwell.

MINKES, W. (2005). *Wrap the Dead: Wrap the Dead: the funerary textile traditio from the Osmore Valley, South Peru, and its social-political implications*. Leiden: Leiden University. (Tese de Doutorado).

MIRIAM, B. B. (2012). *Estudio de la variabilidad del genoma mitocondrial y de marcadores sexuales en grupos étnicos de Ecuador*. Zaragoza: Universidad de Zaragoza. (Tese de Doutorado).

MOHR CHÁVEZ, K. L. (1977). *Marcavalle: The Ceramics from an Early Horizon Site in the Valley of Cuzco, Peru, and Implications for South Highland Socioeconomic Interaction*. Philadelphia: University of Pennsylvania. (Tese de Doutorado).

_____ (1981). The Archaeology of Marcavalle, an Early Horizon Site in the Valley of Cuzco, Peru: Part III. *Baessler-Archiv n.f.*, 29.1:241-386.

_____ (1988). The Significance of Chiripa in Lake Titicaca Basin Developments. *Expedition*, 30.3:17-26.

MOL, A. A. A. (2014). *The connected caribbean : a socio-material network approach to patterns of homogeneity and diversity in the pre-colonial period*. Leiden: Universiteit Leiden. (Tese de Doutorado).

MONTAG, S. (1981). *Diccionario Capanahua (Serie Lingüística Peruana, 9)*. Yarinacocha: Instituto Lingüístico de Verano.

MONTAÑO ARAGÓN, M. (1989). *Tribus de la Selva, II (Guía etnográfica lingüística de Bolivia)*. La Paz: Don Bosco.

MONTES RODRÍGUEZ, M. E. (2013). Sobre las formas personales en las familias Tikuna-Yurí, Sáliba-Piaroa (y Andoke). Parentesco, contacto o tipología. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, 5.1:67-90.

MORAES, C. P. (2006). *Arqueologia na Amazônia Central vista de uma perspectiva da região do Lago do Limão*. São Paulo: USP. (Dissertação de Mestrado).

_____ ; NEVES, E. G. (2012). O Ano 1000: Adensamento Populacional, Interação e Conflito na Amazônia Central. *Amazônica Revista de Antropologia*, 4.1:122-148.

MORAGA, M.; ASPILLAGA, E.; CARVALLO, P.; ROTHHAMMER, F. (2000). Analyses of mitochondrial dna polymorphisms in skeletal remains and extant populations of northern Chile. *Chungará*, 32.2:263-264.

MORALES CHOCANO, D. (1998). Chambira: una cultura de sábana árida en la amazonía peruana. *Investigaciones Sociales*, 2.2:1-15.

MORAN, E. (2000). *Human Adaptability: An Introduction to Ecological Anthropology*. (2ª edición). Boulder: Westview Press.

MORENO YÁNEZ, S. E. (2007). *Historia antigua del País Imbaya Quito*: Otavalo: Universidad de Otavalo.

MOREY, R.; MOREY, N. K. (1975). Relaciones comerciales en el pasado de los Llanos de Colombia y Venezuela. *Montalbán*, 4:533-564.

MORRIS, C. (1988). Más allá de las fronteras de Chíncha. Em: T. D. Dillehay & P. Netherly (eds.), *La frontera del estado inca (BAR International Series 442)*, 131 -140. Oxford: British Archaeological Reports.

MORRIS, CH. W. (1946). *Signs, Language and Behavior*. New York: Prentice-Hall.

MOSELEY, M. E. (1992). *The Incas and their Ancestors*. New York: Thames & Hudson.

MOUS, M. (2003). *The Making of a Mixed Language: the case of Ma'a/Mbugu*. Amsterdam: John Benjamins.

MOYA, R. (2009). *Pana sápara atupama, Nuestra lengua sápara: Diccionario trilingüe Sápara-Castellano-Quichua (Colección Runakay, Diccionario Escolar Intercultural Bilingüe de las Lenguas Ancestrales, 1.)*. Ecuador: Ministerio de Educación.

MOYER, K. E. (1968) Kinds of aggression and their physiological basis. *Communications in Behavioral Biology*, 2:65-87.

MUFWENE, S. S. (1996). Creole genesis: A population genetics perspective. Em: P. Christie (ed.), *Caribbean Language issues: Old and new*, 168-209. Kingston: University of the West Indies Press.

_____ (1997). Jargons, pidgins, creoles, and koinés: what are they? Em: A. Spears & D. Winford (eds.), *The Structure and Status of Pidgins and Creoles*, 35-70. Amsterdam: John Benjamins.

_____ (1998). What Research on Creole Genesis Can Contribute to Historical Linguistics. Em: M. S. Schmid, J. R. Austin & D. Stein (eds.), *Historical Linguistics 1997: Selected papers from the 13th International Conference on Historical Linguistics, Düsseldorf, 10-17 August 1997*, 315-338. Amsterdam: John Benjamins.

_____ (2001). *The ecology of language evolution*. Cambridge: Cambridge University Press.

_____ (2008). *Language evolution, contact, competition and change*. London: Continuum.

MULLEN, A. (2013). *Southern Gaul and the Mediterranean: Multilingualism and Multiple Identities in the Iron Age and Roman Periods*. Cambridge: Cambridge University Press.

MUÑOZ OVALLE, I. (2004). El período Formativo en los valles del norte de Chile y sur de Perú: nuevas evidencias y comentarios. *Chungará*, 36.supl.esp.:213-225.

MURPHY, R. F. (1957). Intergroup hostility and social cohesion. *Amer. Anthropol.*, 59:1018-34.

_____ (1960). *Headhunters' Heritage: Social and Economic Change among the Mundurucu Indians*. Berkeley: University California Press.

MURPHY, Y.; MURPHY, R. (1974). *Women of the forest*. New York: Columbia University Press.

MURRA, J. V. (1946). The Historical Tribes of Ecuador. Em: J. H. Steward (ed.), *Handbook of South American Indians, Vol. 2. The Andean Civilizations*, 785-821. Washington D.C.: Smithsonian Institution.

MUYSKEN, P. C. (1994). Callahuaya. Em: P. Bakker & M. Mous (eds.), *Mixed Languages: 15 Case Studies in Language Intertwining*, 207-211. Amsterdam: IFOTT.

_____; HAMMARSTRÖM, H.; BIRCHALL, J. T. R.; VAN GIJN, R. (2015). Linguistic Areas, bottom up or top down? The case of the Guapore-Mamore region. Em: B. Comrie & L. Golluscio (eds.), *Language Contact and Documentation / Contacto lingüístico y documentación*, 205-238. Berlin: De Gruyter.

MYERS, T. P. (1970). *The Late Prehistoric Period at Yarinacocha, Peru*. Urbana: University of Illinois. (Tese de Doutorado).

_____ (1985). Archaeological evidence from Achual Tipishca, Lower Huallaga River, Peru. *Ñawpa Pacha*, 23:211-224.

_____ (2004). Dark Earth in the Upper Amazon. Em: B. Glaser, & W. I. Woods (eds.), *Amazonian dark earths: Explorations in space and time*, 67-94. Berlin: Springer.

MYRES *et alii* (2005). *MtDNA Diversity of the Peruvian Andean Altiplano*. Comunicação apresentada em “American Society of Human Genetics Annual Meeting”, Salt Lake City, Utah.

NAGEL, E. (1961). *The Structure of Science: Problems in the Logic of Scientific Explanations*. London: Routledge.

NARVÁEZ LUNA, J. (1998). *La destrucción del patrimonio arqueológico del Valle de Rimac, Perú*. <<http://www.naya.org.ar/congreso/ponencia3-3.htm>>. Acesso em: 10/2015.

NATTERER, J. (s.d.) Wordlists. (Manuscrito).

NAVARRO, M. (1903). *Vocabulario castellano-quechua-pano con sus gramáticas quechua y pana*. Lima: Imprenta del Estado.

NERBONNE, J. (2009). *Measuring the Diffusion of Linguistic Change*. (Manuscrito).

NETTLE, D. (1999a). Using social impact theory to simulate language change. *Lingua*, 108:95-117.

_____ (1999b). Is the rate of linguistic change constant? *Lingua*, 108:119-136.

_____ (1999c). Linguistic diversity of the Americas can be reconciled with a recent colonization. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the USA*, 96:3325-3329.

_____ (1999d). *Linguistic diversity*. Oxford: Oxford University Press.

NEVES, E. G. (2006). *Arqueologia Amazônica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.

_____ (2009). *Cronologias regionais, hiatos e continuidades na história pré-colonial da Amazônia*. Segundo relatório do projeto temático encaminhado à FAPESP. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

_____ (2010). A Arqueologia da Amazônia Central e as Classificações na Arqueologia Amazônica. Em: E. Pereira & V. Guapindaia (orgs.), *Arqueologia Amazônica*, 2:561-579. Belém: Editora MPEG.

_____ (2011). Archaeological Cultures and Past Identities in Precolonial Central Amazon. Em: A. Hornborg & J. Hill (Org.), *Ethnicity in Ancient Amazonia: Reconstructing Past Identities from Archaeology, Linguistics and Ethnohistory*, 31-56. Boulder: University of Colorado Press.

_____ (2012). *Sob os tempos do Equinócio: oito mil anos de História na Amazônia Central (6.500 AC - 1.500 DC)*. São Paulo: MAE/USP. (Tese de Livre-Docência).

_____ ; GUAPINDAIA, V. L. C.; LIMA, H. P.; COSTA, B. L. S.; GOMES, J. (2014). A tradição Pocó-Açutuba e os primeiros sinais visíveis de modificações de paisagens na calha do Amazonas. Em: S. Rostain (ed.), *Amazônia. Memórias de las conferencias magistrales del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica*, 137-158. Quito: Mccth/Senescyt/3eiaa.

_____ ; PETERSEN, J.; BARTONE, R.; SILVA, C. A. (2003). Historical and Sociocultural origins of Amazonian dark Earths. Em: J. Lehman, D. Kern, B. Glaser & W. Woods (eds.), *Amazonian Dark Earths: Origin, Properties and Management*, 1-45. Dordrecht. Kluwer Academic Publishers.

NEWSON L. A. (1995). *Life and Death in Early Colonial Ecuador*. Norman & London: University of Oklahoma Press.

_____ (1996). The Population of the Amazon Basin in 1492: A View from the Ecuadorian Headwaters. *Transactions of the Institute of British Geographers*, 21.1:5-26.

NICHOLS, J.; WOODBURY, A. (1985). *Grammar Inside and Outside the Clause. Some Approaches to Theory from the Field*. Cambridge: University Press.

NIES, J. *et alii* (1986). *Diccionario Piro. Tokanchi Gikshijikowaka-Steno (Serie Lingüística Peruana, 22)*. Lima: Instituto Lingüístico de Verano.

NIKULIN, A. (2015). *On the genetic unity of Jê-Tupí-Karib*. Moscow: Lomonosov Moscow State University. (Dissertação de Mestrado).

NIMUENDAJÚ, C. (1948). The Mura and Pirahã. Em: J. Steward (ed.), *Handbook of South American Indians*, 3:255-269. Washington: Bureau of Ethnology.

_____ (1952). *The Tukuna (University of California Publications in Linguistics, 45)*. Berkeley: University of California Press.

_____ (1977). Os índios Tucuna. *Boletim do Museu do Índio (Antropologia)*, 7:1-69.

NOBLE, G. K. (1965). *Proto-Arawakan and its descendants*. Publications of the Indiana University Research Center in Anthropology, Folklore, and Linguistics, 38. Bloomington: Indiana University Press.

NOELLI, F. S. (1996). As hipóteses sobre o centro de origem e rotas de expansão dos Tupi. *Revista de Antropologia*, 39.2:7-53.

_____ (1998). The Tupi: explaining origin and expansions in terms of archaeology and historical linguistics. *Antiquity*, 72:648-663.

_____ (1999-2000). A ocupação humana da região Sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas - 1872-2000. *Revista USP*, 44:218-269.

_____ (2004). La distribución geográfica de las evidencias arqueológicas guaraní. *Revista de Indias*, 44.230:17-34.

_____ (2008). The Tupi expansion. Em: H. Silverman & W. H. Isbell (eds.), *Handbook of South American Archaeology*, 659-670. New-York: Springer.

NOGUERA-SANTAMARÍA, M. C. *et alii* (2015). Mitochondrial DNA analysis suggests a Chibchan migration into Colombia. *Universitas Scientiarum*, 20.2:261-278.

NOLAN, F. J. (1983). *The Phonetic Bases of Speaker Recognition*. Cambridge: Cambridge University Press.

NONATO, R.; SANDALO, F. (2007). Uma comparação gramatical, fonológica e lexical entre as famílias Guaikurú, Mataco e Bororo: um caso de difusão areal? *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas*, 2.14:91-113.

NORDENSKIÖLD, E. (1930). *L'archaeologie du Basin de l'Amazonie*. Paris: Van Oest.

_____ (1999). *The Cultural History of the South American Indians*. New York: AMS Press.

NOWAK, M. A.; SZAMREJ, J.; LATANÉ, B. (1990). From private attitude to public opinion: a dynamical theory of social impact. *Psychol. Rev.*, 97:362-376.

_____ ; KOMAROVA, N. L. (2001). Towards an evolutionary theory of language. *Trends in Cognitive Sciences*, 5:288-95.

OBERG, KALERVO (1949). *The Terena and the Caduveo of Southern Mato Grosso, Brazil (Smithsonian Institution, Institute of Social Anthropology, Publication 9)*. Washington DC: United States Government Printing Office.

OBLITAS POBLETE, E. (1968). *El idioma secreto de los incas*. La Paz: Amigos del Libro.

OCHOA, M. (2007). Redefiniendo la Fase Pastaza. Em: F. García S. (ed.), *II Congreso Ecuatoriano de Antropología y Arqueología, Balance de la última década: Aportes, Retos y nuevos temas* 1:463-492. Quito: Ediciones ABYA-YALA, Banco Mundial.

ODUM, E. P. (1953). *Fundamentals of ecology*. Philadelphia: W. B. Saunders Company.

ODUM, H. T. (1995). Self-Organization and Maximum Empower. Em: C. A. S. Hall (ed.), *Maximum Power: The Ideas and Applications of H. T. Odum*. Colorado: Colorado University Press.

OLIVEIRA, E. R. DE (2005). *Aspectos da interação cultural entre os grupos ceramistas pré-coloniais do médio curso do Rio Tocantins*. São Paulo: USP. (Dissertação de Mestrado).

_____ ; VIANA, S. A. (1999-2000). O Centro-Oeste antes de Cabral. *Revista USP*, 44:142-89.

_____ ; _____ (2000). Pré-História da Região Centro-Oeste do Brasil. *Revista Eletrônica Ciudad Virtual de Antropología y Arqueología*. <http://www.naya.org.ar/congreso2000/ponencias/Jorge_Eremites_de_Oliveira.htm>. Acesso em: 10/2013.

OLIVEIRA, J. E.; AGUIAR, R. L. S. (2011). Do megalitismo às gravuras rupestres: Contribuições para a arqueologia da região do Jalapão, Tocantins, Brasil. *Maracanan*, 7:11-34.

OLIVEIRA, S. C. S. DE (2014). *Contribuições para a reconstrução do Protopáno*. Brasília: UnB. (Tese de Doutorado).

OLIVER, J. R. (1989). *The archaeological, linguistic and ethnohistorical evidence for the expansion of Arawakan into Northwestern Venezuela and Northeastern Colombia*. University of Illinois. (Tese de doutorado).

_____ (1999). The “La Hueca Problem” in Puerto Rico and the Caribbean: Old Problems, New Perspectives, Possible Solutions. Em: C. L. Hofman & M. L. P. Hoogland (eds.), *Archaeological Investigations on St. Martin (Lesser Antilles) (Archaeological Studies, 4)*, 253-297. Leiden: Leiden University.

_____ (2008). The Archaeology of Agriculture in Ancient Amazonia. Em: H. Silverman & W. H. Isbell (eds.), *Handbook of South American Archaeology*, 185-216. New York: Springer.

ORAMAS, L. R. (1916). *Materiales para el estudio de los dialectos Ayamán, Gayón, Jirajara, Ajagua*. Caracas: El Comercio.

ORBIGNY, A. D. D' (1839). *L'Homme Américain (de l'Amérique méridionale) considéré sous ses rapports physiologiques et moraux*, 1. Paris: Pitois-Levrault; Strasbourg: F.G. Levrault.

ORLOVE B. S. (1980). Ecological anthropology. *Annu. Rev. Anthropol.*, 9:235-273.

ORR, C. J.; LONGACRE, R. E. (1968). Proto Quechumaran. *Language*, 44:528-55.

ORTIZ, F. (1987) [1940]. *Contrapunteo Cubano del Tabaco y el Azúcar*. Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho.

ORTLOFF, CH. (2009). *Water Engineering in the Ancient World*. New York: Oxford University Press Press.

OSPINA, P. (1992). *La región de Quijos en los siglos XVI y XVII: Sociedades nativas y dominación colonial*. Quito: Pontificia Universidad Católica del Ecuador. (Dissertação de Licenciatura).

OVERALL, S. (2007). *A Grammar of Aguaruna*. Melbourne: LaTrobe University. (Tese de Doutorado).

O'HAGAN, Z.; CHOUSOU-POLYDOURI, N.; BARTOLOMEI, K.; DONNELLY, E.; MICHAEL, L. (2014). *The Geographical Spread of the Tupí-Guaraní Family: Evidence from Computational Phylogenetics*. Comunicação apresentada em: AMAZONICAS V. Belém, 28 de maio de 2014, Museu Paraense Emílio Goeldi.

PACHE, M. (2014). Lexical Evidence for Pre-Inca Language Contact of Mapudungun (Mapuche) with Quechuan and Aymaran. *Journal of Language Contact*, 7:345-379.

_____ (no prelo). Evidence for a genealogical link between Pumé (Yaruro) and Chocoan. *Language Dynamics and Change*.

PARKER, S. (1995). *Datos de la lengua Iñapari (Documento de Trabajo, 27)*. Yarinacocha: Instituto Lingüístico de Verano.

PARKS, R. (1990). The Historical-Comparative Classification of Colombian Inga. *Kansas Working Papers in Linguistic*, 15:73-99.

PATRÍCIO, M. M. (2003). *Kuruaya. Povos Indígenas do Brasil, Instituto Socioambiental, São Paulo*. <pib.socioambiental.org/pt/povo/kuruaya> Acesso em: 11/2014.

PATRICK, P. L. (2003). The Speech Community. Em: J. K. Chambers, P. Trudgill & N. Schilling-Estes (eds.), *Handbook of language variation and change*, 573-597. Oxford: Blackwell.

PAULSEN, A. C. (1983). Huaca del Loro Revisited: The Nasca-Huarpa Connection. *Andean Past*, 1:98-121.

PAVLOVIC, D.; SÁNCHEZ, R.; TRONCOSO, A. (2003). *Prehistoria de Aconcagua*. San Felipe: Ediciones del Centro Almendral.

PAYNE, DAVID L. (1981). Bosquejo fonológico del Proto-Shuar-Candoshi: evidencias para una relación genética. *Revista del Museo Nacional*, 45:323-377.

_____ (1984). Sobre el Desarrollo Histórico de los Sufijos de Referencia Cruzada del Mapudungun. *Actas Jornadas de Lengua y Literatura Mapuche*, 1:1-17.

_____ (1985). The Genetic Classification of Resigaro. *International Journal of American Linguistics*, 51:222-231.

_____ (1989). *On proposing deep genetic relationships in Amazonian languages: The case of Candoshi and Maipuran Arawakan languages*. (Manuscrito).

_____ (1990). Some widespread grammatical forms in South American Languages. Em: D. L. Payne (ed.), *Amazonian linguistics: Studies in lowland South American languages*, 75-87. Austin: University of Texas Press.

_____ (1991a). A classification of Maipuran (Arawakan) languages based on shared lexical retentions, Em: D. C. Derbyshire & G. K. Pullum (eds.), *Handbook of Amazonian languages*, 3:355-499. Berlin: Mouton de Gruyter.

_____ (1991b). *Apolista (Lapachu) as a Maipuran language*. Comunicação apresentada em: 47º CIA, New Orleans.

_____ (2005). Apolista (Lapachu) as a Maipuran Arawakan language. *Revista Latinoamericana de Estudios Etnolingüísticos*, 10:239-250.

PAYNE, DORIS L. (1984). Evidence for a Yaguan-Zaparoan connection. *SIL working papers: University of North Dakota session*, 28:131-156.

PAZ Y MIÑO, L. T. (1961). Lenguas Indígenas del Ecuador: La Lengua Kañar. *Boletín de la Academia Nacional de Historia*, 43:193-229.

PECK, C. W. (1979). *Toyeri y Sapiteri: un informe preliminar de la fonología y el vocabulario (Datos Etno-Linguísticos, 67)*. Yarinacocha: Instituto Lingüístico de Verano.

PEIXOTO, J. L. S. (2003). *A ocupação dos povos indígenas pré-coloniais nos grandes lagos do Pantanal Sul-mato-grossense*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica. (Tese de Doutorado).

PELLIZZARO, S. M.; NÁWECH, F. O. (2005). *Chicham: Diccionario Shuar-Castellano*. Quito: Abya Yala.

PEÑALOZA-ESPINOSA, R. I.; ARENAS-ARANDA, D.; CERDA-FLORES, R. M.; BUENTELLO-MALO, L.; GONZÁLEZ-VALENCIA, G.; TORRES, J.; ALVAREZ, B.; MENDOZA, I.; FLORES, M.; SANDOVAL, L.; LOEZA, F.; RAMOS, I.; MUÑOZ, L.; SALAMANCA, F. (2007). Characterization of mtDNA Haplogroups in 14 Mexican Indigenous Populations. *Human Biology*, 79(3):313-320.

PEREIRA, D.; BROCKINGTON, D. (2005). *Mojocoya y Grey Ware: interacción espacial e intercambio entre la Amazonía, Chaco y Andes. (0-600 DC) (Cuaderno de investigación. Serie Arqueológica, 10)*. Cochabamba: UMSS.

PEREIRA, D. L. T. (2009). Expansão dos tupi-guarani pelo território brasileiro: correlação entre a família linguística e a tradição cerâmica. *Revista Tópos*, 3.1:29-80.

PERRUCHET, P. (2008). Implicit learning. Em: J. Byrne (ed.), *Cognitive psychology of memory. Vol.2 of Learning and memory: A comprehensive reference*, 597-621. Oxford: Elsevier.

PESTANA, M. B. (2014). *Povoadores do rio Jauru: arqueologia pré-colonial e fronteira no povoamento do extremos oeste brasileiro*. São Leopoldo: UNISINOS. (Tese de Doutorado).

PETTMAN, R. (1975). *Human Behaviour and World Politics; A transdisciplinary introduction*. London: Macmillan.

PHILLIPS, J. (1934). Succession, development, the climax and the complex organism: an analysis of concepts. I. *Journal of Ecology*, 22:554-571.

_____ (1935). Succession, development, the climax and the complex organism: an analysis of concepts, II, III. *Journal of Ecology*, 23:210-246/488-508.

PIAZZINI, E.; MOSCOSO, O. (2009). Cronología arqueológica de los valles de Ciató y Risaralda en el Occidente colombiano. Em: L. G. Jaramillo (ed.), *Aguas Arriba y Aguas Abajo: de la arqueología en las márgenes del río Cauca, curso medio*, 53-90. Bogotá: Universidad de Los Andes.

PINTO, N. S. (2010). *Do poder do sangue e da chicha: os Wajuru do Guaporé (Rondônia)*. Curitiba: UFPR. (Dissertação de Mestrado).

PLOURDE, A. M.; STANISH, C. (2006). The emergence of complex society in the Titicaca Basin: the view from the north. Em: W. H. Isbell & H. Silverman (eds.), *Andean archaeology III: North and south*, 237-257. New York: Springer.

POMEROY, L. R.; ALBERTS, J. J. (eds.) (1988). *Concepts of ecosystem ecology*. Berlin: Springer-Verlag.

PORRAS, M. E. (1987). *La gobernacion y el obispado de Mainas*. Quito: Abya-Yala.

PORRAS, P. (1975). El formativo en el valle amazónico del Ecuador. La fase Pastaza. *Revista de la Universidad Católica de Quito*, 3.10:74-134.

PORRO, A. (1992). História indígena do alto e medio Amazonas: séculos XVI a XVIII. Em: M. Carneiro da Cunha (org.), *História dos Índios no Brasil*, 175-96. São Paulo: Companhia das Letras/Fapesp/SMC.

_____ (1993). As Crônicas do Rio Amazonas. Notas Etno-históricas sobre as Antigas Populações Indígenas da Amazônia. Petrópolis: Vozes.

_____ (1994). Social organisation and political power in the Amazon floodplain: the ethnohistorical sources. Em: A. Roosevelt (ed.), *Amazonian Indians from Prehistory to the Present: Anthropological Perspectives*, 79-94. Tucson: University of Arizona Press.

_____ (1995). *O povo das águas: ensaios de etno-história amazônica*. Rio de Janeiro: Vozes.

_____ (1996). *O Povo das Águas: Ensaio de Etno-História Amazônica*. Petrópolis: Vozes.

PORTUGAL LOAYZA, J. (2011). Umasuyu: una entidad sociopolítica diferenciada o una parcialidad de Pakajaqui. *Textos Antropológicos*, 16.1:63-80.

PRICE, D. P. (1978). The Nambiquara Linguistic Family. *Anthropological Linguistics*, 20:14-37.

_____ (1985). Nambiquara Languages: Linguistic and Geographical Distance between Speech Communities. Em: H. Klein & L. Stark (eds.), *South American Indian Languages: Retrospect and Prospect*, 304-324. Austin: Texas University Press.

PRIGOGINE, I.; ALLEN, P. M. (1982). The Challenge of Complexity. Em: W. C. Schieve & P. M. Allen (eds.), *Self-Organization and Dissipative Structures: Applications in the Physical and Social Sciences*, 3-39. Austin: University of Texas Press.

PROCACCI, S. (2003). Holism: some historical aspects. Em: V. Benci *et alii* (eds.), *Determinism, Holism, and Complexity*, 379-386. New York: Kluwer Academic Publishers.

PROULX, D. A. (1994). Stylistic Variation in Proliferous Nasca Pottery. *Andean Past*, 4:91-107.

_____ (2008). Paracas and Nasca: Regional Cultures on the South Coast of Peru. Em: H. Silverman & W. H. Isbell (eds.), *Handbook of South American Archaeology*, 563-585. New York: Springer.

PROUS, A. (1992). *Arqueologia Brasileira*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília.

_____ (2006). *O Brasil antes dos brasileiros. A pré-história do nosso país*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

PUTMAN, R. J.; WRATTEN, S. D. (1984). *Principles of ecology*. Berkeley: University of California Press.

QUEIXALÓS, F. (1993). Lenguas y dialectos de la familia lingüística guahibo. *Biblioteca Ezequiel Uricoechea*, 11:189-217.

_____ ; DA SILVA, Z. DOS A. G. (2007). A língua Katukina-Kanamari. *LIAMES*, 6:29-60.

QUILTER, J. (2014). *The Ancient Central Andes*. London/New York: Routledge.

_____ ; HOOPES, J. (eds.) (2003). *Gold and Power in Ancient Costa Rica, Panama, and Colombia*. Washington: Dumbarton Oaks.

RAMALLO, V.; BISSO-MACHADO, R.; BRAVI, C.; COBLE, M. D.; SALZANO, F. M.; HÜNEMEIER, T.; BORTOLINI, M. C. (2013). Demographic expansions in South America: Enlightening a complex scenario with genetic and linguistic data. *American Journal of Physical Anthropology*, 150.3:453-463.

RAMIREZ, H. (1992). *Le Bahuana. Une nouvelle langue de la famille Arawak. (Suplemento 1 a la revista Amerindia, 17)*. París.

_____ (2001). *Línguas Arawak da Amazônia Setentrional: Comparação e descrição*. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas.

_____ (2010). Etnônimos e topônimos no Madeira (séculos XVI-XX): um sem-número de equívocos. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, 2.2:179-224.

_____ ; VEGINI, V.; de FRANÇA, M. C. V. (2015). Koropó, puri, kamakã e outras línguas do Leste Brasileiro. *LIAMES*, 15.2:223-277.

RAMÍREZ, M. C. (1996). *Frontera fluida entre andes, piedemonte y selva: el caso del Valle del Sibundoy, siglo XVI-XVII*. Bogotá: ICCH.

RAMOS, A. (2003). *Munduruku. Povos Indígenas do Brasil*. São Paulo: Instituto Socioambiental. < pib.socioambiental.org/pt/povo/munduruku >. Acesso em: 11/2014.

RAPPAPORT, R. A. (1968). *Pigs for the ancestors. Ritual in the ecology of a New Guinea people*. New Haven: Yale University.

RAYMOND, J. S. (1972). *The cultural remains from Granja de Sivia, Peru: an archaeological study of tropical forest culture in the Montaña*. Urbana-Champaign: University of Illinois. (Tese de Doutorado).

REA, J. A. (1958). Concerning the Validity of Lexicostatistics. *IJAL*, 24:145-150.

REEVE, M. E. (1993). Regional Interaction in the Western Amazon: The Early Colonial Encounter and the Jesuit Years: 1538-1767. *Ethnohistory*, 41.1:106-138.

REHG, K. (1995). The significance of linguistic interaction spheres in reconstructing Micronesian prehistory. *Oceanic Linguistics*, 34.2:305-26

REICHEL-DOLMATOFF, G. (1953). Algunos Mitos de los Indios Chamí. *Revista Colombiana de Folclor (2a época)*, 2:148-165.

_____ (1965). *Colombia*. London: Thames and Hudson.

_____ (1968). *Desanas. Simbolismo de los indios tukanos del Vaupés*. Bogotá: Universidad de los Andes.

_____ (1989). Colombia indígena, período prehispánico. Em: A. Tirado Mejía & J. Orlando Melo (orgs.), *Nueva Historia de Colombia*, 1:27-68. Bogotá: Planeta.

REID, H. (1979). *Some aspects of movement, growth and change among the Hupda Makú Indians of Brazil*. Cambridge: University of Cambridge. (Tese de Doutorado).

REMMERT, H. (ed.) (1991). *The Mosaic-Cycle Concept of Ecosystems*. Berlin: Springer-Verlag.

RENARD CASEVITZ, F.; SAIGNES, TH.; TAYLOR, A. (1988). *Al este de los Andes. Relaciones entre las sociedades amazónicas y andinas entre los siglos XV-XVII*. Quito: Abya-Yala / Instituto Francés de Estudios Andinos.

RENFREW, C. (1987). *Archaeology and Language: The Puzzle of Indo-European Origins*. London: Jonathon Cape.

REX GONZÁLEZ, A. (2004). La arqueología del Noroeste argentino y las culturas Formativas de la cuenca del Titicaca. *Relaciones de la Sociedad Argentina de Antropología*, 29:7-38.

RIBEIRO, E. R. (2001). Empréstimos Tupí-Guaraní em Karajá. *Revista do Museu Antropológico*, 5/6.1:75-100.

_____ (2007). *Eastern Macro-Jê: a hypothesis on the internal classification of the Macro-Jê stock*. (Manuscrito).

_____ (2009). *Matto Grosso como o local de origem do tronco Macro-Jê: uma hipótese*. Trabalho inscrito para o VI Encontro Macro-Jê. (Manuscrito).

_____ (2011). *Mapping Tupí loans in Macro-Jê languages*. Comunicação apresentada em SSILA/LSA Joint Session Minority Language Contact. Pittsburgh, Jan/2011. (Manuscrito).

_____ (2012). *A grammar of Karajá*. Chicago: University of Chicago. (Tese de Doutorado).

_____; VAN DER VOORT, H. (2010). Nimuendajú was right: The inclusion of the Jabutí language family in the Macro-Jê stock. *International Journal of American Linguistics*, 76.4:517-583.

RIEL, R. VAN (2014). *The Concept of Reduction (Philosophical Studies Series, 120)*. Dordrecht: Springer.

RIVERA CASANOVAS, C. (2005). Sociedades Prehispánicas Tardías en los Valles Interandinos del Suroeste de Chuquisaca, Bolivia. *Nuevos Aportes*, 3:76-92.

_____ (2011). Estilos cerámicos como indicadores cronológicos en la region de Cinti, Chuquisaca. *Textos Antropológicos*, 16.1:137-154.

RIVERA, M. (1975). Una hipótesis sobre movimientos poblacionales altiplánicos y transaltiplánicos a las costas del norte de Chile. *Chungará*, 5:7-31.

_____ (2008). The Archaeology of Northern Chile. Em: H. Silverman & W. H. Isbell (eds.), *Handbook of South American Archaeology*, 963-977. New York: Springer.

_____; ROTHHAMMER, F. (1986). Evaluación biológica y cultural de poblaciones Chinchorro: Nuevos elementos para la hipótesis de contactos transaltiplánicos: cuenca Amazonas-costa Pacifico. *Chungara*, 16/17:295-306.

RIVET, P. (1911). Affinités du Miranya. *JSAP*, 8:117-152.

_____ (1912). Affinités du Tikuna. *Journal de la Société des Américanistes de Paris (n. s.)*, 9:83-110.

_____ (1924a). La langue Andakí. *Journal de la Société des Américanistes*, 16:99-110.

_____ (1924b). Langues de l'Amérique du Sud et des Antilles. Em: A. Meillet & M. Cohen (eds.), *Les Langues du monde (Collection Linguistique, 16)*, 639-712. Paris: Société Linguistique de Paris.

_____ (1948). La famille linguistique Guahibo. *Journal de la Société des Américanistes*, 37:191-240.

_____ (1952). Affinités du Kofán. *Antropos*, 47:202-234.

_____ ; LOUKOTKA, Č. (1952). Langues de l'Amérique du Sud. Em: A. Meillet & M. Cohen (eds.), *Les langues du monde*, vol. 2, 1099-1160. Paris: Champion.

_____ ; TASTEVIN, C. (1920). Affinités du Maku et du Puinave. *Journal de la Société des Américanistes de Paris*, 12:69-82.

_____ ; _____ (1938-40). Les Langues Arawak du Purus et du Jurua (groupe Arauá). *Journal de la Société de Américanistes*, 30:71-114; 31:223-248; 32:1-55.

ROBAZZINI, A. T. (2013). *Dinâmica da ocupação territorial indígena no Vale do Rio Tapajós*. São Paulo: USP. (Dissertação de Mestrado).

ROBINSON, R. W. (1994). Recent Excavations at Hacha in the Acari Valley, Peru. *Andean Past*, 4:9-37.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M. (1996). Os grupos ceramistas pré-coloniais do Centro-Oeste brasileiro. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 6:83-121.

ROCCO P., P.; MORALES G., C.; MORAGA V., M.; MIQUEL P., J. F.; NERVI O., O.; LLOP R., E.; CARVALLO S., P.; ROTHHAMMER E., F. (2002). Composición genética de la población chilena: Distribución de polimorfismos de DNA mitocondrial en grupos originarios y en la población mixta de Santiago. *Revista médica de Chile*, 130(2):125-131.

ROCHA, B. C. (2012). *What can ceramic decoration tell us about the pre- and post- colonial past on the Upper Tapajós River?* London: University College London. (Dissertação de Mestrado).

RODRIGUES, A. D. (1958). Classification of Tupi-Guarani. *International Journal of American Linguistics*, 24:231-234.

_____ (1964). A classificação do tronco lingüístico Tupí. *Revista de Antropologia*, 12:99-104.

_____ (1985). Evidence for Tupí-Carib relationships. Em: H. E. M. Klein & L. R. Stark (eds.), *South American Indian Languages: Retrospect and Prospect*, 371-404. Austin: University of Texas Press.

_____ (1986). *Línguas brasileiras: Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola.

_____ (1999). Macro-Jê. Em: R. M. W. Dixon & A. Aikhenvald (eds.), *The Amazonian Languages*, 165-206. Cambridge: Cambridge University Press.

_____ (2000). “Ge-Pano-Carib” x “Jê-Tupí-Karib”: sobre relaciones lingüísticas prehistóricas en sudamérica. Em: L. Miranda Esquerre (ed.), *Actas I Congreso de Lenguas Indígenas de Sudamérica (Lima, August 1999)*, 1:95-104. Lima: Universidad Ricardo Palma, Facultad de Lenguas Modernas.

_____ (2009). A case of affinity among Tupí, Karíb and Macro-Jê. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, 1.1:139-167.

_____; CABRAL, A. S. A. C. (2012). Tupían. Em: L. Campbell & V. Grondona (eds.), *The indigenous languages of South America: a comprehensive guide*, 495-574. Berlin: Mouton De Gruyter.

RODRÍGUEZ, C. A. (2007a). *Alto y Medio Cauca Prehispánico. (Colección Colombia Antigua, 1)*. Miami: Syllaba Press.

_____ (2007b). *Alto Magdalena y Nariño Prehispánico. (Colección Colombia Antigua, 2)*. Miami: Syllaba Press.

RODRÍGUEZ-FLÓREZ, C. D.; COLANTONIO, S. (2013). Tumbas, dientes y cultura: 2.500 años de microevolución y los orígenes de las sociedades prehispánicas en la región arqueológica calima de Colombia, Sur América. *Antropo*, 30:13:32.

ROGERS, L. J.; KAPLAN, G. T. (2000). *Songs, Roars, and Rituals: Communication in Birds, Mammals, and Other Animals*. Cambridge: Harvard University Press.

_____; _____ (2007). Elephants that paint, birds that make music: Do animals have an aesthetic sense? Em: C. A. Read (ed.), *Cerebrum 2007: Emerging ideas in brain science*, 137-150. Washington: Dana Press.

ROGERS, A. R. (1995). Genetic evidence for a Pleistocene population expansion. *Evolution*, 49:608-615.

_____; HARPENDING, H. (1992). Population growth makes waves in the distribution of pairwise differences. *Mol. Biol. Evol.*, 9:552-569.

ROGERS, M. E. (1983). *Diffusion of Innovations*. (3ª edição). New York: Free Press.

ROHFRITSCH, A. (2010). Contribución arqueométrica al estudio de las técnicas y de la organización de la producción de cerámica ritual en la sociedad Mochica (150-850 d.C., costa norte del Perú. *Bulletin de l'IFEA*, 39(2):389-412.

ROJAS-BERSCIA, L. M. (2015). Mayna, the lost Kawapanan language. *LIAMES*, 15.2:393-407.

ROMAINE, S. (1994). *Language in society: An introduction to sociolinguistics*. London: Blackwell.

ROMANO, G. (1993-1994). *Measurements of orientations in the monuments of San Agustín in Colombia*. Atti e Memorie dell'Accademia Patavina di Scienze, Lettere ed Arti, Padua, Vol. CVI.

ROMERO M., M. E.; ROMERO M., C. (1998). *Desde el Orinoco hacia el siglo XXI: el hombre la fauna y su medio*. Bogotá: Fonde FEN.

ROMOLI, K. (1987). *Los de la lengua de Cueva: Los grupos indígenas del istmo oriental en la época de la conquista española*. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología, Instituto Colombiano de Cultura.

ROOSENS, E. (1989). *Creating Ethnicity: The Process of Ethnogenesis*. Newbury Park: Sage.

ROOSEVELT, A. C. (1980). *Parmana. Prehistoric Maize and Manioc Subsistence along the Amazon and Orinoco*. New York: Academic Press.

_____ (1987). Chiefdoms in the Amazon and Orinoco. Em: R. D. Drennan & C. A. Uribe (eds.), *Chiefdoms in the Americas*, 153-186. Lanham: University Press of America.

_____ (1989). Lost civilizations on the lower Amazon in natural history. *Natural History*, February:74-83.

_____ (1991). Determinismo ecológico na interpretação do desenvolvimento social indígena da Amazônia'. Em: W. A. Neves (ed.), *Origens, Adaptações e Diversidade Biológica do Homem Nativo da Amazônia*, 103-41. Belém: Museu Emílio Goeldi.

_____ (1992). Arqueologia Amazônica. Em: M. Carneiro da Cunha (org.), *História dos Índios no Brasil*, 53-86. São Paulo: Companhia das Letras/Fapesp/SMC.

_____ (ed.) (1994). *Amazonian Indians from Prehistory to the Present: Anthropological Perspectives*. Tucson: The University of Arizona Press.

_____ (1995). Early pottery in the Amazon. Twenty years of scholarly obscurity. Em: W. K. Barnett & J. W. Hoopes (eds.), *The emergence of pottery*, 115-31. Washington/London: Smithsonian Institution Press.

_____ (1999). The Development of Prehistoric Complex Societies: Amazonia, A Tropical Forest. Em: E. A. Bacus & L. J. Lucero (eds.), *Complex Polities in the Ancient Tropical World. Archaeological Papers of the American Anthropological Association, Number 9*. Arlington: American Anthropological Association.

ROSAS RINTEL, M. (2007). Nuevas Perspectivas Acerca del Colapso Moche en el Bajo Jequetepeque: Resultados Preliminares de la Segunda Campaña de investigación del proyecto arqueológico Cerro Chepén. *Bulletin de l'IFEA*, 36.2:221-240.

ROSALES, R. C. (2005). La alfarería en los indígenas de la cuenca del Lago de Maracaibo: vínculo entre pasado y presente. *Revista de Artes y Humanidades UNICA*, 6.13:131-148.

ROSE, F. (2012). Borrowing of a Cariban number marker into three Tupi-Guarani languages. Em: M. Vanhove, T. Stolz, A. Urdze & H. Otsuka (eds.), *Morphologies in Contact*, 37-69. Berlin: Akademie Verlag.

_____ (2014). Mojeño Trinitario. Em: M. Crevels & P. Muysken (eds.), *Lenguas de Bolivia, 3: Oriente*. La Paz: Plural Editores.

_____ (2015). Tarumã? Lista Etnolingüística, <<http://lista.etnolingustica.org/4018>>.

ROSÉS LABRADA, J. E. (2015b). *Is Jodí a Sáliban Language?* Comunicação apresentada em: Workshop on historical relationships among languages of the Americas. Leiden, 2-5 de setembro de 2015, Universiteit Leiden.

ROSS, E. B. (1978). Food taboos, diet, and hunting strategy: The adaptation to animals in Amazon cultural ecology. *Current Anthropol.*, 19:1-36.

_____ (ed.) (1980). *Beyond the myths of culture: essays in cultural materialism*. New York: Academic.

ROSS, M. (1988). *Proto Oceanic and the Austronesian languages of western Melanesia*. Canberra: Pacific Linguistics.

_____ (1997). Social networks and kinds of speech-community event. Em: R. Blench & M. Spriggs (eds.), *Archaeology and language. Volume 1: Theoretical and methodological orientations*, 209-261. London: Routledge.

ROSSELLÓ, J. G. (2008). Etnoarqueología de la producción cerámica. Identidad y territorio en los Valles Centrales de Chile. *Mayurqa*, 32. Número monográfico.

ROSTAIN, S. (1999). Secuencia arqueológica en montículos del valle del Upano en la Amazonia ecuatoriana. *Bulletin de l'Institut Français de Études Andines*, 28.1:53-89.

_____ (2006). Etnoarqueología de la casa Huapula y Jívaro. *Bulletin de l'Institut Français d'Études Andines*, 35.3:337-346.

_____ (2010). Cronología del valle del Upano (Alta Amazonía ecuatoriana). *Bulletin de l'Institut Français d'Études Andines*, 39.3:667-681.

_____ (2011). Ethnoarchaeology of the Amazonian house: pre-Columbian and Jivaro continuity in Ecuador. Em: C. L. Hofman & A. van Duijvenbode (eds.), *Communities in contact. Essays in archaeology, ethnohistory & ethnography of the Amerindian circum-Caribbean*, 455-475. Leiden: Sidestone Press.

_____ ; SAULIEU G. DE (2013). *Antes: arqueología de la Amazonia ecuatoriana (Travaux de l'Institut Français d'Études Andines, 310)*. Lima: IFEA.

_____ ; VERSTEEG, A. H. (2003). Recherche sur l'archéologie de la côte occidentale de Guyane. *Journal de la Société des Américanistes*, 89.1:161-175.

ROSTWOROWSKI, M. (1970). Mercaderes del valle de Chíncha en la época prehispánica: un documento y unos comentarios. *Revista Española de Antropología Americana*, 5:135-177.

_____ (1975a). Pescadores, Artesanos y Mercaderes Costeños en el Perú Prehispánico. *Revista del Museo Nacional*, 41:311-350.

- _____ (1975b) *Los ayarmacas*. Valladolid: Casa Museo de Colón.
- _____ (1977). Coastal Fishermen, Merchants, and Artisans in Pre-Hispanic Peru. Em: E. P. Benson (ed.), *The Sea in the Pre-Columbian World*, 167-188. Washington, DC: Dumbarton Oaks.
- _____ (1993). Los ayarmaca. Em: M. Rostworowski, *Ensayos de historia andina. Vol. I: Elites, etnias, recursos*, 241-290. Lima: Banco Central de Reserva del Perú e Instituto de Estudios Peruanos.
- ROTHHAMMER, F.; MORAGA, M. (2001). Patterns of Y-chromosome variation in South Amerindians. *American Journal of Human Genetics*, 69:904-906.
- _____; _____; SANTORO, C. M.; ARRIAZA, B. T. (2010). Origins of Changos. Mitochondrial DNA analysis suggests Chinchorro culture fishermen ancestry. *Revista Médica de Chile*, 138.2:251-6.
- _____; SANTORO, C. M. (2001). El desarrollo cultural en el valle de Azapa, extremonorte de Chile y su vinculación con los desplazamientos poblacionales altiplánicos. *Latin American Antiquity*, 12:59-66.
- _____; _____ et alii (2009). Archeological and mtDNA evidence for Tropical Lowland migrations during the Late Archaic / Formative in northern Chile. *Revista chilena de historia natural*, 82.4:543-552.
- ROUSE, I. (1958). The Inference of Migrations from Anthropological Evidence. Em: R. H. Thompson (ed.), *Migrations in New World Culture History (Social Science Bulletin, 27)*, 63-68. Tucson: University of Arizona.
- _____; CRUXENT, J. M. (1963) *Venezuelan Archaeology*. New Haven: Yale University Press.
- RUHLEN, M. (1986). *A guide to the world's languages (volume 1)*. Stanford: Stanford University Press.
- _____ (1991). *A Guide to the World's Languages*. Stanford: University Press.
- RUXTON, G. D.; SCHAEFER, H. M. (2011). Resolving current disagreements and ambiguities in the terminology of animal communication. *Journal of Evolutionary Biology*, 24:2574-2585.
- SAAD, G. (2014). *A sketch grammar of Shuar*. Nijmegen: Radboud Universiteit Nijmegen. (Dissertação de Mestrado).
- SÁENZ SAMPER, J. (1986). *Investigaciones Arqueológicas en el Bajo Valle de Tenza*. Bogotá: Universidad de los Andes. (Tese).

_____ ; LLERAS PÉREZ, R. (1999). Las relaciones pre-hispánicas entre los territorios de Costa Rica y Colombia. Em: R. Lleras & J. Sáenz (eds.), *Oro y jade: Emblemas de poder en Costa Rica*, 67-89. San Jose: Banco Central de Costa Rica, Museo Nacional de Costa Rica e Museo del Oro.

SAKEL, J. (2004). *A grammar of Mosestén*. Berlin: Mouton de Gruyter.

SALAZAR, L. C. (2008). Pre-Columbian Mound Complexes in the Upano River Valley, Lowland Ecuador. Em: H. Silverman & W. H. Isbell (eds.), *Handbook of South American Archaeology*, 263-278. New-York: Springer.

SALCEDO CAMACHO, L. E.; MOLINA MOROTE, N. I. (2012). La ocupación temprana en La Convención, selva alta de Cusco. *Revista Investigaciones Sociales*, 16.28:167-184.

SALZER, M.; CHAPMAN, S. (1998). *Dicionário Bilingue nas línguas Paumari e Portuguesa*. Porto Velho: Sociedade Internacional de Linguística.

SALZMAN, PH. C.; ATTWOOD, D. W. (2010). Ecological Anthropology. Em: A. Barnard & J. Spencer (eds.), *Encyclopedia of Social and Cultural Anthropology*, 207-210. London: Routledge.

SÁNCHEZ, C. (2008). *Autana-Kuawai "Morada de Wahari": Patrimonio de los Piaroa*. Caracas: UCV. (TCC).

SANDOVAL, J. R.; DELGADO, B.; RIVAS, L.; BONILLA, B.; NUGENT, D. *et alii* (2004). Variantes del ADNmt en isleños del lago Titicaca: máxima frecuencia del haplotipo B1 y evidencia de efecto fundador. *Rev. Peru. Biol.*, 11:161-168.

_____ ; LACERDA, D. R.; JOTA, M. S. A.; SALAZAR-GRANARA, A.; VIEIRA, P. P. R.; ACOSTA, O.; CUELLAR, C.; REVOLLO, S.; FUJITA, R.; SANTOS, F. R.; THE GENOGRAPHIC PROJECT CONSORTIUM (2013). The genetic history of indigenous populations of the Peruvian and Bolivian Altiplano: The legacy of the Uros. *PLoS One* 8, e73006.

SANOJA, M. (1979). *Las culturas formativas del Oriente de Venezuela. La tradición barrancas del Bajo Orinoco (Colección Estudios, Monografías y Ensayos, 6)*. Caracas: Biblioteca de la Academia Nacional de la Historia.

SANTOS, F. (1992). *Etnohistoria de la Alta Amazonia: Siglo XV- XVIII*. Quito: Abya-Yala.

SANTOS-GRANERO, F. (2002). The Arawakan Matrix: Ethos, Language, and History in Native South America. Em: J. D. Hill & F. Santos-Granero (eds.), *Comparative Arawakan Histories: Rethinking Language Family and Culture Area in Amazonia*, 25-50. Urbana: University of Illinois Press.

_____ (2009). *Vital Enemies: Slavery, Predation, and the Amerindian Political Economy of Life*. Austin: University of Texas Press.

SAPIR, E. (1912). Language and Environment. *American Anthropologist*, n. s, 14.2:226-242.

SARDE NETO, E. (2013). *Cosmografia Karitiana: território, educação e identidade étnica em Rondônia*. Porto Velho: UNIR. (Dissertação de Mestrado).

SARMIENTO DE GAMBOA, P. (1965) [1572]. *Historia de los Incas (Segunda parte de la Historia General Llamada Indica)*. Biblioteca de Autores Españoles. Madrid: Ediciones Atlas.

SAULIEU, G. DE (2007). *Apuntes sobre el pasado precolombino de la Amazonía ecuatoriana*. Arqueología Ecuatoriana <<http://www.arqueoecuadoriana.ec>>. Acesso em: 05/2014.

_____ (2013). Sobrevuelo de las cerámicas antiguas del curso alto del río Pastaza. Reflexiones e hipótesis. Em: F. Valdez (org.), *Arqueología Amazónica. Las civilizaciones ocultas del bosque tropical*, 83-106. Quito: IFEA.

_____ ; ROSTAIN, S.; LE PENNEC, J. (2014). El formativo del Alto Pastaza (Ecuador), entre arqueología y vulcanología. Em: S. Rostain (ed.), *Antes de Orellana: actas del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazonica (l'IFEA 37)*, 199-205. Quito: IFEA.

SAUNALUOMA, S. (2012). Geometric Earthworks in the State of Acre, Brazil: Excavations at the Fazenda Atlântica and Quinauá Sites. *Latin American Antiquity*, 23.4:565-583.

_____ (2014). Os sítios pré-colombianos com estruturas de terra na região de fronteira entre o Acre, Brasil, e Riberalta, Bolívia, Amazônia sul-ocidental. *Revista de Arqueologia*, 27.2:125-149.

_____ ; SCHAAN, D. (2012). Monumentality in Western Amazonian Formative Societies: Geometric Ditched Enclosures in the Brazilian State of Acre. *Antiqua*, 2.1:1-11.

SAUSSURE, F. DE (1967) [1916]. *Cours de linguistique générale*. Paris: Payot.

_____ (1973) [1916]. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Editora Cultrix.

SCHAAN, D. P. (2004). *The Camutins Chiefdom: rise and development of complex societies in Marajó Island, Brazilian Amazon*. Pittsburgh: University of Pittsburgh. (Tese de Doutorado).

_____ (2007). Os Filhos da Serpente: Rito, Mito e Subsistência nos Cacicados da Ilha de Marajó. *International Journal of South American Archaeology*, 1:50-56.

_____ (2008). Arqueologia do Acre: do PRONAPABA às pesquisas sobre geoglifos. Em: D. Schaan, A. Ranzi & M. Pärssinen (orgs.), *Arqueologia da Amazônia Ocidental: os geoglifos do Acre*, 10-29. Belém: Editora Universitária UFPA.

_____ (2009). A Amazônia em 1491. *Especiaria: Cadernos de Ciências Humanas*, 11.20/21:55-82.

_____ (2014). Cronologia das Transformações das Paisagens Amazônicas. Em: S. Rostain. (org.), *Amazonia. Memorias de las conferencias magistrales del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica*, 1:51-71. Quito: Ikiam.

SCHMIDT, J. (1872). *Die Verwandtschaftsverhältnisse der indogermanischen Sprachen*. Weimar: Böhlau.

SCHMIDT, W. (1926). *Die Sprachfamilien und Sprachenkreise der Erde*. Heidelberg: Carl Winters Universitätsbuchhandlung.

SCHMITZ, P. I.; BARBOSA, A. (1985). *Horticultores Pré-Históricos do Estado de Goiás*. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS.

_____; ROGGE, J. H.; ROSA, A. O.; BEBER, M. V.; FREITAS, E. A. V. (2009). Aterros da Tradição Pantanal nas fazendas Sagrado Coração de Jesus e Bodoquena, Corumbá, MS. *Pesquisas-Antropologia*, 67:321-374. São Leopoldo: IAP.

_____; WÜST, I.; COPÉ, S. M.; THIES, U. M. E. (1982). *Arqueologia do Centro-Sul de Goiás; uma fronteira de horticultores indígenas no centro do Brasil (Pesquisas-Antropologia, 33)*. São Leopoldo: IAP.

SCHNEIDER, J. (1977). Was There a Precapitalist World-System? *Peasant Studies*, 6:20-29.

SCHOMBURGK, R. (1845). Journal of an Expedition from Pirara to the Upper Corentyne and from Thence to Demerara. *Journal of the Royal Geographical Society of London*, 15:1-104.

SCHORTMAN, E. M.; URBAN, P. A. (1992). Current Trends in Interaction Research. Em: E. M. Schortman & P. A. Urban (eds.), *Resources, Power, and Interregional Interaction*. New York/London: Plenum Press.

SCHULLER, R. (1933). The language of the Tacana Indians (Bolivia). *Anthropos*, 28:99-116/463-84.

SCHUTKOWSKI, H. (2006). *Human Ecology: Biocultural Adaptations in Human Communities (Ecological Studies, 182)*. Berlin: Springer.

SCHWERIN, K. H. (1972). Arawak, Carib, Je, Tupi: Cultural Adaptations and Culture History in the Tropical Forest South America. *Actas y Memorias del XXXIX Congreso Internacional de Americanistas, Lima*, 4:39-57.

SCOTT, J.; CARRINGTON, P. J. (2011). *The SAGE handbook of social network analysis*. London: Sage.

SEIFART, F. (2007). The prehistory of nominal classification in Witotoan languages. *International Journal of American Linguistics*, 73.4:411-445.

_____ (2011). Bora loans in Resígaro: Massive morphological and little lexical borrowing in a moribund Arawakan language. *Cadernos de Etnolingüística. Série Monografias*, 2.

_____ (2012). The Principle of Morphosyntactic Subsystem Integrity in language contact: Evidence from morphological borrowing in Resígaro (Arawakan). *Diachronica*, 29.4:471-504.

_____ ; ECHEVERRI, J. A. (2015). Proto Bora-Muinane. *LIAMES*, 15:279-311.

SEKI, L. (2002). O Krenak (Botodudo / Borum) e as Línguas Jê. Em: L. dos Santos & I. Pontes (eds.), *Línguas Jê: Estudos Vários*, 15-40. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina.

_____ (2011). Alto Xingu: uma área linguística? Em: B. Franchetto (ed.), *Alto Xingu: uma sociedade multilíngue*, 57-84. Rio de Janeiro: Museu do Índio - Funai.

SERVICE, E. R. (1962). *Primitive Social Organization: An Evolutionary Perspective*. New York: Random House.

SHADY, R. (1999). Sociedades formativas de Bagua-Jaén y sus relaciones Andinas y Amazónicas. Em: P. Ledergerber-Crespo (ed.), *Formativo Sudamericano: Una revaluación*, 201-211. Quito: Abya-Yala.

SHAFER, R. (1959). Algumas equações fonéticas em Arawakan. *Anthropos*, 54:542-562.

SHARMA, S. R. (2001). A sketch of Rongpo grammar. Em: Y. Nagano & R. LaPolla (eds.), *New Research on Zhangzhung and Related Himalayan Languages (Senri Ethnological Reports, 19)*, 187-194. Osaka: National Museum of Ethnology.

SHAVER, H. (1996). *Diccionario Nomatsiguenga-Castellano Castellano-Nomatsiguenga (Serie Lingüística Peruana, 41)*. Yarinacocha: Instituto Lingüístico de Verano.

SHELL, O. A. (1965). *Pano reconstruction*. Philadelphia: University of Pennsylvania. (Tese de Doutorado).

_____ (1975). *Estudios panos III: las lenguas pano y su reconstrucción*. Lima: Instituto Lingüístico de Verano.

SHERIF, M. (1966). *In Common Predicament: Social Psychology of Intergroup Conflict and Cooperation*. Boston: Houghton & Mifflin.

SHIMADA, I. (1982). Horizontal Archipelago and Coast-Highland Interaction in North Peru: Archaeological Models. *Senri Ethnological Studies*, 10:137-210.

_____ (2000). The Late Prehispanic Coastal States. Em: L. Laurencich Minelli (ed.), *The Inca World: The Development of Pre-Columbian Peru*, 49-82. Norman: University of Oklahoma Press.

_____; CRAIG, A. K. (2013). The Style, Technology and Organization of Sicán Mining and Metallurgy, Northern Peru: Insights from Holistic Study. *Chungara*, 45.1:3-31.

RIBEIRO, A. V. M.; LABIAK, A. M.; NEVES, L. J. DE O.; SILVA, M. (1989). Elementos da fonologia Kanamari. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 16:123-141.

SILVA, Z. DOS A. G. DA (2005). *Fonologia Katukina (dialecto Katukina do Biá)*. Brasília: Universidade de Brasília. (Dissertação de Mestrado).

SILVA NETO, S. DA (1963). *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. (2ª edição). Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.

SILVERMAN, H. (1996). The Formative Period on the South Coast of Peru: A Critical Review. *Journal of World Prehistory*, 10.2:95-146.

_____; PROULX, D. (2002). *The Nasca. The Peoples of America*. London: Wiley-Blackwell.

SIMÕES, M. F. (1981). Coletores-pescadores ceramistas do litoral do Salgado (Pará). Nota Preliminar. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Série Antropologia*, 78.

_____; KALKMANN, A. (1987). Pesquisas arqueológicas no médio rio Negro (Amazonas). *Revista de Arqueologia*, 4.1:83-116.

_____; LOPES, D. (1987). Pesquisas arqueológicas no baixo/médio Rio Madeira (Amazonas). *Revista de Arqueologia*, 4.1:117-133.

SKYTTNER, L. (1996). *General Systems Theory*. London: Macmillian Press.

_____ (2001). *General systems theory: Ideas and applications*. River Edge: World Scientific.

_____ (2006a). General systems theory: origin and hallmarks. *Kybernetes*, 25.6:16-22.

_____ (2006b). *General systems theory: Problems, perspectives, practice*. (2ª edição). River Edge: World Scientific.

SMEETS, I. (2008). *A grammar of Mapuche (Mouton grammar library, 41)*. Berlin: Mouton de Gruyter.

SMUTS, J. C. (1926). *Holism and Evolution*. New York: The MacMillan Company.

SNARSKIS, M. J. (1998). The Imagery and Symbolism of Precolumbian Jade in Costa Rica. Em: J. Jones (ed.), *Jade in Ancient Costa Rica*, 59-91. New York: Metropolitan Museum of Art.

SNOW, D. R. (1980). *The Archaeology of New England*. New York: Academic Press.

SOLIS FONSECA, G. (1996). La lengua culli revisitada. *Escritura y Pensamiento*, 4:29-48.

SOTO RUIZ, C. (1976). *Gramatica quechua, Ayacucho-Chanca*. Lima: Ministerio de Educación del Perú.

SOUTHWORTH, F. C. (1964). Family-Tree Diagrams. *Language*, 40.4:557-565.

_____ (1990). Contact and interference. Em: E. Polomé (ed.), *Research Guide on Language Change*, 281-294. Berlin: Mouton de Gruyter.

SPENCER, H. (1862). *First Principles*. London: Williams and Norgate.

STADEN, H. (1928) [1557]. Hans Staden: The True History of His Captivity, 1557. London: George Routledge & Sons.

STANISH, CH. (2003). *Ancient Titicaca*. Berkeley: University of California Press.

STARK, L. R. (1981). La lengua zápara del Ecuador. *Miscelánea Antropológica Ecuatoriana*, 1:12-91.

_____ (1985). Indigenous languages of lowland Ecuador: History and current status. Em: H. E. M. Klein & L. R. Stark (eds.), *South American Indian languages: Retrospect and prospect*, 157-193. Austin: University of Texas Press.

STEINEN, K. VON DEN (1886). *Durch Central-Brasilien. Expedition zur Erforschung des Schingú im Jahre 1884. Mit über 100 Text- und Separatbildern von Wilhelm von den Steinen, 12 Separatbildern von Johannes Gehrts, einer Specialkarte des Schingústroms von Otto Clauss, einer ethnographischen Kartenskizze und einer Übersichtskarte*. Leipzig: F.A. Brockhaus.

_____ (1940). *Entre os aborígenes do Brasil Central*. São Paulo: Departamento de Cultura.

STERELNY, K. (2008). Language and Niche Construction. Em: D. Kimbrough, D. K. Oller & U. Griebel (eds.), *Evolution of Communicative Flexibility: Complexity, Creativity, and Adaptability in Human and Animal Communication*, 215-232. Cambridge: MIT Press.

STEWART, J. H. (ed.) (1946-50). *Handbook of South American Indians, vol. 1 (1946a): The Marginal Tribes; vol. 2 (1946b): The Andean Civilizations; vol. 3 (1948): The Tropical Forest Tribes; vol. 6 (1950): Physical Anthropology, Linguistics and Cultural Geography of South American Indians*. Smithsonian Institution. Bureau of American Ethnology, Bulletin 143. Washington: United States Government Printing Office.

_____ (1949). Cultural causality and law: a trial formulation of the development of early civilizations. *Am. Anthropol.*, 51:1-27.

_____ (1955) *Theory of culture change*. Urbana: University of Illinois.

_____ (1976). *Theory of culture change*. Urbana: University of Illinois.

STUART, D. E. (1977). Seasonal phases in Ona subsistence, territorial distribution and social organization: implications for the archaeological record. Em: L. R. Binford (ed.), *For Theory Building in Archaeology*, 251-83. New York: Academic Press.

SUÁREZ, J. A. (1969). Mosen and Pano-Tacanan. *AL*, 11:255-266.

_____ (1973). Macro-Pano-Tacanan. *International Journal of American Linguistics*, 39.3:137-154.

_____ (1974). Classification of South American Indian languages. *Encyclopaedia Britannica*, (15ª edição), 17:105-12. Chicago: Macropaedia.

SUSNIK, B. (1975). *Dispersión tupi-guarani pré-histórica. Ensayo analítico*. Assunción: Museo Etnográfico “Andres Barbero”.

SUZUKI, E. M. (1997). *Fonética e fonologia do Suruwahá*. Campinas: UNICAMP. (Dissertação de Mestrado).

SUZUKI, M. (1995). Esboço fonológico preliminar da língua Suruwahá. Em: L. Wetzels (ed.), *Estudos fonológicos das línguas indígenas brasileiras*, 341-378. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.

SWADESH, M. (1951). *Basic Vocabulary of Glottochronology*. Denver.

_____ (1955). Towards greater accuracy in lexicostatistic dating. *International Journal of American Linguistics*, 21:121-137.

_____ (1959). *Mapas de clasificación lingüística de México y las Americas*. Ciudad de México: UNAM.

SWEET, D. (1974) *A rich realm of nature destroyed: the middle Amazon valley, 1640-1750*. Madison: University of Wisconsin. (Tese de Doutorado).

TALLMAN, A. (2012). The pano-takanan hypothesis: ancient areal diffusion or long distance genetic relationship. (Manuscrito).

TAMANAHAN, E. K. (2012). *Ocupação policroma no baixo e médio rio Solimões, estado do Amazonas*. São Paulo: USP. (Dissertação de Mestrado).

TANSLEY, A. G. (1935). The use and abuse of vegetational terms and concepts. *Ecology*, 16.3:284-307.

TANTALEÁN, H. (2013). Hacia una teoría arqueológica del Estado en los Andes Prehispánicos (II): Los Estados Militaristas Andinos. *Revista Atlántica-Mediterránea de Prehistoria y Arqueología Social*, 15:81-112.

TAPIA MATAMALA, O. (2011). Avances sobre la cerámica Mojocoya. Cambios y continuidades estilísticas durante el Horizonte Medio. *Textos Antropológicos*, 16.1:127-136.

TARAZONA-SANTOS, E.; CARVALHO-SILVA, D. R.; PETTENER, D.; LUISELLI, D.; DE STEFANO, G. F.; MARTINEZ LABARGA, C.; RICKARDS, O.; TYLER-SMITH, C.; PENA, S. D. J.; SANTOS, F. R. (2001). Genetic differentiation in South Amerindians is related to environmental and cultural diversity: evidence from the Y chromosome. *American Journal of Human Genetics*, 68:1485-1496.

TARBLE, K. (1982). *Comparación Estilística de Dos Colecciones Cerámicas del Noroeste de Venezuela: Una Nueva Metodología*. Caracas: Ernesto Armitano Editor.

_____ (1984). Nuevos datos sobre la arqueología tardía del Orinoco: la serie valloide. *Acta Científica Venezolana*, 35.5-6:434-445.

_____ (1985). Un nuevo modelo de expansión Caribe para la época prehispánica. *Antropológica*, 63-64:45-81.

TAYLOR, D. M. (1954). A note on the status of Amuesha. *International Journal of American Linguistics*, 20:240-1.

_____ (1958). The place of Island Carib within the Arawakan family. *International Journal of American Linguistics*, 24:153-156.

_____ (1961). Review of "Algumas equações fonéticas em Arawakan" by Robert Shafer. *International Journal of American Linguistics*, 27:273-278.

_____ (1977). *Languages of the West Indies*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.

_____ (1978) Four consonantal patterns in northern Arawakan. *International Journal of American Linguistics*, 44.2:121-30.

TAYLOR, W. (1948) *A study of Archaeology*. Carbondale: Southern Illinois University Press.

TELLO, J. C. (1913a). *Arawak (Fragmento de lingüística indígena sudamericana)*. Lima.

_____ (1913b). *Algunas conexiones gramaticales de las lenguas Campa, Ipurina, Moxa, Baure, Amuesha, Goajira, del grupo de familia Arawak o Maipure*. Lima.

_____ (1929). *Antiguo Perú. Primera época*. Lima: Comisión Organizadora del Segundo Congreso Sudamericano de Turismo.

_____ (1960). *Chavín. Cultura matriz de la civilización andina. Primera parte*. Lima: Universidad Nacional Mayor de San Marcos.

TESSMANN, G. (1930). *Die Indianer Nordost-Perus. Grundlegende Forschungen für eine systematische Kulturkunde*. Hamburg: Friedrichsen, de Gruyter & Co.

THOMASON, S. G. (2001). *Language contact: An introduction*. Washington: Georgetown University Press.

_____ (2003). Contact as a Source of Language Change. Em: B. D. Joseph & R. D. Janda (eds.), *The Handbook of Historical Linguistics*, 687-712. Oxford & Malden: Blackwell.

_____; KAUFMAN, T. (1988). *Language contact, creolization, and genetic linguistics*. Berkeley: University of California Press.

TINBERGEN, N. (1968). On war and peace in animals and man. *Science*, 160:1411-18.

TISS, F. (2004). *Gramática da Língua Madiha (Kulina)*. São Leopoldo & Eirunepé: Editora Oikos & COMIN.

TORERO, A. (1970). Linguística e historia de la sociedad andina. *Anales Científicos de la Universidad Nacional Agraria*, 8.3/4:231-64.

_____ (1973). *Quechua e historia social andina*. Lima: Editorial Universidad Ricardo Palma.

_____ (1986). Deslindes lingüísticos en la costa norte peruana. *Revista Andina*, 4:523-48.

_____ (1992). Acerca de la familia linguística Uruquilla. *Revista Andina*, 19:171-91.

_____ (1993). Lenguas del nororiente peruano: la hoya de Jaén en el siglo XVI. *Revista Andina*, 11.2:447-72. Cuzco: Centro Bartolomé de Las Casas.

_____ (2002). *Idiomas de los Andes. Lingüística e historia*. Lima: Instituto Francés de Estudios Andinos y Editorial Horizonte.

TORRES, M. M.; BRAVI, C. M.; BORTOLINI, M. C.; DUQUE, C.; CALLEGARI-JACQUES, S.; ORTIZ, D.; BEDOYA, G.; GROOT DE RESTREPO, H.; RUIZ-LINARES, A. (2006). A revertant of the major founder Native American haplogroup C common in populations from northern South America. *Am. J. Hum. Biol.*, 18:59-65.

TOVAR, A. (1951). Un capítulo de lingüística general. Los prefijos personales en lenguas del Chaco y la lucha entre préstamos morfológicos en un espacio dado. *Boletín de la Academia Argentina de Letras*, 77:369-403.

_____ (1961). *Catálogo de las lenguas de América del Sur*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana

_____ (1986). *Las lenguas arahuacas. Hacia una delimitación más precisa de la familia Arahauca*. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo.

_____; TOVAR, C. L. (1984). *Catálogo de las lenguas de América de Sur (nueva edición)*. Madrid: Gredos.

TRINDADE, T. B. (2015). *Geoglifos, Zanjas ou Earthworks: Levantamento geral dos sítios de estruturas de terra em vala no médio rio Guaporé (RO) e análise comparada com os demais sítios no sudoeste da bacia amazônica*. São Paulo: USP. (Dissertação de Mestrado).

TRIPCEVICH, N. (2007). *Quarries, Caravans, and Routes to Complexity: Prehispanic Obsidian in the South-Central Andes*. Santa Barbara: University of California. (Tese de Doutorado).

TRIPP, R. (1995). *Diccionario Amarakaeri-Castellano. (Serie Lingüística Peruana, 34)*. Yarinacocha: Instituto Lingüístico de Verano.

TRUBETZKOY, N. S. (1931). Die phonologischen Systeme. *Travaux du Cercle Linguistique de Prague* 4, 96-116. Praga: Pražský Lingvistický Kroužek.

_____ (1939). *Grundzüge der Phonologie (Travaux du Cercle Linguistique de Prague, 7)*. Praga: Pražský Lingvistický Kroužek.

TRUDGILL, P. (1974). Linguistic change and diffusion: Description and explanation in sociolinguistic dialect geography. *Language in Society*, 3:215-246.

_____ (1992). Dialect typology and social structure. Em: Y. E. Hakon (ed.), *Language contact: theoretical and empirical studies (Trends in Linguistics Studies and Monographs, 60)*, 195-211. Berlin & New-York: Mouton de Gruyter.

_____ (2007). Sociolinguistic dialect typology: contact and isolation in Nordic dialects. Em: T. Arboe (ed.), *Nordisk dialektologi og sociolingvistik*, 33-53. Århus: Peter Skautrup Centret for Jysk Dialekforskning.

TUCKER, A. N.; BRYAN, M. A. (1974). The 'Mbugu' anomaly. *BSOAS*, 37:188-207.

TURNER, J. C.; REYNOLDS, K. H. (2001). The Social Identity Perspective in Intergroup Relations: Theories, Themes, and Controversies. Em: R. Brown & S. L. Gaertner (eds.), *Blackwell Handbook of Social Psychology: Intergroup Relations*, 133-152. Oxford: Blackwell.

URBAN, G. (1992). A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas. Em: M. Carneiro da Cunha (org.), *História dos Índios no Brasil*, 87-102. São Paulo: Companhia das Letras/Fapesp/SMC.

_____ (1996). On the geographical origins and dispersion of tupian languages. *Revista de Antropologia/USP*, 39.2:61-104.

URIBE RODRÍGUEZ, M.; AGÜERO PIWONKA, C. (2004). Iconografía, alfarería y textilería Tiwanaku: elementos para una revisión del período medio en el Norte Grande de Chile. *Chungará*, 36.supl.espec.2:1055-1068.

URTON, G. (2012). The Herder-Cultivator Relationship as a Paradigm for Archaeological Origins, Linguistic Dispersals, and the Evolution of Record-Keeping in the Andes. Em: P. Heggarty & D. Beresford-Jones (eds.), *Archaeology and Language in the Andes*, 321-344. Oxford: Oxford University Press.

USME-ROMERO, S.; ALONSO, M.; HERNANDEZ-CUERVO, H.; YUNIS, E. J.; YUNIS, J. J. (2013). Genetic differences between Chibcha and Non-Chibcha speaking tribes based on mitochondrial DNA (mtDNA) haplogroups from 21 Amerindian tribes from Colombia. *Genetics and molecular biology*, 36.2:149-57.

UZENDOSKI, M. A. (2004). The Horizontal Archipelago: The Quijos/Upper Napo Regional System. *Ethnohistory*, 51(2):317-357.

VAÍSSE, E.; HOYOS, F. S.; ECHEVERRÍA I REYES, A. (1896). *Glosario de la lengua atacameña*. Santiago: Imprenta Cervantes.

VALDEZ, F. (2008). Inter-zonal Relationships in Ecuador. Em: H. Silverman & W. H. Isbell (eds.), *Handbook of South American Archaeology*, 865-88. New York: Springer.

VALENTI, D. M. (1986). *A Reconstruction of the Proto-Arawakan Consonantal System*. New York University. (Tese de doutorado).

VALENZUELA, P. (1991). Comprobación del lugar de la lengua Iñapari dentro de la rama preandina de la familia Arawak. *Revista Latinoamericana de Estudios Etnolingüísticos*, 6:209-240.

_____ (2003). *Transitivity in Shipibo-Konibo grammar*. Eugene: University of Oregon. (Tese de Doutorado).

_____; GUILLAUME, A. (2016). Estudios sincrónicos y diacrónicos sobre lenguas Pano y Takana: una Introducción. Em: A. Guillaume & P. Valenzuela (eds), *Estudios sincrónicos y diacrónicos sobre lenguas Pano y Takana: fonología, morfología y sintaxis*. *Amerindia*, 38:1-34.

_____; ZARIQUIEY, R. (2014). Body-part nouns, prefixation and incorporation in Panoan and Takanan: some thoughts on a recent debate. (Manuscrito).

_____; _____ (2015). *Advances in favor of the Pano-Takanan Hypothesis*. Comunicação apresentada em: “48º Congresso Anual de la Societas Linguistica Europaeae”, Leiden, 2-5 de setembro de 2015.

VAN DER DENNEN, J. M. G. (1984a). Ontstaan en Evolutie van de 'Primitieve' Oorlog. *Transaktie*, 13.4:321-45.

_____ (1984b). *Source materials for the study of 'primitive' war. A bibliography containing some 5,500 entries on warfare, feuding and intratribal violence in preliterate societies*. Groningen: Polemological Institute, University of Groningen.

_____ (1995). *The origin of war: The evolution of a male-coalitional reproductive strategy*. Groningen: Origin Press.

_____ (2002). (Evolutionary) theories of warfare in preindustrial (foraging) societies. *Human ethnology & evolutionary psychology*, 23/suppl.2:55-65.

_____; FALGER, V. S. E. (eds.) (1990). *Sociobiology and conflict: evolutionary perspectives on competition, cooperation, violence and warfare*. London: Chapman and Hall.

VAN DER VOORT, H. (2005). Kwaza in a comparative perspective. *International Journal of American Linguistics*, 71.4:365-412.

VAN GIJN, R. (2015). Verbal synthesis in the guaporé-mamoré linguistic area: a contact feature? *Linguistic Discovery*, 13.2:96-122.

VAN HOOFF, J. A. R. A. M. (1990). Intergroup competition and conflict in animals. Em: J. M. G. van der Dennen & V. S. E. Falger (eds.), *Sociobiology and conflict: evolutionary perspectives on competition, cooperation, violence and warfare*, 23-54. London: Chapman and Hall.

VAN OVEN, M.; KAYSER, M. (2009). Updated comprehensive phylogenetic tree of global human mitochondrial DNA variation. *Hum. Mutat.*, 30(2):386-94.

VAQUERO, A. (1965). *Idioma Warao: Morfología, Sintaxis, Literatura (Estudios Venezolanos Indígenas)*. Caracas: Editorial Sucre.

VEGINI, V. (1995). *Classificação das línguas Maipura/Arawak do grupo continental*. Florianópolis: UFSC. (Tese de Doutorado).

VIANA, S. A.; RIBEIRO, C. V.; OLIVEIRA, S. D. (2011). Cauixi em cerâmica arqueológica: uma questão de escolhas culturais. *Revista de Arqueologia*, 24.1: 32-51.

VIEGAS BARROS, P. (1992-1993). ¿Existe una relación genética entre las lenguas mataguayas y guaycurúes? Em: J. Braunstein (ed.), *Hacia una nueva carta étnica del Gran Chaco V*, 193-213. Las Lomitas (Formosa): Centro del Hombre Antiguo Chaqueño (CHACO).

_____ (2004). *Guaicurú no, macro-Guaicurú sí: Una hipótesis sobre la clasificación de la lengua Guachí (Mato Grosso do Sul, Brasil)*. (Manuscrito).

_____ (2005). *Algunas semejanzas gramaticales macro-guaicurú-macro-je*. Comunicação apresentada em: “IV Encontro de Línguas e Culturas Macro-Jê”. Recife, 3-5 de novembro de 2005, Universidade Federal de Pernambuco.

_____ (2006). La hipótesis macro-guaicurú. Semejanzas gramaticales guaicurú-mataguayo. *Revista UniverSOS*, 3:183-212. Valencia: Universidad de Valencia.

_____ (2013). La hipótesis de parentesco Guaicurú-Mataguayo: estado actual de la cuestión. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, 5.2:293-333.

_____ (2015). *Tarumã? Lista Etnolingüística*, <<http://lista.etnolingustica.org/4032>>.

VILAÇA, A. M. N. (1993). O canibalismo funerário Pakaa-Nova: uma nova etnografia. Em: E. Viveiros de Castro & M. Carneiro da Cunha (orgs.), *Amazônia: etnologia e história indígena*, 285-310. São Paulo: USP-NHII.

VILERA-DÍAZ, D. C. (1985). *Introducción morfológica de la lengua Hoti*. Caracas: UCV. (Tese de Licenciatura).

VILLAS BÔAS, O.; VILLAS BÔAS, C. (1970). *Xingu: Os Índios, Seus Mitos*. São Paulo: Círculo do livro S.A..

VIVEIROS DE CASTRO, E. (1993). Le Marbre et le Myrte: De l'Inconstance de l'Âme Sauvage. Em: A. Becquelin & A. Molinié (orgs.), *Mémoire de la Tradition*, 365-431. Nanterre: Société d'Ethnologie.

VOGEL, A. (2006). *Dicionário Jarawara-Português*. Cuiabá: Sociedade Internacional de Linguística.

VON BUCHWALD, O. (1909). Ecuatorianische Grabhügel. *Globus*, 96.10:154-157. Braunschweig.

_____ (1918). Migraciones sudamericanas. *Boletín de la Sociedad Ecuatoriana de Estudios Históricos Americanos*, 1:225-236. Quito.

VON MARTIUS, C. F. (1867). *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerikas zumal Brasiliens. I. Zur Ethnographie. II. Glossaria linguarum Brasiliensium*. Leipzig: Friedrich Fleischer.

VRANISH, A.; STANISH, C. (eds.) (2013). *Visions of Tiwanaku*. Los Angeles: Cotsen Institute of Archaeology Press.

WALKER, R. S. (dir.) (s.d.). *Database for Indigenous Cultural Evolution (DICE)*, <<http://dice.missouri.edu/>>. Acessado em: 03/01/2015.

_____; BAILEY, D. H. (2013). Body counts in lowland South American violence. *Evolution & Human Behavior*, 34:29-34.

_____ ; FLINN, M. V.; HILL, K. R. (2010). Evolutionary history of partible paternity in lowland South America. *PNAS USA*: 107:19195-19200.

_____ ; RIBEIRO, L. A. (2011). Bayesian phylogeography of the Arawak expansion in lowland South America. *Proceedings of the Royal Society B*, 278:2562-2567.

_____ ; WICHMANN, S.; MAILUND, TH.; ATKISSON, C. J. (2012). Cultural phylogenetics of the Tupi language family in lowland South America. *PLoS ONE*, 7.4:1-9.

WALLERSTEIN, I. (1974). *The Modern World System: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century*. New York: Academic Press.

WANG, S.; LEWIS, C. M. JR.; JAKOBSSON, M.; RAMACHANDRAN, S.; RAY, N. *et alii* (2007). Genetic variation and population structure in Native Americans. *PLoS Genet.*, 3.11:2049-67.

WASSÉN, H. (1949). *Contributions to Cuna ethnography: results of an expedition to Panama and Columbia in 1947. (Etnologiska Studier, 16)*. Goteborg: Etnografiska Museet.

WATSON, E.; BAUER, K.; AMAN, R.; WEISS, G.; VON HAESLER, A.; PÄÄBO, S. (1996). MtDNA sequence diversity in Africa. *Am. J. Hum. Genet.*, 59:437-444.

WEBER, M. (1922). *Wirtschaft und Gesellschaft*. Tübingen: Mohr.

WEINREICH, U. (1953). *Languages in Contact: Findings and Problems*. New York: Linguistic Circle of New York.

_____ (1958). On the compatibility of genetic relationship and convergent development. *Word*, 14:374-379.

WELMERS, W. E. (1973). *African Language Structures*. Berkeley: University of California Press.

WHITE L. (1943). Energy and the evolution of culture. *Am. Anthropol.*, 45:335-356.

_____ (1959). *The Evolution of Culture: The Development of Civilization to the Fall of Rome*. New York: McGraw-Hill.

WHITEHEAD, A. N. (1948) [1925]. *Science and the modern world*. New York: New American Library.

WHITELEY, W. H. (1960). The verbal radical in Iraqw. *African Language Studies*, 1:79-95.

WHORF, B. L. (1954). *Language, thought and reality*. Boston: MIT Press.

_____ (2012) [1940]. Science and Linguistics. Em: J. B. Carroll, S. Levinson & P. Lee (eds.), *Language, Thought and Reality: Selected writings of Benjamin Lee Whorf*, 265-280. Cambridge/London: MIT Press.

WICHMANN, S.; STAUFFER, D.; SCHULZE, CH.; HOLMAN, E. W. (2008). Language Change Rates Depend On Population Size? *Advances in Complex Systems*, 11.3:357-369.

_____; HOLMAN, E. W. (2009). Population size and rates of language change. *Hum. Biol.*, 81(2-3):259-74.

WIERSMA, G. (1990). A study of the Bai (Minjia) Language Along Historical Lines. Berkeley: University of California. (Tese de Doutorado).

WILBERT, J. (1963). *Indios de la región Orinoco-Ventuari. (Monografía, 8.)*. Caracas: Fundación La Salle.

_____ (ed.) (1994). *Encyclopedia of world cultures 7 (South America)*. New York: Hall.

WILLEY, G. R. (1971). *An Introduction to American Archaeology, Volume II: South America*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.

WILLIAMS, G. C. (1966). *Adaptation and Natural Selection*. Princeton: Princeton University Press.

WILMSEN, E. N. (1973). Interaction, spacing behavior and the organization of hunting bands. *Journal of Anthropological Research*, 29:1-31.

WILSON, S. M. (2007). *The Archaeology of the Caribbean*. Cambridge: Cambridge University Press.

WISE, M. R. (1976). Apuntes sobre la influencia inca entre los amuesha, factor que oscurece la clasificación de su idioma. *Revista del Museo Nacional*, 42:355-66.

_____ (1986). Grammatical characteristics of Preandine Arawakan languages Of Peru. Em: (ed.) D. C. Derbyshire & G. K. Pullum (eds.), *Handbook of Amazonian languages*, 1:567-642. Berlin: Mouton de Gruyter.

_____ (1990a). Valence-changing affixes in Maipuran Arawakan languages. Em: D. L. Payne (ed.), *Amazonian linguistics. Studies in Lowland South American languages*, 89-116. Austin: University of Texas Press.

_____ (1990b). Afijos causativos y comitativos en idiomas de la familia arawaka maipuran. Em: R. Cerrón-Palomino & G. Solís (eds.), *Temas de lingüística amerindia. Primer Congreso Nacional de Investigación Lingüístico-Filológicas*, 291-307. Lima: CONCYTEC.

_____ (1991a). Un estudio comparativo de las formas pronominales y sus funciones en las lenguas arawakas norteñas. *Revista Latinoamericana de Estudios Etnolingüísticos*, 6.83-199.

_____ (1991b). Morfosintaxis comparativa y subagrupaciones de las lenguas arawakas maipurán, *Revista Latinoamericana de Estudios Etnolingüísticos*, 6.259-82.

_____ (1991c). *From verb-roots to directionals to tense-aspect suffixes in Maipuran languages*. Comunicação apresentada em: “47th ICA, Arawak Symposium”. New Orleans.

_____ (1999). Small Language Families and Isolates in Peru. Em: R. M. W. Dixon & A. Aikhenvald (eds.), *The Amazonian Languages*, 307-340. Cambridge: Cambridge University Press.

_____ (2011a). Rastros desconcertantes de contactos entre idiomas y culturas a lo largo de los contrafuertes orientales de los Andes del Perú. Em: W. F. H. Adelaar, P. Valenzuela Bismarck & R. Zariquiey Biondi (eds.), *Estudios sobre lenguas andinas y amazónicas. Homenaje a Rodolfo Cerrón-Palomino*, 305-326. Lima: Fondo Editorial Pontificia Universidad Católica del Perú.

_____ (2011b). *Arawaka occidental, el cholón y el muniche: lo que los rasgos que comparten podrían decirnos sobre la prehistoria*. Comunicação apresentada em: “Encontro Internacional: Arqueologia e Linguística Histórica das Línguas Indígenas Sul-Americanas”. Brasília, 24-28 de outubro de 2011, UnB.

WOLFRAM, W.; SCHILLING-ESTES, N. (2003). Dialectology and Linguistic Diffusion. Em: B. D. Joseph & R. D. Janda (eds.), *The Handbook of Historical Linguistics*, 713-735. Oxford & Malden: Blackwell.

WRIGHT, R. (2005). *História indígena e do indigenismo no Alto Rio Negro*. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras & Instituto Socioambiental.

WÜST, I. (1975). A cerâmica Karajá de Arauanã. *Anuário de Divulgação Científica, Goiânia*, 2.2:95-166.

_____ (1990). *Continuidade e mudança: para interpretação dos grupos pré-coloniais na bacia do rio Vermelho, Mato Grosso*. São Paulo: USP. (Tese de doutorado).

_____ (1992). Contribuições arqueológicas, etnoarqueológicas e etno-históricas para o estudo dos grupos tribais do Brasil Central: o caso Bororo. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 2:13-26.

_____ (2001). *Resgate dos sítios arqueológicos Guapé 1 e 2 na área das obras construtivas da UHE-Guaporé, MT. Primeira etapa. Relatório Final. Vol. 1*. Goiânia: Grupo Rede Tangará.

WYNNE-EDWARDS, V. C. (1962). *Animal Dispersion in Relation to Social Behaviour*. Edinburgh: Oliver & Boyd.

YANG, N. N.; MAZIERES, S.; BRAVI, C. M.; RAY, N.; WANG, S. *et alii* (2010). Contrasting patterns of nuclear and mtDNA diversity in Native American populations. *Annals of Human Genetics*, 74.6:525-538.

YANGUEZ-BERNAL, J. A. (1975). *The Nazaratequi tradition: a methodological approach*. Chicago: University of Illinois. (Tese de Doutorado).

YUNIS, J. J.; YUNIS, E. J.; YUNIS, E. (2013). MHC Class II haplotypes of Colombian Amerindian tribes. *Genetics and Molecular Biology*, 36(2):158-166.

ZAMPONI, R. (2003). *Betoi (Languages of the World/Materials, 428)*. Lincom.

ZECENARRO BENAVENTE, G. (2003). Apus Tutelares y Asentamientos del Cusco Preinka, *Boletín de Arqueología PUCP*, 7:387-405.

ZEIDLER, J. A. (2008). The Ecuadorian Formative. Em: H. Silverman & W. H. Isbell (eds.), *Handbook of South American Archaeology*, 459-488. New-York: Springer.

ZELINKSY, W. (1992) [1973]. *The cultural geography of the United States, a revised edition*. Englewood Cliffs: Prentice Hall.

ZENT, E.; ZENT, S. (2008). Los Jodí. Em: Miguel Angel Perera (ed.), *Los Aborígenes de Venezuela*, 499-570. Caracas: Ediciones IVIC, Monte Avila Editores, ICAS, Fundación La Salle.

ZIMPEL NETO, C. A. (2009). *Na direção das periferias extremas da Amazônia: Estudo da Arqueologia na Bacia do Rio Jiparaná, Rondônia*. São Paulo: USP. (Dissertação de Mestrado).

ZUCCHI, A. (1975). *Caño Caroní. Un grupo prehispánico de la selva de los Llanos de Barinas*. Caracas: Universidad Central de Venezuela.

_____ (1985). Evidencias arqueológicas sobre grupos de posible lengua Caribe. *Antropológica*, 63-64:23-44.

_____ (1991). Las migraciones Maipures: diversas líneas de evidencias para la interpretación arqueológica. *América Negra*, 1:113-38.

_____ (1992). Linguística, etnografía, arqueología y cambios climáticos: la dispersión de los arawako en el noroeste amazónico. Em: O. R. Ortiz-Troncoso & T. van der Hammen (eds.), *Archaeology and Environment in Latin America*, 223-251. Amsterdam: Universiteit van Amsterdam-Instituut voor Pre- en Protohistorische Archeologische, Egges van Giffen.

_____ (2002). A New Model of the Northern Arawakan Expansion. Em: J. Hill & F. Santos-Granero (eds.), *Comparative Arawakan Histories: Rethinking Language Family and Culture Area in Amazonia*, 199-222. Urbana: University of Illinois Press.

ZUIDEMA, R. T. (1964). *The Ceque system of Cuzco. The social organization of the capital of the Inca*. Leiden: Brill.

ZUMBROICH, TH. J.; STROSS, B. (2013). Cutting Old Life into New: Teeth Blackening in Western Amazonia. *Anthropos*, 108:53-75.

ZUSE, S. (2014). *Ocupações pré-coloniais e variabilidade cerâmica nos sítios arqueológicos do Alto rio Madeira, Rondônia*. São Paulo: USP. (Tese de Doutorado).

BIBLIOGRAFIA:

CLASSIFICAÇÕES LINGUÍSTICAS E DADOS LEXICAIS

ADAM, L.; HENRY, V. (1880). *Arte y vocabulario de la lengua chiquita*. Paris: Maisonneuve.

AGUILÓ, F. (1986). *El idioma de los Urus*. Editora Centro Portales.

_____ (1991). *Diccionario kallawayá*. La Paz: MUSEF

ALEXANDER-BAKKERUS, A. (2005). *Eighteenth-Century Cholón*. Utrecht: Universiteit Leiden Landelijke Onderzoekschool Taalwetenschap.

ALVES, P. (2004). *O léxico do Tupari: proposta de um dicionário bilingüe*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade Estadual Paulista.

ANDERSON, D. (1962). *Conversational Ticuna*. Yarinacocha: Instituto Lingüístico de Verano.

ANDERSON, L. (1961). Vocabulario breve del idioma ticuna. *Tradicón*, 8:53-68.

ANGENOT DE LIMA, G. (1997): *Fonotática e fonologia do lexema Protochapakura*. Dissertação de Mestrado. Guajará-Mirim: Universidade Federal de Rondônia.

ANGENOT, G. L. (1995). *Subsídios para a glotocronologia lexicoestatística da família Chapakura*. Working Papers in Amerindian Linguistics. Série 'Documentos de Trabalho'. Guajará-Mirim: UNIR.

_____; DOS SANTOS, J.; ANGENOT, J. (1997). *Dicionário Português-Moré e léxico Moré-Português*. Working Papers in Amerindian Linguistics. Guajará-Mirim: UNIR.

ANÓNIMO. (1928). *Lenguas de América. Manuscritos de la Real Biblioteca. Vol. 1 (Catálogo de la Real Biblioteca, VI)*. Madrid.

ANSELMO, L.; GUTIÉRREZ SALAZAR, M. (1981). *Diccionario Pemón*. Caracas: Ediciones CORPOVEN.

ANTUNES, M. A. D. (1999). *Pequeno dicionário indígena Maxakali-Português/ Português-Maxakali*. Juiz de Fora.

ARAUJO, G. A. (2004). *A Grammar of Sabanê: A Nambikwaran Language*. Vrije Universiteit Amsterdam. 94. Utrecht: LOT.

ARIKAPÚ, M.; ARIKAPÚ, N.; VAN DER VOORT, H.; ALVES, A. C. F. (2010). *Vocabulário Arikapú-Português. (Cadernos de Etnolingüística. Série Monografias, 1)*.

ASCHMANN, R. P. (1993). *Proto Witotoan*. (SIL Publications in Linguistics, 114.) Arlington: SIL / University of Texas at Arlington.

AUGUSTA, F. J. (1966). *Diccionario araucano-español y español-araucano: tomo primero: araucano - español*. Padre Las Casas: Impr. y Editorial "San Francisco".

AZA MARTÍNEZ, J. P. (1936). *Vocabulario español-arasairi*. Lima: San Martín y Cía.

BACELAR, L. N. (1992). *Fonologia preliminar da língua Kanoê*. Brasília: UnB.

_____ (2004). *Gramática da língua Kanoê*. Nijmegen: Katholieke Universiteit Nijmegen.

_____ (s.d.). *Língua kanoé: Tabelas demonstrativas da evolução das transcrições*. (Manuscrito).

BAUTISTA SÁNCHEZ, E. (2008). *Diccionario puinave-español y la oración gramatical*. CIRCUI, Centro de Investigaciones de rescate cultural Puinave Autóctonas.

BELLEZA CASTRO, N. (1995). *Vocabulario jacaru-castellano/castellano-jacaru (aimara tupino)*. (Monumenta Lingüística Andina, 3.) Cuzco: Centro "Bartolome de Las Casas".

BENAISSA, T. (1991). *Vocabulario Sáliba-Español Español Sáliba*. Lomalinda: Alberto Lleras Camargo.

BOGGIANI, G. (1900). Lingüística sudamericana: Datos para el estudio de los idiomas Payagua y Machicui. *Trabajos de la 4a sección del Congreso Científico Latinoamericano*, 203-282. Buenos Aires: Compañía Sud-Americana de Billetes de Banco.

BOLAÑOS, K. (2010). *Kakua phonology: first approach*. University of Texas at Austin.

BORMAN, M. B. (1976). *Vocabulario cofán: Cofán-castellano, castellano-cofán*. (Serie de vocabularios indígenas Mariano Silva y Aceves, 19). Quito: Instituto Lingüístico de Verano.

BRÜNING, H. H. (2004). *Mochica Wörterbuch. Diccionario mochica. Mochica-castellano, castellano-mochica*. Lima: Universidad San Martín de Porres.

BUENAVENTURA, E. (1993). *Observaciones preliminares acerca del idioma macaguán: Apuntes culturales, fonología, apuntes gramaticales, vocabulário macaguán - español*. Bogotá: Instituto Lingüístico de Verano.

CACHIQUE AMASIFUÉN, S. F. (2007). *Diccionario Kichwa-Castellano / Castellano-Kichwa*. Tarapoto, San Martín: Aquinos

CADETE, C. (1991). *Dicionário Wapichana-Português/ Português-Wapishana*. São Paulo: Edições Loyola.

CAMARGO, E. (2002). *Léxico bilingüe aparai - português / português - aparai. (Languages of the World: Dictionaries, 28.)*. München: Lincom Europa.

CAMARGOS, L. S. (2013). *Consolidando uma proposta de Família Linguística Boróro. Contribuição aos estudos histórico-comparativos do Tronco Macro-Jê*. Tese de Doutorado. Brasília: Universidade de Brasília.

CAMP, E. L.; LICCARDI, M. R. (1967). *Itonama, castellano e inglês. (Vocabularios Bolivianos, 6.)* Riberalta: Instituto Lingüístico de Verano.

CAÑAS PINOCHET, A. (1911). Estudios de la lengua veliche. Em: C. E. Porter (ed.), *Trabajos de la III Sección "Ciencias Naturales, Antropo-lógicas y Etnológicas" (Tomo I)*, 143-330. Santiago de Chile: Imprenta Barcelona.

CAPTAIN, D. M.; CAPTAIN, L. B. (2005). *Diccionario Basico: Ilustrado ; Wayuunaiki-Espanol ; Espanol-Wayuunaiki*. Bogota: Edit. Fundación para el Desarrollo de los Pueblos Marginados.

CASTILLO Y OROZCO, E. DEL (1877) *Vocabulario Paez-Castellano*. Paris: Ezequiel Uricoechea ed. Maisonneuve y Cia. Libreros Editores.

CERRÓN-PALOMINO, R. (1994). *Quechua sureño, diccionario unificado quechua-castellano, castellano-quechua*. Lima: Biblioteca Nacional del Perú.

_____ (2011). *Chipaya. Léxico y etnotaxonomía*. Lima: PUCP.

CHACON, TH. (2013). On Proto-Languages and Archaeological Cultures: pre-history and material culture in the Tukanoan Family. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, 5:217-246.

_____ (2014). A Revised Proposal of Proto-Tukanoan Consonants and Tukanoan Family Classification. *International Journal of American Linguistics*, 80:275-322.

CHAPMAN, SH.; SALZER, M. (1998). *Dicionário bilingue nas línguas paumarí e portuguesa*. Porto Velho: Sociedade Internacional de Lingüística.

CONDUFF, K. W. (2006). *Diccionario situacional del idioma Nukak*. Bogotá: Iglesia Cristiana Nuevos Horizontes.

CONSTENLA UMAÑA, A. (1981). *Comparative Chibchan phonology*. Philadelphia: University of Pennsylvania. (Tese de Doutorado).

_____ (1985). Las lenguas dorasque y changuena y sus relaciones genealógicas. *Filología y lingüística*, 11.2:81-91.

_____ ; MARGERY PEÑA, E. (1991). Elementos de fonología comparada Chocó. *Filología y lingüística* 17:137-191.

CORBERA MORI, A. (2005). As línguas Waurá e Mehinakú do Brasil Central. Em: A. S. A. C. Cabral & S. C. S. de Oliveira (eds.), *Anais do IV Congresso Internacional da ABRALIN*, 795-804. Brasília: Associação Brasileira de Linguística, Universidade de Brasília.

CORONAS URZÚA, G. (1994). Análisis Fonológico de la lengua Andaquí. *Revista de Filología y Lingüística de la Universidad de Costa Rica*, 20:69-98.

_____ (1995). El lexico de la lengua andaquí. *Revista de Filología y Lingüística de la Universidad de Costa Rica*, 21:79-113.

CORRÊA DA SILVA, B. C. (2010). *Mawé/Awetí/Tupí-Guaraní: Relações Linguísticas e Implicações Históricas*. Brasília: Universidade de Brasília. (Tese de Doutorado).

COURTZ, H. (2008). *A Carib Grammar and Dictionary*. Toronto: Magoria Books.

COUTO, F. P. (2012). *Contribuições para a fonética e fonologia da língua Manxineru (Aruák)*. Brasília: Universidade de Brasília. (Dissertação de Mestrado).

_____ (s.d.). *Dados do manxineri*. (Manuscrito).

CREVELS, M.; MUYSKEN, P. (eds.). *Lenguas de Bolivia*. La Paz: Plural editores.

_____ ; VAN DER VOORT, H. (2008). The Guaporé-Mamoré region as a linguistic area. Em: P. Muysken (ed.), *From linguistic areas to areal linguistics (Studies in Language Companion Series, 90)*, 151-179. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins.

CUSIHUAMÁN G., A. (1976). *Diccionario quechua: Cuzco-Collao*. Lima: Ministerio de Educación.

DE ALVIANO, F. (1944). *Gramática, dictionário, verbos e frases e vocabulário prático da língua dos índios ticunas*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.

DE BARRAL, B. (1979). *Diccionario Warao-Castellano, Castellano-Warao. (Lenguas indígenas de Venezuela, 8.)* Monografía número. Caracas: Universidad Católica Andres Bello: Caracas: UCAB.

DE CRÉQUI-MONTFORT, G.; RIVET, P. (1913a). Linguistique Bolivienne: La Langue Kaničana. *Mémoires de la Société de Linguistique de Paris*, 18:354-377.

_____ ; _____ (1913b). Linguistique Bolivienne: La langue Lapaču ou Apolista. *Zeitschrift für Ethnologie*, 45:512-531.

_____ ; _____ (1913c). Linguistique bolivienne. La langue Saraveka. *Journal de la Société des Americanistes de Paris*, 10:497-540.

DE LUCCA D., M. (1983). *Diccionario aymara-castellano, castellano-aymara*. La Paz: CALA.

DE MATALLANA, B.; DE ARMELLADA, C. (1943). Exploración del Paragua. *Boletín de la Sociedad Venezolana de ciencias naturales*, 8:61-110.

DE QUEIROZ, J. M. C. (2008). *Aspectos da fonologia Dzubukuá*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. (Dissertação de Mestrado).

_____ (2012). *Um estudo gramatical da língua Dzubukuá, família Karirí*. Universidade Federal da Paraíba. (Tese de Doutorado).

DIXON, R. M. W. (2004). Proto-Arawá Phonology. *Anthropological Linguistics*, 46:1-83.

_____; AIKHENVALD, A. (eds.) (1999). *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press.

DOS ANJOS, Z. (2011). *Fonologia e Gramática Katukina-Kanamari*. Amsterdam: Vrije Universiteit Amsterdam. (Tese de Doutorado).

DUFF-TRIPP, M. (1998). *Diccionario: Yanasha' (Amuesha) - Castellano. (Serie Lingüística Peruana, 47.)* Lima: Inst. Lingüístico de Verano.

DURBIN, M.; SEIJAS, H. (1973). A Note on Panche, Pijao, Pantagora (Palenque), Colima and Muzo. *International Journal of American Linguistics*, 39:47-51.

EKDAHL, E. M.; BUTLER, N. E.)1969). *Terêna dictionary*. Brasília: SIL.

ELIAS ORTIZ, S. (1945). Los Indios Yurumangués. *Acta Americana*, 4:10-25.

EMMERICH, CH.; MONSERRAT, R. M. F. (1973). *Vocabulário Botocudo*. Rio de Janeiro: Museu Nacional. (Manuscrito).

ERICKSON, T.; ERICKSON, C. G. (1993). *Vocabulario Jupda-Español-Português*. Santafé de Bogotá: Asociación Instituto Lingüístico de Verano.

ERIZE, E. (1960). *Diccionario comentado Mapuche-Español, Araucano, Pehuenche, Pampa, Picunche, Rancülche, Huilliches*. Bahía Blanca: Cuadernos del Sur.

EVERETT, D. L. (1992). *A língua Pirahã e a teoria da sintaxe: descrição, perspectivas e teoria*. Campinas: Editora da Unicamp.

FACUNDES, S. DA S. (2000). *The Language of the Apurinã People of Brazil (Maipure/Arawak)*. University of New York at Buffalo. (Tese de Doutorado).

FARABEE, W. C. (1918). *The Central Arawaks (Univeristy Museum Anthropological Publication, 9)*. Philadelphia: University Museum.

_____ (1922). *Indian Tribes of Eastern Peru. (Papers of the Peabody Museum of American Archaeology and Ethnology, Harvard University, 10.)*. Massachusetts: Peabody Museum.

- FARGETTI, C. M. (2001). *Estudo Fonológico e Morfossintático da Língua Juruna*. Campinas: UNICAMP. (Tese de Doutorado).
- FEDDEMA, H. (1991). *Diccionario Piaroa - Español*. (Manuscrito).
- FLURY, L. (1944). *Guiliches: tradiciones, leyendas, apuntes gramaticales y vocabulario de la zona pampa-araucana. (Publicaciones del Instituto de Arqueología, Lingüística y Folklore Dr. Pablo Cabrera, 8)*. Córdoba: Universidad de Córdoba
- FORTUNE, D. L. (1973). Gramática karajá: um estudo preliminar em forma transformacional. *Série lingüística*, 1:101-161. Brasília: Summer Institute of Linguistics.
- GALEOTE TORMO, J. (1993). *Manitana Auqui Besüro: Gramática Moderna de la lengua Chiquitana y Vocabulario Básico*. Santa Cruz de la Sierra: Los Huérfanos.
- GIBSON, M. L. (1996). *El Munichí: Un idioma que se extingue. (Serie Lingüística Peruana, 42.)* Pucallpa: Instituto Lingüístico de Verano.
- GILDEA, S. PAYNE, D. (2007). Is Greenberg's "Macro-Carib" viable? *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas*, 2:19-72.
- GILL, W. (1993 [1970]). *Diccionario Trinitario-Castellano y Castellano-Trinitario*. San Lorenzo de Mojos: Misión Evangélica Nuevas Tribus.
- _____ ; GILL, R. (1993). *Diccionario Tsimane' - Castellano y Castellano - Tsimane'*. San Borja: New Tribes Mission.
- GIRARD, V. (1971a). *Proto-Carib phonology*. Berkeley: University of California at Berkeley. (Tese de Doutorado).
- _____ (1971b). *Proto-Takanan Phonology (University of California Publications in Linguistics, 70.)* Berkeley/Los Angeles: University of California Press.
- GIRAULT, L. (1989). *Kallawayá: el idioma secreto de los incas. Diccionario*. Bolivia: UNICEF/OPS/OMS.
- GIRÓN, J. M. (2008). *Una gramática del W'änsöjöt (Puinave)*. Amsterdam: Vrije Universiteit. (Tese de Doutorado).
- GOMES, M. A. C. F. (1991). *Dicionário Mamaindé-Português/Português-Mamaindé*. Cuiabá: SIL
- GONZÁLEZ DE PÉREZ, M. S.; RODRÍGUEZ DE MONTES, M. L. (eds.) (2000). *Lenguas indígenas de Colombia: una visión descriptiva*. Santafé de Bogotá: Instituto Caro y Cuervo.
- GOULARD, J.; RODRIGUEZ MONTES, M. E. (2013). Los yurí/jurí-tikuna en el complejo socio-lingüístico del Noroeste Amazónico. *LIAMES*, 13:7-65.

GREEN, D.; GREEN, H. G. (1998). *Yuwit kawihka dicionário Palikúr - Português*. Belém: SIL.

GRIFFITHS, G. (2002). *Dicionário da língua Kadiwéu: Kadiwéu - Português, Português - Kadiwéu*. Cuiabá: SIL.

GROTH, CH. (1977). Here and There in Canamarí. *Anthropological Linguistics*, 19:203-215.

GUARISMA P., V.; COPPENS, W. (1978). Vocabulario Hoti. *Antropológica*, 49:3-27.

GUDSCHINSKY, S. C. (1974). Fragmentos de Ofaié: a descrição de uma língua extinta. *Série Lingüística*, 3:177-249. Brasília: SIL.

HALL, JOAN AND MACLEOD, RUTH ALICE AND MITCHELL, VALERIE. (2004). *Pequeno dicionário xavánte-português, português-xavánte*. Brasília: Summer Institute of Linguistics.

HANKE, W. (1950a). O idioma Mura. *Arquivos: Coletânea de documentor para a História da Amazônia*, 12:3-8.

_____ (1950b). Vocabulário e idioma mura dos índios mura do rio Manicoré. *Arquivos*, 12:3-8.

HANNß, K. (2008). *Uchumataqu: The lost language of the Urus of Bolivia. A grammatical description of the language as documented between 1894 and 1952 (ILLA, 7)*. Leiden: CNWS Publications.

HART, H. L. (1988). *Diccionario chayahuita-castellano (Serie Lingüística Peruana, 29)*. Yarinacocha: Ministerio de Educación and Instituto Lingüístico de Verano.

HEADLAND, E. (1997). *Diccionario bilingüe con una gramática Uw Cuwa (Tunebo)*. Bogotá: Summer Institute of Linguistics.

HEINRICHS, A. (1961). *Questionário: Mura-Pirahã Rio Marmelos*. (Questionário dos Vocabulários Padrões para estudos comparativos preliminares de línguas indígenas brasileiras.) Rio de Janeiro: Museu Nacional.

_____ (1963). *Questionário: Mura-Pirahã Rios Marmelos e Maici*. (Questionário dos Vocabulários Padrões para estudos comparativos preliminares de línguas indígenas brasileiras.) Rio de Janeiro: Museu Nacional.

HERNÁNDEZ SALLÉS, A.; LUNA, C. C. (1997). *Diccionario ilustrado Mapudungun-Español-Inglés*. Santiago de Chile: Pehuén.

HOVDHAUGEN, E. (2004). *Mochica*. Munich: LINCOM Europa.

HUBER, R. Q.; REED, R. B. (1992). *Vocabulario Comparativo: Palabras Selectas de Lenguas Indígenas de Colombia*. Santafé de Bogotá: ILV.

HYDE, S.; RUSSEL, R.; RUSSEL, D; RIVERA, M. C. DE (1980). *Diccionario Amahuaca (Serie Lingüística Peruana, 7)*. Yarinacocha: Instituto Lingüístico de Verano.

JAHN, A. (1927). *Los Aborígenes del Occidente de Venezuela: Su Historia, Etnografía y Afinidades Lingüísticas*. Caracas: Lit. y Tip. del Comerio.

JAKWAY, M. A. (1987). *Vocabulario huambisa (Serie Lingüística Peruana, 24)*. Yarinacocha: Instituto Lingüístico de Verano.

_____; ANTUNCE S., A. P.; WIPIO D., G. (1996). *Diccionario aguaruna - castellano, castellano - aguaruna (Serie Lingüística Peruana, 39)*. Lima: Ministerio de Educación and Instituto Lingüístico de Verano.

JIJÓN Y CAAMAÑO, J. (1945). *Antropología prehispánica del Ecuador*. Quito: La prensa catolica.

JOLKESKY, M. P. V. (2010). *Reconstrução fonológica e lexical do Proto-Jê Meridional*. Universidade Estadual de Campinas.

_____. (2016). Uma reconstrução do proto-mamoré-guaporé (família arawak). *LIAMES*, 16.1:7-37.

JUDY, R. A.; JUDY, J. (1962). *Movima y castellano. (Vocabularios Bolivianos, 1)*. Vocabularios Bolivianos. Cochabamba: Instituto Lingüístico de Verano.

KEY, H. (1975). *Lexicon-dictionary of Cayuvava-English*. (Language Data Amerindian Series, 5). Dallas: Summer Institute of Linguistics.

KEY, M. R.; COMRIE, B. (eds.) (2015). *The Intercontinental Dictionary Series*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology.

KINDBERG, L. D. (1980). *Diccionario asháninca (Documento de Trabajo, 19)*. Yarinacocha: Instituto Lingüístico de Verano.

KOCH-GRÜNBERG, TH. (1928). *Von Roraima zum Orinoco. Ergebnisse einer Reise in Nord-Brasilien und Venezuela in den Jahren 1911-1913*. Stuttgart: Strecker und Schröder.

KOOP, G.; KOOP, L. (1985). *Dicionário Dení Português (com introdução gramatical)*. Porto Velho: Summer Institute of Linguistics.

KRIEGER, W. B.; KRIEGER, G. C. (1994). *Dicionário escolar Xerente-Português, Português-Xerente*. Rio de Janeiro: Junta das Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira.

KRISÓLOGO B., P. J. (1976). *Manual glotológico del idioma wo'tihev. (Lenguas indígenas de Venezuela, 16.)* Caracas: Centro de lenguas Indígenas, Instituto de Investigaciones Historicas, Universidad Católica "Andrés Bello".

KROEKER, M. H. (1996). *Dicionário escolar bilingüe Nambikuara-Português, Português-Nambikuara.* Porto Velho: SIL.

KRUTE, L. D. (1989). *Piaroa nominal morphosemantics.* New York: Columbia University. (Tese de Doutorado).

LA GRASSERIE, R. DE. (1894). *Langues Américaines: langue Puquina; textes Puquina.* Leipzig: Köhler.

LACHNITT, G. (1987). *Romnhitsi'ubumro: a'uwê mreme = waradzu mreme: Dicionário xavante-português.* Campo Grande: Missão Salesiana de Mato Grosso.

LANDABURU, J. (1979). *La Langue des Andoke (Grammaire Colombienne). (Langues et Civilisations a Tradition Orale, 36).* Paris: SELAF.

_____ (ed.) (1996). *Documentos sobre lenguas aborígenes de Colombia del archivo de Paul Rivet (4 volumes).* Bogotá: Ediciones Uniandes/ CCELA/ COLCIENCIAS.

LANDIN, D. J. (2005). *Dicionário e léxico Karitiana / Português.* Cuiabá: SIL.

LEHMANN, W. (1920). *Zentral-Amerika. Teil I. Die Sprachen Zentral-Amerikas in ihren Beziehungen zueinander sowie zu Süd-Amerika und Mexico.* Berlin: Reimer.

LÉVI-STRAUSS, C. (1950). Documents Rama-Rama. *Journal de la Société des Américanistes*, 39:73-84.

LINDSKOOG, J. N.; LINDSKOOG, C. A. (1964). *Vocabulario Cayapa. (Serie de Vocabularios Indígenas, 9).* Quito, Ecuador: Instituto Lingüístico de Verano.

LONG, V. (1978). *Diccionario Guambiano-Español Español-Guambiano.* Popayán: Universidad del Cauca, Departamento de Investigaciones Sociales.

LOOS, E.; LOOS, B. (2003). *Diccionario Capanhua-Castellano. Versión electrónica ilustrada. (Serie Lingüística Peruana, 45).* Lima: Instituto Lingüístico de Verano.

LORIOT, J.; LAURIAULT, E.; DAY, D. (1993). *Diccionario Shipibo-Castellano. (Serie Lingüística Peruana, 31).* Lima: Instituto Lingüístico de Verano.

LOUKOTKA, C. (1942). Klassifikation der Südamerikanischen Sprachen. *Zeitschrift für Ethnologie*, 74.1-6:1-69.

MACIEL, I. (1991). *Alguns aspectos fonológicos e morfológicos da língua Máku.* Dissertação de Mestrado. Brasília: Universidade de Brasília.

MARGERY PEÑA, E. (1982). *Diccionario español-bribri, bribri-español*. San José: Editorial Universidad de Costa Rica.

_____ (1989). *Diccionario Cabécar-Español, Español-Cabécar*. Editorial de la Universidad de Costa Rica.

MARTINS, A. M. S. (2007). *Revisão da família lingüística Kamakã proposta por Chestmir Loukotka*. Brasília: University de Brasília. (Dissertação de Mestrado).

MARTINS, V. (1999). *Dicionário Nadëb Português / Português Nadëb*. (Manuscrito).

_____ (2005). *Reconstrução Fonológica do Protomaku Oriental*. Amsterdam: Vrije Universiteit Amsterdam. (Tese de Doutorado).

MATTEI-MÜLLER, M. (1981). *Vocabulario Hodî (Hoti)*. (Manuscrito).

_____ (1994). *Diccionario ilustrado Panare-Español con índice español-panare*. Caracas: Comisión Nacional Quinto Centenario.

_____ (2007). *Lengua y cultura yanomami: diccionario ilustrado yanomami-español, español-yanomami*. Caracas: CONAC.

_____ (s.d.). *Vocabulario Comparativo Castellano-Kakwa Vaupes-Guaviare-Hodî*. (Manuscrito).

MEADER, R. E. (1967). *Iranxe: Notas Grammaticais e Lista Vocabular*. (Publicações: Série Diversos Lingüística, 2.) Brasil: Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MEIRA, S. (2015). *Taruma wordlist*. (Manuscrito).

MELLO, A. A. S. (2000). *Estudo histórico da família lingüística Tupí-Guaraní: aspectos fonológicos e lexicais*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. (Tese de Doutorado).

MEHINÁKU, M. (s.d.). *Vocabulário mehinaku*. (Manuscrito).

MICHAEL, L.; BEIER, CH. (2012). *Phonological sketch and classification of Aewa*. (Manuscrito).

_____; _____; ACOSTA, K. S.; FARMER, S.; FINLEY, G.; ROSWELL, M. (2009). *Dekyunáwa: Un diccionario de nuestro idioma muniche*. (Manuscrito).

MIGLIAZZA, E. C. (1965). Fonología Makú. *Boletim do MPEG. Antropología*, 25:1-17.

_____ (1972). *Yanomama grammar and intelligibility*. Indiana University. (Tese de Doutorado).

_____ (1978). Maku, Sape and Uruak Languages: Current Status and Basic Lexicon. *Anthropological Linguistics*, 20:133-140.

MONSERRAT, R. F. (2000). *Vocabulário Amondawa-Português, Vocabulário e frases em Arara e Português, Vocabulário Gavião-Português, Vocabulário e frases em Karipuna e Português, Vocabulário e frases em Makurap e Português, Vocabulário e frases em Suruí e Português, Pequeno dicionário em Tupari e Português*. Caixas do Sul: Universidade do Caixas do Sul.

_____; AMARANTE, E. R. (1995). *Dicionário Mýky-Português*. Rio de Janeiro: Editora Sepee/SR-5/UFRJ.

_____ (2005). Notícia sobre a língua Puruborá. Em: A. D. Rodrigues & A. S. A. C. Cabral (eds.), *Novos estudos sobre línguas indígenas*, 9-22. Brasília: Brasília: Editor UnB.

MONTAÑO ARAGÓN, M. (1987): *Guía Etnográfica Lingüística de Bolivia*, La Paz: Editorial Don Bosco.

MONTEIRO, C. (1948). Vocabulário Português-Botocudo. *Boletim do Museu Paulista, Documentação Lingüística*, 2:1-62.

MONTES RODRÍGUEZ, M. E. (2003). *Morfosintaxis de la lengua Tikuna (Amazonía colombiana)*. (CESO-CCELA, *Descripciones*, 15). Bogotá: Universidad de los Andes.

MOORE, B. R. (1966). Dicionario castellano-colorado, colorado-castellano. *Llacta*, 22:95-221. Quito: ILV.

MOSONYI, J. C. (1987). *El idioma yavitero: ensayo de gramática y diccionario*. Caracas: Universidad Central de Venezuela. (Tese de Doutorado).

MOWITZ, G.; WARKENTIN DE FAST, R.; FAST WARKENTIN, D. (1996). *Diccionario achuar-shiwiar - castellano (Serie Lingüística peruana, 36)*. Lima: Inst. Lingüístico de Verano.

MOYA, R. (2009). *Pana sápara atupama, Nuestra lengua sápara: Diccionario trilingüe Sápara-Castellano-Quichua (Colección Runakay, Diccionario Escolar Intercultural Bilingüe de las Lenguas Ancestrales, 1.)*. Ecuador: Ministerio de Educación.

NATTERER, J. (s.d.) *Collections of vocabularies*. (Manuscrito).

NEFTALÍ, A. (1975). *Vocabulario taushiro (Datos Etno-Lingüísticos, 22)*. Lima: Instituto Lingüístico de Verano.

NIES, J. (1976). *Suplemento A: listas comparativas de palabras usuales en idiomas vernáculos de la selva (Datos Etno-Lingüísticos, 49)*. Lima: Instituto Lingüístico de Verano.

_____ et alii (1986). *Diccionario Piro. Tokanchi Gikshijikowaka-Steno (Serie Lingüística Peruana, 22)*. Yarinacocha: Instituto Lingüístico de Verano.

NIMUENDAJÚ, K. (1925). As Tribus do Alto Madeira. *Journal de la Société des Américanistes*, 17:137-172.

_____ (1928-1929). Wortliste der Šipáya-Indianer. *Anthropos*, 23:821-850, 24:863-896.

_____ (1932a). Idiomas Indígenas del Brasil. *Revista del Instituto de etnología de la Universidad nacional de Tucumán*, 2:543-618.

_____ (1932b). Wortlisten aus Amazonien. *Journal de la Société des Américanistes de Paris*, 24:93-119.

_____; DO VALLE BENTES, E. H. (1923). Documents sur quelques langues peu connues de l'Amazone. *Journal de la Société des Américanistes*, 15:215-222.

NONATO, R.; SUYÁ, J.; SUYÁ, K. (2012). *Dicionário Kĩsédjê-Português*. Rio de Janeiro: Museu do Índio.

OBREGÓN MUÑOZ, H. (1981). *Léxico yaruro-español, español-yaruro*. Caracas: Ministerio de Educación.

OCHOA, G. C. (1995). *Dicionário Bororo-Português*. Campo Grande: Missão Salesiana de Mato Grosso.

O'HAGAN, Z. J. (2011). *Informe de campo del idioma omurano*. (Manuscrito).

OLAWSKY, K. (2006). *A Grammar of Urarina*. (Mouton Grammar Library, 37). Berlin, New York: Mouton de Gruyter.

OLIVEIRA, C.; WHAN, CH. (coords.) (2013). *Dicionário Enciclopédico Inyrybè|Karajá - Português Brasileiro*. Rio de Janeiro: Museu do Índio.

OLIVEIRA, S. C. S. DE (2014). *Contribuições para a reconstrução do Protopáno*. Brasília: UnB. (Tese de Doutorado).

OLIVEIRA, M. D. (2006). *Ofayé, a língua do povo do mel: Fonologia e Gramática*. Maceió: Universidade Federal de Alagoas. (Tese de Doutorado).

ORAMAS, L. (1916). *Materiales para el estudio de los dialectos Ayamán, Gayón, Jirajara, Ajagua*. Caracas: Litografía del Comercio.

OTT, W.; BURKE DE OTT, R. (1983). *Diccionario Ignaciano y Castellano: con apuntes gramaticales*. Cochabamba: Inst. Lingüístico de Verano.

PACHECO RIBEIRO, M. J. (2010). *Dicionário Sateré-Mawé/Português*. Guajará-Mirim: Universidade Federal de Rondônia.

PARKER, G. J. (1969). *Ayacucho Quechua grammar and dictionary*. (*Janua linguarum: Series practica*, 82). The Hague: Mouton.

PARKER, S. (1995). *Datos de la lengua Iñapari*. (*Documento de Trabajo*, 27). Yarinacocha: Instituto Lingüístico de Verano.

_____ (2010). *Chamicuro data: exhaustive list*. (*SIL Language and Culture Documentation and Description*, 12). SIL International.

PAYNE, D. L. (1981). Bosquejo fonológico del Proto-Shuar-Candoshi: evidencias para una relación genética. *Revista del Museo Nacional*, 45:323-377.

_____ (1990). Some widespread grammatical forms in South American languages. Em: D. L. Payne (ed.), *Amazonian linguistics: Studies in lowland South American languages*, 75-87. Austin: University of Texas Press.

_____ (1991). A classification of Maipuran (Arawakian) languages based on shared lexical retentions. Em: D. C. Derbyshire & G. K. Pullun (orgs.), *Handbook of Amazonian languages*, 355-499. The Hague: Mouton.

PECK, CH. (2008 [1979]). *Toyeri y Sapiteri: un informe preliminar de la fonología y el vocabulario*. (*Datos Etno-Lingüísticos*, 67). Lima: Ministerio de Educación and Instituto Lingüístico de Verano.

PELLIZZARO, S. M.; NÁWECH, F. O. (2005). *Chicham: Diccionario Shuar-Castellano*. Quito: Abya Yala.

PET. W. J. A. (1987). *Lokono Dian: the Arawak Language of Suriname: A Sketch of its Grammatical Structure and Lexicon*. Ithaca: Cornell University. (Tese de Doutorado).

PINART, A. L. (1890). *Vocabulario Castellano-Dorasque: Dialectos Chumulu, Gualaca y Changuina*. (*Petite Bibliothèque Américaine*, 2). Paris: Érnest Leroux.

_____ (1892). *Vocabulario Guaymie: Dialectos Move-Valiente Norteño y Guaymie Penonomeño*. (*Petite Bibliothèque Américaine*, 3). Paris: Érnest Leroux.

_____ (1897). *Vocabulario Guaymie: Dialectos Murire-Bukueta, Moui y Sabanero*. (*Petite Bibliothèque Américaine*, 4). Paris: Érnest Leroux.

PINTO GARCÍA, C. (1974/1978). *Los indios katíos: su cultura - su lengua*. Medellín: Editorial Gran-América..

POPOVICH, A. H.; POPOVICH, F. B. (2005). *Dicionário Maxakalí-Português; Glossário Português-Maxakalí*. Brasil: SIL.

POSTIGO, A. V. (2009). *Fonologia da língua Guató*. Três Lagoas: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. (Dissertação de Mestrado).

- POWLISON, P. (1995). *Diccionario Yagua - Castellano. (Serie Lingüística Peruana, 35)*. Lima: Ministerio de Educación and Instituto Lingüístico de Verano.
- PRICE, D. P. (1978). The Nambiquara Linguistic Family. *Anthropological Linguistics* 20:14-37.
- PUIG, M. M. P. (1944). *Diccionario de la Lengua Caribe Cuna*. Panamá: La Estrella de Panamá.
- QUATRA, M. M. (2008). *Bajkewa jkwikidëwa-jya jodi ine - Dodo ine. Diccionario básico Castellano - Jodi*. Caracas: Ediciones IVIC.
- QUERALES, R. (2008). *El Ayamán. Ensayo de reconstrucción de un idioma indígena venezolano*. Barquisimeto: Concejo Municipal de Iribarren.
- QUESADA PACHECO, M. A.; ROJAS CHAVES, C. (1999). *Diccionario boruca-español, español-boruca*. San José: Editorial de la Universidad de Costa Rica.
- RAMIREZ, H. (2001a). *Dicionário Baniwa-Portugues*. Manaus: Universidade do Amazonas.
- _____ (2001b). *Línguas Arawak da Amazônia Setentrional*. Manaus: EDUA.
- _____ (2006). *A Língua dos Hupd'äh do Alto Rio Negro: dicionário e guia de conversação*. São Paulo: Associação Saúde Sem Limites.
- RAMOS CABREDO, J. (1950). Ensayo de un vocabulario de la lengua Tallán o Tallanca. *Cuadernos de Estudio del Instituto de Investigaciones Históricas*, 3:11-55. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú.
- RENDÓN G., G. (2011). *La lengua Umbra: Descubrimiento - Endolingüística - Arqueolingüística*. Manizales: Zapata.
- RIBEIRO, E. R. (2012). *A grammar of Karajá*. Chicago: University of Chicago. (Tese de Doutorado).
- RIBEIRO, M. A. (2008). *Dicionário Djeoromitxi-Português: registro da língua do povo Jabuti*. Guajará-Mirim: Universidade Federal de Rondônia. (Dissertação de Mestrado).
- RIBEIRO, R. M. L. (2008). *Dicionário Arikapu/Português - Registro de uma língua indígena amazônica*. Guajará-Mirim: Universidade Federal de Rondônia. (Dissertação de Mestrado).
- RIBERA, J.; RIVERO, W.; ROCHA, A. (1991). *Vocabulario yuracaré-castellano, castellano-yuracaré*. Trinidad: MISEREOR.
- RODRIGUES, A. D. (1942). O Artigo Definido e os Numerais na Língua Kiriri. *Arquivos do Museu Paranaense*, 2:179-212.

_____ (2007). As consoantes do Proto-Tupí. Em: A. S. A. C. Cabral & A. D. Rodrigues (eds.), *Línguas e culturas tupí*, 167-203. Campinas: Curt Nimuendaju.

_____; CABRAL, A. S. (2012). Tupían. Em: L. CAMPBELL & V. GRONDONA, (eds.), *The indigenous languages of South America: a comprehensive guide*, 495-574. Berlin/ Boston: Walter de Gruyter.

ROSÉS LABRADA, J. E. (2015a). *The Mako language: Vitality, Grammar and Classification*. London: University of Western Ontario. (Tese de Doutorado).

RUDOLPH, B. (1909). *Wörterbuch der Botokudensprache*. Hamburg: Fr. W. Thaden.

SÁ, A. C. (2000). *Dicionário Iatê-Português*. Recife: Garcia.

SANTANA, A. C. (2005). *Transnacionalidade lingüística: a língua Chiquitano no Brasil*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás. (Dissertação de Mestrado).

SARA, S. I. (2002). *A tri-lingual dictionary of Emberá-English-Spanish*. (*Languages of the World/Dictionaries*, 38). Munich: Lincom Europa.

SCHMIDT, M. (1949). Los Payaguá. *Revista do Museu Paulista N.S.*, 3:129-317.

SCHULTZ, H. (1951). Vocabulário dos índios Umutina. *Journal de la Société des Américanistes de Paris*, 41:81-137.

_____ (1955). Vocabulos Urukú e Digút. *Journal de la Société des Américanistes*, 44:81-97.

SCHUMACHER DE PEÑA, G. (1992). *El vocabulario mochica de Walter Lehmann (1929) comparado con otras fuentes léxicas*. Lima: UNSM, Instituto de Investigación de Lingüística Aplicada.

SCOTT, M. (2004). *Vocabulario Sharanahua-Castellano*. (*Serie Lingüística Peruana*, 53). Lima: Instituto Lingüístico de Verano.

SEKELJ, T. (s.d.). *Aruá, Makurap, Žabotí, Arikapó, Tupari*. (Manuscrito).

SELER, E. (1902). Die Sprache der Indianer von Esmeraldas. *Gesammelte Abhandlungen zur Amerikanischen Sprach- und Alterthumskunde*, 1: 49-64. Berlín: A. Asher & co.

SHAVER, H. (1996). *Diccionario nomatsiguenga-castellano, castellano-nomatsiguenga* (*Serie Lingüística Peruana*, 41). Pucallpa: Ministerio de Educación & Instituto Lingüístico de Verano.

SHELL, O. A. (1965). *Pano reconstruction*. University of Philadelphia. (Tese de Doutorado).

SHIMELMAN, A. (2012-2014). *Southern Yauyos Quechua Lexicon*. Lima: PUCP.

- SILVA, A. O.; MONSERRAT, R. M. F. (1984). *Dicionário kulina-português e português-kulina (dialeto do Igarapé do Anjo)*. Acre: Conselho Indigenista Missionário.
- SILVA, L. J. (2011). *Morphosyntaxe du Rikbaktsa*. Paris: Université Denis Diderot - Paris 7. (Tese de Doutorado).
- SILVA, M. *et alii* (1989). Elementos da fonologia Kanamari. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 16:123-141.
- SLOCUM, M. C.; GERDEL, F. L. (1983). *Diccionario páez-español, español-páez*. Lomalinda: Editorial Townsend.
- SNELL, B. (1973). *Pequeño diccionario machiguenga-castellano*. Yarinacocha: ILV.
- SNETHLAGE, E. (1932). Chipaya- und Curuaya-Wörter. *Anthropos*, 27:65-93.
- SOLÍS, G.; SNELL, B. E. (2005). *Tata onkantakera niagantsipage anianeegiku* (Diccionario escolar Machiguenga). Lima, Perú: Instituto Lingüístico de Verano.
- SOUSA, M. F. L. (2009). *Dicionário da língua Wari' Oro Mon-Português*. Guajará-Mirim: Universidade Federal de Rondônia. (Dissertação de Mestrado).
- SOUZA, I. (2008). *Koenukunoemo'u: A língua dos índios Kinikinau*. Universidade Estadual de Campinas. (Tese de Doutorado).
- STARK, L. R.; MUYSKEN, P. C. (1977). *Diccionario español-quichua, quichua español*. (*Publicaciones de los Museos del Banco Central del Ecuador, 1*). Quito: Guayaquil.
- SUAZO, S. (2011). *Lila Garífuna: Diccionario Garífuna: Garífuna - Español*. Tegucigalpa, Honduras: Litografía López.
- SUZUKI, M. (2002). *Dicionário suruwahá-português and vocabulário português-suruwahá*. Hawaii: University of the Nations.
- TAPUYO PIANCHICHE, V. (2009). *Cha'palaachi dape pilla: Diccionario de la lengua Chachi*. Ecuador: Ministerio de Educación.
- TASTEVIN, C. (s.d.). *Dialecte katawixy*. (Manuscrito).
- _____ (s.d.). *Langue canamari*. (Manuscrito).
- TESSMANN, G. (1930). *Die Indianer Nordost-Perus: grundlegende Forschungen für eine systematische Kulturkunde*. (*Veröffentlichung der Harvey-Bassler-Stiftung, 2*.) Hamburg: Hamburg.
- THIESEN, W.; THIESEN, E. (1998). *Diccionario: Bora - Castellano, Castellano - Bora*. (*Serie Lingüística Peruana, 46*). Pucallpa: Instituto Lingüístico de Verano.

- TORERO, A. (2002). *Idiomas de los Andes: Lingüística e Historia*. Lima: Editorial Horizonte.
- TÖDTER, CH.; ZAHN, CH.; WATERS, W.; WISE, M. R. (2002). *Shimikunata asirtachik killka inka-kastellanu (Diccionario inga-castellano) (Serie lingüística Peruana, 52)*. Lima: Instituto Lingüístico de Verano.
- TREVOR R. A. (1979). *Vocabulario Resígaro (Documento de Trabajo, 16)*. Yarinacocha: Instituto Lingüístico de Verano.
- TRIPP, M. D. (1998). *Diccionario Yanasha' (Amuesha)-Castellano. (Serie Lingüística Peruana, 47)*. Lima: Ministerio de Educación / Instituto Lingüístico de Verano.
- TRIPP, R. (1995). *Diccionario Amarakaeri-Castellano. (Serie Lingüística Peruana, 34)*. Yarinacocha: Ministerio de Educación / Instituto Lingüístico de Verano.
- TUGGY, J. C. (1966). *Vocabulario candoshi de Loreto. (Serie Lingüística Peruana, 2)*. Yarinacocha: Instituto Lingüístico de Verano.
- ULRICH, M.; ULRICH, R. (2000). *Diccionario Ishiro (Chamacoco) - Español, Español - Ishiro (Chamacoco)*. Asuncion: Misión a Nuevas Tribus Paraguay.
- VAÏSSE, E.; HOYOS, F. S.; ECHEVERRÍA I REYES, A. (1896). *Glosario de la lengua atacameña*. Santiago: Imprenta Cervantes.
- VAN DE KERKE, S. (s.d.). *Lista de palavras Leco*. (Manuscrito).
- VAN DER VOORT, H. (2004). *A Grammar of Kwaza. (Mouton Grammar Library, 29)*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- _____ (2005). Kwaza in a comparative perspective. *International Journal of American Linguistics*, 71:365-412.
- VASCONCELOS, I. P. (2004). *Aspectos da fonologia e morfologia da língua Aikanã*. Maceió: Universidade Federal de Alagoas. (Dissertação de Mestrado).
- VELLARD, J. A. (1949-1951). Contribution à l'étude des Indiens Uru ou Kot'suñs. *Travaux de l'Institut Français d'Études Andines*, 1:145-209, 2:51-89, 3:3-39.
- VIEGAS BARROS, J. P. (2013a). La hipótesis de parentesco Guaicurú-Mataguayo: estado actual de la cuestión. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, 5.2:293-333.
- _____ (2013b). *Proto-Guaicurú: Una reconstrucción fonológica, léxica y morfológica. (LINCOM Studies in Native American Linguistics.)*. München: LINCOM.
- VITORINO, M. M. (1991). *Dicionário bilíngüe Wai-Wai/Português, Português/Wai-Wai*. Boa Vista: Missão Evangélica da Amazônia.

- VOGEL, A. R. (2005). *Dicionário Jarawara - Português*. Cuiabá: SIL.
- VON MARTIUS, C. F. PH. (1867). *Wörtersammlung Brasilianischer Sprachen. (Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerikas zumal Brasiliens, II.)* Leipzig: Friedrich Fleischer.
- WALTON, J. W.; WALTON, J. P.; PAKKY DE BUENAVENTURA, C. (1997). *Diccionario bilingüe muinane-español, español-muinane*. Santafé de Bogotá: Editorial Alberto Lleras Camargo.
- WAPISHANA LANGUAGE PROJECT. (2000). *Scholars's dictionary and grammar of the Wapishana language*. Porto Velho: SIL International.
- WEBER, D. J.; BALLENA D., M.; CAYCO Z., F.; CAYCO V., T. (1998). *Quechua de Huánuco: Diccionario del quechua del Huallaga con índices castellano e inglés (Serie Lingüística Peruana, 48)*. Lima: Instituto Lingüístico de Verano.
- WEBER, N. L.; PARK, M.; CENEPO S., V. (1976). *Diccionario quechua: San Martín*. Lima: Ministerio de Educación.
- WEIDMAN DE KONDO, R.; KONDO, V. (2014). *Diccionario Bilingüe: Guahibo-Español, Español-Guahibo. (El Guahibo Hablado, 3.)* Bogotá: SIL International.
- ZEVALLOS QUIÑONES, J. (1948). Primitivas Lenguas de la Costa. *Revista del Museo Nacional de Lima*, 17:114-119.

ANEXO I:

FAMÍLIAS LINGUÍSTICAS DA AMÉRICA DO SUL

| | |
|---|---|
| <ul style="list-style-type: none"> ◆ ANDOKE-UREKENA | <ul style="list-style-type: none"> andoke urekena |
| <ul style="list-style-type: none"> ◆ ARAWA <ul style="list-style-type: none"> • MADI-DENI-PAUMARI <ul style="list-style-type: none"> • DENI-KULINA • MADI-ARAWA <ul style="list-style-type: none"> • ARAWA † • MADI • PAUMARI • SURUWAHA | <ul style="list-style-type: none"> deni kulina arawa † banawa jamamadi jarawara paumari suruwaha |
| <ul style="list-style-type: none"> ◆ BARBAKOA <ul style="list-style-type: none"> • BARBAKOA MERIDIONAL <ul style="list-style-type: none"> • KARANKI † • KAYAPA • KIJO † • TSAFIKI • BARBAKOA SETENTRIONAL <ul style="list-style-type: none"> • KOKONUKO <ul style="list-style-type: none"> • KOKONUKO † • GUAMBIANO-TOTORO • PASTO <ul style="list-style-type: none"> • AWA PIT • BARBAKOA † • PASTO † • SINDAGUA † | <ul style="list-style-type: none"> karanki † kayapa kijo † tsafiki kokonuko † guambiano totoro awa pit barbakoa † pasto † sindagua † |

◆ BORA-MUINANE

- BORA
- MUINANE

bora
miraña
muinane

◆ CHACHA-CHOLON-HIBITO

- CHACHA †
- CHOLON
- HIBITO †

chacha †
cholon
hibito †

◆ CHAPAKURA-WAÑAM

- CHAPAKURA-KITEMOKA
 - CHAPAKURA †
 - KITEMOKA
- MORE-TORA
 - MORE-KUYUBI
 - KUYUBI-KUMANA
 - MORE
 - TORA
 - KABIXI
- NAPEKA
- ROKORONA
- URUPA-WAÑAM-WARI
 - URUPA
 - URUPA
 - YARU
 - WAÑAM-WARI
 - WAÑAM
 - WARI-WIN

chapakura †
kitemoka

kumana
kuyubi
more
tora
kabixi
napeka
rokorona

urupa
yaru

wañam
oro eo
oro wari
oro win

◆ CHARRUA

- CHANA
- GUENOA †
- MINUAN †

chana
guenoa †
minuan †

◆ CHIBCHA

- ÍSTMICO
 - BORUKA-TALAMANCA
 - BORUKA boruka
 - TALAMANCA
 - BRIBRI-KABEKAR
 - BRIBRI bribri
 - KABEKAR kabekar
 - TERIBE teribe
 - DORASKE-CHANGENA
 - CHANGENA † changena †
 - DORASKE doraske
 - GUAYMI
 - BUGLERE buglere
 - NGÄBE ngäbe
 - KUNA
 - KUNA PAYA-PUKURO kuna paya-pukuro
 - KUNA SAN BLAS kuna san blas
- MAGDALÊNICO
 - BARI bari
 - CHIMILA chimila
 - MUISKA
 - GUANE † guane †
 - MUISKA † muiska †
 - NUTABE † nutabe †
 - SERRA DE SANTA MARTA
 - KAGGABA kaggaba
 - WIWA-IKA
 - IKA ika
 - KANKUAMO † kankuamo †
 - WIWA wiwa
 - TAIRONA † tairona †
 - TUNEBO tunebo
- PECH pech
- VÓTICO
 - MALEKU maleku
 - RAMA rama
 - WETAR wetar

◆ CHOKO

- EMBERA
 - EMBERA MERIDIONAL
 - EMBERA SETENTRIONAL
- WAUNANA

embera baudo
embera chami
epena
embera katio
embera darien
waunana

◆ CHON

- CHON MERIDIONAL
 - HAUX †
 - SELK'NAM
- CHON SETENTRIONAL
 - TEWELCHE
 - TEUXEN †

haux †
selk'nam

tewelche
teuxen †

◆ DUHO

- SALIBA-HODI
 - SALIBA-BETOI
 - SALIBA-PIAROA
 - PIAROA-MAKO
 - ATURE †
 - MAKO
 - PIAROA
 - SALIBA
 - BETOI †
 - HODI
- TIKUNA-YURI
 - KARABAYO
 - TIKUNA
 - YURI †

ature †
mako
piaroa
saliba
betoi †
hodi

karabayo
tikuna
yuri †

◆ GUAHIBO

- GUAHIBO NUCLEAR
 - KUIBA
 - SIKUANI
 - PLAYERO
- GUAYABERO
- HITNÜ

kuiba
sikuani
playero
guayabero
hitnü

◆ HARAKMBET-KATUKINA

- HARAKMBET
amarakaeri
arasaeri
sapiteri
wachipaeri

- KATUKINA-KATAWIXI
 - KATAWIXI
katawixi
 - KATUKINA-KANAMARI
kanamari
katukina

◆ JAQI

- AYMARA
aymara

- JAQARU
 - JAQARU
jaqaru
 - KAWKI
kawki

◆ JIRAJARA †

- AYOMAN †
ayoman †
- GAYON †
gayon †
- JIRAJARA †
jirajara †

◆ JIVARO

- AGUARUNA
aguaruna
- PALTA †
palta †
- JIVARO NUCLEAR
 - ACHUAR-XIWIAR
achuar-xiwiar
 - WAMBISA
wambisa
 - XUAR
xuar

◆ KARIB

- KARIB CENTRAL
 - APALAI
apalai
 - HIANAKOTO
 - GUAKE †
guake †
 - HIANAKOTO-UMAWA †
hianakoto-umawa †
 - KARIHONA
karihona
 - KARIÑA
kariña
 - PALMELLA †
palmella †
 - TARANO
 - AKURIO
akurio

| | |
|----------------------|--|
| • TIRIYO | tiriyo |
| • WAYANA | wayana |
| • KARIB MERIDIONAL | |
| • KUIKURO | |
| • KALAPALO | kalapalo |
| • KUIKURO | kuikuro |
| • MATIPU | matipu |
| • NAHUKWA | nahukwa |
| • PEKODI | |
| • ARARA-IKPENG | |
| • ARARA | arara |
| • IKPENG | ikpeng |
| • BAKAIRI | bakairi |
| • PIMENTEIRA † | pimenteira † |
| • KARIB OCIDENTAL † | |
| • KARARE † | karare † |
| • Opon † | opon † |
| • KARIB SETENTRIONAL | |
| • PARUKOTO | |
| • KAXUYANA | kaxuyana |
| • PARUKOTO NUCLEAR | |
| • HIXKARYANA | hixkaryana |
| • SIKIANA | sikiana |
| • WAIWAI | waiwai |
| • PURUKOTO | |
| • KAPONG | akawayo patamona |
| • MAKUXI | makuxi |
| • PEMON | arekuna ingariko kamarakoto taurepang |
| • PURUKOTO | purukoto |
| • VENEZUELA | |
| • DE'KWANA-WAYUMARA | |
| • DE'KWANA | de'kwana |
| • WAYUMARA | wayumara |
| • EÑEPA | eñepa |
| • KUMANA | |

| | |
|---|--|
| <ul style="list-style-type: none"> • CHAYMA | chayma |
| <ul style="list-style-type: none"> • KUMANAGOTO † | kumanagoto † |
| <ul style="list-style-type: none"> • MAPOYO-YABARANA <ul style="list-style-type: none"> • MAPOYO • PEMONO • YABARANA | mapoyo pemono yabarana |
| <ul style="list-style-type: none"> • TAMANAKU † | tamanaku † |
| <ul style="list-style-type: none"> • YAO † <ul style="list-style-type: none"> • TIVERIKOTO † • YAO † | tiverikoto † yao † |
| <ul style="list-style-type: none"> • YAWAPERI-PARAVILHANA <ul style="list-style-type: none"> • SAPARA-PARAVILHANA <ul style="list-style-type: none"> • PARAVILHANA • SAPARA • YAWAPERI <ul style="list-style-type: none"> • BONARI † • WAIMIRI-ATROARI | paravilhana sapara bonari † waimiri-atroari |
| <ul style="list-style-type: none"> • YUKPA-JAPRERIA <ul style="list-style-type: none"> • JAPRERIA • YUKPA | japreria yukpa |
| <ul style="list-style-type: none"> ◆ KAWAPANA <ul style="list-style-type: none"> • XAWI • XIWILU | xawi xiwilu |
| <ul style="list-style-type: none"> ◆ KECHUA <ul style="list-style-type: none"> • KECHUA I <ul style="list-style-type: none"> • KECHUA I CENTRAL <ul style="list-style-type: none"> • WALLAGA <ul style="list-style-type: none"> • KECHUA AMBO-PASCO • KECHUA CAJATAMBO • KECHUA WALLAGA • KECHUA WAMALIES • KECHUA JUNIN • KECHUA TUSI PASCO • WANKAY <ul style="list-style-type: none"> • KECHUA WAYLLA WANKA • KECHUA JAUJA-WANKA | kechua ambo-pasco kechua cajatambo kechua wallaga kechua wamalies kechua junin kechua tusi pasco kechua waylla wanka kechua jauja-wanka |

- WAYLAY
 - KECHUA CONCHUCOS MERIDIONAL kechua c. meridional
 - KECHUA CONCHUCOS SETENTRIONAL kechua c. setentrional
 - KECHUA CORONGO kechua corongo
 - KECHUA WAYLAS kechua waylas
 - KECHUA SIWAS kechua siwas
- YAUYOS
 - KECHUA YAUYOS kechua yauyos
- KECHUA PACARAOS kechua pacaraos
- KECHUA II
 - KECHUA IIA
 - KECHUA CAJAMARCA-LAMBAYEQUE
 - KECHUA CAJAMARCA kechua cajamarca
 - KECHUA LAMBAYEQUE kechua lambayeque
 - KECHUA LARAOS-LINCHA
 - KECHUA LARAOS kechua laraos
 - KECHUA LINCHA kechua lincha
 - KECHUA IIB
 - KECHUA CHACHAPOYAS kechua chachapoyas
 - KECHUA SAN MARTIN kechua san martin
 - KICHUA EQUATORIANO
 - inga
 - kichua chimborazo
 - kichua imbabura
 - kichua kañar-loja
 - kichua napo
 - kichua pastaza
 - kichua pichincha
 - kichua salasaca
 - kichua tena
- KECHUA IIC
 - KECHUA AYACUCHO kechua ayacucho
 - KECHUA CUSCO-BOLIVIANO
 - KECHUA APOLO kechua apolo
 - KECHUA AREQUIPA kechua arequipa
 - KECHUA BOLIVIANO kechua boliviano
 - KECHUA CUSCO ATUAL kechua cusco atual
 - KECHUA PUNO kechua puno
 - KECHUA SANTIAGUEÑO kechua santiagueño
- KECHUA CHINCHA † kechua chincha †
- KECHUA CUSCO CLÁSICO † kechua cusco clásico †

◆ LENGUA-MASKOY

- LENGUA

enlhet
enxet

- MASKOY

- MASKOY MERIDIONAL

angaite
sanapana

- MASKOY SETENTRIONAL

kaskiha
maskoy

◆ MACRO-ARAWAK

- ARAWAK

- ARAWAK OCIDENTAL

- AGUACHILE †

aguachile †

- CHAMIKURO

chamikuro

- MAMORÉ-PARAGUAI

- MAMORÉ-GUAPORÉ

- MOJO-PAUNAKA

- MOJO

ignaciano
trinitario

- PAUNAKA

paunaka

- BAURE-PAIKONEKA

- BAURE

baure
joaquiniano
muxojeone †

- PAIKONEKA †

paikoneka †

- TERENA

chane †
guana †
kinikinau
terena

- NEGRO-PUTUMAYO

- JUMANA-PASE †

jumana †
pase †

- KAIXANA †

kaixana †

- NAWIKI

- KABİYARI

kabiyari

- KARU-TARIANA

- KARU

baniwa
kuripako

- TARIANA

tariana

- MEPURI †

mepuri †

- PIAPOKO-ACHAGUA

achagua
piapoko

| | |
|-------------------------|--|
| • WAINAMBU † | wainambu † |
| • WAREKENA-MANDAWAKA | warekena mandawaka † |
| • YUKUNA-WAINUMA | mariate † wainuma † yukuna |
| • RESIGARO | resigaro |
| • WIRINA † | wirina † |
| • ORINOCO | |
| • YAVITERO-BANIVA | baniva yavitero † |
| • MAIPURE † | maipure † |
| • PRÉ-ANDINO | |
| • AXANINKA-NOMATSIGENGA | axaninka |
| • AXANINKA-KAKINTE | axaninka |
| • AXANINKA-AXENINKA | |
| • AXANINKA | axaninka |
| • AXENINKA | a. pajonal a. perene a. pichis a. ucayali axininka |
| • KAKINTE | kakinte |
| • MACHIGUENGA-NANTI | machiguenga nanti |
| • NOMATSIGENGA | nomatsigenga |
| • PURUS | |
| • APURINÃ | apurinã |
| • IÑAPARI | iñapari |
| • PIRO-MANCHINERI | kanamare † kuniba † manchineri maxko piro yine |
| • ARAWAK ORIENTAL | |
| • BAIXO AMAZONAS | |
| • ATLÂNTICO | marawan † palikur |
| • GUAPORÉ-TAPAJÓS | |
| • SARAVEKA † | saraveka † |
| • TAPAJÓS | enawene-nawe paresi |
| • XINGU | |

| | |
|-------------------------|---|
| • KUSTENAU † | kustenau † |
| • WAURA-MEHINAKO | mehinaku waura |
| • YAWALAPITI | yawalapiti |
| • WARAIKU † | waraiku † |
| • SOLIMÕES-CARIBE | marawan † palikur |
| • CARIBENHO | |
| • KAKETIO † | kaketio † |
| • WAYUU-AÑUN | |
| • AÑUN | añun |
| • WAYUU | wayuu |
| • LOKONO-IÑERI | |
| • IÑERI | garifuna kalhiphona † |
| • LOKONO | lokono |
| • XEBAYO † | xebayo † |
| • TAINO † | taino † |
| • MARAWA † | marawa † |
| • NEGRO-BRANCO | |
| • ARUA † | arua † |
| • MAINATARI † | mainatari † |
| • NEGRO | |
| • BARE-GUINAO | bare guinao † |
| • BAWANA-KARIAI-MANAO † | bawana † kariai † manao † |
| • YABAANA † | yabaana † |
| • BRANCO | |
| • MAWAYANA | mawayana |
| • WAPIXANA-PARAWANA | aroaki † atorada parawana † wapixana |
| • YANEXA | yanexa |
| • KANDOXI/XAPRA | kandoxi/xapra |
| • MUNICHE | muniche |
| • PUKINA † | pukina † |

◆ MACRO-MATAGUAYO-GUAYKURU

- GUACHI † guachi †
- GUAYKURU
 - KADIWEU kadiweu
 - QOM-ABIPON
 - ABIPON † abipon †
 - QOM
 - QOM MERIDIONAL mokovi
 - QOM SETENTRIONAL pilaga
toba
- MATAGUAYO
 - MATAGUAYO OCIDENTAL
 - CHOROTE
 - ch. iyojwa'ja
 - ch. iyo'wujwa
 - WICHI
 - w. guisnay
 - w. nokten
 - w. vejoz
 - MATAGUAYO ORIENTAL
 - MAKAMA
 - NIVAKLE
- PAYAGUA † payagua †

◆ MACRO-JÊ

- BORUM borum
- BORORO
 - BORORO bororo
 - OTUKE † otuke †
 - UMUTINA † umutina †
- KAMAKÃ †
 - KAMAKÃ-MENIEN †
 - KAMAKÃ † kamakã †
 - MENIEN † menien †
 - MASAKARA † masakara †
- KARIRI †
 - DZUBUKUA † dzubukua †
 - KIPEA † kipea †
 - XOKO † xoko †
- MACRO-JÊ NUCLEAR
 - BESIRO besiro
 - JÊ

| | |
|----------------------|--|
| • JÊ CENTRAL | |
| • AKROA † | akroa † |
| • XAKRIABA † | xakriaba † |
| • XAVANTE | xavante |
| • XERENTE | xerente |
| • JEIKO † | jeiko † |
| • JÊ MERIDIONAL | |
| • INGAIN † | ingain † kimda † |
| • KAINGANG-XOKLENG | |
| • KAINGANG | kaingang kaingang paulista |
| • XOKLENG | xokleng |
| • JÊ SETENTRIONAL | |
| • APINAJE | apinaje |
| • KAYAPO | mëbengokre xikrin |
| • PANARA | |
| • SUYA-TAPAYUNA | suya tapayuna |
| • TIMBIRA | apãniekra kraho krêje † krĩkati parkateje pykobje ramkokamekra |
| • JEOROMITXI-ARIKAPU | arikapu jeoromitxi |
| • KARAJA | javae karaja xambioa |
| • MAXAKALI | |
| • MAXAKALI-PATAXO | |
| • MAXAKALI | maxakali |
| • PATAXO † | pataxo † |
| • MALALI † | malali † |
| • OFAYE | ofaye |
| • RIKBAK TSA | rikbaktsa |
| • YATE | yate |

◆ MAPUDUNGUN

- MAPUDUNGUN NUCLEAR
 - MAPUDUNGUN
 - PEWENCHE
 - RANKELCHE
- MAPUDUNGUN MERIDIONAL
- MAPUDUNGUN SETENTRIONAL
 - PIKUNCHE †
 - CHANGO †

mapudungun
pewenche
rankelche
williche

pikunche †
chango †

◆ MOSETEN-TSIMANE

- MOSETEN
- TSIMANE

moseten
tsimane

◆ MURA-MATANAWI

- MATANAWI †
- MURA-PIRAHÃ
 - MURA †
 - PIRAHÃ

matanawi †

bohura †
mura †
pirahã

◆ NAMBIKWARA

- NAMBIKWARA MERIDIONAL
 - ALANTESU
 - HALOTESU
 - MANDUKA
 - SARARE
- NAMBIKWARA SETENTRIONAL
 - GUAPORÉ
 - ROOSEVELT
- SABANE

alantesu
hahãintesu
waikisu
wasusu

halotesu
kithãulhu
wakalitesu
sawentesu
hukuntesu
niyahlosu
siwaisu
sarare

mamainde
negarote
tawende
lakonde
latunde
tawande
sabane

◆ OTOMAKO-TAPARITA †

- OTOMAKO † otomako †
- TAPARITA † taparita †

◆ PANO-TAKANA

- PANO
 - PANO NUCLEAR
 - PANO CENTRAL
 - PURUS
 - AMAWAKA amawaka
 - KAXINAWA kaxinawa
 - YAMINAWA-ISKONAWA-MARINAWA iskonawa
marinawa
yaminawa
yawanawa
 - JURUA
 - KANAMARI (PANO) kanamari (pano)
 - KATUKINA (PANO) katukina (pano)
 - MARUBO marubo
 - NUKINI-REMO
 - NUKINI nukini
 - REMO † remo †
 - POYANAWA poyanawa
 - ATSAWAKA †
 - ARAZAERI † arazaeri †
 - ATSAWAKA † atsawaka †
 - YAMIKA † yamiaka †
 - CHAKOBO
 - CHAKOBO chakobo
 - KARIPUNA (PANO) karipuna (pano)
 - PAKAWARA pakawara
 - XIPIBO-KAPANAWA
 - KAPANAWA kapanawa
 - XIPIBO-WARIAPANO sensi †
wariapano
xipibo
 - KAXARARI kaxarari

| | |
|---|---|
| <ul style="list-style-type: none"> • PANO OCIDENTAL <ul style="list-style-type: none"> • KAXIBO-KAKATAIBO • NOKAMAN † | <p>kaxibo kakataibo nokaman †</p> |
| <ul style="list-style-type: none"> • PANO SETENTRIONAL <ul style="list-style-type: none"> • KULINA (PANO) • KORUBO • MATIS • MATSES • PISABO | <p>kulina (pano) korubo matis matses pisabo</p> |
| <ul style="list-style-type: none"> • TAKANA <ul style="list-style-type: none"> • KAVINEÑA-TAKANA <ul style="list-style-type: none"> • KAVINEÑA • TAKANA <ul style="list-style-type: none"> • ARAONA • MAROPA • TAKANA • ESE EJJA | <p>kavineña araona maropa takana ese ejja</p> |
| <p>◆ PEBA-YAGUA</p> <ul style="list-style-type: none"> • PEBA † <ul style="list-style-type: none"> • PEBA † • YAMEO † • YAGUA | <p>peba † yameo † yagua</p> |
| <p>◆ PUINAVE-NADAHUP</p> <ul style="list-style-type: none"> • NADAHUP <ul style="list-style-type: none"> • HUP-DÂW <ul style="list-style-type: none"> • DÂW • HUP <ul style="list-style-type: none"> • HUPDA • YUHUP • NADĚB • PUINAVE-KAK <ul style="list-style-type: none"> • KAK <ul style="list-style-type: none"> • KAKWA • NUKAK • PUINAVE | <p>dâw hupda yuhup nadĚb do rio negro nadĚb do roçado kakwa nukak puinave</p> |

| | |
|-----------------------------|-------------------|
| ◆ PURI † | |
| • COROADO † | coroado † |
| • PURI † | puri † |
| ◆ TALLAN † | |
| • KATAKAOS † | katakaos † |
| • KOLAN † | kolan † |
| ◆ TIMOTE-KUIKA | |
| • KUIKA † | kuika † |
| • MUKUCHI † | mukuchi † |
| • TIMOTE † | timote † |
| ◆ TINIGUA-PAMIGUA | |
| • PAMIGUA † | pamigua † |
| • TINIGUA | tinigua |
| ◆ TUKANO | |
| • TUKANO OCIDENTAL | |
| • TUKANO OCIDENTAL NUCLEAR | |
| • KOREGUAJE-PIOJE | |
| • KOREGUAJE-TAMA | |
| • KOREGUAJE | koreguaje |
| • TAMA † | tama † |
| • PIOJE | |
| • MAKAGUAJE † | makaguaje † |
| • SEKOYA | sekoya |
| • SIONA | siona |
| • TETETE † | tetete † |
| • MAI HUNA | mai huna |
| • KUERETU † | kueretu † |
| • TUKANO ORIENTAL | |
| • TUKANO ORIENTAL OCIDENTAL | |
| • KUBEO-DESANO | |
| • KUBEO | kubeo |
| • DESANO-YUPUA | |
| • DESANO-SIRIANO | desano siriano |
| • YUPUA † | yupua † |

- MAKUNA-BARASANO-EDURIA
 - makuna
 - barasano
 - eduria
- TUKANO ORIENTAL ORIENTAL
 - TUKANO-TATUYO
 - TUKANO
 - tukano
 - TATUYO-BARA-WAIMAHA
 - TATUYO
 - tatuyo
 - BARA-WAIMAHA
 - bara
 - waimaha
 - TUYUKA-WANANO
 - WANANO-PIRATAPUYU
 - WANANO
 - wanano
 - PIRATAPUYO
 - piratapuyo
 - TUYUKA-KARAPANÃ
 - KARAPANÃ-PISAMIRA
 - karapanã
 - pisamira
 - TUYUKA-YURUTI
 - tuyuka
 - yuruti
- TANIMUKA-RETUARÃ-YAHUNA
 - tanimuka
 - retuarã
 - yahuna

◆ TUPI

- ARIKEM
 - ARIKEM †
 - arikem †
 - KARITIANA
 - karitiana
- MONDE
 - MONDE NUCLEAR
 - CINTA-LARGA-ZORO
 - ARUA
 - arua
 - CINTA-LARGA
 - cinta-larga
 - GAVIÃO-ZORO
 - gavião
 - zoro
 - MONDE
 - monde
 - PAITER
 - paiter
- RAMARAMA-PURUBORA
 - PURUBORA
 - purubora
 - RAMARAMA
 - karo
 - urumi

- TUPARI
 - MAKURAP makurap
 - TUPARI NUCLEAR
 - SAKURABIAT-AKUNTSU
 - AKUNTSU akuntsu
 - SAKURABIAT sakurabiat
 - KEPKIRIWAT † kepkiriwat †
 - TUPARI tupari
 - WAYORO wayoro
- TUPI NUCLEAR
 - JURUNA
 - JURUNA juruna
 - MANITSAWA † manitsawa †
 - XIPAYA xipaya
 - MAWE-AWETI-TUPI-GUARANI
 - AWETI-TUPI-GUARANI
 - AWETI aweti
 - TUPI-GUARANI
 - KAMAYURA kamayura
 - KAAPOR-AVA
 - AVA-CANOEIRO ava-canoeiro
 - KAAPOR
 - ANAMBE † anambe †
 - GUAJA guaja
 - TAKUÑAPE † takuñape †
 - URUBU-KAAPOR urubu-kaapor
 - AKWAWA-ARAWETE
 - AKWAWA-TAPIRAPE
 - AKWAWA asurini do tocantins
parakanã
surui (tupi-guarani)
 - TAPIRAPE tapirape
 - ARAWETE-ASURINI
 - ARAWETE amanaye †
anambe
ararandewara †
arawete
 - ASURINI DO XINGU asurini do xingu

- TUPI-GUARANI NUCLEAR
 - KAWAHIB-KAYABI
 - APIAKA apiaka
 - JUMA juma
 - KAYABI kayabi
 - KAWAHIB amondawa
karipuna (tupi)
parintintin
piripkura
tukumanfed †
uruewauwau
wirafed
 - TENETEHARA guajajara
tembe
turiwara †
- TUPI-GUARANI DIASPÓRICO
 - GUARANI-GUARAYU-SIRIONO
 - GUARANI
 - ACHE ache
 - GUARANI CENTRAL guarani clásico †
guarani paraguaio
 - GUARANI OCIDENTAL chiriguano
guarani boliviano
tapiete
 - GUARANI ORIENTAL chiripa
kayowa
mbya
ñandeva
pai tavytera
xeta
 - GUARAYU guarayu
pauserna
 - SIRIONO siriono
jora †
yuki
 - TUPINAMBA-KOKAMA
 - KOKAMA-OMAGUA kokama
kokamilla
omagua
 - TUPI † tupi †
tupi austral †
 - TUPINAMBA nhengatu
tupinamba †

| | | |
|---|---------------------|------------------------------|
| | • WAYAMPI | emerillon wayampi zo'e |
| | • SATERE-MAWE | satere-mawe |
| | • MUNDURUKU | |
| | • KURUAYA | kuruaya |
| | • MUNDURUKU | munduruku |
| ◆ | URU-CHIPAYA | |
| | • CHIPAYA | chipaya |
| | • MURATO | murato |
| | • URU | uru/uchumataqu |
| ◆ | WARPE † | |
| | • ALLENTIAK † | allentiak † |
| | • MILLKAYAK † | millkayak † |
| ◆ | WITOTO-OKAINA | |
| | • WITOTO | |
| | • WITOTO NÜPODE | witoto nüpode |
| | • MINIKA-MURUI | |
| | • WITOTO-MINIKA | witoto-minika |
| | • WITOTO-MURUI | witoto-murui |
| | • NONUYA | nonuya |
| | • OKAINA | okaina |
| ◆ | YANOMAMI | |
| | • SANUMA | sanuma |
| | • YANAM | yanam |
| | • YANOMAMI CENTRAL | |
| | • YANOMAMI-YANOMAMĪ | yanomam yanomamĪ |
| | • YAROAME | yaroame |
| ◆ | ZAMUKO | |
| | • AYOREO | ayoreo zamuko † |
| | • CHAMAKOKO | |
| | • TOMARAHO | tomaraho |
| | • İBĪTOSO | ibitoso |

◆ ZAPARO

- ZAPARO OCIDENTAL
 - ARABELA
 - ZAPARO
- ZAPARO ORIENTAL
 - KAWARANO
 - IKITO

arabela

zaparo

kawarano

ikito

◆ LÍNGUAS ISOLADAS E/OU NÃO CLASSIFICADAS/CLASSIFICÁVEIS

- AIKANÃ
- ANDAKI †
- ARARA DO RIO BRANCO
- ARUTANI
- ATAKAME †
- ATIKUM †
- AUXIRI †
- CHONO †
- GUAMO †
- GUATO
- GÜNÜNA KĒNA
- IRANCHE/MYKY
- ITONAMA
- KAKAN †
- KAMSA
- KAÑARI †
- KANICHANA
- KANOE
- KAWESQAR
- KAYUVAVA
- KERANDI †
- KIMBAYA †
- KINGNAM †
- KOFAN
- KOMECHINGON †
- KORAVEKA †
- KUEVA †
- KULLE †

aikanã

andaki †

arara do rio branco

arutani

atakame †

atikum †

auxiri †

chono †

guamo †

guato

gününa këna

iranche/myky

itonama

kakan †

kamsa

kañari †

kanichana

kanoe

kawesqar

kayuvava

kerandi †

kimbaya †

kingnam †

kofan

komechingon †

koraveka †

kueva †

kulle †

| | |
|-----------------|---------------|
| • KUNZA † | kunza † |
| • KURUMINAKA † | kuruminaka † |
| • KWAZA | kwaza |
| • LEKO | leko |
| • LULE † | lule † |
| • MAKU | maku |
| • MALIBU † | malibu † |
| • MOCHIKA † | mochika † |
| • MOKANA † | mokana † |
| • MORIKE † | morike † |
| • MOVIMA | movima |
| • MUZO-KOLIMA † | muzo-kolima † |
| • OMURANO | omurano |
| • OTI † | oti † |
| • PAEZ | paez |
| • PANCHE † | panche † |
| • PIJAO † | pijao † |
| • PURUHA † | puruha † |
| • SANAVIRON † | sanaviron † |
| • SAPE | sape |
| • SECHURA † | sechura † |
| • TARAIRIU † | tarairiu † |
| • TARUMA | taruma |
| • TAUXIRO | tauxiro |
| • TEKIRAKA | tekiraka |
| • TRUMAI | trumai |
| • TUXA † | tuxa † |
| • UMBRA | umbra |
| • URARINA | urarina |
| • VILELA | vilela |
| • WAORANI | waorani |
| • WARAO | warao |
| • XUKURU † | xukuru † |
| • YAGAN | yagan |
| • YARURO | yaruro |
| • YURAKARE | yurakare |
| • YURUMANGUI † | yurumangui † |
| • ZENU † | zenu † |

◆ LINGUAS MISTAS, CRIoulos E PIDGINS

- KALLAWAYA
- MASKOY PIDGIN
- MEDIA LENGUA
- NDYUKA-TIRIYO

kallawaya

maskoy pidgin

media lingua

ndyuka-tiriyo

ANEXO II:
ITENS LEXICAIS DO *CORPUS* BÁSICO

| | | |
|------------------|--------------------|----------------------------------|
| 1. 1.P | 32. aqui | 63. bom |
| 2. 1.S | 33. aranha | 64. borboleta |
| 3. 2.P | 34. arco | 65. boto |
| 4. 2.S | 35. arco-íris | 66. braço |
| 5. 3.P | 36. areia | 67. branco |
| 6. 3.S | 37. argila | 68. brasas |
| 7. abacaxi | 38. arraia | 69. buraco |
| 8. abelha | 39. árvore | 70. cabaça |
| 9. abóbora | 40. asa | 71. cabeça |
| 10. abrir | 41. assar | 72. cabelo |
| 11. abutre/urubu | 42. atirar | 73. caçar |
| 12. ácido | 43. avó | 74. cachoeira |
| 13. acordar | 44. avô | 75. cacique |
| 14. agora | 45. ayahuasca | 76. cair |
| 15. água | 46. azul | 77. caititu (<i>T. tajacu</i>) |
| 16. águia | 47. baixo | 78. caju |
| 17. agulha | 48. bambu | 79. caminho |
| 18. alegre | 49. banana | 80. campo |
| 19. algodão | 50. barata | 81. cana |
| 20. alto | 51. barriga | 82. canídeo |
| 21. amanhã | 52. batata doce | 83. canoa |
| 22. amarelo | 53. bebê | 84. cantar |
| 23. amargo | 54. beber | 85. capivara |
| 24. amarrar | 55. beija-flor | 86. caranguejo |
| 25. amendoim | 56. beiju | 87. carne |
| 26. amigo | 57. bem | 88. carrapato |
| 27. animal | 58. BEN | 89. carregar |
| 28. ano | 59. bicho-preguiça | 90. carvão |
| 29. anta | 60. bico | 91. casa |
| 30. ânus | 61. boca | 92. casca |
| 31. anzol | 62. bochecha | 93. cedo |

| | | |
|-----------------------|-----------------------|---------------------|
| 94. cera | 130. cortar | 166. duro |
| 95. cérebro | 131. coruja | 167. enguia |
| 96. cesta | 132. corvo | 168. ereto |
| 97. céu | 133. costas | 169. erva |
| 98. chácara | 134. costela | 170. escaravelho |
| 99. chamar | 135. cotovelo | 171. escorpião |
| 100. chefe | 136. coxa | 172. escuro |
| 101. cheio | 137. cozido | 173. espinho |
| 102. cheirar | 138. cozinhar | 174. espírito |
| 103. chicha | 139. criança | 175. esposa |
| 104. chifre | 140. cru | 176. espuma |
| 105. chocalho | 141. cunhada | 177. esquilo |
| 106. chorar | 142. cunhado | 178. esteira |
| 107. chupar | 143. cupim | 179. estômago |
| 108. chuva | 144. curar | 180. estrela |
| 109. cintura | 145. curare | 181. faca |
| 110. cinzas | 146. curto | 182. falar |
| 111. cipó | 147. cutia | 183. falcão |
| 112. claro | 148. dançar | 184. família |
| 113. cobra | 149. dar | 185. farinha |
| 114. codorna | 150. dedo | 186. fazer sexo |
| 115. coelho | 151. defecar | 187. fechar |
| 116. cogumelo | 152. deitado | 188. fedido |
| 117. colar (enfeite) | 153. deitar-se | 189. feijão |
| 118. colmeia | 154. dêitico distal | 190. ferrão |
| 119. colocar | 155. dêitico proximal | 191. fezes |
| 120. coluna vertebral | 156. demônio | 192. fígado |
| 121. COM | 157. dente | 193. filha |
| 122. comer | 158. descer | 194. filho |
| 123. como? | 159. dia | 195. fio/linha |
| 124. comprido | 160. DIR | 196. flauta/corneta |
| 125. concha | 161. doce | 197. flecha |
| 126. coração | 162. doente | 198. flor |
| 127. corda | 163. doar | 199. floresta |
| 128. corpo | 164. dois | 200. fogo |
| 129. correr | 165. dormir | 201. folha |

202. fome
203. formiga
204. forte
205. fraco
206. frio
207. fruto
208. fugir
209. fumaça
210. gafanhoto
211. gaiivota
212. galo
213. gambá
214. garça
215. genro
216. gente
217. goiaba
218. gordo
219. gordura
220. grande
221. grávida
222. grilo
223. gritar
224. hoje
225. homem
226. idioma
227. iguana
228. ilha
229. inhame
230. inimigo
231. intestinos
232. ipê
233. ir
234. irmã
235. irmão
236. jacaré
237. jacu

238. joelho
239. jogar fora
240. lá
241. lábio
242. lagarto
243. lago
244. lama
245. lança
246. lavar
247. lenha
248. levantar-se
249. levar
250. leve
251. libélula
252. limpo
253. língua
254. LOC
255. longe
256. lontra
257. lua
258. lutar
259. luz
260. macaco
261. machado
262. madeira
263. mãe
264. mal
265. mama
266. mamão
267. mandioca
268. manhã
269. mão
270. mão-de-pilão
271. maracujá
272. marido
273. martim-pescador

274. matar
275. mel
276. menina
277. menino
278. milho
279. minhoca
280. moça
281. moer
282. mole
283. molhado
284. montanha
285. morcego
286. morder
287. morrer
288. mosca
289. mosquito
290. muito
291. mulher
292. mutum
293. nada
294. nadar
295. nádegas
296. não
297. nariz
298. nascer
299. NEG
300. neto
301. ninho
302. noite
303. nome
304. nora
305. novo
306. nuvem
307. o que
308. olho
309. ombro

310. onça
311. onda
312. onde?
313. ontem
314. orelha
315. osso
316. outro
317. ouvir
318. ovo
319. paca
320. pai
321. pajé
322. palmeira
323. panela
324. pântano
325. pão
326. papagaio
327. parente
328. pássaro
329. pato
330. pavão
331. pé
332. pedra
333. pegar
334. peito
335. peixe
336. pele
337. pelo
338. pena
339. peneira
340. pênis
341. pequeno
342. perdiz
343. periquito
344. perna
345. perto

346. pesado
347. pescar
348. pescoço
349. pessoa branca
350. peteca
351. pica-pau
352. pilão
353. pimenta
354. piolho
355. plano
356. plantar
357. pó
358. podre
359. pomba
360. pouco
361. praia
362. preto
363. prima
364. primo
365. pulga
366. pulmão
367. puxar
368. qual?
369. quati
370. que?
371. quebrar
372. queimar
373. queixada (*T. pecari*)
374. queixo
375. quem?
376. quente
377. querer
378. rã
379. rabo
380. raio
381. raiz

382. ralador
383. ramo
384. rapaz
385. rápido
386. rato
387. rede
388. redondo
389. relâmpago
390. remédio
391. remo
392. respiração
393. rim
394. rio
395. rir
396. rosto
397. roupa
398. ruim
399. saber
400. sal
401. sangue
402. sapo
403. seco
404. sede
405. segurar
406. seiva
407. semente
408. sentado
409. sentar-se
410. ser humano
411. sim
412. sobrinha
413. sobrinho
414. sogra
415. sogro
416. sol
417. solo

418. sombra
419. sonho
420. sono
421. sopa
422. subir
423. suco
424. sujo
425. tabaco
426. tamanduá
427. tanga
428. tarde
429. tartaruga
430. tatu
431. temer
432. terra
433. testa

434. testículos
435. tia
436. tio
437. trabalhar
438. trazer
439. três
440. triste
441. trovão
442. tucano
443. tudo
444. um
445. umbigo
446. unha
447. urina
448. urucum
449. vagina

450. vaso
451. vazio
452. veado
453. velho
454. veneno
455. vento
456. ver
457. verde
458. verme/lombriga
459. vermelho
460. vespa
461. vila
462. vir
463. viver
464. voltar
465. zarabatana

ANEXO III:

(PROTO)LÍNGUAS NO *CORPUS* BÁSICO

| | | | |
|-----|--------------|-----|------------------------------|
| 1. | achagua | 38. | guahibo/sikuani |
| 2. | aguaruna | 39. | guambiano |
| 3. | aikanã | 40. | guarani |
| 4. | amarakaeri | 41. | guato |
| 5. | andaki † | 42. | guayabero |
| 6. | andoke | 43. | guinao † |
| 7. | anserma | 44. | harakmbet |
| 8. | apalai | 45. | hitnü |
| 9. | apurinã | 46. | hodi |
| 10. | arabela | 47. | hupda |
| 11. | arikapu | 48. | ignaciano |
| 12. | atakame † | 49. | ika |
| 13. | awa pit | 50. | ikito |
| 14. | axaninka | 51. | iranche |
| 15. | aymara | 52. | itonama |
| 16. | ayoman † | 53. | jaqaru |
| 17. | ayoreo | 54. | jarawara |
| 18. | baniwa | 55. | jeoromitxi |
| 19. | baure | 56. | juruna |
| 20. | besiro | 57. | kakwa |
| 21. | betoi † | 58. | kallawaya |
| 22. | bora | 59. | kamakã |
| 23. | bororo | 60. | kamsa |
| 24. | borum | 61. | kandoxi-xapra |
| 25. | bribri | 62. | kanichana |
| 26. | chakobo | 63. | kanoe |
| 27. | chamikuro | 64. | karaja |
| 28. | chimila | 65. | kariña |
| 29. | chipaya | 66. | kariri † |
| 30. | cholon | 67. | karitiana |
| 31. | dâw | 68. | karo |
| 32. | doraske | 69. | katawixi |
| 33. | embera chami | 70. | katukina (katukina-katawixi) |
| 34. | eñepa | 71. | kavineña |
| 35. | ese ejja | 72. | kaxinawa |
| 36. | garifuna | 73. | kayapa |
| 37. | gayon † | 74. | kayapo |

| | | | |
|------|--------------------|------|-------------------------------|
| 75. | kayubaba | 117. | otomako † |
| 76. | kechua cusco atual | 118. | paez |
| 77. | kechua wallaga | 119. | paiter |
| 78. | kechua yauyos | 120. | palikur |
| 79. | kichua equatoriano | 121. | paresi |
| 80. | kithāulhu | 122. | paumari |
| 81. | kofan | 123. | payagua † |
| 82. | kogui | 124. | piaroa |
| 83. | koreguaje | 125. | pijao |
| 84. | kubeo | 126. | pirahã |
| 85. | kuikuro | 127. | proto-arawa |
| 86. | kulina | 128. | proto-arawak |
| 87. | kulle † | 129. | proto-barbakoa |
| 88. | kuna | 130. | proto-barbakoa meridional |
| 89. | kunza † | 131. | proto-barbakoa setentrional |
| 90. | kwaza | 132. | proto-bora-muinane |
| 91. | leko | 133. | proto-chapakura-wanham |
| 92. | lokono | 134. | proto-chibcha |
| 93. | machiguenga | 135. | proto-choko |
| 94. | mako | 136. | proto-embera |
| 95. | maku | 137. | proto-guahibo |
| 96. | makuxi | 138. | proto-guaykuru |
| 97. | mamainde | 139. | proto-jê |
| 98. | mapudungun | 140. | proto-jê central |
| 99. | matanawi | 141. | proto-jê meridional |
| 100. | matses | 142. | proto-jê setentrional |
| 101. | mawayana | 143. | proto-jeoromitxi |
| 102. | maxakalí | 144. | proto-jivaro |
| 103. | mochika † | 145. | proto-kak |
| 104. | mokovi | 146. | proto-karib |
| 105. | moseten | 147. | proto-mamoré-guaporé (arawak) |
| 106. | movima | 148. | proto-monde (tupi) |
| 107. | muiska † | 149. | proto-nadahup |
| 108. | munduruku | 150. | proto-nambikwara |
| 109. | muniche | 151. | proto-nawiki (arawak) |
| 110. | mura | 152. | proto-pano |
| 111. | nadëb | 153. | proto-qom (guaykuru) |
| 112. | ngäbe | 154. | proto-takana |
| 113. | nomatsiguenga | 155. | proto-tukano |
| 114. | nukak | 156. | proto-tupari (tupi) |
| 115. | ofaye | 157. | proto-tupi |
| 116. | omurano | 158. | proto-tupi-guarani (tupi) |

| | | | |
|------|---------------------|------|--------------|
| 159. | proto-witoto-okaina | 188. | waorani |
| 160. | puinave | 189. | wapixana |
| 161. | pukina † | 190. | warao |
| 162. | purubora | 191. | wari |
| 163. | resigaro | 192. | waunana |
| 164. | rikbaktsa | 193. | waura |
| 165. | sabane | 194. | wayana |
| 166. | saliba | 195. | wayuu |
| 167. | sanuma | 196. | wichi |
| 168. | satere-mawe | 197. | williche |
| 169. | siona | 198. | witoto-murui |
| 170. | siriono | 199. | xavante |
| 171. | suruwaha | 200. | xawi |
| 172. | tarumã | 201. | xerente |
| 173. | tauxiro | 202. | xipibo |
| 174. | tekiraka | 203. | xiwilu |
| 175. | terena | 204. | xuar |
| 176. | tikuna | 205. | yagua |
| 177. | timote † | 206. | yameo |
| 178. | tinigua | 207. | yanexa |
| 179. | tsafiki | 208. | yanomam |
| 180. | tukano | 209. | yate |
| 181. | tunebo | 210. | yavitero |
| 182. | tupari | 211. | yine |
| 183. | tuyuka | 212. | yukpa |
| 184. | umutina | 213. | yurakare |
| 185. | urarina | 214. | yuri † |
| 186. | waiwai | 215. | yurumangui † |
| 187. | wanano | 216. | zaparo |

ANEXO IV:

**MAPEAMENTO DAS ESTIMATIVAS DA DISTRIBUIÇÃO
ETNOLINGUÍSTICA E DAS ESFERAS DE INTERAÇÃO NA
REGIÃO TROPICAL DA AMÉRICA DO SUL
(2200 a.C. – 1400 d.C.)**

LEGENDA

• **Esferas de Interação:**

| | | | | | |
|-----|---|------|--|------|--|
| E11 | Esfera de Interação da Amazônia Central | E18 | Esfera de Interação nuclear da Área Intermédia | E115 | Esfera de Interação Caquetá-Negro |
| E12 | Esfera de Interação do Baixo Amazonas | E19 | Esfera de Interação do Brasil Central | E116 | Esfera de Interação do Ucayali |
| E13 | Esfera de Interação transandina dos Andes Setentrionais | E110 | Esfera de Interação do Baixo/Médio Paraguai | E117 | Esfera de Interação do Médio Orinoco |
| E14 | Esfera de Interação dos Andes Centrais | E111 | Esfera de Interação transandina dos Andes Centrais | E118 | Esfera de Interação do Pantanal do Guaporé |
| E15 | Esfera de Interação circum-Marañón | E112 | Esfera de Interação do Alto Amazonas | E119 | Esfera de Interação Negro-Orinoco |
| E16 | Esfera de Interação circum-Titicaca | E113 | Esfera de Interação Putumayo-Caquetá | | |
| E17 | Esfera de Interação Caquetá-Japurá | E114 | Esfera de Interação de San Agustín | | |

• **Etnonímia/Gltonímia:⁴⁷⁹**

| | | | | | |
|------|------------------|-----|-----------------------|-----|-----------------|
| AATL | arawak-atlântico | ART | arutani | BRR | bororo |
| ABRA | arawak-branco | ARU | arua | BSR | besiro |
| ADA | andaki | ARW | arawak | BTO | betoy |
| ADO | andoke | AWT | aweti | CBC | chibcha |
| AGC | aguachile | AYM | aymara | CKO | choko |
| AIK | aikana | BBM | barbakoa-meridional | CLH | cholon-hibito |
| AKA | akwawa-arawete | BBS | barbakoa-setentrional | CPW | chapakura-wañam |
| ANEG | arawak-negro | BRB | barbakoa | CPY | chipaya |
| ARA | arawa | BRM | borum | GBY | guambiano |
| ARI | arikem | BRM | bora-muinane | GHB | guahibo |

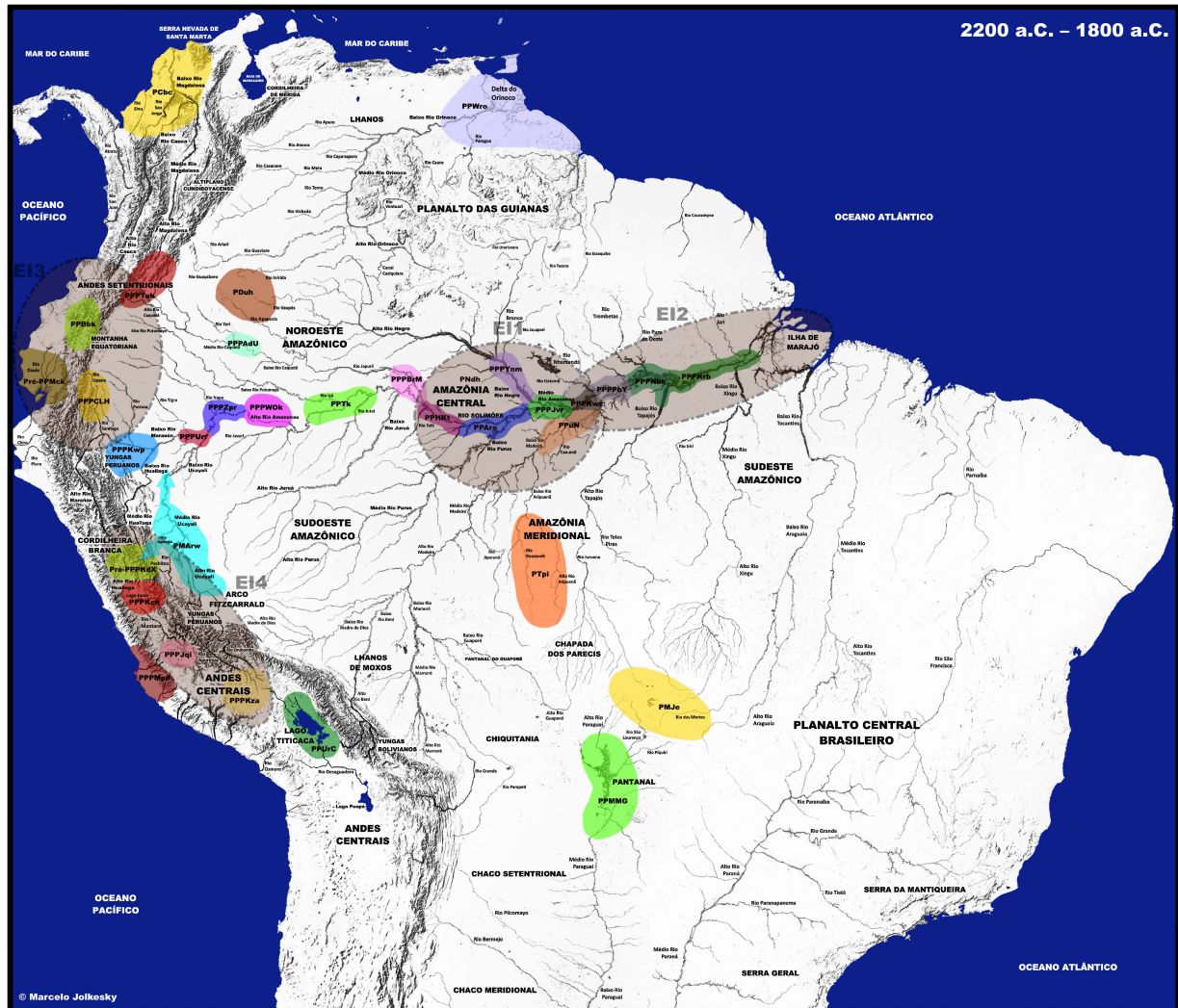
⁴⁷⁹ Para uma abreviatura 'X' qualquer, leia-se: populações/conjunto linguístico 'X' (a classificação filogenética de todos os conjuntos linguísticos mapeados encontra-se no ANEXO I).

| | | | | | |
|-------|-------------------|-------|------------------------------|-------|-------------------------------------|
| GKR | guaikuru | MKU | maku (isolada) | PARWO | proto-arawak-ocidental |
| GMO | guamo | MNC | muniche | PASC | proto-proto-arawak-solimões-caribe |
| GRN | guarani | MON | monde | PATG | proto-aweti-tupi-guarani |
| GRY | guarayu | MPD | mapudungun | PAWT | proto-aweti |
| GTO | guato | MRM | mura-matanawi | PAXGU | proto-arawak-xingu |
| HDI | hodi | MRW | marawa | PAYM | proto-aymara |
| HKB | harakmbet | MSK | maskoy | PBBK | proto-barbakoa |
| IRC | iranche | MST | moseten-tsimane | PBBM | proto-barbakoa-meridional |
| ITN | itonama | MTG | mataguayo | PBBS | proto-barbakoa-setentrional |
| JEC | jê-central | MUN | munduruku | PBRM | proto-borum |
| JEM | jê-meridional | MVM | movima | PBRM | proto-bora-muinane |
| JEO | jeoromitxi | MXK | maxakali | PBRR | proto-bororo |
| JES | jê-setentrional | NBK | nambikwara | PBSR | proto-besiro |
| JQR | jaqaru | NDH | nadahup | PBSR | proto-besiro |
| JRJ | jirajara | OFY | ofaye | PBY | peba-yagua |
| JUR | juruna | OMU | omurano | PCBC | proto-chibcha |
| JVR | jivaro | OTT | otomako-taparita | PCKO | proto-choko |
| KAK | kak | PAATL | proto-arawak-atlântico | PCLH | proto-cholon-hibito |
| KCHI | kechua I | PABA | proto-arawak-baixo-amazonas | PCMK | proto-chamikuro |
| KCHII | kechua II | PABRA | proto-arawak-branco | PCPW | proto-chapakura-wañam |
| KDX | kandoxi | PACAR | proto-arawak-caribenho | PDUH | proto-duho |
| KFN | kofan | PADU | proto-andoke-urekena | PEPR | proto-emberá |
| KKO | kokama-omagua | PAE | paez | PGGS | proto-proto-guarani-guarayu-siriono |
| KKT | kaketio | PAGC | proto-aguachile | PGGS | proto-guarani-guarayu-siriono |
| KLW | kallawaya | PAGTP | proto-arawak-guaporé-tapajós | PGHB | proto-guahibo |
| KMK | kamakã | PAKA | proto-akwawa-arawete | PGKR | proto-guaykuru |
| KMS | kamsa | PAMGU | proto-arawak-mamoré-guaporé | PGMO | proto-guamo |
| KMY | kamayura | PAMPR | proto-arawak-mamoré-paraguai | PGRN | proto-guarani |
| KNC | kanichana | PANB | proto-arawak-negro-branco | PGRY | proto-guarayu |
| KNE | kanoe | PANEG | proto-arawak-negro | PGTO | proto-guato |
| KPA | kaapor-ava | PANP | proto-arawak-negro-putumayo | PHDI | proto-hodi |
| KRB | karib | PAORN | proto-arawak-orinoco | PHKB | proto-harakmbet |
| KRJ | karaja | PAPA | proto-arawak-pré-andino | PHKT | proto-harakmbet-katukina |
| KRR | kariri | PAPUR | proto-arawak-purus | PJC | proto-jê central |
| KTK | katukina-kanamari | PARA | proto-arawa | PJE | proto-jê |
| KTW | katawixi | PARI | proto-arikem | PJEN | proto-jê-nuclear |
| KWZ | kwaza | PART | proto-arutani | PJEO | proto-jeoromitxi |
| KYV | kayuvava | PARU | proto-arua | PJM | proto-jê meridional |
| KZA | kunza | PARW | proto-arawak | PJOI | proto-jaqi |
| LKI | lokono-iñeri | PARWE | proto-arawak-oriental | PJOR | proto-jaqaru |
| LKO | leko | | | PJS | proto-jê setentrional |
| LLE | lule | | | | |
| MCK | mochika | | | | |

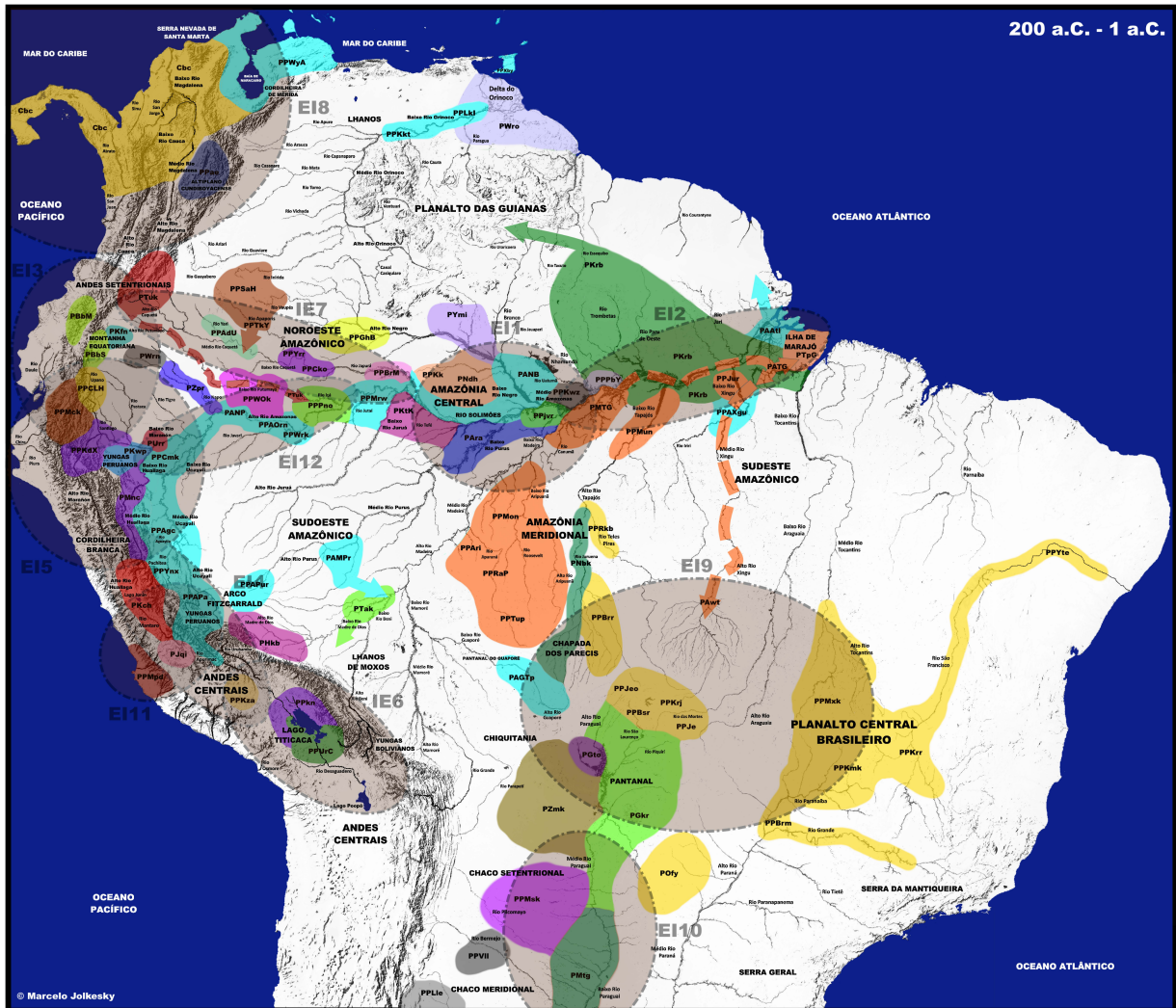
| | | | | | |
|------------------|--------------------------------|--------------------|------------------------------------|--------------------|--------------------------------------|
| PJUR | proto-juruna | PMTG | proto-mataguayo | PPKK | proto-puinave-kak |
| PJVR | proto-jivaro | PMTG | proto-mawe-aweti-tupi-guarani | PPKKO | proto-proto-kokama-omagua |
| PKAK | proto-kak | PMXK | proto-maxakali | PPKKT | proto-proto-kaketio |
| PKCH | proto-kechua | PNBK | proto-nambikwara | PPKN | proto-pukina |
| PKCHI | proto-kechua I | PNDH | proto-nadahup | PPKRB | proto-proto-karib |
| PKCHII | proto-kechua II | POFY | proto-ofaye | PPKRJ | proto-proto-karaja |
| PKCHII B | proto-kechua IIB | POMU | proto-omurano | PPKRR | proto-proto-kariri |
| PKCHII C | proto-kechua IIC | POTT | proto-oromako-taparita | PPKWP | proto-proto-kawapana |
| PKDX | proto-kandoxi-xapra | PPAATL | proto-proto-arawak-atlántico | PPKWZ | proto-proto-kwaza |
| PKKO | proto-kokama-omagua | PPADU | proto-proto-andoke-urekena | PPKZA | proto-proto-kunza |
| PKKT | proto-kaketio | PPAE | proto-paez | PPLLE | proto-proto-lule |
| PKMK | proto-kamakã | PPAGC | proto-proto-aguachile | PPMMG | proto-proto-macro-mataguayo-guaikuru |
| PKMY | proto-kamayura | PPAGTP | proto-proto-arawak-guaporé-tapajós | PPMNC | proto-proto-muniche |
| PKN | pukina | PPAMP _R | proto-proto-arawak-mamoré-paraguai | PPMON | proto-proto-monde |
| PKPA | proto-kaapor-ava | PPAN | proto-pano | PPMPD | proto-proto-mapudungun |
| PKRB | proto-karib | PPANP | proto-proto-arawak-negro-putumayo | PPMRW | proto-proto-marawa |
| PKRBC | proto-karib-central | PPAORN | proto-proto-arawak-orinoco | PPMSK | proto-proto-maskoy |
| PKRBM | proto-karib-meridional | PPAPA | proto-proto-arawak-pré-andino | PPMUN | proto-proto-munduruku |
| PKRBO | proto-karib-occidental | PPAPUR | proto-proto-arawak-purus | PPMXK | proto-proto-maxakali |
| PKRBS | proto-karib-setentrional | PPARA | proto-proto-arawa | PPNBK | proto-proto-nambikwara |
| PKRJ | proto-karaja | PPARI | proto-proto-arikem | PPNC | proto-pano-central |
| PKRR | proto-kariri | PPART | proto-proto-arutani | PPNDH | proto-proto-nadahup |
| PKTK | proto-katukina-katawixi | PPAXGU | proto-proto-arawak-xingu | PPNN | proto-pano-nuclear |
| PKWK | proto-kawahib-kayabi | PPBBK | proto-proto-barbakoa | PPNO | proto-pano-occidental |
| PKWP | proto-kawapana | PPBRM | proto-proto-bora-muinane | PPNS | proto-pano-setentrional |
| PKWZ | proto-kwaza | PPBRM | proto-proto-borum | PPOFY | proto-proto-ofaye |
| PKXR | proto-kaxarari | PPBRR | proto-proto-bororo | PPPADU | proto-proto-proto-andoke-urekena |
| PLKI | proto-lokono-iñeri | PPBSR | proto-proto-besiro | PPPAN | proto-proto-pano |
| PLKO | proto-leko | PPBY | proto-peba-yagua | PPPARI | proto-proto-proto-arikem |
| PALLE | proto-lule | PPCKO | proto-proto-choko | PPPBRM | proto-proto-proto-borum |
| PMARW | proto-macro-arawak | PPCMK | proto-proto-chamikuro | PPPBRM | proto-proto-proto-bora-muinane |
| PMCK | proto-mochika | PPGHB | proto-proto-guahibo | PPPBRR | proto-proto-proto-bororo |
| PMJE | proto-macro-jê | PPHKB | proto-proto-harakmbet | PPPB _Y | proto-proto-peba-yagua |
| PMKU | proto-maku (isolada) | PPHKT | proto-proto-harakmbet-katukina | PPPCLH | proto-proto-proto-cholon-hibito |
| PMMG | proto-macro-mataguayo-guaikuru | PPJE | proto-proto-jê | PPPJQI | proto-proto-proto-jaqi |
| PMNC | proto-muniche | PPJEN | proto-proto-jê-nuclear | PPPJV _R | proto-proto-proto-jivaro |
| PMON | proto-monde | PPJQI | proto-proto-jaqi | PPPKCH | proto-proto-proto-kechua |
| PM _{PD} | proto-mapudungun | PPJUR | proto-proto-juruna | PPPKDX | proto-proto-proto-kandoxi-xapra |
| PMRM | proto-mura-matanawi | PPKCH | proto-proto-kechua | PPPKK | proto-proto-puinave-kak |
| PMRW | proto-marawa | PPKDX | proto-proto-kandoxi-xapra | PPPKN | proto-proto-pukina |

| | | | | | |
|--------|-------------------------------------|--------|-------------------------------------|------|-------------------|
| PPPKRB | proto-proto-proto-karib | PPXBY | proto-proto-xebayo | PWYA | proto-wayuu-añun |
| PPPKRR | proto-proto-proto-kariri | PPYNM | proto-proto-yanomami | PWYP | proto-wayampi |
| PPPKWP | proto-proto-proto-kawapana | PPYNX | proto-proto-yanexa | PXBY | proto-xebayo |
| PPPKWZ | proto-proto-proto-kwaza | PPYTE | proto-proto-yate | PYNM | proto-yanomami |
| PPPKZA | proto-proto-proto-kunza | PPZMK | proto-proto-zamuko | PYNX | proto-yanexa |
| PPPMON | proto-proto-proto-monde | PRAP | proto-ramarama-purubora | PYRK | proto-yurakare |
| PPMPD | proto-proto-proto-mapudungun | PRB | purubora | PYRR | proto-yaruro |
| PPMSK | proto-proto-proto-maskoy | PRÉ- | pré-proto-mataguayó | PYTE | proto-yate |
| PPPMXK | proto-proto-proto-maxakali | PMTG | | PZMK | proto-zamuko |
| PPPNBK | proto-proto-proto-nambikwara | PRÉ- | pré-proto-proto-mochika | PZPR | proto-zaparo |
| PPPPBY | proto-proto-proto-peba-yagua | PPMCK | | RAP | ramarama-purubora |
| PPPRAP | proto-proto-proto-ramarama-purubora | PRÉ- | pré-proto-proto-proto-kandoxi-xapra | RBK | rikbaktsa |
| PPPRKB | proto-proto-proto-rikbaktsa | PPPKDX | | SIR | siriono |
| PPPTUK | proto-proto-proto-tukano | PRI | puri | SLP | saliba-piaroa |
| PPPTUP | proto-proto-proto-tupari | PRKB | proto-rikbaktsa | SPE | sape |
| PPPURC | proto-proto-proto-uru-chipaya | PSAB | proto-saliba-betoy | STM | satere-mawe |
| PPPURR | proto-proto-proto-urarina | PSAH | proto-saliba-hodi | TAK | takana |
| PPPWOK | proto-proto-proto-witoto-okaina | PSIR | proto-siriono | TAU | tauxiro |
| PPPYNM | proto-proto-proto-yanomami | PSPE | proto-sape | TKE | tukano-oriental |
| PPPYNX | proto-proto-proto-yanexa | PSTM | proto-satere-mawe | TKN | tikuna |
| PPPYTE | proto-proto-proto-yate | PTAI | proto-taino | TKO | tukano-occidental |
| PPPZMK | proto-proto-proto-zamuko | PTAK | proto-takana | TMK | timote-kuika |
| PPPZPR | proto-proto-proto-zaparo | PTEN | proto-tenetehara | TPB | tupinamba |
| PPRAP | proto-proto-ramarama-purubora | PTKE | proto-tukano-oriental | TPG | tupi-guarani |
| PPRI | proto-puri | PTKO | proto-tukano-occidental | TRM | taruma |
| PPRKB | proto-proto-rikbaktsa | PTKY | proto-tikuna-yuri | TUP | tupari |
| PPSPE | proto-proto-sape | PTPB | proto-tupinamba | UBR | umbra |
| PPTAK | proto-proto-takana | PTPG | proto-tupi-guarani | URC | uru-chipaya |
| PPTK | proto-pano-takana | PTPGD | proto-tupi-guarani-diaspórico | URR | urarina |
| PPTPN | proto-proto-tupi-nuclear | PTPGN | proto-tupi-guarani-nuclear | VLL | vilela |
| PPTRM | proto-proto-taruma | PTPI | proto-tupi | WOK | witoto-okaina |
| PPTUK | proto-proto-tukano | PTPK | proto-tupinamba-kokama | WRN | waorani |
| PPTUP | proto-proto-tupari | PTPN | proto-tupi-nuclear | WRO | warao |
| PPUN | proto-puinave-nadahup | PTRM | proto-taruma | XBY | xebayo |
| PPURC | proto-proto-uru-chipaya | PTUK | proto-tukano | YNM | yanomami |
| PPURR | proto-proto-urarina | PTUP | proto-tupari | YNX | yanexa |
| PPVLL | proto-proto-vilela | PUBR | proto-umbra | YRI | yuri |
| PPWOK | proto-proto-witoto-okaina | PUI | puinave | YRK | yurakare |
| PPWRO | proto-proto-warao | PURC | proto-uru-chipaya | YRR | yaruro |
| PPWYA | proto-proto-wayuu-añun | PURR | proto-urarina | YTE | yate |
| | | PVLL | proto-vilela | ZMK | zamuko |
| | | PWOK | proto-witoto-okaina | ZPR | zaparo |
| | | PWRO | proto-warao | | |

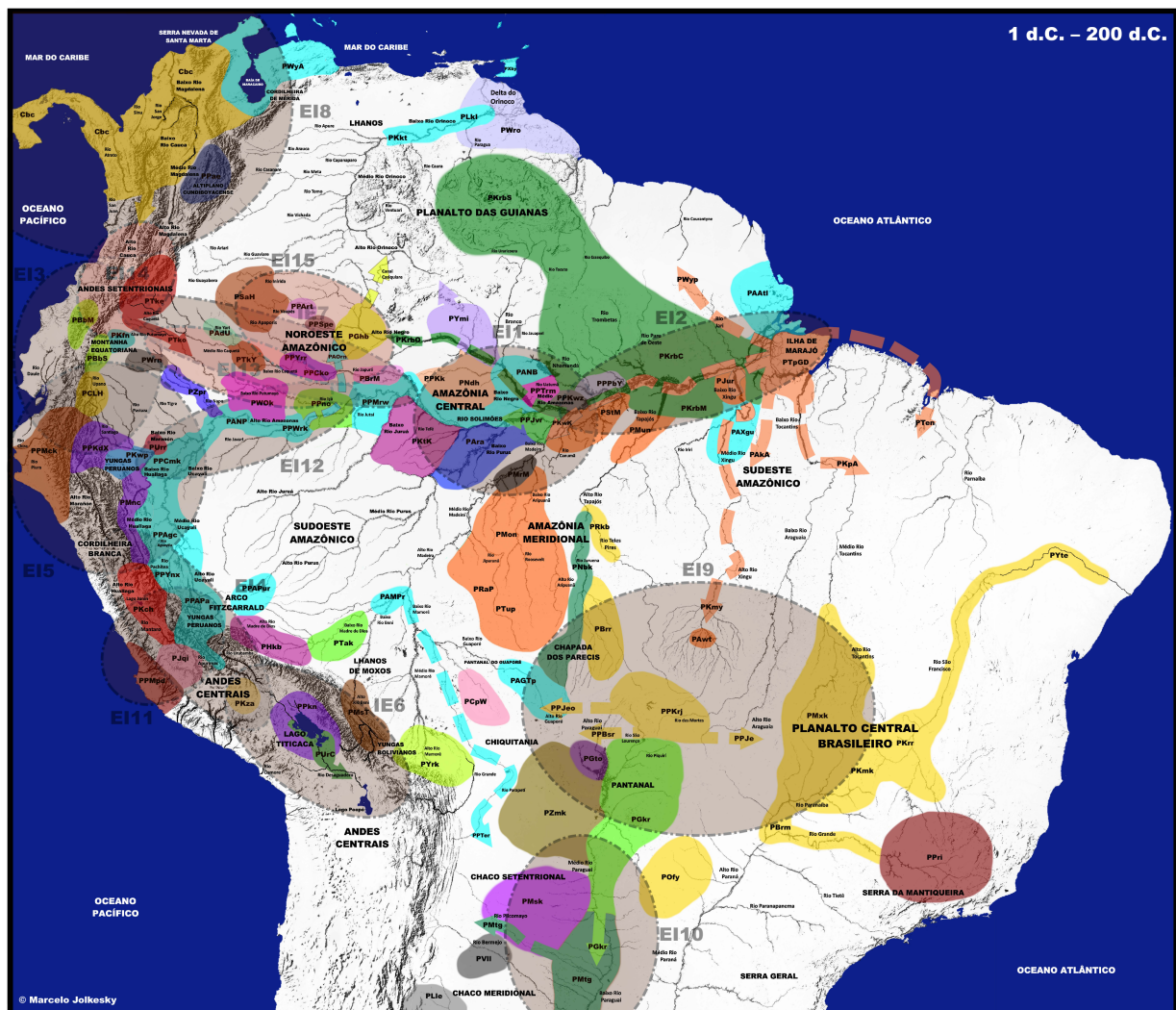
MAPA A4-1. Estimativa da distribuição etnolinguística e das esferas de interação na região tropical da América do Sul entre 2200 a.C. e 1800 a.C.



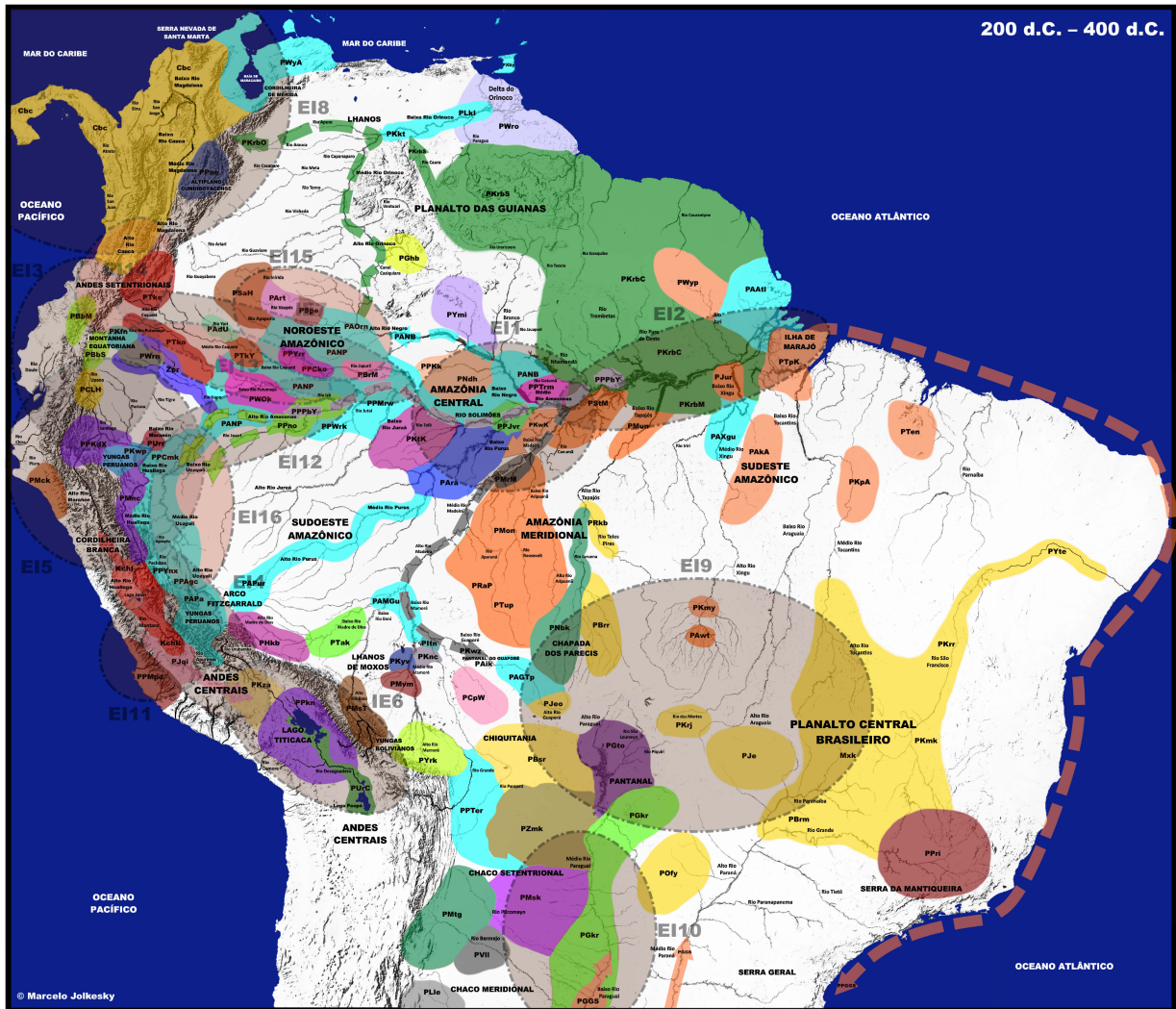
MAPA A4-6. Estimativa da distribuição etnolinguística e das esferas de interação na região tropical da América do Sul entre 200 a.C. e 1 a.C.



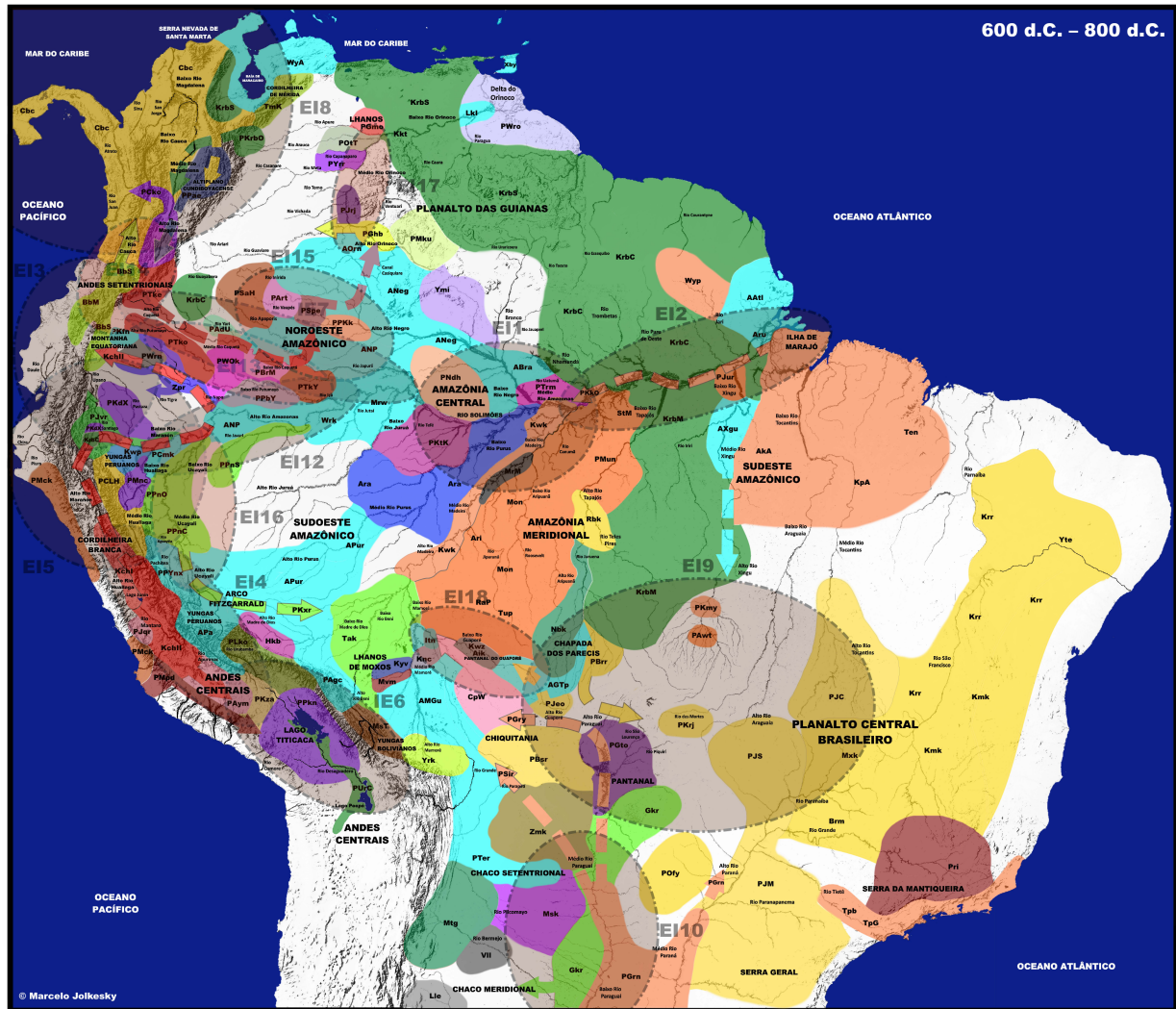
MAPA A4-7. Estimativa da distribuição etnolinguística e das esferas de interação na região tropical da América do Sul entre 1 d.C. e 200 d.C.



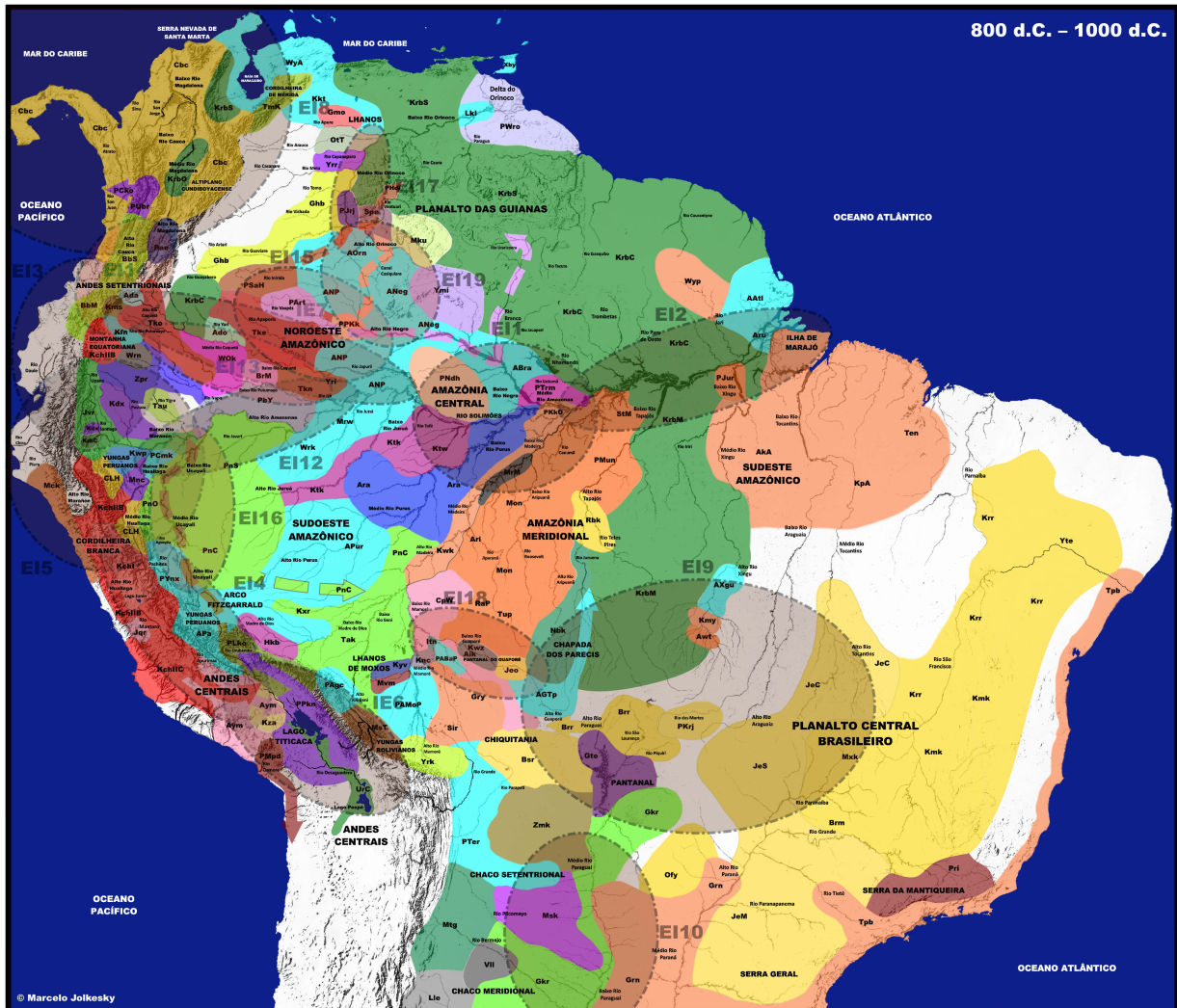
MAPA A4-8. Estimativa da distribuição etnolinguística e das esferas de interação na região tropical da América do Sul entre 200 d.C. e 400 d.C.



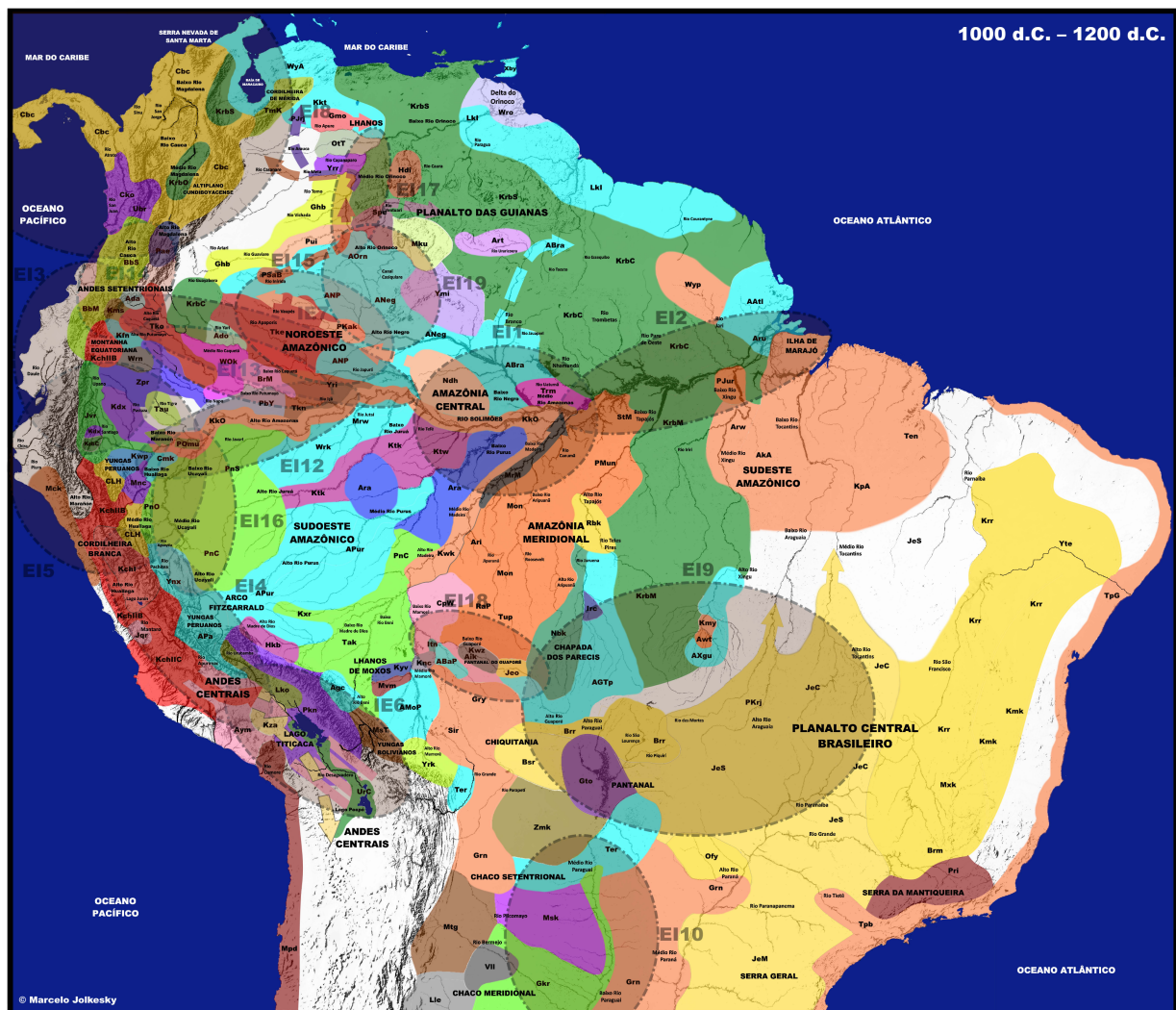
MAPA A4-10. Estimativa da distribuição etnolinguística e das esferas de interação na região tropical da América do Sul entre 600 d.C. e 800 d.C.



MAPA A4-11. Estimativa da distribuição etnolinguística e das esferas de interação na região tropical da América do Sul entre 800 d.C. e 1000 d.C.



MAPA A4-12. Estimativa da distribuição etnolinguística e das esferas de interação na região tropical da América do Sul entre 1000 d.C. e 1200 d.C.



FIM